PRECONCEITO

DOZE EXPERIMENTOS E UM PARADIGMA

Márcio Moreira
Guilherme Rocha
Jennifer Lago
Ana Soares
Bárbara dos Santos
Camila Simões
Gabriela Dias
Jacqueline Nunes
Kelly Alves
Manuela Pires
Maria Jardim
Luana Chadud
Olivia Alvarenga
Wannessa Souza



Preconceito: doze experimentos e um paradigma

1a edição | ISBN 978-85-65721-17-2

Márcio Moreira, Guilherme Rocha, Jennifer Lago, Ana Soares, Bárbara dos Santos, Camila Simões, Gabriela Dias, Jacqueline Nunes, Kelly Alves, Manuela Pires, Maria Jardim, Luana Chadud, Olivia Alvarenga, Wannessa Souza



Instituto Walden4

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Preconceito : doze experimentos e um paradigma
[livro eletrônico]. -- 1. ed. -- Brasília, DF :
Instituto Walden4, 2022.
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-85-65721-17-2

1. Equivalência 2. Preconceito 3. Psicologia experimental - Metodologia.

21-95824 CDD-150.724

Índices para catálogo sistemático:

1. Preconceito : Psicologia experimental 150.724

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

ISBN: 978-85-65721-17-2



Editora do Instituto Walden4

A Editora do Instituto Walden4 tem como objetivo divulgar conhecimento produzido sobre a Análise do Comportamento (ciência e profissão). No intuito de democratizar o acesso ao conhecimento, muitos de nossos livros são disponibilizados gratuitamente. Todos os nossos livros estão disponíveis em formato digital online. Isso significa que em apenas alguns segundos você poderá estar lendo os livros publicados por nós que lhe interessarem.

Conselho Editorial

Dr. Márcio Borges Moreira

Ms. Gleidson Gabriel da Cruz

Dra. Vanessa Leal Faria

Contato

secretaria@walden4.com

@instituto.walden4

https://www.instagram.com/instituto.walden4

https://www.walden4.com.br

https://www.facebook.com/iwalden4

https://www.youtube.com/user/instwalden4



Valorize o trabalho dos seus autores preferidos!

Este livro, desde a sua concepção, foi desenvolvido para ser um livro distribuído gratuitamente. No entanto, a maioria dos livros são vendidos e a receita oriunda da venda desses livros é o "ganha-pão" de milhares de famílias de escritores, designers gráficos, diagramadores, revisores, ilustradores, diretores e de uma infinidade de profissionais envolvidos na publicação de um livro. Sempre que você puder, compre um livro original!

Sumário

Sobre os autores **15**

Introdução **30**

Embasamento conceitual **34**

Atitude: a definição no campo da Psicologia Social 34

Preconceito: a definição no campo da Psicologia Social 34

Escala de Diferencial Semântico 36

Controle de estímulos 37

Reynolds (1961) 38

Wilkie e Masson (1976) 38

Experimento 1: Controle de estímulos e mensuração de atitudes: um exemplo experimental **40**

Experimento 1A 40

Método 40

Participantes. 40

Materiais e instrumentos 40

Procedimento 43

Resultados 46

Discussão 51

Experimento 1B 53

Método 54

Participantes 54

Procedimento 56

Resultados 56

Discussão 62

Discussão geral 64

Considerações Finais 66

O paradigma de relações de equivalência e o estudo do preconceito: aspectos teóricos **67**

Equivalência de estímulos 68

O paradigma de equivalência de estímulos 69

O procedimento de pareamento ao modelo 70
Classe de equivalência 70
Reflexividade (relação de identidade): 74
Simetria (reversibilidade funcional) 74
Transitividade 74
Equivalência (simetria da transitividade) 75
Transferência de função 76
Transferência de função e Escala de Diferencial Semântico: medindo o grau de equivalência 78
Reversão e reorganização de classes de equivalência 78
Expansão de classes de equivalência 80
Equivalência de estímulos e preconceito: relatos de pesquisa 81
Watt et al. (1991): Categorização social e equivalência de estímulos 81
Dixon e Lemke (2007): Reduzindo preconceito com pessoas do Oriente Médio como terroristas 82
de Carvalho e de Rose (2014): Entendendo atitudes negativas em relação a raça através do Paradigma de equivalência de estímulos 83
Portela (2014): Transferência de função e reorganização de classes de equivalência relacionadas com diferentes biotipos 84
Santos e de Rose (2017) 85
Rosendo e Melo (2018): transferência de função e Reorganização de Classes de equivalência Relacionadas a Gênero e Profissões 86
Proença (2019): Efeito de diferentes estímulos visuais de temas religiosos sobre a atitude medida a partir de uma escala semântica 88
Eilertsen e Arntzen (2020): Uso de estímulos dolorosos para explorar a transferência de função 89
Experimento 2: transferência de função e mudança de atitude relacionada ao vestuários da mulher 91
Introdução 91
Método 92
Delineamento experimental 92
Participantes 92
Procedimentos éticos 92

Local 92
Recursos utilizados para a realização da pesquisa 92
Procedimento de coleta de dados 96
Resultados 110
Resumo 110
Participante 1 111
Participante 2 122
Participante 3 132
Participante 4 142
Participante 5 152
Discussão 162
Experimento 3: Atitudes: transferência de função de estímulos relacionados a gênero e esporte 164
Introdução 164
Método 165
Delineamento experimental 165
Participantes 165
Procedimentos éticos 165
Local 166
Recursos utilizados para a realização da pesquisa 166
Procedimento de coleta de dados 167
Resultados 170
Resumo 170
Participante 1 170
Participante 2 180
Participante 3 191
Participante 4 201
Participante 5 201
Discussão 211
Experimento 4: transferência de função de fotografias associadas ao Candomblé para figuras abstratas 213
Introdução 213

Método 214
Delineamento experimental 214
Participantes 214
Procedimentos éticos 215
Local 215
Recursos utilizados para a realização da pesquisa 215
Procedimento de coleta de dados 216
Resultados 219
Resumo 219
Participante 1 219
Participante 2 230
Participante 3 241
Participante 4 251
Participante 5 261
Participante 6 271
Discussão 281
Experimento 5: Formação de classes de equivalência frente a atitude em relação a tatuagem no profissional da área médica. 283
Introdução 283
Método 284
Delineamento experimental 284
Participantes 284
Procedimentos éticos 284
Local 284
Recursos utilizados para a realização da pesquisa 284
Procedimento de coleta de dados 285
Resultados 288
Resumo 288
Participante 1 288
Participante 2 299
Participante 3 309
Discussão 319

Experimento 6: Transferência de função em relação a mulheres e homens obesos 321
Introdução 321
Método 322
Delineamento experimental.....322
Participantes 322
Procedimentos éticos 322
Local.....322
Recursos utilizados para a realização da pesquisa 322
Procedimento de coleta de dados.....323
Resultados.....327
Resumo 327
Participante 1 327
Participante 2 337
Participante 3 347
Participante 4 357
Participante 5 367
Participante 6 377
Discussão 387
Experimento 7: Transferência de função: relação entre estímulos com significado social de gênero e familiaridade.....390
Introdução 390
Método 390
Delineamento experimental.....390
Participantes 391
Procedimentos éticos 391
Local.....391
Recursos utilizados para a realização da pesquisa 391
Procedimento de coleta de dados.....392
Resultados.....395
Resumo 395
Participante 1 395
Participante 2 406

Participante 3 416
Participante 4 426
Discussão 436
Experimento 8: Paradigma de equivalência relacionado ao processo de ressocialização de presos 438
Introdução 438
Método 439
Delineamento experimental 439
Participantes 439
Procedimentos éticos 439
Local 439
Recursos utilizados para a realização da pesquisa 439
Procedimento de coleta de dados 443
Resultados 446
Resumo 446
Participante 1 446
Participante 2 456
Participante 3 466
Participante 4 476
Participante 5 486
Discussão 496
Experimento 9: Preconceito com Idosos no Mercado de Trabalho: estudo sobre transferência de função 498
Introdução 498
Método 499
Delineamento experimental 499
Participantes 499
Procedimentos éticos 499
Local 499
Recursos utilizados para a realização da pesquisa 499
Procedimento de coleta de dados 500
Resultados 503

Resumo 503
Participante 1 503
Participante 2 513
Participante 3 523
Participante 4 533
Participante 5 543
Discussão 553
Experimento 10: Transferência de função relacionado a usuários de drogas e estímulos abstratos. 555
Introdução 555
Método 556
Participantes 556
Procedimentos éticos 556
Local 557
Recursos utilizados para a realização da pesquisa 557
Procedimento de coleta de dados 559
Resultados 559
Resumo 559
Participante 1 560
Participante 2 570
Participante 3 580
Participante 4 591
Discussão 602
Experimento 11: Transferência de função relacionada à biótipos corporais de mulheres. 604
Introdução 604
Método 606
Delineamento experimental 606
Participantes 606
Procedimentos éticos 607
Local 607
Recursos utilizados para a realização da pesquisa 607
Procedimento de coleta de dados 609

Resultados.....609
Resumo.....609
Participante 1.....609
Participante 02.....620
Discussão.....631
Experimento 12: Efeito do treino de reorganização de classe de equivalência relacionado ao estigma social da obesidade.....634
Introdução.....634
Método.....636
Delineamento experimental.....636
Participantes.....636
Procedimentos éticos.....636
Local.....636
Recursos utilizados para a realização da pesquisa.....636
Procedimento de coleta de dados.....640
Resultados.....657
Resumo.....657
Participante 1.....658
Participante 2.....672
Participante 3.....686
Participante 4.....697
Participante 5.....712
Discussão.....724
Implicações teóricas.....724
Implicações práticas.....725
Limitações e Pesquisas futuras.....725
Considerações finais.....726
Referências Bibliográficas.....727

Sobre os autores



Márcio Borges Moreira (@marcioborgesmoreira)

Doutor em Ciências do Comportamento pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Psicologia e Psicólogo pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Professor da graduação e do mestrado em Psicologia do Centro Universitário de Brasília (CEUB). Diretor do Instituto Walden4. Co-autor do livro Princípios Básicos de Análise do Comportamento (Artmed) e de outros livros, capítulos e artigos científicos com temas relacionados à Análise do Comportamento.

Acompanhe os trabalhos de Márcio Moreira pelas mídias sociais:

@marcioborgesmoreira

https://www.facebook.com/professormarciomoreira

https://www.instagram.com/marcioborgesmoreira

https://www.youtube.com/user/borgesmoreirayt

https://pt.slideshare.net/borgesmoreira

https://www.linkedin.com/in/márcio-borges-moreira-10217934

http://lattes.cnpq.br/4094892880820475

Conheça outras obras de Márcio Moreira

Princípios Básicos de Análise do Comportamento. Moreira & Medeiros (2019)

Análise do Comportamento Aplicada (ABA): o reforçamento. Moreira (2019)

Uma história de aprendizagem operante. Moreira e de Carvalho (2017)

"Em casa de ferreiro, espeto de pau": o ensino da Análise Experimental do Comportamento. Moreira (2004)

O conceito de motivação na psicologia. Todorov e Moreira (2005)

Algumas considerações sobre o responder relacional. Moreira, Todorov e Nalini (2006)

Psicologia, comportamento, processos e interações. Todorov e Moreira (2009)

Comportamento supersticioso: implicações para o estudo do comportamento operante. Moreira (2009)

Emergência de classes de equivalência após separação e recombinação dos estímulos compostos utilizados no treino. Moreira e Hanna (2014)

Arranjo de estímulos em treino discriminativo simples com compostos e emergência de classes de estímulos equivalentes. Moreira, Oliveira e Hanna (2017)

Efeitos da marcação de elementos de conjuntos sobre a contagem em tarefas de discriminação condicional. Bandeira, Faria e Moreira (2020)



Guilherme Gomes Rocha

Graduado em Psicologia - IESB 2009. Especializando em ABA - Análise do Comportamento Aplicada. Mestrando em Psicologia - CEUB. Psicólogo Clínico. Peak Certification Level 1 - 2021.



Jennifer Patrícia Kuhn Lago

Graduanda do curso de Graduação de Psicologia do Centro Universitário de Brasília e professora de inglês na Escola de Idiomas Mr Lincoln.



Ana Beatriz Nascimento de Jesus Borges Soares

Estudante da graduação em Psicologia pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) com ênfase em Promoção de Saúde no Contexto Educativo e Processos Educativos na Promoção de Saúde. Curso de Inglês avançado- Cultura Inglesa, Brasília-DF. Curso complementar de Inglês- Exel English school, Londres-Uk. Curso de Extensão Universitária Liderança Lassalista- Província La Salle Brasil- Chile.



Bárbara de Sousa Ribeiro dos Santos

Psicóloga (CRP 01/23084). Graduação pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Especialista em análise comportamental clínica pelo Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento (IBAC). Atua como psicóloga clínica. Tem interesse em pesquisas na área de atitudes preconceituosas.



Camila Soares Simões (camilasoaressimoes@hotmail.com)

Graduanda do curso de Graduação de Psicologia do Centro Universitário de Brasília.. Auxiliar de pesquisa no estudo “O efeito de se tornar um funcionário do setor público no Brasil” realizado pelo Cebraspe em conjunto com a Harvard Graduate School of Education. Participante do Projeto de Extensão do Uniceub chamado "Prisme".

Publicações

Artigo: "A educação e a supervalorização da certificação profissional" publicado no, Caderno Temático de Psicologia.



Gabriela Alves Dias

Graduanda do 9o semestre do curso de Graduação de Psicologia do Centro Universitário de Brasília. Estagiária na Clínica Escola do UniCEUB (CENFOR) - processo de Avaliação Psicológica Infantil e Adulto. Estagiária na UTI Coronariana do Hospital de Base - UTI Coronariana do Hospital de Base, onde realizo os atendimentos com os pacientes internados, acompanho as visitas familiares e a comunicação de más notícias.



Jacqueline Guimarães Nunes

Estudante de Psicologia do 9° semestre do UniCEUB. Pesquisas realizadas: A Interface das emoções com as falsas memórias; Paradigma de equivalência relacionado ao processo de ressocialização de presos. Cursos em Psicoterapia na Abordagem histórico-cultural da Subjetividade e Método Junguiano Sandplay: imagens na areia. Atuou Instituto Mãos Amigas na área de saúde mental e assistência psicossocial, prestou auxílio escolar para crianças com Deficiência Intelectual, estagiou no Hospital de Base, em específico, na UTI pediátrica.



Kelly Ferreira Alves (kef.alves@hotmail.com)

Graduação em andamento em Psicologia pelo Centro Universitário de Brasília, UniCEUB.



Manuela Amim Pires

Graduanda de Psicologia do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) com ênfase em Promoção de Saúde no Contexto Educativo e Processos Educativos na Promoção de Saúde. Estagiou no Centro de Atendimento à Comunidade do UniCEUB e possui experiência em atendimento clínico na abordagem Comportamental Pragmática e na abordagem Cognitivo Comportamental. Mini Curso realizado - Questionamento Reflexivo em Psicologia Comportamental Pragmática.



Maria Fernanda Carvalho da Veiga Jardim

Estudante de Psicologia do 9° semestre do UniCEUB (AGO/2017 - JUN/2022), com experiência em atendimento clínico, atendimento hospitalar, avaliação psicológica e pesquisas quantitativas e qualitativas. Estagiou no Hospital de Base na internação de oncologia.



Luana Lemos de Rezende Chadud (Luana.dud@hotmail.com)

Graduanda do curso de Graduação de Psicologia do Centro Universitário de Brasília.



Olivia Silva Alvarenga

Olivia Silva Alvarenga, advogada, graduada em 2012 pela Universidade Fumec em Belo Horizonte, Minas Gerais. Cursando o 9º período de Psicologia no Centro Universitário de Brasília - CEUB.



Wannessa da Silva Souza

Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Estagiária do Instituto Ninar, atualmente trabalha no Vivências, com adolescentes e adultos neurodiversos. Já tendo experiências anteriores, voltadas para crianças no espectro autista, no Centro de Intervenção Intensiva e Precoce (CIIP). Áreas de interesse: Transtorno do Espectro Autista.

Introdução

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, publicada em sua primeira versão há mais de 70 anos pela Organização das Nações Unidas, materializa a preocupação global vigente e persistente até hoje contra qualquer tipo de discriminação. Isso pode ser ilustrado pelo conteúdo de seu artigo segundo, que diz:

> "Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição." (Organização das Nações Unidas [ONU], 1948).

O preconceito é um tema extremamente relevante na realidade e que traz consequências excessivamente maléficas na vida dos envolvidos, fator que reforça a necessidade indispensável de estudos científicos na área. Tais estudos visam compreender as origens do preconceito e também como combatê-lo.

O preconceito, no âmbito da Psicologia, é um tipo de atitude. Analistas do comportamento têm realizado estudos para a compreensão de como as atitudes são desenvolvidas e buscado, através de pesquisas e investigações, um maior conhecimento sobre as possíveis formas de transformá-las, diminuí-las e até erradicá-las, no caso de atitudes preconceituosas.

Este livro apresenta pesquisas realizadas/desenvolvidas nas disciplinas de Estágio Básico II, Produção de Artigo, Fórum de Debates III e Projeto de Monografia do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário de Brasília (CEUB). As pesquisas foram realizadas pela sob orientação do Professor Márcio Moreira.

As pesquisas tiveram como tema o estudo das atitudes e do preconceito através do escopo da Análise do Comportamento. O Experimento 1 trata especificamente do tema controle de estímulos e avaliação do preconceito. Nele, apresentamos como diferentes aspectos (propriedades) de um estímulo podem exercer influência (controle) sobre o comportamento de avalia-lo.

Os experimentos de 2 a 12, de maneira geral, avaliaram o efeito de procedimentos de pareamento ao modelo sobre a formação de classes de equivalência e transferência de função por meio do uso de uma escala de diferencial semântico. Os experimentos de 2 a 12 são replicações diretas ou sistemáticas

uns dos outros e seus procedimentos foram baseados no procedimento utilizado por Eilertsen & Arntzen (2020).

Eilertsen, J. M., & Arntzen, E. (2020). Tailoring of Painful Stimuli Used for Exploring Transfer of Function. Quarterly Journal of Experimental Psychology, 70, 2478–2496. https://doi.org/10.1007/s40732-020-00381-7

Os experimentos de 2 a 9 foram compostos pelas seguintes condições experimentais: Pré-teste; Treino AB/AC 100%; Treino AB/AC 80%; Treino AB/AC 20%; Treino AB/AC 0%; Testes de Equivalência; e Pós-teste. Os experimentos de 2 a 9 diferiram, entre si, apenas com relação as estímulos utilizados e ao tipo de procedimentos de pareamento ao modelo: simultâneo ou com atrazo (e tamanho do atraso), conforme mostrado na Tabela 1.

Os experimentos de 10 e 11 foram compostos pelas seguintes condições experimentais: Pré-teste; Treino AB/AC 100%; Treino AB/AC 80%; Treino AB/AC 20%; Treino AB/AC 0%; Testes de Equivalência; Treino AD 100%; Treino AD 80%; Treino AD 20%; Treino AD 0%; Testes de Equivalência; e Pós-teste. Os experimentos 10 e 11 foram semelhantes ao Experimento 2, acrescidos dos treinos AD e de um segundo teste de relações de equivalência.

O Experimento 12 foi semelhante ao Experimento 6 e foi composto pelas seguintes condições experimentais: Pré-teste; Treino AB/AC 100%; Treino AB/AC 80%; Treino AB/AC 20%; Treino AB/AC 0%; Testes de Equivalência; Pós-teste 1; Treino BD 100%; Treino BD 80%; Treino BD 20%; Treino BD 0%; Testes de Equivalência (BD); e Pós-teste 2.

Ao ler as descrições dos experimentos, você notará ausência da descrição dos resultados de algumas participantes (e.g., Participante 1, Participante 2, Participante 4, Participante 5). Isso ocorreu porque os dados de algumas participantes foram parcialmente ou totalmente perdidos por problemas técnicos (base de dados online).

Tabela 1. Características dos experimentos de 2 a 12 (E = Número o experimento; S/A = Simultâneo ou Atrasado; V = Valor do atraso em minutos; Estímulos = campo semântico dos estímulos utilizados; Pesquisadora = autora responsável pela condução do experimento).

E	S/A	V	Estímulos	Pesquisadora
2	S	0	Vestuário e Gênero	Wanessa
3	S	0	Esporte e Gênero	Ana
4	A	0	Religião	Camila
5	A	0	Tatuagens e Profissão	Kelly
6	A	3	Obesidade e Gênero	Maria
7	A	3	Fama e Gênero	Gabriela
8	A	6	Fama e Criminalidade	Jacqueline
9	A	6	Idosos e Mercado de Trabalho	Manuela
10	S	0	Drogas Lícitas e Ilícitas	Luana
11	S	0	Biotipos Corporais	Olívia
12	A	3	Biotipos Corporais	Jennifer

Normalmente, pesquisas experimentais como essas são publicadas em artigos científicos, e não em livros. Nós optamos por publicar estas pesquisas na forma de livro, entre outros, pelos seguintes motivos:

1. Há muitas novidades, em relação à literatura da área, nos procedimentos que utilizamos (e.g., vídeos com animações). A publicação em um artigo restringiria a descrição em detalhes de todos os procedimentos utilizados.

2. Cada pesquisa gerou uma quantidade enorme de dados e nós achamos que seria importante reportar todos os dados, “esmiuçando" os fenômenos estudados. Publicar em um artigo requereria excluir vários dados e análises da publicação.

3. Como os temas das pesquisas têm um apelo aplicado (preconceito), nós decidimos que seria importante publicar um trabalho com potencial de atrair novos pesquisadores (alunos de psicologia, principalmente). Para isso, pensamos que o material deveria ser didático: explicações detalhadas, definição de conceitos básicos, gráficos coloridos e com uso de imagens para auxiliar a análise, etc. Tal didática e recursos de diagramação (cores, por exemplo), provavelmente não “caberiam" em um artigo.

4. Seria impraticável para os autores, em termos de tempo disponível, gerenciar a tramitação de 12 artigos ao mesmo tempo.

Dito isso, desejamos a você uma ótima leitura!

Embasamento conceitual

Para uma melhor compreensão das pesquisas que serão apresentadas neste livro, é necessário conhecer, mesmo que superficialmente, alguns conceitos oriundos da Psicologia Social e da Análise do Comportamento. Os fenômenos apresentados abaixo foram pesquisados nos experimentos descritos ao longo do livro.

Atitude: a definição no campo da Psicologia Social

O campo das atitudes é um estudo oriundo da Psicologia Social. As atitudes, de acordo com Neiva e Mauro (2011), são construtos psicológicos que dizem respeito a sentimentos pró e contra pessoas e coisas com as quais todos entram em contato, é como os indivíduos se posicionam diante dos diferentes estímulos do mundo, de maneira positiva ou negativa. A atitude, nesta perspectiva, caracteriza-se, portanto, como uma posição avaliativa e constante assumida pelas pessoas.

Albarracin e Shavitt (2018), também partindo do ponto de vista da Psicologia Social, afirmaram que o estudo das atitudes é o estudo das avaliações, e que a sua definição foca em sua natureza avaliativa como, por exemplo, favorável ou desfavorável, bom ou ruim. Além disso, toda atitude é formada durante a socialização e possui componentes afetivo, cognitivo e comportamental; afetivo ao que se diz respeito a sentimentos expressos pelos sujeitos em contato com objeto da atitude, cognitivo relacionado a percepções e crenças que se tem ao objeto de tal atitude e comportamental, no que tange às ações diretas diante do objeto.

Allport (1946), entendia que o ser humano inevitavelmente divide as pessoas em categorias da mesma forma que divide os objetos, de acordo com seus gostos e desgostos. Da mesma maneira, o autor também entendia que nenhum indivíduo pode ter contato direto com um grupo inteiro, todas as pessoas de sua raça ou todas pessoas enquadradas em determinado grupo social, o que o leva a generalizar suas atitudes em relação a um ou alguns indivíduos daquele grupo para o grupo como um todo.

Preconceito: a definição no campo da Psicologia Social

O preconceito, para a Psicologia Social, seria, portanto, um conjunto de atitudes negativas direcionadas a um indivíduo ou grupo de indivíduos. Dentre os vários tipos de preconceito (e. g., racismo, classe social, etc.), destacam-se os preconceitos relacionados a gênero, religião, imagem corporal, idosos,

usuários de drogas e indivíduos obesos, que foram pesquisados nos experimentos apresentados neste livro.

Assim como as diversos construtos psicológicos, o preconceito é um fenômeno que apresenta raízes sociais, culturais e econômicas, e pode vir a gerar, como consequência, discriminação, atos de segregação e marginalização de uma pessoa ou grupo (Crochík, 2011; Vieira, 2013).

Um dos pioneiros no estudo do preconceito em Psicologia Social foi o autor e psicólogo Gordon Allport. Sua definição, publicada em 1954, é ainda a mais utilizada nos estudos sobre o tema. Para ele, o preconceito seria "uma atitude evitativa ou hostil contra uma pessoa que pertence a um grupo, simplesmente porque ela pertence àquele grupo, e está, portanto, presumido que objetivamente ela tem as qualidades atribuídas ao grupo" (Allport, 1954, p. 7). No entanto, os estudos atuais têm demonstrado a existência de transformações em sua forma de expressão e da discriminação dela decorrente.

Temas como gordofobia, racismo, homofobia e xenofobia têm estado cada vez mais presentes em debates e pesquisas, trazendo maiores informações sobre a criação, desenvolvimento e propagação do preconceito. Como consequência de maior conhecimento do fenômeno, há também uma maior busca por estudos que sejam capazes de desenvolver ações que possibilitem uma mudança nesse tipo de comportamento (Santos, 2019).

As diferenças biológicas entre os sujeitos sempre foram historicamente percebidas e identificadas como características sociais e culturais para a transmissão de valores e de noções acerca dos papéis sociais a serem realizados por uns e outros. É possível sustentar que muito antes do surgimento do conceito de gênero, a idéia de que as mudanças históricas, sejam elas, econômicas, sociais, culturais ou políticas, refletem-se nas aparências dos indivíduos e a ideia de que a roupa é um dos mais importantes marcadores das distinções de gênero, por meio da criação de significados para os corpos como masculinos e femininos, estiveram presentes em variadas narrativas (Simili, 2012).

Além disso, identifica-se diversos tipos de preconceito, não só direcionados ao gênero, mas a qualquer maneira de expressão pessoal e corporal. Observa-se a clara relação entre as atitudes negativas direcionadas a sujeitos tatuados e obesos, com o nítido incômodo da sociedade, em geral, a corpos que saem do padrão estabelecido como 'normal' e aceito. Da mesma forma, é importante considerar, também, o preconceito em relação a idosos e usuários de drogas, que também expressam diferentes formas de expressar a identidade e comportar-se no convívio social.

Apesar desses fatos terem influenciado a percepção das pessoas em relação à expressão do preconceito, eles parecem não ter conseguido verdadeiramente extinguir a expressão do fenômeno. De acordo com os autores, diversos estudos na Europa e nos Estados Unidos demonstram que o preconceito tem mudado suas formas de expressão, buscando atender à norma do igualitarismo, mas não há evidências de que ele tenha de fato desaparecido.

Uma maneira de solucionar o problema do preconceito, segundo Allport (1946), seria, portanto, apresentar às pessoas um contato de equidade, para que elas pudessem perceber, entre si, a humanidade em comum. Procurando uma analogia dessa solução com a realidade da Psicologia, deveria-se expor os participantes a uma variedade de relações condicionais que enfatizassem e reforçassem comportamentos suportados na busca por objetivos comuns, de maneira a apresentar a importância da presença e participação de todos.

Ao perceber o outro como um igual na busca pelo mesmo objetivo, o autor acreditava que os indivíduos diminuiriam seus preconceitos e veriam o próximo de maneira igualitária. Nas sociedades modernas, existem modificações do ponto de vista social e legal sobre a situação dos grupos minoritários e sofredores de preconceito, o que apenas reforça a necessidade de uma maior dedicação da Psicologia e mais pesquisas na área.

Escala de Diferencial Semântico

Para que seja possível avaliar a atitude dos participantes de uma pesquisa e a possível mudança dela ao longo do processo, utiliza-se de escalas padronizadas. Dentre as diversas escalas existentes, a utilizada nas pesquisas descritas neste livro é a Escala de Diferencial Semântico. Esta escala foi desenvolvida por Osgood (1952) e tem o objetivo de, primordialmente, medir o significado atribuído a diferentes fatores, que incluem palavras, imagens, desenhos, expressões, objetos, entre outros (cf. Almeida, Bortoloti, Ferreira, Schelini & De Rose, 2014; Pasquali, 1999).

Esse processo de atribuição de significados determina, segundo Pasquali (1999), a direção da ação do indivíduo e, segundo de Almeida et. al. (2014), é através dela que se torna possível o registro, quantificação e comparação do significado atribuído a estímulos, por diferentes indivíduos e em diferentes situações. De acordo com Lopes et al. (2011, p. 816), o diferencial semântico é "uma das técnicas, que tem sido frequentemente utilizada para avaliar a percepção afetiva das pessoas sobre situações objetivas e subjetivas de seu dia a dia".

A EDS é composta por uma sequência de 13 escalas, correspondentes a 13 pares de adjetivos bipolares. Nela, um estímulo é escolhido (estímulo discriminativo) e a partir dele o indivíduo deve responder às escalas. Para isso, deve marcar no contínuo de cada par de adjetivos, o intervalo que ele julga melhor representar o estímulo indicado. Entre um adjetivo e outro existem sete intervalos (-3; -2; -1; 0; 1; 2; 3), sendo que quanto mais próximo de cada pólo, mais forte é a relação com o adjetivo desse pólo (de Almeida et. al., 2014; Pasquali, 1999).

Controle de estímulos

Para compreender o preconceito a partir da Análise do Comportamento, utiliza-se da técnica de controle de estímulos. Em situações cotidianas, nem sempre o comportamento de um indivíduo possui coerência com os aspectos ambientais que o cercam. Para a Análise do Comportamento, o controle de estímulos se configura em uma área de pesquisa com relevância científica e social, por suas implicações a processos comportamentais de extrema relevância, tais como o aprendizado da linguagem, a noção de signos e significados e os comportamentos simbólicos. Inserida na análise experimental do comportamento, o controle de estímulos está relacionado ao contexto do Behaviorismo Radical que se constitui por parte de uma investigação científica de Skinner, que tem como objetivo prever e controlar estímulos (Hübner, 2006).

De acordo com a autora, é necessária uma história de reforçamento diferencial - respostas ou classe de respostas que são reforçados apenas na presença de determinados estímulos, mas não em sua ausência - para que o controle de estímulos seja estabelecido. Ao resultado desse processo, dá-se o nome de discriminação.

Em clássico experimento realizado por Jenkins & Harrison (1974), outra característica do controle de estímulos foi demonstrada. Dois grupos de pombos, após procedimento prévio de modelagem para a resposta de bicar um disco, foram submetidos a dois treinos distintos: um diferencial - o alimento só seria disponibilizado durante a emissão de um som específico - e outro não diferencial - a consequência de bicar sempre era reforçada. Após o treino, foi realizada a etapa de teste, na qual foram apresentados, além do som original da etapa de treino, variações sobre esse som. Durante o teste, nenhuma resposta era reforçada. Foi observado que o grupo que passou pelo treino diferencial não só passou a responder discriminadamente - alta frequência de bicadas durante a apresentação do mesmo som da etapa de treino -, mas também apresentou variações na frequência de respostas de acordo com a semelhança ao som original - quanto mais semelhante ao som original, maior

frequência de respostas. A essa característica dá-se o nome de generalização. O grupo que passou pelo treino não diferencial não apresentou variação na frequência de respostas.

Reynolds (1961)

George S. Reynolds, em 1961, realizou uma pesquisa com o intuito de registrar a relevância da compreensão de quais estímulos controlam o comportamento humano para a compreensão das causas e contingências comportamentais. Em seu experimento, Reynolds (1961) submeteu dois pombos a um esquema múltiplo no qual respostas de bicar um disco contendo um triângulo sobre um fundo vermelho (ΔR) eram reforçadas em esquema de reforçamento de intervalo variável (3 minutos); e respostas de bicar em um disco contendo um círculo sobre um fundo verde (OG) não eram reforçadas.

Depois de estabelecido o controle discriminativo, o pesquisador submeteu os dois pombos a um teste em extinção apresentando os componentes dos estímulos separadamente (triângulo, vermelho, círculo e verde). Para o pombo 105, a maioria das respostas de bicar ocorreu na presença do triângulo, enquanto que para o pombo 107 a maior parte das respostas ocorreu na presença da cor vermelha. Os resultados mostraram, portanto, que mesmo tendo sido submetidos a treino discriminativo com os mesmo estímulos compostos, o comportamento de cada um dos sujeitos, durante o teste, foi controlado por uma propriedade específica do estímulo (triângulo para o pombo 105 e cor vermelha para o pombo 107). Reynolds argumentou apenas que o responder de cada um dos pássaros ficou sob controle de um dos muitos aspectos de cada estímulo, não sugerindo possíveis determinantes para as diferenças individuais no controle de estímulos, observadas no comportamento dos animais.

Wilkie e Masson (1976)

Wilkie e Masson (1976) conduziram uma replicação sistemática do experimento de Reynolds (1961). Os autores submeteram pombos às mesmas condições de treino e teste relatadas por Reynolds. Na fase de teste, na qual os componentes dos estímulos foram separados (cor verde, cor vermelha, triângulo e círculo), os animais responderam quase que exclusivamente na presença da cor previamente correlacionada com o reforço. Após o teste, os animais foram submetidos a um novo treino, no qual bicadas no disco de resposta foram reforçadas tanto na presença do triângulo quanto na presença do círculo (as cores foram omitidas durante esse treino).

Os resultados mostraram que bicadas na presença do estímulo previamente correlacionado com o reforço, durante o treino realizado com estímulos com-

postos de ‘cor-forma’, foram aprendidas mais rapidamente. Isto indica que algum controle da forma sobre o comportamento dos pombos havia sido estabelecido, apesar de não estar aparente durante o teste em extinção, no qual os elementos dos estímulos compostos foram apresentados separadamente.

Wilkie e Masson (1976) argumentaram que as diferentes taxas de aquisição das respostas de bicar na presença do triângulo e bicar na presença do círculo evidenciam que os animais atentaram-se para o aspecto ‘forma’ do estímulo, composto durante o treino discriminativo com cor e forma sobrepostos.

No entanto, dizer que o organismo atentou-se para o estímulo, ou à parte dele, não acrescenta muito à explicação do fenômeno observado, o que ainda sustenta a necessidade de mais pesquisas na área, com o intuito de compreender a melhor maneira de reduzir as condições contingentes para que seja possível reconhecer exatamente quais são os contextos que reforçam e estimulam a maior ocorrência de determinados comportamentos.

Experimento 1: Controle de estímulos e mensuração de atitudes: um exemplo experimental

Pesquisadora responsável: Bárbara de Sousa Ribeiro dos Santos

O experimento apresentado a seguir foi dividido em duas diferentes pesquisas. Em relação ao Experimento I, serão apresentados seu Método, Procedimento e Resultados.

Experimento 1A

Método

Participantes.

Participaram da pesquisa 33 indivíduos, com idades entre 15 e 53 anos, sendo nove do gênero masculino e 24 feminino. No que diz respeito ao nível de escolaridade, 29 participantes, o equivalente a 87,9% da amostra, declararam ter Ensino Superior Completo ou Incompleto, três (9,1%) ter Ensino Médio e um ter apenas Ensino Fundamental.

Materiais e instrumentos

A pesquisa foi realizada por meio de um formulário online, elaborado com a ferramenta Google Forms. O formulário de coleta de dados foi enviado através de um link. Esse formulário era composto por uma seção com as instruções para a realização da atividade, uma seção para que o participante informasse seu nível de escolaridade e, caso tivessem o nível superior completo ou cursando, deveriam informar qual o curso, além de diferentes seções para a avaliação de cada item separadamente e uma última seção para a confirmação de envio do formulário.

Nas seções de avaliação das fotografias, uma figura foi apresentada no topo da tela e 13 pares de adjetivos bipolares apresentados logo abaixo. Estes pares foram extraídos de Portela (2014) e correspondiam aos seguintes adjetivos: Triste/Alegre, Tenso/Relaxado, Áspero/Liso, Lento/Rápido, Feio/Bonito, Pesado/Leve, Negativo/Positivo, Passivo/Ativo, Duro/Macio, Mau/Bom, Desagradável/Agradável, Pobre/Rico, Submisso/Dominante. Em cada par anterior, as palavras que estão à esquerda representam os adjetivos negativos e aquelas à direita, os positivos.

Na escala apresentada no formulário da presente pesquisa, os pares Triste/Alegre, Tenso/Relaxado, Pesado/Leve, Negativo/Positivo, Desagradável/Agradável, Submisso/Dominante foram apresentados mantendo-se o adjetivo negativo à esquerda e o positivo à direita. Já os demais pares tiveram a posição dos adjetivos invertida, por exemplo, o par Mau/Bom, na escala foi apresentado como Bom/Mau, o par Áspero/Liso na escala passou a ser Liso/Áspero e assim sucessivamente para os demais pares. Essa alteração foi realizada com objetivo de diminuir a probabilidade de que as respostas ficassem sob controle de outras variáveis, que não os adjetivos descritos no par. A disposição dos pares na escala foi feita levando em consideração o critério de que, no máximo, apenas dois adjetivos positivos ou negativos fossem apresentados seguidamente ou na esquerda ou na direita da escala.

Os estímulos utilizados foram três fotografias de mulheres magras, retiradas da pesquisa de Santos, Medeiros e Moreira (2020), (conjunto F, assim nomeado pois as figuras possuem fundo colorido), três fotografias de mulheres magras retiradas do banco de dados público Google Imagens (conjunto G, por terem sido retiradas do Google Imagens), três silhuetas (conjunto S) e três objetos também retirados do Google Imagens (conjunto O). No total, foram utilizados 12 estímulos, ilustrados na Figura 1. Todas as fotografias foram colocadas em um retângulo de diâmetro 400 X 400 px (pixels).

Figura 1. Estímulos utilizados no Experimento IA.



As figuras utilizadas na pesquisa são divididas em quatro conjuntos: Conjunto F (fundo); Conjunto G (Google imagens); Conjunto S (silhuetas) e Conjunto O (objetos). Para a seleção das fotografias no Google Imagens, foram utilizados os seguintes critérios de seleção: as modelos deveriam estar usando lin-

geries ou biquínis e estar de frente; deveriam ter idade aparente entre 20 e 30 anos; o fundo da foto deveria ser branco e ter caráter comercial.

Além disso, foi feita uma comparação das fotos com a Escala de Silhuetas de Stunkard. Essa escala é a mais frequentemente utilizada como forma de acesso à percepção de imagem corporal (Gardner & Brown, 2010; Nicida & Machado, 2014; Thompson & Altabe, 1990. A escala foi originalmente publicada em Stunkard, (Sorenson, & Schulsinger, 1983). Nessa comparação as fotografias foram submetidas a 8 juízes, eles deveriam relacioná-las com os itens da escala e marcar aquele ao qual a fotografia mais se assemelhava. As fotografias utilizadas foram as avaliadas como similares às silhuetas dois ou três da escala.

As silhuetas foram elaboradas tendo como base as fotografias retiradas do Google Imagens (são as mesmas dos conjuntos G). Estas foram manipuladas utilizando-se o software Paint, onde o corpo das modelos foi pintado de preto, inicialmente sendo contornados e posteriormente preenchido para que pudessem ser caracterizadas como silhuetas. Por fim, para a seleção dos objetos, o critério utilizado consistia em que todos fossem objetos de papelaria e que as imagens possuíssem boa resolução.

Procedimento

O link para responder ao formulário foi enviado através de redes sociais. A mensagem que acompanhava o link apresentava os pesquisadores, informava ao participante que o link se tratava de uma pesquisa de conclusão de curso sobre percepção, que a participação do indivíduo consistiria “em responder a um questionário no qual serão apresentadas algumas imagens de mulheres e objetos de papelaria. Essa atividade durará cerca de 15 minutos e sua colaboração é muito importante” e por fim era apresentado o link e orientado que, ao clicar no mesmo, seria possível o acesso ao formulário online.

Ao clicar no link disponível na mensagem, uma página no navegador de internet era aberta no dispositivo que o participante estivesse utilizando, como por exemplo, tablets, notebooks, smartphones ou computadores. Nesta página foi apresentada a primeira tela do formulário com a seguinte instrução:

"Em cada seção do questionário aparecerão diferentes imagens para você. Logo abaixo de cada uma delas, serão apresentadas escalas que variam de 1 a 7. Você deverá classificar as imagens nessas escalas de acordo com a sua percepção. Algumas imagens aparecerão mais de uma vez. Quanto mais próxima sua marcação estiver do adjetivo do lado esquerdo ou do adjetivo do lado direito da escala, mais você relaciona a imagem com aquela característica.

Avaliações iguais a 4 correspondem a uma avaliação neutra. Os dados coletados nesta pesquisa serão apresentados em congressos científicos e artigos. No entanto, asseguramos o sigilo de qualquer informação que possa levar a sua identificação e você tem toda liberdade para escolher não responder ao questionário, assim como para interromper o preenchimento a qualquer momento, caso desejar. Para iniciar, clique no botão Próxima" (abaixo).

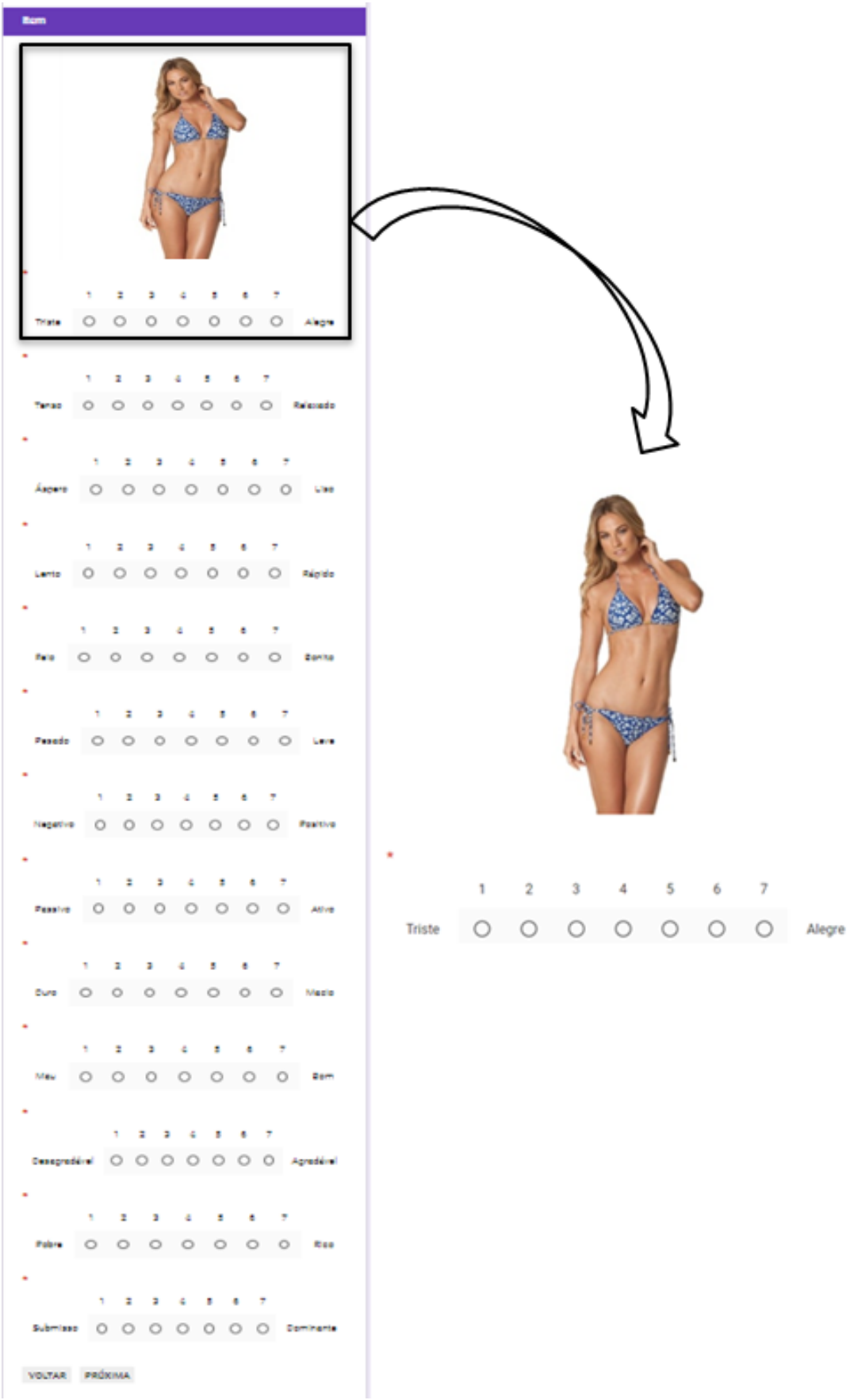
Após ler a instrução e clicar em “Próxima”, o participante era encaminhado para outra página para uma breve coleta de dados, na qual ele deveria fornecer informações acerca de gênero, idade e nível de instrução. Se no nível de instrução o participante selecionasse as opções “Ensino fundamental” ou “Ensino médio”, clicando em “Próxima” iria diretamente para o primeiro item a ser avaliado. Caso selecionasse a opção “Ensino Superior completo/incompleto”, era direcionado a uma seção onde deveria informar o seu curso e, clicando em “Próxima”, o primeiro item era apresentado.

A Figura 2 ilustra a página de apresentação dos itens. Do lado esquerdo da figura é apresentado um exemplo completo de como as tentativas eram colocadas, com o estímulo para avaliação na parte superior e os 13 pares de adjetivos simultaneamente apresentados abaixo. Do lado direito da Figura 2, foi feito um recorte do item apenas para melhor visualização do leitor dos pares de adjetivos (exemplificado no recorte pela escala Triste/Alegre). Diante de um estímulo, a avaliação para cada um dos pares era possível quando o participante rolasse a tela para baixo.

Para preencher as escalas, o participante deveria clicar no ponto das escalas que correspondesse à sua opinião. Por exemplo, no recorte destacado na Figura 2, no par de adjetivos Triste/Alegre, ao clicar no círculo abaixo do número 1 representava que a avaliação do participante, para aquele estímulo, era Triste; clicar no círculo abaixo do número 4 representava uma avaliação neutra; e no círculo abaixo de 7, avaliação era correspondente a Alegre.

Após a avaliação dos 13 pares de adjetivos, os participantes clicavam no botão escrito “Próxima”, que estava ao final de todas as avaliações. Ao clicar no botão, um novo item era apresentado para ser avaliado. Cada estímulo foi apresentado duas vezes, sendo programados portanto 24 itens, distribuídos de forma semi randomizada, ou seja, a ordem das imagens foi sorteada, no entanto, caso três ou mais figuras do mesmo conjunto de estímulos estivessem seguidas, houve mudança na sua disposição. Ao final dos 24 itens, a mensagem “Obrigada pela sua participação!” aparecia e o participante deveria clicar em “Enviar” para finalizar e confirmar sua participação.

Figura 2. Exemplificação do procedimento de avaliação dos itens.



Resultados

Para que fosse realizada a análise dos dados, os adjetivos Liso/Áspero, Rápido/Lento, Bonito/Feio, Ativo/Passivo, Macio/Duro, Bom/Ruim e Rico/Pobre, que haviam sido invertidos na aplicação, tiveram suas posições reorganizadas de modo que nos 13 pares, os adjetivos negativos correspondessem à avaliação 1 (à esquerda) e os positivos correspondessem a 7 (à direita). Esta inversão foi realizada subtraindo-se de oito o valor da média de todas avaliações de cada par.

Após essa reorganização, para que os dados fossem analisados em uma escala que compreendesse o intervalo de -3 a 3, de acordo com o que é proposto por Osgood para a EDS. As avaliações iguais a 1 foram transformadas para -3, as iguais a 2 para -2, iguais a 3 para -1, iguais a 4 para 0, iguais a 5 para 1, iguais a 6 para 2 e iguais a 7 para 3, passando do intervalo 1 - 7 para -3 - 3. De modo que, a avaliação 4 feita pelos participantes correspondesse ao ponto 0 para análise de dados, a avaliação 1 fosse equivalente a -3 e a avaliação 7 equivalente a 3.

Na Figura 3, estão ilustrados os dados referentes à média das avaliações entre as três figuras de cada um das quatro categorias de estímulos utilizados: estímulos G (figuras retiradas do Google Imagens, que passaram por maior critério de seleção), estímulos S (figuras de silhuetas, manipuladas a partir dos estímulos G), estímulos F (figuras retiradas de estudo anterior, selecionadas sem critérios mais rígidos) e estímulos O (objetos de papelaria retirados do Google Imagens).

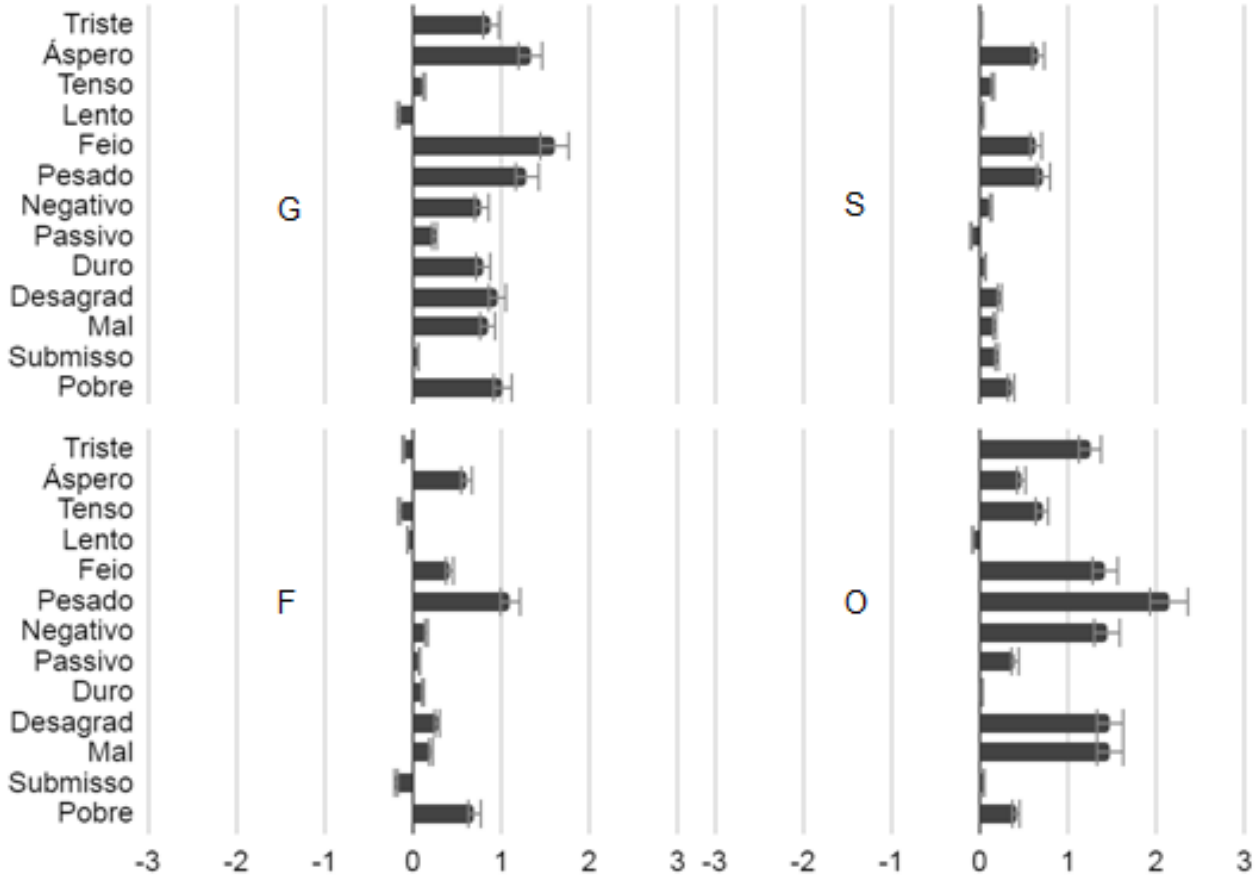
Na Figura 3, o gráfico superior esquerdo representa os dados da categoria G. O gráfico superior direito, os dados da categoria S. O gráfico inferior esquerdo, os dados da categoria F. O gráfico inferior esquerdo, os dados da categoria F. O gráfico inferior direito, os dados da categoria O.

Pode-se observar, na Figura 3, que as avaliações referentes aos estímulos G, tiveram tendência a ser mais positivas, sendo iguais ou maiores que 0,8, com exceção dos pares Tenso/Relaxado (0,1), Lento/Rápido (-0,2), Passivo/Ativo (0,2) e Submisso/Dominante (0,1). Os estímulos S apresentaram uma tendência a avaliações mais próximas de 0, localizadas no geral entre 0 e 0,4. Os adjetivos que tiveram as maiores avaliações foram Áspero/Liso (0,7), Feio/Bonito (0,6) e Pesado/Leve (0,7), mas ainda menores que 1. Apenas o par de adjetivos Passivo/Ativo obteve avaliação negativa, de -0,1.

Em comparação com G, as avaliações dos estímulos S, apresentaram menor variabilidade entre itens. Ao se comparar as avaliações dos estímulos da categoria G e S por meio da análise estatística do Teste T, observou-se que dife-

renças estatisticamente significativas, ao nível de p ≤ 0,05, ocorreram para todos os pares de adjetivos, com exceção dos pares "Tenso/Relaxado" (0,44) e "Submisso/Dominante" (0,12).

Figura 3. Média de avaliações entre os três estímulos utilizados em cada categoria



Para os estímulos do Conjunto F, observou-se que apenas o par de adjetivos Pesado/Leve apresentou avaliação maior que 1 (1,1), os demais se aproximaram de 0, indo de -0,2 a 0,7. Os pares com avaliações negativas foram Triste/Alegre (-0,1), Tenso/Relaxado (-0,2), Lento/Rápido (-0,1) e Submisso/Dominante (-0,2). Ao se comparar as categorias G, S e F, pode-se notar que F e S foram as categorias com maior tendência a avaliações neutras, enquanto a categoria G obteve avaliações mais positivas.

Ao se comparar as avaliações dos estímulos da categoria G e F, por meio da análise estatística, do Teste T, foi possível notar que nos pares "Lento/Rápido" (0,19), "Pesado/Leve" (0,07) e "Passivo/Ativo" (0,09), não foram identificadas diferenças estatisticamente significativas (p ≤ 0,05), já para os demais pares essa diferença foi observada.

Ainda no que diz respeito à análise do Teste T, a comparação das categorias F e S foi a que apresentou menos pares de adjetivos com diferenças significativas estatisticamente ($p \leq 0,05$), que ocorreram nos pares "Tenso/Relaxado", "Pesado/Leve", "Submisso/Dominante", "Feio/Bonito" e "Pobre/Rico", para os demais pares, diferenças estatisticamente significativas não ocorreram, a saber: "Triste/Alegre" (0,16), "Áspero/Liso" (0,35), "Lento/Rápido" (0,18), "Negativo/Positivo" (0,42), "Passivo/Ativo" (0,06), "Duro/Macio" (0,32), "Desagradável/Agradável" (0,34), "Mau/Bom" (0,37).

Na categoria dos estímulos O, apenas no par Lento/Rápido observou-se uma avaliação negativa, de -0,1. Os demais pares tiveram avaliação entre 0 e 2,1, sendo o par Pesado/Leve o de maior avaliação. As avaliações dos estímulos dessa categoria apresentaram mais semelhança com as avaliações dos estímulos G, por sua tendência a avaliações positivas mais significativas e maior variabilidade entre itens. Quando utilizado o Teste T para a comparação das categorias G e O, identificou-se que houve diferença estatisticamente significativa ($p \leq 0,05$) para a maioria dos pares de adjetivos, com exceção de "Lento/Rápido" (0,27), "Feio/Bonito" (0,09), "Passivo/Ativo" (0,16) e "Submisso/Dominante" (0,47).

O par de adjetivos Pesado/Leve obteve as avaliações mais altas ao se comprar as quatro categorias de figuras, em G a média de avaliação entre os três estímulos usados foi de 1,3, em S 0,7 e em F 1,1. Nos pares Feio/Bonito e Áspero/Liso, também foi observado que as avaliações tiveram uma tendência mais positiva que as demais, nas três categorias. No que diz respeito às menores avaliações, Lento/Rápido é o par que apresentou maior consistência entre categorias, com avaliação média de -0,2 em G, de 0 em S e de -0,1 em F.

Levando em consideração que cada estímulo foi apresentado duas vezes aos participantes, a Figura 4 ilustra a média das avaliações das duas ocorrências de cada estímulo. Pode-se observar que em G, as avaliações de todos os estímulos foram mais positivas. Os pares de adjetivos Áspero/Liso, Feio/Bonito e Pesado/Leve foram os que apresentaram as maiores avaliações nos três estímulos, sendo eles maiores ou iguais a 1. Apenas quatro avaliações negativas foram observadas, duas em G1, de -0,2 e duas em G3, de -0,3 e -0,1.

Nas silhuetas (S) foi possível notar que, para os três estímulos usados, as avaliações mantiveram uma tendência à neutralidade. Os pares de adjetivos Áspero/Liso, Feio/Bonito e Pesado/Leve apresentaram correspondência de avaliações entre os três estímulos, sendo estes os que obtiveram as maiores avaliações, localizadas entre 0,6 e 0,8.

Para os estímulos F, verificou-se maior variação entre os três estímulos (Figura 4). Em F1, todas as avaliações foram positivas e variaram de 0,1 a 1,4. Em F2, no geral, as avaliações também foram positivas, porém mais próximas de 0, variando de 0 a 0,5 e apenas o par Pesado/Leve alcançou 1, os pares que tiveram avaliações negativas foram Triste/Alegre (-0,2), Tenso/Relaxado (-0,4), Lento/Rápido (-0,1) e Submisso/Dominante (-0,3). Por outro lado, F3 foi o estímulo desta categoria que apresentou maior tendência a avaliações negativas, que variaram entre -0,8 e -0,3, com exceção dos pares Áspero/Liso, Pesado/Leve e Pobre/Rico, que obtiveram avaliações positivas (0,4, 0,9 e 0,5, respectivamente).

Apesar das diferenças entre os estímulos de F foram observadas certas constâncias. O par Pesado/Leve foi o que apresentou as maiores avaliações dentre todos os pares, para os três estímulos da categoria. Além disso, apesar da avaliação de Lento/Rápido e de Submisso/Dominante ter sido positiva em F1, foram os itens que tiveram as menores avaliações, respectivamente 0,2 e 0,1 e estes itens, tanto em F2 como em F3, apresentaram avaliações negativas.

Por fim, no que diz respeito à Figura 4, os estímulos da categoria dos Objetos (O), no geral, apresentaram avaliações positivas, com exceção do par Lento/Rápido em O1 (-0,2), Submisso/Dominante em O2 (-0,1) e dos pares Áspero/Liso (-1,1), Lento/Rápido (-0,3) e Duro/Macio (-1,4) em O3. O estímulo O3 foi o que apresentou maior variabilidade entre itens, com avaliações indo de -1,4 a 2,2.

Na figura abaixo, observa-se que a parte superior corresponde aos dados dos três estímulos da categoria G, enquanto a segunda linha de gráficos corresponde aos dados dos três estímulos da categoria S. A terceira linha de gráficos apresenta os dados dos três estímulos da categoria F e a última linha de gráficos corresponde aos dados dos três estímulos da categoria O.

Ao se considerar que cada um dos estímulos foi apresentado duas vezes ao longo da aplicação, e após uma análise comparativa visual das avaliações médias entre as duas ocorrências da mesma figura. Foi possível observar que apenas S2 e S3 apresentaram avaliações discrepantes entre suas duas ocorrências, como ilustra a Figura 5. De modo que na primeira aparição de S2 notou-se maior ocorrência de avaliações negativas, verificadas em cinco pares de adjetivos, enquanto que na sua segunda aparição, nenhuma avaliação negativa foi observada. Já em S3, seis avaliações negativas foram percebidas em sua primeira ocorrência e apenas uma na segunda. Para os demais estímulos, foram observadas consistências nas avaliações entre as duas ocorrências.

Figura 4. Média de avaliações por estímulos, calculadas somando-se as avaliações das duas ocorrências de cada estímulo ao longo do procedimento.

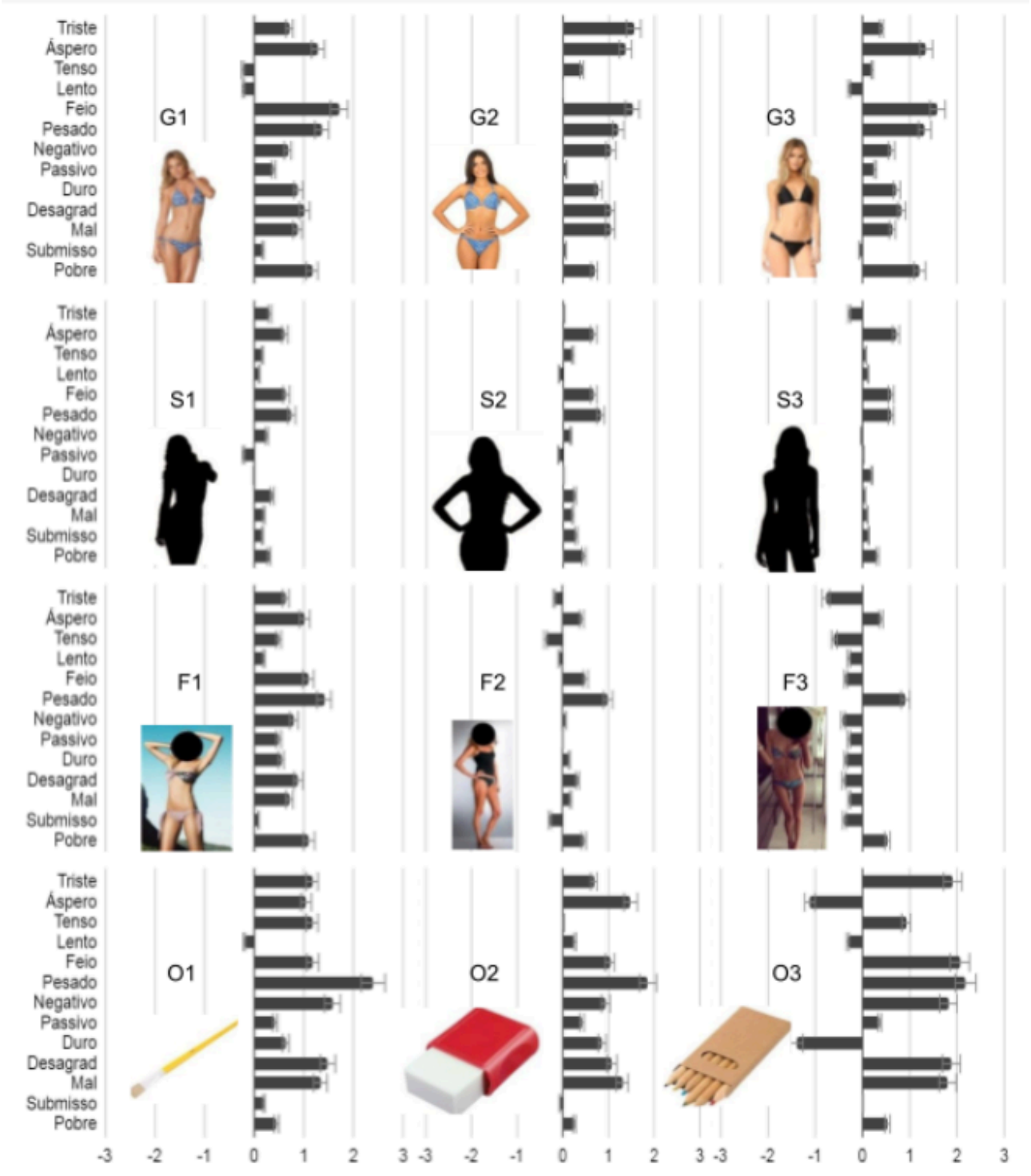
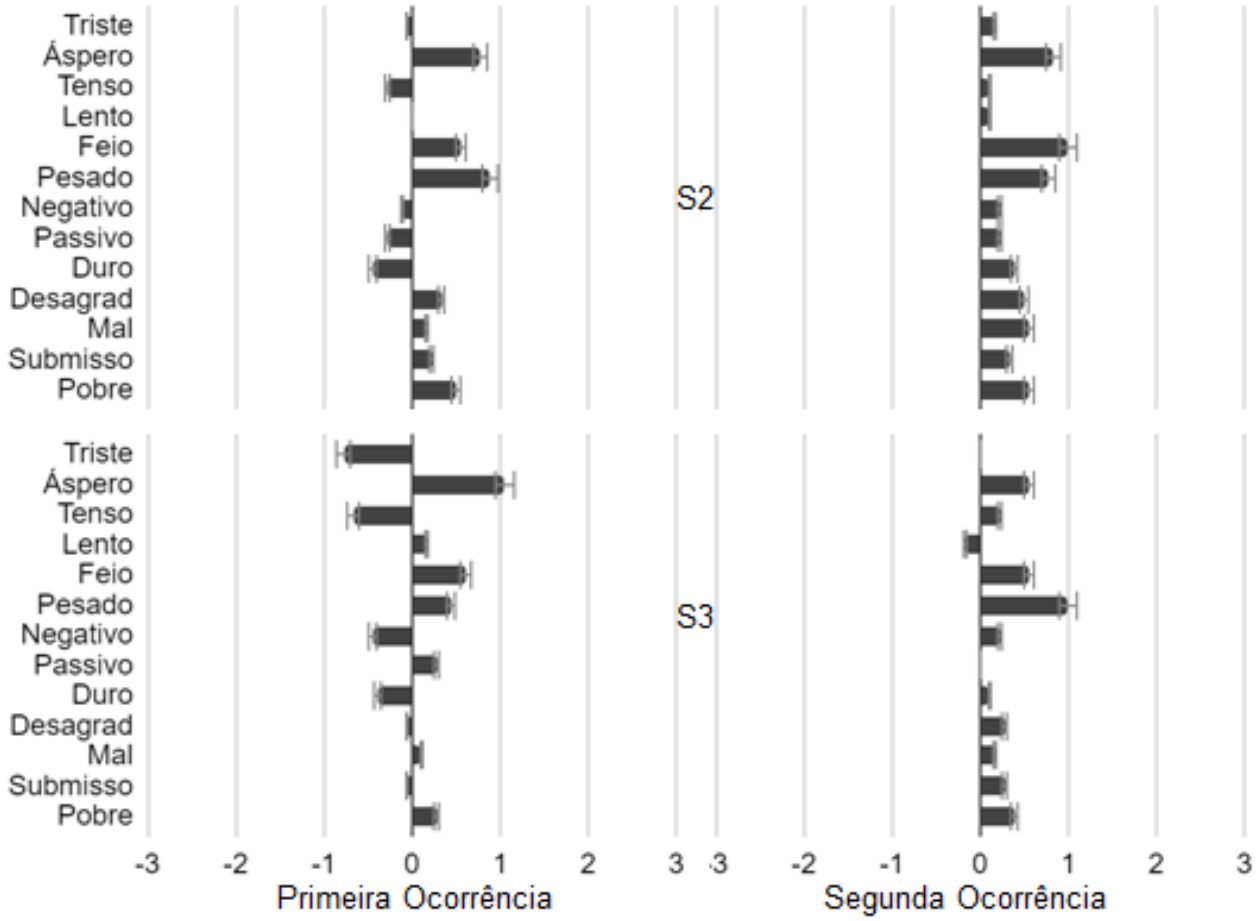


Figura 5. Avaliação média obtida na primeira e na segunda ocorrência dos estímulos S2 e S3



Discussão

Esse estudo buscou comparar se diferentes maneiras de apresentação de figuras de mulheres magras poderiam influenciar nas suas avaliações. Foi possível notar que os estímulos G tiveram avaliações positivas maiores, quando comparado com os estímulos S e F, que, no geral, estiveram mais próximos a zero.

Ao comparar as avaliações dos três estímulos da categoria F, foi possível notar que as avaliações de F1 receberam avaliações mais positivas, F2 mais neutra e F3 mais negativas. Uma possibilidade explicativa para essa variação diz respeito ao fato de que os estímulos dessa categoria foram escolhidos sem maiores definições metodológicas, tais como os critérios que foram usados para a seleção dos estímulos da categoria G, sendo que o único critério utilizado, na categoria F, era que as mulheres fossem magras, de acordo com julgamento do pesquisador.

Além disso, F1 é um estímulo que, no geral, tem características mais próximas das figuras de G, tais como: ser fotografia de modelo, o uso de biquíni e o fato da mulher estar de frente, o que poderia explicar as semelhanças nos resultados. No mais, F3 é uma figura que, diferentemente de F1 e F2, foi aparentemente feita de forma caseira apresentando portanto menor qualidade, o que pode ser explicativo para a tendência a menores avaliações.

Além disso, a mulher ilustrada no estímulo F3 pode ser considerada a mais magra dentre as três, fator que também pode ter influenciado nas avaliações a ela atribuídas. Como destaca Mattos (2012), atualmente o ideal de corpo está muito perpassado pela idéia de corpos musculosos, o que não é uma característica dessa imagem que por outro lado, em uma análise visual, está mais próxima da silhueta 1 na Escala de Stunkard. Assim, pode-se dizer, que imagens que representem formatos corporais muito extremos (no caso do presente estudo, extremo de magreza), podem criar vieses avaliativos e dificultar a formação e a reversão de classes.

De modo contrário, para a seleção dos estímulos G, buscou-se aquelas figuras em que os corpos apresentados fossem identificados nas silhuetas 2 ou 3 da Escala de Stunkard, controle que pode ter minimizado efeitos de biótipos extremos e evitado avaliações mais negativas, como as observadas no estímulo F3.

Além disso, a constância de avaliações positivas observada para os três estímulos da categoria G apontam que critérios metodológicos de seleção de estímulos permitem uma captação mais fidedigna do fenômeno. Ou seja, de que essa seleção aumente as chances de que o controle exercido pelos estímulos seja aquele programado pelo pesquisador (biotipo, neste caso).

Apesar do que foi encontrado para os estímulos da categoria G, as avaliações dos estímulos da categoria S, manipulados a partir dos estímulos categoria G, com uma maior proximidade de 0. Isso sugere que, possivelmente, as respostas dos participantes diante dos estímulos que compunham a categoria G não estavam sob controle do formato do corpo, mas de outras partes dos estímulos.

Isso porque ao retirar características desses estímulos na manipulação da categoria S, mantendo apenas o formato do corpo como estímulo discriminativo, a neutralidade observada nas avaliações indica que o biotipo não foi a variável de maior relevância no controle das respostas ocorridas para os estímulos da categoria G.

Diante desse resultado, em nova análise dos estímulos da categoria G, identificou-se que certas características podem ter influenciado no controle das res-

postas, como por exemplo, cor do cabelo, cor do biquíni, presença ou não de sorriso, ou ainda, a posição das mãos das modelos.

O que pode ser verificado pelas avaliações atribuídas aos estímulos, por exemplo, G3 é composto por uma modelo de biquíni preto e sem sorriso e, dentre os três, foi o que obteve avaliações mais próximas dos adjetivos "Triste" e "Mau", nos pares correspondentes a estes adjetivos. Além disso, o estímulo G1 apresentou avaliações mais próximas de "Rígido", o que pode ser explicado pela posição de uma de suas mãos, que estava perto do rosto, caracterizando uma posição mais estática, ao contrário de G2 e G3, nas quais ambas as mãos estavam abaixo da cintura.

Com relação aos três estímulos usados na categoria S, apesar da neutralidade encontrada, ao se observar separadamente a primeira e segunda ocorrência de cada um, notou-se que S2 e S3 receberam avaliações com maior variabilidade na primeira ocorrência, em comparação com a segunda, na qual as avaliações obtidas foram mais positivas. Uma possibilidade explicativa é de que os participantes possam ter passado a generalizar respostas ao longo das tentativas, tendo em vista que, no geral, os estímulos eram de mulheres magras e que as avaliações foram mais positivas para todos os estímulos, criando ocasião para a mudança das avaliações na segunda ocorrência de S2 e S3.

Entretanto, essa variabilidade não foi observada para os outros estímulos, assim não foi possível encontrar uma clara explicação para este resultado na presente pesquisa, portanto, novos estudos são necessários para a verificação desta ocorrência e sua explicação.

Por fim, no que diz respeito às avaliações dos estímulos da categoria O, a observação da tendência a avaliações positivas, permite dizer que o instrumento, de fato, captou as avaliações dos participantes e que eles estavam respondendo corretamente à escala, ou seja, suas respostas estavam sob controle dos estímulos apresentados.

Apenas para o estímulo 3, notou-se avaliações negativas menores que -1, que aconteceram nos pares de adjetivos "Áspero/Liso" e "Duro/Macio", sugere-se que tal resultado ocorreu devido a escolha do estímulo 3, que correspondia a uma caixa de lápis de madeira, justificando a atribuição dos adjetivos Áspero e Duro.

Experimento 1B

Realizou-se um segundo experimento, que assim como o primeiro, teve como objetivo investigar como diferentes formas de apresentação de estímulos po-

dem influenciar nas respostas de avaliação dos indivíduos, no entanto para esse experimento foram utilizados estímulos de mulheres obesas. A resposta de avaliação foi caracterizada considerando as respostas à Escala de diferencial semântico (EDS) com relação aos estímulos apresentados. Utilizou-se a EDS como ferramenta que permite quantificar os significados atribuídos a um estímulo e, assim, observar se os significados serão atribuídos de formas diferentes a depender das características dos estímulos apresentados.

Método

Participantes

Participaram 33 indivíduos (diferentes dos que participaram do Experimento I), com idades entre 15 e 53 anos, sendo nove do gênero masculino e 24 feminino. No que diz respeito ao nível de escolaridade, 26 participantes o equivalente a 78,8% da amostra, declararam ter Ensino Superior Completo ou Incompleto e sete (21,2%) ter apenas o Ensino Médio.

Materiais e instrumentos. Idêntico ao Experimento I. Contudo, no que diz respeito aos estímulos da categoria G, na avaliação dos oito juízes, na qual as fotografias deveriam ser relacionadas aos itens da Escala de Silhuetas de Stunkard, aquelas que foram avaliadas como sendo similares às silhuetas sete ou oito da escala foram aqui utilizadas. Todas as imagens escolhidas para compor os estímulos desse experimento estão ilustradas na Figura 1.

Figura 1. Estímulos utilizados no Experimento IB.



Os estímulos utilizados foram classificados em quatro conjuntos: Conjunto F (fundo), Conjunto G (Google imagens), Conjunto S (silhuetas) e Conjunto O (objetos).

Procedimento

Idêntico ao Experimento IA.

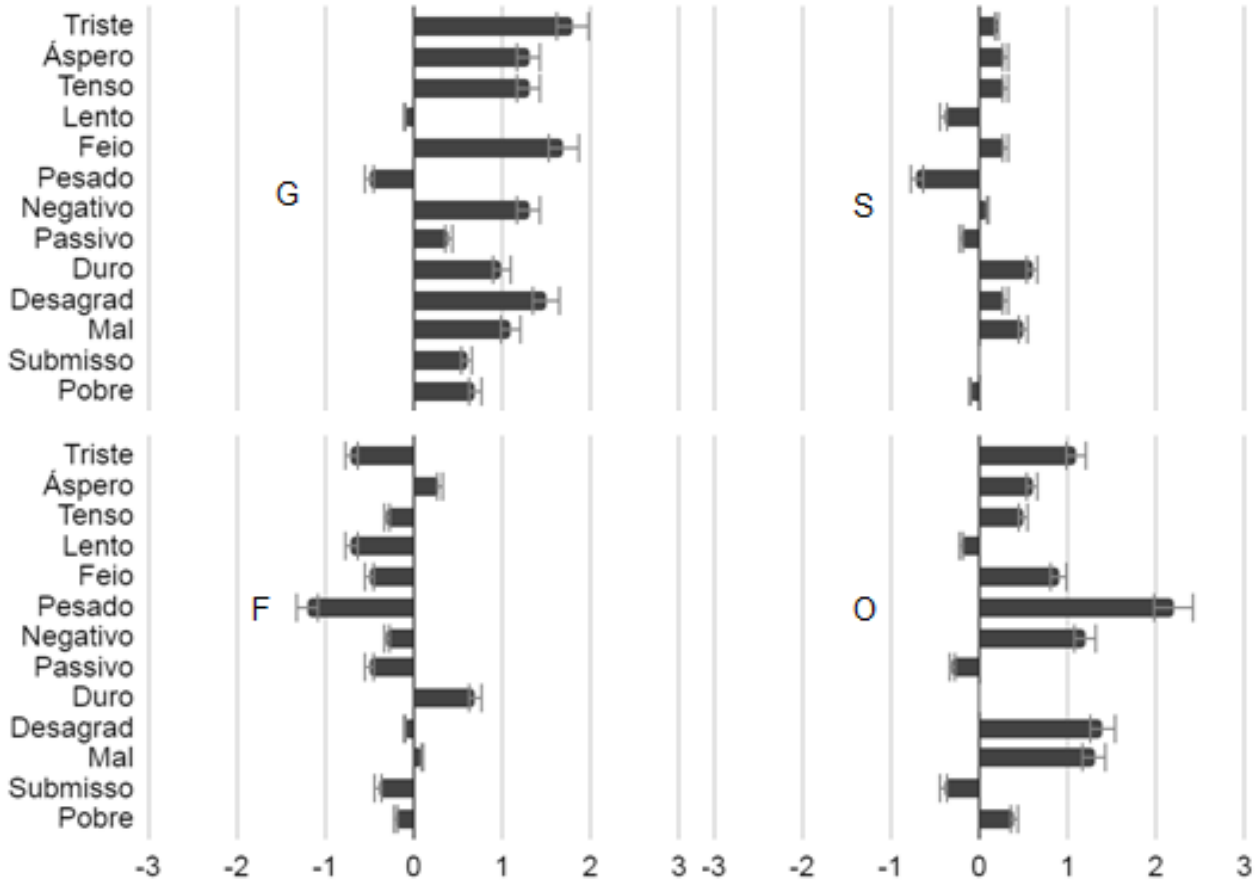
Resultados

Para que fosse realizada a análise dos dados realizaram-se os mesmos ajustes nas escalas descritos para o Experimento 1A.

Na Figura 2 estão ilustrados os dados referentes à média das avaliações entre as três figuras de cada uma das quatro categorias de estímulos utilizadas: estímulos G (figuras retiradas do Google Imagens, que passaram por maior critério de seleção), estímulos S (figuras de silhuetas, manipuladas a partir dos estímulos G), estímulos F (figuras retiradas de estudo anterior, selecionadas sem critérios mais rígidos) e estímulos O (objetos de papelaria retirados do Google Imagens).

As avaliações referentes aos estímulos G foram mais positivas, centrando-se principalmente entre 0,6 (Submisso/Dominante) e 1,8 (Triste/Alegre). As avaliações abaixo desse intervalo foram dos pares Passivo/Ativo, com 0,4, Lento/Rápido e Pesado/Leve, ambos sendo os únicos que obtiveram avaliações negativas nessa categoria, correspondente respectivamente a -0,1 e -0,5 (Figura 2).

Figura 2. Média de avaliações entre os três estímulos usados em cada categoria.



O gráfico superior esquerdo representa os dados da categoria G. O gráfico superior direito, os dados da categoria S. O gráfico inferior esquerdo, os dados da categoria F. O gráfico inferior direito, os dados da categoria O.

No geral, a avaliação média na categoria S ficou mais próxima de 0 e em sua maioria entre 0 e 0,6. Os pares de adjetivos Lento/Rápido, Pesado/Leve, Passivo/Ativo, Pobre/Rico obtiveram avaliações negativas de -0,4, -0,7, -0,2 e -0,1, respectivamente. Pode-se observar que as avaliações de S foram próximas a zero e ainda positivas, ao se comparar com as avaliações das figuras de G.

Além disso, foi observada maior ocorrência de avaliações negativas em S. No que diz respeito à análise estatística do Teste T comparando as categorias G e S, diferenças significativas ($p \leq 0,05$) foram observadas para todos os pares de adjetivos.

Para a categoria F, as avaliações apresentaram maior tendência à negatividade indo de -1,2 (Pesado/Leve) a -0,1(Desagradável/Agradável), com exceção dos pares Áspero/Liso, Duro/Macio e Mal/Bem, que obtiveram, respectivamente, as seguintes avaliações positivas 0,3, 0,7 e 0,1. Ao se comparar os resultados das categorias G, S e F, pode-se notar que F concentrou a maior parte das avaliações negativas, enquanto que em G e S as avaliações mostraram-se mais positivas.

Na análise estatística do Teste T, ao se comparar as categorias G e F, diferenças estatísticas significativas foram identificadas ($p \leq 0,05$) para todos os pares de adjetivos. Ainda no que diz respeito ao Teste T, na comparação das categorias S e F os pares onde não foram observadas diferenças estatisticamente relevantes ($p \leq 0,05$), foram "Áspero/Liso" (0,31), "Duro/Macio" (0,17) e "Pobre/Rico" (0,06).

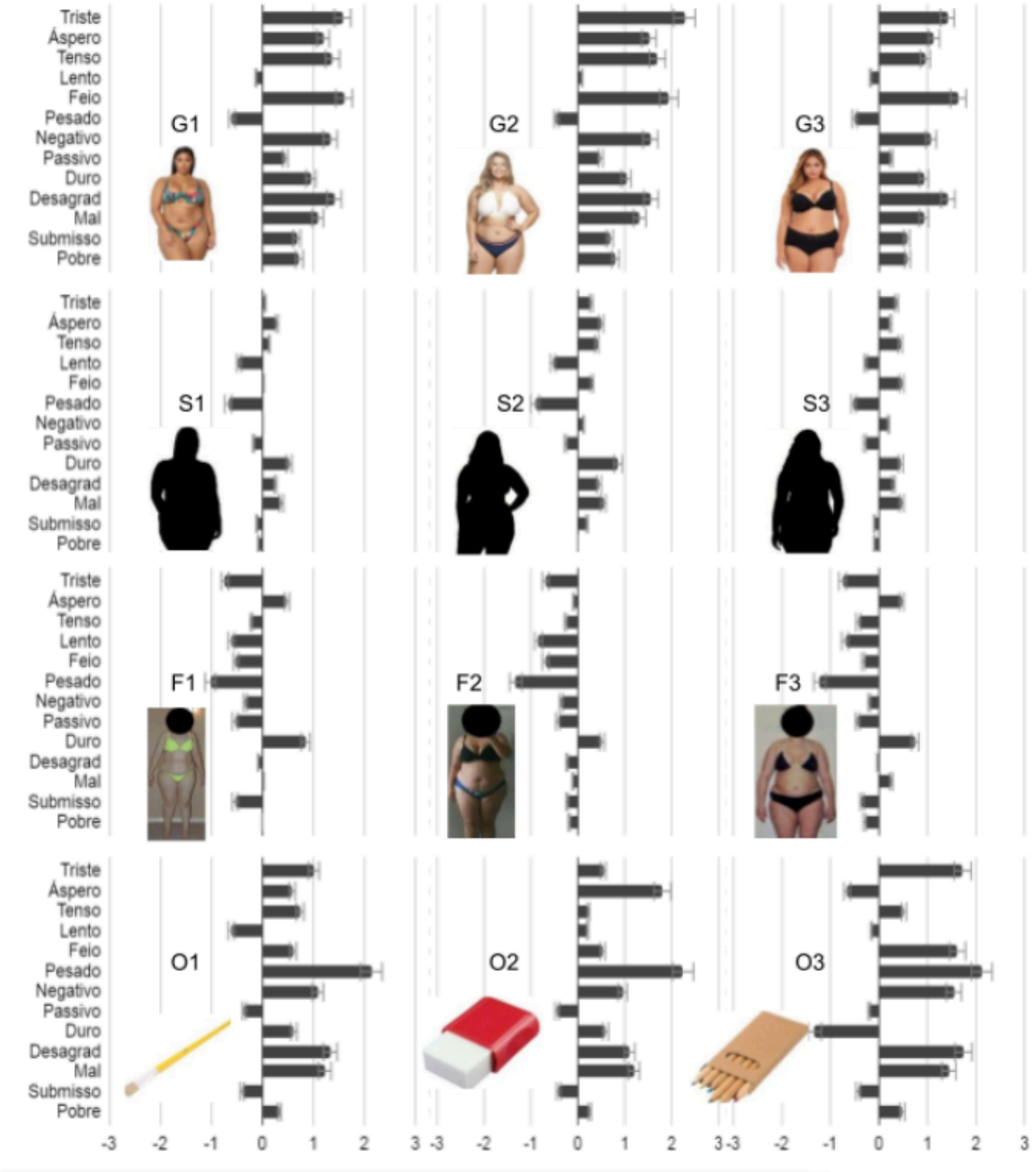
Na categoria dos Objetos (O), as avaliações concentraram-se do lado positivo da escala, indo de 0 a 2,2 (Pesado/Leve). Os pares que tiveram avaliações negativas foram Lento/Rápido (-0,2), Passivo/Ativo (-0,3) e Submisso/Dominante (-0,4). Devido à concentração de avaliações positivas observadas nessa categoria, notou-se uma aproximação com os dados coletados em G, categoria com avaliações positivas mais altas. Ao se comparar as avaliações das categorias G e O, por meio do Teste T, todos os pares de adjetivos apresentaram diferenças estatisticamente significativas ($p \leq 0,05$), com exceção dos pares "Lento/Rápido" (0,16), "Negativo/Positivo" (0,13) e "Desagradável/Agradável" (0,24).

Ao se comparar as categorias G, S e F, foi possível observar que o par de adjetivos Pesado/Leve foi o item que, nas três categorias, apresentou uma avaliação média negativa mais baixa, correspondente respectivamente a -0,5, -0,7 e -1,2. Constância parecida entre as três categorias não foi observada nos demais itens.

Levando em consideração que cada estímulo foi apresentado duas vezes aos participantes, a Figura 3 ilustra a média das avaliações entre as duas ocorrências de cada estímulo, em suas respectivas categorias. Em G pôde-se observar que a avaliação dos três estímulos tendeu a ser positiva e no geral igual ou maior que 1, com exceção dos pares Lento/Rápido, Pesado/Leve, Passivo/Ativo, Submisso/Dominante e Pobre/Rico, com avaliações menores que 1 nos três estímulos. No par Pesado/Leve foi observada média avaliativa negativa, de -0,6 em G1 e -0,5 em G2 e G3, além deste, o par Lento/Rápido obteve avaliação negativa em G1 (-0,1) e em G3 (-0,2), enquanto que em G2 foi de 0,1.

As avaliações dos estímulos S foram mais próximas de 0, concentradas entre -1 e 1 mas no geral positivas, com exceção dos pares de adjetivos Lento/Rápido, Pesado/Leve e Passivo/Ativo, que nos três estímulos obtiveram avaliação média negativa. Para o par Pesado/Leve, observou-se a ocorrência das avaliações mais negativas, de respectivamente, -0,7, -0,9 e -0,5, em S1, S2 e S3, os outros dois pares tiveram ass avaliações negativas entre -0,5 e -0,3 (Figura 3).

Figura 3. Média de avaliações por estímulos, calculadas somando-se as avaliações das duas ocorrências de cada estímulo ao longo do procedimento.



Na Figura 3, a segunda linha de gráficos, corresponde aos dados dos três estímulos da categoria S. A terceira linha de gráficos, aos dados dos três estímulos da categoria F e a última linha de gráficos corresponde aos dados dos três estímulos da categoria O.

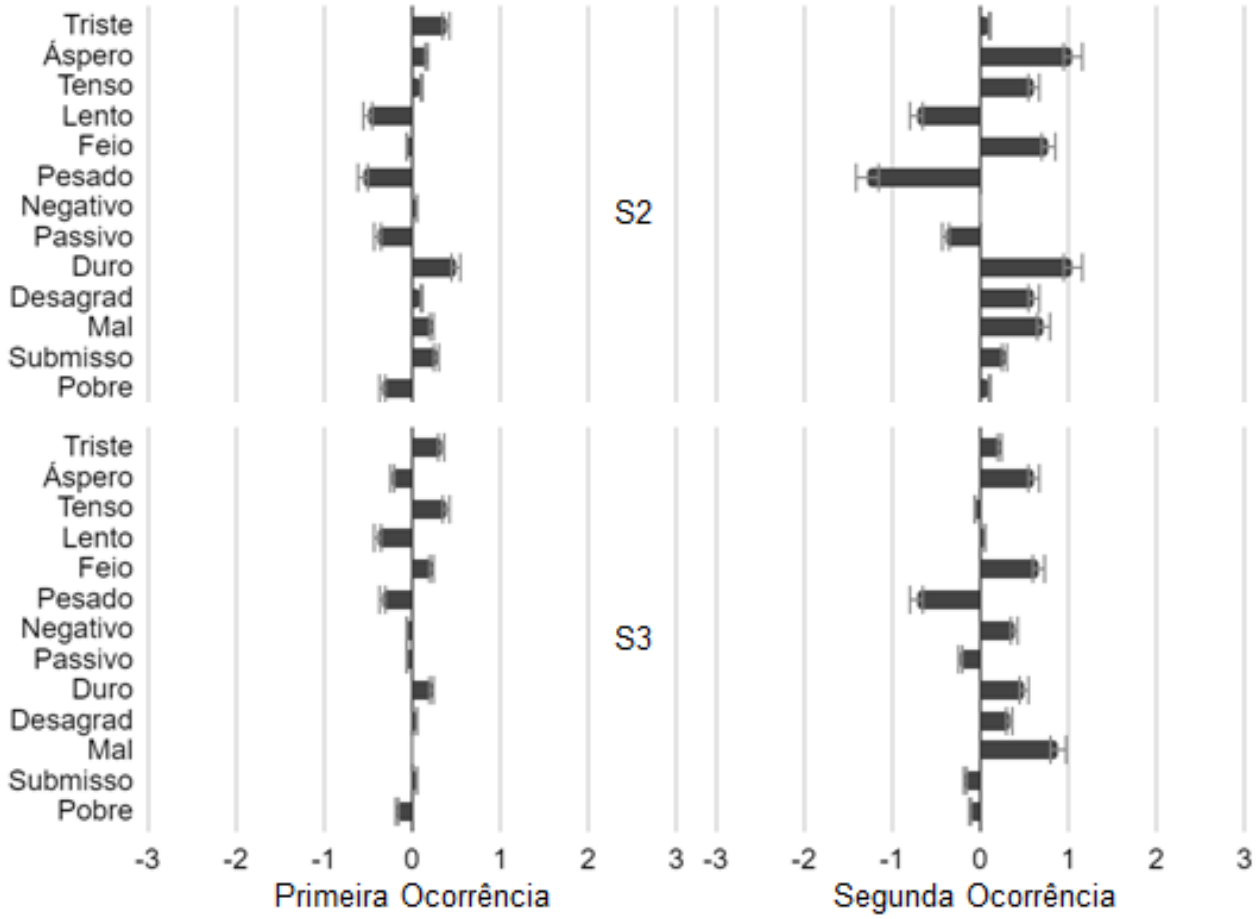
Nos estímulos F, notou-se que as avaliações foram mais negativas. O par com a avaliação mais negativa nos três estímulos foi Pesado/Leve, com -1 em F1, -1,3 em F2 e -1,2 em F3, as demais avaliações negativas localizaram-se entre -0,9 e 0. O par Duro/Macio foi o único com avaliações positivas, nos três estímulos, estas corresponderam a 0,8, 0,5 e 0,7, respectivamente (F1, F2 e F3). Em Áspero/Liso, também foram observadas avaliações positivas, mas que ocorreram apenas em F1 e F3 (0,5 em ambas), além desses pares, Mau/Bom de F3 obteve avaliação média de 0,3, enquanto que em F1 foi igual a 0 e em F2 a -0,1.

Por fim, ainda no que diz respeito à Figura 10, os três estímulos O tiveram avaliação com tendência à positividade, apesar de demonstrarem maior variabilidade de avaliações entre os itens, indo de -0,6 a 2,1 em O1, de -0,4 a 2,2 em O2 e de -1,3 a 2,1 em O3, sendo este último o estímulo que apresentou mais inconsistências.

O par de adjetivos Pesado/Leve foi o que obteve as avaliações mais positivas, nos três estímulos. Os pares Passivo/Ativo e Submisso/Dominante, foram os únicos que apresentaram avaliações negativas nos três estímulos, localizando-se entre -0,4 e -0,2.

Ainda ao se considerar que cada um dos estímulos foi apresentado duas vezes ao longo da aplicação, e após uma análise comparativa visual das avaliações médias nas duas ocorrências da mesma figura. Foi possível observar que apenas S2 e S3 apresentaram avaliações discrepantes entre suas duas ocorrências, como ilustra a Figura 4, de modo que, na segunda aparição de ambos os estímulos, maior variabilidade foi observada e com maior tendência a avaliações positivas, enquanto que na primeira ocorrência, notou-se maior proximidade com o ponto central da escala (0) e maior frequência de avaliações negativas, sendo cinco em S2 e seis em S3.

Figura 4. Avaliação média obtida na primeira e na segunda ocorrência dos estímulos S2 e S3.



Discussão

O Experimento II buscou comparar se diferentes maneiras de apresentação de figuras de mulheres obesas poderiam influenciar nas suas avaliações. Foi possível notar que os estímulos usados na categoria G, no geral, foram avaliados de maneira positiva, os usados na categoria S mais neutras e na categoria F, negativas.

Os estímulos da categoria F, apesar de terem demonstrado uma constância de avaliações entre eles, destoam das que ocorreram para as categorias G e S. Isso pode ter ocorrido porque os estímulos F1, F2 e F3 possuíam similaridades entre si, de modo que as respostas avaliativas possam ter ficado sob controle discriminativo dessas mesmas variáveis. No entanto, diferenças foram observadas na comparação com as características dos demais estímulos. Uma das divergências diz respeito à qualidade das imagens, pois as três fotografias aparentemente foram tiradas de forma caseira, enquanto que na categoria G todos os estímulos são fotografias comerciais. Além disso, os estímulos da categoria F não tiveram um ponto de referência para seleção, enquanto que

para a categoria G, as escolhas se basearam na Escala de Stunkard, conferindo-lhes maior sistematização.

Essa sistematicidade na escolha dos estímulos da categoria G pode ter ocasionado as avaliações opostas às que ocorreram para os estímulos da categoria F, nesse sentido, supõe-se que os critérios escolhidos possam ter adicionado variáveis que passaram a exercer controle sobre as respostas dos participantes, tais como a qualidade das imagens, o fato de serem modelos e a constância do formato corporal, que se buscou através da seleção baseada na Escala de Stunkard.

Ao se comparar as avaliações dos três estímulos usados na categoria G, foi possível observar que as avaliações do estímulo G2 tenderam a ser mais positivas que as demais, diferença que fica mais evidente quando a comparação é feita com o estímulo G1. Esse resultado pode ser explicado tendo em vista características como cor de pele e cabelo. Isso porque, dentre os três estímulos, G2 era o único no qual foi apresentada uma modelo loira e branca, enquanto que o estímulo G1 correspondia a uma mulher negra com cabelo preto e G3 a uma mulher parda com cabelo castanho.

Ao contrário das categorias G e F, os estímulos usados na categoria S apresentaram avaliações mais próximas de zero. Tal resultado pode ser explicado ao se considerar que nas silhuetas outras características puderam ser controladas, como: cor da pele ou do cabelo, presença ou ausência do sorriso e ainda, a qualidade da fotografia, de modo que, a característica de maior evidência fosse o formato do corpo. Nesse sentido, observou-se que o uso das silhuetas, apesar de eliminar estímulos concorrentes com o que foi o alvo da pesquisa, resultou em respostas mais neutras, sugerindo que as respostas estavam sob maior controle de características adversas, tais como a cor da pele, do cabelo ou expressão facial, e não apenas do formato corporal.

Os estímulos S2 e S3 foram os únicos que, em análise visual, apresentaram diferenças na comparação da sua primeira e segunda ocorrência ao longo do procedimento. Na primeira ocorrência de ambos os estímulos, as avaliações foram distribuídas de forma equilibrada para o lado negativo e positivo, além de terem ficado próximas do zero. Por outro lado, na segunda ocorrência, no geral, as avaliações passaram a ser positivas e maiores. Isto pode ser explicado considerando-se que a exposição ao procedimento pode ter levado a comparações com os demais estímulos usados, de modo que a resposta pode ter ficado sob controle da comparação com os outros estímulos presentes. Entretanto, este mesmo padrão não foi observado para os demais estímulos, portanto, uma clara explicação para esses resultados não pode ser, no presente estudo, concluída. Dessa forma, sugere-se que pesquisas futuras possam se

debruçar sobre tal ocorrência, buscando sua frequência e uma possível explicação.

Por fim, no que diz respeito às avaliações dos estímulos da categoria O, apesar dos estímulos 1 e 3 apresentarem avaliações negativas, no geral, as avaliações foram mais positivas para os três estímulos. Este resultado permite dizer que os participantes estavam sob controle dos estímulos que lhes eram apresentados e que o instrumento foi eficaz para captar as avaliações dos participantes.

Mesmo que avaliações negativas tenham sido observadas nos três estímulos, apenas em O3 elas foram maiores que -1, o que ocorreu apenas no par de estímulos "Duro/Macio". Isto sugere que, apesar da busca pelos estímulos desta categoria ter sido feita com base no critério de serem objetos de papelaria, características específicas do estímulo O3 podem ter controlado as respostas dos participantes, como por exemplo, o fato de ser uma caixa de lápis de madeira, o que justifica uma avaliação mais próxima de "Duro".

Discussão geral

Tendo em vista os estudos relativos a controle de estímulos (e.g., Reynolds, 1961; Moreira, Oliveira & Hanna, 2017), o presente trabalho investigou se formas distintas de apresentação de estímulos com mulheres tanto magras, como obesas, poderiam ter influência nas respostas avaliativa dos participantes. Para isso, utilizou-se a EDS como forma de acesso aos significados atribuídos, pelos participantes, aos estímulos, o que ocorreu através de dois experimentos nos quais estímulos de características similares foram manipulados para cada biótipo, ou seja, para as quatro categorias de cada experimento, os mesmos critérios de seleção de estímulos foram usados.

Em ambos os estudos ficou evidente que, a depender da maneira com que os estímulos são apresentados, diferentes respostas podem emergir. Esse resultado corrobora os que foram encontrados por Reynolds (1961), nos quais, o autor identificou que as diferentes características apresentadas por cada estímulo, após manipulação, exerceram diferentes níveis de controle sobre o comportamento dos sujeitos de pesquisa.

Essa diferença de respostas, a depender dos estímulos apresentados, corrobora portanto, os estudos que relatam a importância do uso de critérios para a seleção de estímulos em tarefas de discriminação (Moreira, Oliveira & Hanna, 2017), de modo que a variável que se busca estudar exerça controle sobre as respostas dos participantes, ou que ao menos, os efeitos de outras variáveis possam ser minimizados. E, assim, a discriminação possa ficar sob controle

das características de real interesse do pesquisador (Carvalho, 2010; de Carvalho & de Rose, 2014), que no caso da presente pesquisa foi o biotipo corporal.

Além disso, variações de avaliações que ocorreram entre estímulos de uma mesma categoria, em ambos os experimentos, tais como os estímulos da categoria F e o estímulo O3, apontam também para a importância dos critérios de seleção de estímulos (Carvalho, 2010; de Carvalho & de Rose, 2014; Moreira, et. al., 2017), a fim de evitar variações expressivas entre estes e, consequentemente, que eles controlem comportamentos diferentes, mesmo pertencendo à mesma categoria.

Ao comparar os resultados obtidos nos Experimentos I e II, observou-se a ocorrência de padrões avaliativos entre ambos, tais como, a tendência dos estímulos da categoria G à positividade e da categoria S à neutralidade. Tendo em vista que na categoria G outras variáveis se fizeram presentes, como por exemplo, presença ou ausência de sorriso e variação na cor do cabelo, da pele e do biquíni e, que na categoria S (silhuetas) tais variáveis foram retiradas, pode-se considerar que as respostas dos participantes estiveram sob controle discriminativo de variáveis diferentes daquelas que se pretendia, já que as características da categoria G puderam ser retiradas na categoria S, de modo que apenas o formato corporal estava presente nesta segunda, e tendências positivas e/ou negativas não foram observadas.

Esses resultados evidenciam que a padronização na seleção dos estímulos usados em procedimentos de discriminação é essencial para que as respostas estejam sob controle da variável programada pelo pesquisador, assim como foi apontado por Reynolds (1961), Carvalho (2010), de Carvalho e de Rose (2014) e Moreira, et. al. (2017), entre outros.

Os resultados evidenciam também que, no uso de estímulos com pessoas, características relacionadas a cor de pele ou cabelo, caso não sejam as variáveis de interesse, devem ter a atenção do pesquisador pois tais características podem criar vieses avaliativos, corroborando a literatura acerca de preconceito racial (Burch, 2015; Lima & Vala, 2004; de Carvalho e de Rose, 2014).

Ainda comparando os estímulos utilizados em ambos os experimentos, a categoria F foi a única que apresentou tendências contrárias entre os estudos, com avaliações mais positivas no primeiro e mais negativa no segundo.

Este resultado corrobora os estudos que identificam maior probabilidade de atribuição de características negativas às pessoas obesas, em comparação com as magras (Crandall, D'Anello, Sakalli, Lazarus, Wieczorkowska, & Feather, 2001; Mattos, 2007; Mattos, 2012; Neves & Mendonça, 2014). Além disso, levando em consideração que os estímulos usados nessa categoria foram os es-

colhidos com critérios menos rígidos de seleção, destaca-se a importância de que as características dos estímulos usados para os estudos de preconceito contra biotipos corporais, sejam observadas com cautela para que o formato corporal seja a principal variável controlando o comportamento dos sujeitos de pesquisa e não questões relativas à qualidade das figuras, por exemplo.

Por fim, considerando o estudo de Portela (2014), e apenas a primeira aplicação da EDS no referido estudo, identificou-se que os resultados do Experimento I não replicaram os que foram encontrados pela autora, enquanto que a replicação foi observada no Experimento II. Vale destacar que apenas os resultados da primeira aplicação da EDS de Portela (2014) foram considerados, porque outras intervenções não foram utilizadas na presente pesquisa, mas em Portela (2014) às duas seguintes aplicações da escala ocorreram após treinos e testes de relações de equivalência.

A não replicação que ocorreu para o Experimento I foi identificada ao se considerar que os resultados encontrados variaram entre -1 e 1 e, no geral, os resultados da autora foram maiores que 1 (Portela, 2014). Já no Experimento II, a replicação foi identificada pois, no geral, em ambas as pesquisas as avaliações dos participantes centralizaram-se entre -1 e 1, com poucas variações para além desses valores.

Considerações Finais

Os resultados encontrados nesta pesquisa ilustram a importância de que estudos continuem sendo realizados na área de controle de estímulos, pois diversas variáveis podem controlar as respostas dos indivíduos e resultados falso-positivos ou falso-negativos podem vir à tona. Nesse sentido, destaca-se que um retorno ao elemento essencial do procedimento de discriminação de estímulos, a saber: o próprio estímulo, é fundamental para que as relações que se busca analisar possam estar presentes de forma mais fidedigna possível nas discriminações condicionais.

Para isso, sugere-se que pesquisas futuras busquem uma sistematização anterior dos estímulos que se pretende usar, como por exemplo, com a realização de dois estudos: um destinado a seleção dos estímulos e outro para a tarefa de discriminação/reversão de equivalência.

O paradigma de relações de equivalência e o estudo do preconceito: aspectos teóricos

Analistas do Comportamento têm tentado compreender como o preconceito é difundido na sociedade e encontrar possíveis intervenções na busca por revertê-lo. De acordo com Hayes et al (2001), o preconceito envolve uma transformação nas atitudes de indivíduos baseada em contato direto ou verbal com as atitudes de outras pessoas, a respeito de um grupo. Além disso, o preconceito é aprendido e repassado através do Comportamento Verbal que, de acordo com Skinner (1957), consiste no conjunto de significados do comportamento da linguagem. Aprendemos a falar e nos comunicarmos na relação com o outro, dependemos do outro para aprendermos a nomear o que sentimos e devemos ter acesso a referenciais de comportamentos públicos para sermos capazes de descrever e explicar os comportamentos privados.

Dessa maneira, aprendemos, julgamos e avaliamos as coisas e pessoas de acordo com as experiências verbais que vivemos em nossas vidas e a partir das pessoas com as quais nos relacionamos. Como foi dito anteriormente, a atitude é entendida como a avaliação de pessoas, objetos e eventos desenvolvida sem a necessidade de contato direto com os estímulos. Ao pesquisar o preconceito a partir do uso de experimentos dentro da área da Psicologia, torna-se possível analisar não só a formação e criação destas atitudes preconceituosas, mas também a possibilidade de modificá-las e, consequentemente, reduzir o preconceito tão presente em nossa sociedade.

Em uma perspectiva analítico-comportamental, mais especificamente sob o olhar do paradigma de equivalência de estímulos, o preconceito pode ser visto como formação de classes de equivalência entre grupos sociais e atributos avaliativos negativos (Mizael, 2019). Tal atitude pode ser direcionada a pessoas de pele negra (racismo), mulheres [preconceito de gênero (machismo, misoginia e sexismo)], estrangeiros (xenofobia e etnocentrismo), comunidade LGBTs (homofobia, lesbofobia, transfobia), idosos (ageismo), sujeitos obesos (gordofobia), entre outros.

No caso do preconceito racial, por exemplo, não é necessário aprender diretamente relações verbais entre indivíduos negros e atributos negativos para emitir comentários preconceituosos, uma vez que “relações indiretas emergem sem a necessidade de treino direto, além da possibilidade de que uma relação “não-preconceituosa” possa ser modificada, a partir da transferência ou transformação de funções.” (Mizael & de Rose, 2017, p. 374)

Equivalência de estímulos

Sidman e Tailby (1982) fundaram, portanto, o conceito de Classe de equivalência e este tem sido um fundamento de diversas pesquisas no estudo dos fenômenos comportamentais complexos. A equivalência de estímulos é um método de pesquisa muito utilizado na Análise do Comportamento com o objetivo de criar condições favoráveis para experimentos e estudo das atitudes e comportamentos simbólicos e utiliza-se do emparelhamento de estímulos, um procedimento no qual estímulos significativos são emparelhados com estímulos não significativos, para estes estudos.

De acordo com Albuquerque e Melo (2005), os estímulos podem ser entendidos como equivalentes quando podem ser substituídos pelos outros no controle do comportamento e quando as funções que o sujeito atribui para um estímulo são transferidas para outro estímulo. No processo experimental, utiliza-se um estímulo modelo (condicional) e estímulos de escolhas (comparação). O experimento ocorre para o emparelhamento e transferência de função e atitude de um estímulo a outro. Pode-se afirmar que a função de um membro de uma classe de equivalência será transferida para todos os demais membros da mesma classe (Santos & Rose, 2017).

Dessa maneira, busca-se, a partir de experimentos com o procedimento da transferência de função, construir relações entre estímulos de forma a fazer com que o participante passe a possuir uma atitude em relação a um símbolo abstrato a partir do emparelhamento com um estímulo que já possua significado socialmente pré-determinado por ele, seja positiva ou negativamente.

A formação de classes de equivalência permite que funções novas ou anteriormente adquiridas possam ser transferidas para outros elementos sem a necessidade de um treinamento específico. Nesse sentido, o modelo de equivalência possibilitou a simulação experimental da aquisição de comportamento simbólico (Rose, Gil, & Souza, 2014). Essas classes de equivalência podem ser alteradas, modificadas e revertidas, o que torna possível a mudança de atitude. Dessa forma, nota-se que, com o Paradigma de equivalência, pareamentos indiretos modifiquem estímulos de carga neutra e façam com que eles passem a ter a carga de significado do estímulo pareado, podendo esta ser negativa ou positiva. Logo, o mesmo ocorre com estímulos de carga negativa ou positiva que, após um treino de emparelhamento, têm sua valência alterada (e.g., Rosendo & Melo, 2018).

O paradigma de equivalência de estímulos

O paradigma de equivalência de estímulos é uma abordagem que se destaca nos estudos das atitudes. Como já foi dito anteriormente, a atitude é entendida como avaliações de pessoas, objetos e eventos sem a necessidade de contato direto com os estímulos e este paradigma é a base para a mudança de uma atitude (Mizael et al., 2016). Para de Carvalho (2010), a mudança de atitude diz respeito a uma modificação de comportamentos, positivos ou negativos, já existentes perante a um determinado estímulo. Portanto, crê-se que tais atitudes podem ser modificadas da mesma forma que foram aprendidas.

Este paradigma é utilizado para analisar como estímulos (figuras, sílabas ou palavras) sem nenhuma similaridade física podem se tornar substituíveis sem a presença de um ensino explícito. O paradigma, portanto, surge como uma alternativa para analisar e tentar modificar processos simbólicos referentes a fenômenos sociais como o preconceito e os estereótipos relacionados a questões raciais, de gênero e religião, orientação sexual, entre outros, ao utilizar estímulos arbitrários e estímulos com significados (Rosendo & Melo, 2018).

Os estímulos arbitrários não contém um significado ou história-pré experimental sendo que, geralmente, são utilizados desenhos abstratos, sílabas ou palavras sem sentido. Nesse contexto, ele assegura que o desempenho do participante nunca tenha sido reforçado fora da situação experimental (Rose, 1993). Já os estímulos com significado são utilizados para averiguar o efeito da história pré- experimental na elaboração de classes de equivalência (Rosendo & Melo, 2018). Por isso, Carvalho (2010) ressalta que ao realizar pesquisas, principalmente com o foco em mudanças de atitudes e preconceito, é necessário ter-se atenção e cuidado ao selecionar os estímulos.

De acordo com Mizael et al. (2016), as pesquisas que se utilizam do paradigma de equivalência têm demonstrado, além da formação das classes de equivalência, o que se chama de transferência de função. A transferência de função implica na transferência de certas funções comportamentais para todos os membros da mesma classe. Como consequência, todos os estímulos de uma mesma classe poderiam evocar a mesma classe de respostas ou evocar os mesmos comportamentos, por exemplo.

Portanto, paradigma de equivalência de estímulos pode auxiliar tanto na explicação de como uma relação pode ter sido estabelecida, como as atitudes podem ser formadas e modificadas, sem que haja uma história de aprendizagem direta e sugerir estratégias para tentar revertê-las ou ressignificá-las (Mizael & de Rose, 2017).

O procedimento de pareamento ao modelo

Durante os experimentos que utilizam o procedimento do pareamento ao modelo, os participantes recebem feedbacks positivos ou negativos de acordo com a sua resposta. Isto é feito para que, ao final do procedimento, desenvolva-se uma classe de estímulos equivalentes. Segundo Sidman (1982), o produto final de uma discriminação condicional é a relação condicional (se, então...) entre o estímulo modelo e o estímulo comparação.

Como um exemplo de pareamento ao modelo, pode-se pensar no processo de ensino. Quando se ensina uma criança a responder vocalmente com a palavra "gato", na presença da palavra escrita "gato", utilizando reforço diferencial, muito provavelmente esta criança será capaz de apontar para a palavra escrita "gato" na presença da palavra falada "gato", sem que esta relação tenha sido diretamente treinada. Um outro termo também têm sido usado para se referir a esses “comportamentos novos”: relações derivadas entre estímulos (Hayes & Barnes, 1997; Dymond & Rehfeldt, 2000; Hayes, Barnes-Holmes & Roche, 2003; e Spradlin, 2003).

Classe de equivalência

Segundo Hall e Chase (1991), uma relação 'R' é equivalente a 'S', contanto que 'S' apresente as propriedades de simetria, transitividade e reflexividade com 'R'. Para tal, compreende-se que propriedades reflexivas dizem respeito à semelhança do estímulo com ele mesmo (A=A), propriedades simétricas envolvem a relação entre um par de estímulos, na qual a ordem pode ser reversível (se A=B, então B=A) e propriedades transitivas dizem respeito a uma relação de semelhança indireta (se A=B e B=C, então A=C) (Mizael et al., 2016).

O emparelhamento com o modelo pode ser realizado pela comparação por identidade, quando há correspondência entre as características físicas do modelo e da comparação; por singularidade, também baseada em características físicas, porém com comparação daquela que mais se difere do modelo e, por fim, por emparelhamento arbitrário ou simbólico. Neste tipo de emparelhamento, as relações são arbitrárias entre os estímulos, sem a necessidade explícita de serem mediadas por uma resposta comum (de Rose, 1993; Sério, Andery, Gioia & Micheletto, 2002).

Assim como respostas são agrupadas em classes de respostas, tendo como critério sua Função, estímulos também são agrupados em classes de estímulos tendo como critério o tipo de relação que existe entre eles. A mais simples dessas são as relações de estímulos formadas por similaridade física ou atributos comuns. A formação destas classes envolve, basicamente, generalização

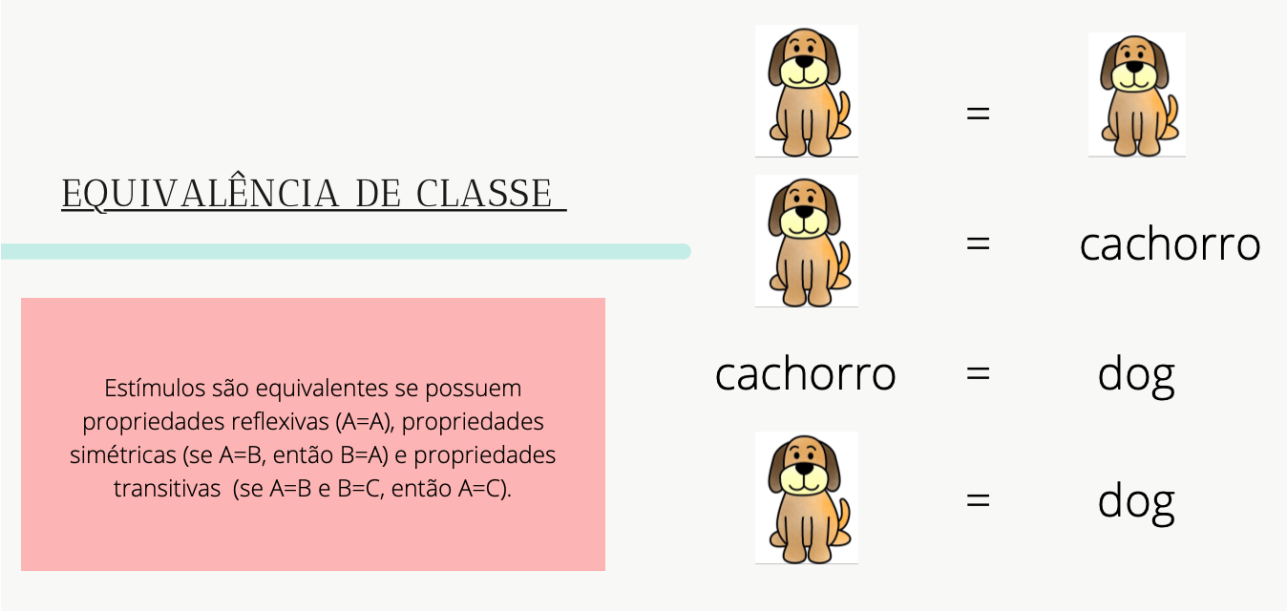
entre os membros da classe e discriminação entre diferentes classes, sendo os limites de cada classe determinados pela Comunidade Verbal (de Rose, 1993).

Um segundo tipo de classe de estímulos são as Classes Funcionais. estímulos que não possuem similaridade física ou atributos comuns, mas que ocasionam a ocorrência de uma resposta comum podem se tornar funcionalmente equivalentes (Catania, 1999; de Rose, 1993; Tonneau, 2001). Segundo Tonneau (2001, p. 4) "equivalência funcional de estímulos é um produto direto do treino comum para estes estímulos". Ainda, uma classe funcional de estímulos não é definida apenas pelo compartilhamento de uma mesma resposta entre os estímulos que a compõem. Para que uma classe de estímulos constitua-se em uma classe funcional deve ser demonstrado que "variáveis aplicadas diretamente sobre um estímulo da classe, têm efeito similar sobre os demais" (de Rose, 1993, p. 288).

Para que seja possível uma visualização do que significa dizer que dois estímulos são equivalentes, apresenta-se a imagem abaixo. Compreende-se, portanto, que a imagem do cachorro é equivalente ao escrito "cachorro", em portugues, e ao escrito "dog", em inglês. Observa-se que a imagem do cachorro possui Propriedades Reflexivas com a outra imagem do cachorro, por serem iguais, o que as torna equivalentes. Além disso, a imagem do cachorro possui Propriedades Simétricas com o escrito "cachorro" em português, considerando que ambos são iguais; se uma pessoa vir a imagem do cachorro, ela pensará no escrito "cachorro" e, se ela vir o escrito "cachorro", ela pensará na imagem do cachorro (Figura 1).

E, por fim, a imagem do cachorro é equivalente ao escrito "cachorro" em portugues, que é equivalente ao escrito "dog", portanto, de maneira indireta, aprende-se a relação de equivalência entre a imagem do cachorro e o escrito "dog", considerando que ambos possuem Propriedades Transitivas.

Figura 1. Exemplo de relações entre estímulos.



Na pesquisa de Sidman (1971), as relações entre estímulos (palavras faladas, palavras escritas e figuras) não são abarcadas por esses dois tipos de classe de estímulos pois eles não compartilhavam nenhum tipo de característica física. A relação entre eles era arbitrária e os grupos de estímulos compartilhavam respostas comuns; no entanto, como definem Tonneau (2001) e de Rose (1993), não é possível entendê-las como uma classe de estímulos funcionalmente equivalentes, pois estas não são produto direto do treino comum para estes estímulos.

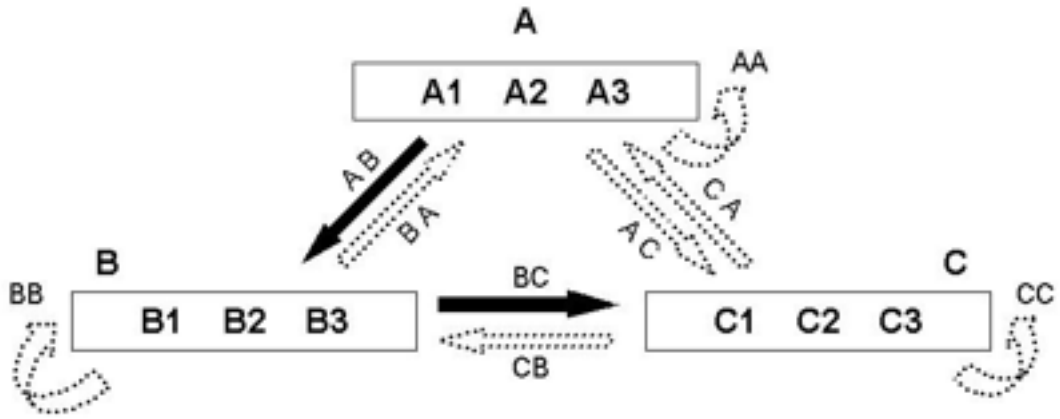
Sidman verificou, portanto, que, além de relações estabelecidas via treino direto, outras relações emergiram sem a necessidade de tal treino e, ainda, estes estímulos são intercambiáveis (Sidman, 1994; Dinsmoor, 1995; e Catania, 1999). As relações emergentes encontradas por Sidman podem ser definidas como relações entre estímulos que emergem como novo comportamento a partir do ensino de outras relações (principalmente relações condicionais) entre estímulos, e não adquiridas a partir de reforçamento diferencial (de Rose, 1993; Catania, 1999).

Sidman e Tailby (1982) propuseram que estímulos que apresentam relações como as descritas acima fariam parte de uma Classe de equivalência de estímulos, propondo ainda que essas classes sejam definidas pela presença das relações emergentes de reflexividade, simetria e transitividade (Catania, 1999; de Rose, 1993; Nalini & Oliveira-Castro, 2003; Sidman & Tailby, 1982; e Sidman, 1994). Classes de equivalência de estímulos (geralmente produzida por discriminação condicional em emparelhamento com o modelo) devem incluir todas as relações possíveis entre seus membros (ver Figura 2). Deve-se acres-

centar que os estímulos que são membros de uma Classe de equivalência também são, provavelmente, funcionalmente equivalentes.

Este modelo básico pode ser estendido para classes com mais de três membros. A Figura abaixo apresenta uma representação esquemática das relações possíveis entre três conjuntos de estímulos com três estímulos cada.

Figura 2. Representação esquemática dos Conjuntos de estímulos (A, B e C). As setas contínuas representam as relações treinadas. As setas tracejadas representam as relações testadas. A direção das setas indica o estímulo modelo e os estímulos comparação (modelo comparações). (Adaptado de Nalini & Oliveira-Castro, 2003, Figura 1).



Sidman e Tailby (1982) propuseram um protocolo rígido e bastante específico para definir equivalência de estímulos. Para se estabelecer três classes de estímulos equivalentes (como mostrado na Figura 2, por exemplo) poder-se-ia (em concordância com os critérios de Sidman) proceder da seguinte forma: primeiro verificar se as relações que serão treinadas/testadas já não fazem parte do repertório do sujeito. Verificado que não, inicia-se o treino discriminativo condicional (MTS) das relações AB, no qual são apresentados para o sujeito os estímulos A1, A2 e A3 como modelos e os estímulos B1, B2 e B3 reforçando diferencialmente as escolhas de B1 quando A1 é apresentado, B2 quando A2 é apresentado e B3 quando A3 é apresentado.

Na Figura 2, estas relações estão representadas pela seta diagonal contínua da esquerda, que liga os conjuntos {A1, A2, A3} e {B1, B2, B3}. Em seguida, passa-se para o treino discriminativo condicional das relações BC, no qual são apresentados como modelos os estímulos B1, B2 e B3 e como comparações os estímulos C1, C2 e C3, reforçando diferencialmente as escolhas de C1 quando B1 é o modelo, C2 quando B2 é o modelo e C3 quando B3 é o modelo. Na Figura 3, estas relações estão representadas pela seta perpendicular contínua

que liga os conjuntos {B1, B2, B3} e {C1, C2, C3}. Ensinadas estas relações (AB e BC), passa-se então para os testes que demonstrarão se estão presentes as propriedades emergentes que definem uma classe de equivalência de estímulos:

Reflexividade (relação de identidade):

Teste AA: são apresentados tanto como estímulos modelos como estímulos de comparação os estímulos A1, A2 e A3, sendo positiva a emergência da reflexividade na ocorrência das relações A1-A1, A2-A2 e A3-A3. Na Figura 3, essas relações estão indicadas pela seta pontilhada curva à direita do conjunto {A1, A2, A3}.

Teste BB: são apresentados tanto como estímulos modelos como estímulos de comparação os estímulos B1, B2 e B3, sendo positiva a emergência da reflexividade na ocorrência das relações B1-B1, B2-B2 e B3-B3. Na Figura 3, essas relações estão indicadas pela seta pontilhada curva à esquerda do conjunto {B1, B2, B3}.

Teste CC: são apresentados tanto como estímulos modelos como estímulos de comparação os estímulos C1, C2 e C3, sendo positiva a emergência da reflexividade na ocorrência das relações C1-C1, C2-C2 e C3-C3. Na Figura 3, essas relações estão indicadas pela seta pontilhada curva à direita do conjunto {C1, C2, C3}.

Simetria (reversibilidade funcional)

Teste BA: são apresentados como modelos os estímulos B1, B2 e B3, e como comparações os estímulos A1, A2 e A3, sendo a emergência da simetria considerada positiva na ocorrência das relações B1-A1, B2-A2 e B3-A3. Na Figura 3, essas relações estão indicadas pela seta pontilhada diagonal à esquerda, que liga os conjuntos {B1, B2, B3} e {A1, A2, A3}.

Teste CB: são apresentados como modelos os estímulos C1, C2 e C3, e como comparações os estímulos B1, B2 e B3, sendo a emergência da simetria considerada positiva na ocorrência das relações C1-B1, C2-B2 e C3-B3. Na Figura 3, essas relações estão indicadas pela reta pontilhada perpendicular, que liga os conjuntos {C1, C2, C3} e {B1, B2, B3}.

Transitividade

Teste AC: são apresentados como modelos os estímulos A1, A2 e A3, e como comparações os estímulos C1, C2 e C3, sendo a emergência da transitividade considerada positiva na ocorrência das relações A1-C1, A2-C2 e A3-C3. Na

Figura 3 essas relações estão indicadas pela seta pontilhada diagonal, que liga os conjuntos {A1, A2, A3} e {C1, C2, C3}.

Equivalência (simetria da transitividade)

No caso positivo da emergência das relações de reflexividade, simetria e transitividade então, uma última relação deve também emergir, que é o teste definitivo da formação de uma classe de equivalência:

Teste CA: são apresentados como modelos os estímulos C1, C2 e C3, e como comparações os estímulos A1, A2 e A3, sendo a emergência da transitividade considerada positiva na ocorrência das relações C1-A1, C2-A2 e C3-A3. Na Figura 3, essas relações estão indicadas pela seta pontilhada diagonal, que liga os conjuntos {C1, C2, C3} e {A1, A2, A3}.

Outro aspecto de extrema relevância que compõe o conceito de Classe de equivalência de estímulos é que, para adição de um novo estímulo em uma classe de equivalência já estabelecida, basta ensinar ao sujeito uma única relação entre o novo membro e qualquer um dos membros já pertencentes à classe.

Após o treino desta relação, todas as outras relações possíveis entre o novo membro e os membros já existentes emergem sem a necessidade de treino direto (de Rose, 1993; Sidman & Tailby, 1982; Sidman, 1994). Considere, por exemplo, a seguinte classe de estímulos equivalentes: {A1, B1, C1}. Ao treinar-se diretamente a relação A1-D1, sendo esta classe uma Classe de equivalência, emergirão a partir do treino desta única relação (A1-D1), as seguintes relações: D1-A1; D1-B1; D1-C1; B1-D1; e C1-D1.

Os achados de Sidman e cols. (1982) produziram um grande impacto entre os analistas do comportamento, pelas possibilidades metodológicas apresentadas, permitindo uma maior precisão na identificação de relações de controle presentes em relações ensinadas (Hübner, 1999), o que permitiu que estudos com seres humanos passassem a ser mais frequentes. No entanto, a principal contribuição dos estudos acima referidos se encontra nas possibilidades empíricas e conceituais para o estudo científico de um fenômeno observado unicamente em humanos: a linguagem, sobretudo no que se entende por significado (Catania, 1999; de Rose, 1993; Sidman, 1994; e Hübner, 1999).

A formação de Classes de equivalência é um aspecto comportamental de fundamental importância na vida de qualquer indivíduo. Se os seres humanos não fossem capazes de formar tais classes, teriam uma enorme dificuldade, por exemplo, de adquirir novos repertórios de comportamentos verbais. A cada nova palavra que lessem, ou ouvissem, teriam que ser treinados direta-

mente a fazer a relação inversa e seria praticamente impossível fazer cálculos matemáticos, pois teríamos que aprender a resolver cada nova expressão que fosse apresentada.

Como ilustração, considere o seguinte exemplo: suponha que você tenha que ensinar a uma criança a relacionar a palavra falada gato (A) à palavra escrita gato (B), e relacioná-la (palavra escrita) ao animal gato (C). Poderia ensiná-la facilmente a relacionar a palavra falada gato à palavra escrita gato reforçando diferencialmente respostas de apontar para a esta palavra na presença da palavra falada gato (relação AB). Em seguida, poderia ensiná-la a relacionar a palavra escrita "gato" ao animal gato, reforçando diferencialmente respostas de apontar para o animal gato na presença da palavra escrita (BC). Ensina-se a criança a relacionar a palavra falada à palavra escrita (AB) e também a palavra escrita ao animal (BC). Não será surpresa se a criança em questão relacionar corretamente, sem ter sido ensinada diretamente, a palavra falada ao animal (AC), a palavra escrita à palavra falada (BA), o animal à palavra escrita (CB) e o animal à palavra falada (CA). Ainda, se ensiná-la a relacionar um gato de pelúcia (D) a, por exemplo, a palavra falada gato, não será surpresa se ela passar a relacionar corretamente o estímulo D aos estímulos B e C, bem como os estímulos B e C ao estímulo D.

A relevância do que Sidman chamou de equivalência de estímulos para a compreensão do comportamento humano complexo é inquestionável, no entanto a natureza do fenômeno (e consequentemente seu controle e previsão) permanece um tanto quanto obscura. A abundância de dados positivos em experimentos com participantes humanos e a escassez de dados positivos em experimentos com não-humanos têm gerado grupos de opiniões diferentes sobre o assunto (Hayes, 1989; Galvão, 1993; Sidman, 1994; Hineline, 1997; Sidman, 2000; Moreira & Coelho, 2003; Spradlin, 2003).

Transferência de função

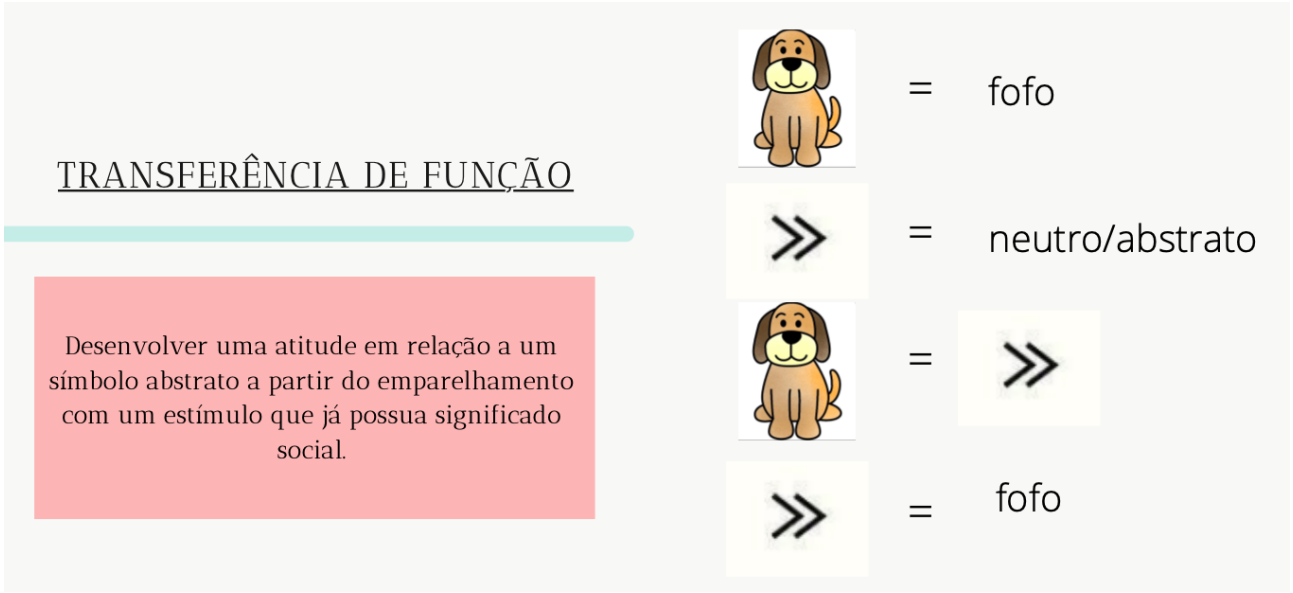
Após compreendido o que é a equivalência de estímulos, busca-se realizar a transferência de função. A fase inicial dos experimentos ensina os participantes a equivalência de estímulos, para que sejam construídas classes de equivalência entre eles e eles recebam o mesmo valor, ou seja, para que os participantes tenham as mesmas atitudes em relação a todos os estímulos de uma mesma classe.

O que acontece no processo de emparelhamento de estímulos é a transferência de Função e Atitude de um estímulo com significado social a um estímulo neutro, sem significado social para o participante. Como citado acima, os estímulos são equivalentes quando possuem propriedades reflexivas, simétricas

e transitivas e, ao possuírem essas propriedades, passam a ter o mesmo sentido evocar os mesmos comportamentos para os participantes, pois houve uma transferência de função de um estímulo ao outro.

Para exemplificar isso, observa-se a imagem abaixo. Como foi dito anteriormente, a imagem do cachorro é equivalente ao escrito “cachorro”, em português, e ao escrito “dog”, em inglês, por possuírem todas as propriedades necessárias. No entanto, percebe-se a possibilidade de Transferir a Função da imagem do cachorro a outra imagem, a partir de emparelhamentos e treinos para ensino das relações.

Se for acrescentada a imagem de um estímulo neutro, ou seja, com o qual o participante não tenha nenhuma atitude em relação, o objetivo, então, passa a ser ensiná-lo as relações de equivalência e auxiliá-lo a transferir a atitude que ele tem em relação ao cachorro para o símbolo abstrato. Como pode-se observar na imagem, a imagem do símbolo abstrato passa a ser eliciar a atitude de “fofo”, após ter sido emparelhado com o estímulo com significado para o participante.



Transferência de função e Escala de Diferencial Semântico: medindo o grau de equivalência

Almeida et. al. (2014), em estudo, investigaram a validade da Escala de Diferencial Semântico com 196 universitários. Para isso, eram apresentadas figuras de faces com diferentes emoções e figuras abstratas, diante das quais os participantes deveriam assinalar, nos 13 pares de adjetivos, o intervalo que melhor se relacionasse com o estímulo apresentado. O intervalo central foi considerado o ponto neutro e quanto mais perto dos intervalos das extremidades, mais fortemente relacionado estaria o estímulo apresentado do adjetivo descrito naquela extremidade.

Os autores encontraram coeficientes de Cronbach aceitáveis, de modo que dois fatores foram identificados, a saber: avaliação que mensura "características inerentes a qualidades físicas e afetivas dos estímulos avaliados" (Almeida et. al. 2014, p. 276) e potência que une a mensuração de atividade e potência dos estímulos. Almeida et. al. (2014) apontaram que a possibilidade de unir os pares em fatores permite medidas quantitativas, o que não seria possível se não houvesse relação entre os itens da escala.

Com esses resultados, destacaram a potencialidade do diferencial semântico para a complementação do Matching-to-Sample, tendo em vista que o diferencial semântico permite uma mensuração das relações de equivalência estabelecidas. A mensuração do grau dessa relação possibilita a quantificação da transferência de funções entre os estímulos de uma classe. Dessa forma, se avaliações similares são observadas nos membros de uma classe, pode-se dizer que os estímulos estão igualmente relacionados. Por outro lado, se essa similaridade não é encontrada, há a possibilidade de que não haja uma igualdade de relação entre os estímulos.

Reversão e reorganização de classes de equivalência

Ao compreender o processo de transferência de função e Atitude que ocorre a partir do emparelhamento de estímulos entre classes de equivalência, faz-se possível compreender o estudo do processo de reorganização de Classe. A reorganização de Classe diz respeito a outro processo de pesquisa utilizado na Análise do Comportamento, com o intuito de investigar a possibilidade de desfazer uma atitude negativa ou positiva sobre um estímulo após emparelhá-lo com outros símbolos.

A técnica de reorganização de classes diz respeito a uma segunda etapa de procedimento neste tipo de experimento. Inicialmente, a pesquisa tem como principal objetivo ensinar os participantes relações de equivalência entre estímulos com significado social e sem significado social, através da transferência de função. Ou seja, busca ensiná-los a transferir as atitudes que eles têm em relação a estímulos com significado aos estímulos que, anteriormente, eram neutros ou abstratos, independentemente do fato das atitudes serem positivas ou negativas. Posteriormente, e é aqui que entra a etapa de Reorganização de Classes, o experimento tem o objetivo de buscar reduzir ou modificar uma atitude já existente em relação a algum estímulo ao emparelhá-lo com outro estímulo que também já possua significado ao participante.

Assim dizendo, são treinadas e ensinadas novas relações de equivalência. Nos estudos e experimentos realizados sobre preconceito, o intuito do ensino destas novas relações é diminuir atitudes negativas que os participantes tenham em relação a algum estímulo ao emparelhá-lo com outro estímulo que tenha significado positivo àquele participante.

Para exemplificar, pode-se analisar a figura abaixo. Como foi observado anteriormente, a imagem do cachorro foi emparelhada com a imagem do símbolo neutro e a atitude positiva que o participante tinha em relação ao cachorro (“fofo”) foi transferida para o símbolo abstrato, através da técnica de Transferência de Atitude.

Agora, com a inserção da etapa de Reorganização de Classes, observa-se que foi adicionada a imagem do patinho, que pode vir a eliciar atitudes negativas no participante (“patinho feio”). O objetivo desta etapa da pesquisa, portanto, é de ensinar ao participante a relação de Classe de equivalência entre o símbolo neutro (que agora possui significado de “fofo” para o participante) e a imagem do patinho (significado de feio para o participante). Após o emparelhamento de um estímulo com significado social negativo (patinho feio) e um estímulo com significado social positivo (símbolo abstrato que havia sido emparelhado com o cachorro anteriormente), busca-se reduzir o preconceito direcionado ao patinho e construir uma nova atitude em relação a ele: patinho fofo.



Expansão de classes de equivalência

Como a pesquisa tem o objetivo de englobar os estímulos em um mesmo grupo e fazer com que eles sejam equivalentes, para que haja a Transferência de Atitude, a união deles é nomeada, portanto, de Classe de equivalência.

Para que seja ensinada a etapa de Reorganização de Classes e modificadas as atitudes já existentes, faz-se necessária a inserção de novos estímulos, que tenham significado social para os participantes. Se o objetivo da pesquisa é reduzir atitudes negativas em relação a determinadas imagens, como, por exemplo, imagens de homens pretos, faz-se necessário o acréscimo de imagens de homens brancos, que imagina-se que seriam avaliados positivamente pelos participantes.

Ao adicionar mais estímulos, realiza-se, portanto, a expansão da Classe de equivalência. Na primeira etapa da pesquisa, de equivalência de estímulos e transferência de função, há um certo número de estímulos, que englobam estímulos neutros e estímulos com significado negativo (que sofrem preconceito). Com a inserção dos estímulos avaliados positivamente, que são emparelhados posteriormente para redução do preconceito, aumenta-se o número de estímulos. O objetivo final é fazer com que todos os estímulos sejam emparelhados e compreendidos como equivalentes. Ao serem entendidos como equivalentes, o valor, ou seja, a atitude dos participantes, será a mesma para todos os estímulos e, se o objetivo da pesquisa for atingido, a atitude positiva de um estímulo reduzirá a atitude negativa dos outros, e diminuirá, desta maneira, o preconceito do participante.

Equivalência de estímulos e preconceito: relatos de pesquisa

Neste capítulo nós apresentaremos pesquisas utilizaram o paradigma de relações de equivalência de estímulos para estudar o preconceito (atitudes).

Watt et al. (1991): Categorização social e equivalência de estímulos

Um estudo conduzido por Watt et al. (1991) utilizou a técnica de Formação de Classes de equivalência para investigar o preconceito direcionado à religiões e a pesquisa foi realizada na Irlanda do Norte, um país culturalmente polarizado, em termos religiosos. Participaram da pesquisa vinte e três estudantes universitários: Doze católicos da Irlanda do Norte, seis protestantes da Irlanda do Norte e cinco ingleses protestantes.

Inicialmente, foi realizado o treinamento da técnica Matching to Sample com esses três grupos de indivíduos e, em seguida, aplicado o experimento, composto pelo Treinamento com Reforço Contínuo, Treinamento com Reforço Intermitente e o Teste. A primeira parte consistiu em ensinar sistematicamente os participantes a relacionar corretamente três nomes católicos (Brendan- A1, Seamus- A2 e Patrick- A3), utilizados como estímulos modelo, com três sílabas arbitrárias (ZID- B1, YIM- B2 e VEK- B3) utilizadas como estímulo de comparação.

Nesse contexto, a escolha correta de cada relação era A1/B1-B2-B3; A2/B1-B2-B3; A3/B1-B2-B3. A cada acerto, a palavra "Correto" aparecia na tela, e a cada erro, a palavra "Incorreto" era sinalizada acompanhada de um som agudo. Em seguida, os indivíduos foram submetidos ao Treino BC, que consistia na apresentação de uma sílaba arbitrária (B) e três símbolos protestantes (C). Por fim, foi ensinado a relação AC entre nomes católicos (A) e símbolos protestantes (C).

Na segunda fase da pesquisa, as combinações de estímulos foram apresentadas de forma aleatória e o participante só conseguia avançar para a próxima etapa da pesquisa ao acertar completamente as relações pois, caso errasse, precisava realizar novamente aquela etapa. Os feedbacks tanto positivos quanto negativos eram dados somente por um período.

A terceira etapa "Teste" consistia em verificar as formações de Classes de equivalência desejadas. Para isso, foram realizados os Testes de Simetria e

Transitividade. É necessário ressaltar que, neste momento, foi adicionado um nome protestante para que fosse possível determinar se haveria interferência na resposta da equivalência. Por fim, foi realizado o Teste de Generalização, no qual um símbolo protestante foi associado a três novos nomes (Eamon-católico, Robert-protestante e llya Galakov-neutro).

Durante essa etapa, não foi fornecido feedback. Os resultados do estudo apontaram que todos os ingleses protestantes formaram relações de Classes de equivalência. Entretanto, os norte-irlandeses protestantes e os católicos norte-irlandeses não estabeleceram as relações esperadas.

Dixon e Lemke (2007): Reduzindo preconceito com pessoas do Oriente Médio como terroristas

Diversos estudos buscam averiguar a possibilidade de reversão ou de modificação de atitudes através da técnica de Reorganização de Classes de equivalência. Como exemplo, podemos citar a pesquisa de Dixon e Lemke (2007), sobre preconceito. Seu estudo buscou estudar atitudes preconceituosas em relação a homens do Oriente Médio e modificar qualquer avaliação negativa relacionada a elas, utilizando o Paradigma de equivalência.

Foram recrutados 12 universitários norte-americanos de etnia branca ou afro-americana, que responderam, inicialmente, um Pré-Teste, no qual avaliaram as imagens dos homens do Oriente Médio, homens americanos e objetos de acordo com uma Escala Likert, com variação de 1 a 10, sendo a avaliação 1 classificada como “mau” e a avaliação 10, classificada como “bom”.

Na segunda fase (Matching-to-Sample), foi realizado o pareamento da relação A-B, no qual os participantes tiveram que relacionar os estímulos e recebiam, como feedback, um som agradável, caso acertassem e um som desagradável, caso errassem. Posteriormente, foi realizado o Treino A-C, no qual C1 dizia respeito às imagens de homens americanos, C2 de objetos e C3 de homens do Oriente Médio. Por fim, foi realizado um treino misto.

Após realizadas as fases de treinamento, foram realizados os Testes de Simetria (B-A e C-A) e de equivalência (B-C e C-B). O Pós-Teste correspondeu a uma re-exposição à Fase 1. Os resultados da pesquisa demonstraram que a aplicação dos treinos de emparelhamento formaram classes de equivalência eficientes para mudança de atitude tanto da percepção inferior e da carga negativa dos indivíduos do Oriente Médio, quanto da percepção de carga positiva dos homens brancos norte-americanos, ou seja, as avaliações que foram anteriormente negativas relativas às fotos de homens do oriente médio passaram a se tornar positivas. E as fotos de homens americanos que foram avalia-

das como mais próximas do “bom”, passaram a ser avaliadas como “mau”, resultando, assim, na formação das Classes de equivalência.

de Carvalho e de Rose (2014): Entendendo atitudes negativas em relação a raça através do Paradigma de equivalência de estímulos

A pesquisa realizada por de Carvalho e de Rose (2014) teve o objetivo de aplicar o Paradigma de equivalência de estímulos relacionado ao preconceito racial e buscar reduzi-lo ao comparar as imagens de rostos de homens negros com símbolos de sinal positivo. Quatro crianças foram selecionadas por apresentarem atitudes negativas direcionadas a homens pretos.

Os estímulos utilizados na pesquisa foram quatro símbolos positivos (o sinal positivo de uma mão) e quadro imagens de símbolos negativos (o sinal negativo de uma mão) - estímulos A, três símbolos abstratos (estímulos B), além de cinco imagens de homens negros e três imagens de homens brancos (estímulos C). As imagens dos rostos dos homens não apresentavam nenhuma expressão, possuíam olhos abertos e lábios fechados.

O procedimento foi dividido em três etapas, Pré-Teste, Treinos e Pós-Teste. Na fase inicial de Pré-Teste, um rosto aparecia no centro da tela e, após 1.5 segundos, dois outros estímulos de comparação, para que o participante clicasse em um deles. Se clicasse no correto, recebia feedback positivo (estrelas na tela e som de palmas) e, caso clicasse no errado, recebia feedback negativo (tela toda preta).

As fases de treino ocorreram com o intuito de ensinar as crianças as relações de equivalência entre os rostos dos homens negros e os símbolos de sinais positivos, porém de maneira indireta. Ou seja, primeiramente ensinava-se a relação de equivalência entre o rosto e um estímulo abstrato e, posteriormente, a relação de equivalência entre o estímulo abstrato e o símbolo positivo. Desta maneira, esperava-se que as crianças, indiretamente, aprendessem a relação de equivalência entre o rosto e o símbolo positivo.

Apesar do procedimento de treinamento das relações entre os rostos dos homens negros e os símbolos positivos, apenas uma das quatro crianças apresentou os resultados esperados, ou seja, reduziu a atitude negativa em relação aos rostos dos homens negros. Além disso, uma das quatro crianças diminuiu sua avaliação em relação aos rostos dos homens brancos, apesar de esta relação não ter sido ensinada diretamente.

Uma possível interpretação para esses resultados é o fato de que as crianças tiveram dificuldade em aprender a transitividade entre os estímulos, assim

dizendo, elas foram capazes de aprender a relação entre A (símbolos positivos e negativos) e B (símbolos abstratos) e a relação entre B (símbolos abstratos) e C (rostos dos homens negros e brancos), porém não conseguiram compreender a relação entre A e C, que deveria ter sido aprendida de forma indireta. No entanto, apesar de os dados não terem corroborado perfeitamente com a hipótese inicial da pesquisa, pode-se considerar que, de certa maneira, o paradigma funcionou, considerando que uma participante aprendeu exatamente as relações ensinadas e, consequentemente, reduziu seu preconceito.

Uma limitação do estudo foi a escolha das imagens dos rostos dos homens, considerando que foram retiradas da internet e, apesar de as quatro crianças participantes terem apresentado, inicialmente, atitudes negativas direcionadas aos rostos dos homens negros, é provável que o uso de imagens mais individuais, com uma escolha mais subjetiva, trouxessem dados mais assertivos.

Portela (2014): Transferência de função e reorganização de classes de equivalência relacionadas com diferentes biotipos

O estudo de Portela (2014) foi realizado com o uso do paradigma de equivalência em um estudo sobre biótipos corporais. A pesquisa teve o objetivo de verificar o efeito do treino de reversão na reorganização de classes de equivalência com estímulos e figuras de silhuetas de diferentes biotipos corporais e foi realizada em duas fases.

O experimento foi realizado por 101 estudantes de ambos os sexos e sua seleção exigia que eles não estivessem cursando Psicologia e nem tivessem familiaridade com o procedimento de pareamento de estímulos.

A Etapa 1 buscou estabelecer classes de equivalência constituídas por três elementos, a partir do treino de três relações condicionais (AC, BC e CD), analisadas pelos Testes de simetria, equivalência e transitividade e consistiu na utilização de dois instrumentos, a "Seleção de Silhuetas", no qual os participantes foram orientados a assinalar apenas um biotipo para cada figura; e a "Seleção de Adjetivos", na qual tinham que assinalar com um "x", em, no mínimo, cinco adjetivos que qualificasse, cada um dos três biotipos.

Na segunda etapa, foram utilizados 45 estímulos visuais, organizados em dez conjuntos, com o objetivo de verificar a formação e a reorganização de classes de equivalência, compostas por figuras abstratas e figuras de silhuetas de três biotipos. A partir da Escala de Diferencial Semântico (EDS), foi avaliada a transferência de função entre figuras de silhuetas e símbolos abstratos.

Os estímulos utilizados pela pesquisadora, foram: Formas geométricas (X e Y); silhuetas de biotipos femininos (A: magro, normal e obeso); Figuras abstratas B, C e D; Desenhos (F, G, H) e Adjetivos (E). Foram treinadas, na Fase 1, com um procedimento de pareamento ao modelo as relações AC BC e CD (A1B1, A2B2, A3B3, B1C1, B2C2, B3C3, C1D1, C2B2, C3B3) e testadas as relações CA CB CD.

A Escala de Diferencial Semântico (EDS) foi aplicada para os estímulos (A11, A21e A31, D1, D2 e D3) em três momentos: no início do estudo, no final da Etapa 1 e após a Etapa 2. Essa escala foi utilizada para verificar se houve a Transferência de significado entre as silhuetas (A) e os estímulos abstratos (D). Na Etapa 1, verificou-se que os participantes do Grupo Experimental e Controle obtiveram desempenhos nos treinos das relações AC, BC e CD, com quase nenhum erro e foram expostos a apenas uma sessão de treino de cada relação. Ainda, foi possível observar que em ambos os grupos houve a formação da classe de equivalência (Portela, 2014).

Por fim, como conclusão, notou-se que mesmo após um treino de reversão de classes, o conceito de obesidade não demonstrou mudanças. Isso pode se dar pelo fato de que quando estímulos com significados já socialmente estabelecidos fazem parte da formação de conceitos, as relações estabelecidas tendem a dificultar a formação de novas relações condicionais. Sendo assim, ocorre uma resistência à mudança das classes que são formadas por um contexto social. Por fim, o estudo conclui que o experimento não foi suficiente o bastante para a mudança de atitude.

Santos e de Rose (2017)

A pesquisa realizada por Santos e de Rose (2017), com crianças, teve o intuito de investigar se a atitude das mesmas em relação a figuras de personagens infantis, avaliados de maneira positiva e negativa, influenciaria suas escolhas e preferências alimentares, se figuras destas estivessem nos rótulos das embalagens. Seus resultados corroboraram a teoria.

Participaram da pesquisa onze crianças, de cinco e seis anos e ela foi realizada em quatro etapas, o Pré-Teste, realizado para determinação dos estímulos que foram utilizados na pesquisa (figuras dos personagens avaliados positiva e negativamente), a fase de Treinos AB-BA (relação de simetria entre as figuras dos personagens e símbolos abstratos), a fase de Testes BC (relação de simetria entre dois grupos de símbolos abstratos) e Testes de Transitividade AC-CA (relação entre as figuras dos personagens e os segundo grupo de símbolos abstratos) e, por fim, o Teste de Escolha e Preferência Alimentar (relação

entre os estímulos previamente avaliados - personagens de desenho - e os alimentos). Após duas semanas, foi realizado o Teste de Manutenção de Classe.

Dentre os dados apresentados, após o Teste 1, as crianças disseram gostar mais dos alimentos associados ao personagem avaliado positivamente, bem como, após emparelhar os personagens com símbolos abstratos (Teste 2), as crianças também disseram gostar mais do alimento que estava com o rótulo do símbolo previamente associado ao personagem positivo. Além disso, o Teste de Manutenção de Classe mostrou que os dados foram mantidos, mesmo após um tempo da pesquisa, o que pode trazer a conclusão de que o processo não só funcionou como também foi mantido e as atitudes das crianças, modificadas.

Rosendo e Melo (2018): transferência de função e Reorganização de Classes de equivalência Relacionadas a Gênero e Profissões

Outra pesquisa importante a ser abordada é a de Rosendo e Melo (2018), realizada no intuito de estudar a transferência de função e Reorganização de Classes de equivalência relacionadas a gênero e profissões. A investigação teve como foco o efeito de Treinos de Reorganização de Classes com profissões relacionadas aos gêneros masculino e feminino (conjunto A), três conjuntos de figuras abstratas (conjuntos B, C e D) e adjetivos (conjunto E).

O estudo foi realizado com 48 participantes, sendo 24 homens e 24 mulheres, com idades entre 18 e 33 anos. Para este determinado estudo, dezesseis sujeitos estavam matriculados em disciplinas de Introdução à Psicologia e os outros trinta e dois eram de cursos diversos e todos cumpriram o requisito de não possuírem um contato anterior em participação em pesquisa que utilizaram o procedimento de pareamento ao modelo. Esses participantes foram divididos em quatro grupos de pesquisa, dois experimentais e dois controles.

A autora utilizou um grupamento de 33 estímulos visuais organizados em 7 conjuntos. Dois com figuras familiares (formas geométricas), dois com palavras impressas, sendo um referente a profissões, um conjunto formado por palavras classificadas na língua portuguesa como adjetivos e outros três de figuras abstratas (símbolos) em preto e branco. Foi realizado a partir de uma sequência de treinos e testes, dividido em três etapas: Pré- treino, Etapa 1- formação de classes de equivalência e Etapa 2- reorganização de classes. É importante salientar que desses dois grupos experimentais, apenas um foi exposto ao treino de reversão de duas relações condicionais após a formação de classe de equivalência.

Anteriormente à realização do experimento, foram aplicados dois instrumentos: Diferencial Semântico e o IRAP (Implicit Relational Assessment Procedure, em português, Procedimento de Avaliação Relacional Implícito), com o objetivo de obter a avaliação dos participantes em relação aos estímulos utilizados na pesquisa.

O procedimento foi constituído de duas etapas: Etapa 1, Pré-Treino da tarefa de discriminação condicional e sequência de treinos para a formação das classes de equivalência (Pré-Treino, Treinos AC, BC e CD, Treino Misto e Testes de Formação de Classes de equivalência); Etapa 2, reorganização de classes (Treino CDr e EDr, Treino Misto e Testes de Reorganização de Classes). Ambos os grupos experimentais foram expostos à Etapa 1, sendo que apenas o Grupo Experimental 1 foi exposto a Etapa 2 e o Grupo Controle realizou apenas o Diferencial Semântico (Rosendo & Melo, 2018).

A Etapa 2 ocorreu para reorganização de classes e foi realizada apenas pelo Grupo Experimental 1, para comparação dos resultados da Etapa 1 (realizada por ambos os grupos experimentais) com os resultados da Etapa 2 (realizada apenas pelo Grupo Experimental 1). Nesta etapa ocorreram os Treinos de Reorganização CD e ED, Treino Misto e Testes de Reorganização de Classes. O Treino de Reorganização ED buscou identificar se houve o emparelhamento AD, de maneira transitiva, apenas com a apresentação da relação AC e CD na Etapa 1.

O experimento teve o objetivo de avaliar a Formação e Reorganização das Classes de equivalência formadas entre os estímulos com história pré-experimental (profissões, gêneros e adjetivos) e estímulos sem história pré-experimental (símbolos abstratos). No processo de formação de classes, avalia-se se o participante fez associação entre a profissão e os símbolos abstratos. Posteriormente, na Etapa 2 foi avaliada a capacidade de reorganização de classes, ou seja, avaliar se o participante conseguiu associar a profissão com outro símbolo e adjetivo.

Dessa forma, procura-se avaliar se é possível modificar a atitude do sujeito em relação ao estímulo com o qual ele já possuía uma atitude pré-experimental. O experimento avaliou se houve o ensino das relações de simetria, transitividade e equivalência, após o treino das relações condicionais (A1=B1; A2=B2).

Posteriormente, avaliou-se se ocorreu a transferência de função do estímulo com significado social para o estímulo abstrato, ao aplicar a escala de diferencial semântico antes e depois dos treinos e compará-las. Por fim, avalia-se se ocorreu a reorganização das classes ao realizar novos testes, avaliando nova-

mente as relações de simetria, transitividade e equivalência entre outros estímulos (A2=B1; A1=B2).

Foi concluído que os participantes dos grupos experimentais atingiram o critério de formação das três classes de equivalência expostas e que o procedimento é eficaz para questões sociais de gênero. Entretanto, as classes não foram totalmente reorganizadas, apesar da utilização dos procedimentos e dos treinos. Os resultados identificaram que há a necessidade de aprimoração dos controles metodológicos para verificar a história pré-experimental dos estímulos utilizados e a quantidade de relações revertidas (Rosendo & Melo, 2018).

Proença (2019): Efeito de diferentes estímulos visuais de temas religiosos sobre a atitude medida a partir de uma escala semântica

Diante do cenário de intolerância religiosa relativo a religiões de matrizes africanas, diversas pesquisas voltaram-se para estudar este fenômeno justamente para tentar entender mais profundamente os motivos que a propiciam. No Brasil, ainda não foram realizadas pesquisas semelhantes a de Watt et al. (1991) em que se aplica um procedimento de pareamento com o modelo para verificar mudanças de atitudes preconceituosas relacionadas à religião. Portanto, o estudo que mais se aproxima é o de Proença (2019), que buscou analisar as atitudes dos indivíduos diante da apresentação de diferentes estímulos visuais religiosos.

Nessa pesquisa, participaram 52 indivíduos, divididos entre a primeira amostra, que continha 23 residentes na Bahia e a segunda, com 29 residentes no Distrito Federal. Os estímulos utilizados foram 30 figuras, divididas entre figuras relacionadas à religião católicas, ao candomblé e imagens não vinculadas à religião categorizadas como: vestimenta, local, culto, símbolo e objetos religiosos ou não. O critério de seleção das imagens era, unicamente, a necessidade de possuir alguma similaridade visual.

O experimento consistiu em responder, primeiramente, um questionário sociodemográfico. Posteriormente, os participantes eram direcionados à seguinte página, na qual eram expostas a uma imagem, acompanhada de uma Escala Likert de três pontos negativos a três pontos positivos. Os participantes precisavam escolher o ponto em que acreditavam que suas avaliações em relação aos estímulos se encontravam, de acordo com os 6 pares de palavras: Agradável/desagradável;Sombrio/luminoso; Limpo/sujo; Duvidoso/confiável; Poderoso/impotente e Profano/sagrado. Ao responder necessariamente todos os campos do questionário, o participante era direcionado para uma nova seção com outra figura até que fossem avaliadas todas as imagens.

O mesmo procedimento foi aplicado tanto para a amostra de participantes da BA (Experimento 1) quanto para a amostra dos participantes do DF (Experimento 2). No Experimento 1, as avaliações referentes às imagens do Candomblé foram significativamente mais positivas nas categorias: culto, símbolo e objeto. Além disso, os dados apontaram que a utilização de palavras como Duvidoso/confiável, Impotente/poderoso, Profano/sagrado não seriam as mais adequadas para analisar o efeito de diferentes estímulos visuais sobre a atitude, visto que essas palavras permitiram uma avaliação neutra das imagens.

A neutralidade das avaliações das imagens do Candomblé nos resultados do Experimento 2 chamaram atenção, o que pode ser um fator influente na conclusão de que diferentes estímulos visuais religiosos tendem a apresentar uma mesma atitude quando avaliados por uma escala semântica. Diferentemente do experimento 1, a amostra dois avaliou mais positivamente imagens católicas do que imagens do Candomblé. Esse fato ocorre especificamente por essa população sofrer menos influência da cultura africana. Na conclusão, o pesquisador sugere, como recomendação para próximas pesquisas, que sejam utilizadas imagens que apresentaram maior variabilidade.

Eilertsen e Arntzen (2020): Uso de estímulos dolorosos para explorar a transferência de função

Por fim, um estudo de extrema importância nesta área de pesquisa foi o realizado por Eilertsen e Arntzen (2020). Os objetivos da pesquisa foram de investigar se o procedimento de avaliação de um estímulo poderia ser utilizado para selecionar estímulos específicos para cada participante, baseando-se nas avaliações fornecidas por eles; bem como verificar se as avaliações específicas poderiam sofrer transferência para estímulos de classes equivalentes e estudar se os participantes evitariam escolher as garrafas rotuladas com estímulos que possuíam a mesma classe de equivalência que imagens com diferentes dores percebidas.

Participaram deste estudo 15 estudantes, que deveriam avaliar, em uma escala de 1 (não doloroso) a 5 (extremamente doloroso), o grau de dor de seis estímulos que apresentavam imagens de injeções em diferentes partes de uma mão humana. Os conjuntos A, B e C consistiam em figuras abstratas (cada conjunto com 3 figuras), enquanto D1, era a imagem com maior escore avaliada pelo participante, D2 era imagem com menor escore avaliada pelo participante e D3 era uma imagem de um cotonete sendo pressionado contra uma mão esquerda. O estímulo D3 foi o mesmo para todos os participantes.

O procedimento foi constituído de 7 etapas: (1) avaliação das injeções; (2) treinamento das discriminações condicionais; (3) teste de relações emergentes; (4) treinamento de expansão de classe com três novas discriminações condicionais; (5) teste de relações emergentes; (6) teste de escolha; (7) avaliação do estímulo B.

Os resultados apontaram que a maioria dos participantes evitou a escolha da garrafa B1, que havia sido emparelhada com a imagem avaliada como mais dolorosa. Desta maneira, pode-se observar que ocorreu transferência de função de um estímulo ao outro. Um fator de limitação desta pesquisa e recomendação para próximas diz respeito à escolha dos estímulos utilizados. Esta pesquisa utilizou estímulos padrões para todos os participantes, porém se houver a escolha dos estímulos de maneira individual, os resultados provavelmente serão muito mais precisos, considerando que cada indivíduo avalia imagens de forma variada e possui níveis de tolerância de dor diferentes.

Experimento 2: transferência de função e mudança de atitude relacionada ao vestuários da mulher

Pesquisadora responsável: Wannessa da Silva Souza

Introdução

Uma pesquisa, realizada em 2014 pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), revelou que 26% das pessoas entrevistadas concordam com a afirmativa "mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas", o que causou uma grande pressão social, resultando na criação da campanha virtual "Não mereço ser estuprada" pela jornalista Nana Queiroz. Portanto, é de se ponderar um percentual expressivo diante de uma frase tão discriminatória, que culpabiliza a vítima ao invés do agressor e incita o ódio (Ferreira & Aragão, 2015).

O preconceito contra a mulher tem sido estudado sob a ótica da Análise do Comportamento. Analistas do comportamento têm definido o preconceito com base no paradigma de equivalência de estímulo, que se apresenta como uma forma experimental, analisada no laboratório, de simular a aquisição de comportamentos simbólicos e, em algumas situações, como estímulos que sem similaridades físicas tornam-se substituíveis entre si (Sidman & Tailby, 1982; Sidman, 1994).

Dito isso, o presente artigo, como objetivo, buscou compreender como é concebido o preconceito em termos analítico-comportamentais e qual a relação dessa concepção com o paradigma de equivalência, tendo a mulher como o centro do objeto de pesquisa.

Este estudo foi composto por uma pesquisa online com 5 participantes, que continha uma avaliação com diferencial semântico, contendo uma parte com ensino das relações AB e AC , testes de simetria e equivalência, para verificar se houve a formação de classe de equivalência, e, então, refazer a parte de diferencial semântico para verificar se houve a transferência de função.

Método

Delineamento experimental

O delineamento de pesquisa é o de sujeito único (intra sujeito), no qual o mesmo participante passa por todas as etapas do experimento e a análise de dados ocorre a partir da comparação do sujeito na fase de linha de base (Pré-Teste) e ao final do experimento (Pós-Teste), para avaliar se houve mudança no comportamento.

A variável independente é o que é manipulado no experimento, portanto, neste experimento, foi o procedimento de ensino das relações, o treino de relações de simetria, transitividade e equivalência. A variável dependente é o que sofre influências e o que é medido na pesquisa. Sendo assim, as três variáveis dependentes desta pesquisa foram a formação, transferência e reorganização de classes.

Participantes

Os participantes do experimento foram seis homens selecionados por conveniência. O convite da pesquisa foi enviado pelo aplicativo Whatsapp.

Procedimentos éticos

O experimento foi iniciado após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética do UniCEUB e a entrega dos TCLEs (Termos de Consentimento Livre e Esclarecido) às participantes, que foram lidos e assinados por elas. Posteriormente, após a entrega dos TCLEs assinados, foram definidos horário e data para a realização do experimento.

Local

Levando-se em consideração a pandemia da COVID-19 e o isolamento social demandado no ano da realização da pesquisa, o experimento foi realizado de maneira remota, via Google Meet. As participantes encontravam-se em seus ambientes domésticos e realizaram o procedimento com seus computadores pessoais.

Recursos utilizados para a realização da pesquisa

Software para interação com os participantes. Como a pesquisa foi realizada remotamente, com participantes e pesquisadores em suas respectivas residências, utilizou-se o software Google Meet para a interação da pesquisadora com as participantes. O Google Meet permite conversação online com áudio e vídeo e o envio de mensagens de texto via chat.

Software de coleta de dado. O experimento foi construído e realizado através da plataforma walden4.com.br/laec (software desenvolvido pelo professor Márcio Borges Moreira). O software estava programado para apresentar as tentativas e feedbacks de maneira automática e randomizada, de acordo com cada etapa do experimento. O software também registrou todos os dados coletados.

Vídeos instrucionais. As instruções sobre o procedimento foram apresentadas aos participantes utilizando-se vídeos de animação (Figura 1). Os vídeos foram desenvolvidos na plataforma Vyond (www.vyond.com/). Nesta plataforma, é possível adicionar personagens e elementos de cenário para construir cenas de um vídeo. Além disso, é possível criar as falas dos personagens a partir de textos inseridos nas cenas (tecnologia text-to-speech).

Nos vídeos, uma personagem chamada Gabriela apresenta-se como assistente de pesquisa e informa ao participante que ela irá acompanhar ele ao longo do experimento. Em seguida, Gabriela apresenta as instruções que o participante deve seguir para realizar as tarefas experimentais.

Figura 1. Exemplo de um quadro, um instantâneo ("snapshot"), de um vídeo instrucional.



Imagens. Para a realização da pesquisa foram utilizadas 11 imagens. Duas imagens foram utilizadas com feedback para os participantes (Figura 2) e

nove imagens foram utilizadas para a formação das classes de equivalência de estímulo (Figura 3). Foram utilizadas como feedback para os participantes duas figuras: um "check" verde, utilizado para sinalizar acerto e um "X" vermelho para sinalizar erro.

As imagens utilizadas para a formação das classes de equivalência foram: a) duas fotografias de pessoas anônimas andando de patins (imagens A1 e A2); e b) sete figuras abstratas extraídas de Eilertsen e Arntzen (2020) (A3, B1, B2, B3, C1, C2 e C3).

Figura 2. Imagens utilizadas como feedback no Experimento 2.

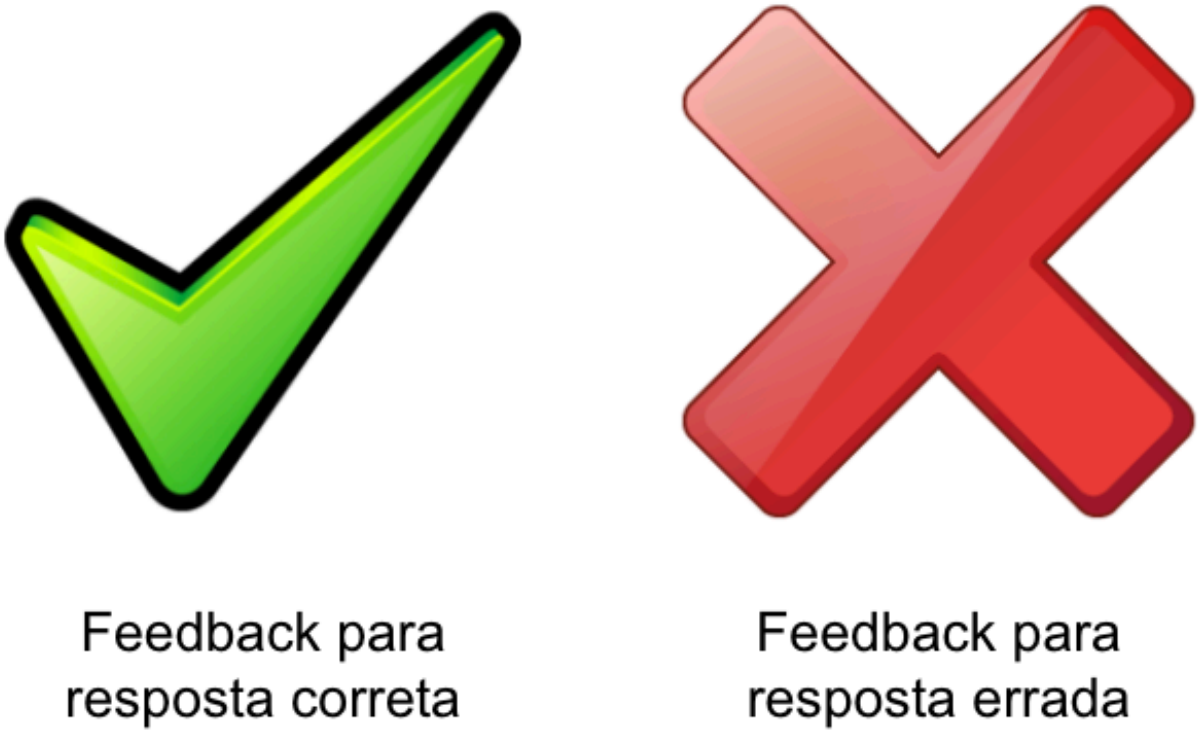


Figura 3. Imagens utilizadas para a formação das classes de equivalência no Experimento 2.



Escala de Diferencial Semântico. Para a realização do experimento foi utilizada uma Escala de Diferencial Semântico (EDS; de Rose & Bortoloti, 2007). A EDS era composta por treze pares de adjetivos bipolares, sendo eles: Triste/Alegre, Relaxado/Tenso, Áspero/Liso, Lento/Rápido, Bonito/Feio, Leve/Pesado, Negativo/Positivo, Ativo/Passivo, Macio/Duro, Mau/Bom, Agradável/Desagradável, Pobre/Rico e Dominante/Submisso.

Procedimento de coleta de dados

A coleta de dados foi dividida em 7 condições experimentais, realizadas nessa sequência:

1. Pré-teste
2. Treino AB/AC 100%
3. Treino AB/AC 80%
4. Treino AB/AC 20%
5. Treino AB/AC 0%
6. Teste de Simetria, Transitividade e Equivalência
7. Pós-Teste

Para conduzir o participante ao longo do experimento, a pesquisadora apresenta instruções sobre como acessar o software utilizando uma vídeo-chamada no Google Meet. As instruções eram apresentadas oralmente e em texto, via chat. Resumidamente, a pesquisadora:

1. Enviava o link para o software via chat;
2. Solicitava que o participante acesse o software;
3. Solicitava ao participante que clicasse sobre o botão que abria o experimento (havia vários experimentos disponíveis na página inicial)
4. Solicitava ao participante que seleciona-se em uma lista o rótulo Participante 1 (ou 2, ou 3, etc.);
5. Solicitava ao participante que selecionasse a condição experimental que seria executada;
6. Solicitava ao participante que clicasse no botão iniciar;
7. Informava ao participante que ela, a pesquisadora, iria desligar a sua câmera e o seu microfone, retornando apenas após a conclusão da tarefa (da condição experimental).

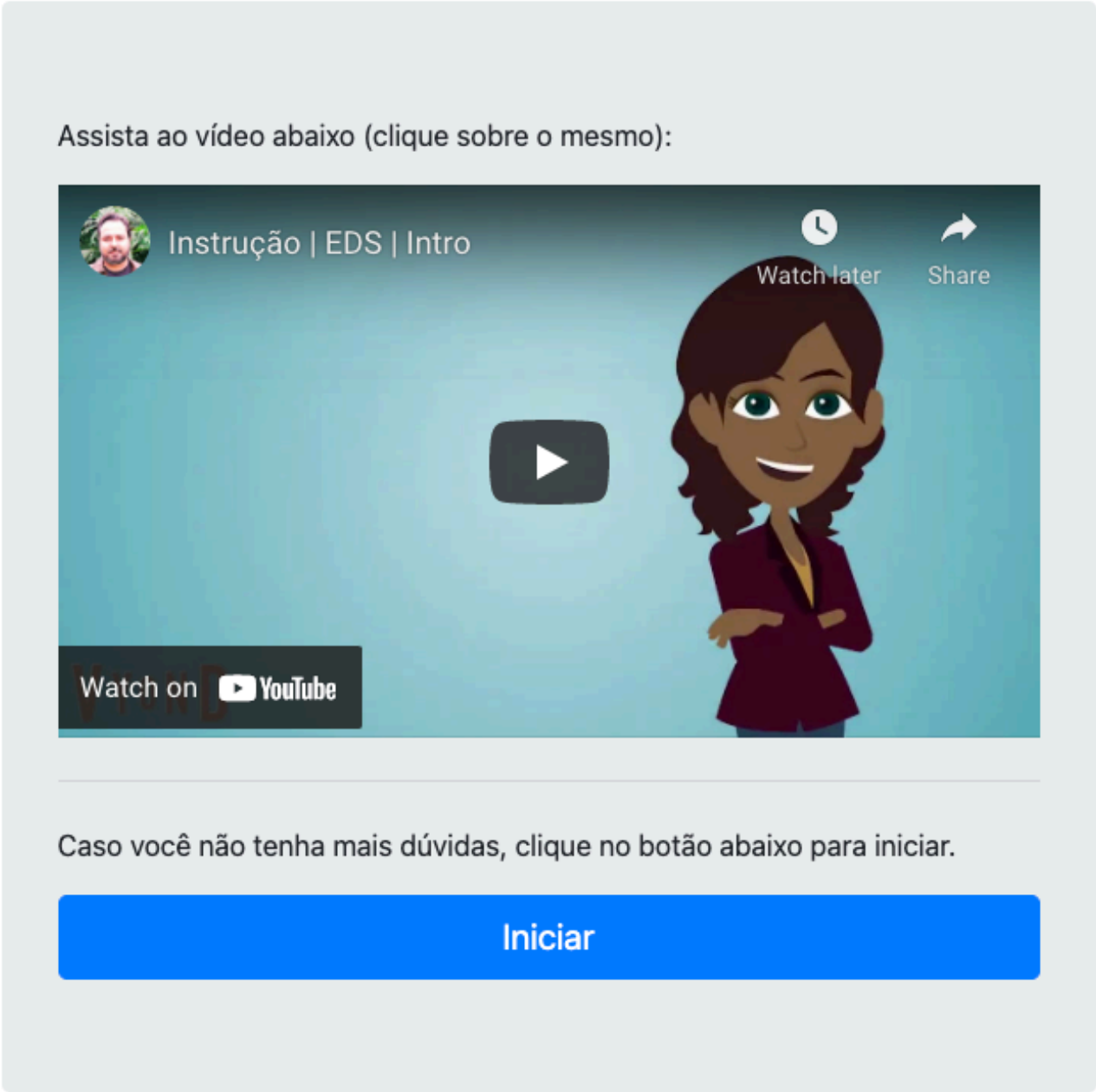
Pré-Teste

O Pré-teste foi realizado com objetivo de obter dados de linha de base das avaliações dos participantes em relação às imagens utilizadas na pesquisa

(ver Figura 3). No Pré-teste, os participantes avaliaram, com uma Escala de Diferencial Semântico, as imagens nesta ordem: A1, A2, A3, B1, B2, B3, C1, C2 e C3.

O Pré-teste iniciava-se com a apresentação de instruções sobre a tarefa. A instrução era apresentada na forma de um vídeo de animação (Vídeo 1). A Figura 4 mostra a tela na qual o vídeo era apresentado. O botão "Iniciar", mostrado na Figura 4, aparecia na tela 15 segundos após a abertura da mesma. Esse atraso para a apresentação do botão "Iniciar" foi adicionado para diminuir a probabilidade do participante clicar sobre o mesmo antes de iniciar a reprodução do vídeo. Para iniciar a reprodução do vídeo, o participante deveria clicar no botão "play" no centro do vídeo.

Figura 4. Imagem do vídeo de instrução.



Vídeo 1. Vídeo apresentado para o participante com instruções relacionadas à execução do Pré-teste.

https://www.youtube.com/watch?v=yQC8UxhFst4

O texto utilizado no Vídeo 1 foi o seguinte:

"Olá, meu nome é Gabriela. Eu sou sua assistente de pesquisa e vou auxiliar você ao longo desta pesquisa. Muito obrigado por ter aceitado nosso convite, sua participação é muito importante para nós. Nesta etapa da pesquisa, você

encontrará figuras no lado esquerdo de cada uma das páginas seguintes. Ao lado de cada figura, haverá pares de adjetivos sendo um adjetivo de sentido oposto ao outro. Sua tarefa será avaliar cada figura com base nos pares de adjetivos. Para isso, observe primeiramente a figura. Esta figura, por exemplo, pode, de maneira geral, ser entendida como bonita ou feia. Se você achar que esta figura é extremamente bonita, coloque a bolinha próxima ao adjetivo "bonito", assim: {personagem demonstra como fazer}. Se achar que é extremamente feia, coloque a bolinha próxima ao adjetivo "feio" assim: {personagem demonstra como fazer}. Se achar a figura regularmente bonita, coloque a bolinha um pouco menos próxima do adjetivo "bonito", assim: {personagem demonstra como fazer}; e se achar a figura regularmente feia, coloque a bolinha um pouco menos próxima do adjetivo "feio", assim: : {personagem demonstra como fazer}; e se você considerar a figura levemente bonita, desloque é bolinha um pouco além do centro da escala em direção ao adjetivo "bonito", assim: {personagem demonstra como fazer}; e se você julgar a figura levemente feia, desloque a bolinha um pouco além do centro da escala em direção ao adjetivo "feio", assim: {personagem demonstra como fazer}. Caso você ache que a figura não tem nada a ver com um determinado par de adjetivos, ou tem relação tanto com um quanto com o outro, deixe a bolinha no centro, assim: {personagem demonstra como fazer}. Após um determinado tempo, aparecerá na tela um botão para ir para a próxima figura, assim: {personagem demonstra como fazer}. Ao finalizar a avaliação da figura com todos os pares de adjetivos, clique no botão para prosseguir para a próxima figura a ser avaliada, assim: {personagem demonstra como fazer}. Avalie cada figura com todos os pares de adjetivos. Não se preocupe em acertar ou errar, porque não há uma resposta certa ou errada. Procure ser sincero. Para iniciar a tarefa, clique no botão iniciar, abaixo deste vídeo. Vamos lá?"

Após ter assistido ao vídeo, o participante deveria clicar no botão "Iniciar". Após clicar neste botão, iniciavam-se as avaliações das imagens. As avaliações foram realizadas na forma de tentativas discretas. Foram realizadas, no total, 9 tentativas, sendo cada imagem avaliada em uma tentativa. Cada tentativa iniciava-se com a apresentação de uma imagem no canto esquerdo superior da tela do computador e da Escala de Diferencial Semântico no canto direito superior da tela, conforme apresentado na Figura 4. Na segunda etapa do experimento, de Reorganização de Classes, foram realizadas 12 tentativas.

O botão "Próximo", mostrado na Figura 5, não estava presente no início da tentativa. Este botão aparecia na tela 15 segundos depois do início da tentativa. Clique neste botão iniciavam uma nova tentativa. Por esta razão, foi inserido no procedimento o atraso de 15 segundos para a apresentação para di-

minuir a probabilidade do participante clicar no botão logo no início da tentativa, sem realizar as avaliações das imagens.

Figura 5. Exemplo de tentativa do Pré-teste - Avaliação das imagens com escala de diferencial semântico.



Para avaliar cada imagem, o participante deveria, com o mouse do computador, mover a "bolinha" de cada barra de deslizar (slide-bar) para a esquerda ou para a direita (ou deixar a "bolinha" no meio para uma avaliação neutra). A cor azul da barra de deslizar indicava o quanto da mesma estava preenchida. Por exemplo, caso o participante movesse o "bolinha" para a extremidade direita da barra, a mesma ficava toda da cor azul.

Na instrução da tarefa, o participante era informado de que quanto mais próxima a "bolinha" estivesse próxima do adjetivo do lado direito ou esquerdo, mais ele estaria relacionado a imagem ao adjetivo. O participante também era informado de que ele deveria avaliar cada imagem com todos os pares de adjetivos.

A Escala de Diferencial Semântico originalmente é utilizada com sete pontos, sendo que o participante deve marcar um "X" no ponto que melhor representa sua avaliação:

mau :__:__: __:__:__:__:__: bom

Nesta pesquisa, nós utilizamos uma versão modificada da EDS, utilizando a barra de slide (Figura 4). O slide poderia ser posicionado em valores de 0 (totalmente à esquerda) a 100 (totalmente à direita). À medida que a "bolinha" do slide era movimentada, a área azul da barra de slide aumentava (ficava totalmente azul com a "bolinha" totalmente à direita) ou diminuía (ficava totalmente cinza com a "bolinha" totalmente à direita).

A opção de utilizar a barra de slide deu-se, inicialmente, para que se pudesse manipular a cor dos adjetivos à medida que houvesse alteração na barra de slide: quanto mais próxima a "bolinha" de uma adjetivo, mais ele ficaria na cor preta e o seu par ficaria mais claro (até desaparecer nos extremos da escala). Por um problema técnico, no entanto, não foi possível efetivar esta manipulação nos adjetivos.

O uso da barra de slides foi inspirado em pesquisas sobre aliança terapêutica que utilizaram escalas de analogia visual (Campbell & Hemsley, 2009; Duncan; 2012; Duncan et al., 2003).

Após realizar as avaliações com todos os pares de adjetivos, o participante deveria clicar no botão "Próximo". Ao clicar no botão "Próximo", a imagem e a escala eram retiradas da tela, que permanecia em branco por 1,5 segundo - intervalo entre tentativas. Ao final do intervalo entre tentativas, uma nova tentativa era iniciada.

Ao final do Pré-teste, assim como ao final de condição experimental, a pesquisadora abria sua câmera e microfone e instruia o participante sobre como acessar a próxima condição experimental (ou finalizar a sessão após a última sessão experimental).

Treino AB/AC 100%

A condição experimental Treino AB/AC 100% foi realizada com o objetivo de ensinar discriminações condicionais entre: 1) as imagens do conjunto A (A1, A2 e A3) e as imagens do conjunto B (B1, B2 e B3); e 2) as imagens do conjunto A (A1, A2 e A3) e as imagens do conjunto C (C1, C2 e C3). Dito de outra forma, o Treino AB/AC 100% teve como objetivo ensinar as seguintes relações condicionais: A1/B1-B2-B3, A2/B1-B2-B3, A3/B1-B2-B3, A1/C1-C2-C3, A2/C1-C2-C3 e A3/C1-C2-C3 - a sigla em negrito representa o estímulo con-

dicional (estímulo modelo); as outras três siglas representam os estímulo de comparação; e a sigla sublinhada indica o estímulo de comparação relacionado ao estímulo modelo.

O Treino AB/AC 100% iniciava com apresentação das instruções sobre a tarefa na forma de um vídeo de animação, assim como foi feito para o Pré-teste. O vídeo de instruções do Treino AB/AC 100% pode ser acessado pelo link do Vídeo 2.

Vídeo 2. Vídeo apresentado para o participante com instruções relacionadas à execução do Treino AB/AC 100%.

https://www.youtube.com/watch?v=L-DKkT5wIwk

O texto utilizado no Vídeo 2 foi o seguinte:

"Olá. Para dar continuidade à pesquisa, vamos fazer agora outra tarefa. Esta tarefa é uma tarefa de aprendizagem e não requer conhecimento prévio em informática. Em resumo, você deve clicar em algumas figuras que aparecerão na tela. O objetivo é acertar o máximo possível. Quando você mover o ponteiro do mouse sobre a figura no meio da tela, e clicar nela, mais figuras serão mostradas na tela após algum tempo. Além disso, a figura na qual você clicou irá desaparecer. Assim: {personagem demonstra como fazer}. Os cliques com o mouse nas figuras corretas serão seguidos por uma imagem demonstrando que você acertou. Assim: {personagem demonstra como fazer}. Ao clicar em uma das figuras erradas, aparecerá na tela uma imagem indicando que você errou. Assim: {personagem demonstra como fazer}. É assim, através dessas imagens, que você descobre o que é certo e o que é errado. Depois de um tempo, você não será mais notificado se está correto ou errado o que você clicar - não haverá mais as imagens após clicar nas figuras. Assim: {personagem demonstra como fazer}. Sempre será necessário clicar na figura do meio antes de clicar nas que estão ao redor dela. Mesmo não havendo mais sinalização de acerto ou erro, continue sempre tentando acertar o máximo possível. Se você tiver ficado com alguma dúvida, você pode voltar este vídeo para o início para assisti-lo novamente. Para iniciar a tarefa, clique no botão iniciar, abaixo deste vídeo. Vamos lá?"

Após ter assistido ao vídeo, o participante deveria clicar no botão "Iniciar". Após clicar neste botão, iniciava a tarefa do Treino AB/AC 100%. O procedimento utilizado na tarefa do Treino AB/AC 100% é chamado de pareamento ao modelo simultâneo (matching to sample, MTS). O procedimento é simultâneo porque o estímulo-modelo e os estímulos de comparação ficam presentes simultaneamente na tela.

O procedimento de pareamento ao modelo é estruturado na forma de tentativas discretas. Cada tentativa iniciava-se com a apresentação de um estímulo-modelo no centro da tela, que era sempre uma imagem do conjunto A (A1, A2 ou A3). Após a apresentação do estímulo-modelo, o participante deveria clicar sobre o mesmo.

Após o participante clicar sobre o estímulo-modelo, os 3 estímulos de comparação eram apresentados na tela em posições aleatoriamente definidas pelo software. Os estímulos de comparação, em cada tentativa, poderiam ser do conjunto B (B1, B2 e B3) ou do conjunto C (C1, C2 e C3). A estrutura de pareamento ao modelo utilizado, portanto, foi do tipo um-para-muitos (ou modelo como nodo).

Em cada tentativa havia um estímulo de comparação definido como a escolha correta e dois definidos como escolhas erradas. Por exemplo, escolher (clicar sobre) o estímulo de comparação B1 quando o estímulo modelo era A1, era considerado uma escolha correta. Por outro lado, escolher o estímulo de comparação B2 quando o estímulo modelo era A1, era considerado uma escolha errada.

Em cada tentativa, após o participante clicar sobre um dos estímulos de comparação, os mesmos eram retirados da tela e, imediatamente após a sua retirada, era apresentada uma imagem de feedback (Figura 2). Caso o participante clicasse sobre o estímulo de comparação definido como escolha correta, era apresentada a imagem de "check" verde; caso o participante clicasse sobre o estímulo de comparação definido como escolha errada, era apresentada a imagem de "X" vermelho.

Em qualquer dos casos (resposta certa ou errada), a imagem apresentada permanecia na tela por 1 segundo. Após 1 segundo, a imagem de feedback era retirada da tela, que permanecia em branco por 0,5 segundo, que era o intervalo entre tentativas. Após o intervalo entre tentativas, uma nova tentativa era iniciada. A sequência de eventos que compuseram uma tentativa é apresentada na Figura 6.

Figura 6. Sequência de eventos que compuseram uma tentativa no Treino AB/AC 100%



As tentativas foram agrupadas em blocos de 30 tentativas com 5 apresentações de cada relação treinada. A sequência das tentativas em cada bloco foi planejada de forma que parecessem aleatórias para o participante: os estímulos-modelo alternavam-se de forma não previsível (sem haver a repetição de um mesmo estímulo-modelo por mais de 4 tentativas seguidas); e as posições dos estímulos de comparação, entre tentativas, eram sempre diferentes. Cada bloco de 30 tentativas contou com configurações diferentes em termos da ordem das tentativas.

Embora o procedimento parecesse aleatório para os participantes, a mesma sequência de tentativas em cada bloco foi utilizada para todos os participantes. Todos os participantes realizaram, no mínimo, dois blocos de tentativas. A partir do segundo bloco de tentativas entrava em vigor o critério de aprendizagem utilizado nos treinos, que era acertar 90% das tentativas de bloco de 30 tentativas.

Do segundo bloco de tentativas em diante, caso o participante atingisse o critério de aprendizagem, o Treino AB/AC 100% era encerrado e o participante seguia para a próxima condição experimental. Caso o participante não atingisse o critério de aprendizagem, um novo bloco de tentativas era iniciado. Isso acontecia até que o participante atingisse o critério de aprendizagem ou até que a sessão atingisse o tempo de 30 minutos.

Caso a sessão fosse encerrada em função do limite de tempo, isto é, sem o participante ter atingido o critério de aprendizagem da condição experimental, o participante deveria repetir a condição experimental depois de um intervalo de tempo de 5 minutos ou em um outro dia. Caso o participante repetisse 3 vezes a mesma condição experimental sem atingir o critério de aprendizagem, sua participação no experimento era encerrada.

Caso o procedimento do Treino AB/AC 100% fosse eficaz para ensinar as discriminações condicionais planejadas, nós observaríamos os seguintes comportamentos do participante ao final do Treino AB/AC 100% (ver Figura 7):

1. Clicar em B1 quando A1 fosse modelo e B1, B2 e B3 fossem comparações;

2. Clicar em C1 quando A1 fosse modelo e C1, C2 e C3 fossem comparações;

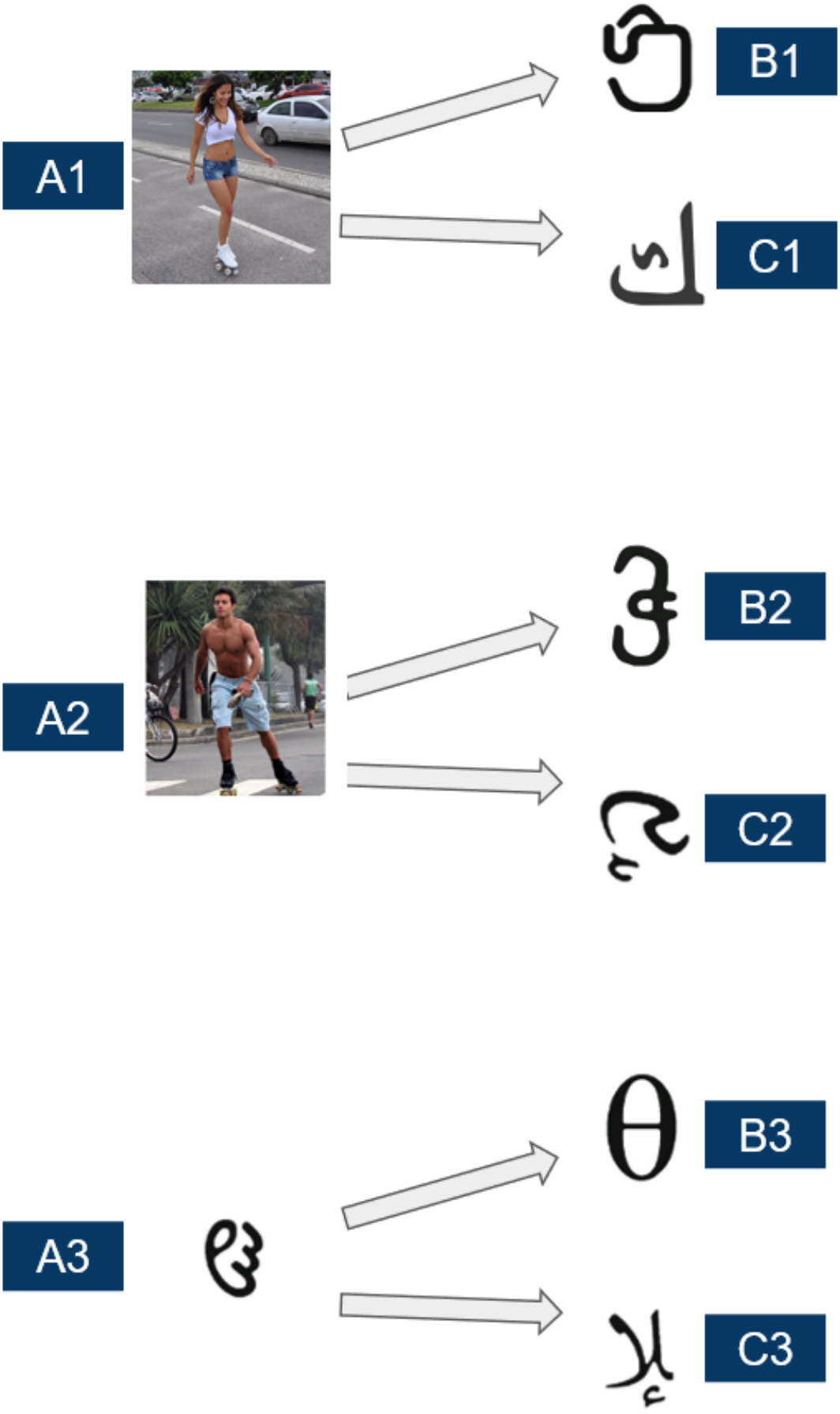
3. Clicar em B2 quando A2 fosse modelo e B1, B2 e B3 fossem comparações;

4. Clicar em C2 quando A2 fosse modelo e C1, C2 e C3 fossem comparações;

5. Clicar em B3 quando A1 fosse modelo e B1, B2 e B3 fossem comparações;

6. Clicar em C3 quando A1 fosse modelo e C1, C2 e C3 fossem comparações.

Figura 7. Discriminações condicionais ensinadas no Treino AB/AC 100%.



Treino AB/AC 80%

O Treino AB/AC 80% teve o mesmo objetivo do Treino AB/AC 100% e foi idêntico a ele em quase todos os parâmetros do procedimento. A seguir, apresentamos as diferenças entre o Treino AB/AC 80% e o Treino AB/AC 100%.

O vídeo de instrução apresentado no Treino AB/AC 80% foi o Vídeo 3.

Vídeo 3. Vídeo apresentado para o participante com instruções relacionadas à execução do Treino AB/AC 80%.

https://www.youtube.com/watch?v=NtqVkiaDFJY

O texto utilizado no Vídeo 3 foi o seguinte:

"Olá! Você está indo bem na pesquisa. Estamos fazendo, agora, uma pequena pausa para você descansar um pouco. Sua tarefa, após esta breve pausa, continuará a mesma na próxima etapa da pesquisa. Continue clicando na figura do centro e, em seguida, clicando na figura que você acha que é a correta. Você está preparado para continuar? Vamos lá? Para iniciar a tarefa, clique no botão iniciar, abaixo deste vídeo."

Outra diferença entre o Treino AB/AC 80% e o Treino AB/AC 100% foi a proporção entre tentativas e feedbacks. No Treino AB/AC 100%, houve a apresentação de feedback (certo ou errado) em todas as tentativas de cada bloco. No Treino AB/AC 80% essa proporção diminuiu. No Treino AB/AC 80% foi apresentado feedback (certo ou errado) em 80% das tentativas de cada bloco.

O Treino AB/AC 80% foi inserido no experimento por 3 principais motivos: 1) Quanto mais uma discriminação condicional é treinada, maiores as chances de haver formação de classes de equivalência (Bortoloti et al., 2013); 2) Reforçar intermitentemente um determinado comportamento torna este comportamento mais resistente à extinção (Moreira & Medeiros, 2019), o que favoreceria o desempenho dos participantes nos testes de equivalência, que são realizados com procedimento de extinção; e 3) o fato de não haver feedback em algumas tentativas prepara o participante para os testes de equivalência, nos quais não há feedback de acerto ou erro em nenhuma tentativa.

Treino AB/AC 20%

O Treino AB/AC 20% foi idêntico ao Treino AB/AC 80%, exceto que houve feedback de acerto ou erro em apenas 20% das tentativas de cada bloco.

Treino AB/AC 0%

O Treino AB/AC 0% foi idêntico ao Treino AB/AC 20%, exceto não houve feedback de acerto ou erro em nenhuma tentativa de cada bloco.

Teste de Simetria, Transitividade e Equivalência (Teste ABC)

A condição experimental Teste ABC foi introduzida no experimento com o objetivo de realizar o teste formal para se verificar se, após os treinos, houve formação das classes de equivalência planejadas. Em outras palavras, no Teste ABC foi verificada a emergência das relações de simetria (BA e CA) e de transitividade (BC e CB). Além disso, verificou-se também a manutenção da aprendizagem das relações ensinadas diretamente nos treinos (AB e AC).

O Teste ABC iniciava-se com o mesmo vídeo de instruções que o Treino AB/AC 0%. O procedimento utilizado no Teste ABC foi similar ao procedimento utilizado no Treino AB/AC 0%, diferindo apenas nas relações apresentadas, na ausência de critério de aprendizagem e no fato de que foi comportamento por bloco único de 90 tentativas.

As relações testadas no Teste ABC foram:

1. Relações treinadas: A1/B1-B2-B3, A2/B1-B2-B3, A3/B1-B2-B3, A1/C1-C2-C3, A2/C1-C2-C3, A3/C1-C2-C3;

2. Relações simétricas: B1/A1-A2-A3, B2/A1-A2-A3, B3/A1-A2-A3, C1/A1-A2-A3, C2/A1-A2-A3, C3/A1-A2-A3;

3. Relações de transitividade: B1/C1-C2-C3, B2/C1-C2-C3, B3/C1-C2-C3, C1/B1-B2-B3, C2/B1-B2-B3, C3/B1-B2-B3;

Como o bloco era composto por 90 tentativas e foram testadas 18 relações entre estímulos, cada relação foi apresentada 5 vezes. A ordem de apresentação das tentativas era fixa no bloco, entre participantes, mas elaborada de forma a parecerem aleatórios para cada participante, à exemplo de como foi realizado nos treinos.

Ao final das 90 tentativas, o Teste ABC era encerrado, independente do percentual de acerto do participante. Caso o participante não finalizasse o Teste ABC em até 30 minutos, ou não atingisse 90% de acerto no mesmo, a participante dele na pesquisa era encerrada.

Pós-teste

A condição experimental Pós-teste teve como objetivo verificar se houve modificação (ou quanto modificação ocorreu) nas avaliações das imagens pelo participante em comparação com as avaliações realizadas no Pré-teste. Os resultados deste teste também foram utilizados como um medida de transferência de função entre estímulos.

O Pós-teste foi similar ao Pré-teste, diferenciando-se apenas nos seguintes parâmetros: o vídeo de instrução foi outro (Video 4) e a ordem de apresentação das imagens foi diferente, foi aleatorizada em relação ao Pré-teste.

Vídeo 4. Vídeo apresentado para o participante com instruções relacionadas à execução do Teste ABC.

https://www.youtube.com/watch?v=rYv2qSfQtTQ

O texto utilizado no Vídeo 4 foi o seguinte:

"Olá! Você está fazendo um bom trabalho. Estamos fazendo, agora, mais uma pequena pausa para você descansar um pouco. Sua tarefa, após esta breve pausa, irá mudar. No entanto, você já fez algo parecido no início da pesquisa. Novamente, serão mostradas figuras para você. Sua tarefa será avaliar essas figuras utilizando a escala que estará ao lado da mesma. Será do mesmo jeito que você fez no início da pesquisa. Vamos lá? Para iniciar a tarefa, clique no botão iniciar, abaixo deste vídeo."

Resultados

Resumo

Todos os participantes atingiram o critério de aprendizagem nos treinos: Treino AB/AC 100%, Treino AB/AC 80%, Treino AB/AC 0%. No Treino AB / AC 20%, os participantes 1, 2,4 e 5 atingiram o critério de aprendizagem e o Participante 3 terminou por tempo.

Com relação aos testes formais para a verificação da emergência de classes de equivalência, verificou-se que todos os participantes atingiram 90% ou mais de acertos nos testes das relações ensinadas, das relações de simetria e nas relações de transitividade testadas no Teste ABC.

Com relação à transferência de função dos estímulos com significado pré-experimental (A1 e A2), é possível dizer que, para todos os participantes, com exceção do Participante 5, verificou-se algum grau de transferência de função

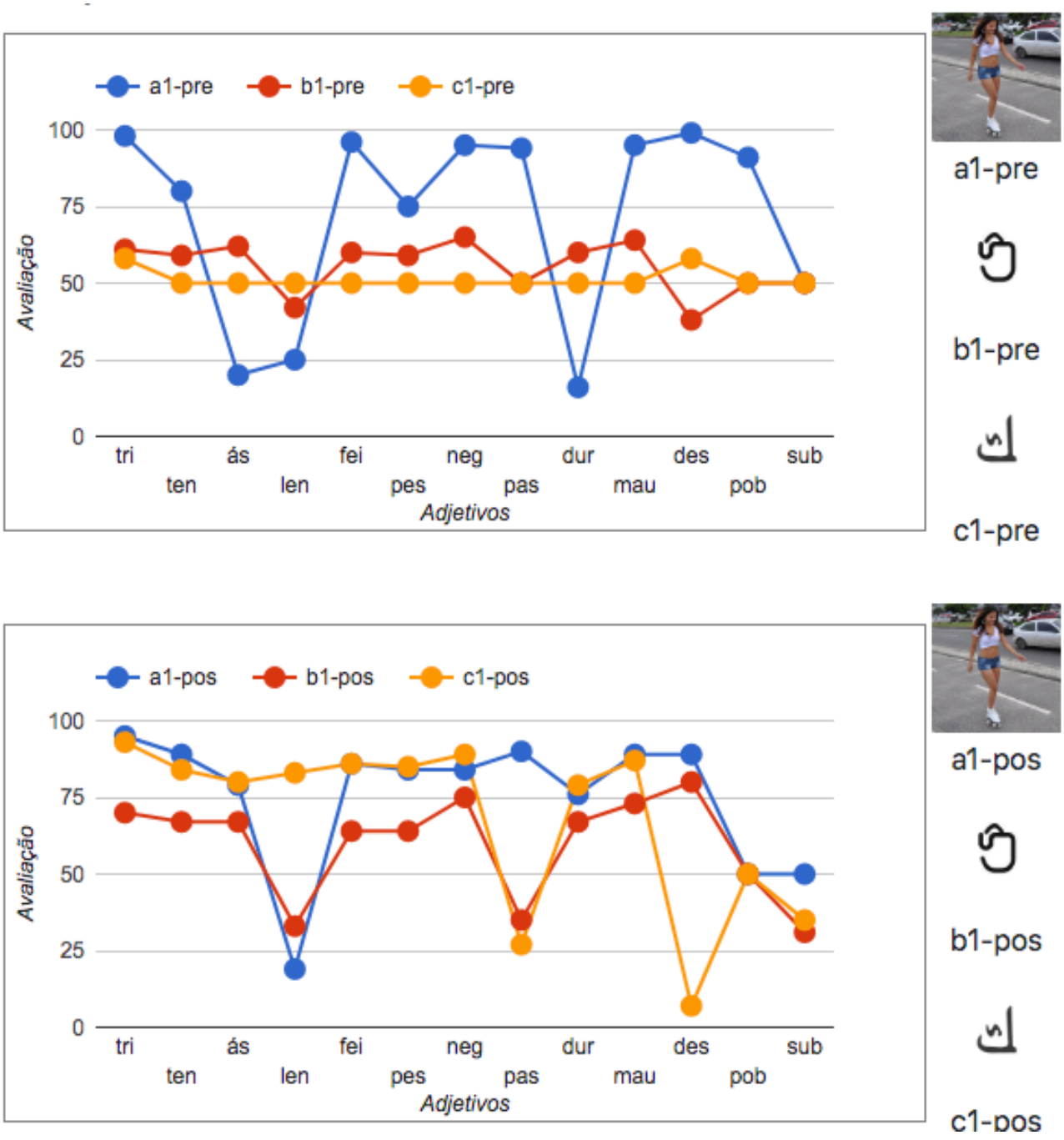
medido a partir das avaliações nas Escala de Diferencial Semântico no Pré-teste e Pós-teste.

A seguir, examinaremos em mais detalhes as avaliações nas Escalas de Diferencial Semântico no Pré-teste e Pós-teste para cada participante.

Participante 1

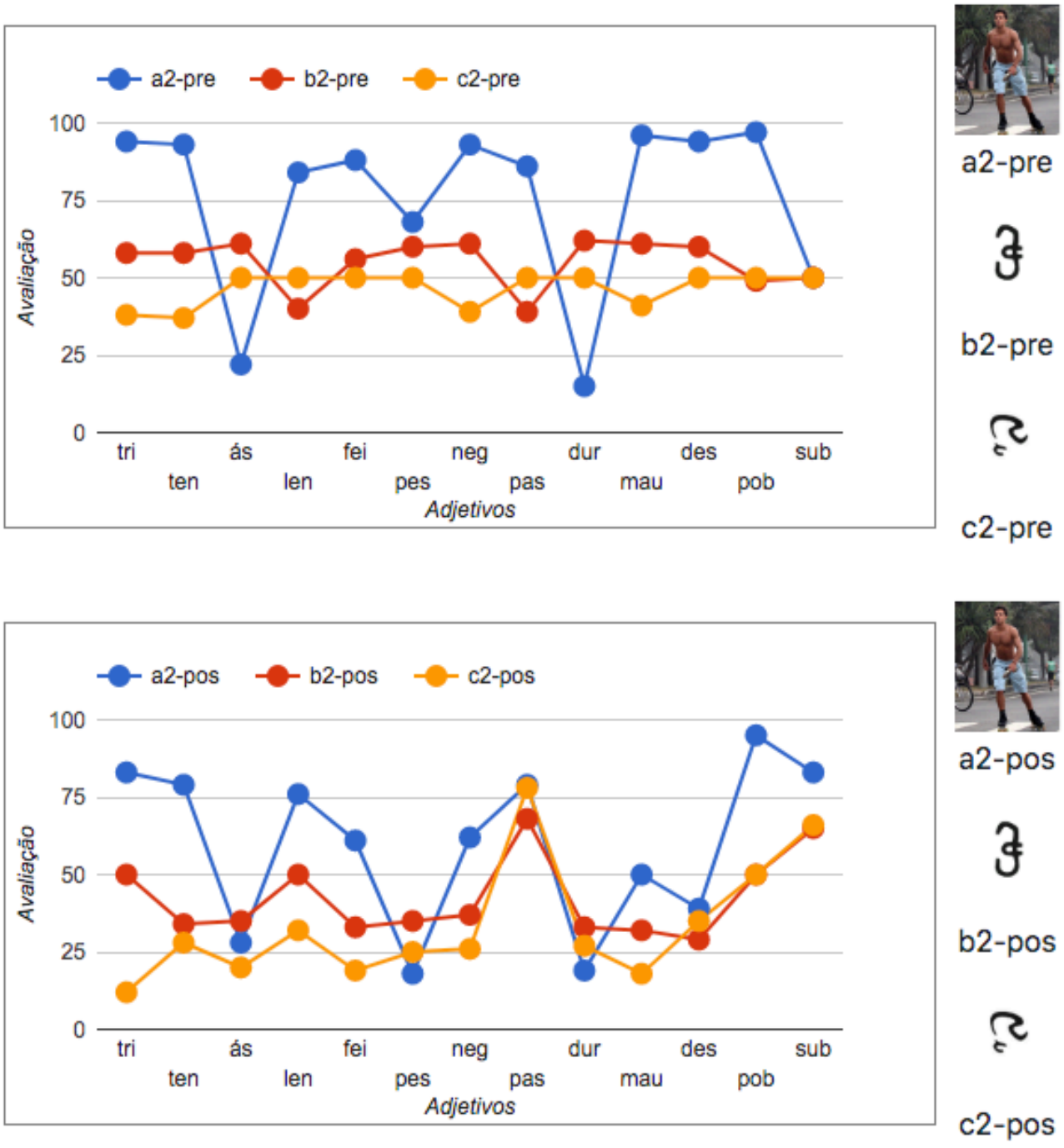
A Figura 8 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). Nas avaliações do Pré-teste, podemos verificar que cada estímulo recebeu avaliações distintas, sendo possível observar, porém, que os estímulos B1 e C1 obtiveram avaliações próximas ao valor equivalente a neutro. Nas avaliações do Pós-teste, é possível verificar muitos pontos de sobreposição das curvas de avaliações dos estímulos A1, B1 e C1: as avaliações de B1 e C1, em relação ao Pré-teste, ficaram mais parecidas com a avaliação de A1.

Figura 8. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 pelo Participante 01 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



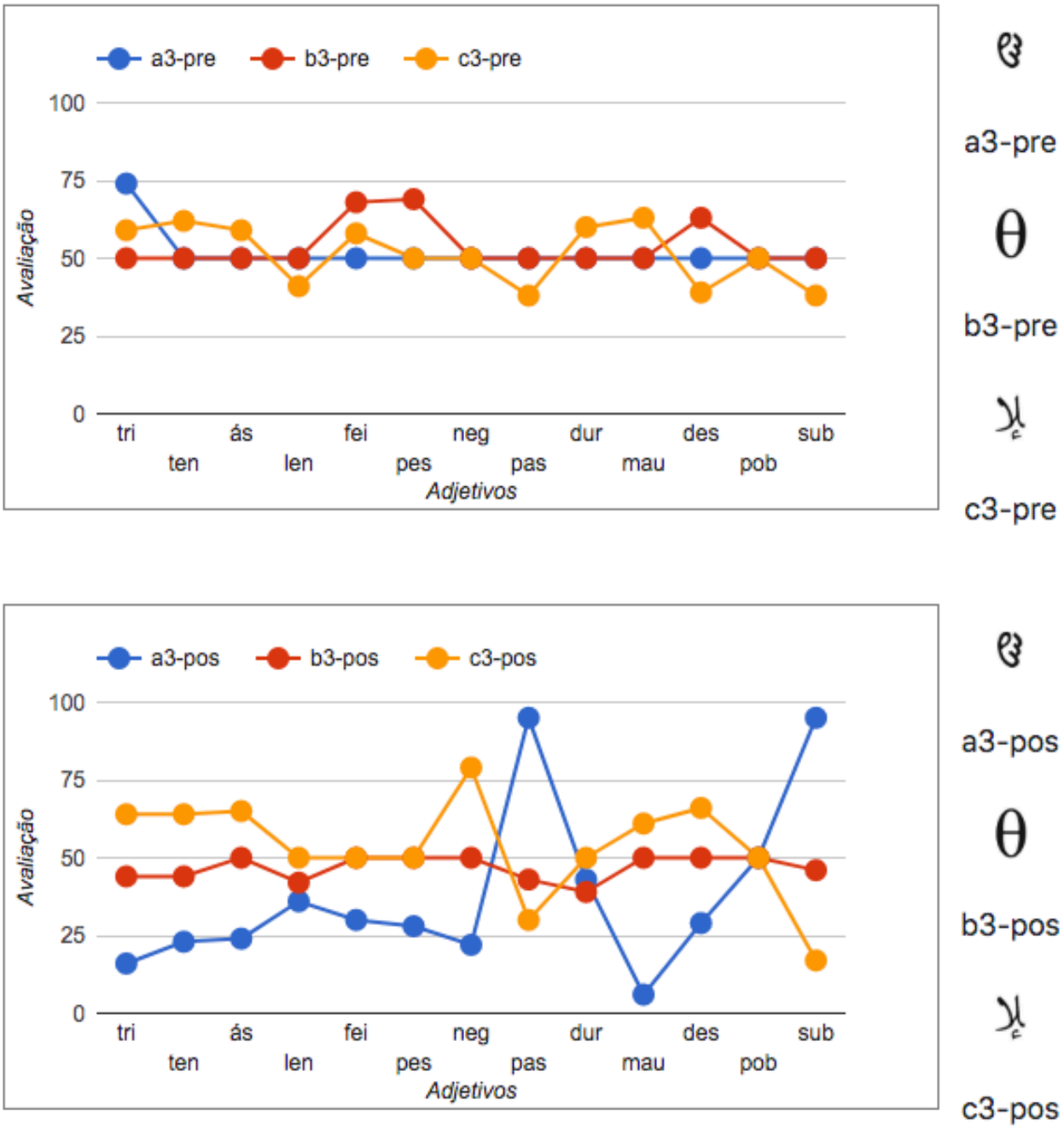
A Figura 9 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). Nas avaliações do Pré-teste, podemos verificar que cada estímulo recebeu avaliações distintas, sendo possível observar, porém, que os estímulos B2 e C2 obtiveram avaliações próximas ao valor equivalente a neutro. Nas avaliações do Pós-teste, é possível verificar alguns pontos de sobreposição das curvas de avaliações dos estímulos A2, B2 e C2: as avaliações de B2 e C2, em relação ao Pré-teste, ficaram mais parecidas, em alguns pontos, com a avaliação de A2.

Figura 9. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 pelo Participante 01 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



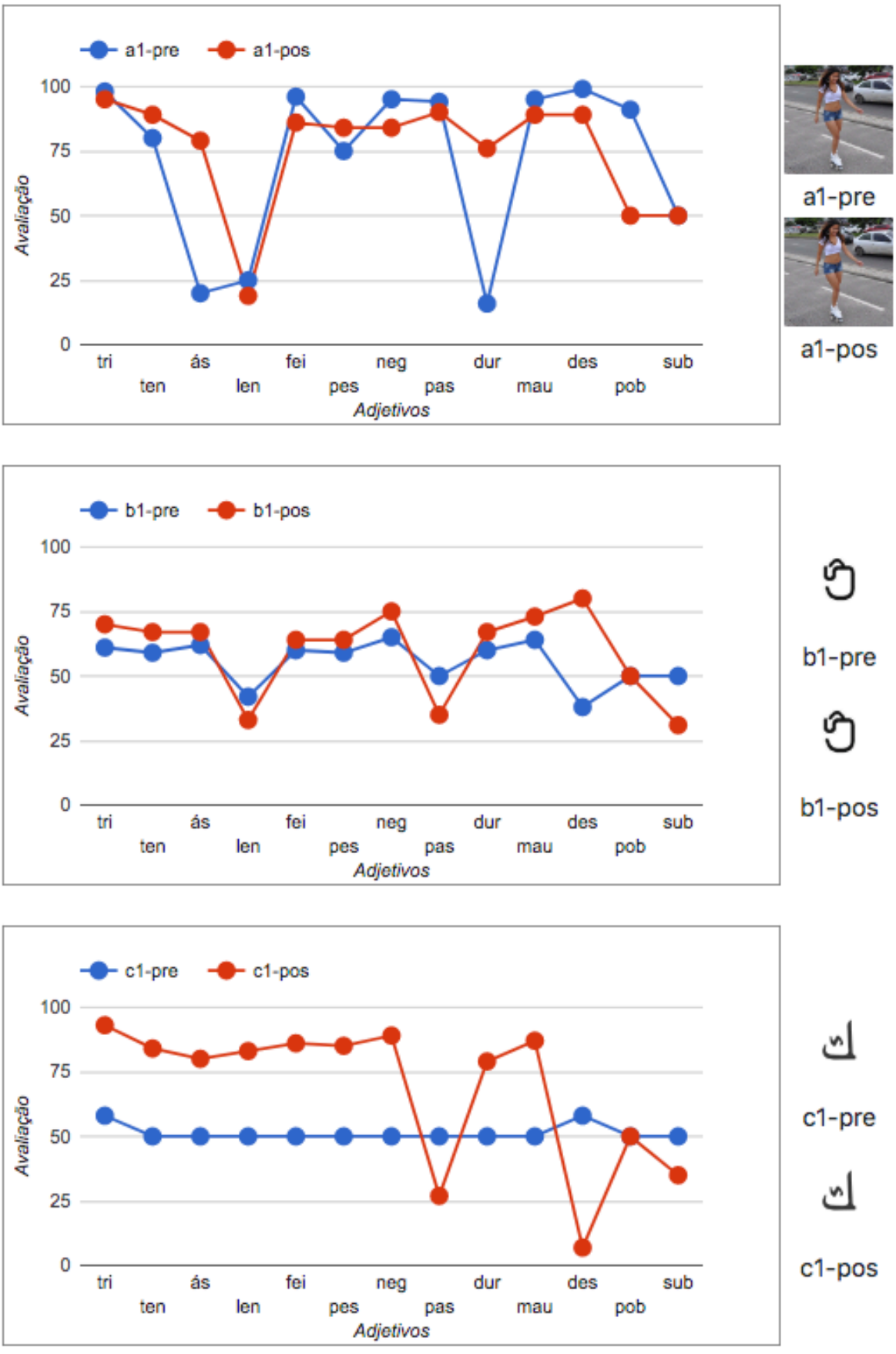
A Figura 10 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Nas avaliações do Pré-teste, podemos verificar que cada estímulo recebeu avaliações próximas ao valor 50, ou seja, avaliações equivalentes a neutro. Nas avaliações do Pós-teste, é possível verificar alguns pontos de sobreposição das curvas de avaliações dos estímulos A3, B3 e C3, fato que já ocorria no Pré-teste.

Figura 10. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 pelo Participante 01 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



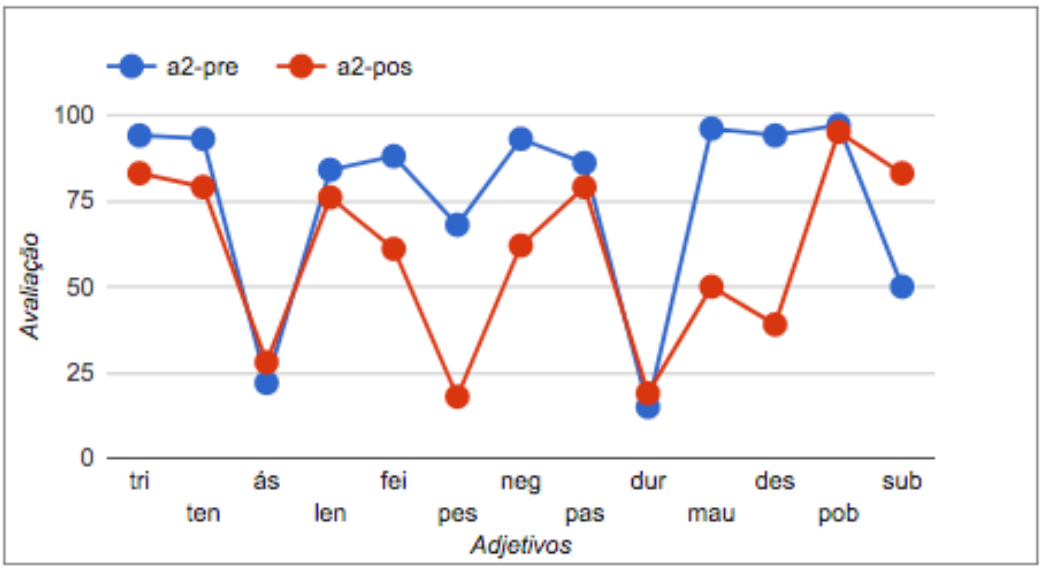
A Figura 11 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. A avaliação do estímulo A1 foi, inicialmente, elevada e se manteve desta maneira, apesar de pequenas variações no Pós-Teste. Da mesma maneira, o B1 se manteve muito semelhante no Pré-Teste e no Pós-Teste. O estímulo C1 começou com uma avaliação neutra, porém terminou de maneira predominantemente positiva no Pós-Teste.

Figura 11. Avaliação do estímulo A1, B1 e C1 pelo Participante 1 no Pré-Teste e no Pós-Teste comparados com eles mesmos.

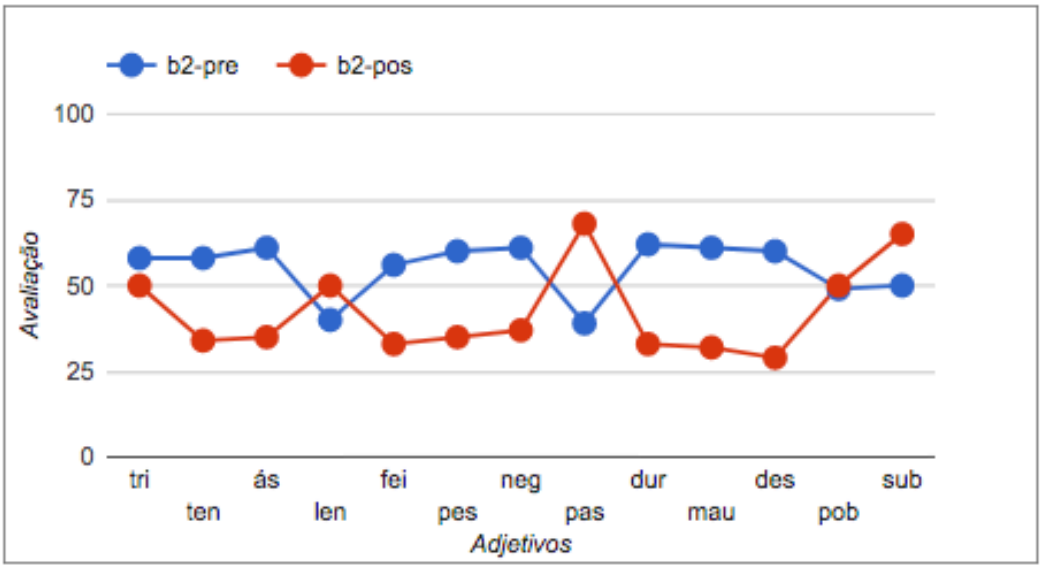


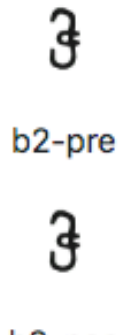
A Figura 12 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. A avaliação do estímulo A2 não sofreu alterações significativas do Pré-Teste para o Pós-Teste, permanecendo predominantemente positiva, assim como o estímulo B2, mantendo-se neutro. Já o estímulo C2 sofreu uma redução na avaliação, do Pré-Teste para o Pós-Teste.

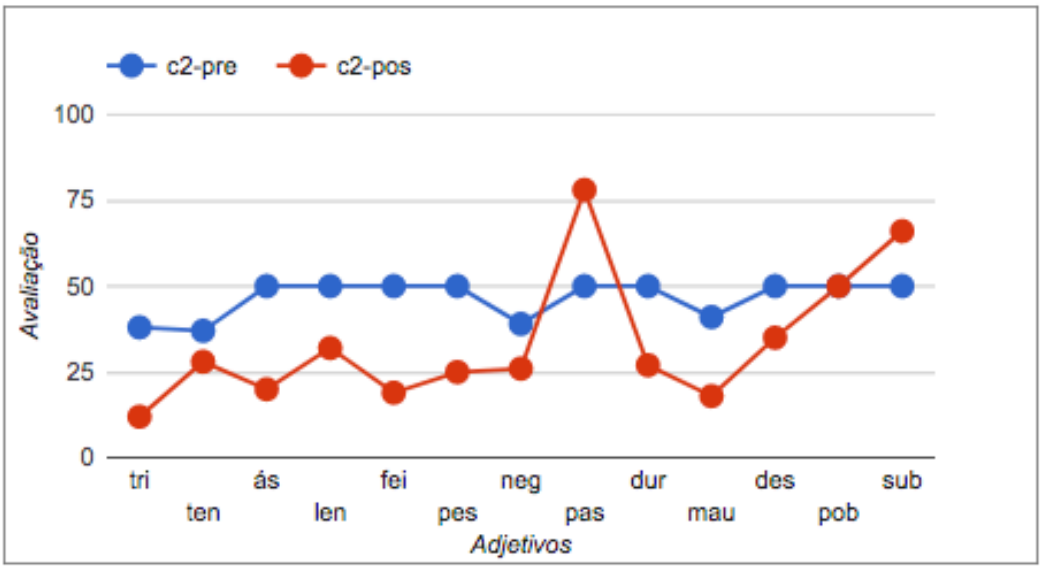
Figura 12. Avaliação do estímulo A2, B2 e C2 pelo Participante 1 no Pré-Teste e no Pós-Teste comparados com eles mesmos.

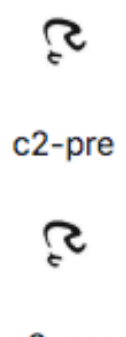






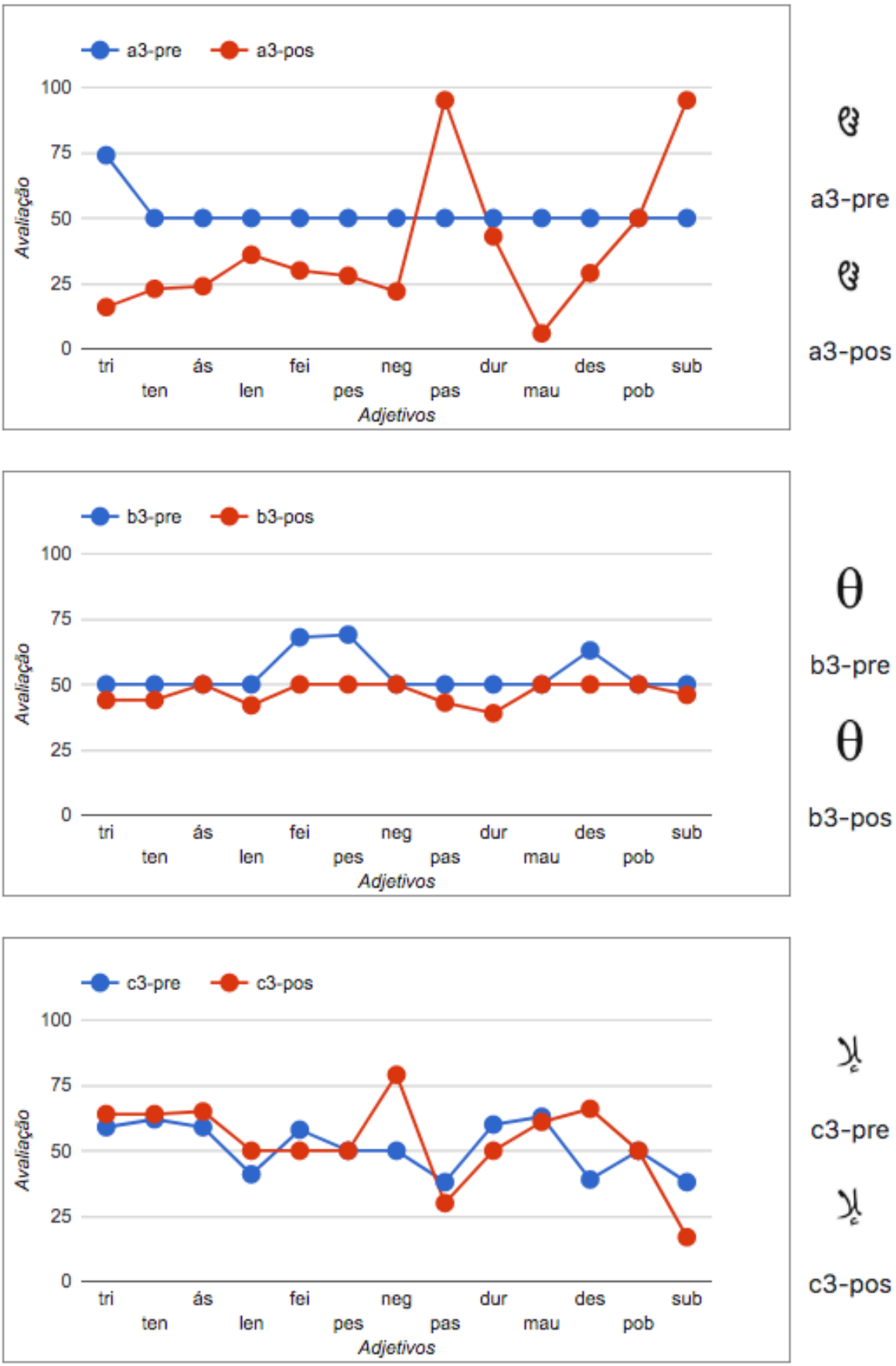






A Figura 13 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que o estímulo A3 sofreu muitas alterações, tendo sua avaliação, que inicialmente estava neutra, muito reduzida na fase do Pós-Teste. No que diz respeito aos estímulos B3 e C3, observa-se que não houve variações significativas.

Figura 13. Avaliação do estímulo A3, B3 e C3 pelo Participante 1 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



Com o intuito de estender a análise da transferência de função para além da inspeção visual, foi criada uma medida percentual, que chamaremos aqui de Grau de equivalência (GE) . O GE é uma medida de sobreposição das avaliações de dois diferentes estímulos de uma mesma classe (e.g., A1 e B1) em um mesmo momento (e.g., Pós-Teste). Um GE igual a 0% significa que as avaliações dos dois estímulos foram idênticas nos 13 pares de adjetivos.

Para o cálculo da medida, a escala de avaliação foi de 0 a 100. Após a conversão, calculou-se o valor absoluto da diferença entre as avaliações de cada par de adjetivos referente aos estímulos que se desejava comparar (e.g., diferença entre a avaliação de A1 e B1 no Pós-Teste). Em seguida, somou-se os valores obtidos para os 13 pares de adjetivos. Como a maior diferença possível entre duas avaliações era igual a 100, a maior soma possível dessas diferenças era 1.300 (13x100).

Dessa forma, se a soma for zero, isso significa que as avaliações dos 13 pares foram idênticas para dois estímulos quaisquer; se a soma for 1300, isso significa que as avaliações dos 13 pares foram opostas e posicionadas nos extremos na escala (0 e 100). Considerando-se, portanto, que 1.300 corresponde a 100% de diferença entre as avaliações, calculou-se o resultado da soma das diferenças em termos percentuais. Este percentual foi chamado de GE. Ao final, subtraiu-se '100' do resultado para obter-se uma medida de grau de igualdade entre as avaliações.

Desta maneira, observa-se que os estímulos, quando comparados com eles mesmos, sempre terão equivalência de 100. O objetivo é avaliar a diferença entre os estímulos A, B e C. Por exemplo, observa-se que o estímulo A1 possui uma equivalência de 68% com o estímulo B1 na fase Pré-Teste, da mesma forma que o estímulo A2 possui equivalência de 66% com o estímulo B2, na mesma fase inicial. O intuito da pesquisa e da técnica utilizada era o de fazer com que a equivalência ficasse mais próxima de 100%.

Figura 14. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 1 no Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	91	66	68	67	68	66	61	64
a2	91	100	67	67	66	69	66	61	63
a3	66	67	100	91	91	94	98	95	91
b1	68	67	91	100	96	91	92	88	95
b2	67	66	91	96	100	92	93	88	95
b3	68	69	94	91	92	100	96	93	89
c1	66	66	98	92	93	96	100	95	92
c2	61	61	95	88	88	93	95	100	88
c3	64	63	91	95	95	89	92	88	100

Observa-se que a equivalência de A1 e B1 foi elevada para 82%, o que comprova a sobreposição das linhas e a transferência de função do estímulo com significado social ao estímulo abstrato. De maneira semelhante, observa-se que a equivalência entre o estímulo A2 e o B2 foi elevada para 77%, com transferência de função.

Figura 15. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 1 no Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	63	53	82	60	68	81	54	73
a2	63	100	69	68	77	74	64	72	70
a3	53	69	100	59	86	75	47	91	63
b1	82	68	59	100	70	82	79	62	91
b2	60	77	86	70	100	87	60	89	76
b3	68	74	75	82	87	100	68	78	87
c1	81	64	47	79	60	68	100	49	76
c2	54	72	91	62	89	78	49	100	65
c3	73	70	63	91	76	87	76	65	100

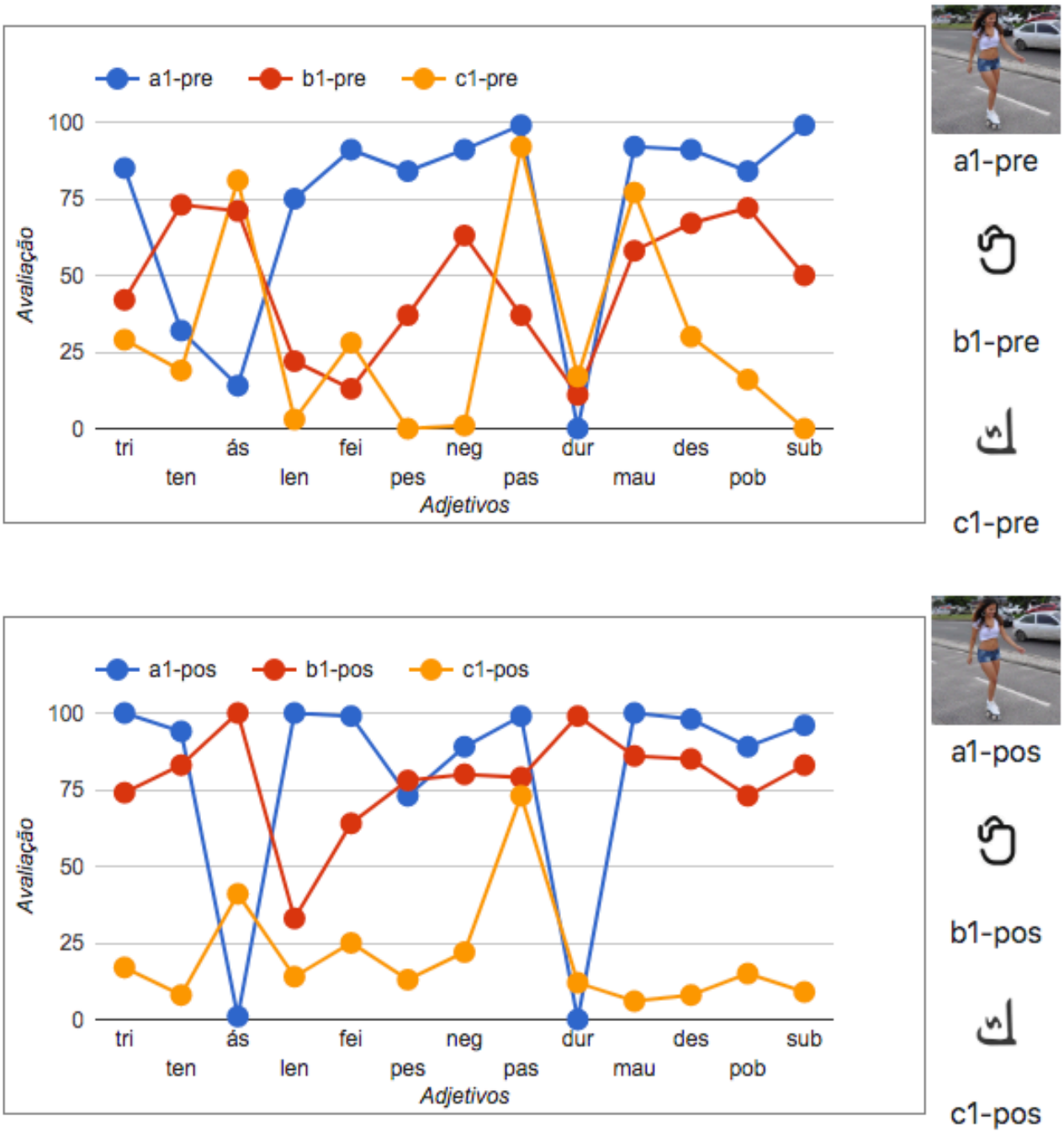
Figura 16. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 1 entre Pré-Teste e Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	82	72	53	72	59	64	66	56	66
a2	79	77	50	69	60	63	71	54	66
a3	72	78	73	84	85	95	71	75	89
b1	76	76	69	89	81	90	77	71	89
b2	76	73	68	91	79	91	75	70	91
b3	74	74	71	85	83	93	71	73	86
c1	71	76	73	84	86	96	69	76	90
c2	66	72	78	79	89	95	66	80	85
c3	73	74	69	89	81	92	76	72	90

Participante 2

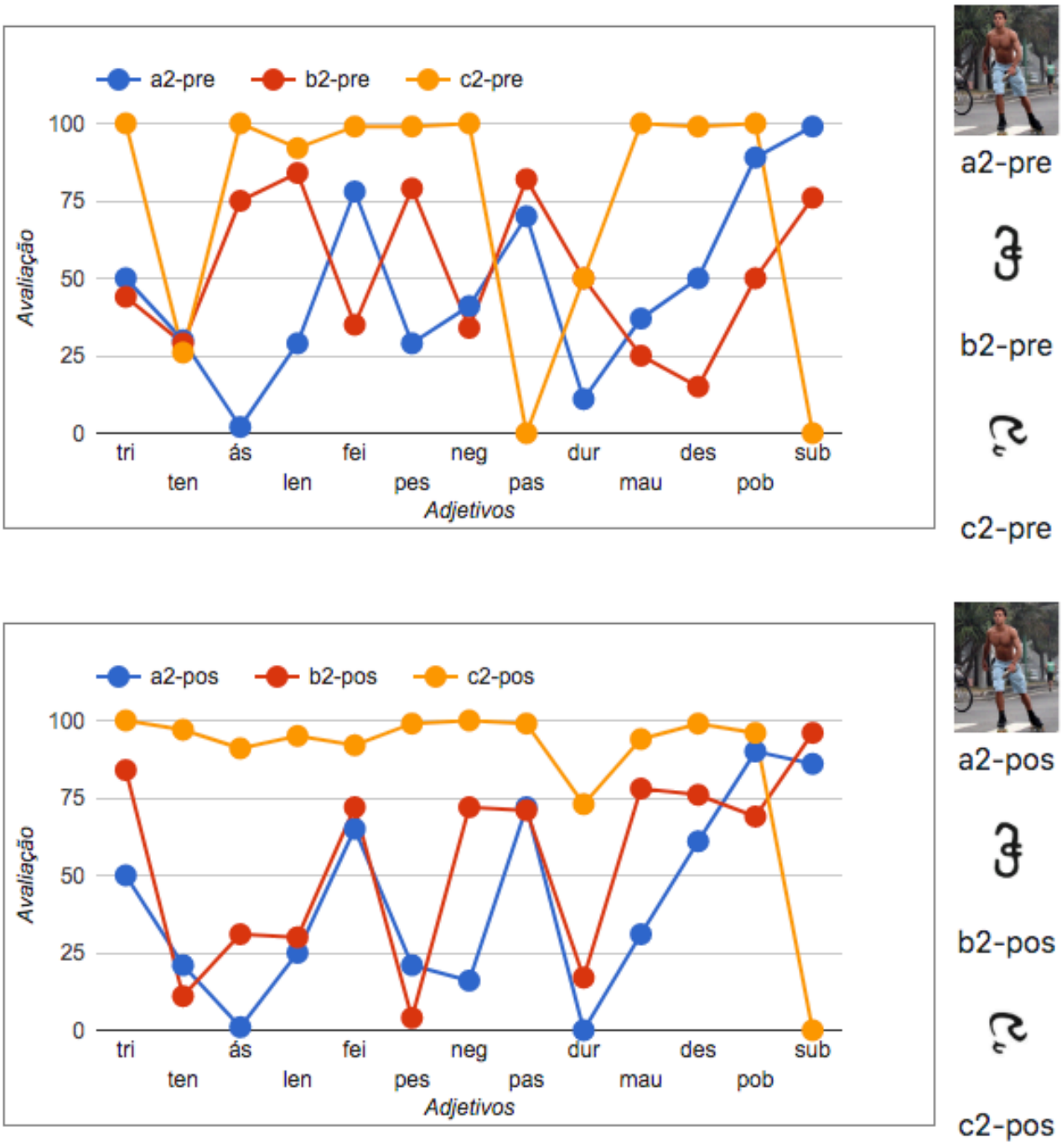
A Figura 17 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). Nas avaliações do pré-teste, podemos verificar que cada estímulo recebeu avaliações distintas. Da mesma forma, no Pós-teste, as avaliações permaneceram muito diversas entre si. É possível observar que alguns pontos do estímulo B1 obtiveram uma avaliação mais próxima à avaliação do estímulo A1.

Figura 17. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 pelo Participante 2 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



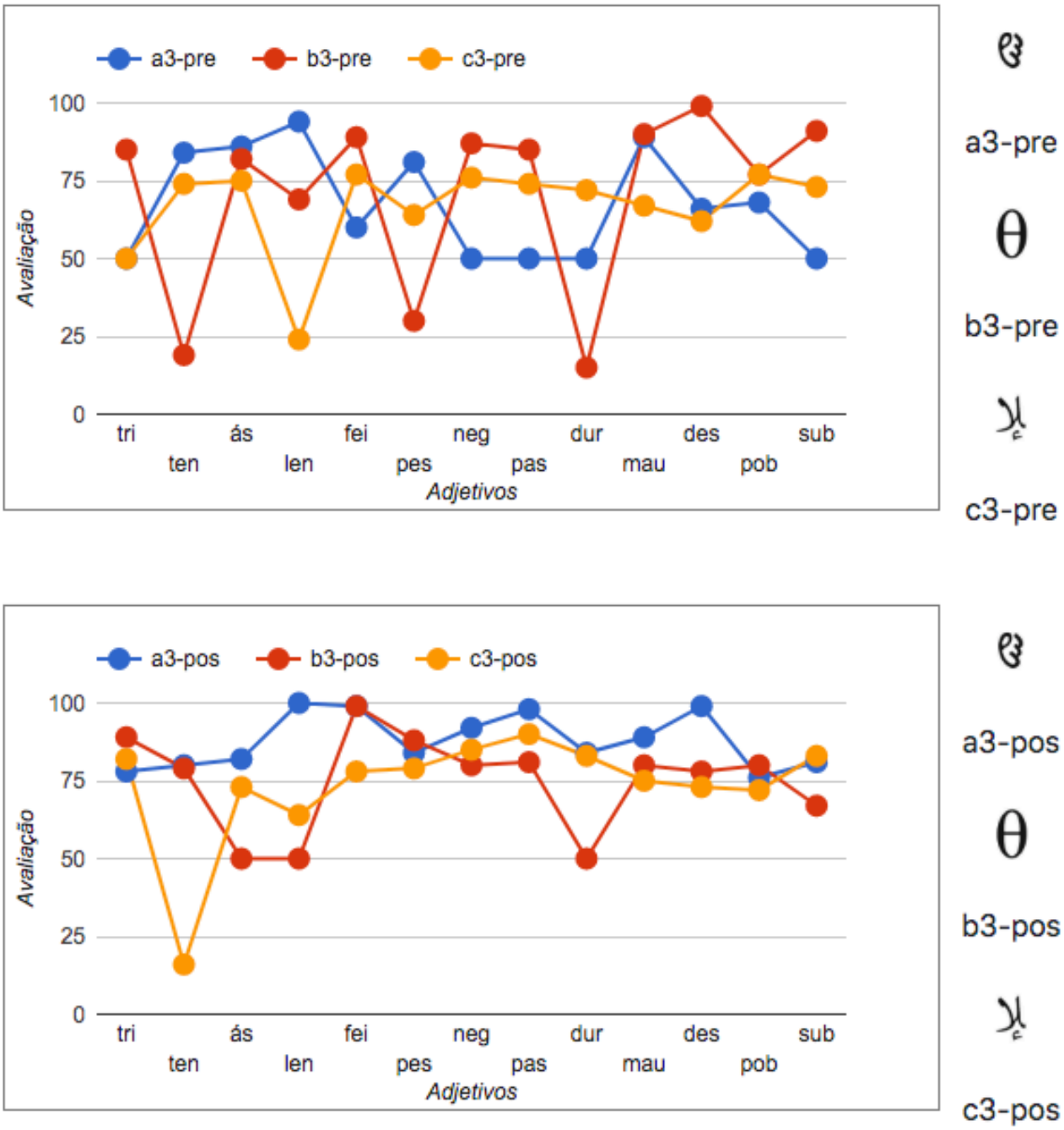
A Figura 18 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). Nas avaliações do pré-teste, podemos verificar que cada estímulo recebeu avaliações distintas. Nas avaliações do Pós-teste, é possível verificar alguns pontos de sobreposição das curvas de avaliações dos estímulos A2 e B2.

Figura 18. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 pelo Participante 2 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



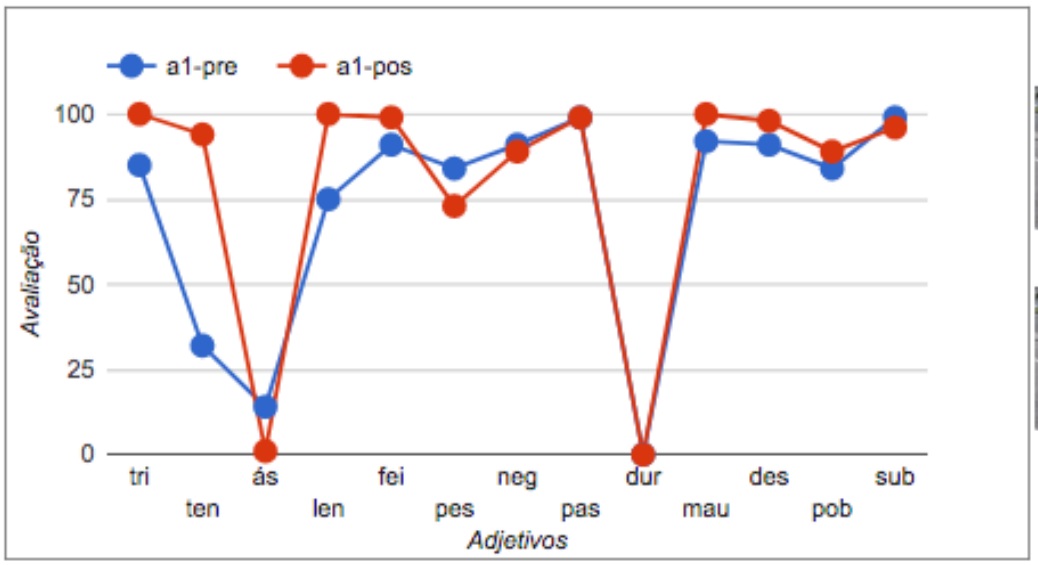
A Figura 19 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Nas avaliações do Pré-teste, podemos verificar que cada estímulo recebeu avaliações distintas, com alguns pontos próximos uns dos outros. Nas avaliações do Pós-teste, é possível verificar alguns pontos de sobreposição das curvas de avaliações dos estímulos A3, B3 e C3, com avaliações mais positivas em alguns adjetivos.

Figura 19. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 pelo Participante 2 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



A Figura 20 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. A avaliação do estímulo A1 foi predominantemente elevada e se manteve dessa maneira, apesar de pequenas variações no Pós-Teste. Observa-se aumento da avaliação do estímulo B1 na fase do Pós-Teste. O estímulo C1 não sofreu alterações significativas do Pré-Teste ao Pós-Teste

Figura 20. Avaliação do estímulo A1, B1 e C1 pelo Participante 2 no Pré-Teste e no Pós-Teste, quando comparados com eles mesmos.

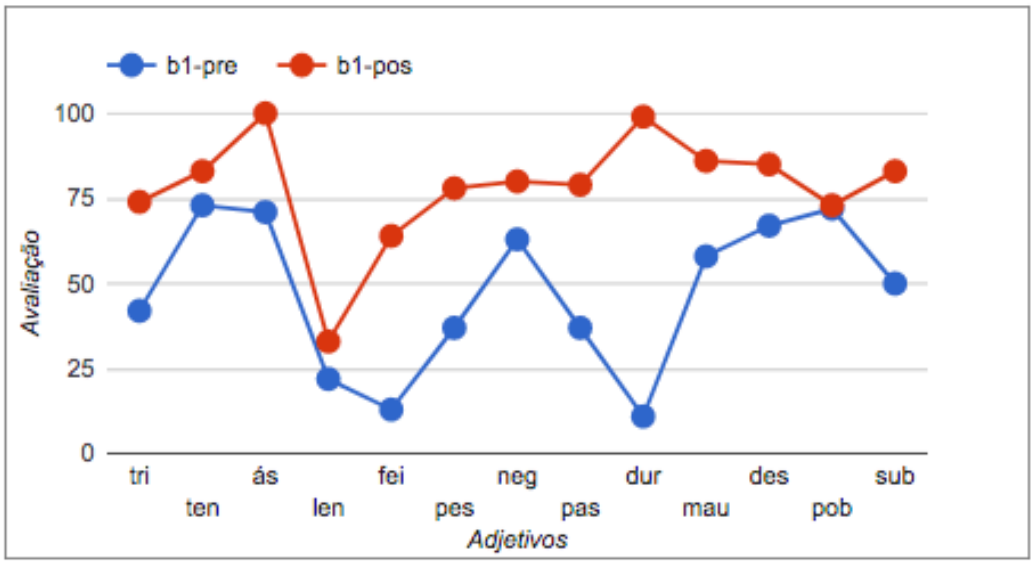




a1-pre



a1-pos

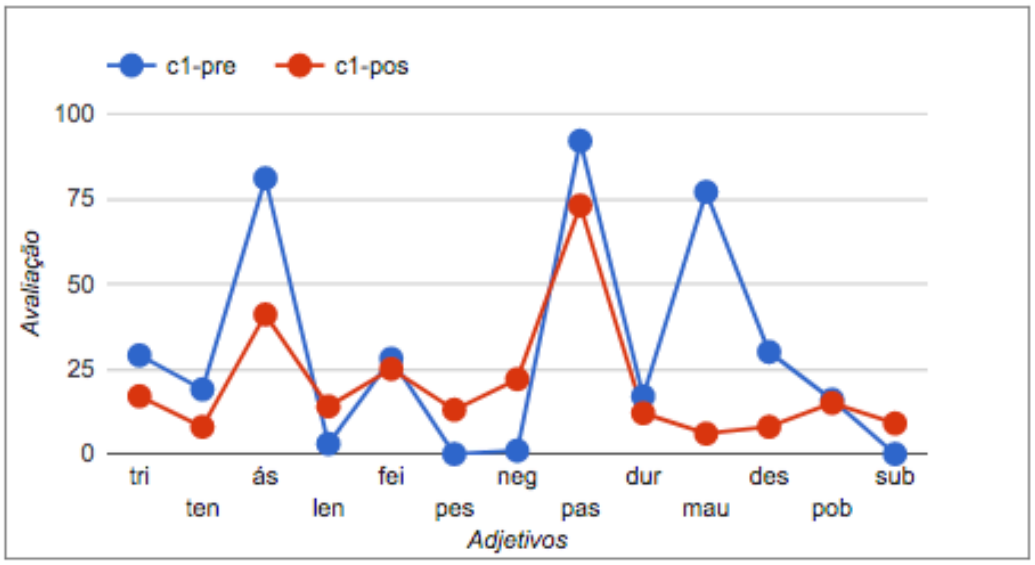




b1-pre



b1-pos





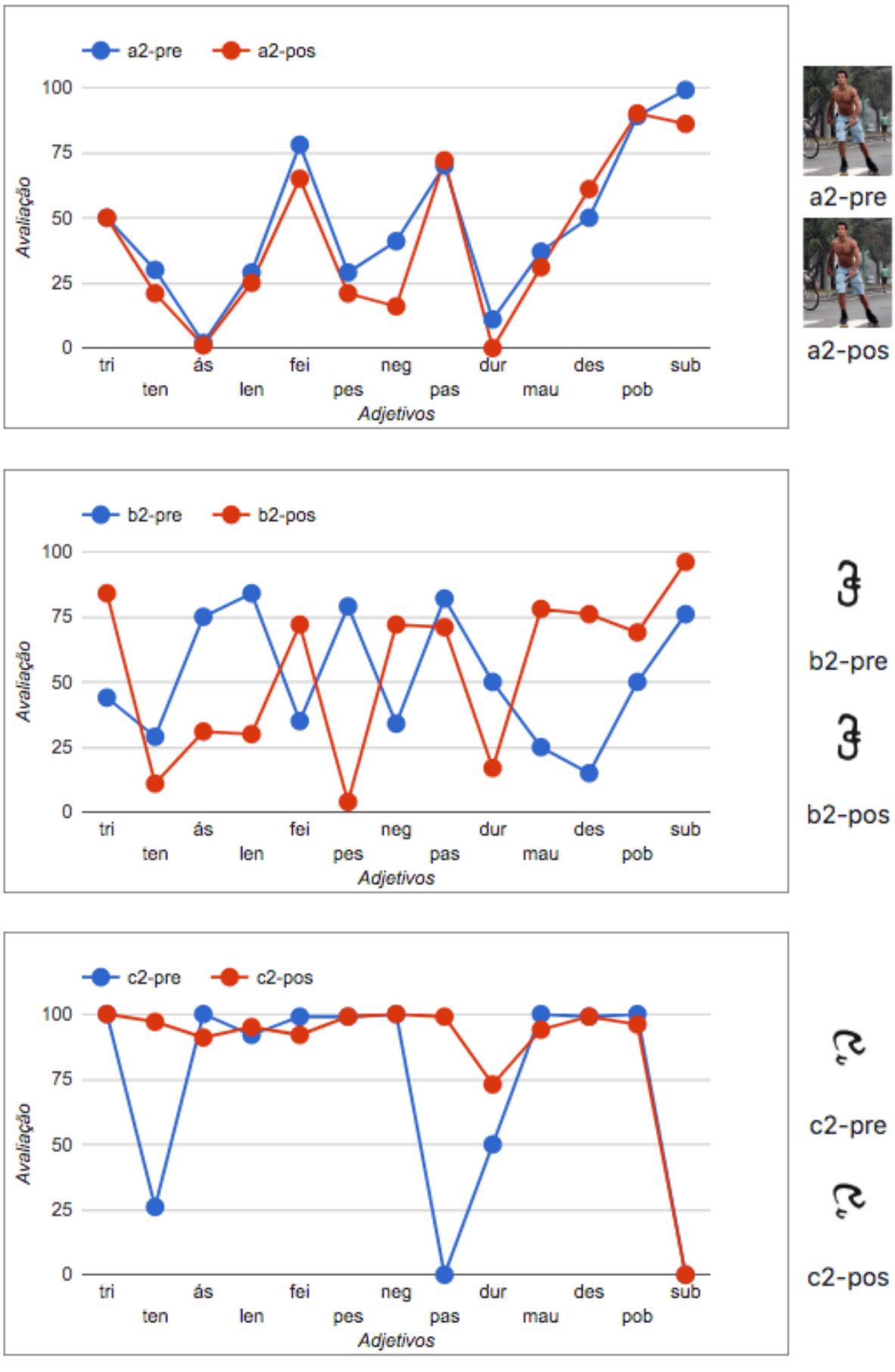
c1-pre



c1-pos

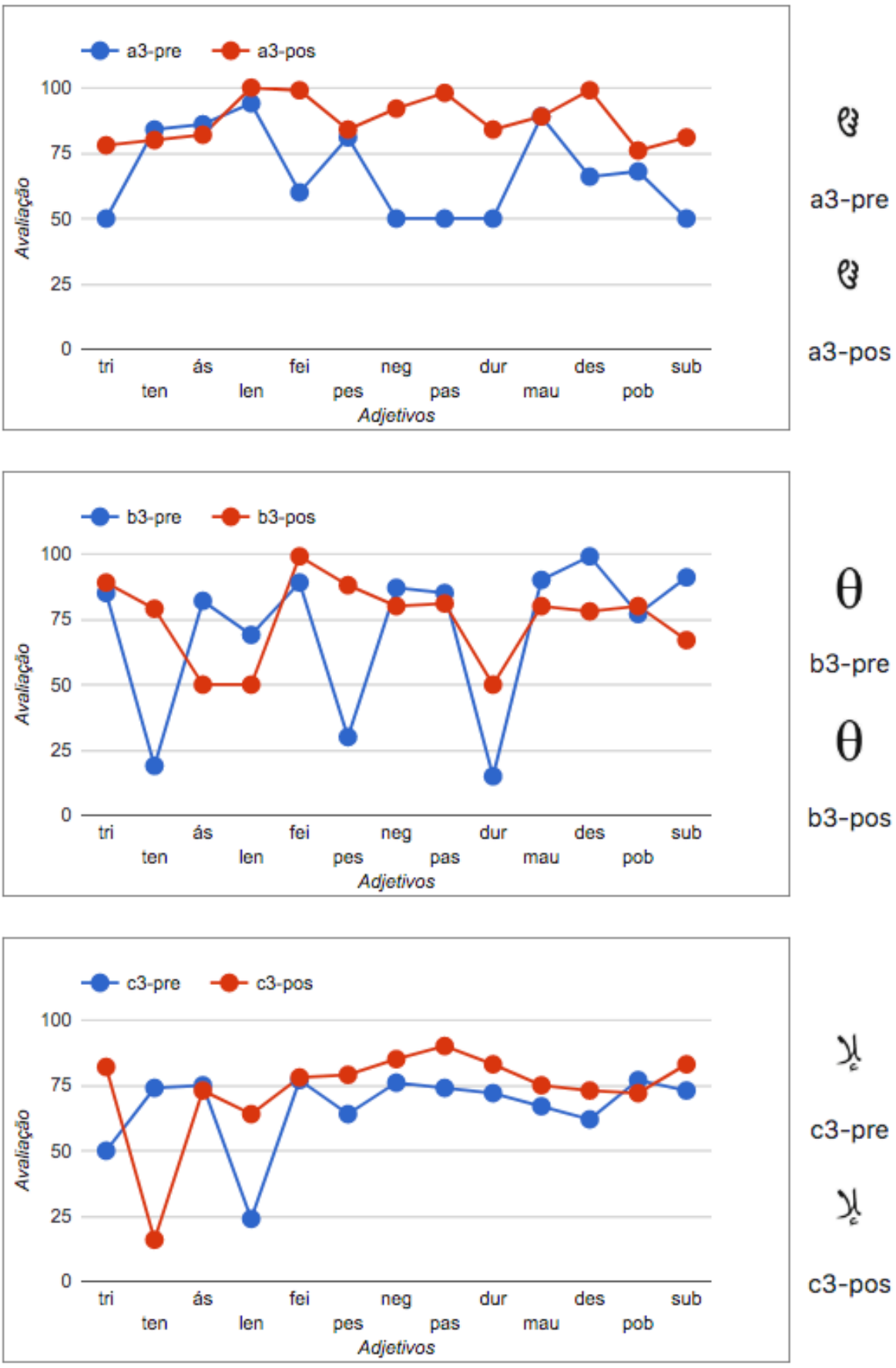
A Figura 21 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. A avaliação do estímulo A2 não sofreu alterações significativas do Pré-Teste para o Pós-Teste. O estímulo B2 oscilou na avaliação de alguns adjetivos, não alterando, porém, seu sinal de forma geral. O estímulo C2 sofreu um aumento na avaliação, do Pré-Teste para o Pós-Teste.

Figura 21. Avaliação do estímulo A2, B2 e C2 pelo Participante 2 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



A Figura 22 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Observa-se que o estímulo A3 teve uma melhora em sua avaliação no Pós-Teste. O estímulo B3 obteve melhora significativa na avaliação de dois pontos. O estímulo C3, com exceção de dois pontos, manteve-se estável.

Figura 22. Avaliação do estímulo A3, B3 e C3 pelo Participante 2 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



A figura abaixo apresenta o Grau de Equivalência entre os estímulos no Pré-Teste. Como exemplo, vê-se os estímulos A1 e C1, que possuíam, inicialmente, equivalência de 45%.

Figura 23. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 2 no Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	73	66	59	62	85	45	66	68
a2	73	100	63	72	70	72	60	46	74
a3	66	63	100	77	76	69	56	69	80
b1	59	72	77	100	68	67	67	53	80
b2	62	70	76	68	100	65	65	53	72
b3	85	72	69	67	65	100	58	69	73
c1	45	60	56	67	65	58	100	42	58
c2	66	46	69	53	53	69	42	100	59
c3	68	74	80	80	72	73	58	59	100

Já a figura abaixo apresenta o Grau de Equivalência entre os estímulos no Pós-Teste, após o emparelhamento dos estímulos. Vê-se os estímulos A1 e C1, trazidos acima, que agora passaram a ter equivalência de 32%, o que comprova que não houve transferência de função do estímulo com significado social a este estímulo abstrato. No entanto, os estímulos A1 e B1 passaram de 59%, no Pré-Teste, para 67% no Pós-Teste, o que nos leva a observar alguma transferência de função para este estímulo abstrato.

Figura 24. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 2 no Pós-teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	61	80	67	68	77	32	75	69
a2	61	100	51	60	79	62	70	41	64
a3	80	51	100	85	64	84	32	85	85
b1	67	60	85	100	72	83	42	73	84
b2	68	79	64	72	100	76	62	53	78
b3	77	62	84	83	76	100	46	76	83
c1	32	70	32	42	62	46	100	32	47
c2	75	41	85	73	53	76	32	100	72
c3	69	64	85	84	78	83	47	72	100

A figura abaixo apresenta o Grau de Equivalência dos estímulos entre as fases de Pré-Teste e Pós-Teste para o segundo participante.

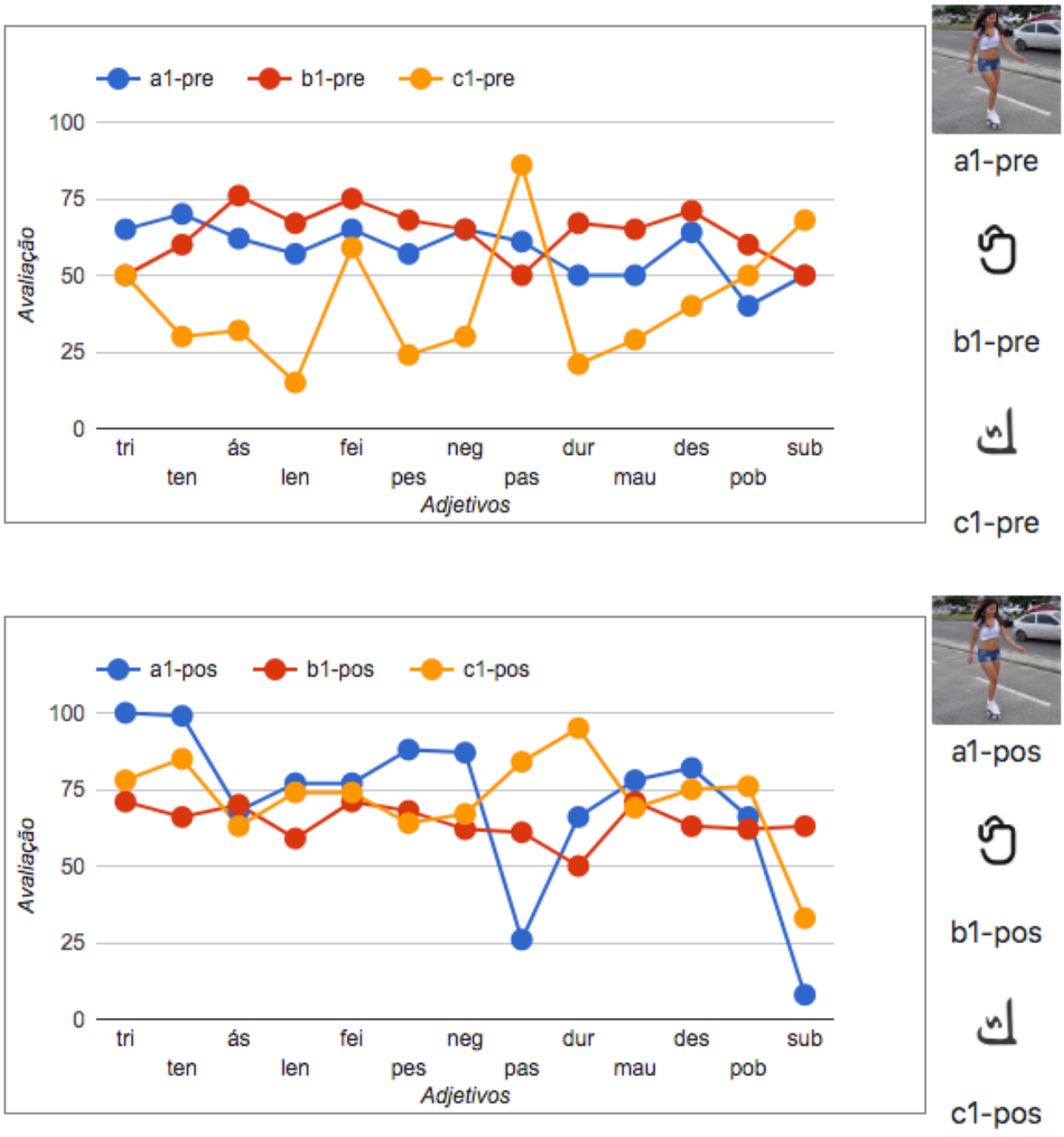
Figura 25. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 2 entre Pré-Teste e Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	88	68	79	70	77	80	42	70	79
a2	65	92	55	62	81	66	66	45	67
a3	66	61	78	79	65	78	49	73	75
b1	55	71	60	69	71	69	65	52	65
b2	52	68	64	65	61	67	68	53	73
b3	76	69	80	75	83	78	50	69	84
c1	35	64	42	50	63	49	82	43	55
c2	64	43	71	63	55	70	33	83	67
c3	64	71	79	86	75	84	54	68	83

Participante 3

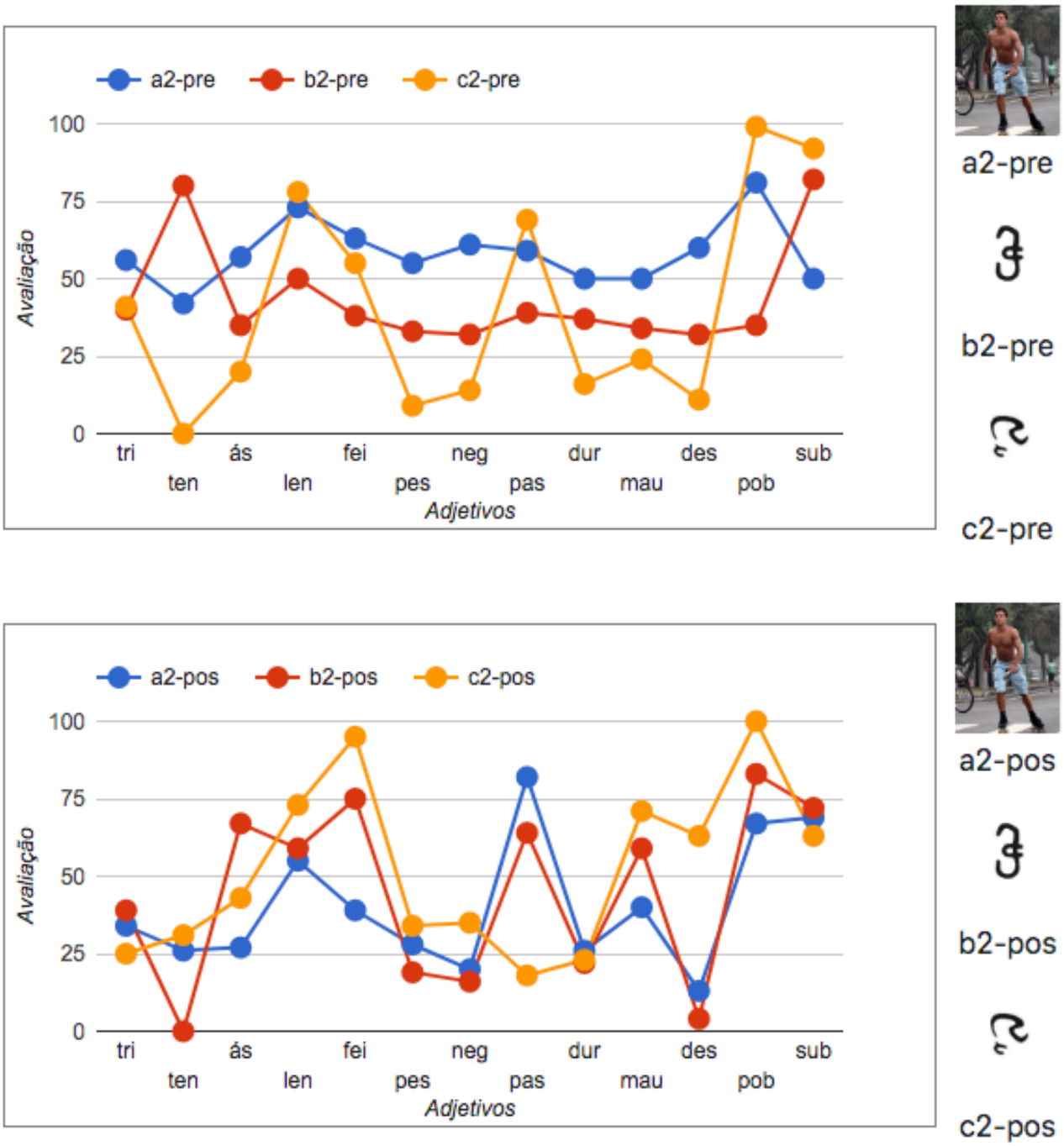
A Figura 26 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). Nas avaliações do Pré-teste, podemos verificar que os estímulos A1 e B1 receberam avaliações neutras, enquanto C1 obteve uma avaliação predominantemente negativa. No Pós-teste é possível observar que alguns pontos nos três estímulos ficaram sobrepostos e os demais, em sua maioria, se aproximaram da avaliação de A1.

Figura 26. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



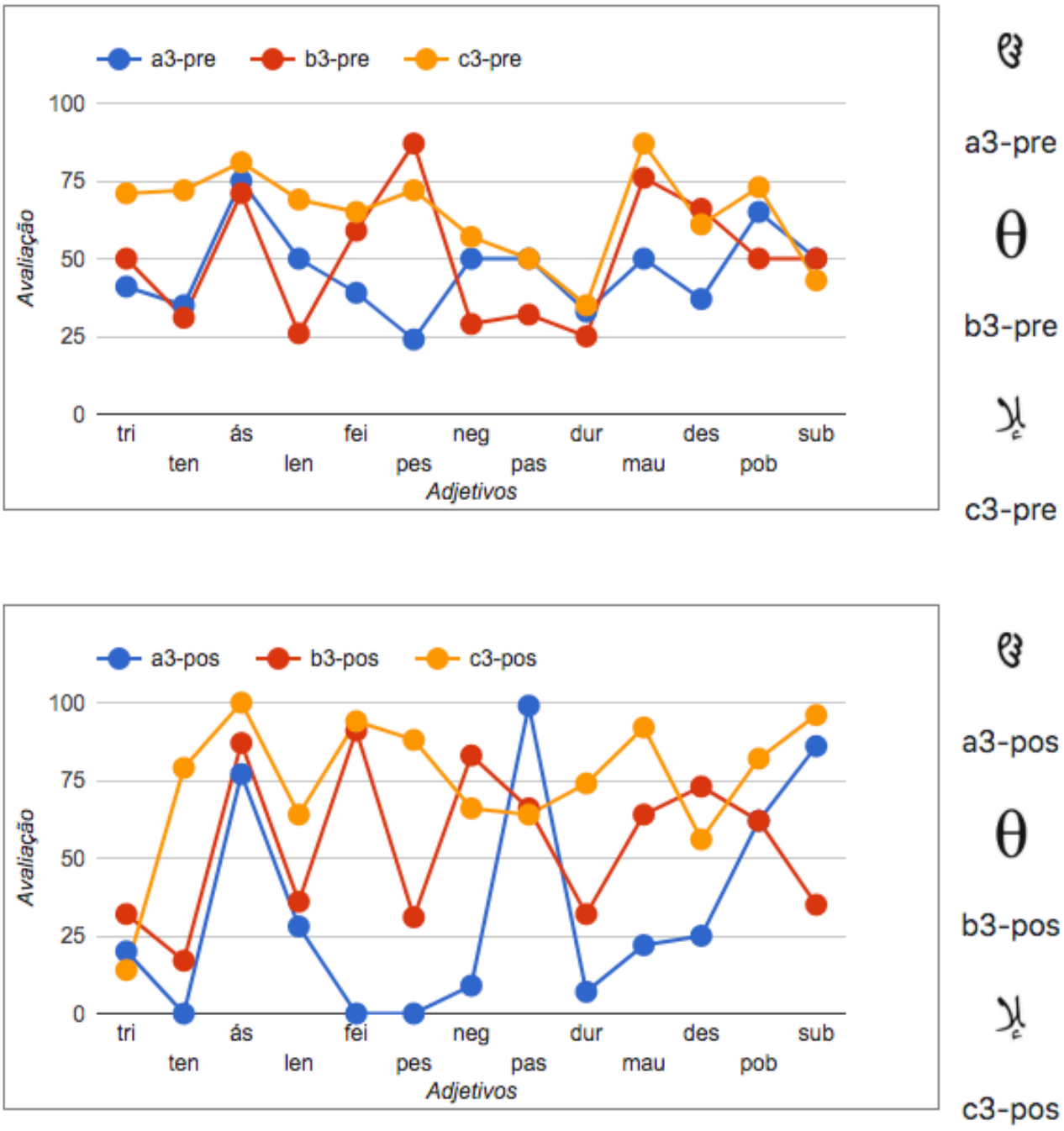
A Figura 27 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). Nas avaliações do pré-teste, podemos verificar que cada estímulo recebeu avaliações distintas. Nas avaliações do Pós-teste, é possível verificar uma aproximação dos pontos de avaliação dos estímulos.

Figura 27. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



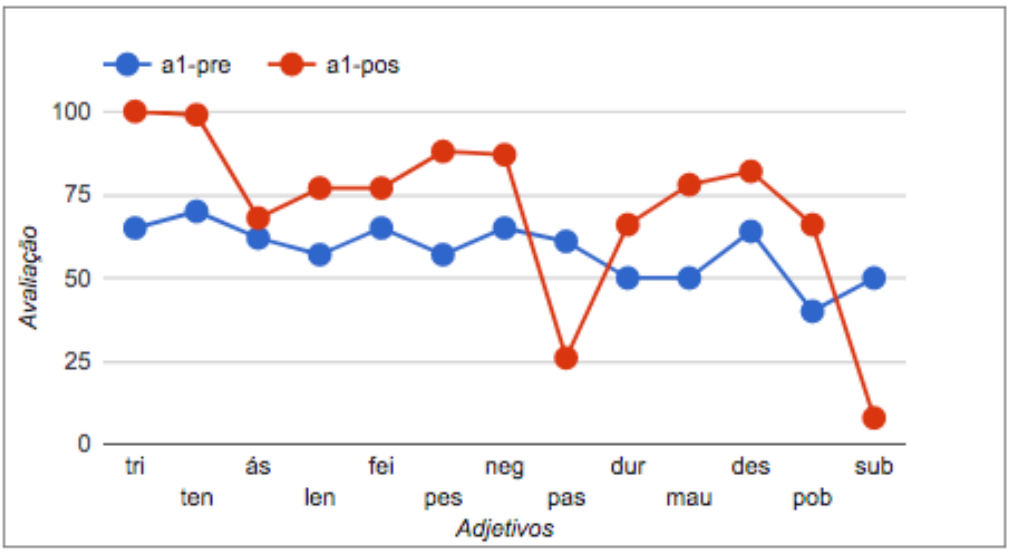
A Figura 28 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Nas avaliações do Pré-teste, podemos verificar que cada estímulo recebeu avaliações distintas, com alguns pontos próximos uns dos outros. Nas avaliações do Pós-teste, observa-se variações para os extremos positivos e negativos, principalmente no que diz respeito ao estímulo A3, com um acompanhamento das avaliações dos estímulos B3 e C3 em alguns pontos.

Figura 28. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



A Figura 29 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. A avaliação do estímulo A1 obteve um aumento em sua avaliação no Pós-teste. O B1 se manteve muito semelhante no Pré-Teste e no Pós-Teste. O estímulo C1 obteve um aumento em todos os pontos, com exceção de dois.

Figura 29. Avaliação do estímulo A1, B1 e C1 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

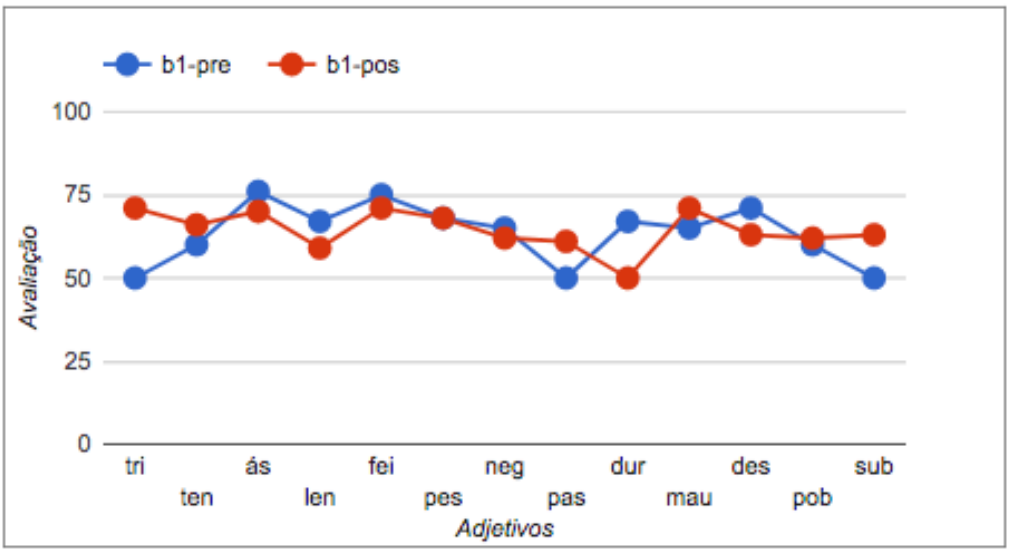




a1-pre



a1-pos

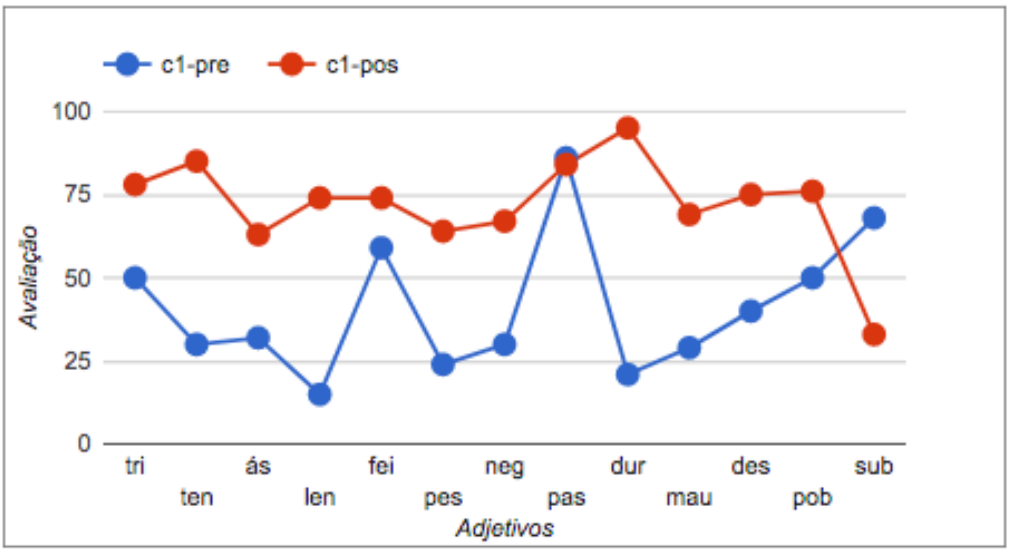




b1-pre



b1-pos





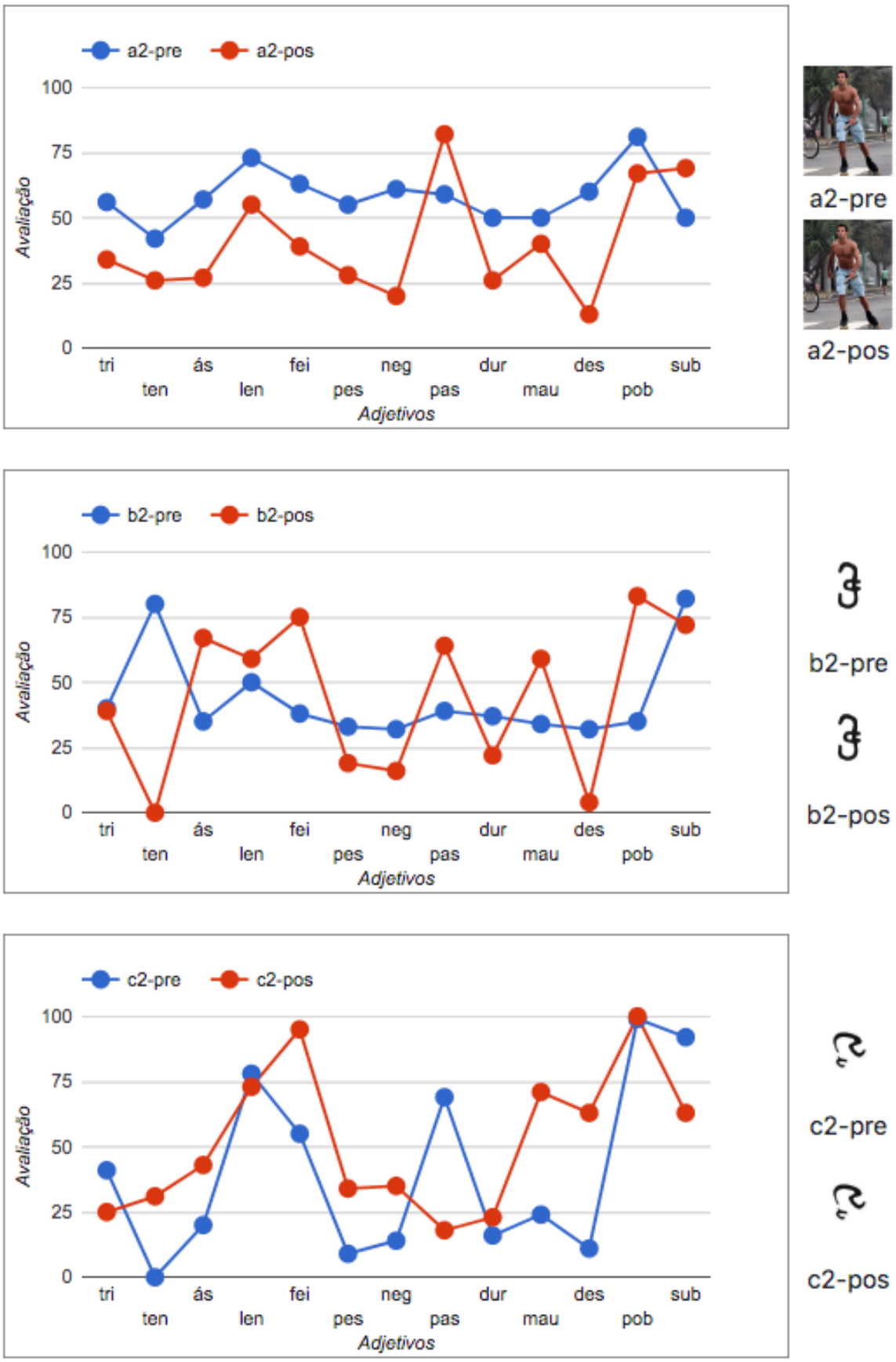
c1-pre



c1-pos

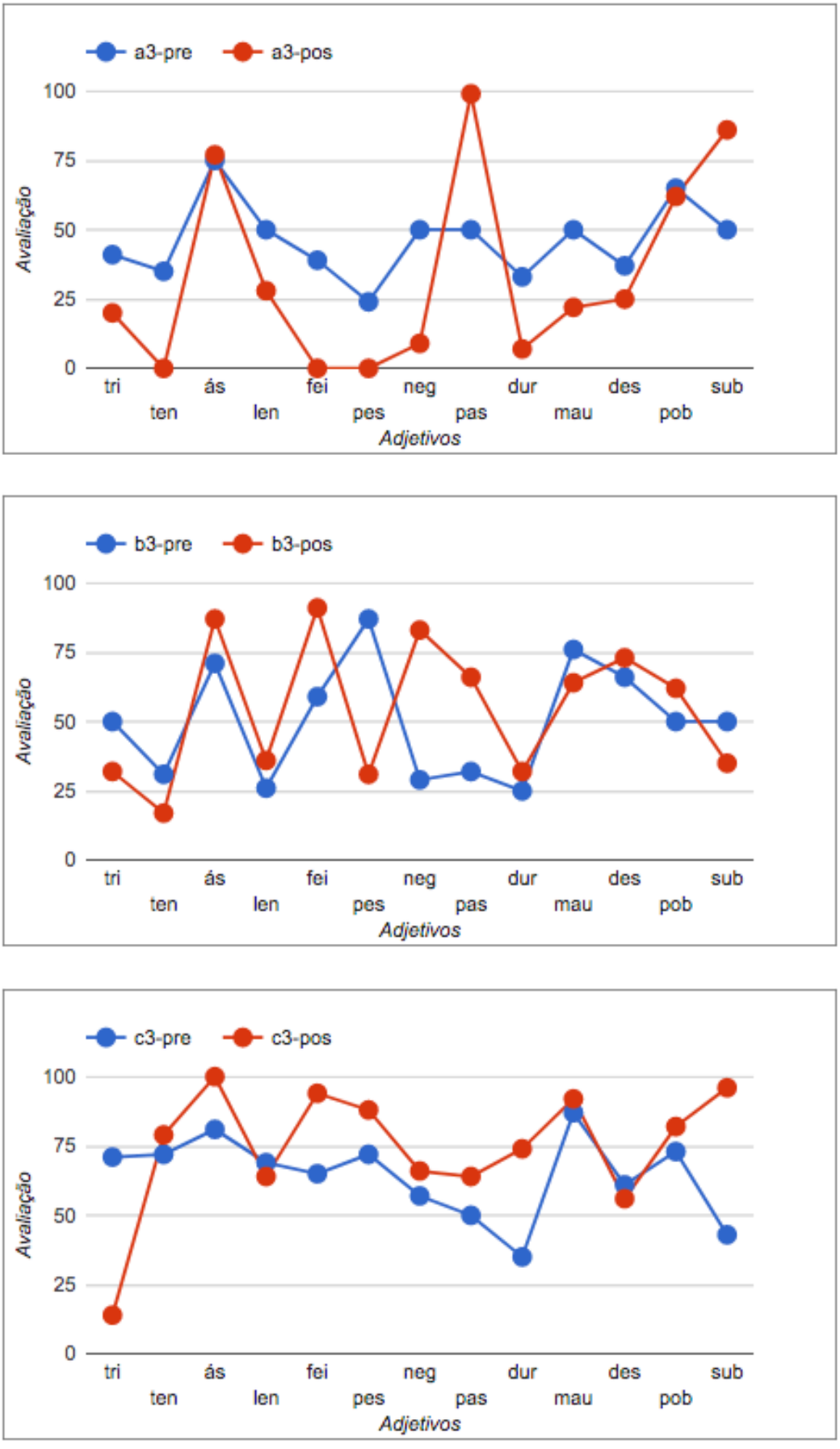
A Figura 30 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que os três estímulos tiveram suas avaliações variadas no Pós-teste, mas sem nenhum padrão aparente,

Figura 30. Avaliação do estímulo A2, B2 e C2 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



A Figura 31 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que os três tiveram modificações variadas, sem padrão visível.

Figura 31. Avaliação do estímulo A3, B3 e C3 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



A figura abaixo apresenta a equivalência entre os estímulos no Pré-Teste. Para exemplificação e explicação da tabela, observa-se que o estímulo A1 possui uma equivalência de 79% com o estímulo B1 na fase Pré-Teste

Figura 32. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 3 no Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	51	38	79	55	68	82	64	71
a2	51	100	78	71	85	73	63	76	60
a3	38	78	100	59	77	66	49	60	53
b1	79	71	59	100	74	79	86	76	80
b2	55	85	77	74	100	76	65	78	66
b3	68	73	66	79	76	100	73	77	72
c1	82	63	49	86	65	73	100	68	76
c2	64	76	60	76	78	77	68	100	70
c3	71	60	53	80	66	72	76	70	100

Observa-se que a equivalência de A1 e B1 foi elevada para 89%, o que comprova a sobreposição das linhas e a transferência de função do estímulo com significado social ao estímulo abstrato. De maneira semelhante, observa-se que a equivalência entre o estímulo A3 e o B3 foi elevada para 81%, com transferência de função. Por outro lado, observa-se uma diminuição do GE entre os estímulos A2 e B2.

Figura 33. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 3 no Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	91	82	89	79	80	75	62	87
a2	91	100	85	88	75	80	76	71	87
a3	82	85	100	82	84	81	82	73	81
b1	89	88	82	100	72	82	69	60	89
b2	79	75	84	72	100	74	82	74	72
b3	80	80	81	82	74	100	80	63	82
c1	75	76	82	69	82	80	100	79	67
c2	62	71	73	60	74	63	79	100	60
c3	87	87	81	89	72	82	67	60	100

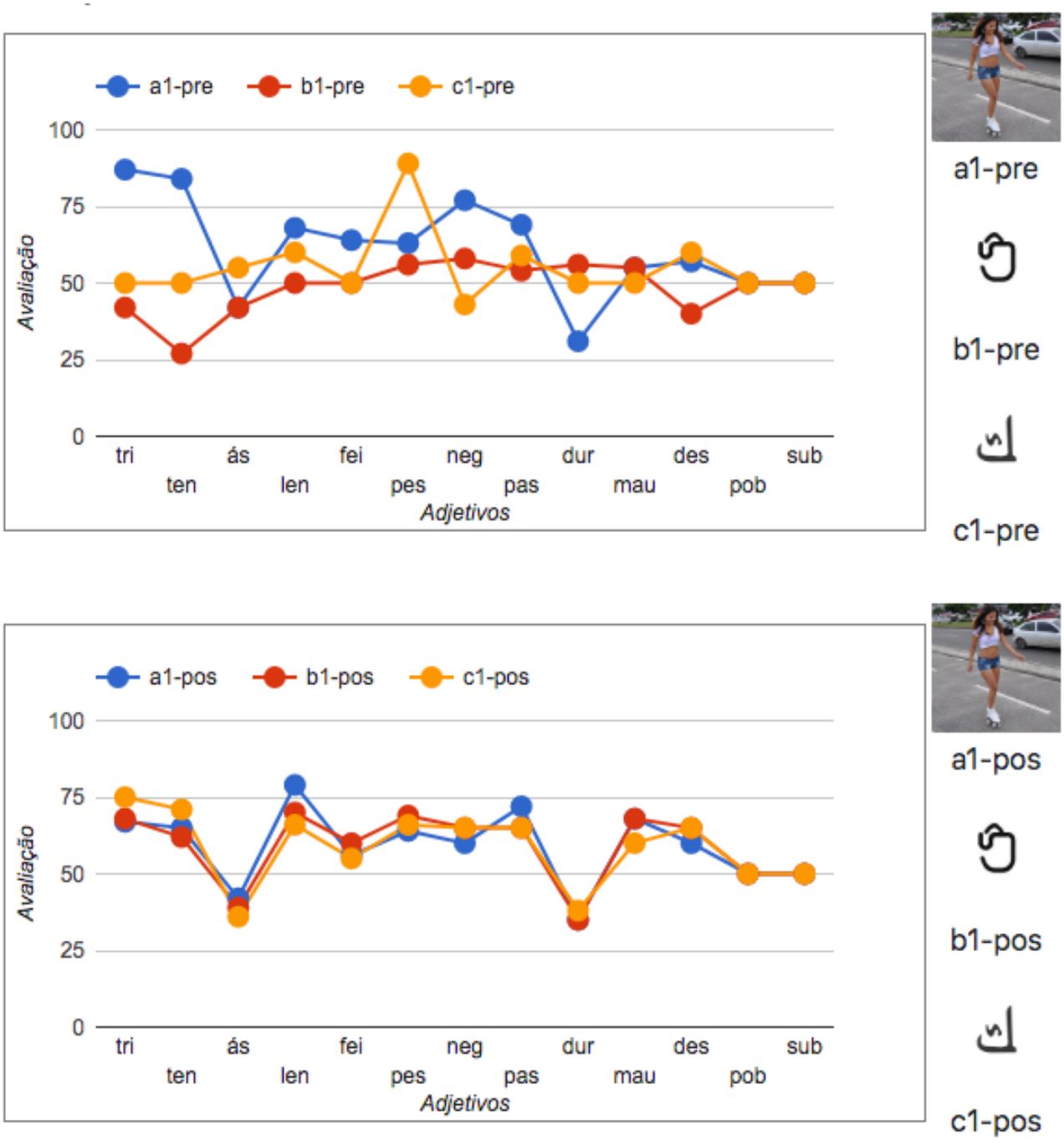
Figura 34. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 3 entre Pré-Teste e Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	75	72	58	93	72	78	83	72	75
a2	73	76	60	89	77	79	83	80	75
a3	64	85	74	80	82	82	70	77	67
b1	81	68	57	92	72	81	86	75	81
b2	59	83	69	74	74	68	64	74	65
b3	71	72	64	81	73	78	70	78	69
c1	52	87	77	72	78	74	63	74	58
c2	45	85	77	62	85	63	55	73	56
c3	80	67	55	91	71	77	84	75	79

Participante 4

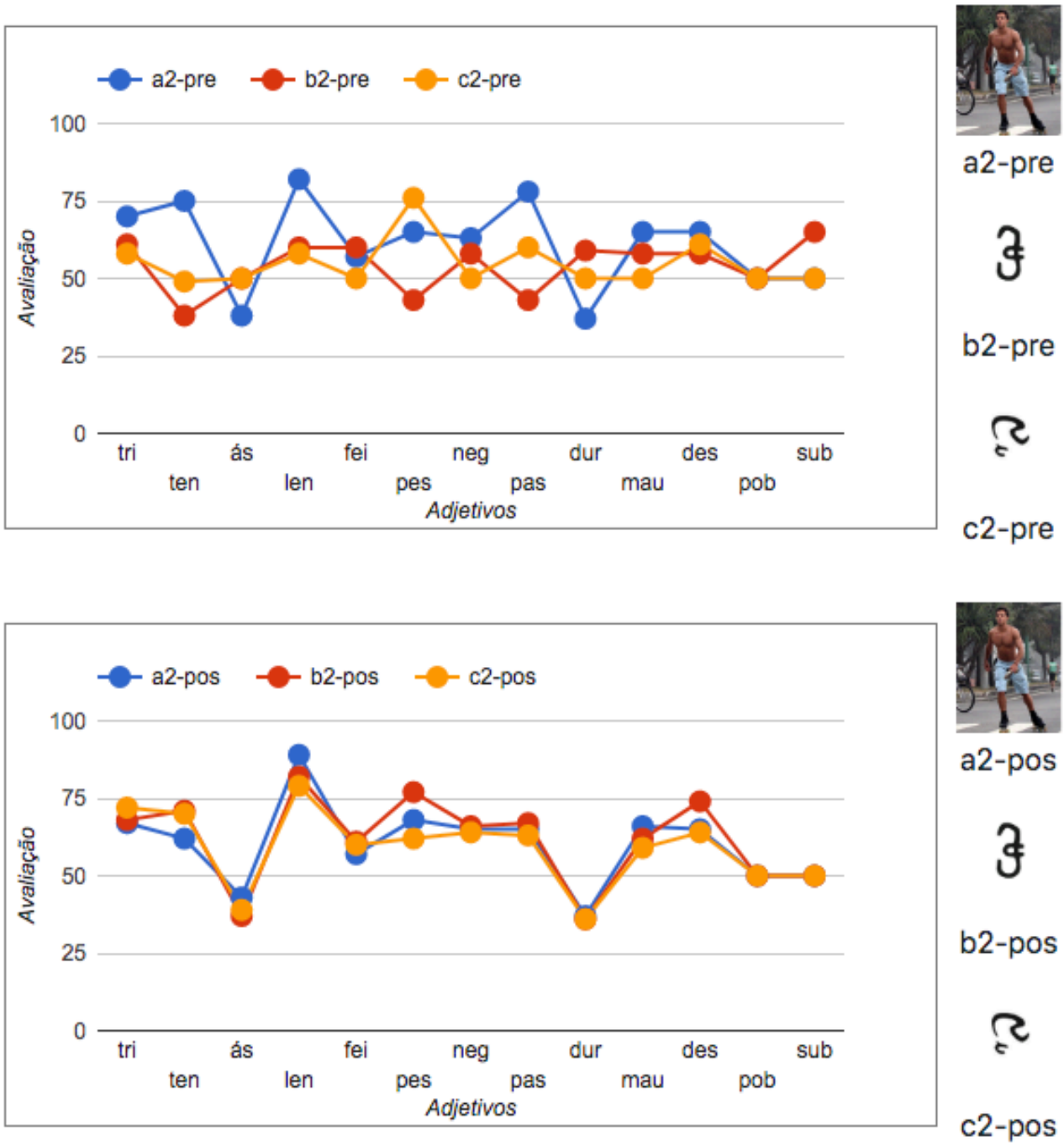
A Figura 35 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). Nas avaliações do pré-teste, podemos verificar que cada estímulo recebeu avaliações distintas. No Pós-teste, as avaliações dos estímulos B1 e C1 ficaram muito próximas à avaliação de A1, com sobreposição de diversos pontos.

Figura 35. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 pelo Participante 04 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



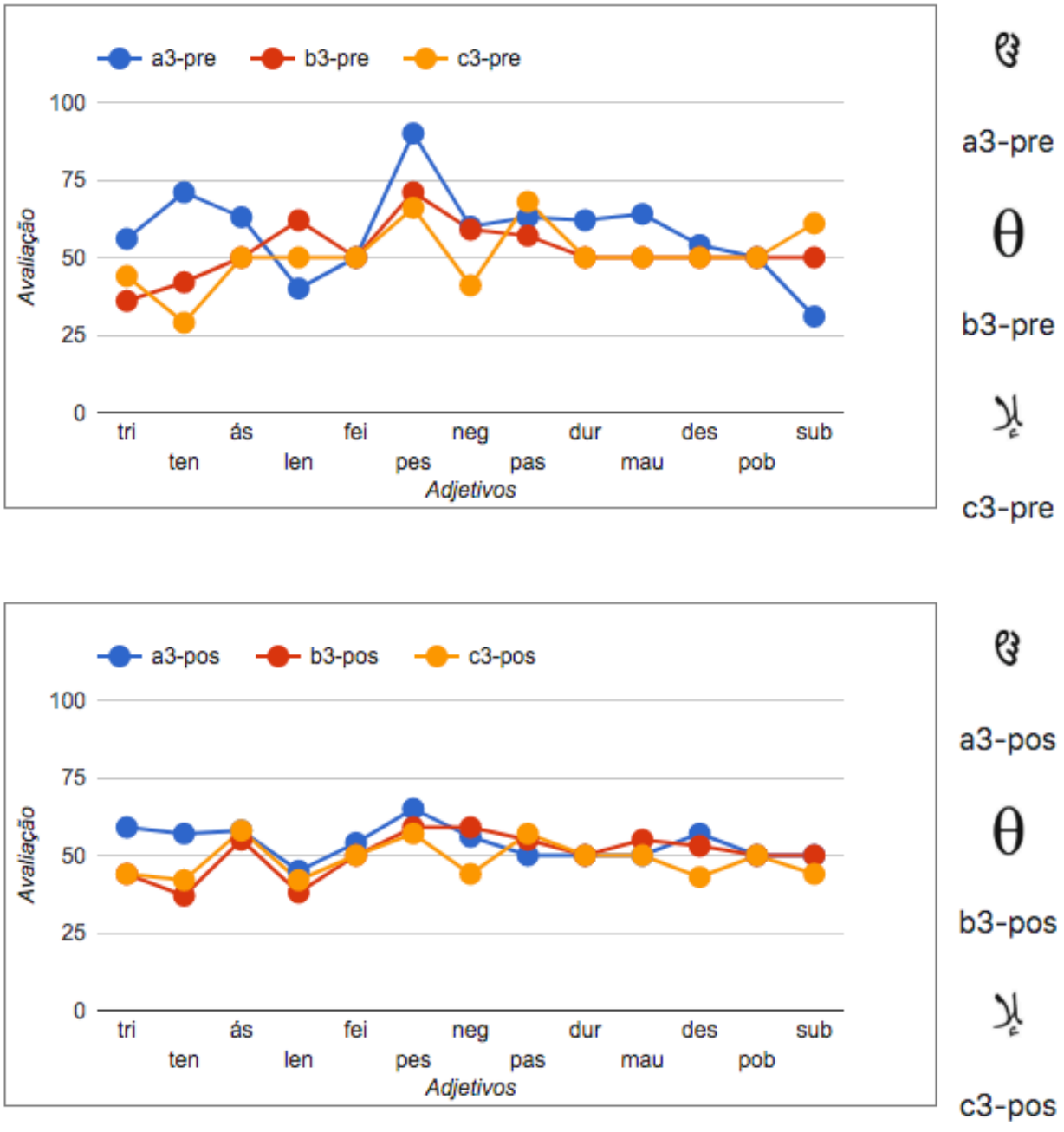
A Figura 36 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). Nas avaliações do pré-teste, podemos verificar que cada estímulo recebeu avaliações distintas. No Pós-teste, as avaliações dos estímulos B2 e C2 ficaram muito próximas à avaliação de A2, com sobreposição de diversos pontos.

Figura 36. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 pelo Participante 04 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



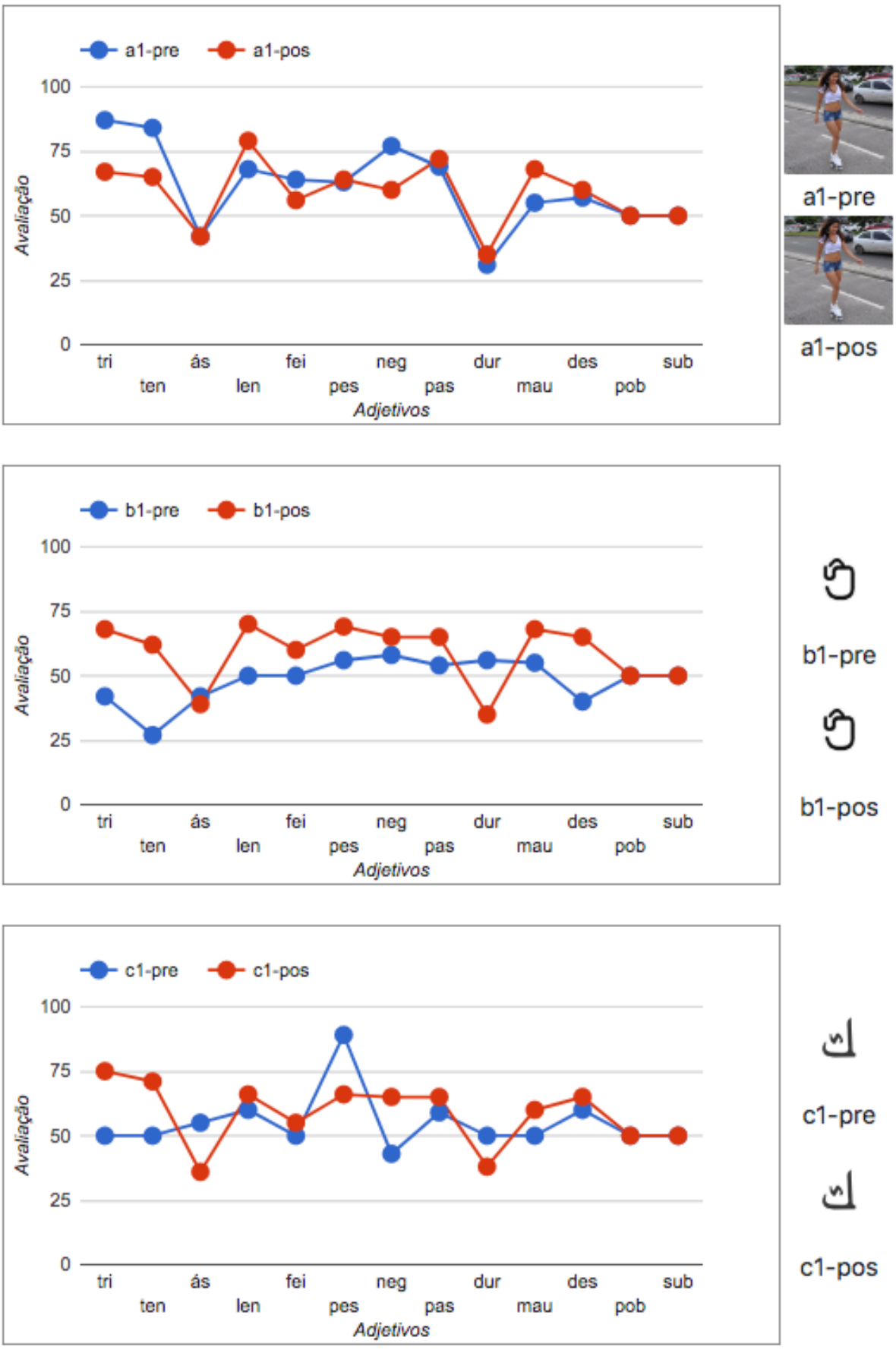
A Figura 37 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Nas avaliações do pré-teste, podemos verificar que cada estímulo recebeu avaliações distintas. No Pós-teste, as avaliações dos estímulos B3 e C3 ficaram muito próximas à avaliação de A3, com sobreposição de diversos pontos.

Figura 37. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 pelo Participante 04 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



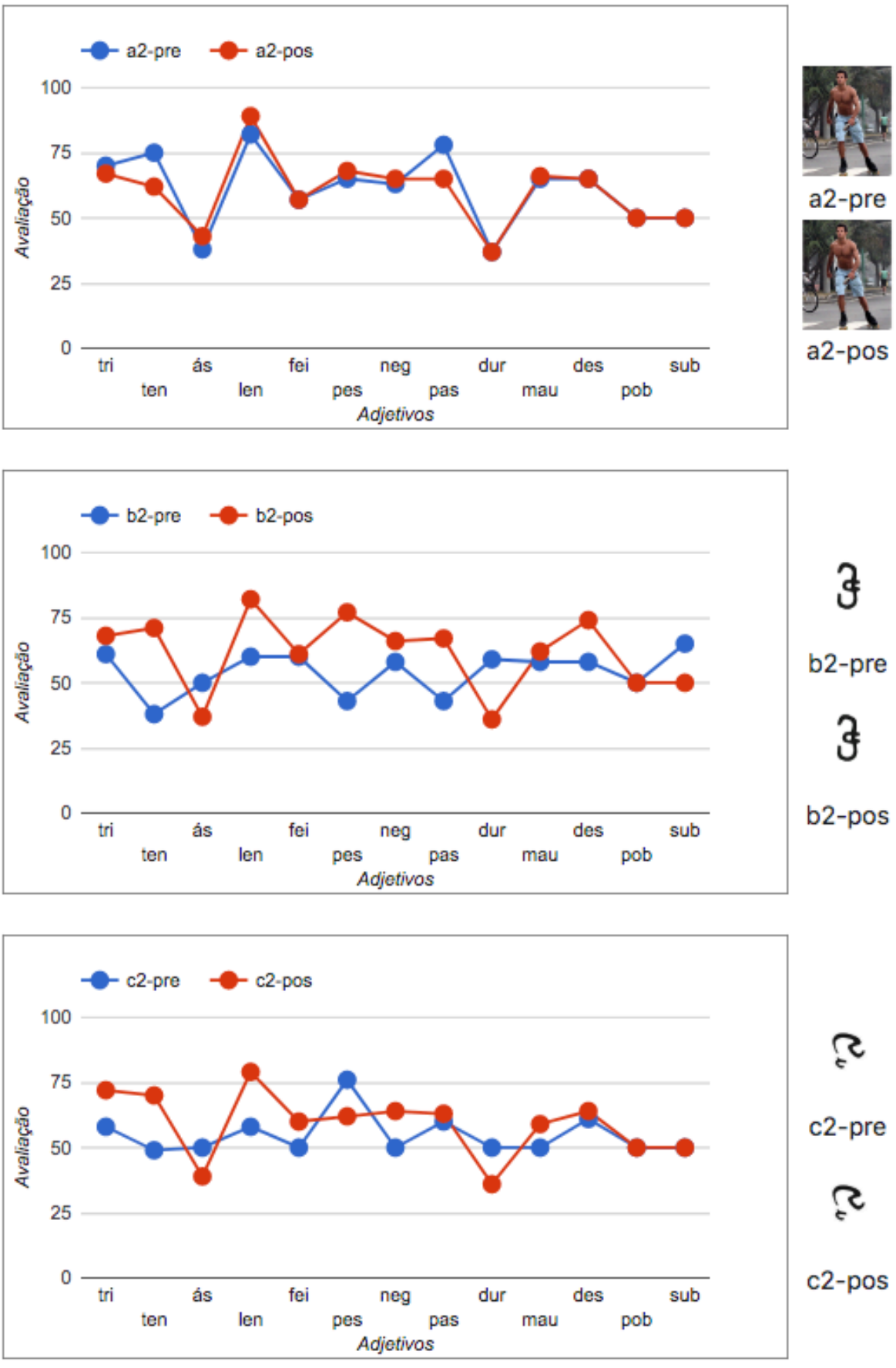
A Figura 38 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. A avaliação do estímulo A1 foi predominantemente positiva e se manteve dessa maneira, apesar de pequenas variações no Pós-Teste. Observa-se aumento da avaliação dos estímulos B1 e C1 na fase do Pós-Teste.

Figura 38. Avaliação do estímulo A1, B1 e C1 pelo Participante 4 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



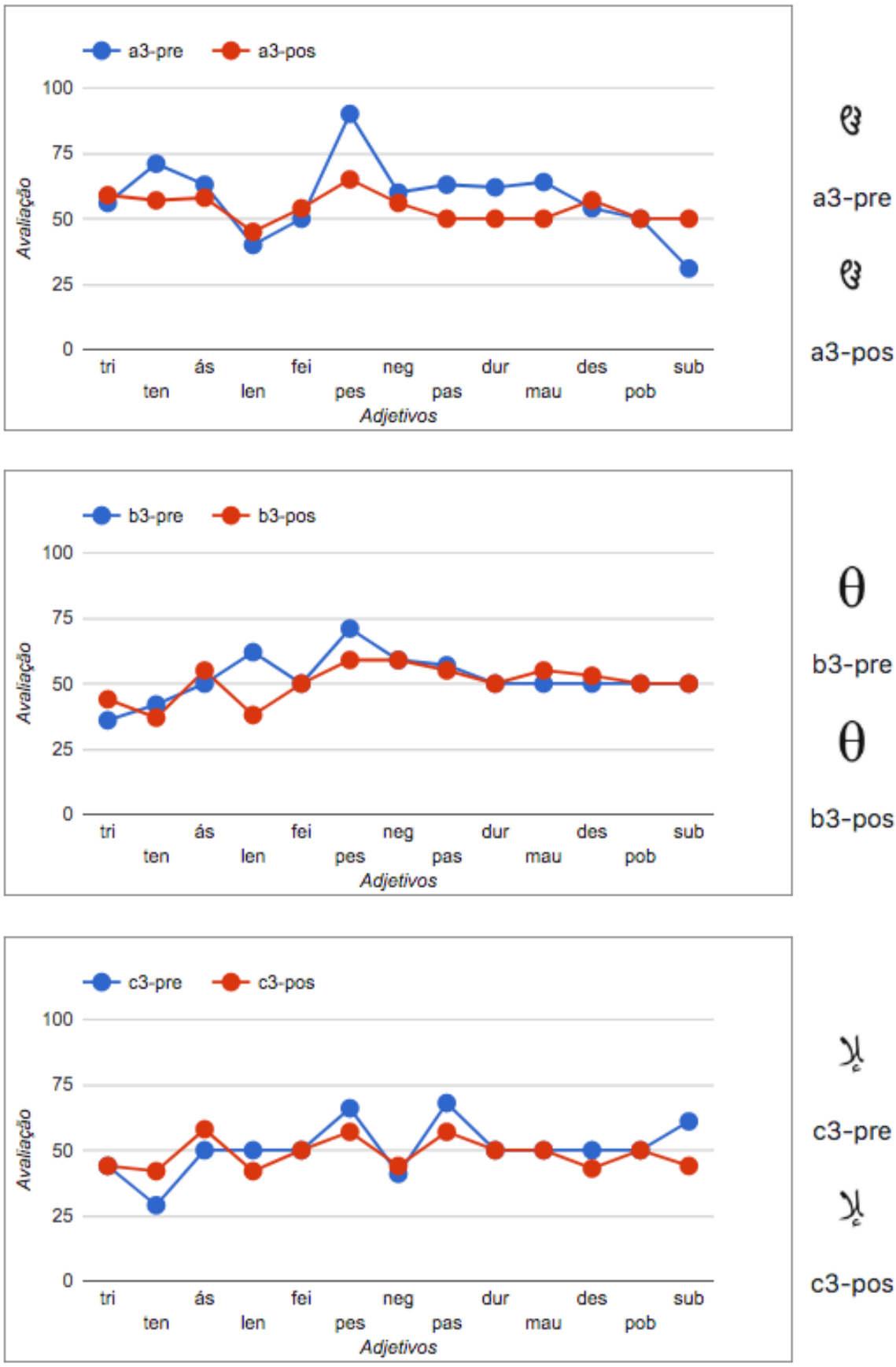
A Figura 39 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. A avaliação do estímulo A1 foi predominantemente positiva e se manteve dessa maneira, apesar de pequenas variações no Pós-Teste. Observa-se aumento da avaliação dos estímulos B2 e C2 na fase do Pós-Teste.

Figura 39. Avaliação do estímulo A2, B2 e C2 pelo Participante 4 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



A Figura 40 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Observa-se que todos os estímulos mantiveram certa estabilidade nas avaliações realizadas no Pré-teste e no Pós-teste.

Figura 40. Avaliação do estímulo A3, B3 e C3 pelo Participante 4 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



A figura a seguir apresenta o grau de equivalência entre os estímulos no Pré-Teste. Observa-se que os estímulos A1 e B1 já possuíam um alto grau nesta etapa, de 83%.

Figura 41. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 4 no Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	92	83	83	84	85	84	87	83
a2	92	100	85	84	85	86	86	88	84
a3	83	85	100	86	85	88	90	90	86
b1	83	84	86	100	91	94	89	91	93
b2	84	85	85	91	100	90	89	91	89
b3	85	86	88	94	90	100	94	95	94
c1	84	86	90	89	89	94	100	97	93
c2	87	88	90	91	91	95	97	100	93
c3	83	84	86	93	89	94	93	93	100

Apesar de os estímulos citados acima já apresentarem alto grau de equivalência, este grau foi elevado na segunda etapa do experimento para 95%, dado que comprova a formação de classe de equivalência entre estes estímulos.

Figura 42. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 4 no Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	97	90	97	95	87	95	96	85
a2	97	100	89	98	96	86	96	96	84
a3	90	89	100	90	87	94	90	89	94
b1	97	98	90	100	96	87	97	97	84
b2	95	96	87	96	100	84	96	97	82
b3	87	86	94	87	84	100	87	87	96
c1	95	96	90	97	96	87	100	97	85
c2	96	96	89	97	97	87	97	100	84
c3	85	84	94	84	82	96	85	84	100

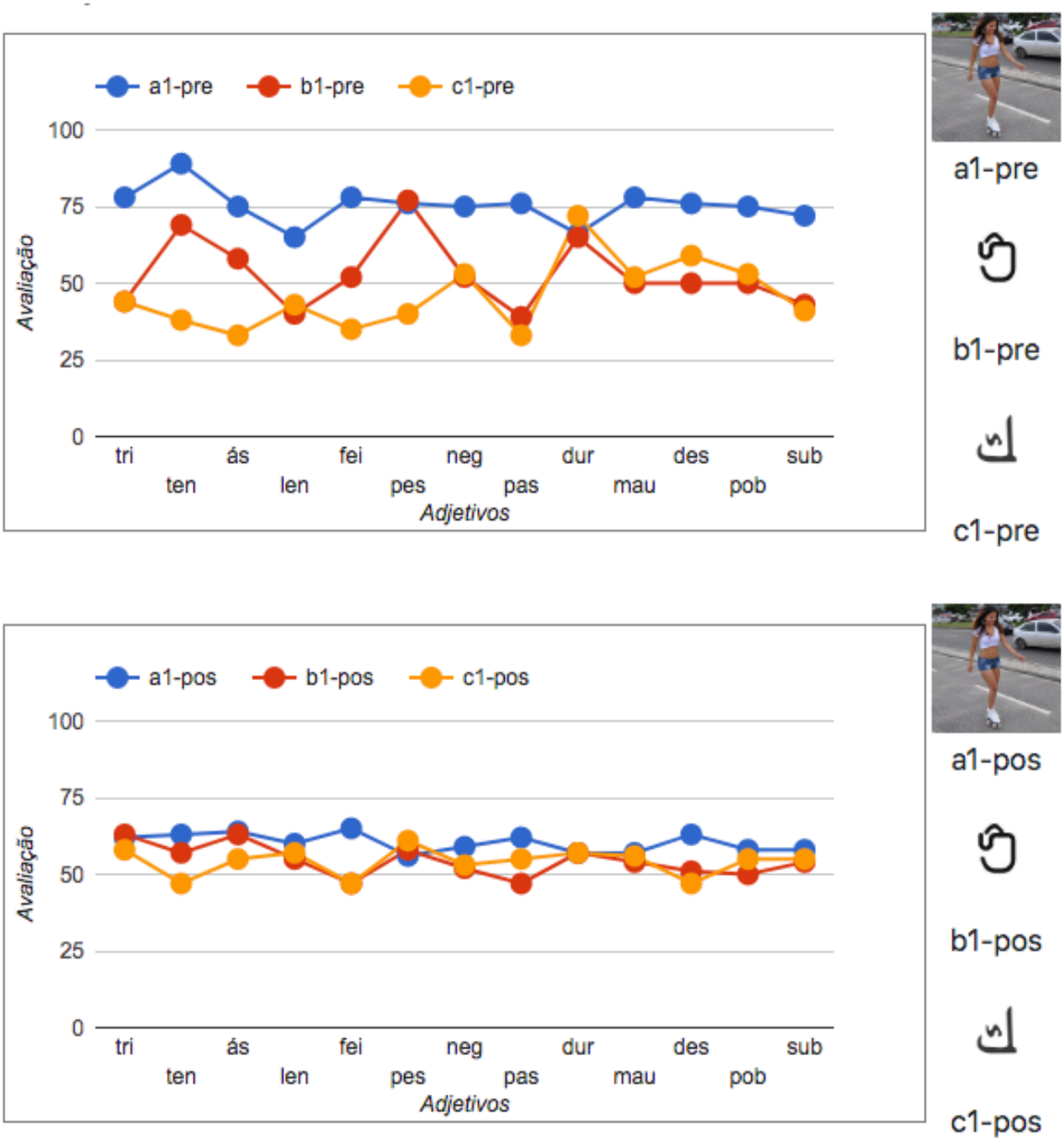
Figura 43. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 4 entre Pré-Teste e Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	92	91	87	93	92	84	94	94	82
a2	97	96	88	96	96	85	96	97	82
a3	87	86	91	87	86	89	87	86	88
b1	86	85	91	86	83	95	86	86	94
b2	87	87	91	87	85	91	87	87	88
b3	88	88	93	89	86	95	89	88	94
c1	88	88	93	88	87	92	88	87	93
c2	90	90	95	91	89	93	91	90	93
c3	86	85	91	86	83	94	86	85	94

Participante 5

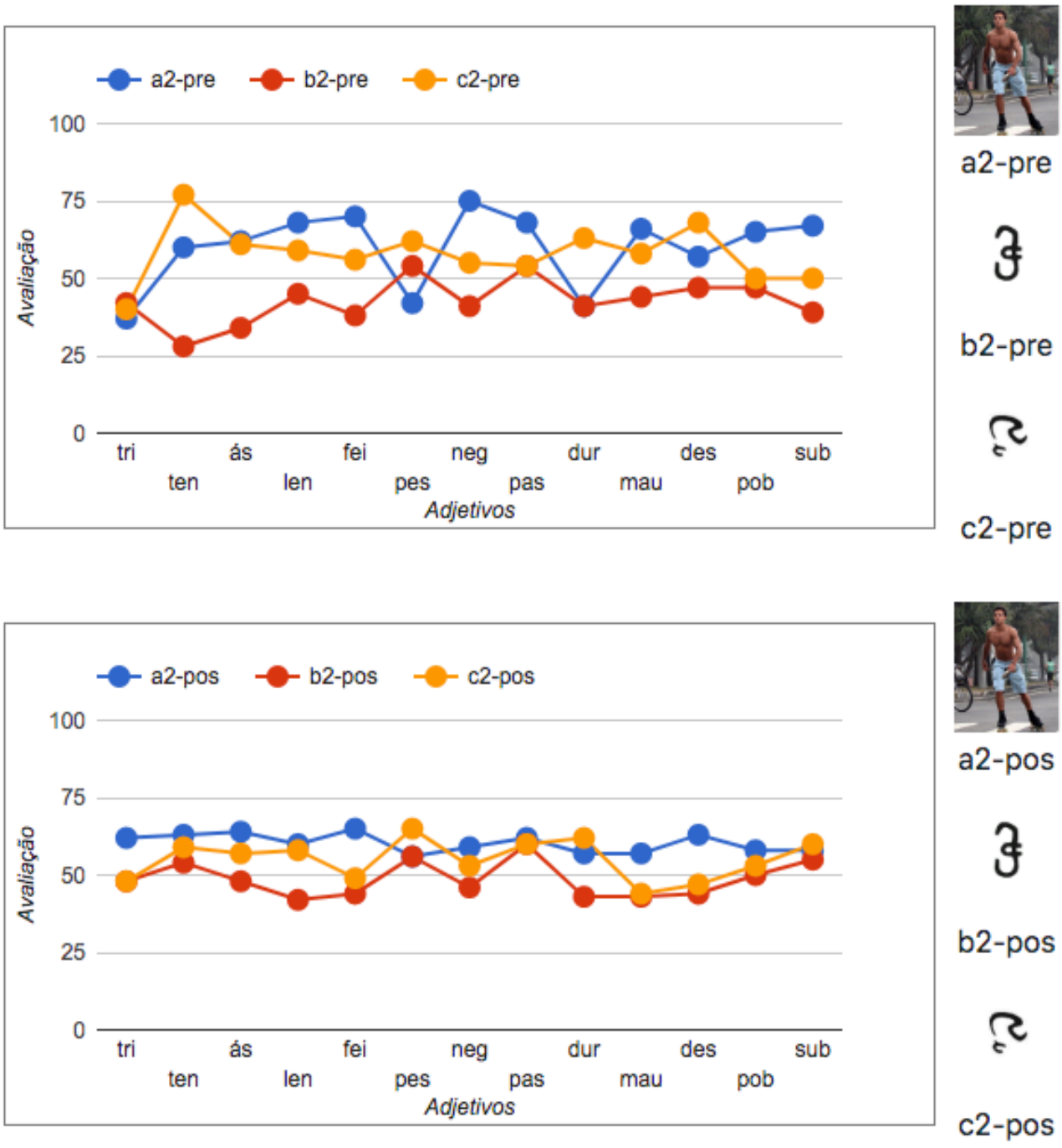
A Figura 44 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). Nas avaliações do Pré-teste, podemos verificar que os estímulos B1 e C1 receberam avaliações neutras, enquanto C1 obteve uma avaliação predominantemente positiva. No Pós-teste é possível observar que alguns pontos nos três estímulos ficaram sobrepostos e os demais foram avaliados de forma semelhante.

Figura 44. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 pelo Participante 05 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



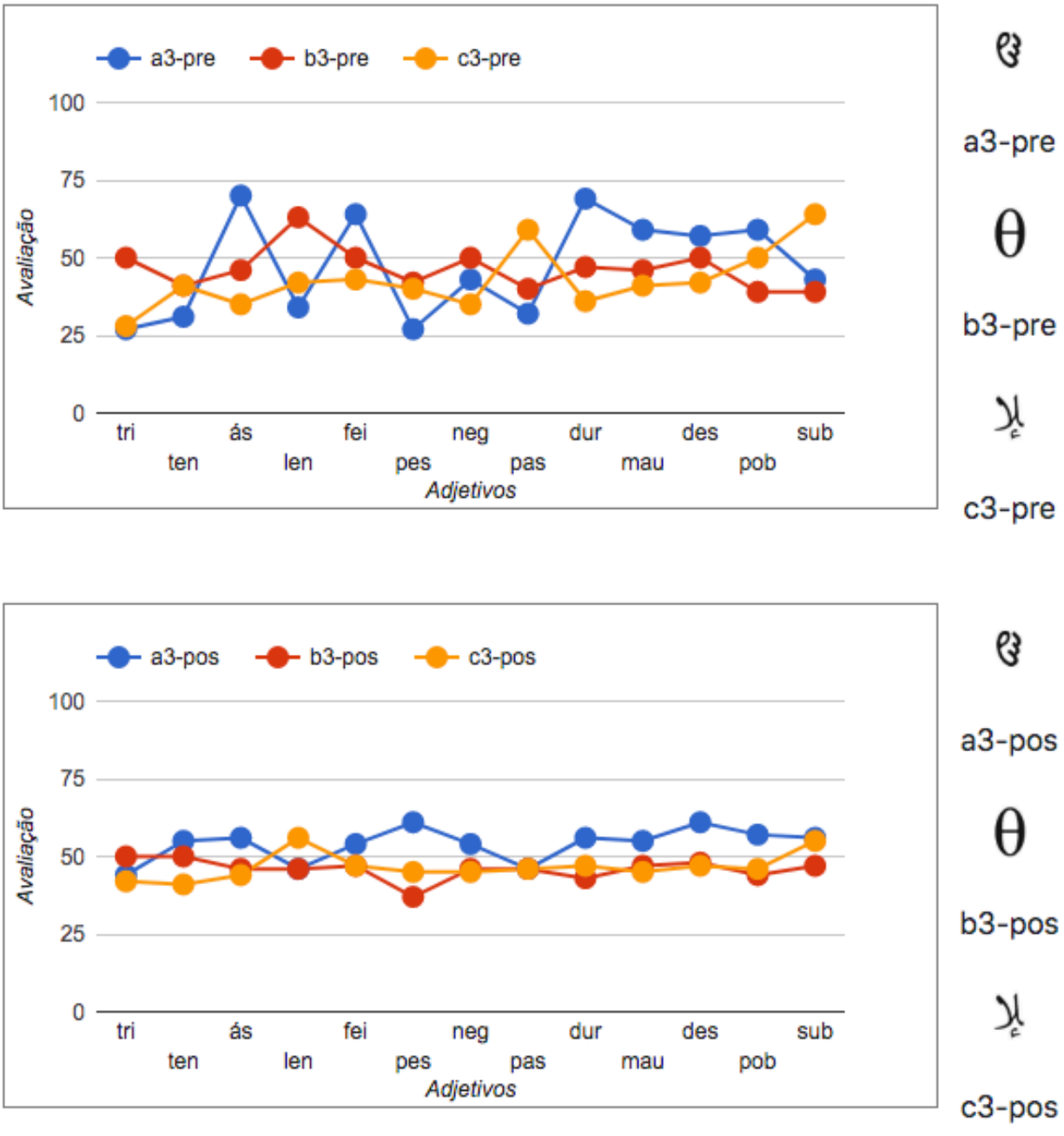
A Figura 45 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). Nas avaliações do Pré-teste, podemos verificar que cada estímulo recebeu avaliações distintas, sendo possível observar, porém, que os três estímulos obtiveram avaliações próximas ao valor equivalente a neutro. Nas avaliações do Pós-teste, é possível verificar alguns pontos de sobreposição das curvas de avaliações dos estímulos A2, B2 e C2: as avaliações de B2 e C2, em relação ao Pré-teste, ficaram mais parecidas, em alguns pontos, com a avaliação de A2.

Figura 45. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 pelo Participante 05 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



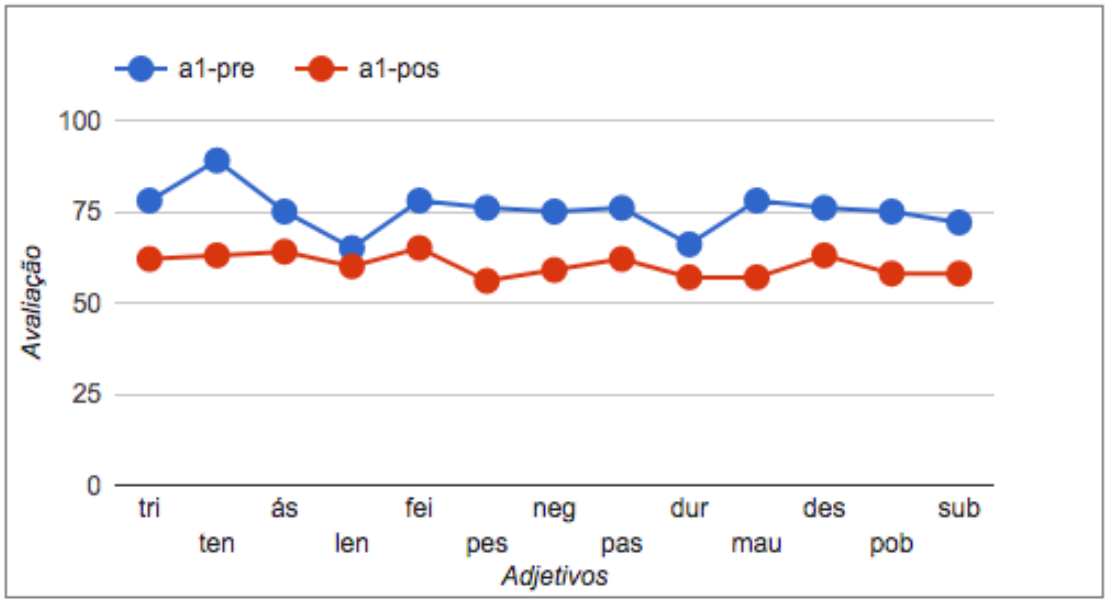
A Figura 46 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Nas avaliações do Pré-teste, podemos verificar que cada estímulo recebeu avaliações próximas ao valor 50, ou seja, avaliações equivalentes a neutro. Nas avaliações do Pós-teste, é possível verificar alguns pontos de sobreposição das curvas de avaliações dos estímulos A3, B3 e C3 e uma aproximação dos demais pontos.

Figura 46. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 pelo Participante 05 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



A Figura 47 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. A avaliação de todos os estímulos permaneceu estável ao longo das duas fases do experimento, com pequenas oscilações em alguns pontos.

Figura 47. Avaliação do estímulo A1, B1 e C1 pelo Participante 5 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

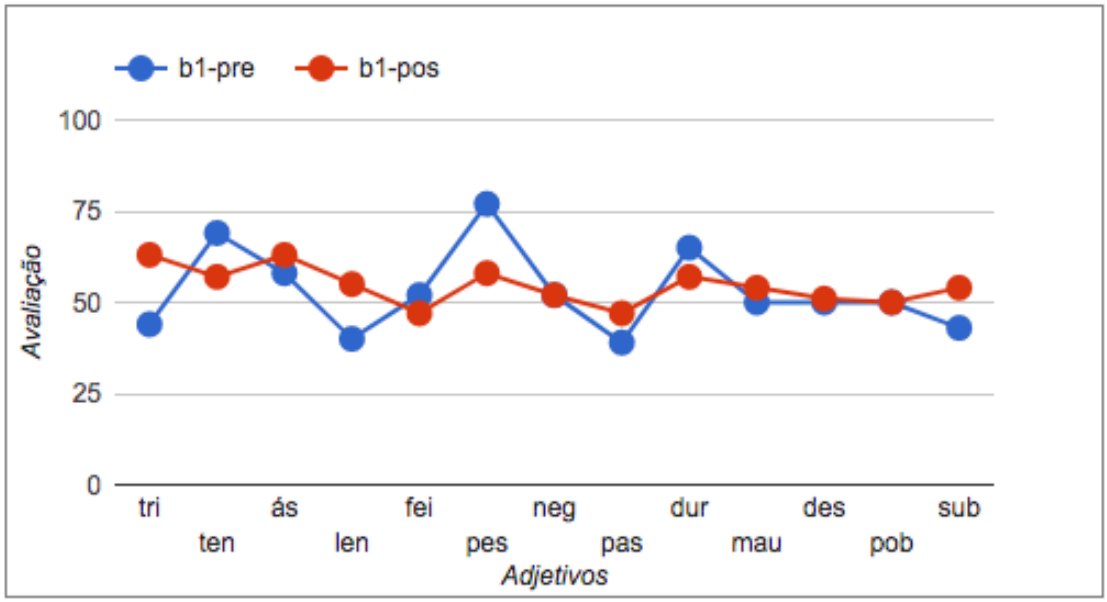




a1-pre



a1-pos

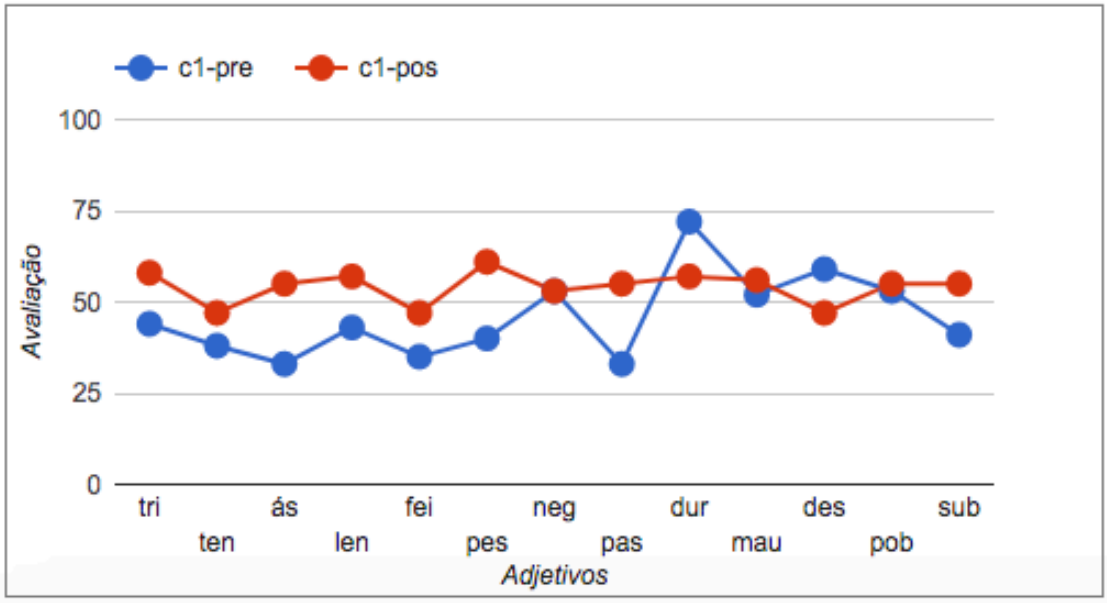




b1-pre



b1-pos





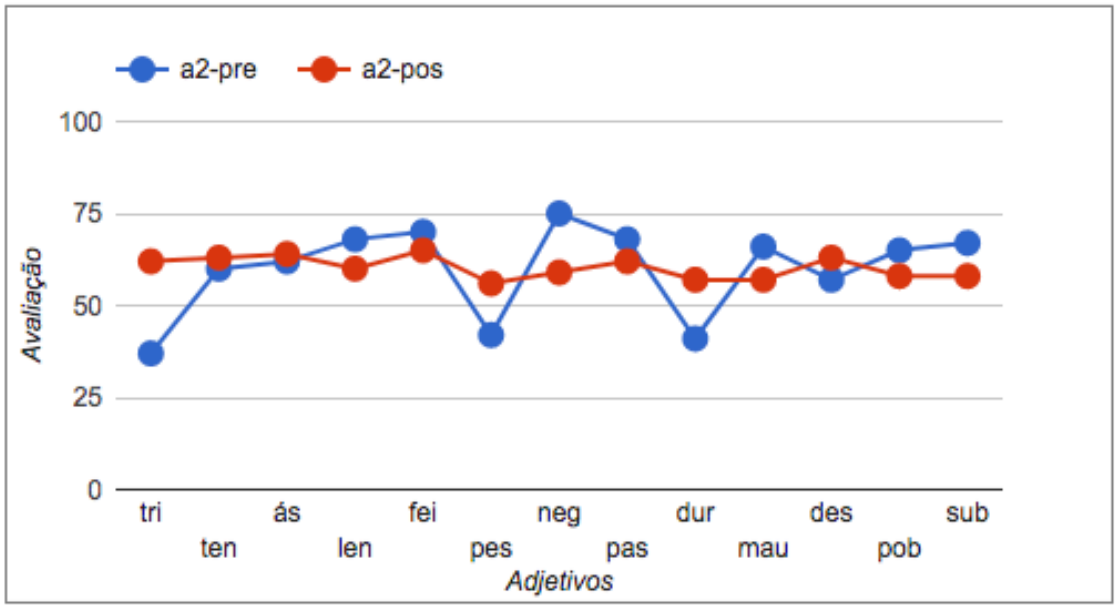
c1-pre



c1-pos

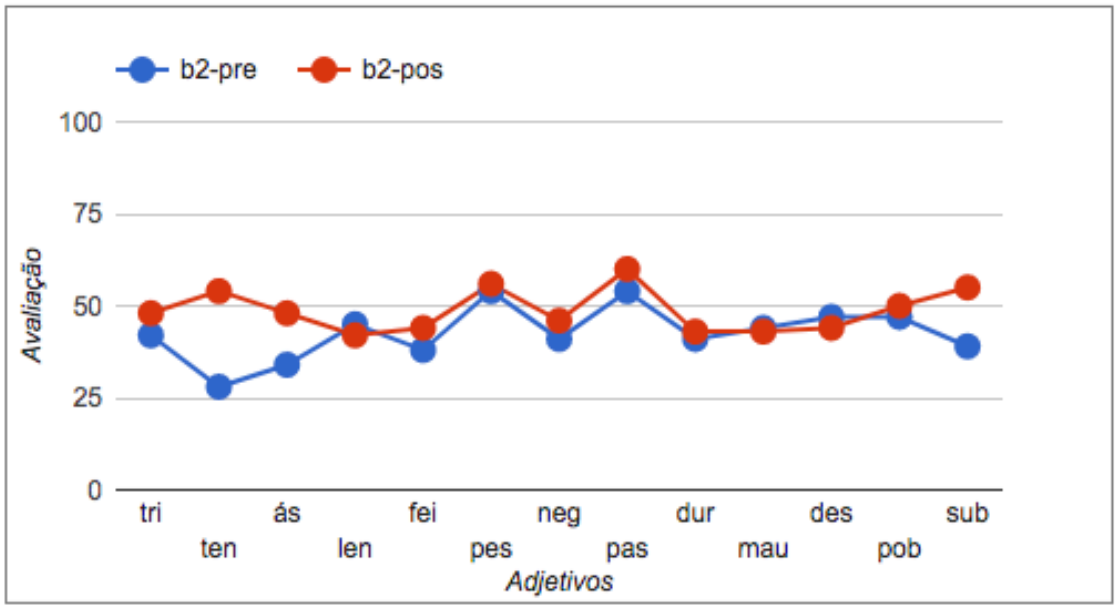
A Figura 48 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Não houve mudança significativa na avaliação dos três estímulos.

Figura 48. Avaliação do estímulo A2, B2 e C2 pelo Participante 5 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



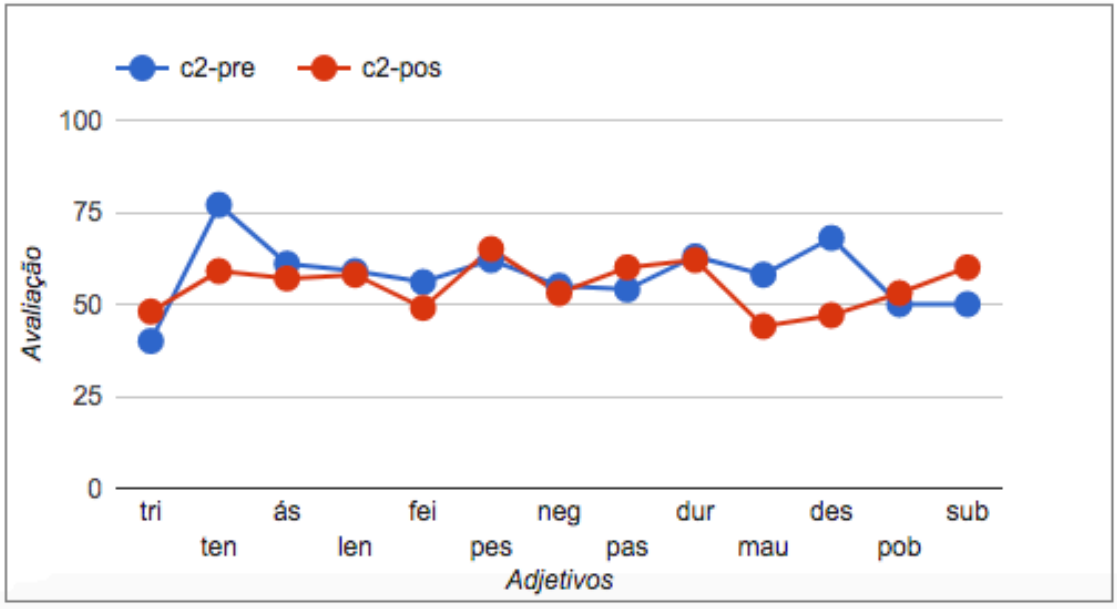

a2-pre


a2-pos




b2-pre


b2-pos

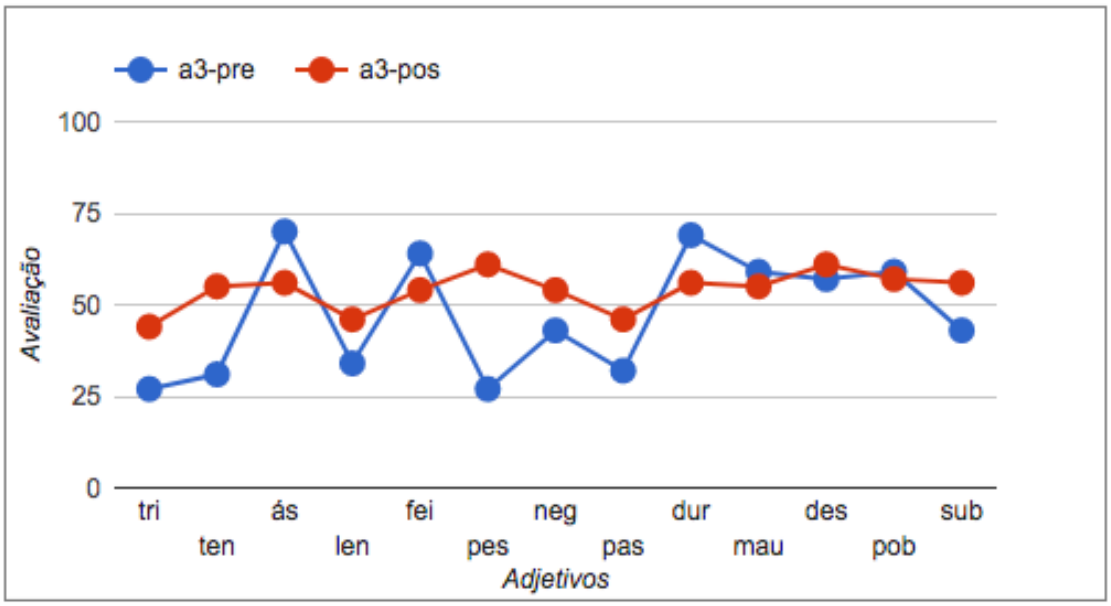



c2-pre


c2-pos

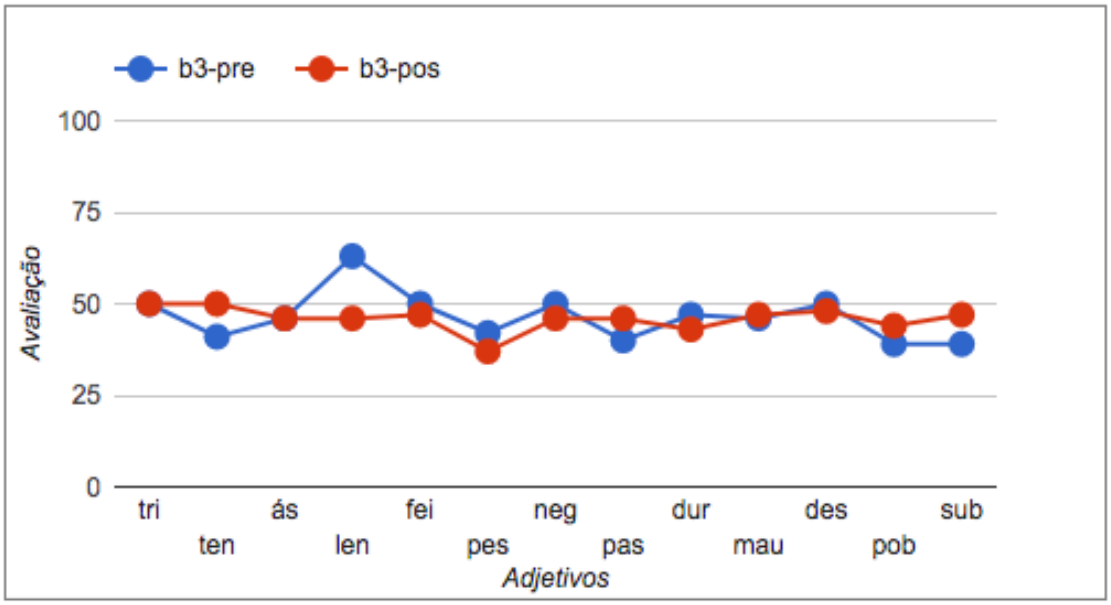
A Figura 49 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que houve uma tendência à neutralização da avaliação do estímulo A3 no Pós-teste. Não houve mudança significativa na avaliação dos estímulos B3 e C3.

Figura 49. Avaliação do estímulo A3, B3 e C3 pelo Participante 5 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



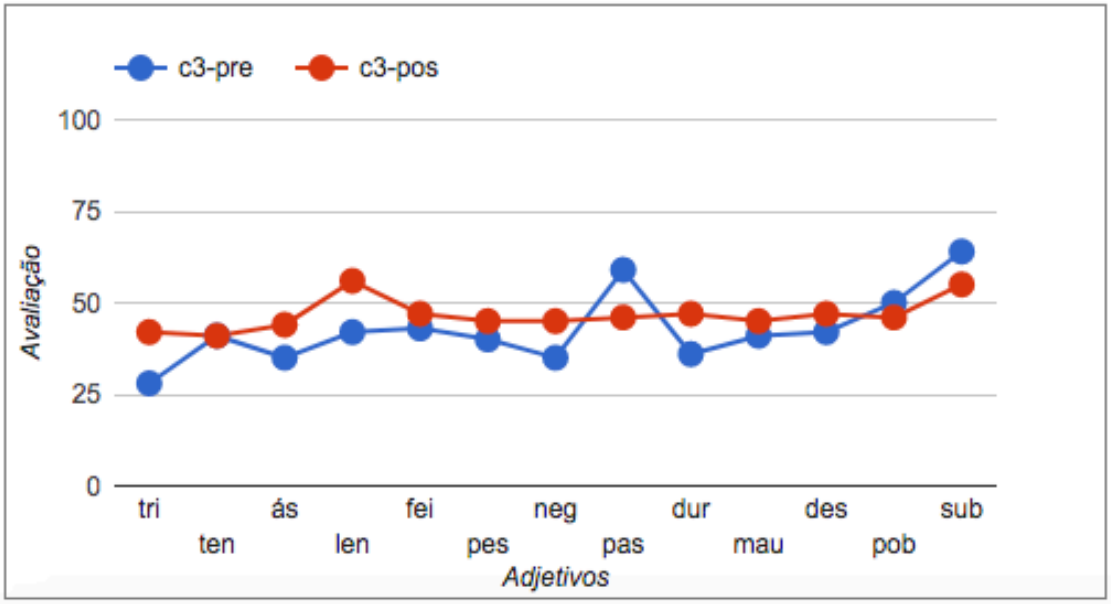
a3-pre

a3-pos



b3-pre

b3-pos



c3-pre

c3-pos

A figura abaixo apresenta o grau de equivalência entre os estímulos no Pré-Teste. Observa-se os estímulos A1 e B1, que possuíam, inicialmente, equivalência de 78%.

Figura 50. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 5 no Pré-Teste .

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	84	72	78	67	71	70	83	67
a2	84	100	82	82	80	84	80	87	83
a3	72	82	100	86	84	85	89	84	83
b1	78	82	86	100	87	89	89	92	83
b2	67	80	84	87	100	91	90	84	92
b3	71	84	85	89	91	100	90	86	88
c1	70	80	89	89	90	90	100	85	87
c2	83	87	84	92	84	86	85	100	82
c3	67	83	83	83	92	88	87	82	100

Após o emparelhamento, no Pós-Teste, estes estímulos passaram a ter equivalência de 94%, sugerindo a formação de uma classe de equivalência e transferência de função no estímulo com significado social ao abstrato.

Figura 51. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 5 no Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	100	93	94	88	86	93	92	86
a2	100	100	93	94	88	86	93	92	86
a3	93	93	100	95	92	91	95	94	91
b1	94	94	95	100	92	91	96	94	92
b2	88	88	92	92	100	95	93	94	94
b3	86	86	91	91	95	100	91	90	96
c1	93	93	95	96	93	91	100	95	93
c2	92	92	94	94	94	90	95	100	91
c3	86	86	91	92	94	96	93	91	100

Figura 52. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 5 entre Pré-Teste e Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	85	85	79	79	73	71	79	80	71
a2	90	90	87	86	85	84	86	87	85
a3	84	84	87	84	82	86	84	82	85
b1	87	87	93	92	90	89	90	92	88
b2	82	82	87	87	93	92	89	88	93
b3	86	86	89	90	91	95	90	89	95
c1	83	83	89	87	87	90	88	86	90
c2	93	93	93	92	88	86	92	92	88
c3	82	82	86	85	93	91	87	87	92

Discussão

A presente pesquisa buscou compreender como é concebido o preconceito em termos analítico-comportamentais, qual a relação dessa concepção com o Paradigma de Equivalência, tendo a mulher como o centro do objeto de pesquisa.

A partir disso, foi feita uma pesquisa que continha uma avaliação com diferencial semântico, contendo uma parte com ensino das relações AB/AC, Testes de Simetria e Equivalência, com o intuito de avaliar se houve formação de Classe de Equivalência, e refazer o Diferencial Semântico, para avaliar a ocorrência de Transferência de significado. Compreende-se que, se houver transferência de função, faz-se possível modificar a atitude de um indivíduo mesmo após uma história experimental em relação ao vestuário.

Os resultados da pesquisa permitiram observar que houve transferência de função, com exceção do Participante 5. O que quer dizer que, exceto este participante, todos os outros apresentaram transferência de função entre alguns estímulos. O primeiro participante realizou transferência de função em relação ao estímulos A1/C1, que simbolizam a mulher andando de patins (A1) e o estímulo neutro (C1); o segundo participante realizou transferência de função em relação a todo o Conjunto 3; o terceiro participante realizou Transferência apenas entre os estímulos A1/C1 e A2/B2, enquanto o quarto participantes apresentou transferência de função entre os estímulos A2/B2.

Tendo em vista o estudo relativo à transferência de função e Reorganização de Classes de Equivalência de Portela (2014), no qual foram utilizadas figuras de silhuetas de diferentes biotipos e estímulos abstratos, o presente estudo pôde investigar os efeitos de outras variáveis em relação a transferência de

função, utilizando de estímulos com significados socialmente estabelecidos e estímulos abstratos.

O presente experimento apresentou algumas limitações. A primeira a ser evidenciada diz respeito ao fato de ter sido realizada de maneira remota, o que limita seu controle, considerando que a qualidade da internet pode vir a ser um empecilho para a realização do experimento. Alguns participantes, portanto, tiveram problemas que os levaram a necessidade de atualização da página do software, fazendo, assim, com que a etapa fosse reiniciada e houvesse problemas com a coleta de dados, o tempo de realização da pesquisa e repetição de dados no software.

A segunda limitação a ser destacada diz respeito à explicação do experimento, realizada no vídeo inicial. O vídeo explicava que, eventualmente, os participantes parariam de receber feedback. No entanto, isto só iria ocorrer a partir da segunda etapa do experimento (AB/AC 80%). Alguns participantes, porém, compreenderam que já não receberiam feedbacks na primeira etapa (AB/AC 100%), o que os levou a fazer perguntas durante o experimento e até atualizações da página do software, que, novamente, atrapalhou o tempo de término do experimento.

Os resultados encontrados nesta pesquisa conseguiram demonstrar transferência de função de estímulos equivalentes com estímulos significativos. A partir disso, compreende-se que este trabalho pode vir a contribuir para futuros estudos relacionados a preconceitos de gênero.

Experimento 3: Atitudes: transferência de função de estímulos relacionados a gênero e esporte

Pesquisadora responsável: Ana Beatriz Nascimento de Jesus Borges Soares

Introdução

O corpo em si é a base de nossa expressão de estar no mundo, que nos leva a aprender a lidar com tais semelhanças e diferenças e adotar os mais diversos comportamentos da organização da vida humana. Na construção de noções de corpo, estabelecem-se relações de classe, raça e gênero. O gênero se torna, portanto, uma influência com uma proporção e dimensão tão persuasiva na sociedade que é muito complexo apontar o tamanho de sua proporção exata (Gill, 1994).

Segundo Nicholson (2000), a designação de gênero pode ser utilizada de duas maneiras, podendo estas, inclusive, serem consideradas controversas. Por uma perspectiva, a denominação gênero descreve o que é socialmente construído e usado em oposição ao conceito de sexo. Por outro lado, gênero pode ser referenciado a qualquer construção social que distingue o masculino e o feminino, incluindo as construções biológicas que separam os corpos de homens e mulheres.

As mulheres vêm se destacando cada vez mais em seus contextos, sendo eles de distintos âmbitos de nossa sociedade, tais como: trabalhista, político, social e familiar. Dentre esses contextos, se encontra também o esportivo. A participação de mulheres no ambiente do esporte é em geral permeada também por diversas questões de gênero. As mídias têm se preocupado em demarcar a relação dos esportes com a vida pessoal das atletas, destinando pouco tempo para que as atletas mostrem a glória de serem mulheres e ainda cumprirem seus diversos papéis.

No mundo esportivo, as mulheres tiveram que lutar muito para assegurar um espaço no ambiente dos atletas que perpassou desde o prestígio hierarquizado dos homens, a relativa menor exposição das mulheres esportistas pela mídia e também as premiações mais baixas que as atletas de ponta recebem em relação aos homem, chegando também a menor participação de mulheres em eventos esportivos internacionais como Jogos Pan-americanos e Olímpicos (Souza & Knijnik, 2007).

Mesmo que em épocas distintas de avanço do papel dessas atletas, o status dessas mulheres continua sendo marginalizado. Ideologias que ainda se mostram convictas na sociedade questionam a mulher (Dunning & Maguire, 1996), o feminino e masculino ocupam lugares distintos. É comum que a mulher seja vista por atitudes mais ríspidas, o levando-as a serem deturpadas de seu contexto e sofrerem preconceito, discriminações diversas, insinuações e piadas ambíguas, como se esse tipo de atitude fosse meramente de domínio masculino (Knijnik & Vasconcelos, 2003).

Além disso, para mulheres que atuam em modalidades predominantemente masculinas, o preconceito e a discriminação são ainda mais visíveis e alarmantes. Ainda de acordo com Knijnik e Vasconcelos (2003), mesmo que as futebolistas brasileiras tenham alcançado expressivos resultados internacionais, continuam desconhecidas por grande parte do público e patrocinadores brasileiros.

Nesta perspectiva, o presente estudo busca analisar se as atitudes, tanto positivas quanto negativas, podem estar relacionadas a estímulos de significância de gênero no contexto do esporte a partir das relações de equivalência e de contingências de reforçamento sobre determinadas situações. Bem como, a partir de um modelo de equivalência de estímulos, verificar a provável Transferência entre estímulos concretos e abstratos. Uma vez que ainda se faz necessários estudos em relação a atitudes e gênero, principalmente em ambientes predominantemente masculinos.

Método

Delineamento experimental

Idêntico ao Experimento 2.

Participantes

Os participantes do experimento foram cinco homens selecionados por conveniência. O convite da pesquisa foi enviado pelo aplicativo Whatsapp.

Procedimentos éticos

O experimento foi iniciado após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética do UniCEUB e a entrega dos TCLEs (Termos de Consentimento Livre e Esclarecido) às participantes, que foram lidos e assinados por elas. Posteriormente, após a entrega dos TCLEs assinados, foram definidos horário e data para a realização do experimento.

Local

Idêntico ao Experimento 2.

Recursos utilizados para a realização da pesquisa

Software para interação com os participantes. Idêntico ao Experimento 2.

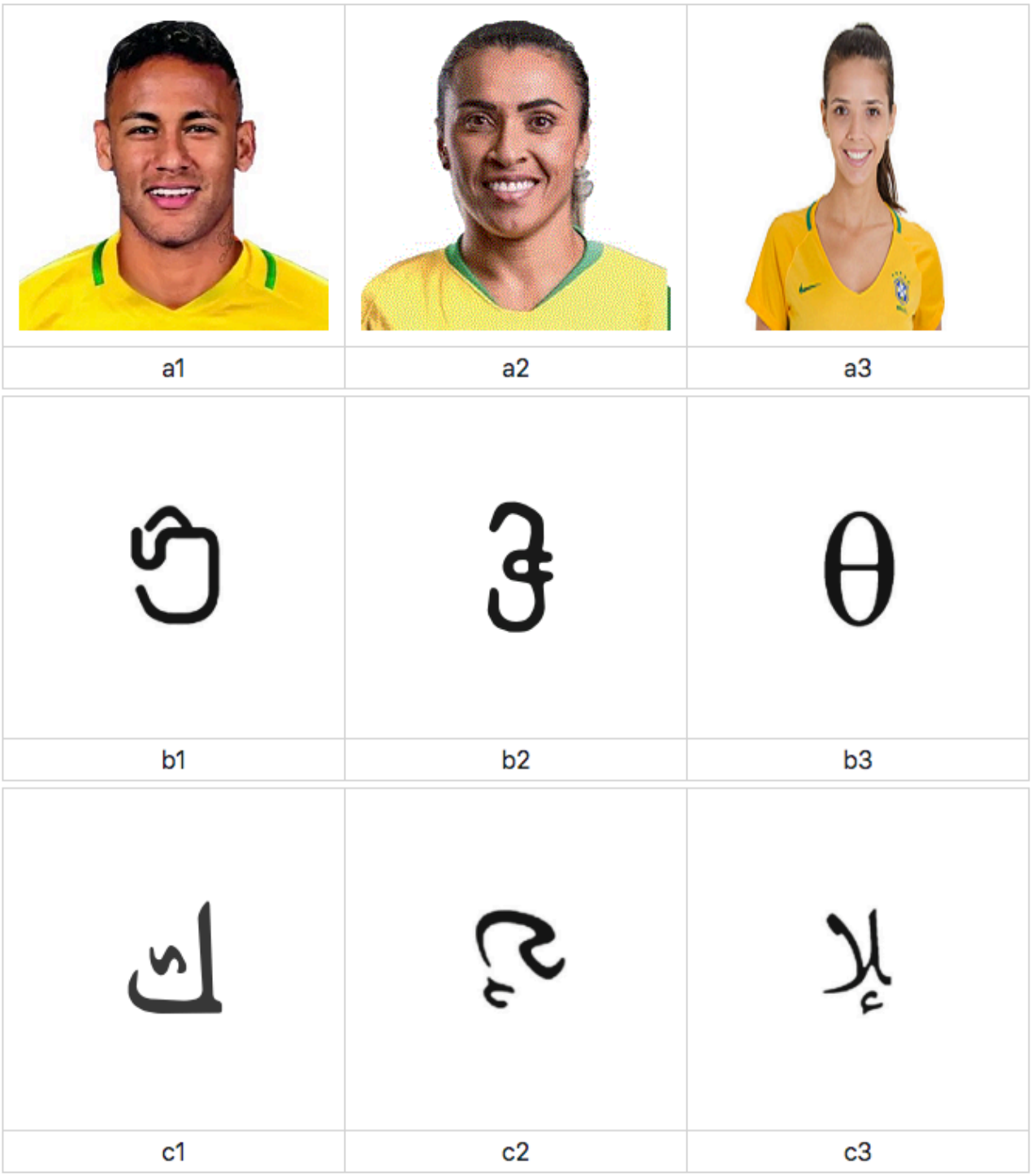
Software de coleta de dado. Idêntico ao Experimento 2.

Vídeos instrucionais. Idêntico ao Experimento 2.

Imagens. Para a realização da pesquisa foram utilizadas 11 imagens. Duas imagens foram utilizadas com feedback para os participantes (Idêntica a Figura 2 do Experimento 2) e nove imagens foram utilizadas para a formação das classes de equivalência de estímulo (Figura 1). Foram utilizadas como feedback para os participantes duas figuras: um "check" verde, utilizado para sinalizar acerto e um "X" vermelho para sinalizar erro.

As imagens utilizadas para a formação das classes de equivalência foram: a) três fotografias de pessoas, sendo uma fotografia do jogador de futebol Neymar e uma fotografia da jogadora de futebol Marta (imagens A1 e A2, respectivamente) e uma fotografia de uma mulher desconhecida com camisa da seleção brasileira (imagem A3); b) seis figuras abstratas extraídas de Eilertsen e Arntzen (2020) (B1, B2, B3, C1, C2 e C3).

Figura 1. Imagens utilizadas para a formação das classes de equivalência no Experimento 3.



Escala de Diferencial Semântico. Idêntico ao Experimento 2.

Procedimento de coleta de dados

Idêntico ao Experimento 2 (Ver Figura 2 e Figura 3).

Figura 2. Sequência de eventos que compuseram uma tentativa no Treino AB/AC 100%

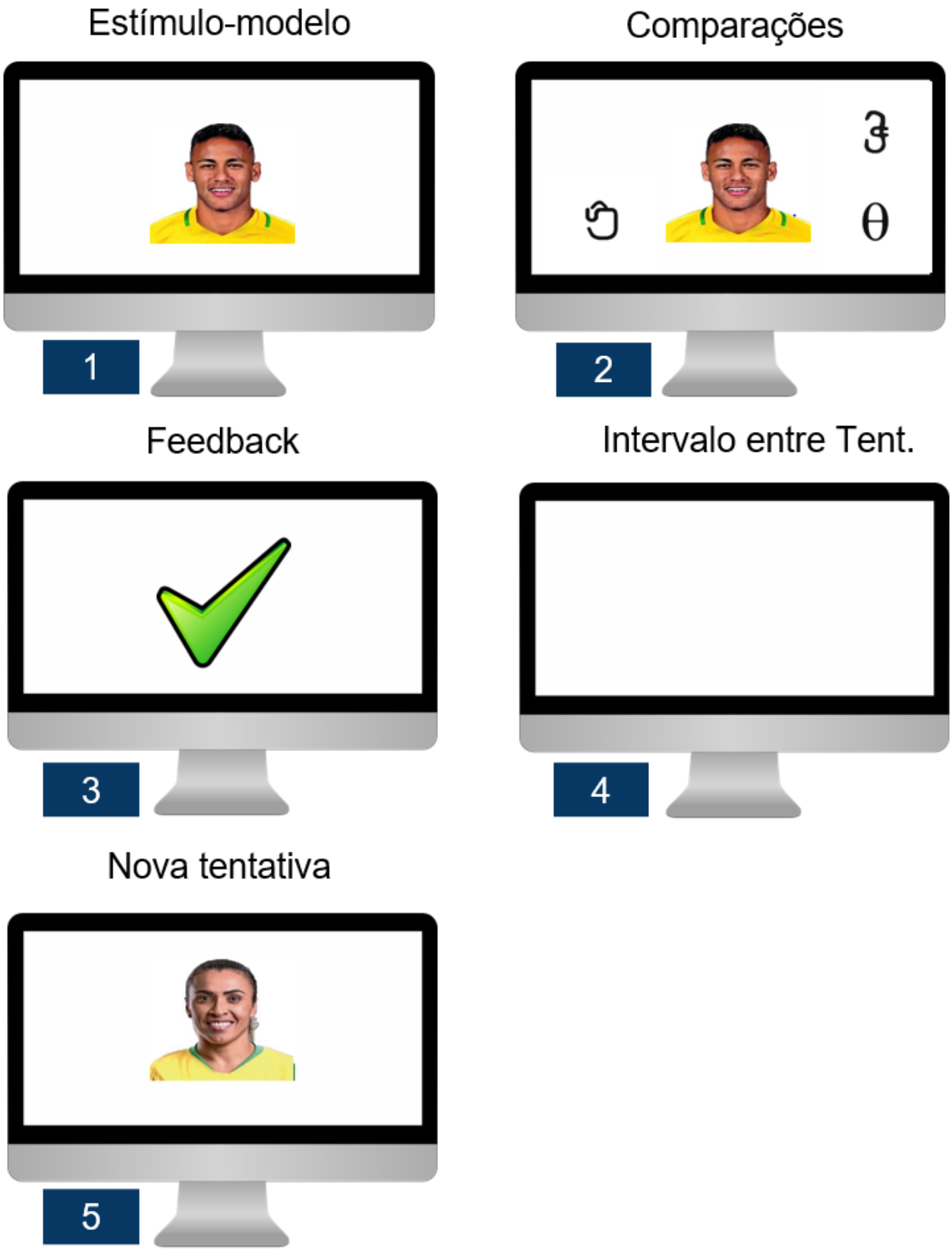
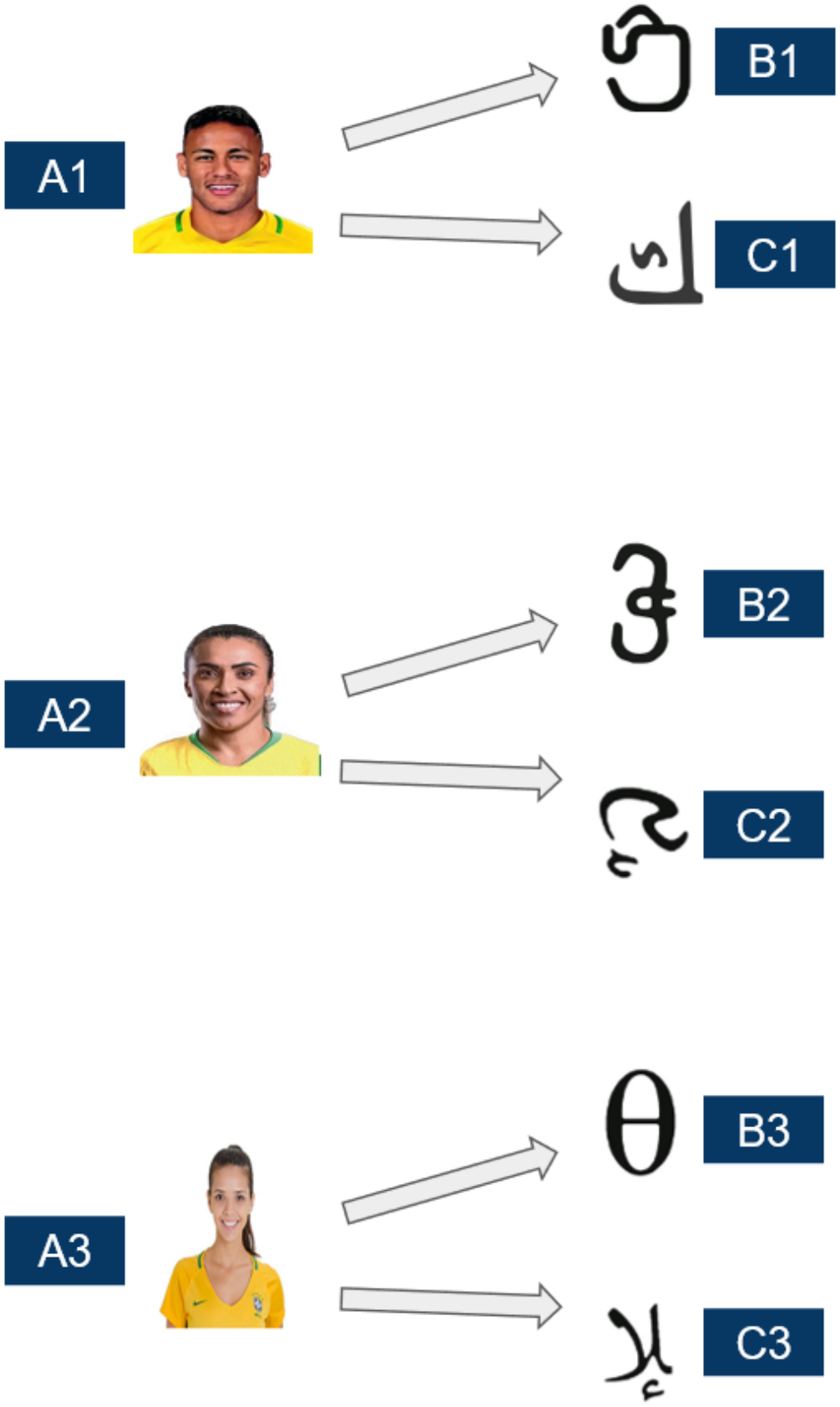


Figura 3. Discriminações condicionais ensinadas no Treino AB/AC 100%.



Resultados

Resumo

Nos treinos AB/AC 100% , 4 dos 5 participantes atingiram o critério de 90% de acertos consecutivos em um bloco. O participante 5 divergiu desse resultado ao não apresentar o critério de aprendizagem no tempo estipulado para a sessão de 30 minutos. Para os demais treinos AB/AC, todos os participantes atingiram o critério de 90% de acertos consecutivos em um bloco, prosseguindo, portanto, para outras etapas do estudo.

Com relação aos testes formais para a verificação da emergência de classes de equivalência, verificou-se que para todos os participantes, à exceção do Participante 4, houve nível de acerto de 86% ou mais de acertos nos testes das relações ensinadas, das relações de simetria e nas relações de transitividade testadas no Teste ABC.

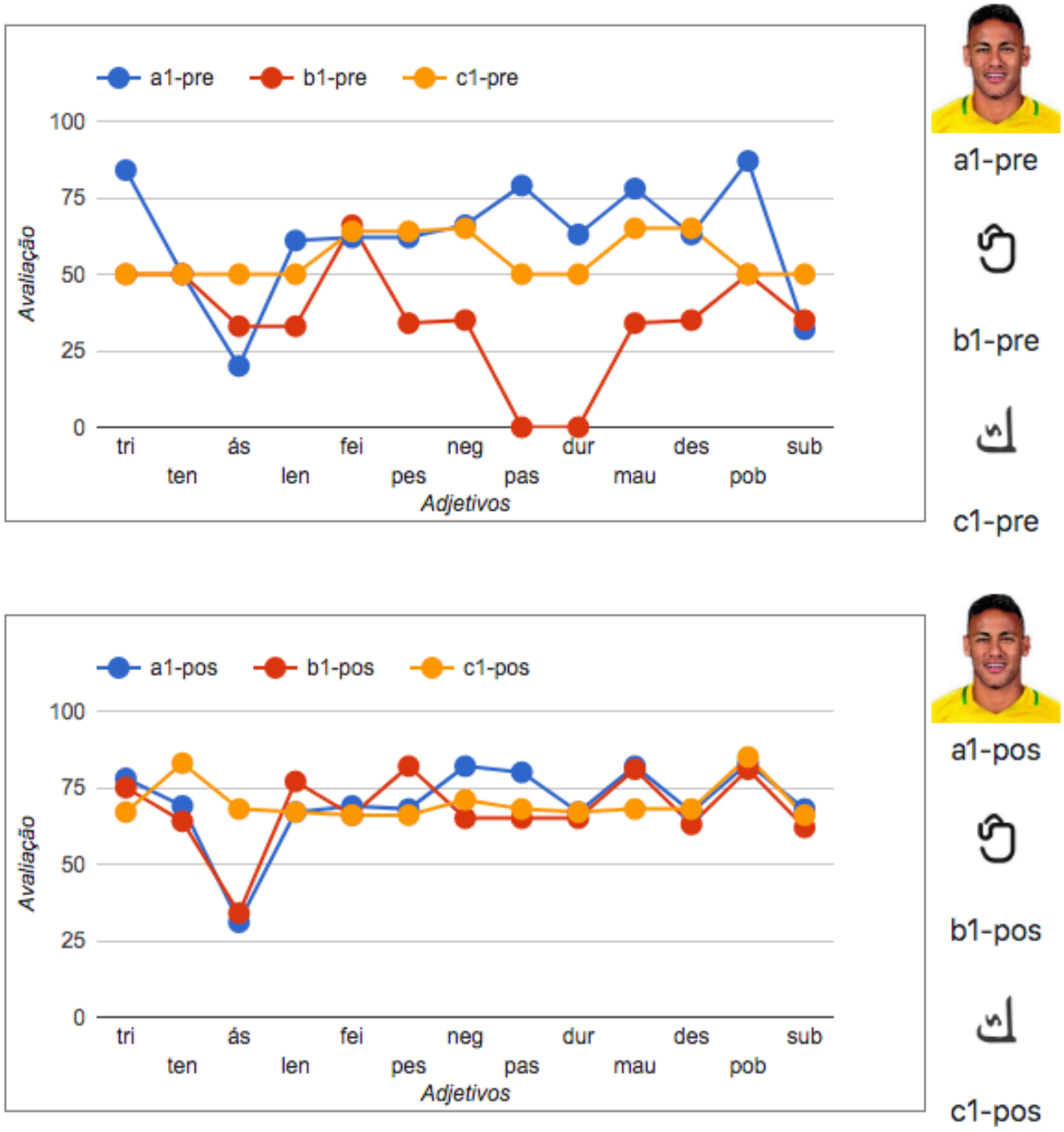
Com relação à transferência de função dos estímulos concretos (A1, A2 e A3) para os abstratos, é possível dizer que, para 4 dos 5 participantes, verificou-se algum grau de transferência de função medido a partir das avaliações nas Escala de Diferencial Semântico no Pré-teste e Pós-teste.

A seguir, examinaremos em mais detalhes as avaliações nas Escalas de Diferencial Semântico no Pré-teste e Pós-teste para cada participante.

Participante 1

A Figura 4 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). No Pré-Teste, a avaliação de A1 foi predominantemente positiva. Os estímulos B1 e C1 obtiveram um padrão neutro de avaliações. No Pós-Teste, as avaliações de A1 foram similares às avaliações do Pré-Teste, enquanto as avaliações de B1 e C1 se modificaram, assemelhando-se às avaliações de A1.

Figura 4. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 pelo Participante 01 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



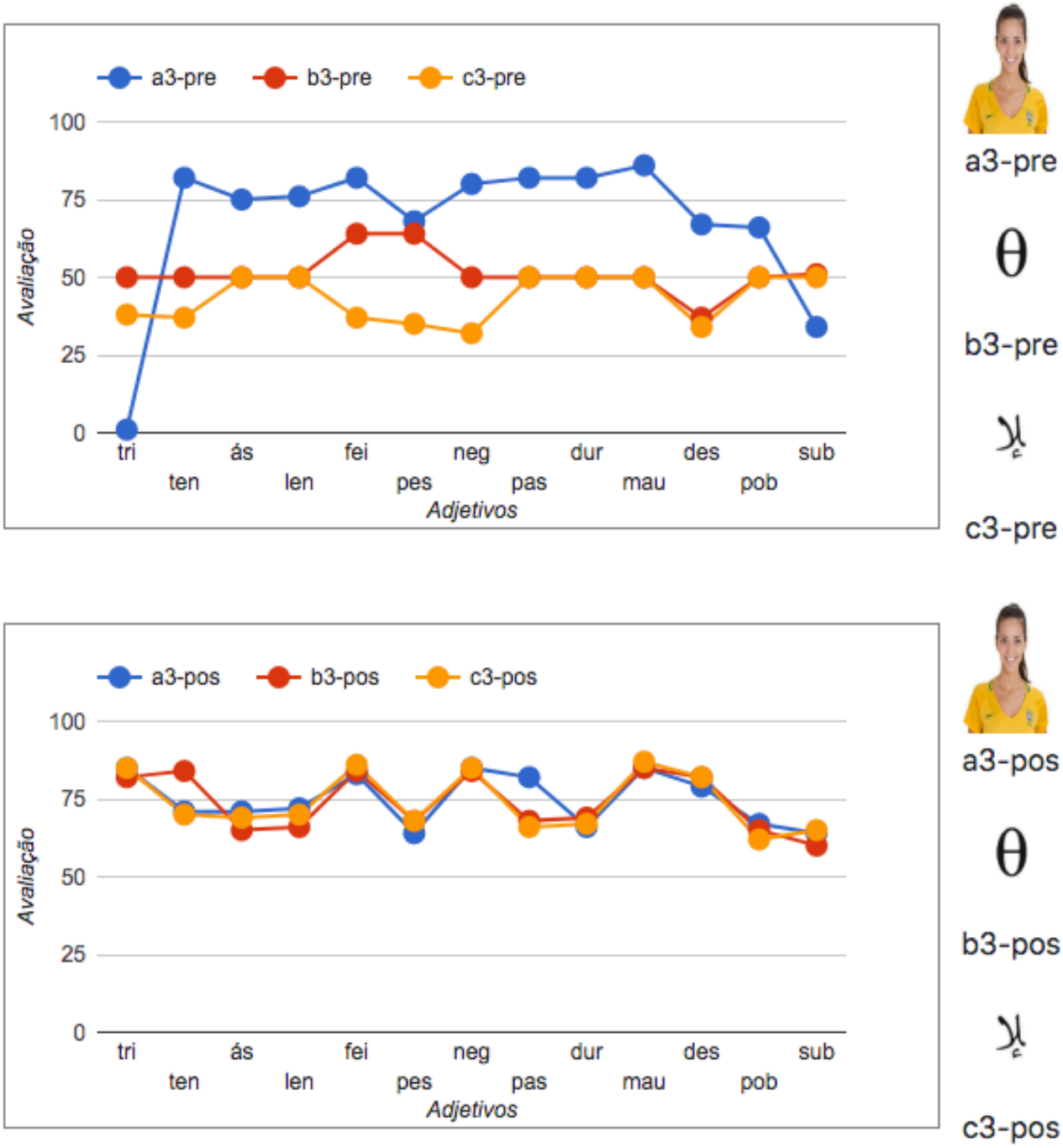
A Figura 5 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). Observa-se que o estímulo A2 obteve uma avaliação com uma tendência positiva, enquanto a avaliação dos estímulos B2 e C2 permaneceu próxima à neutralidade. No Pós-Teste as avaliações de A2 foram similares às avaliações do Pré-Teste, com diminuição em alguns pontos, enquanto as avaliações de B2 e C2 se aproximaram da avaliação de A2.

Figura 5. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 pelo Participante 01 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



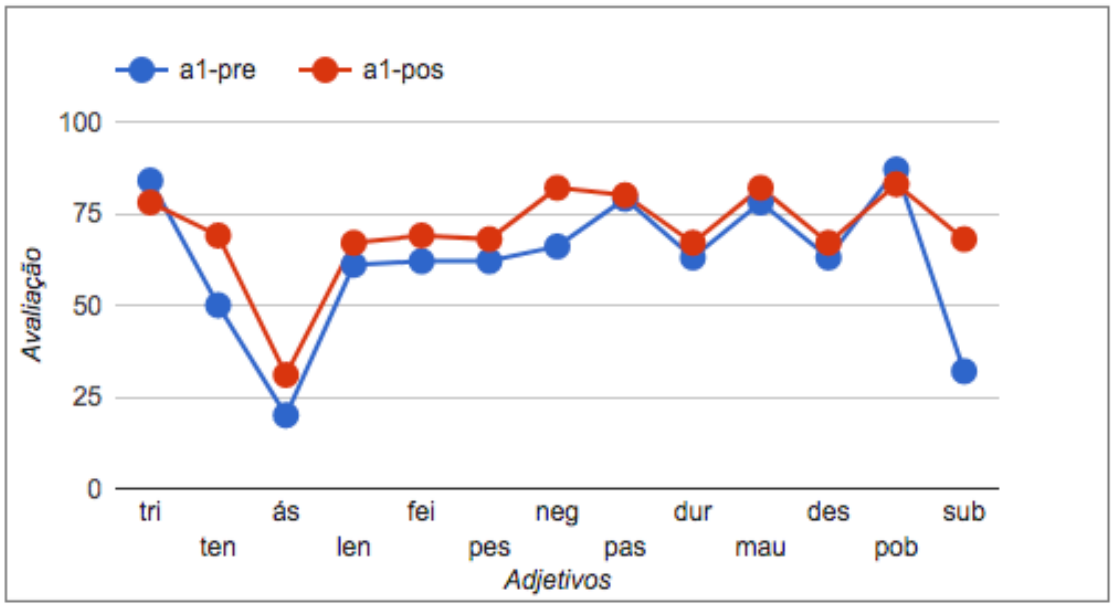
A Figura 6 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Para o estímulo A3, a avaliação foi, em sua maioria, positiva. Os estímulos B3 e C3 receberam avaliações neutras, com alguma diferença na direção. No Pós-Teste as avaliações de A3 foram similares às avaliações do Pré-Teste, enquanto as avaliações de B3 e C3 se modificaram, ficando similares às avaliações de A3.

Figura 6. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 pelo Participante 01 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



A Figura 7 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Pode-se observar, na figura abaixo, que o estímulo A1 não sofreu alterações em sua avaliação, do Pré-Teste ao Pós-Teste. Já os estímulos B1 e C1 tiveram suas avaliações elevadas na segunda fase do experimento.

Figura 7. Avaliação do estímulo A1, B1 e C1 pelo Participante 01 no Pré-Teste e no Pós-Teste comparados com eles mesmos.

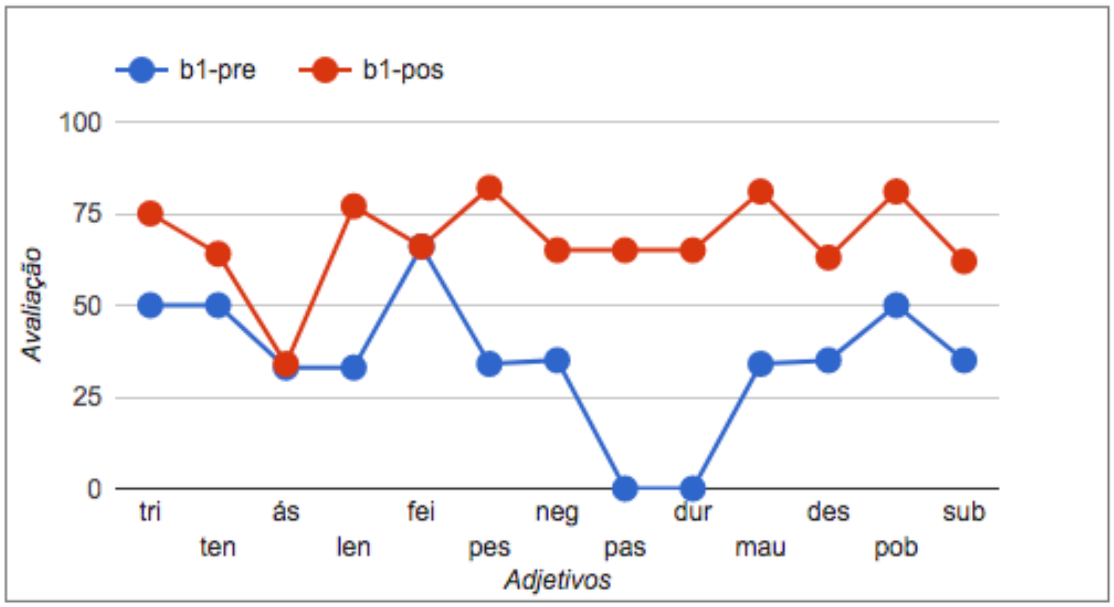




a1-pre



a1-pos

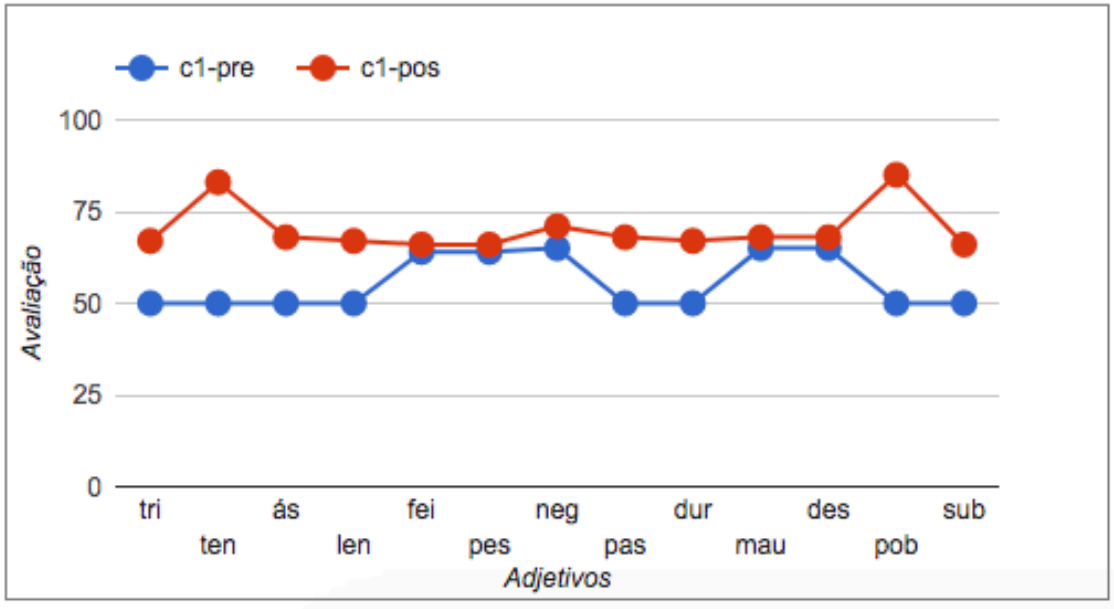




b1-pre



b1-pos





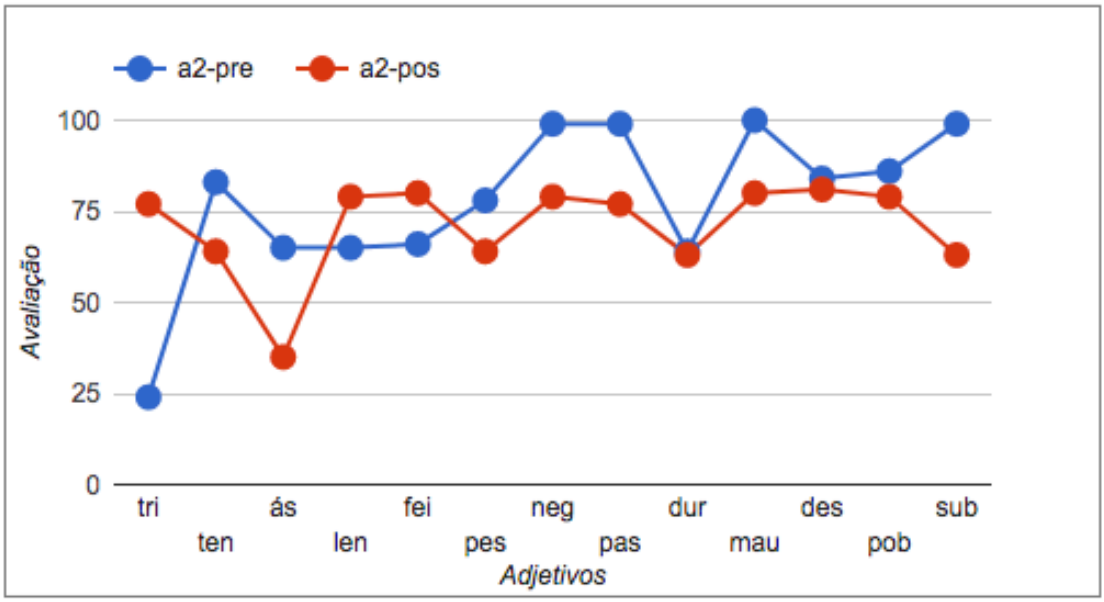
c1-pre



c1-pos

A Figura 8 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se uma variação da avaliação do estímulo A2, da fase do Pré-Teste ao Pós-Teste. No que diz respeito aos estímulos B2 e C2, observa-se um aumento das avaliações de ambos os estímulos.

Figura 8. Avaliação do estímulo A2, B2 e C2 pelo Participante 01 no Pré-Teste e no Pós-Teste comparados com eles mesmos.

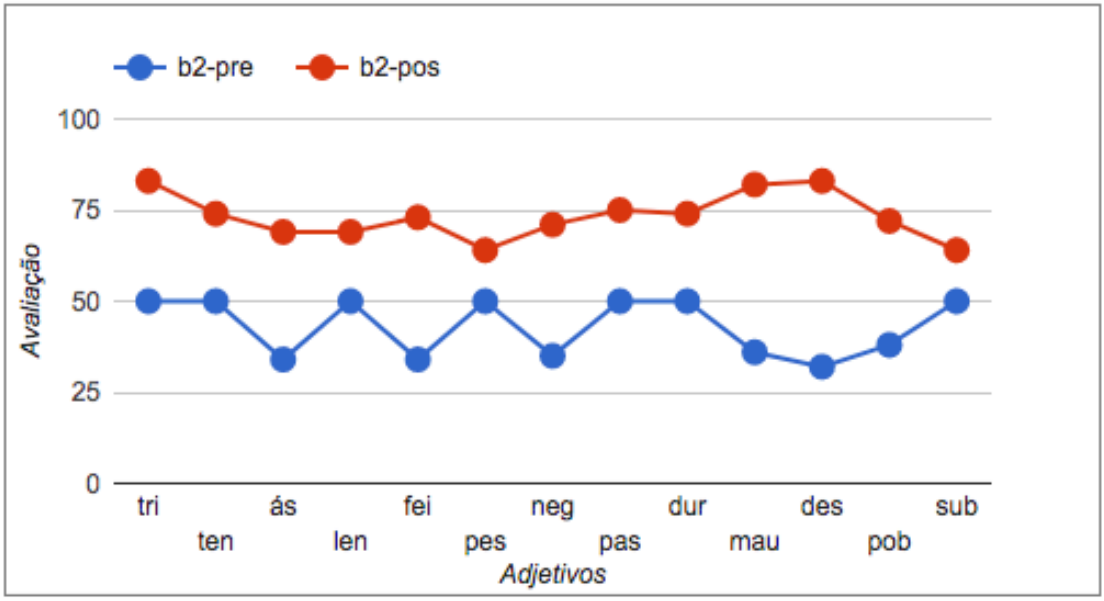




a2-pre



a2-pos

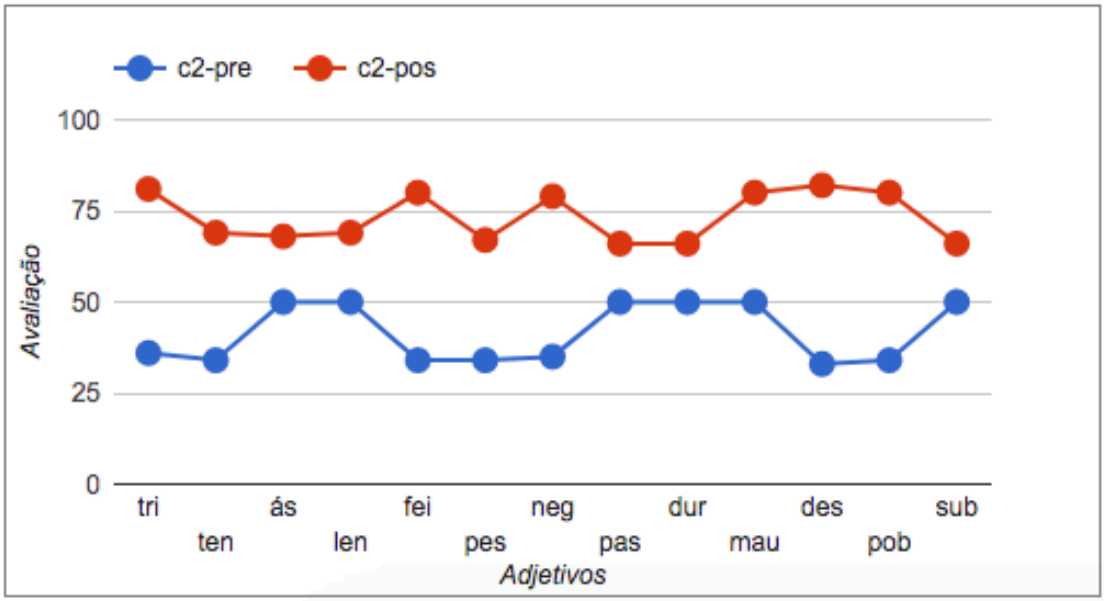




b2-pre



b2-pos





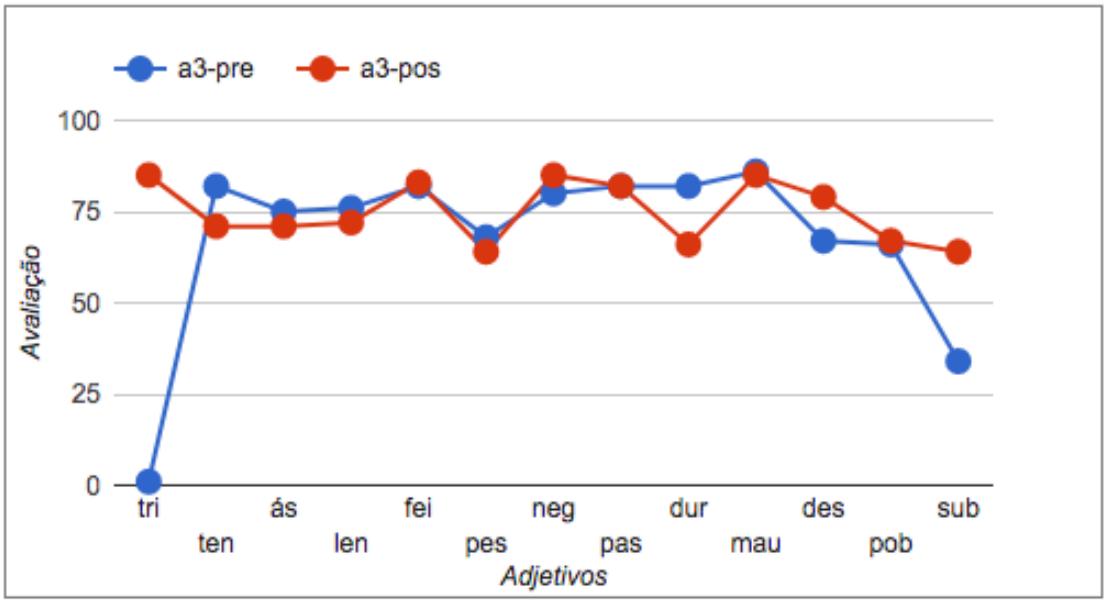
c2-pre



c2-pos

A Figura 9 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Pode-se observar que o estímulo A3 não sofreu alterações significativas do Pré-Teste ao Pós-Teste, enquanto os estímulos B3 e C3 tiveram suas avaliações elevadas na segunda fase.

Figura 9. Avaliação do estímulo A3, B3 e C3 pelo Participante 01 no Pré-Teste e no Pós-Teste comparados com eles mesmos.

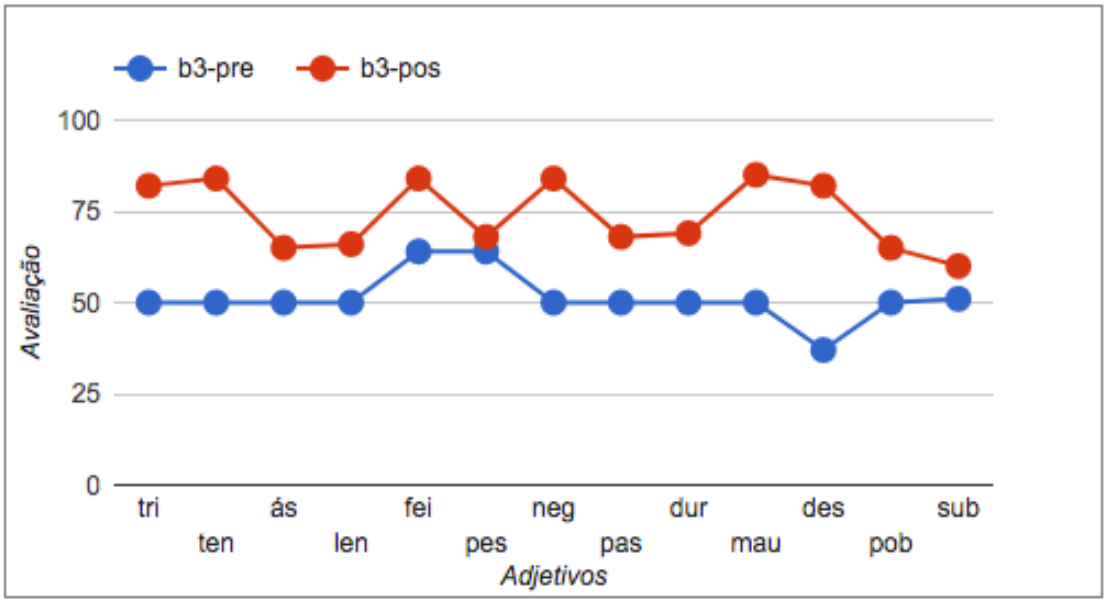




a3-pre



a3-pos

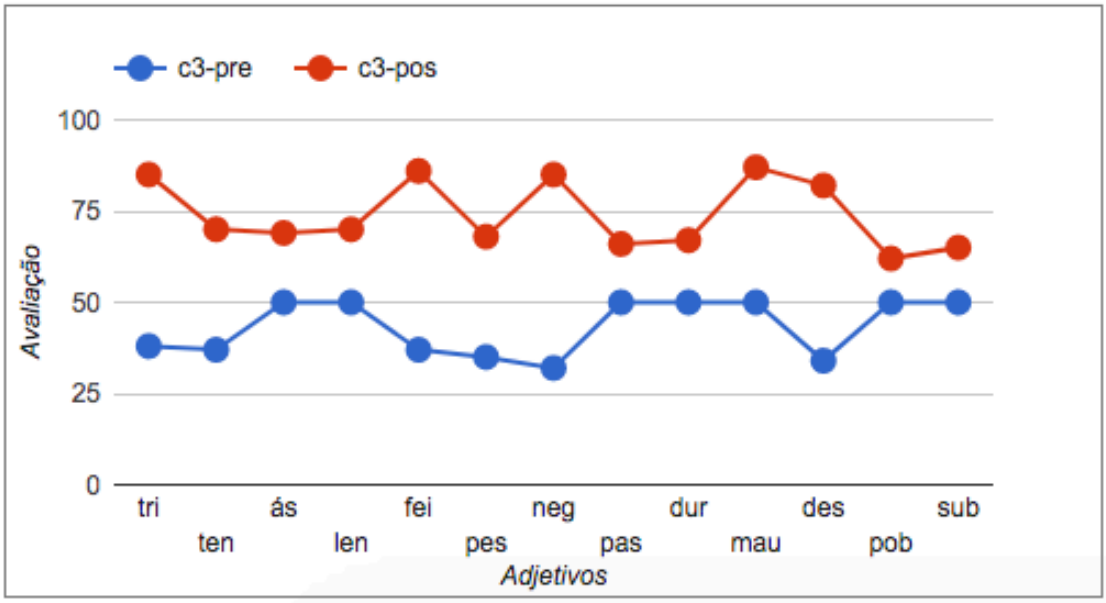


θ

b3-pre

θ

b3-pos



ﻉ

c3-pre

ﻉ

c3-pos

As figuras abaixo apresentam o Grau de Equivalência entre os estímulos, ou seja, a porcentagem de sobreposição das linhas nos gráficos. Pode-se observar, por exemplo, que o estímulo A1 e o estímulo B1 possuíam um grau de equivalência de 70% no Pré-Teste. Da mesma maneira, os estímulos B2 e A2 possuíam 61%.

Figura 10. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 1 no Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	75	78	70	76	81	85	72	74
a2	75	100	81	53	61	69	74	62	63
a3	78	81	100	60	65	73	78	66	67
b1	70	53	60	100	85	83	79	81	83
b2	76	61	65	85	100	92	87	94	93
b3	81	69	73	83	92	100	95	90	92
c1	85	74	78	79	87	95	100	86	88
c2	72	62	66	81	94	90	86	100	98
c3	74	63	67	83	93	92	88	98	100

Após a fase de emparelhamento de estímulos, observa-se que os estímulos A1 e B1 passaram a ter um grau de equivalência de 93%, o que demonstra formação de classe de equivalência e transferência de função do A1 (com significado social) ao B1 (abstrato).

Figura 11. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 1 no Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	94	91	93	91	90	92	93	90
a2	94	100	93	93	92	91	89	94	91
a3	91	93	100	87	95	95	90	95	97
b1	93	93	87	100	89	87	90	91	88
b2	91	92	95	89	100	94	93	96	95
b3	90	91	95	87	94	100	91	95	97
c1	92	89	90	90	93	91	100	93	90
c2	93	94	95	91	96	95	93	100	96
c3	90	91	97	88	95	97	90	96	100

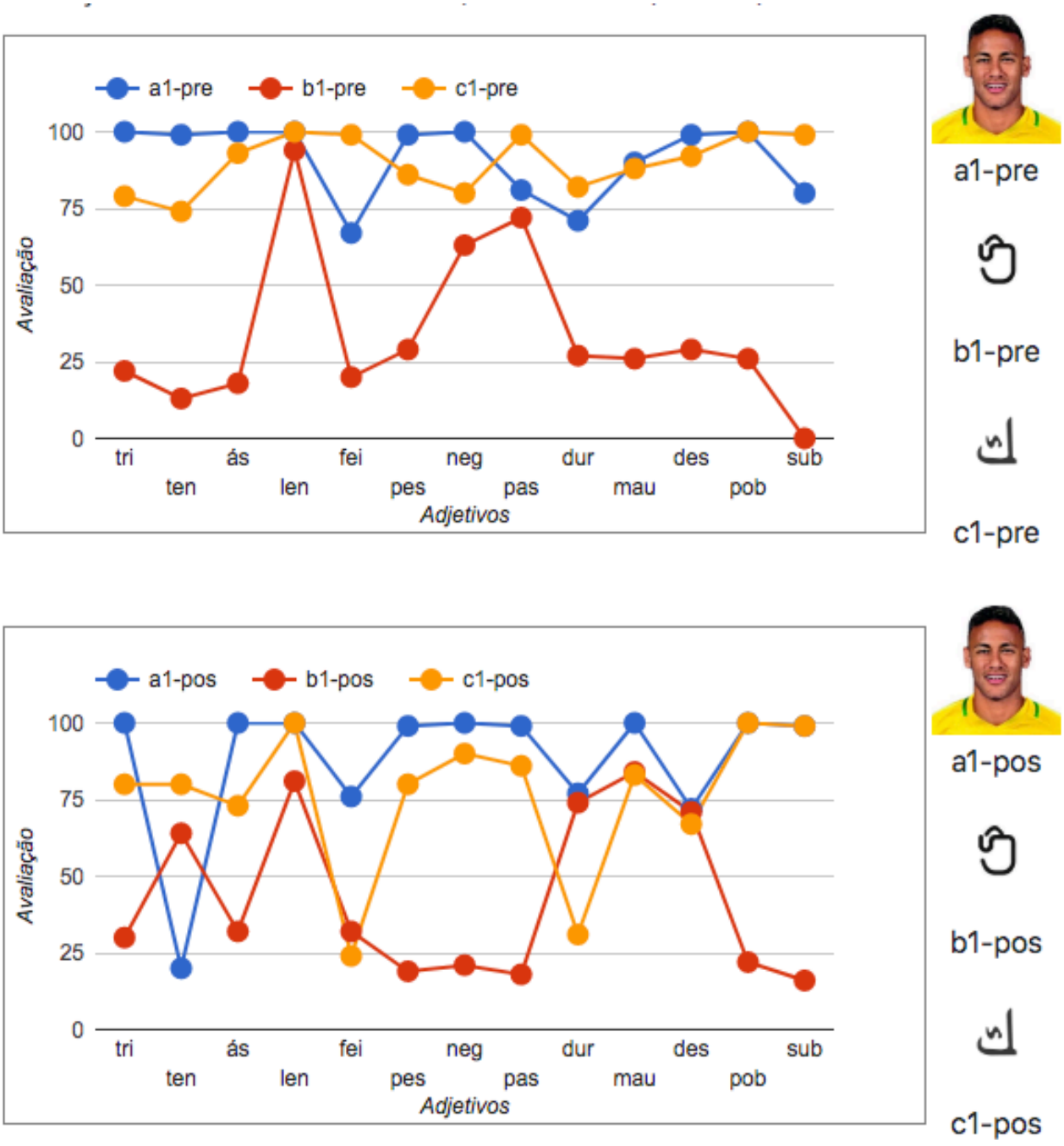
Figura 12. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 1 entre Pré-Teste e Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	90	89	84	90	86	83	86	85	82
a2	83	81	83	79	83	83	84	83	82
a3	82	82	87	80	85	86	84	84	85
b1	65	64	60	67	62	61	65	62	61
b2	72	72	68	75	70	69	73	70	69
b3	78	78	76	81	78	77	81	78	77
c1	83	82	81	85	82	82	86	82	82
c2	69	68	67	71	68	68	72	68	68
c3	70	70	68	73	70	69	73	70	69

Participante 2

A Figura 13 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). No Pré-Teste, o estímulo A1 obteve uma avaliação positiva. O estímulo B1 obteve uma avaliação predominantemente negativa, diferente de C1, que obteve uma avaliação positiva. No Pós-Teste as avaliações de A1, B1 e C1 foram similares às avaliações do Pré-Teste, com oscilação em alguns pontos.

Figura 13. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 pelo Participante 02 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



A Figura 14 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). O estímulo A2, de forma geral, foi avaliado de forma positiva. No caso dos estímulos B2 e C2, observa-se tendência a uma avaliação do estímulo B1 negativa, e do C1, positiva. No Pós-Teste, as avaliações de A2 foram similares às avaliações do Pré-Teste, enquanto as avaliações de C2 se modificaram, assemelhando-se às avaliações de A2. A avaliação de B2 sofreu pouca alteração.

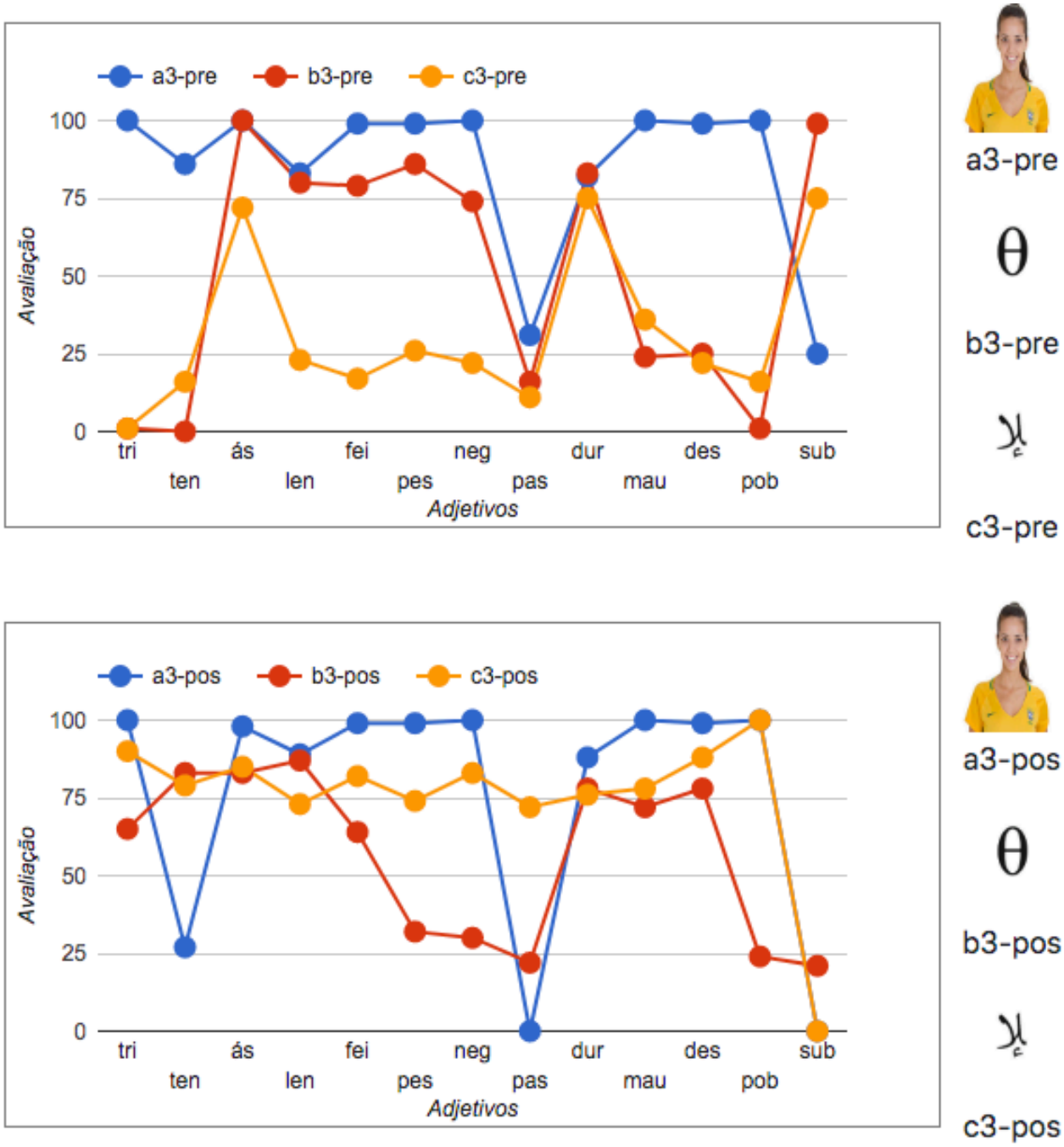
Figura 14. Avaliação dos estímulos A2, A2 e C2 pelo Participante 02 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



A Figura 15 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). O estímulo A3 recebeu uma avaliação positiva, de modo geral. O estímulo B3 obteve sete pontos de avaliação positiva e sete de avaliação negativa, com pontos posicionados nos extremos da escala de avaliação. O estímulo C3 obteve uma avaliação negativa, na maioria dos pontos. No Pós-Teste, as avaliações de A3 foram similares às avaliações do Pré-Teste, enquanto a avaliação de C3 obteve uma mudança de sinal, aproximando-se da avaliação

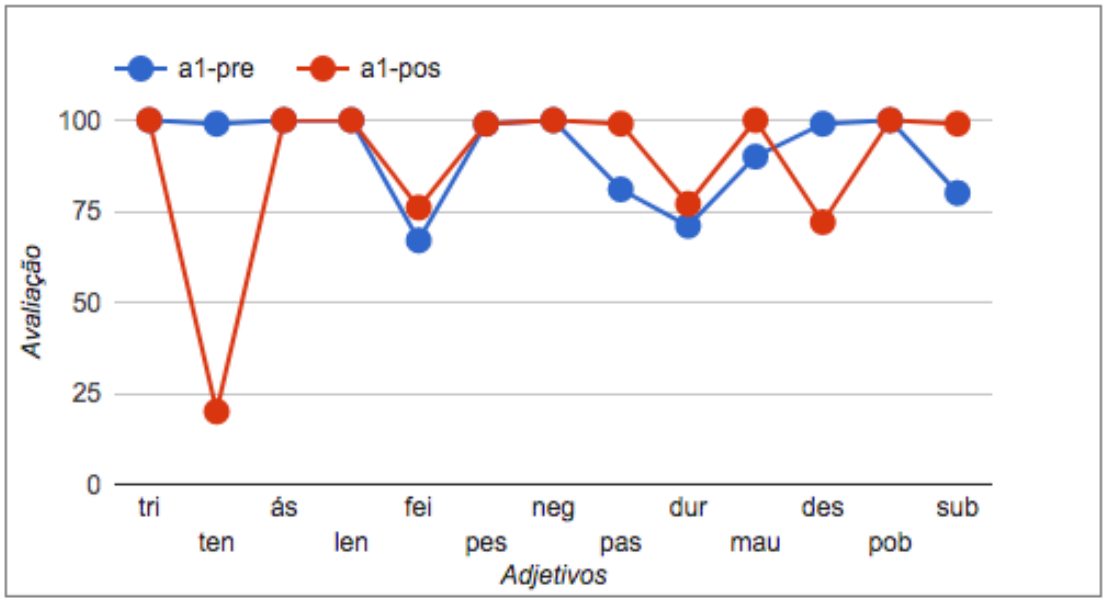
de A3. O estímulo B3 obteve uma aproximação de alguns pontos em relação a A3, mas ao mesmo tempo algum distanciamento em outros.

Figura 15. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 pelo Participante 02 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



A Figura 16 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que o estímulo A1 não sofreu alterações significativas de avaliação do Pré-Teste ao Pós-Teste. No que diz respeito aos estímulos B1 e C1, observa-se um aumento da avaliação do primeiro e uma redução da avaliação do segundo.

Figura 16. Avaliação do estímulo A1, C1 e C1 pelo Participante 02 no Pré-Teste e no Pós-Teste comparados com eles mesmos.

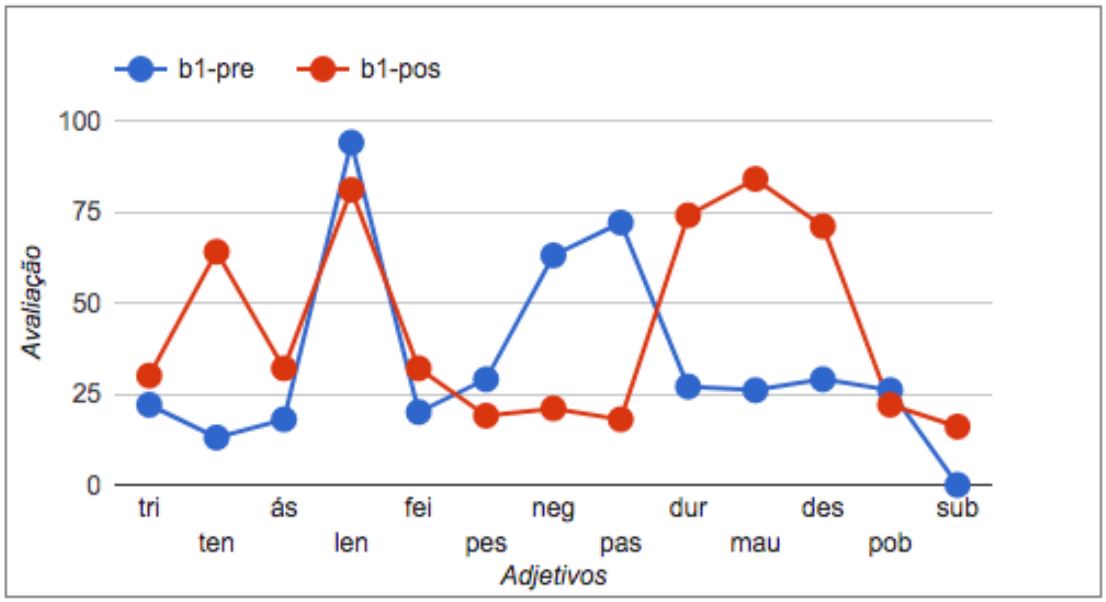




a1-pre

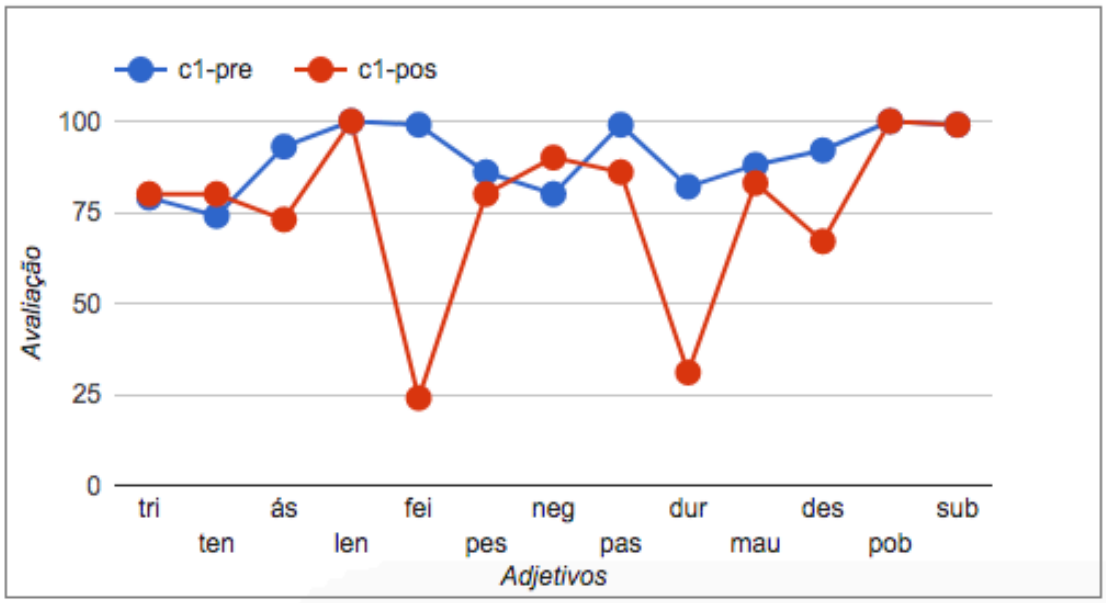


a1-pos



b1-pre

b1-pos

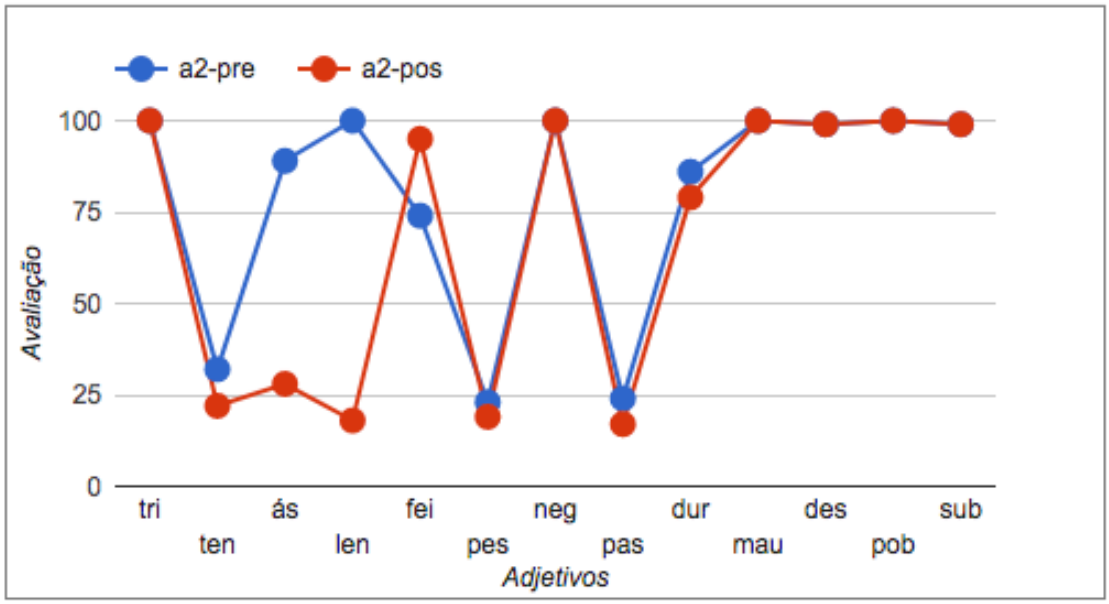


c1-pre

c1-pos

A Figura 17 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que nem A2 nem B2 sofreram alterações significativas, enquanto o terceiro estímulo sofreu uma redução em sua avaliação.

Figura 17. Avaliação do estímulo A2, B2 e C2 pelo Participante 02 no Pré-Teste e no Pós-Teste comparados com eles mesmos.

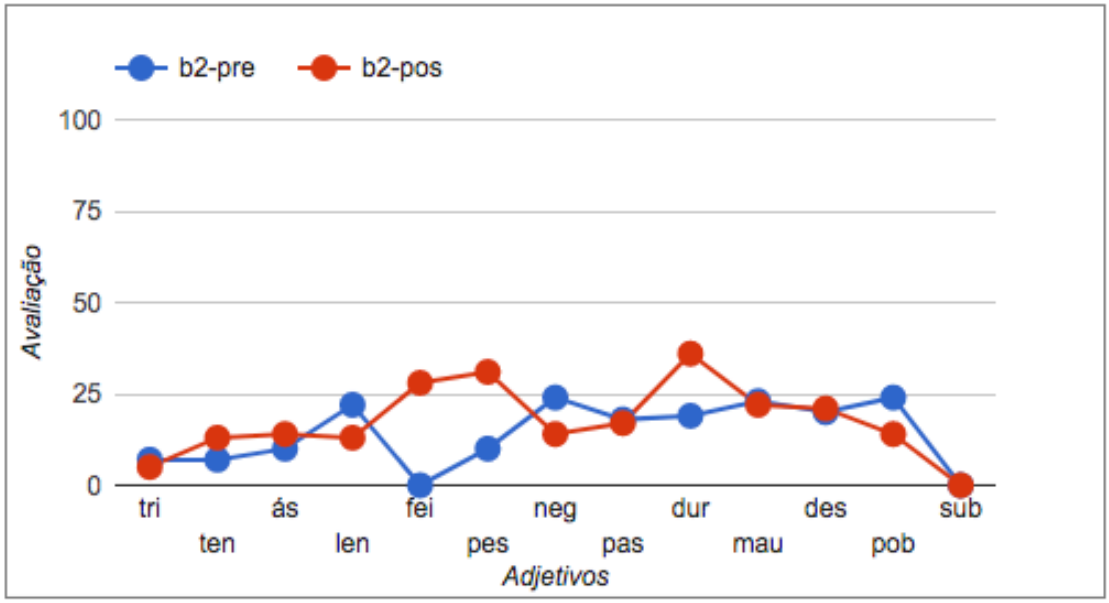




a2-pre



a2-pos

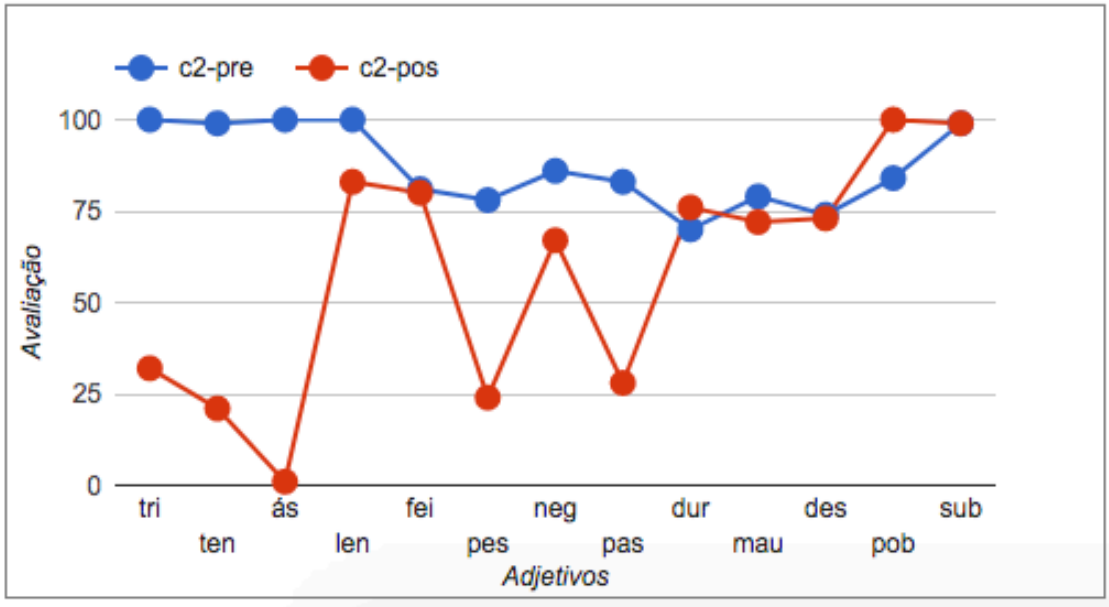




b2-pre



b2-pos





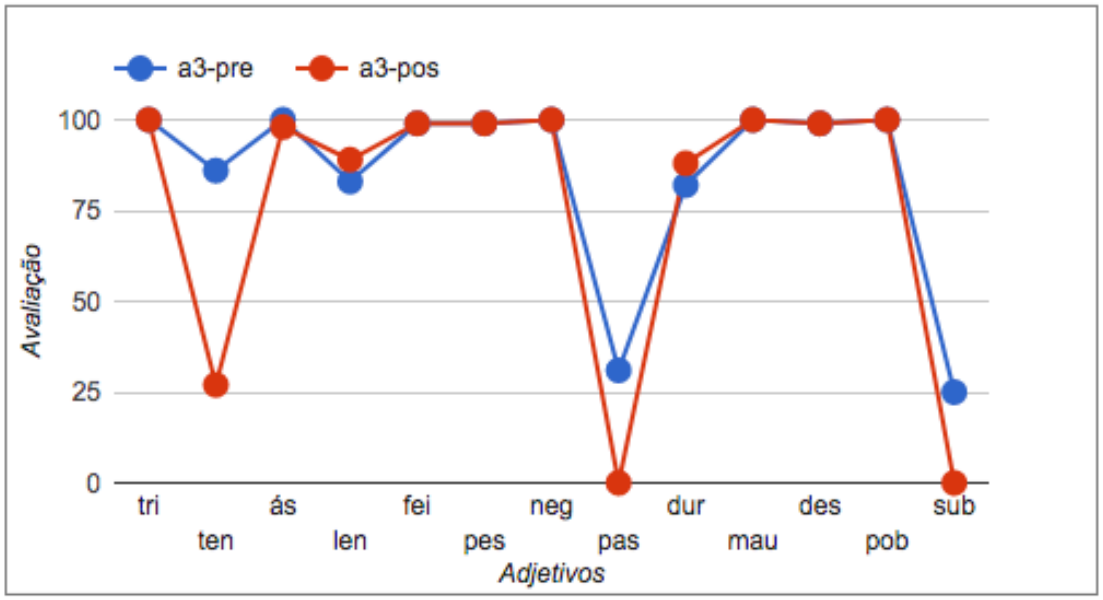
c2-pre



c2-pos

A Figura 18 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Observa-se que o estímulo A3 não sofreu alterações de avaliação significativas na segunda fase, enquanto o estímulo B3 sofreu alteração de avaliação em alguns pontos com direções variadas. O estímulo C3 obteve um aumento em sua avaliação

Figura 18. Avaliação do estímulo A3, B3 e C3 pelo Participante 02 no Pré-Teste e no Pós-Teste comparados com eles mesmos.

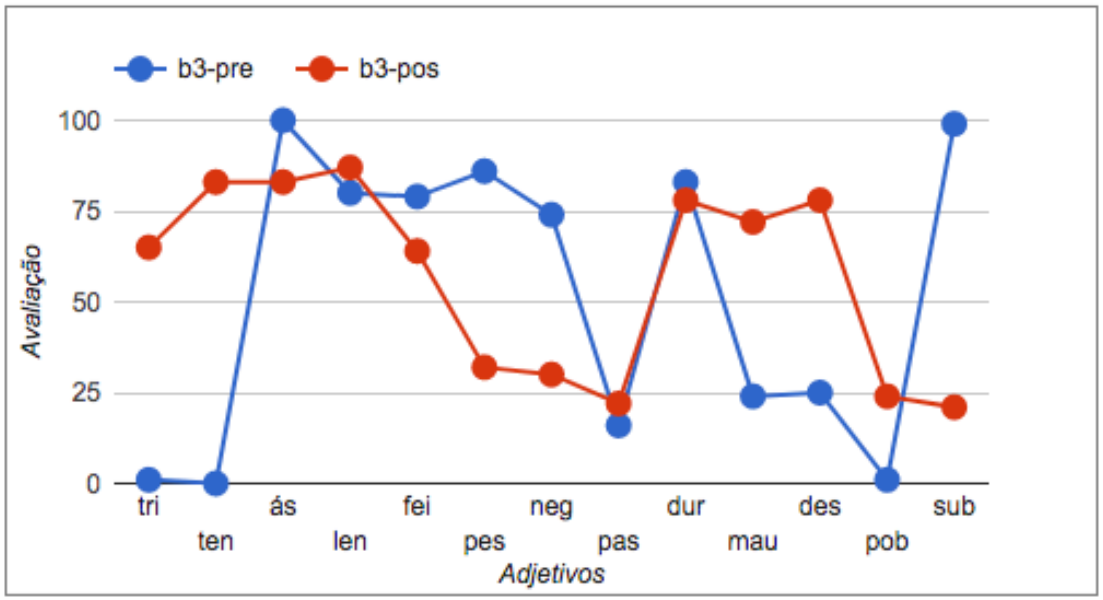




a3-pre



a3-pos

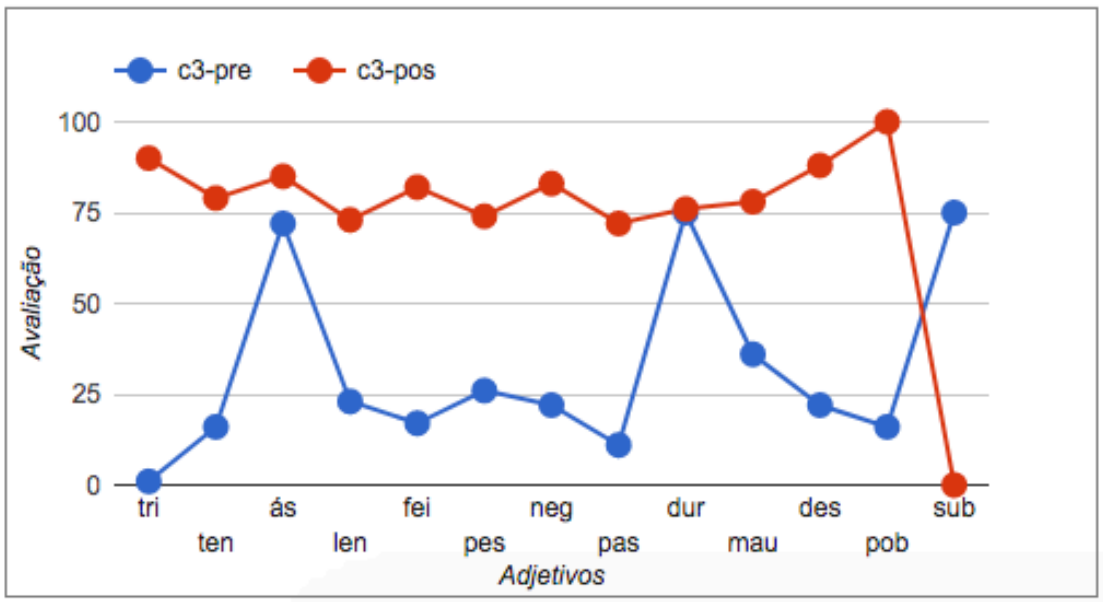


θ

b3-pre

θ

b3-pos



ʖ

c3-pre

ʖ

c3-pos

As figuras abaixo apresentam os graus de equivalência entre os estímulos nas fases do experimento. Como exemplificação, pode-se considerar a equivalência entre os estímulos A1 e B1 no Pré-Teste, de 43%, bem como a equivalência entre os estímulos A2 e B2, de 35%.

Figura 19. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 2 no Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	80	86	43	23	54	87	91	40
a2	80	100	79	47	35	60	79	78	52
a3	86	79	100	41	29	55	81	78	39
b1	43	47	41	100	80	62	44	47	69
b2	23	35	29	80	100	57	24	27	79
b3	54	60	55	62	57	100	60	61	74
c1	87	79	81	44	24	60	100	88	42
c2	91	78	78	47	27	61	88	100	44
c3	40	52	39	69	79	74	42	44	100

A figura abaixo apresenta a equivalência entre os estímulos na segunda etapa do experimento, após o emparelhamento dos estímulos. Observa-se que os mesmos estímulos citados acima, A1 e B1, agora possuem um grau de equivalência de 49%, enquanto os estímulos A2 e B2, de 48%. Pode-se observar uma elevação neste número, ainda que sutil, podendo indicar transferência de função entre os estímulos.

Figura 20. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 2 no Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	72	79	49	30	58	79	69	75
a2	72	100	73	59	48	58	61	78	65
a3	79	73	100	56	38	65	61	62	79
b1	49	59	56	100	72	85	58	72	63
b2	30	48	38	72	100	61	40	56	42
b3	58	58	65	85	61	100	63	69	75
c1	79	61	61	58	40	63	100	65	77
c2	69	78	62	72	56	69	65	100	66
c3	75	65	79	63	42	75	77	66	100

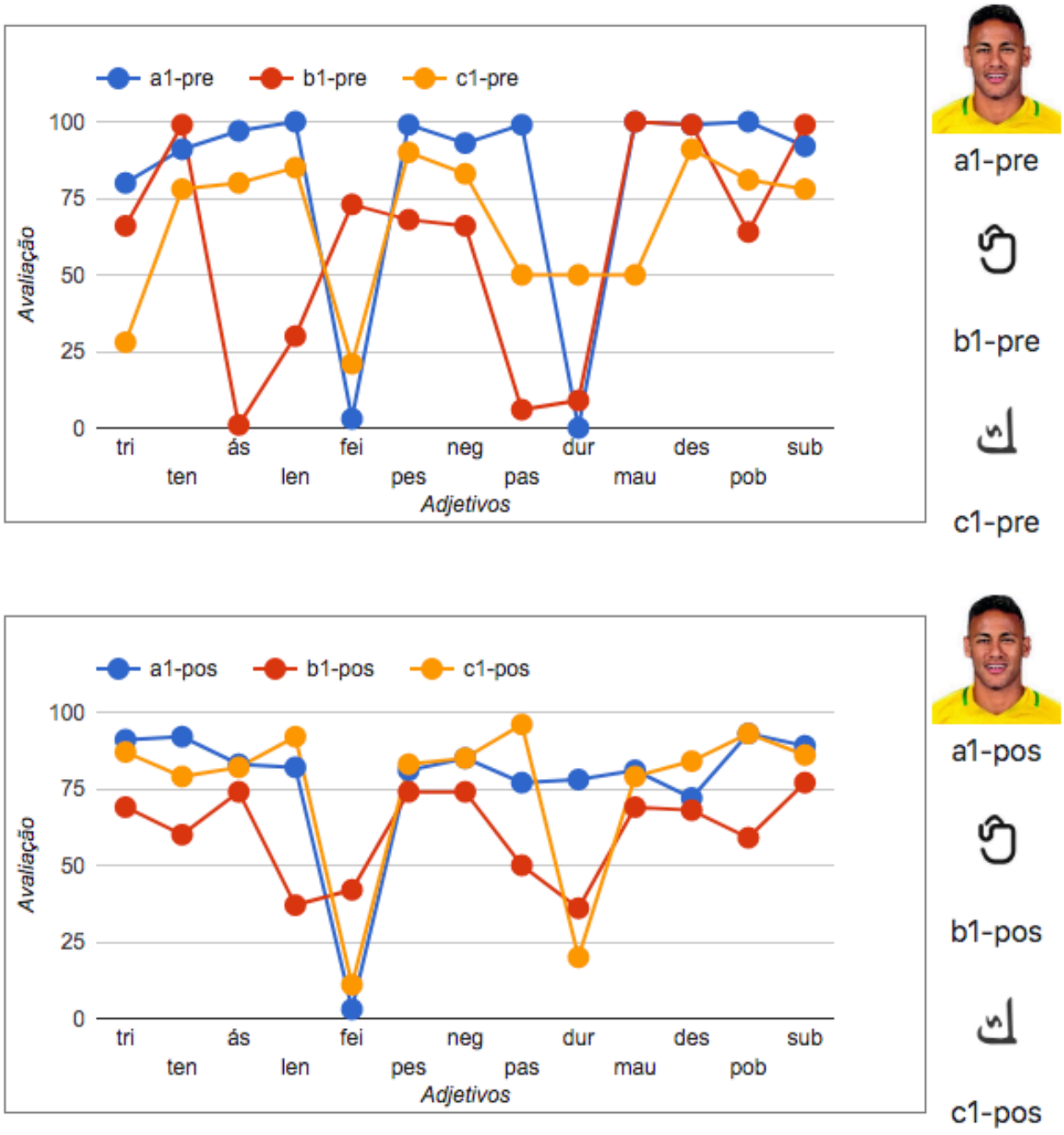
Figura 21. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 2 entre Pré-Teste e Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	87	66	77	52	26	65	81	61	81
a2	84	85	81	60	37	69	72	78	73
a3	78	71	90	58	33	71	69	62	84
b1	46	45	45	71	81	63	57	64	55
b2	26	46	35	70	92	57	38	55	39
b3	62	52	57	58	61	62	53	66	54
c1	87	68	74	53	27	65	84	68	82
c2	86	65	69	55	30	68	85	68	83
c3	44	56	42	72	82	67	49	62	45

Participante 3

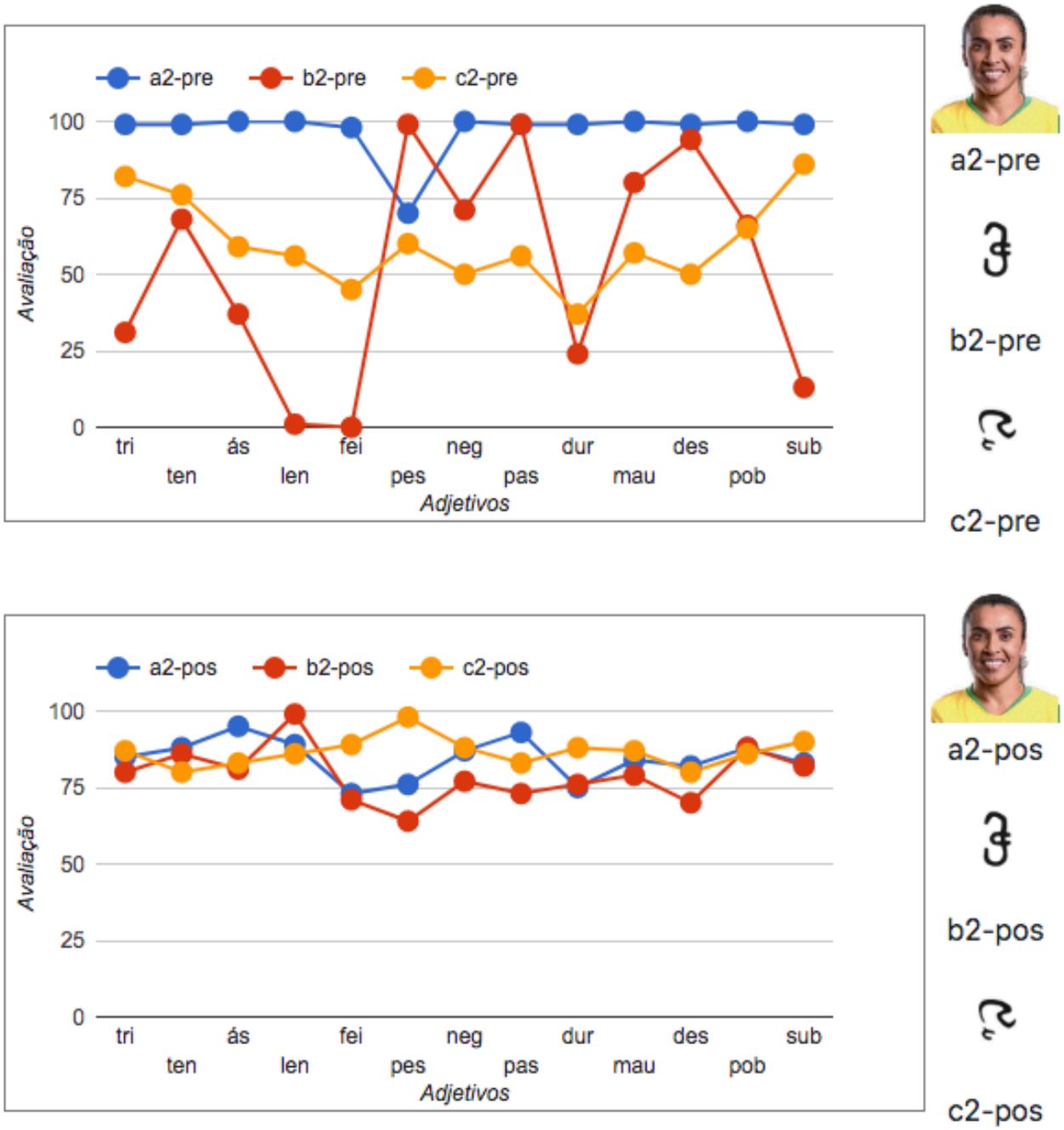
A Figura 22 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). No Pré-Teste, a avaliação de A1 foi predominantemente positiva. Os estímulos B1 e C1 obtiveram avaliações diversas. No Pós-Teste, as avaliações de A1 foram similares às avaliações do Pré-Teste, enquanto as avaliações de B1 e C1 se modificaram, aproximando-se da avaliação de A1.

Figura 22. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 pelo Participante 03 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



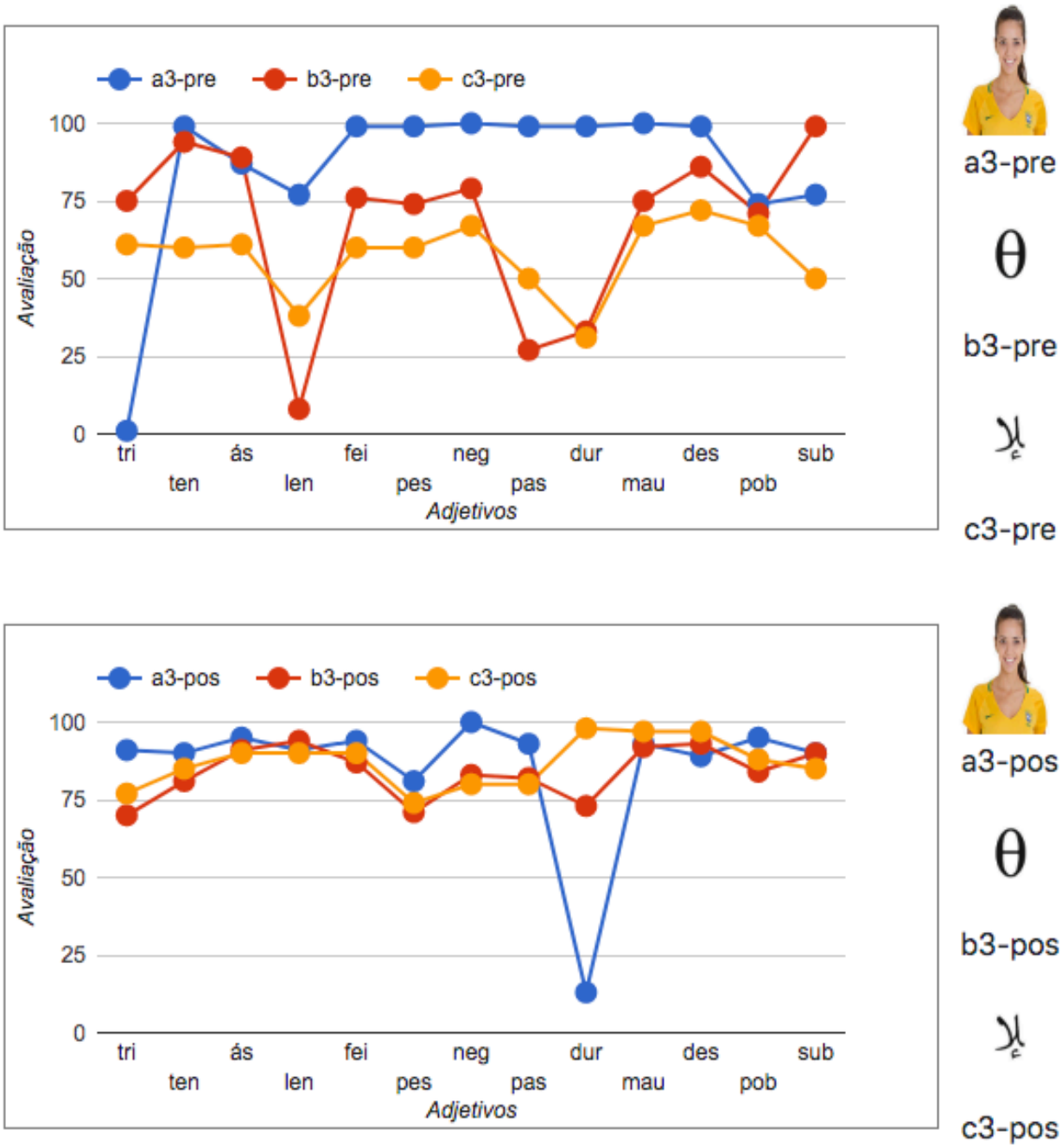
A Figura 23 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). No Pré-teste, o estímulo A2 recebeu avaliação positiva, enquanto a avaliação dos estímulos B2 e C2 foi variada. No Pós-Teste, as avaliações de A2 foram similares às avaliações do Pré-Teste, enquanto as avaliações de B2 e C2 se modificaram, ficando similares às avaliações de A2.

Figura 23. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 pelo Participante 03 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



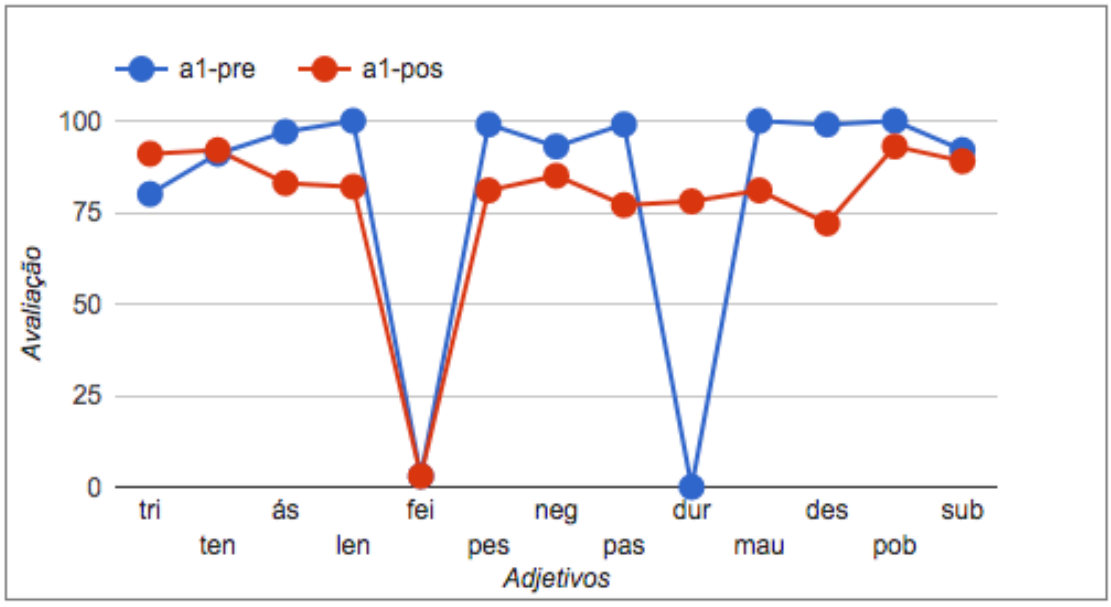
A Figura 24 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). O estímulo A3 recebeu uma avaliação predominantemente positiva. Os estímulos B3 e C3 obtiveram uma avaliação, de modo geral, neutra. No Pós-Teste, as avaliações de A3 foram similares às avaliações do Pré-Teste, enquanto as avaliações de B3 e C3 se modificaram, ficando similares às avaliações de A3.

Figura 24. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 pelo Participante 03 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



A Figura 25 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que nenhum dos três estímulos teve alterações significativas nas avaliações.

Figura 25. Avaliação do estímulo A1, B1 e C1 pelo Participante 03 no Pré-Teste e no Pós-Teste comparados com eles mesmos.

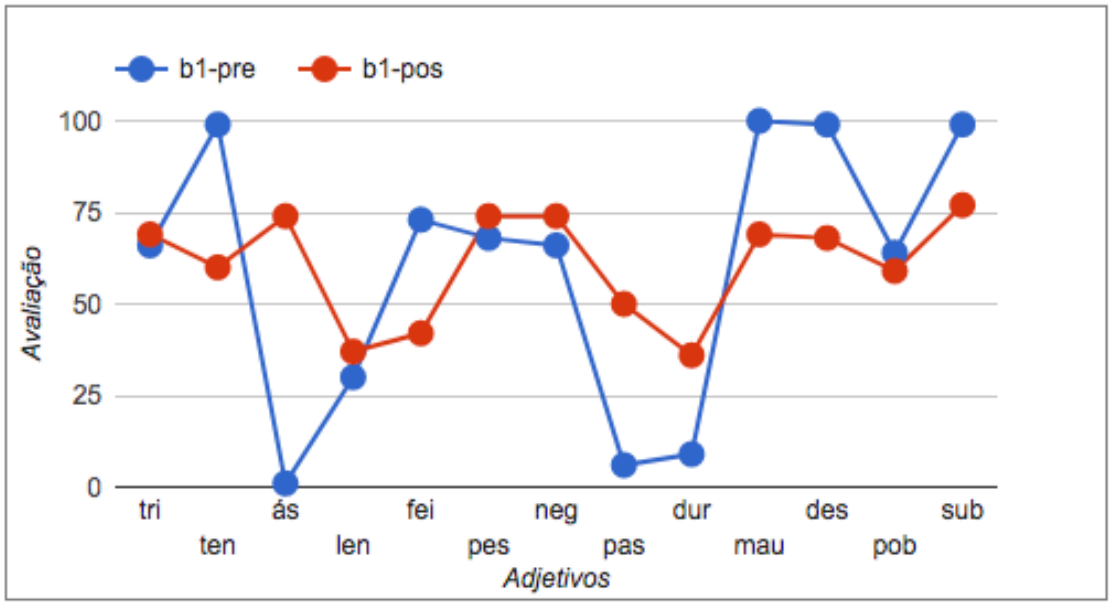




a1-pre



a1-pos

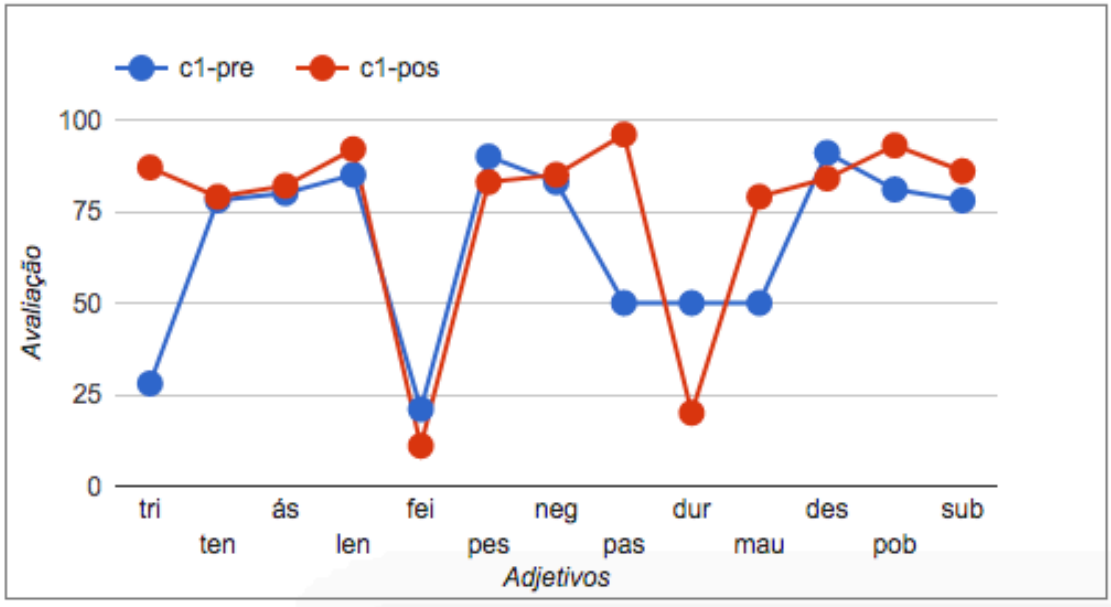




b1-pre



b1-pos





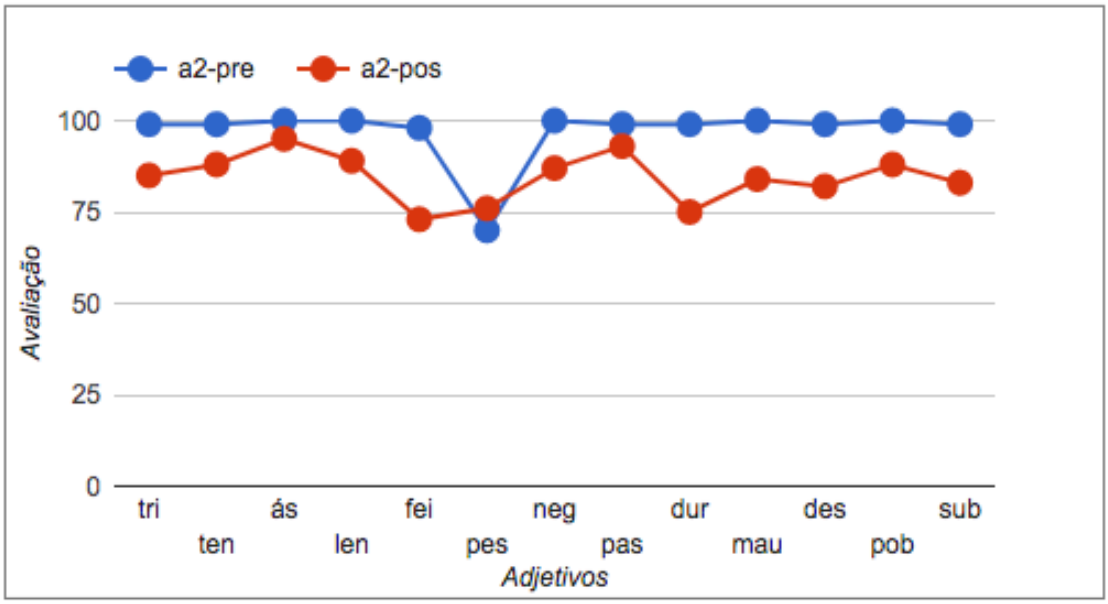
c1-pre



c1-pos

A Figura 26 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Pode-se observar que o estímulo A2 não sofreu muitas alterações de avaliação, enquanto os estímulos B2 e C2 tiveram avaliações mais positivas na segunda etapa do experimento, de maneira a assemelhar-se mais ao estímulo com significado social.

Figura 26. Avaliação do estímulo A2, B2 e C2 pelo Participante 03 no Pré-Teste e no Pós-Teste comparados com eles mesmos.

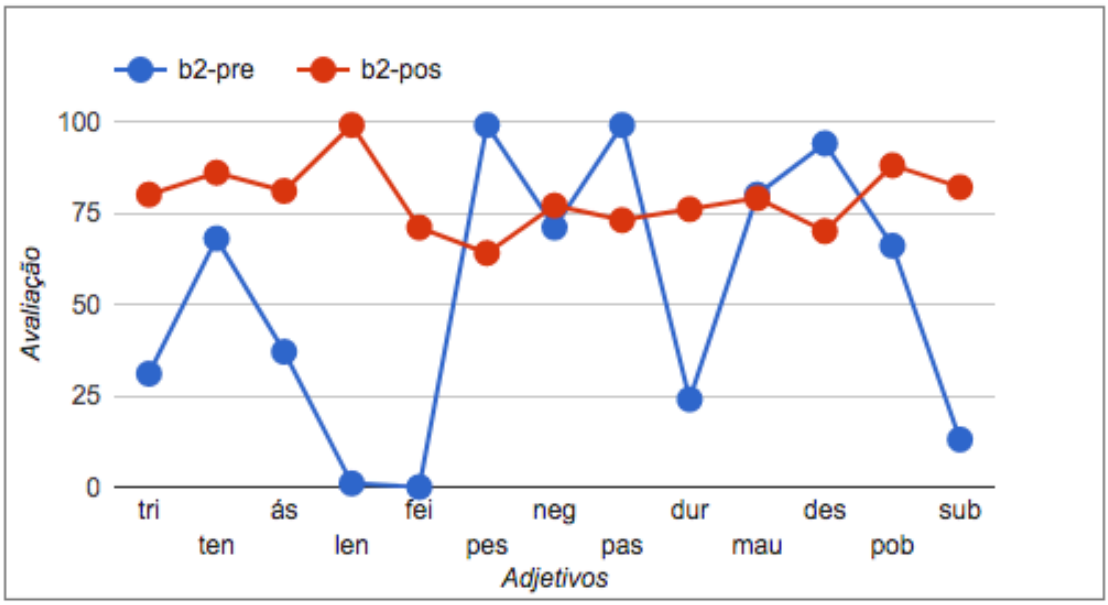




a2-pre



a2-pos

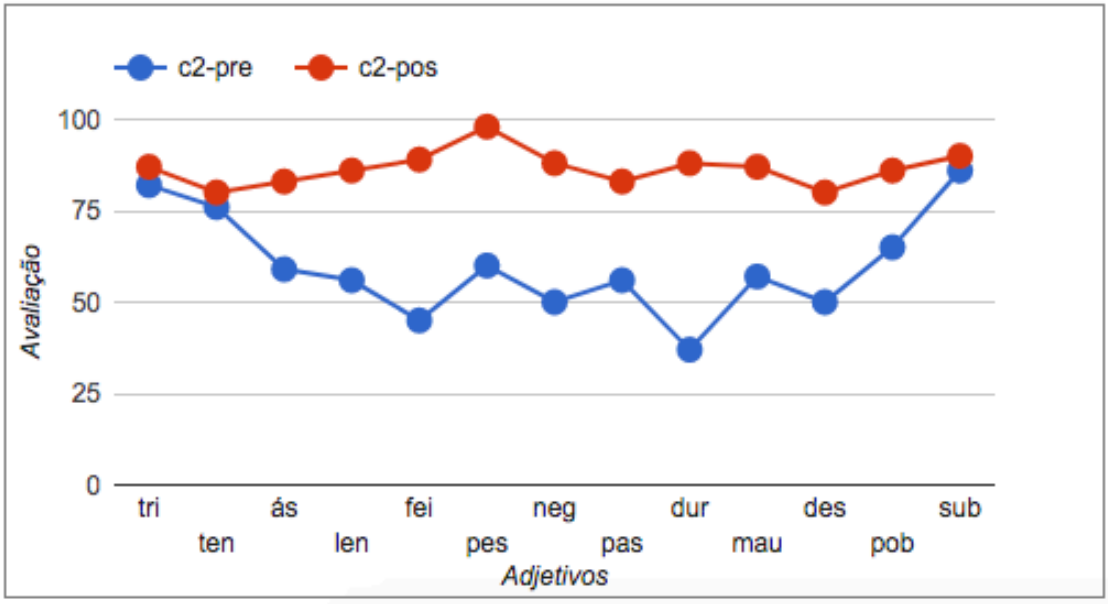




b2-pre



b2-pos





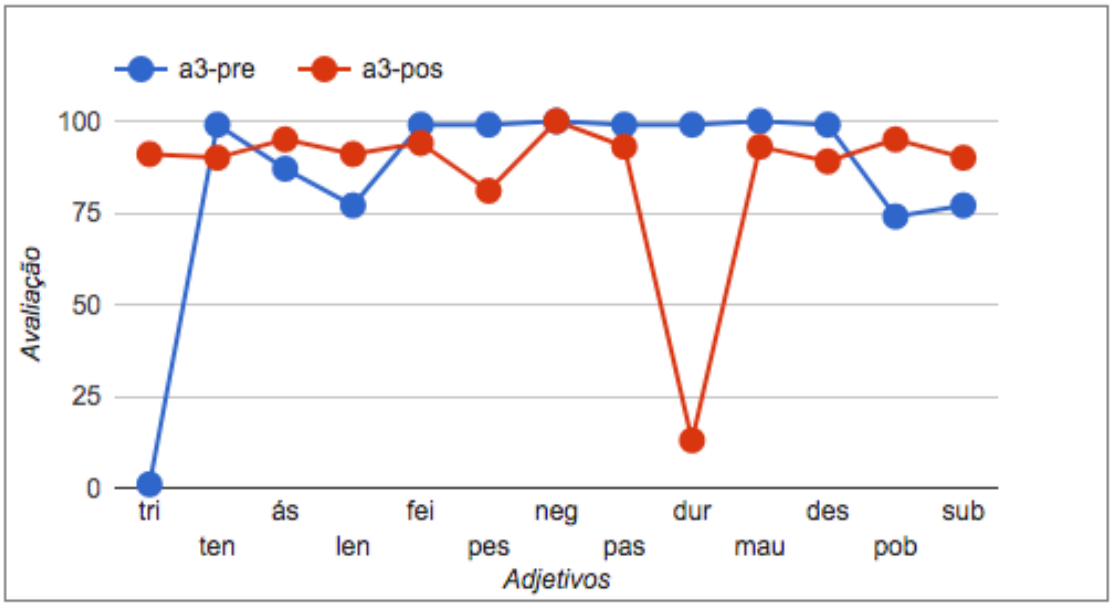
c2-pre



c2-pos

A Figura 27 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Apresenta-se um aumento na avaliação dos estímulos B3 e C3 no Pós-teste, que ficaram, consequentemente, muito semelhantes ao estímulo A3.

Figura 27. Avaliação do estímulo A3, B3 e C3 pelo Participante 03 no Pré-Teste e no Pós-Teste comparados com eles mesmos.

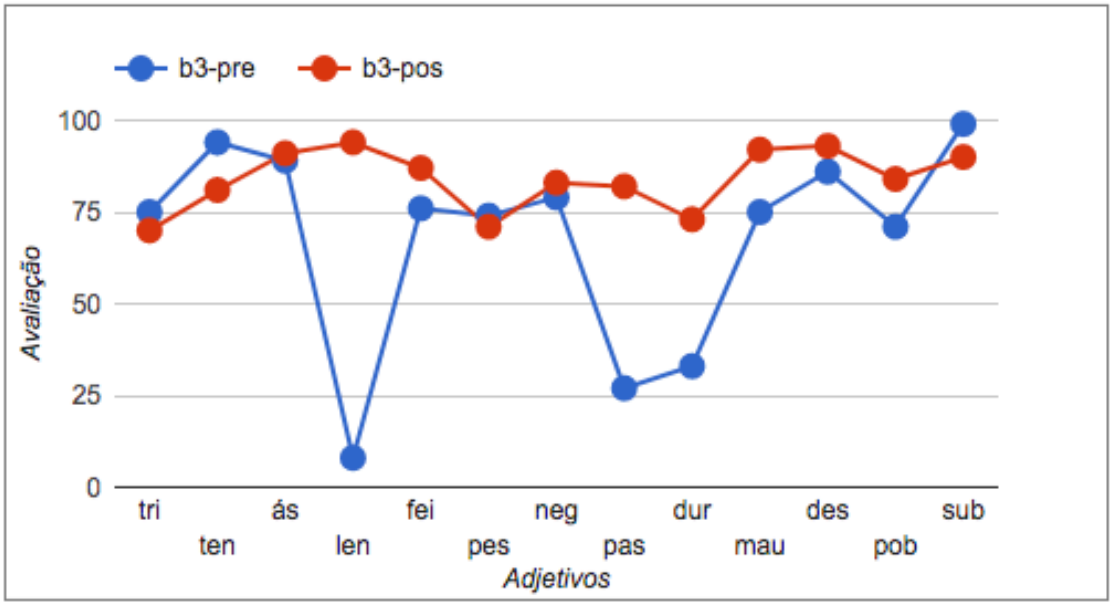




a3-pre



a3-pos

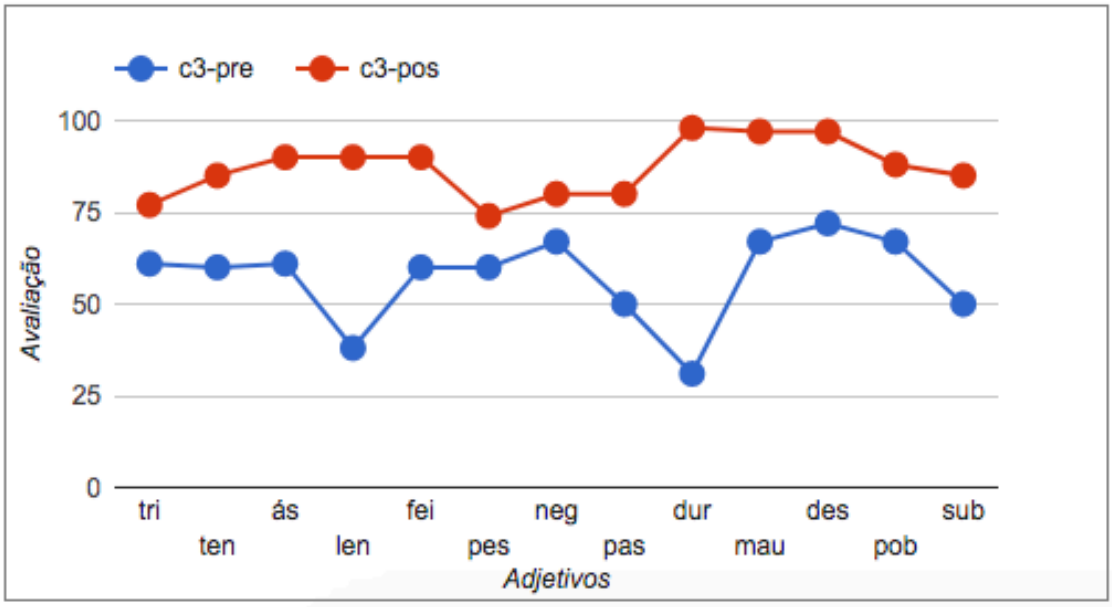


θ

b3-pre

θ

b3-pos



ʖ

c3-pre

ʖ

c3-pos

A figura abaixo apresenta o Grau de Equivalência entre os estímulos no Pré-Teste. Como exemplo, observa-se a equivalência entre os estímulos A2 e B2, de 51%, antes de qualquer emparelhamento de estímulos.

Figura 28. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 3 no Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	79	72	65	68	69	75	66	63
a2	79	100	84	63	51	70	66	63	60
a3	72	84	100	61	63	68	75	61	63
b1	65	63	61	100	65	82	64	72	76
b2	68	51	63	65	100	67	72	66	75
b3	69	70	68	82	67	100	75	78	81
c1	75	66	75	64	72	75	100	78	77
c2	66	63	61	72	66	78	78	100	87
c3	63	60	63	76	75	81	77	87	100

A figura abaixo apresenta o Grau de Equivalência entre os estímulos após o emparelhamento. A mesma relação exemplificada anteriormente agora está com 93% de equivalência, sendo este dado que indica a transferência de função.

Figura 29. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 3 no Pós-teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	89	81	77	88	85	90	87	84
a2	89	100	89	76	93	93	87	92	92
a3	81	89	100	71	82	88	87	87	86
b1	77	76	71	100	80	76	78	74	74
b2	88	93	82	80	100	91	84	89	90
b3	85	93	88	76	91	100	83	92	95
c1	90	87	87	78	84	83	100	84	81
c2	87	92	87	74	89	92	84	100	92
c3	84	92	86	74	90	95	81	92	100

Figura 30. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 3 entre Pré-Teste e Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	83	80	86	68	76	79	89	78	78
a2	79	86	87	63	82	87	76	85	89
a3	73	80	78	65	75	81	70	83	84
b1	62	66	69	75	68	70	65	64	68
b2	66	62	61	72	60	62	72	61	59
b3	75	79	77	84	79	80	75	76	78
c1	82	79	73	82	79	80	83	78	77
c2	76	75	70	88	80	74	77	73	72
c3	71	73	69	92	78	73	73	71	70

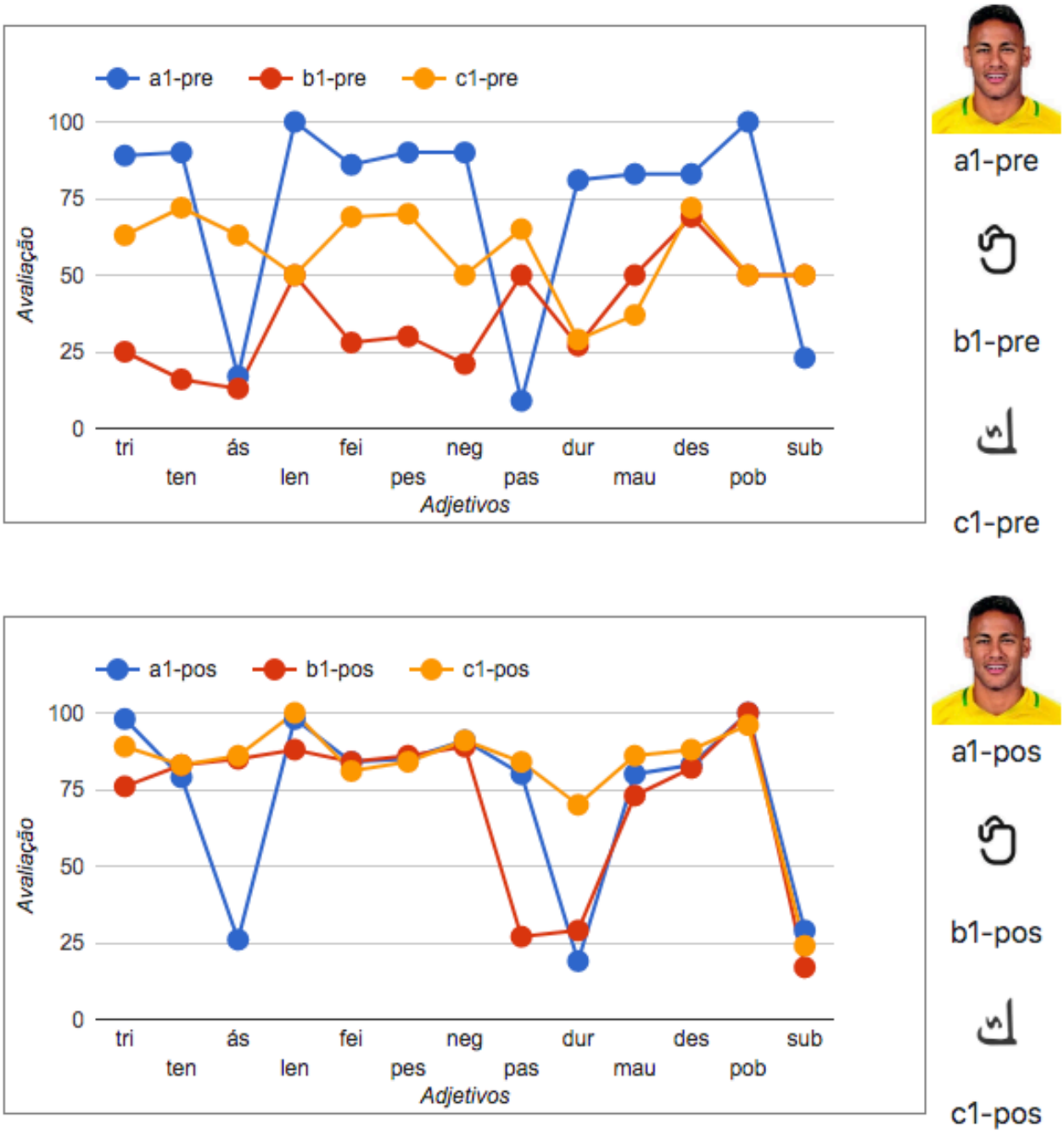
Participante 4

Os dados do Participante 4 foram perdidos e os gráficos referentes a eles não puderam ser gerados.

Participante 5

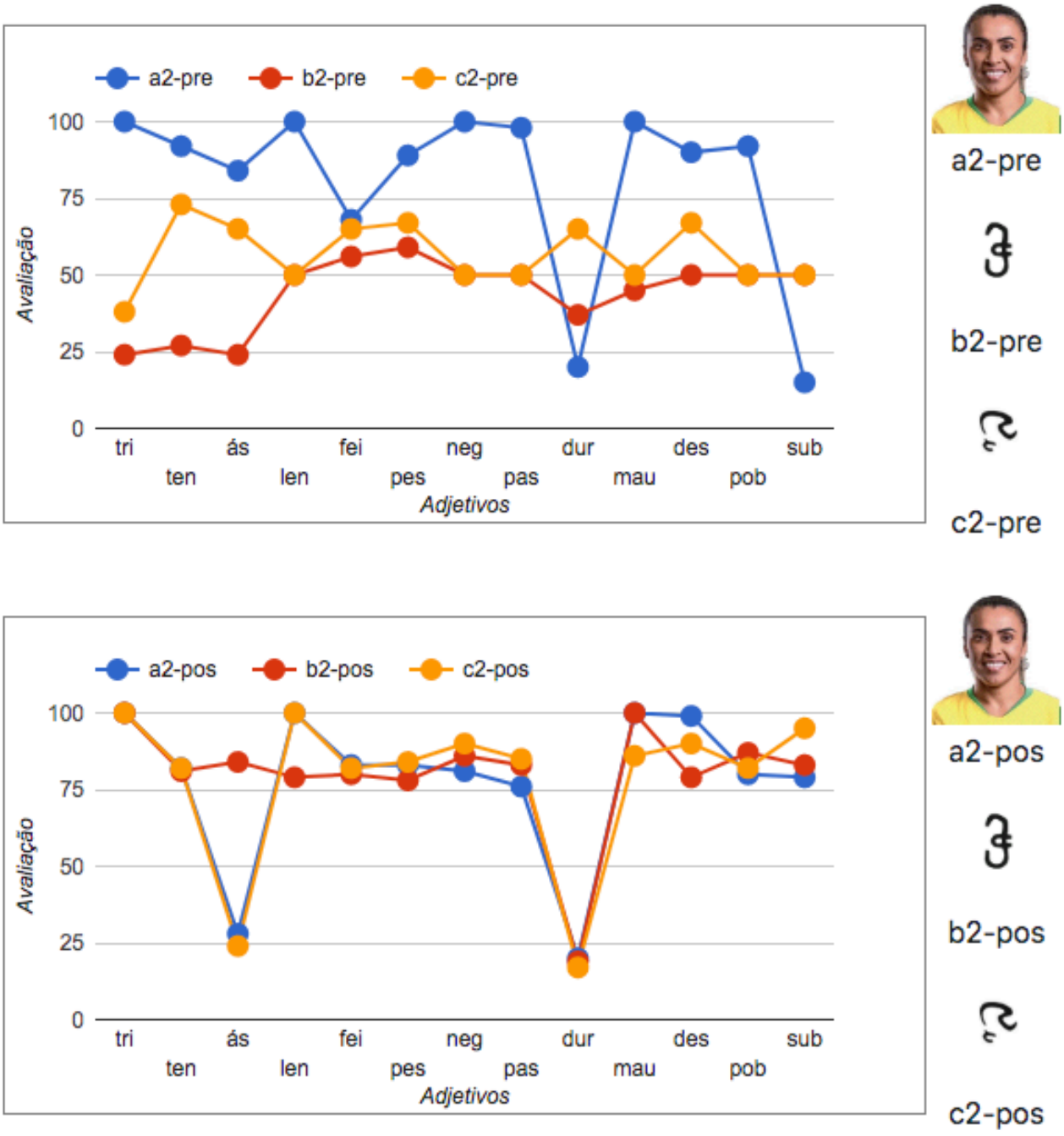
A Figura 31 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). No Pré-Teste, a avaliação de A1 foi, de forma geral, positiva. As avaliações dos estímulos B1 e C1 foram predominantemente neutras. No Pós-Teste as avaliações de A1 foram similares às avaliações do Pré-Teste, enquanto as avaliações de B1 e C1 se modificaram, ficando similares às avaliações de A1.

Figura 31. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 pelo Participante 05 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



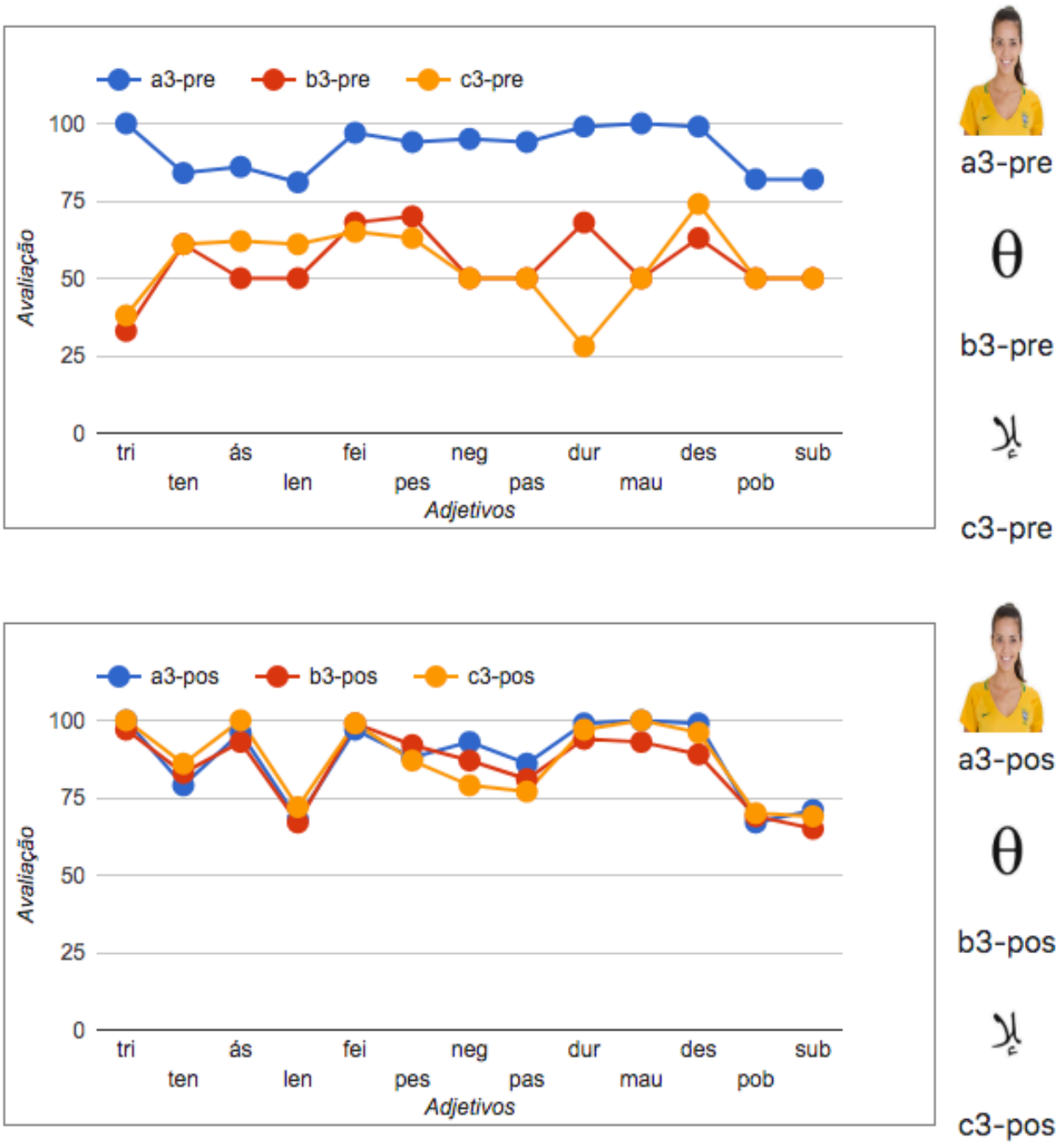
A Figura 32 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). O estímulo A2 obteve uma avaliação predominantemente positiva, enquanto as avaliações dos estímulos B2 e C2 tendem à neutralidade. No Pós-Teste, as avaliações de A2 foram similares às avaliações do Pré-Teste, enquanto as avaliações de B2 e C2 se modificaram, ficando similares às avaliações de A2.

Figura 32. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 pelo Participante 05 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



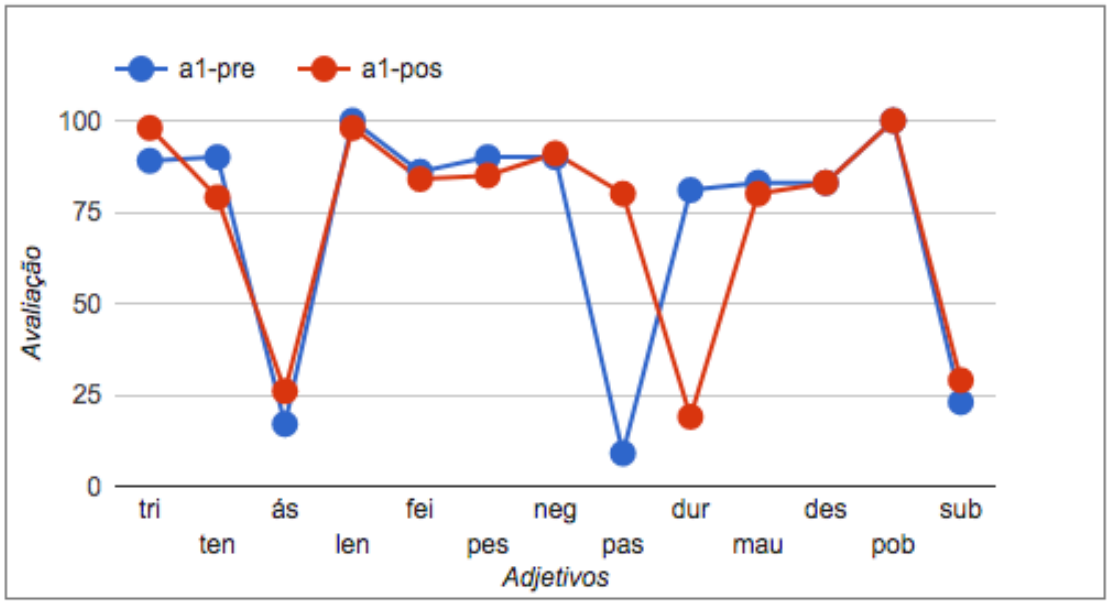
A Figura 33 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Para o estímulo A3, a avaliação foi positiva, enquanto os estímulos abstratos B3 e C3 receberam avaliações que variaram entre neutra e positiva. No Pós-Teste as avaliações de A3 foram similares às avaliações do Pré-Teste, enquanto as avaliações de B3 e C3 se modificaram, ficando similares às avaliações de A3.

Figura 33. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 pelo Participante 05 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



A Figura 34 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Os gráficos mostram que as avaliações dos estímulos abstratos (B1 e C1) foram elevadas e aproximaram-se à avaliação do primeiro estímulo (A1).

Figura 34. Avaliação do estímulo A1, B1 e C1 pelo Participante 05 no Pré-Teste e no Pós-Teste comparados com eles mesmos.

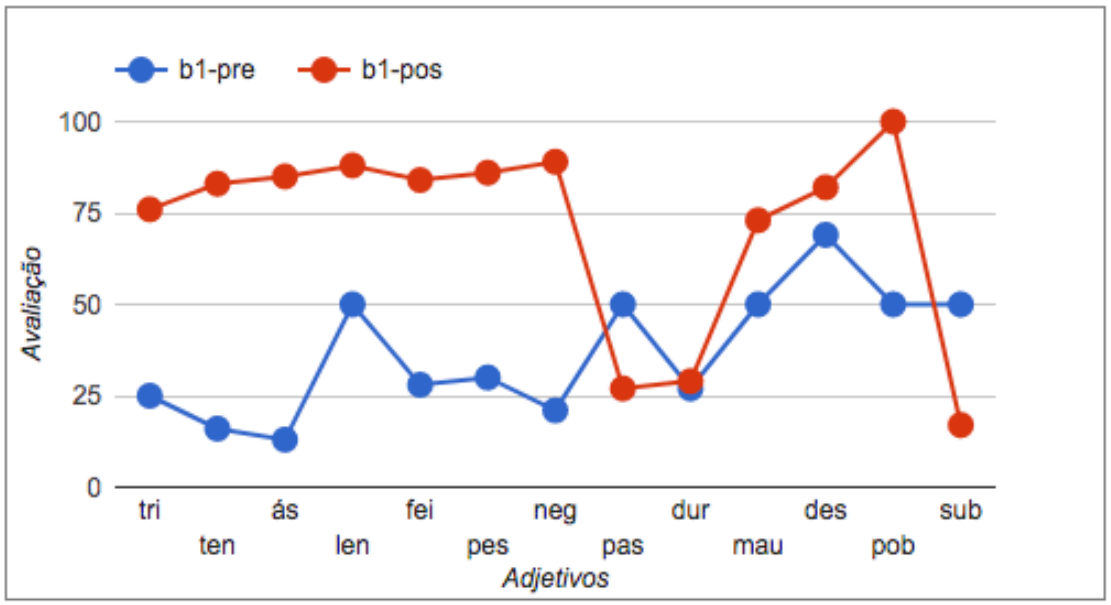




a1-pre



a1-pos

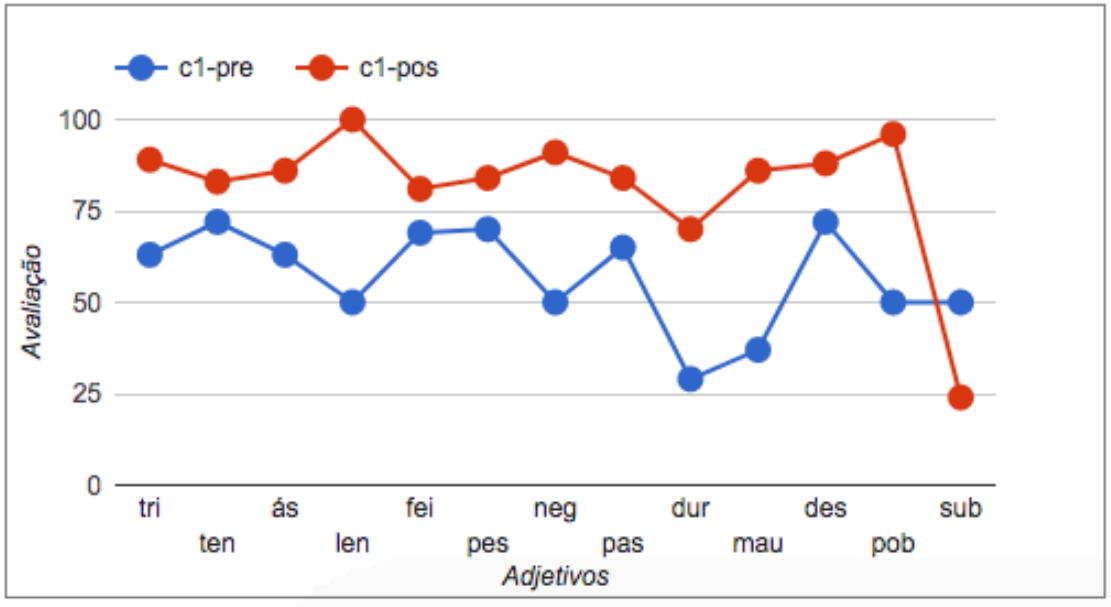




b1-pre



b1-pos





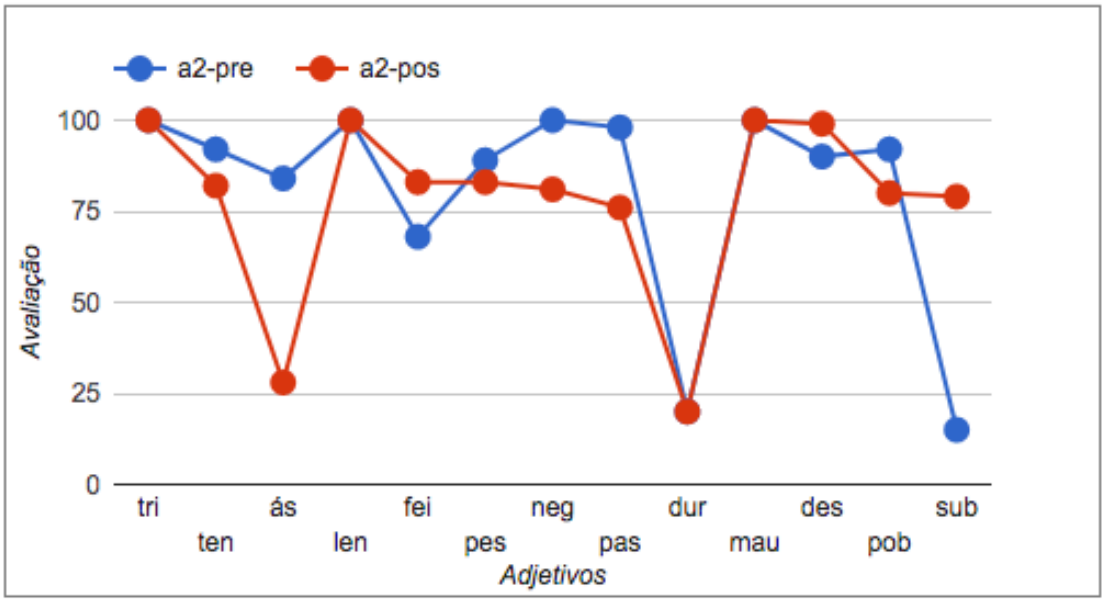
c1-pre



c1-pos

A Figura 35 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que os estímulos abstratos (B2 e C2) receberam avaliações mais positivas no Pós-teste e semelhantes à avaliação do estímulo A2, de significado social.

Figura 35. Avaliação do estímulo A2, B2 e C2 pelo Participante 05 no Pré-Teste e no Pós-Teste comparados com eles mesmos.

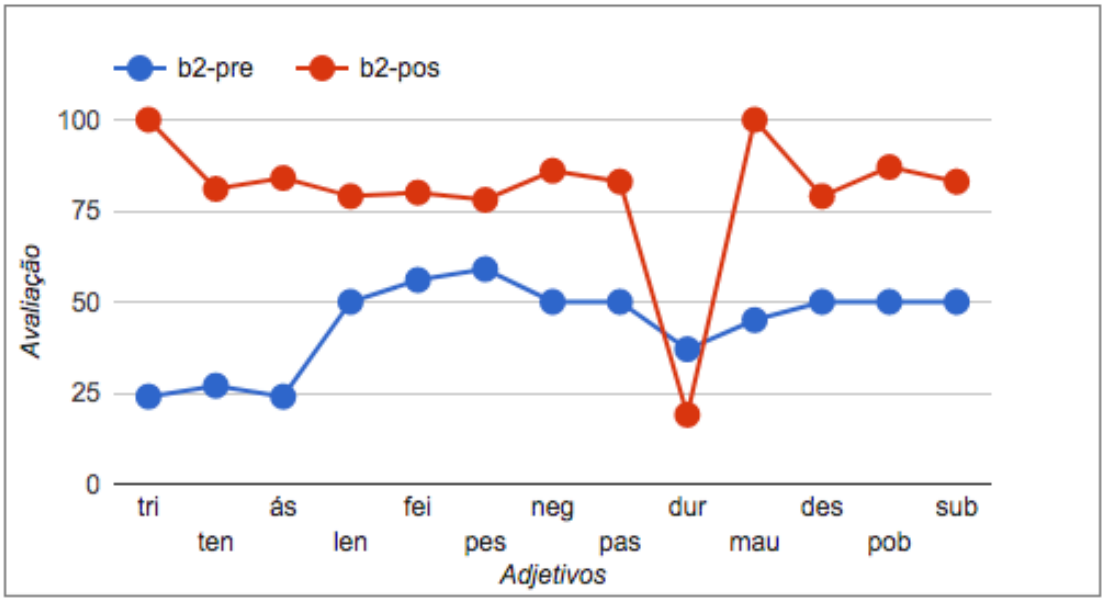




a2-pre



a2-pos

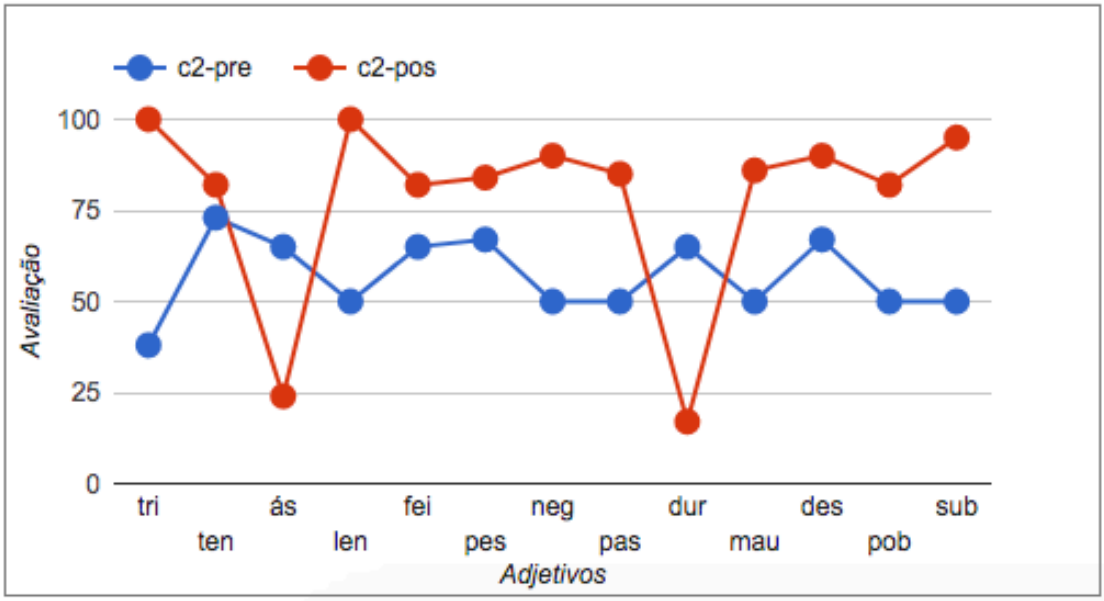




b2-pre



b2-pos





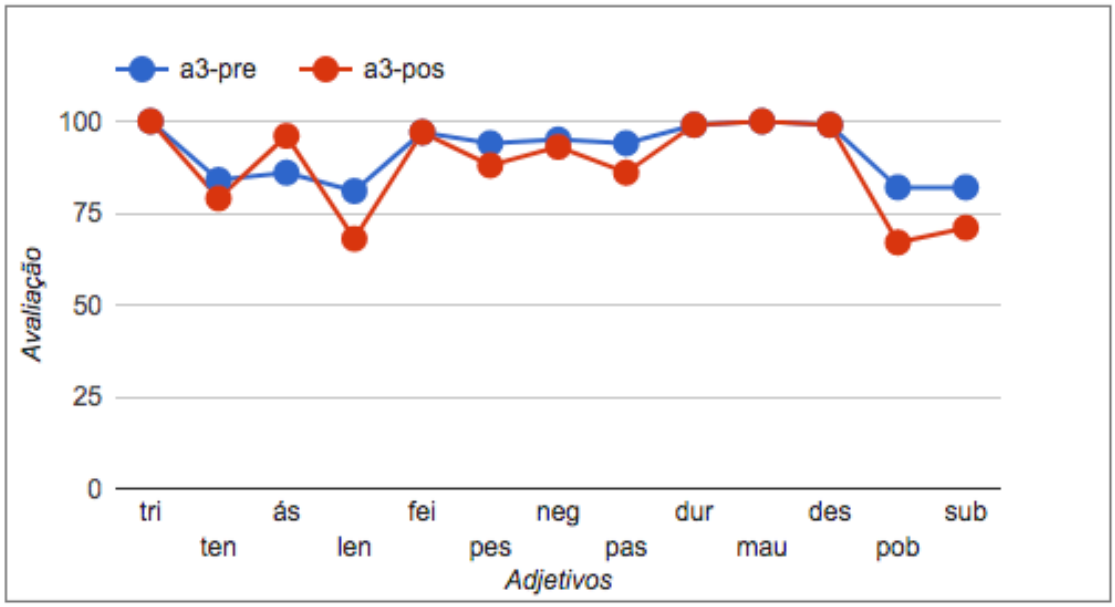
c2-pre



c2-pos

A Figura 36 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. A figura abaixo apresenta as mesmas conclusões que as duas anteriores, na qual os estímulos abstratos passaram a ter, na segunda etapa do experimento, avaliações semelhantes às dos estímulos A3, de significado social.

Figura 36. Avaliação do estímulo A3, B3 e C3 pelo Participante 05 no Pré-Teste e no Pós-Teste comparados com eles mesmos.

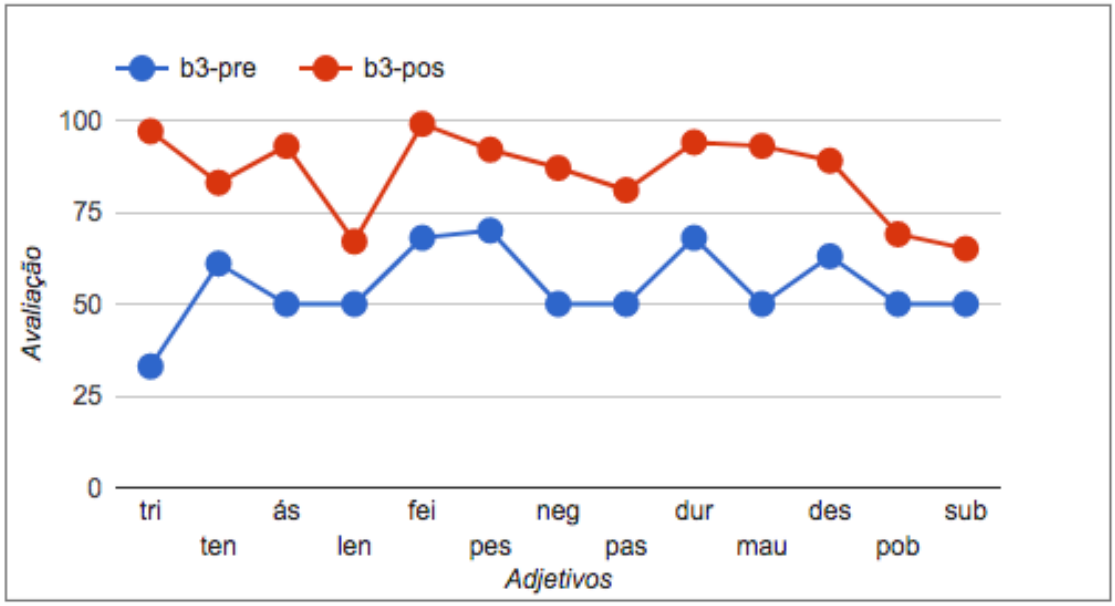




a3-pre



a3-pos

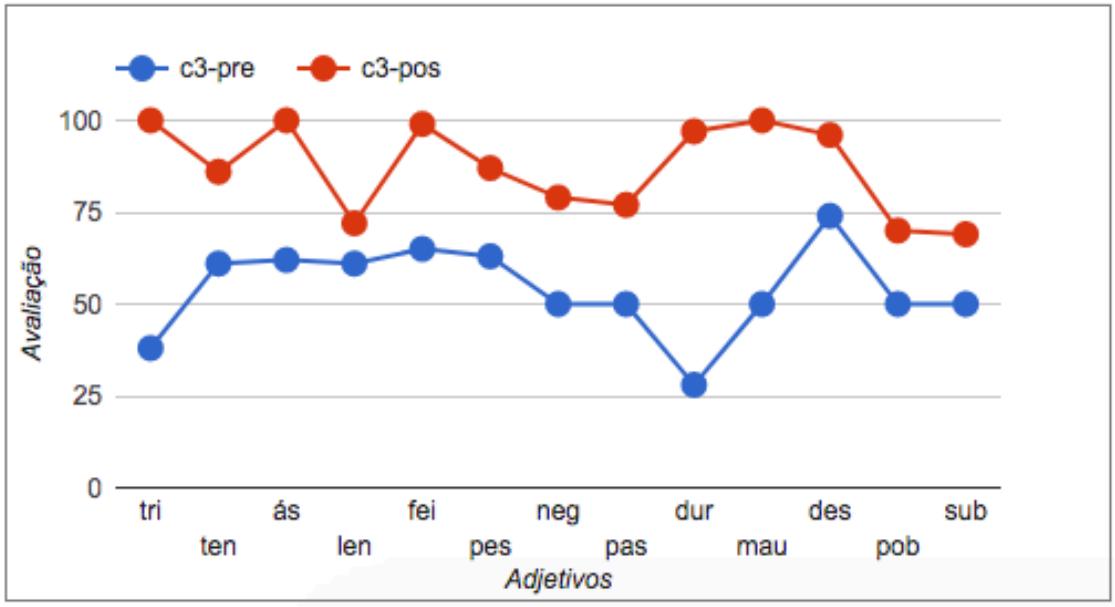


θ

b3-pre

θ

b3-pos



ﻉ

c3-pre

ﻉ

c3-pos

A figura abaixo representa os graus de equivalência entre os estímulos na etapa inicial do experimento. Observa-se que os estímulos A1 e B1 tinham 54% de equivalência antes de qualquer etapa de emparelhamento.

Figura 37. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 5 no Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	77	74	54	60	67	65	67	64
a2	77	100	82	50	55	61	69	64	67
a3	74	82	100	45	52	63	65	65	62
b1	54	50	45	100	89	81	78	80	83
b2	60	55	52	89	100	89	85	87	89
b3	67	61	63	81	89	100	90	97	93
c1	65	69	65	78	85	90	100	92	93
c2	67	64	65	80	87	97	92	100	94
c3	64	67	62	83	89	93	93	94	100

Como exemplificação, observa-se que os mesmos estímulos acima citados passaram a ter, após o emparelhamento, 86% de equivalência, demonstrando a construção de classe de equivalência e a transferência de função entre os estímulos.

Figura 38. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 5 no Pós-teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	90	76	86	85	78	88	91	75
a2	90	100	81	78	90	80	82	95	83
a3	76	81	100	74	85	96	84	79	96
b1	86	78	74	100	83	77	88	78	75
b2	85	90	85	83	100	85	85	89	85
b3	78	80	96	77	85	100	86	80	96
c1	88	82	84	88	85	86	100	83	83
c2	91	95	79	78	89	80	83	100	78
c3	75	83	96	75	85	96	83	78	100

Figura 39. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 5 entre Pré-Teste e Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	86	78	72	85	72	76	86	79	74
a2	87	84	79	85	87	79	89	83	78
a3	76	83	95	75	87	92	85	82	93
b1	59	58	49	58	56	52	51	57	50
b2	65	64	56	63	61	59	58	63	57
b3	67	66	67	70	67	70	69	65	68
c1	73	72	69	75	75	72	71	71	70
c2	67	67	69	72	70	72	71	65	70
c3	71	70	66	75	73	69	68	68	67

Discussão

O objetivo deste estudo foi o de analisar se as atitudes, sejam elas positivas ou negativas, podem estar relacionadas a estímulos de significância de gênero no contexto do esporte, a partir das relações de equivalência e de contingências de reforçamento sobre determinadas situações, bem como a partir de um modelo de equivalência de estímulos e verificar a possível formação de classes de equivalência e transferência de função entre estímulos concretos e abstratos.

Os resultados dessa pesquisa se mostraram favoráveis e corroboram as pesquisas anteriores, em que 4 dos 5 participantes formaram as classes de equivalência nos treinos e obtiveram uma transferência de função dos estímulos concretos com os estímulos abstratos. De acordo com a literatura, o estudo de Alessandra Pinto Rosendo que relaciona gênero e profissões, realizado pela Universidade de Brasília no ano de 2018, pode-se verificar que o treino de pareamento ao modelo apresenta resultados quanto à formação de classes de equivalência.

A partir dos resultados, podemos afirmar que o presente estudo demonstra que os treinos de pareamento ao modelo obtiveram um efeito sobre os estímulos sem significados pré experimental, sendo que, após os exercícios de pareamento, alcançaram os significados do modelo (A), ou seja, houve a formação de classe de equivalência e também a transferência de função para esses estímulos.

Pode-se verificar que os estímulos obtiveram avaliações positivas. Esse fenômeno pode estar relacionado ao significado social do futebol, tanto quanto para esses participantes especificamente, mas também por terem importância no cotidiano do brasileiro em geral. Tal fenômeno pode estar relacionado também pelo fato de que as figuras escolhidas são figuras conhecidas, socialmente falando: (A1- Neymar) por ser denominado como um dos melhores jogadores do Brasil e (A2- Marta) por ser uma jogadora muito famosa e premiada mundo afora. Algumas limitações desta pesquisa dizem respeito aos recursos tecnológicos que foram observados e que podem vir a atrasar o curso do experimento, apesar de não impedirem a realização do mesmo.

Conclui-se que o presente estudo teve um resultado esperado e de acordo com a literatura, onde o treino de pareamento ao modelo atribui um significado semelhante ao estímulo modelo que na primeira avaliação, Pré-Teste, não obtiveram os mesmo valores, inferindo então que para a maioria dos participantes houve uma formação de classe de equivalência.

Foi notado que, ao longo da aplicação, desenvolveu-se um fenômeno de nomeação aos estímulos sem significados pré experimental, sugerindo que futuras pesquisas investiguem tal ocorrência e ainda acrescentem a investigação no que refere-se a reorganização de classes e também a mudança de avaliação desses estímulos.

Experimento 4: transferência de função de fotografias associadas ao Candomblé para figuras abstratas

Pesquisadora responsável: Camila Soares Simões

Introdução

Madeira, Borloti e Haydu (2017) conceituam o paradigma de equivalência de estímulos como o ensino sistemático de relações condicionais entre, no mínimo, dois pares de estímulos com um elemento em comum. Com isso, busca-se consolidar a formação das classes de equivalência e a emergência de novas relações. Esses estímulos podem ser substituídos ou trocados em determinadas circunstâncias e devem apresentar propriedades de simetria, transitividade e reflexividade (Almeida & Haydu, 2009). O ensino ocorre através do procedimento de pareamento com o modelo (Matching to Sample- MTS) que reforça a resposta sobre o estímulo discriminado.

O paradigma de equivalência surge como uma alternativa para analisar e tentar modificar processos simbólicos referentes a fenômenos sociais como o preconceitos e estereótipos relacionados a questões raciais, de gênero e religião. Esses estudos utilizam estímulos arbitrários e estímulos com significados (Rosendo & Melo, 2018).

Os estímulos arbitrários não contém um significado ou história-pré experimental sendo que, geralmente, são utilizados desenhos abstratos, sílabas ou palavras sem sentido. Nesse contexto, ele assegura que o desempenho do participante nunca tenha sido reforçado fora da situação experimental (Rose,1993). Já os estímulos com significado são utilizados para averiguar o efeito da história pré- experimental na elaboração de classes de equivalência (Rosendo & Melo, 2018). Por isso, Carvalho (2010) ressalta que ao realizar pesquisas, principalmente com o foco em mudanças de atitudes e preconceito, é necessário ter-se atenção e cuidado ao selecionar os estímulos.

A formação de classes de equivalência permite com que funções novas ou anteriormente adquiridas possam ser transferidas para outros elementos sem necessitar de um treinamento específico. Nesse sentido, o modelo de equivalência possibilitou a simulação experimental da aquisição de comportamento simbólico (Rose, Gil, & Souza, 2014).

Dixon e Lemke (2007) utilizaram o paradigma de equivalência para estudar atitudes preconceituosas contra homens do oriente médio. O experimento foi dividido em três partes. Na primeira parte foi aplicado o pré- teste, onde os participantes deveriam avaliar 10 fotos de homens com características do oriente médio, 10 fotos de americanos e 10 fotos de objetos cotidianos. Essas fotos foram dispostas sobre uma escala Likert de 10 pontos.

O objetivo desta pesquisa consiste em verificar se efetivamente ocorre a formação de classes de equivalência com estímulos associados ao candomblé para estímulos abstratos, através de um procedimento de pareamento. Para tanto, 5 estudantes universitários que residem no Distrito Federal foram submetidos ao procedimento online que continha 4 etapas: aplicação inicial de uma escala de diferencial semântico, treinos de pareamento de estímulos, teste de equivalência e a reaplicação da escala semântica. A escala era composta por: imagens representativas do candomblé (A- vestimenta/objeto/culto), estímulos neutros (B e C) e 13 pares de adjetivos opostos. Para a aplicação dos treinos de pareamento e teste de equivalência, foi utilizado um programa de software "Laec" onde o estímulo alvo era apresentado e, ao clicar nele, automaticamente era apresentado na tela três opções de respostas dispostas aleatoriamente para os participantes. Com os resultados encontrados, verificou-se que, assim como na literatura, de fato ocorreu a formação de classes de equivalência onde estímulos neutros passaram a apresentar transferência de função. Apesar disso, é necessário que pesquisas futuras investiguem a transferência de função com estímulos religiosos. Para isso, uma possibilidade é a adição de novos estímulos como forma de contribuir com a variabilidade dos resultados.

Método

Delineamento experimental

Idêntico ao Experimento 2.

Participantes

Participaram da pesquisa um total de 6 estudantes universitários cursando o primeiro semestre de psicologia em uma instituição de ensino superior. Os participantes eram homens (3) e mulheres (3) que tinham entre 18 e 50 anos. Dentre eles: um era católico, um era umbandista e três não tinham uma religião específica.

Como critério de exclusão, foi estabelecido que não poderiam participar da presente pesquisa indivíduos que cursam/cursaram a partir do terceiro se-

mestre de psicologia. Ou ainda, que anteriormente estudaram alguma matéria de Análise do Comportamento.

O convite da pesquisa foi enviado pelo aplicativo Whatsapp.

Procedimentos éticos

O experimento foi iniciado após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética do UniCEUB e a entrega dos TCLEs (Termos de Consentimento Livre e Esclarecido) às participantes, que foram lidos e assinados por elas. Posteriormente, após a entrega dos TCLEs assinados, foram definidos horário e data para a realização do experimento.

Local

Idêntico ao Experimento 2.

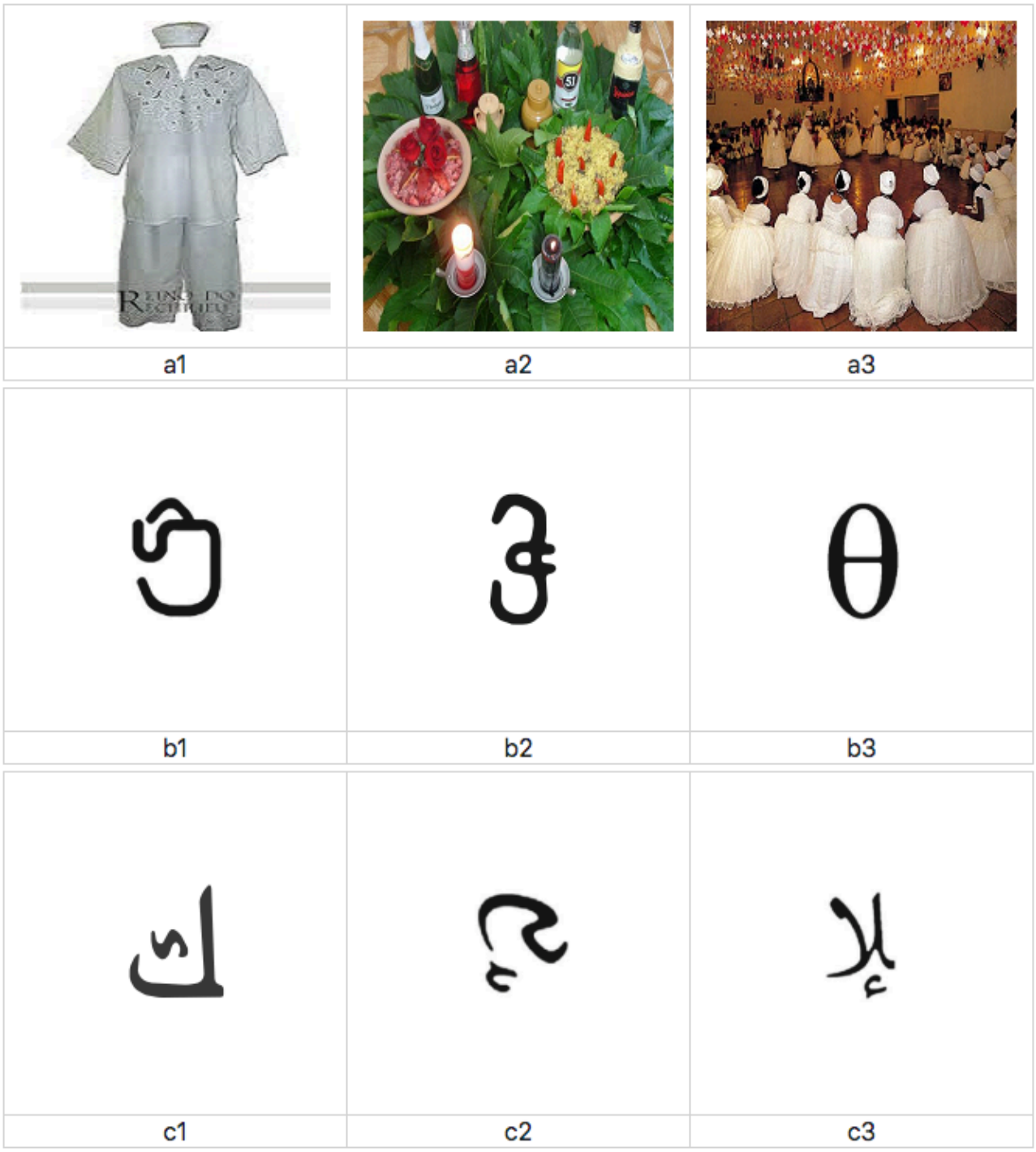
Recursos utilizados para a realização da pesquisa

Idêntico ao Experimento 2.

Imagens. Nessa pesquisa, foram selecionadas 9 imagens para serem utilizadas como estímulos modelo e de comparação. Dentre elas, um conjunto de 6 figuras abstratas foram retiradas de um estudo realizado na Universidade de Oslo em que 15 estudantes as avaliaram. As outras 3 figuras (que apresentavam significado) foram retiradas da plataforma: google imagens.

A Figura 1, mostra os estímulos que foram usados nos testes semânticos e no procedimento de pareamento ao modelo. Os estímulos A1, A2 e A3 se referem a religião brasileira Candomblé, respectivamente a vestimenta (roupa masculina denominada Richelieu), objeto (oferenda) e o culto (celebração tradicional africana). Com relação aos demais estímulos, foram utilizadas sete figuras abstratas extraídas de Eilertsen e Arntzen (2020) (A3, B1, B2, B3, C1, C2 e C3). Ainda, todas essas imagens apresentam largura e altura de 200 pixels e formatação png.

Figura 1. estímulos utilizados no Experimento 4.



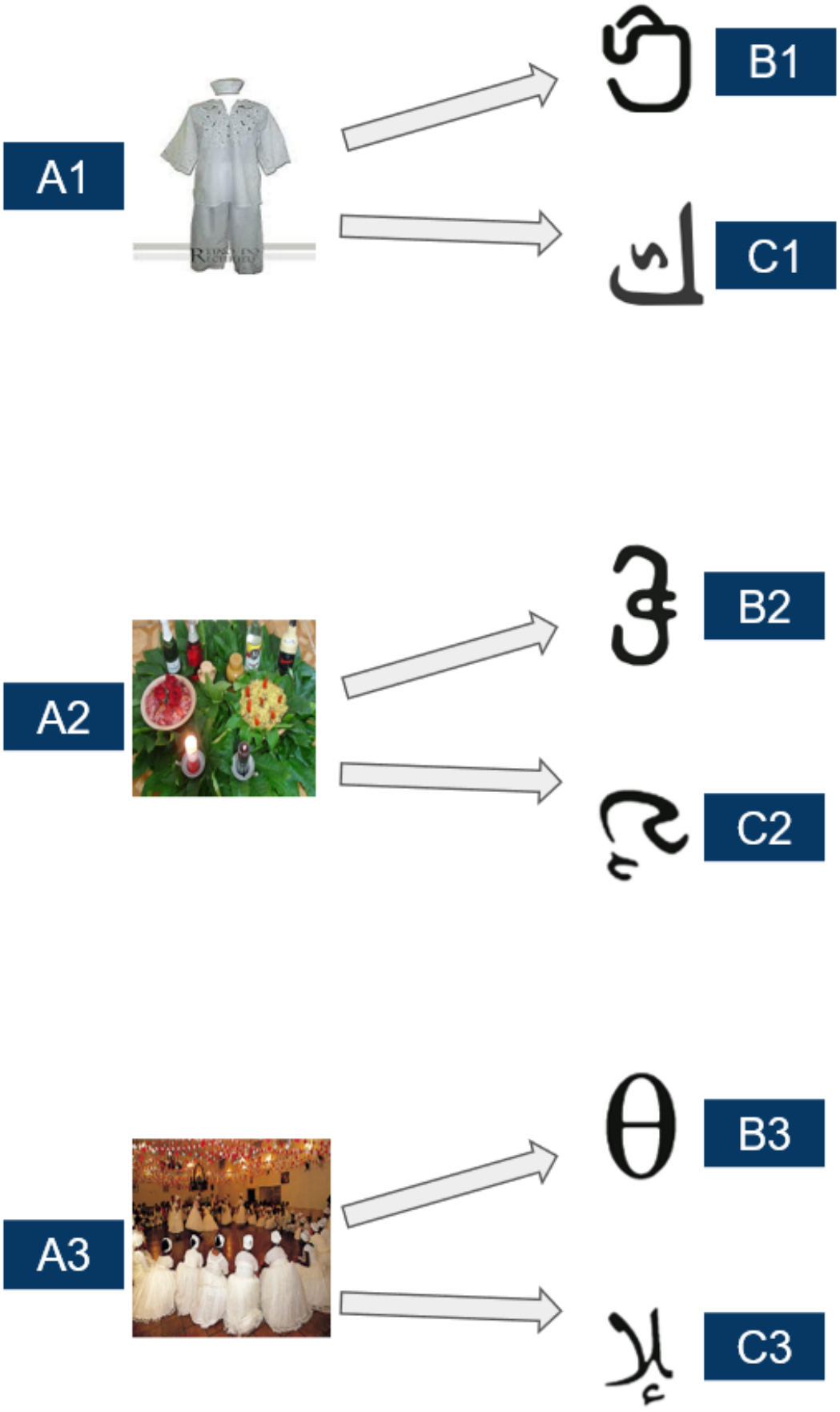
Procedimento de coleta de dados

Idêntico ao Experimento 2, exceto que nos treinos utilizou-se um procedimento de pareamento ao modelo não-simultâneo com atraso zero: após clique no estímulo modelo, o mesmo era retirado da tela e os estímulos de comparação eram imediatamente apresentados (Figura 2 e 3).

Figura 2. Sequência de eventos que compuseram uma tentativa no Treino AB/AC 100%



Figura 3. Discriminações condicionais ensinadas no Treino AB/AC 100%.



Resultados

Resumo

Os resultados do treino AB AC 100% demonstraram que todos os participantes atingiram o critério de acertos desejado. Com relação a quantidade máxima de blocos atingidos, P01/P03 finalizaram o treino 100% com 2 blocos, P02/P05 com 6 blocos e P04 com 5 blocos.

Nos treinos seguintes AB AC 80%, 20% e 0% foi evidenciado que todos os participantes terminaram essas etapas com 2 blocos e igualmente conseguiram alcançar o critério de aprendizagem exigido. Ou seja, sem exceção todos os indivíduos conseguiram concluir e completar o treinamento sem ultrapassar o tempo máximo de 30 minutos da sessão.

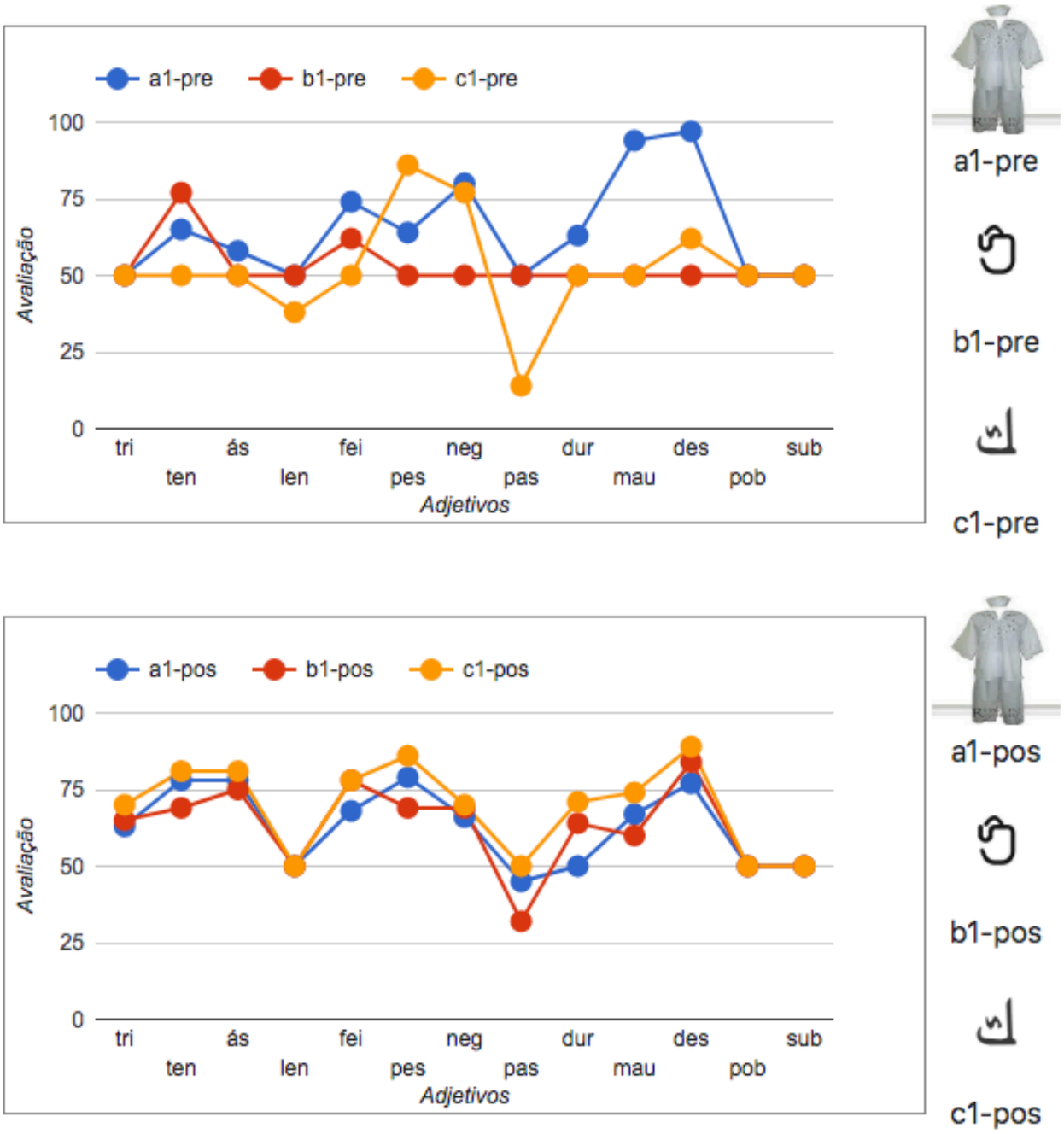
Nos resultados do teste de simetria, transitividade e equivalência, os participantes P01 e P02 acertaram 100 % de todas as relações que foram apresentadas e testadas (AB, AC, BA, BC, CA e CB). Em contrapartida, os participantes P03 e P04 atingiram 80% de acertos respectivamente nas relações (CA) e (CB). Ambos, também apresentaram um percentual de 93% na relação (BC). Por fim, o participante P05 atingiu a mesma porcentagem anterior (93%) nas relações (AC) e (BC). Nas demais associações P03, P04 e P05 acertaram 100%.

A seguir, examinaremos em mais detalhes as avaliações nas Escalas de Diferencial Semântico no Pré-teste e Pós-teste para cada participante.

Participante 1

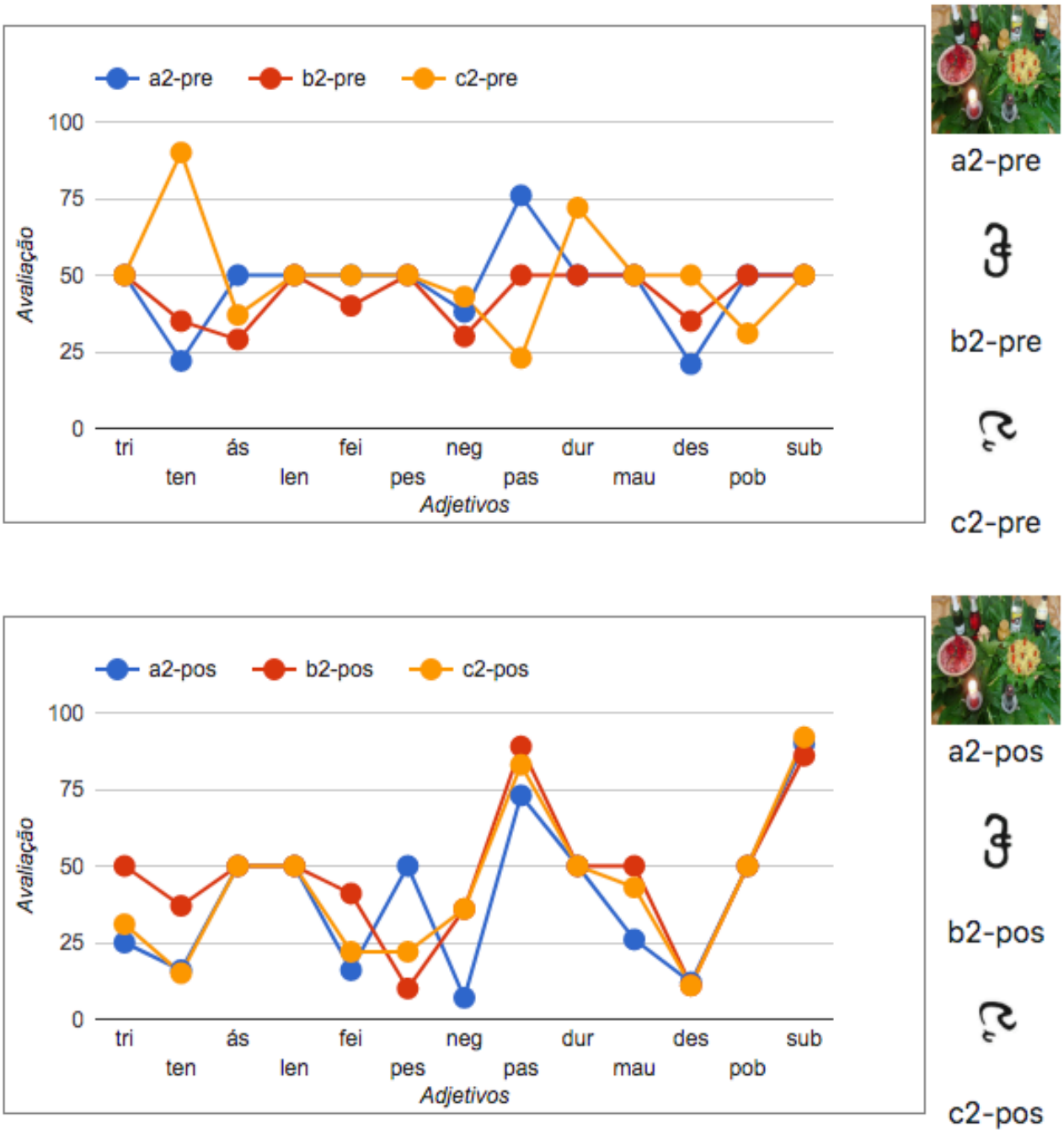
A Figura 4 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). No Pré-Teste, a avaliação de A1 obteve uma predominância de avaliações positivas. Já o estímulo B1 recebeu avaliações próximas à neutralidade, assim como C1. No Pós-Teste, A1 manteve sua avaliação, de modo geral, com uma aproximação das avaliações de B1 e C1.

Figura 4. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 pelo Participante 01 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



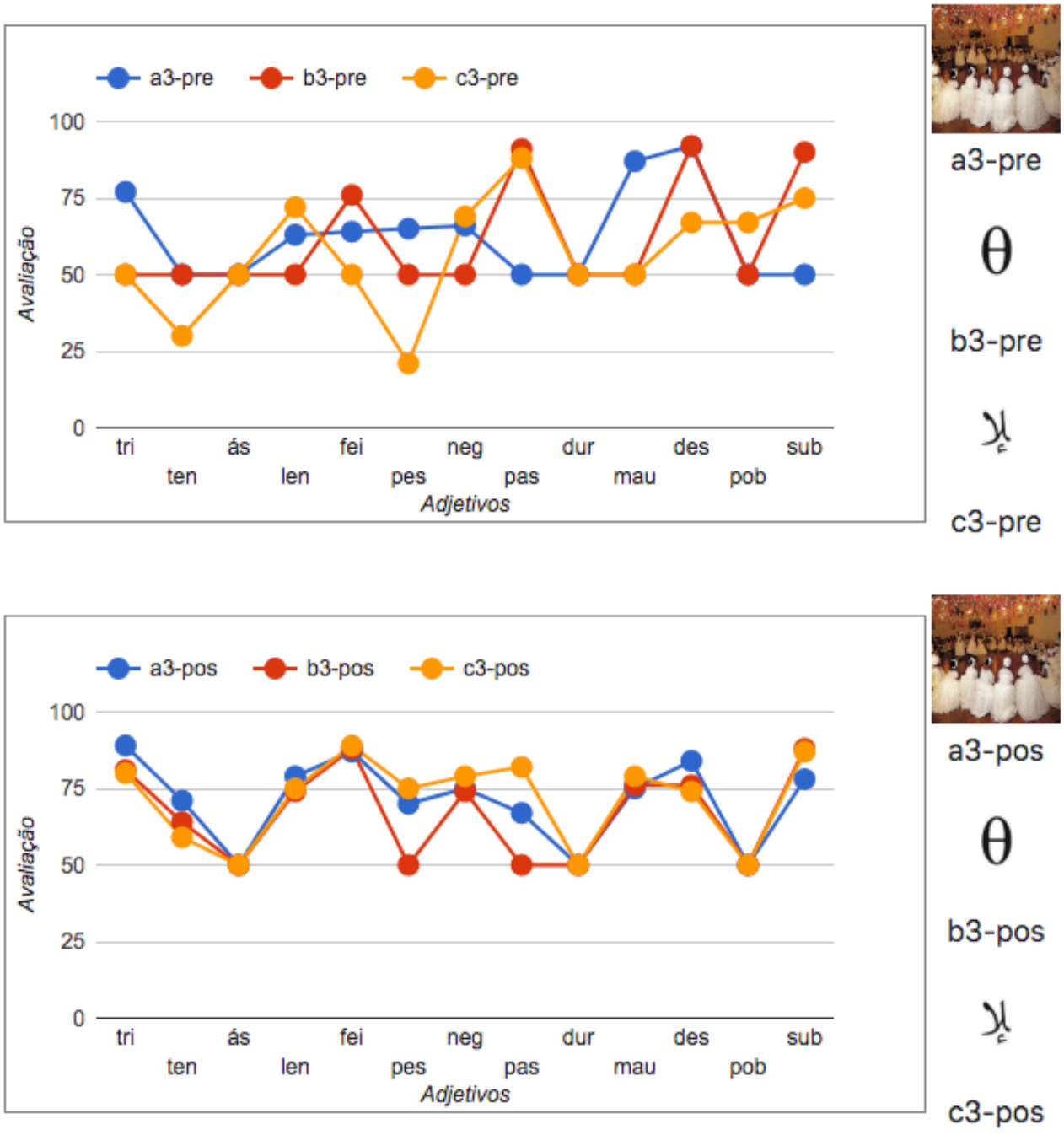
A Figura 5 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). No Pré-Teste, as avaliações de A2 variaram entre 50% a 100%, sendo a maioria das avaliações positivas. As avaliações dos estímulos B2 foram neutras e de C2, variadas. No Pós-Teste, A2 sofreu uma queda em sua avaliação, que foi acompanhada pelas avaliações de B2 e C2. Observa-se a sobreposição ou aproximação dos três estímulos em diversos pontos.

Figura 5. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 pelo Participante 01 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



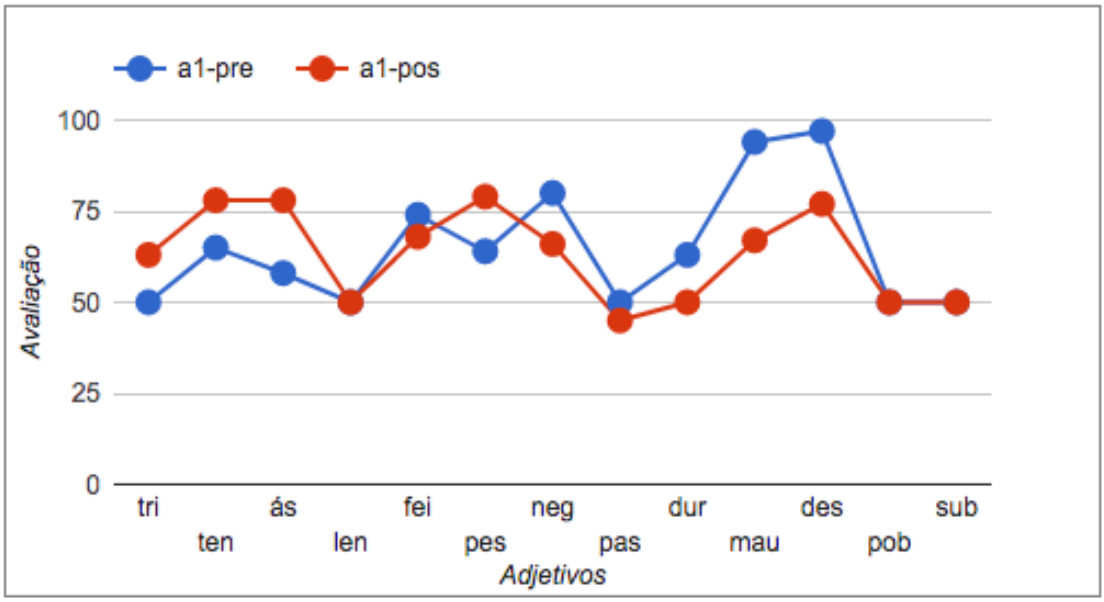
A Figura 6 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). No Pré-Teste, as avaliações de A3 variaram entre 50% a 100% sendo a maioria das avaliações positivas. Os estímulos B3 e C3 receberam avaliações variadas, de neutras a positivas. No Pós-Teste, A3 manteve a tendência de sua avaliação enquanto observa-se uma sobreposição de pontos entre os três estímulos, além de uma aproximação geral das avaliações.

Figura 6. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 pelo Participante 01 no Pré-Teste e no Pós-Teste.

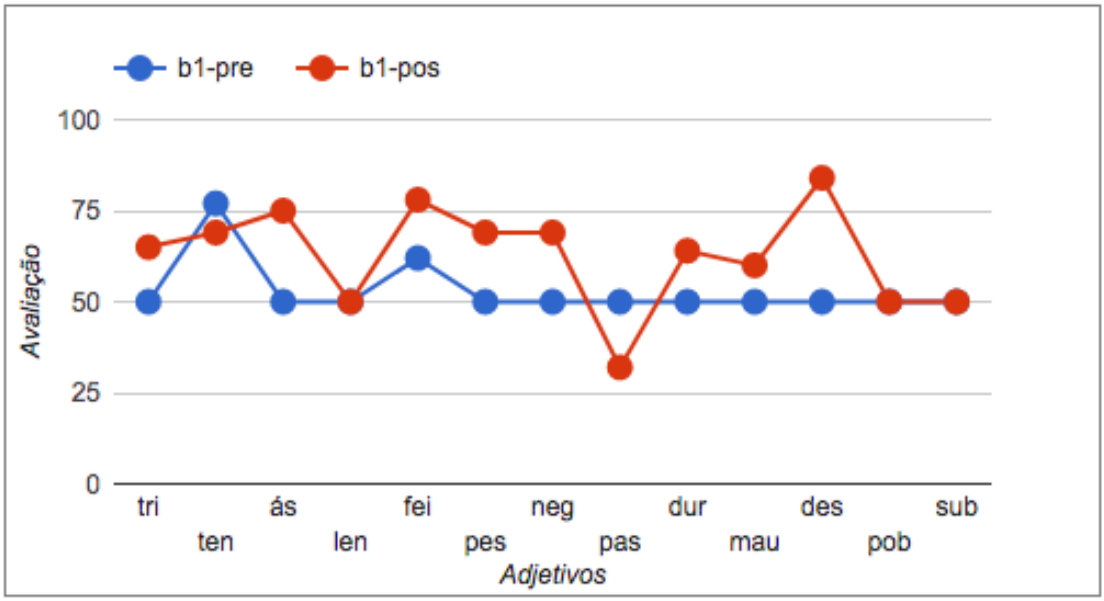


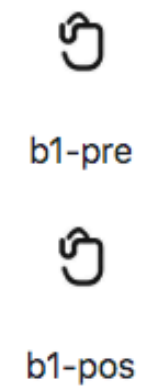
A Figura 7 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que, apesar de discretamente, as avaliações dos estímulos abstratos (B1 e C1) sofreram um aumento, assemelhando-se ao estímulo A1, de significado social.

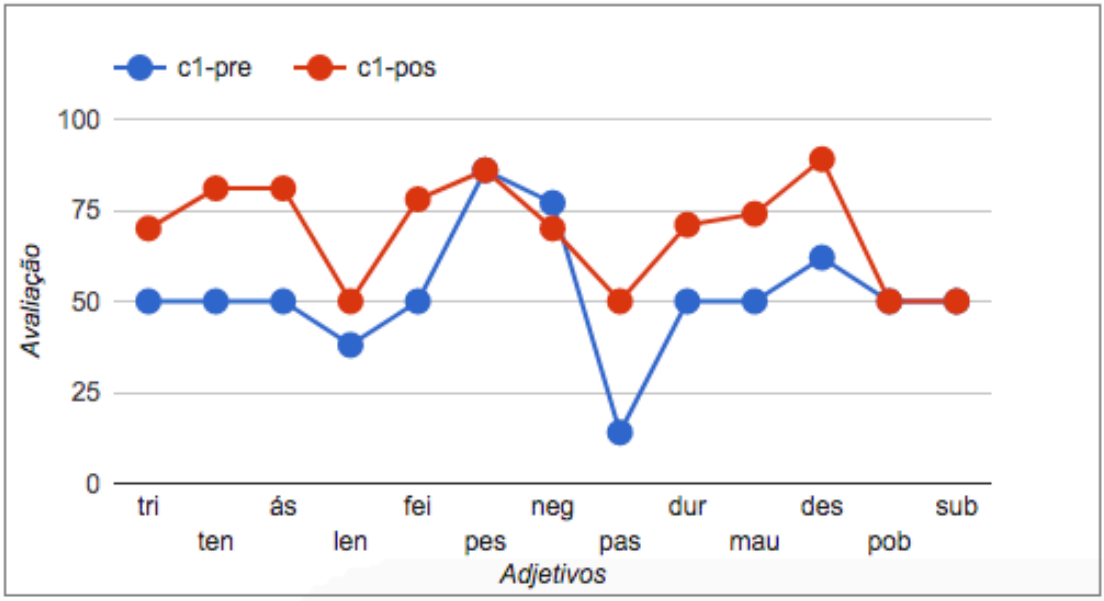
Figura 7. Avaliação do estímulo A1, B1 e C1 pelo Participante 01 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

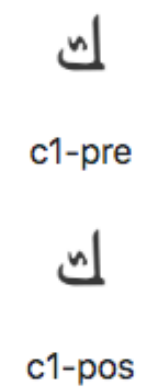

a1-pre
a1-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri
ten
ás
len
fei
pes
neg
pas
dur
mau
des
pob
sub
Adjetivos


a1-pre
a1-pos


b1-pre
b1-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri
ten
ás
len
fei
pes
neg
pas
dur
mau
des
pob
sub
Adjetivos

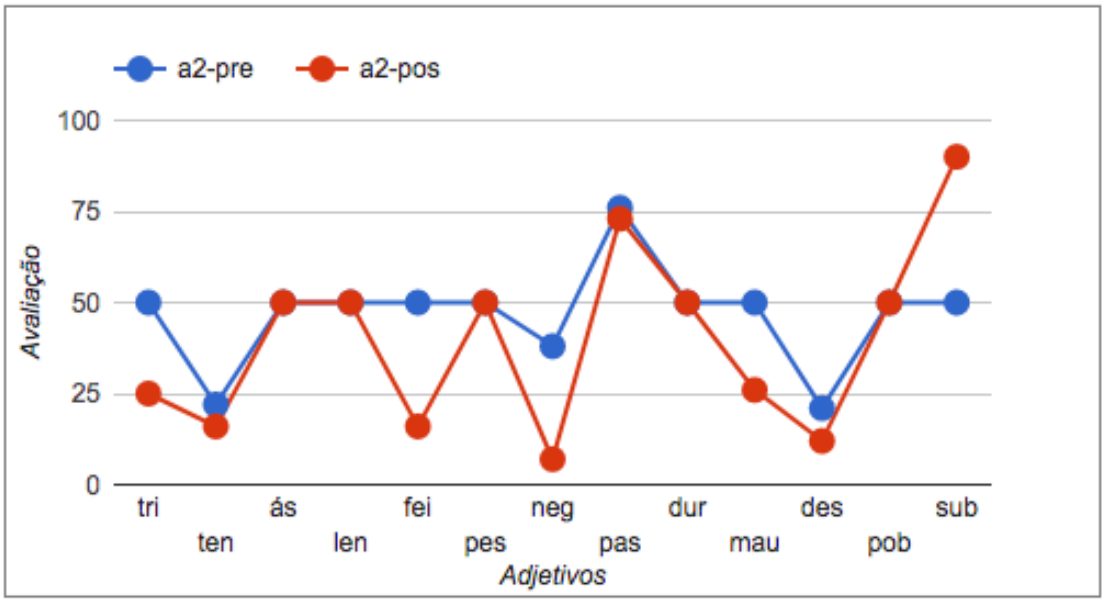

b1-pre
b1-pos


c1-pre
c1-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri
ten
ás
len
fei
pes
neg
pas
dur
mau
des
pob
sub
Adjetivos


c1-pre
c1-pos

A Figura 8 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que os três estímulos receberam variações de avaliações muito semelhantes, de maneira a permitir observar que os três estímulos passaram de avaliações neutras (na primeira etapa) para avaliações mais negativas (na segunda etapa).

Figura 8. Avaliação do estímulo A2, B2 e C2 pelo Participante 01 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

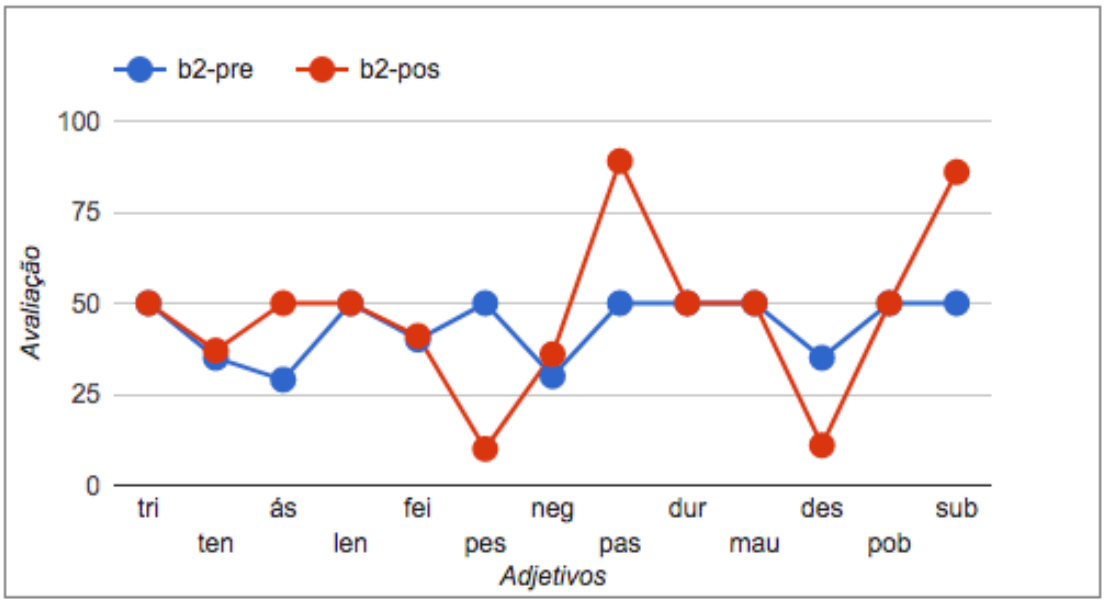




a2-pre



a2-pos

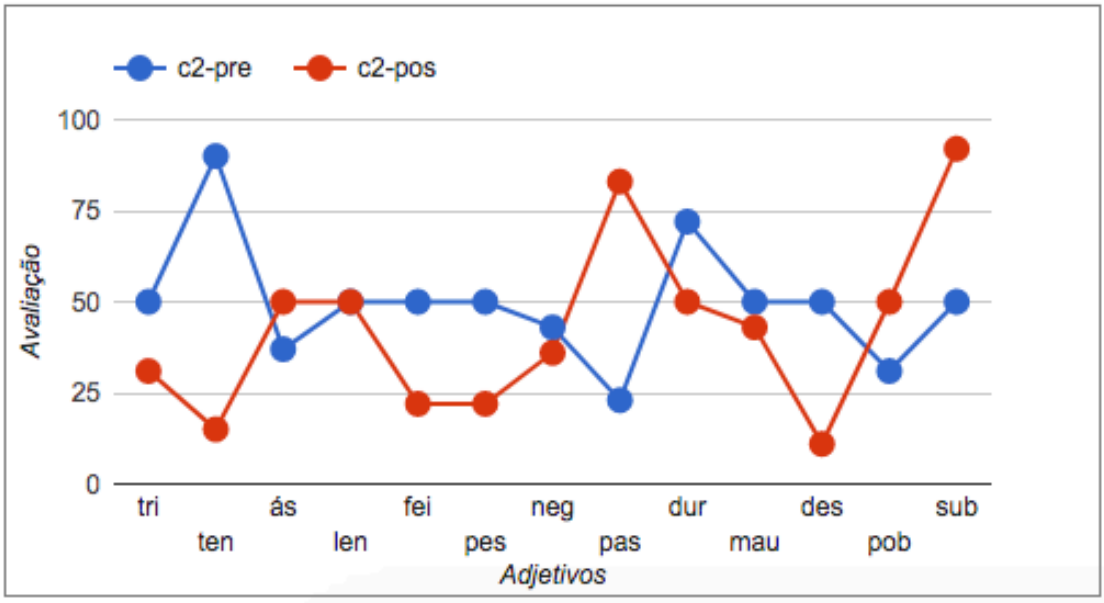




b2-pre



b2-pos





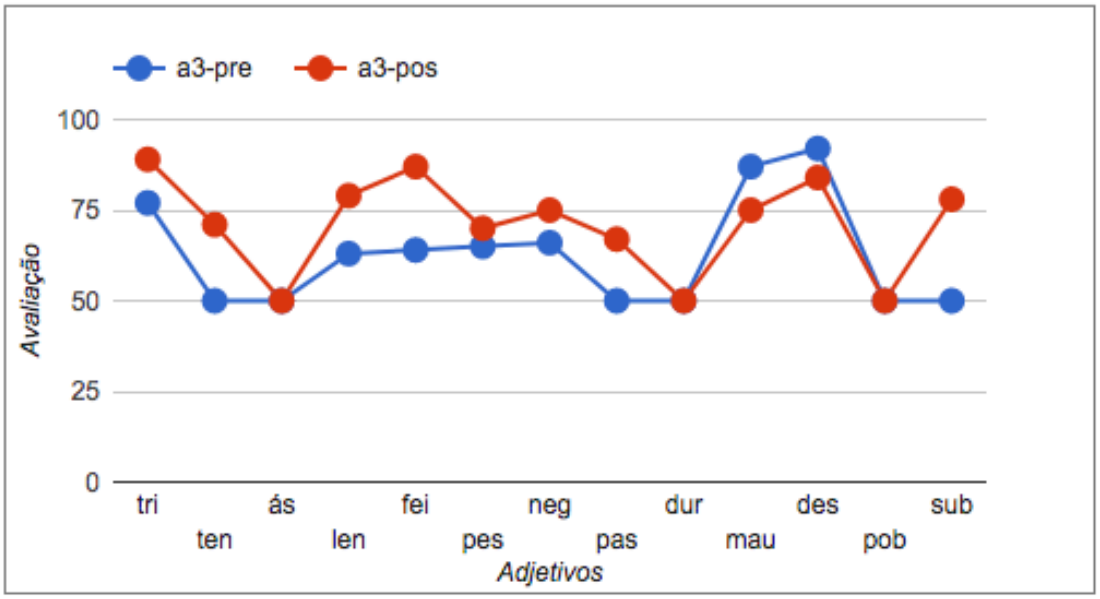
c2-pre



c2-pos

A Figura 9 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que, após uma avaliação inicial variada, os três estímulos tiveram suas avaliações aumentadas de maneira semelhante.

Figura 9. Avaliação do estímulo A3, B3 e C3 pelo Participante 01 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

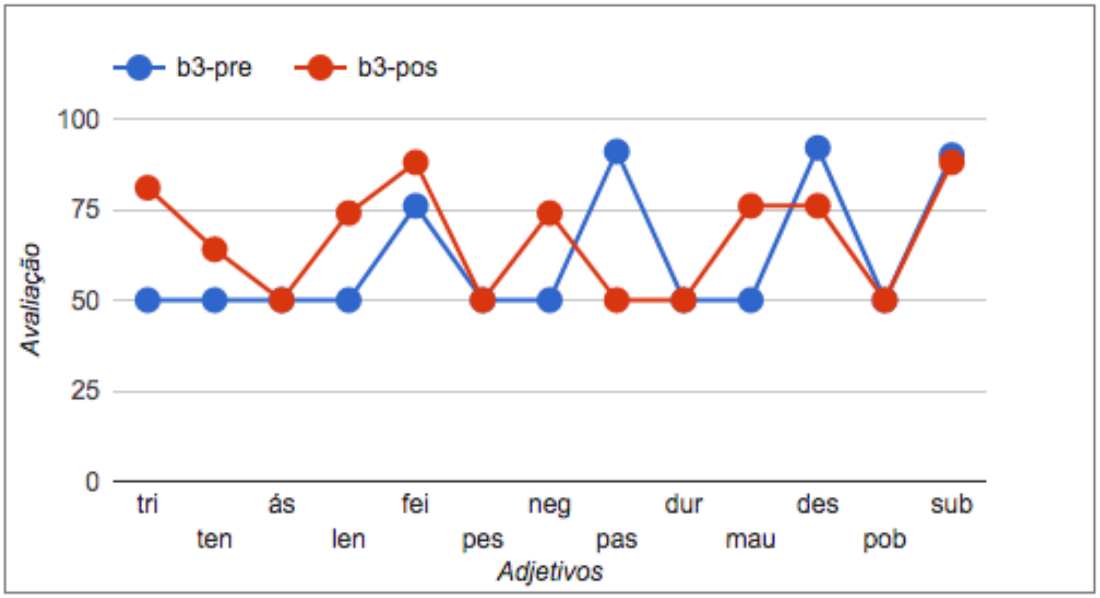




a3-pre



a3-pos

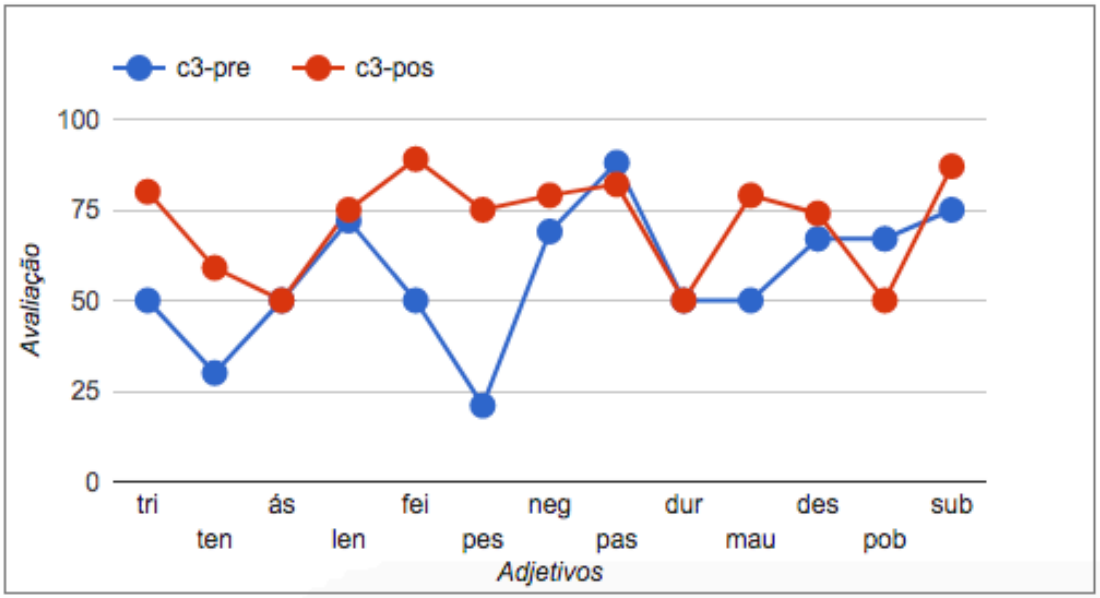


θ

b3-pre

θ

b3-pos



ﻟ

c3-pre

ﻟ

c3-pos

As figuras a seguir apresentam os graus de equivalência entre os estímulos no Pré-Teste e Pós-Teste. Para exemplificação, observa-se que o estímulo A1 e o estímulo B1 possuíam um grau de equivalência de 86% no Pré-Teste.

Figura 10. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 1 no Pré-teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	78	91	86	79	84	84	79	76
a2	78	100	80	90	93	85	83	84	85
a3	91	80	100	86	81	85	85	78	80
b1	86	90	86	100	91	87	88	91	83
b2	79	93	81	91	100	82	84	87	82
b3	84	85	85	87	82	100	81	79	86
c1	84	83	85	88	84	81	100	85	81
c2	79	84	78	91	87	79	85	100	76
c3	76	85	80	83	82	86	81	76	100

Após a fase de emparelhamento de estímulos, observa-se que os estímulos A1 e B1 passaram a ter um grau de equivalência de 94%, o que demonstra a formação de classe de equivalência e transferência de função do A1 (com significado social) ao B1 (abstrato).

Figura 11. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 1 no Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	66	85	94	71	85	94	67	83
a2	66	100	66	64	86	69	61	92	68
a3	85	66	100	86	71	94	85	67	94
b1	94	64	86	100	70	85	93	66	82
b2	71	86	71	70	100	74	66	93	74
b3	85	69	94	85	74	100	84	70	94
c1	94	61	85	93	66	84	100	62	82
c2	67	92	67	66	93	70	62	100	70
c3	83	68	94	82	74	94	82	70	100

Na figura abaixo, observa-se que há uma variação nas avaliações do mesmo estímulo entre as duas fases do experimento. Toma-se como exemplo o estímulo A1, que tem uma equivalência de 88% entre a primeira avaliação (Pré-teste) e a segunda avaliação (Pós-teste).

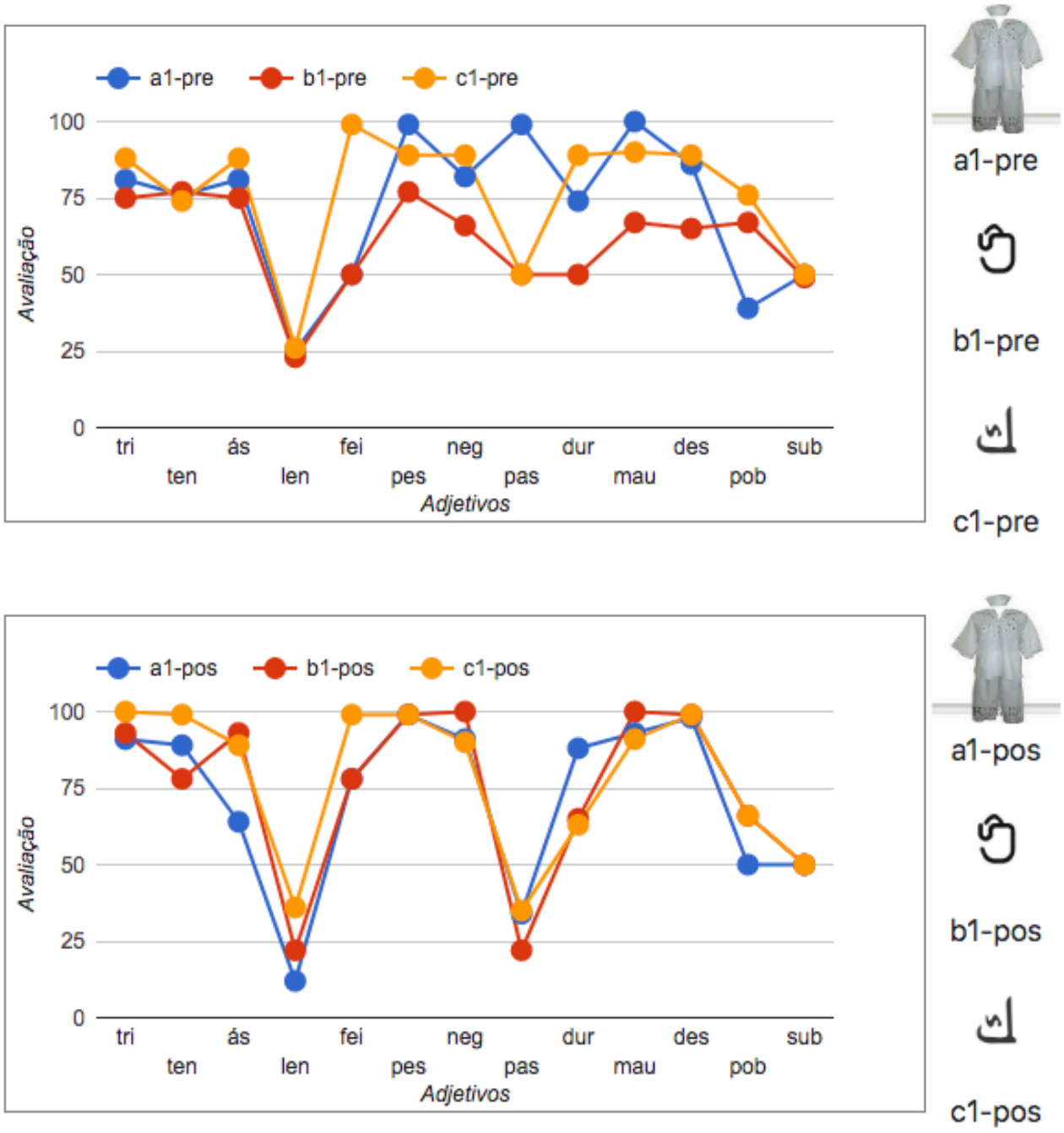
Figura 12. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 1 entre Pré-Teste e Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	89	65	85	91	70	86	90	66	83
a2	79	87	74	77	90	76	73	88	75
a3	89	67	88	88	73	89	88	69	87
b1	89	77	81	86	82	84	84	78	79
b2	80	83	73	78	87	77	75	83	72
b3	82	78	84	82	85	85	79	81	85
c1	86	70	78	86	76	79	82	72	79
c2	81	71	72	83	77	75	79	72	70
c3	77	76	80	76	87	81	72	83	82

Participante 2

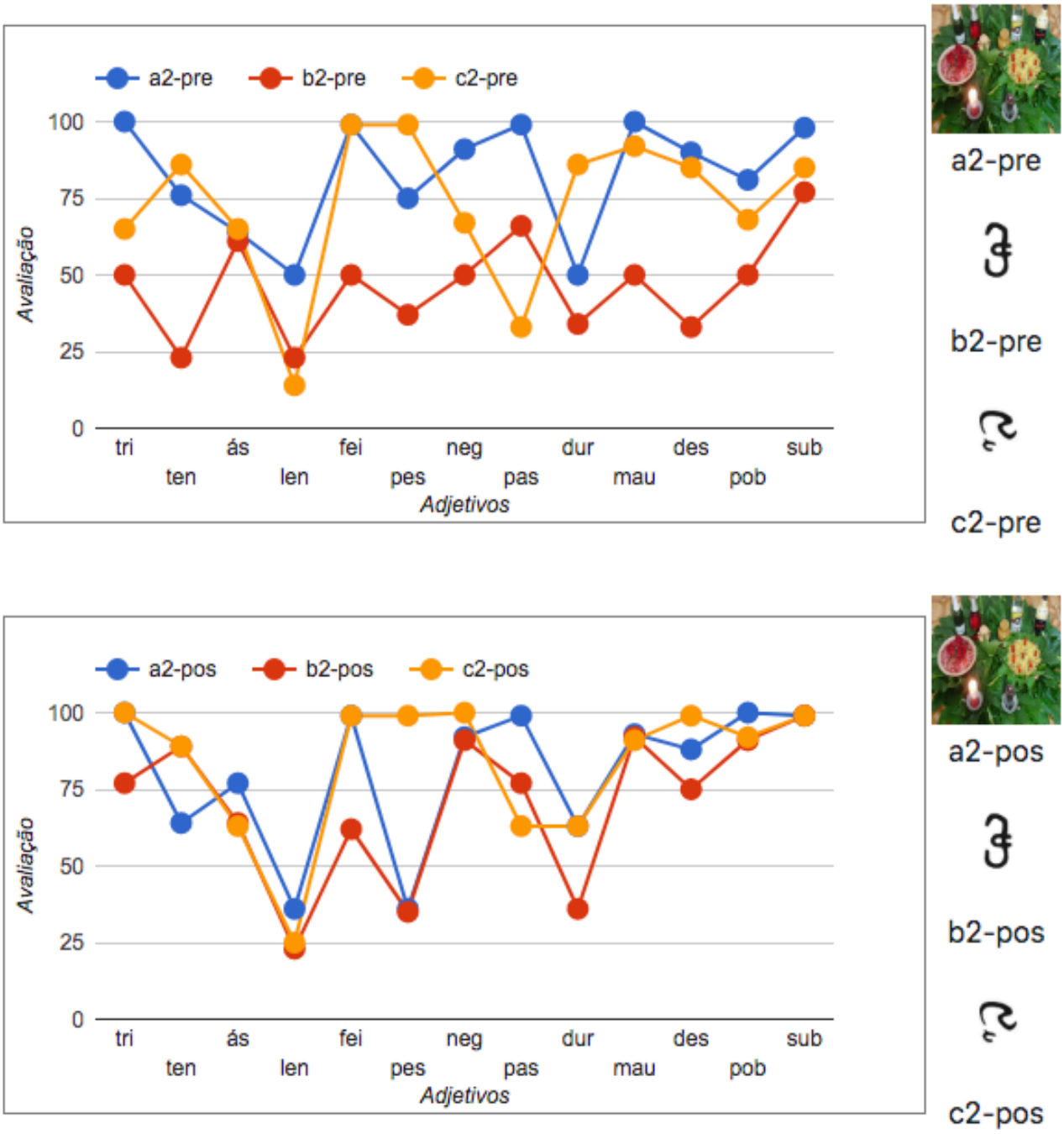
A Figura 13 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). No Pré-Teste, o estímulo A1 obteve a maioria das avaliações positivas. Já o estímulo B1 recebeu avaliações bem variadas e C1, uma avaliação predominantemente positiva. No Pós-Teste, A1 foi avaliado de maneira predominantemente positiva, enquanto B1 e C1 foram avaliados de maneira variada, com a aproximação de alguns pontos e sobreposição de outros em relação ao estímulo A1.

Figura 13. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 pelo Participante 02 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



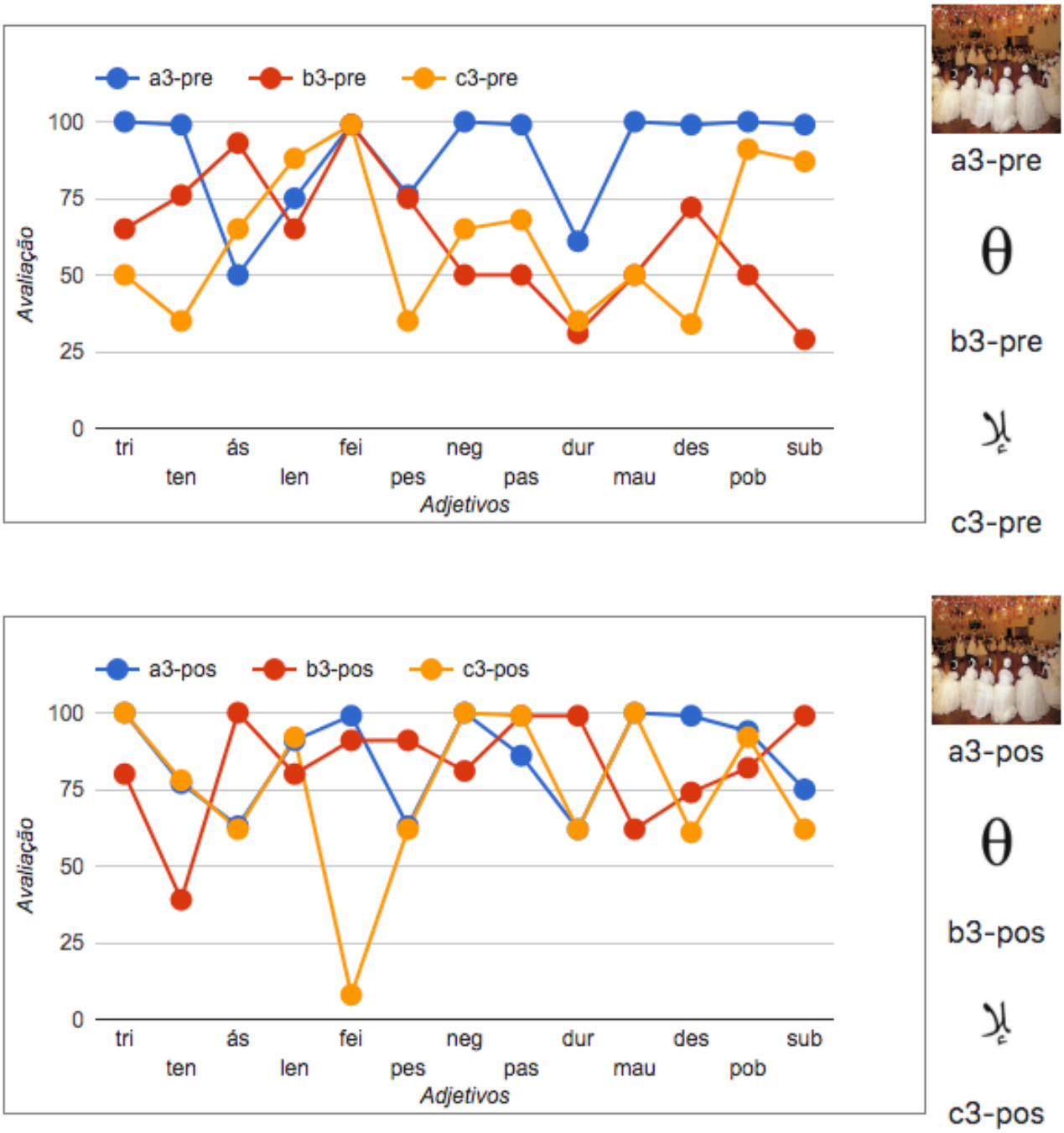
A Figura 14 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). No Pré-Teste, a avaliação de A2 foi positiva. Já os estímulos B2 e C2 receberam avaliações bem variadas. No Pós-Teste, A2 foi avaliado de maneira predominantemente positiva, enquanto B2 e C2 foram avaliados de maneira variada, com uma aproximação de alguns pontos em relação ao estímulo A2.

Figura 14. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 pelo Participante 01 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



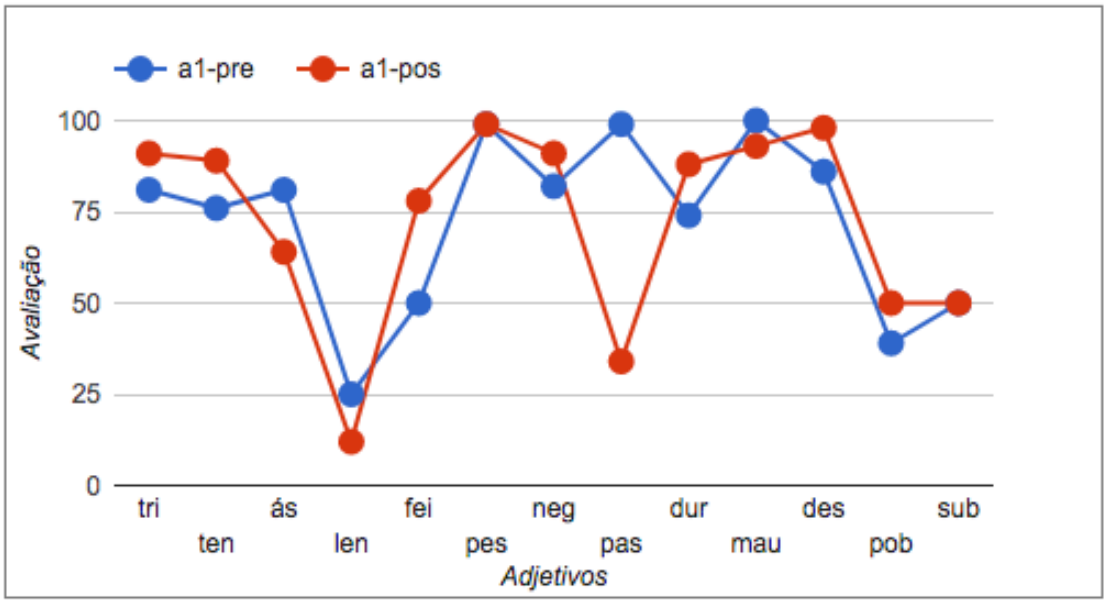
A Figura 15 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Observa-se que, no Pré-Teste, a avaliação de A3 foi positiva. Já o estímulo B3 e C3 foram avaliados, inicialmente, de maneira muito variada. No Pós-Teste, A3 manteve sua avaliação positiva, enquanto B3 e C3 foram avaliados de maneira variada, com a aproximação de alguns pontos com relação ao estímulo A3.

Figura 15. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 pelo Participante 02 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



A Figura 16 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Percebe-se que as avaliações dos estímulos não variaram de forma drástica, porém a tendência da avaliação no Pós-teste é semelhante entre os três estímulos.

Figura 16. Avaliação do estímulo A1, B1 e C1 pelo Participante 02 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

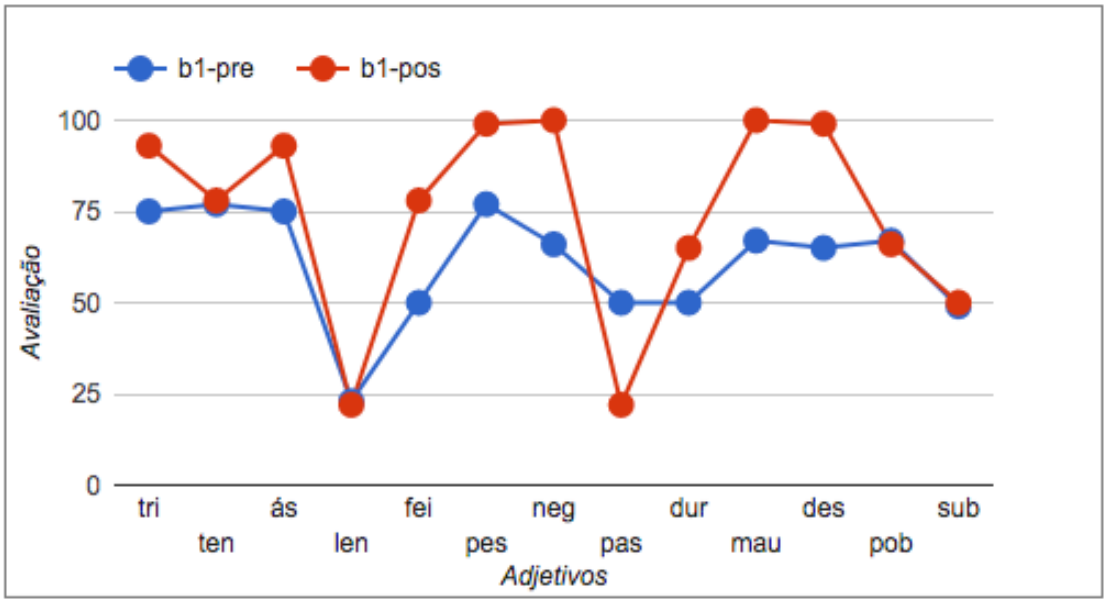




a1-pre



a1-pos

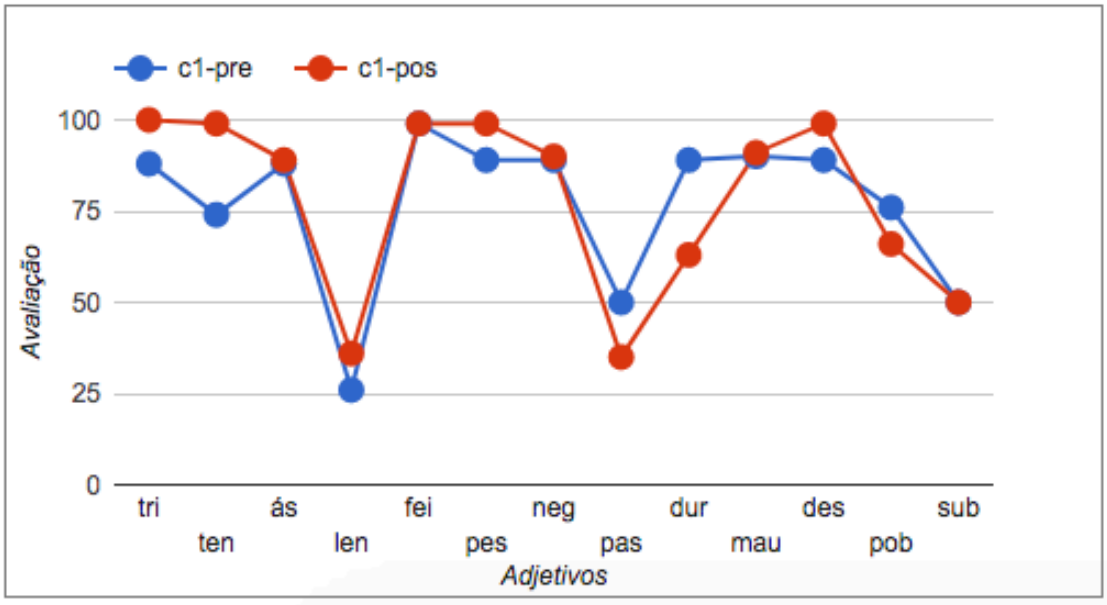




b1-pre



b1-pos





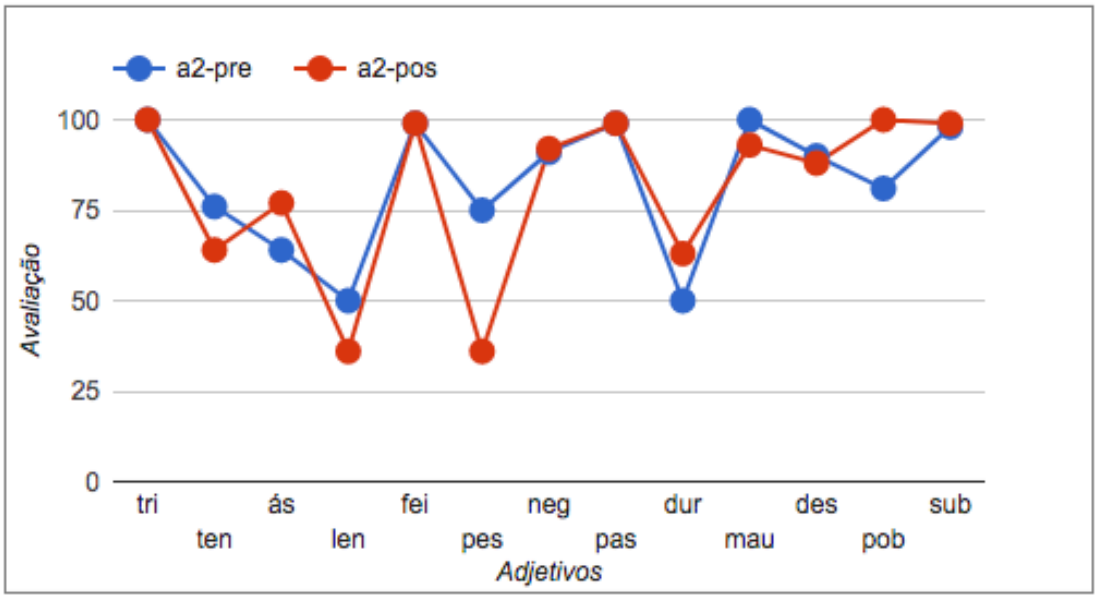
c1-pre



c1-pos

A Figura 17 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. De maneira geral, houve um aumento na avaliação dos três estímulos no Pós-teste.

Figura 17. Avaliação do estímulo A2, B2 e C2 pelo Participante 02 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

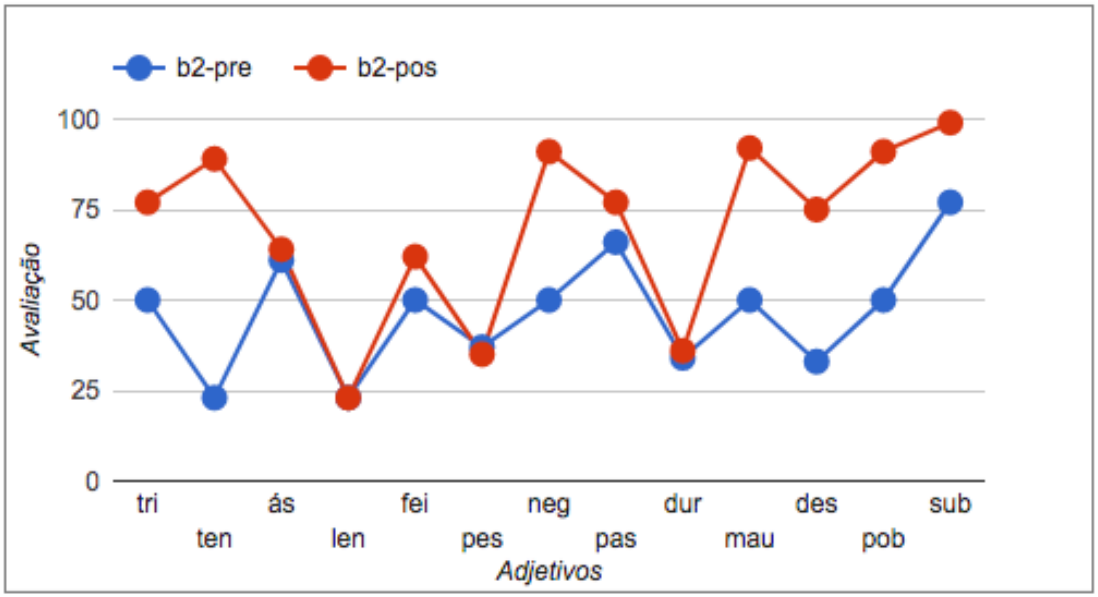




a2-pre



a2-pos

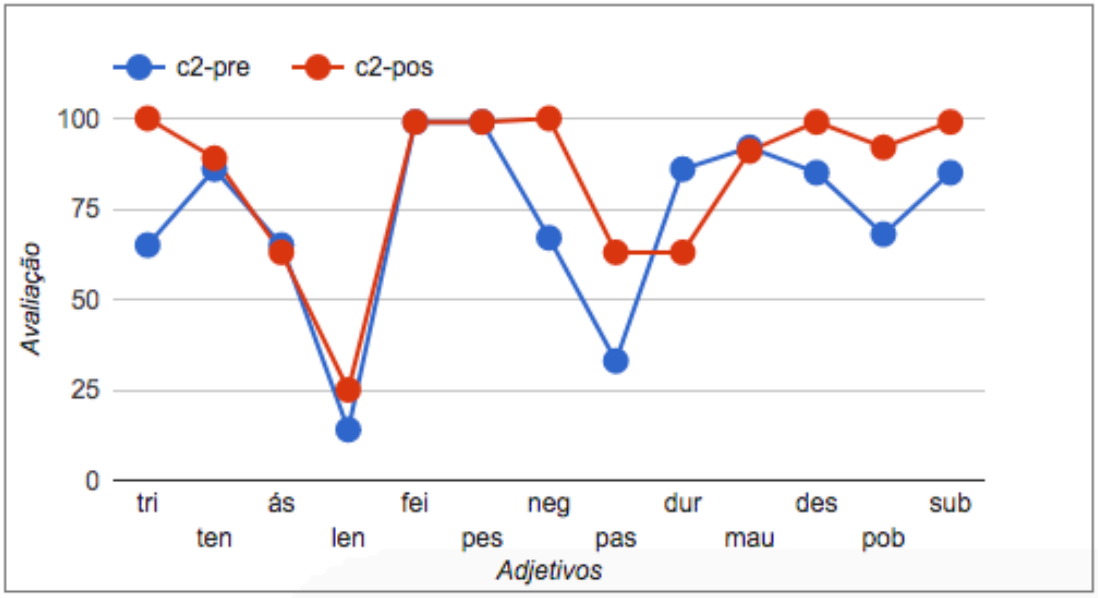




b2-pre



b2-pos





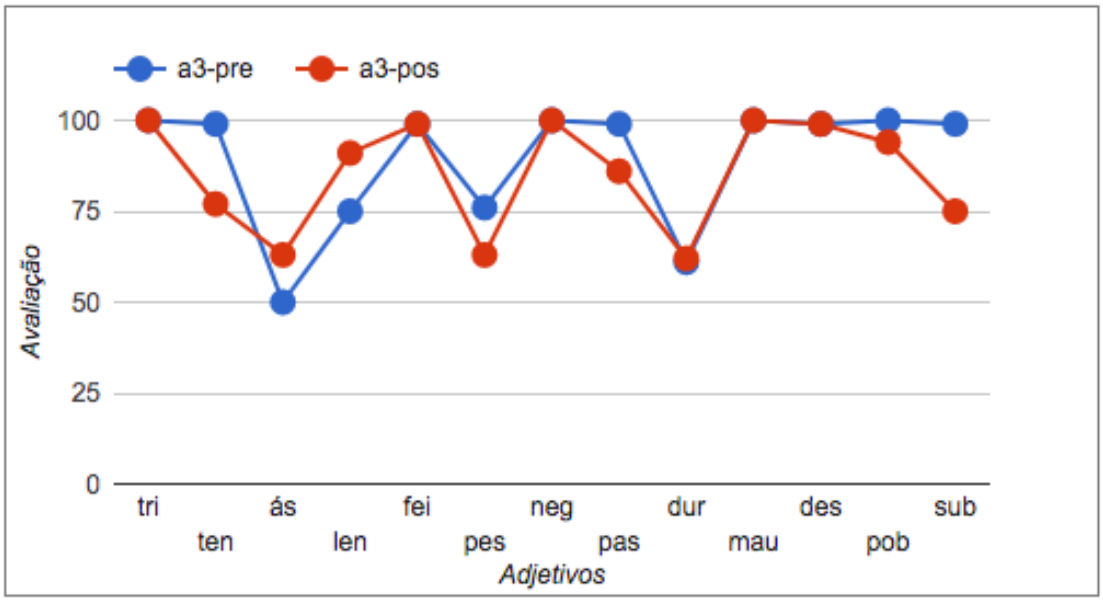
c2-pre



c2-pos

A Figura 18 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Observa-se que o estímulo A3 manteve sua avaliação nas duas fases do experimento. Com relação aos estímulos B3 e C3, houve um aumento na avaliação de ambos no Pós-teste.

Figura 18. Avaliação do estímulo A3, B3 e C3 pelo Participante 02 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

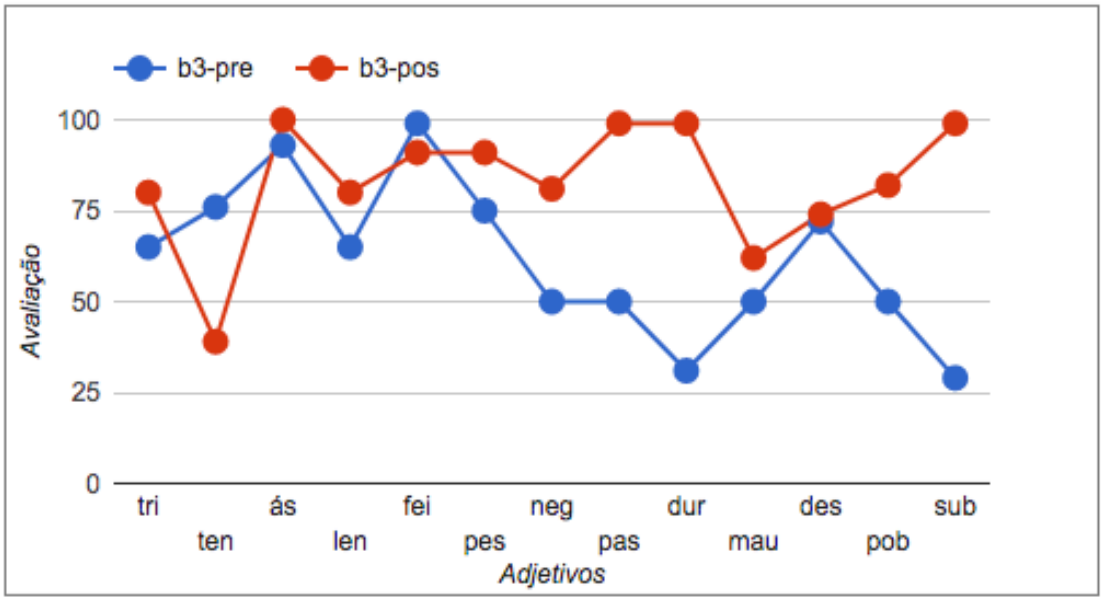




a3-pre



a3-pos

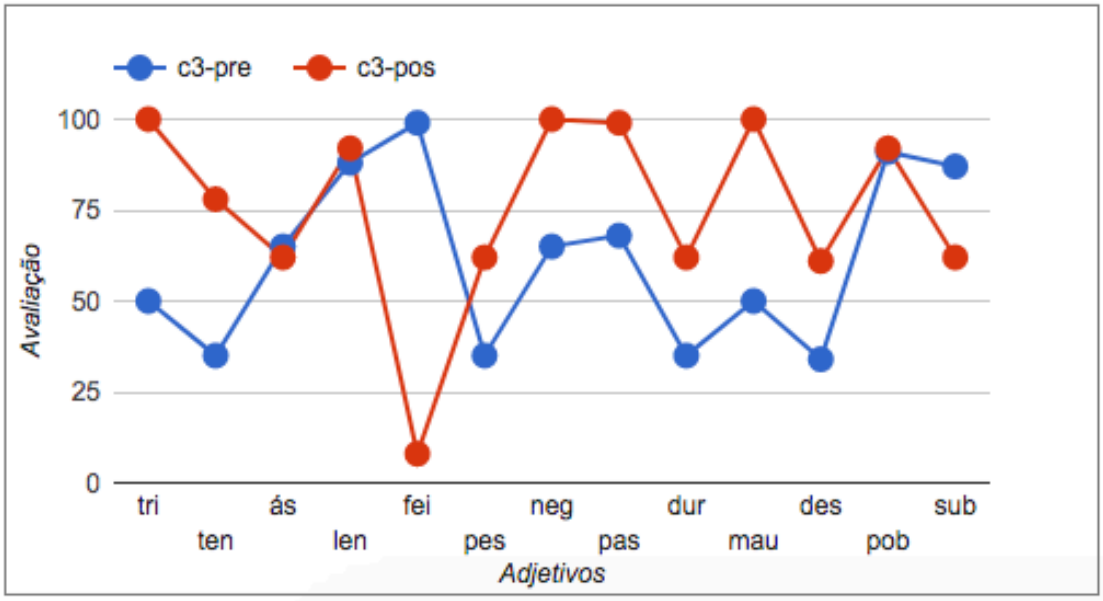


θ

b3-pre

θ

b3-pos



ﻉ

c3-pre

ﻉ

c3-pos

A figura abaixo apresenta o grau de equivalência entre os estímulos no Pré-Teste. Como exemplo, observa-se a equivalência entre os estímulos A2 e B2 que, inicialmente, possuíam 64% de equivalência.

Figura 19. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 1 no Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	80	73	84	68	72	85	79	58
a2	80	100	91	76	64	73	82	79	72
a3	73	91	100	68	56	66	76	74	68
b1	84	76	68	100	79	83	84	81	71
b2	68	64	56	79	100	74	63	67	84
b3	72	73	66	83	74	100	78	75	75
c1	85	82	76	84	63	78	100	87	65
c2	79	79	74	81	67	75	87	100	68
c3	58	72	68	71	84	75	65	68	100

Na figura abaixo, observa-se a modificação no grau de equivalência após o emparelhamento dos estímulos entre os estímulos A2 e B2, que passou a ser de 86%, o que demonstra a formação de classe de equivalência e transferência de função do estímulo com significado social ao abstrato.

Figura 20. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 1 no Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	73	75	91	76	69	90	85	69
a2	73	100	86	75	86	78	79	86	78
a3	75	86	100	78	79	76	80	87	88
b1	91	75	78	100	74	70	92	85	71
b2	76	86	79	74	100	72	74	84	77
b3	69	78	76	70	72	100	71	74	71
c1	90	79	80	92	74	71	100	88	70
c2	85	86	87	85	84	74	88	100	75
c3	69	78	88	71	77	71	70	75	100

Na figura abaixo, observa-se o grau de equivalência dos estímulos entre as duas fases do experimento, Pré-teste e Pós-teste. É possível notar que ao comparar a avaliação de A1 na primeira fase com o próprio A1 na segunda fase, não obteve-se 100% de equivalência. Esse fato demonstra uma variação na avaliação do estímulo, após o emparelhamento com os estímulos, em tese,

sem significado pré-experimental. Esse fato merece investigação em estudos posteriores.

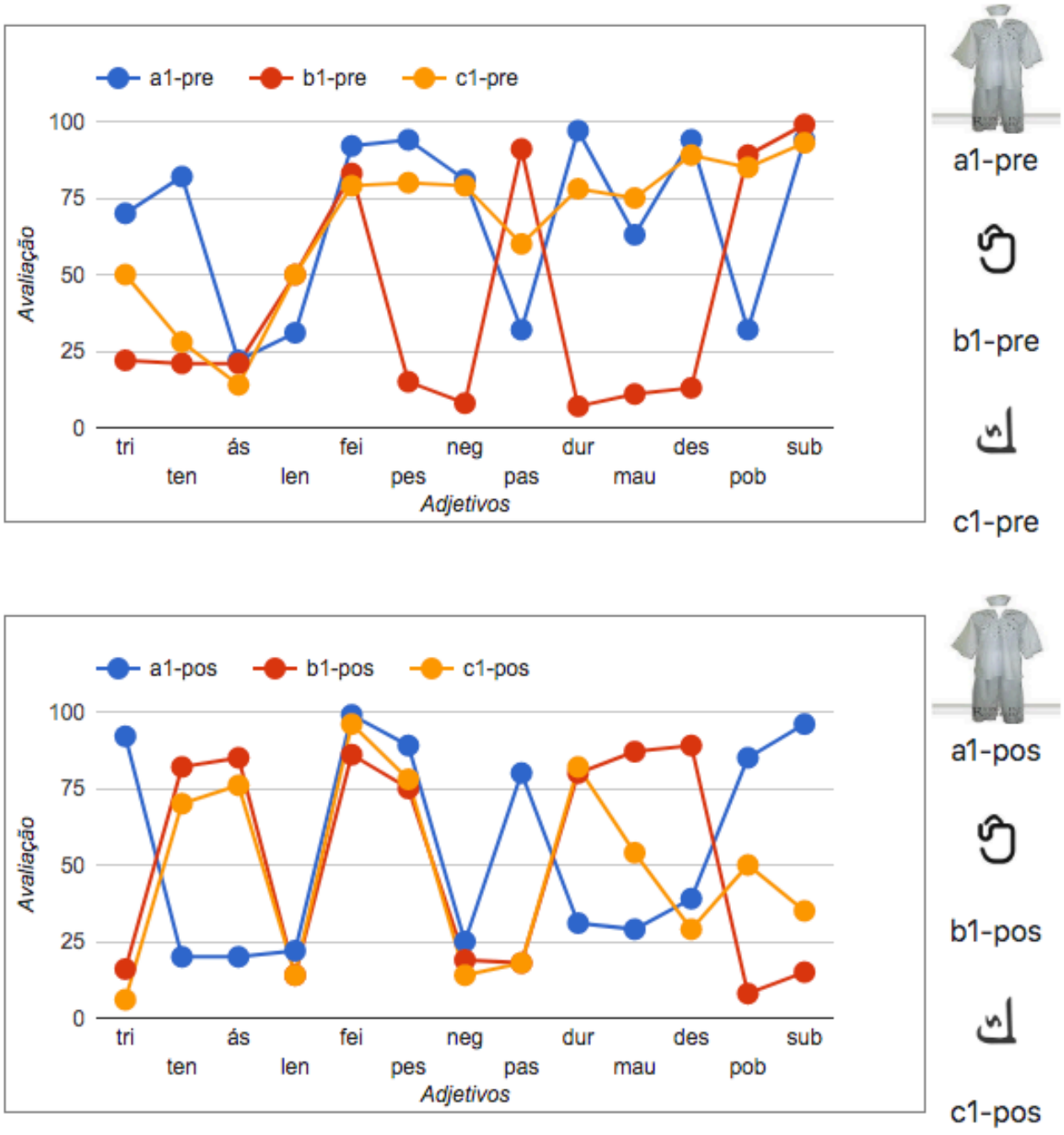
Figura 21. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 1 entre Pré-Teste e Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	85	77	75	85	77	75	81	78	76
a2	77	91	90	78	84	80	81	88	81
a3	73	87	92	74	79	77	79	88	82
b1	80	72	72	82	80	71	80	76	74
b2	64	66	61	61	76	64	59	63	62
b3	72	67	70	74	69	72	76	68	64
c1	89	81	79	89	76	78	91	85	71
c2	89	76	75	83	78	74	85	85	65
c3	57	73	74	57	76	75	61	68	68

Participante 3

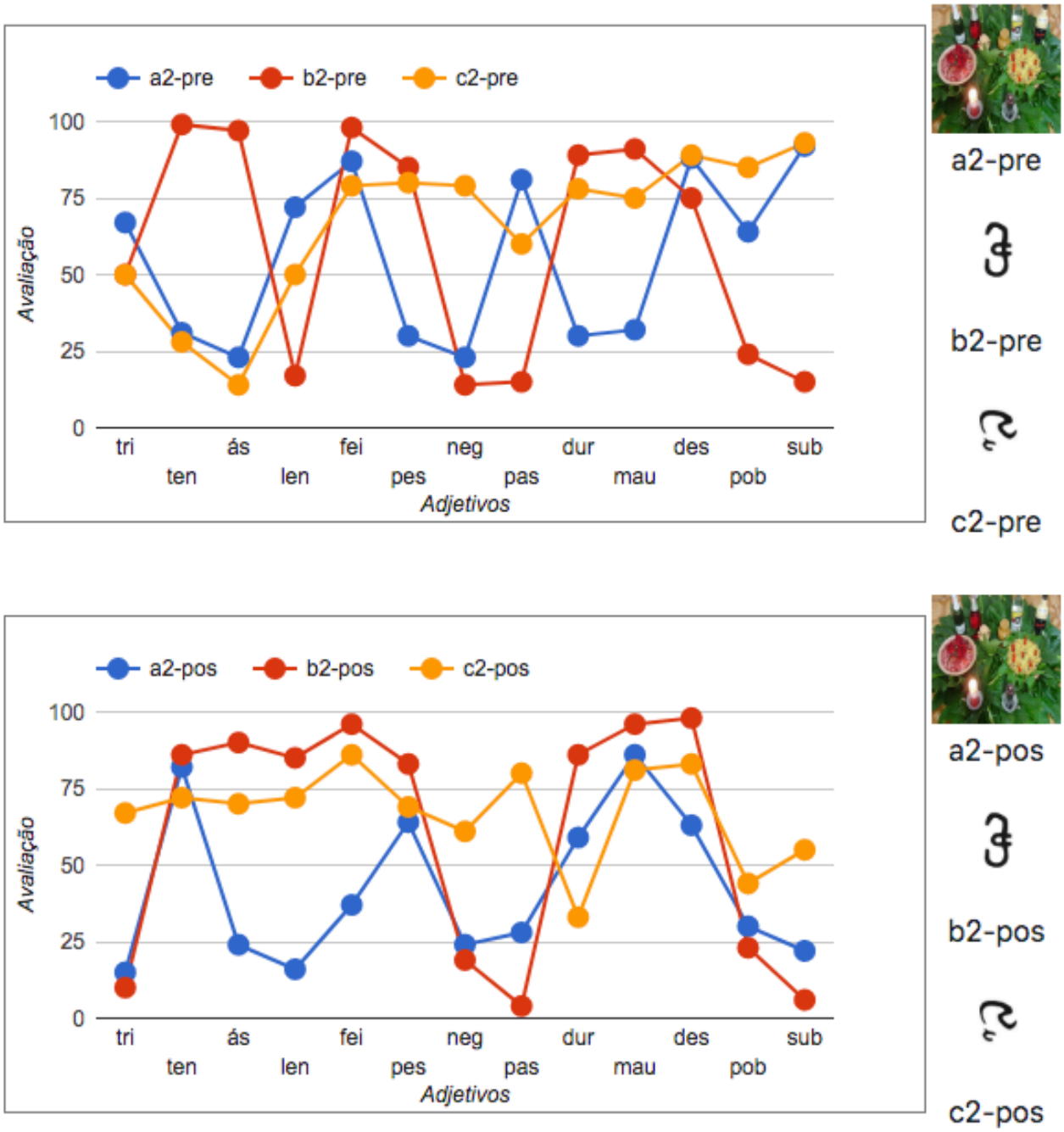
A Figura 22 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). No Pré-Teste, a avaliação de A1 foi, em geral, positiva. Os estímulos B1 e C1 obtiveram avaliações variadas. No Pós-Teste, observa-se uma aproximação das avaliações dos três estímulos em alguns pontos.

Figura 22. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



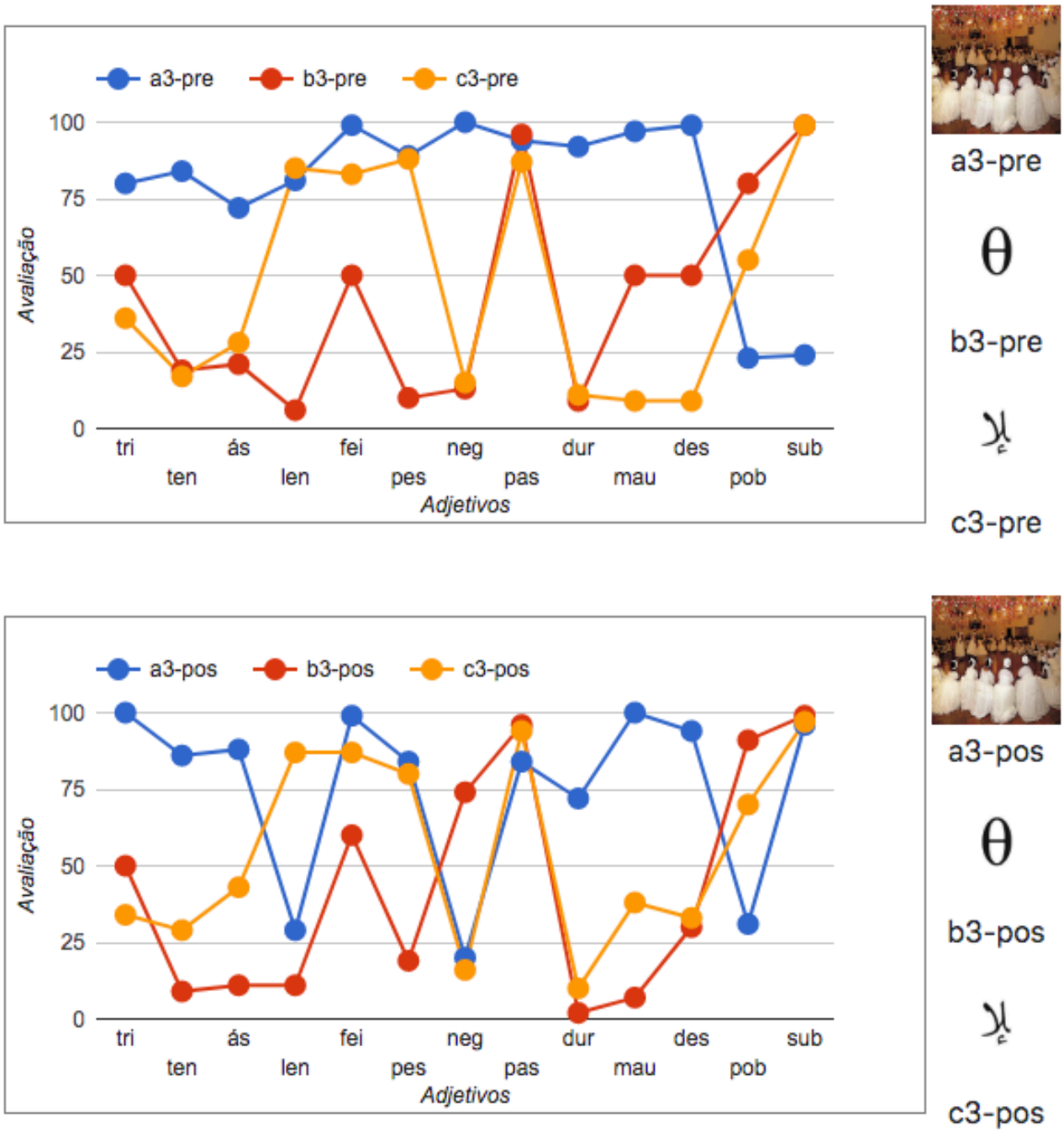
A Figura 23 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). Observa-se que a avaliação inicial do A2 foi extremamente variada, assim como as dos estímulos B2 e C2. No Pós-Teste, percebe-se que as avaliações sofreram poucas alterações.

Figura 23. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



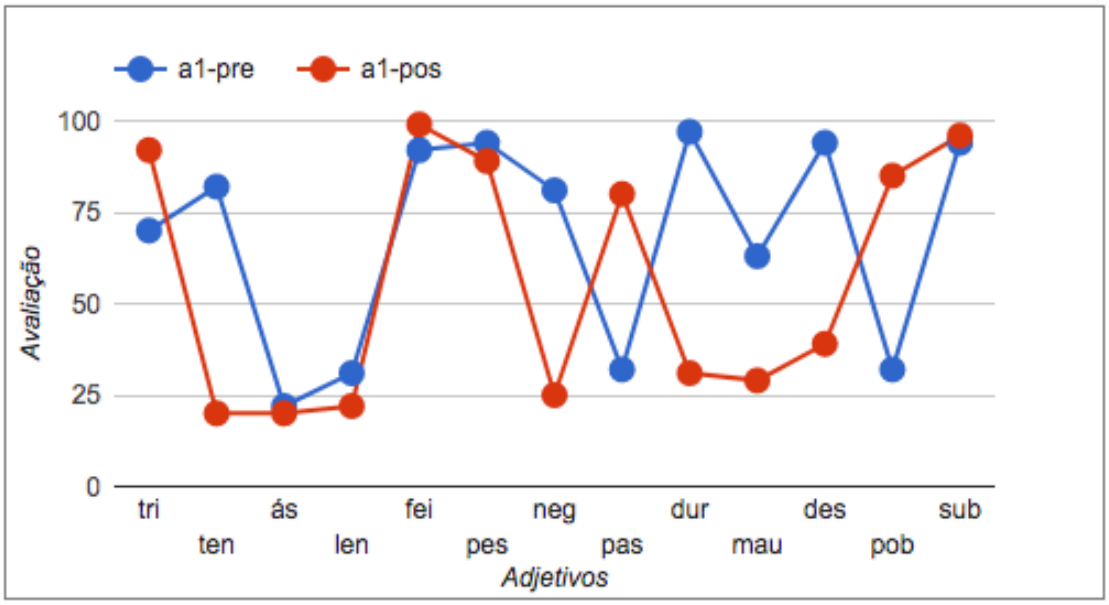
A Figura 24 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Percebe-se que para os estímulos A3, B3 e C3, para esta participante, inicialmente, suas avaliações foram bem variadas e que não sofreram alterações significativas na segunda etapa do experimento, apesar da sobreposição das linhas em alguns pontos.

Figura 24. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste.

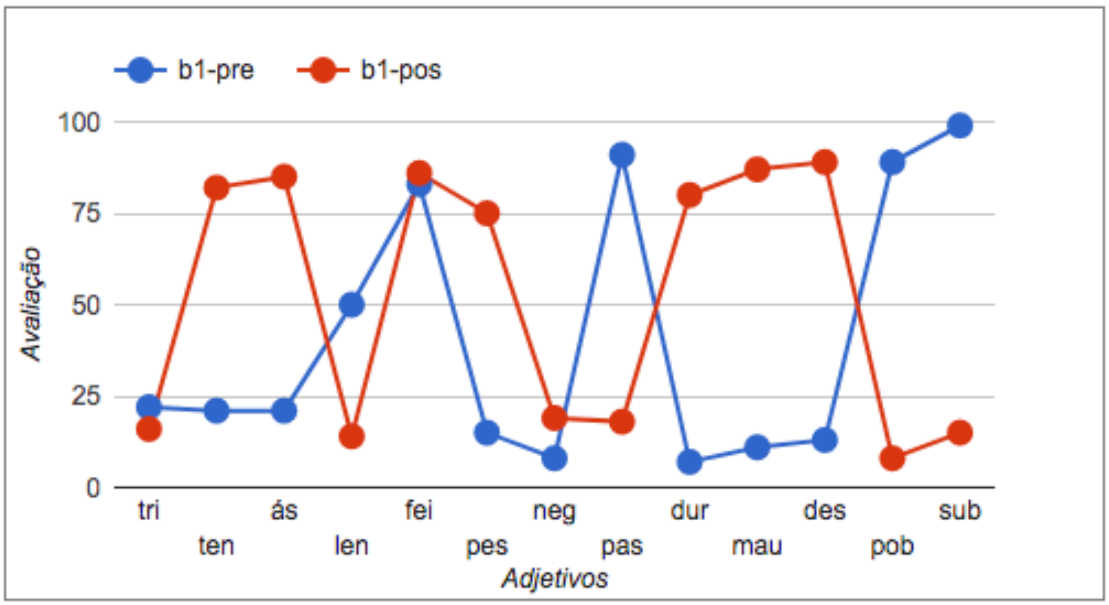


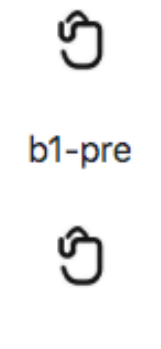
A Figura 25 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Percebe-se que as avaliações iniciais foram distintas, mas que os estímulos foram avaliados de maneira semelhante após o emparelhamento.

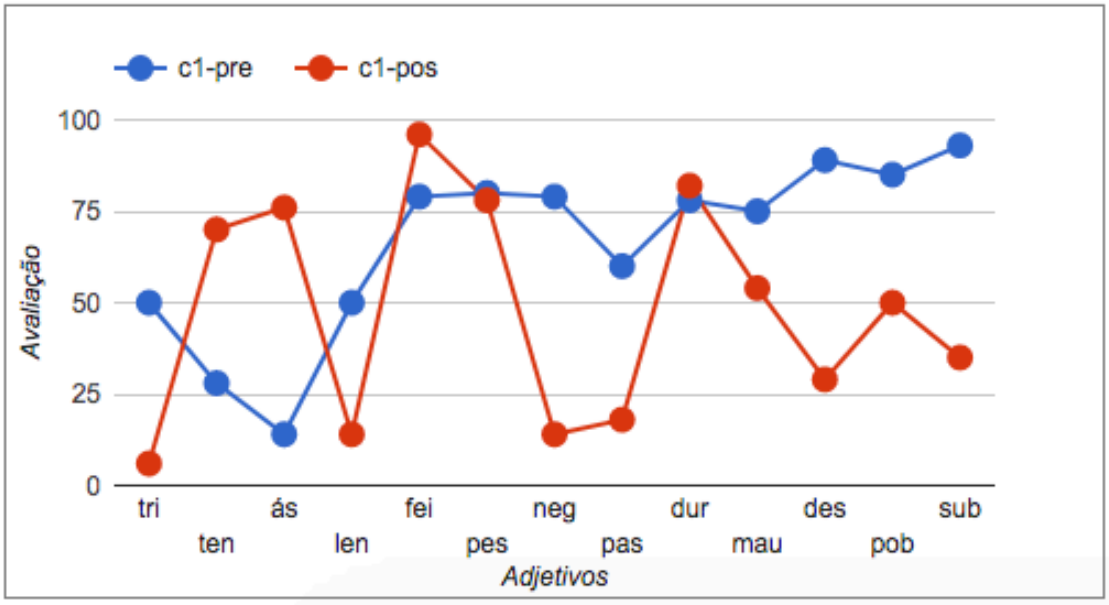
Figura 25. Avaliação do estímulo A1, B1 e C1 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

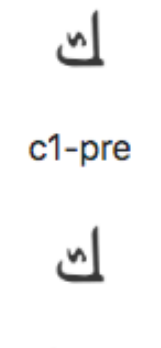

a1-pre
a1-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri ten
ás len
fei pes
neg pas
dur mau
des pob
sub
Adjetivos


a1-pre
a1-pos


b1-pre
b1-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri ten
ás len
fei pes
neg pas
dur mau
des pob
sub
Adjetivos

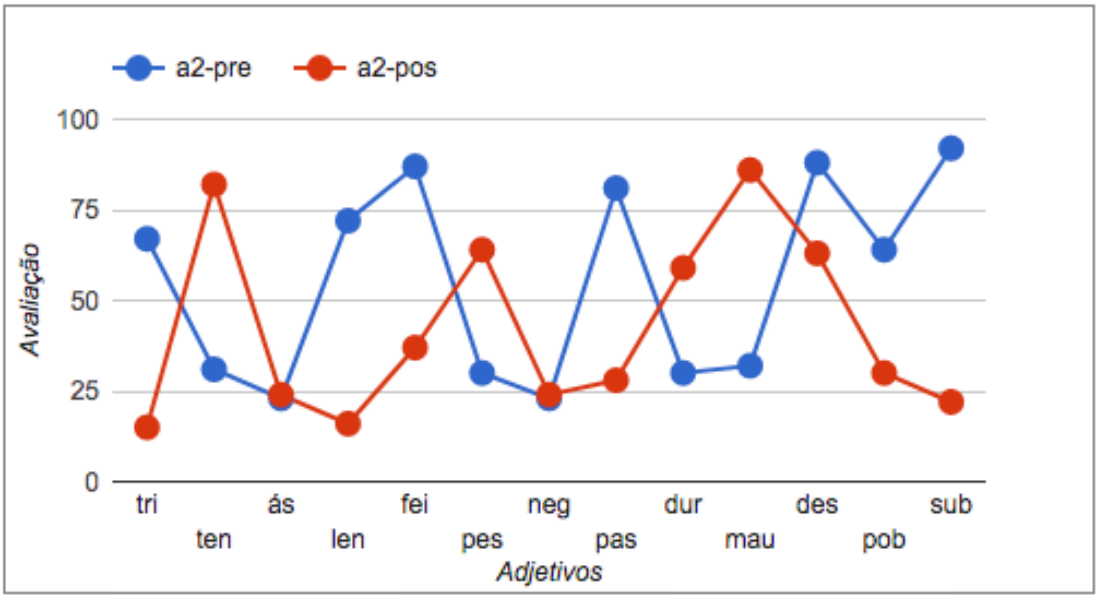

b1-pre
b1-pos


c1-pre
c1-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri ten
ás len
fei pes
neg pas
dur mau
des pob
sub
Adjetivos


c1-pre
c1-pos

A Figura 26 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que os estímulos abstratos (B2 e C2) tiveram suas avaliações aumentadas após o emparelhamento com o estímulo A2, enquanto o estímulo com significado social (A2) não sofreu alterações. Apesar do aumento das avaliações, não é possível observar uma aproximação entre as avaliações de B2 e C2 com relação a A2.

Figura 26. Avaliação do estímulo A2, B2 e C2 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

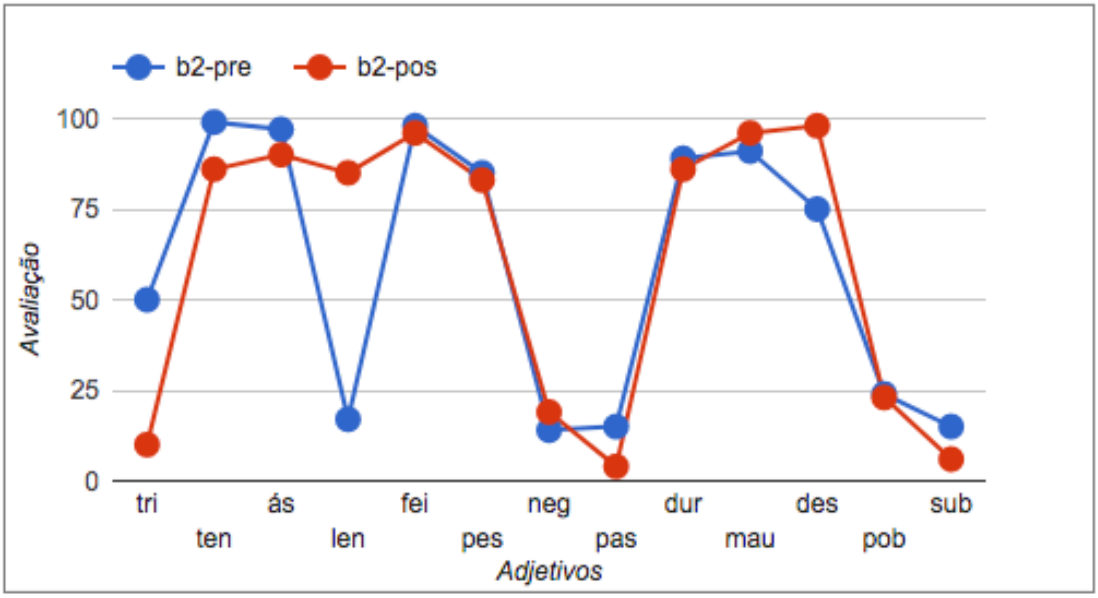




a2-pre



a2-pos

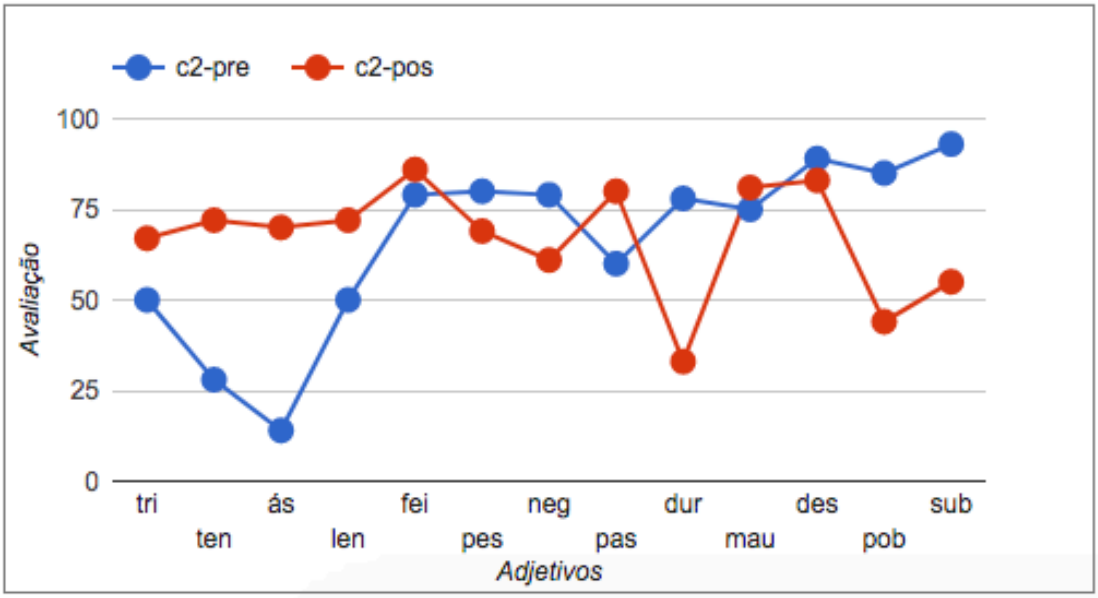


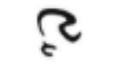


b2-pre



b2-pos





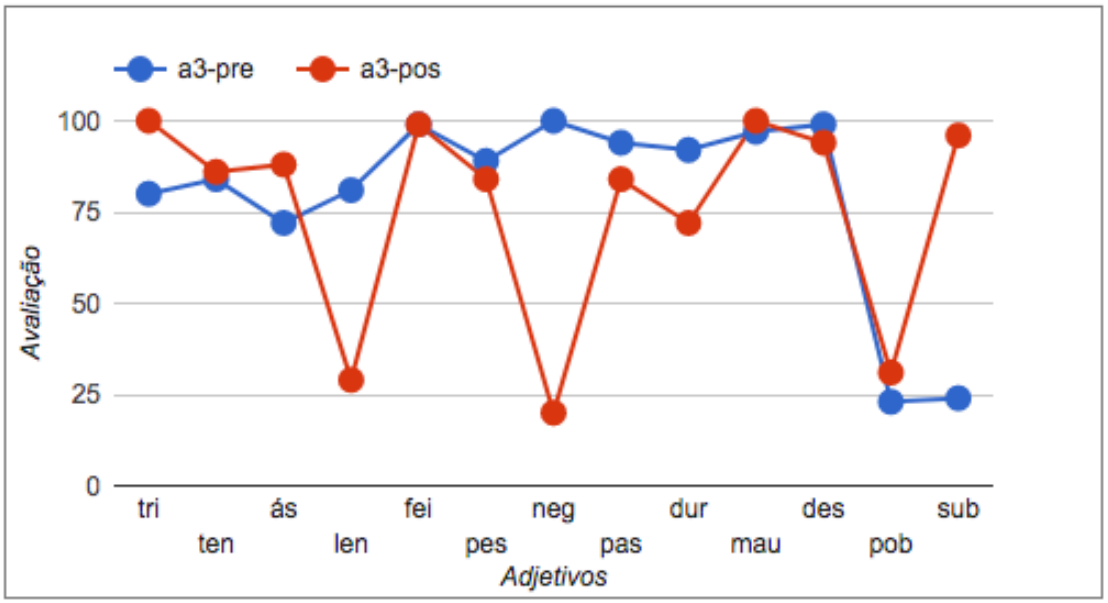
c2-pre



c2-pos

A Figura 27 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Observa-se que o estímulo A3, com significado social, possuía uma avaliação elevada no Pré-teste, No Pós-teste alguns pontos foram avaliados de forma mais negativa que a avaliação anterior. Não houve alteração significativa na avaliação dos estímulos B3 e C3.

Figura 27. Avaliação do estímulo A3, B3 e C3 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

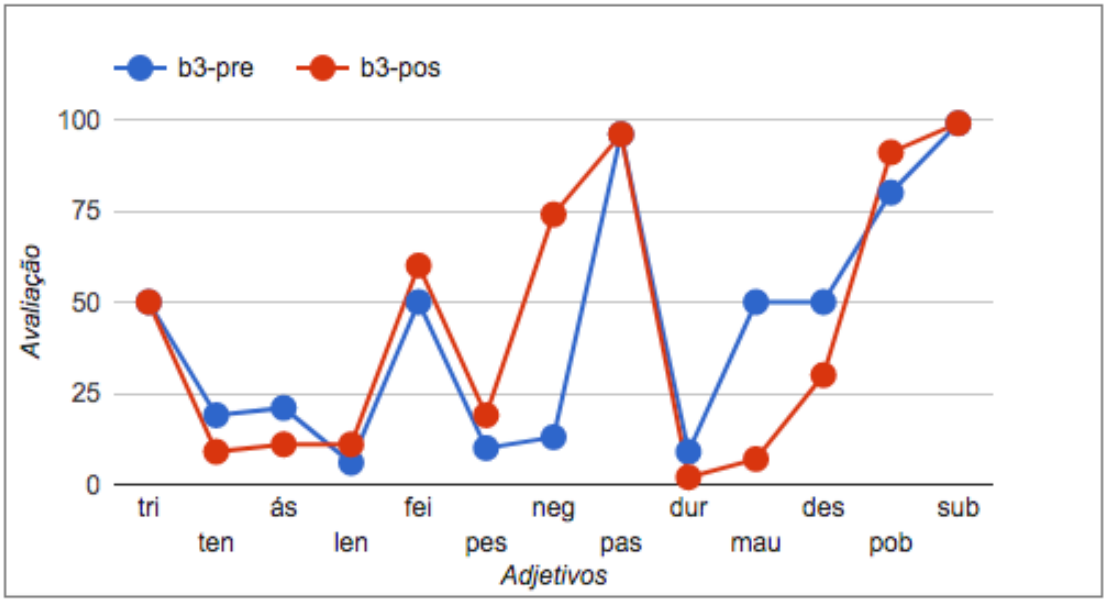




a3-pre



a3-pos

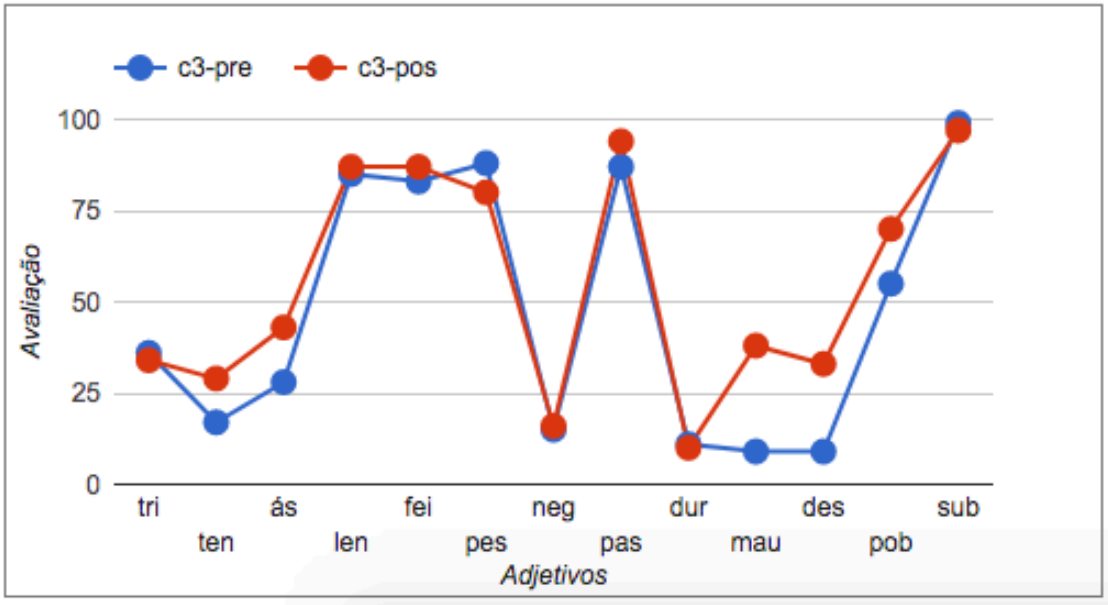


θ

b3-pre

θ

b3-pos



ﻉ

c3-pre

ﻉ

c3-pos

A figura abaixo apresenta o grau de equivalência entre os estímulos no Pré-Teste. Observa-se que os estímulos A1 e B1, por exemplo, possuíam equivalência de 52% na primeira etapa do experimento.

Figura 28. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 3 no Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	68	75	51	72	57	81	81	58
a2	68	100	59	79	54	79	77	77	79
a3	75	59	100	40	73	42	66	66	51
b1	51	79	40	100	42	84	67	67	86
b2	72	54	73	42	100	49	61	61	49
b3	57	79	42	84	49	100	69	69	74
c1	81	77	66	67	61	69	100	100	67
c2	81	77	66	67	61	69	100	100	67
c3	58	79	51	86	49	74	67	67	100

Após o emparelhamento dos estímulos, observa-se que estes mesmos estímulos passaram a ter equivalência de 77%, o que nos permite afirmar que houve formação de classe e transferência de função entre estes estímulos.

Figura 29. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 3 no Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	59	70	52	46	76	64	67	81
a2	59	100	66	83	73	52	78	69	58
a3	70	66	100	75	73	48	68	77	63
b1	52	83	75	100	87	40	84	71	55
b2	46	73	73	87	100	29	77	69	56
b3	76	52	48	40	29	100	51	57	73
c1	64	78	68	84	77	51	100	68	66
c2	67	69	77	71	69	57	68	100	71
c3	81	58	63	55	56	73	66	71	100

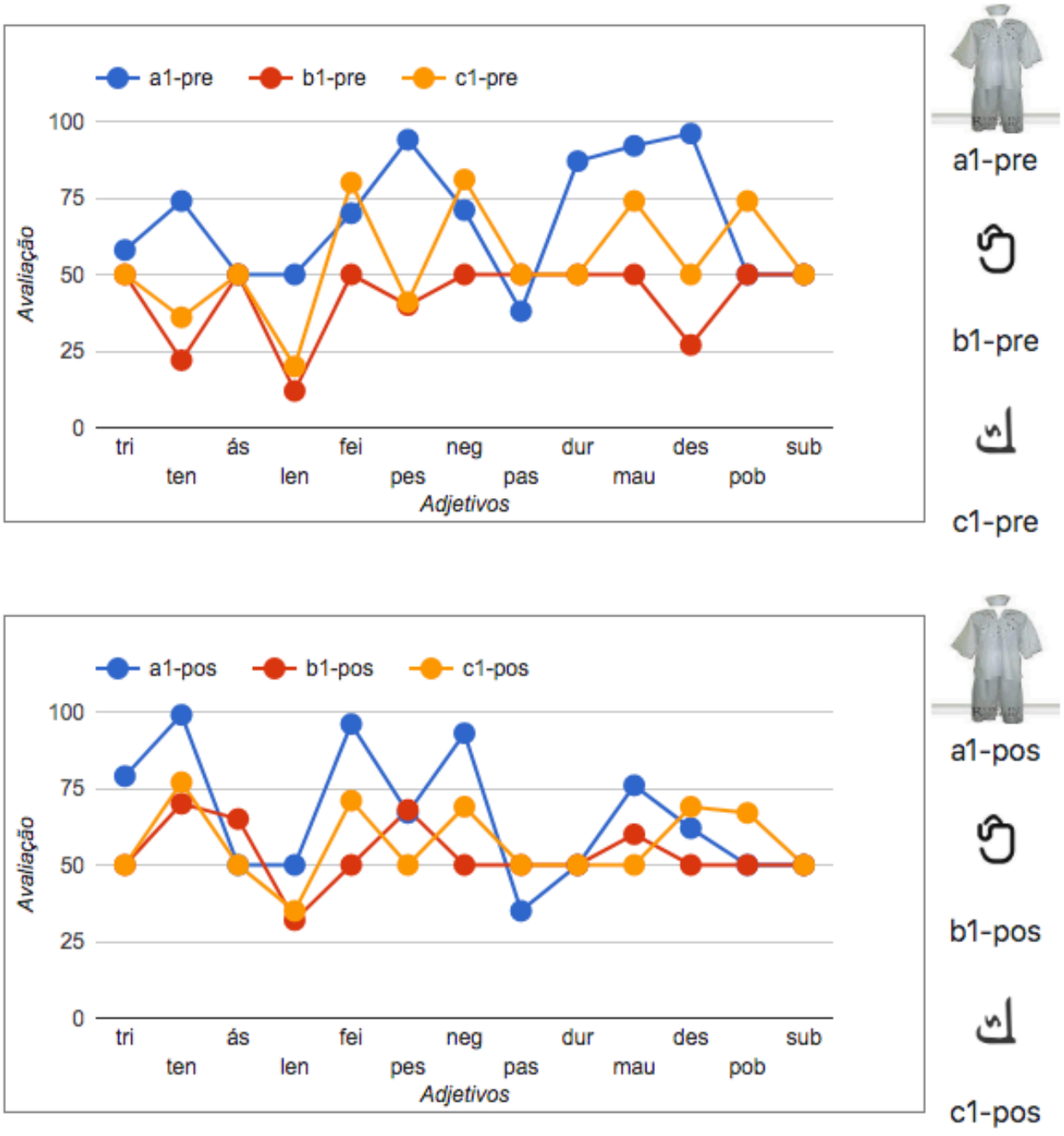
Figura 30. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 3 entre Pré-teste e Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	68	70	77	70	66	55	68	73	60
a2	81	61	68	56	54	72	58	78	82
a3	54	62	77	70	77	41	62	80	56
b1	77	54	51	46	41	83	58	58	82
b2	55	78	77	89	85	39	81	69	53
b3	79	63	57	49	39	86	58	61	78
c1	74	65	69	63	59	69	62	75	72
c2	74	65	69	63	59	69	62	75	72
c3	79	56	58	49	51	74	62	66	91

Participante 4

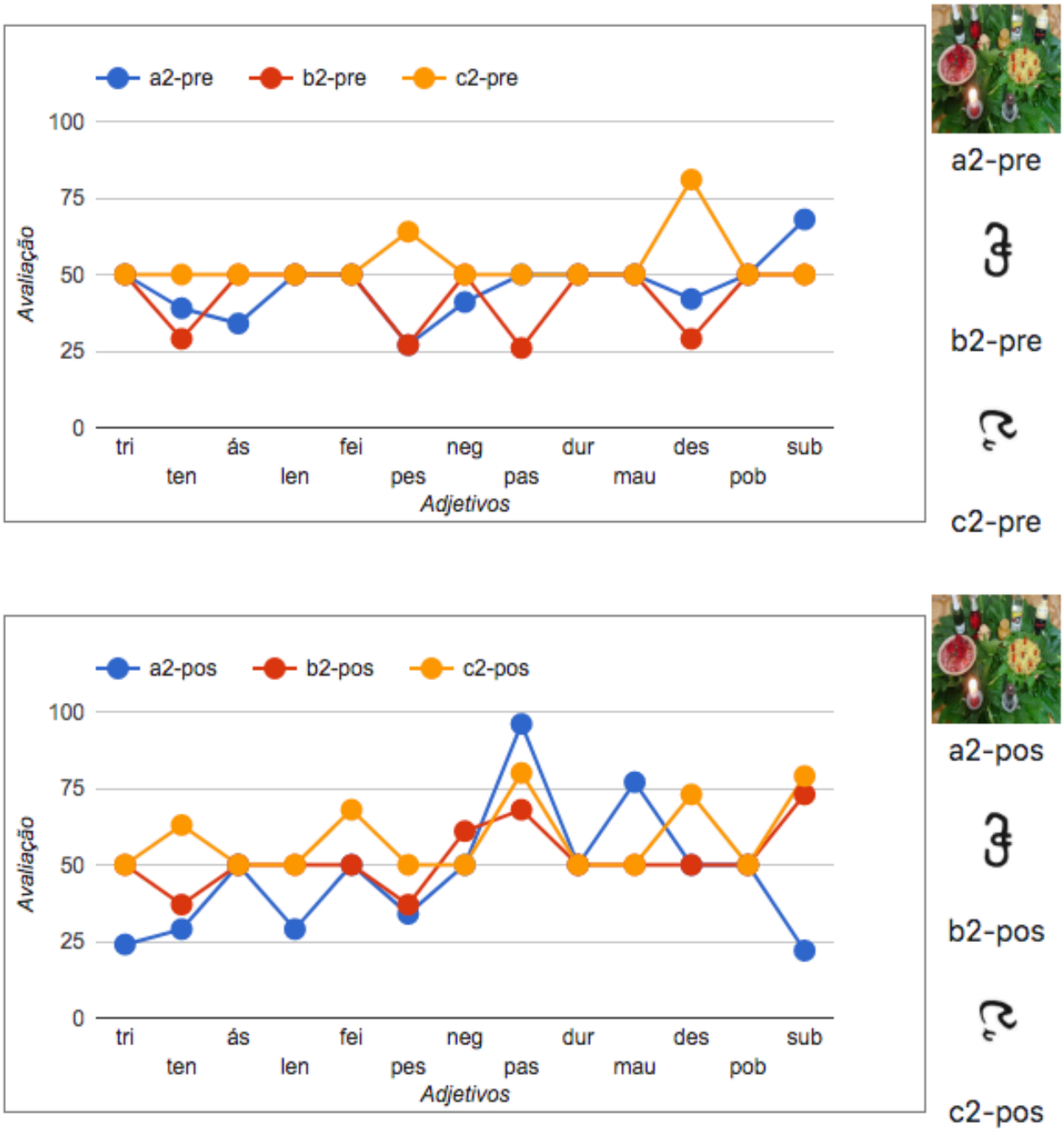
A Figura 31 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). No Pré-Teste, a avaliação do estímulo A1 foi predominantemente positiva. Ainda, em B1 as avaliações foram próximas a 50% e em C1 as avaliações positivas foram em torno de 75%. No Pós-Teste, A1 manteve sua avaliação positiva. Verificou-se que as avaliações de A1, B1 e C1 foram similares para todos os adjetivos.

Figura 31. Avaliação dos estímulos A1, B1, C1 pelo Participante 4 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



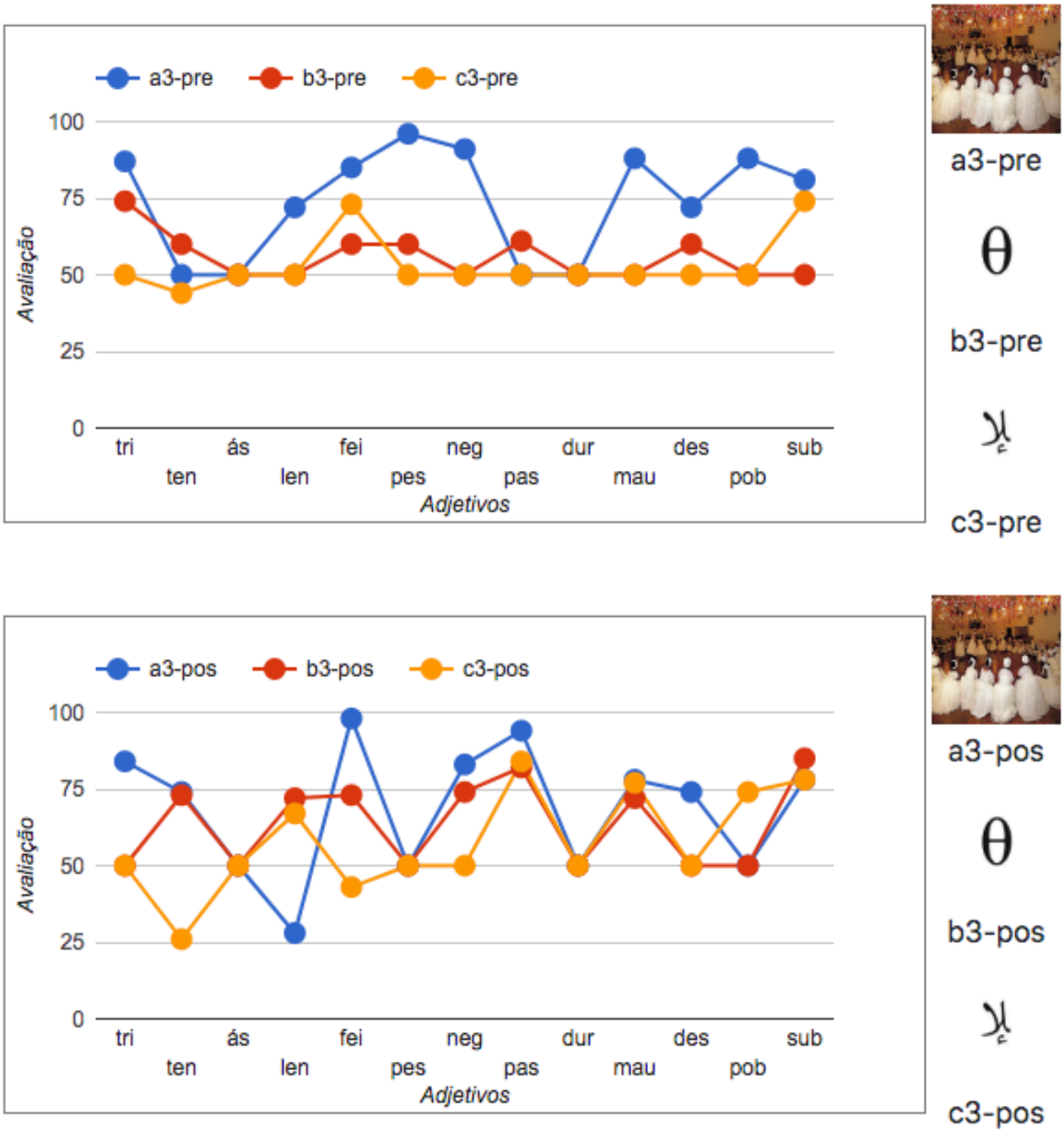
A Figura 32 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). No Pré-Teste, as avaliações de A2, B2 e C3 foram, em sua maioria, neutras. No Pós-Teste, não foram observadas grandes variações na avaliação dos três estímulos.

Figura 32. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 pelo Participante 4 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



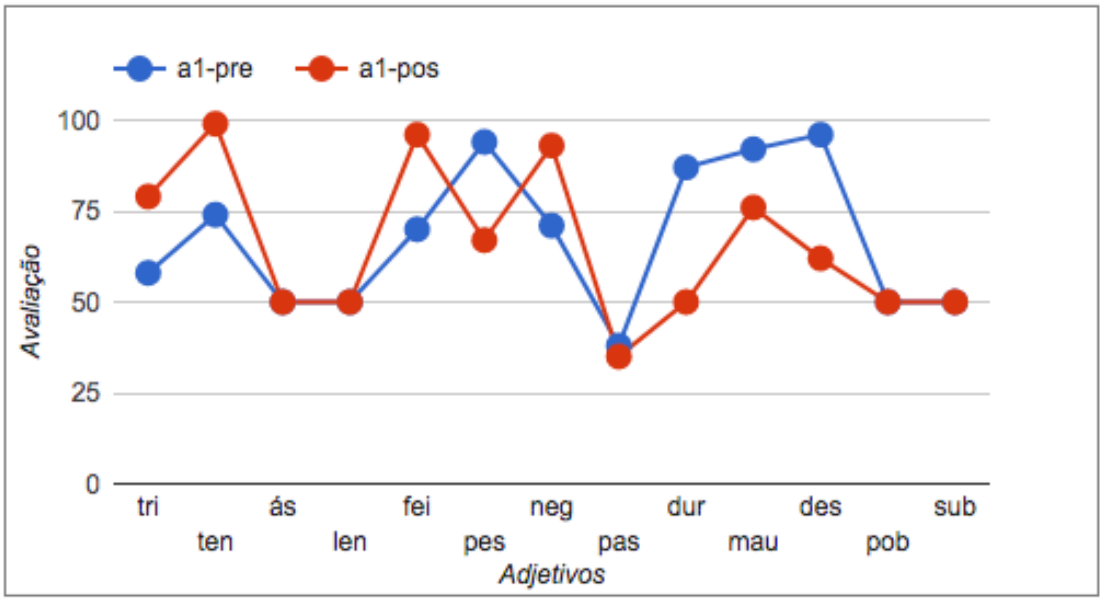
A Figura 33 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). No Pré-Teste, as avaliações de A3 foram, em sua maioria, avaliações positivas, enquanto o estímulo B3 e C3 foram avaliados de maneira mais neutra. No Pós-Teste, a maioria dos pares de adjetivos foi avaliada positivamente em A3, B3 e C3.

Figura 33. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 pelo Participante 4 no Pré-Teste e Pós-Teste.

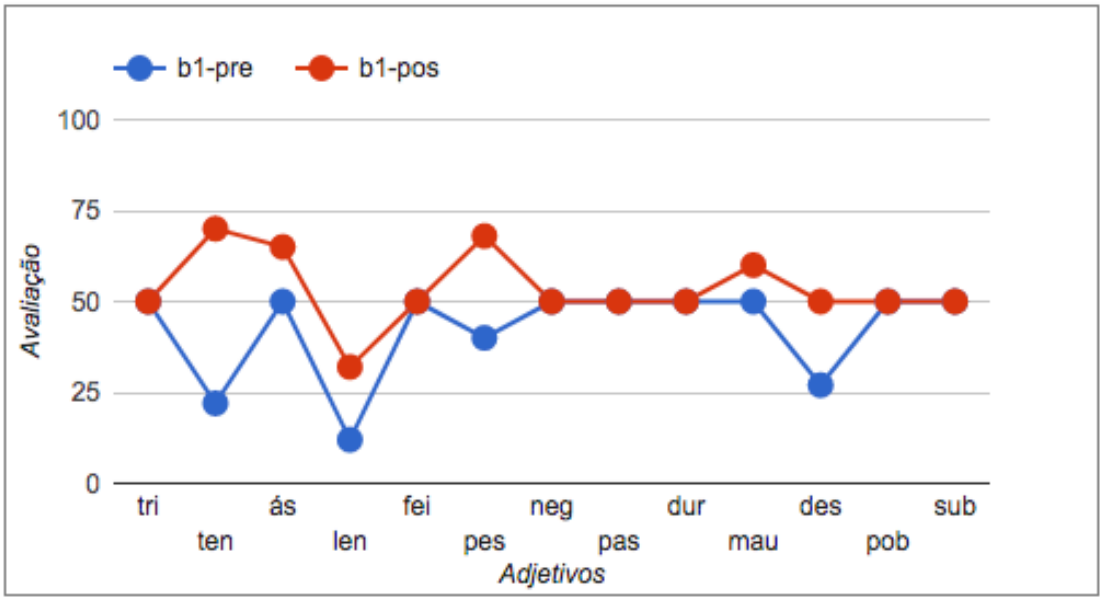


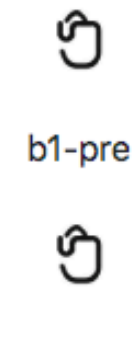
A Figura 34 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que não houve variação significativa entre os estímulos entre as duas fases do experimento.

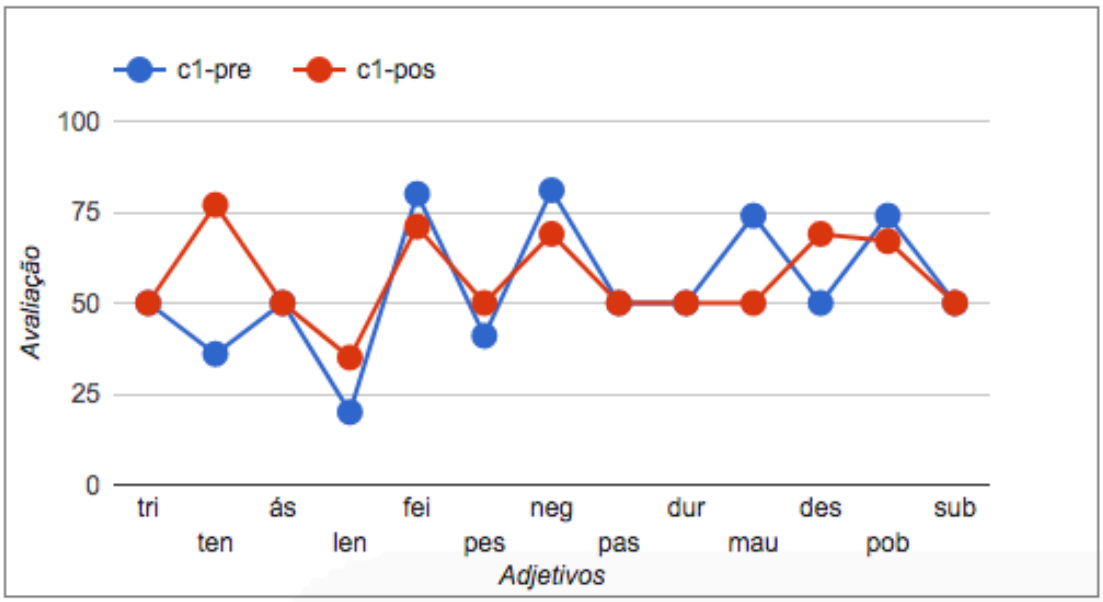
Figura 34. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 pelo Participante 4 no Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

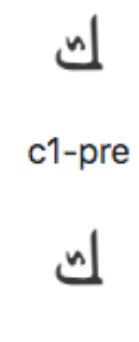

a1-pre
a1-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri ten
ás len
fei pes
neg pas
dur mau
des pob
sub
Adjetivos


a1-pre
a1-pos


b1-pre
b1-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri ten
ás len
fei pes
neg pas
dur mau
des pob
sub
Adjetivos

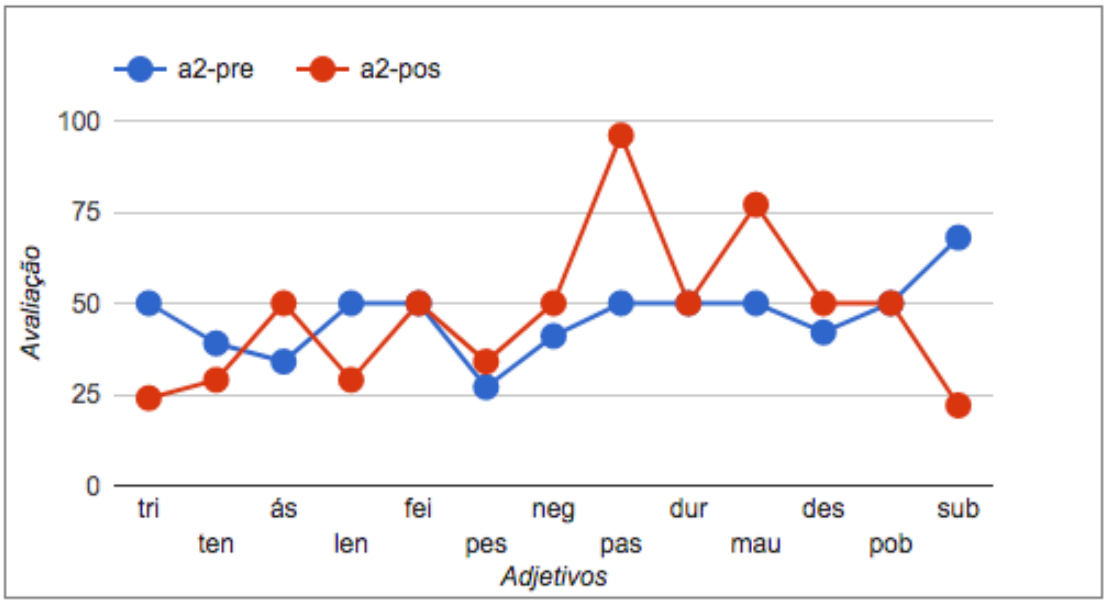

b1-pre
b1-pos


c1-pre
c1-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri ten
ás len
fei pes
neg pas
dur mau
des pob
sub
Adjetivos

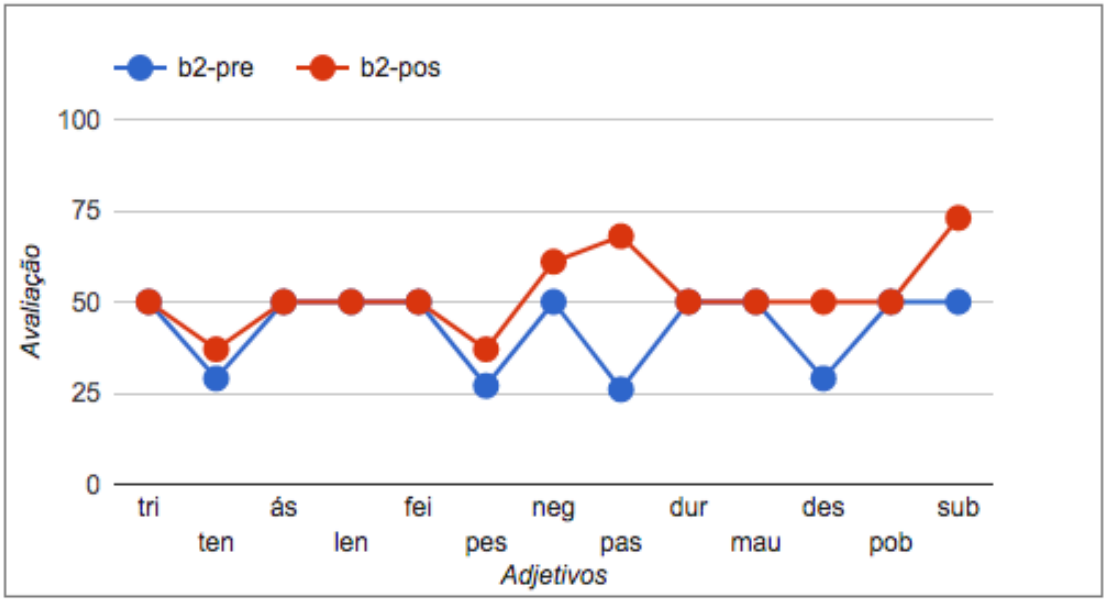

c1-pre
c1-pos

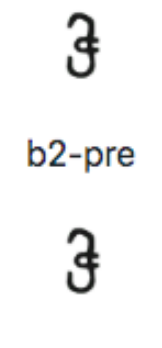
A Figura 35 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se, também, uma tendência à manutenção da avaliação dos estímulos entre as etapas do experimento.

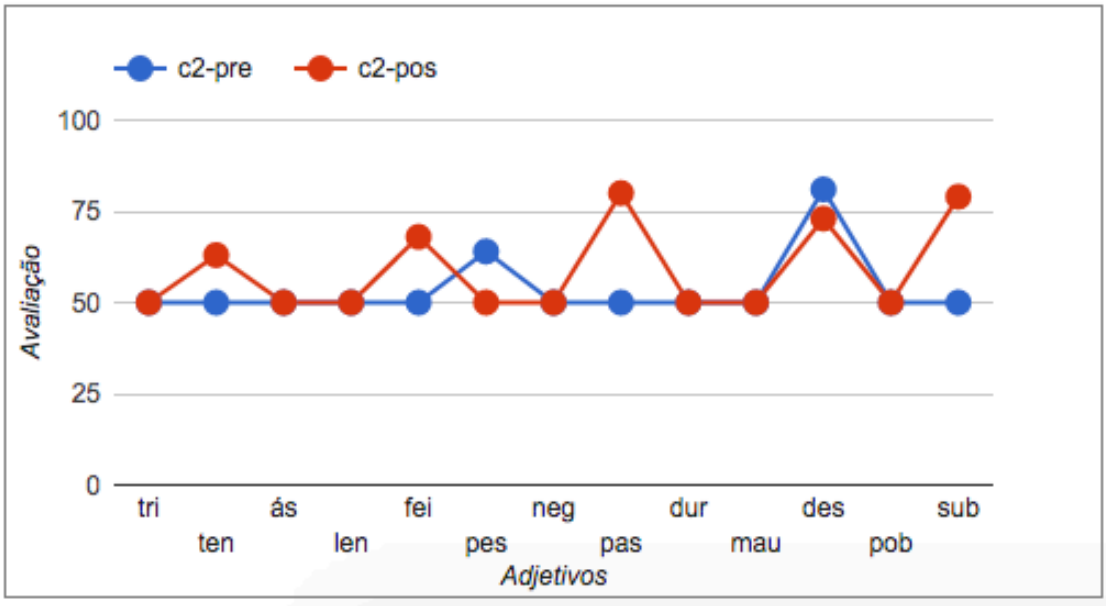
Figura 35. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 pelo Participante 4 no Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

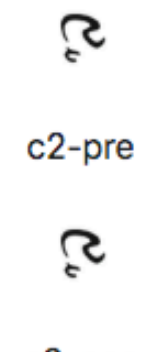

a2-pre
a2-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri ten
ás len
fei pes
neg pas
dur mau
des pob
sub
Adjetivos


a2-pre
a2-pos


b2-pre
b2-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri ten
ás len
fei pes
neg pas
dur mau
des pob
sub
Adjetivos

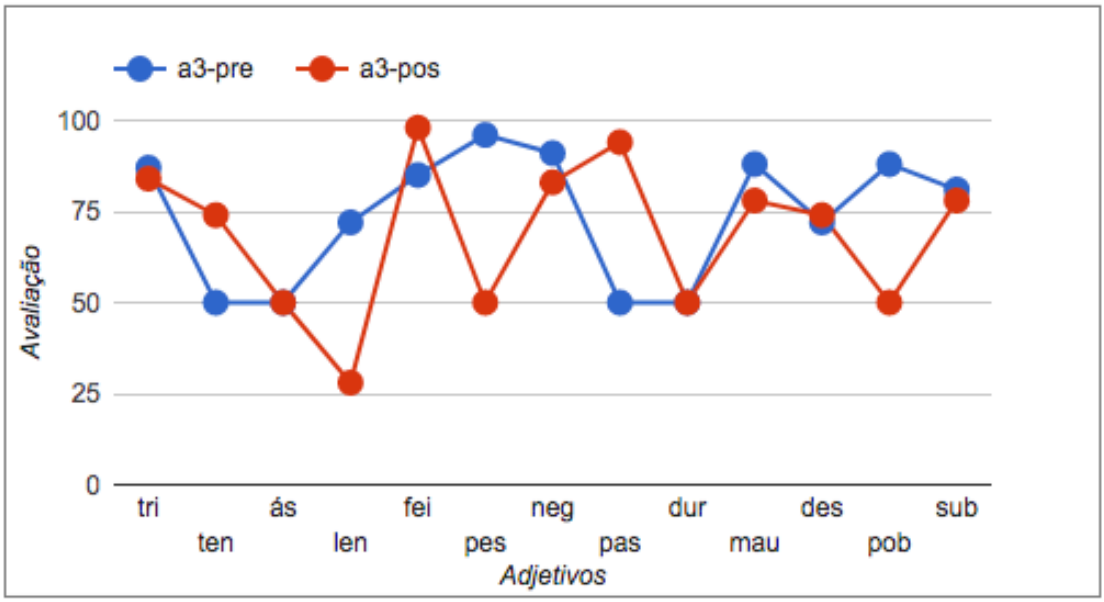

b2-pre
b2-pos


c2-pre
c2-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri ten
ás len
fei pes
neg pas
dur mau
des pob
sub
Adjetivos


c2-pre
c2-pos

A Figura 36 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que, de maneira geral, a avaliação de A3 manteve-se positiva entre as duas fases do experimento. Os estímulos B3 e C3 obtiveram melhora na avaliação em alguns pares de adjetivos.

Figura 36. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 pelo Participante 4 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

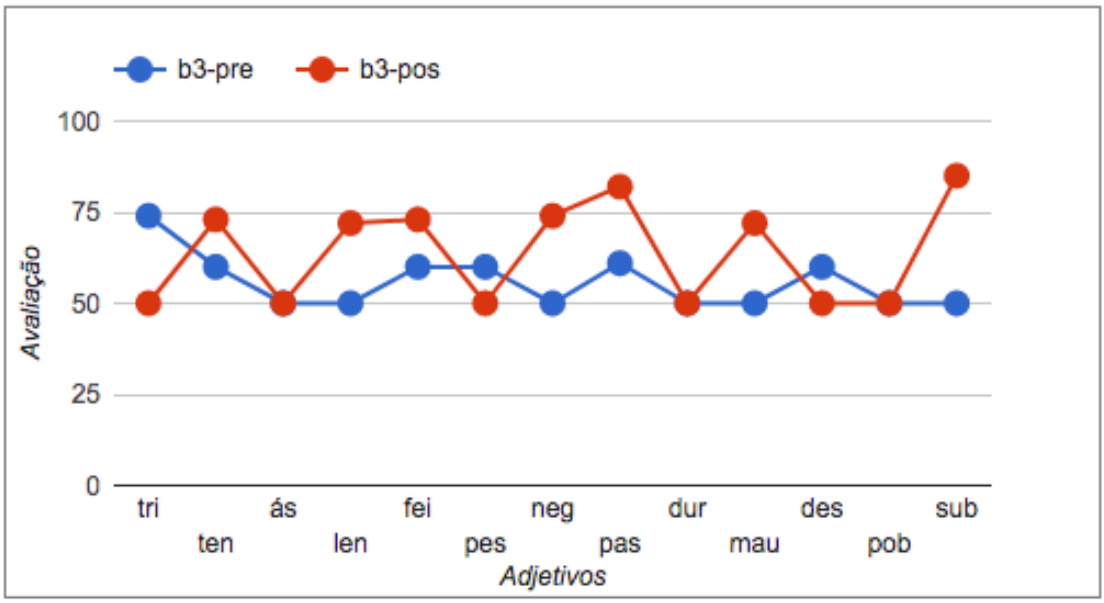




a3-pre



a3-pos

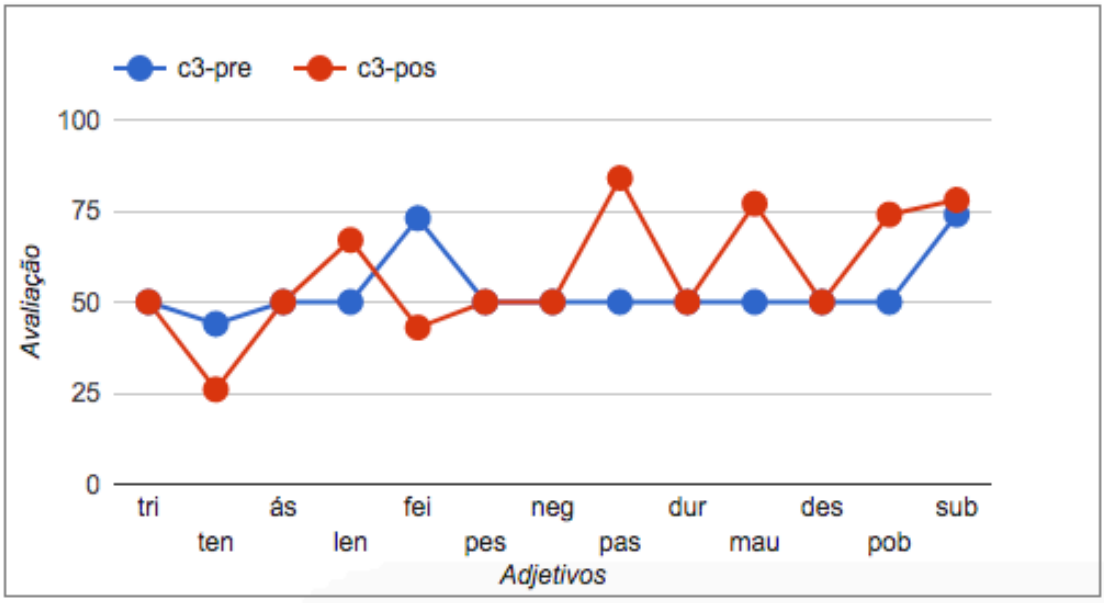


θ

b3-pre

θ

b3-pos



ﻉ

c3-pre

ﻉ

c3-pos

A figura abaixo representa os graus de equivalência entre os estímulos na etapa inicial do experimento. Observa-se que os estímulos A1 e B1 tinham 73% de equivalência antes de qualquer etapa de emparelhamento.

Figura 37. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 4 no Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	74	80	73	75	82	78	84	79
a2	74	100	72	90	93	88	84	90	93
a3	80	72	100	69	69	79	80	78	79
b1	73	90	69	100	94	87	88	89	89
b2	75	93	69	94	100	87	84	90	90
b3	82	88	79	87	87	100	83	94	92
c1	78	84	80	88	84	83	100	84	88
c2	84	90	78	89	90	94	84	100	92
c3	79	93	79	89	90	92	88	92	100

Como exemplificação, observa-se que os mesmos estímulos acima citados passaram a ter, após o emparelhamento, 83% de equivalência, demonstrando a construção de classe de equivalência e a transferência de função entre os estímulos.

Figura 38. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 4 no Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	72	86	83	77	82	85	80	73
a2	72	100	78	84	87	80	79	82	86
a3	86	78	100	79	80	88	84	87	79
b1	83	84	79	100	88	84	90	87	83
b2	77	87	80	88	100	88	87	92	90
b3	82	80	88	84	88	100	87	91	89
c1	85	79	84	90	87	87	100	90	81
c2	80	82	87	87	92	91	90	100	88
c3	73	86	79	83	90	89	81	88	100

Na figura abaixo, observa-se o grau de equivalência dos estímulos entre as duas fases do experimento, Pré-teste e Pós-teste. É possível notar que ao comparar a avaliação de A1 na primeira fase com o próprio A1 na segunda fase, não obteve-se 100% de equivalência. Esse fato demonstra uma variação na avaliação do estímulo, após o emparelhamento com os estímulos, em tese,

sem significado pré-experimental. Esse fato merece investigação em estudos posteriores.

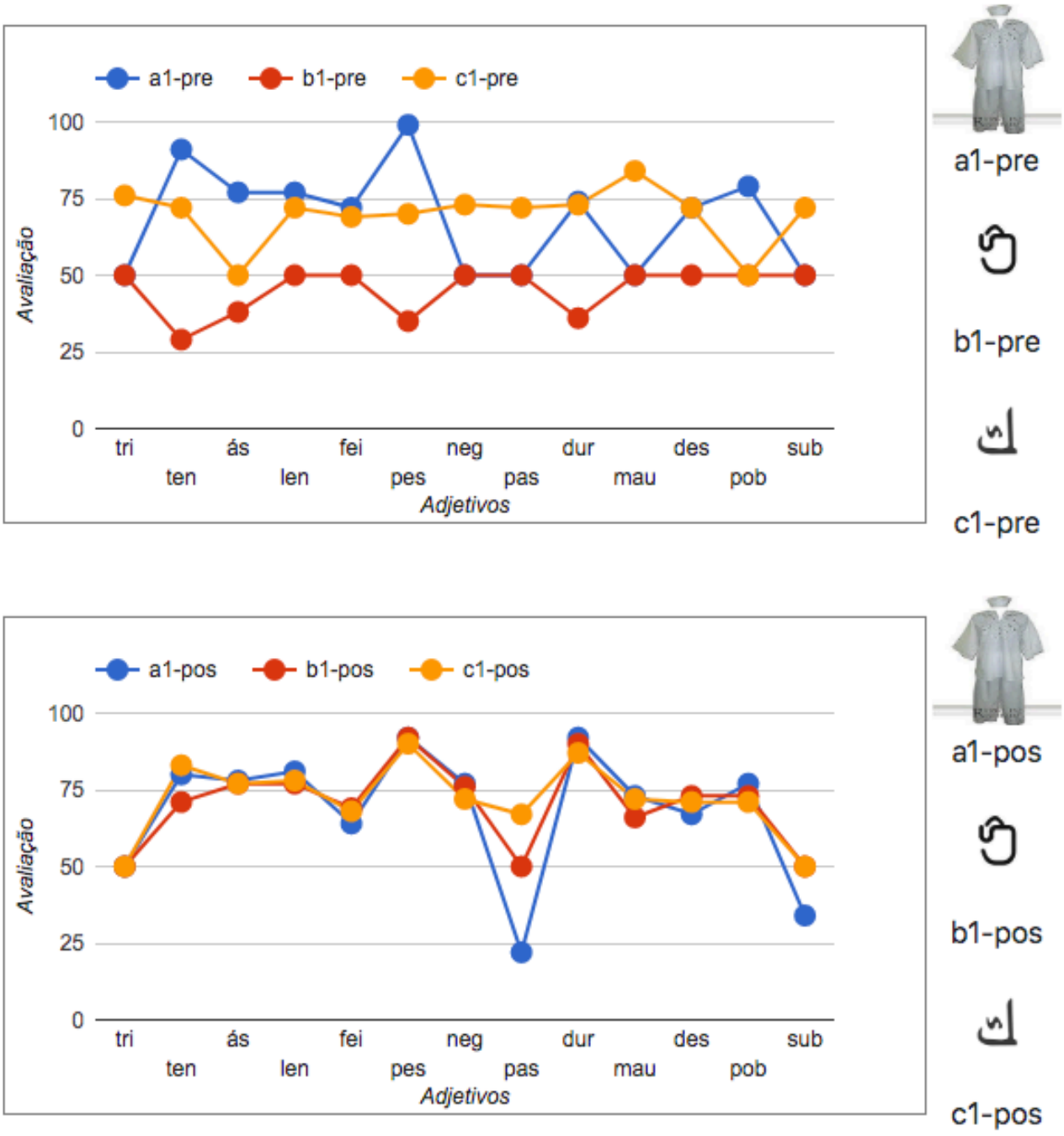
Figura 39. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 5 entre Pré-Teste e Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	84	70	78	82	76	80	84	80	72
a2	75	83	74	87	94	82	84	88	86
a3	83	66	82	74	75	81	79	78	79
b1	74	86	74	89	90	78	86	84	84
b2	77	85	71	87	91	79	84	84	84
b3	86	82	82	91	90	85	90	92	84
c1	82	84	82	86	87	84	90	82	85
c2	82	82	78	92	91	83	90	91	84
c3	81	83	81	90	94	89	90	94	88

Participante 5

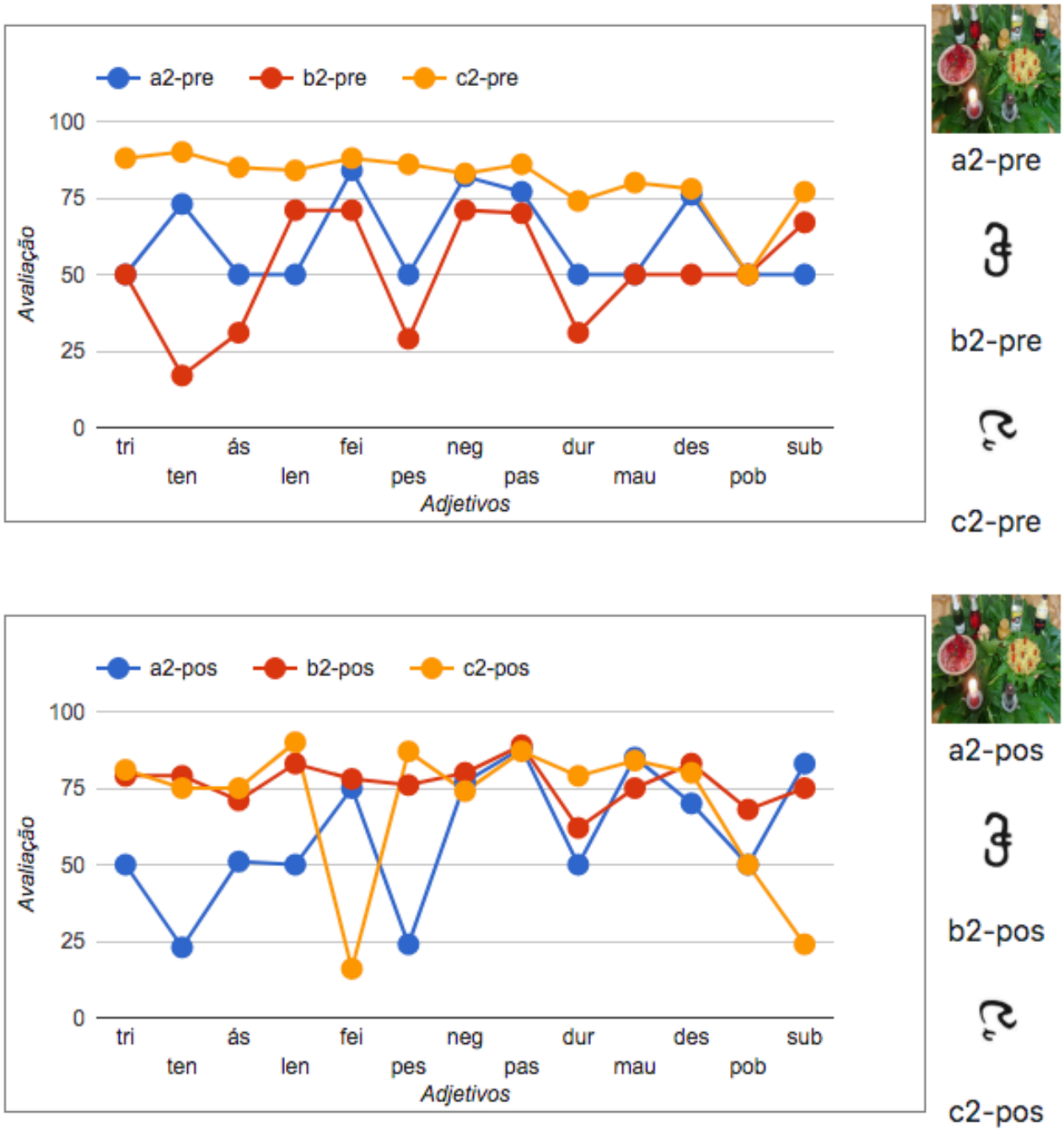
A Figura 40 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). No Pré-Teste, a avaliação de A1 foi predominantemente positiva. Ainda, em B1 as avaliações foram próximas à neutralidade, assim como em C1. No Pós-Teste, o estímulo A1 manteve sua avaliação positiva. Observa-se, no Pós-teste, uma aproximação na avaliação de B1 e C1 com relação a A1, além da sobreposição das linhas em diversos pontos.

Figura 40. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 pelo Participante 05 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



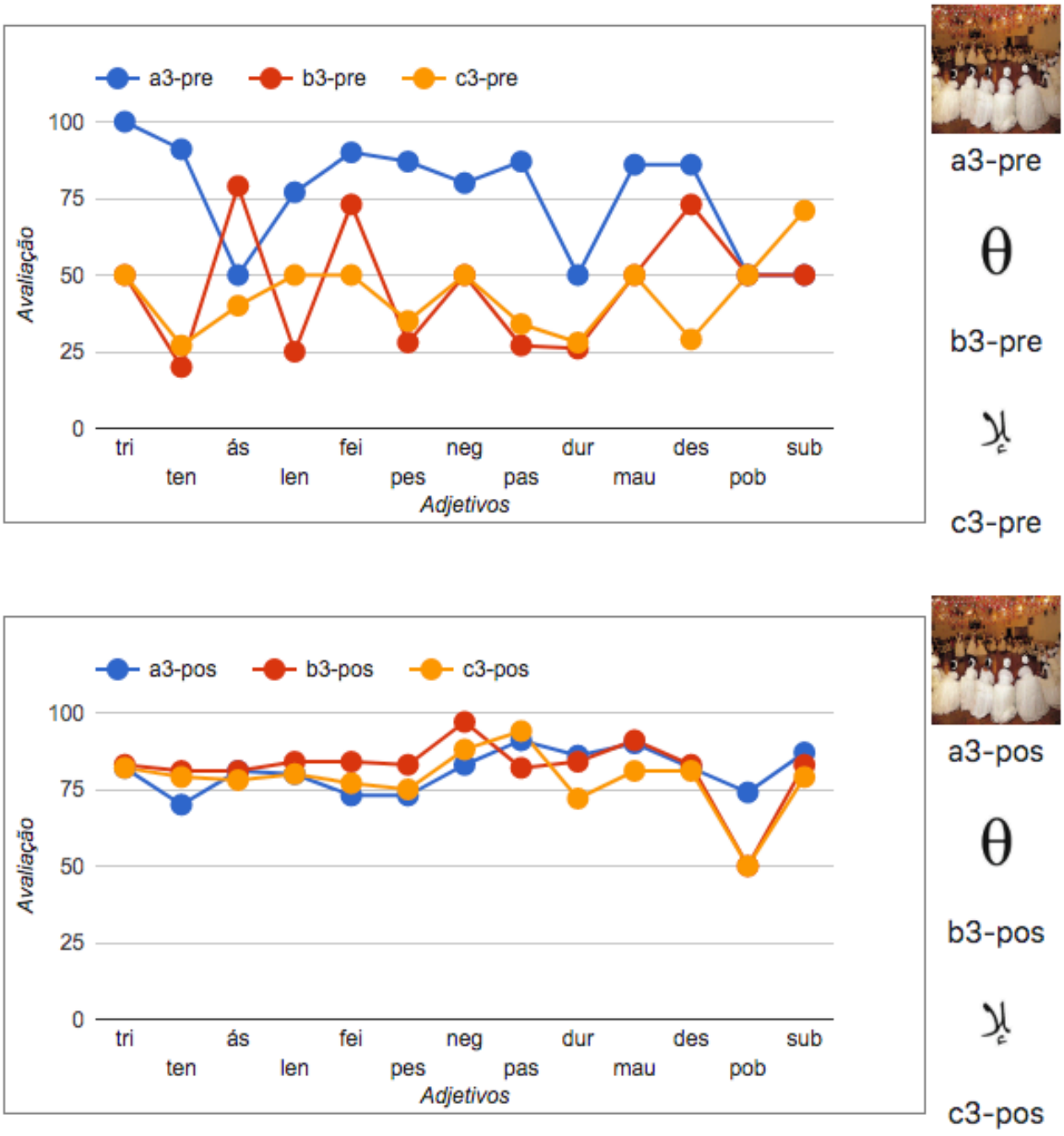
A Figura 41 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). Observa-se que no Pré-teste o estímulo A1 obteve uma avaliação, em sua maioria, neutra. Ainda, em B2 as avaliações foram próximas à neutralidade. O estímulo C2 obteve uma avaliação predominantemente positiva. No Pós-Teste, é possível observar a variação da avaliação de A1 em apenas alguns pontos, enquanto nota-se uma aproximação da avaliação de B2 a C2. Com os resultados obtidos, podemos discorrer sobre a possibilidade de falta de engajamento por parte do participante.

Figura 41. Avaliação dos estímulos A2, B2, C2 pelo Participante 05 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



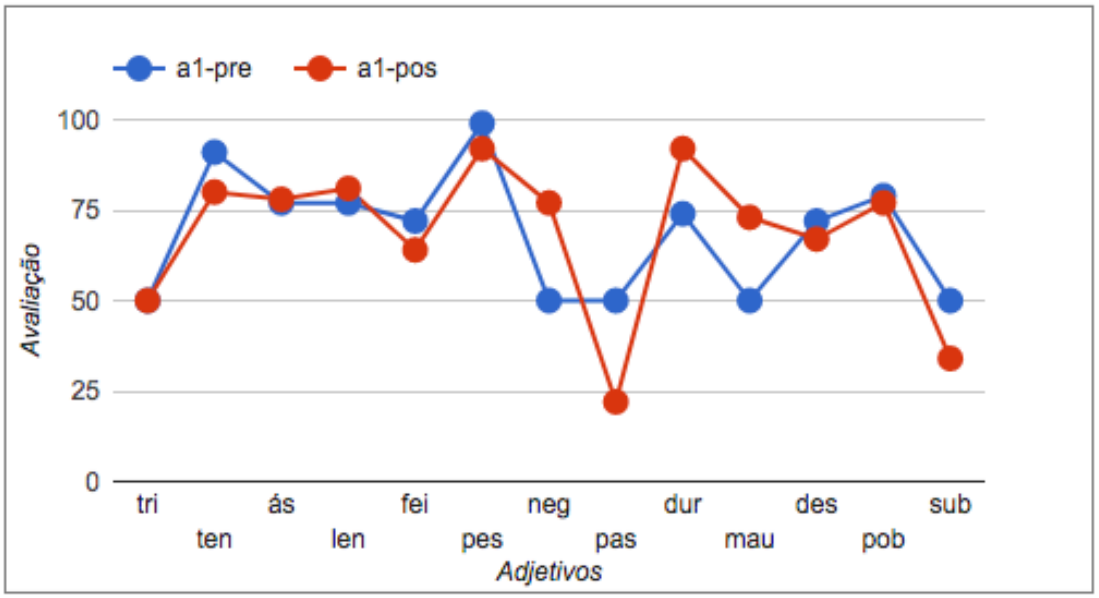
A Figura 42 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). No Pré-Teste, as avaliações de A3 variaram entre 50% a 75% sendo a maioria das avaliações positivas. Ainda, em ambos estímulos B3 e C3 as avaliações foram em torno de 50% . No Pós-Teste, A3 manteve sua avaliação positiva, com uma aproximação em todos os pontos dos estímulos B3 e C3.

Figura 42. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 pelo Participante 05 no Pré-Teste e no Pós-Teste.

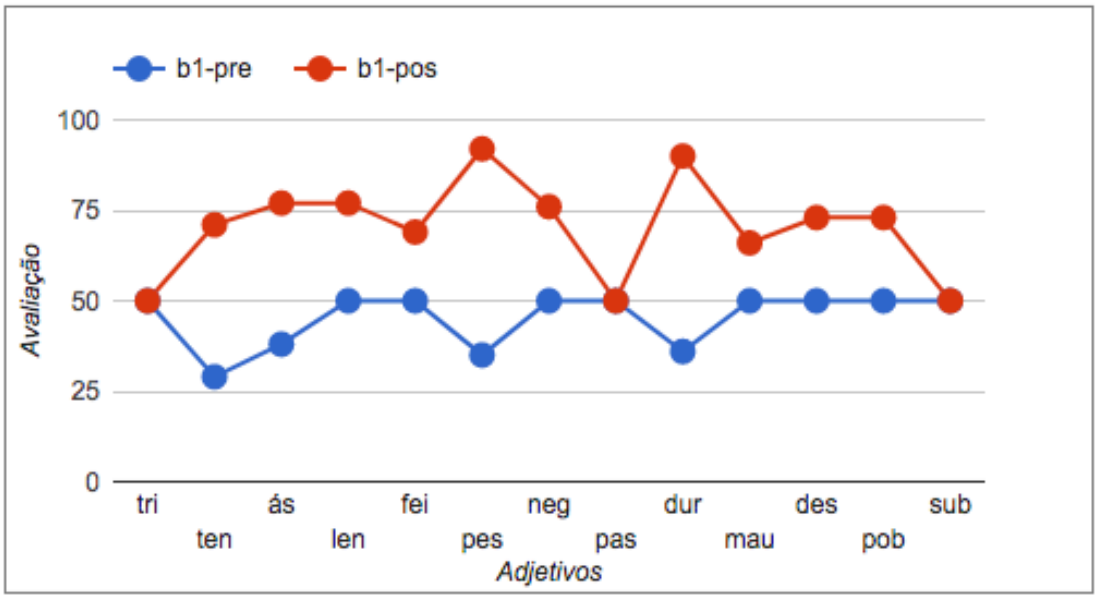


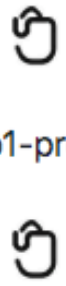
A Figura 43 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que o estímulo A1 manteve, de forma geral, sua avaliação entre as duas etapas do experimento. O estímulo B1 obteve um aumento na sua avaliação no Pós-teste, enquanto não se observaram alterações significativas em C1.

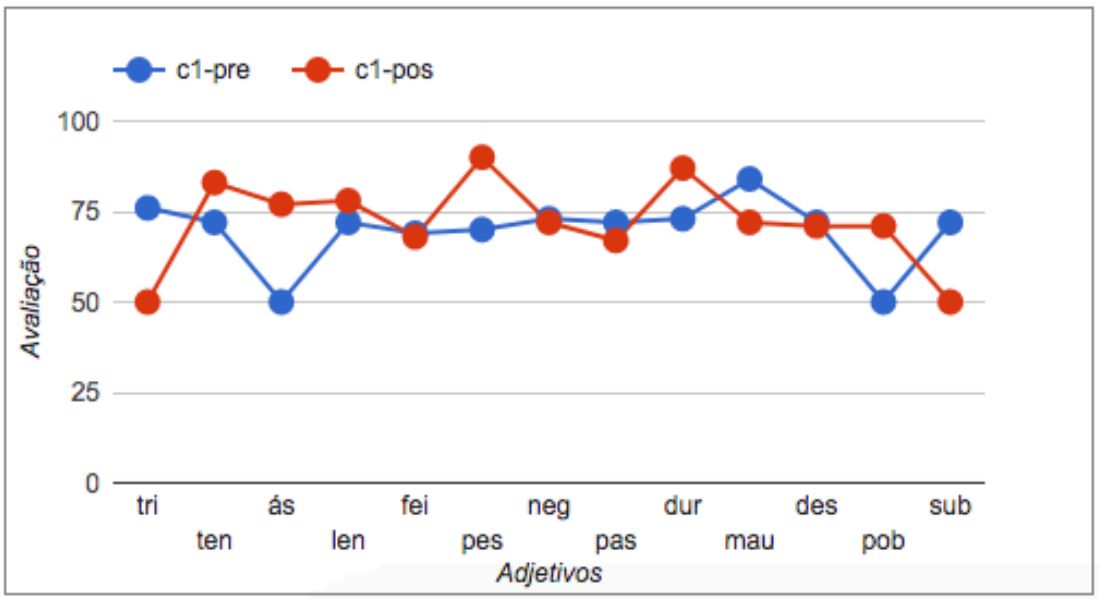
Figura 43. Avaliação do estímulo A1, B1 e C1 pelo Participante 05 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

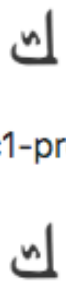

a1-pre
a1-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri ten
ás len
fei pes
neg pas
dur mau
des pob
sub
Adjetivos


a1-pre
a1-pos


b1-pre
b1-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri ten
ás len
fei pes
neg pas
dur mau
des pob
sub
Adjetivos

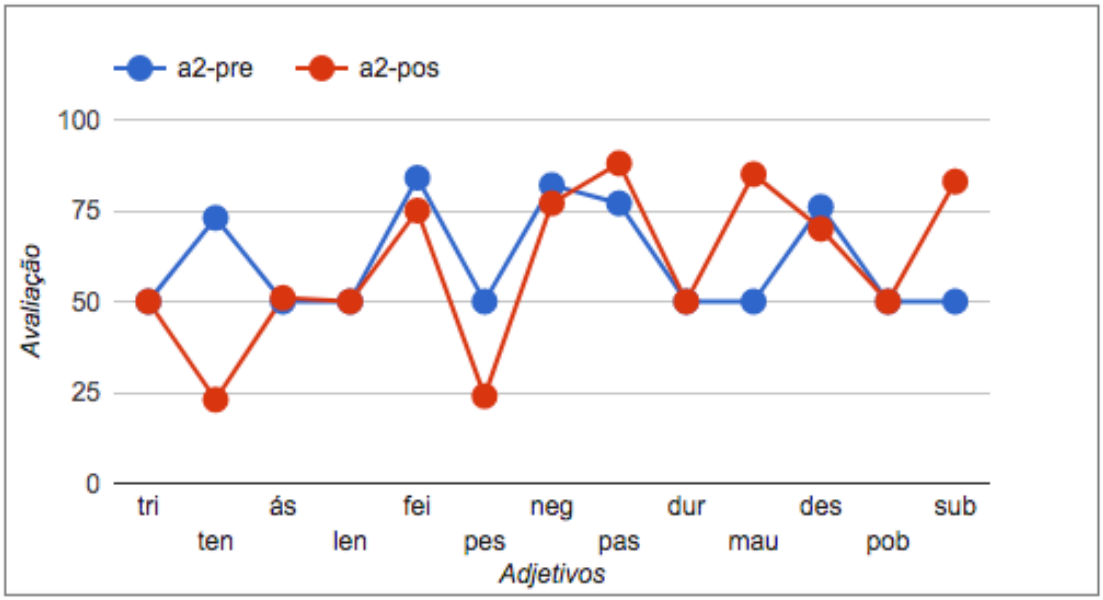

b1-pre
b1-pos


c1-pre
c1-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri ten
ás len
fei pes
neg pas
dur mau
des pob
sub
Adjetivos


c1-pre
c1-pos

A Figura 44 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. É possível notar que A2 e C2 mantiveram suas avaliações entre as duas fases do experimento, enquanto B2 obteve um aumento de sua avaliação em todos os pares de adjetivos.

Figura 44. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 pelo Participante 05 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

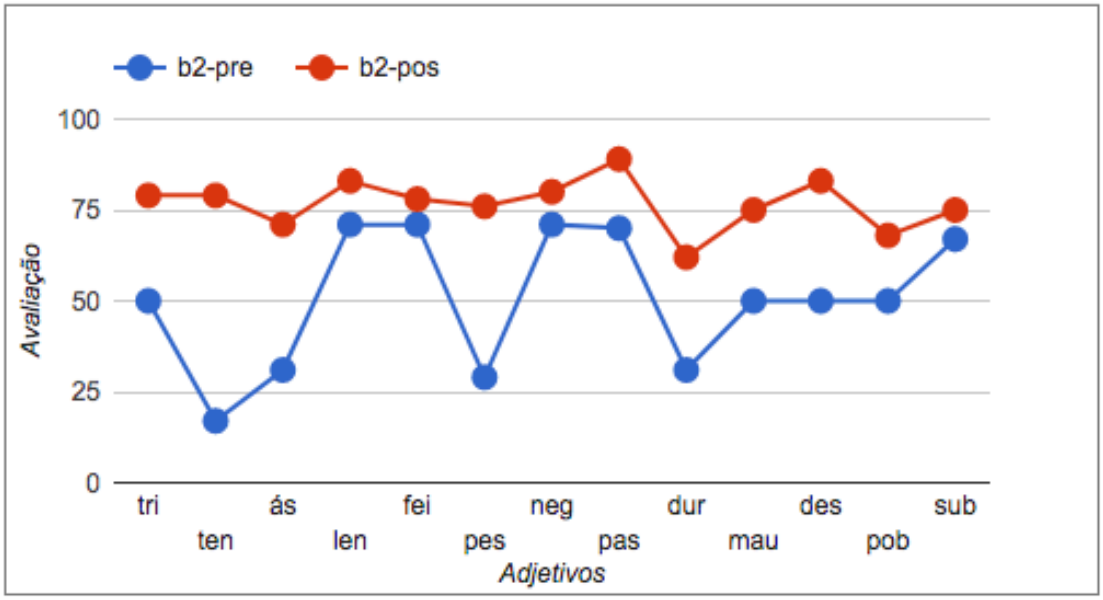




a2-pre



a2-pos

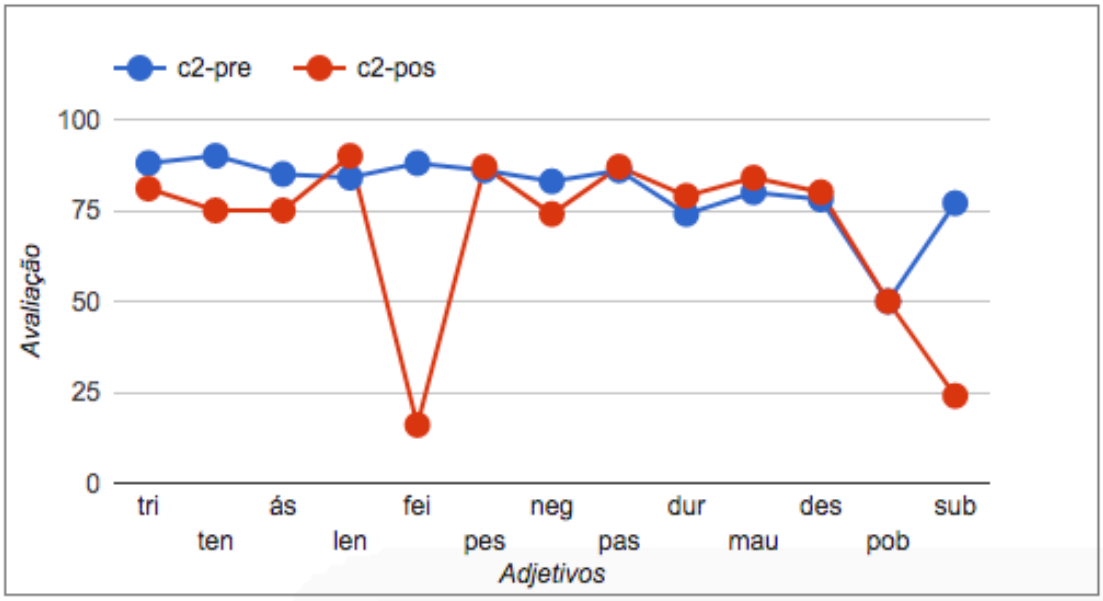




b2-pre



b2-pos





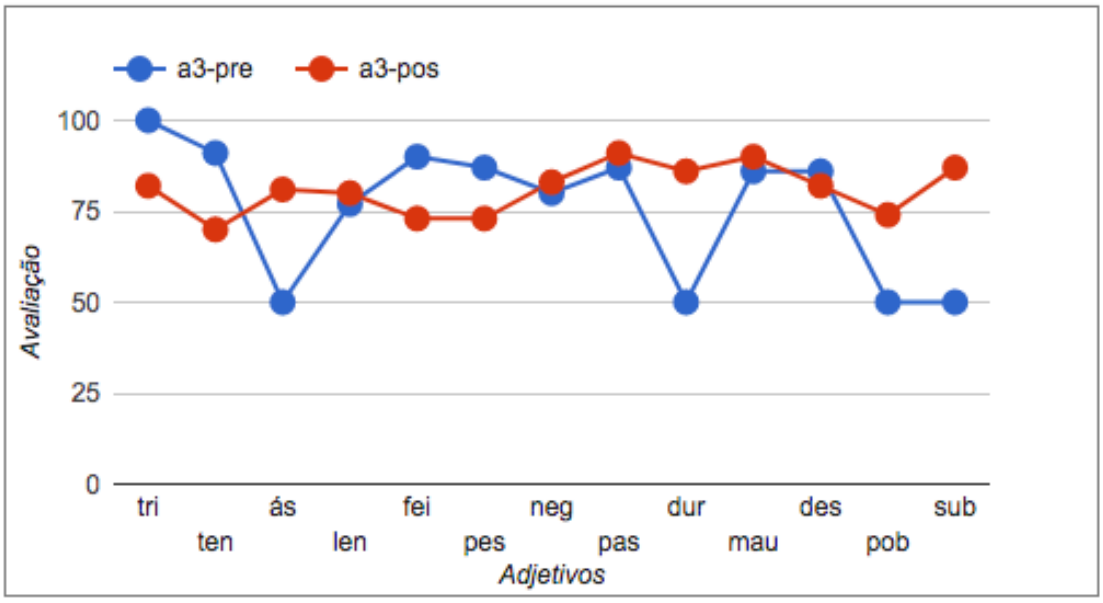
c2-pre



c2-pos

A Figura 45 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. O estímulo A2 manteve sua avaliação positiva entre as duas fases do experimento, obtendo uma melhora na avaliação de alguns pares de adjetivos. Os estímulos B3 e C3 obtiveram uma melhora de avaliação no Pós-teste, ficando com avaliações semelhantes.

Figura 45. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 pelo Participante 05 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

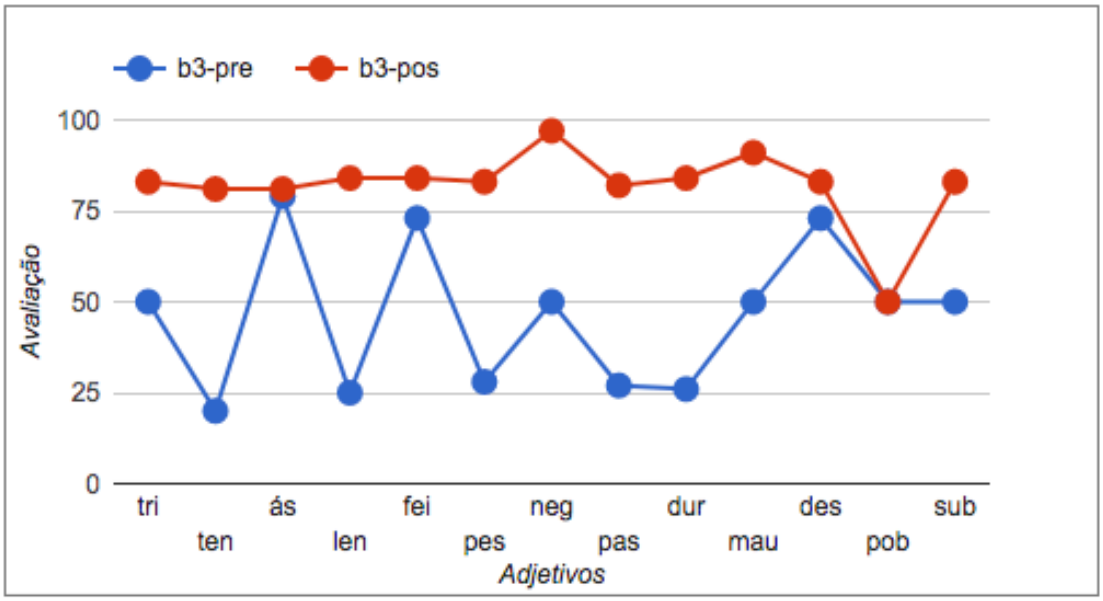




a3-pre



a3-pos

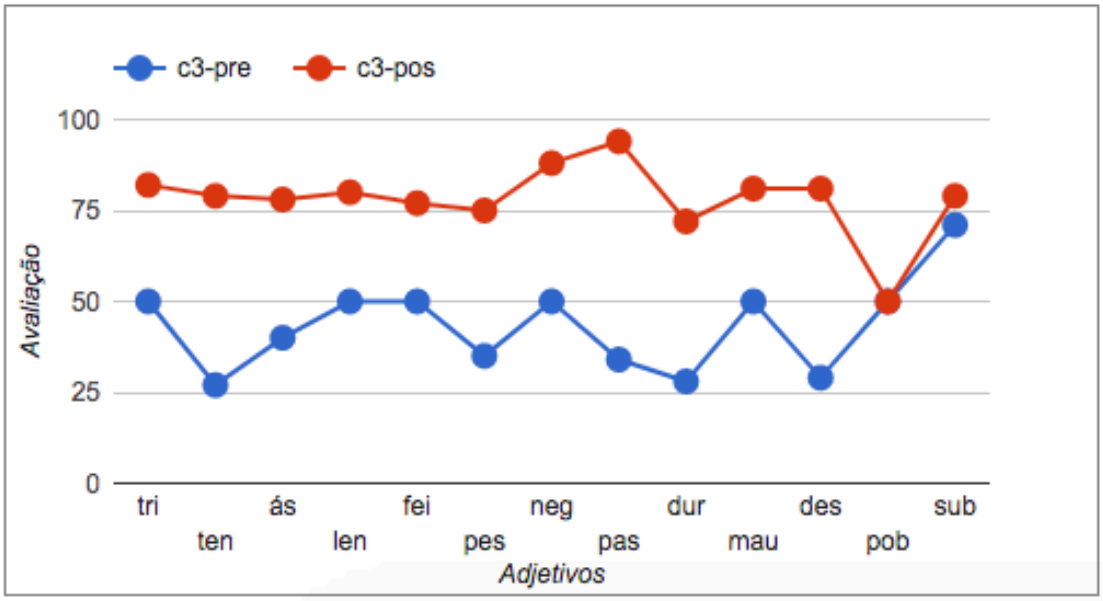


θ

b3-pre

θ

b3-pos



ɔɻ

c3-pre

ɔɻ

c3-pos

A figura abaixo representa os graus de equivalência entre os estímulos na etapa inicial do experimento. Observa-se que os estímulos A1 e B1 tinham 77% de equivalência antes de qualquer etapa de emparelhamento.

Figura 46. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 5 no Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	81	79	77	73	77	82	81	72
a2	81	100	85	84	84	81	86	80	79
a3	79	85	100	70	72	66	87	90	64
b1	77	84	70	100	90	88	76	65	95
b2	73	84	72	90	100	84	81	70	88
b3	77	81	66	88	84	100	71	66	87
c1	82	86	87	76	81	71	100	88	74
c2	81	80	90	65	70	66	88	100	63
c3	72	79	64	95	88	87	74	63	100

Como exemplificação, observa-se que os mesmos estímulos acima citados passaram a ter, após o emparelhamento, 94% de equivalência.

Figura 47. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 5 no Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	70	81	94	82	79	93	81	80
a2	70	100	78	74	80	77	76	71	80
a3	81	78	100	86	93	93	86	84	94
b1	94	74	86	100	85	82	96	82	83
b2	82	80	93	85	100	91	87	85	95
b3	79	77	93	82	91	100	85	85	94
c1	93	76	86	96	87	85	100	84	85
c2	81	71	84	82	85	85	84	100	86
c3	80	80	94	83	95	94	85	86	100

Na figura abaixo, observa-se o grau de equivalência dos estímulos entre as duas fases do experimento, Pré-teste e Pós-teste. É possível notar que ao comparar a avaliação de A1 na primeira fase com o próprio A1 na segunda fase, não obteve-se 100% de equivalência. Esse fato demonstra uma variação na avaliação do estímulo, após o emparelhamento com os estímulos, em tese, sem significado pré-experimental. Esse fato merece investigação em estudos posteriores.

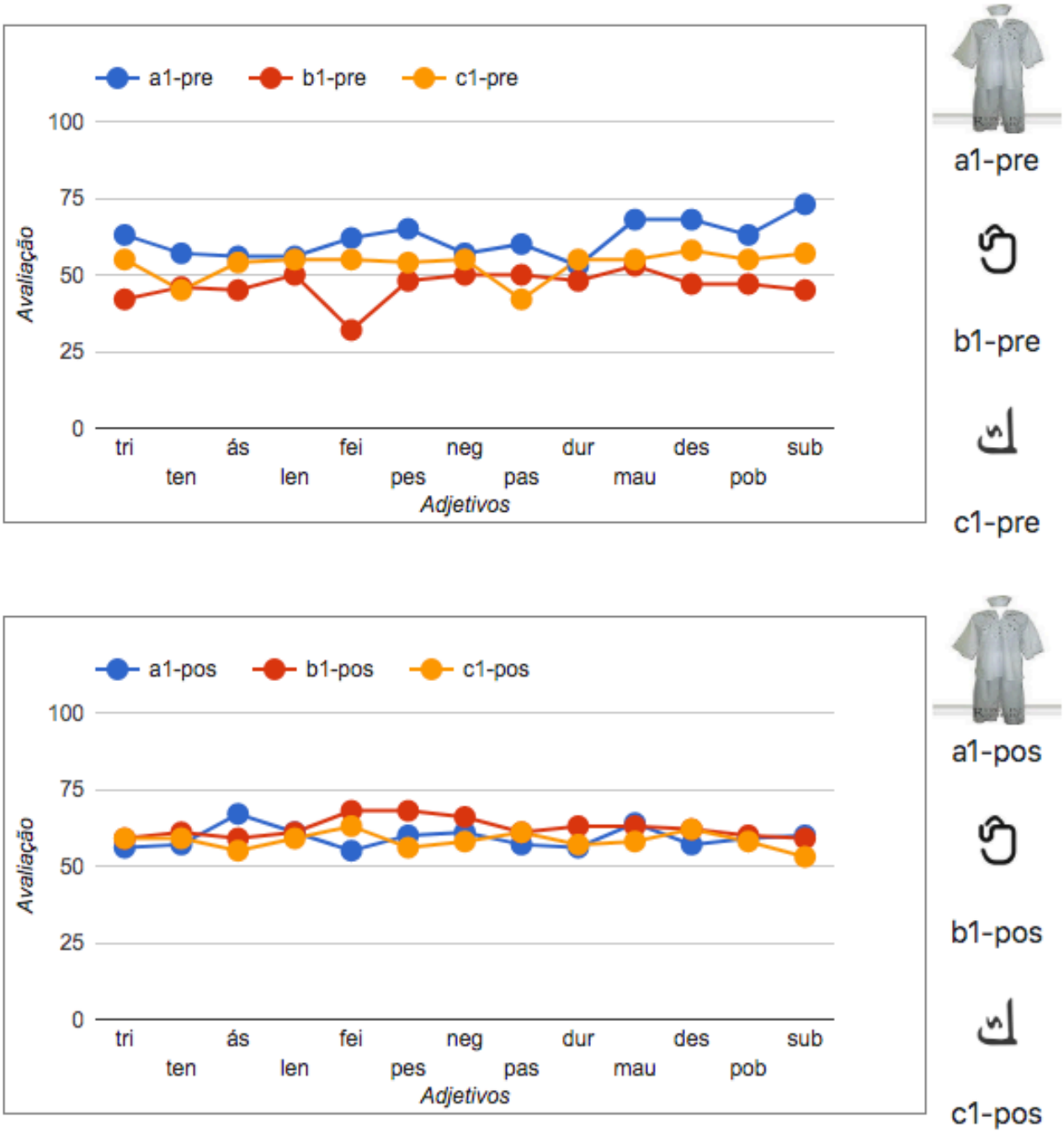
Figura 48. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 5 entre Pré-Teste e Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	88	70	80	93	82	78	92	77	80
a2	77	86	78	82	83	79	83	76	82
a3	76	79	83	80	88	87	83	83	88
b1	70	83	64	75	68	63	73	67	67
b2	69	87	70	74	74	69	75	66	72
b3	72	81	65	75	68	64	73	63	68
c1	81	84	88	86	90	88	87	85	91
c2	80	77	90	83	92	94	85	86	95
c3	68	81	62	70	67	61	68	62	65

Participante 6

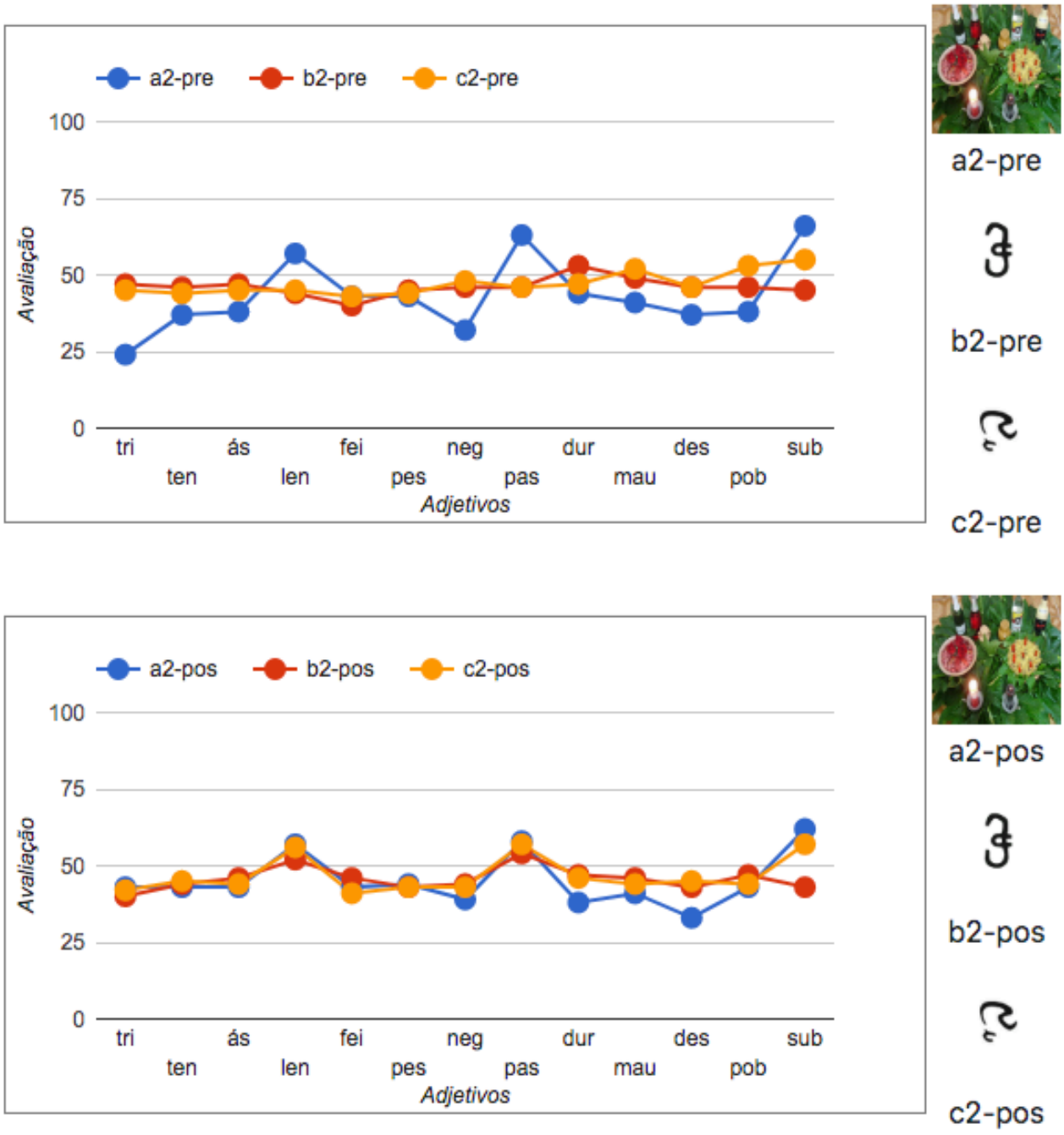
A Figura 49 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). No Pré-Teste, observa-se que todos os estímulos foram avaliados de forma predominantemente neutra. No Pós-Teste, os estímulos mantiveram sua tendência à neutralidade, com uma aproximação nas avaliações.

Figura 49. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 pelo Participante 06 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



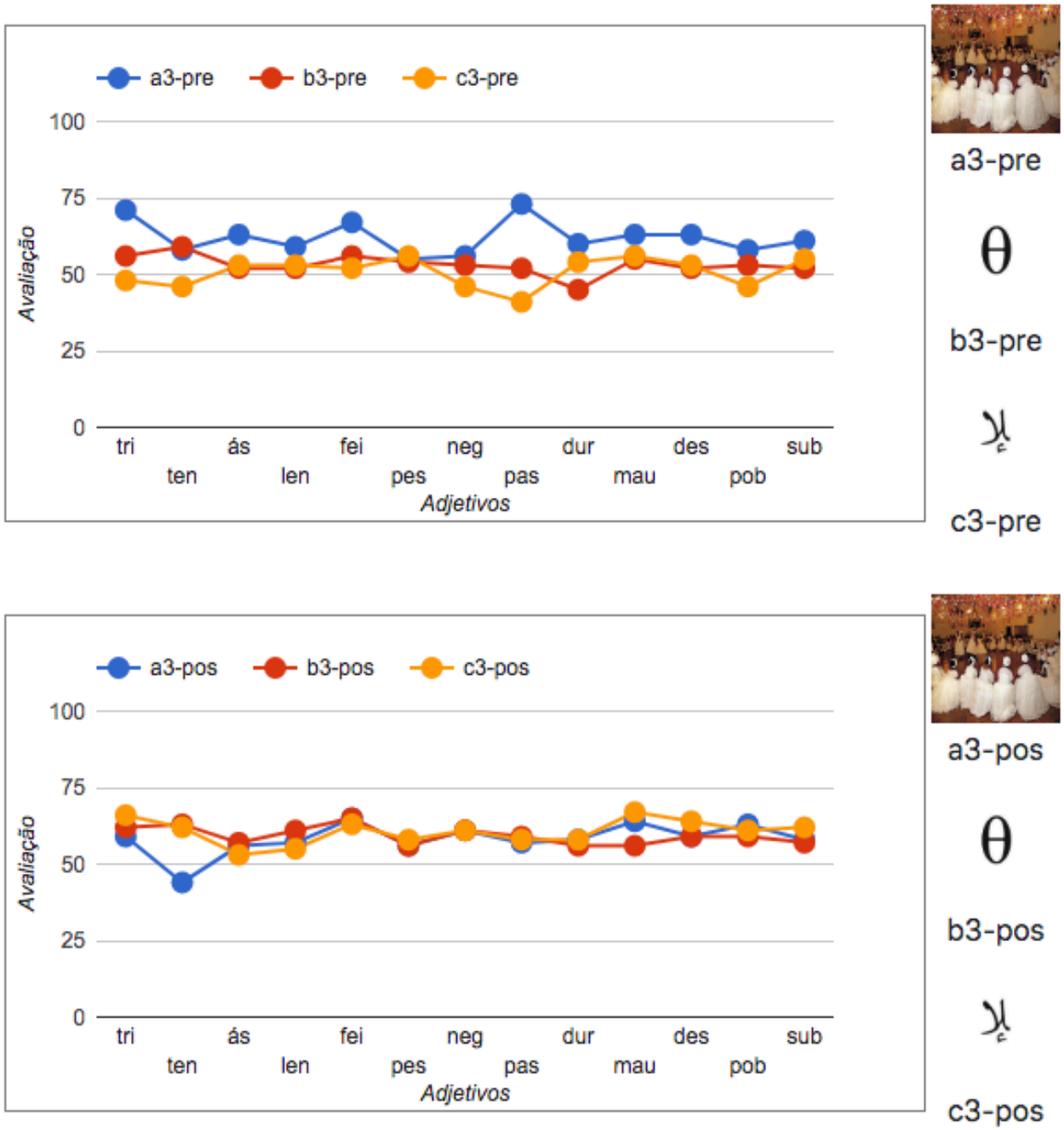
A Figura 50 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). No Pré-Teste, observa-se que todos os estímulos foram avaliados de forma predominantemente neutra. No Pós-Teste, os estímulos mantiveram sua tendência à neutralidade, com uma aproximação nas avaliações e sobreposição das linhas em diversos pontos.

Figura 50. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 pelo Participante 06 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



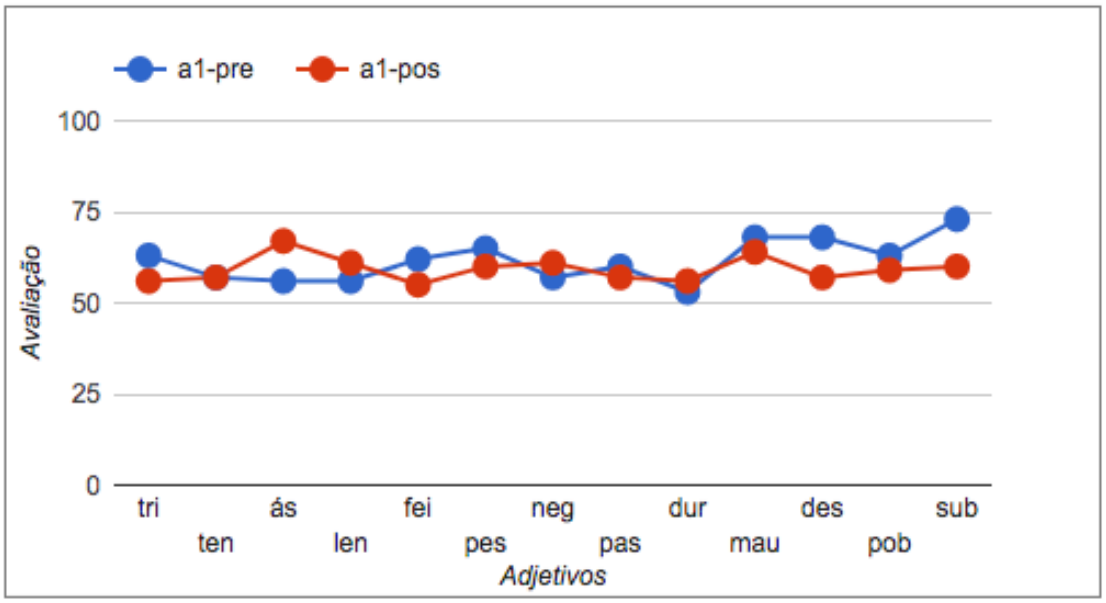
A Figura 51 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). No Pré-Teste, observa-se que todos os estímulos foram avaliados de forma predominantemente neutra. No Pós-Teste, os estímulos mantiveram sua tendência à neutralidade, com uma aproximação nas avaliações e sobreposição das linhas em diversos pontos.

Figura 51. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 pelo Participante 06 no Pré-Teste e no Pós-Teste.

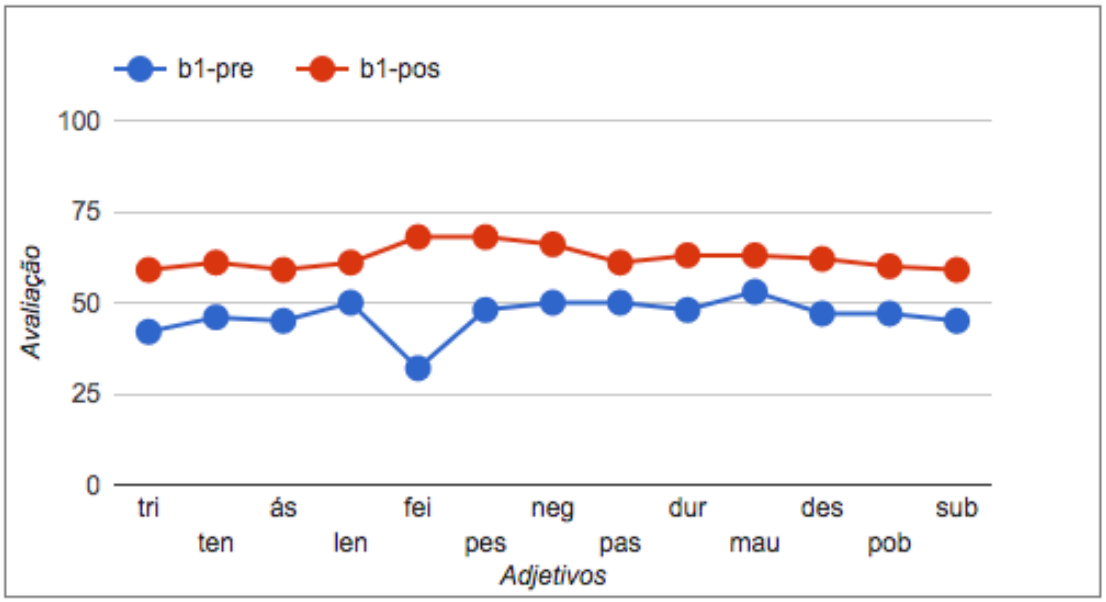


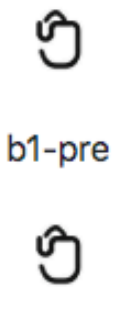
A Figura 52 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que, apesar de discretamente, as avaliações dos estímulos abstratos (B1 e C1) sofreram um aumento, assemelhando-se ao estímulo A1, de significado social.

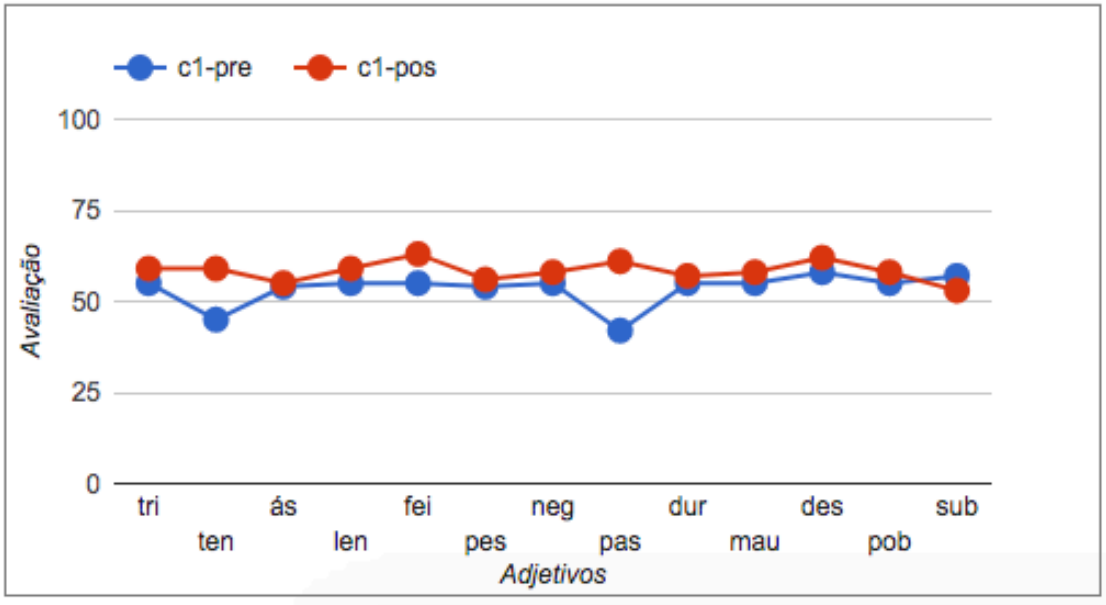
Figura 52. Avaliação do estímulo A1, B1 e C1 pelo Participante 06 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

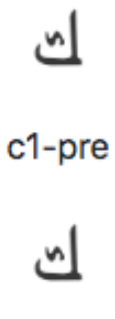

a1-pre
a1-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri ten
ás len
fei pes
neg pas
dur mau
des pob
sub
Adjetivos


a1-pre
a1-pos


b1-pre
b1-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri ten
ás len
fei pes
neg pas
dur mau
des pob
sub
Adjetivos

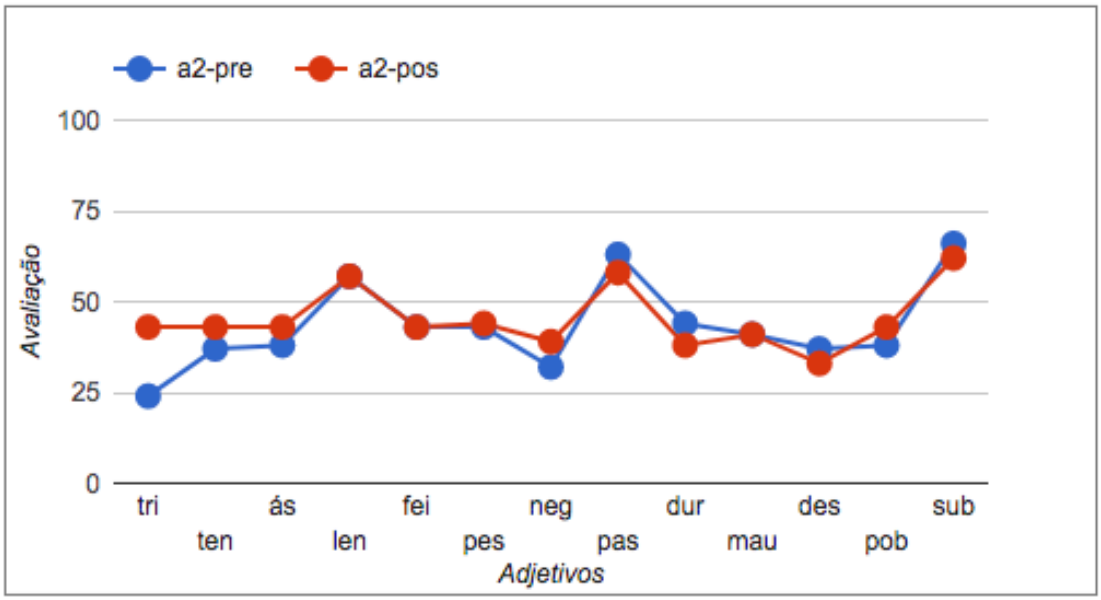

b1-pre
b1-pos


c1-pre
c1-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri ten
ás len
fei pes
neg pas
dur mau
des pob
sub
Adjetivos


c1-pre
c1-pos

A Figura 53 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que não houve alteração significativa na avaliação de cada estímulo entre as duas fases do experimento.

Figura 53. Avaliação do estímulo A2, B2 e C2 pelo Participante 06 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

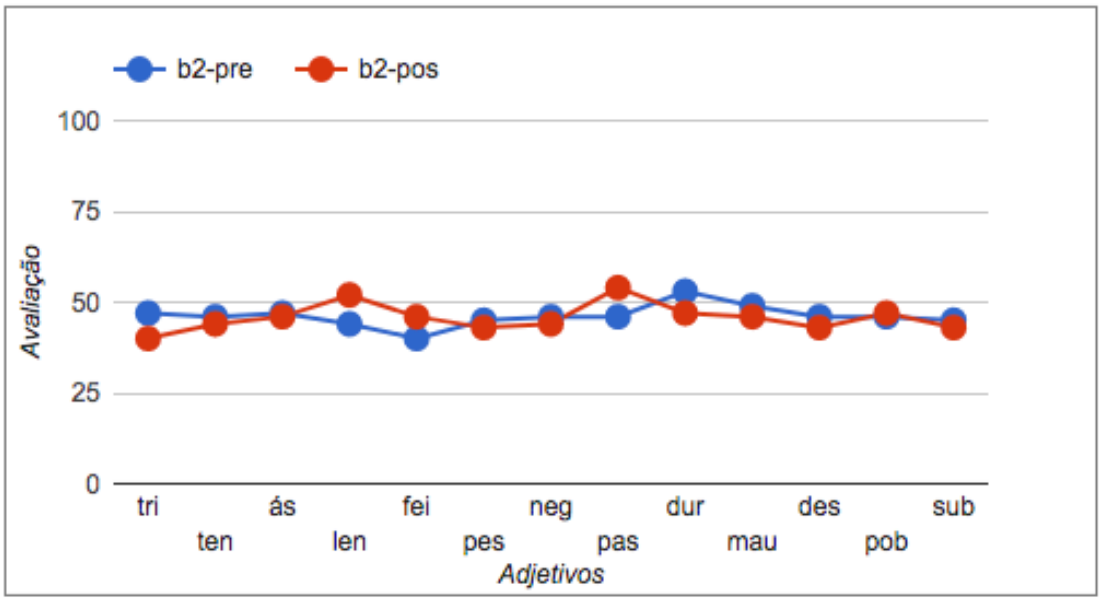




a2-pre



a2-pos

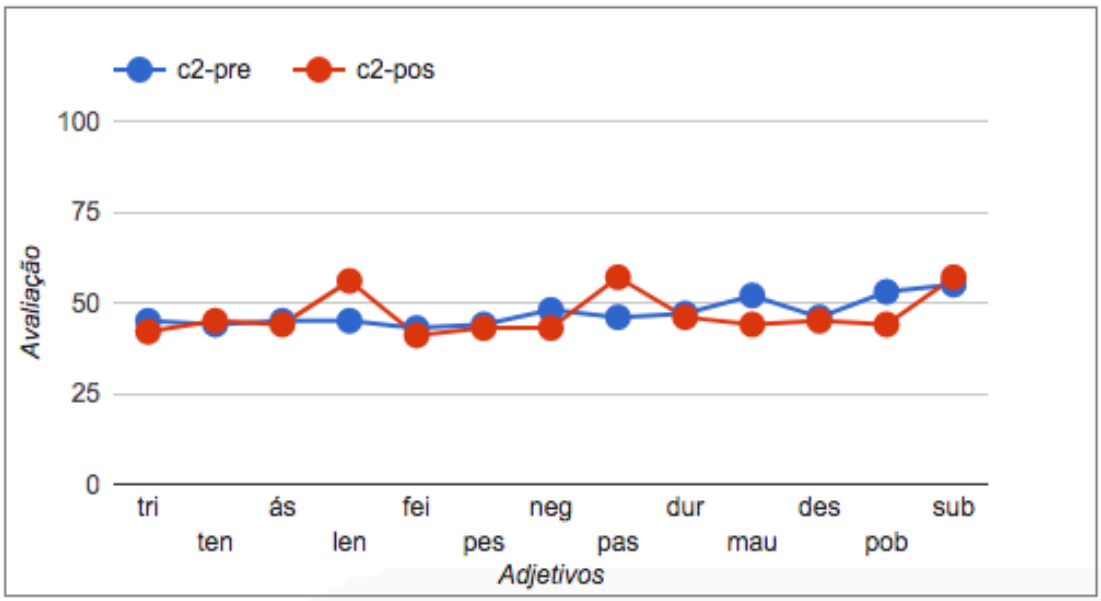




b2-pre



b2-pos





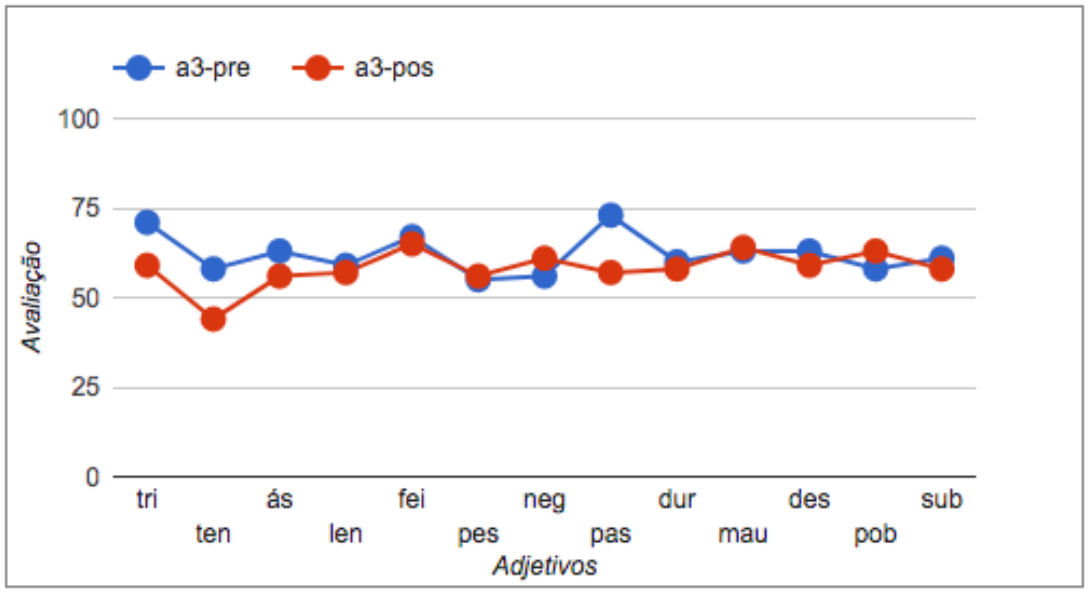
c2-pre



c2-pos

A Figura 54 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que, apesar de discretamente, as avaliações dos estímulos abstratos (B3 e C3) sofreram um aumento, assemelhando-se ao estímulo A3, de significado social.

Figura 54. Avaliação do estímulo A3, B3 e C3 pelo Participante 06 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

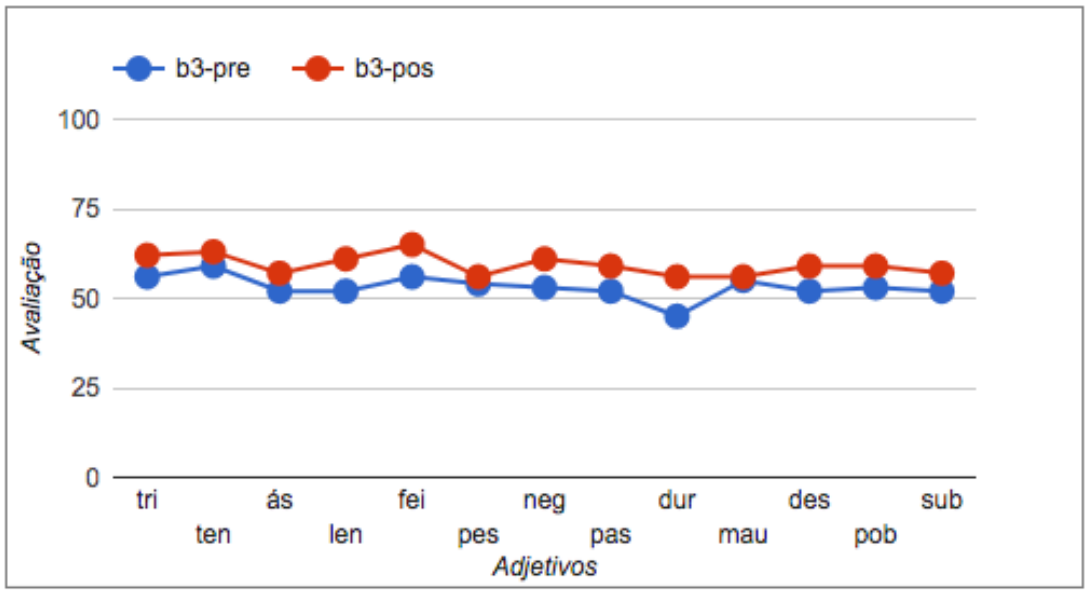




a3-pre



a3-pos

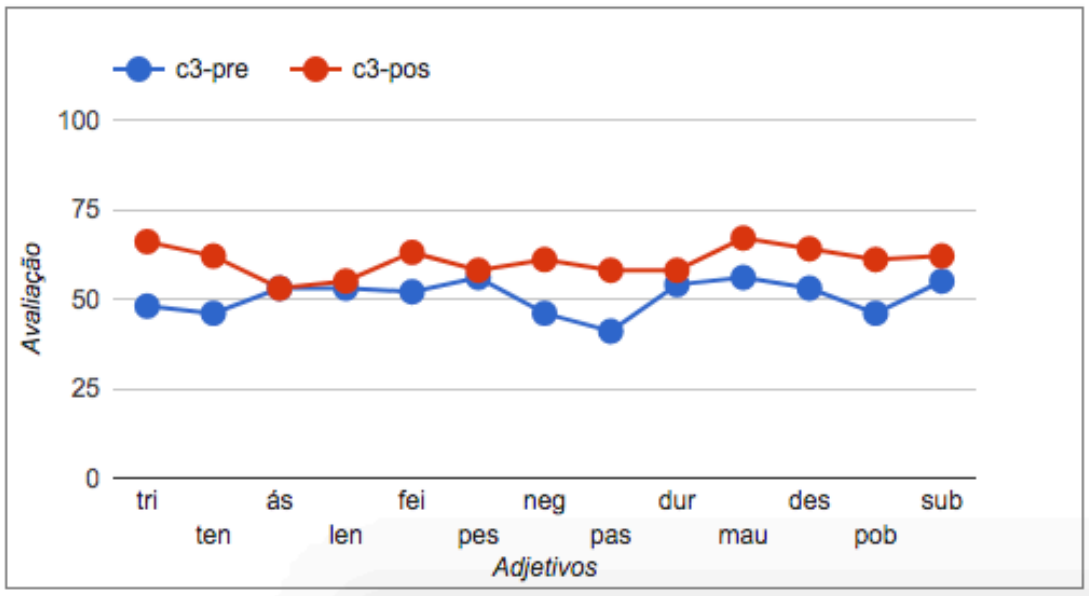


θ

b3-pre

θ

b3-pos





c3-pre



c3-pos

As figuras a seguir apresentam os graus de equivalência entre os estímulos no Pré-Teste e Pós-Teste. Para exemplificação, observa-se que o estímulo A1 e o estímulo B1 possuíam um grau de equivalência de 85% no Pré-Teste.

Figura 55. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 6 no Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	81	94	85	85	91	92	86	89
a2	81	100	80	89	89	86	85	90	87
a3	94	80	100	84	84	91	91	85	88
b1	85	89	84	100	97	93	92	96	94
b2	85	89	84	97	100	92	92	97	95
b3	91	86	91	93	92	100	96	93	95
c1	92	85	91	92	92	96	100	93	97
c2	86	90	85	96	97	93	93	100	94
c3	89	87	88	94	95	95	97	94	100

Após a fase de emparelhamento de estímulos, observa-se que os estímulos A1 e B1 passaram a ter um grau de equivalência de 95%, o que demonstra a formação de classe de equivalência e transferência de função do A1 (com significado social) ao B1 (abstrato).

Figura 56. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 6 no Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	85	96	95	87	96	96	87	95
a2	85	100	86	82	94	85	85	97	84
a3	96	86	100	95	88	97	96	88	96
b1	95	82	95	100	83	96	96	84	96
b2	87	94	88	83	100	86	87	97	85
b3	96	85	97	96	86	100	98	87	97
c1	96	85	96	96	87	98	100	88	96
c2	87	97	88	84	97	87	88	100	86
c3	95	84	96	96	85	97	96	86	100

Na figura abaixo, observa-se o grau de equivalência dos estímulos entre as duas fases do experimento, Pré-teste e Pós-teste. É possível notar que ao comparar a avaliação de A1 na primeira fase com o próprio A1 na segunda fase, não obteve-se 100% de equivalência. Esse fato demonstra uma variação na avaliação do estímulo, após o emparelhamento com os estímulos, em tese,

sem significado pré-experimental. Esse fato merece investigação em estudos posteriores.

Figura 57. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 6 no Pré-Teste e Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	94	83	95	94	84	94	95	85	96
a2	82	95	83	80	92	82	83	94	81
a3	94	83	94	95	84	95	96	85	95
b1	87	92	88	84	96	87	88	95	86
b2	87	92	88	84	96	87	88	95	86
b3	93	89	93	91	92	94	95	91	93
c1	94	88	95	91	90	94	95	91	93
c2	88	93	89	85	96	88	89	96	87
c3	91	90	92	88	93	91	92	93	90

Discussão

O presente estudo buscou verificar a transferência de função de estímulos visuais do Candomblé para figuras abstratas. Ou seja, se atitudes relacionadas a estímulos de significado religioso passam a ocorrer na presença de estímulos abstratos, a partir de um treino de pareamento ao modelo.

Com os resultados obtidos, podemos afirmar que, no geral, os participantes formaram as classes de equivalência demonstrando, também, transferência de função. O treino de pareamento foi eficiente nesse sentido, na medida em que permitiu que estímulos neutros (B e C) adquirissem significado dos estímulos modelo (A). O mesmo ocorreu no estudo com homens americanos e do oriente médio (Dixon & Lemke, 2007) em que houve tanto a formação quanto a reorganização da equivalência de classes.

Proença (2019), em seu estudo, ressalta a neutralidade com que as imagens do Candomblé foram avaliadas por participantes que residem no Distrito Federal. Para todas as imagens, as avaliações não foram nem positivas, nem negativas, mas neutras. Neste estudo, porém, observou-se que a maior parte das avaliações dos estímulos com significado social (A) possuíam uma atitude positiva ou negativa, a depender do participante, com exceção do Participante 6, que apresentou uma tendência a avaliar todos os estímulos de maneira semelhante, tendendo à neutralidade.

Sobre possíveis limitações, a pesquisa iria ocorrer presencialmente em uma sala de aula do Uniceub que possuísse computador com internet. A rede seria

necessária para que os participantes conseguissem acessar o software "LAEC", ou seja, realizar o teste e treinamento proposto. Em virtude do atual momento de pandemia e necessidade de reclusão, a coleta de dados não pode ser mais presencial e todo o procedimento acabou ocorrendo com êxito de forma online.

Durante o procedimento de coleta de dados, no momento em que participantes (P01 e P02) avaliavam os estímulos visuais (foto da vestimenta e objeto) no Pré-Teste houve problema na gravação dos resultados. O sistema do Software, nesse sentido, registrava dois resultados. Importante ressaltar que na pesquisa somente foi utilizado o primeiro resultado da avaliação da escala semântica, assim que o problema foi detectado imediatamente o programa foi reparado. Outro problema verificado foi de comunicação, nesse caso a solução encontrada foi utilizar a ligação do Whatsapp para conseguir estabelecer contato verbal entre pesquisadora- participante ao longo do procedimento. Apesar disso, nenhum participante teve problema com a conexão da internet.

O estudo, em grande parte, obteve os resultados esperados segundo a literatura, na qual o treinamento de pareamento ao modelo atribui sentido a estímulos arbitrários, formando, consequentemente, as classes de equivalência.

Com isso, ressalta-se a contribuição dessa pesquisa em estudos sobre a formação de atitudes, à medida que demonstra a possibilidade de realizar transferência de função com símbolos religiosos, permitindo, assim, auxiliar na compreensão da intolerância e preconceito religioso presente cotidianamente na sociedade.

Por fim, em pesquisas futuras seria interessante investigar melhor a adaptação de estímulos religiosos ao adicionar uma nova gama de estímulos (palavras sem significado, por exemplo). Desse modo, será possível verificar se mudanças de significado e atitudes religiosas também ocorrem nesse caso. Essa medida possivelmente contribuiria com a fidedignidade e efetividade dos resultados bem como uma maior variabilidade de respostas dos participantes. Por fim, deve-se considerar que os estímulos precisam ser selecionados de forma minuciosa e cuidadosa.

Experimento 5: Formação de classes de equivalência frente a atitude em relação a tatuagem no profissional da área médica.

Pesquisadora responsável: Kelly Ferreira Alves

Introdução

Um grande estigma dentro da nossa sociedade e foco desta pesquisa, está relacionado ao preconceito por corpos tatuados (e.g,). Para compreendermos o preconceito e as atitudes voltadas a esse perfil dentro do contexto social, estudos pressupõem que, a tatuagem é vista, primeiramente, como uma linguagem simbólica, passando a representar uma marca identitária individual ou social, que expressa tradições e crenças por todo o mundo (Marques, 1997).

Os autores Gouveia et al. (2010) concordam que, embora a tatuagem tenha uma ação representativa de busca por liberdade e decisão sobre o próprio corpo, e sejam vistas, cada vez mais pessoas tatuadas em diversas ocupações, o preconceito sobre corpos tatuados ainda existe, principalmente em locais formais, fazendo com que muitas pessoas optem por tatuar lugares discretos ou não acessíveis, dando a entender que ainda existem certas associações da tatuagem à marginalidade. Entretanto, a categorização de pessoas é uma forma que a sociedade buscou de simplificar o mundo, aumentando porém, a exclusão, segregação e preconceito relacionado a esse perfil (Pereira, Torres & Almeida, 2003).

Há muitas pesquisas em relação ao preconceito (racial, de gênero e profissões, e biotipo corporal) mas ainda não há estudos com relação a corpos tatuados e profissão. Considerando o preconceito como algo muito forte no contexto social e presente em diferentes grupos e culturas, sendo capaz de excluir, isolar, ou determinar uma atitude ou comportamento negativo, a pesquisa busca averiguar o uso de classes de equivalência frente a atitude em relação a corpos tatuados na profissão de médico, visto que é uma entre outras profissões que carregam conceitos fortemente estereotipados, buscando uma melhor compreensão e direcionamento para futuros estudos.

Método

Delineamento experimental

Idêntico ao experimento 2

Participantes

Participaram desta pesquisa, um total de 5 estudantes universitários cursando o primeiro semestre de psicologia em uma instituição de ensino superior. Os participantes eram mulheres (4) e homem (1) com idade entre 20 a 30 anos.

Como critério de exclusão, foi estabelecido que não poderiam participar da presente pesquisa, indivíduos que cursam/cursaram a partir do terceiro semestre de psicologia. Ou ainda, que anteriormente estudaram alguma matéria de Análise do Comportamento.

O convite da pesquisa foi enviado pelo aplicativo Whatsapp

Procedimentos éticos

O experimento foi iniciado após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética do UniCEUB e a entrega dos TCLEs (Termos de Consentimento Livre e Esclarecido) às participantes, que foram lidos e assinados por elas. Posteriormente, após a entrega dos TCLEs assinados, foram definidos horário e data para a realização do experimento.

Local

Idêntico ao Experimento 2.

Recursos utilizados para a realização da pesquisa

Imagens. Nessa pesquisa, foram selecionadas 9 imagens para serem utilizadas como estímulos modelo e de comparação. Dentre elas, um conjunto de 7 figuras abstratas foram retiradas de um estudo realizado na Universidade de Oslo em que 15 estudantes as avaliaram. As outras 2 figuras (que apresentavam significado) foram retiradas da plataforma: google imagens.

A Figura 1, mostra os estímulos que foram usados nos testes semânticos e no procedimento de pareamento ao modelo. Os estímulos A1 e A2 são referentes a imagens de médicos com e sem tatuagem, respectivamente. Já os estímulos A3,B1,B2, B3,C1,C2,C3 aparecem de forma abstrata em desenhos sem um significado pré estabelecido. Ainda, todas essas imagens apresentam largura e altura de 200 pixels e formatação Png - ver figura 1.

Figura 1. estímulos utilizados no Experimento 4.

		
a1	a2	a3
		
b1	b2	b3
		
c1	c2	c3

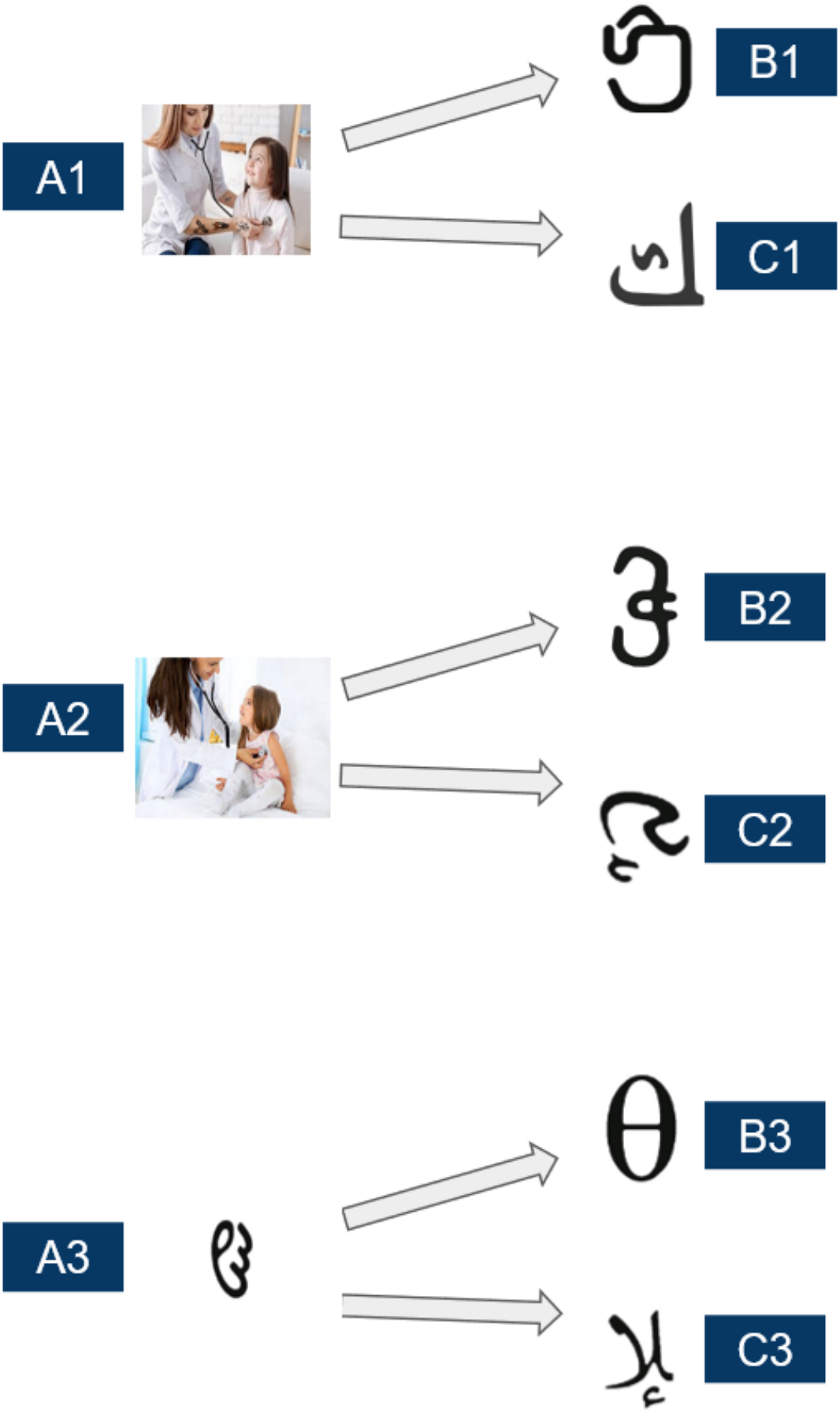
Procedimento de coleta de dados

Idêntico ao Experimento 4 (Figuras 2 e 3).

Figura 2. Sequência de eventos que compuseram uma tentativa no Treino AB/AC 100%



Figura 3. Discriminações condicionais ensinadas no Treino AB/AC 100%.



Resultados

Resumo

A coleta total dos 5 participantes teve duração de 3h28 somadas todas as sessões e todos completaram a tarefa em uma única sessão, exceto o primeiro e segundo participantes por um erro na execução do programa, o qual não finalizou o treino adequadamente após 30 minutos de tentativas, sendo então descartado do teste para evitar qualquer erro na interpretação dos dados. As quatro fases duraram aproximadamente 40 minutos para cada participante, com tempo mínimo de 40 minutos e máximo de 1 hora e 12 minutos. O número de sessões por participante totalizaram quatro, sendo que em cada sessão, foram nove tentativas no Pré-Teste e Pós-Teste, noventa blocos de tentativas no treino AB AC 100% (a participante P1 teve um número maior de tentativas, 150) sessenta blocos de tentativas no Treino AB AC 80%, AB AC 20% e Treino AB AC 0%, e noventa blocos de tentativa nos Testes de Simetria, Transitividade e equivalência. Todos os participantes atingiram o critério de aprendizagem.

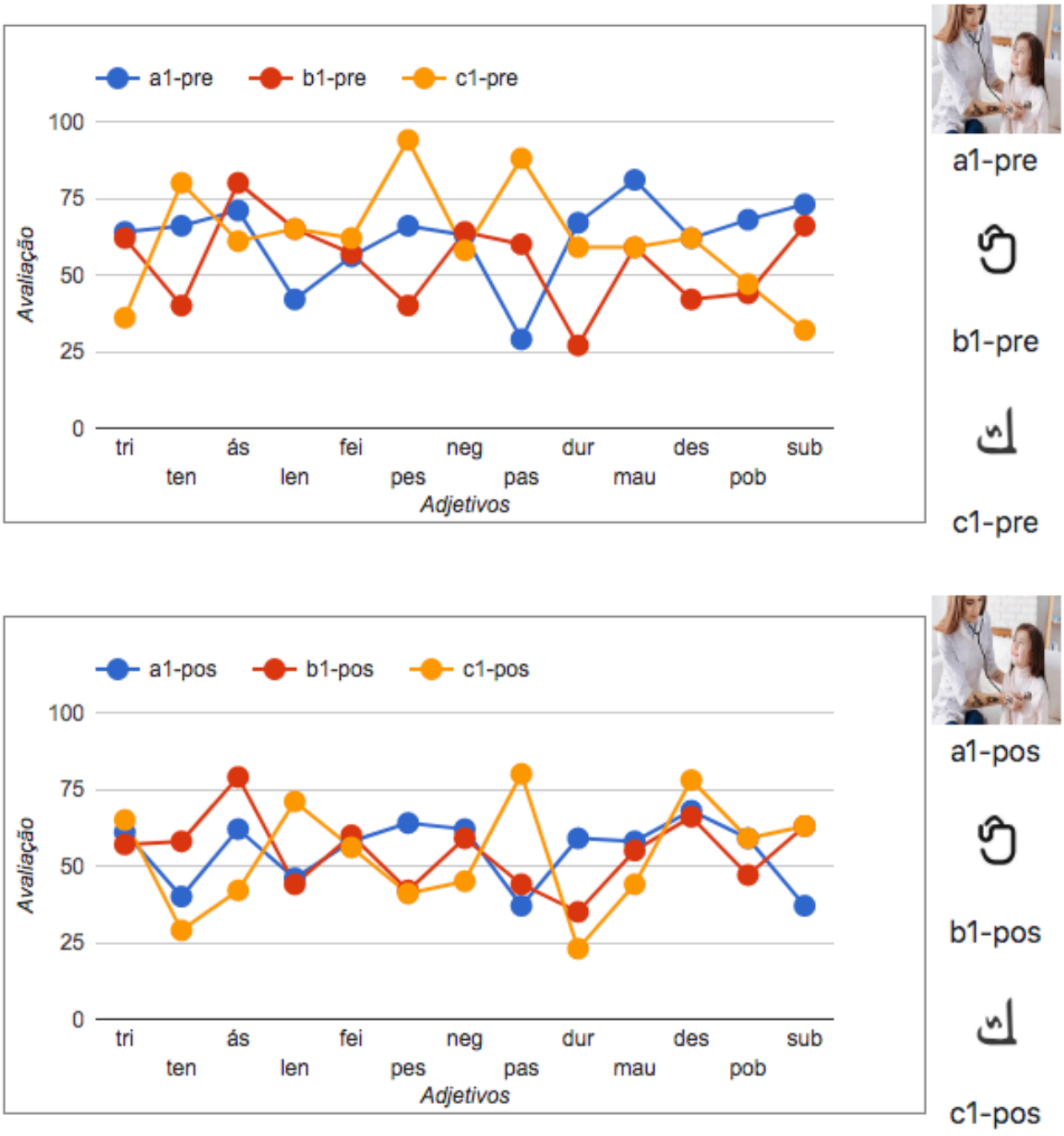
Em relação a quantidade de acertos, P2 atingiu 100% de acerto em relação a maioria das relações testadas, exceto na relação AB e na relação CB acertando apenas 80%, não atingindo o critério de formação de classes que é de no mínimo 90% de acerto. Ao analisarmos P2 e P3, houve acerto em todas as relações, atingindo o critério que é acima de 80%.

A seguir, examinaremos em mais detalhes as avaliações nas Escalas de Diferencial Semântico no Pré-teste e Pós-teste para cada participante.

Participante 1

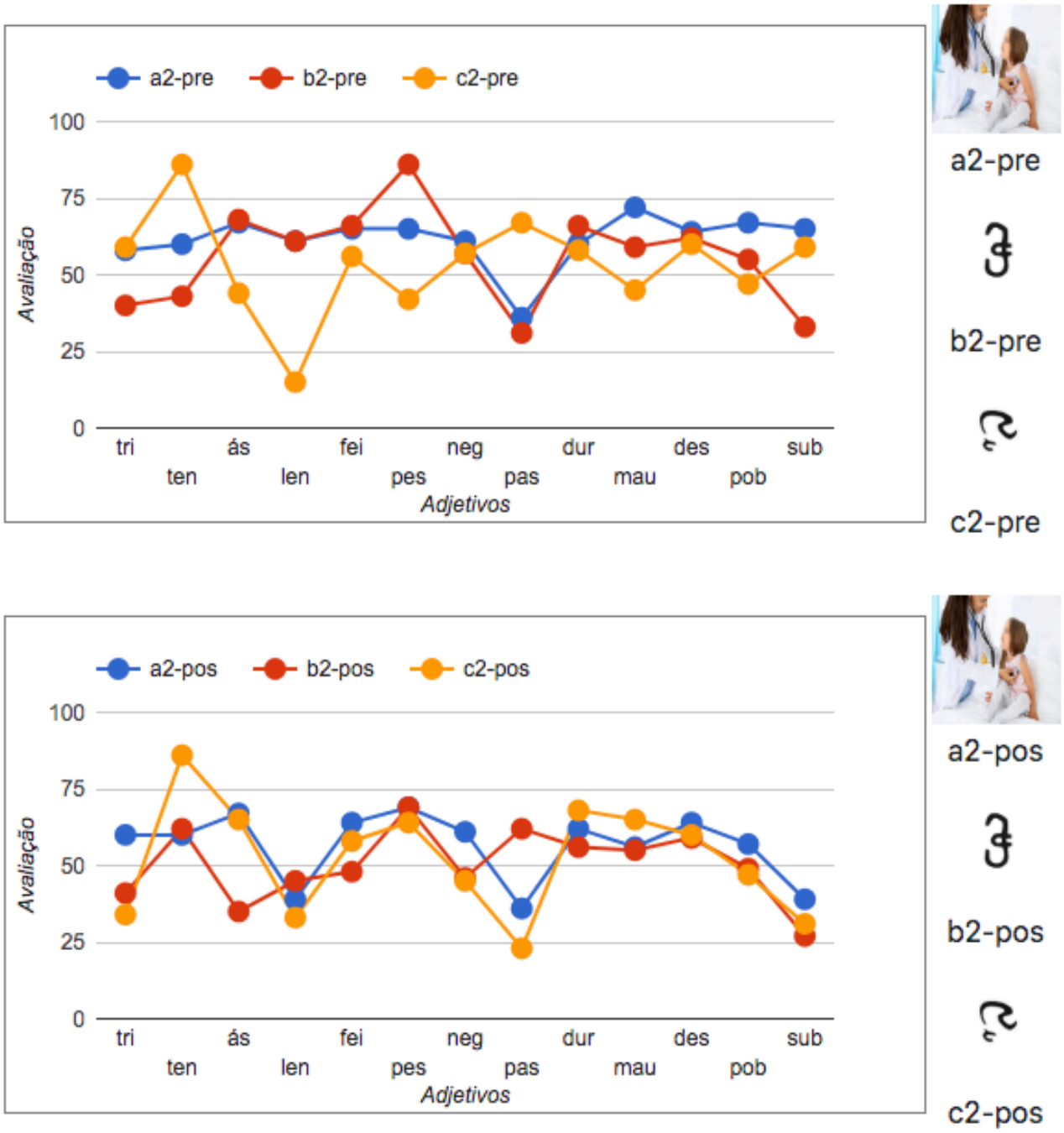
A Figura 4 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). No Pré-Teste, a avaliação de A1 obteve uma predominância de avaliações positivas. Já o estímulo B1 recebeu avaliações próximas à neutralidade, assim como C1. No Pós-Teste, A1 manteve sua avaliação, de modo geral, com uma discreta aproximação das avaliações de B1 e C1.

Figura 4. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 pelo Participante 1 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



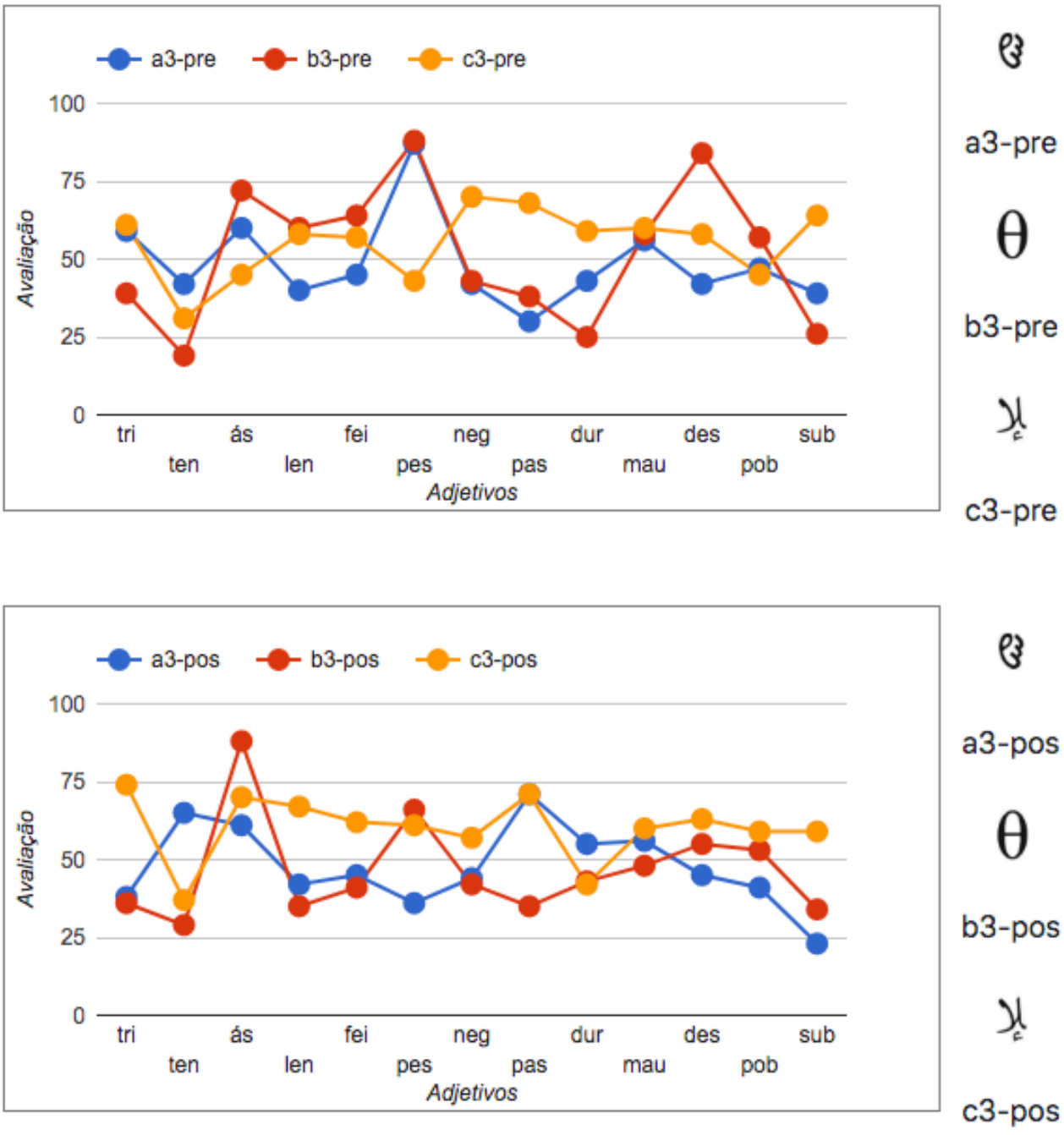
A Figura 5 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). No Pré-Teste, as avaliações de A2 foram, em sua maioria, positivas. As avaliações dos estímulos B2 e C2, variadas. No Pós-Teste, A2 manteve sua avaliação, que foi acompanhada pelas avaliações de B2 e C2. Observa-se a sobreposição ou aproximação dos três estímulos em alguns pontos.

Figura 5. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 pelo Participante 1 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



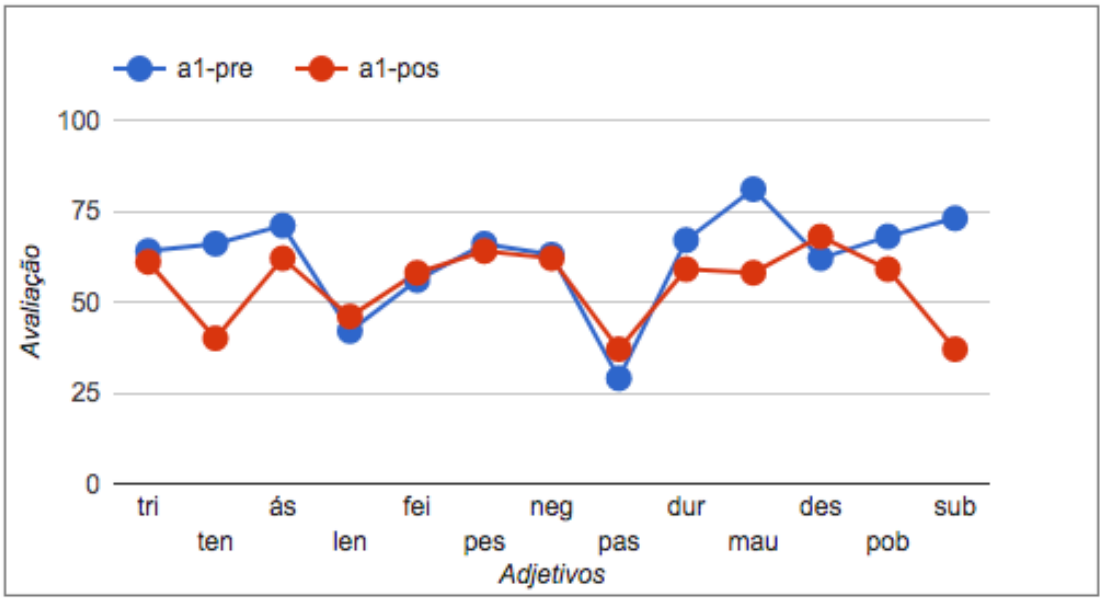
A Figura 6 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). No Pré-Teste, os três estímulos receberam avaliações variadas. No Pós-Teste, A3 manteve a tendência de sua avaliação enquanto observa-se uma aproximação de pontos entre os três estímulos.

Figura 6. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 pelo Participante 1 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



A Figura 7 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que, apesar de discretamente, as avaliações dos estímulos abstratos (B1 e C1) sofreram um aumento, assemelhando-se ao estímulo A1, de significado social. Percebe-se que a avaliação de A1 manteve-se quase inalterada entre as duas fases do experimento.

Figura 7. Avaliação do estímulo A1, B1 e C1 pelo Participante 1 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

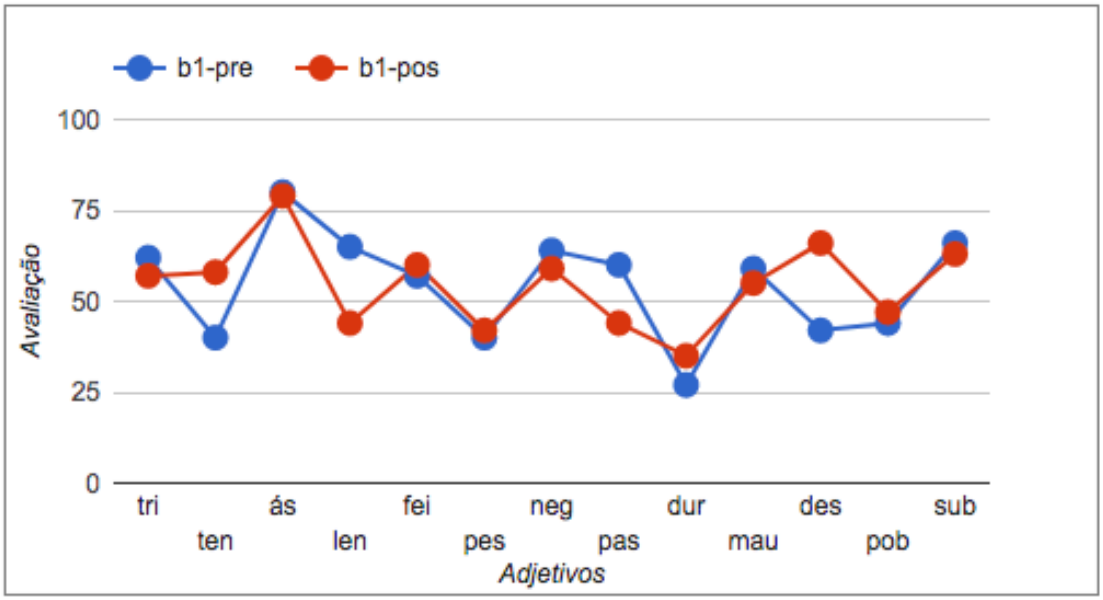




a1-pre

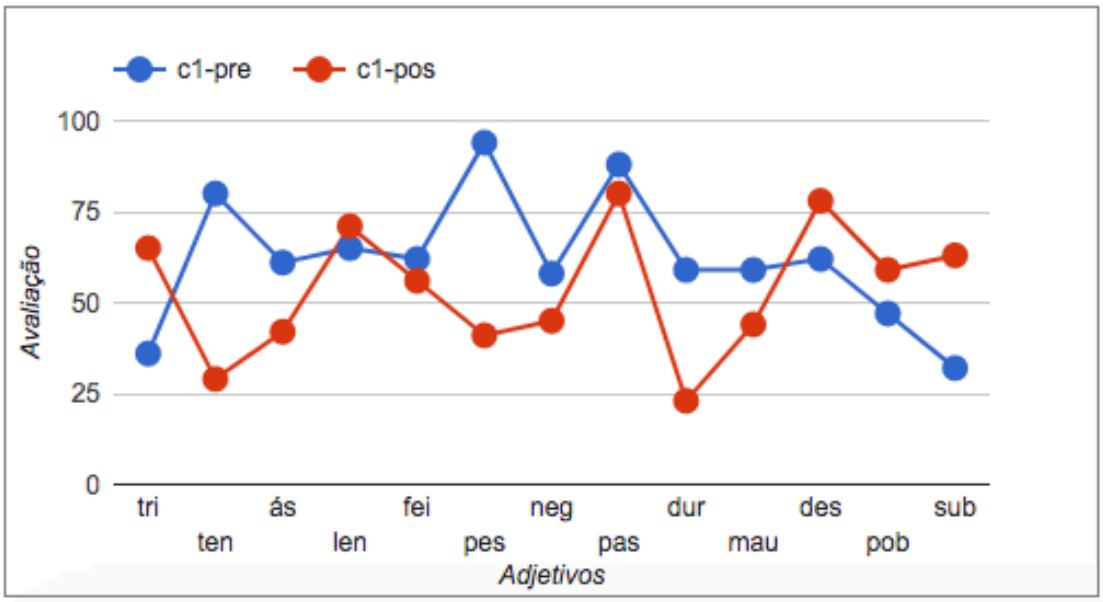


a1-pos



b1-pre

b1-pos

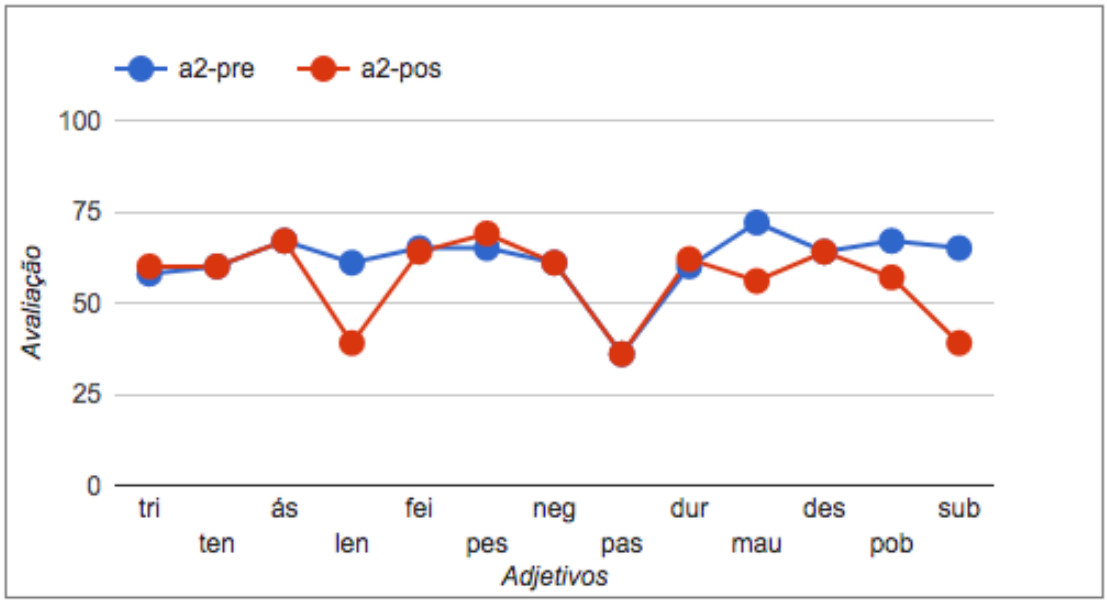


c1-pre

c1-pos

A Figura 8 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que, apesar de discretamente, as avaliações dos estímulos abstratos (B2 e C2) sofreram um aumento, assemelhando-se ao estímulo A2, de significado social. Percebe-se que a avaliação de A2 manteve-se quase inalterada entre as duas fases do experimento.

Figura 8. Avaliação do estímulo A2, B2 e C2 pelo Participante 1 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

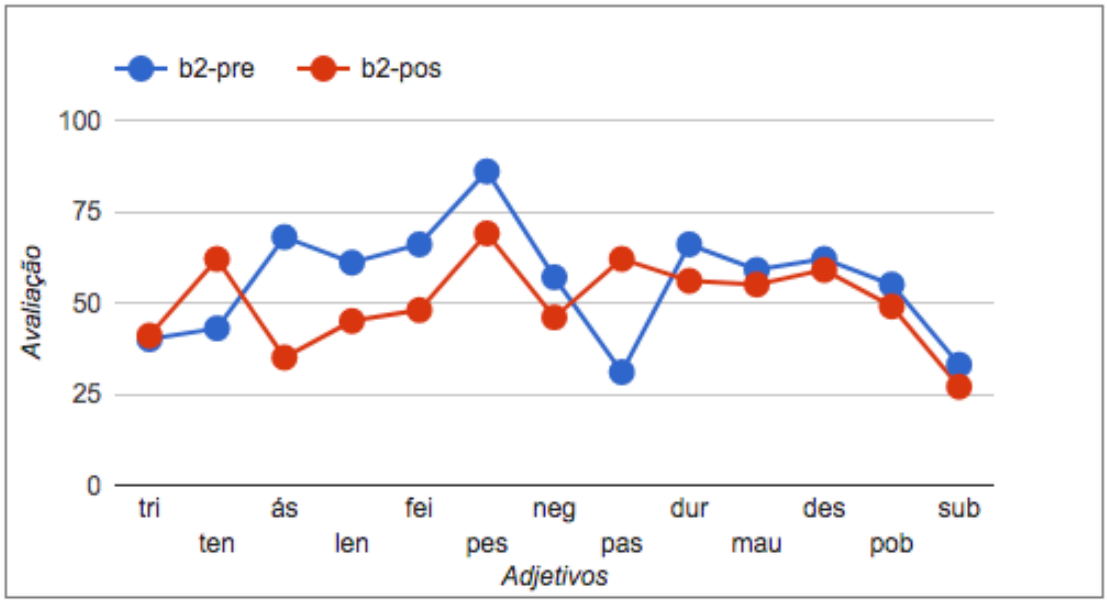




a2-pre



a2-pos

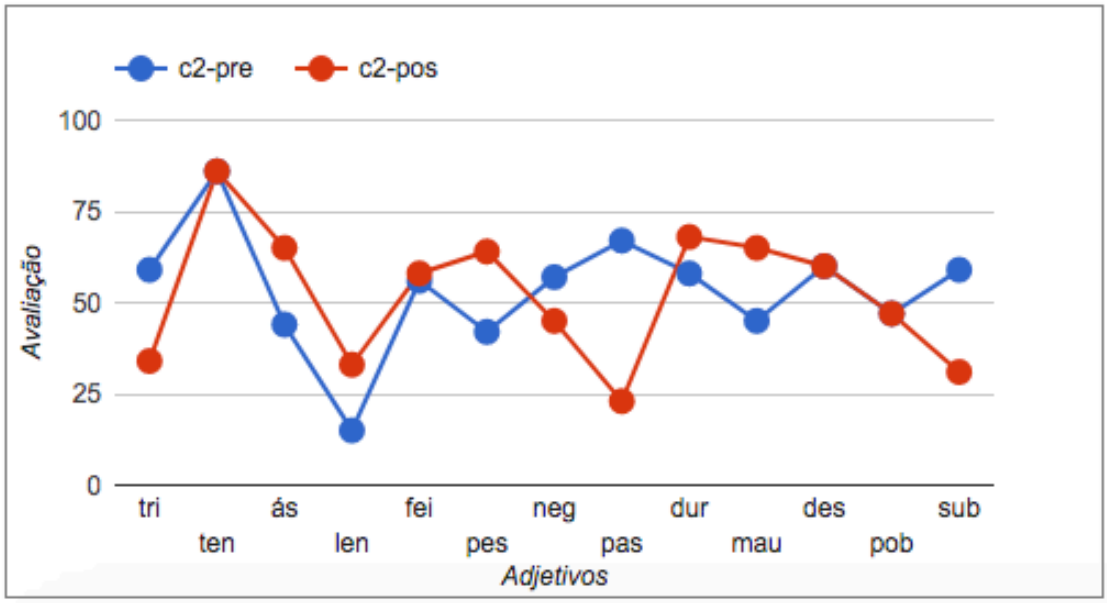




b2-pre



b2-pos





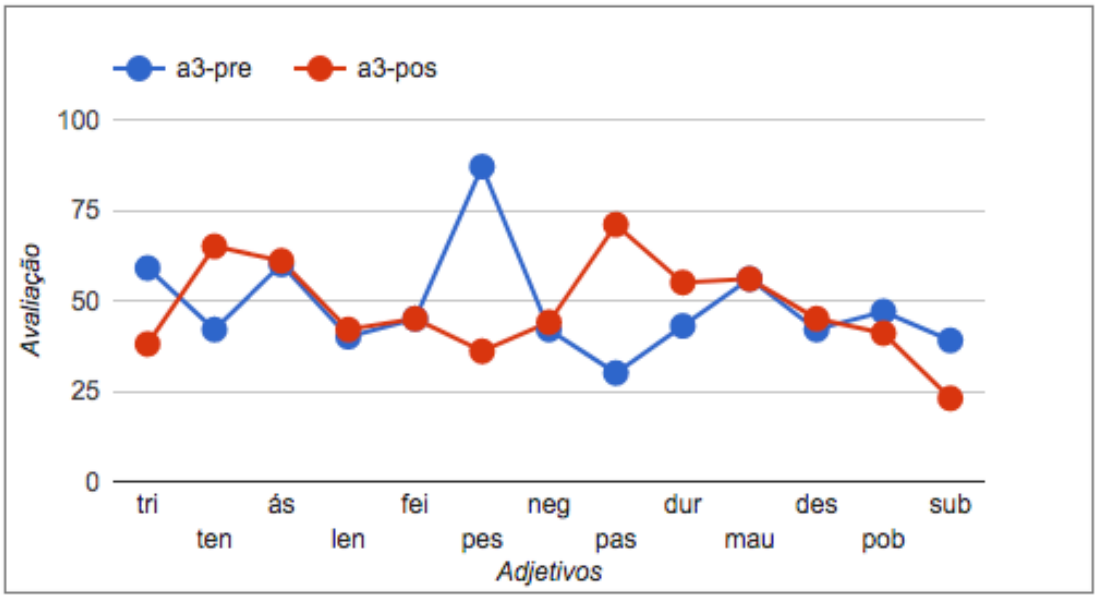
c2-pre

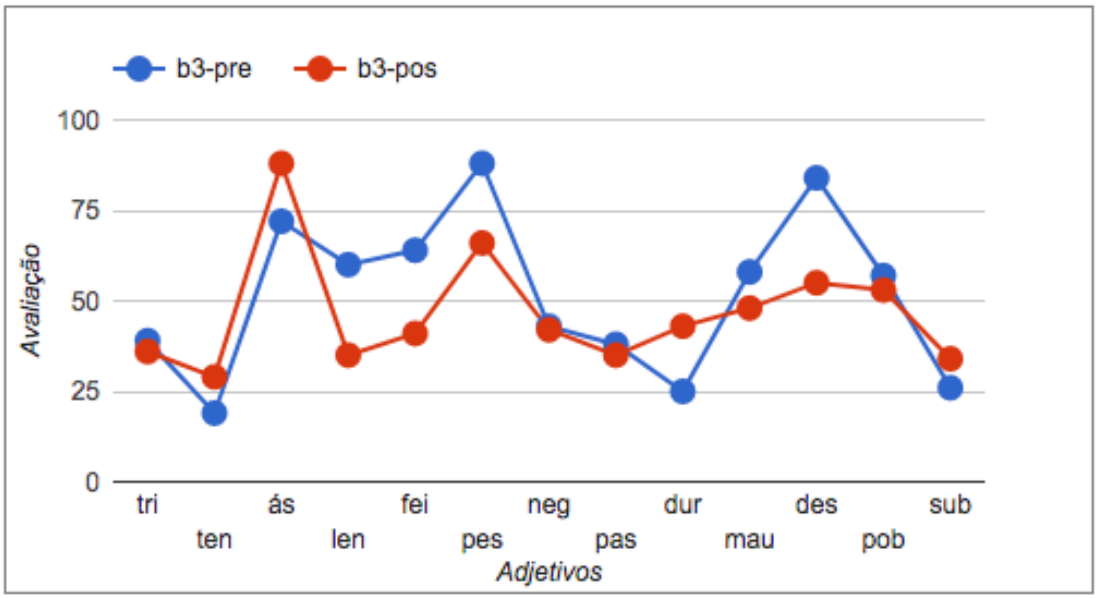


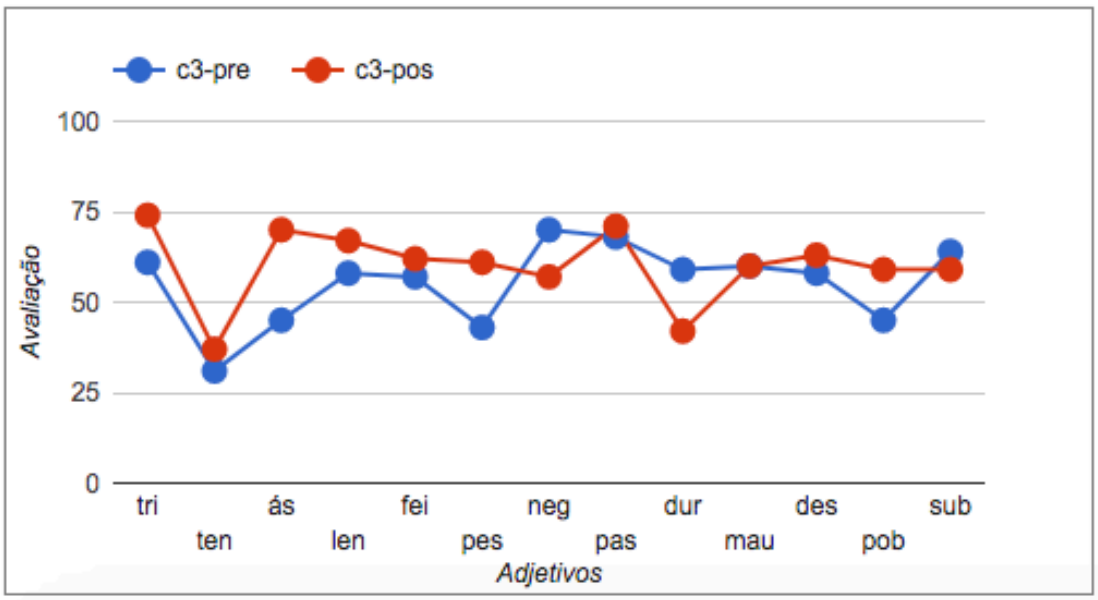
c2-pos

A Figura 9 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que, apesar de discretamente, as avaliações dos estímulos abstratos (B3 e C3) sofreram um aumento, assemelhando-se ao estímulo A3, de significado social. Percebe-se que a avaliação de A2 manteve-se quase inalterada entre as duas fases do experimento.

Figura 9. Avaliação do estímulo A3, B3 e C3 pelo Participante 1 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.


a3-pre
a3-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri
ten
ás
len
fei
pes
neg
pas
dur
mau
des
pob
sub
Adjetivos


b3-pre
b3-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri
ten
ás
len
fei
pes
neg
pas
dur
mau
des
pob
sub
Adjetivos


c3-pre
c3-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri
ten
ás
len
fei
pes
neg
pas
dur
mau
des
pob
sub
Adjetivos

As figuras a seguir apresentam os graus de equivalência entre os estímulos no Pré-Teste e Pós-Teste. Para exemplificação, observa-se que o estímulo A1 e o estímulo B1 possuíam um grau de equivalência de 82% no Pré-Teste.

Figura 10. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 1 no Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	94	83	82	86	77	80	82	83
a2	94	100	83	85	90	82	84	83	87
a3	83	83	100	84	89	85	82	80	82
b1	82	85	84	100	82	81	79	83	91
b2	86	90	89	82	100	90	89	78	84
b3	77	82	85	81	90	100	83	72	78
c1	80	84	82	79	89	83	100	83	83
c2	82	83	80	83	78	72	83	100	89
c3	83	87	82	91	84	78	83	89	100

Após a fase de emparelhamento de estímulos, observa-se que os estímulos A1 e B1 passaram a ter um grau de equivalência de 89%, o que demonstra a formação de classe de equivalência e transferência de função do A1 (com significado social) ao B1 (abstrato).

Figura 11. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 1 no Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	95	84	89	88	88	82	88	89
a2	95	100	85	90	89	87	78	89	87
a3	84	85	100	85	92	85	79	86	81
b1	89	90	85	100	85	85	84	83	88
b2	88	89	92	85	100	86	80	88	83
b3	88	87	85	85	86	100	78	87	83
c1	82	78	79	84	80	78	100	72	88
c2	88	89	86	83	88	87	72	100	79
c3	89	87	81	88	83	83	88	79	100

Na figura abaixo, observa-se que há uma variação nas avaliações do mesmo estímulo entre as duas fases do experimento. Toma-se como exemplo o estímulo A1, que tem uma equivalência de 88% entre a primeira avaliação (Pré-teste) e a segunda avaliação (Pós-teste).

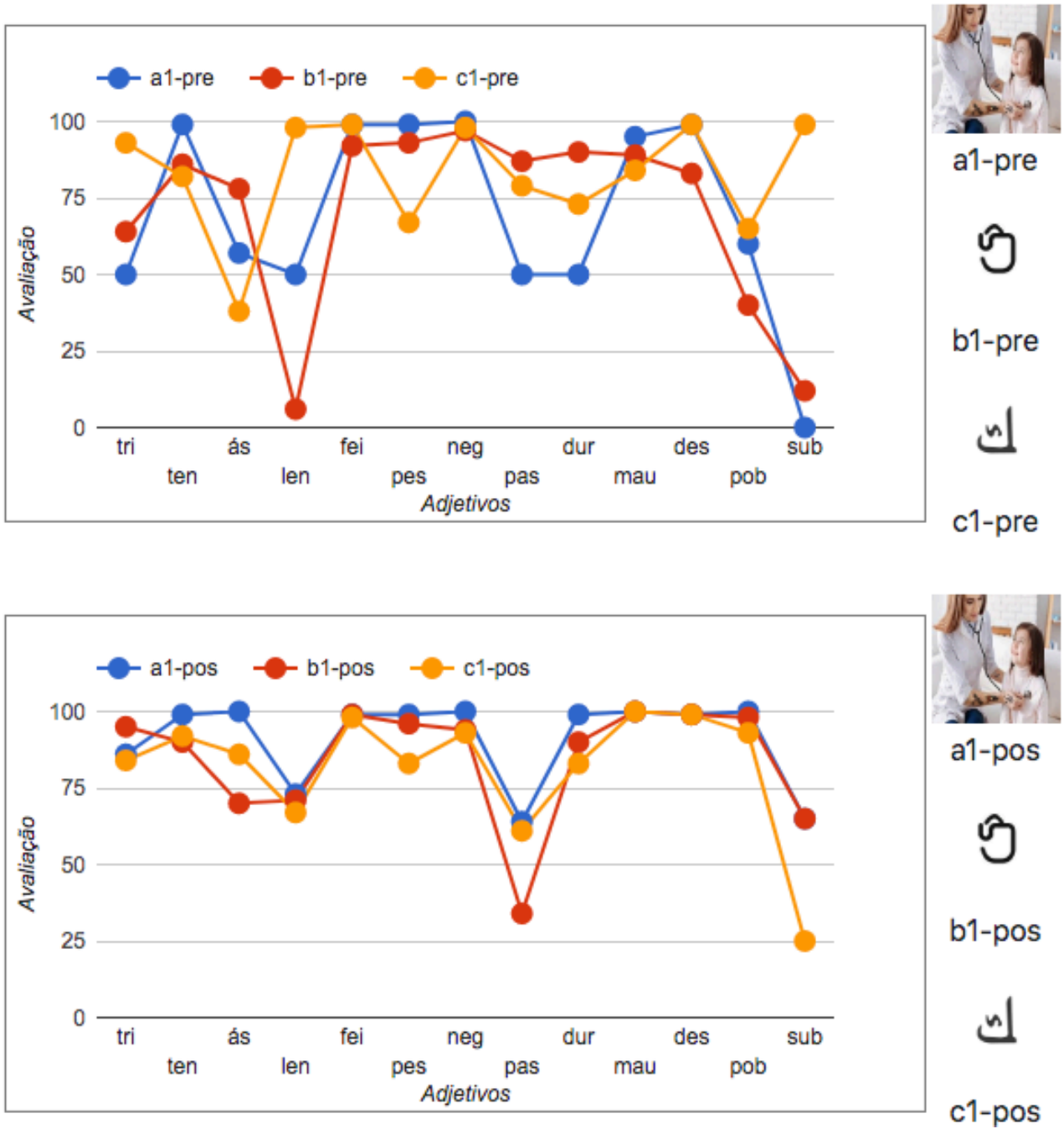
Figura 12. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 1 entre Pré-Teste e Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	89	91	79	87	82	81	76	87	85
a2	92	94	80	90	84	82	80	85	89
a3	90	89	86	85	87	90	78	86	84
b1	85	83	83	91	80	81	87	77	90
b2	92	92	82	84	87	87	77	88	87
b3	86	85	79	82	83	87	82	81	84
c1	85	86	86	81	87	79	77	87	85
c2	84	85	85	87	86	78	83	84	83
c3	88	85	84	88	85	80	89	79	90

Participante 2

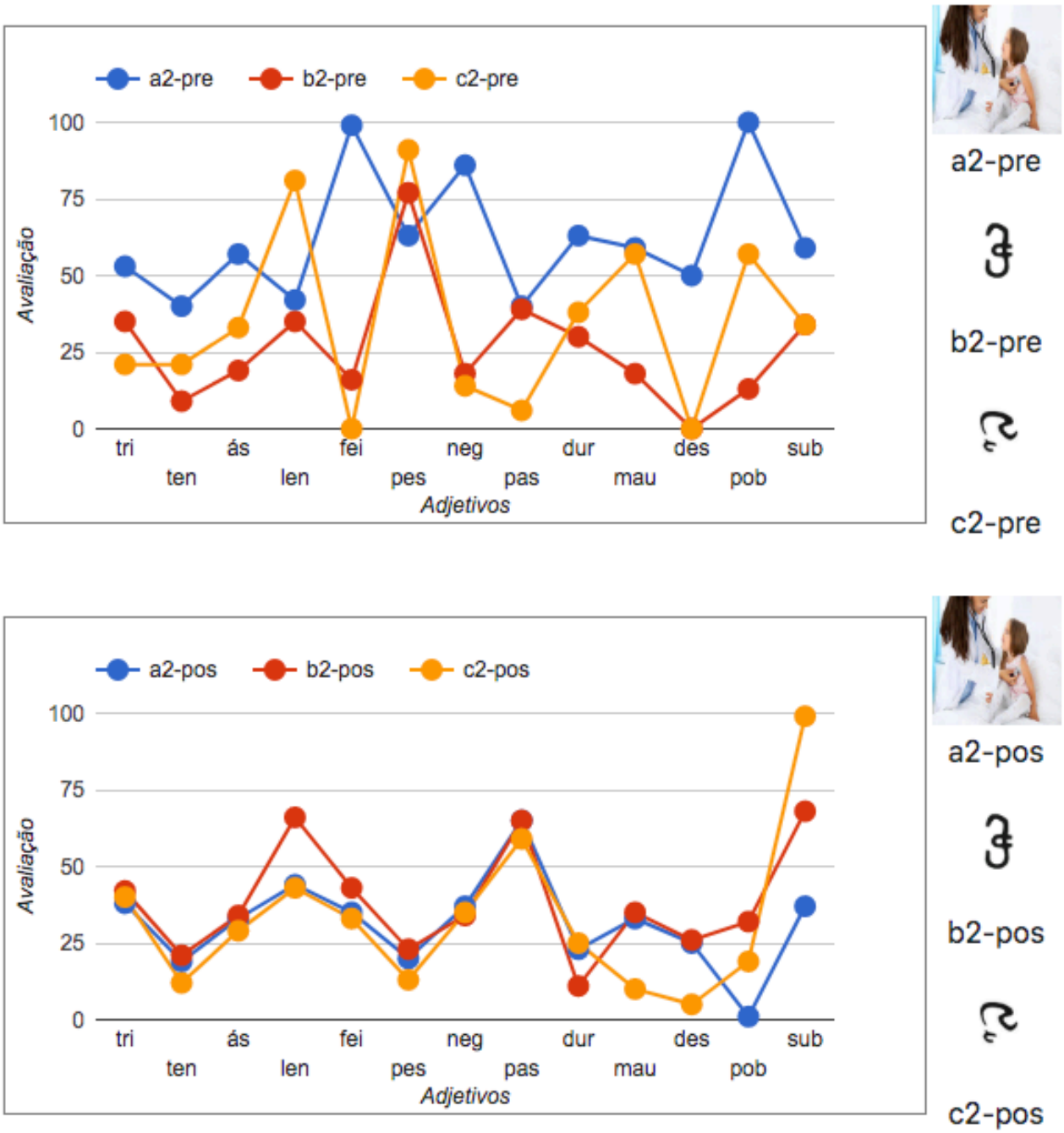
A Figura 13 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). No Pré-Teste, os três estímulos obtiveram uma avaliação predominantemente positiva. No Pós-Teste, é possível observar uma aproximação entre as avaliações de todos os estímulos, com a sobreposição das linhas em diversos pontos.

Figura 13. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 pelo Participante 2 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



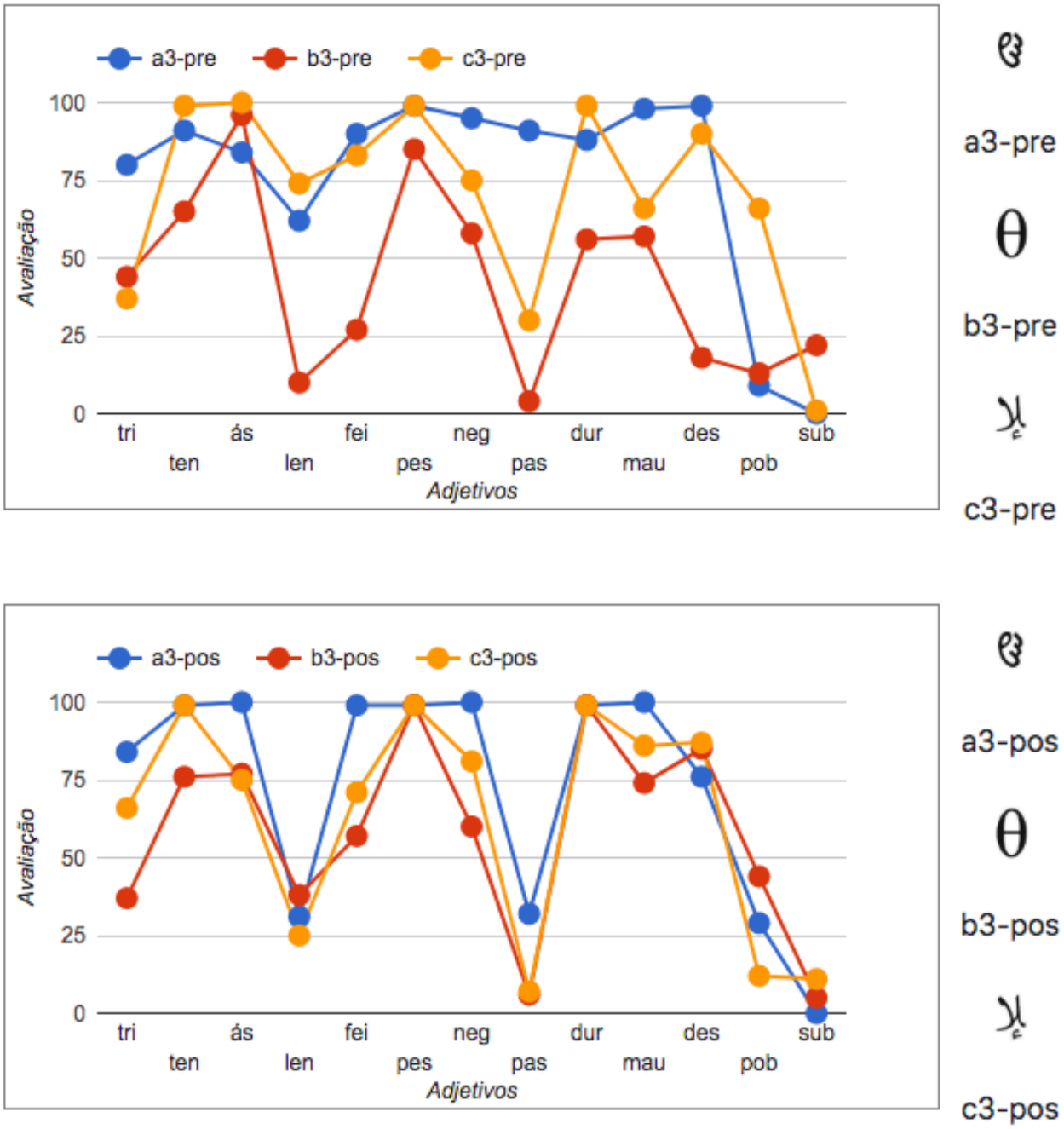
A Figura 14 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). No Pré-Teste, a avaliação de A2 foi predominantemente positiva. Já os estímulos B2 e C2 receberam avaliações bem variadas, porém com uma tendência negativa. No Pós-Teste, há uma aproximação dos estímulos, com sobreposição das linhas em diversos pontos. Interessante observar, porém, que A2 teve sua avaliação significativamente reduzida.

Figura 14. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 pelo Participante 2 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



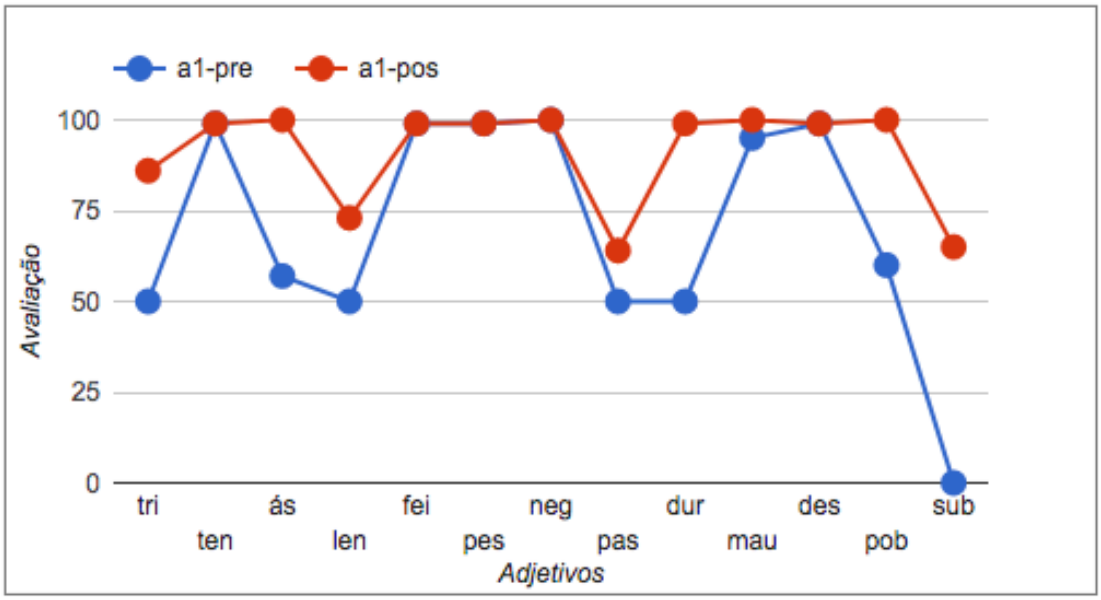
A Figura 15 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Observa-se que, no Pré-Teste, a avaliação de A3 foi positiva. Já os estímulos B3 e C3 foram avaliados, inicialmente, de maneira muito variada. No Pós-Teste, A3 manteve sua avaliação positiva, enquanto B3 e C3 foram avaliados de maneira variada, com a aproximação de alguns pontos com relação ao estímulo A3.

Figura 15. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 pelo Participante 2 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



A Figura 16 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Percebe-se que as avaliações dos estímulos não variaram de forma drástica, porém a tendência da avaliação no Pós-teste é semelhante entre os três estímulos.

Figura 16. Avaliação do estímulo A1, B1 e C1 pelo Participante 2 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

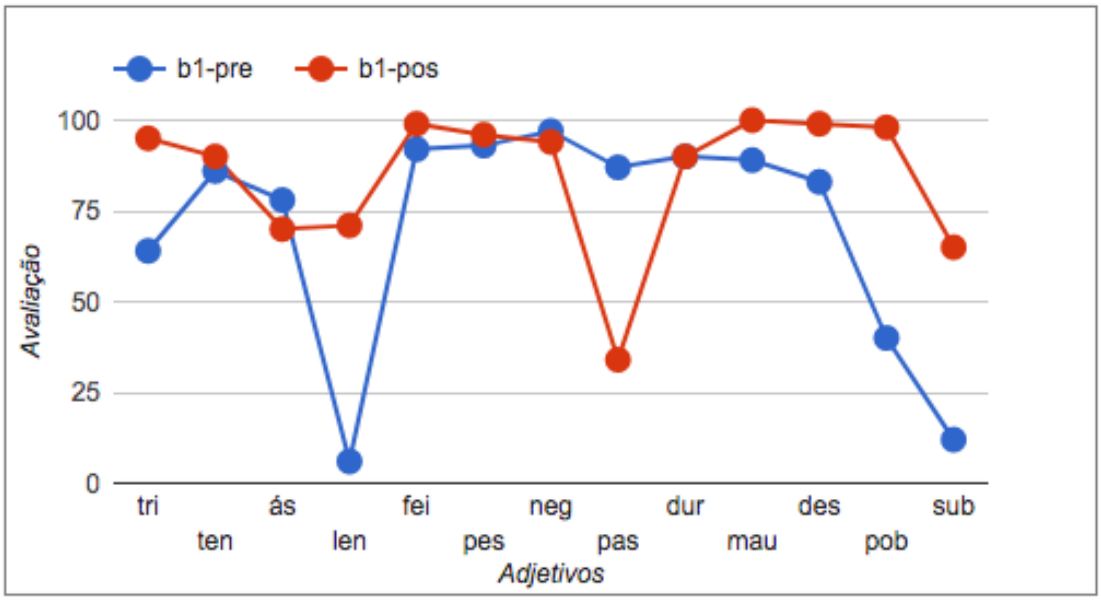




a1-pre



a1-pos

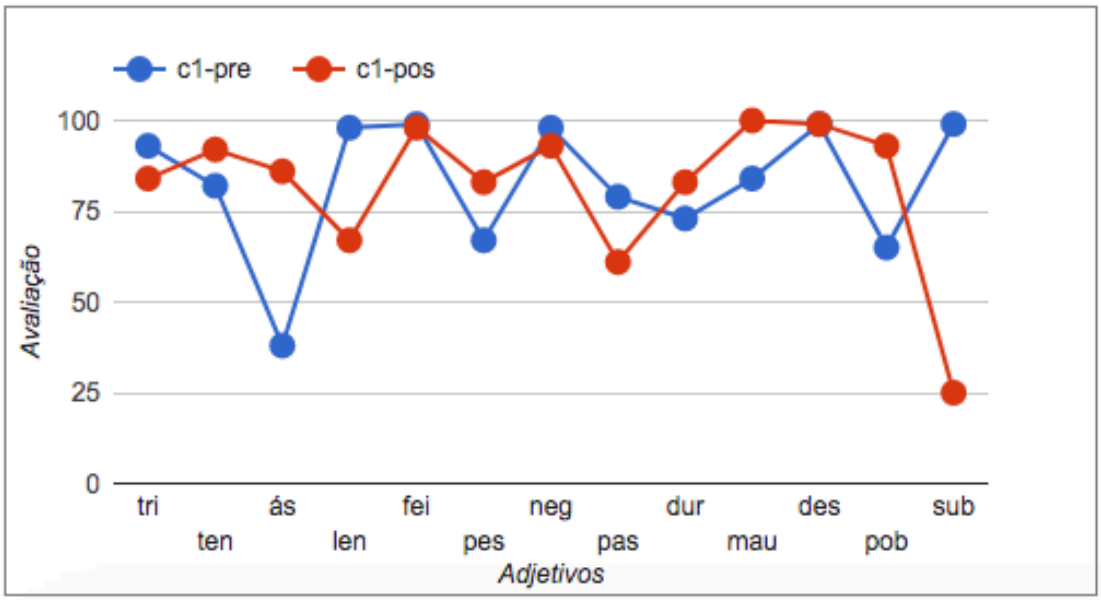




b1-pre



b1-pos





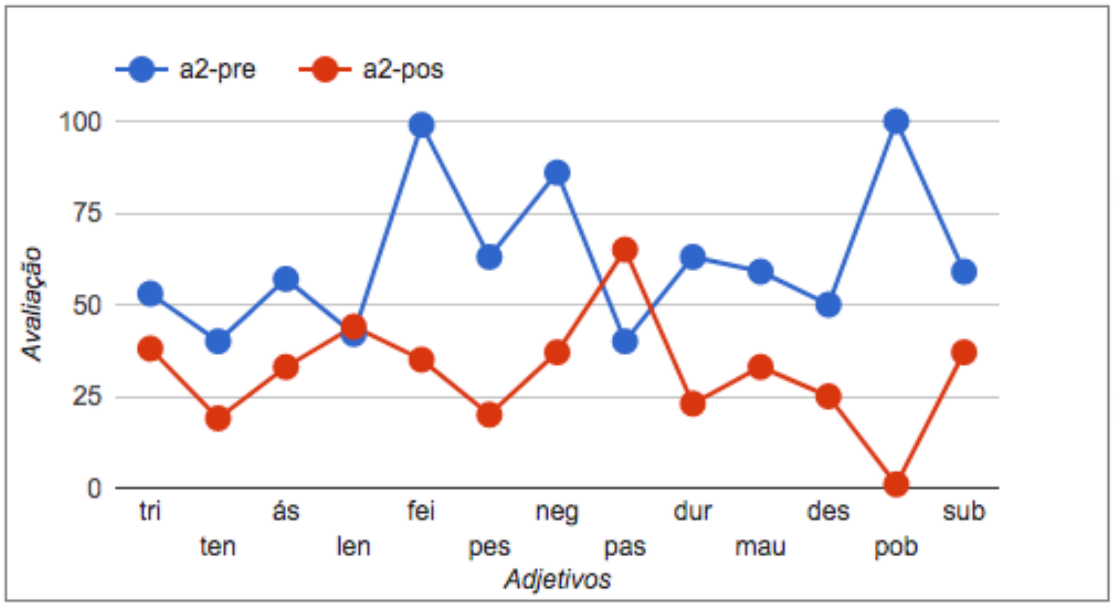
c1-pre



c1-pos

A Figura 17 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que há uma redução da avaliação geral do estímulo A2 na segunda fase do experimento. O estímulo B2 teve um aumento da avaliação na maioria dos pontos, enquanto o C2 manteve uma avaliação diversa. Neste caso, haverá um aumento do GE entre o estímulo modelo e o pareado, porém o movimento de queda de avaliação de A2 não possui uma causa aparente.

Figura 17. Avaliação do estímulo A2, B2 e C2 pelo Participante 2 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

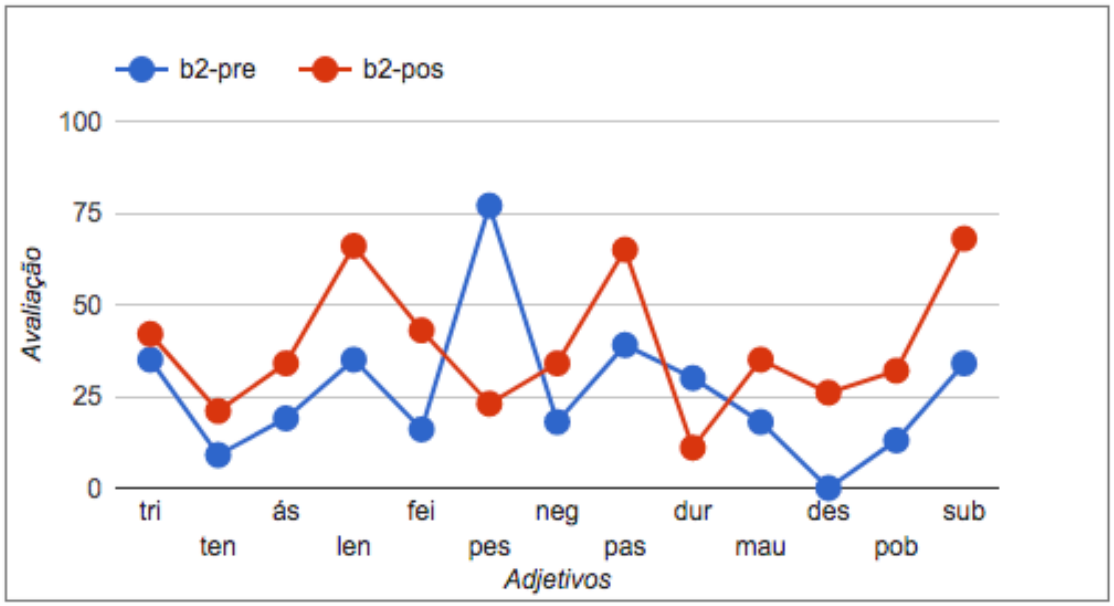




a2-pre



a2-pos

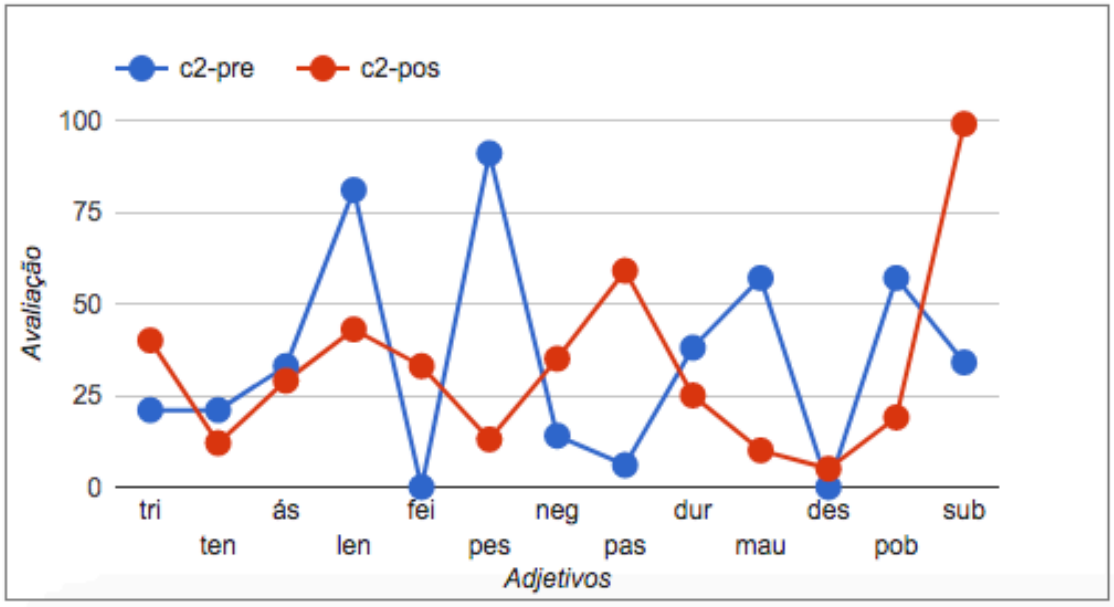


ʤ

b2-pre

ʤ

b2-pos



ʧ

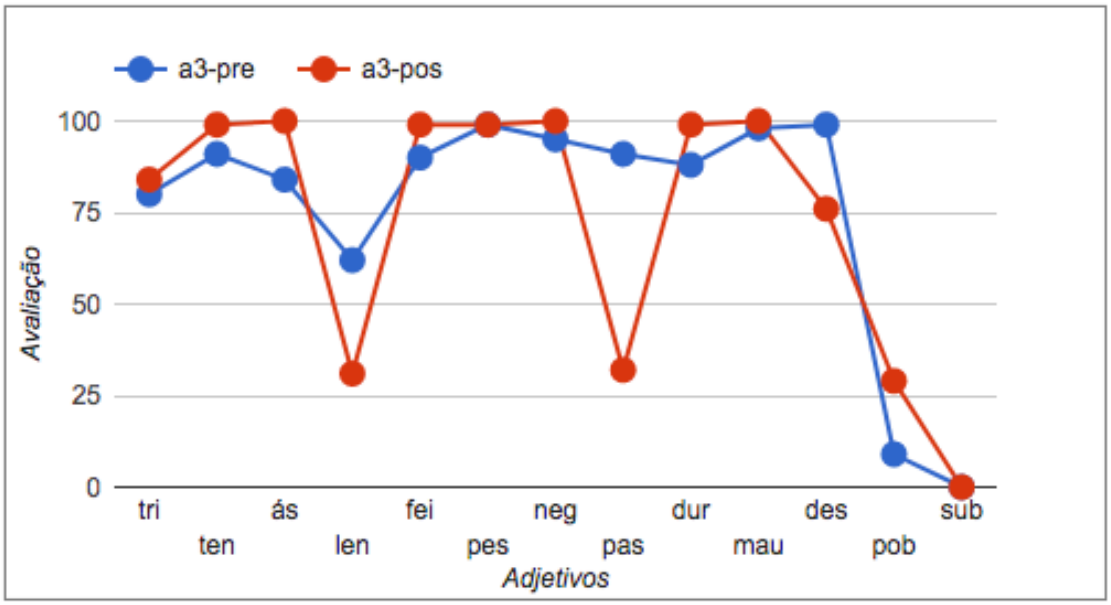
c2-pre

ʧ

c2-pos

A Figura 18 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Observa-se que o estímulo A3 manteve sua avaliação nas duas fases do experimento. Com relação aos estímulos B3 e C3, não há mudança significativa entre as duas fases do experimento.

Figura 18. Avaliação do estímulo A3, B3 e C3 pelo Participante 2 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

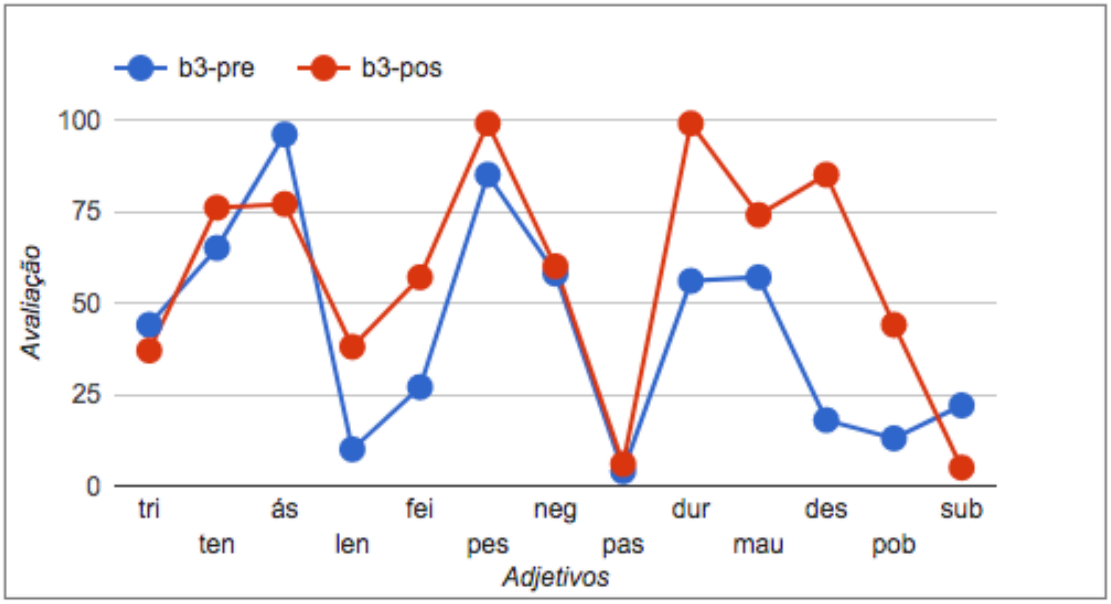


ﻉ

a3-pre

ﻉ

a3-pos

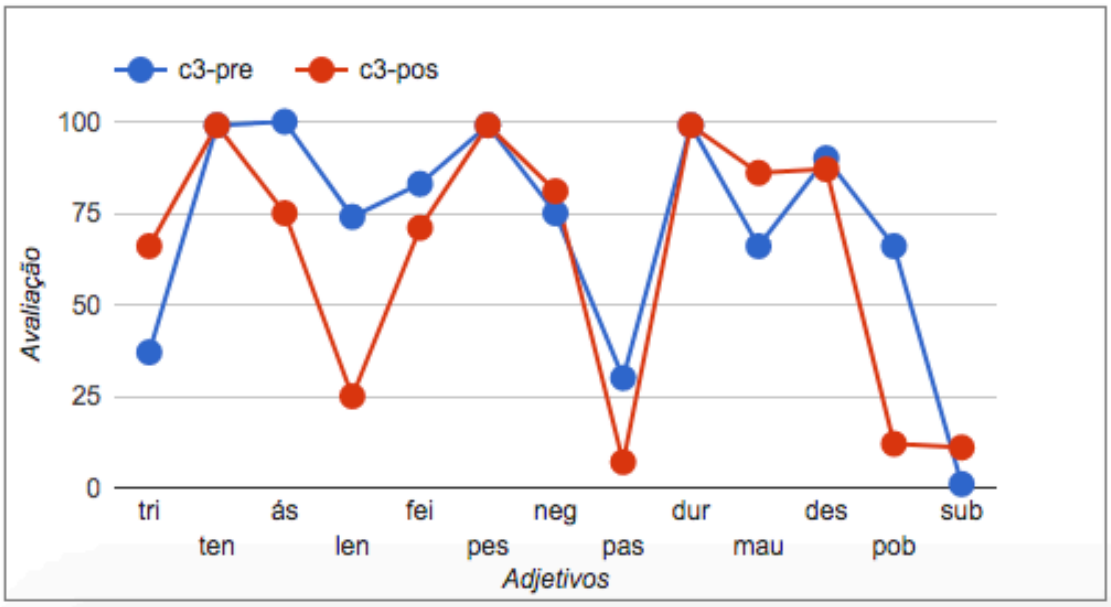


θ

b3-pre

θ

b3-pos



ﻊ

c3-pre

ﻊ

c3-pos

A figura abaixo apresenta o grau de equivalência entre os estímulos no Pré-Teste. Como exemplo, observa-se a equivalência entre os estímulos A2 e B2 que, inicialmente, possuíam 62% de equivalência.

Figura 19. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 2 no Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	75	83	82	51	63	75	55	82
a2	75	100	62	69	62	67	71	62	69
a3	83	62	100	87	45	61	74	43	79
b1	82	69	87	100	48	67	73	47	77
b2	51	62	45	48	100	73	42	81	49
b3	63	67	61	67	73	100	48	71	68
c1	75	71	74	73	42	48	100	49	67
c2	55	62	43	47	81	71	49	100	58
c3	82	69	79	77	49	68	67	58	100

Na figura abaixo, observa-se a modificação no grau de equivalência após o emparelhamento dos estímulos entre os estímulos A2 e B2, que passou a ser de 91%, o que demonstra a formação de classe de equivalência e transferência de função do estímulo com significado social ao abstrato. Nesse caso, entretanto, o estímulo modelo teve sua avaliação mais alterada do que o pareado. Esse fato merece maior investigação em estudos futuros.

Figura 20. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 2 no Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	40	82	92	47	67	91	36	72
a2	40	100	46	42	91	58	47	88	53
a3	82	46	100	79	44	80	82	38	87
b1	92	42	79	100	49	71	90	39	74
b2	47	91	44	49	100	56	49	87	48
b3	67	58	80	71	56	100	71	50	88
c1	91	47	82	90	49	71	100	39	75
c2	36	88	38	39	87	50	39	100	44
c3	72	53	87	74	48	88	75	44	100

Na figura abaixo, observa-se o grau de equivalência dos estímulos entre as duas fases do experimento, Pré-teste e Pós-teste. É possível notar que ao comparar a avaliação de A1 na primeira fase com o próprio A1 na segunda fase, não obteve-se 100% de equivalência. Esse fato demonstra uma variação

na avaliação do estímulo, após o emparelhamento com os estímulos, em tese, sem significado pré-experimental. Esse fato merece investigação em estudos posteriores.

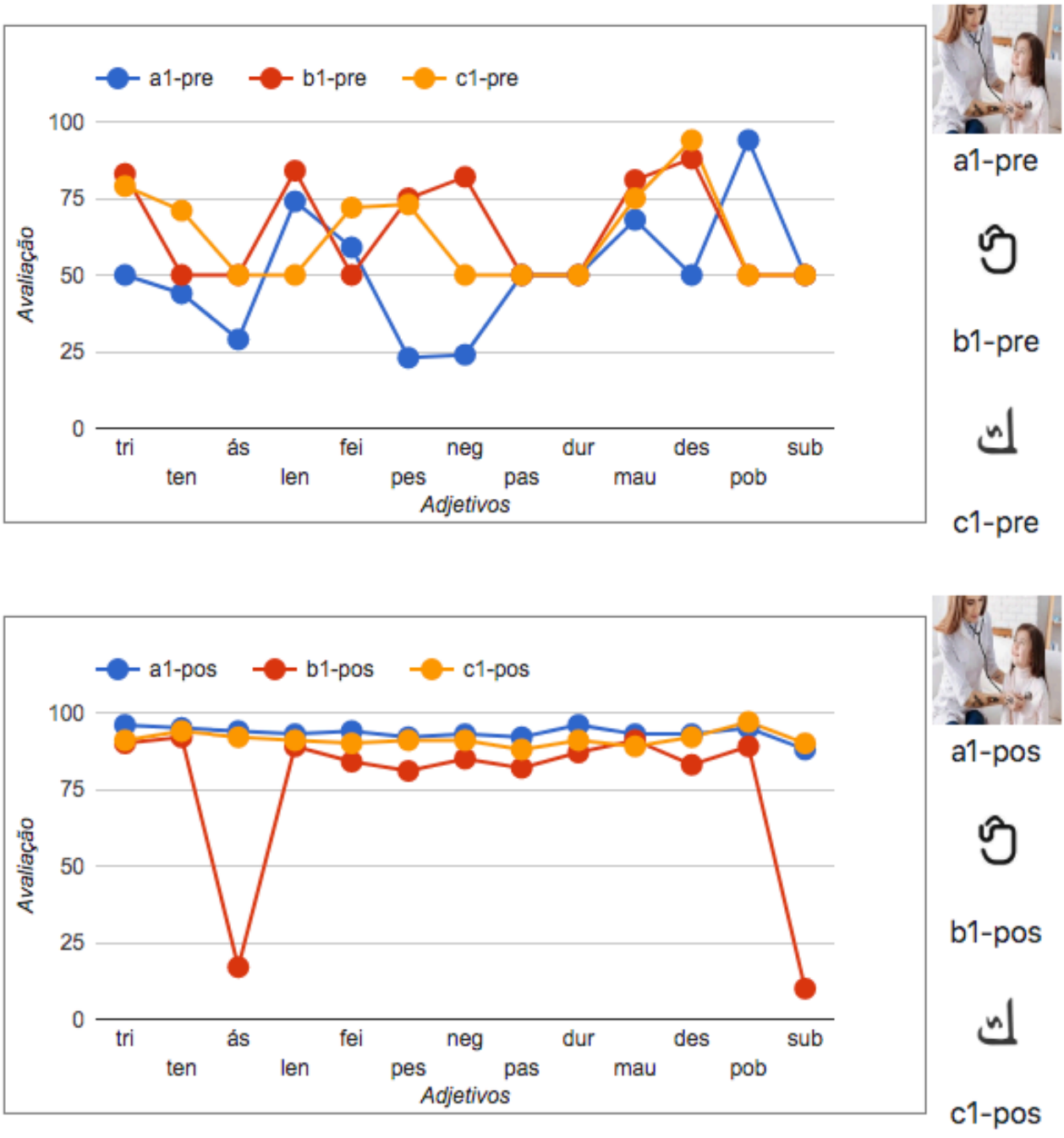
Figura 21.Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 2 entre Pré-Teste e Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	79	54	83	80	53	77	83	46	79
a2	71	65	67	76	67	68	74	61	66
a3	81	50	86	79	48	75	86	40	82
b1	76	51	85	76	50	80	81	43	84
b2	35	83	47	41	77	59	43	82	53
b3	52	70	66	54	64	78	59	63	75
c1	79	49	66	81	56	61	80	50	63
c2	43	72	45	49	72	64	48	67	53
c3	80	50	83	78	51	86	80	42	82

Participante 3

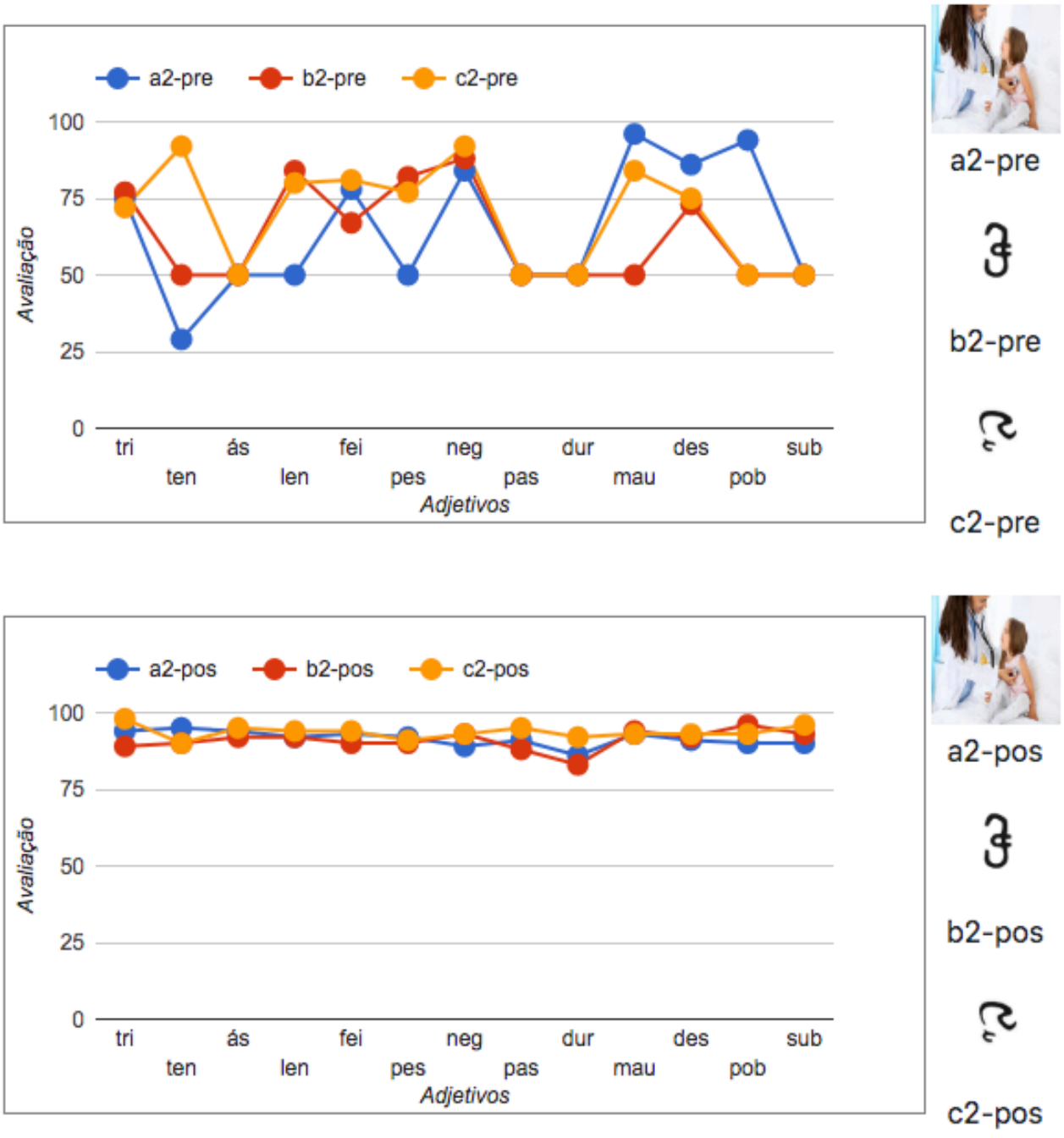
A Figura 22 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). No Pré-Teste, as avaliações dos três estímulos foram variadas. No Pós-Teste, observa-se uma aproximação das avaliações dos três estímulos em alguns pontos, com a sobreposição das linhas em diversos pares de adjetivos.

Figura 22. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



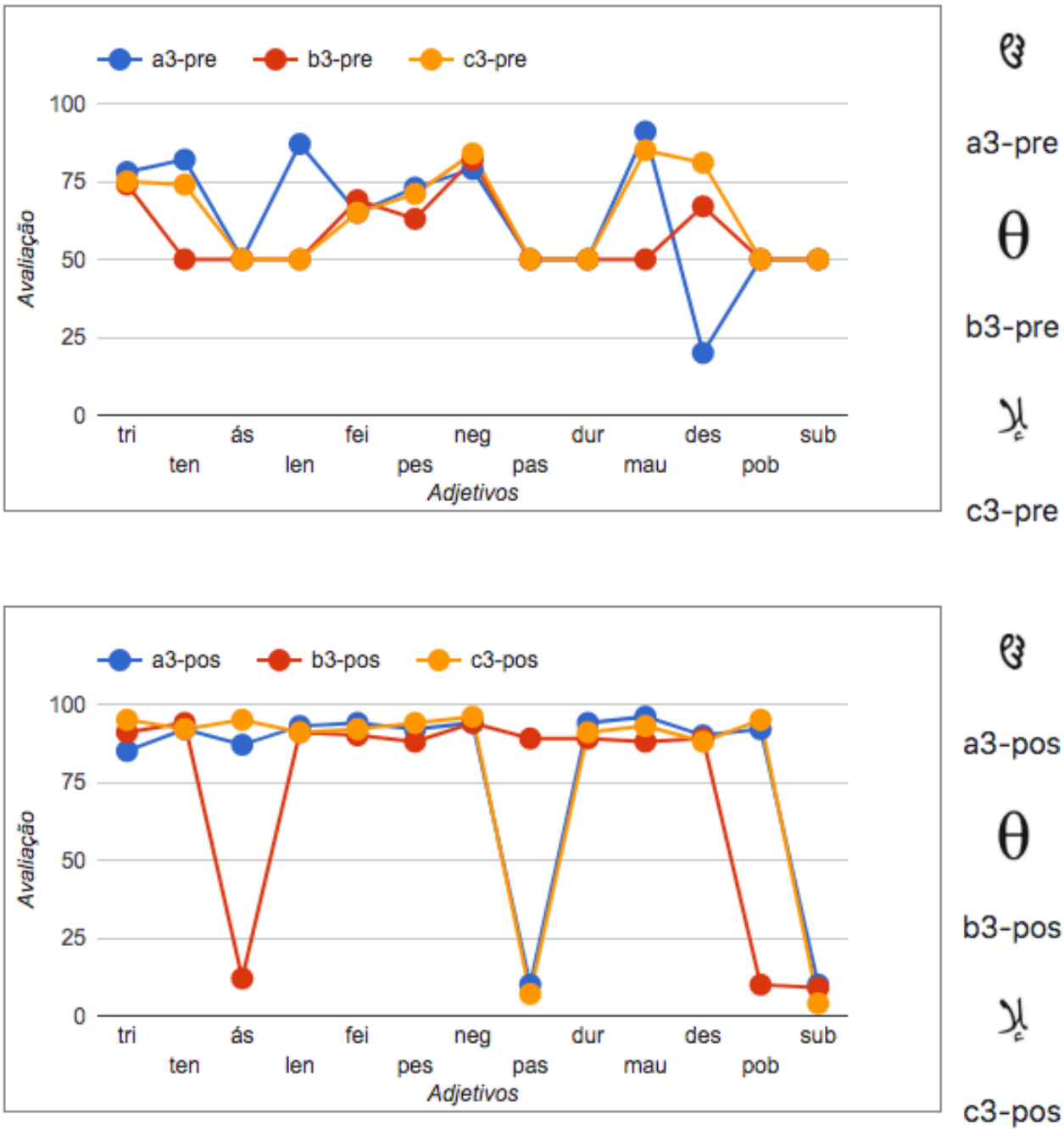
A Figura 23 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). Observa-se que a avaliação inicial do A2 foi extremamente variada, assim como as dos estímulos B2 e C2. No Pós-Teste, da mesma forma que o conjunto de estímulos da classe anterior, há uma aproximação e sobreposição das linhas em diversos pontos.

Figura 23. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



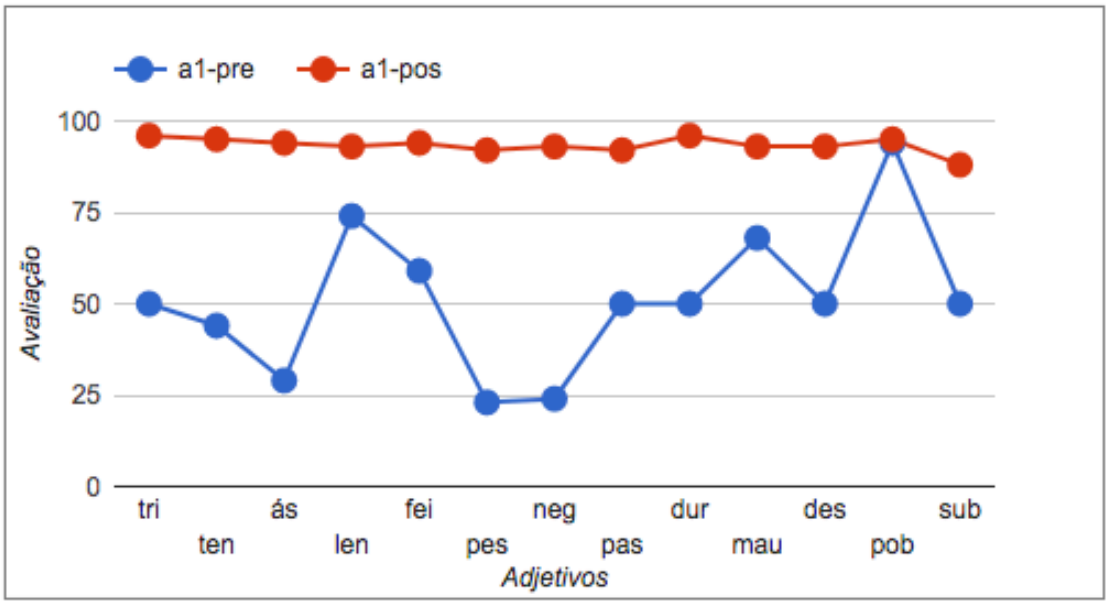
A Figura 24 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Observa-se que a avaliação inicial do A3 foi extremamente variada, assim como as dos estímulos B3 e C3. No Pós-Teste, da mesma forma que o conjunto de estímulos da classe anterior, há uma aproximação e sobreposição das linhas em diversos pontos.

Figura 24. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



A Figura 25 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Percebe-se que as avaliações iniciais foram distintas, mas que os estímulos foram avaliados de maneira semelhante após o emparelhamento, com uma elevação da avaliação dos três estímulos.

Figura 25. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

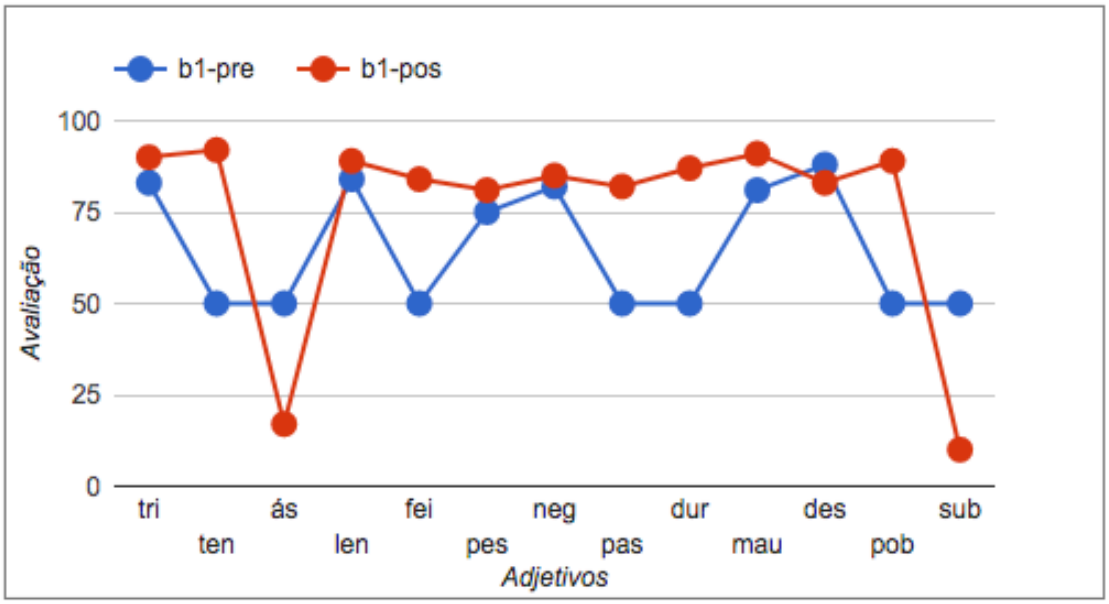




a1-pre



a1-pos

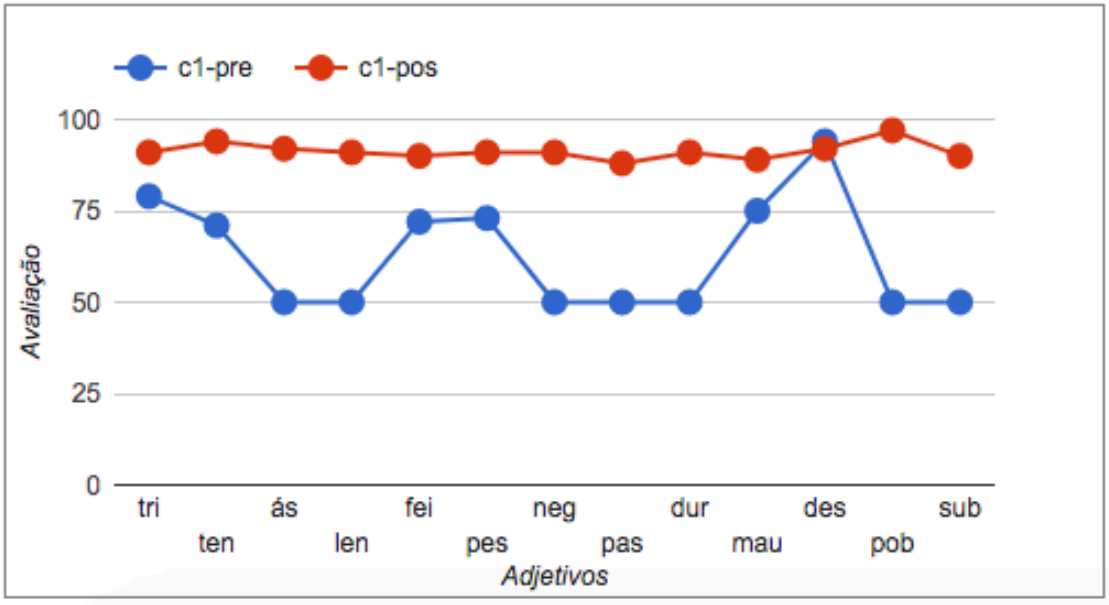




b1-pre



b1-pos





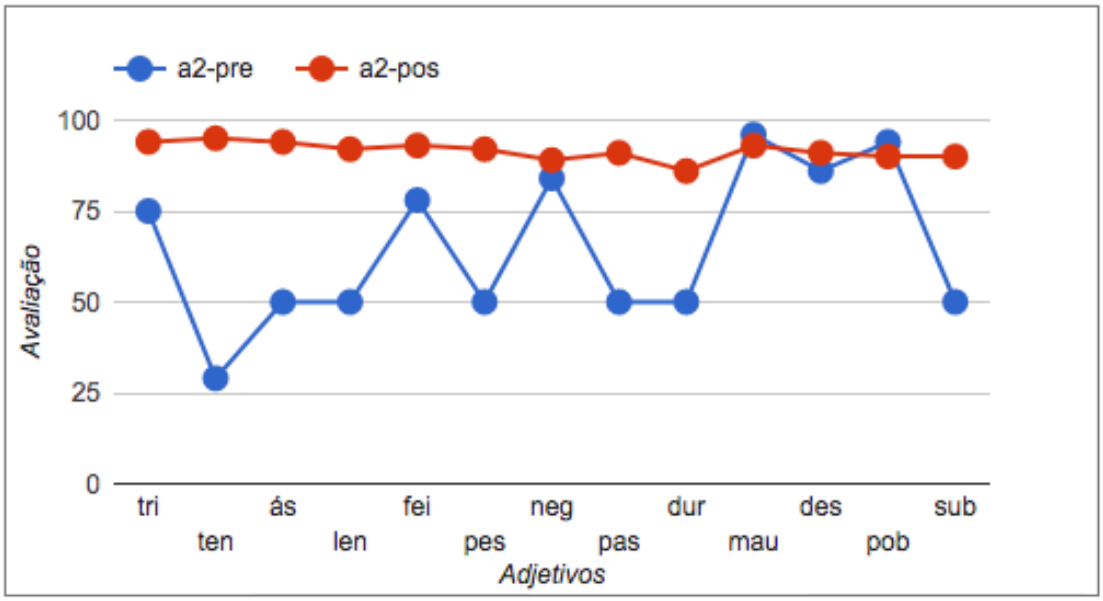
c1-pre



c1-pos

A Figura 26 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. No Pré-teste os três estímulos obtiveram avaliações variadas. No Pós-teste, todos os estímulos obtiveram aumento em suas avaliações. Pela consistência desse padrão, pode-se considerar o engajamento do participante ao longo das diferentes fases do experimento.

Figura 26. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

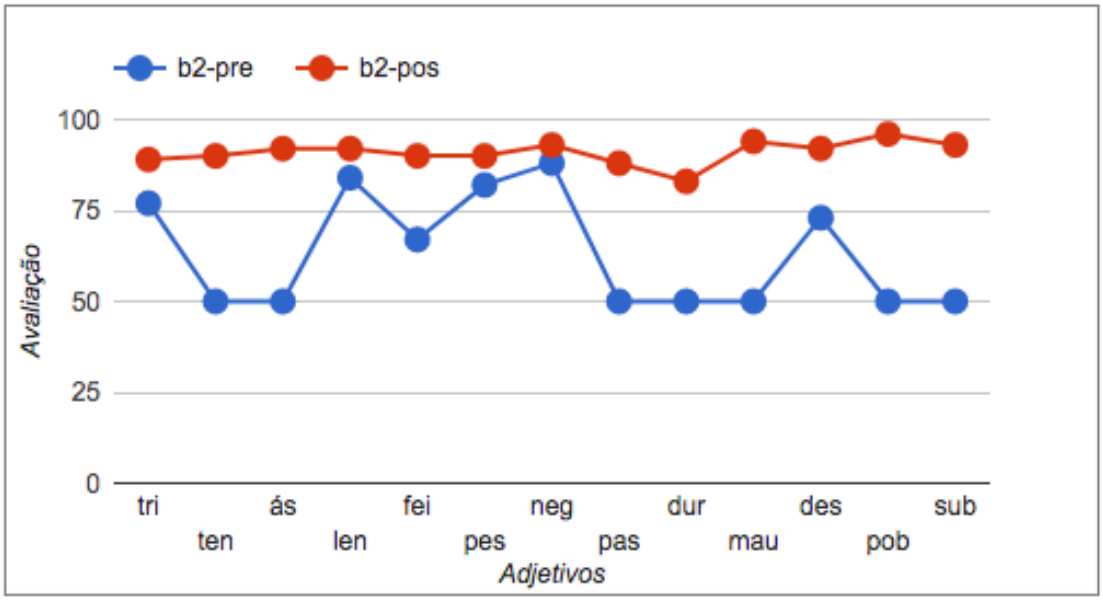




a2-pre



a2-pos

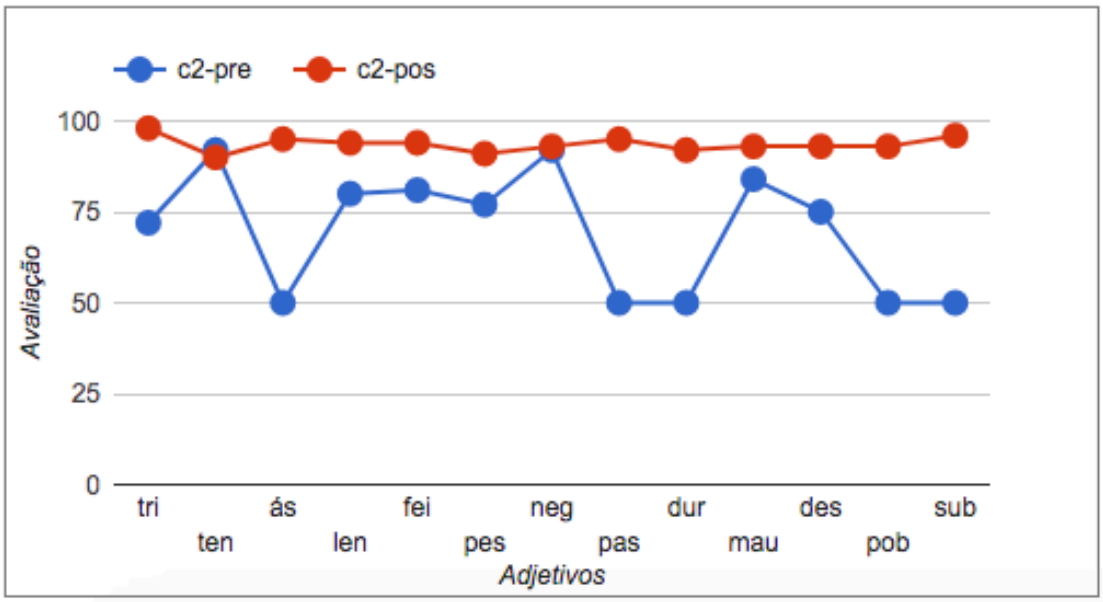




b2-pre



b2-pos





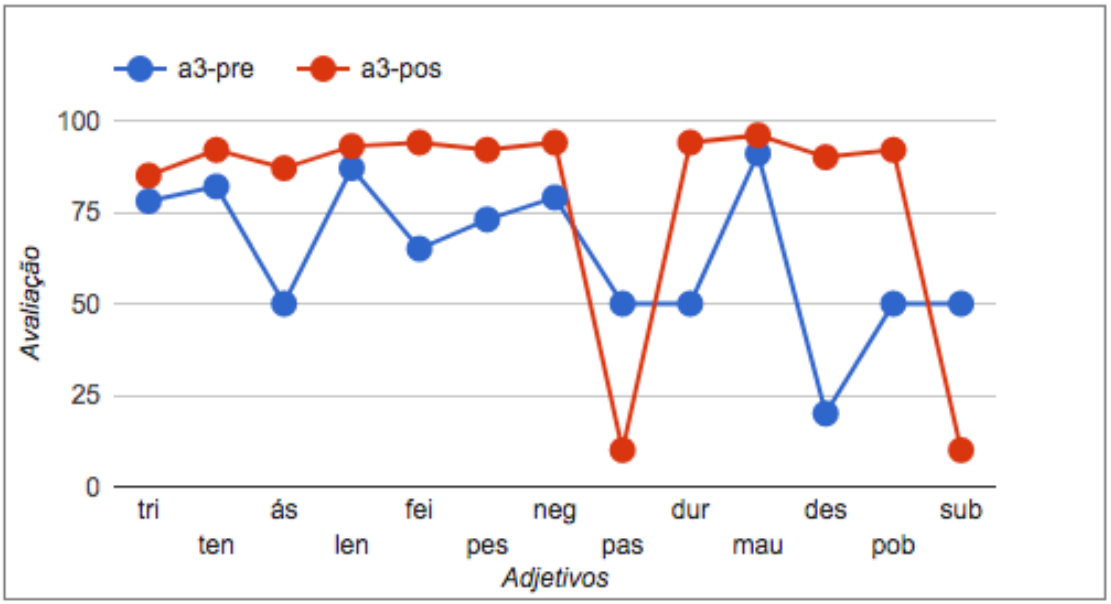
c2-pre



c2-pos

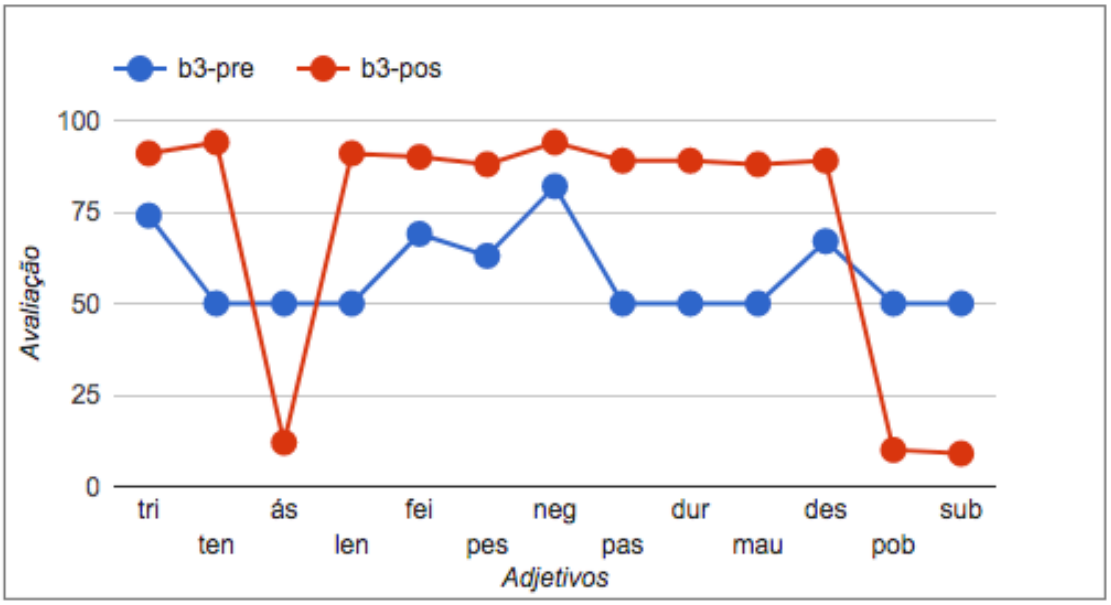
A Figura 27 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). No Pré-teste os três estímulos obtiveram avaliações variadas. No Pós-teste, todos os estímulos obtiveram aumento em suas avaliações. Pela consistência desse padrão, pode-se considerar o engajamento do participante ao longo das diferentes fases do experimento.

Figura 27. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



a3-pre

a3-pos

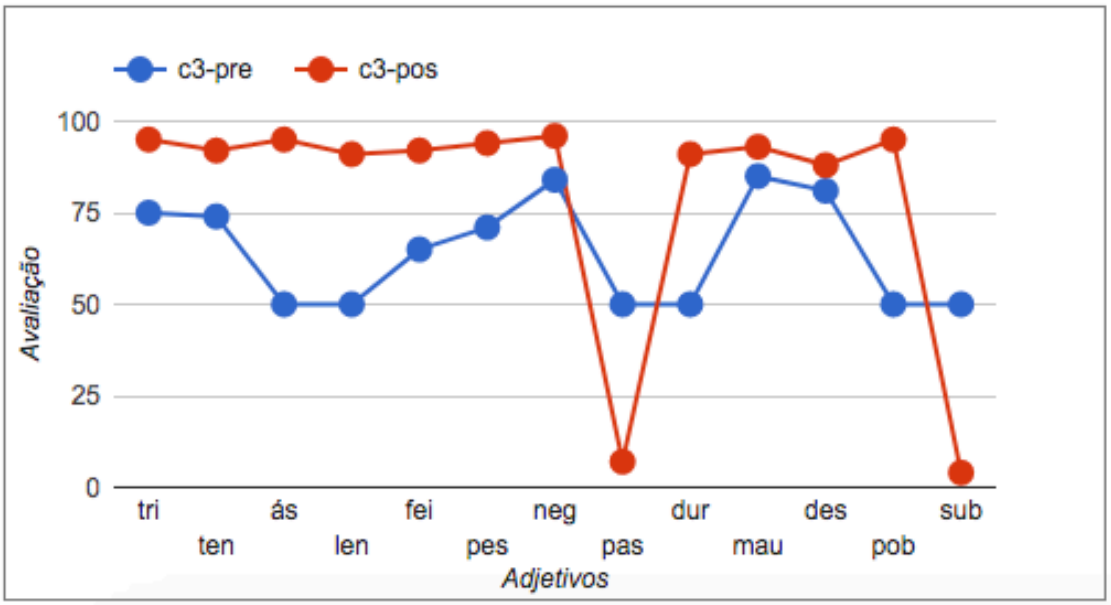


θ

b3-pre

θ

b3-pos



ʖ

c3-pre

ʖ

c3-pos

A figura abaixo apresenta o grau de equivalência entre os estímulos no Pré-Teste. Observa-se que os estímulos A2 e B2, por exemplo, possuíam equivalência de 84% na primeira etapa do experimento.

Figura 28. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 3 no Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	80	76	78	78	80	78	75	76
a2	80	100	81	86	84	88	86	85	89
a3	76	81	100	89	88	86	87	91	91
b1	78	86	89	100	94	90	90	91	92
b2	78	84	88	94	100	95	88	92	91
b3	80	88	86	90	95	100	91	88	93
c1	78	86	87	90	88	91	100	89	94
c2	75	85	91	91	92	88	89	100	93
c3	76	89	91	92	91	93	94	93	100

Após o emparelhamento dos estímulos, observa-se que estes mesmos estímulos passaram a ter equivalência de 97%.

Figura 29. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 3 no Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	98	85	82	96	78	97	98	85
a2	98	100	85	84	97	79	97	97	85
a3	85	85	100	84	85	79	85	84	96
b1	82	84	84	100	83	90	84	81	83
b2	96	97	85	83	100	79	98	97	84
b3	78	79	79	90	79	100	80	77	79
c1	97	97	85	84	98	80	100	96	85
c2	98	97	84	81	97	77	96	100	84
c3	85	85	96	83	84	79	85	84	100

Na figura abaixo, observa-se o grau de equivalência dos estímulos entre as duas fases do experimento, Pré-teste e Pós-teste. É possível notar que ao comparar a avaliação de A1 na primeira fase com o próprio A1 na segunda fase, não obteve-se 100% de equivalência. Esse fato demonstra uma variação na avaliação do estímulo, após o emparelhamento com os estímulos, em tese, sem significado pré-experimental. Esse fato merece investigação em estudos posteriores. Neste participante, em especial, é interessante observar o GE de

A1 entre as duas fases do experimento. Com apenas 58% de GE, há uma mudança drástica na avaliação sem razão facilmente observável.

Figura 30. Grau de equivalência da Participante 3 entre Pré-Teste e Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	58	59	59	67	60	57	60	57	58
a2	71	72	73	76	74	67	72	71	71
a3	70	72	72	77	73	73	72	70	70
b1	71	73	73	77	74	75	74	71	72
b2	70	72	72	76	72	73	72	70	70
b3	65	67	67	71	67	68	67	64	65
c1	69	71	71	74	71	72	71	69	69
c2	76	77	78	82	78	79	78	76	76
c3	71	73	73	78	73	74	73	71	71

Discussão

O trabalho proposto, teve como objetivo averiguar o uso de classes de equivalência frente a atitude em relação a corpos tatuados na profissão de médico, e a possibilidade da transferência de função para figuras abstratas, tendo em vista o preconceito em relação a corpos tatuados em relação a algumas profissões, como a de médico, visto que ela é uma dentre outras profissões que carregam conceitos fortemente estereotipados, além da escassez de pesquisas relacionadas ao grupo proposto neste estudo, buscando uma melhor direcionamento para futuros estudos.

A presente pesquisa, no geral, demonstrou eficácia em relação aos resultados analisados em comparação ao Pré-Teste e Pós-Teste, pois demonstrou a possibilidade de formação de classes de equivalência e transferência de função entre estímulos com significado pré-experimental e estímulos neutros.

Podemos comparar os resultados com os de alguns estudos, como de Rosendo & Melo (2018), sobre a possibilidade de simulação da função simbólica a determinados estímulos sem nenhum significado e a adesão de conteúdo por meio do modelo de classes de equivalência, sem a necessidade de seleção prévia dos indivíduos. Já Bortoloti e de Rose (2007) também demonstraram a possibilidade do uso de classes de equivalência ao utilizar figuras sem nenhum significado, demonstrando então, comprovar que existe sim a possibilidade de que ocorra a formação de classe de equivalência, conforme o estudo aqui proposto.

Conforme afirmam Adams, Fields e Verhave (1993), os treinos possuem um grau de importância, e a aplicação chamada de simples para complexo, possibilitou provar uma facilidade da formação de classe de equivalência e mudança de significado, demonstrados através dos resultados dos participantes. Assim como o estudo citado, pode-se comprovar a possibilidade de transferência de função em relação aos corpos tatuados, para as figuras abstratas na maioria dos participantes desse estudo.

Como limitações deste estudo, foram observados que os participantes sentiram-se incomodados com a quantidade de tempo total de aplicação do teste, além da quantidade de interferências e ruídos no ambiente dos participantes, algo que é bastante compreensível, visto que a aplicação estava sendo feita na própria residência dos participantes e não há como isolar-se completamente de ruídos, podendo no entanto, afetar a concentração dos envolvidos.

Para pesquisas futuras, sugere-se uma demanda menor no tempo de aplicação, talvez com a diminuição dos blocos de cada etapa. Já em relação aos ruídos, como são imprevisíveis e inevitáveis, a aplicação presencial seria uma melhor opção para um melhor controle do ambiente.

Experimento 6: Transferência de função em relação a mulheres e homens obesos

Pesquisadora responsável: Maria Fernanda Carvalho da Veiga Jardim

Introdução

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2018), um em cada oito adultos em todo o mundo é obeso, e esse número só tende a aumentar ao longo dos anos. No Brasil, pesquisas realizadas obtiveram dados considerados como índices preocupantes, dado ao fato que 18,9% da população possui algum grau de obesidade, e 54% o sobrepeso; o que demonstra que mais da metade da população se encontra fora da linha delimitada para o peso ideal (OMS, 2018).

Esse crescimento constante na população de pessoas com sobrepeso, nos remete à necessidade de se direcionar uma atenção especial ao aumento dos casos de preconceito nesse contexto, visto que essa população está mais propensa a sofrer com atitudes negativas de pré-julgamentos e discriminações. O preconceito explícito contra pessoas assim consideradas como gordas aumentou fortemente entre os anos de 2001 e 2010, e, diante disso, essa intolerância vem sendo definida pelo termo de Gordofobia (Cardoso & Couto, 2017; Ribeiro, 2016).

É importante ressaltar que a gordofobia atinge homens e mulheres, porém os padrões estéticos, preconceitos e discriminações são temas que podem acarretar mais as mulheres do que os homens. Isso pode se dar ao fato dela ser padronizada e objetificada pela sociedade, através de uma lógica machista. Esse fator não nega que os homens também sofram de gordofobia, mas a opressão é muito maior quando se trata das mulheres (Ribeiro, 2016).

A questão de gênero chama grande atenção pois há numericamente mais homens que mulheres com sobrepeso no Brasil, e mesmo assim, o alvo de imposição e pressão da sociedade é mais voltado para as mulheres. Na maior parte das vezes, requerem que a mulher tenha um corpo magro, no sentido de que ela só consegue ser feliz e bem sucedida na vida se ela estiver dentro dos padrões. Ao homem, se é esperado que ele tenha força física, mas esse fator não é impeditivo dele desenvolver uma vida profissional e afetiva (Silva, 2017).

Neste sentido, o objetivo do presente estudo é de investigar o efeito de um procedimento de emparelhamento de acordo com o modelo sobre a transferência de função de estímulos com significado social. Especificamente, pre-

tende-se verificar o efeito do treino de emparelhamento de acordo com o modelo na transferência de função em relação a mulheres e homens obesos. Um objetivo secundário do trabalho é comparar o efeito do gênero (masculino ou feminino) sobre a transferência de função.

Método

Delineamento experimental

Idêntico ao Experimento 2.

Participantes

Participaram do estudo seis indivíduos, três homens e três mulheres, entre 18 a 52 anos de idade. Como critério de exclusão, foi estabelecido que não poderiam participar da presente pesquisa indivíduos que cursam/cursaram a partir do terceiro semestre de psicologia. Ou ainda, que anteriormente estudaram alguma matéria de Análise do Comportamento.

O convite da pesquisa foi enviado pelo aplicativo Whatsapp.

Procedimentos éticos

O experimento foi iniciado após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética do UniCEUB e a entrega dos TCLEs (Termos de Consentimento Livre e Esclarecido) às participantes, que foram lidos e assinados por elas. Posteriormente, após a entrega dos TCLEs assinados, foram definidos horário e data para a realização do experimento.

Local

Idêntico ao Experimento 2.

Recursos utilizados para a realização da pesquisa

Imagens. Foram utilizadas duas figuras, uma de um homem obeso e a outra de uma mulher obesa. Foram utilizadas também sete figuras abstratas extraídas de Eilertsen e Arntzen (2020) (A3, B1, B2, B3, C1, C2 e C3). Ainda, todas essas imagens apresentam largura e altura de 200 pixels e formatação png.

Figura 1. Estímulos utilizados no Experimento 6.

		
a1	a2	a3
		
b1	b2	b3
		
c1	c2	c3

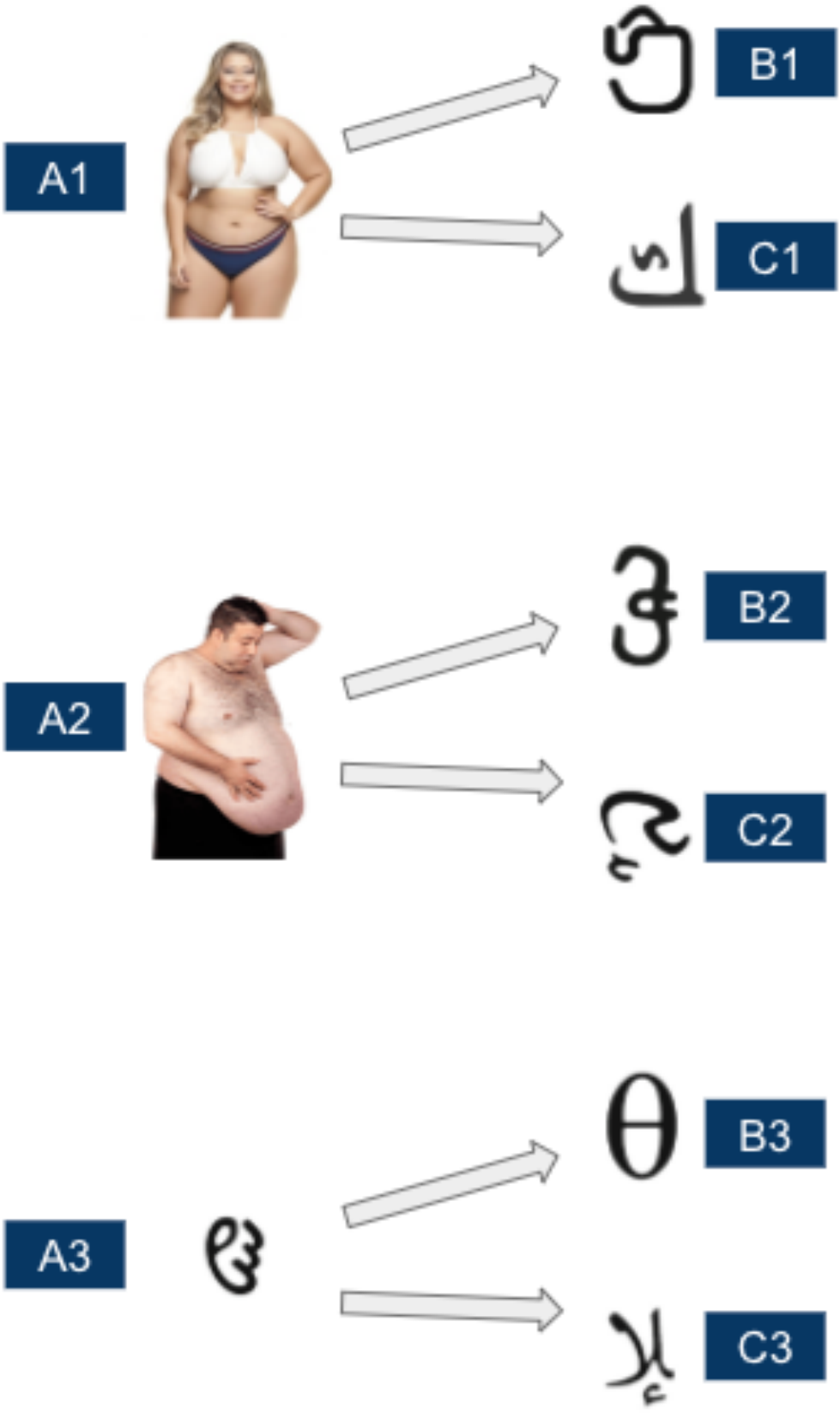
Procedimento de coleta de dados

Idêntico ao Experimento 5, exceto que nos treinos utilizou-se um procedimento de pareamento ao modelo não-simultâneo com atraso de 3 segundos: após clique no estímulo modelo, o mesmo era retirado da tela e, após 3 segundos, os estímulos de comparação eram apresentados na tela (Figura 2 e 3).

Figura 2. Sequência de eventos que compuseram uma tentativa no Treino AB/AC 100%



Figura 3. Discriminações condicionais ensinadas no Treino AB/AC 100%.



Resultados

Resumo

Quatro participantes atingiram o critério de 90% de acerto no treino AB AC 100% (variando de 13 a 21 erros), enquanto P05 atingiu o tempo máximo (mais de 30 erros). No treino AB AC 80%, 20% e 0% todos os participantes atingiram o critério de 90% de acerto nos blocos. Verificou-se que os participantes tiveram mais erros no treino 100% do que nos demais. No treino AB AC 80%, os participantes tiveram de 1 a 11 erros, enquanto no treino 20% a maioria acertou 100%, exceto P02 (1 erro) e P03 (3 erros). No treino 0%, obteve-se da maioria 100% de acerto, exceto P01 e P02 com apenas 1 erro.

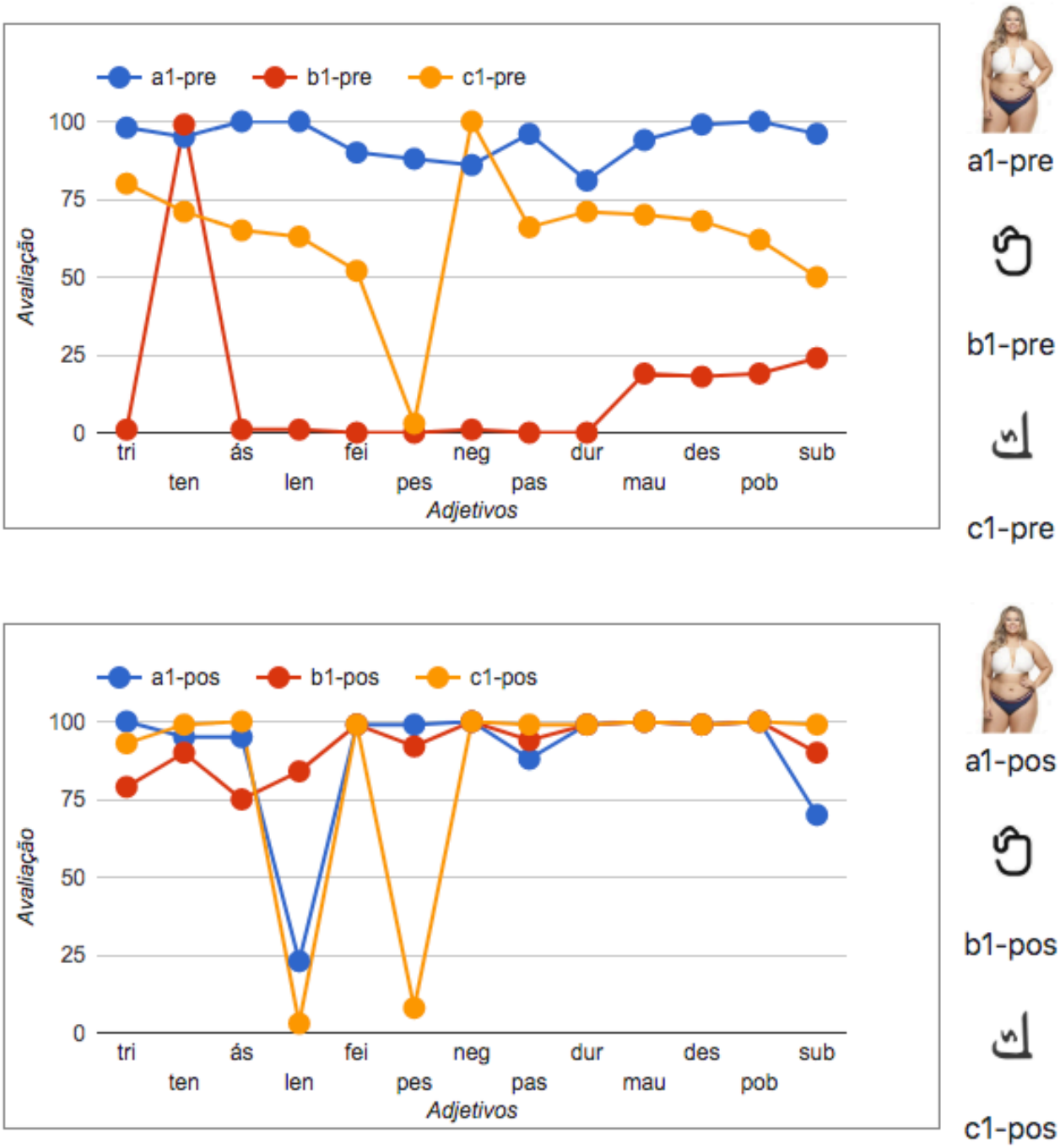
No teste de Simetria, transitividade e equivalência os participantes apresentaram nenhum ou poucos erros, sendo possível observar a formação da classe de equivalência. P01 e P03 atingiram 100% em todas as relações, enquanto P05 atingiu 93,33% somente na relação CA. P02 atingiu 93,33% nas relações BA, BC e P06 o mesmo valor nas relações CB e BC.

A seguir, examinaremos em mais detalhes as avaliações nas Escalas de Diferencial Semântico no Pré-teste e Pós-teste para cada participante.

Participante 1

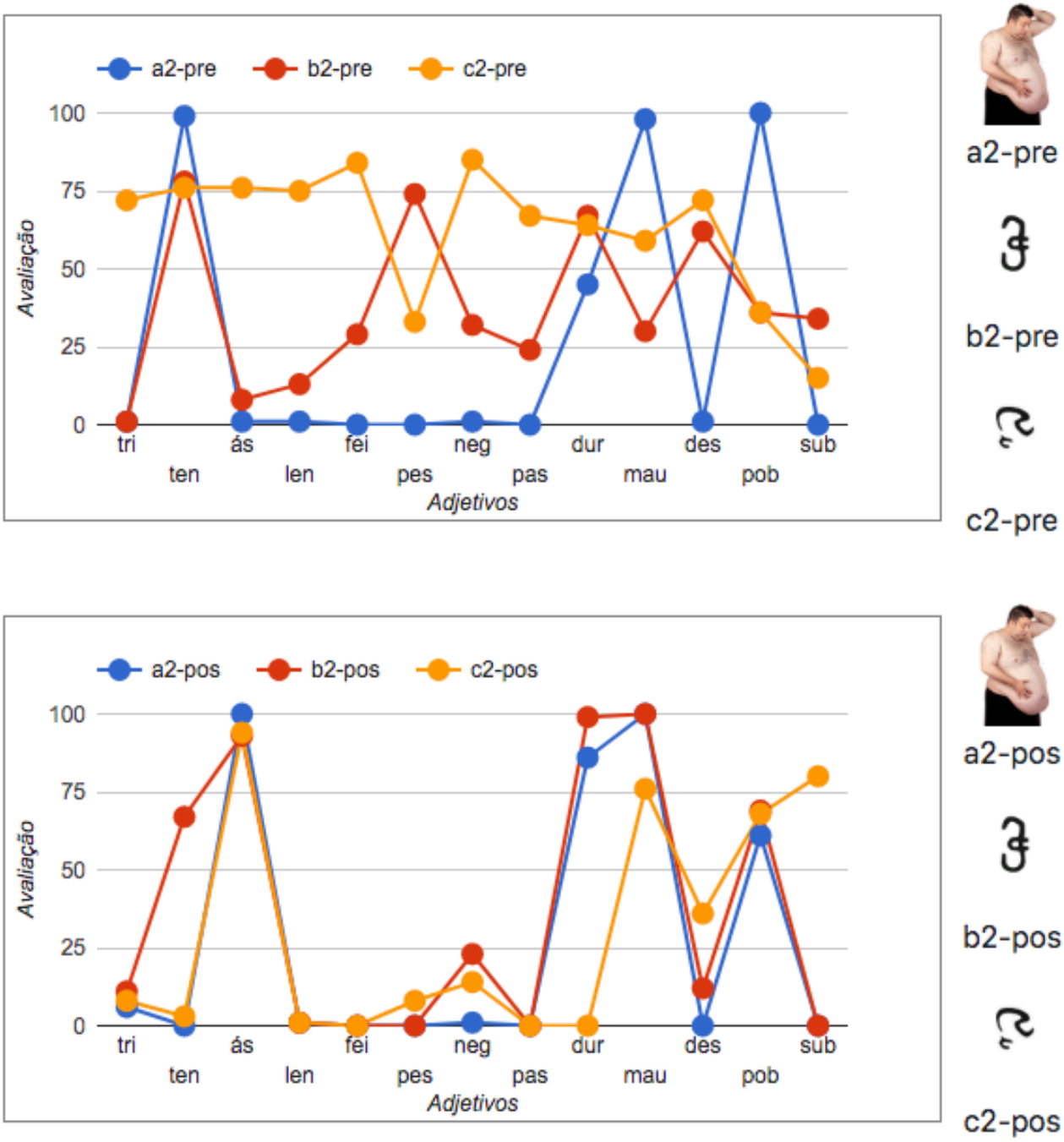
A Figura 4 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). No Pré-Teste, a avaliação de A1 obteve uma predominância de avaliações positivas. Já o estímulo B1 recebeu avaliações negativas, enquanto C1 obteve avaliações diversas. No Pós-Teste, A1 manteve sua avaliação, de modo geral, com uma aproximação das avaliações de B1 e C1.

Figura 4. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 pelo Participante 01 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



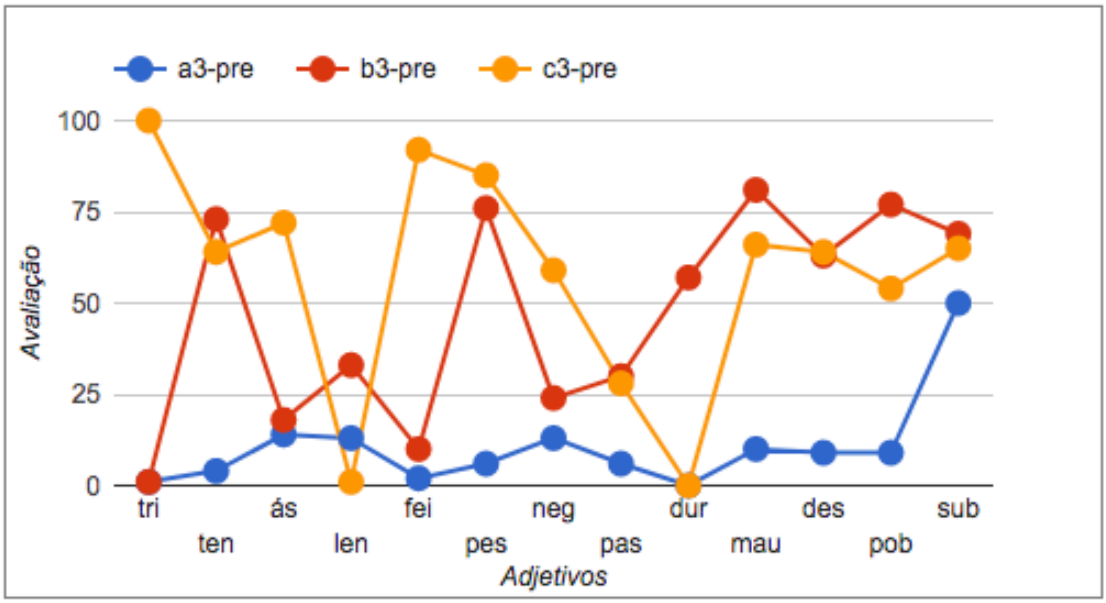
A Figura 5 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). No Pré-Teste, as avaliações de A2 foram predominantemente negativas. As avaliações dos estímulos B2 e C2 oscilaram sem uma predominância definida. No Pós-Teste, o estímulo A2 manteve sua avaliação, que foi acompanhada pelas avaliações de B2 e C2. Observa-se a sobreposição ou aproximação dos três estímulos em diversos pontos.

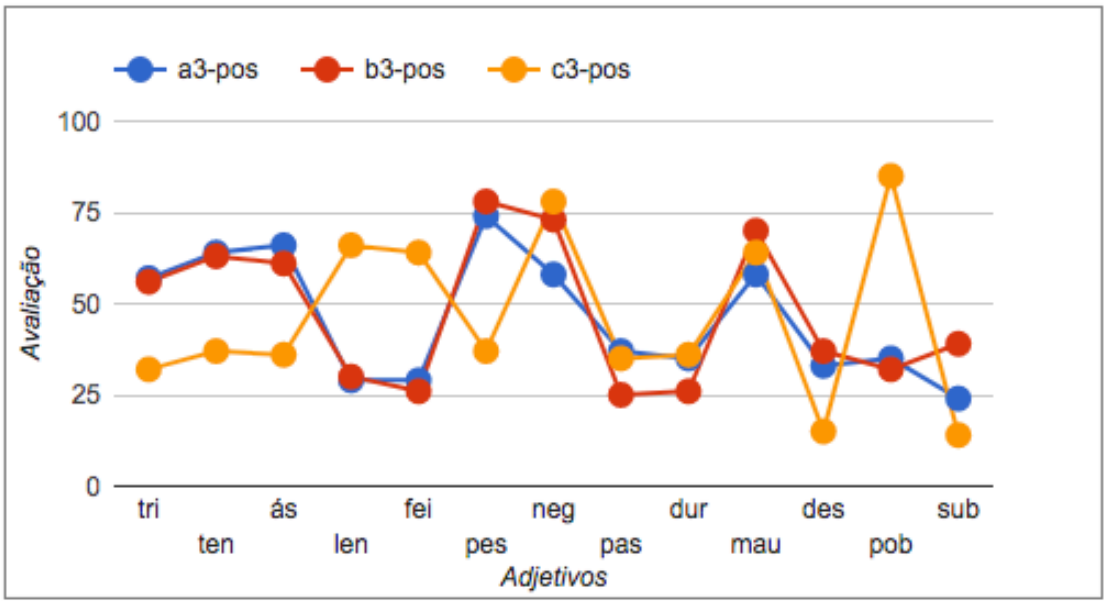
Figura 5. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 pelo Participante 01 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



A Figura 6 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). No Pré-Teste, as avaliações de A3 foram, em sua maioria, negativas. Os estímulos B3 e C3 receberam avaliações variadas. No Pós-Teste, os três estímulos se aproximaram dos valores centrais em suas avaliações, com sobreposições das linhas em alguns pontos.

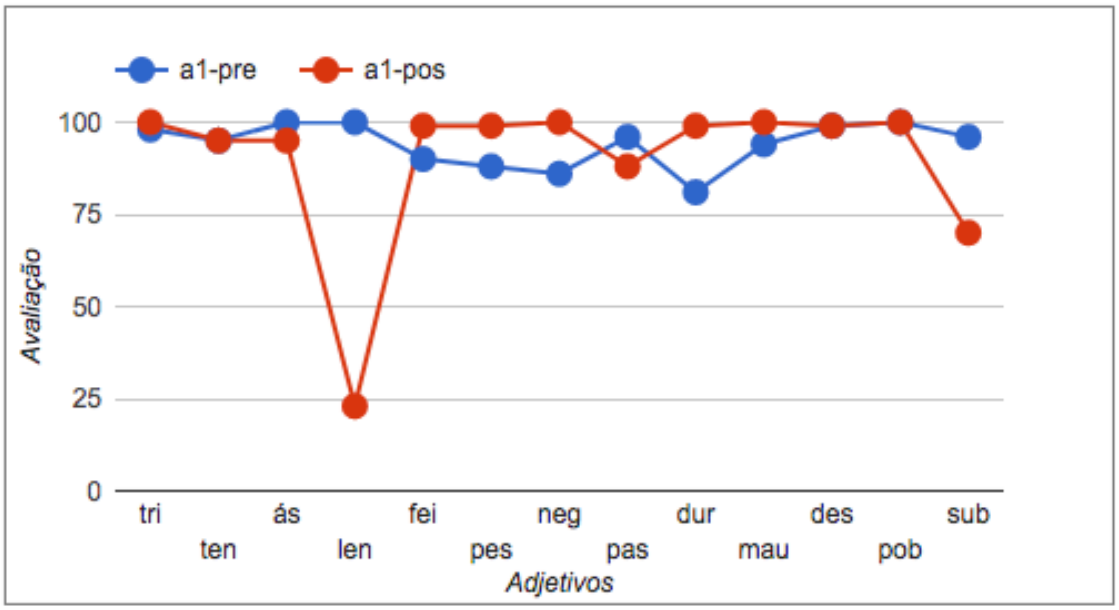
Figura 6. Avaliação dos estímulos a3, b3, c3 pelo Participante 01 no Pré-Teste e no Pós-Teste.





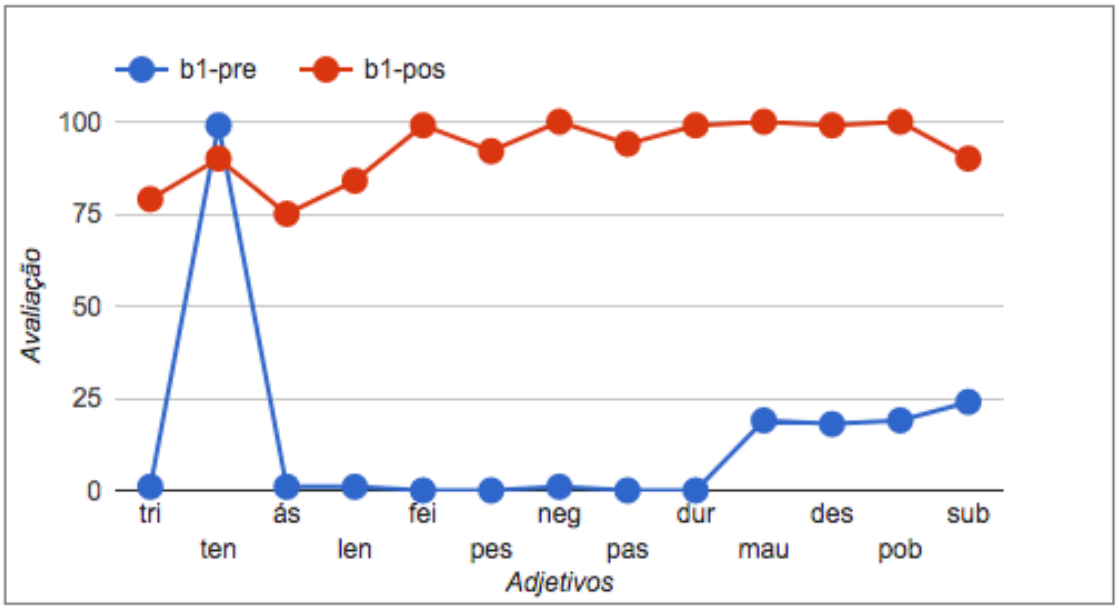
A Figura 7 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que as avaliações dos estímulos abstratos (B1 e C1) sofreram um aumento, assemelhando-se ao estímulo A1, de significado social.

Figura 7. Avaliação do estímulo A1, B1 e C1 pelo Participante 1 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



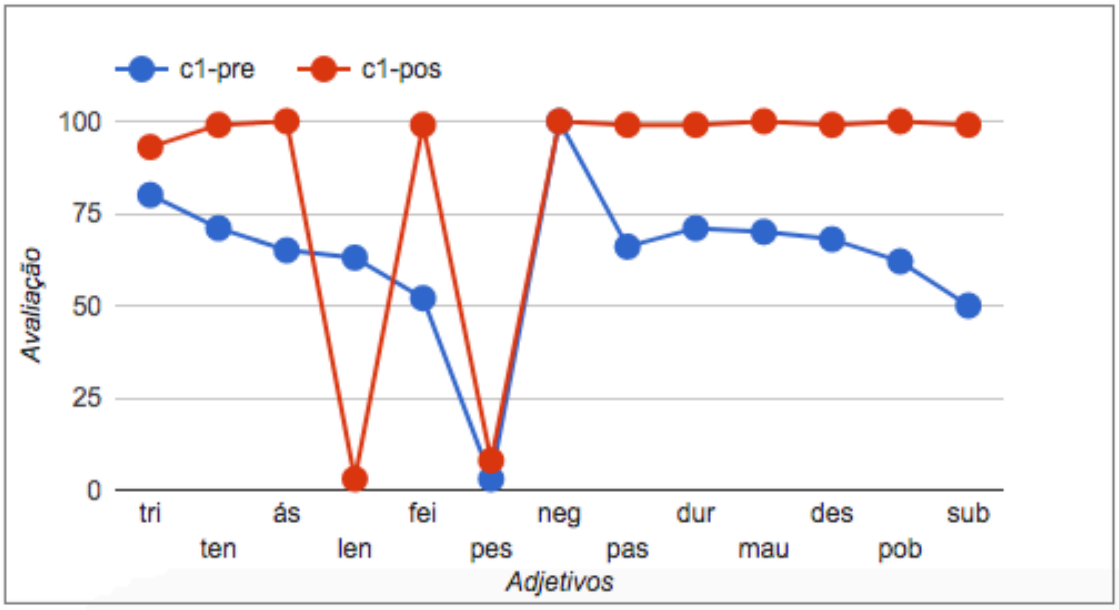

a1-pre


a1-pos




b1-pre


b1-pos

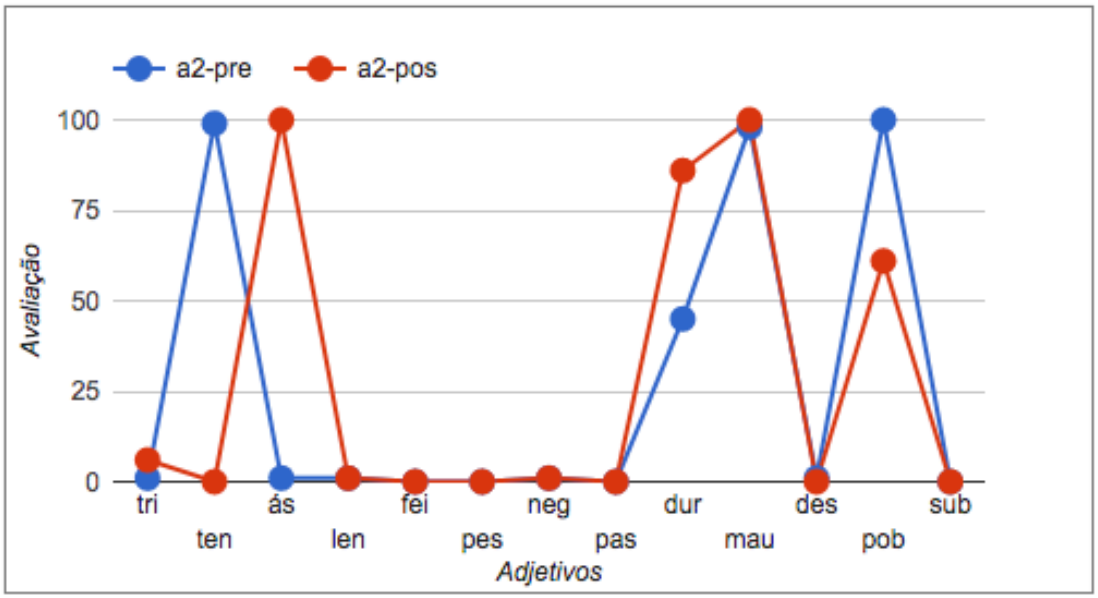



c1-pre


c1-pos

A Figura 8 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que, na segunda etapa do experimento, os dois estímulos neutros (B2 e C2) sofreram uma queda em suas avaliações, aproximando-se da avaliação recebida por A2.

Figura 8. Avaliação do estímulo A2, B2 e C2 pelo Participante 1 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

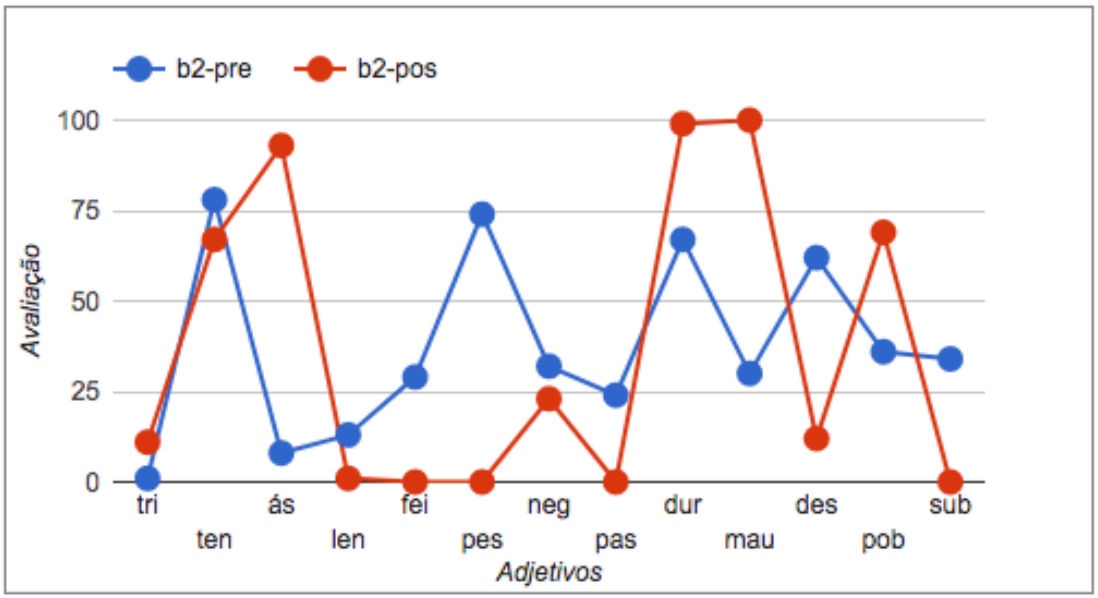




a2-pre



a2-pos

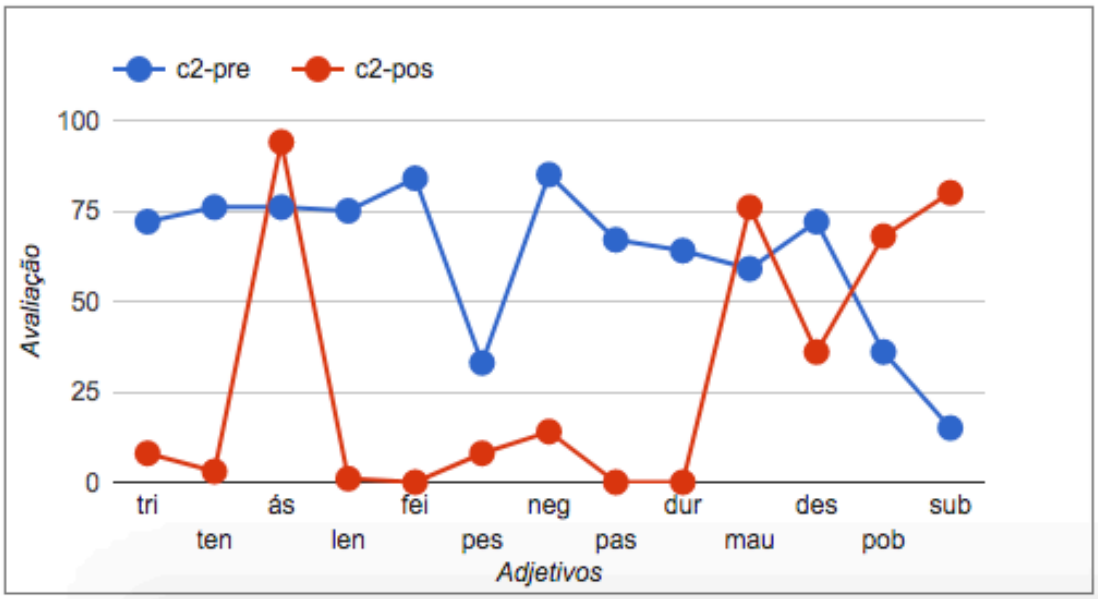




b2-pre



b2-pos





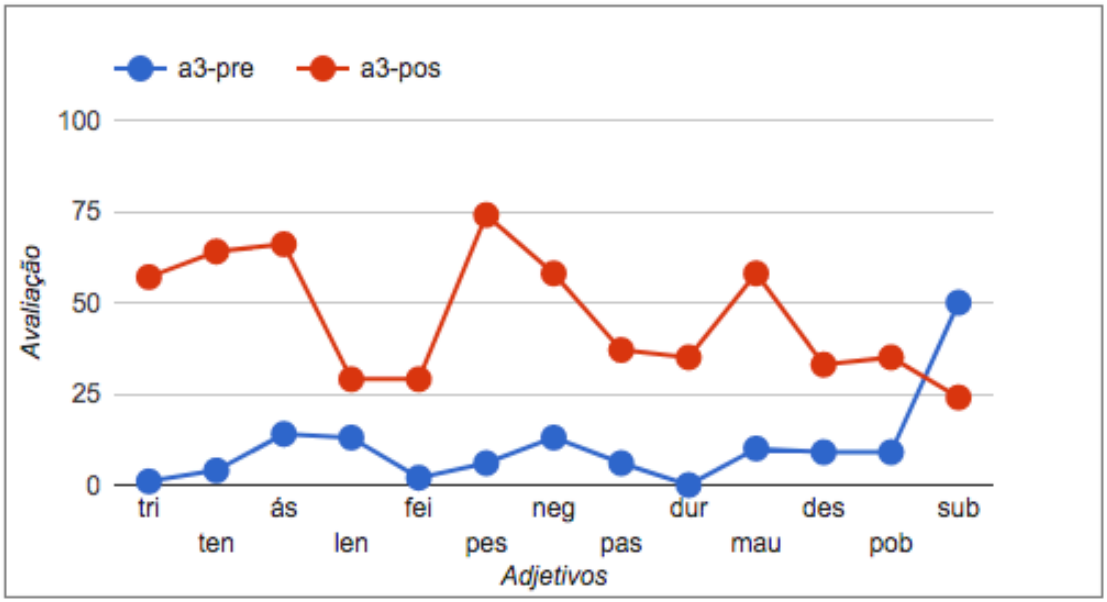
c2-pre



c2-pos

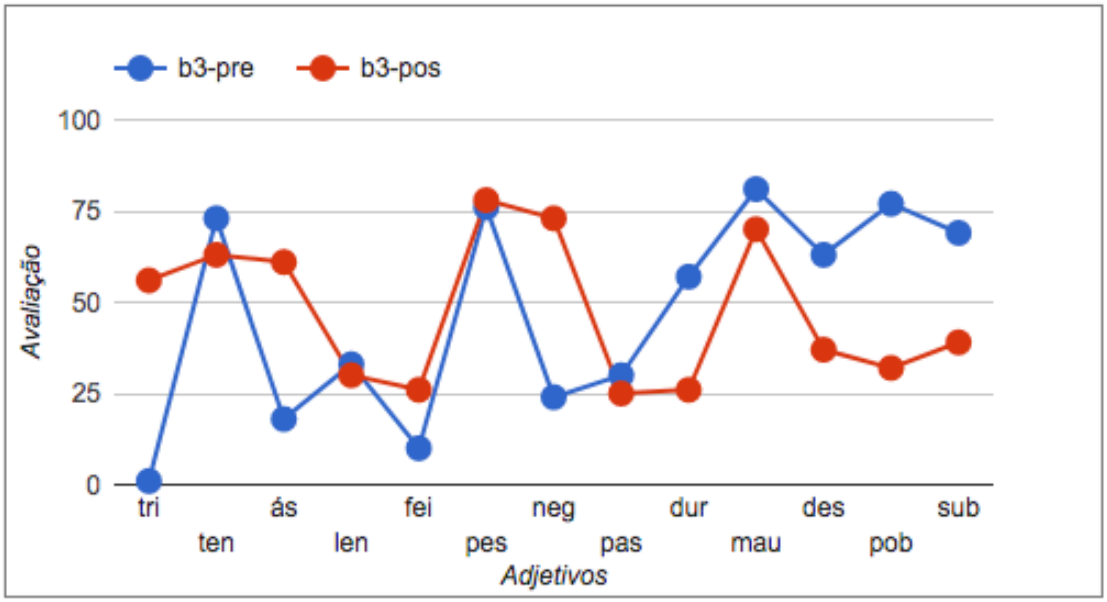
A Figura 9 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que, após uma avaliação inicial variada, os três estímulos tiveram suas avaliações modificadas de maneira semelhante.

Figura 9. Avaliação do estímulo A3, B3 e C3 pelo Participante 1 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



a3-pre

a3-pos

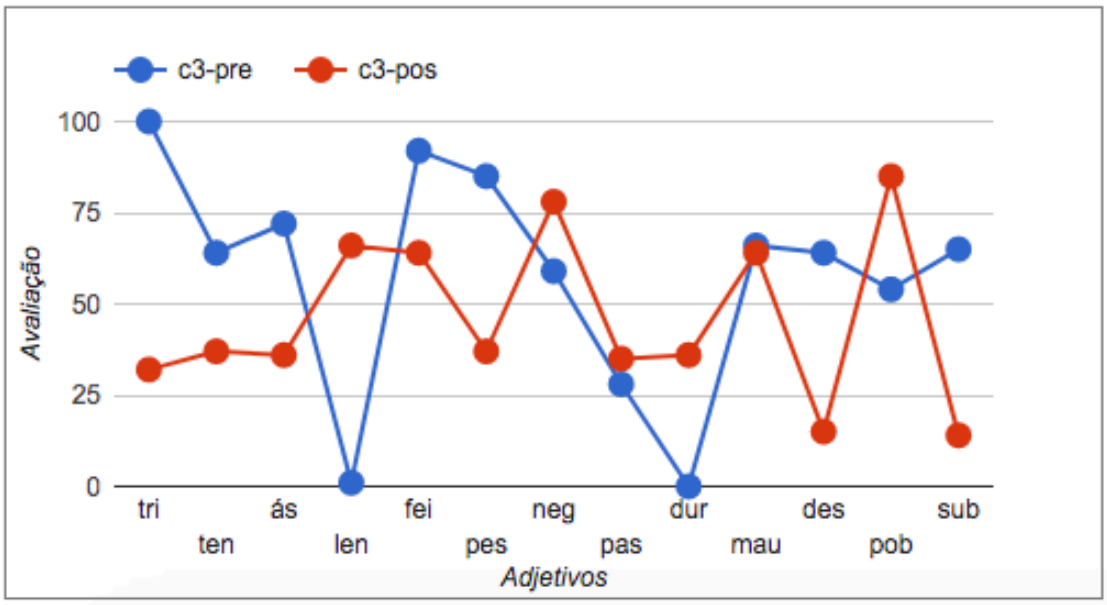


θ

b3-pre

θ

b3-pos



c3-pre

c3-pos

As figuras a seguir apresentam os graus de equivalência entre os estímulos no Pré-Teste e Pós-Teste. Para exemplificação, observa-se que o estímulo A1 e o estímulo B1 possuíam um grau de equivalência de 19% no Pré-Teste.

Figura 10. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 1 no Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	31	16	19	43	53	67	69	63
a2	31	100	67	81	66	69	49	45	45
a3	16	67	100	85	70	63	47	43	51
b1	19	81	85	100	73	63	47	47	51
b2	43	66	70	73	100	84	62	65	66
b3	53	69	63	63	84	100	65	60	68
c1	67	49	47	47	62	65	100	85	69
c2	69	45	43	47	65	60	85	100	70
c3	63	45	51	51	66	68	69	70	100

Após a fase de emparelhamento de estímulos, observa-se que os estímulos A1 e B1 passaram a ter um grau de equivalência de 89%, o que demonstra a formação de classe de equivalência e transferência de função do A1 (com significado social) ao B1 (abstrato).

Figura 11. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 1 no Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	37	55	89	47	57	87	39	50
a2	37	100	58	31	90	56	43	80	58
a3	55	58	100	54	64	93	47	63	77
b1	89	31	54	100	41	55	83	35	54
b2	47	90	64	41	100	62	52	76	62
b3	57	56	93	55	62	100	48	65	75
c1	87	43	47	83	52	48	100	45	47
c2	39	80	63	35	76	65	45	100	60
c3	50	58	77	54	62	75	47	60	100

Na figura abaixo, observa-se o grau de equivalência dos estímulos entre as duas fases do experimento, Pré-teste e Pós-teste. É possível notar que ao comparar a avaliação de A1 na primeira fase com o próprio A1 na segunda fase, não obteve-se 100% de equivalência. Esse fato demonstra uma variação na avaliação do estímulo, após o emparelhamento com os estímulos, em tese,

sem significado pré-experimental. Esse fato merece investigação em estudos posteriores.

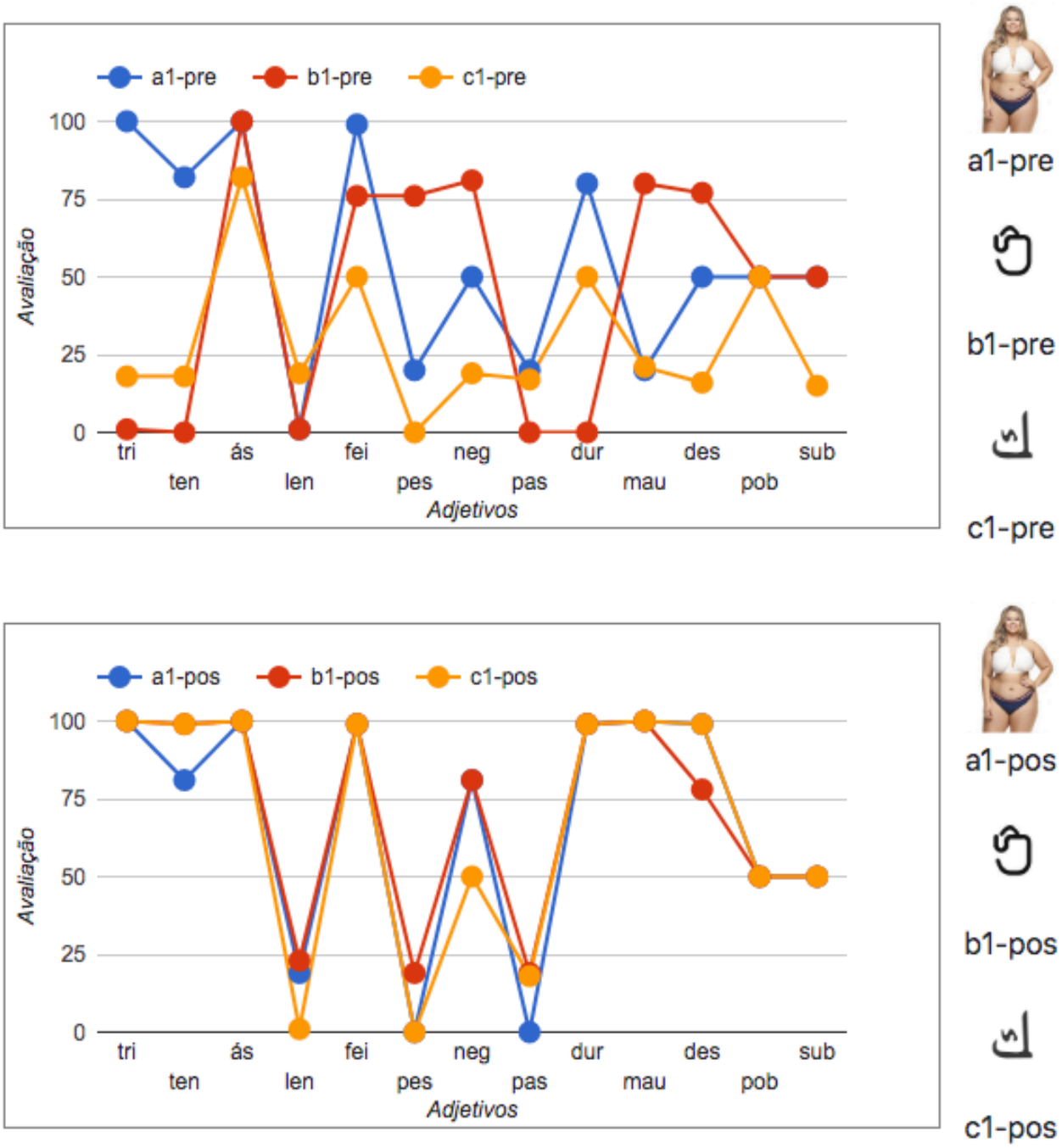
Figura 12. Grau de equivalência da Participante 1 entre Pré-Teste e Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	86	32	52	90	39	53	82	36	52
a2	36	78	58	33	80	56	42	67	62
a3	21	68	60	18	62	61	25	77	59
b1	24	65	63	20	68	61	30	69	56
b2	48	57	78	45	64	77	41	59	64
b3	56	59	74	55	67	75	48	68	68
c1	67	52	72	71	59	73	69	55	72
c2	65	47	76	70	55	72	63	47	75
c3	68	46	77	62	52	78	60	63	64

Participante 2

A Figura 13 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). No Pré-Teste, os três estímulos foram avaliados de maneira bem diversa. No Pós-Teste, é possível observar uma aproximação entre as avaliações de todos os estímulos, com a sobreposição das linhas em diversos pontos.

Figura 13. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 pelo Participante 2 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



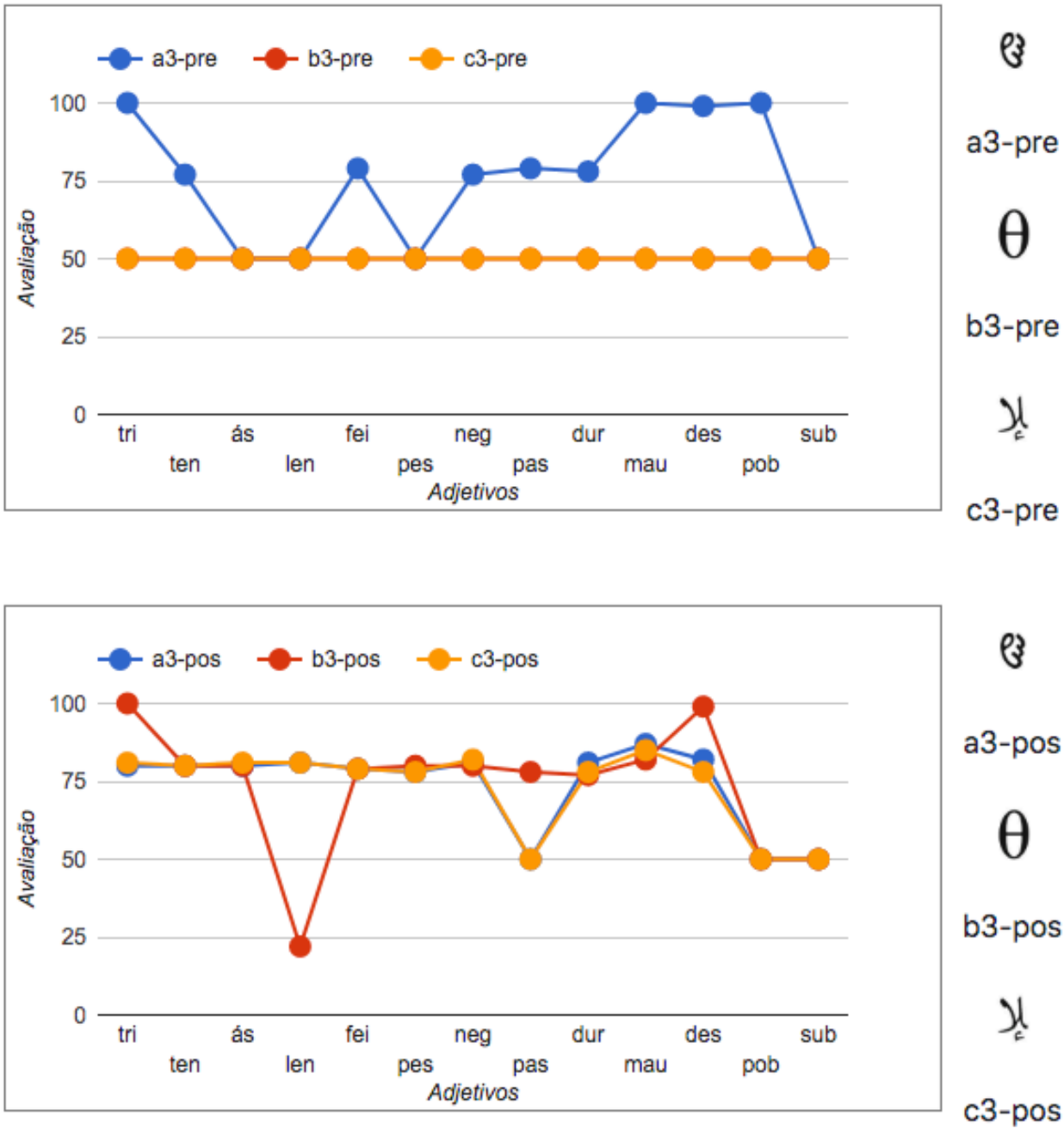
A Figura 14 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). No Pré-Teste, os três estímulos foram avaliados de maneira bem diversa. No Pós-Teste, é possível observar uma aproximação entre as avaliações de todos os estímulos, com a sobreposição das linhas em diversos pontos.

Figura 14. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 pelo Participante 2 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



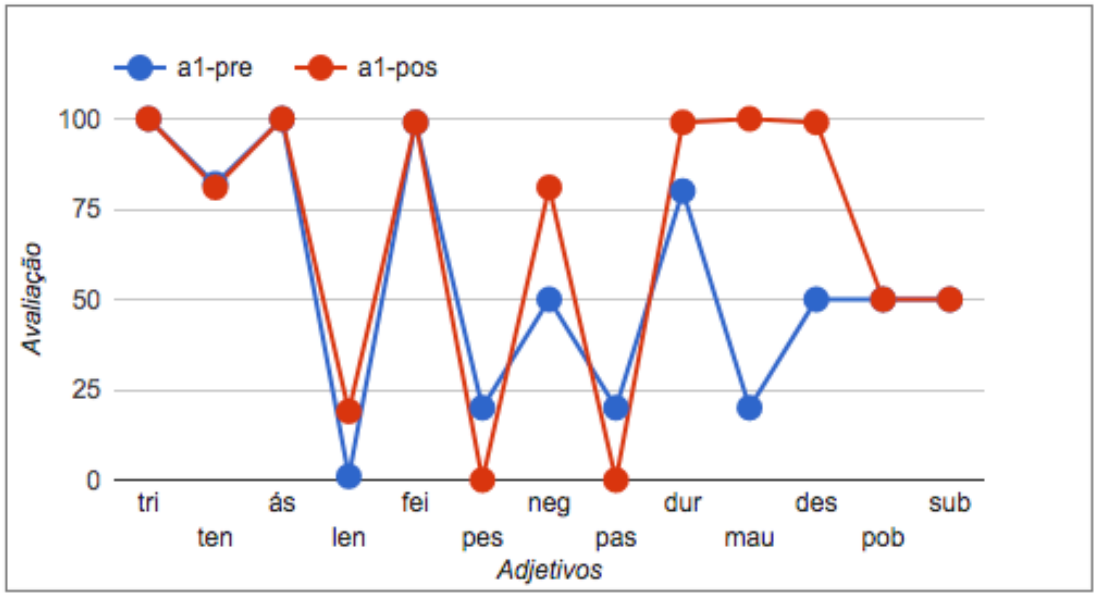
A Figura 15 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Observa-se que, no Pré-Teste, a avaliação de A3 foi positiva, com apenas 4 pontos avaliados de forma neutra. Já os estímulos B3 e C3 foram avaliados como totalmente neutros. No Pós-Teste, A3 manteve sua avaliação positiva, enquanto B3 e C3 deixaram de ser considerados neutros e obtiveram um aumento de sua avaliação, aproximando-se da avaliação de A3.

Figura 15. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 pelo Participante 2 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



A Figura 16 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Percebe-se que as avaliações dos estímulos não variaram de forma drástica, porém a tendência da avaliação no Pós-teste é semelhante entre os três estímulos.

Figura 16. Avaliação do estímulo A1, B1 e C1 pelo Participante 2 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

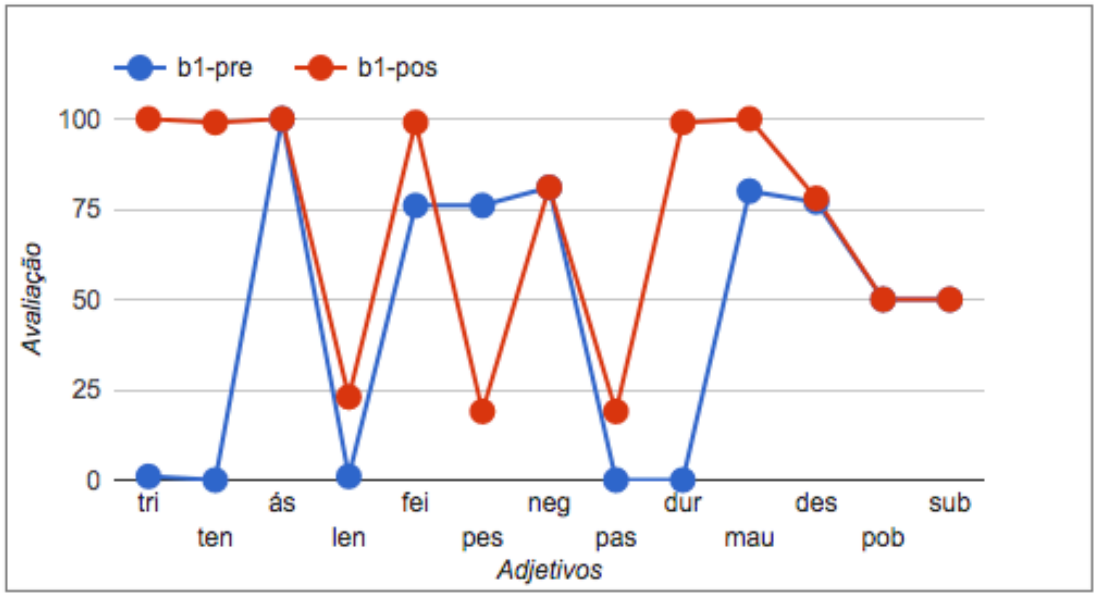




a1-pre



a1-pos

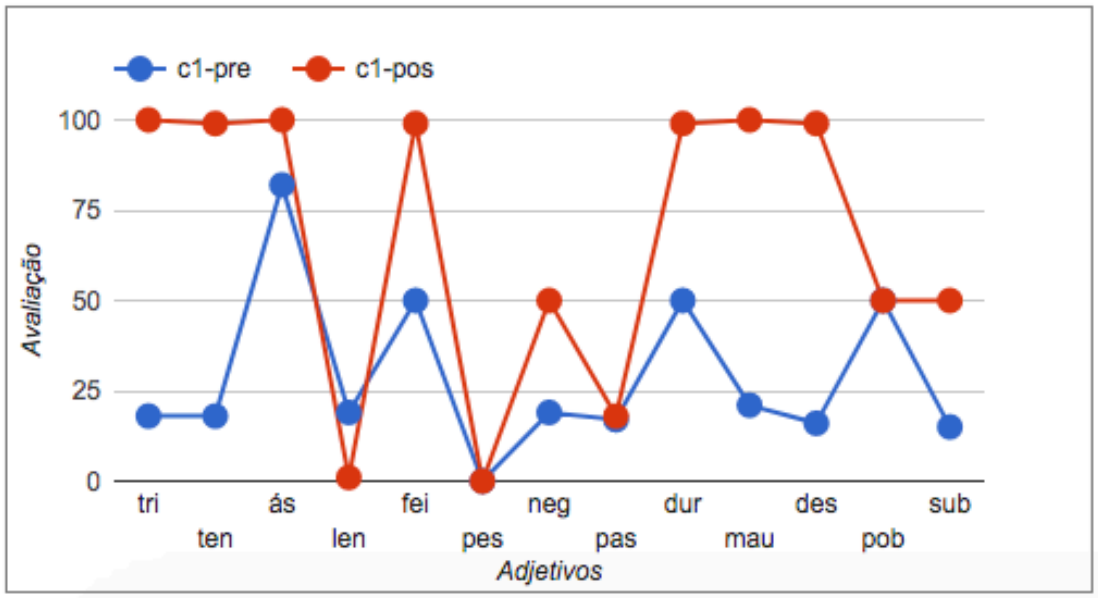




b1-pre



b1-pos





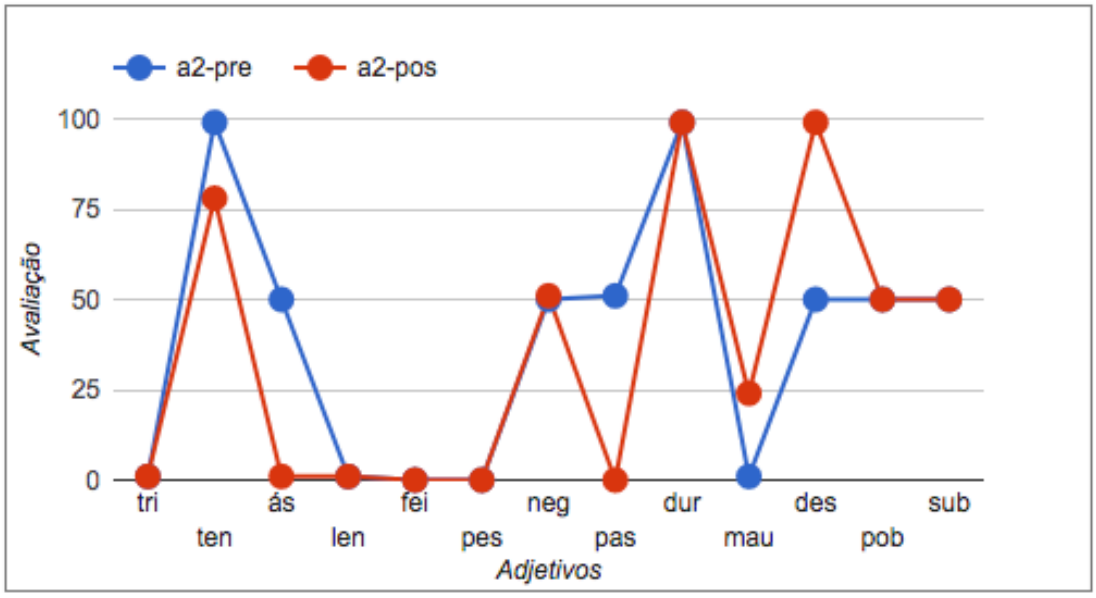
c1-pre

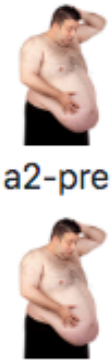


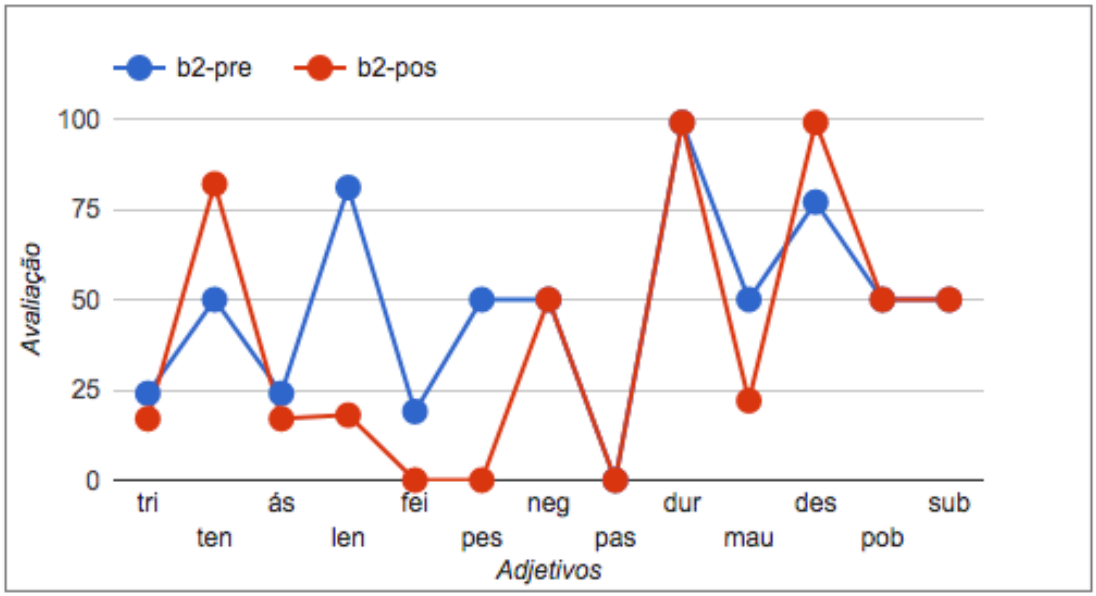
c1-pos

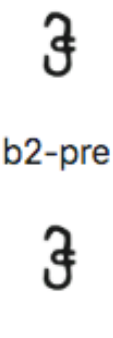
A Figura 17 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que o estímulo A2 recebeu uma avaliação semelhante nas duas fases do experimento. Ao avaliar os estímulos B2 e C2, é possível observar que ambos se aproximaram da avaliação do estímulo A2 no Pós-teste.

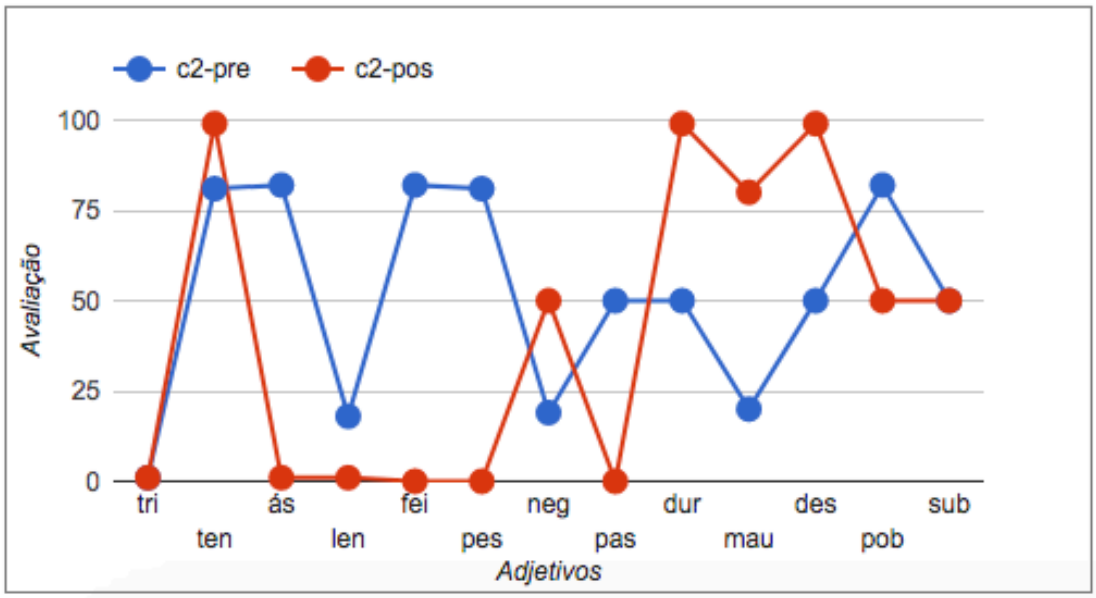
Figura 17. Avaliação do estímulo A2, B2 e C2 pelo Participante 2 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

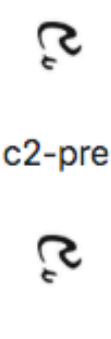

a2-pre
a2-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri ten
ás len
fei pes
neg pas
dur mau
des pob
sub
Adjetivos


a2-pre
a2-pos


b2-pre
b2-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri ten
ás len
fei pes
neg pas
dur mau
des pob
sub
Adjetivos

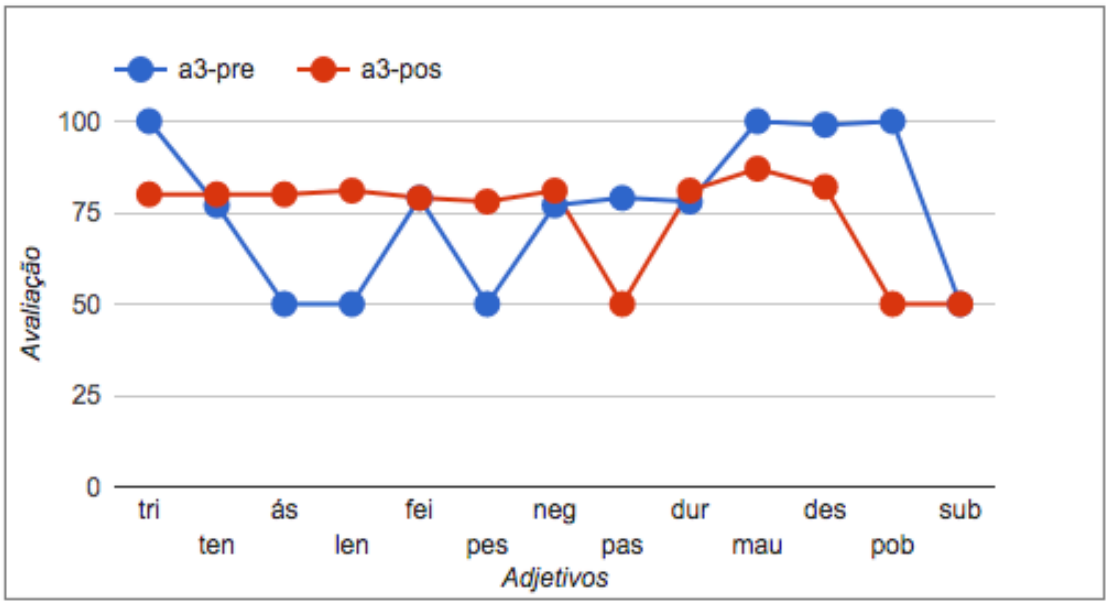

b2-pre
b2-pos


c2-pre
c2-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri ten
ás len
fei pes
neg pas
dur mau
des pob
sub
Adjetivos


c2-pre
c2-pos

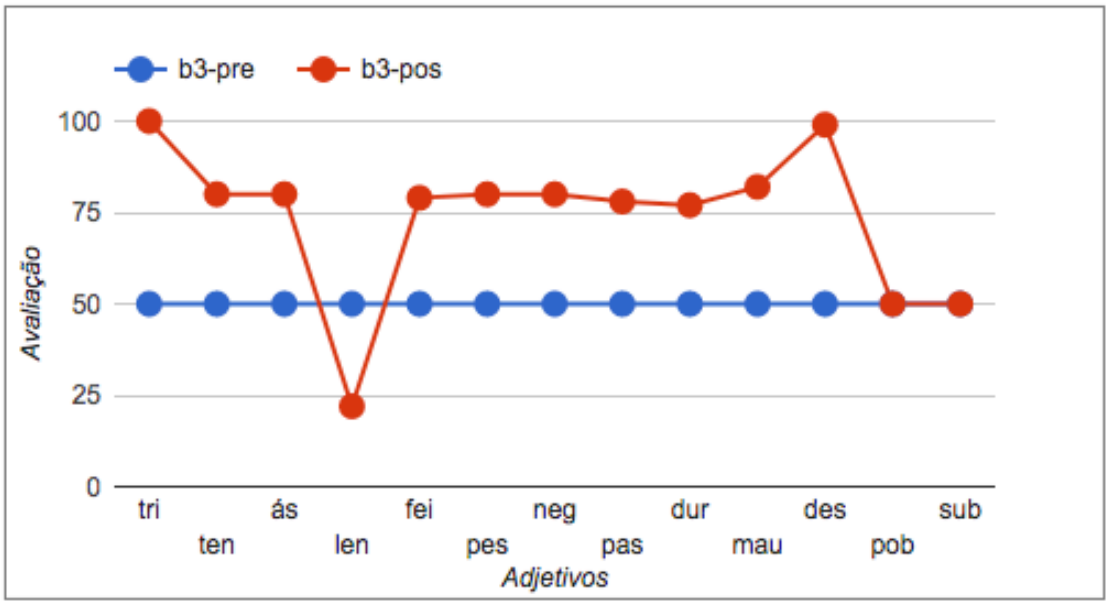
A Figura 18 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Observa-se que o estímulo A3 manteve sua avaliação nas duas fases do experimento, com o aumento de sua avaliação em alguns pontos no Pós-teste. Com relação aos estímulos B3 e C3, percebe-se que ambos foram avaliados de forma neutra no Pré-teste, tendo um aumento na avaliação após o emparelhamento com o estímulo A3.

Figura 18. Avaliação do estímulo A3, B3 e C3 pelo Participante 2 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



a3-pre

a3-pos

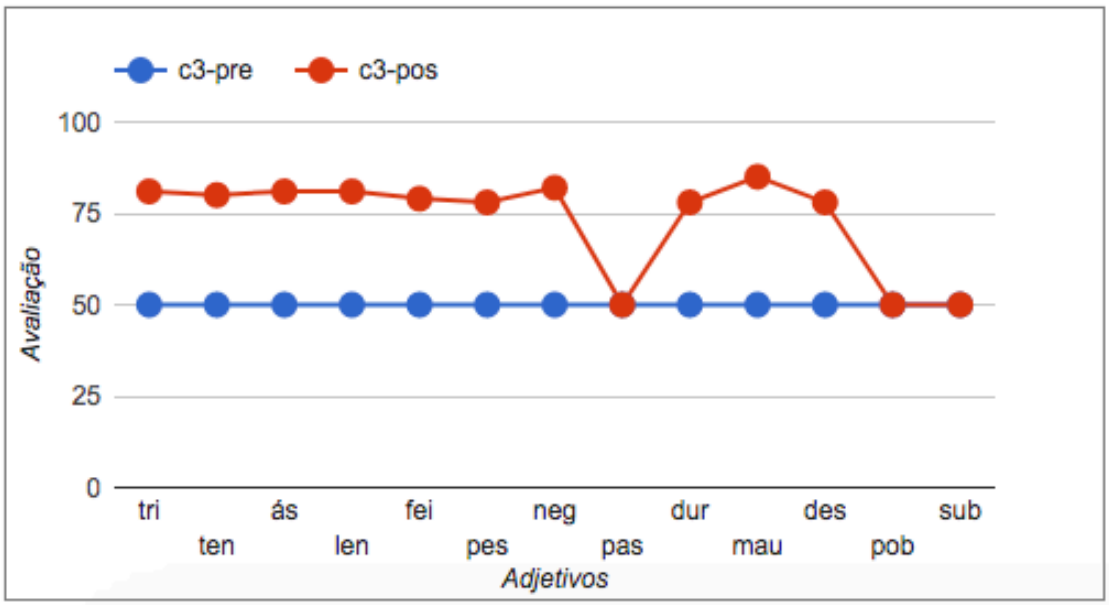


θ

b3-pre

θ

b3-pos



c3-pre

c3-pos

A figura abaixo apresenta o grau de equivalência entre os estímulos no Pré-Teste. Como exemplo, observa-se a equivalência entre os estímulos A1 e B1 que, inicialmente, possuíam 63% de equivalência.

Figura 19. Grau de equivalência da Participante 2 no Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	73	68	63	64	73	70	74	73
a2	73	100	56	55	71	73	69	72	73
a3	68	56	100	57	64	74	48	64	74
b1	63	55	57	100	64	66	65	69	66
b2	64	71	64	64	100	82	65	62	82
b3	73	73	74	66	82	100	74	77	100
c1	70	69	48	65	65	74	100	75	74
c2	74	72	64	69	62	77	75	100	77
c3	73	73	74	66	82	100	74	77	100

Na figura abaixo, observa-se a modificação no grau de equivalência após o emparelhamento dos estímulos entre os estímulos A1 e B1, que passou a ser de 94%, o que demonstra a formação de classe de equivalência e transferência de função do estímulo com significado social ao abstrato.

Figura 20. Grau de equivalência da Participante 2 no Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	67	77	94	71	81	93	70	76
a2	67	100	56	61	96	58	68	94	55
a3	77	56	100	80	59	90	73	59	99
b1	94	61	80	100	65	81	93	67	80
b2	71	96	59	65	100	61	70	90	59
b3	81	58	90	81	61	100	78	61	90
c1	93	68	73	93	70	78	100	74	73
c2	70	94	59	67	90	61	74	100	58
c3	76	55	99	80	59	90	73	58	100

Na figura abaixo, observa-se o grau de equivalência dos estímulos entre as duas fases do experimento, Pré-teste e Pós-teste. É possível notar que ao comparar a avaliação de A1 na primeira fase com o próprio A1 na segunda fase, não obteve-se 100% de equivalência. Esse fato demonstra uma variação na avaliação do estímulo, após o emparelhamento com os estímulos, em tese, sem significado pré-experimental. Esse fato merece investigação em estudos posteriores.

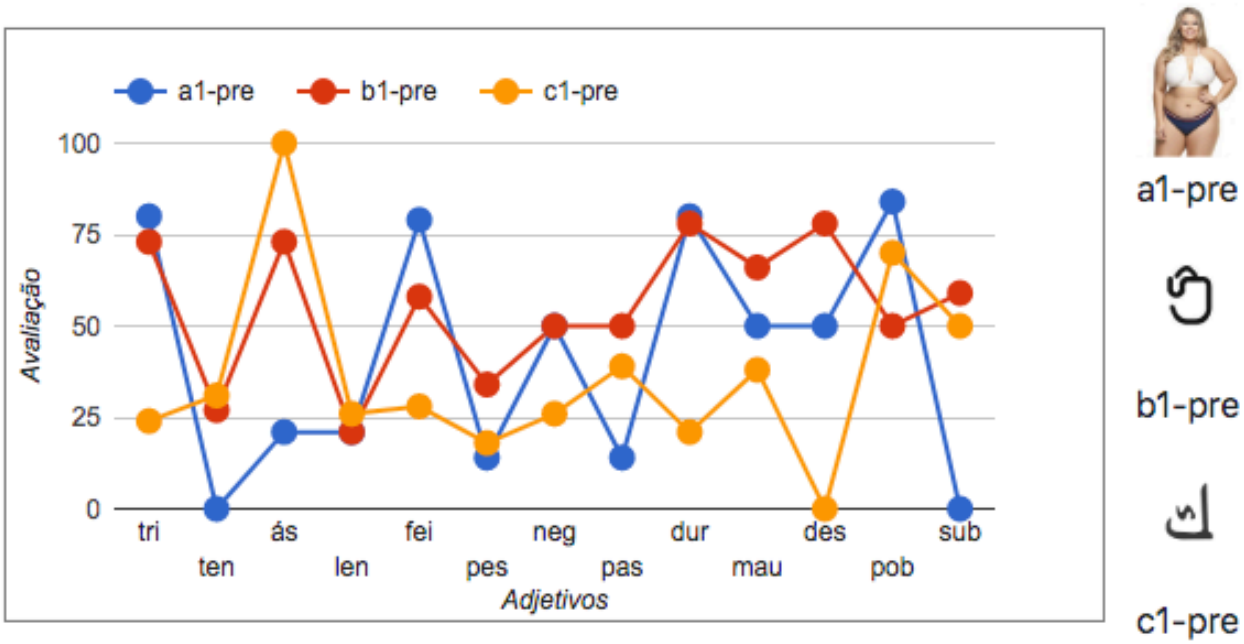
Figura 21. Grau de equivalência da Participante 2 entre Pré-Teste e Pós-Teste.

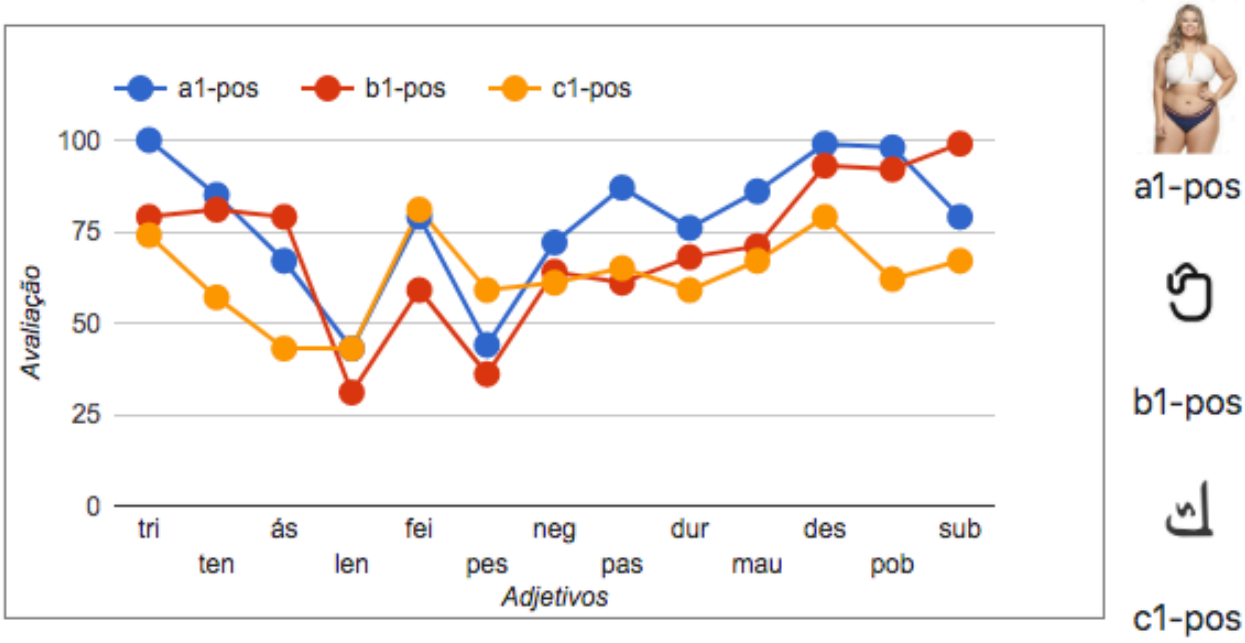
Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	82	68	72	85	70	75	86	63	73
a2	60	85	59	63	84	59	67	82	59
a3	76	55	82	76	59	87	73	58	82
b1	66	59	69	66	57	69	63	61	69
b2	63	79	71	64	82	62	61	77	71
b3	62	65	76	66	69	72	63	64	77
c1	59	66	55	58	69	55	60	60	55
c2	59	63	71	61	65	72	60	58	72
c3	62	65	76	66	69	72	63	64	77

Participante 3

A Figura 22 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). No Pré-Teste, as avaliações dos três estímulos foram variadas. No Pós-Teste, observa-se uma aproximação das avaliações dos três estímulos em alguns pontos, com a sobreposição das linhas em diversos pares de adjetivos.

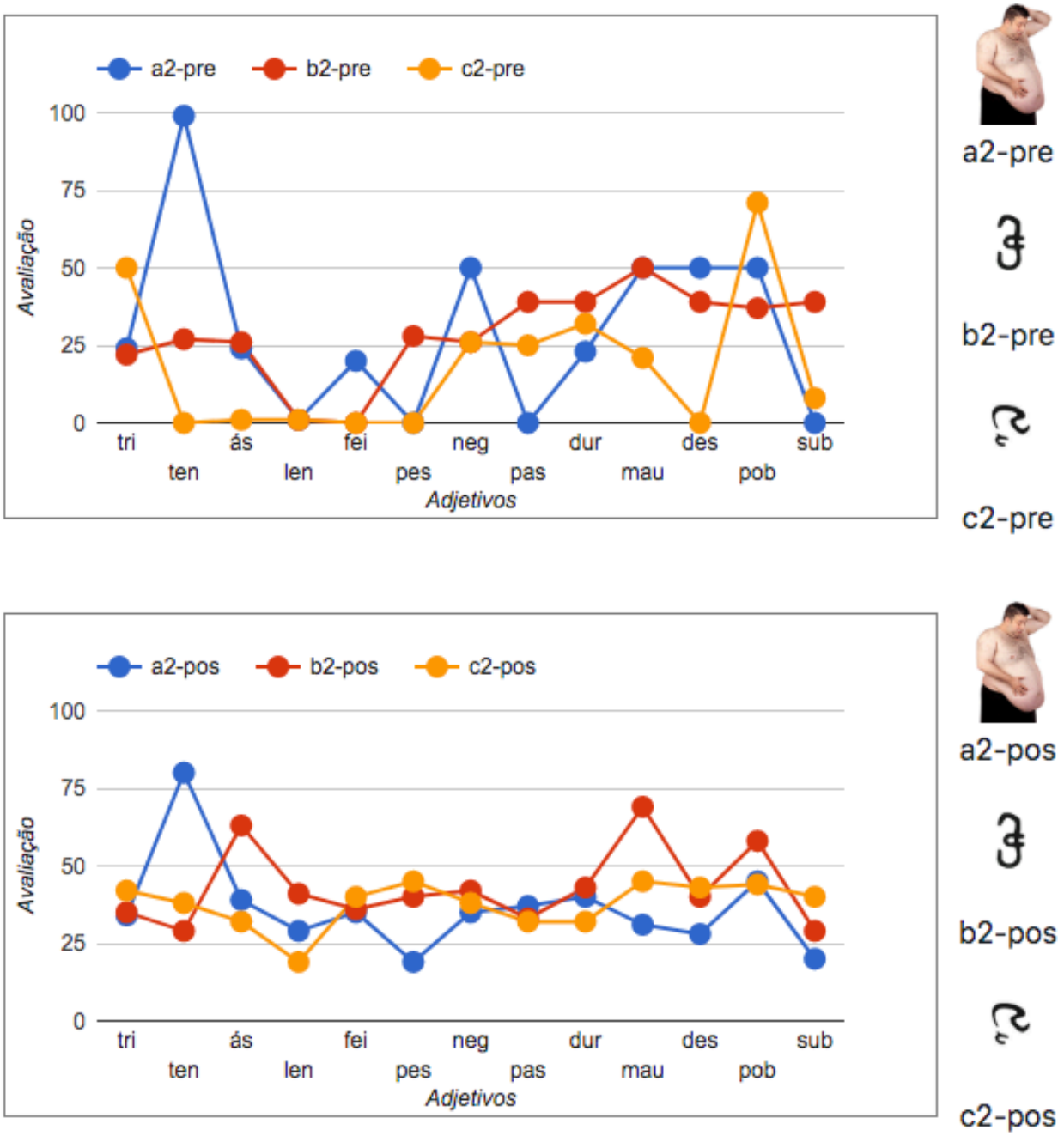
Figura 22. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste.





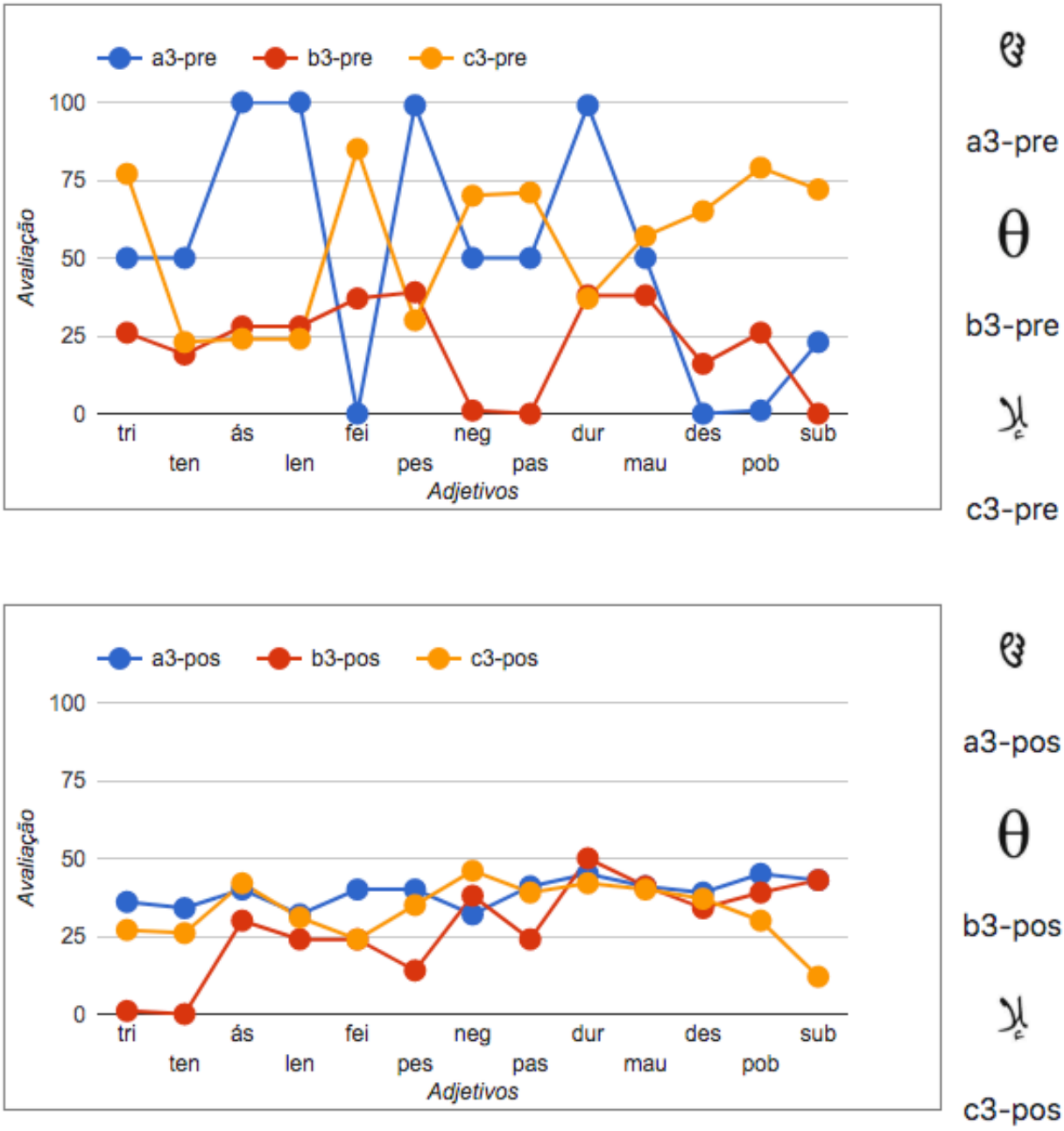
A Figura 23 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). Observa-se que a avaliação inicial do A2 foi extremamente variada, assim como as dos estímulos B2 e C2. No Pós-Teste, da mesma forma que o conjunto de estímulos da classe anterior, há uma aproximação e sobreposição das linhas em diversos pontos.

Figura 23. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



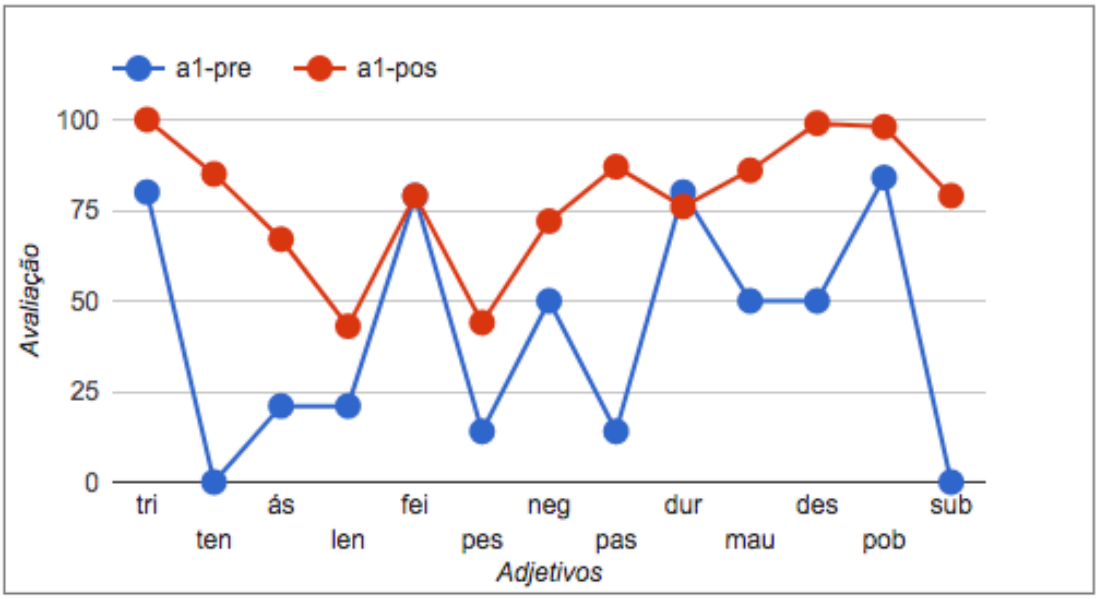
A Figura 24 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Observa-se que a avaliação inicial do A3 foi extremamente variada, assim como as dos estímulos B3 e C3. No Pós-Teste, da mesma forma que o conjunto de estímulos da classe anterior, há uma aproximação e sobreposição das linhas em diversos pontos.

Figura 24. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



A Figura 25 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Percebe-se que as avaliações iniciais foram distintas, mas que os estímulos foram avaliados de maneira semelhante após o emparelhamento, com uma elevação da avaliação dos três estímulos.

Figura 25. Avaliação do estímulo A1, B1 e C1 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

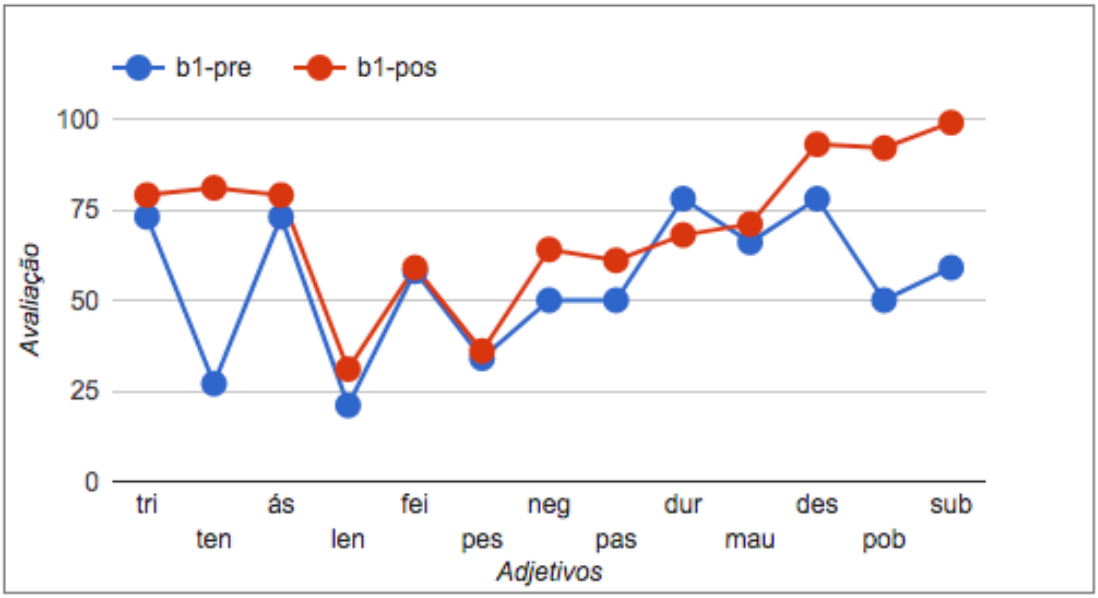




a1-pre

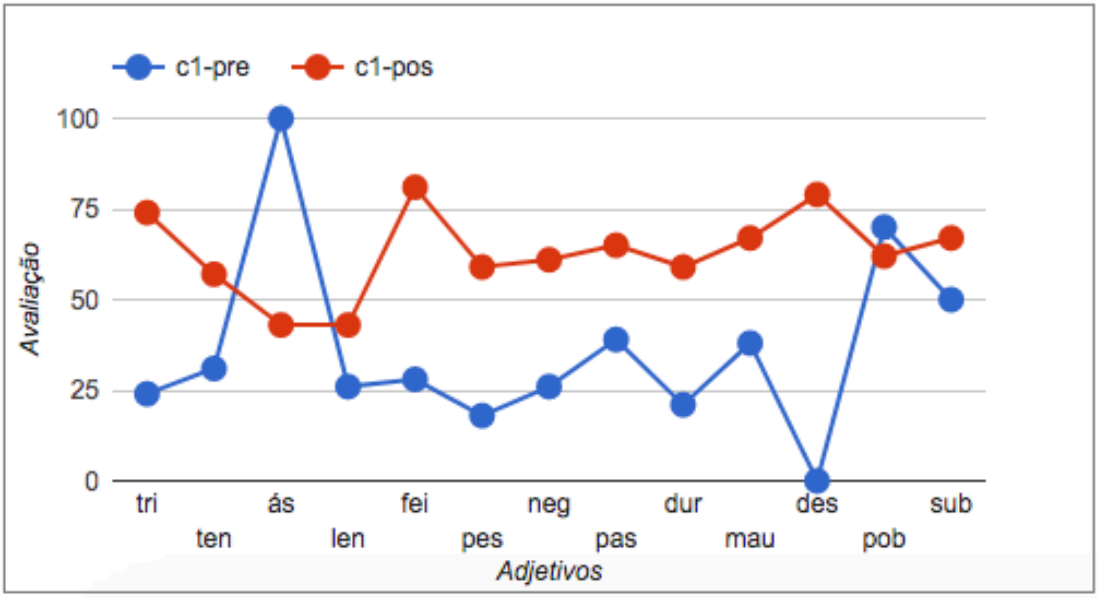


a1-pos



b1-pre

b1-pos

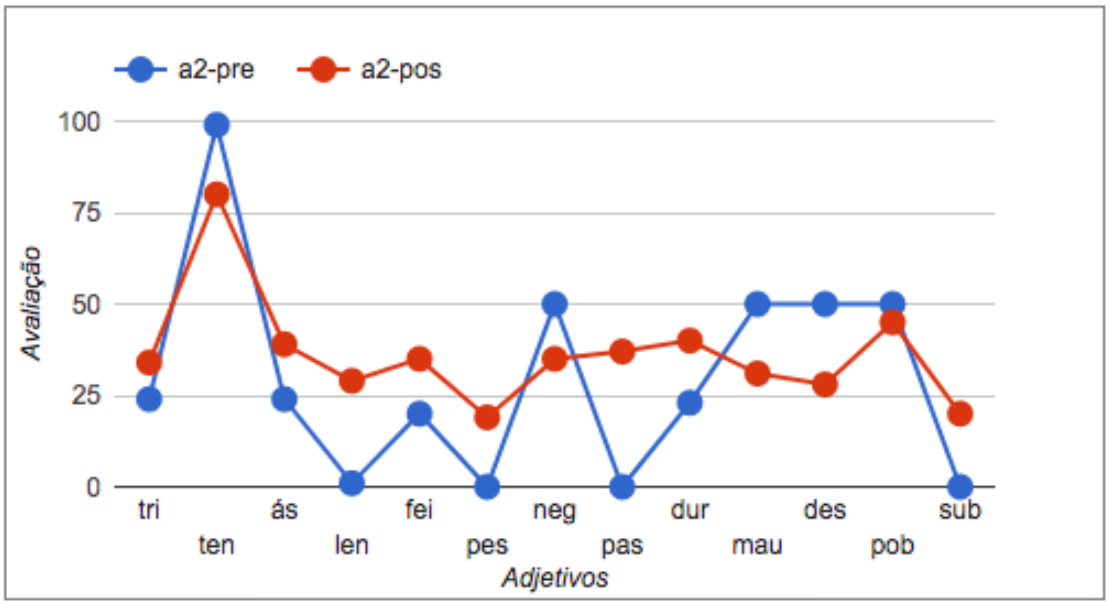


c1-pre

c1-pos

A Figura 26 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que no Pré-teste os três estímulos obtiveram avaliações negativas. No Pós-teste os três estímulos obtiveram um aumento em sua avaliação, mantendo, porém, a tendência negativa da avaliação.

Figura 26. Avaliação do estímulo A2, B2 e C2 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

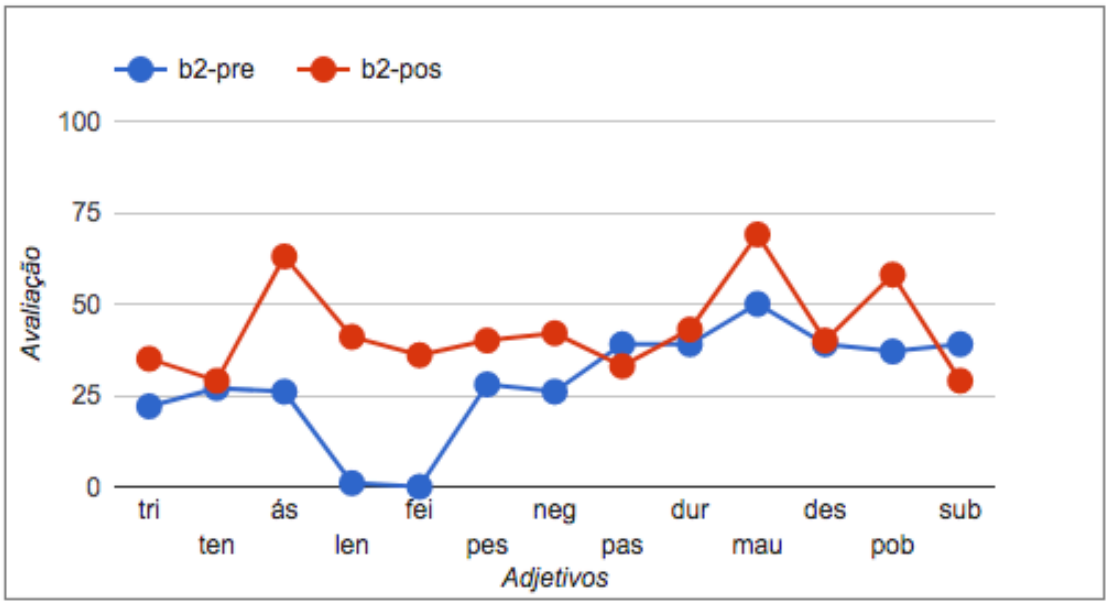




a2-pre



a2-pos

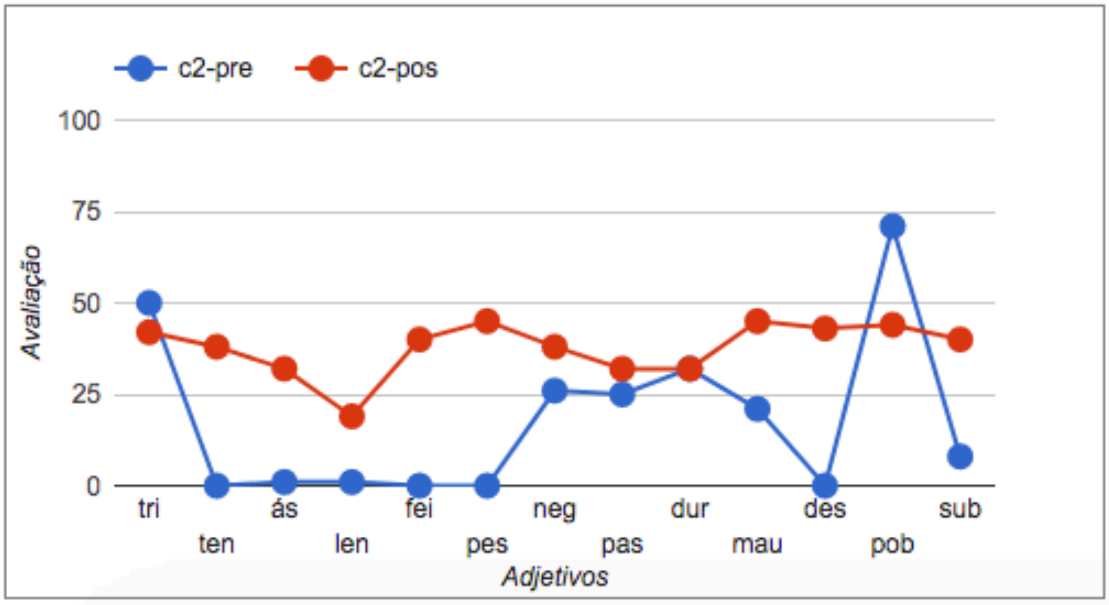




b2-pre



b2-pos





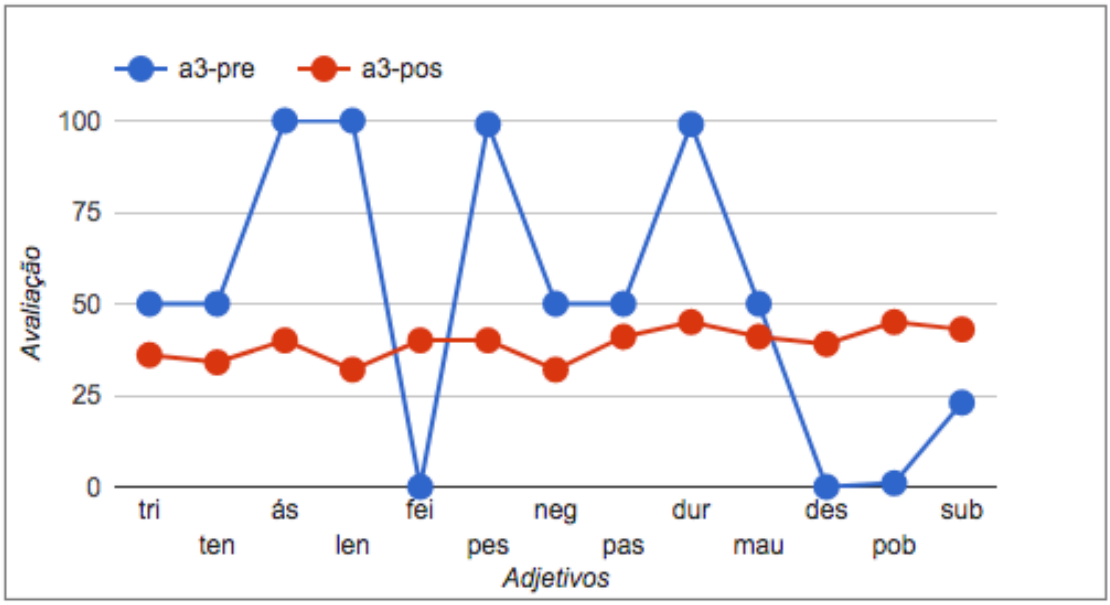
c2-pre



c2-pos

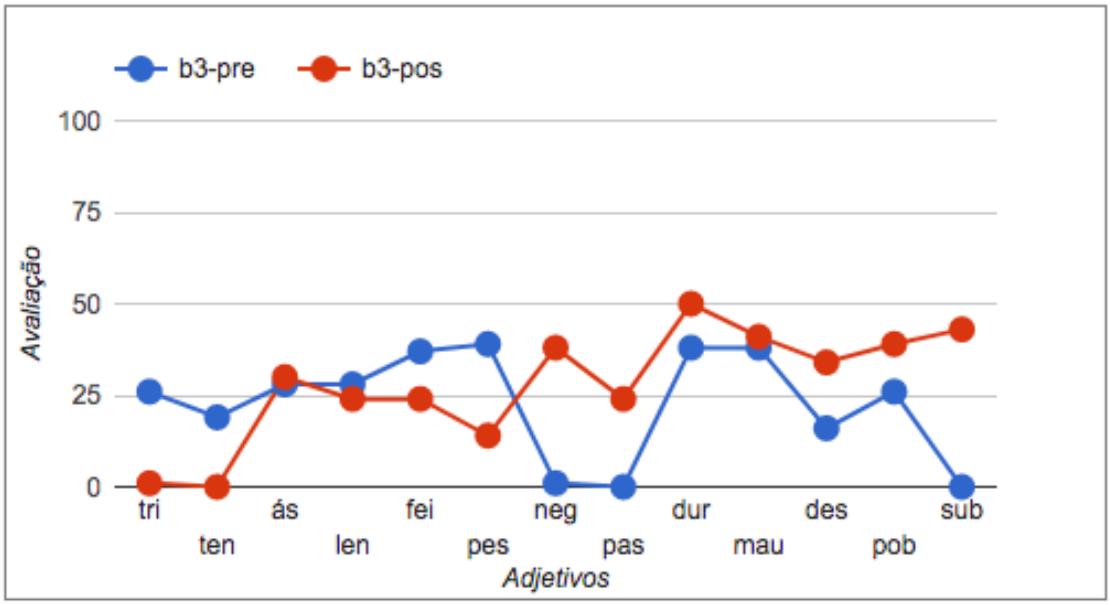
A Figura 27 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). No Pré-teste os três estímulos obtiveram avaliações variadas. No Pós-teste, há uma aparente aproximação do estímulo A3 com o estímulo B3, fazendo com que a A1 fosse avaliado de forma negativa. De maneira geral, houve uma aproximação das avaliações dos três estímulos no Pós-teste.

Figura 27. Avaliação do estímulo A3, B3 e C3 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



a3-pre

a3-pos

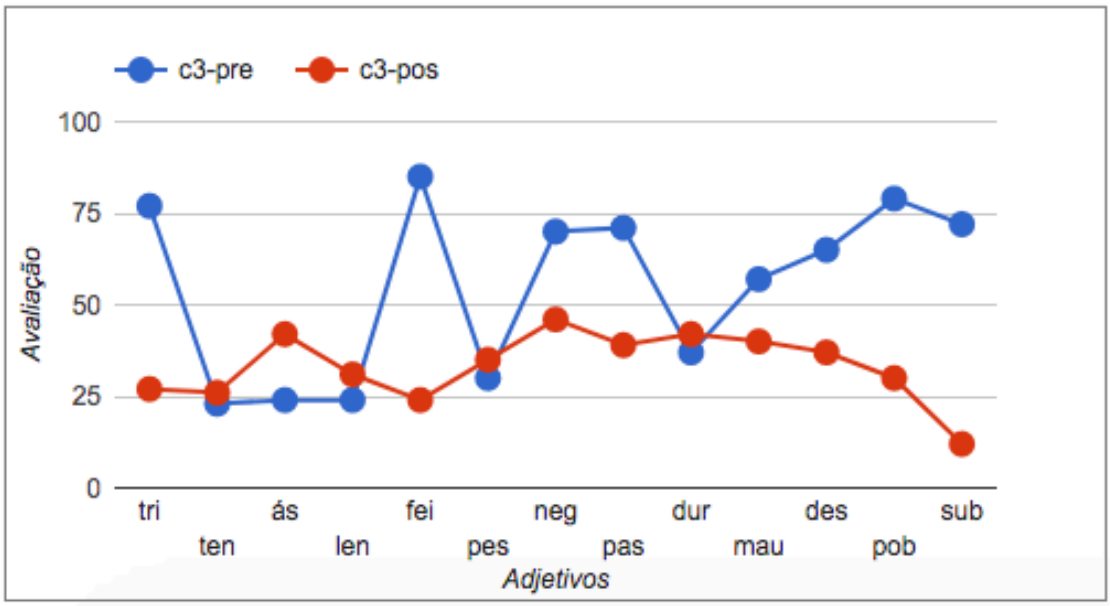


θ

b3-pre

θ

b3-pos



c3-pre

c3-pos

A figura abaixo apresenta o grau de equivalência entre os estímulos no Pré-Teste. Observa-se que os estímulos A2 e B2, por exemplo, possuíam equivalência de 80% na primeira etapa do experimento.

Figura 28. Grau de equivalência da Participante 3 no Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	73	53	77	70	72	65	73	79
a2	73	100	53	64	80	77	70	74	63
a3	53	53	100	63	63	59	65	56	49
b1	77	64	63	100	74	66	72	60	82
b2	70	80	63	74	100	82	80	80	73
b3	72	77	59	66	82	100	76	76	65
c1	65	70	65	72	80	76	100	76	68
c2	73	74	56	60	80	76	76	100	63
c3	79	63	49	82	73	65	68	63	100

Após o emparelhamento dos estímulos, observa-se que estes mesmos estímulos passaram a ter equivalência de 85%.

Figura 29. Grau de equivalência da Participante 3 no Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	58	61	87	65	50	82	59	55
a2	58	100	90	66	85	84	70	87	89
a3	61	90	100	68	91	87	76	94	92
b1	87	66	68	100	71	58	83	66	63
b2	65	85	91	71	100	82	77	89	89
b3	50	84	87	58	82	100	65	86	87
c1	82	70	76	83	77	65	100	75	70
c2	59	87	94	66	89	86	75	100	88
c3	55	89	92	63	89	87	70	88	100

Na figura abaixo, observa-se o grau de equivalência dos estímulos entre as duas fases do experimento, Pré-teste e Pós-teste. É possível notar que ao comparar a avaliação de A1 na primeira fase com o próprio A1 na segunda fase, não obteve-se 100% de equivalência. Esse fato demonstra uma variação na avaliação do estímulo, após o emparelhamento com os estímulos, em tese, sem significado pré-experimental. Esse fato merece investigação em estudos posteriores.

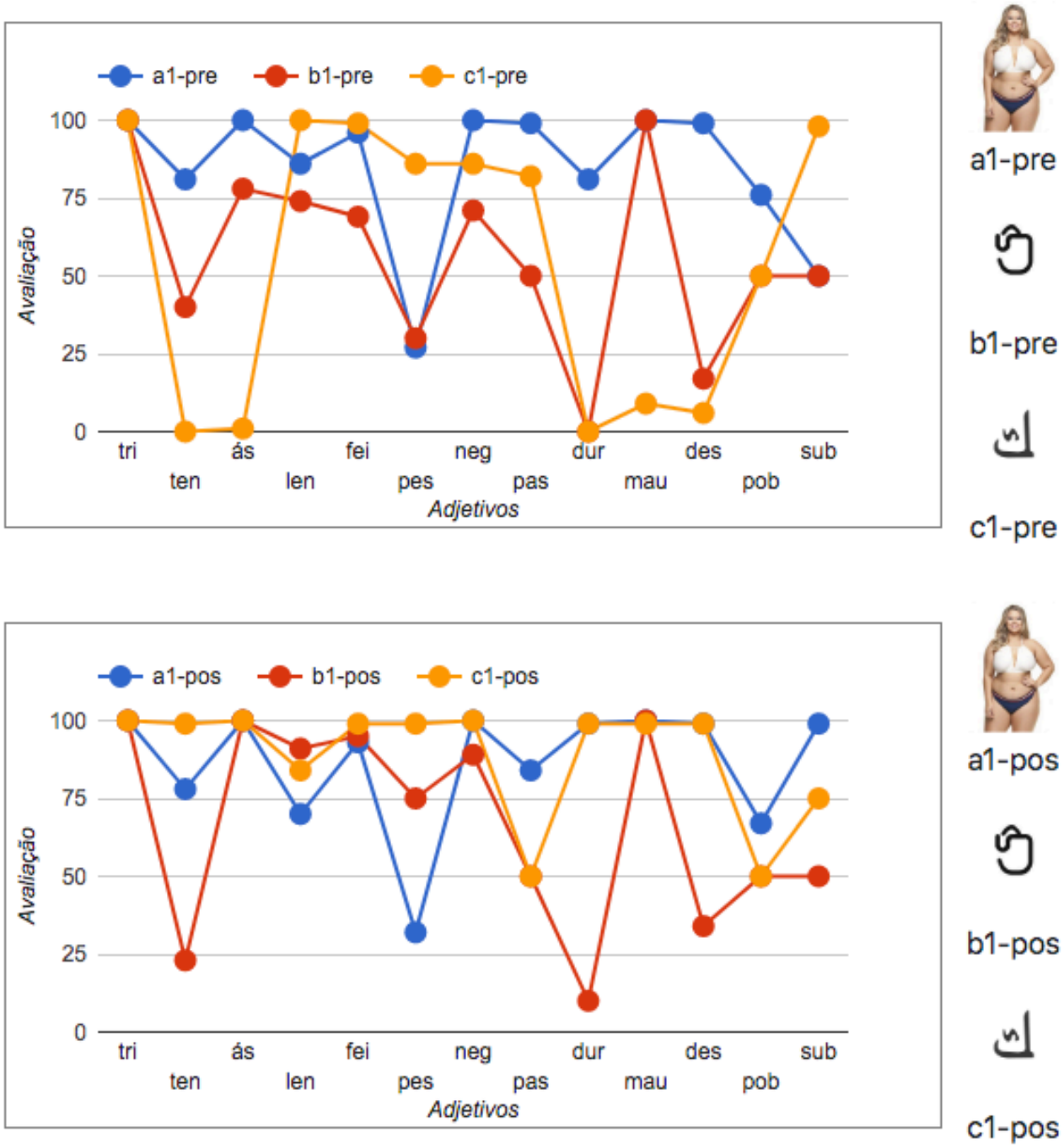
Figura 30. Grau de equivalência da Participante 3 entre Pré-Teste e Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	63	71	73	66	73	76	71	75	74
a2	50	81	74	57	74	76	61	78	78
a3	48	64	65	53	67	58	59	64	68
b1	76	72	80	83	82	72	85	79	76
b2	51	83	88	58	83	87	66	88	88
b3	45	82	84	52	80	82	60	83	87
c1	53	81	83	63	81	80	63	80	81
c2	40	75	73	48	71	78	54	75	75
c3	76	69	76	78	74	70	85	77	72

Participante 4

A Figura 31 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). No Pré-Teste, a avaliação do estímulo A1 foi predominantemente positiva. Ainda, as avaliações de B1 e C1 foram variadas. No Pós-Teste, A1 manteve sua avaliação positiva. Verificou-se que as avaliações de A1, B1 e C1 foram similares para a maior parte dos adjetivos.

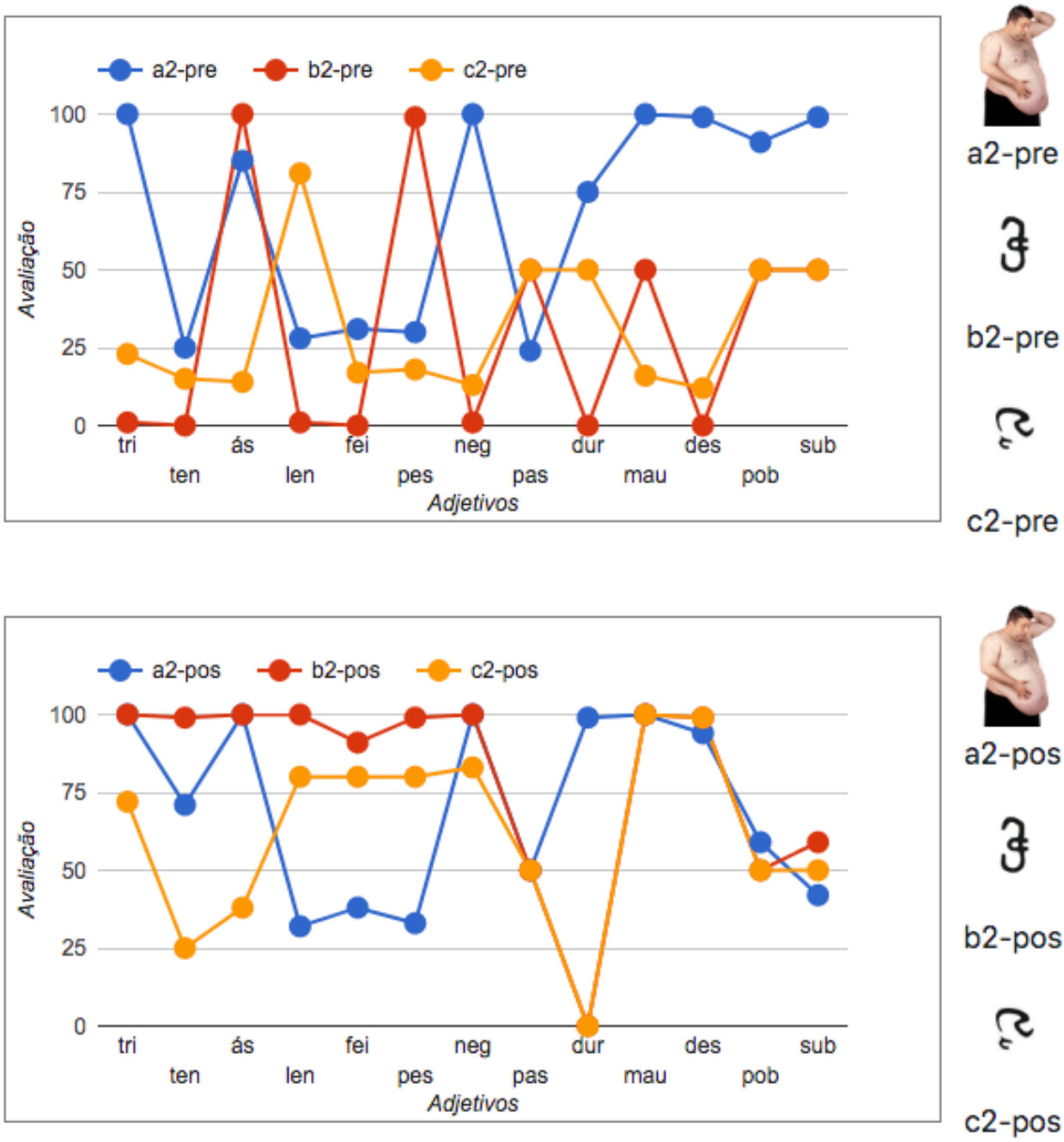
Figura 31. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 pelo Participante 4 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



A Figura 32 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). No Pré-Teste, as avaliações de A2, B2 e C3 foram variadas. O estímulo A2 recebeu uma avaliação predominantemente positiva, em contraste com os estímulos B2 e C2, que foram avaliados negativamente. No Pós-Teste, o estímulo A2 manteve sua avaliação e nota-se uma melhora na avaliação

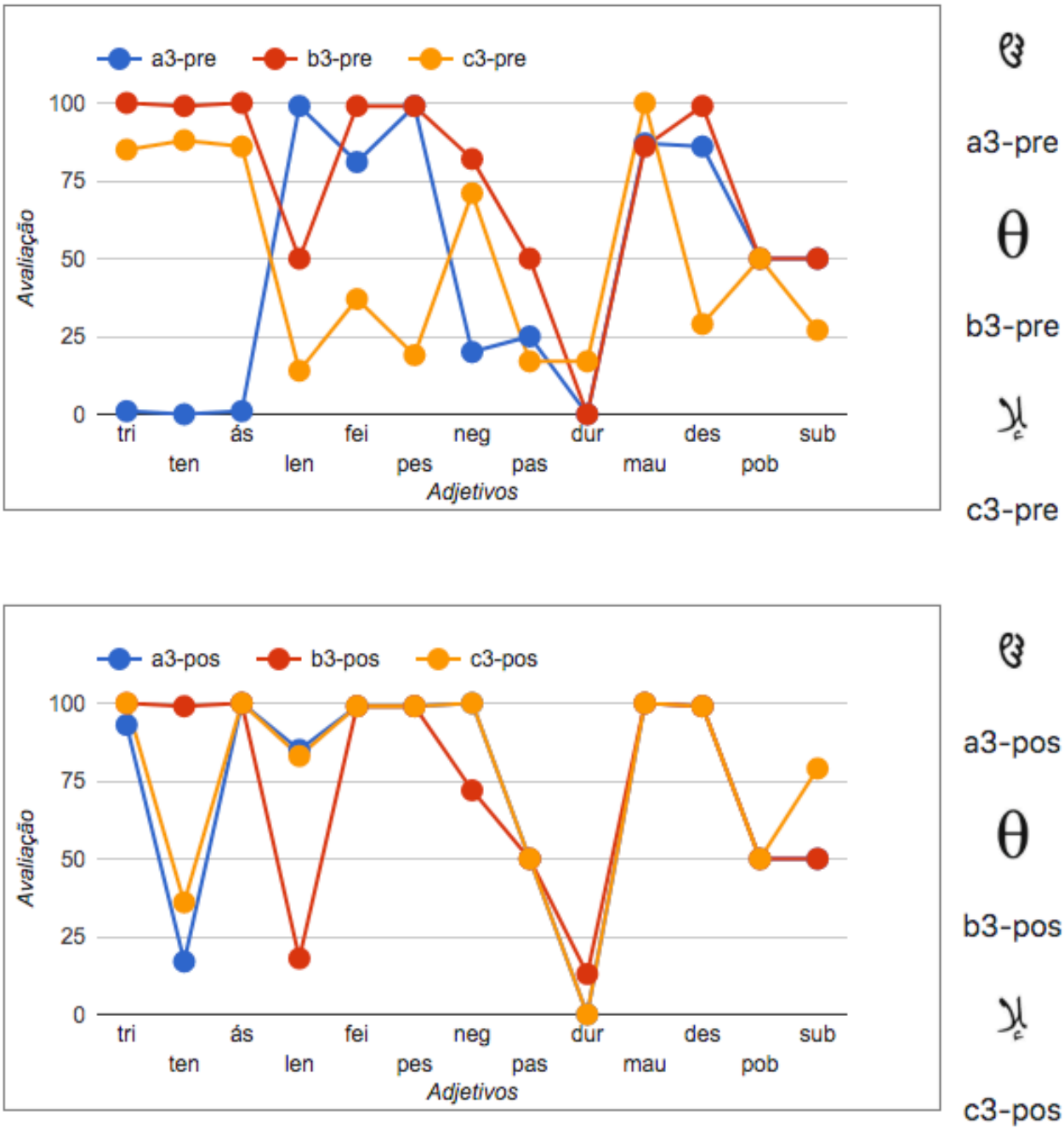
dos estímulos B2 e C2, com a aproximação das avaliações dos diferentes estímulos.

Figura 32. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 pelo Participante 4 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



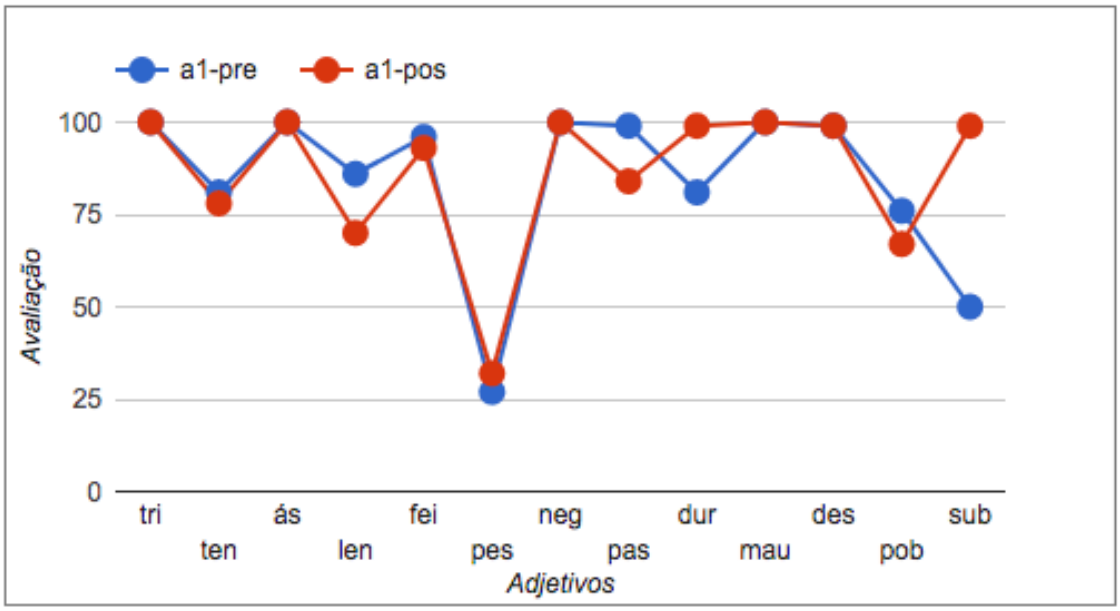
A Figura 33 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). No Pré-Teste, as avaliações de todos os estímulos foram diversas. No Pós-Teste, observa-se uma uniformização na avaliação dos três estímulos, com sobreposição das linhas em diversos pontos.

Figura 33. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 pelo Participante 4 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



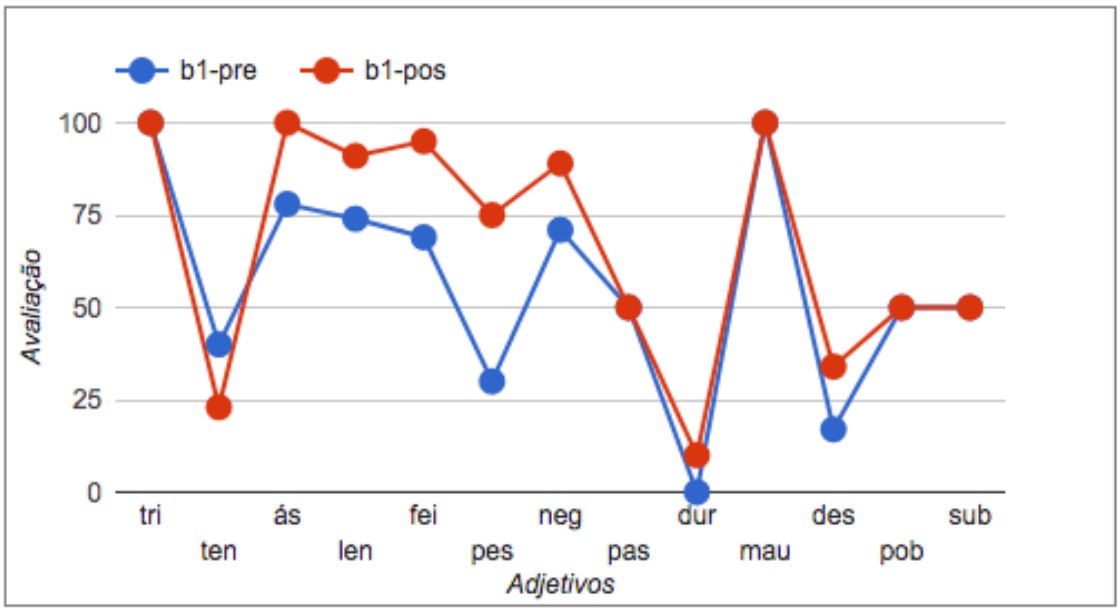
A Figura 34 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que o estímulo A1 manteve sua avaliação ao longo das duas fases do experimento, enquanto os estímulos B1 e C1 obtiveram uma melhora em sua avaliação no Pós-teste.

Figura 34. Avaliação do estímulo A1, B1 e C1 pelo Participante 4 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



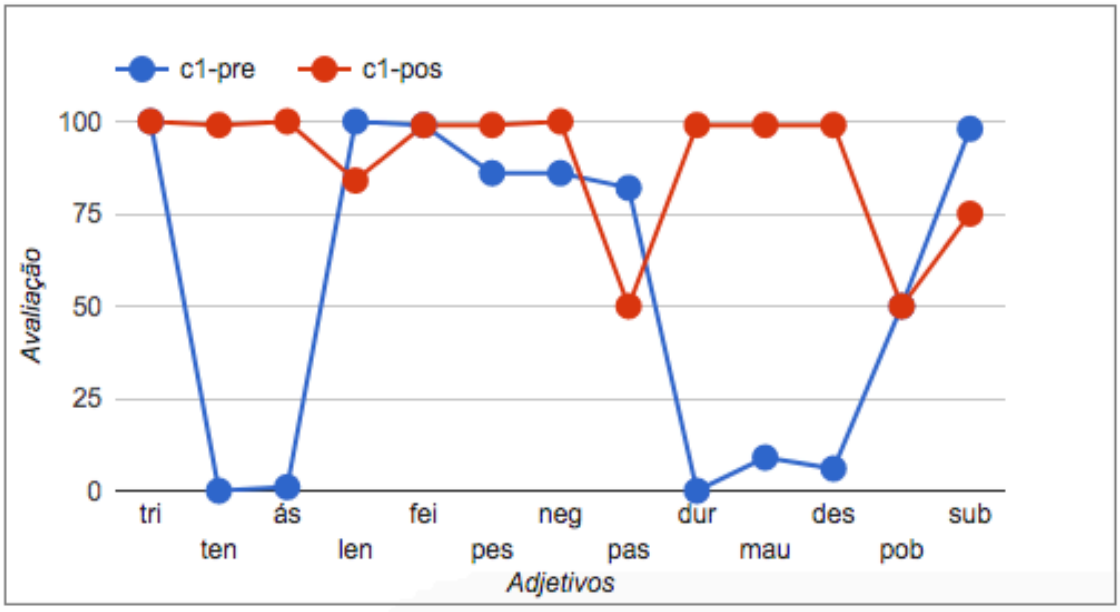

a1-pre


a1-pos




b1-pre


b1-pos

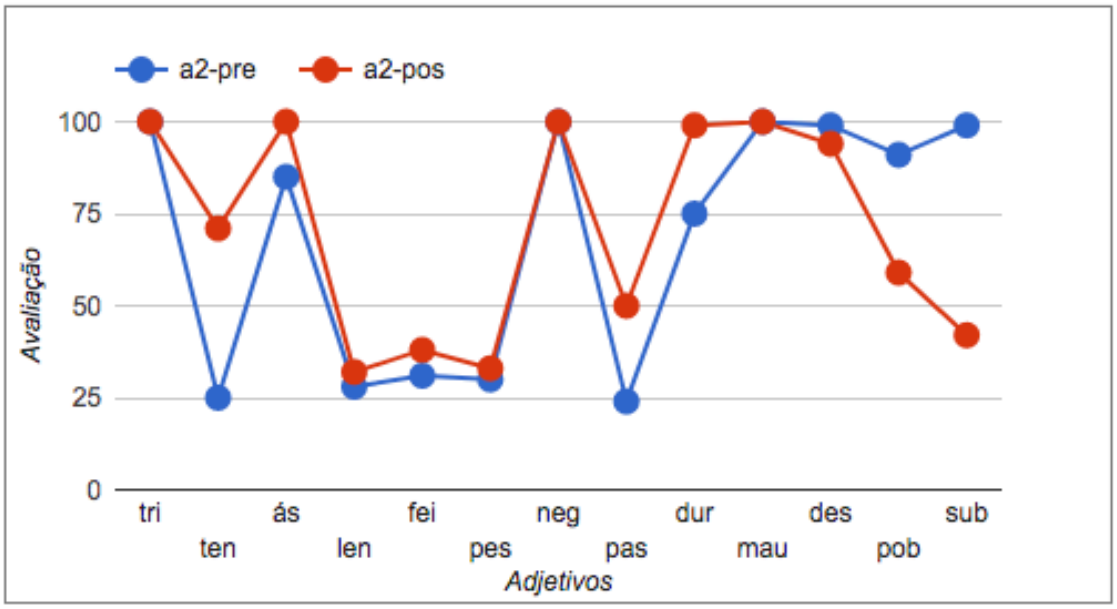



c1-pre


c1-pos

A Figura 35 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que o estímulo A2 manteve sua avaliação ao longo das duas fases do experimento, enquanto os estímulos B2 e C2 obtiveram uma melhora em sua avaliação no Pós-teste.

Figura 35. Avaliação do estímulo A2, B2 e C2 pelo Participante 4 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

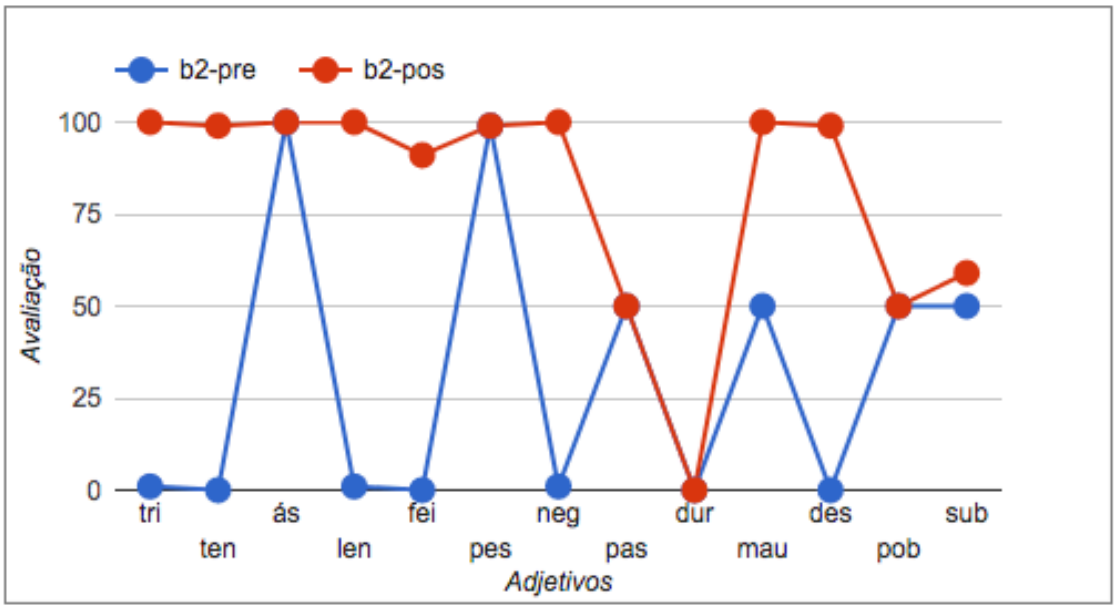




a2-pre



a2-pos

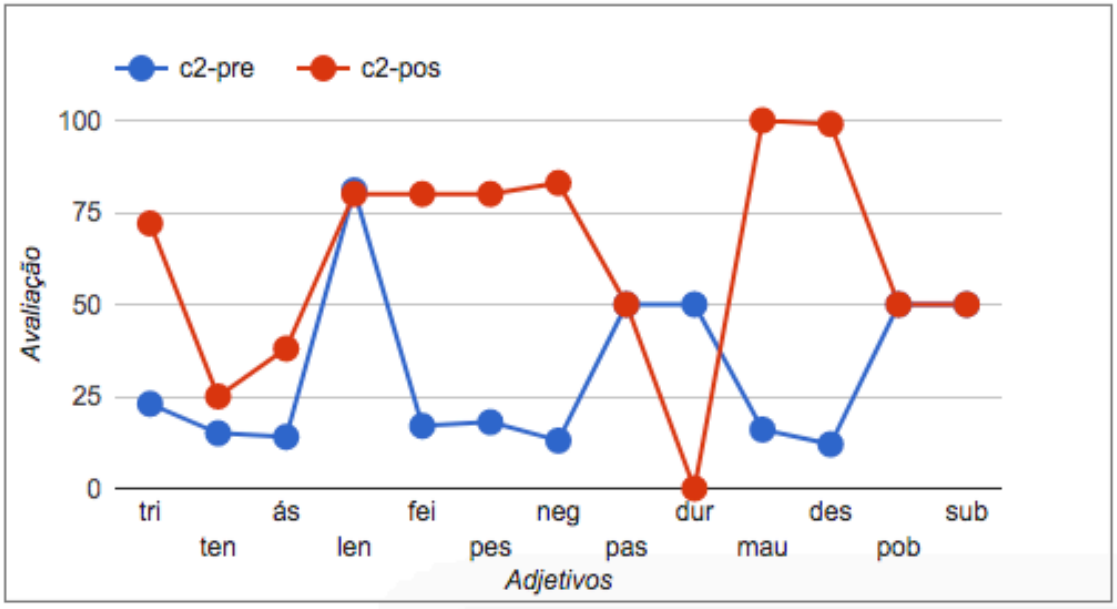




b2-pre



b2-pos





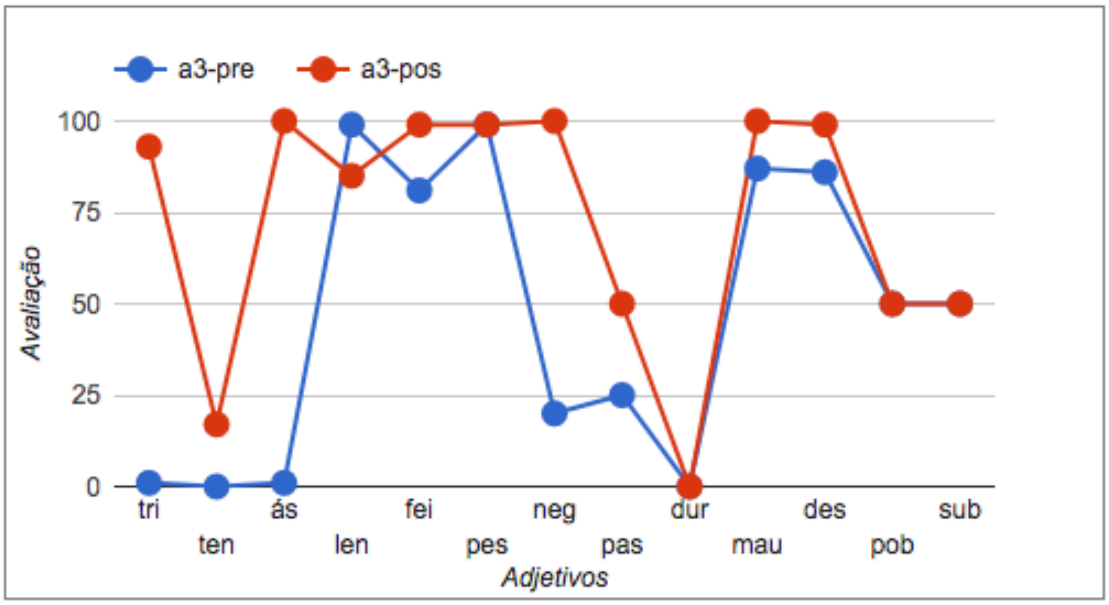
c2-pre



c2-pos

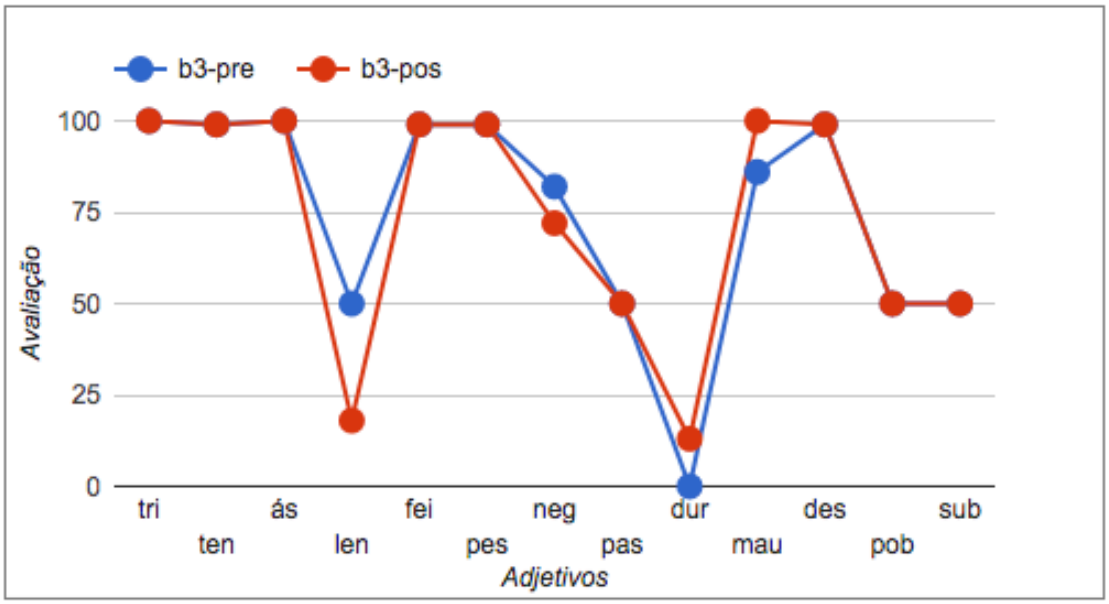
A Figura 36 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que, após avaliação variada no Pré-teste, os três estímulos sofreram avaliações semelhantes no Pós-teste.

Figura 36. Avaliação do estímulo A3, B3 e C3 pelo Participante 4 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



a3-pre

a3-pos

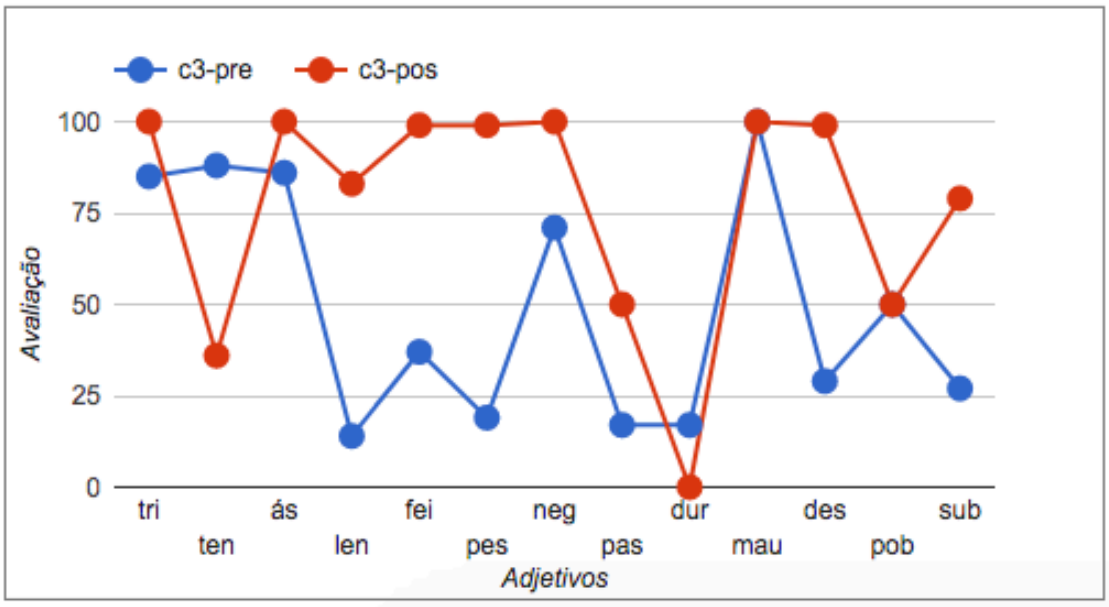


θ

b3-pre

θ

b3-pos



c3-pre

c3-pos

A figura abaixo representa os graus de equivalência entre os estímulos na etapa inicial do experimento. Observa-se que os estímulos A2 e B2 tinham 46% de equivalência antes de qualquer etapa de emparelhamento.

Figura 37. Grau de equivalência da Participante 4 no Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	74	49	71	36	76	52	47	64
a2	74	100	48	69	46	64	48	51	70
a3	49	48	100	63	66	64	65	66	51
b1	71	69	63	100	61	76	67	67	80
b2	36	46	66	61	100	57	52	69	59
b3	76	64	64	76	57	100	60	45	70
c1	52	48	65	67	52	60	100	62	47
c2	47	51	66	67	69	45	62	100	58
c3	64	70	51	80	59	70	47	58	100

Como exemplificação, observa-se que os mesmos estímulos acima citados passaram a ter, após o emparelhamento, 73% de equivalência, demonstrando a construção de classe de equivalência e a transferência de função entre os estímulos.

Figura 38. Grau de equivalência da Participante 4 no Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	84	73	70	76	72	86	67	77
a2	84	100	72	71	73	77	80	68	72
a3	73	72	100	90	91	85	83	88	96
b1	70	71	90	100	84	80	77	84	87
b2	76	73	91	84	100	89	89	82	92
b3	72	77	85	80	89	100	84	78	85
c1	86	80	83	77	89	84	100	73	87
c2	67	68	88	84	82	78	73	100	86
c3	77	72	96	87	92	85	87	86	100

Na figura abaixo, observa-se o grau de equivalência dos estímulos entre as duas fases do experimento, Pré-teste e Pós-teste. É possível notar que ao comparar a avaliação de A1 na primeira fase com o próprio A1 na segunda fase, não obteve-se 100% de equivalência. Esse fato demonstra uma variação na avaliação do estímulo, após o emparelhamento com os estímulos, em tese, sem significado pré-experimental. Esse fato merece investigação em estudos posteriores.

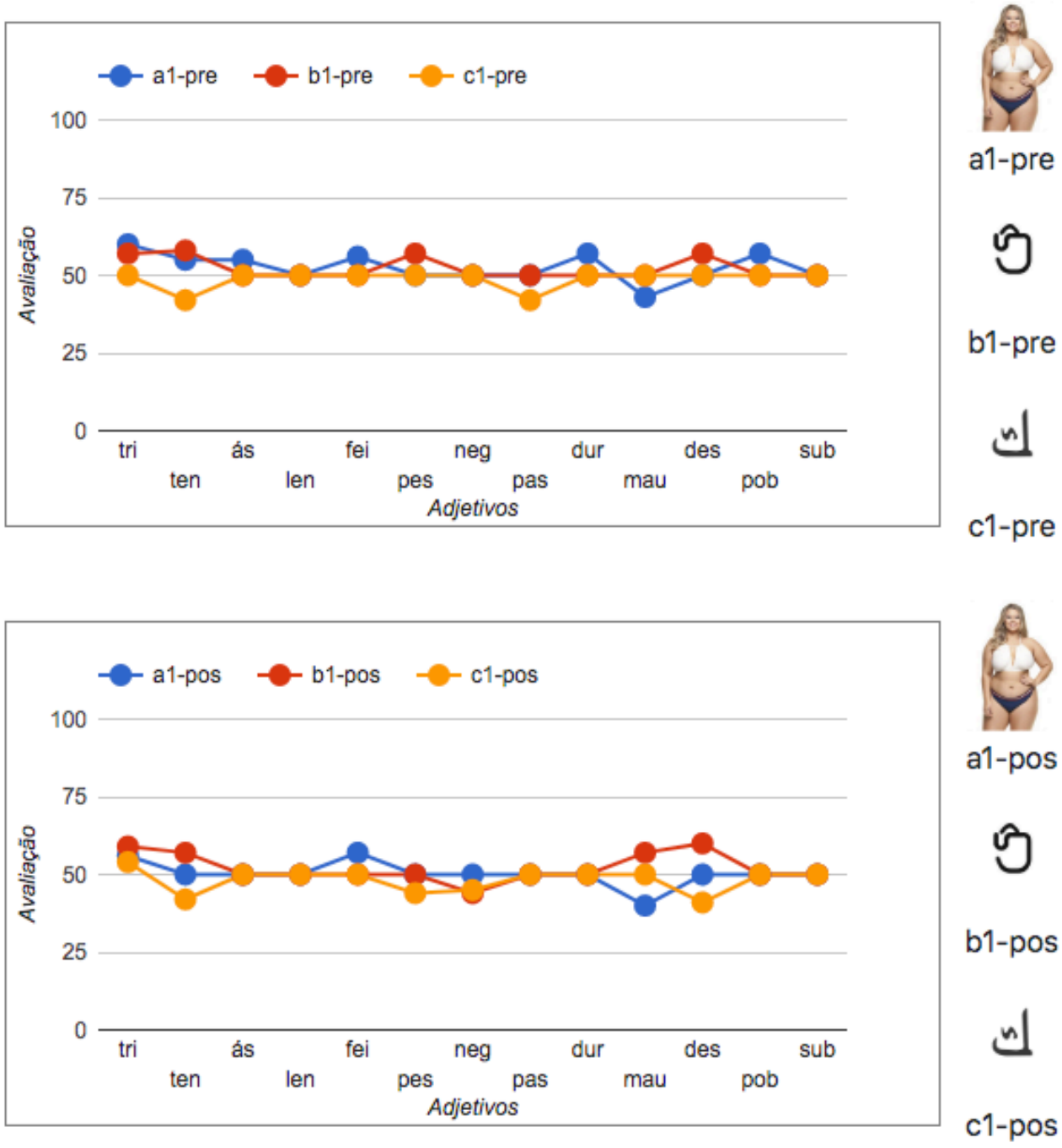
Figura 39. Grau de equivalência da Participante 4 entre Pré-Teste e Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	91	83	77	74	79	74	84	70	76
a2	78	83	68	66	64	66	69	67	71
a3	45	47	71	66	66	61	55	78	67
b1	69	73	79	87	76	74	67	81	79
b2	34	49	58	61	50	58	42	56	54
b3	73	75	88	81	92	95	85	81	88
c1	55	43	67	72	62	55	56	69	68
c2	44	52	51	59	43	43	43	62	47
c3	61	76	63	71	66	76	60	65	62

Participante 5

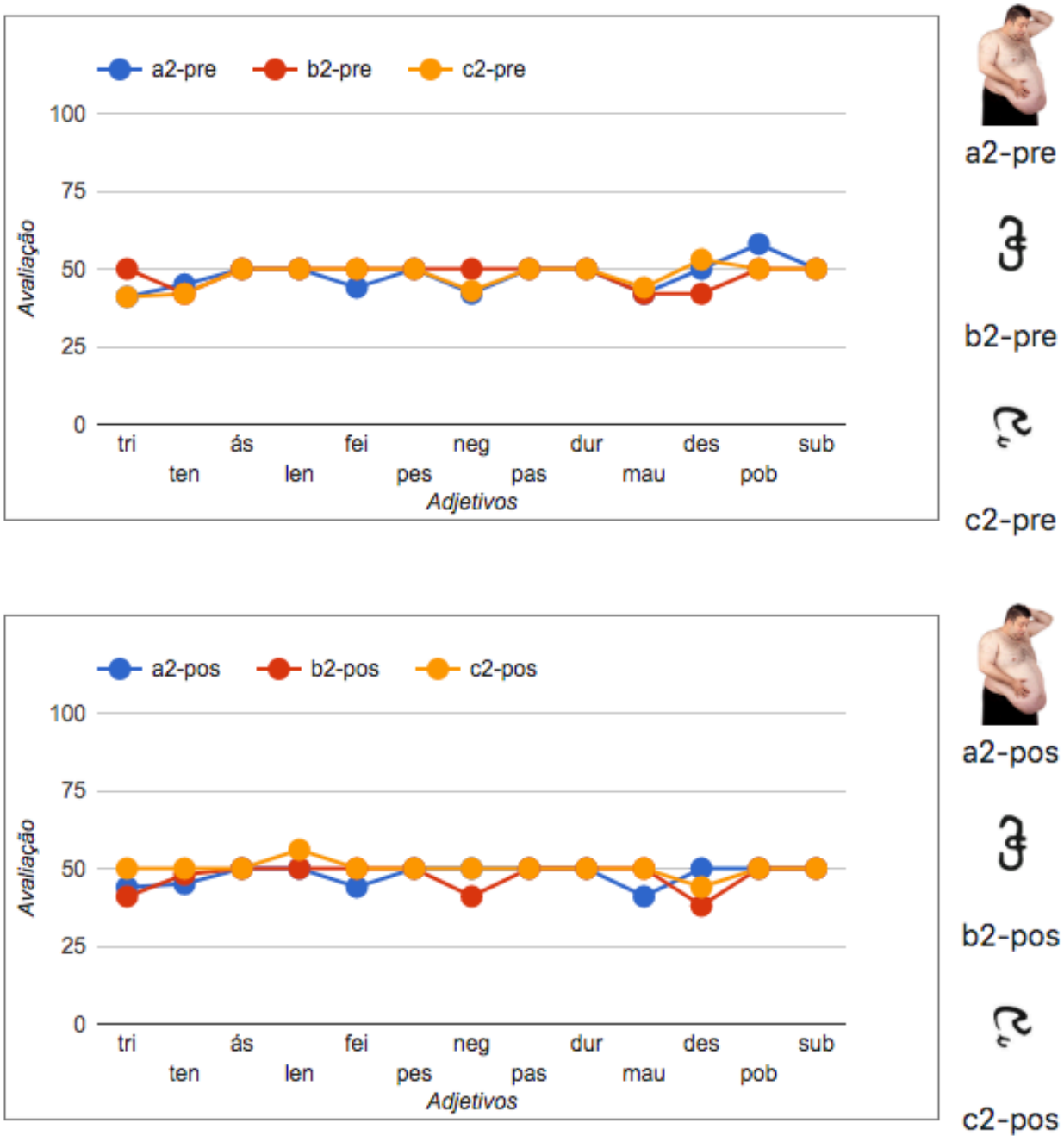
A Figura 40 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). Observa-se que nas duas fases do experimento os três estímulos receberam avaliações muito próximas, sem valência definida. Esse resultado pode demonstrar falta de engajamento do participante para realizar as avaliações.

Figura 40. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 pelo Participante 5 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



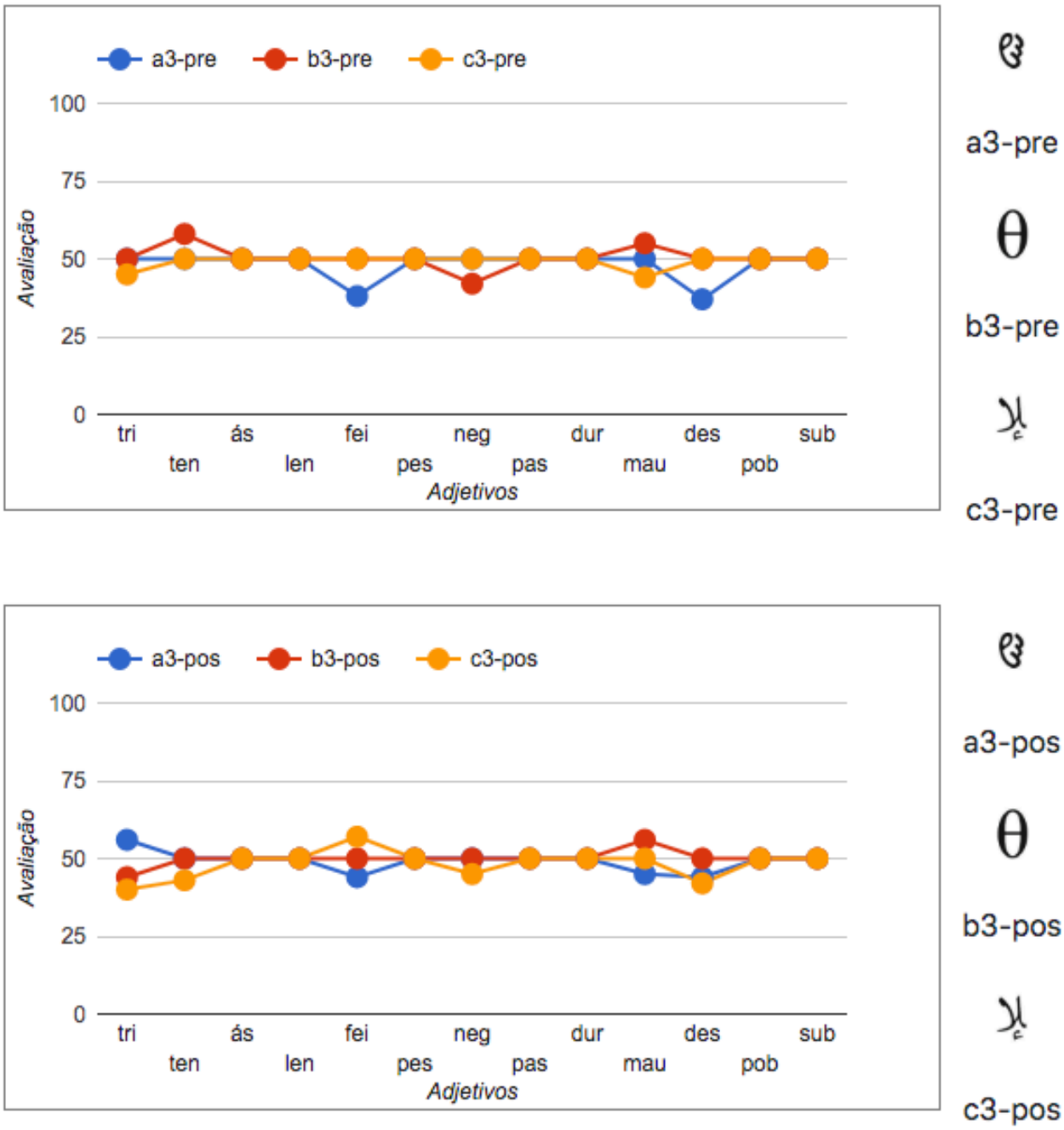
A Figura 41 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). Observa-se que nas duas fases do experimento os três estímulos receberam avaliações muito próximas, sem valência definida. Esse resultado pode demonstrar falta de engajamento do participante para realizar as avaliações.

Figura 41. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 pelo Participante 5 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



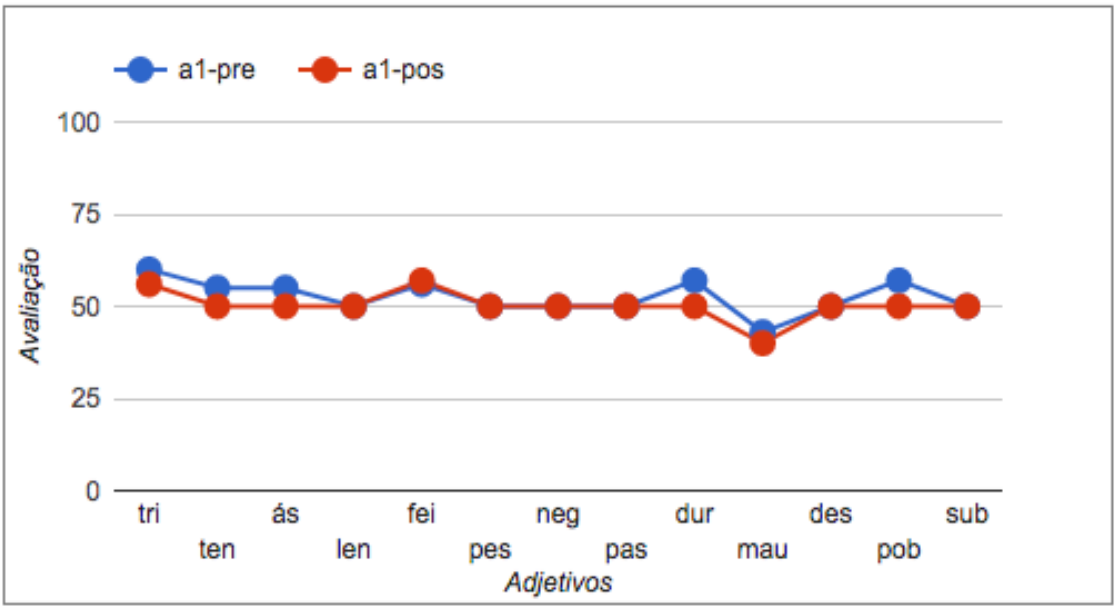
A Figura 42 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Observa-se que nas duas fases do experimento os três estímulos receberam avaliações muito próximas, sem valência definida. Esse resultado pode demonstrar falta de engajamento do participante para realizar as avaliações.

Figura 42. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 pelo Participante 5 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



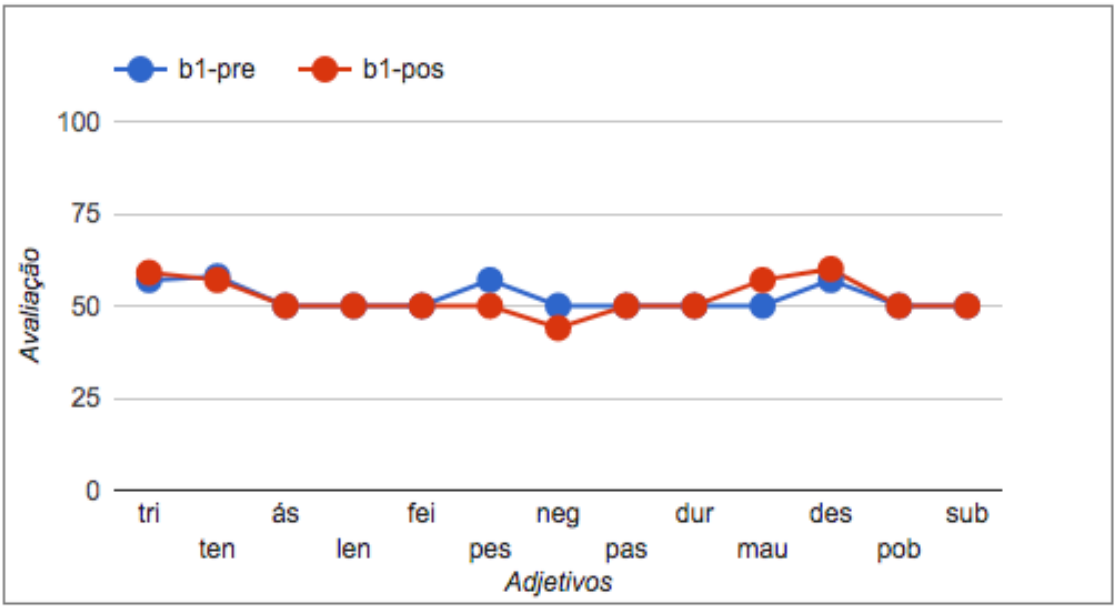
A Figura 43 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Verifica-se que não há mudanças significativas nas avaliações dos três estímulos entre as duas fases do experimento.

Figura 43. Avaliação do estímulo A1, B1 e C1 pelo Participante 5 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



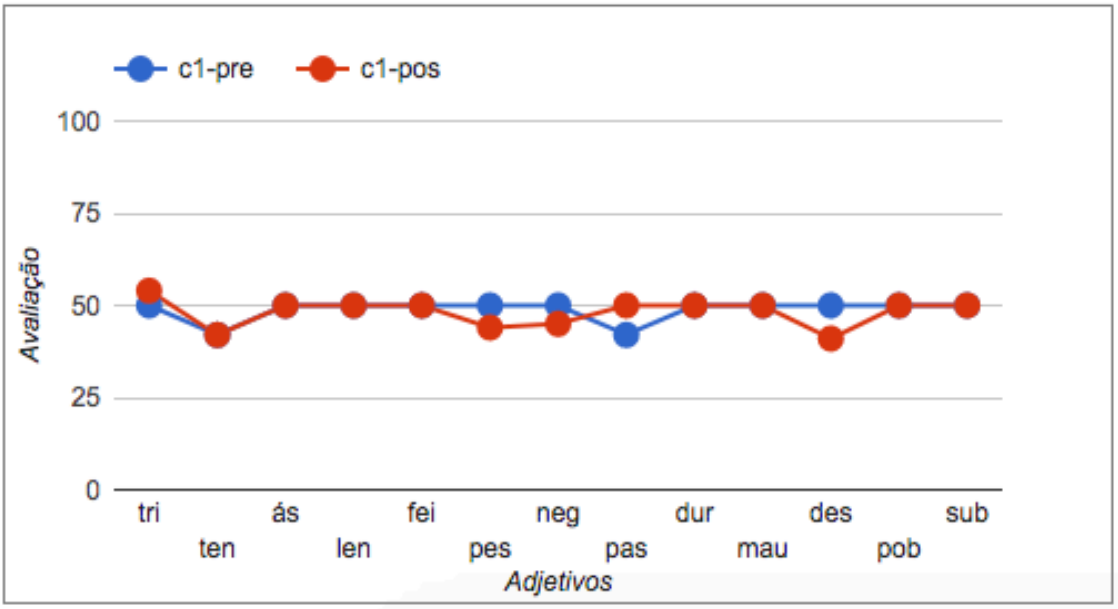

a1-pre


a1-pos




b1-pre


b1-pos

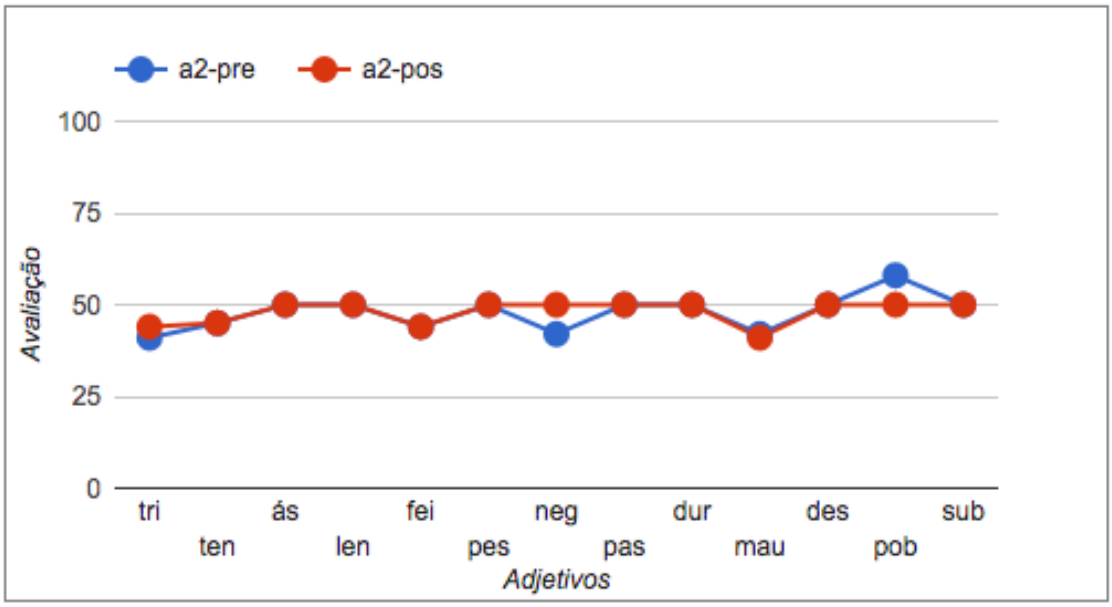



c1-pre


c1-pos

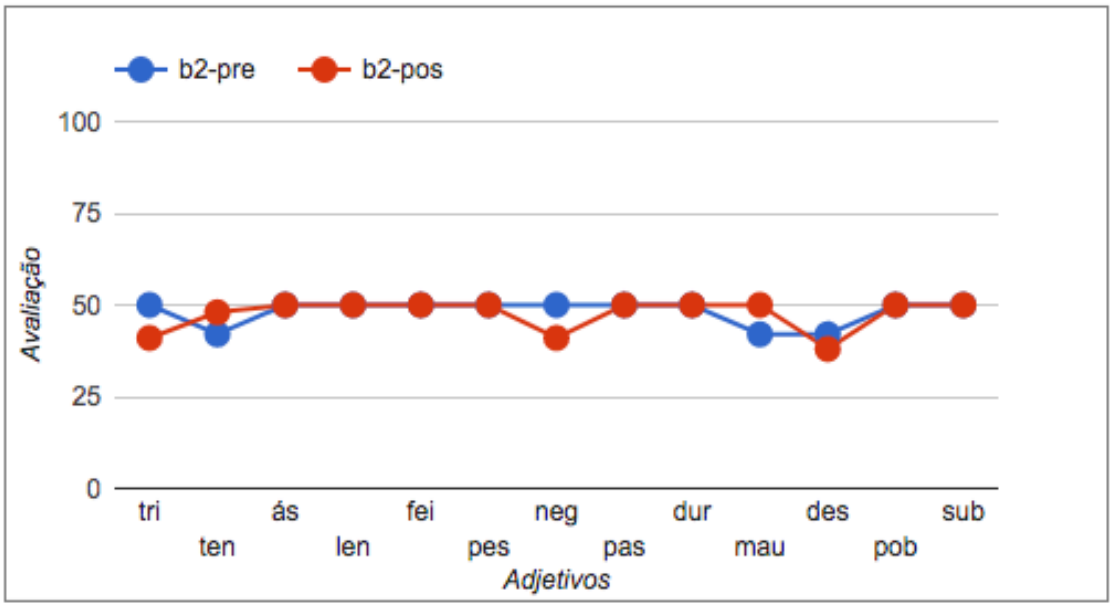
A Figura 44 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Verifica-se que não há mudanças significativas nas avaliações dos três estímulos entre as duas fases do experimento.

Figura 44. Avaliação do estímulo A2, B2 e C2 pelo Participante 5 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



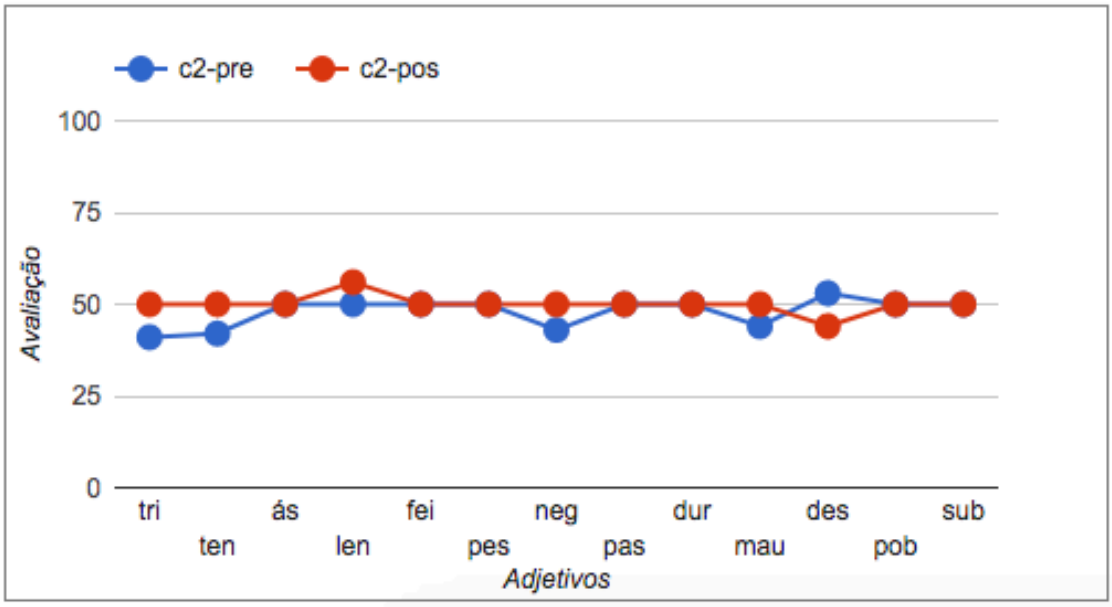

a2-pre


a2-pos




b2-pre


b2-pos

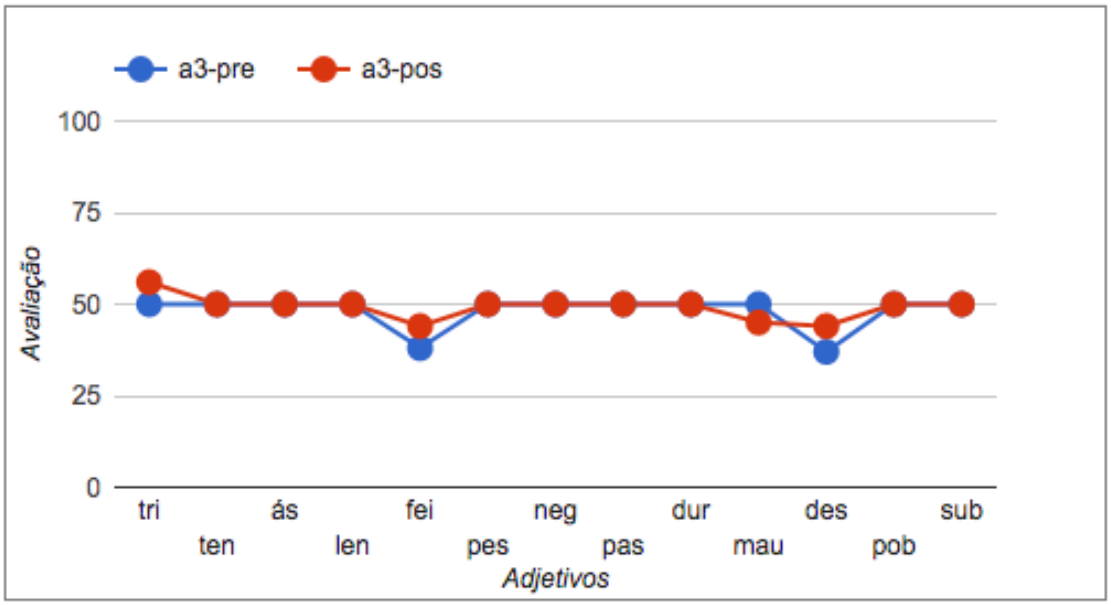



c2-pre


c2-pos

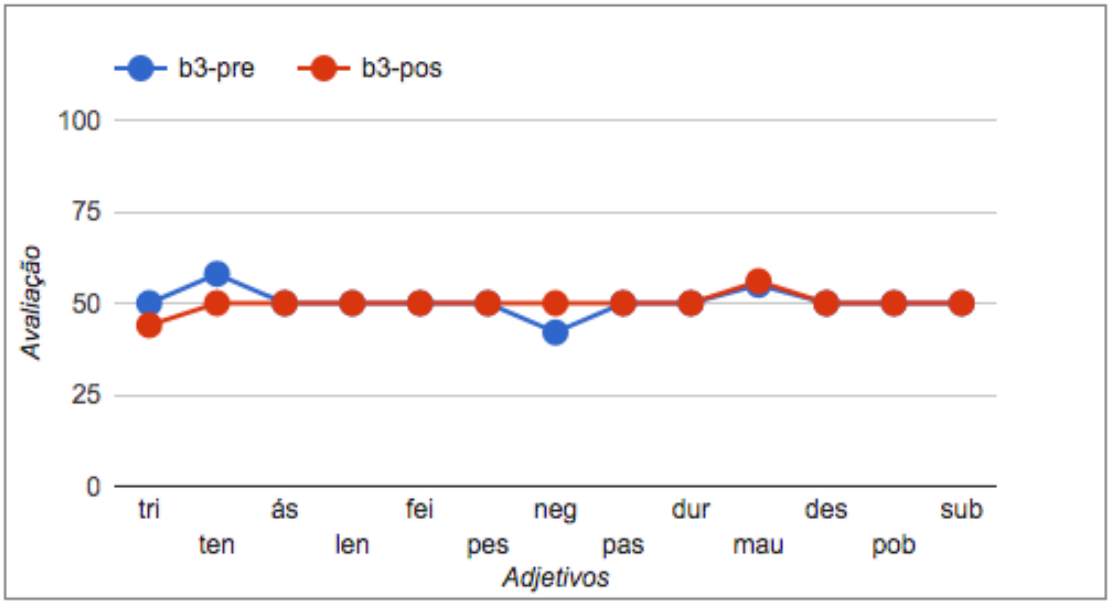
A Figura 45 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Verifica-se que não há mudanças significativas nas avaliações dos três estímulos entre as duas fases do experimento.

Figura 45. Avaliação do estímulo A3, B3 e C3 pelo Participante 5 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



a3-pre

a3-pos

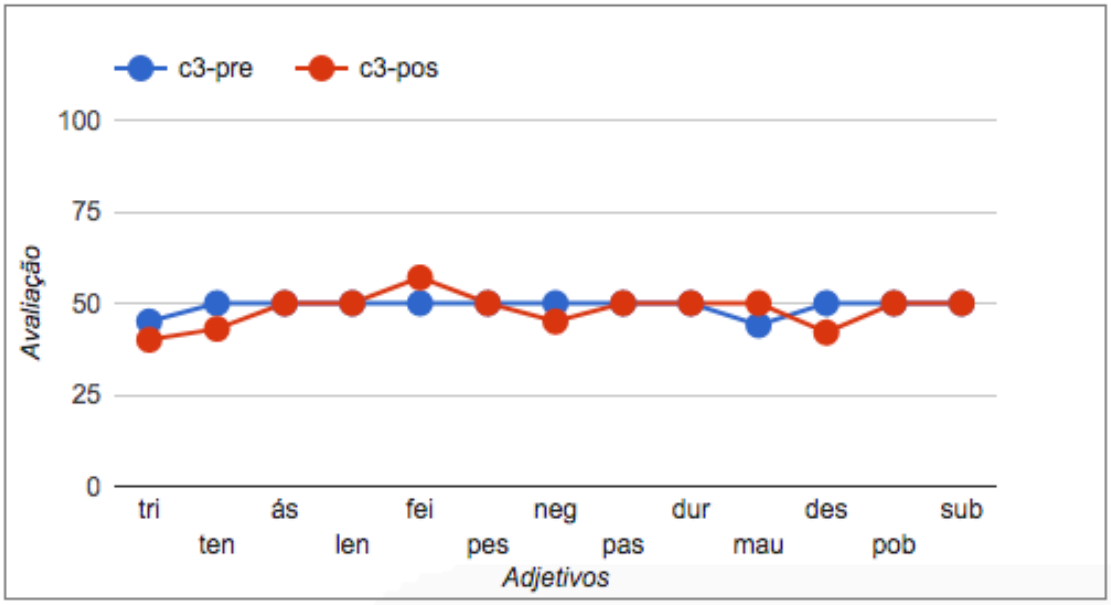


θ

b3-pre

θ

b3-pos



c3-pre

c3-pos

A figura abaixo representa os graus de equivalência entre os estímulos na etapa inicial do experimento. Observa-se que os estímulos A1 e B1 tinham 96% de equivalência antes de qualquer etapa de emparelhamento.

Figura 46. Grau de equivalência da Participante 5 no Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	95	94	96	96	96	95	95	96
a2	95	100	96	94	97	96	96	98	97
a3	94	96	100	96	97	96	97	96	97
b1	96	94	96	100	96	97	97	96	97
b2	96	97	97	96	100	97	98	98	98
b3	96	96	96	97	97	100	97	97	98
c1	95	96	97	97	98	97	100	97	98
c2	95	98	96	96	98	97	97	100	98
c3	96	97	97	97	98	98	98	98	100

Como exemplificação, observa-se que os mesmos estímulos mantiveram os mesmos 96% de equivalência. Analisando-se as avaliações deste participante, supõe-se que não houve engajamento nas avaliações.

Figura 47. Grau de equivalência da Participante 5 no Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	98	98	96	96	97	96	97	96
a2	98	100	98	95	97	98	96	97	97
a3	98	98	100	96	97	97	97	98	96
b1	96	95	96	100	95	97	96	96	95
b2	96	97	97	95	100	98	98	98	98
b3	97	98	97	97	98	100	97	98	97
c1	96	96	97	96	98	97	100	98	98
c2	97	97	98	96	98	98	98	100	97
c3	96	97	96	95	98	97	98	97	100

Na figura abaixo, observa-se o grau de equivalência dos estímulos entre as duas fases do experimento, Pré-teste e Pós-teste. É possível notar que ao comparar a avaliação de A1 na primeira fase com o próprio A1 na segunda fase, não obteve-se 100% de equivalência. Esse fato demonstra uma variação na avaliação do estímulo, após o emparelhamento com os estímulos, em tese, sem significado pré-experimental. Esse fato merece investigação em estudos posteriores.

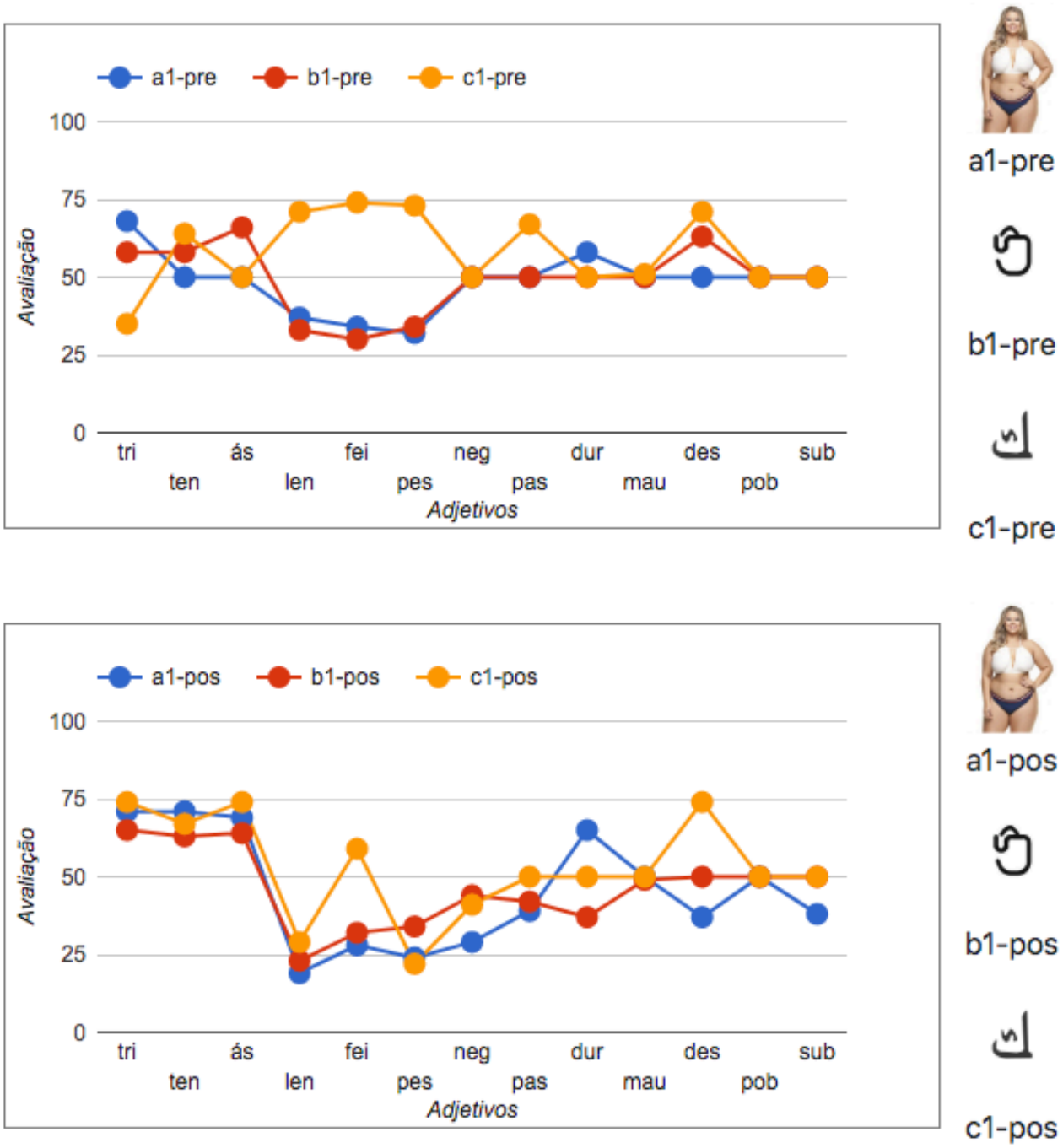
Figura 48. Grau de equivalência da Participante 5 entre Pré-Teste e Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	98	95	96	96	94	95	95	95	94
a2	96	98	97	95	97	97	96	96	97
a3	96	97	98	95	97	97	97	98	96
b1	97	96	97	98	95	97	96	97	95
b2	98	98	98	95	97	97	98	98	98
b3	97	96	97	98	97	98	97	97	96
c1	97	98	97	96	97	98	98	98	97
c2	97	98	96	96	98	97	97	97	98
c3	98	99	98	96	97	99	97	98	97

Participante 6

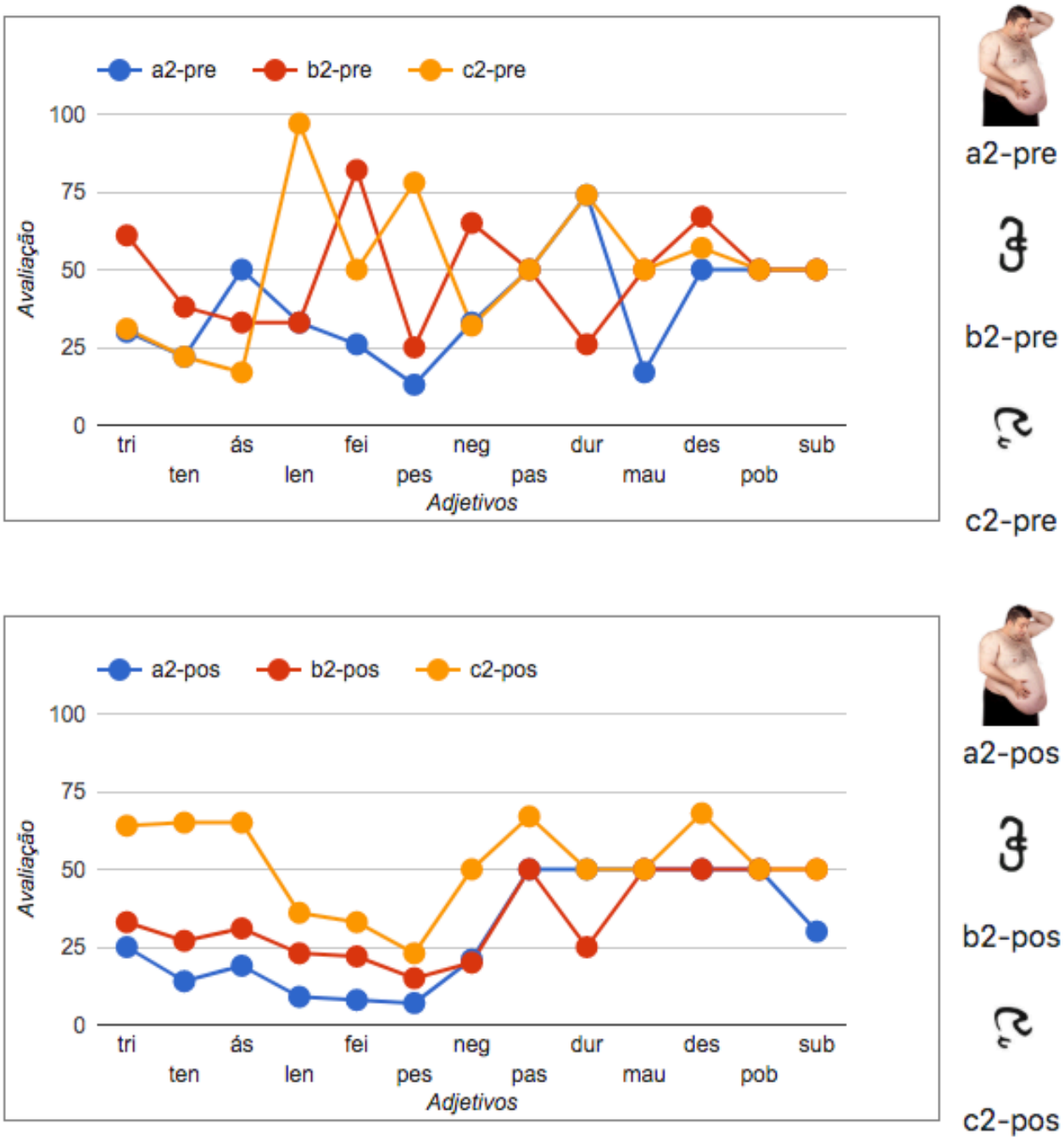
A Figura 49 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). Observa-se que os três estímulos receberam, no Pré-teste, avaliações predominantemente neutras e que, no Pós-teste, não há variações significativas na avaliação dos estímulos.

Figura 49. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 pelo Participante 6 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



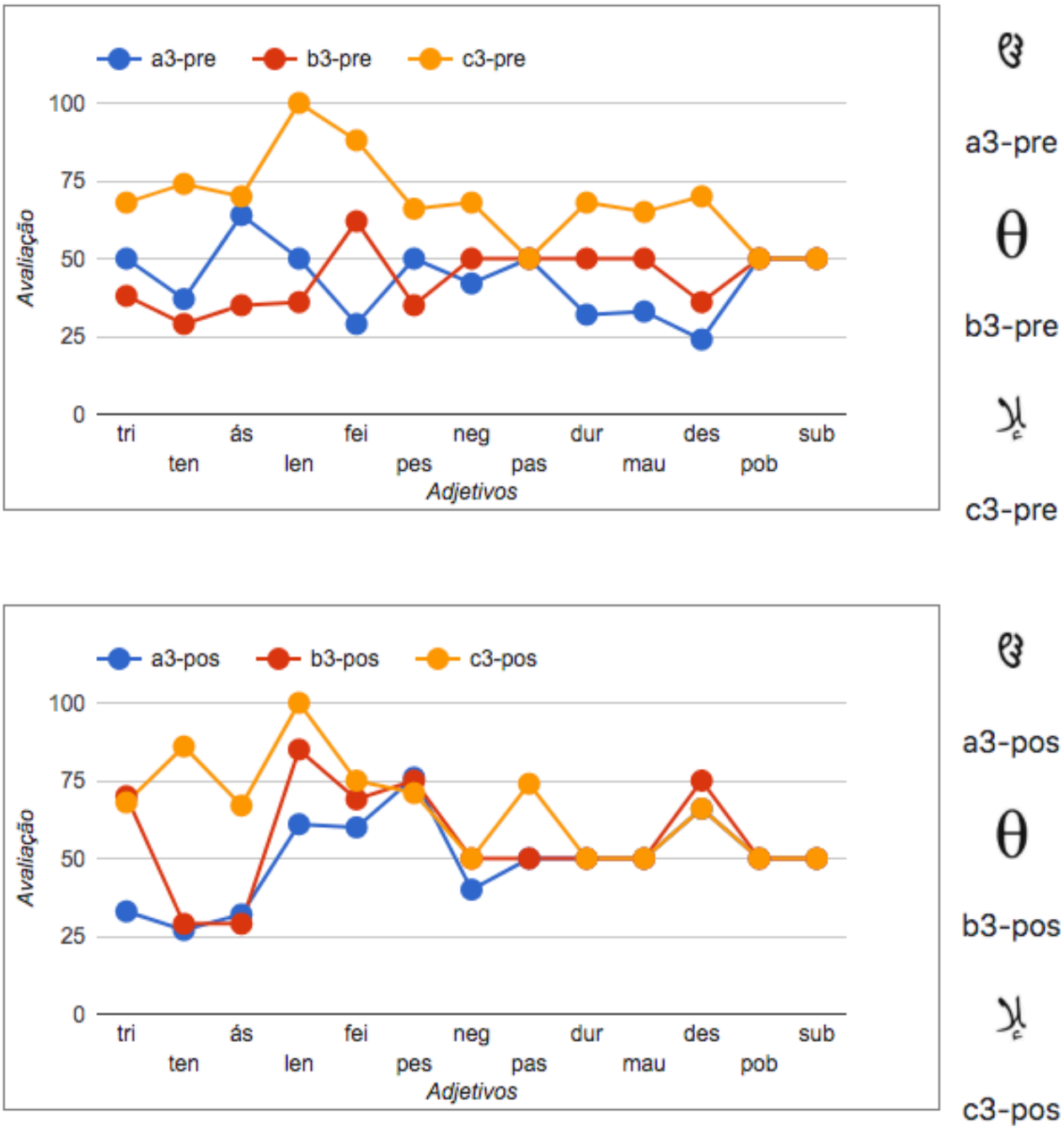
A Figura 50 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). No Pré-teste o estímulo A1 foi avaliado de forma negativa. Os estímulos B2 e C2 foram avaliados de forma diversa. No Pós-teste, observa-se que A1 permaneceu com uma avaliação negativa, com a avaliação dos estímulos B2 e C2 seguindo essa tendência, com avaliação semelhante em diversos pontos.

Figura 50. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 pelo Participante 6 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



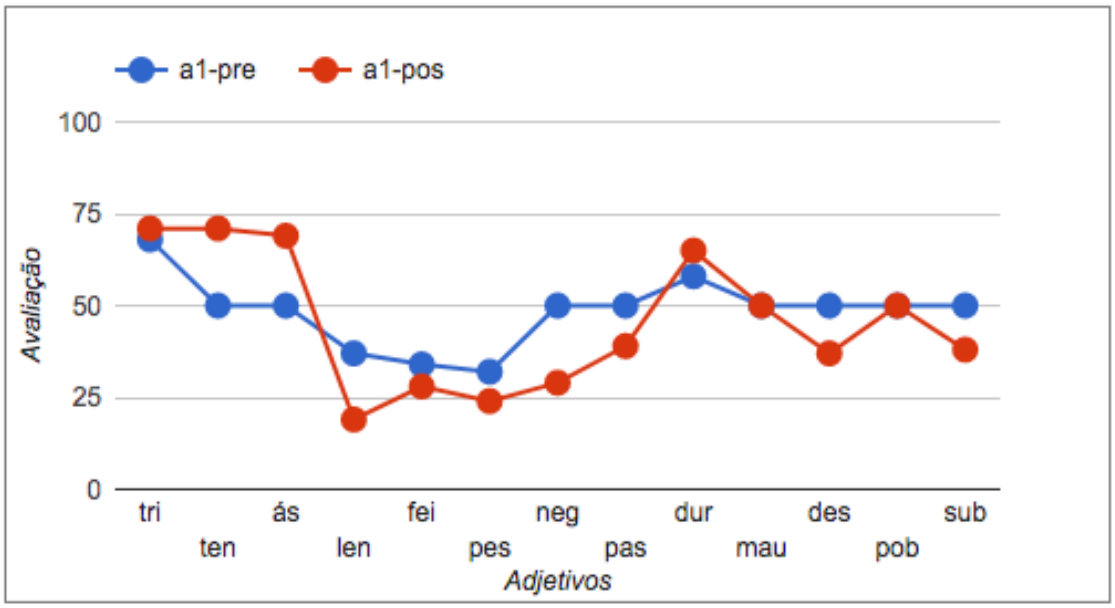
A Figura 51 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). No Pré-teste os estímulos foram avaliados de forma diversa, com uma aproximação de diversos pontos conforme avaliação no Pós-teste.

Figura 51. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 pelo Participante 6 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



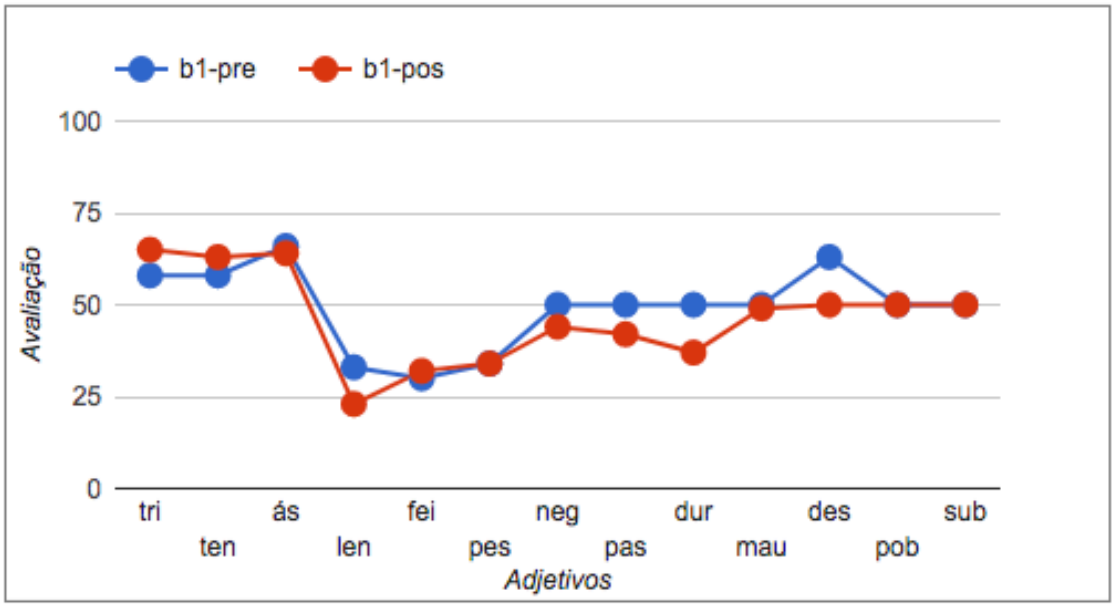
A Figura 52 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que nenhum dos três estímulos sofreu alterações significativas em suas avaliações entre as duas etapas do experimento.

Figura 52. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 pelo Participante 6 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



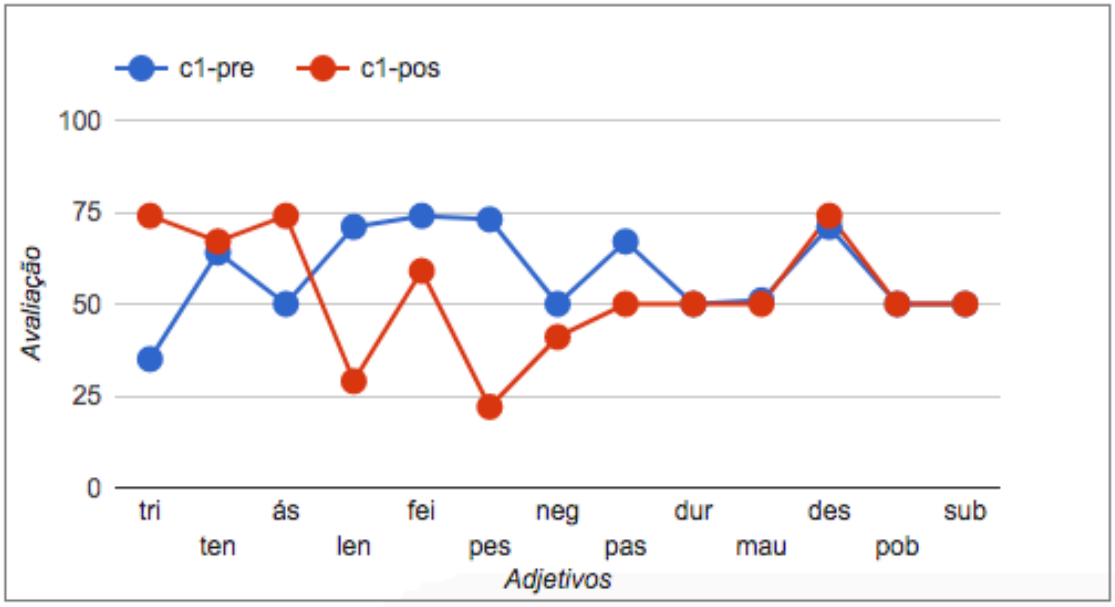

a1-pre


a1-pos




b1-pre


b1-pos

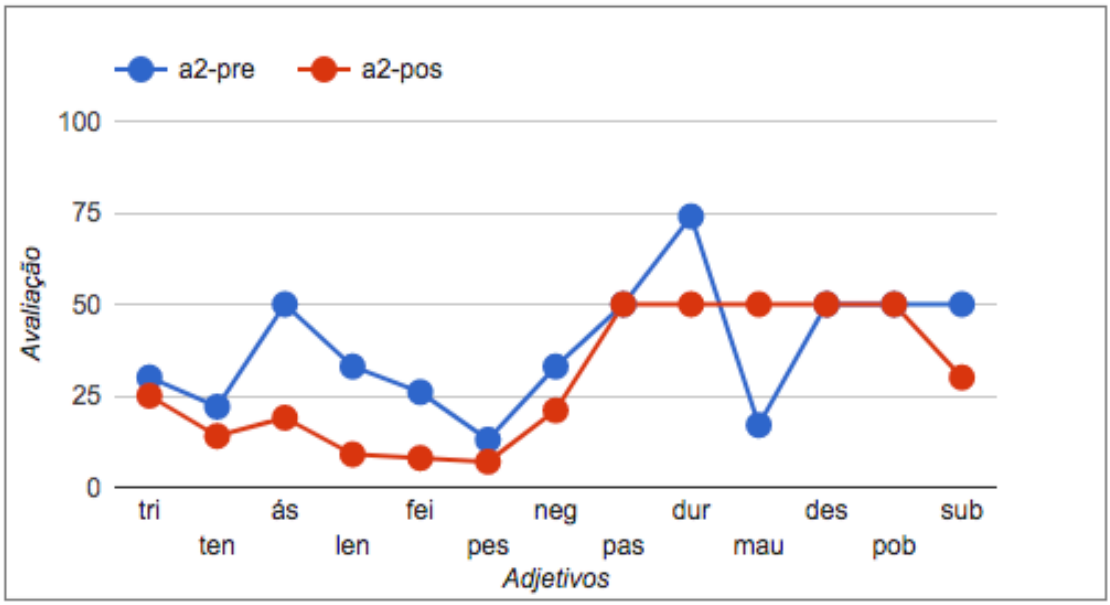


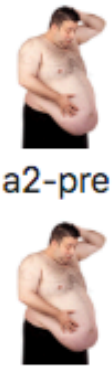

c1-pre

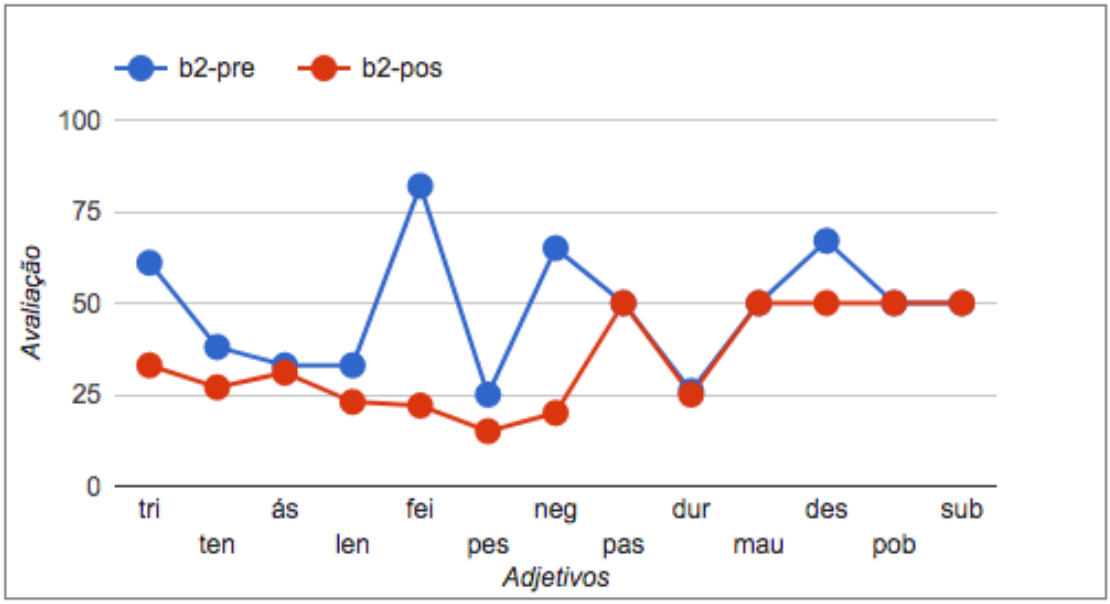

c1-pos

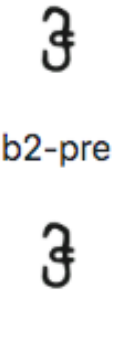
A Figura 53 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. É possível notar uma aproximação das avaliações dos três estímulos no Pós-teste.

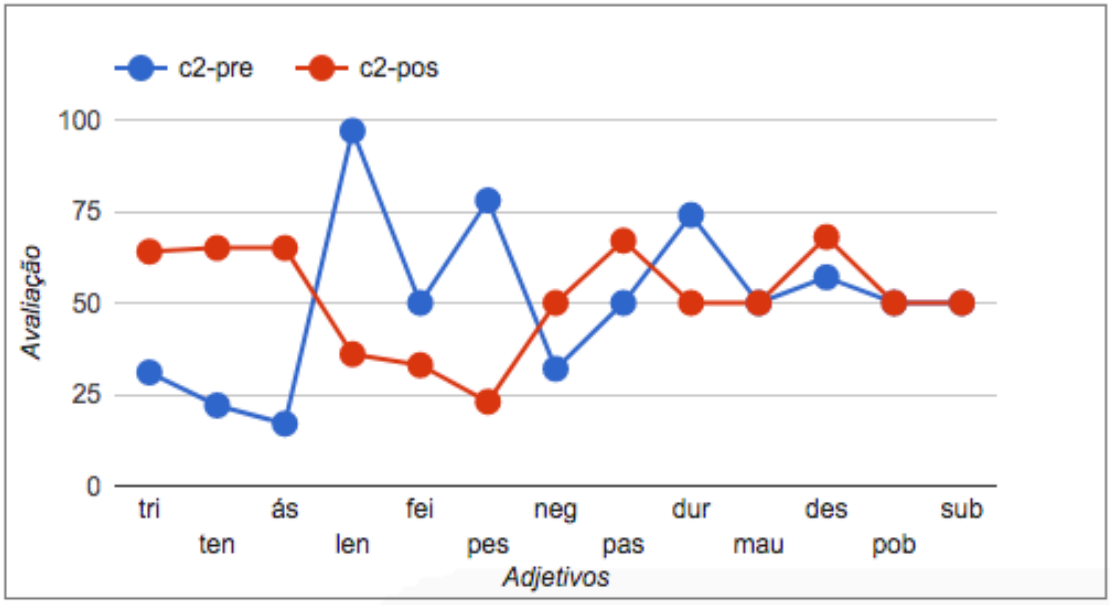
Figura 53. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 pelo Participante 6 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

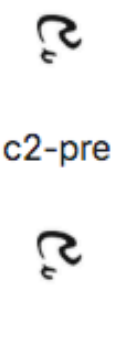

a2-pre
a2-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri ás fei neg dur des sub
ten len pes pas mau pob
Adjetivos


a2-pre
a2-pos


b2-pre
b2-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri ás fei neg dur des sub
ten len pes pas mau pob
Adjetivos

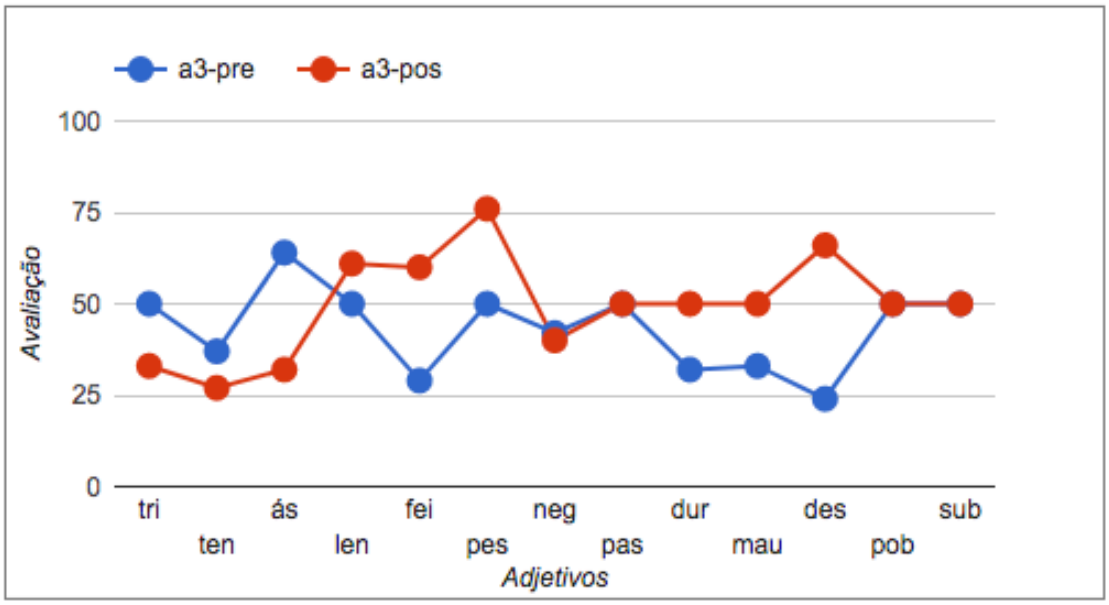

b2-pre
b2-pos


c2-pre
c2-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri ás fei neg dur des sub
ten len pes pas mau pob
Adjetivos


c2-pre
c2-pos

A Figura 54 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Nota-se que não há alterações significativas nas avaliações dos estímulos entre as duas fases do experimento.

Figura 54. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 pelo Participante 6 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

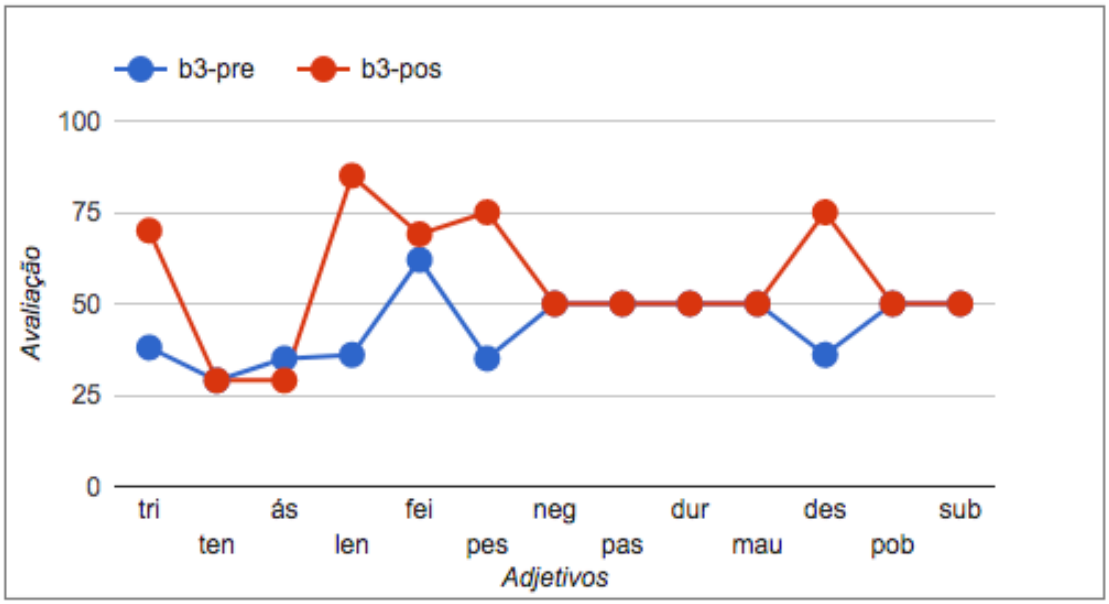


ঌ

a3-pre

ঌ

a3-pos

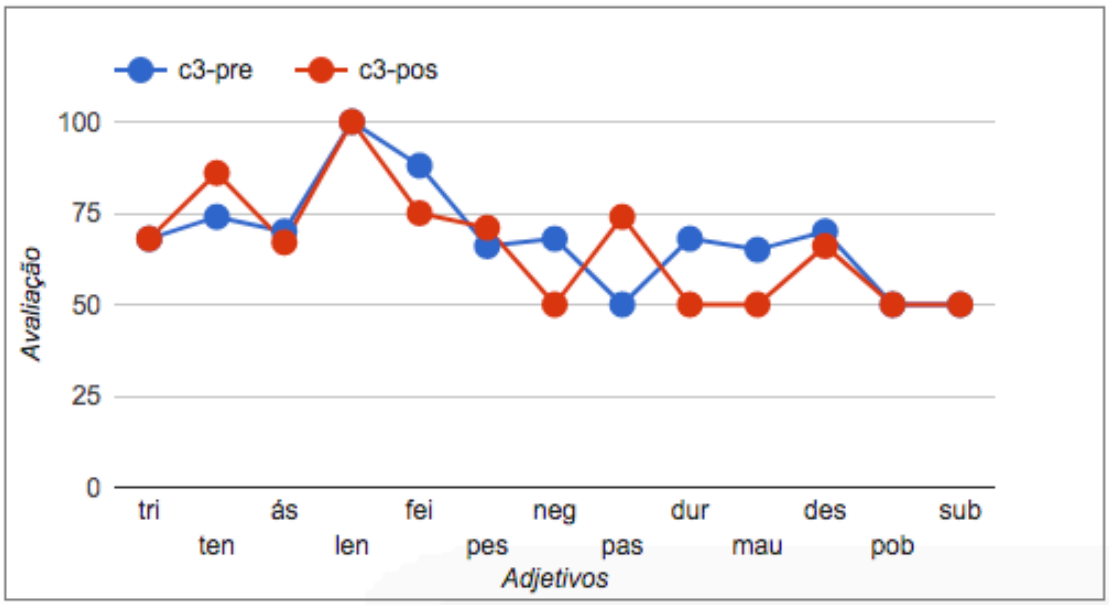


θ

b3-pre

θ

b3-pos



ؽ

c3-pre

ؽ

c3-pos

A figura abaixo apresenta o grau de equivalência entre os estímulos no Pré-Teste. Observa-se que os estímulos A2 e B2, por exemplo, possuíam equivalência de 84% na primeira etapa do experimento.

Figura 55. Grau de equivalência da Participante 6 no Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	87	88	95	88	91	84	80	80
a2	87	100	85	85	80	86	76	82	69
a3	88	85	100	89	83	87	81	79	75
b1	95	85	89	100	88	89	85	78	81
b2	88	80	83	88	100	89	83	77	80
b3	91	86	87	89	89	100	85	84	76
c1	84	76	81	85	83	85	100	84	86
c2	80	82	79	78	77	84	84	100	80
c3	80	69	75	81	80	76	86	80	100

Após o emparelhamento dos estímulos, observa-se que estes mesmos estímulos passaram a ter equivalência de 91%.

Figura 56. Grau de equivalência da Participante 6 no Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	80	75	92	83	74	89	89	76
a2	80	100	80	80	91	73	76	78	64
a3	75	80	100	81	85	93	83	82	83
b1	92	80	81	100	87	79	91	93	80
b2	83	91	85	87	100	78	81	83	68
b3	74	73	93	79	78	100	83	82	88
c1	89	76	83	91	81	83	100	93	84
c2	89	78	82	93	83	82	93	100	85
c3	76	64	83	80	68	88	84	85	100

Na figura abaixo, observa-se o grau de equivalência dos estímulos entre as duas fases do experimento, Pré-teste e Pós-teste. É possível notar que ao comparar a avaliação de A1 na primeira fase com o próprio A1 na segunda fase, não obteve-se 100% de equivalência. Esse fato demonstra uma variação na avaliação do estímulo, após o emparelhamento com os estímulos, em tese, sem significado pré-experimental. Esse fato merece investigação em estudos posteriores.

Figura 57. Grau de equivalência da Participante 6 entre Pré-Teste e Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	89	81	84	94	86	84	90	93	81
a2	83	86	82	83	89	75	81	83	69
a3	83	77	84	89	85	80	82	85	77
b1	89	80	84	95	85	83	92	96	83
b2	79	77	85	86	86	86	87	87	79
b3	82	83	91	86	88	87	86	86	78
c1	75	71	91	81	76	90	84	87	91
c2	73	79	91	75	80	88	75	75	80
c3	77	61	80	78	66	86	83	81	91

Discussão

Esse estudo teve como objetivo analisar o efeito do procedimento de emparelhamento com o modelo sobre a formação de classes de equivalência e transferência de função em relação a mulheres e homens obesos. Como objetivo secundário, foi comparado o efeito do gênero sobre a transferência de função, ou seja, se diferentes formas de apresentação de figuras de pessoas obesas podem influenciar nas avaliações dos participantes. Para isso, foram utilizadas fotografias de uma mulher obesa e homem obeso com o intuito de verificar o efeito do treino e do gênero (masculino e feminino) na transferência de função.

De forma geral, a maioria dos participantes tiveram 100% de acerto no treino AB BC 0% e no teste de simetria, transitividade e equivalência apresentaram nenhum ou poucos erros. Observa-se, assim, que todos os participantes formaram classes de equivalência. Além disso, foi visto através da Tabela 1, que a maioria dos participantes tiveram transferência de função entre os estímulos da mesma classe, exceto para o participante 5 que parecia avaliar os estímulos de forma aleatória.

Este resultado se assemelha com o estudo de Portela (2014), o qual ambos os grupos da pesquisa formaram a classe de equivalência. Também, observou-se no mesmo estudo, que ocorreu a transferência para a maioria dos participantes, mesmo que, para alguns, parcialmente.

A maioria dos estímulos abstratos tiveram avaliações semelhantes às dos estímulos com significado no Pós-Teste, corroborando com o estudo de Mizael, Santos e Rose (2016), que relata que estímulos neutros tendem a ser avaliados, após a formação de classe, de forma semelhante a estímulos significativos.

Ao comparar as avaliações dos três estímulos antes e depois do diferencial semântico foi possível observar que as avaliações dos estímulos A1 e A3 tenderam a ser mais neutras e A2 mais negativas, essa diferenciação pode ser analisada por meio das características de cada estímulo significativo.

O estudo de Santos (2019), identificou que as avaliações dos participantes variaram de acordo com as características (cor do cabelo, cor de pele…) das fotos apresentadas. A pesquisadora citada, observou que os participantes avaliaram positivamente a foto de uma mulher obesa loira e branca, enquanto a negra e parda foram avaliadas negativamente. Esse resultado corrobora com o presente estudo, no qual o estímulo A1, de uma mulher obesa loira e branca, foi avaliado mais positivamente. Além desses fatores, a mulher (A1) estava sorrindo, o que pode ter também influenciado na avaliação dos participantes.

O estímulo A2, teve a maioria das avaliações negativas, onde possivelmente, as características também foram fator de grande influência. O homem da fotografia (A2), ao contrário da mulher (A1), parece estar mais triste e tenso, o que foi observado nas avaliações de diferencial semântico. O fato do homem apresentar emoções negativas, pode ter interferido na avaliação, fazendo com que elas tendessem a ser mais negativas. Ainda, este fator corrobora com o estudo de Santos (2019), que afirma que diferentes avaliações emergem de acordo com a maneira que os estímulos são apresentados.

Dessa forma, conclui-se, que o presente estudo alcançou parcialmente os objetivos propostos e teve algumas limitações: as transferências de função foram satisfatórias, porém não foi possível avaliar de forma fidedigna a influência do gênero na avaliação dos indivíduos. Supõe-se que essa limitação ocorreu devido às fotografias utilizadas na pesquisa, que podem ter influenciado as avaliações.

Sugere-se que pesquisas futuras sejam mais criteriosas na hora de escolher os estímulos. Além disso, que utilizem fotografias de silhuetas de mulheres obesas e silhuetas de homens obesos, para que características físicas, como: cor de cabelo, cor de pele, posição do corpo e expressão facial, não interfiram na avaliação do participante.

Foi visto no presente estudo, que alguns participantes pela demora e quantidade de treinos, se sentiram cansados, fato que pode influenciar na avaliação e rendimento de cada um. Em pesquisas futuras, recomenda-se que os blocos de treinos tenham menor duração, para que os participantes não se sintam tão cansados. Além disso, recomenda-se, em pesquisas futuras, a investigação das mudanças de atitude.

A presente pesquisa avançou ao propor o estudo da transferência de função em relação a mulheres e homens obesos, visto que há na literatura poucos estudos acadêmicos sobre o tema. Além disso, os resultados desta pesquisa, ressaltam a importância da continuação de estudos na área do preconceito com obesos e de controle de estímulos.

Experimento 7: Transferência de função: relação entre estímulos com significado social de gênero e familiaridade

Pesquisadora responsável: Gabriela Alves Dias

Introdução

Segundo um estudo realizado por Fernandes (1984), grande parte das mulheres sofrem com a auto cobrança em relação aos seus corpos, onde surge o pensamento de que o corpo vai comunicar o que é bom para elas, ou o contrário. A autoestima varia em função do desvio que a imagem corporal apresenta, possuindo como referencial o corpo ideal, sendo este, uma construção cultural, como por exemplo em nossa sociedade, há o ideal de que a mulher precisa ser além de esposa, atraente e sedutora.

Desta forma, o corpo é algo comumente falado como algo que é resultado de uma produção cultural, como algo no domínio desta (Mauss, 1974). Sobre esse certo controle, surgem técnicas corporais, que são atitudes tradicionais que combinam elementos biológicos, psicológicos e socioculturais, sendo que, muitas vezes as próprias pessoas não possuem ciência disso (Berger, 2006). Diversos estudos comprovam que as pessoas frequentemente são afetadas pelo ambiente que estão inseridas, onde ocupações, religiões, grupo familiar, classe social e diversos outros fatores influenciam a forma como a pessoa se vê e se porta no mundo (Rodrigues, 1983).

Portanto, o objetivo do presente artigo foi o de realizar a equivalência de classes através do emparelhamento de símbolos que não possuem relação, com indivíduos que exercem influência ou não sobre o participante, verificando assim, se esses fatores influenciam de forma positiva ou negativa na opinião a respeito das figuras e na transferência de função.

Método

Delineamento experimental

Idêntico ao Experimento 2.

Participantes

A realização da seguinte pesquisa contou com 5 pessoas sendo 3 mulheres e 2 homens com idades entre dezenove e sessenta e seis anos.

Procedimentos éticos

O experimento foi iniciado após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética do UniCEUB e a entrega dos TCLEs (Termos de Consentimento Livre e Esclarecido) às participantes, que foram lidos e assinados por elas. Posteriormente, após a entrega dos TCLEs assinados, foram definidos horário e data para a realização do experimento.

Local

Idêntico ao Experimento 2.

Recursos utilizados para a realização da pesquisa

Idêntico ao Experimento 2.

Imagens. Foram utilizadas três figuras, duas que possuíam familiaridade para o participante (Jojo Todynho e Péricles) e a outra de uma mulher desconhecida. Além disso, foram utilizadas também seis figuras abstratas extraídas de Eilertsen e Arntzen (2020) (B1, B2, B3, C1, C2 e C3).

Figura 1. Estímulos utilizados no Experimento 7.

		
a1	a2	a3
		
b1	b2	b3
		
c1	c2	c3

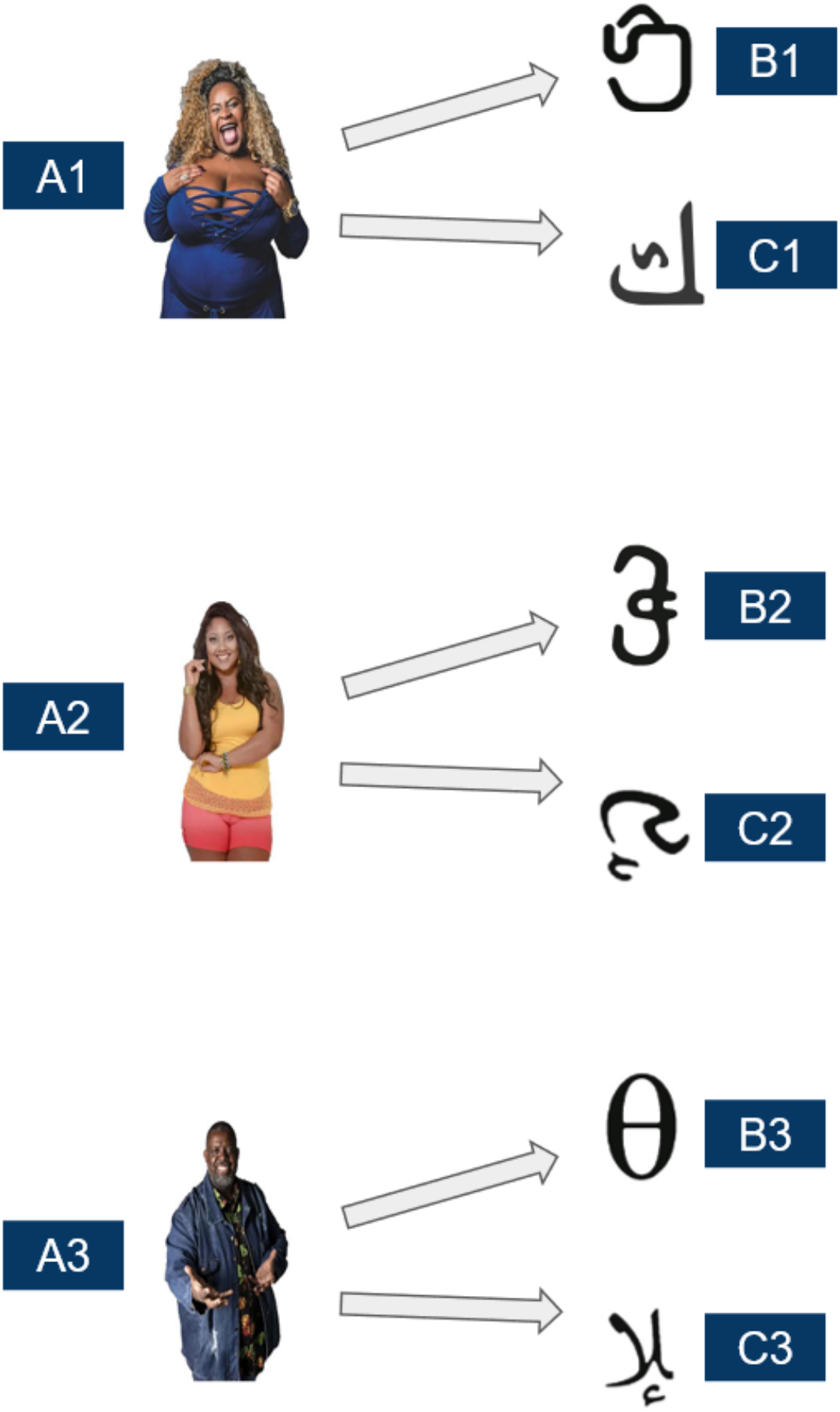
Procedimento de coleta de dados

Idêntico ao Experimento 6 (Figuras 2 e 3).

Figura 2. Sequência de eventos que compuseram uma tentativa no Treino AB/AC 100%



Figura 3. Discriminações condicionais ensinadas no Treino AB/AC 100%.



Resultados

Resumo

A coleta de dados foi realizada em quatro etapas: o Pré-Teste (EDS); os Treinos AB/AC (com 100%, 80%, 20% e 0% de feedback), o Teste de Simetria, Transitividade e equivalência e, por fim, o Pós-Teste (EDS). Foram realizadas cinco sessões, uma sessão com cada participante, com tempo mínimo de uma hora e oito minutos e tempo máximo de duas horas e vinte e oito minutos.

Em função de um problema com o software de coleta de dados, não foi possível recuperar os dados coletados para o Participante 05, portanto seus resultados não serão apresentados neste trabalho.

Quatro participantes atingiram o critério de 90% de acerto no treino AB/AC 100% (variando entre 2 a 48 erros), tendo o P1 atingido o tempo máximo (mais de 30 minutos). No treinos AB/AC 80%, 20% e 0, todos os participantes atingiram o critério de 90% de acerto nos blocos.

Verificou-se que os participantes tiveram mais erros no Treino 100% do que nos restantes. No Treino AB/AC 80%, os participantes tiveram de 0 a 3 erros, enquanto no Treino 20%, alguns participantes apresentaram um aumento nos erros comparado a etapa anterior variando entre 0 a 7 erros. No Treino 0%, apenas o P1 obteve 100% de acerto, enquanto o P2 obteve 1 erro, o P3, 3 erros e o P4, 6 erros.

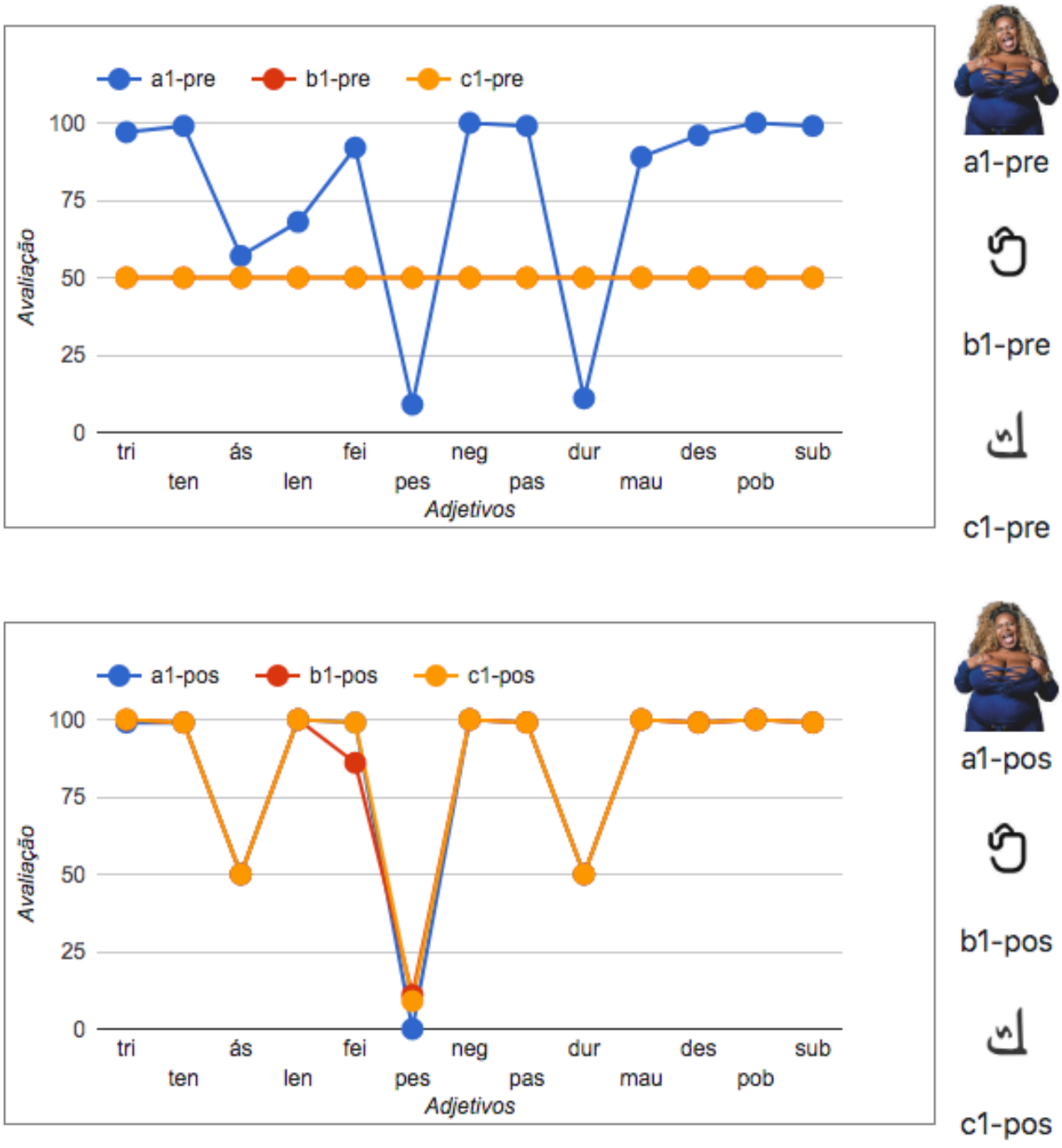
No teste de Simetria, Transitividade e equivalência, os participantes apresentaram entre 0 a 6 erros, sendo possível observar a formação da Classe de Equivalência. P1 atingiu 100% em todas as relações, P2 atingiu 100% em quase todas as relações, exceto na relação CB, onde obteve 93,33%. O terceiro participante atingiu 100% nas relações BA, CA, BC, 93,33% nas relações AB e AC e 86,66% na relação CB.

A seguir, examinaremos em mais detalhes as avaliações nas Escalas de Diferencial Semântico no Pré-teste e Pós-teste para cada participante.

Participante 1

A Figura 4 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). Verificou-se que as avaliações do Pré-Teste foram muito variadas, algumas positivas e outras negativas para o estímulo A1. Os estímulos neutros (B1 e C1) tiveram avaliações neutras. No Pós-Teste, obteve-se predominância de avaliações positivas dos estímulos, além dos estímulos neutros agora acompanharem A1.

Figura 4. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 do Participante 1 no Pré-Teste e Pós-Teste.



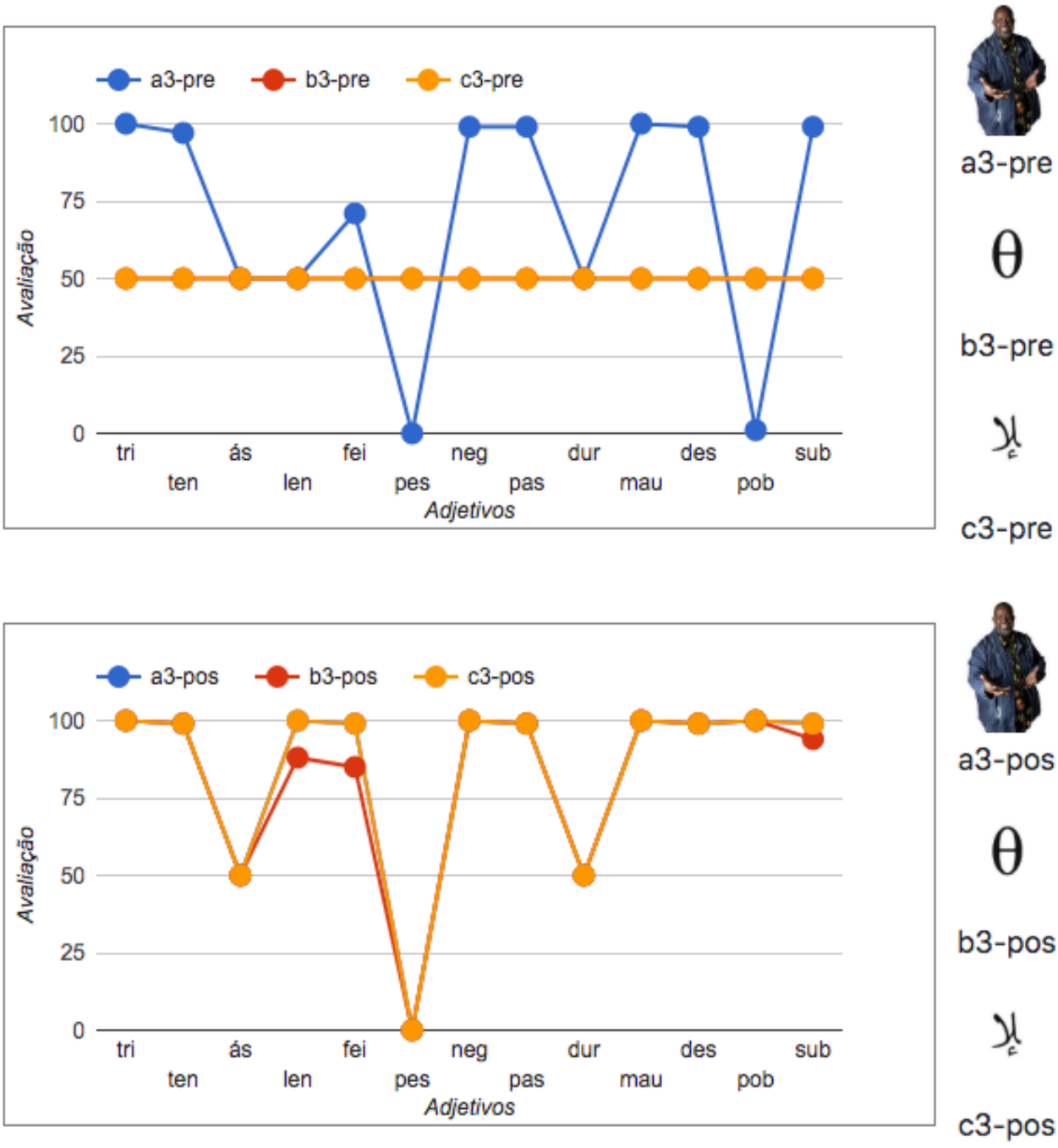
A Figura 5 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). Verificou-se que as avaliações do Pré-Teste foram muito variadas, algumas positivas e outras negativas para o estímulo A2. Os estímulos neutros (B2 e C2) tiveram avaliações neutras. No Pós-Teste, obteve-se predominância de avaliações positivas dos estímulos, além dos estímulos neutros agora acompanharem A2.

Figura 5. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 do Participante 1 no Pré-Teste e Pós-Teste.



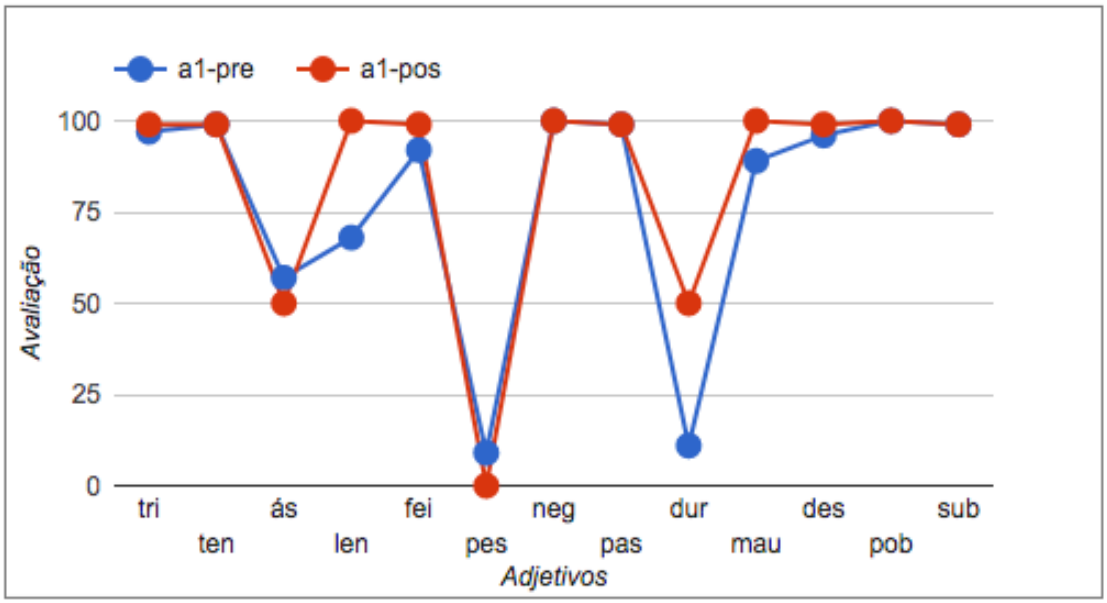
A Figura 6 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Verificou-se que as avaliações do Pré-Teste foram muito variadas, algumas positivas e outras negativas para o estímulo A3. Os estímulos neutros (B3 e C3) tiveram avaliações neutras. No Pós-Teste, obteve-se predominância de avaliações positivas dos estímulos, além dos estímulos neutros agora acompanharem A3.

Figura 6. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 do Participante 1 no Pré-Teste e Pós-Teste.



A Figura 7 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que as avaliações dos estímulos abstratos (B1 e C1) sofreram um aumento, assemelhando-se ao estímulo A1, de significado social.

Figura 7. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 do Participante 1 no Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

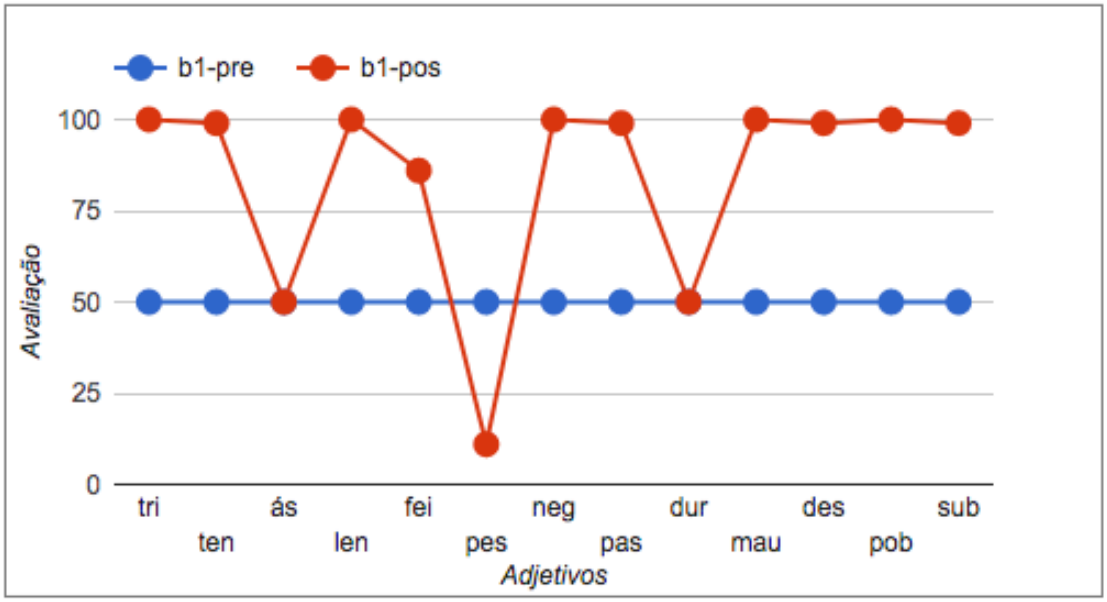




a1-pre



a1-pos

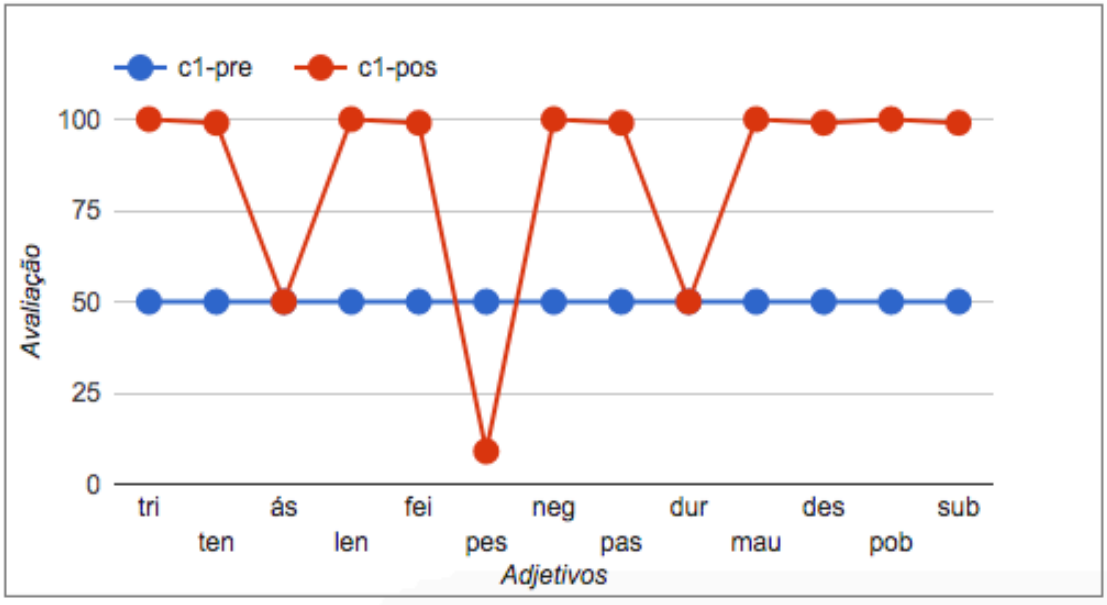




b1-pre



b1-pos





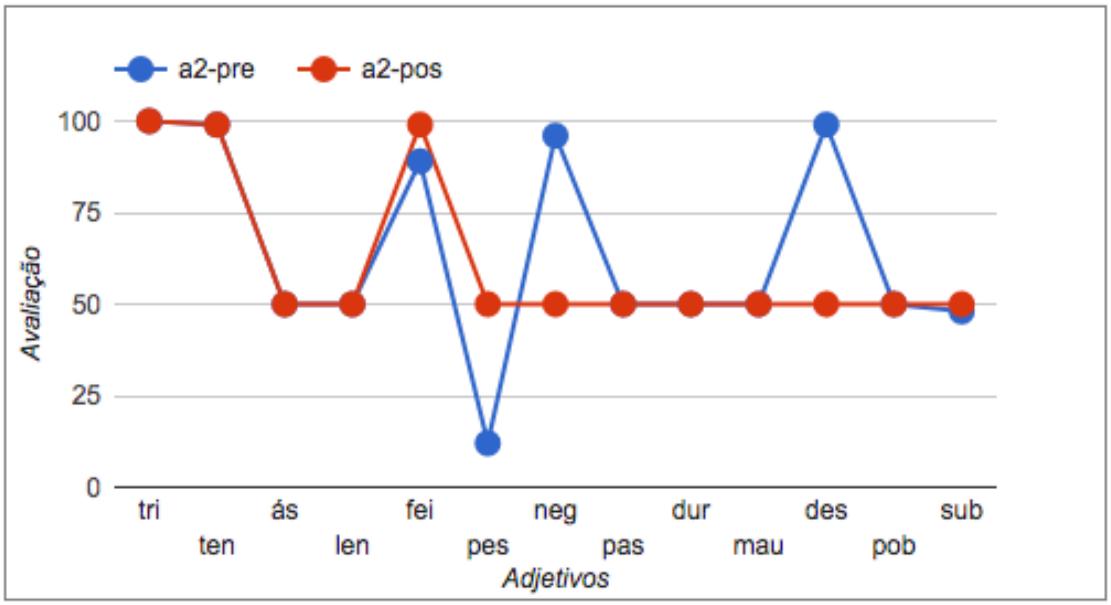
c1-pre



c1-pos

A Figura 8 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que as avaliações dos estímulos abstratos (B2 e C2) sofreram um aumento, assemelhando-se ao estímulo A2, de significado social.

Figura 8. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 do Participante 1 no Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

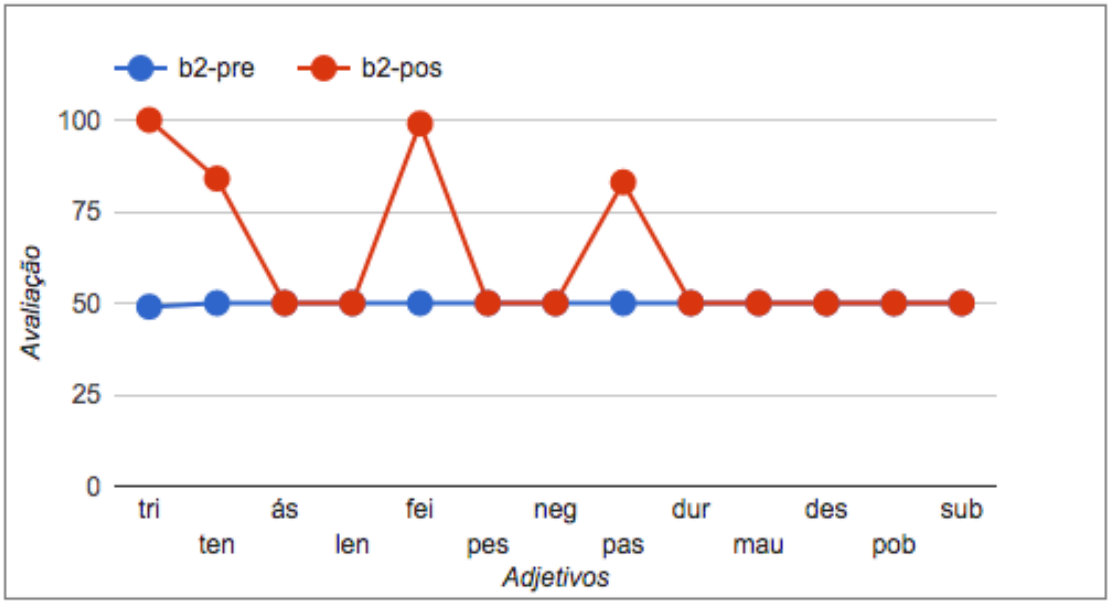




a2-pre



a2-pos

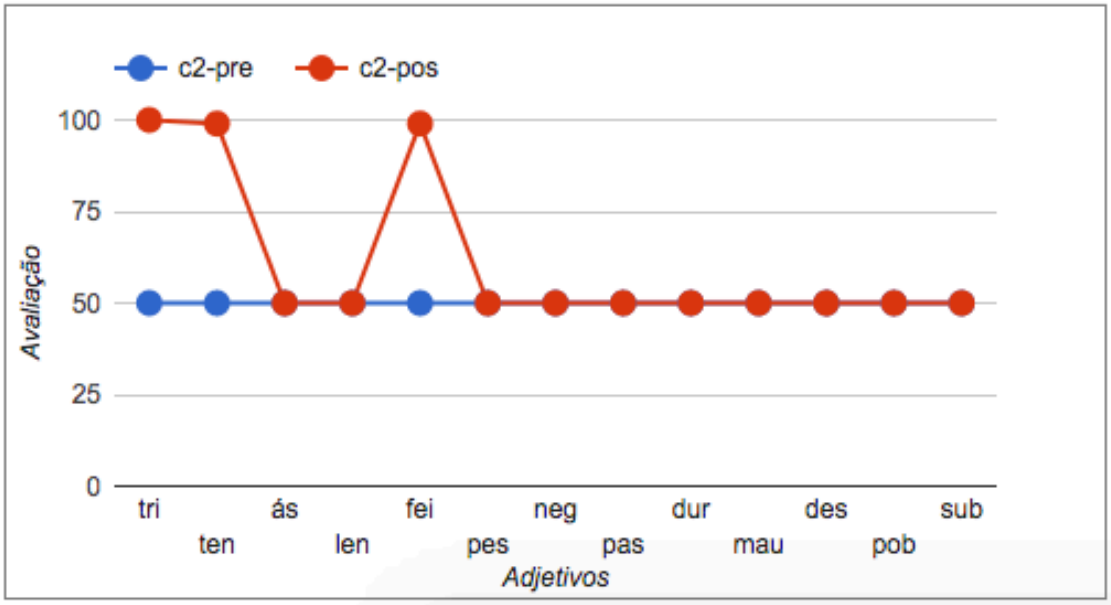




b2-pre



b2-pos





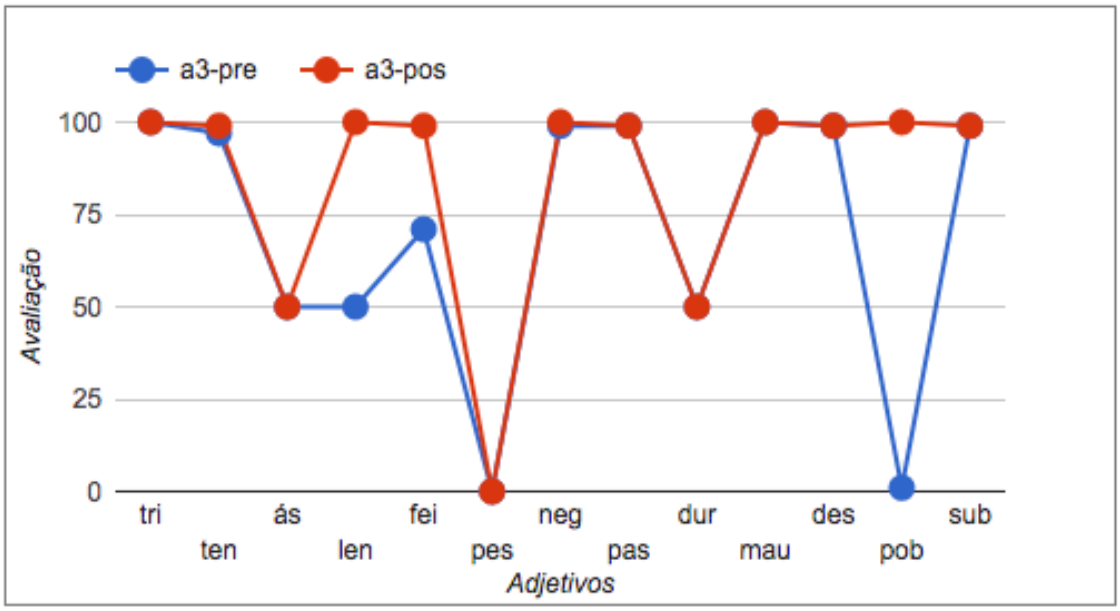
c2-pre



c2-pos

A Figura 9 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que as avaliações dos estímulos abstratos (B3 e C3) sofreram um aumento, assemelhando-se ao estímulo A3, de significado social.

Figura 9. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 do Participante 1 no Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

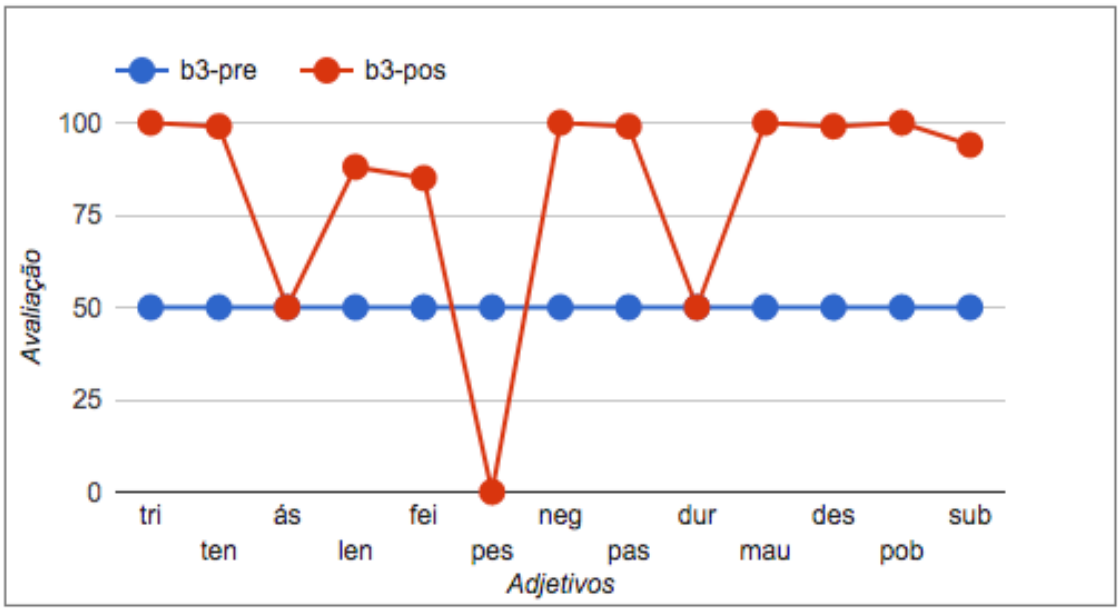




a3-pre



a3-pos

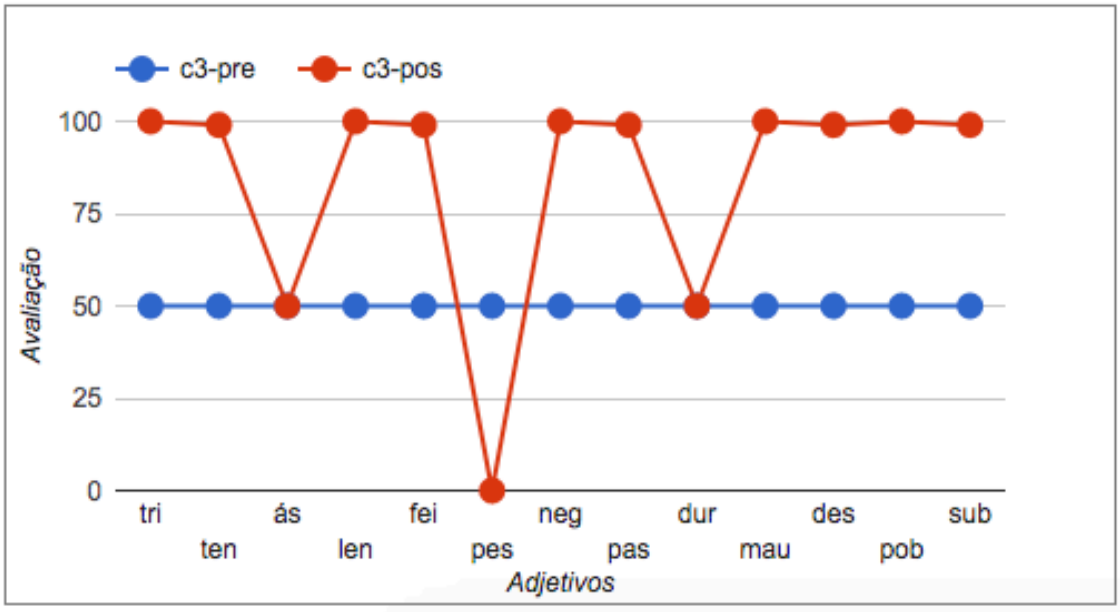


θ

b3-pre

θ

b3-pos



ʖ

c3-pre

ʖ

c3-pos

As figuras a seguir apresentam os graus de equivalência entre os estímulos no Pré-Teste e Pós-Teste. Para exemplificação, observa-se que o estímulo A1 e o estímulo B1 possuíam um grau de equivalência de 60% no Pré-Teste.

Figura 10. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 1 no Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	79	84	60	59	60	60	60	60
a2	79	100	82	79	79	79	79	79	79
a3	84	82	100	64	64	64	64	64	64
b1	60	79	64	100	100	100	100	100	100
b2	59	79	64	100	100	100	100	100	100
b3	60	79	64	100	100	100	100	100	100
c1	60	79	64	100	100	100	100	100	100
c2	60	79	64	100	100	100	100	100	100
c3	60	79	64	100	100	100	100	100	100

Após a fase de emparelhamento de estímulos, observa-se que os estímulos A1 e B1 passaram a ter um grau de equivalência de 98%, o que demonstra a formação de classe de equivalência e transferência de função do A1 (com significado social) ao B1 (abstrato).

Figura 11. Grau de equivalência dos estímulos para o Participante 1 no Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	69	100	98	71	98	99	69	100
a2	69	100	69	69	96	70	70	100	69
a3	100	69	100	98	71	98	99	69	100
b1	98	69	98	100	71	98	99	69	98
b2	71	96	71	71	100	71	72	96	71
b3	98	70	98	98	71	100	97	70	98
c1	99	70	99	99	72	97	100	70	99
c2	69	100	69	69	96	70	70	100	69
c3	100	69	100	98	71	98	99	69	100

Na figura abaixo, observa-se o grau de equivalência dos estímulos entre as duas fases do experimento, Pré-teste e Pós-teste. É possível notar que ao comparar a avaliação de A1 na primeira fase com o próprio A1 na segunda fase, não obteve-se 100% de equivalência. Esse fato demonstra uma variação na avaliação do estímulo, após o emparelhamento com os estímulos, em tese,

sem significado pré-experimental. Esse fato merece investigação em estudos posteriores.

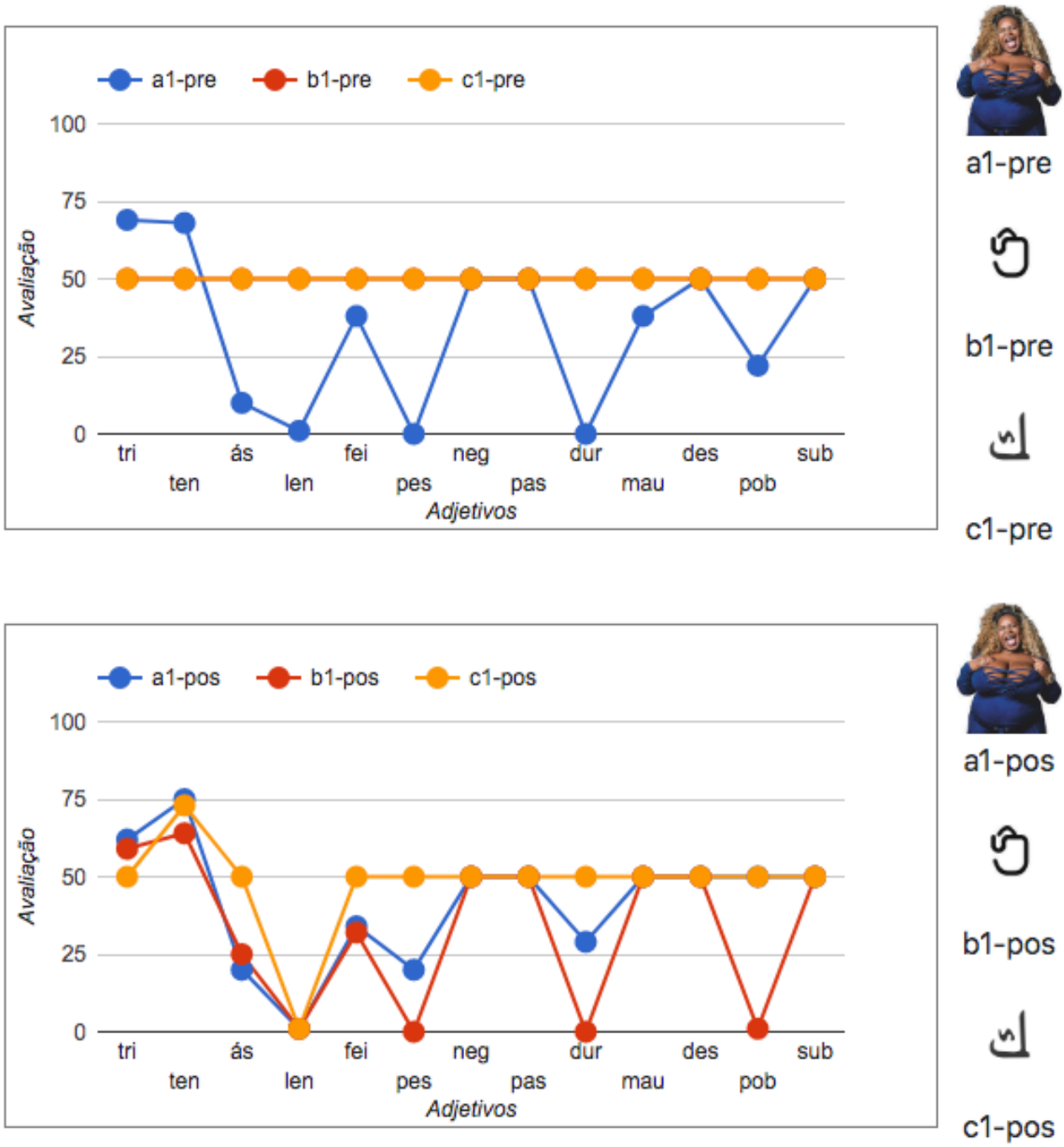
Figura 12. Grau de equivalência da Participante 1 entre Pré-Teste e Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	92	69	91	92	71	92	92	69	91
a2	79	89	79	80	85	81	79	89	79
a3	86	71	86	86	73	88	85	71	86
b1	58	89	58	60	87	60	59	89	58
b2	58	89	58	60	87	60	59	89	58
b3	58	89	58	60	87	60	59	89	58
c1	58	89	58	60	87	60	59	89	58
c2	58	89	58	60	87	60	59	89	58
c3	58	89	58	60	87	60	59	89	58

Participante 2

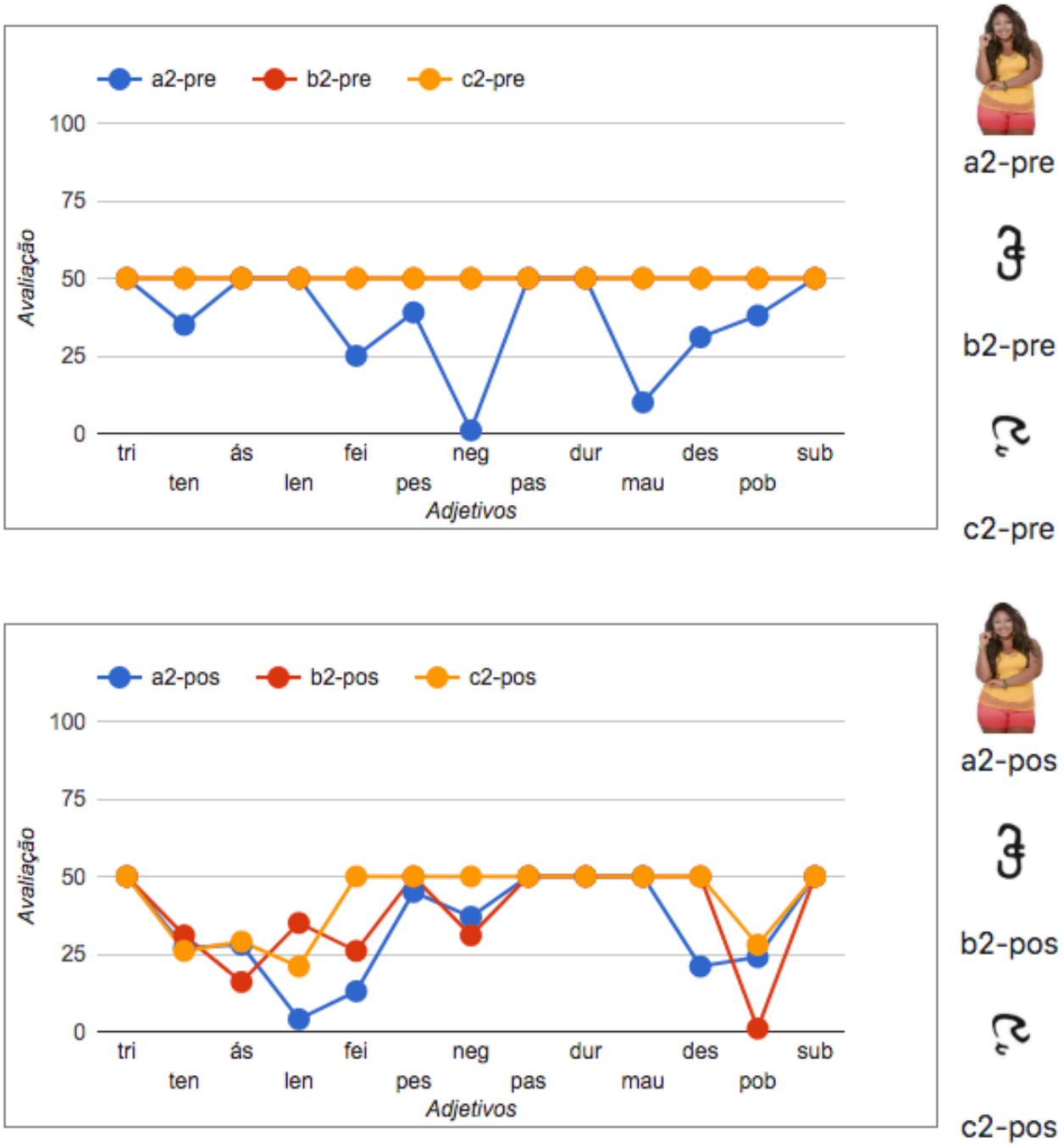
A Figura 13 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). Verificou-se que no Pré-Teste o estímulo A1 foi avaliado negativamente. Os estímulos neutros (B1 e C1) tiveram avaliações neutras. No Pós-Teste, o estímulo B1 aproximou-se da avaliação de A1, enquanto C1 obteve uma avaliação semelhante ao estímulo A1 somente nos 4 primeiros pares de adjetivos.

Figura 13. Avaliação dos estímulos a1, b1 e c1 do Participante 2 no Pré-Teste e Pós-Teste.



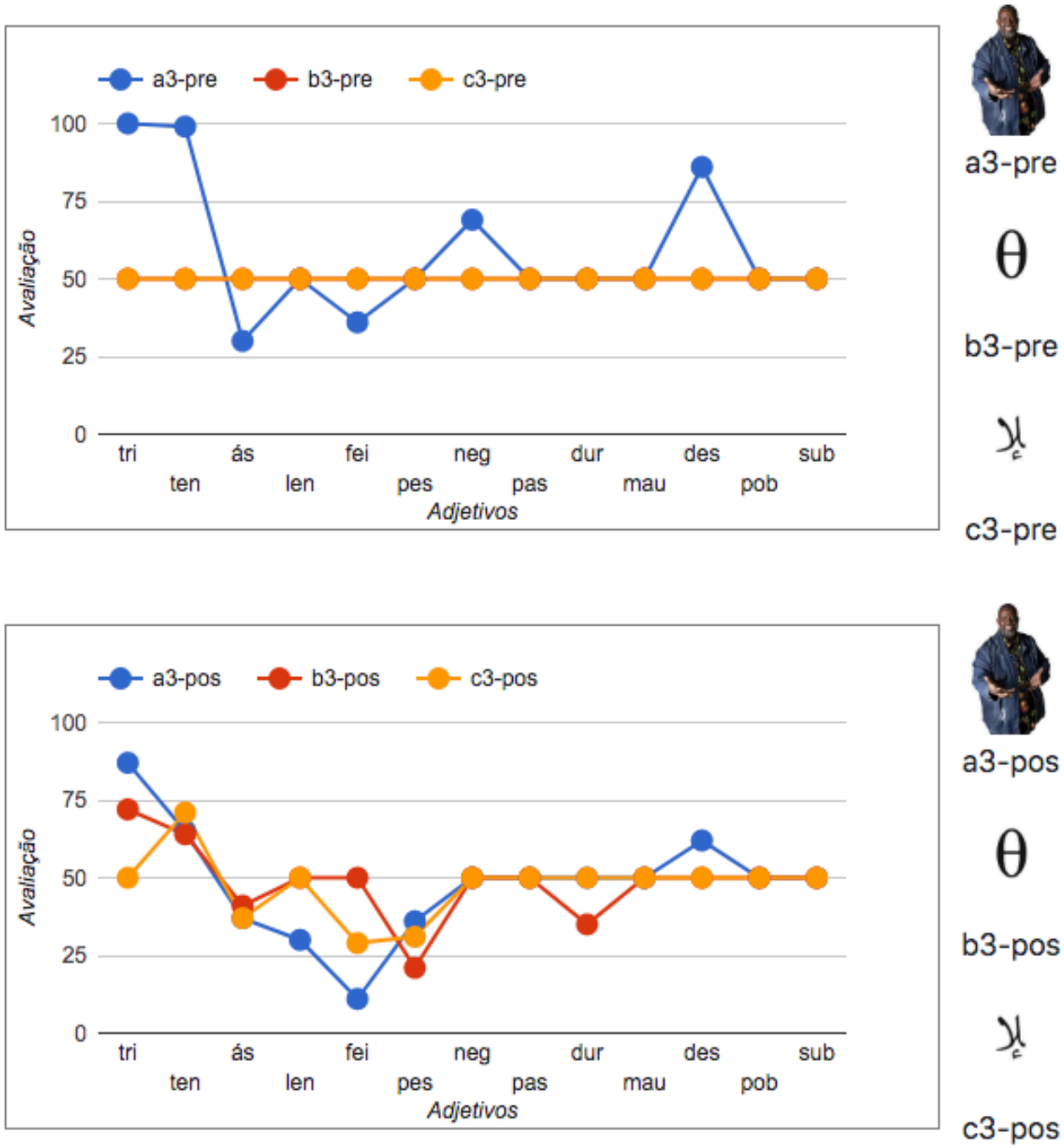
A Figura 14 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). Verificou-se que no Pré-Teste o estímulo A2 foi avaliado negativamente. Os estímulos neutros (B2 e C2) tiveram avaliações neutras. No Pós-Teste, os estímulos B2 e C2 aproximaram-se da avaliação de A2.

Figura 14. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 pelo Participante 2 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



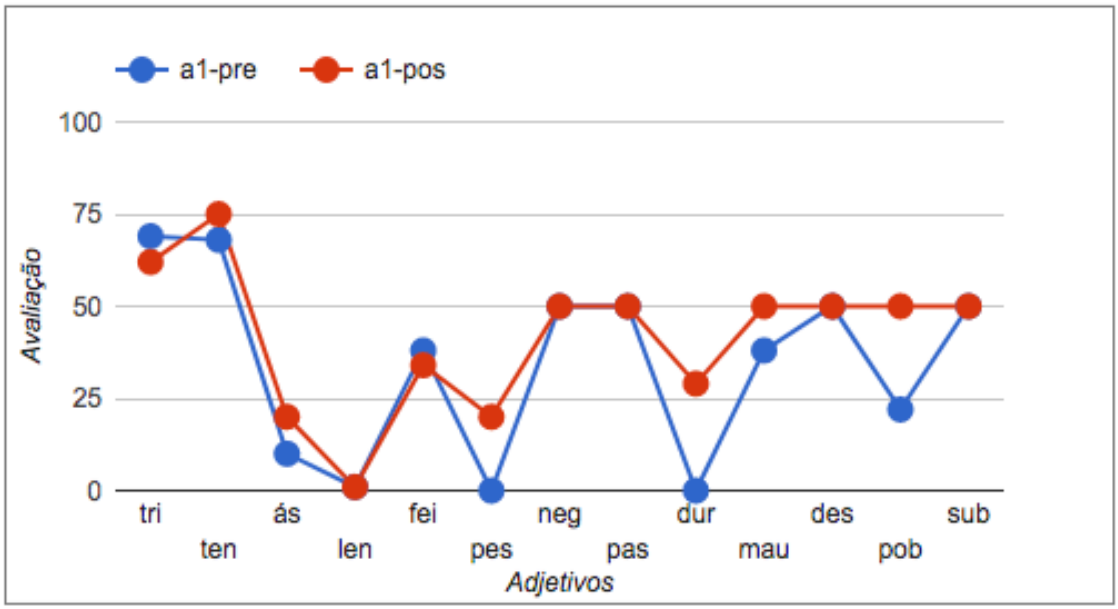
A Figura 15 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Verificou-se que no Pré-Teste o estímulo A3 foi avaliado, predominantemente, de forma neutra. Os estímulos neutros (B3 e C3) tiveram avaliações neutras. No Pós-teste, houve uma aproximação da avaliação dos três estímulos, com sobreposições das linhas em diversos pontos.

Figura 15. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 pelo Participante 2 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



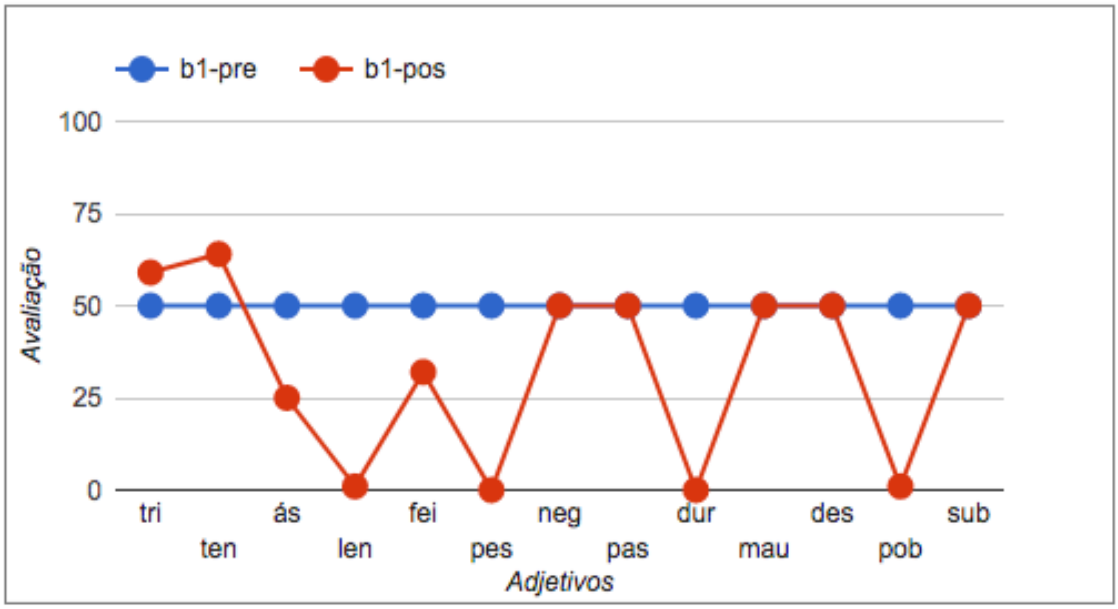
A Figura 16 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que as avaliações dos estímulos abstratos (B1 e C1) sofreram uma queda em sua avaliação, assemelhando-se ao estímulo A1, de significado social.

Figura 16. Avaliação do estímulo A1, B1 e C1 pelo Participante 2 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



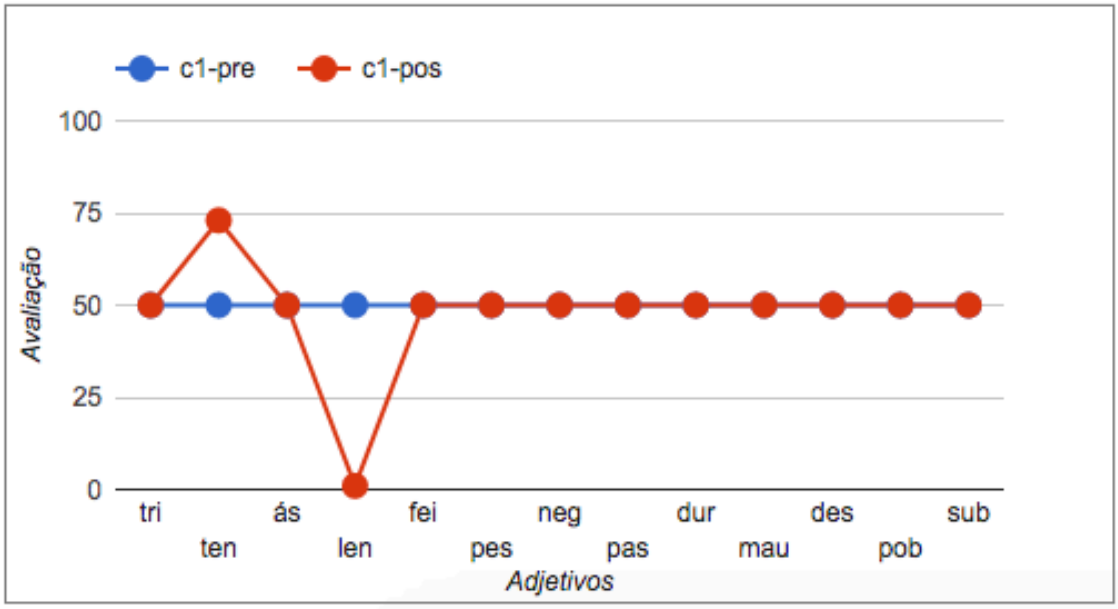

a1-pre


a1-pos




b1-pre


b1-pos

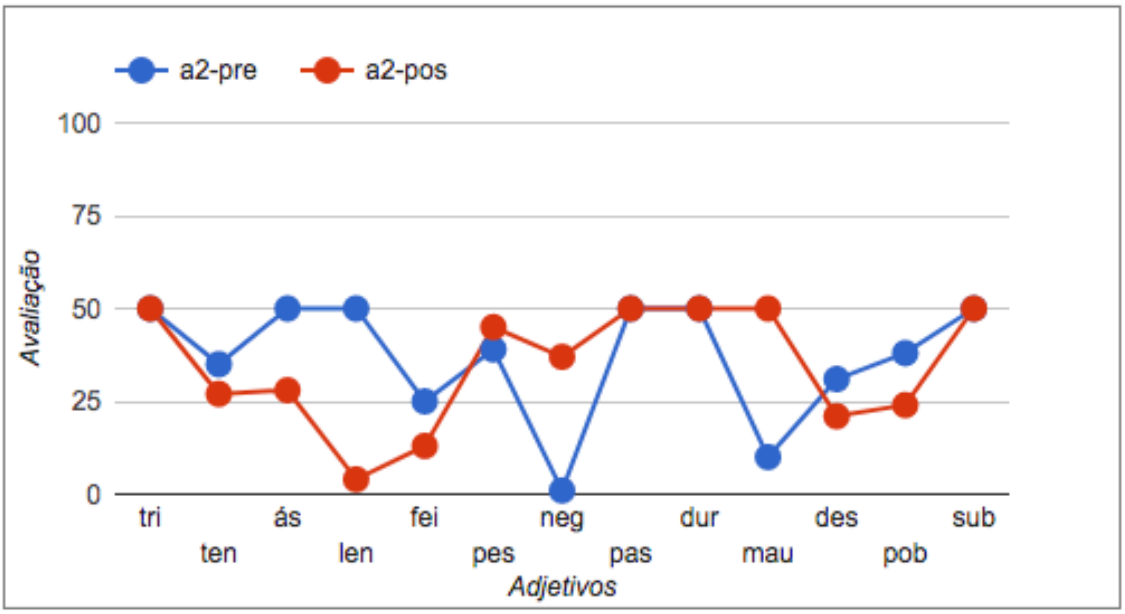



c1-pre


c1-pos

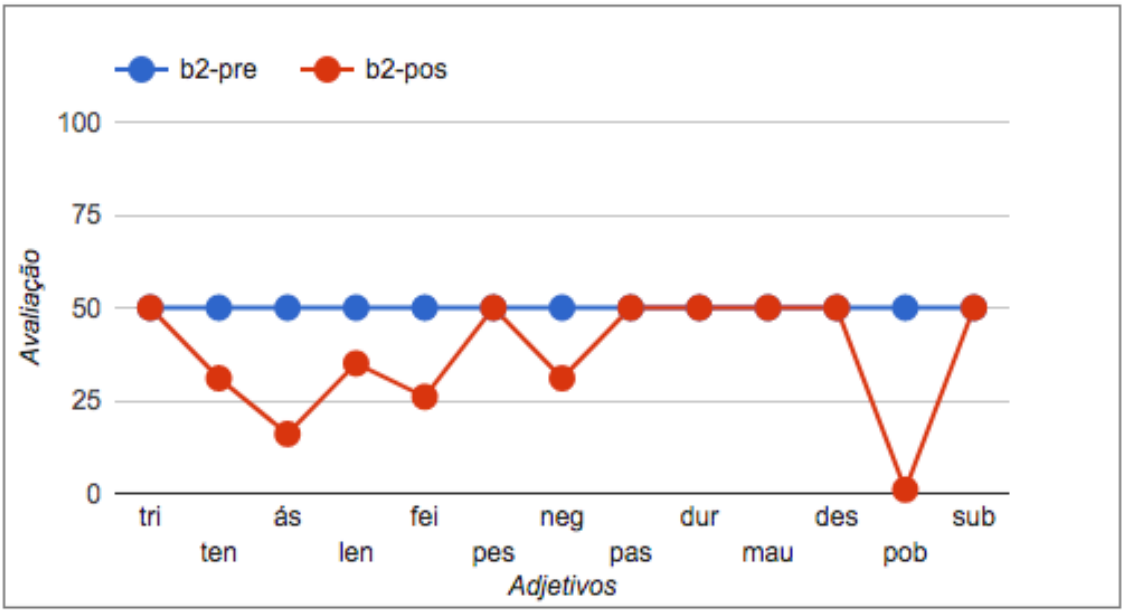
A Figura 17 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que as avaliações dos estímulos abstratos (B2 e C2) sofreram uma queda em sua avaliação, assemelhando-se ao estímulo A2, de significado social.

Figura 17. Avaliação do estímulo A2, B2 e C2 pelo Participante 2 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



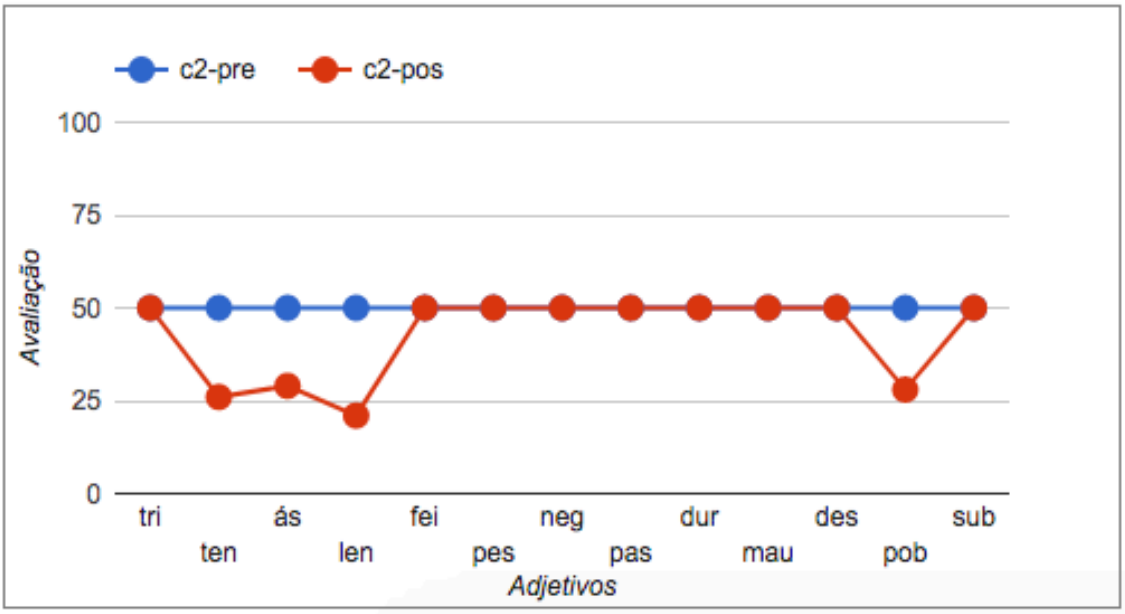

a2-pre


a2-pos




b2-pre


b2-pos

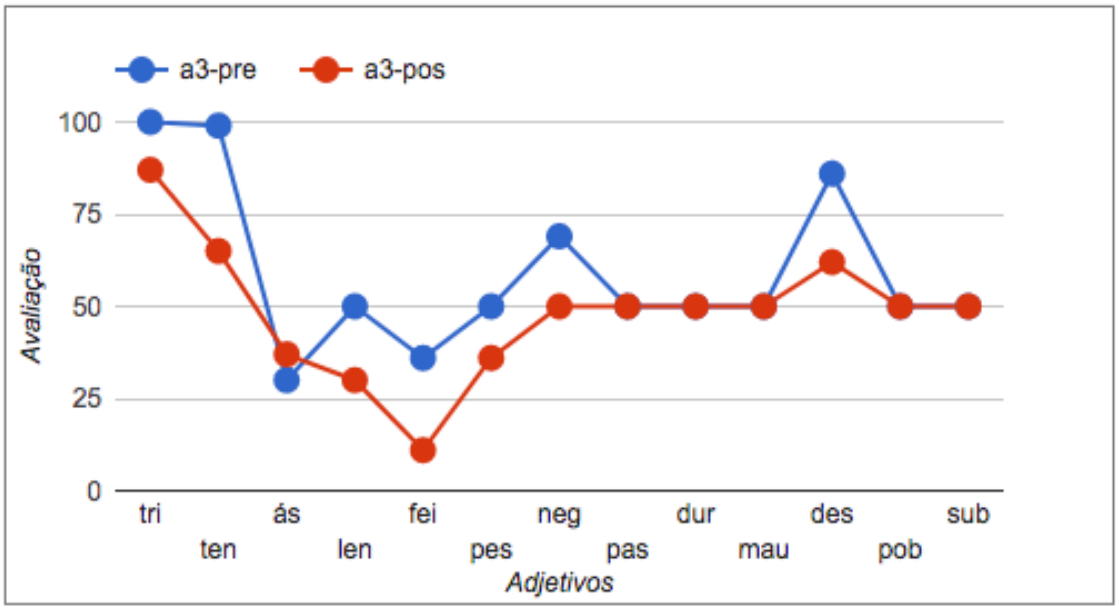



c2-pre


c2-pos

A Figura 18 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Observa-se que as avaliações dos estímulos abstratos (B3 e C3) sofreram uma queda em sua avaliação, assemelhando-se ao estímulo A3, de significado social.

Figura 18. Avaliação do estímulo A3, B3 e C3 pelo Participante 2 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

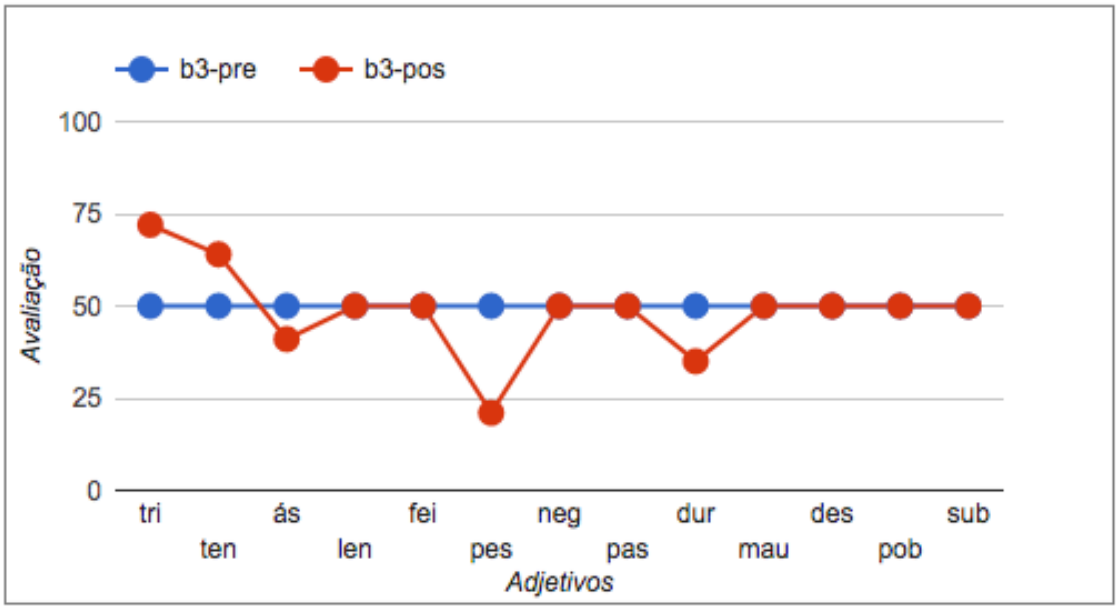




a3-pre



a3-pos

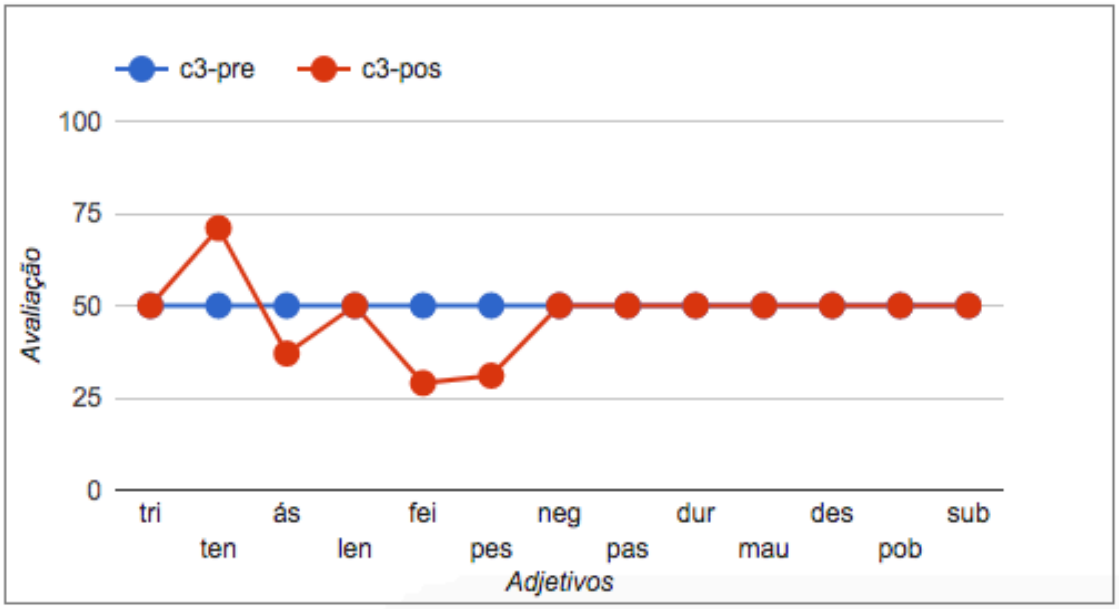


θ

b3-pre

θ

b3-pos



ع

c3-pre

ع

c3-pos

A figura abaixo apresenta o grau de equivalência entre os estímulos no Pré-Teste. Como exemplo, observa-se a equivalência entre os estímulos A1 e B1 que, inicialmente, possuíam 79% de equivalência.

Figura 19. Grau de equivalência da Participante 2 no Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	73	75	79	79	79	79	79	79
a2	73	100	75	87	87	87	87	87	87
a3	75	75	100	86	86	86	86	86	86
b1	79	87	86	100	100	100	100	100	100
b2	79	87	86	100	100	100	100	100	100
b3	79	87	86	100	100	100	100	100	100
c1	79	87	86	100	100	100	100	100	100
c2	79	87	86	100	100	100	100	100	100
c3	79	87	86	100	100	100	100	100	100

Na figura abaixo, observa-se a modificação no grau de equivalência após o emparelhamento dos estímulos entre os estímulos A1 e B1, que passou a ser de 91%, o que demonstra a formação de classe de equivalência e transferência de função do estímulo com significado social ao abstrato.

Figura 20. Grau de equivalência da Participante 2 no Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	84	88	91	83	91	91	86	91
a2	84	100	85	82	91	80	86	92	85
a3	88	85	100	82	84	91	88	86	92
b1	91	82	82	100	84	85	84	83	84
b2	83	91	84	84	100	82	84	92	87
b3	91	80	91	85	82	100	90	87	94
c1	91	86	88	84	84	90	100	92	92
c2	86	92	86	83	92	87	92	100	89
c3	91	85	92	84	87	94	92	89	100

Na figura abaixo, observa-se o grau de equivalência dos estímulos entre as duas fases do experimento, Pré-teste e Pós-teste. É possível notar que ao comparar a avaliação de A1 na primeira fase com o próprio A1 na segunda fase, não obteve-se 100% de equivalência. Esse fato demonstra uma variação na avaliação do estímulo, após o emparelhamento com os estímulos, em tese, sem significado pré-experimental. Esse fato merece investigação em estudos posteriores.

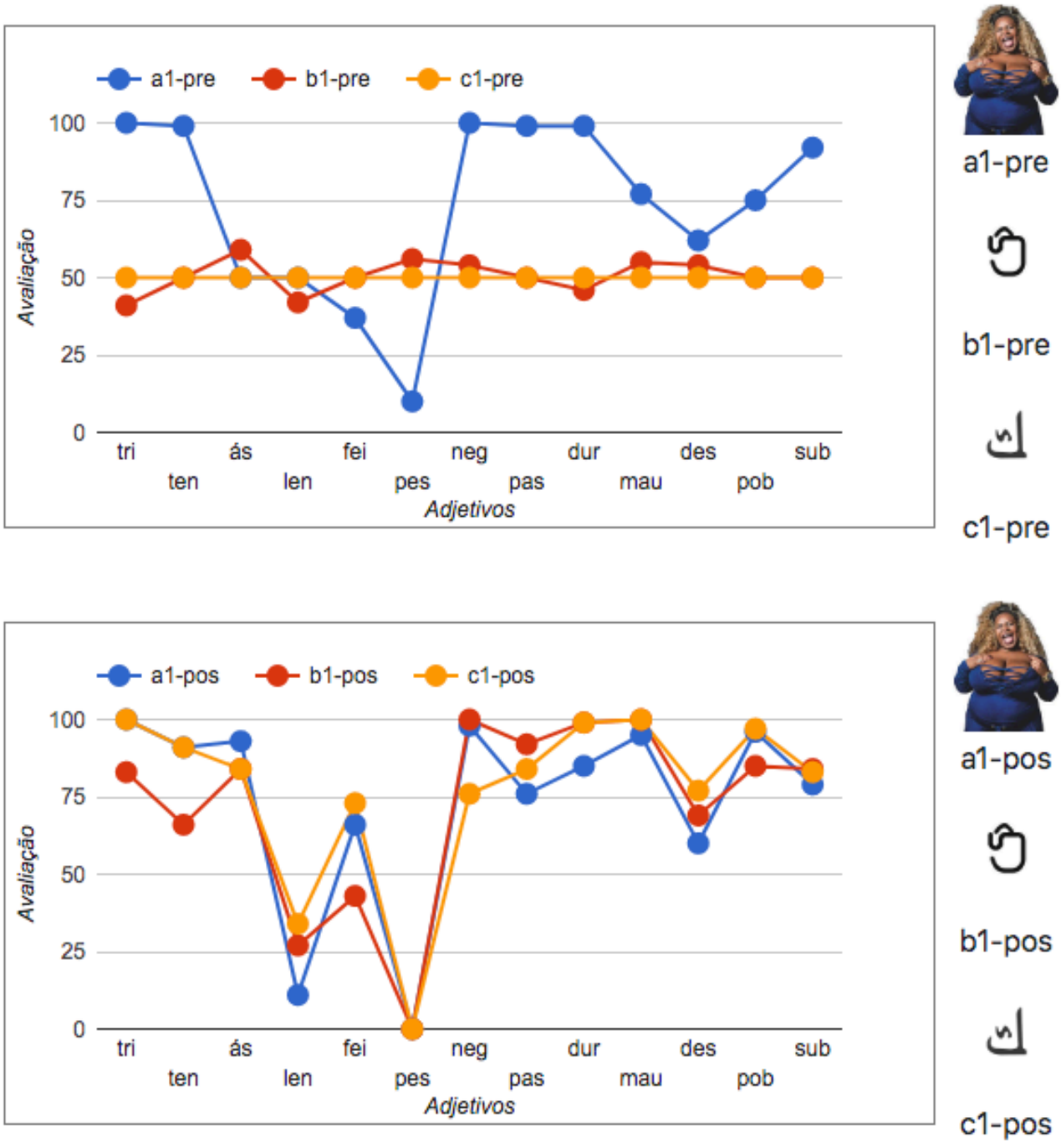
Figura 21. Grau de equivalência da Participante 2 entre Pré-Teste e Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	91	80	81	95	80	85	83	82	82
a2	77	85	81	73	85	82	81	84	86
a3	82	75	88	74	78	86	84	81	87
b1	86	85	88	80	88	93	94	93	94
b2	86	85	88	80	88	93	94	93	94
b3	86	85	88	80	88	93	94	93	94
c1	86	85	88	80	88	93	94	93	94
c2	86	85	88	80	88	93	94	93	94
c3	86	85	88	80	88	93	94	93	94

Participante 3

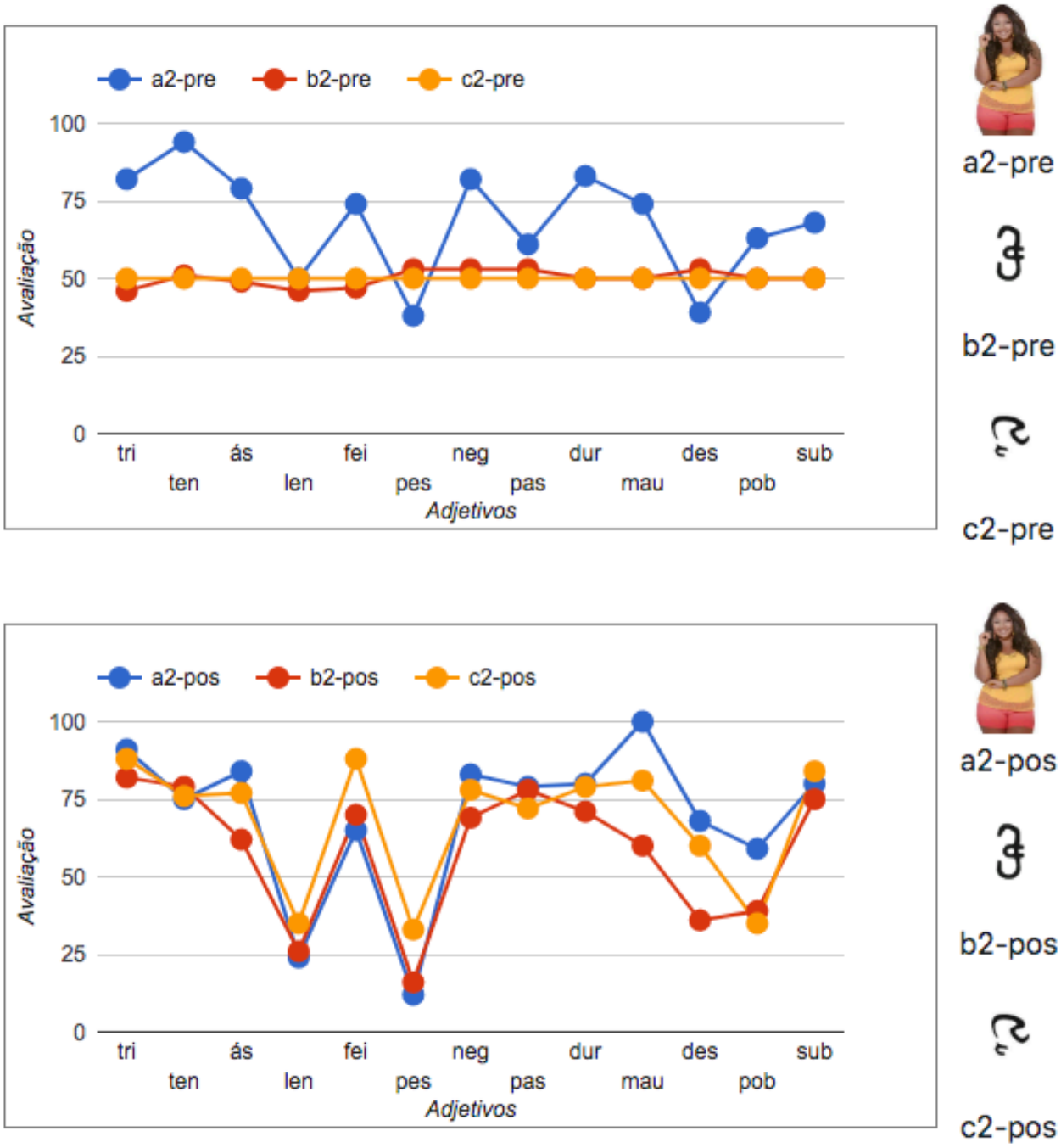
A Figura 22 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). Verificou-se no Pré-teste que o estímulo A1 recebeu avaliações predominantemente positivas, enquanto os estímulos B1 e C1 foram avaliados de forma neutra. No Pós-teste, o estímulo A1 manteve sua avaliação e foi acompanhado pelas avaliações de B1 e C1.

Figura 22. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 do Participante 3 no Pré-Teste e Pós-Teste.



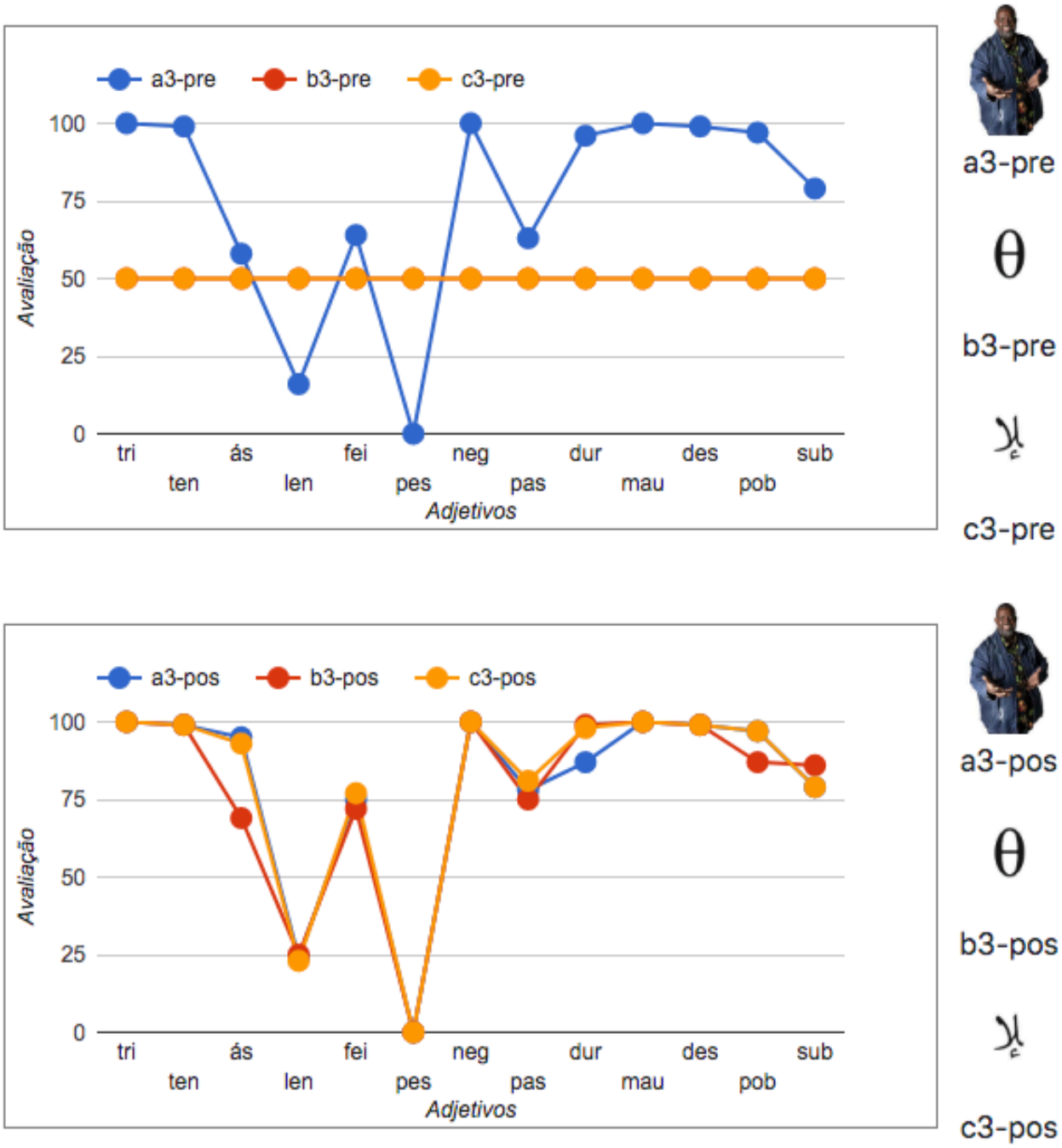
A Figura 23 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). Verificou-se no Pré-teste que o estímulo A2 recebeu avaliações predominantemente positivas, enquanto os estímulos B2 e C2 foram avaliados de forma neutra. No Pós-teste, o estímulo A2 manteve sua avaliação e foi acompanhado pelas avaliações de B2 e C2.

Figura 23. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



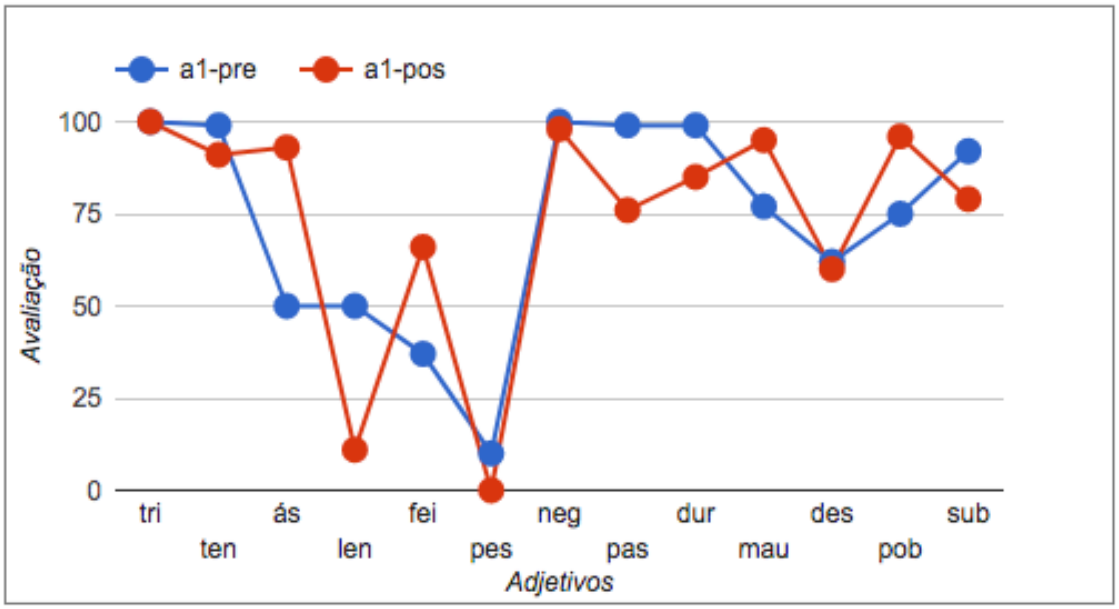
A Figura 24 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Verificou-se no Pré-teste que o estímulo A3 recebeu avaliações predominantemente positivas, enquanto os estímulos B3 e C3 foram avaliados de forma neutra. No Pós-teste, o estímulo A3 manteve sua avaliação e foi acompanhado pelas avaliações de B3 e C3.

Figura 24. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



A Figura 25 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Percebe-se que, no Pós-teste, os estímulos neutros receberam avaliações semelhantes à avaliação do estímulo A1.

Figura 25. Avaliação do estímulo A1, B1 e C1 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

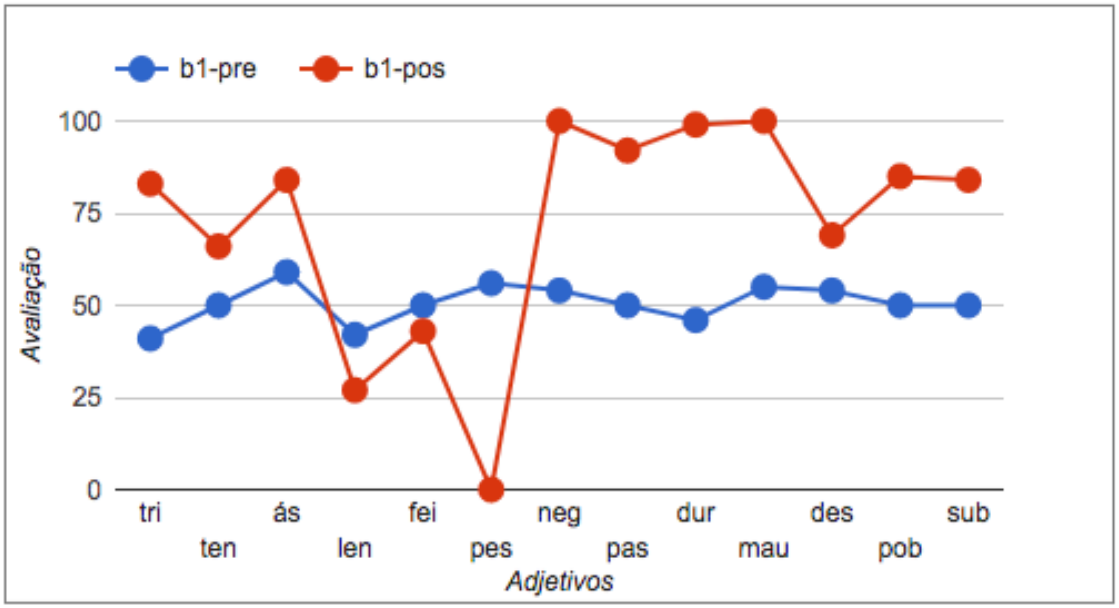




a1-pre



a1-pos

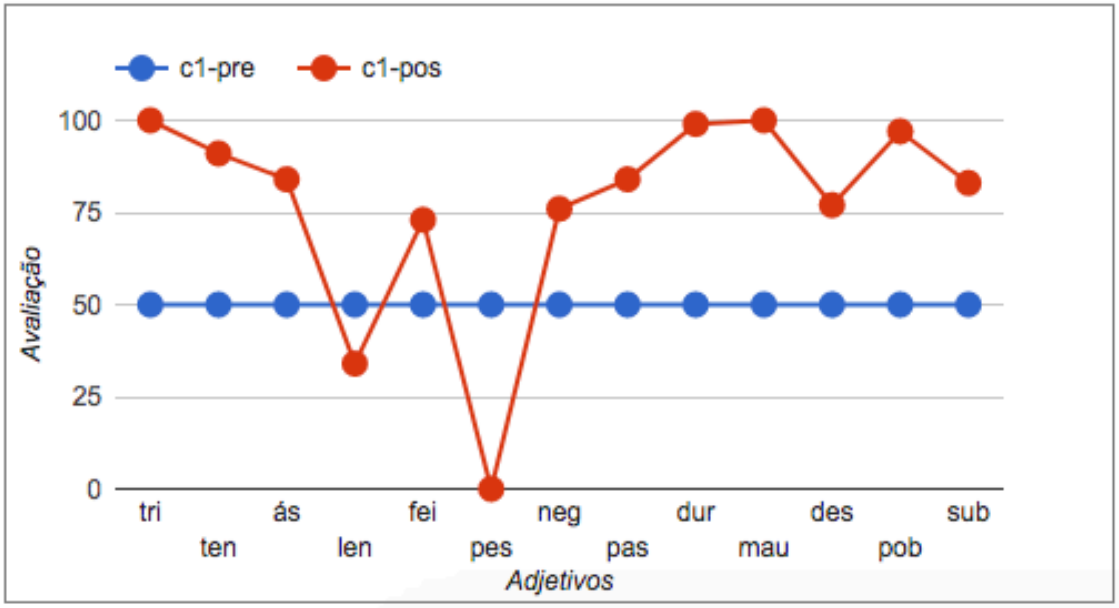




b1-pre



b1-pos





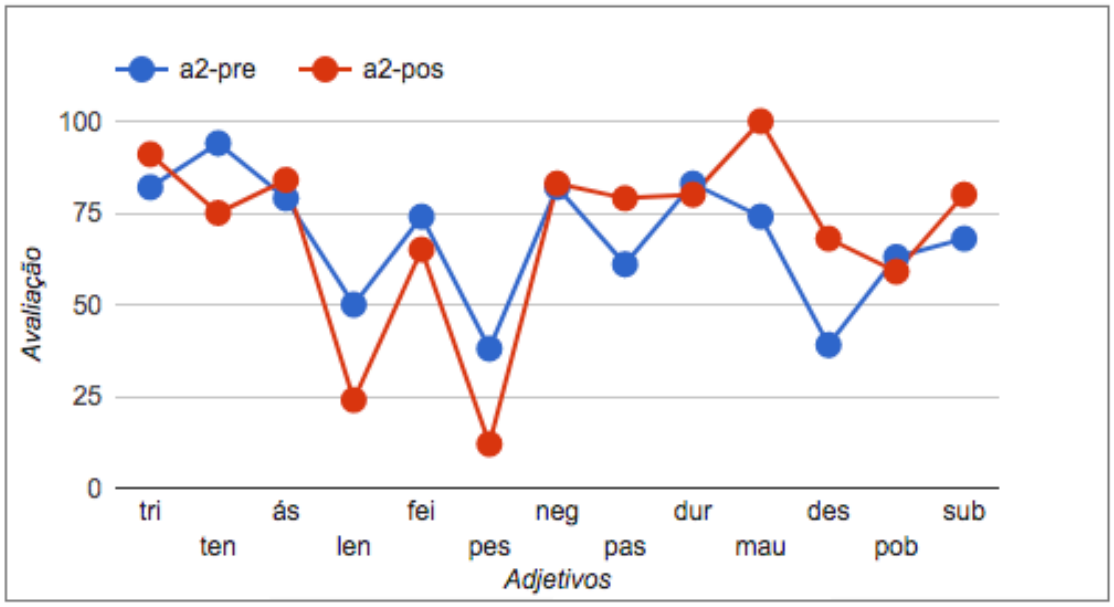
c1-pre



c1-pos

A Figura 26 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Percebe-se que, no Pós-teste, os estímulos neutros receberam avaliações semelhantes à avaliação do estímulo A2.

Figura 26. Avaliação do estímulo A2, B2 e C2 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

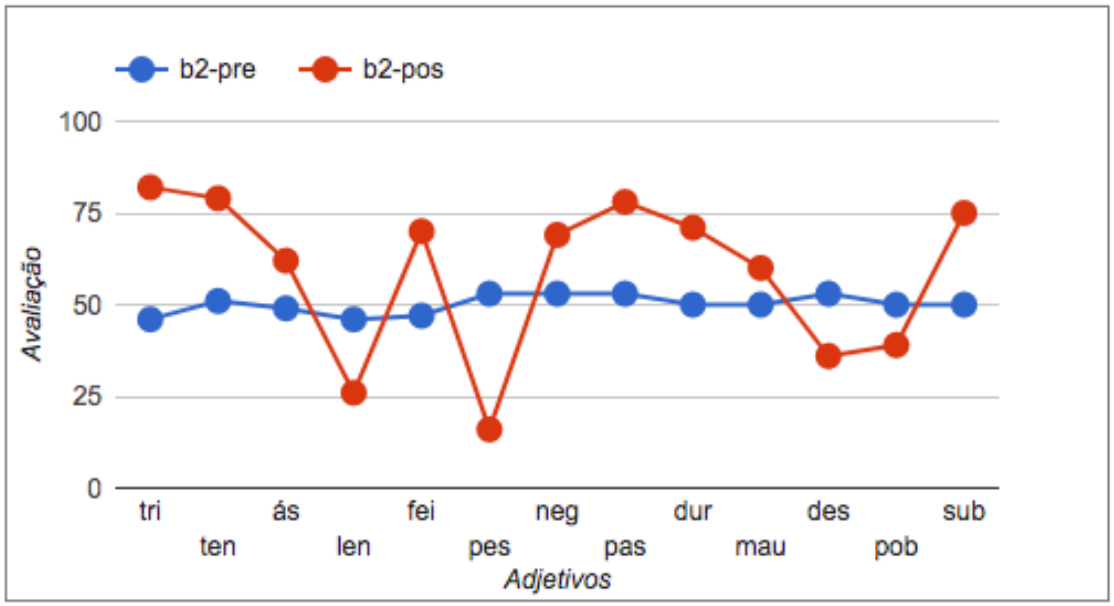




a2-pre



a2-pos

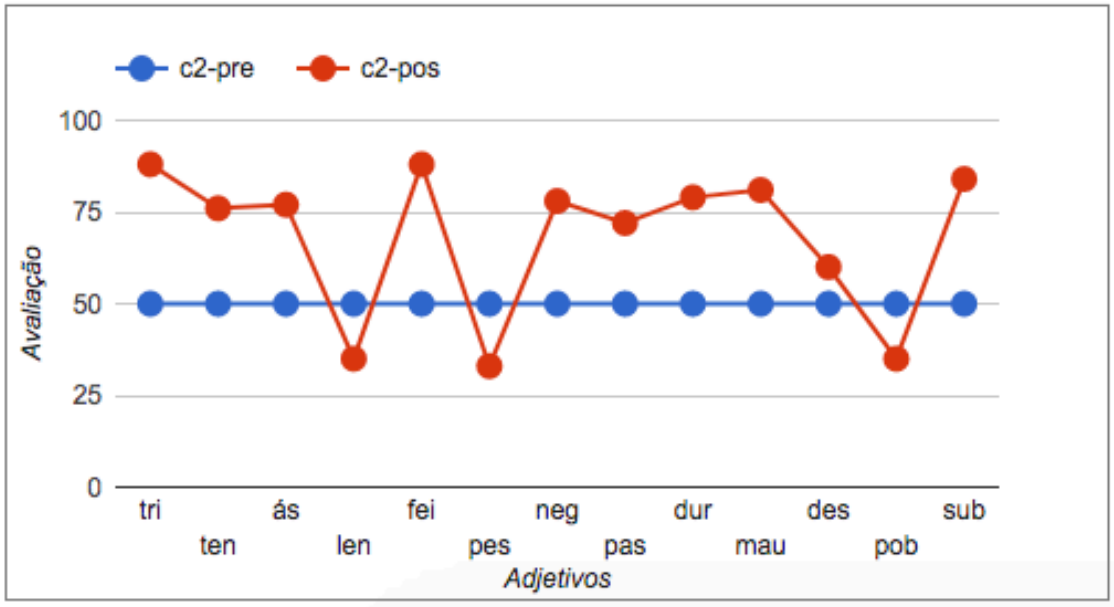




b2-pre



b2-pos





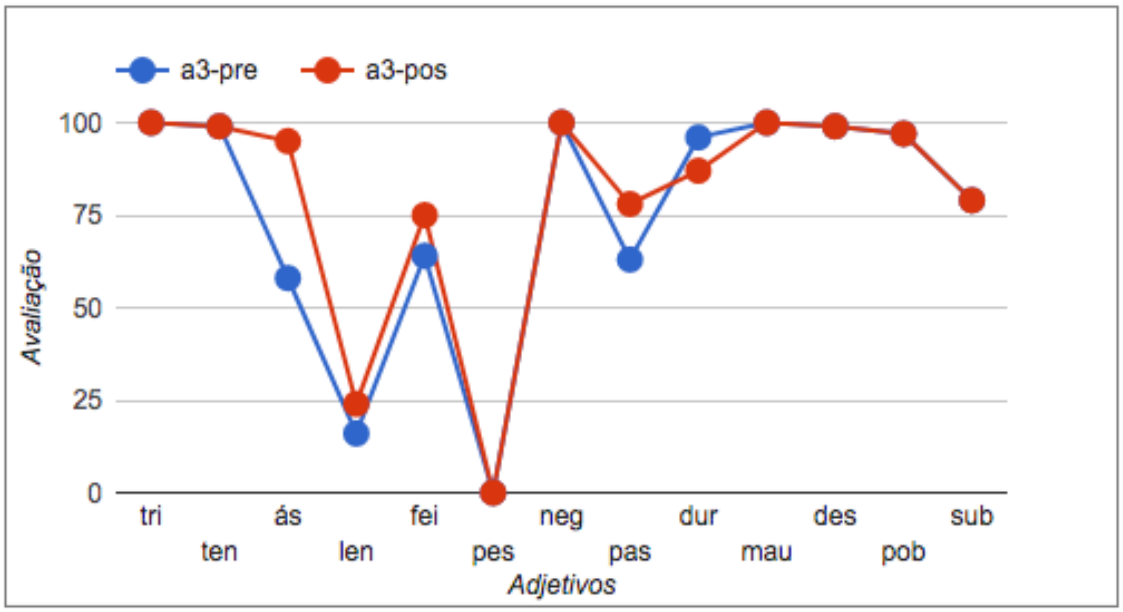
c2-pre



c2-pos

A Figura 27 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Percebe-se que, no Pós-teste, os estímulos neutros receberam avaliações semelhantes à avaliação do estímulo A3.

Figura 27. Avaliação do estímulo A3, B3 e C3 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

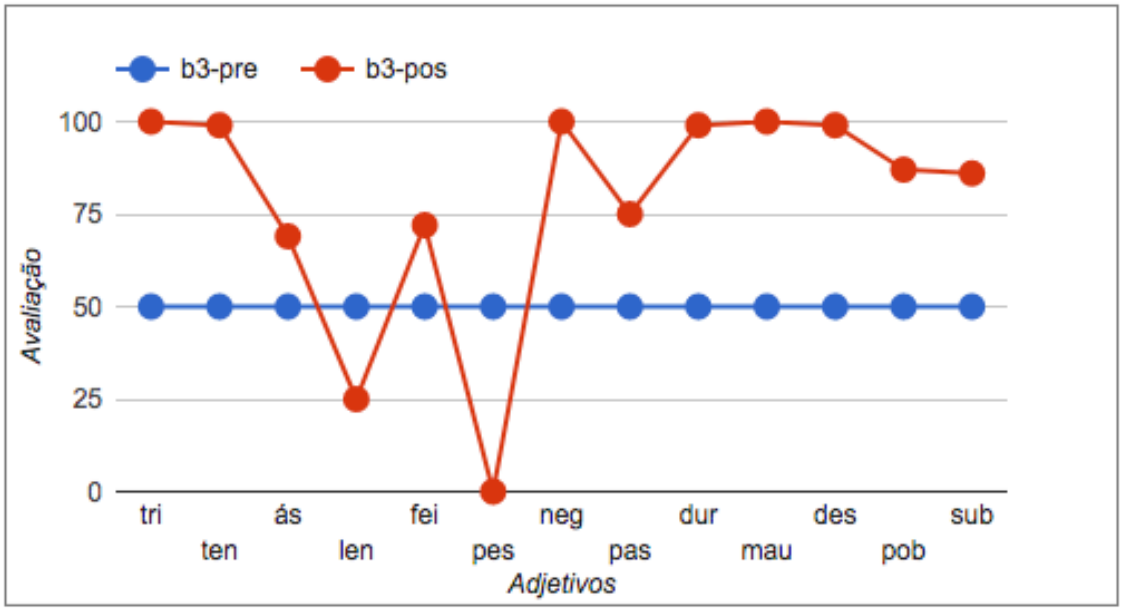




a3-pre



a3-pos

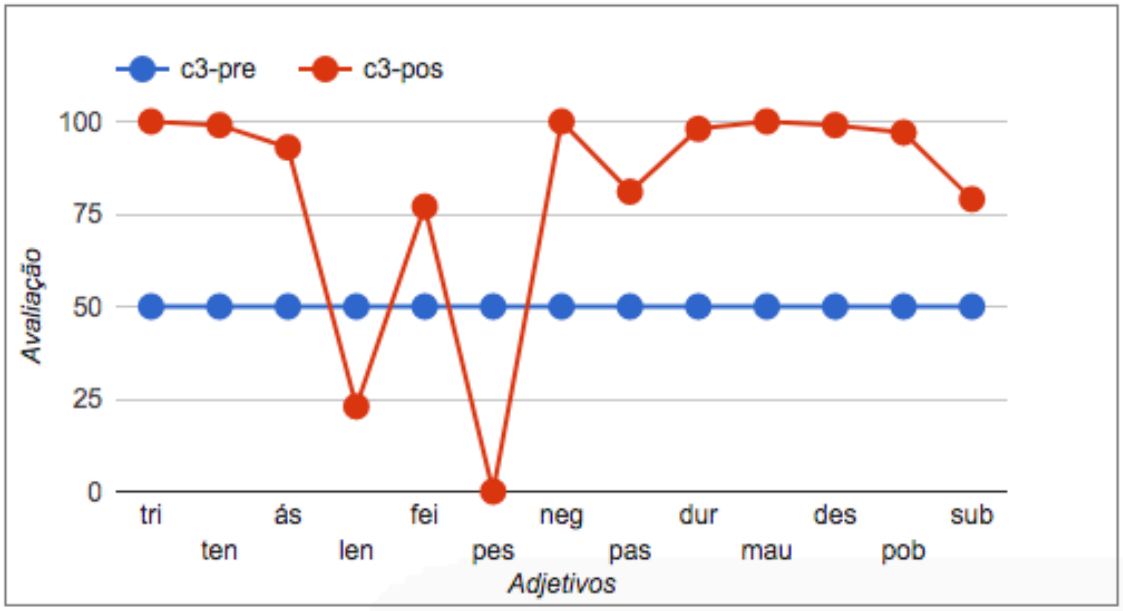


θ

b3-pre

θ

b3-pos



ﻟﺊ

c3-pre

ﻟﺊ

c3-pos

A figura abaixo apresenta o grau de equivalência entre os estímulos no Pré-Teste. Observa-se que os estímulos A1 e B1, por exemplo, possuíam equivalência de 67% na primeira etapa do experimento.

Figura 28. Grau de equivalência da Participante 3 no Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	81	84	67	69	69	69	69	69
a2	81	100	78	77	77	78	78	78	78
a3	84	78	100	63	63	62	62	62	62
b1	67	77	63	100	97	96	96	96	96
b2	69	77	63	97	100	98	98	98	98
b3	69	78	62	96	98	100	100	100	100
c1	69	78	62	96	98	100	100	100	100
c2	69	78	62	96	98	100	100	100	100
c3	69	78	62	96	98	100	100	100	100

Após o emparelhamento dos estímulos, observa-se que estes mesmos estímulos passaram a ter equivalência de 88%.

Figura 29. Grau de equivalência da Participante 3 no Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	90	94	88	80	90	92	82	93
a2	90	100	88	90	87	87	90	90	87
a3	94	88	100	87	76	95	92	79	99
b1	88	90	87	100	78	89	90	81	88
b2	80	87	76	78	100	78	79	89	75
b3	90	87	95	89	78	100	92	80	96
c1	92	90	92	90	79	92	100	83	93
c2	82	90	79	81	89	80	83	100	78
c3	93	87	99	88	75	96	93	78	100

Na figura abaixo, observa-se o grau de equivalência dos estímulos entre as duas fases do experimento, Pré-teste e Pós-teste. É possível notar que ao comparar a avaliação de A1 na primeira fase com o próprio A1 na segunda fase, não obteve-se 100% de equivalência. Esse fato demonstra uma variação na avaliação do estímulo, após o emparelhamento com os estímulos, em tese, sem significado pré-experimental. Esse fato merece investigação em estudos posteriores.

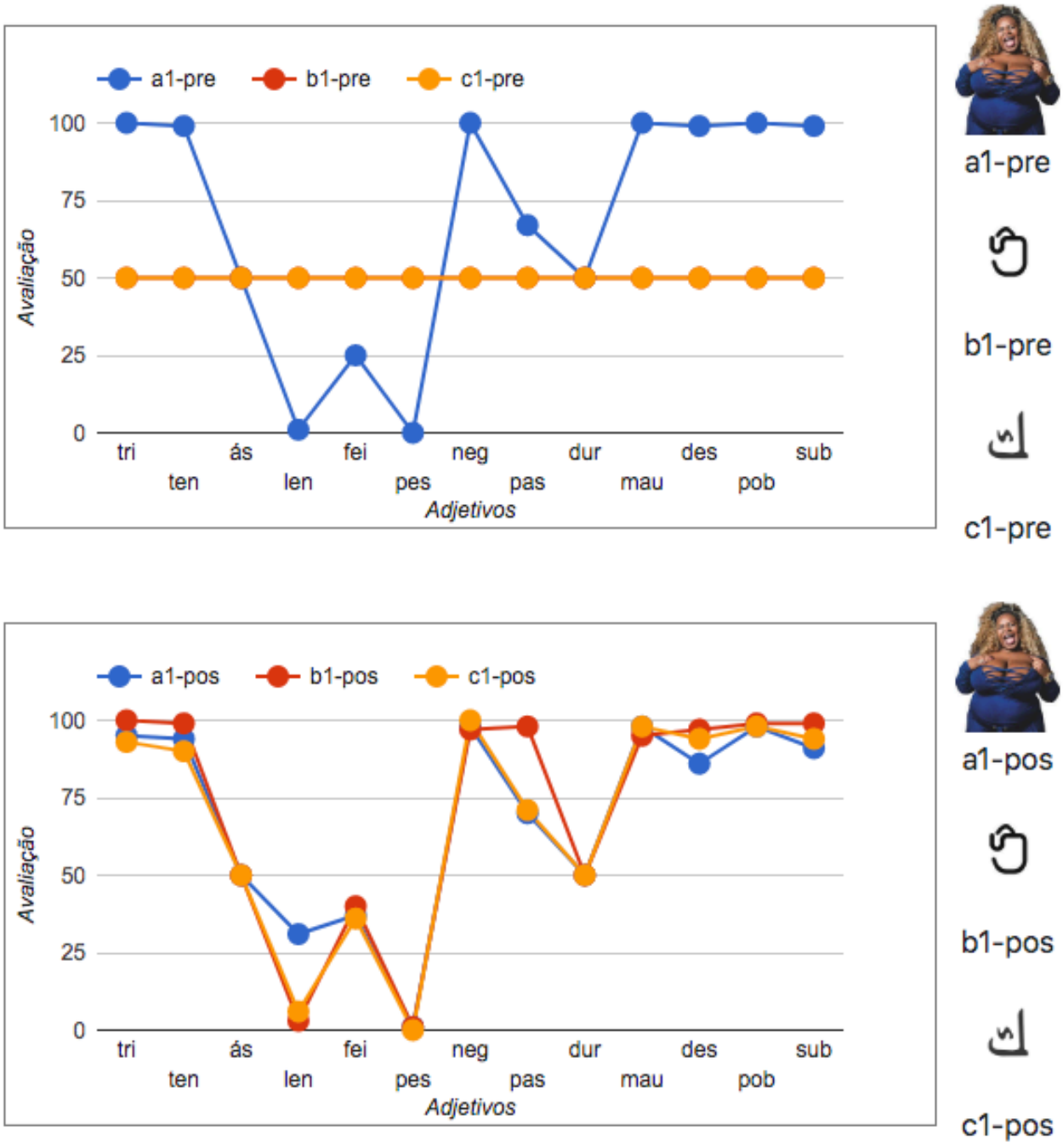
Figura 30. Grau de equivalência da Participante 3 entre Pré-Teste e Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	83	82	81	86	78	85	84	79	82
a2	82	86	79	78	87	79	82	88	78
a3	91	85	94	86	76	95	90	77	94
b1	64	72	60	67	79	62	64	75	59
b2	63	71	59	67	78	61	63	75	58
b3	63	71	59	66	79	61	63	75	58
c1	63	71	59	66	79	61	63	75	58
c2	63	71	59	66	79	61	63	75	58
c3	63	71	59	66	79	61	63	75	58

Participante 4

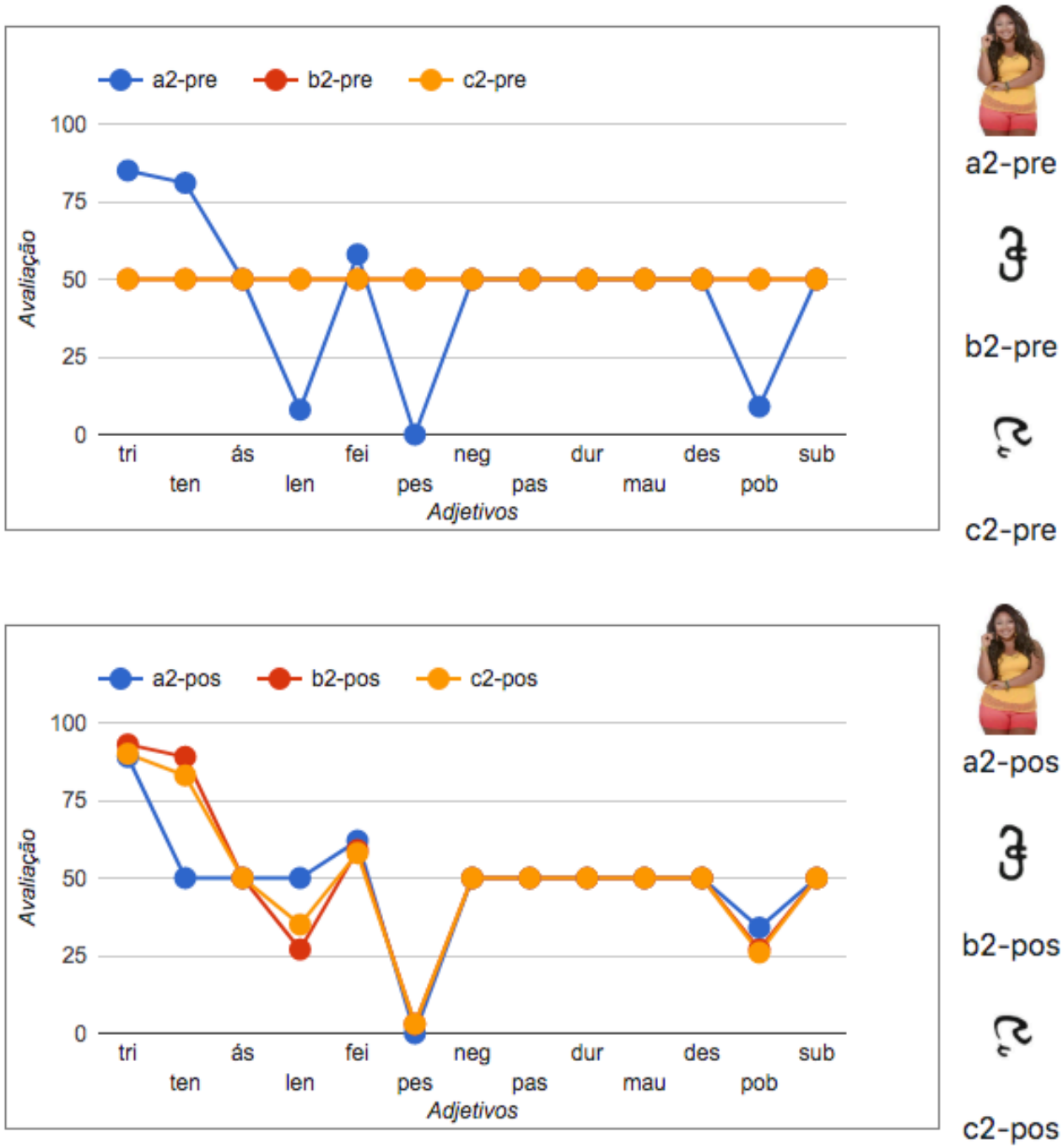
A Figura 31 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). Verificou-se no Pré-teste que o estímulo A1 recebeu avaliações predominantemente positivas, enquanto os estímulos B1 e C1 foram avaliados de forma neutra. No Pós-teste, o estímulo A1 manteve sua avaliação e foi acompanhado pelas avaliações de B1 e C1.

Figura 31. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 no Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 4



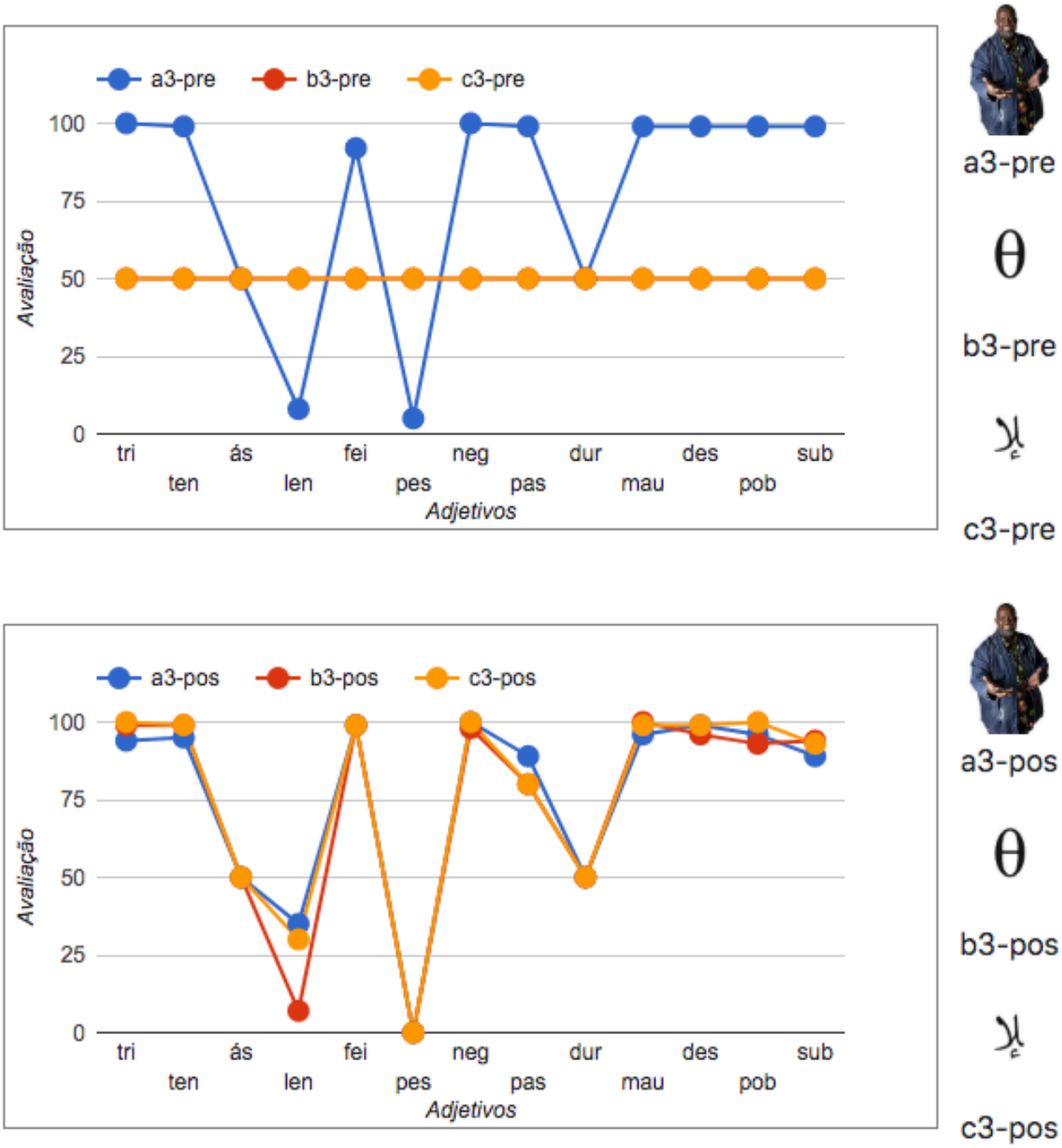
A Figura 32 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). Verificou-se no Pré-teste que o estímulo A2 recebeu avaliações predominantemente neutras, enquanto os estímulos B2 e C2 foram avaliados de forma neutra. No Pós-teste, o estímulo A2 manteve sua avaliação e foi acompanhado pelas avaliações de B2 e C2.

Figura 32. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 pelo Participante 4 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



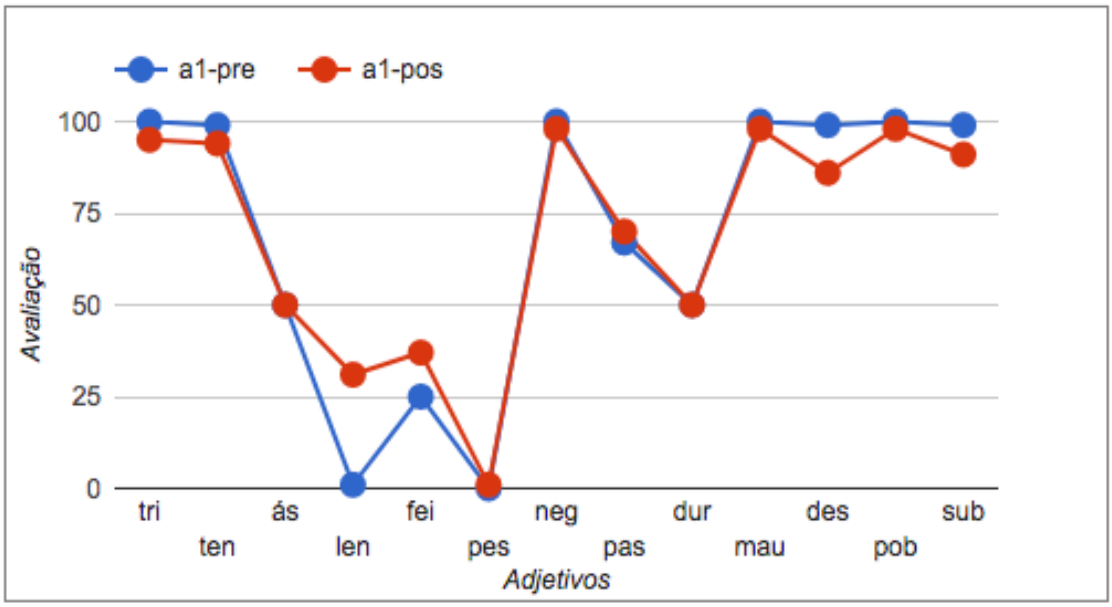
A Figura 33 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Verificou-se no Pré-teste que o estímulo A3 recebeu avaliações predominantemente positivas, enquanto os estímulos B3 e C3 foram avaliados de forma neutra. No Pós-teste, o estímulo A1 manteve sua avaliação e foi acompanhado pelas avaliações de B3 e C3.

Figura 33. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 pelo Participante 4 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



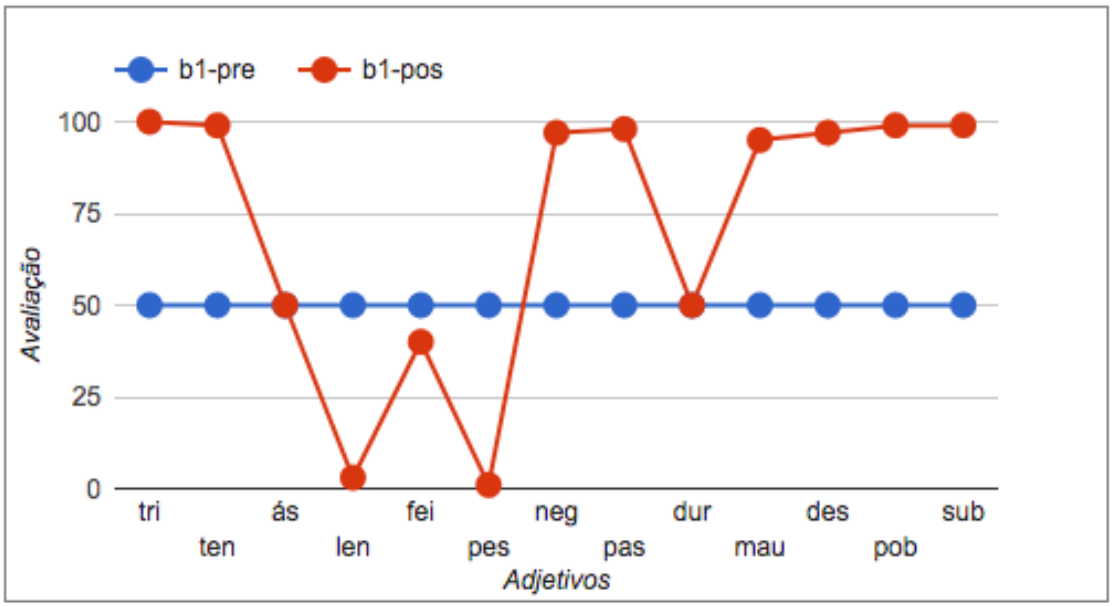
A Figura 34 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Percebe-se que, no Pós-teste, os estímulos neutros receberam avaliações semelhantes à avaliação do estímulo A1.

Figura 34. Avaliação do estímulo A1, B1 e C1 pelo Participante 4 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



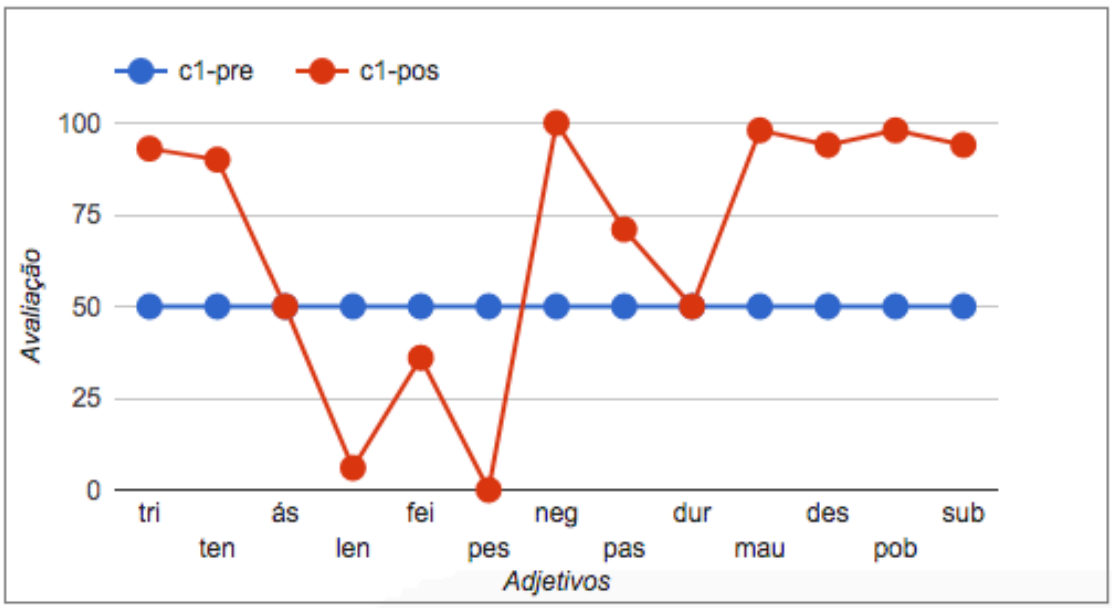

a1-pre


a1-pos




b1-pre


b1-pos

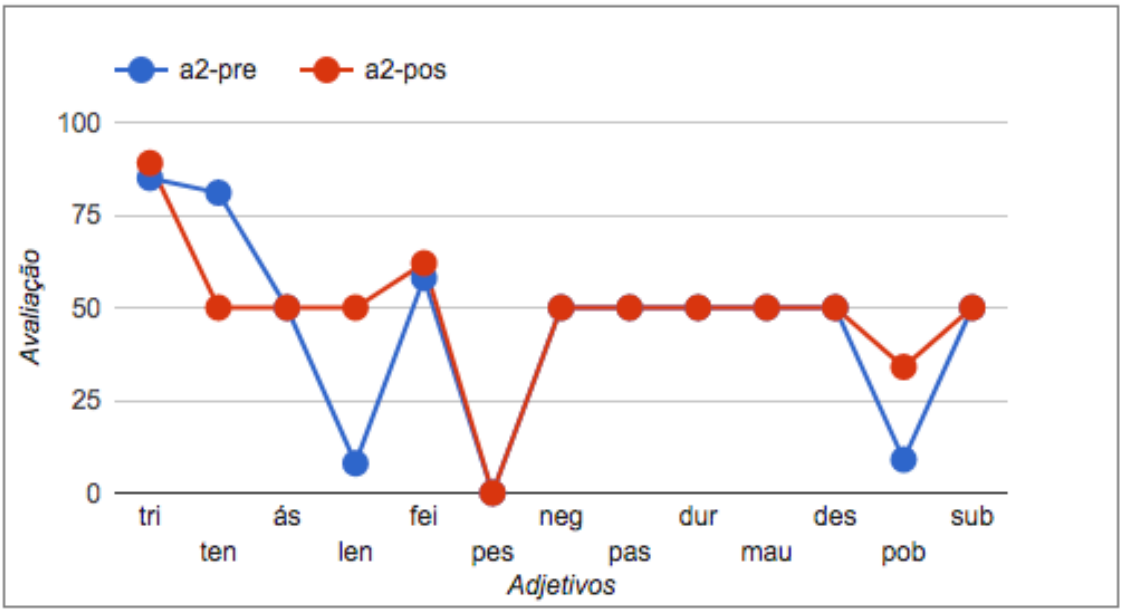


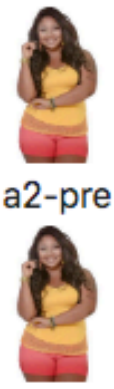

c1-pre

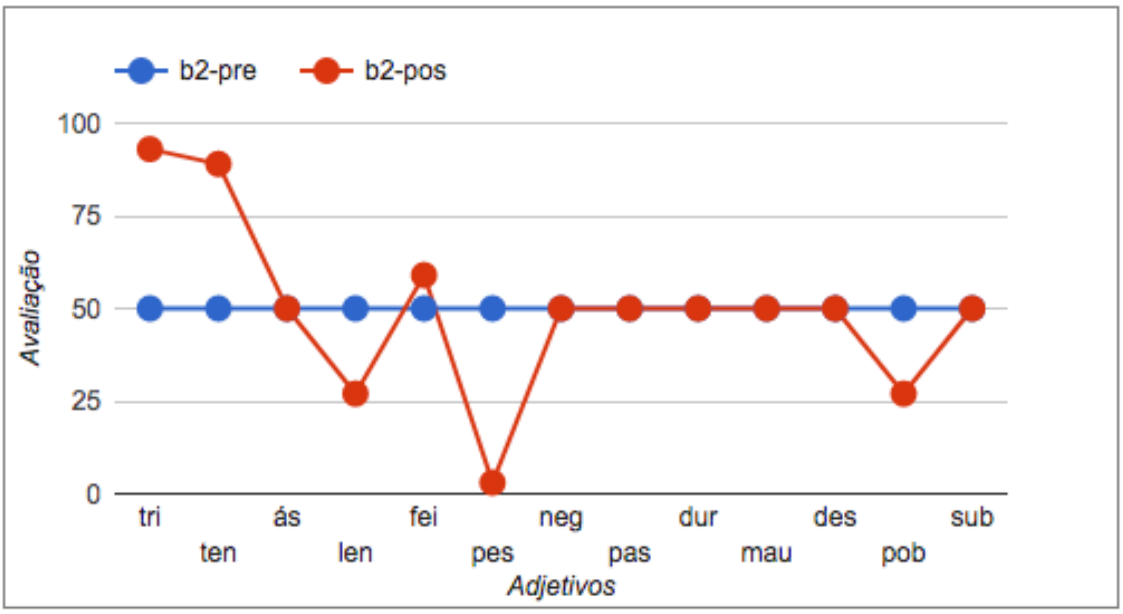

c1-pos

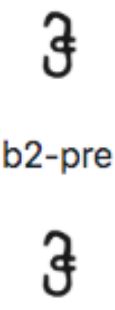
A Figura 35 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Percebe-se que, no Pós-teste, os estímulos neutros receberam avaliações semelhantes à avaliação do estímulo A2.

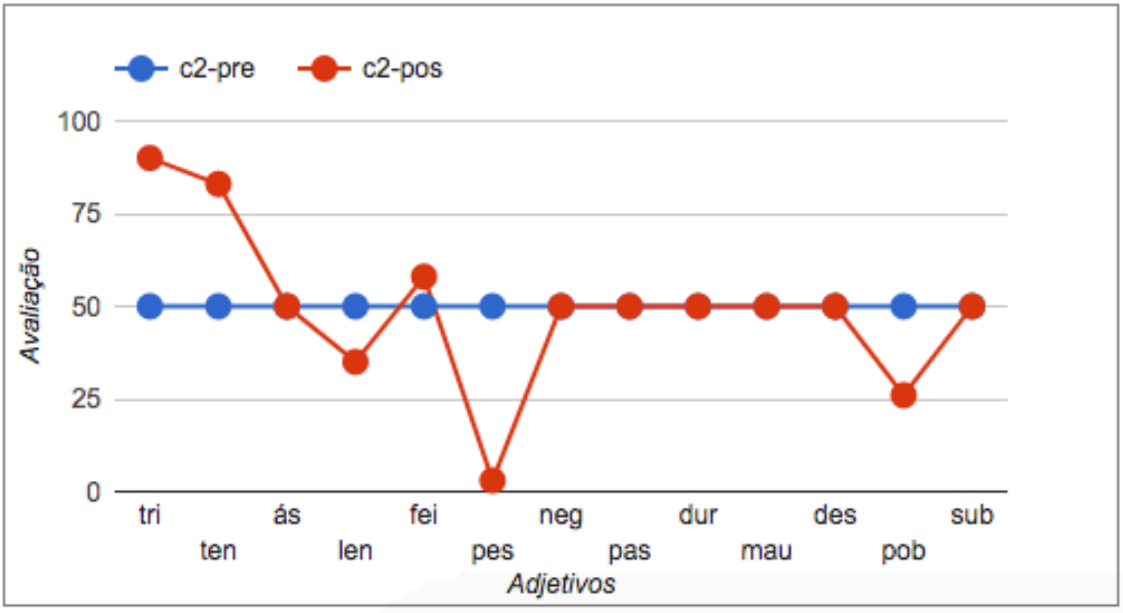
Figura 35. Avaliação do estímulo A2, B2 e C2 pelo Participante 4 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

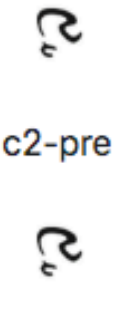

a2-pre
a2-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri ten
ás len
fei pes
neg pas
dur mau
des pob
sub
Adjetivos


a2-pre
a2-pos


b2-pre
b2-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri ten
ás len
fei pes
neg pas
dur mau
des pob
sub
Adjetivos

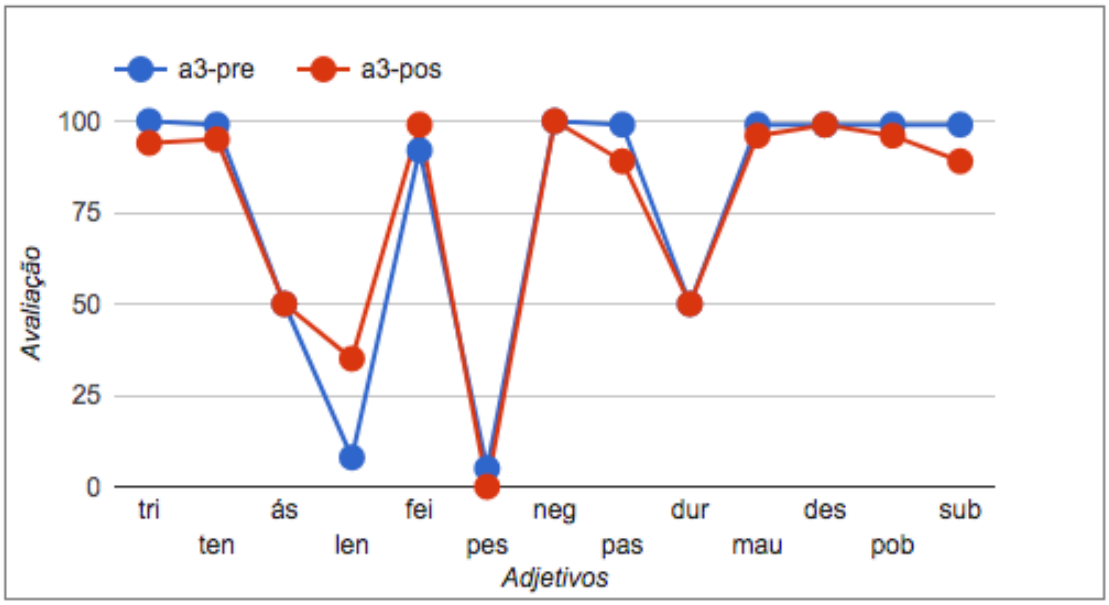

b2-pre
b2-pos


c2-pre
c2-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri ten
ás len
fei pes
neg pas
dur mau
des pob
sub
Adjetivos


c2-pre
c2-pos

A Figura 36 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Percebe-se que, no Pós-teste, os estímulos neutros receberam avaliações semelhantes à avaliação do estímulo A3.

Figura 36. Avaliação do estímulo A3, B3 e C3 pelo Participante 4 no Pré-Teste e no Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

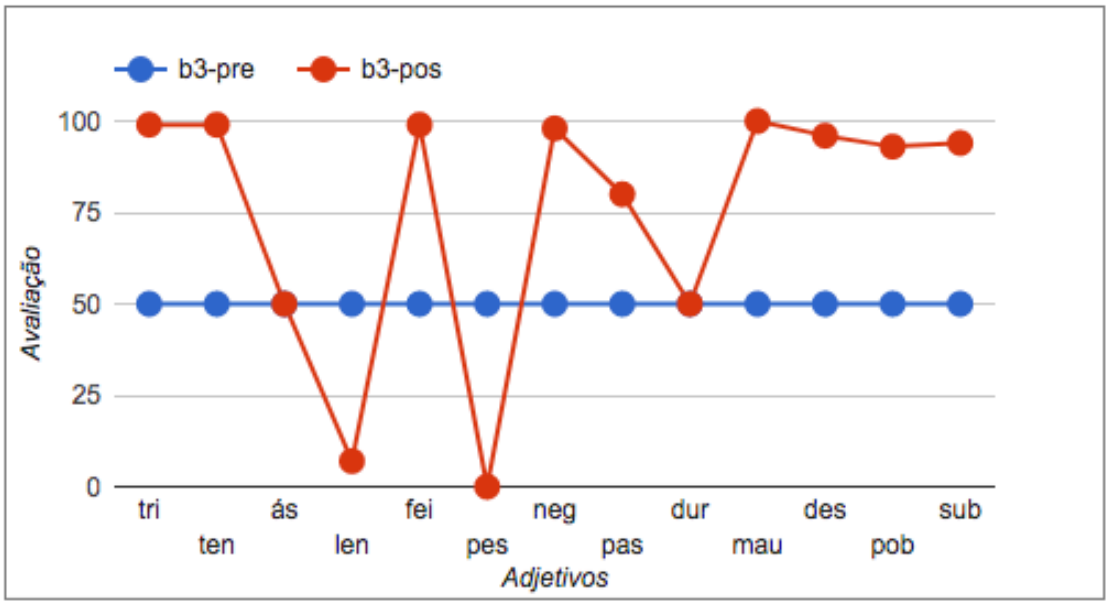




a3-pre



a3-pos

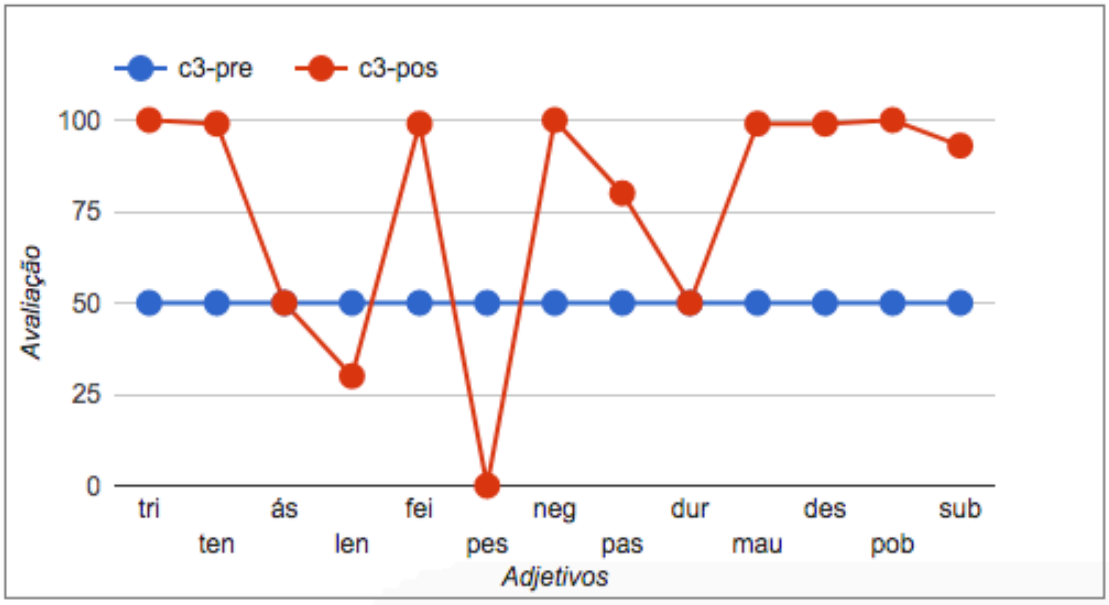


θ

b3-pre

θ

b3-pos



ﻉ

c3-pre

ﻉ

c3-pos

A figura abaixo representa os graus de equivalência entre os estímulos na etapa inicial do experimento. Observa-se que os estímulos A1 e B1 tinham 62% de equivalência antes de qualquer etapa de emparelhamento.

Figura 37. Grau de equivalência da Participante 4 no Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	71	91	62	62	62	62	62	62
a2	71	100	69	84	84	84	84	84	84
a3	91	69	100	60	60	60	60	60	60
b1	62	84	60	100	100	100	100	100	100
b2	62	84	60	100	100	100	100	100	100
b3	62	84	60	100	100	100	100	100	100
c1	62	84	60	100	100	100	100	100	100
c2	62	84	60	100	100	100	100	100	100
c3	62	84	60	100	100	100	100	100	100

Como exemplificação, observa-se que os mesmos estímulos acima citados passaram a ter, após o emparelhamento, 93% de equivalência, demonstrando a construção de classe de equivalência e a transferência de função entre os estímulos.

Figura 38. Grau de equivalência da Participante 4 no Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	73	92	93	77	90	96	76	92
a2	73	100	70	67	94	68	70	95	69
a3	92	70	100	90	73	95	90	73	97
b1	93	67	90	100	72	92	95	70	91
b2	77	94	73	72	100	72	75	99	73
b3	90	68	95	92	72	100	92	71	97
c1	96	70	90	95	75	92	100	74	91
c2	76	95	73	70	99	71	74	100	72
c3	92	69	97	91	73	97	91	72	100

Na figura abaixo, observa-se o grau de equivalência dos estímulos entre as duas fases do experimento, Pré-teste e Pós-teste. É possível notar que ao comparar a avaliação de A1 na primeira fase com o próprio A1 na segunda fase, não obteve-se 100% de equivalência. Esse fato demonstra uma variação na avaliação do estímulo, após o emparelhamento com os estímulos, em tese, sem significado pré-experimental. Esse fato merece investigação em estudos posteriores.

Figura 39. Grau de equivalência da Participante 4 entre Pré-Teste e Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	94	67	88	95	72	91	96	70	91
a2	73	92	69	71	96	71	74	96	69
a3	89	66	94	95	70	96	91	69	95
b1	68	91	64	62	86	61	66	87	62
b2	68	91	64	62	86	61	66	87	62
b3	68	91	64	62	86	61	66	87	62
c1	68	91	64	62	86	61	66	87	62
c2	68	91	64	62	86	61	66	87	62
c3	68	91	64	62	86	61	66	87	62

Discussão

O objetivo do presente trabalho foi verificar o efeito do procedimento de emparelhamento com o modelo sobre a formação de classe de equivalência e transferência de função. Dessa forma, foram utilizadas figuras da Jojo Todynho, Péricles e uma mulher desconhecida, verificando assim tal efeito.

Diante do exposto, foi encontrado no presente trabalho a formação de classes em todos os participantes e transferência de função para a maioria dos participantes. Ao analisar o Pós-Teste dos participantes, é possível verificar que as avaliações se aproximaram da sobreposição de acordo com as relações treinadas, o que demonstra a formação de uma classe de estímulos equivalentes. Tal resultado se assemelha ao encontrado no estudo de Rosendo (2018) e Portela (2014), onde ambos os grupos formaram a classe de equivalência.

Com relação aos estímulos abstratos, foi observado que após os treinos a maioria deles receberam significado semelhante aos estímulos significativos, o que corrobora com o estudo de Mizael, Santos e Rose (2016). No presente estudo, é possível verificar que houve transferência de função com a maioria dos estímulos abstratos com relação aos estímulos A1, A2 e A3.

Diante do estudo de Portela (2014) foi possível verificar que as avaliações dos estímulos abstratos na escala EDS tenderam a ficar mais próximos do estímulo significativo, o que corrobora com o presente estudo, uma vez que nas avaliações da maioria dos participantes após os treinos (realizadas através da escala) foi observado a transferência de função entre os estímulos abstratos e significativos.

Além do mais, foi verificado que houve influência do estímulo na avaliação inicial, na qual, para o participante 1, as avaliações variaram entre positivas e

negativas em todos os estímulos (ver figura 5), para o participante 2 houve avaliações negativas para o Péricles e a Jojo Todynho e positivas para a desconhecida (ver figura 6), para o participante 3 variaram entre positivas e negativas para a Jojo Todynho e a desconhecida e positiva para o Péricles (ver figura 7), para o participante 4 variaram entre extremo positivo e negativo para a Jojo Todynho e a desconhecida e neutras e negativas para o Péricles (ver figura 8). Tal resultado corrobora com o estudo de Santos (2019) que identificou que as avaliações dos participantes variaram de acordo com as características das fotos apresentadas.

Sugere-se que pesquisas futuras utilizem mais participantes para que seja possível analisar de forma mais abrangente os efeitos dos estímulos e que possam verificar as opiniões a respeito dos estímulos familiares por parte dos participantes antes da pesquisa para que seja feito um controle a respeito das influências de gênero e familiaridade. Além disso, foi visto nos participantes do presente estudo, um cansaço com relação ao tempo de duração dos treinos, recomenda-se então que os blocos tenham menor tempo de duração.

Sendo assim, o presente estudo contribui para evoluir a compreensão sobre o paradigma de equivalência de estímulos, formação de classes de equivalência e transferência de função entre estímulos. Além disso, a pesquisa é uma contribuição para o estudo da transferência de função com estímulos que possuem significado social e de gênero.

Experimento 8: Paradigma de equivalência relacionado ao processo de ressocialização de presos

Pesquisadora responsável: Jacqueline Guimarães Nunes

Introdução

Dados levantados pelo Departamento Penitenciário Nacional – DEPEN, em junho de 2019, apontam que a população carcerária do Brasil já é de 752.277 mil presos. A Lei de Execução Penal – LEP (Lei 7.210, de 1984) dá direito aos 473.347 mil presos que se encontram em um regime aberto ou semiaberto e aos ex-presidiários realizarem algum tipo de trabalho ou serviço.

Tal medida tem a finalidade de utilizar esses recursos, trabalho ou serviço, como um mecanismo de reinserção social e promover a redução da reincidência criminal. Elas visam o próprio sustento do preso ou de sua família ou a remição da pena, a depender do regime. Além disso, constituem-se numa forma de incentivo rumo ao próprio autodesenvolvimento, autonomia e responsabilidade do detento. Faz-se fundamental, ao analisar a realidade prisional brasileira e o seu processo de ressocialização, levar em consideração questões ligadas à desigualdade social, vulnerabilidade, cultura, cor e etnia (Leandro et al, 2018).

O estigma comumente conferido ao ex-detento ou detento de irreparabilidade dificulta fortemente a tentativa de ressocialização por meio do trabalho e de quaisquer outros espaços (Santos et. al 2013). O preconceito e o medo daquele que uma vez rompeu com a Lei e a Constituição (1988) criam barreiras dificultadoras e até impeditivas para o ideal cumprimento da LEP. Para a Análise do Comportamento o preconceito é compreendido como um comportamento, em relação a um determinado estímulo, aprendido e controlado (reforçado e modelado) socialmente e culturalmente ao longo da vida dos indivíduos (Mizael & Rose, 2017).

Diante do exposto, depreende-se que, a partir do pareamento de estímulos simbólicos e estímulos arbitrários, é possível criar uma nova classe de equivalência e, a partir disso, modificar atitudes anteriormente existentes em novas atitudes. Portanto, o objetivo desta pesquisa é verificar, por meio do paradigma de equivalência, se é possível a formação de classe de equivalência e a transferência de função entre a figura de detentos e de símbolos abstratos.

Método

Delineamento experimental

Idêntico ao Experimento 2.

Participantes

A realização da seguinte pesquisa contou com 5 pessoas sendo 2 mulheres e 3 homens com idades entre vinte e dois e trinta e seis anos.

Procedimentos éticos

O experimento foi iniciado após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética do UniCEUB e a entrega dos TCLEs (Termos de Consentimento Livre e Esclarecido) às participantes, que foram lidos e assinados por elas. Posteriormente, após a entrega dos TCLEs assinados, foram definidos horário e data para a realização do experimento.

Local

Idêntico ao Experimento 2.

Recursos utilizados para a realização da pesquisa

Idênticos ao Experimento 7, com a adição de um documento contendo a descrição dos crimes dos detentos foi elaborado no Word 2010 e salvo em PDF. No documento havia uma orientação prévia a respeito daquela etapa, três imagens dos detentos, cada uma com sua respectiva tabela. Nas tabelas continham informações dos criminosos, como, nome, profissão, crime e pena (ver Figuras A1, A2 e A3).

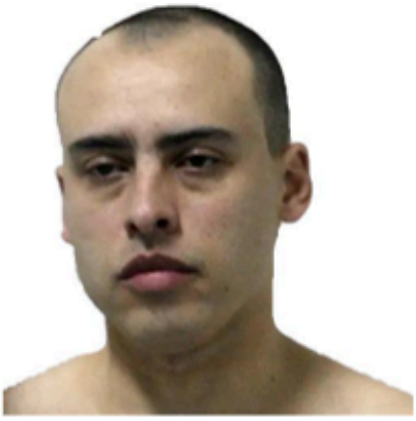
Figura A1. Ficha do Sérgio Cabral.



Nome	Sérgio Cabral
Profissão	Ex-governador do Rio de Janeiro
Crime	Acusado de cometer crimes de corrupção ativa e passiva, lavagem de R$330.244.000,00
Pena	Condenado a mais de 33 anos de prisão

Você já conhecia esta pessoa? Sim ( ) Não ( )

Figura A2. Ficha do Alexandre Nardoni.



Nome	Alexandre Nardoni
Profissão	Formado em direito
Crime	Condenado, em regime fechado, por homicídio triplamente qualificado de sua filha Isabella Nardoni
Pena	Condenado a 31 anos de prisão

Você já conhecia esta pessoa? Sim ( ) Não ( )

Figura A3. Ficha do criminoso anônimo.

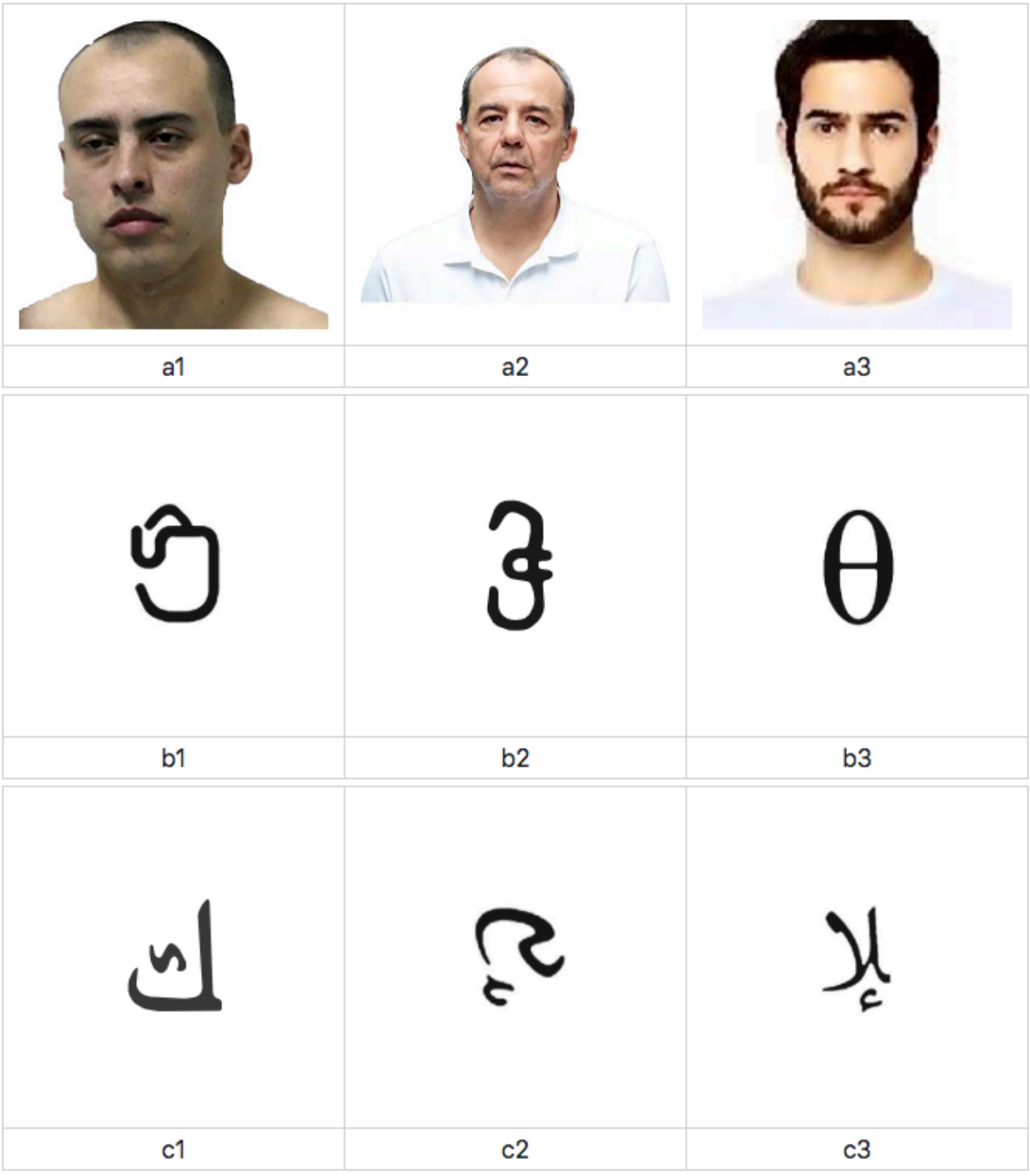


Nome	Cássio Mendes
Profissão	Empresário
Crime	Condenado por lavagem de dinheiro e sonegação fiscal de R$310.244.000,00
Pena	Condenado a 30 anos de prisão

Você já conhecia esta pessoa? Sim ( ) Não ( )

Imagens. Foram utilizadas três figuras de três pessoas que foram condenadas à prisão e seis figuras abstratas extraídas de Eilertsen e Arntzen (2020) (B1, B2, B3, C1, C2 e C3).

Figura 1. estímulos utilizados no Experimento 8.



Procedimento de coleta de dados

Idêntico ao Experimento 7.

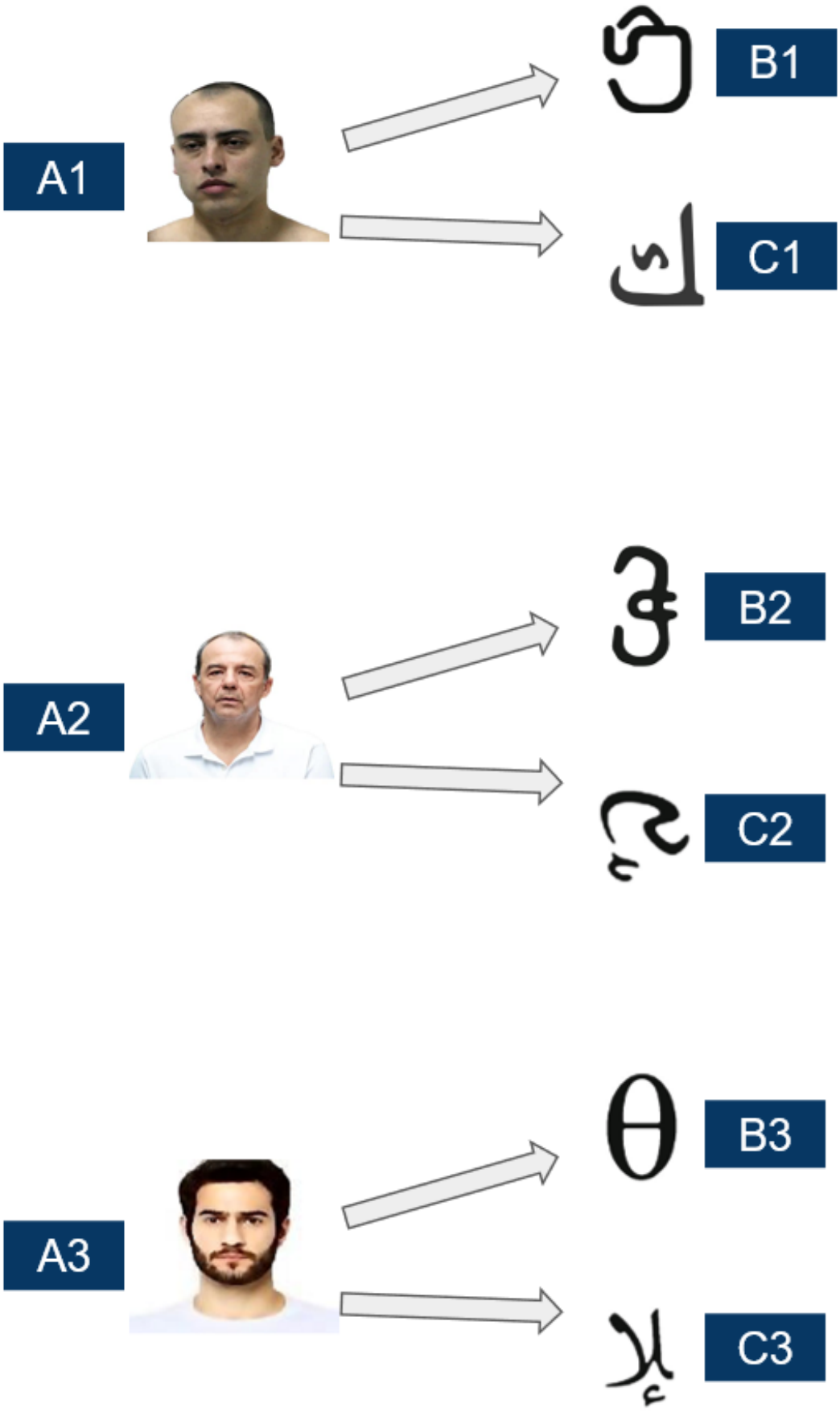
Idêntico ao Experimento 5, exceto que nos treinos utilizou-se um procedimento de pareamento ao modelo não-simultâneo com atraso de 3 segundos: após clique no estímulo modelo, o mesmo era retirado da tela e, após 6 segundos, os estímulos de comparação eram apresentados na tela (Figura 2 e 3).

Além disso, ates do Pré-teste, os participantes liam as "Fichas do Criminosos".

Figura 2. Sequência de eventos que compuseram uma tentativa no Treino AB/AC 100%



Figura 3. Discriminações condicionais ensinadas no Treino AB/AC 100%.



Resultados

Resumo

Quatro participantes atingiram o critério de 90% de acerto no treino AB AC 100% (variando de 13 a 21 erros), enquanto P05 atingiu o tempo máximo (mais de 30 erros). No treino AB AC 80%, 20% e 0% todos os participantes atingiram o critério de 90% de acerto nos blocos. Verificou-se que os participantes tiveram mais erros no treino 100% do que nos demais. No treino AB AC 80%, os participantes tiveram de 1 a 11 erros, enquanto no treino 20% a maioria acertou 100%, exceto P02 (1 erro) e P03 (3 erros). No treino 0%, obteve-se da maioria 100% de acerto, exceto P01 e P02 com apenas 1 erro.

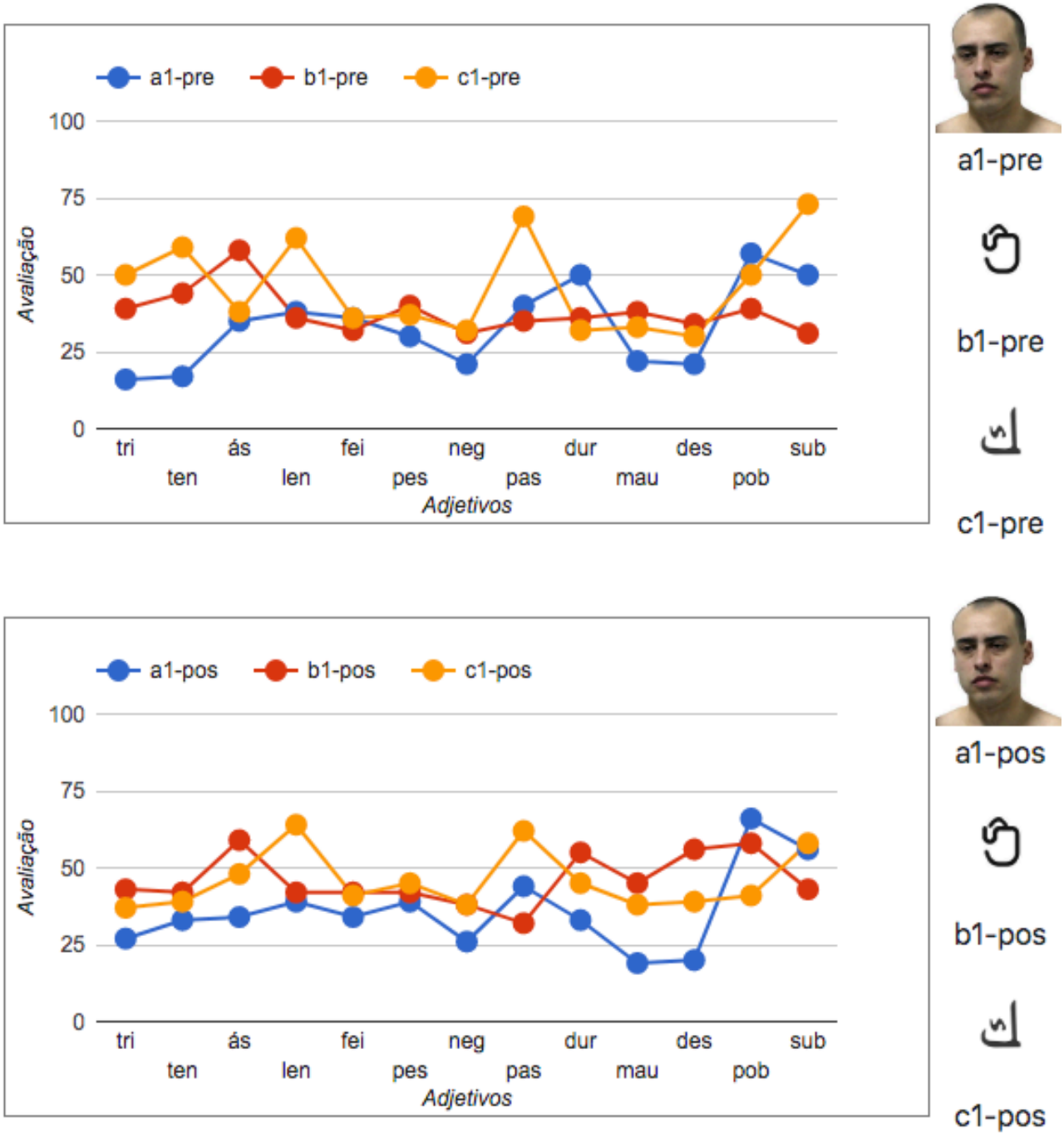
No teste de Simetria, transitividade e equivalência os participantes apresentaram nenhum ou poucos erros, sendo possível observar a formação da classe de equivalência. P01 e P03 atingiram 100% em todas as relações, enquanto P05 atingiu 93,33% somente na relação CA. P02 atingiu 93,33% nas relações BA.

A seguir, examinaremos em mais detalhes as avaliações nas Escalas de Diferencial Semântico no Pré-teste e Pós-teste para cada participante.

Participante 1

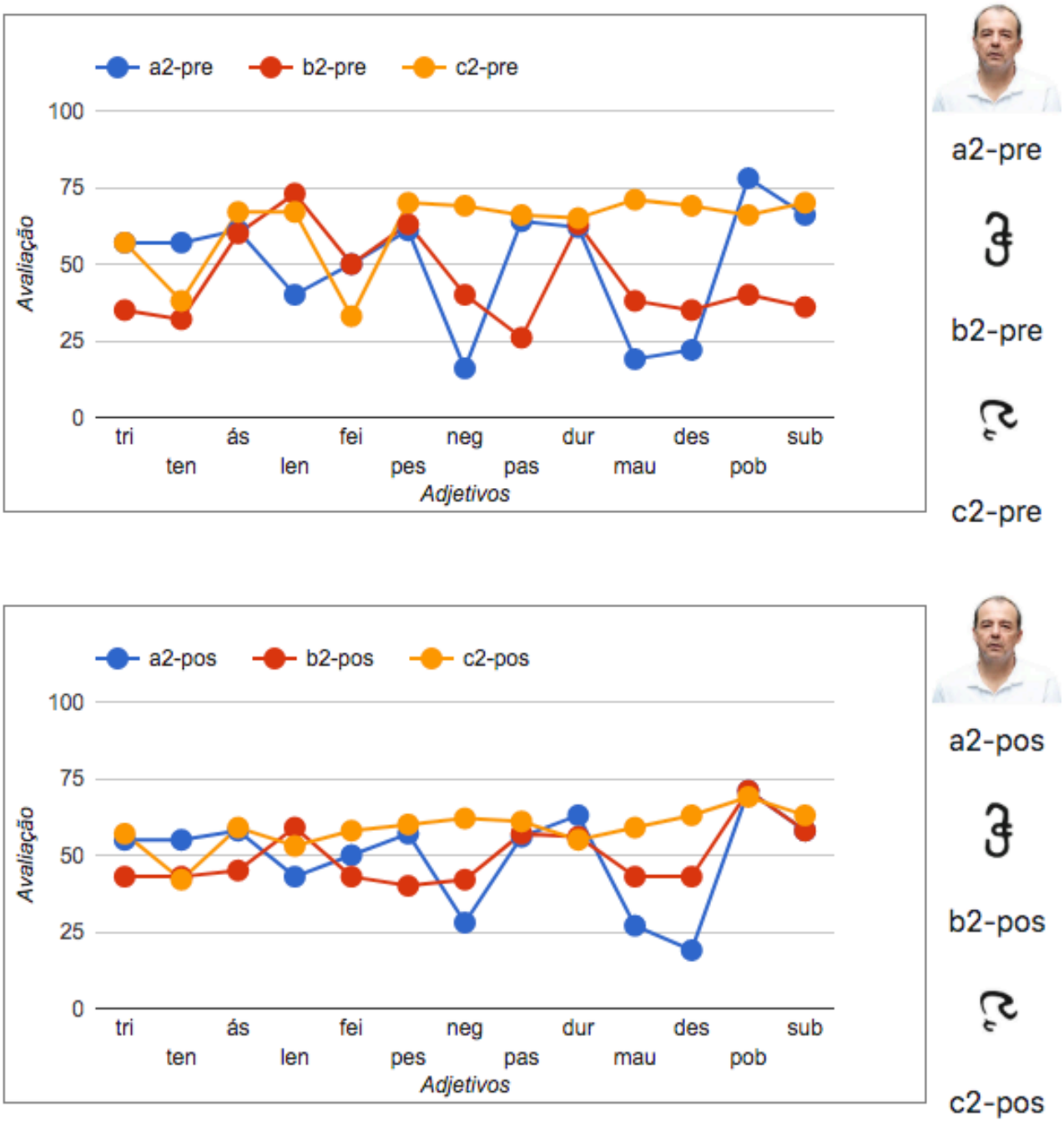
A Figura 4 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). Observa-se que o estímulo A1 obteve avaliações predominantemente negativas no Pré-teste. B1 e C1 obtiveram avaliações variadas, mais próximas à neutralidade. No Pós-teste, A1 manteve sua avaliação e não há mudanças significativas nas avaliações de B1 e C1.

Figura 4. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 1.



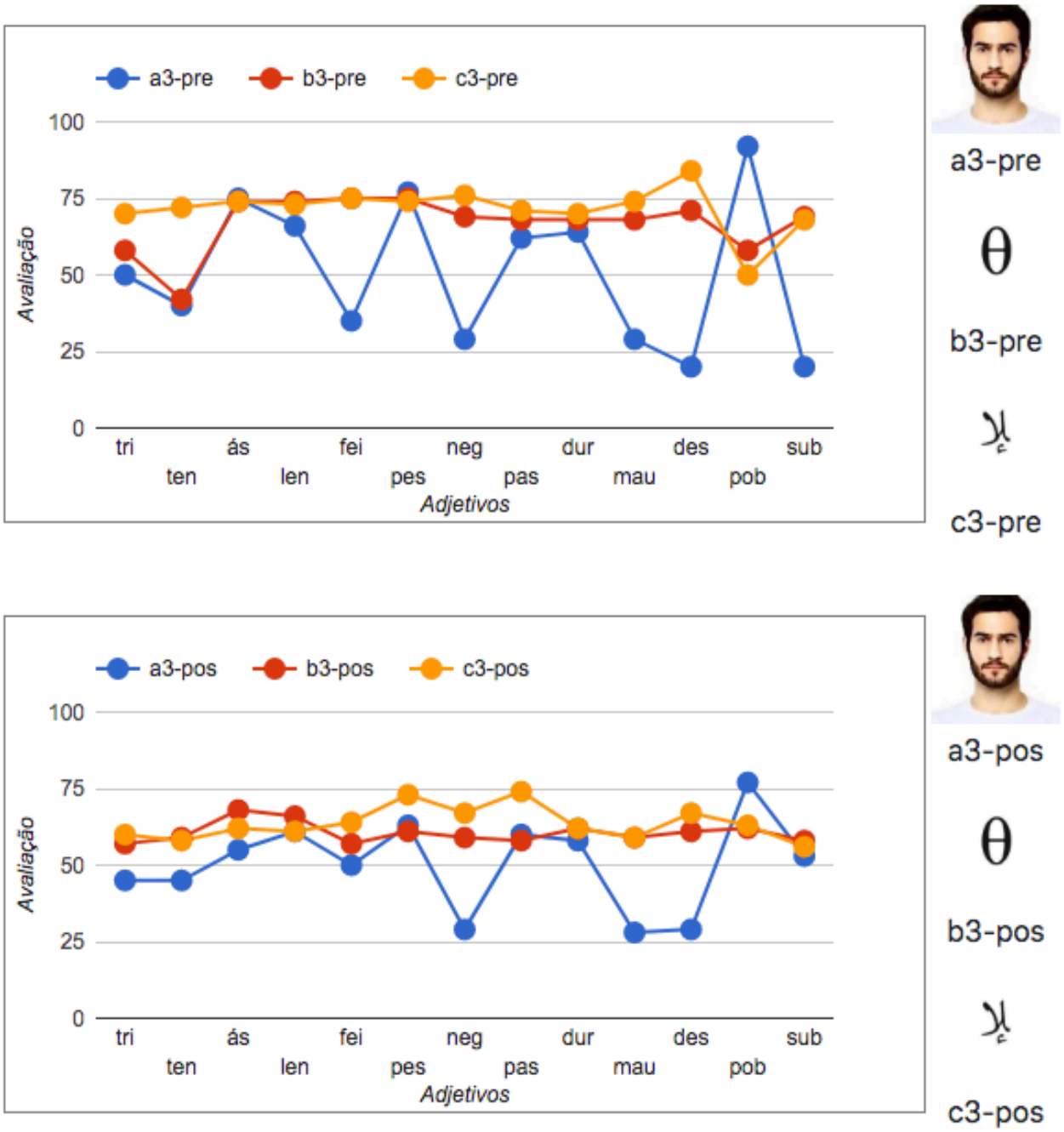
A Figura 5 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). Observa-se que no Pré-teste os três estímulos receberam avaliações diversas. No Pós-teste é possível observar uma pequena aproximação entre as três avaliações.

Figura 5. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 1.



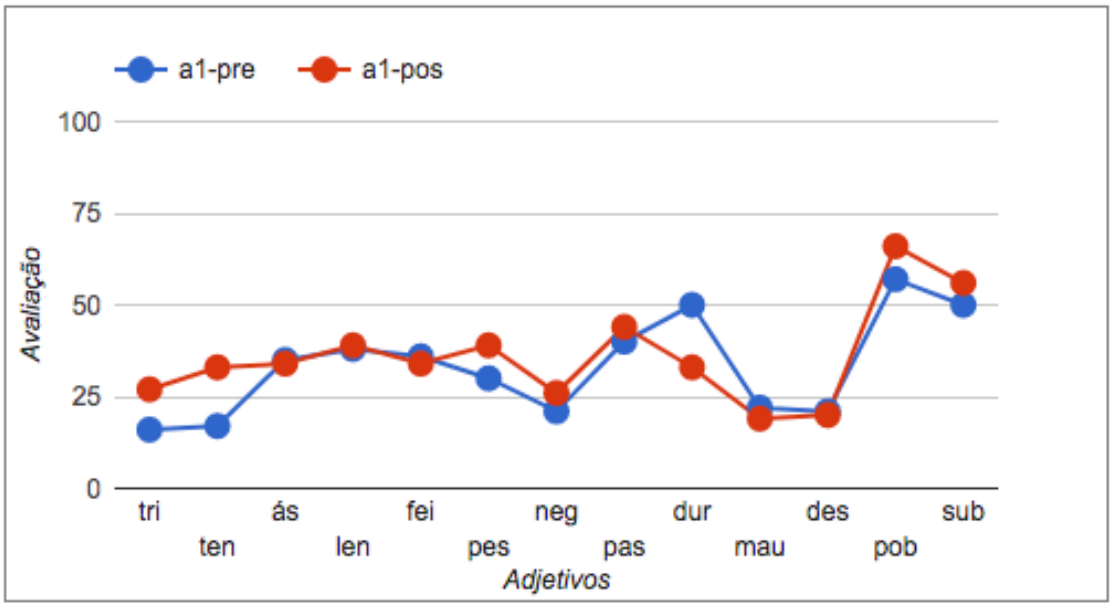
A Figura 6 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). No Pré-teste o estímulo A3 obteve uma avaliação variada. Os estímulos B3 e C3 obtiveram avaliações predominantemente positivas. Observa-se que, no Pós-teste, a avaliação de A3 não tem tanta amplitude entre os extremos e que há uma aproximação das avaliações de B3 e C3 à avaliação de A3 em alguns pontos.

Figura 6. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 1.



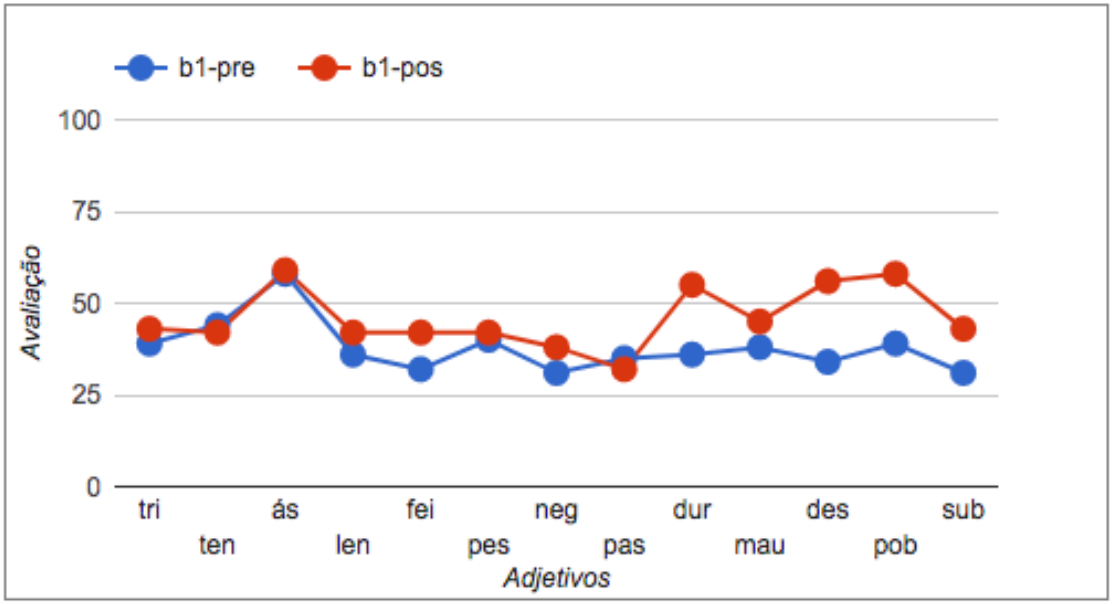
A Figura 7 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Não é possível notar mudanças significativas nas avaliações ao longo das duas fases do experimento.

Figura 7. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 do Participante 1 no Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



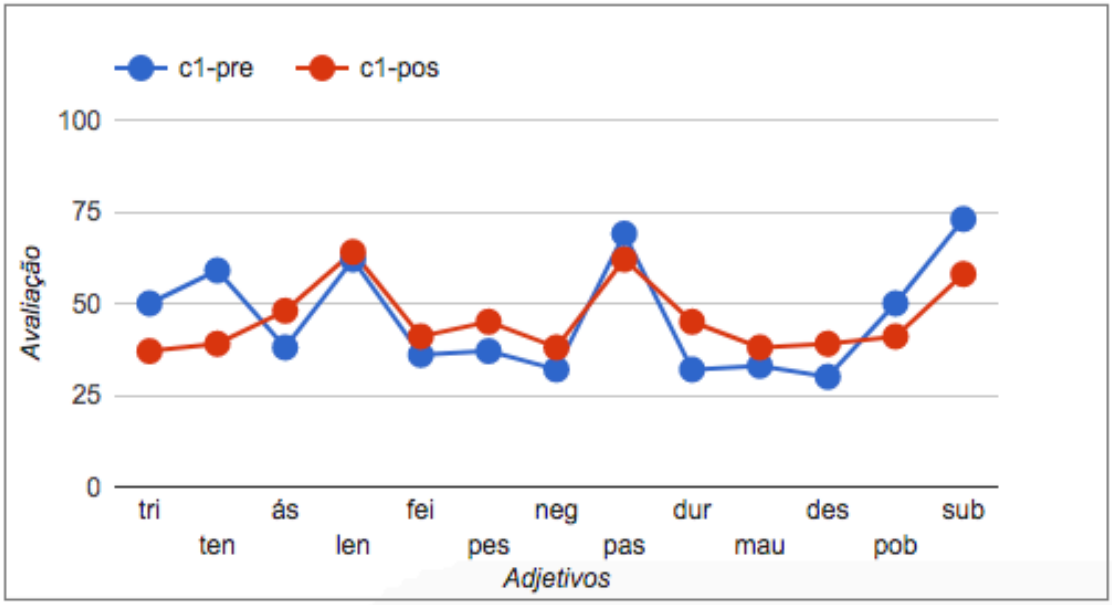

a1-pre


a1-pos




b1-pre


b1-pos

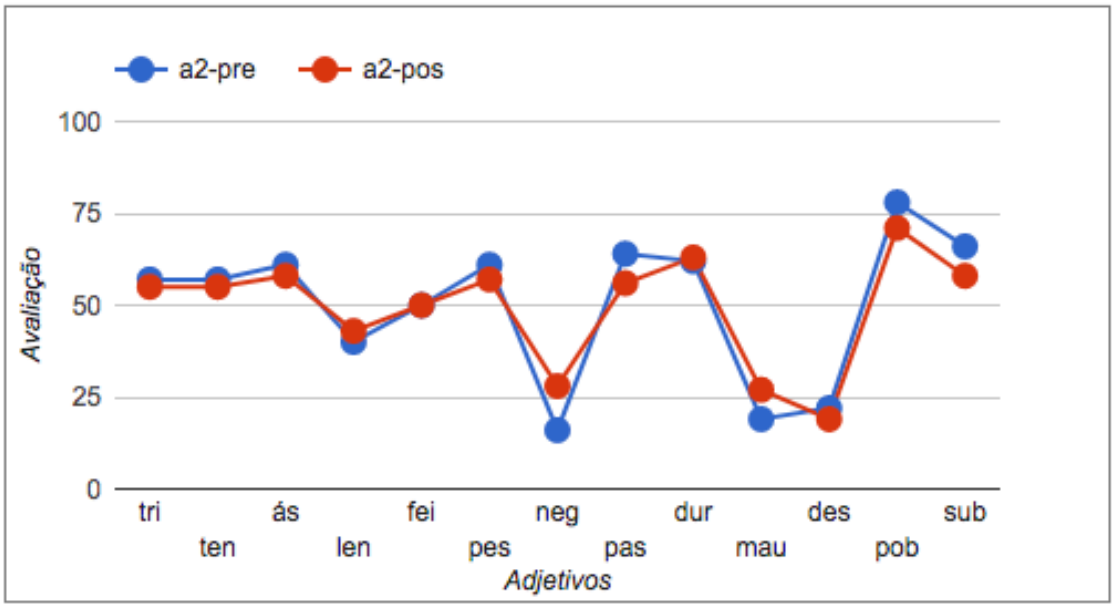



c1-pre


c1-pos

A Figura 8 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se uma pequena variação nas avaliações dos estímulos entre as duas fases do experimento, especialmente nos estímulos abstratos (B2 e C2).

Figura 8. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 do Participante 1 no Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

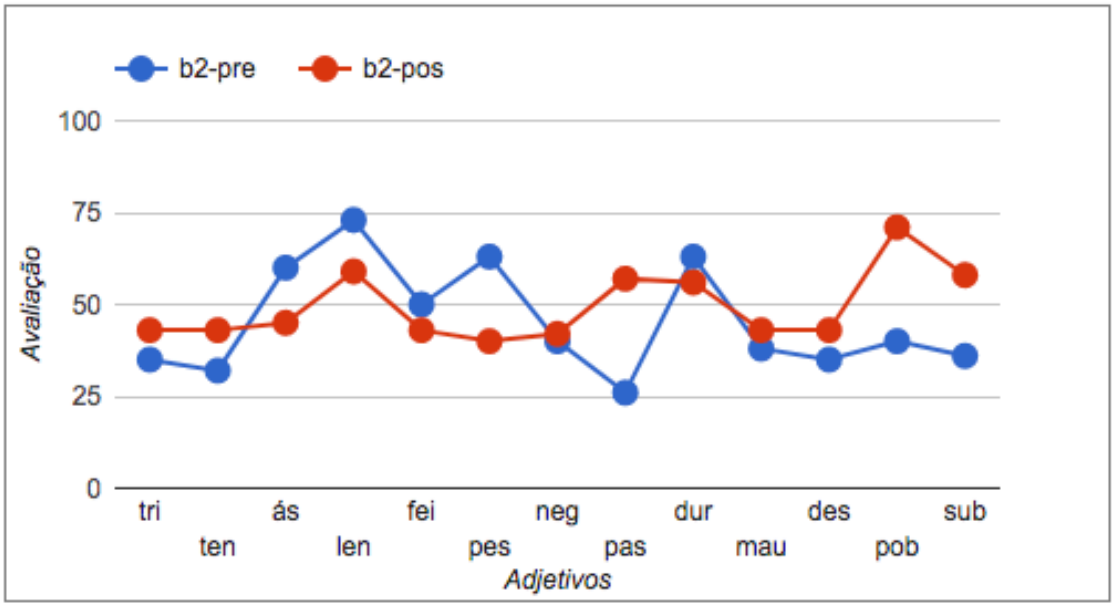




a2-pre



a2-pos

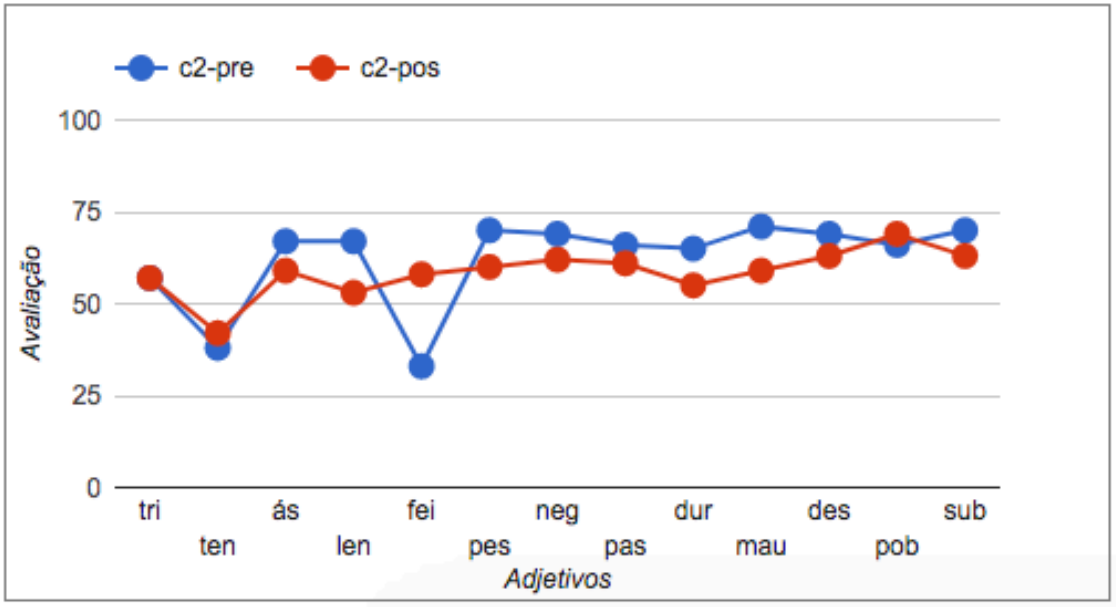




b2-pre



b2-pos





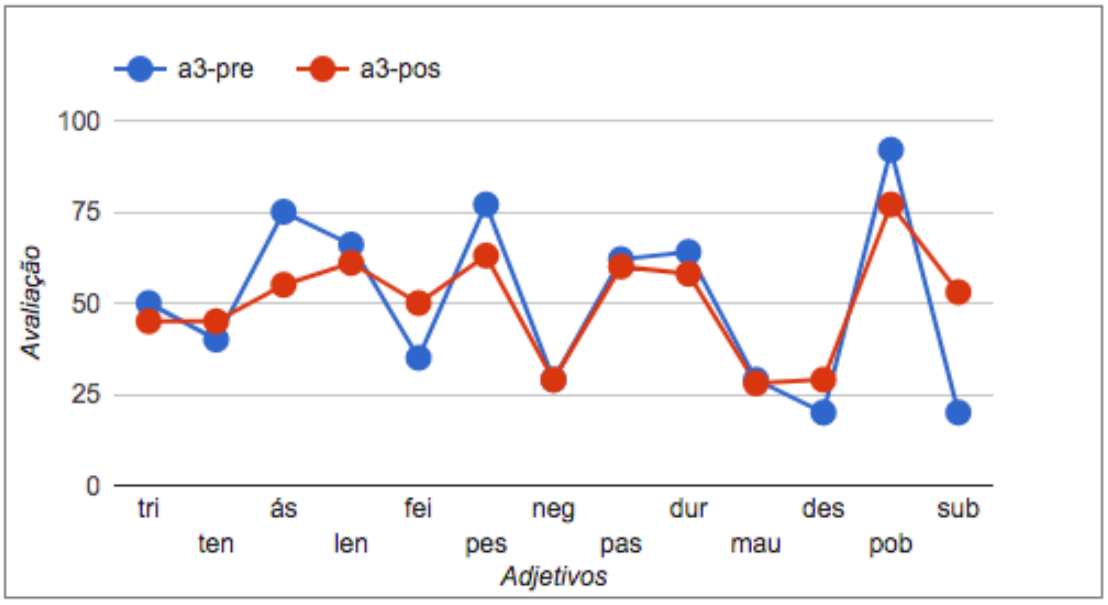
c2-pre



c2-pos

A Figura 9 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Da mesma forma que as classes de estímulo anteriores, há pouca variação entre as avaliações ao longo das duas fases do experimento. Os estímulos sem significado pré-experimental (B3 e C3) são os que percebem mudanças em mais pontos.

Figura 9. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 do Participante 1 no Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

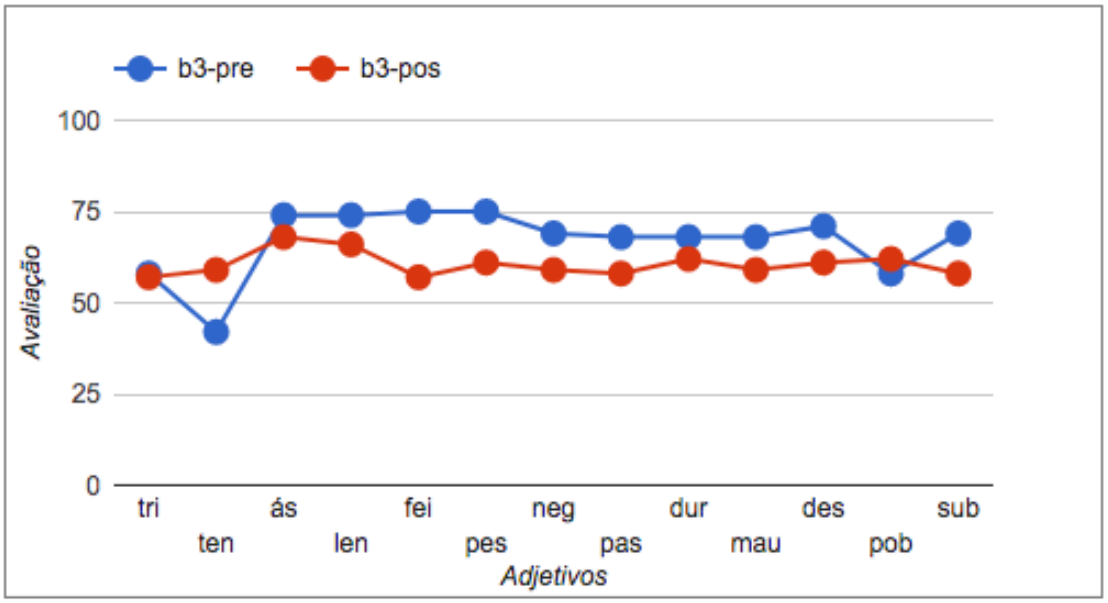




a3-pre



a3-pos

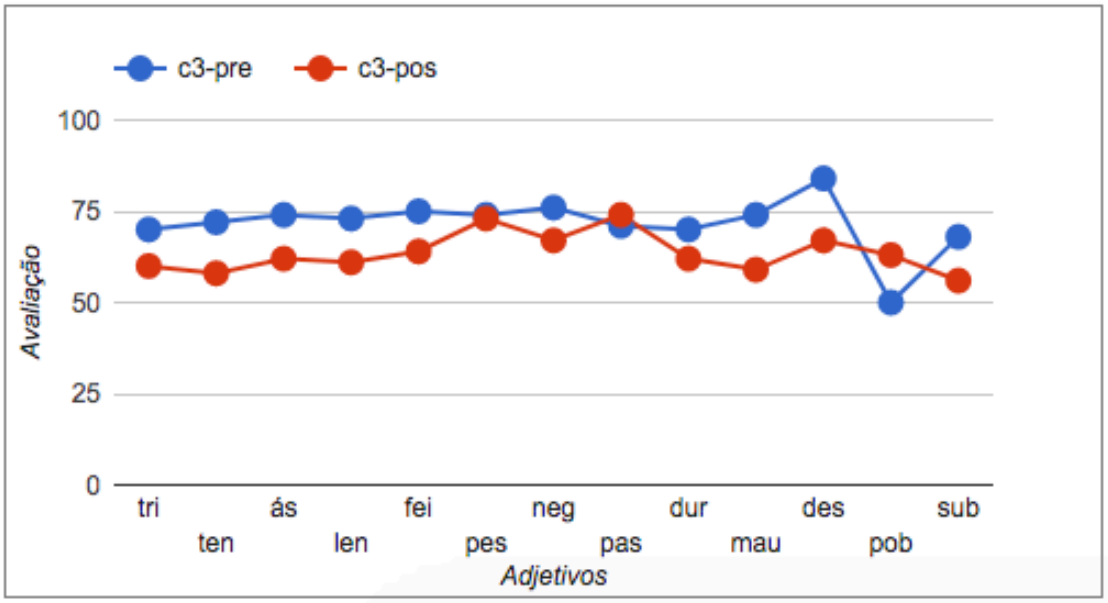


θ

b3-pre

θ

b3-pos



ﻟ

c3-pre

ﻟ

c3-pos

As figuras a seguir apresentam os graus de equivalência entre os estímulos no Pré-Teste e Pós-Teste. Para exemplificação, observa-se que o estímulo A2 e o estímulo B2 possuíam um grau de equivalência de 81% no Pré-Teste.

Figura 10. Grau de equivalência do Pré-Teste do Participante 1

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	82	78	86	81	66	83	71	61
a2	82	100	86	81	81	78	85	81	74
a3	78	86	100	81	84	78	81	82	72
b1	86	81	81	100	89	71	86	75	66
b2	81	81	84	89	100	79	80	80	74
b3	66	78	78	71	79	100	76	93	94
c1	83	85	81	86	80	76	100	79	74
c2	71	81	82	75	80	93	79	100	88
c3	61	74	72	66	74	94	74	88	100

Após a fase de emparelhamento de estímulos, observa-se que os estímulos A2 e B2 passaram a ter um grau de equivalência de 89%.

Figura 11. Grau de equivalência do Pós-Teste do Participante 1

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	87	85	85	87	75	87	78	72
a2	87	100	94	87	89	87	86	87	84
a3	85	94	100	87	92	87	90	88	85
b1	85	87	87	100	92	85	89	87	82
b2	87	89	92	92	100	88	94	89	84
b3	75	87	87	85	88	100	85	95	95
c1	87	86	90	89	94	85	100	85	81
c2	78	87	88	87	89	95	85	100	93
c3	72	84	85	82	84	95	81	93	100

Na figura abaixo, observa-se o grau de equivalência dos estímulos entre as duas fases do experimento, Pré-teste e Pós-teste. É possível notar que ao comparar a avaliação de A1 na primeira fase com o próprio A1 na segunda fase, não obteve-se 100% de equivalência. Esse fato demonstra uma variação na avaliação do estímulo, após o emparelhamento com os estímulos, em tese, sem significado pré-experimental. Esse fato merece investigação em estudos posteriores.

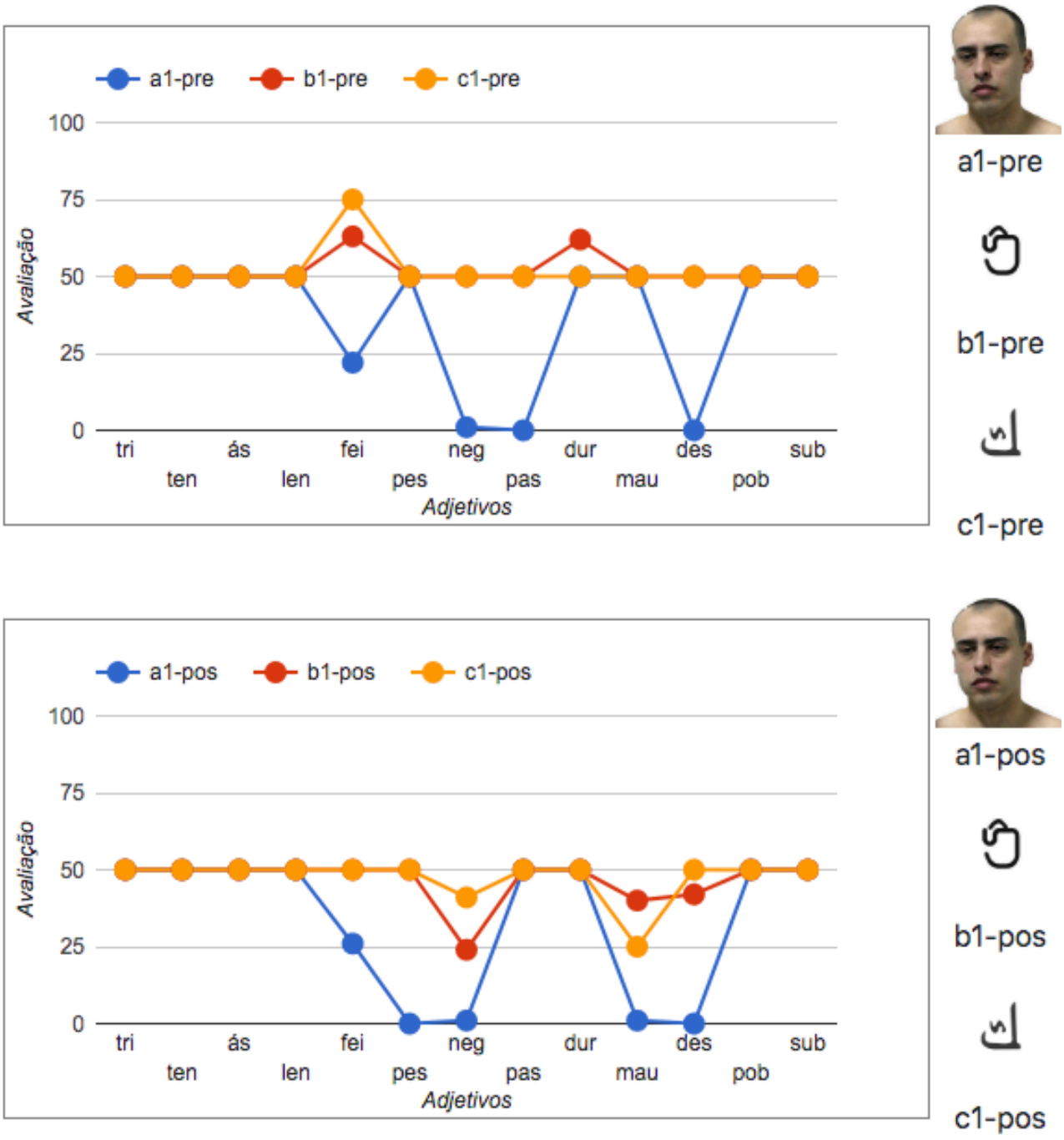
Figura 12. Grau de equivalência entre Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 1

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	93	84	83	85	84	73	84	75	70
a2	84	95	92	83	85	85	83	86	83
a3	80	87	90	81	84	81	83	80	79
b1	88	84	85	91	86	77	90	79	74
b2	81	84	88	89	86	83	89	82	80
b3	68	78	80	79	80	90	79	90	92
c1	87	86	87	83	89	82	91	81	80
c2	74	81	83	82	84	91	82	91	91
c3	62	74	74	73	75	87	74	84	89

Participante 2

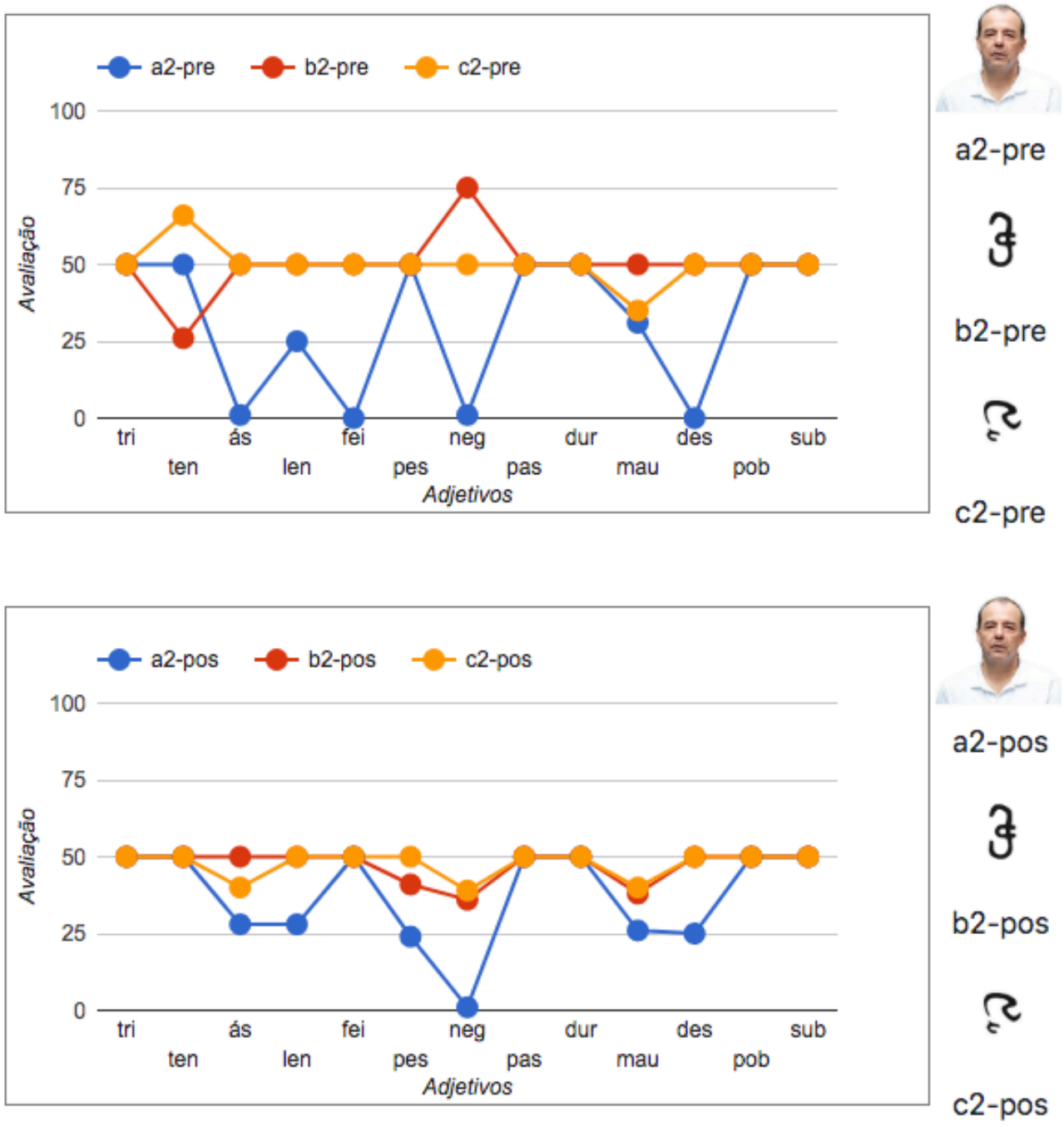
A Figura 13 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). Observa-se que, no Pré-teste, o estímulo A1 teve uma avaliação predominantemente neutra, com apenas 4 pontos com valência negativa. Os estímulos B1 e C1 foram avaliados de forma neutra. Não é possível observar mudanças significativas na avaliação dos estímulos no Pós-teste.

Figura 13. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 2.



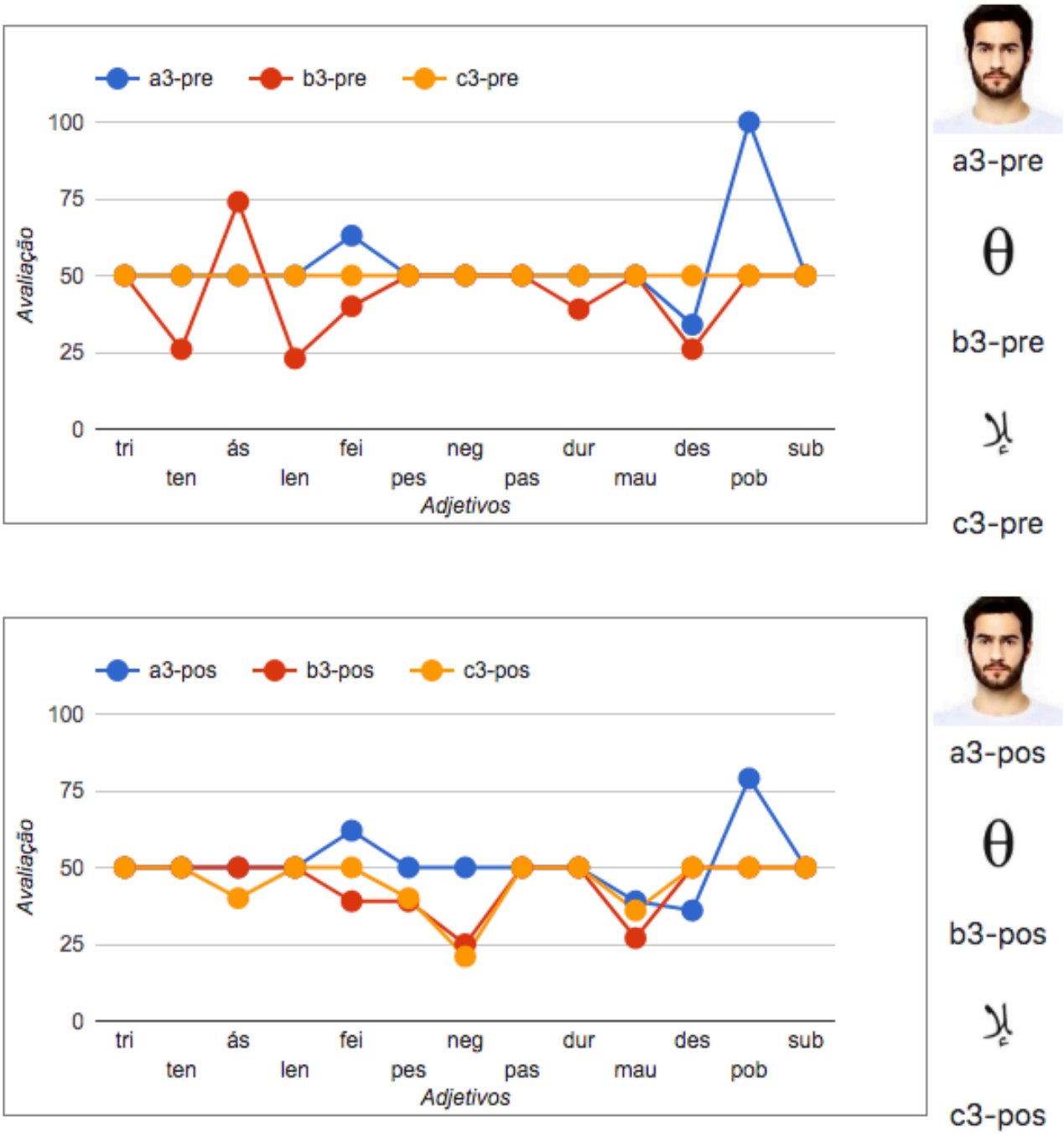
A Figura 14 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). No Pré-teste A2 foi avaliado de forma negativa, enquanto B2 e C2 foram avaliados de forma neutra. No Pós-teste observa-se a manutenção da avaliação negativa de A2, com a inversão da valência de um ponto em B2 e a mudança em poucos pontos em C2.

Figura 14. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 2.



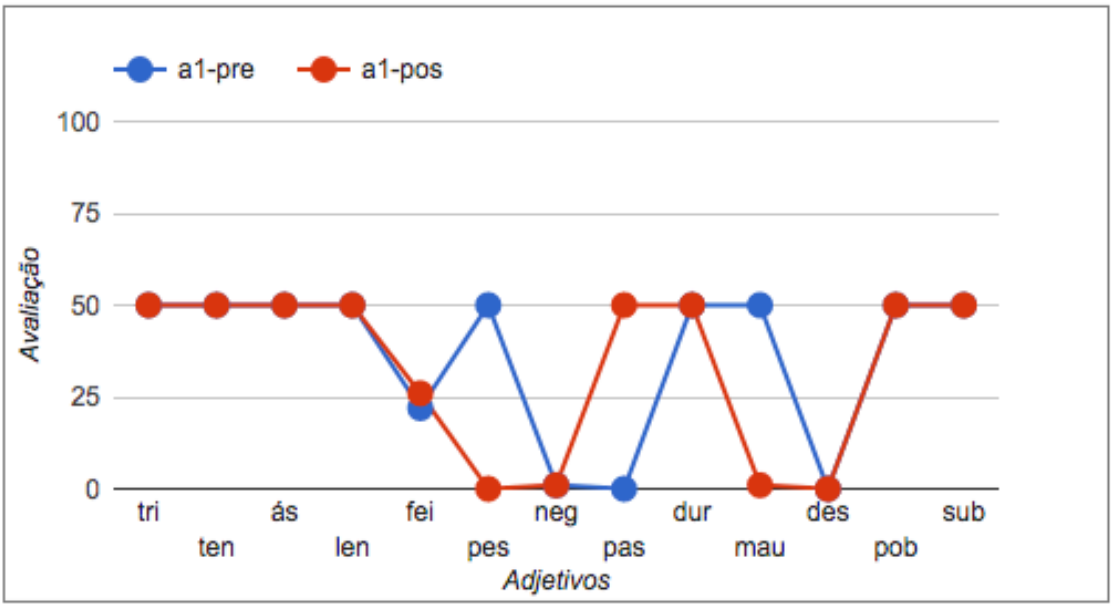
A Figura 15 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). No Pré-teste os três estímulos foram avaliados de forma neutra. No Pós-teste não é possível observar mudanças significativas na avaliação dos estímulos.

Figura 15. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 2.



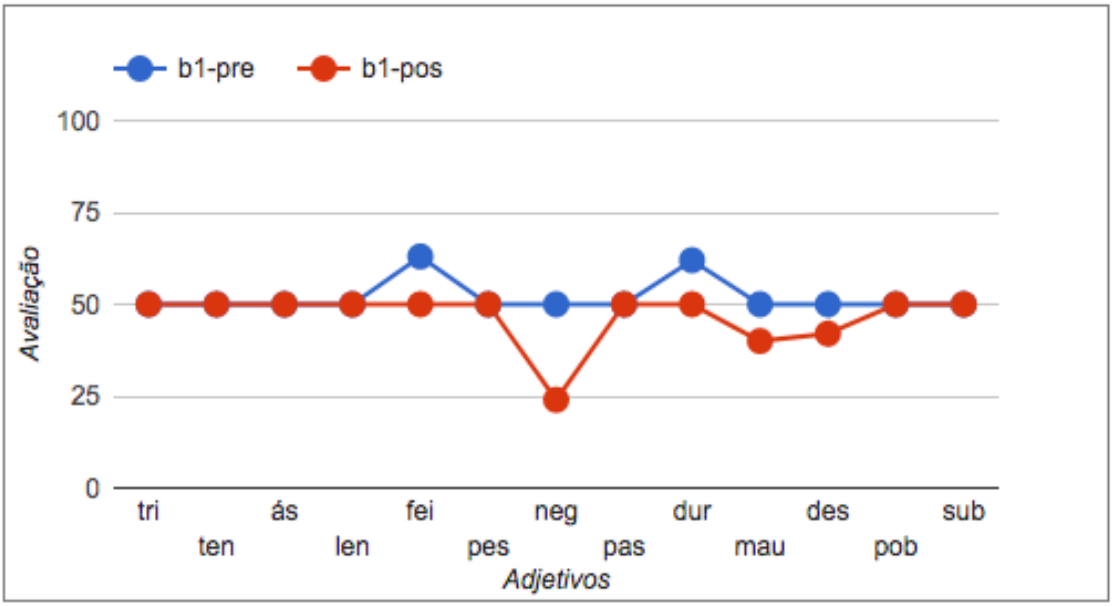
A Figura 16 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Não é possível observar mudanças significativas na avaliação dos estímulos entre as etapas do experimento.

Figura 16. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 do Participante 2 no Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



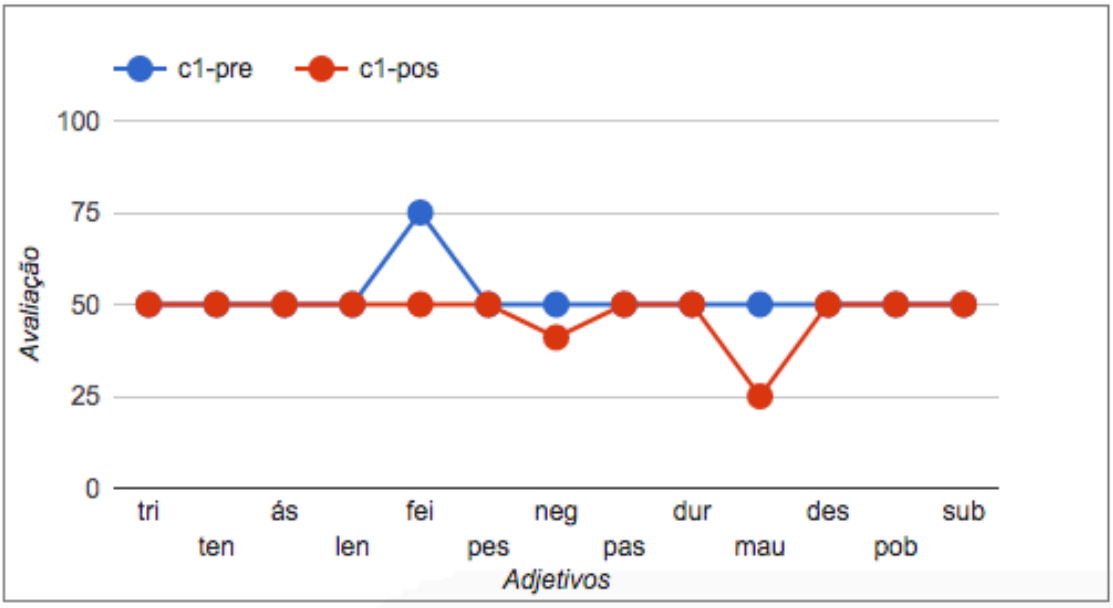

a1-pre


a1-pos




b1-pre


b1-pos

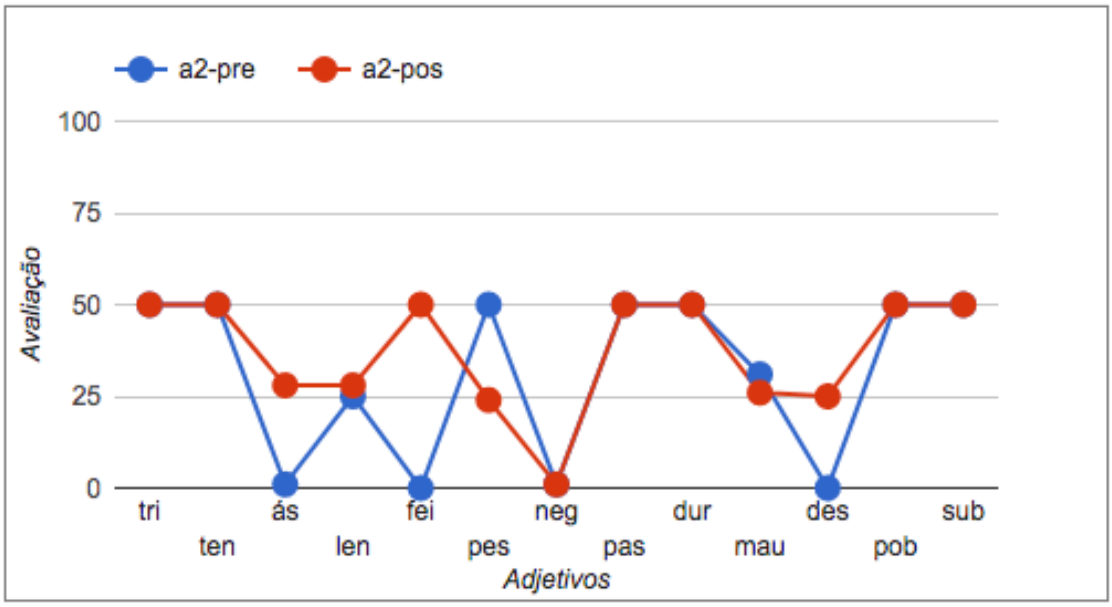



c1-pre


c1-pos

A Figura 17 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Novamente, não é possível observar mudanças significativas entre as etapas do experimento.

Figura 17. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 do Participante 2 no Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

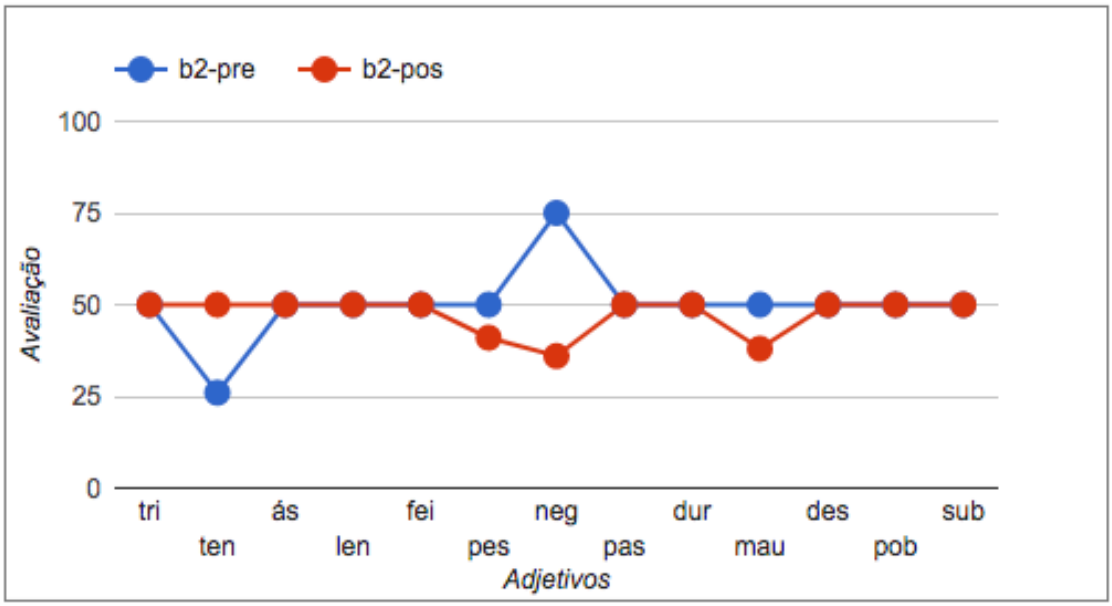




a2-pre



a2-pos

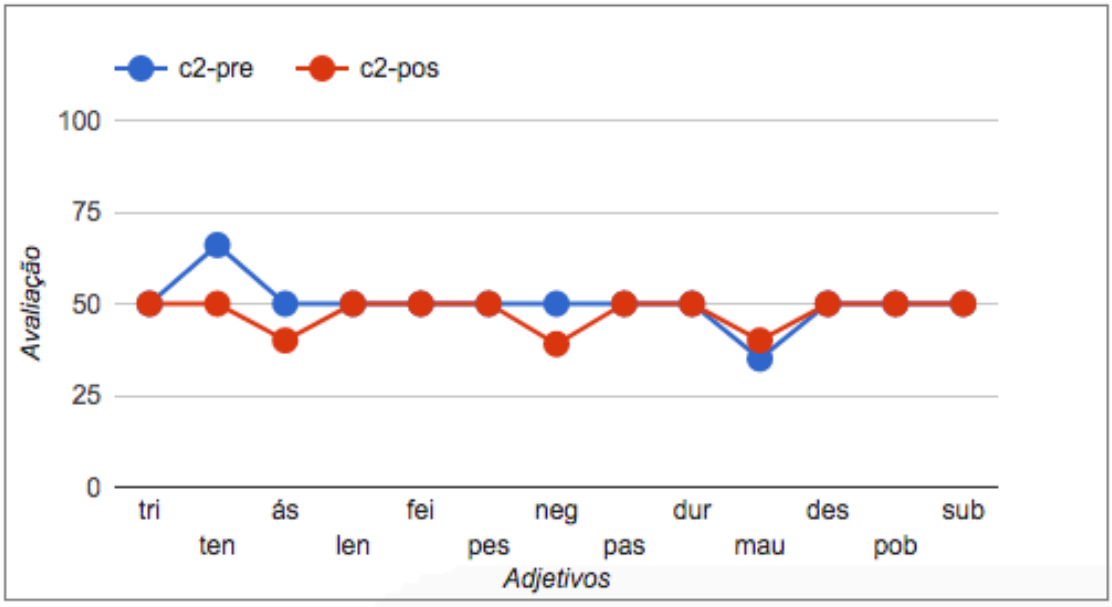




b2-pre



b2-pos





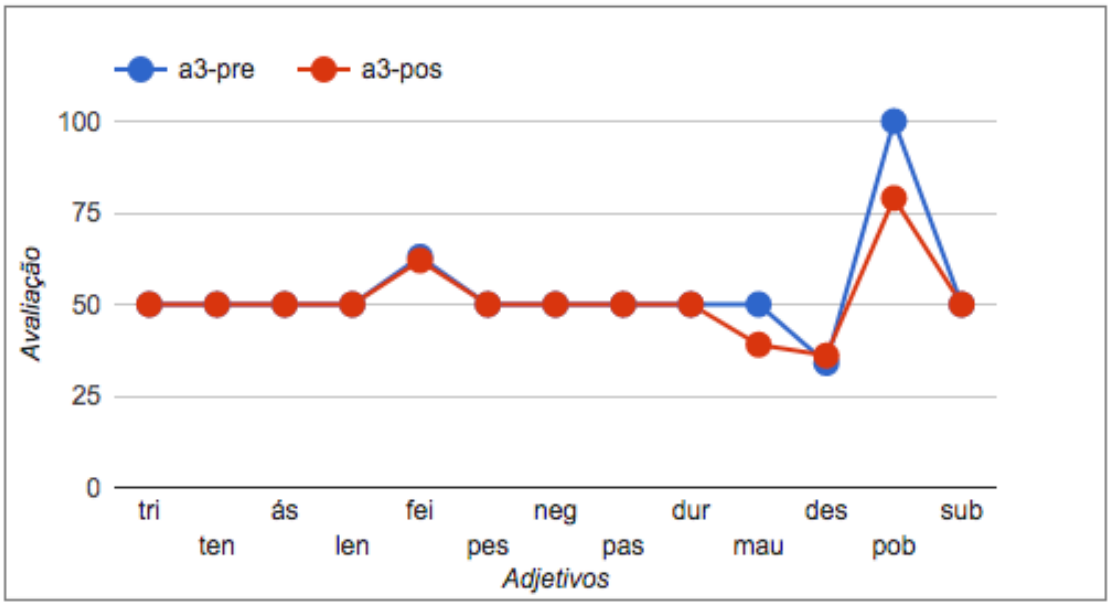
c2-pre



c2-pos

A Figura 18 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Novamente, não é possível observar mudanças significativas entre as etapas do experimento. É possível considerar o engajamento do sujeito durante o experimento como uma das fontes do padrão de avaliações dos estímulos.

Figura 18. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 do Participante 2 no Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

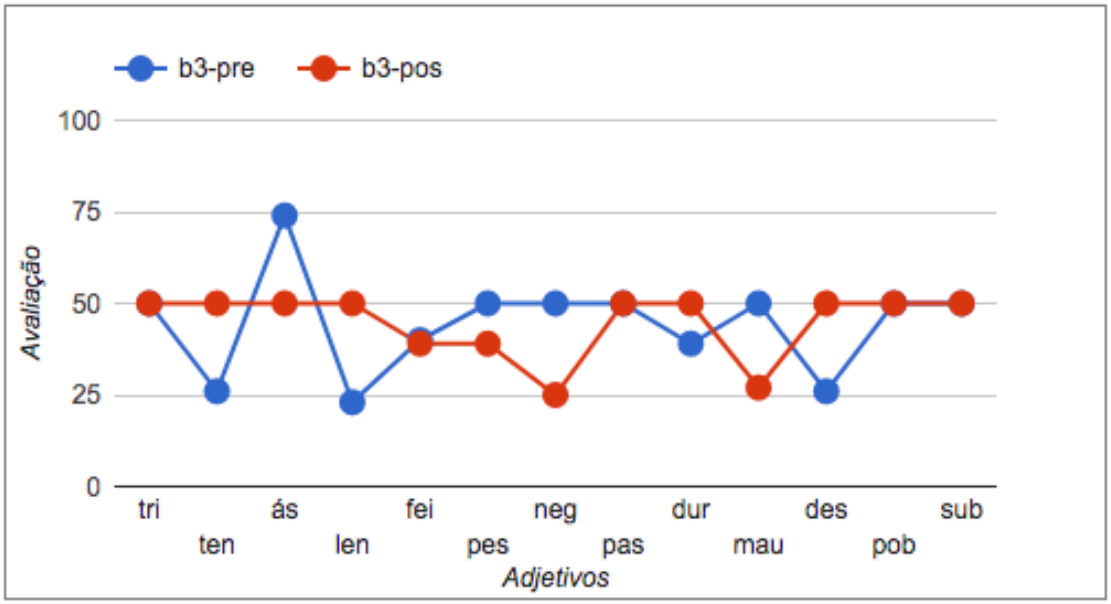




a3-pre



a3-pos

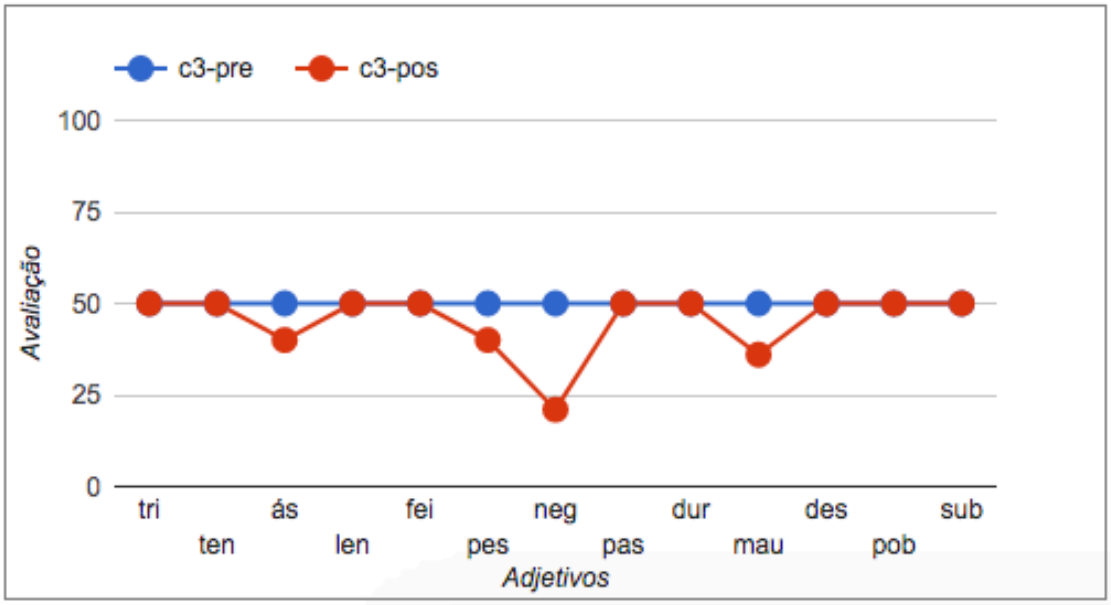


θ

b3-pre

θ

b3-pos



ﻟ

c3-pre

ﻟ

c3-pos

A figura abaixo apresenta o grau de equivalência entre os estímulos no Pré-Teste. Como exemplo, observa-se a equivalência entre os estímulos A1 e B1 que, inicialmente, possuíam 84% de equivalência.

Figura 19. Grau de equivalência do Pré-Teste do Participante 2

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	87	83	84	83	82	84	84	86
a2	87	100	78	79	78	81	79	81	81
a3	83	78	100	94	90	87	94	92	94
b1	84	79	94	100	94	89	98	96	98
b2	83	78	90	94	100	91	94	94	96
b3	82	81	87	89	91	100	89	88	91
c1	84	79	94	98	94	89	100	96	98
c2	84	81	92	96	94	88	96	100	98
c3	86	81	94	98	96	91	98	98	100

Na figura abaixo, observa-se a modificação no grau de equivalência após o emparelhamento dos estímulos entre os estímulos A1 e B1, que passou a ser de 86%.

Figura 20. Grau de equivalência do Pós-Teste do Participante 2

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	89	82	86	86	88	86	84	86
a2	89	100	86	90	90	91	90	89	92
a3	82	86	100	94	94	91	94	94	92
b1	86	90	94	100	98	97	97	97	97
b2	86	90	94	98	100	97	98	98	98
b3	88	91	91	97	97	100	97	95	97
c1	86	90	94	97	98	97	100	98	96
c2	84	89	94	97	98	95	98	100	98
c3	86	92	92	97	98	97	96	98	100

Na figura abaixo, observa-se o grau de equivalência dos estímulos entre as duas fases do experimento, Pré-teste e Pós-teste. É possível notar que ao comparar a avaliação de A1 na primeira fase com o próprio A1 na segunda fase, não obteve-se 100% de equivalência. Esse fato demonstra uma variação na avaliação do estímulo, após o emparelhamento com os estímulos, em tese, sem significado pré-experimental. Esse fato merece investigação em estudos posteriores.

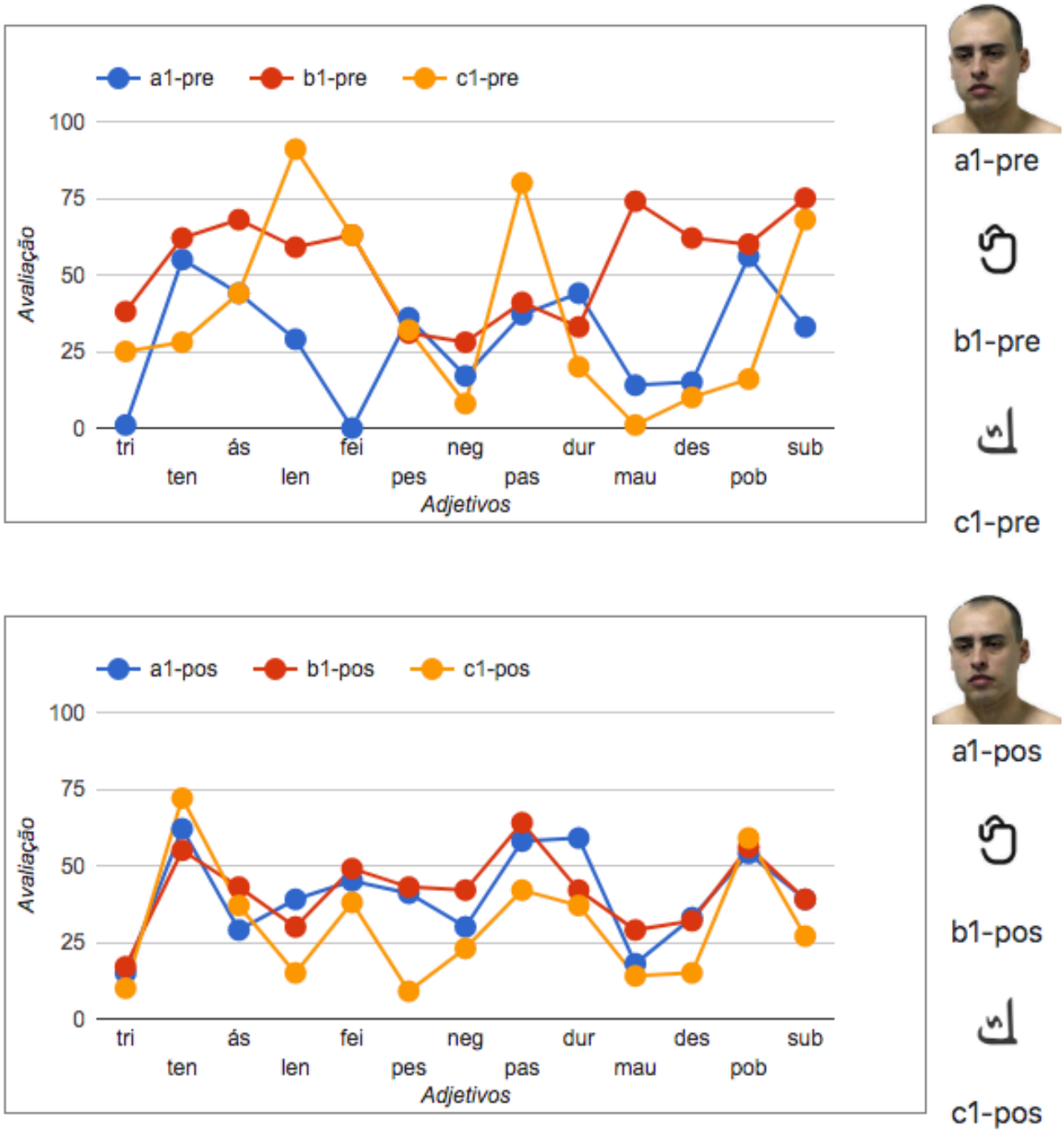
Figura 21. Grau de equivalência entre Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 2

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	88	85	83	88	86	87	85	86	86
a2	86	90	80	85	83	84	83	84	85
a3	79	83	97	92	91	89	91	92	89
b1	81	85	95	95	95	93	95	96	93
b2	79	83	91	93	94	91	94	94	91
b3	79	85	88	89	88	87	88	88	86
c1	81	85	95	95	95	93	95	96	93
c2	83	87	94	96	97	95	97	97	95
c3	83	87	95	97	97	95	97	98	95

Participante 3

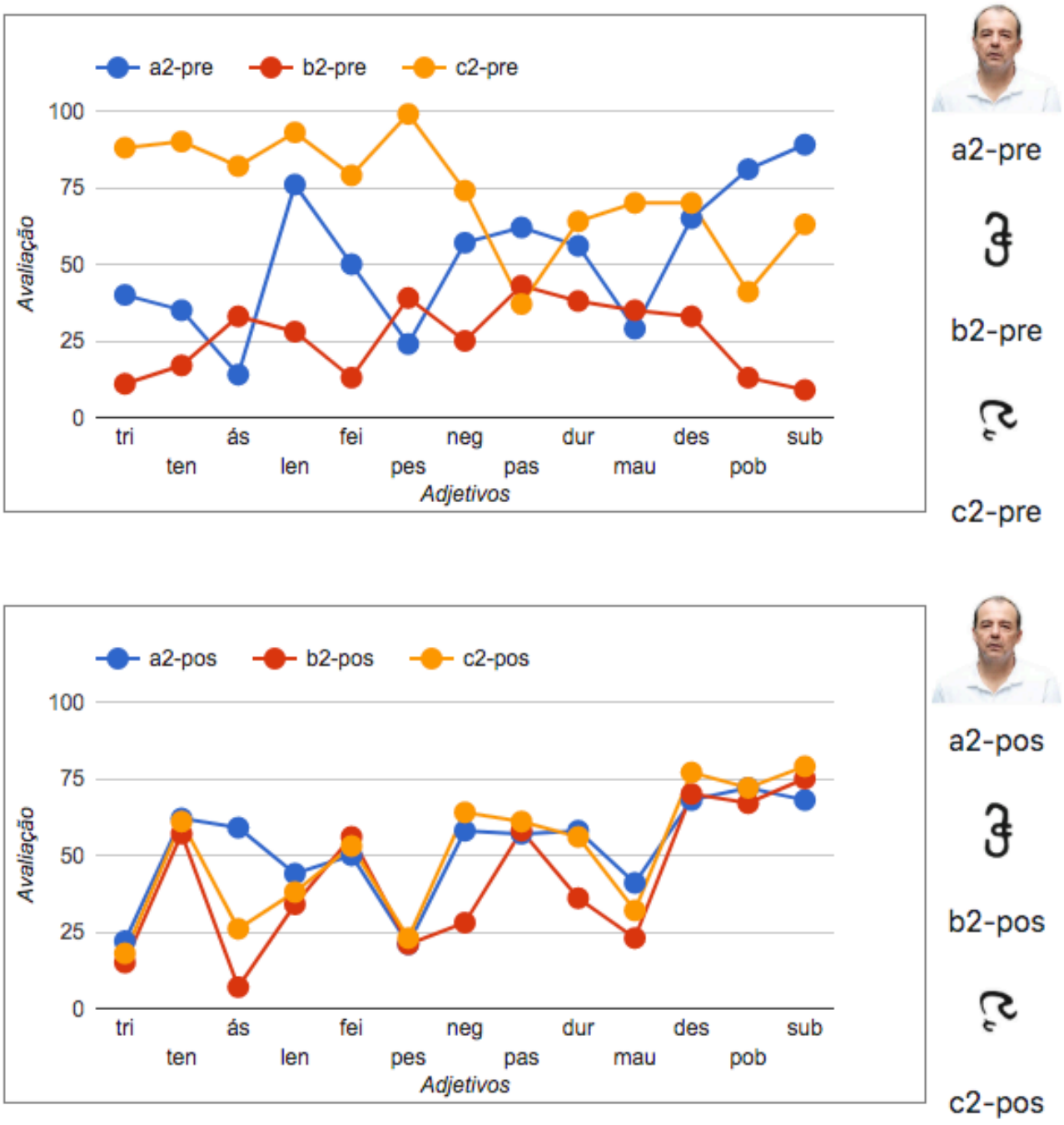
A Figura 22 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). Verificou-se no Pré-teste que os estímulos receberam avaliações variadas. No Pós-teste, o estímulo A1 obteve uma avaliação predominantemente negativa, sendo observada uma aproximação das avaliações de B1 e C1 à avaliação de A1.

Figura 22. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 1.



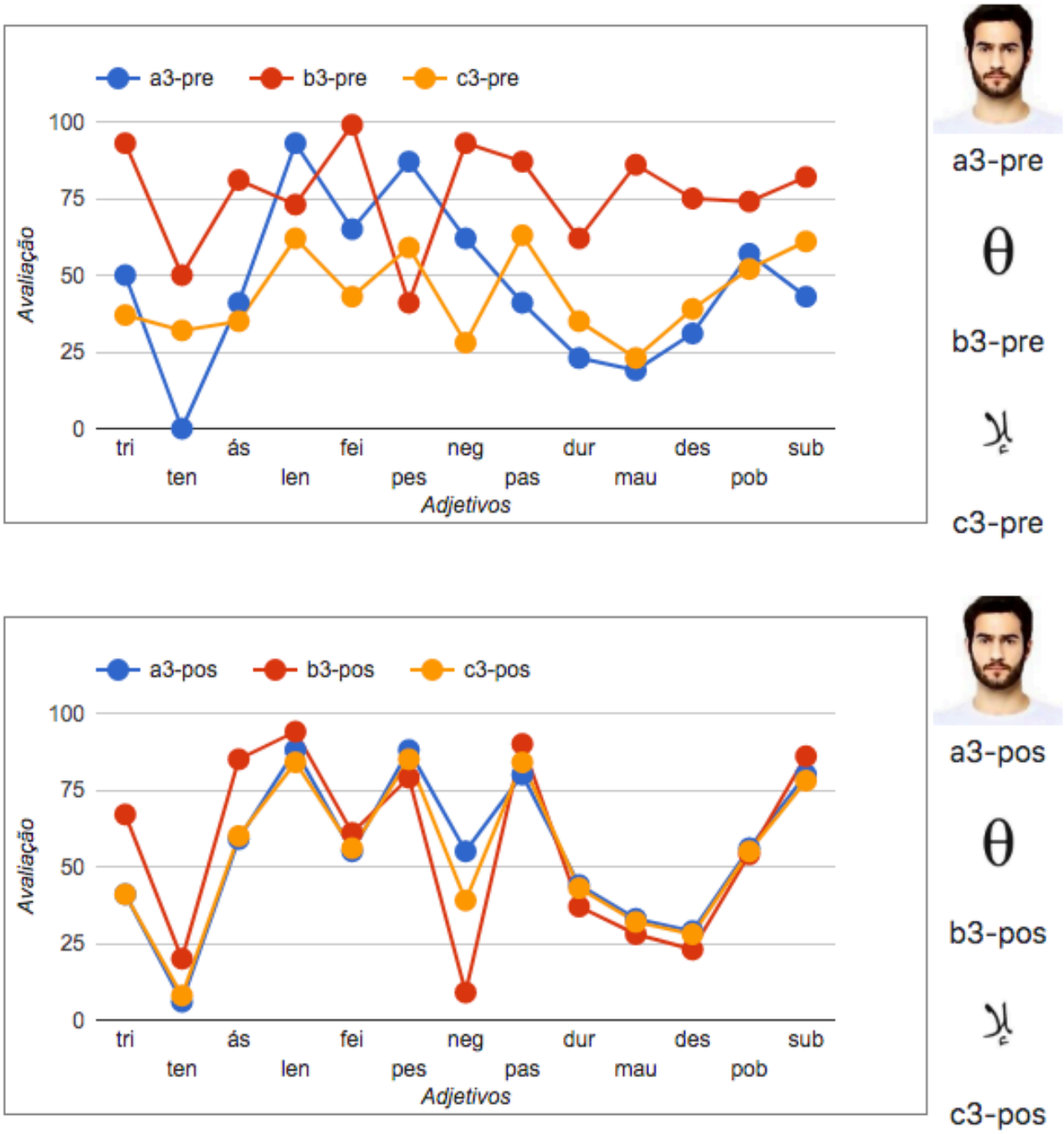
A Figura 23 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). Verificou-se no Pré-teste que o estímulo A2 recebeu avaliações predominantemente positivas, enquanto os estímulos B2 e C2 foram avaliados de forma diversa. No Pós-teste, o estímulo A2 manteve sua avaliação positiva, porém com queda em alguns pontos, sendo acompanhado pelas avaliações de B2 e C2.

Figura 23. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 3.



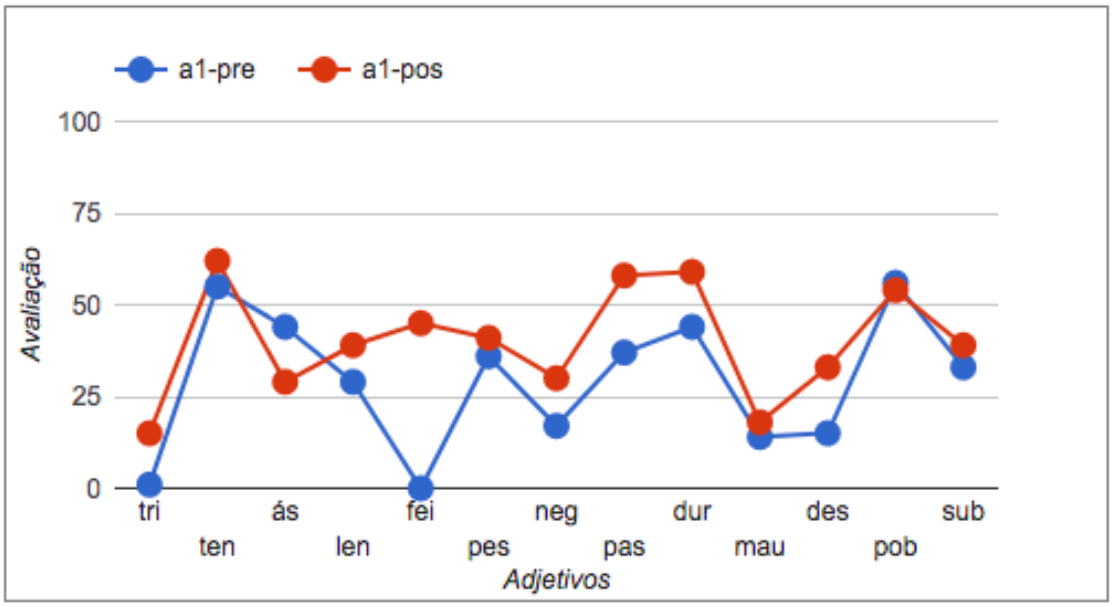
A Figura 24 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Verificou-se no Pré-teste que os estímulos obtiveram avaliações variadas. No Pós-teste, o estímulo A3 manteve sua avaliação e foi acompanhado pelas avaliações de B3 e C3.

Figura 24. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 3.



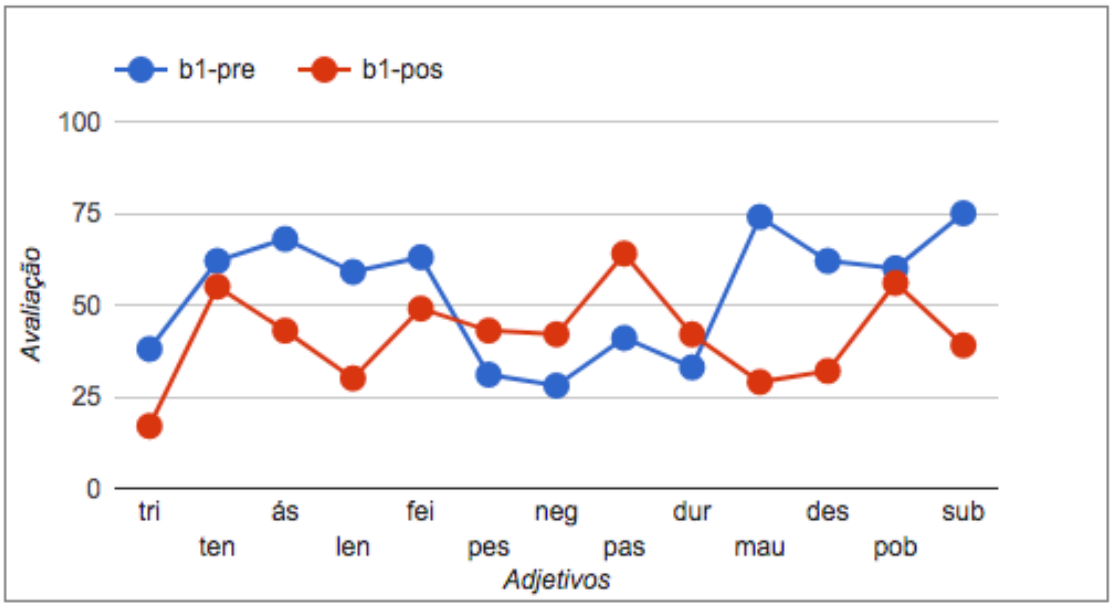
A Figura 25 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Percebe-se que, no Pós-teste, os estímulos neutros receberam avaliações semelhantes à avaliação do estímulo A1.

Figura 25. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 do Participante 3 no Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



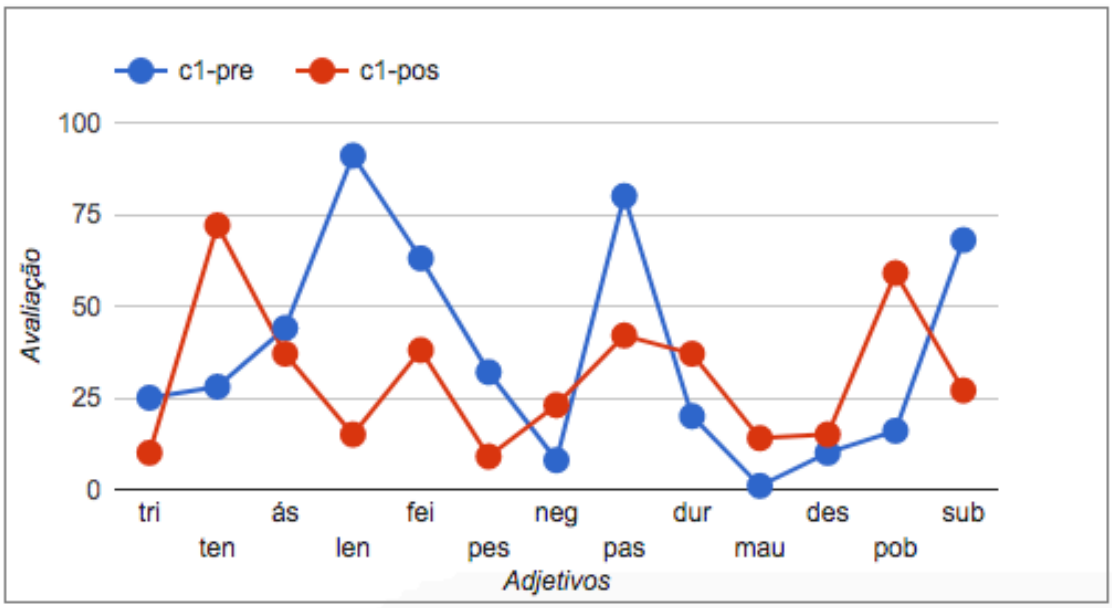

a1-pre


a1-pos




b1-pre


b1-pos

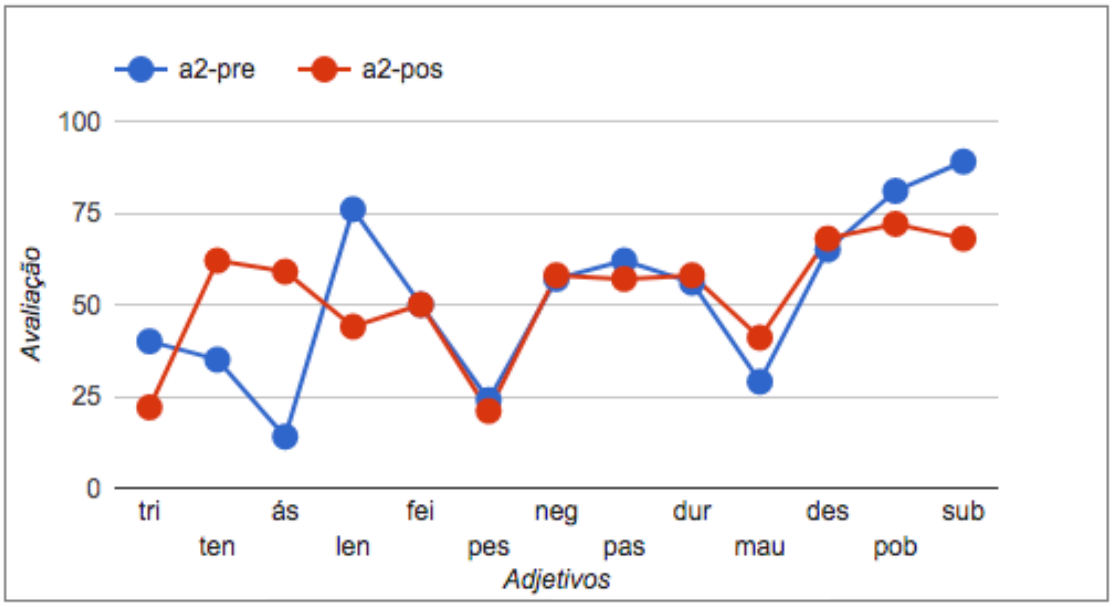



c1-pre


c1-pos

A Figura 26 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Percebe-se que, no Pós-teste, os estímulos neutros receberam avaliações semelhantes à avaliação do estímulo A2.

Figura 26. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 do Participante 3 no Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

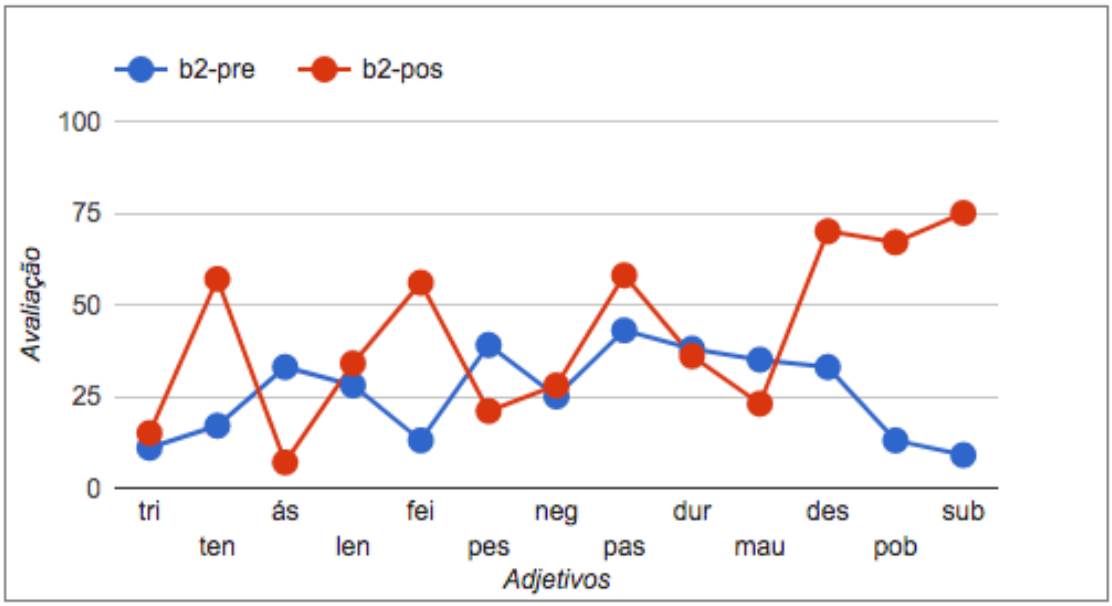




a2-pre



a2-pos

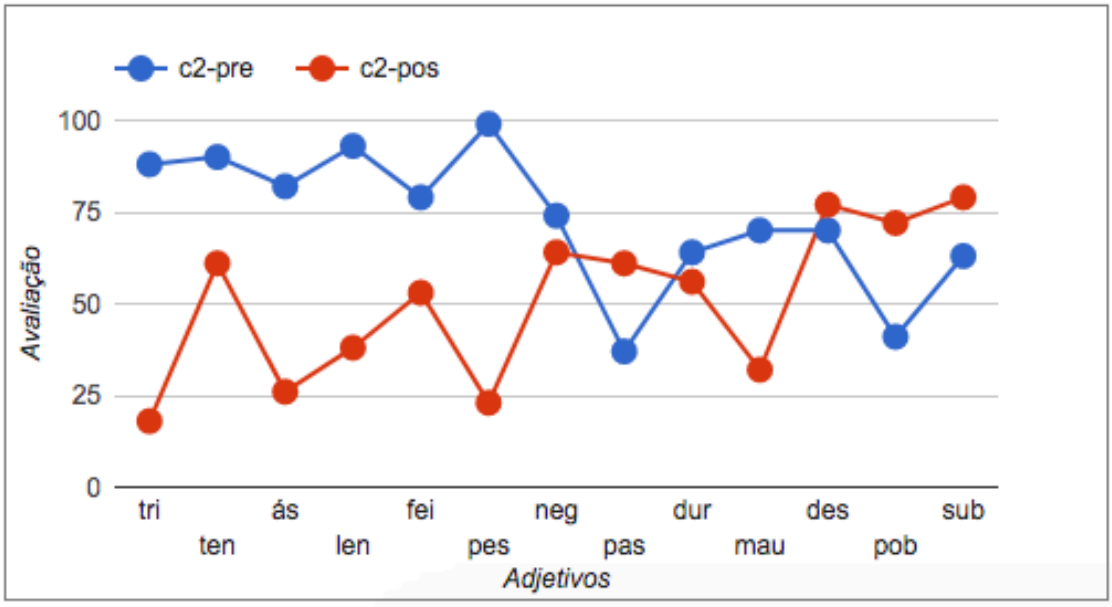




b2-pre



b2-pos





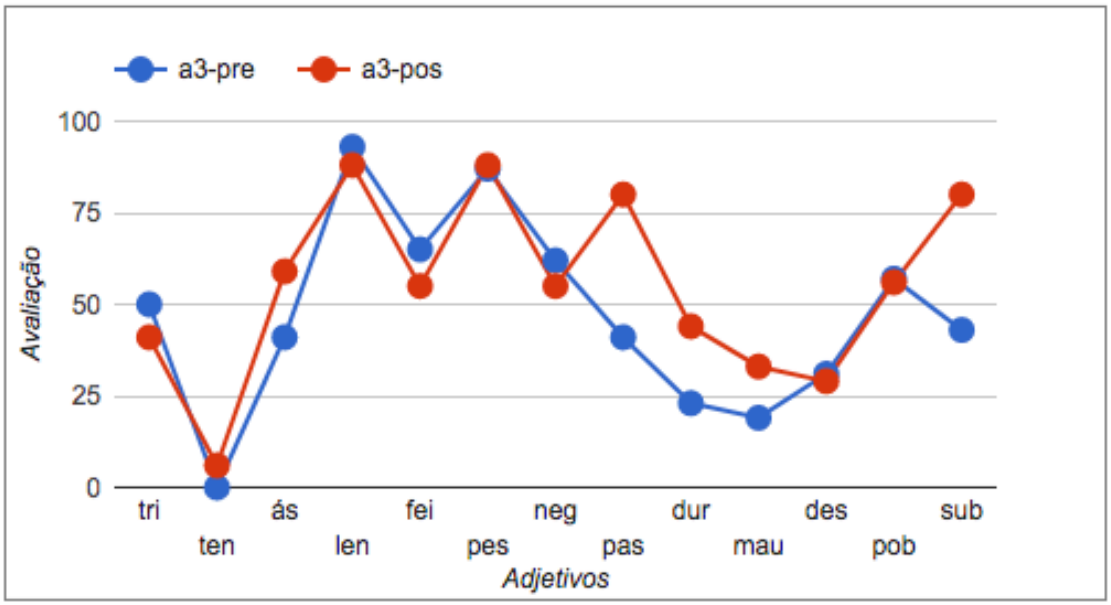
c2-pre



c2-pos

A Figura 27 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Percebe-se que, no Pós-teste, os estímulos neutros receberam avaliações semelhantes à avaliação do estímulo A3.

Figura 27. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 do Participante 3 no Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

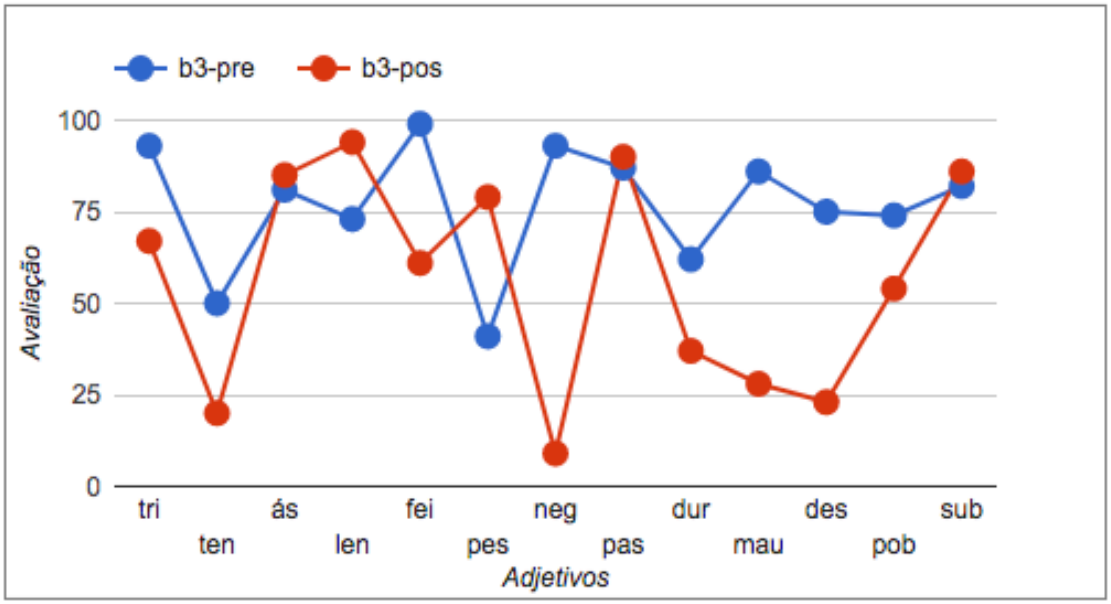




a3-pre



a3-pos

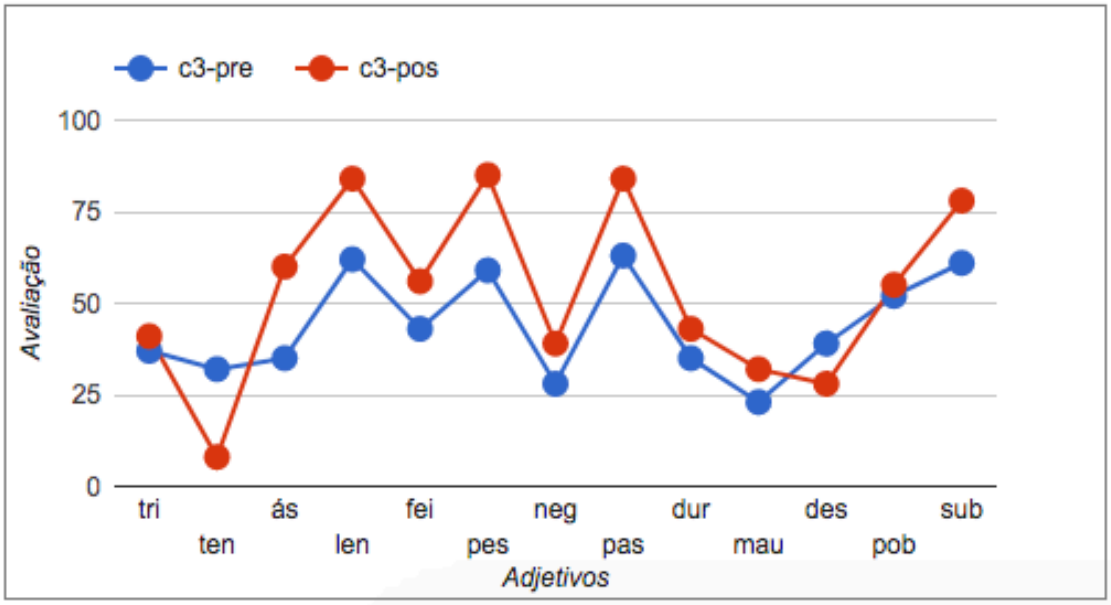


θ

b3-pre

θ

b3-pos



ﻟﺊ

c3-pre

ﻟﺊ

c3-pos

A figura abaixo apresenta o grau de equivalência entre os estímulos no Pré-Teste. Observa-se que os estímulos A3 e B3, por exemplo, possuíam equivalência de 60% na primeira etapa do experimento.

Figura 28. Grau de equivalência do Pré-Teste do Participante 3

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	68	70	73	84	52	73	54	79
a2	68	100	74	79	68	73	72	65	83
a3	70	74	100	72	71	60	76	71	82
b1	73	79	72	100	70	75	73	74	82
b2	84	68	71	70	100	49	73	52	80
b3	52	73	60	75	49	100	58	78	64
c1	73	72	76	73	73	58	100	57	81
c2	54	65	71	74	52	78	57	100	65
c3	79	83	82	82	80	64	81	65	100

Após o emparelhamento dos estímulos, observa-se que estes mesmos estímulos passaram a ter equivalência de 87%.

Figura 29. Grau de equivalência do Pós-Teste do Participante 3

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	84	74	93	86	69	87	85	75
a2	84	100	76	85	87	67	77	93	75
a3	74	76	100	79	71	87	65	74	97
b1	93	85	79	100	85	72	86	85	80
b2	86	87	71	85	100	68	81	91	73
b3	69	67	87	72	68	100	63	65	89
c1	87	77	65	86	81	63	100	76	67
c2	85	93	74	85	91	65	76	100	73
c3	75	75	97	80	73	89	67	73	100

Na figura abaixo, observa-se o grau de equivalência dos estímulos entre as duas fases do experimento, Pré-teste e Pós-teste. É possível notar que ao comparar a avaliação de A1 na primeira fase com o próprio A1 na segunda fase, não obteve-se 100% de equivalência. Esse fato demonstra uma variação na avaliação do estímulo, após o emparelhamento com os estímulos, em tese, sem significado pré-experimental. Esse fato merece investigação em estudos posteriores.

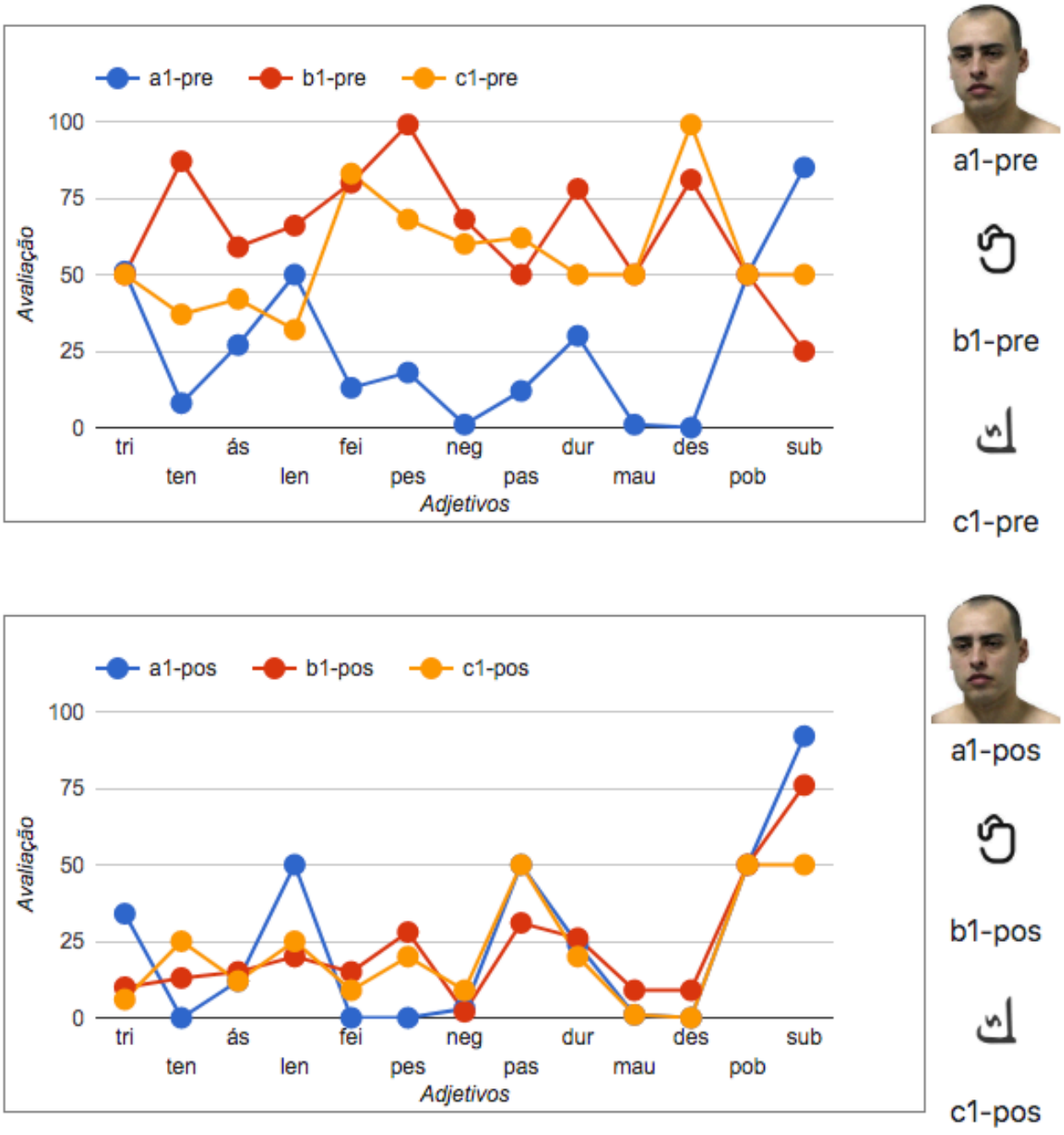
Figura 30. Grau de equivalência entre Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 3

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	87	75	67	87	78	65	89	74	68
a2	78	86	80	79	85	72	69	89	79
a3	75	70	87	78	69	79	70	69	85
b1	78	85	75	79	83	73	75	80	77
b2	83	71	68	83	75	64	82	71	70
b3	62	74	69	64	64	69	51	72	68
c1	75	70	77	76	73	79	72	69	79
c2	62	71	70	62	60	69	54	66	69
c3	87	80	83	87	83	80	79	79	85

Participante 4

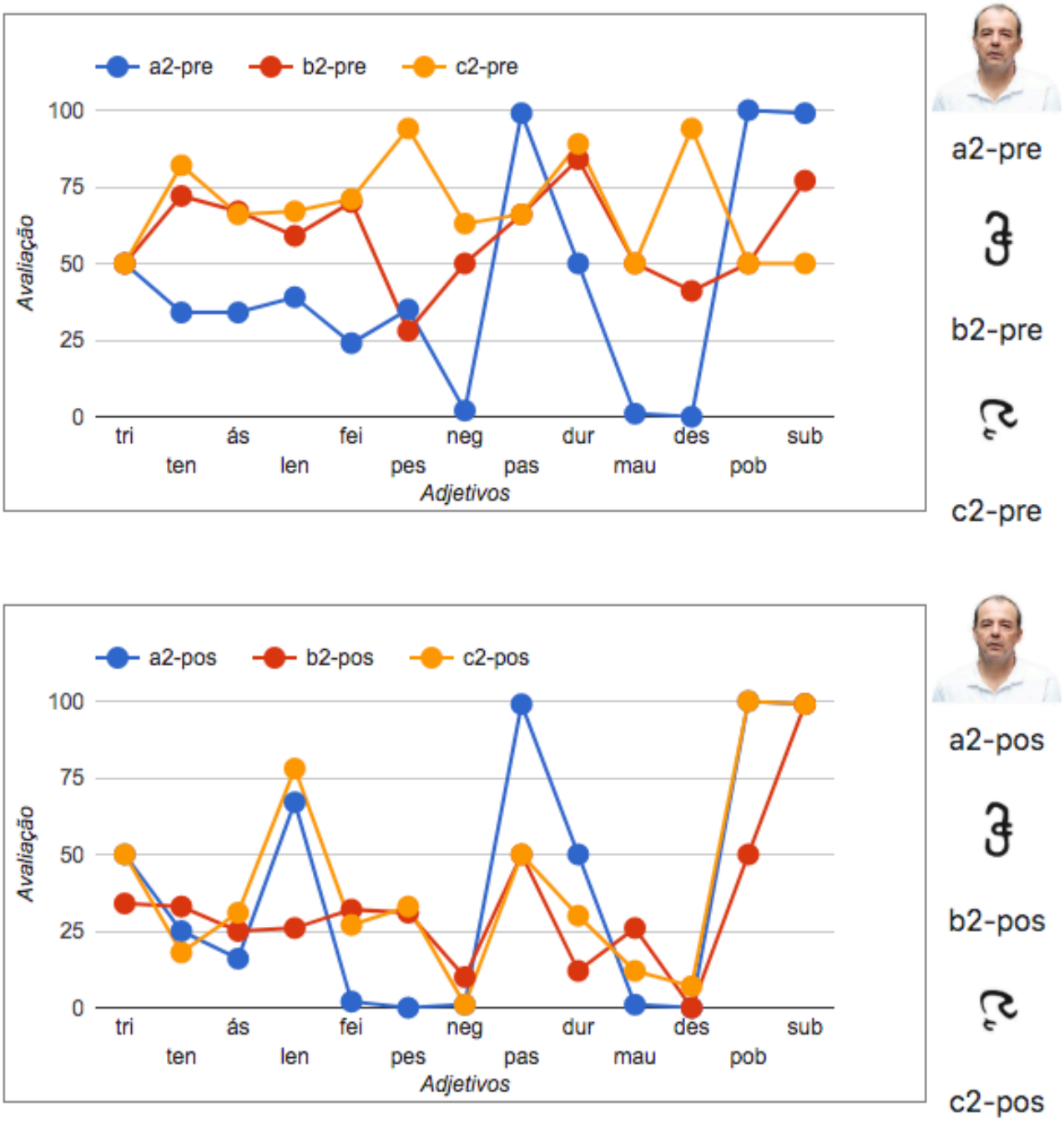
A Figura 31 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). Verificou-se no Pré-teste que o estímulo A1 recebeu avaliações predominantemente negativas, enquanto os estímulos B1 e C1 foram avaliados de forma variada. No Pós-teste, o estímulo A1 manteve sua avaliação e foi acompanhado pelas avaliações de B1 e C1.

Figura 31. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 4.



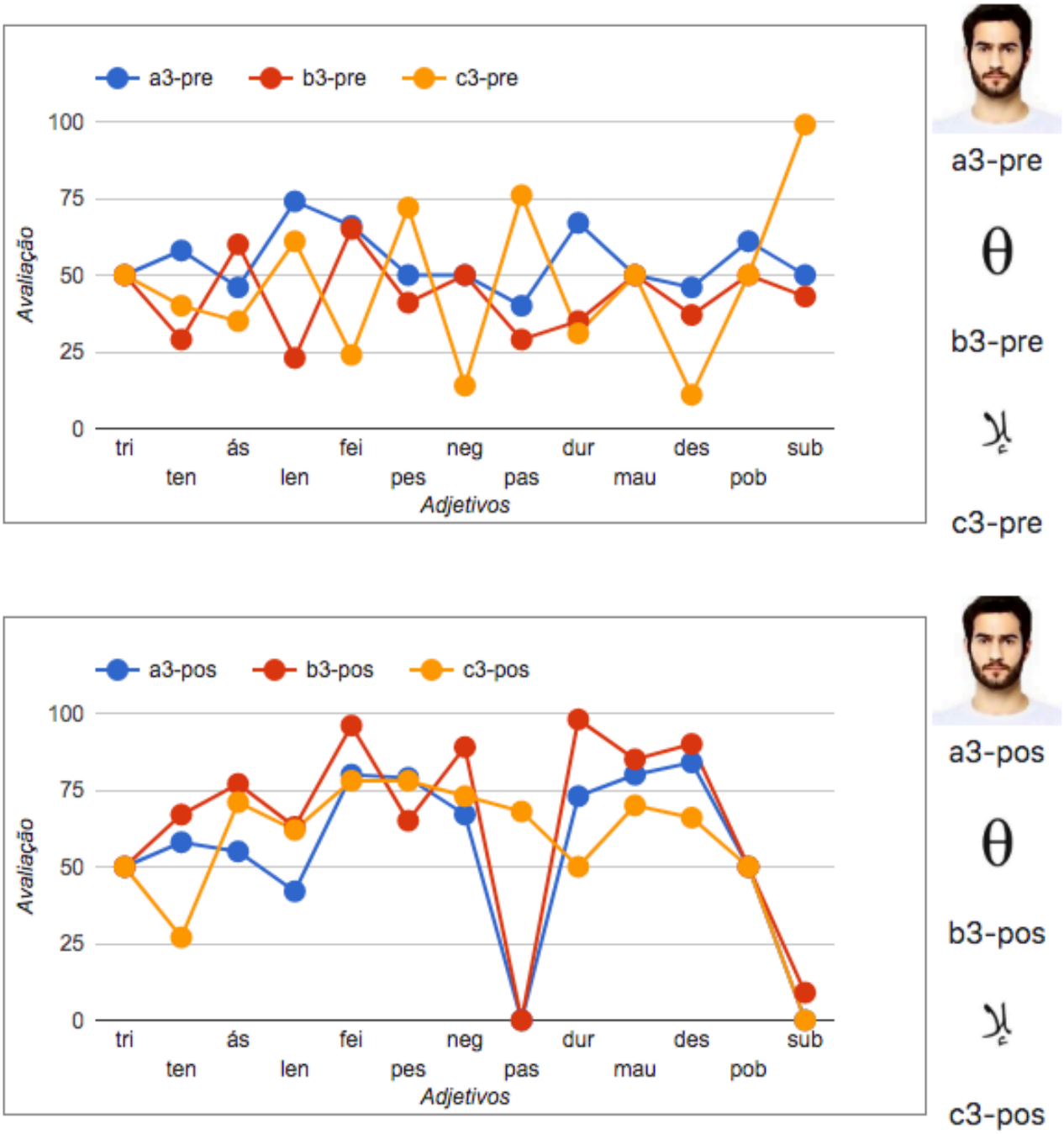
A Figura 32 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). Verificou-se no Pré-teste que o estímulo A2 recebeu avaliações predominantemente negativas, enquanto os estímulos B2 e C2 foram avaliados de forma positiva. No Pós-teste, o estímulo A2 manteve sua avaliação e foi acompanhado pelas avaliações de B2 e C2.

Figura 32. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 4.



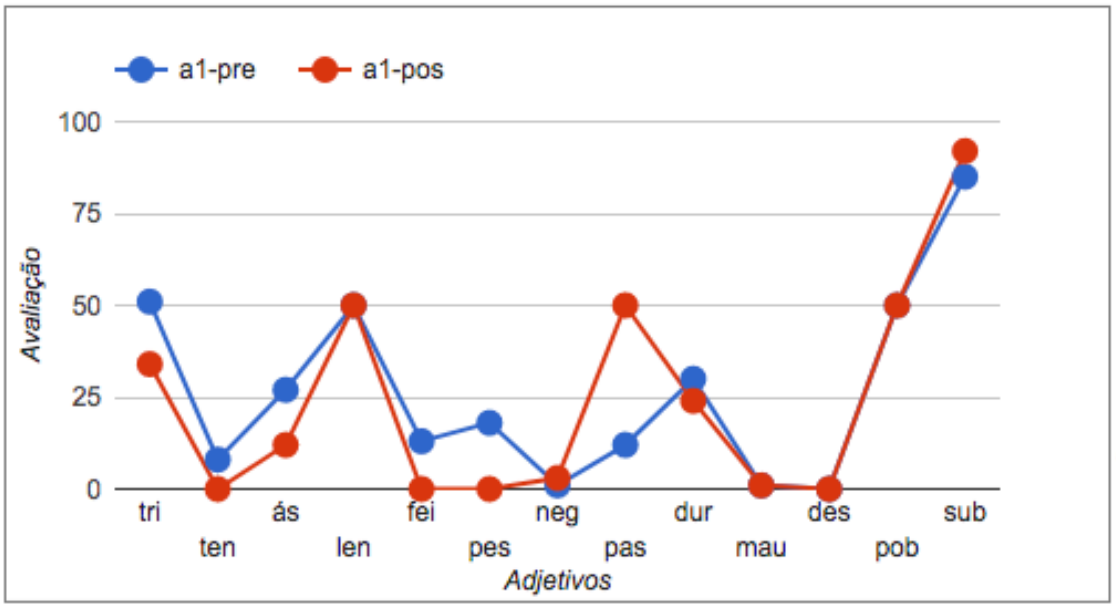
A Figura 33 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Verificou-se no Pré-teste que o estímulo A3 recebeu avaliações predominantemente neutras, assim como os estímulos B3 e C3. No Pós-teste, o estímulo A3 manteve sua avaliação e foi acompanhado pelas avaliações de B3 e C3.

Figura 33. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 4.



A Figura 34 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Percebe-se que, no Pós-teste, os estímulos neutros receberam avaliações semelhantes à avaliação do estímulo A1.

Figura 34. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 do Participante 4 no Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

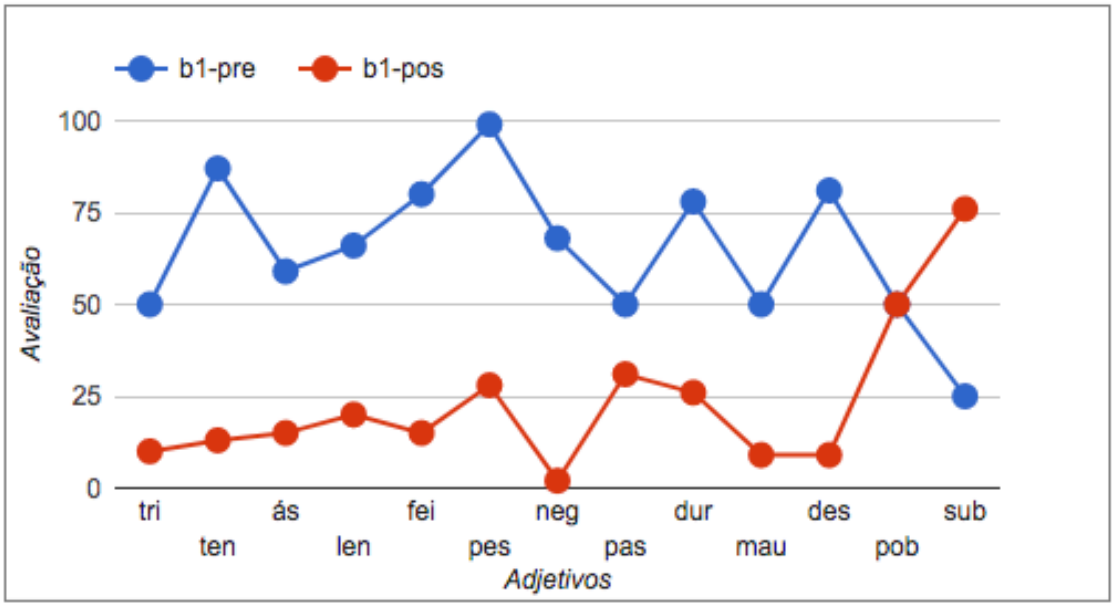




a1-pre



a1-pos

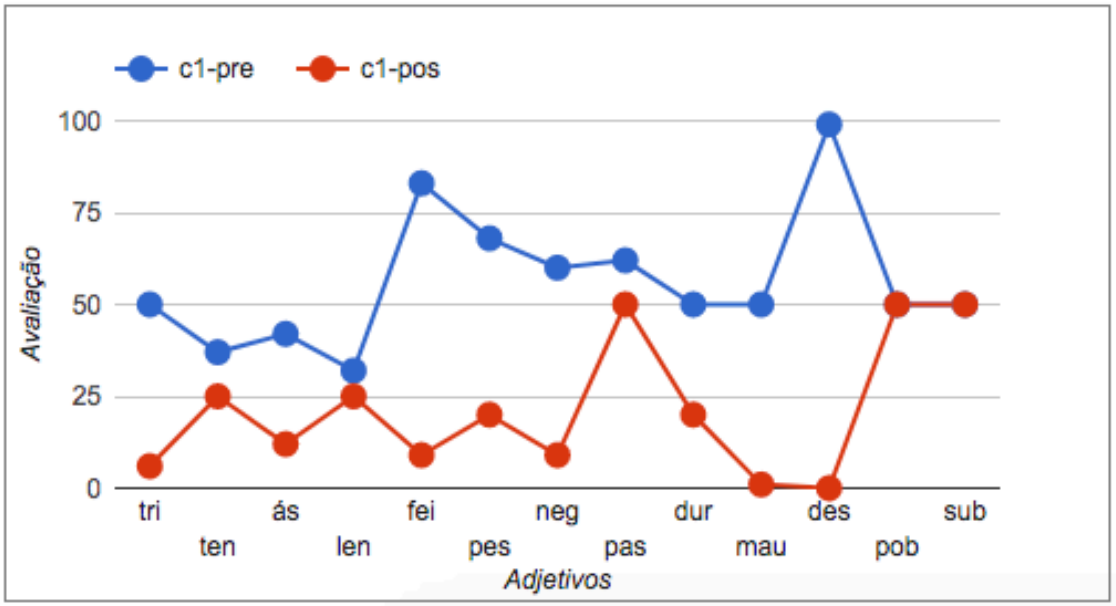




b1-pre



b1-pos





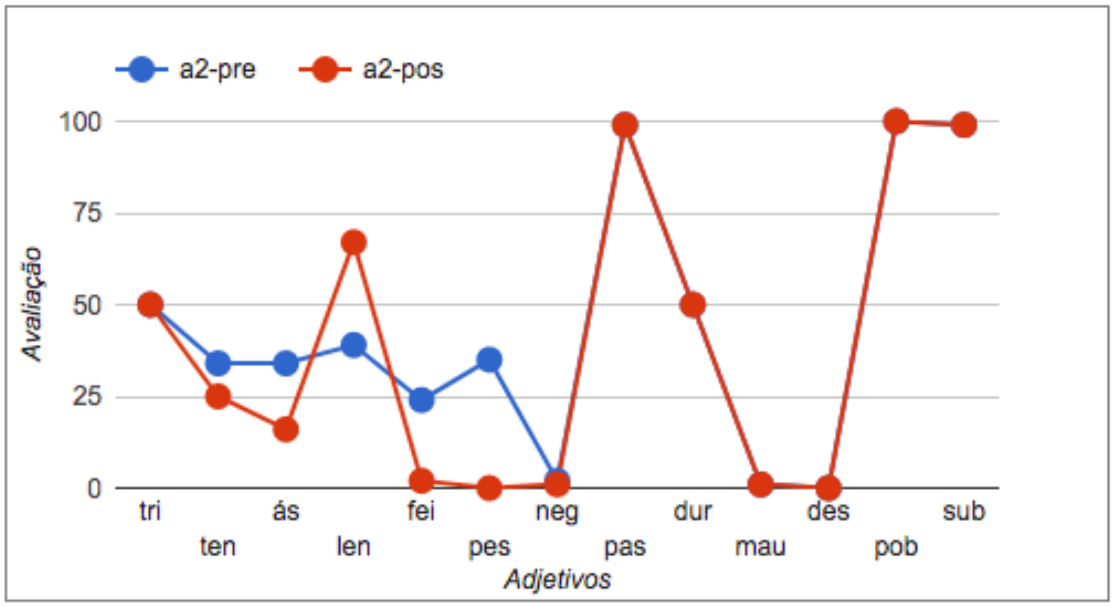
c1-pre



c1-pos

A Figura 35 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Percebe-se que, no Pós-teste, os estímulos neutros receberam avaliações semelhantes à avaliação do estímulo A2.

Figura 35. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 do Participante 4 no Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

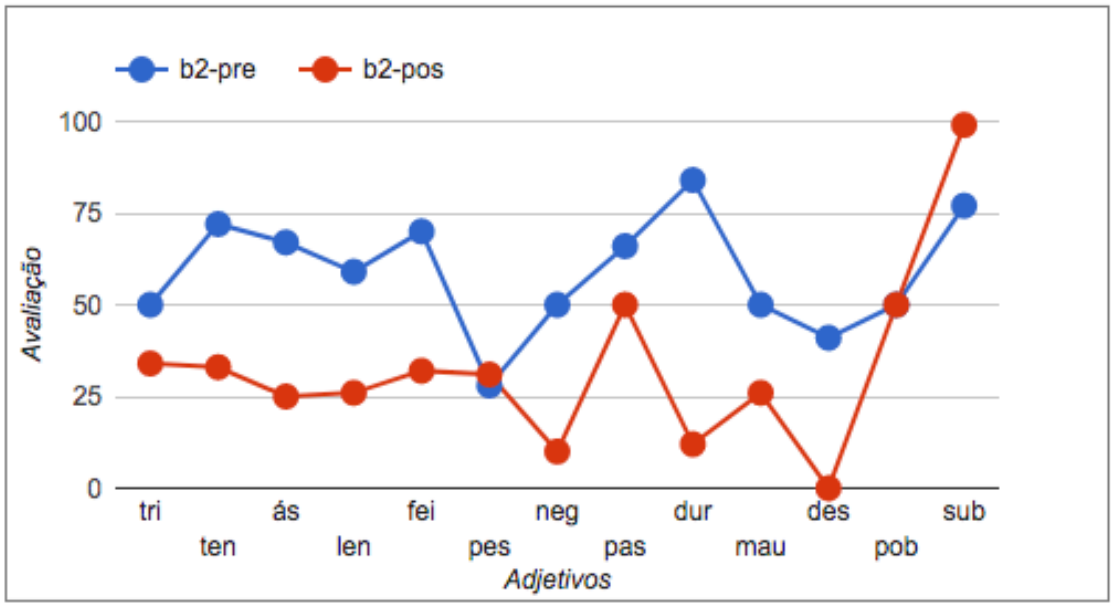




a2-pre



a2-pos

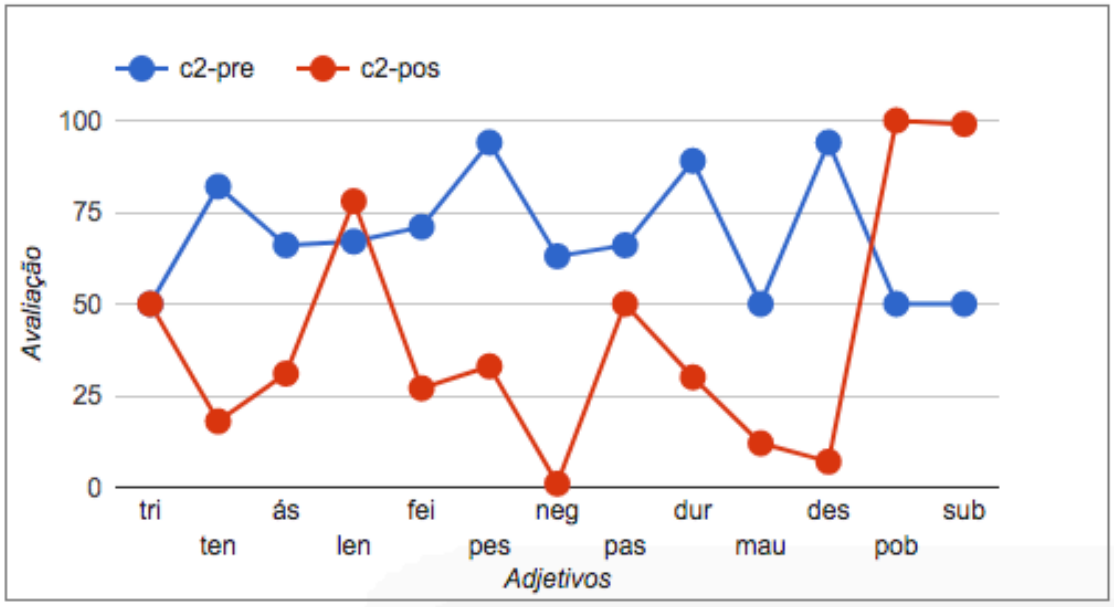




b2-pre



b2-pos





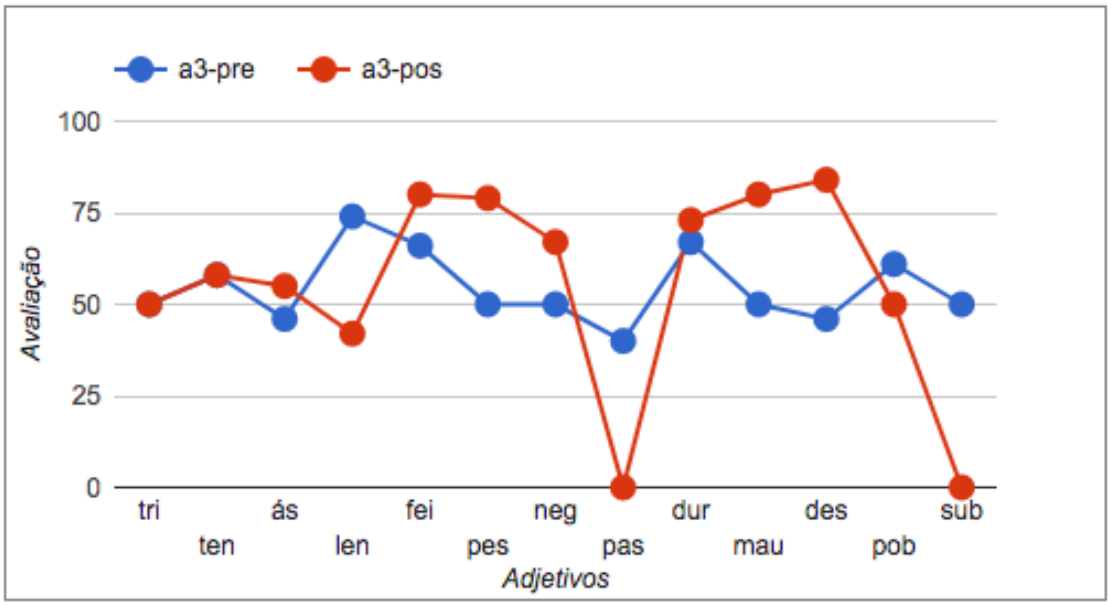
c2-pre



c2-pos

A Figura 36 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Percebe-se que, no Pós-teste, os estímulos neutros receberam avaliações semelhantes à avaliação do estímulo A3.

Figura 36. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 do Participante 4 no Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

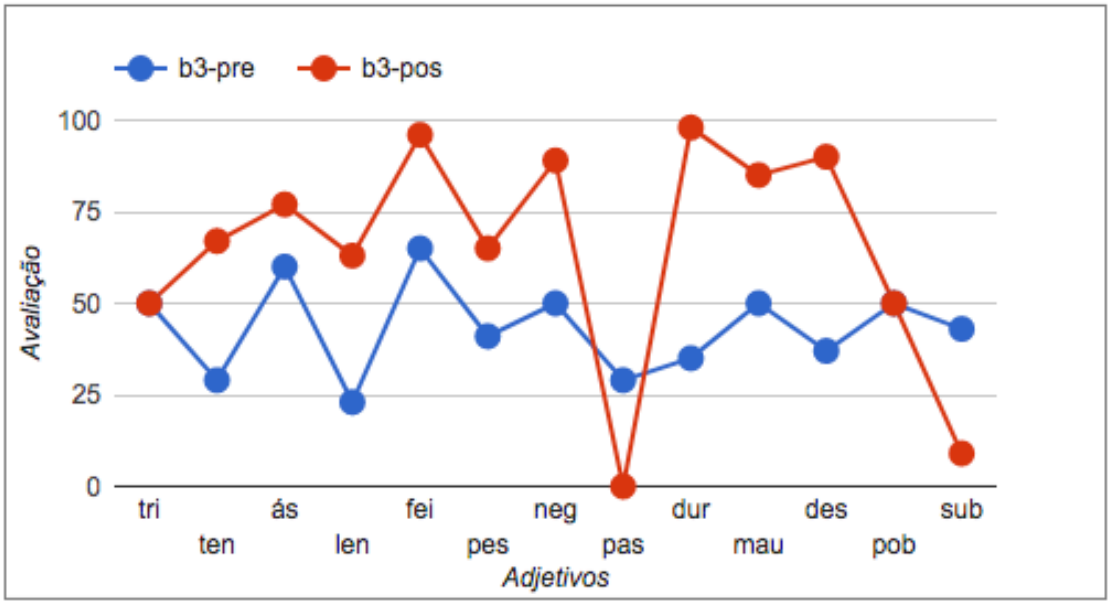




a3-pre



a3-pos

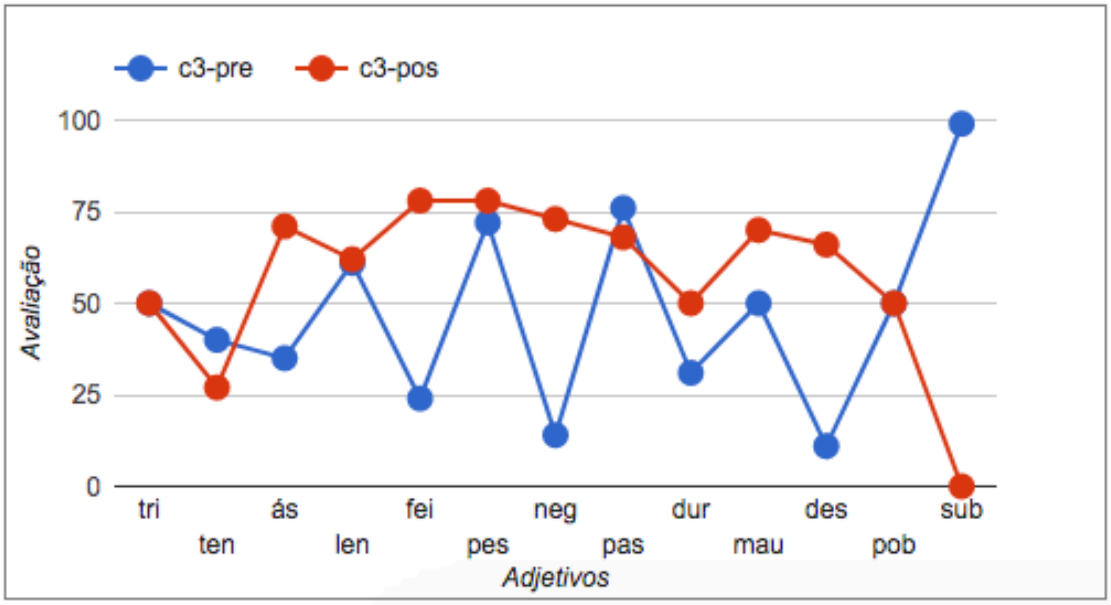


θ

b3-pre

θ

b3-pos



ﻟ

c3-pre

ﻟ

c3-pos

A figura abaixo representa os graus de equivalência entre os estímulos na etapa inicial do experimento. Observa-se que os estímulos A1 e B1 tinham 52% de equivalência antes de qualquer etapa de emparelhamento.

Figura 37. Grau de equivalência no Pré-Teste do Participante 4

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	81	67	52	66	73	62	52	79
a2	81	100	67	52	68	68	65	55	82
a3	67	67	100	83	88	87	83	83	76
b1	52	52	83	100	81	75	83	93	67
b2	66	68	88	81	100	82	79	86	76
b3	73	68	87	75	82	100	84	75	76
c1	62	65	83	83	79	84	100	85	76
c2	52	55	83	93	86	75	85	100	69
c3	79	82	76	67	76	76	76	69	100

Como exemplificação, observa-se que os mesmos estímulos acima citados passaram a ter, após o emparelhamento, 87% de equivalência, demonstrando a construção de classe de equivalência e a transferência de função entre os estímulos.

Figura 38. Grau de equivalência do Pós-Teste do Participante 4

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	85	46	87	86	39	88	83	53
a2	85	100	42	75	76	37	77	86	54
a3	46	42	100	52	55	89	51	50	85
b1	87	75	52	100	87	44	91	82	55
b2	86	76	55	87	100	47	87	85	60
b3	39	37	89	44	47	100	43	45	80
c1	88	77	51	91	87	43	100	78	56
c2	83	86	50	82	85	45	78	100	59
c3	53	54	85	55	60	80	56	59	100

Na figura abaixo, observa-se o grau de equivalência dos estímulos entre as duas fases do experimento, Pré-teste e Pós-teste. É possível notar que ao comparar a avaliação de A1 na primeira fase com o próprio A1 na segunda fase, não obteve-se 100% de equivalência. Esse fato demonstra uma variação na avaliação do estímulo, após o emparelhamento com os estímulos, em tese, sem significado pré-experimental. Esse fato merece investigação em estudos posteriores.

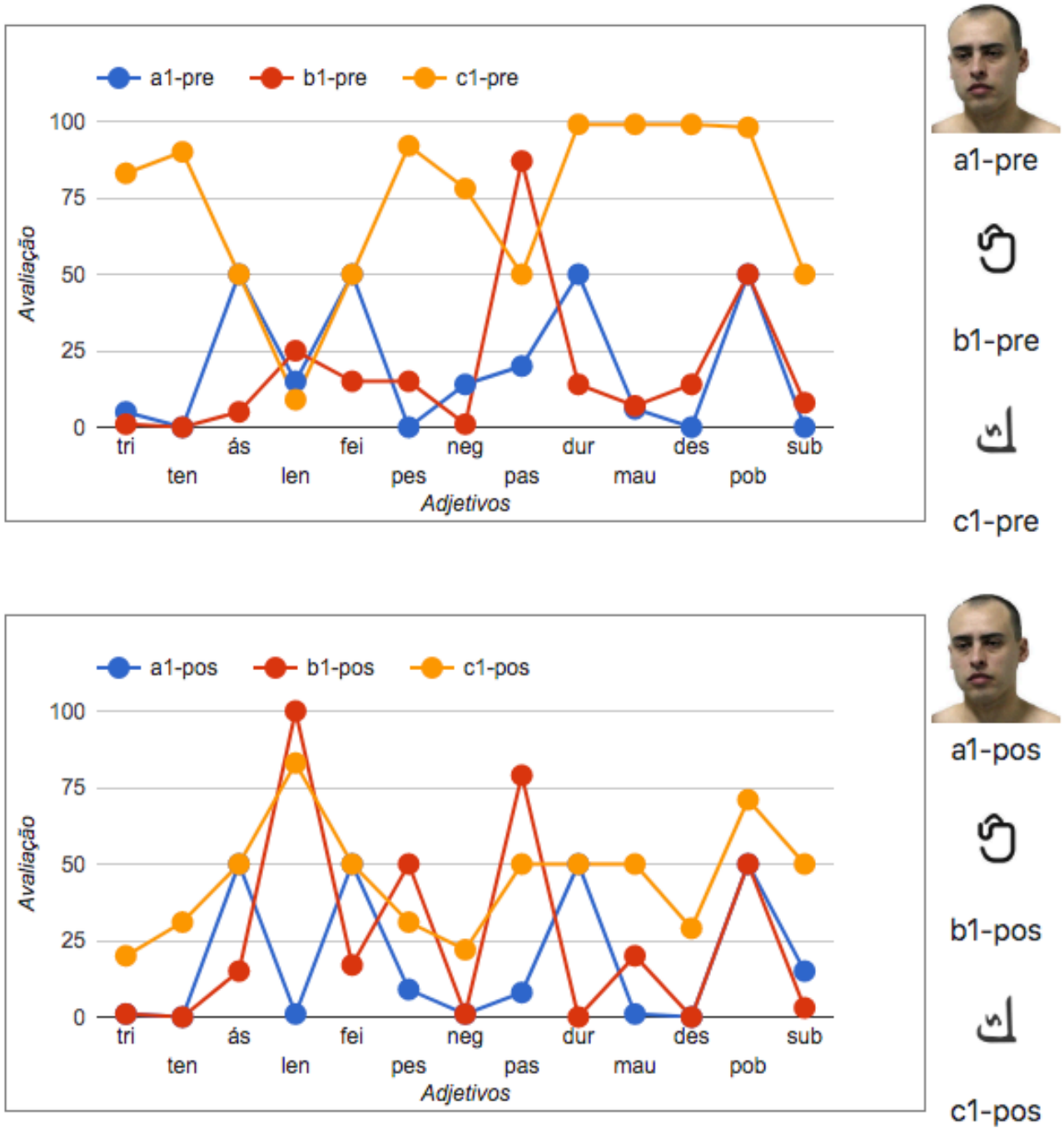
Figura 39. Grau de equivalência entre Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 4

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	90	81	55	88	84	48	85	85	56
a2	79	91	50	77	83	42	77	88	58
a3	62	62	79	65	69	74	65	71	79
b1	49	48	85	51	57	81	53	55	84
b2	63	63	73	65	70	73	63	68	78
b3	66	60	76	75	77	69	73	70	79
c1	59	57	81	63	69	74	65	63	84
c2	49	50	80	51	57	80	53	56	82
c3	77	77	62	76	85	56	74	83	72

Participante 5

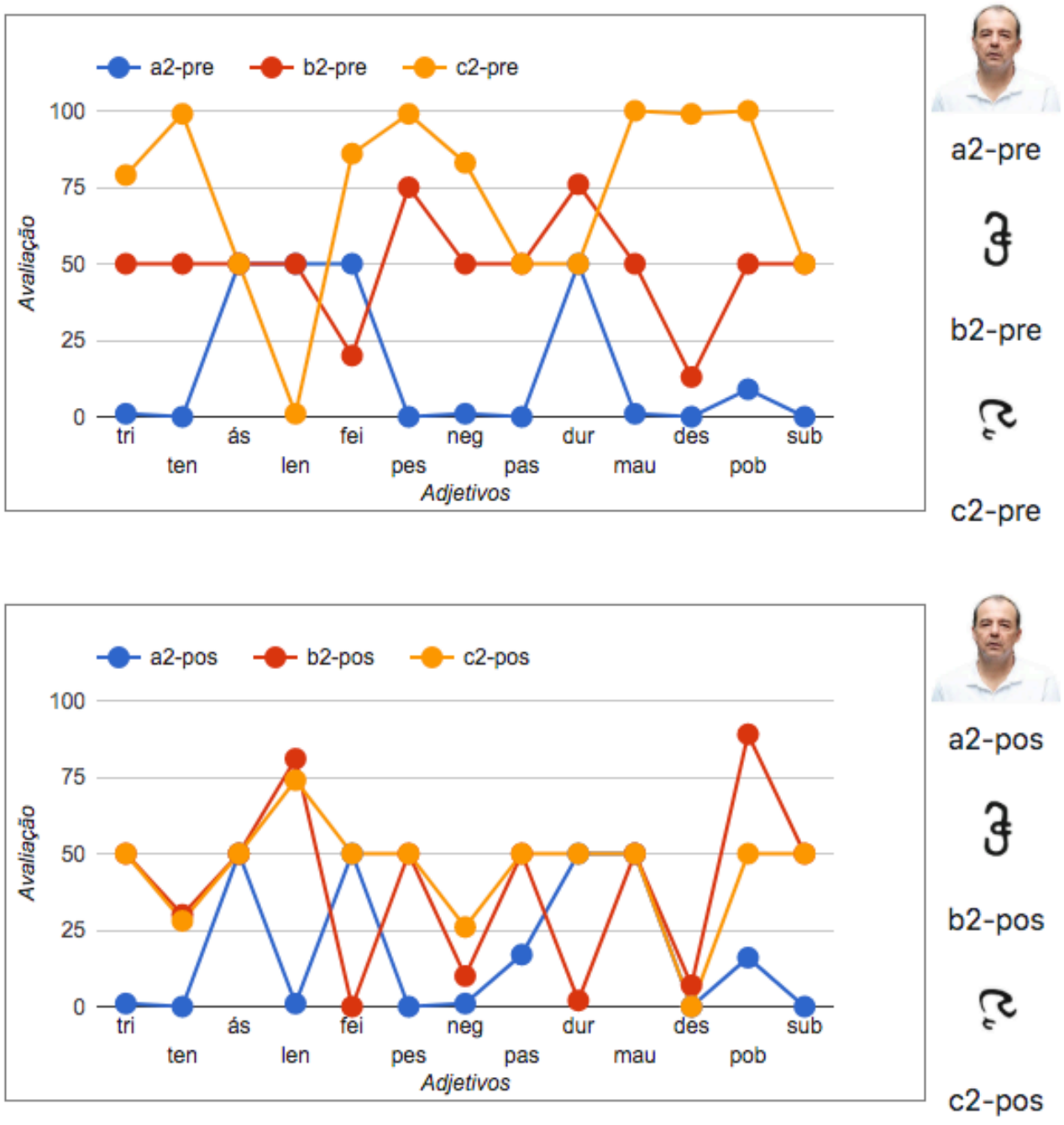
A Figura 40 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). Observa-se que, no Pré-teste, A1 recebe uma avaliação predominantemente negativa, assim como C1, enquanto B1 é avaliado de forma positiva. No Pós-teste, há uma aproximação das avaliações dos estímulos neutros em relação a A1, especialmente ao observar-se a avaliação de C1.

Figura 40. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 5.



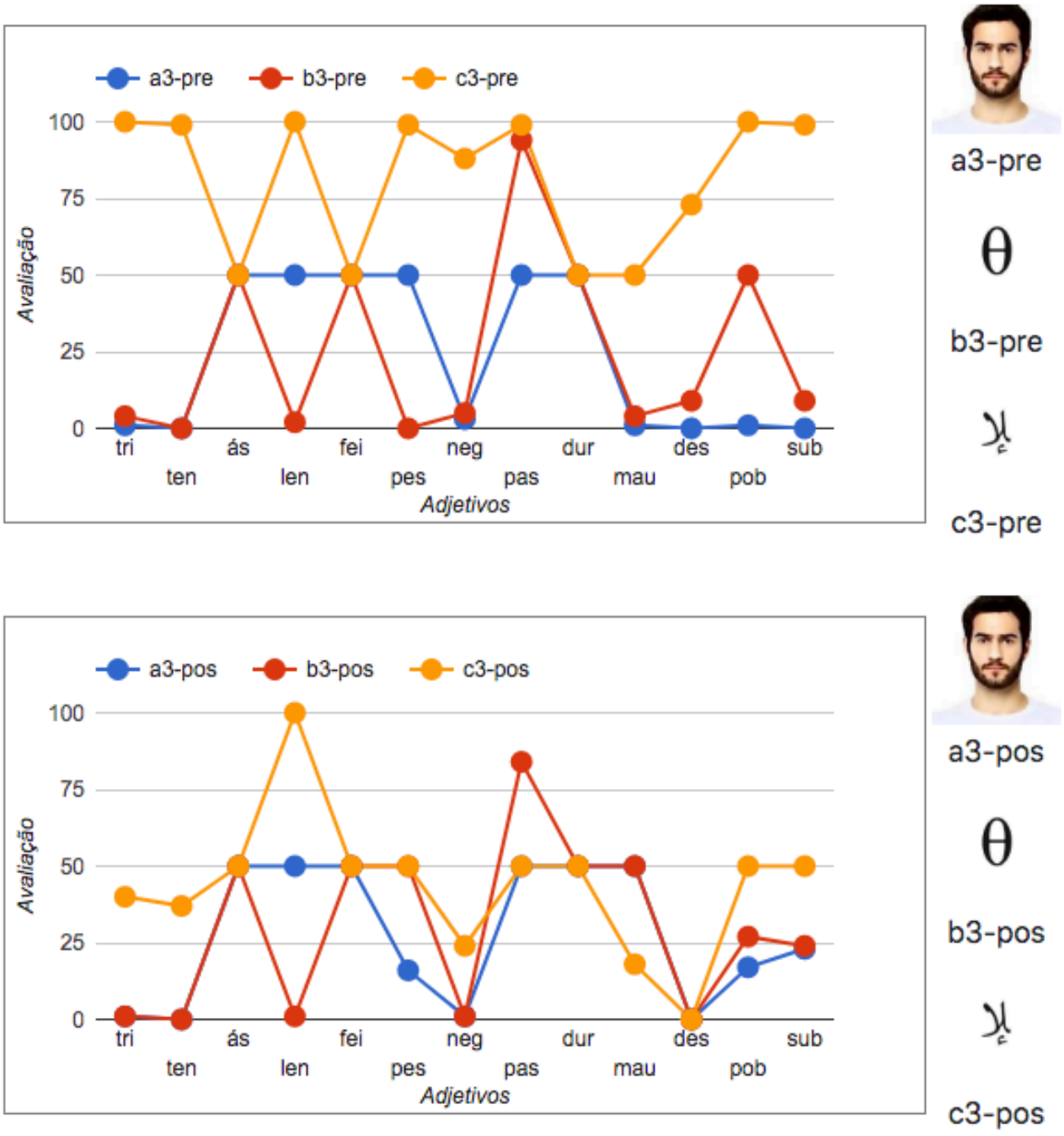
A Figura 41 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). Observa-se que, no Pré-teste, A2 recebe uma avaliação predominantemente negativa, enquanto C2 é avaliado de forma positiva e B2 de forma neutra. No Pós-teste, há uma aproximação das avaliações dos estímulos neutros em relação a A2, especialmente ao observar-se a avaliação de C2.

Figura 41. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 5.



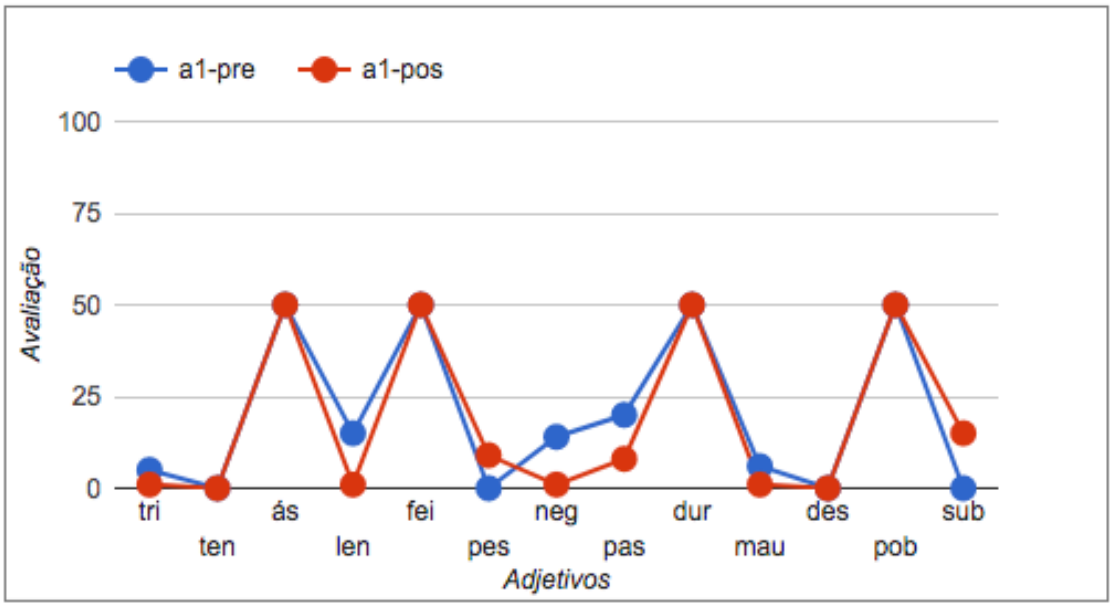
A Figura 42 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Observa-se uma manutenção da avaliação de A3 nas duas fases do experimento, enquanto no Pós-teste é possível observar uma observação das avaliações dos estímulos neutros com relação a A3, especialmente ao observar-se a avaliação de C3.

Figura 42. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 5.



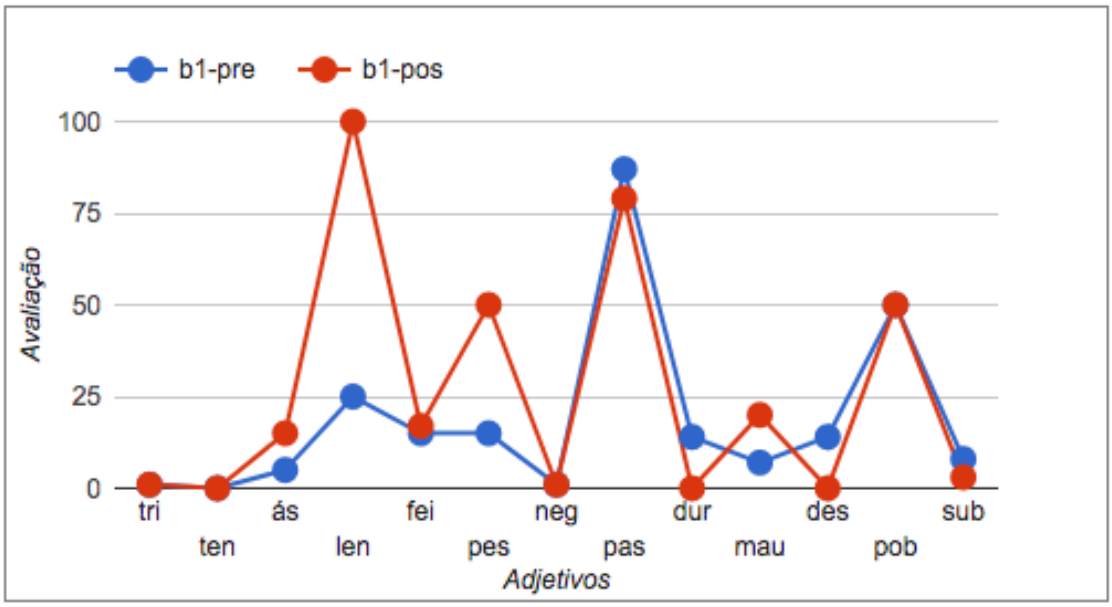
A Figura 43 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Percebe-se que, no Pós-teste, os estímulos neutros receberam avaliações semelhantes à avaliação do estímulo A1.

Figura 43. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 do Participante 5 no Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



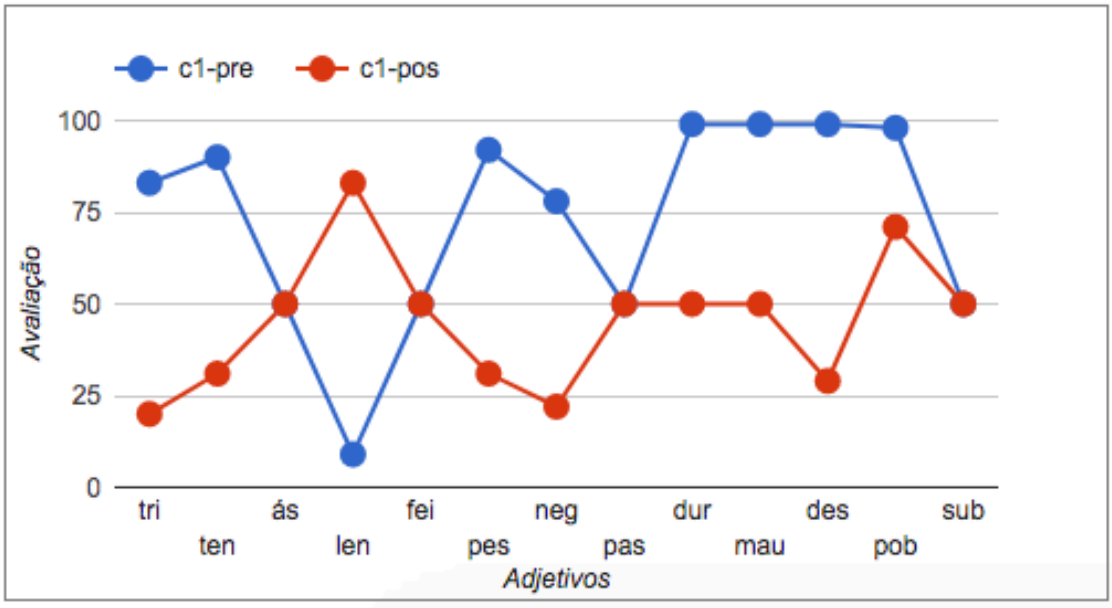

a1-pre


a1-pos




b1-pre


b1-pos

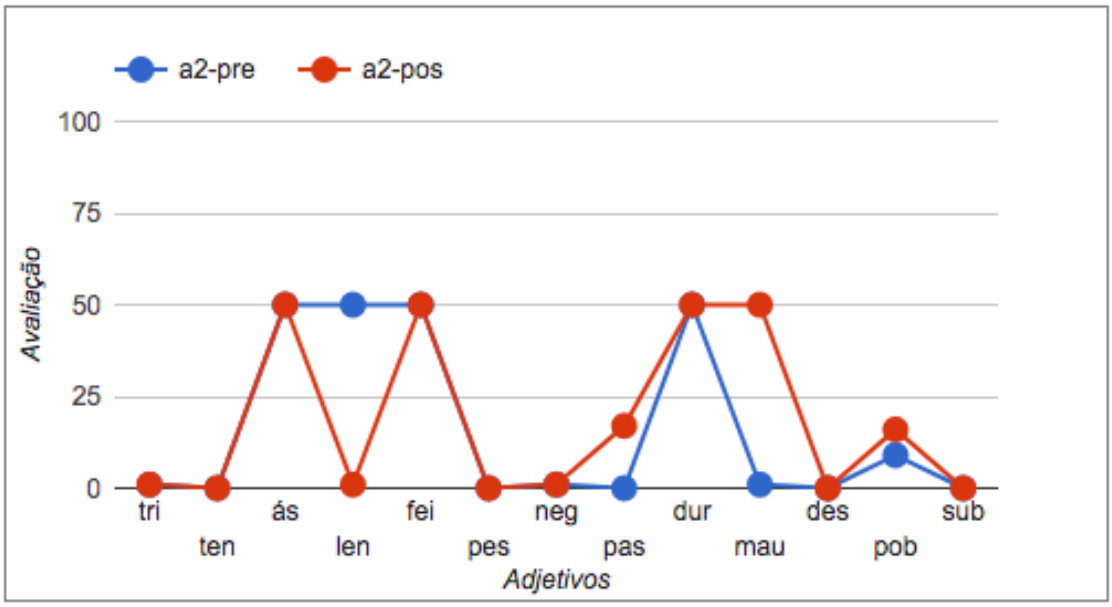



c1-pre


c1-pos

A Figura 44 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Percebe-se que, no Pós-teste, os estímulos neutros receberam avaliações semelhantes à avaliação do estímulo A2.

Figura 44. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 do Participante 5 no Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

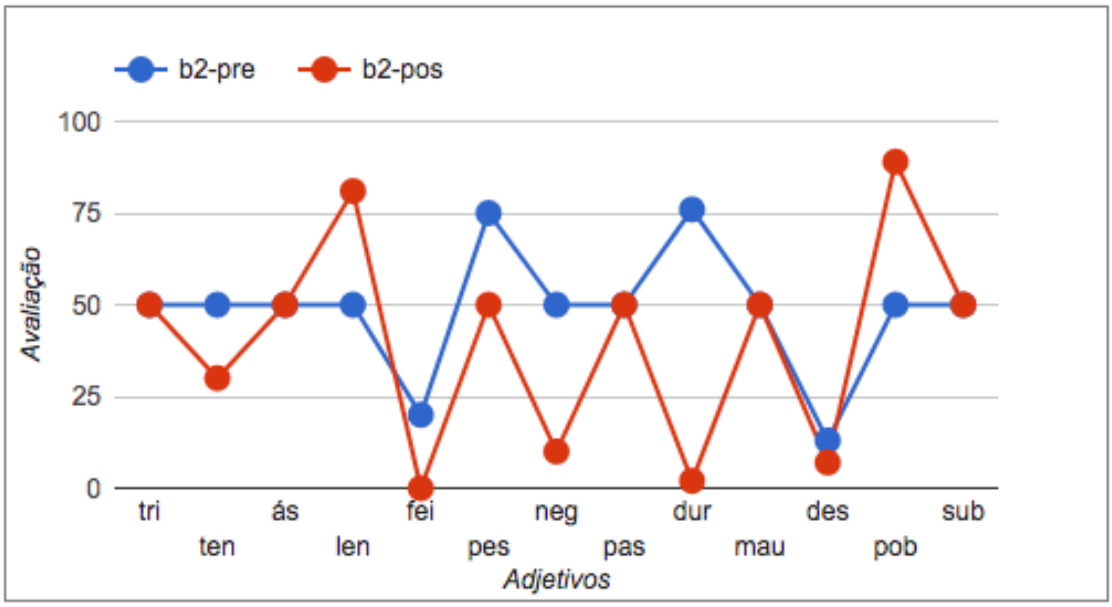




a2-pre



a2-pos

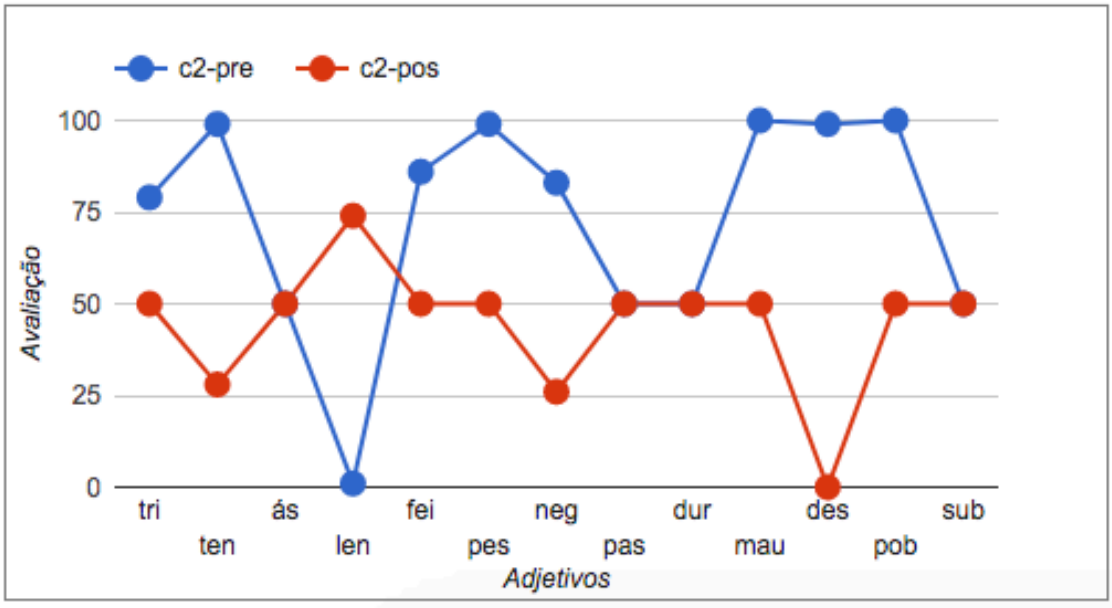




b2-pre



b2-pos





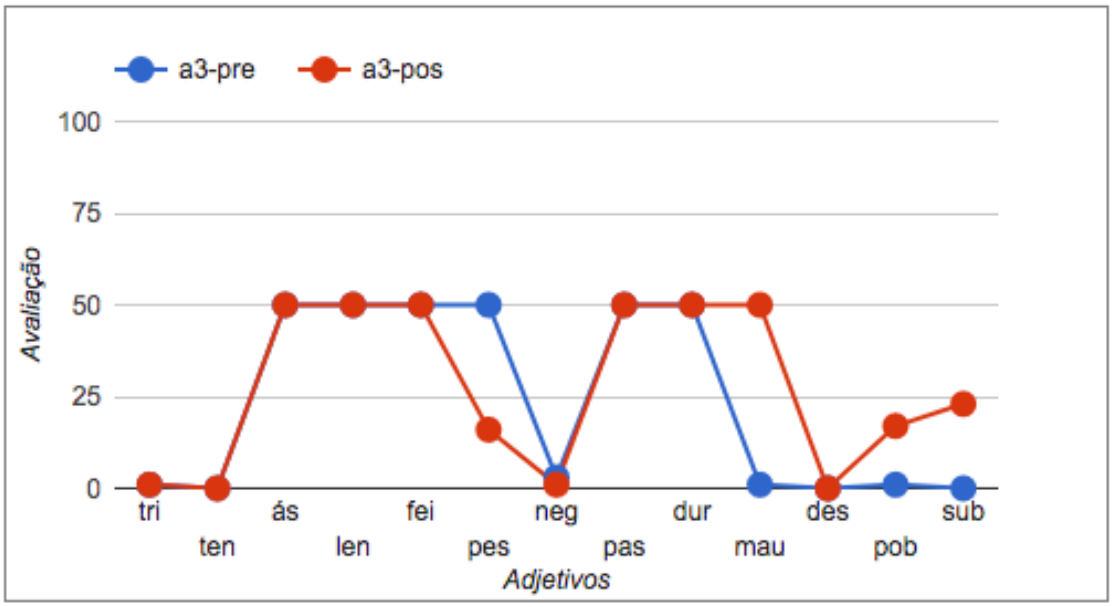
c2-pre



c2-pos

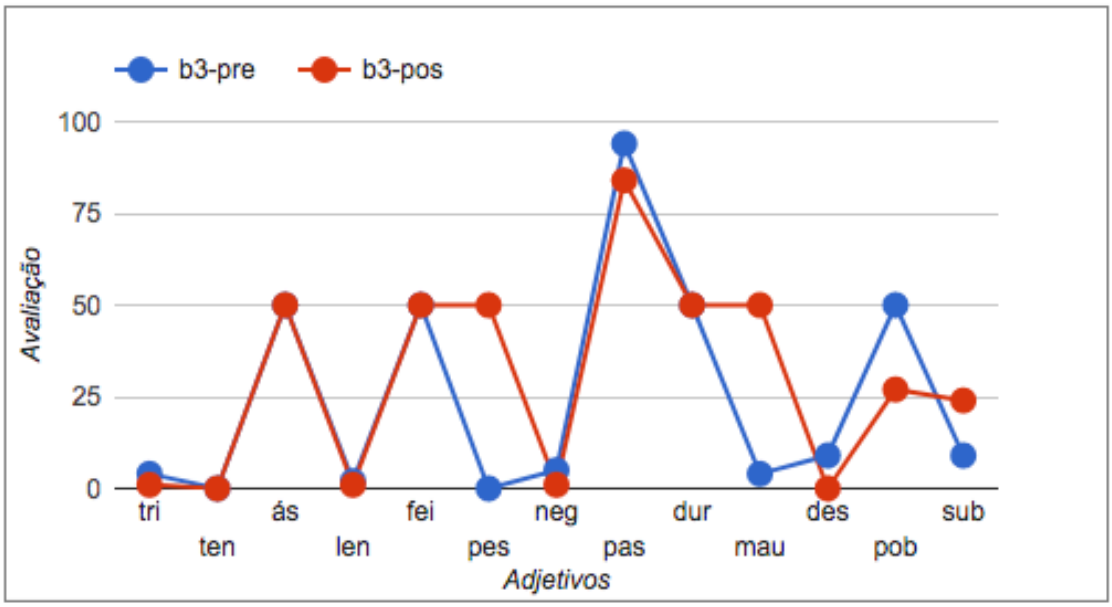
A Figura 45 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Percebe-se que, no Pós-teste, os estímulos neutros receberam avaliações semelhantes à avaliação do estímulo A3.

Figura 45. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 do Participante 5 no Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.




a3-pre


a3-pos

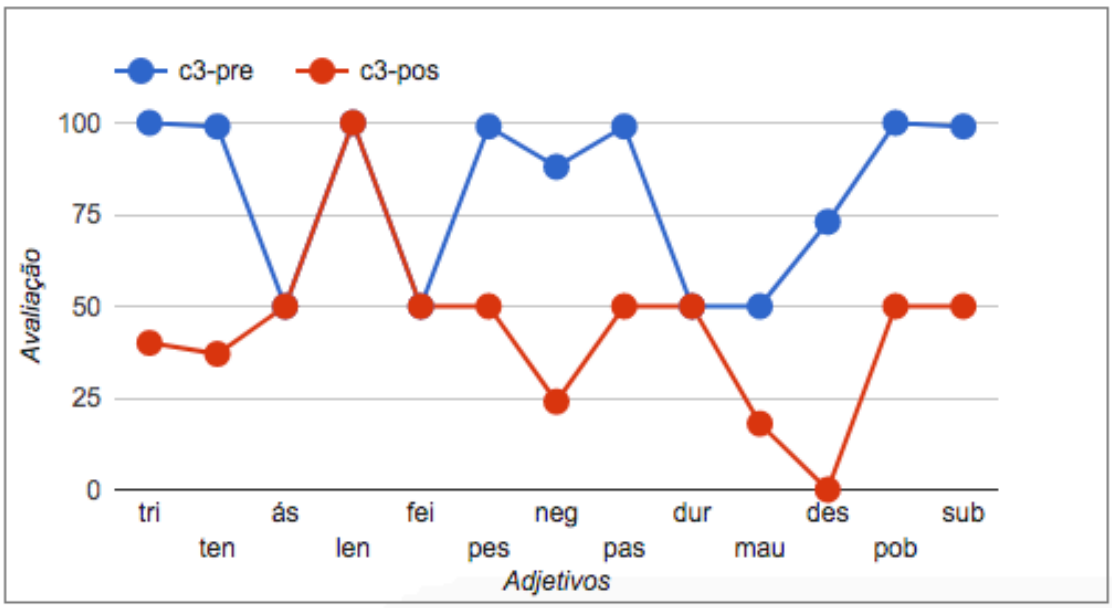


θ

b3-pre

θ

b3-pos



ﺀ

c3-pre

ﺀ

c3-pos

A figura abaixo representa os graus de equivalência entre os estímulos na etapa inicial do experimento. Observa-se que os estímulos A1 e B1 tinham 81% de equivalência antes de qualquer etapa de emparelhamento.

Figura 46. Grau de equivalência entre Pré-Teste e Pré-Teste do Participante 5

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	91	86	81	67	91	46	45	39
a2	91	100	92	76	63	84	37	36	35
a3	86	92	100	78	70	83	44	43	42
b1	81	76	78	100	64	86	38	36	37
b2	67	63	70	64	100	65	70	64	63
b3	91	84	83	86	65	100	46	45	44
c1	46	37	44	38	70	46	100	91	72
c2	45	36	43	36	64	45	91	100	74
c3	39	35	42	37	63	44	72	74	100

Como exemplificação, observa-se que os mesmos estímulos passaram a ter 72% de equivalência.

Figura 47. Grau de equivalência entre Pós-Teste e Pós-Teste do Participante 5

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	91	86	72	63	85	73	74	74
a2	91	100	91	70	63	88	73	74	69
a3	86	91	100	76	73	90	82	83	79
b1	72	70	76	100	76	77	71	73	77
b2	63	63	73	76	100	70	84	87	83
b3	85	88	90	77	70	100	77	80	76
c1	73	73	82	71	84	77	100	91	89
c2	74	74	83	73	87	80	91	100	94
c3	74	69	79	77	83	76	89	94	100

Na figura abaixo, observa-se o grau de equivalência dos estímulos entre as duas fases do experimento, Pré-teste e Pós-teste. É possível notar que ao comparar a avaliação de A1 na primeira fase com o próprio A1 na segunda fase, não obteve-se 100% de equivalência. Esse fato demonstra uma variação na avaliação do estímulo, após o emparelhamento com os estímulos, em tese, sem significado pré-experimental. Esse fato merece investigação em estudos posteriores.

Figura 48. Grau de equivalência entre Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 5

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	94	91	85	73	64	82	75	76	76
a2	91	91	89	72	61	79	71	72	73
a3	85	85	90	79	69	86	75	79	80
b1	81	75	78	86	68	79	68	66	67
b2	65	65	74	65	80	71	81	87	83
b3	91	86	83	75	63	88	73	73	73
c1	45	45	48	35	56	52	61	62	57
c2	45	45	47	33	55	52	60	60	56
c3	37	37	46	45	59	49	64	63	62

Discussão

A presente pesquisa teve como objetivo investigar a transferência de função entre os estímulos com carga de significado e os estímulos abstratos (sem significado) por meio do paradigma de equivalência, a fim de analisar o processo de formação de atitude e o preconceito existente no processo de ressocialização de presos.

É possível afirmar que, de forma geral, os resultados foram satisfatórios, especialmente no que diz respeito aos dados do Pré-Teste, Pós-Teste e do Grau das relações de equivalência e transferência de função. De acordo com o observado nos resultados, na maioria dos participantes houve transferência de função dos estímulos relacionados diretamente. O participante 5, como revelam os resultados, obteve valores predominantes de transferência de função entre os valores 60,46 e 75,92%, ou seja abaixo de 80%. Os estímulos abstratos B e C no Pós-Teste, na maioria dos participantes, revelaram ter ganho carga de significado social semelhante à A.

Evidencia-se que o A1 e A2 de todos os participantes obtiveram avaliações negativas, especificamente no par de adjetivos "negativo/positivo". Além disso, pode-se afirmar que essa atribuição negativa dada a criminosos pode perdurar mesmo após o cumprimento da pena, o que implica em atitudes preconceituosas mesmo nos processos de ressocialização (Santos et al, 2013).

Outros pares de objetivos, como, "rico/pobre" também tiveram uma frequência em todos os gráficos de carga positiva. Ou seja, foram avaliados como "ricos", em especial no estímulo A1, figura do ex-político Sérgio Cabral que cometeu um crime de colarinho branco. Isso ocorre devido a uma possível associação de que crimes de corrupção e lavagem de dinheiro são praticados por

políticos ricos, especialmente após as investigações e revelações da operação Lava-jato (Mizael & de Rose, 2017; Platonow, 2019).

Quanto aos Treinos AB AC 100% , 80%, 20% e 0%, o percentual de acertos foi aumentando gradativamente, revelando a eficácia dos treinos de pareamento. Nota-se que, nos Treinos AB AC 0%, os acertos de todos os participantes são superiores à 87%. Já no Teste de Simetria, Transitividade e equivalência, os participantes demonstraram ter aprendido relações, indiretas, não treinadas BA, BC, CA e CB, por meio dos treinos AB e AC, como sinaliza Carvalho (2010) e Mizael e de Rose (2017), indicando a denominada "economia de ensino" (Mizael et. al, 2016, p. 130).

Ao comparar os resultados com outras pesquisas da literatura, como a de Dixon e Lemke (2007) sobre estereótipo de terroristas a homens do Oriente Médio, observa-se que os resultados e expectativas estão em concordância. Nas duas pesquisas ocorreu formação de classes de equivalência eficientes, possibilitando tanto uma transferência de carga de significado negativo aos estímulos abstratos quanto positivos.

Já na pesquisa de Rosendo e Melo (2018), cujo resultado mostrou-se eficaz para o estudo das questões sociais voltadas à gênero, também houve compatibilidade quanto à formação de classes com estímulos, apesar do estudo das autoras Rosendo e Melo (2018) necessitar de aprimoramento dos controles metodológicos em relação ao histórico pré-experimental dos estímulos usados e quantidade de relações revertidas.

A execução da pesquisa de forma online apresentou uma limitação relacionada à impossibilidade de controle sobre a qualidade da internet dos participantes e eventuais problemas externos, como barulho e velocidade de rede. Tal fato influenciou brandamente o experimento, visto que alguns participantes precisaram recarregar a página do software para que os estímulos na fase de EDS aparecessem, voltando assim para o início daquela determinada etapa. Contudo a aplicação do procedimento via internet foi um fator facilitador da pesquisa.

Dessa forma, conclui-se que a pesquisa foi producente em termos de aplicação do experimento com os respectivos resultados, mostrando eficácia do paradigma de equivalência para a averiguação da formação de atitude, bem como para a análise de problemas sociais, como o preconceito, generalizações discriminativas e estereótipos.

Experimento 9: Preconceito com Idosos no Mercado de Trabalho: estudo sobre transferência de função

Pesquisadora responsável: Manuela Amim Pires

Introdução

O avanço das tecnologias e as melhorias ocorridas no âmbito da saúde, tem proporcionado constante crescimento na população global de idosos, ocasionando em vários países, um aumento na expectativa de vida. A faixa etária de pessoas com 80 anos ou mais, corresponde a 19% da população mundial e é a que cresce mais rápido em diversas partes do mundo (Couto et al., 2009; Papalia, Olds & Feldman, 2013).

No Brasil e em outros países, a velhice é geralmente vista como indesejável, em função de uma juventude reforçada pela sociedade. As pessoas tentam evitar ou retardar o envelhecer, já que é um período discriminado, caracterizado principalmente por perdas e desvalorizado pelo mercado de trabalho (Bulla & Kaefer, 2003; Couto et al., 2009; Wajnman, Oliveira, & Oliveira, 2004).

A discriminação com base na idade das pessoas é chamada de idadismo, que associam a idade com características consideradas negativas. Se tratando dos idosos ele pode ser percebido em diversos contextos, através de estereótipos relacionados à idade, da discriminação na área profissional, de maus tratos, da fala, da segregação e de normas da sociedade (Papalia et al., 2013; Santos, 2019; Vieira, 2013).

No âmbito profissional, por mais que os idosos possuam mais experiência e possam passar esse conhecimento, por exemplo, aos funcionários mais jovens, eles são vistos como fracos e incapacitados para certos postos. Além disso, são automaticamente rotulados como sendo pessoas que terão menor rendimento, por causa do preconceito existente na sociedade (Bulla & Kaefer, 2003).

Em países como o Brasil, que valorizam mais a juventude, a disputa de pessoas da terceira idade por um posto de trabalho é de extrema dificuldade, principalmente após a aposentadoria. É possível afirmar que a sociedade alimenta uma contradição, já que considera a aposentadoria uma conquista do trabalhador e ao mesmo tempo, o idoso já desvalorizado pela sociedade per-

de ainda mais o seu valor após se aposentar, geralmente sendo considerado improdutivo e inútil (Bulla & Kaefer, 2003).

Conforme o exposto, o objetivo desta pesquisa é investigar, por meio do paradigma de equivalência, o efeito do emparelhamento de estímulos fotográficos de idosos em diferentes contextos de trabalho com estímulo fotográficos abstratos. Também é possível verificar se a atitude em relação aos estímulos neutros pode ser alterada após o pareamento dos mesmos com diferentes estímulos com significado pré-experimental, ou seja, se ocorre transferência de função.

Método

Delineamento experimental

Idêntico ao Experimento 2.

Participantes

A realização da seguinte pesquisa contou com 5 pessoas sendo 2 mulheres e 3 homens com idades entre 18 e 30 anos.

Procedimentos éticos

O experimento foi iniciado após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética do UniCEUB e a entrega dos TCLEs (Termos de Consentimento Livre e Esclarecido) às participantes, que foram lidos e assinados por elas. Posteriormente, após a entrega dos TCLEs assinados, foram definidos horário e data para a realização do experimento.

Local

Idêntico ao Experimento 2.

Recursos utilizados para a realização da pesquisa

Idêntico ao Experimento 2.

Imagens. Na pesquisa foram utilizados nove imagens, duas fotos de idosos em diferentes contextos de trabalho (A1 e B1) e sete figuras abstratas extraídas de Eilertsen e Arntzen (2020) (A3, B1, B2, B3, C1, C2 e C3).

Figura 1. estímulos utilizados no Experimento 9.

		
a1	a2	a3
		
b1	b2	b3
		
c1	c2	c3

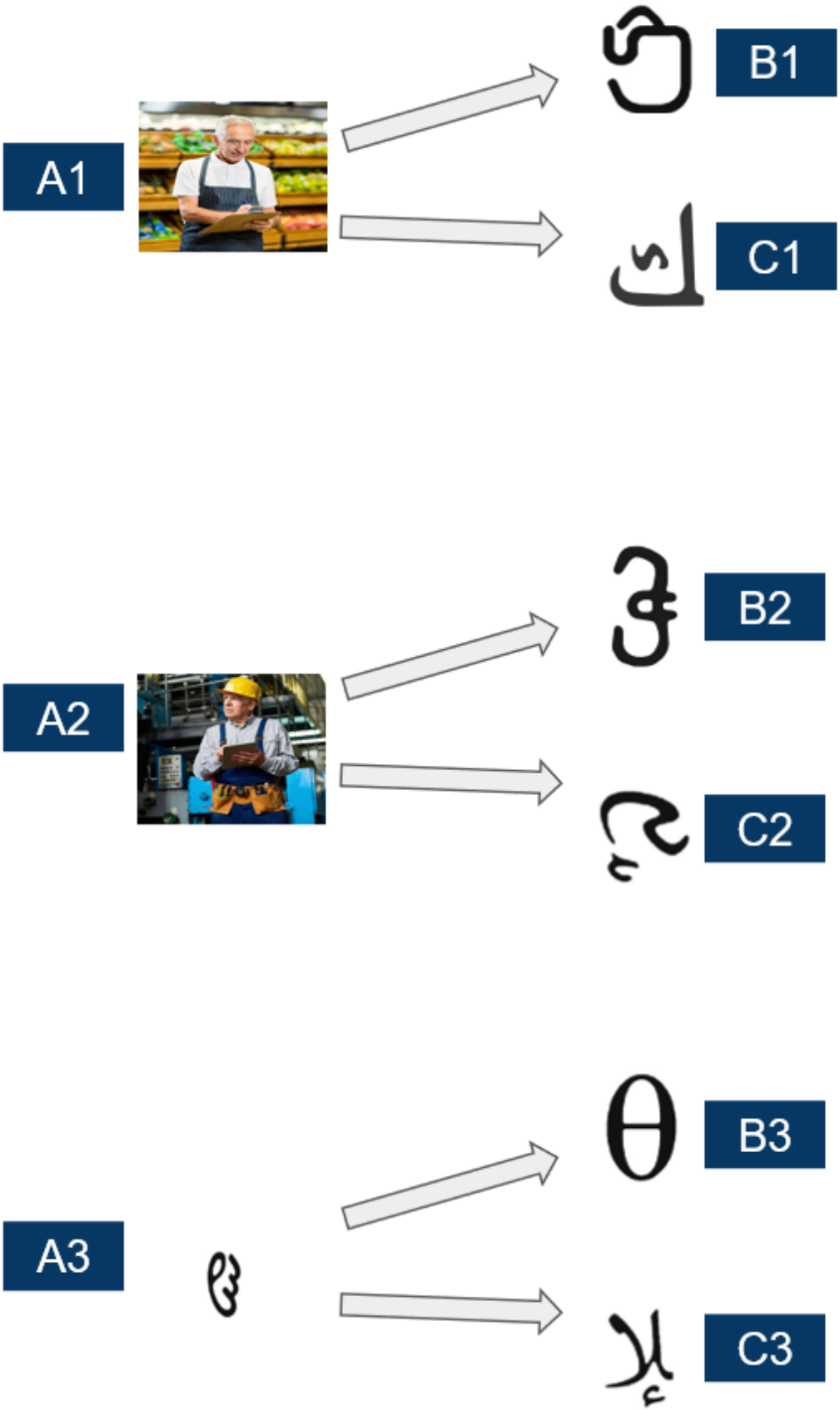
Procedimento de coleta de dados

Idêntico ao Experimento 8 (Figuras 2 e 3, mas sem as fichas de criminosos).

Figura 2. Sequência de eventos que compuseram uma tentativa no Treino AB/AC 100%



Figura 3. Discriminações condicionais ensinadas no Treino AB/AC 100%.


A1
B1
C1
A2
B2
C2
A3
B3
C3

Resultados

Resumo

A coleta de dados de cada participante foi realizada em uma sessão única. No Treino AB AC 100% a maioria dos participantes atingiu o critério, sendo que o participante 2 (P02), atingiu o tempo máximo da sessão. Já no Treino AB AC 80%, AB AC 20% e AB AC 0% todos os participantes atingiram o critério de aprendizagem esperado.

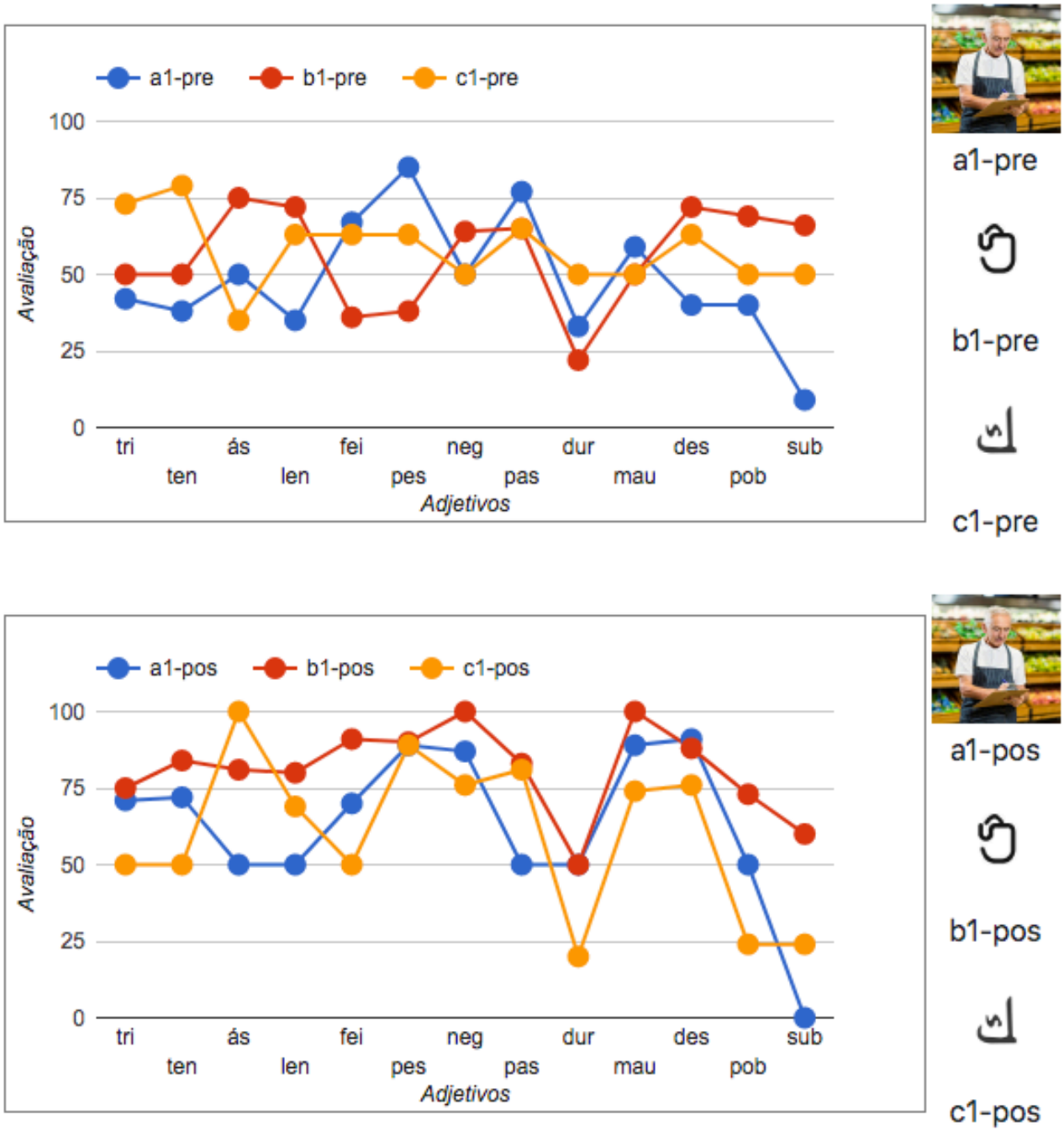
No Teste de Simetria, Transitividade e equivalência foram testadas as relações AB, AC, BA, BC, CA e CB. O participante 1 (P01) e o participante 3 (P03) obtiveram desempenho estável de 100% de acerto. O participante 5 (P05) cometeu apenas 1 erro na relação CB, atingindo 100% de acerto nas demais. Já P02 não obteve 100% de acertos em nenhuma relação, mas obteve mais de 70% de acerto em todas. O participante 4 obteve 100% de acerto em duas relações e nas demais obteve acerto maior que 86%. Apenas P02 não atingiu o critério mínimo de acertos totais para que fosse formada a classe de equivalência, possuindo 80% de acertos totais, os demais participantes obtiveram percentual de acertos acima de 93%.

A seguir, examinaremos em mais detalhes as avaliações nas Escalas de Diferencial Semântico no Pré-teste e Pós-teste para cada participante.

Participante 1

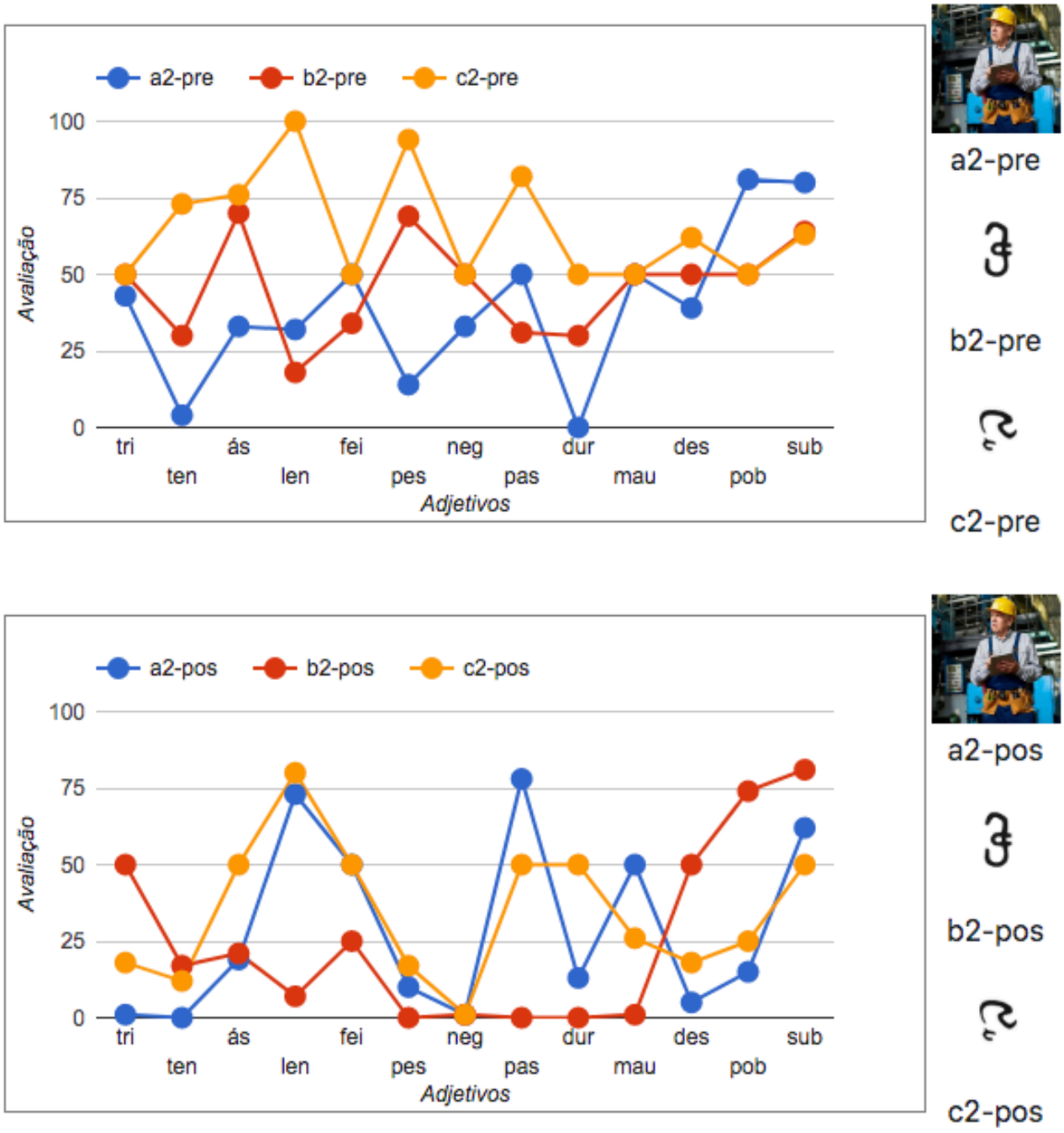
A Figura 4 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). Observa-se que no Pré-teste os estímulos obtiveram avaliações variadas. No Pós-teste, não fica evidente uma aproximação dos estímulos neutros (B1 e C1) do estímulo com significado pré-experimental (A1).

Figura 4. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 1.



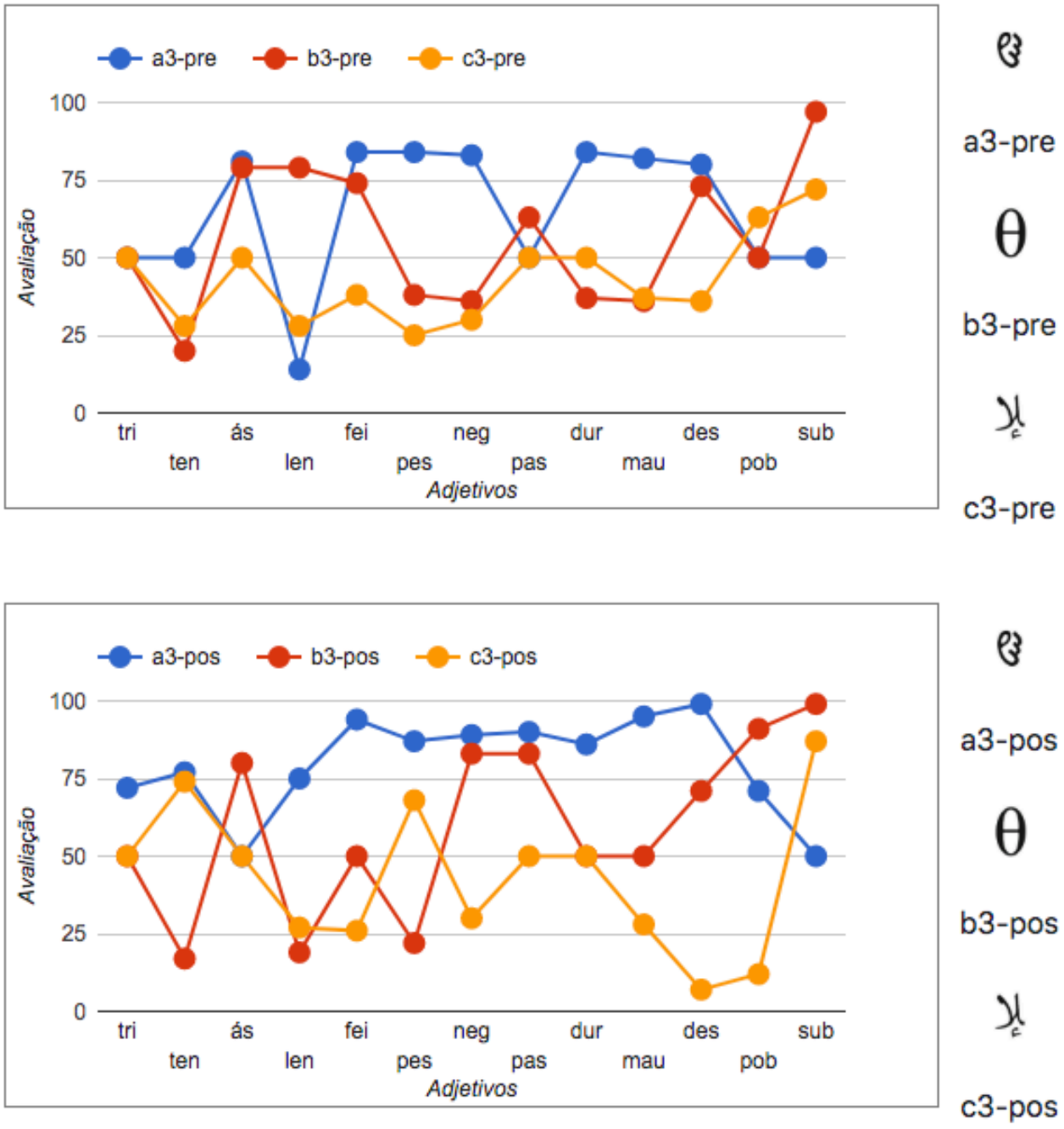
A Figura 5 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). Observa-se que no Pré-teste os três estímulos receberam avaliações diversas. No Pós-teste é possível observar uma pequena aproximação entre as três avaliações, especialmente ao observar A2 e C2.

Figura 5. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 1.



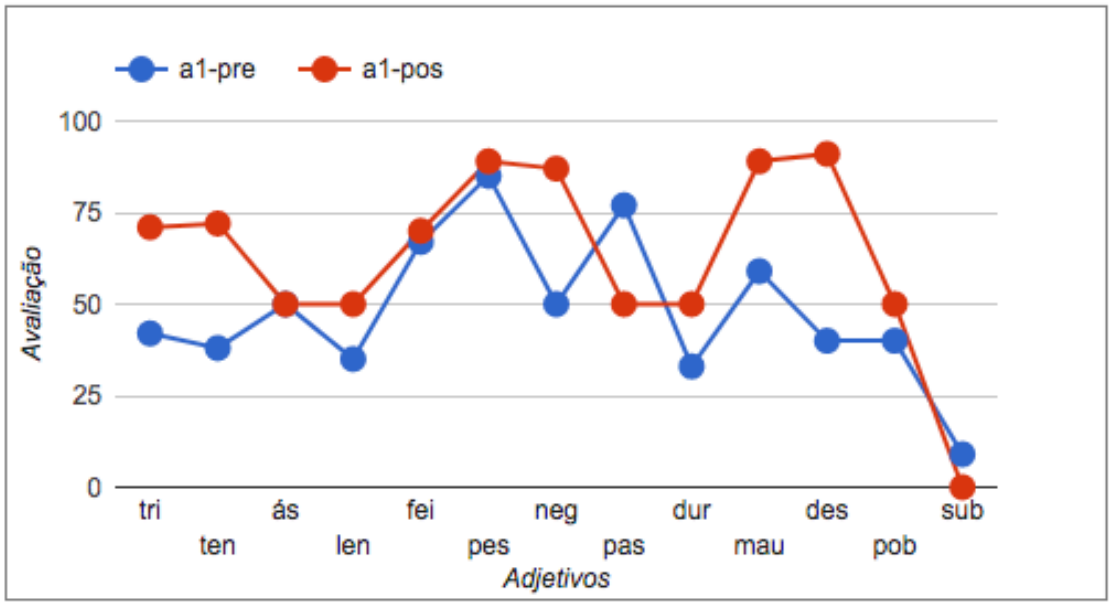
A Figura 6 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). No Pré-teste, o estímulo A3 obteve uma avaliação predominantemente positiva. Os estímulos B3 e C3 obtiveram avaliações diversas. Observa-se que, no Pós-teste, não é possível observar aproximação entre as avaliações.

Figura 6. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 1.



A Figura 7 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Percebe-se, no Pós-teste, que o estímulo B1 sofreu um aumento geral em sua avaliação, enquanto C1 recebe uma melhora de avaliação em alguns pontos e piora em outros.

Figura 7. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 1, comparados com eles mesmos.

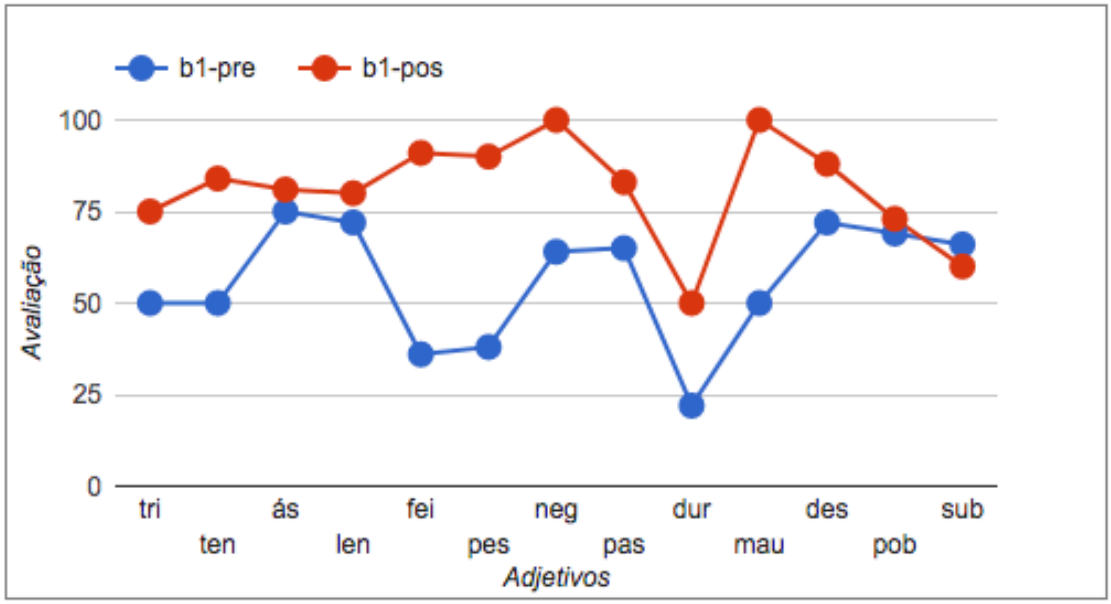




a1-pre



a1-pos

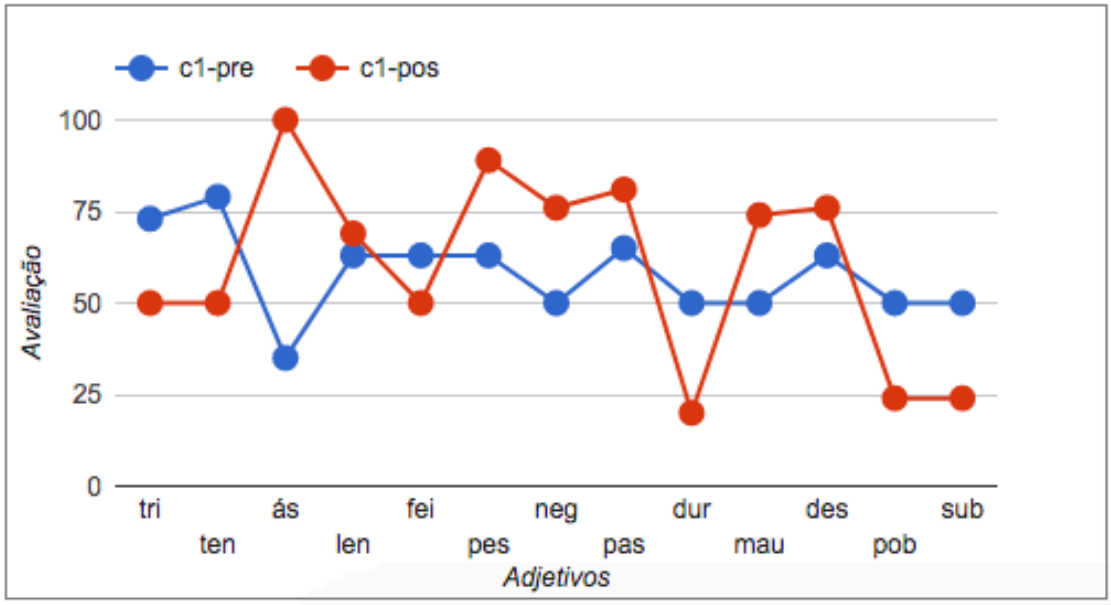




b1-pre



b1-pos





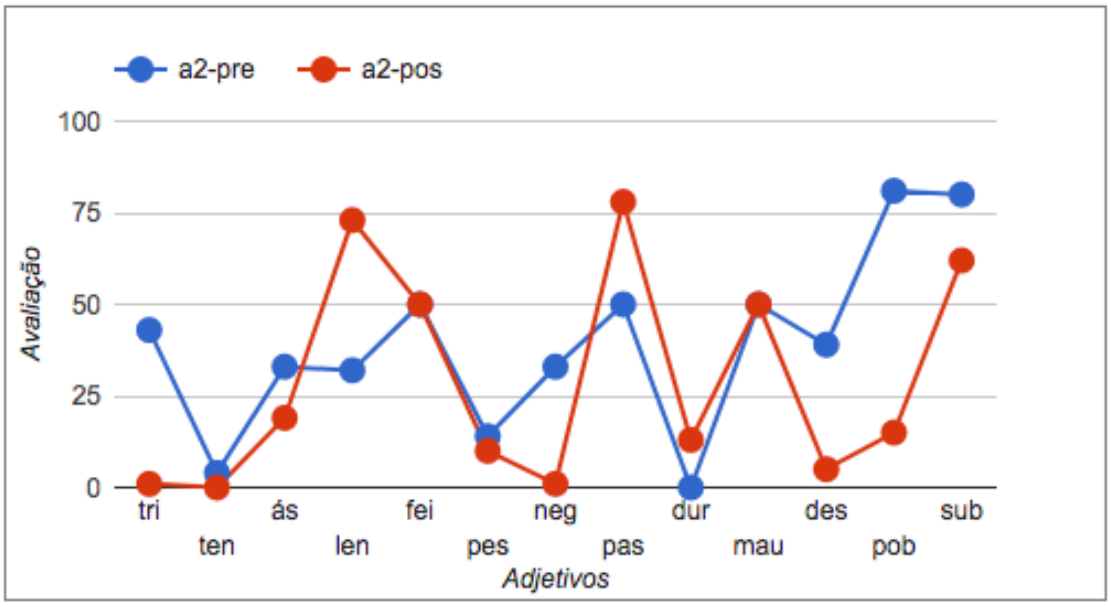
c1-pre



c1-pos

A Figura 8 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Observa-se que os dois estímulos neutros (B2 e C2) receberam uma avaliação mais negativa no Pós-teste.

Figura 8. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 do Participante 1 no Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

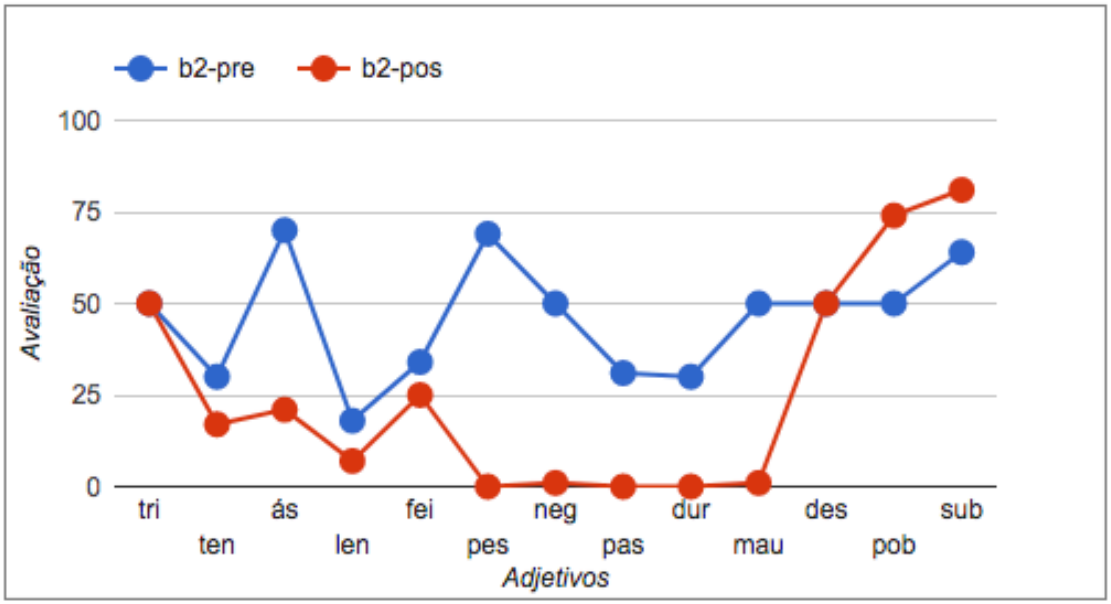




a2-pre



a2-pos

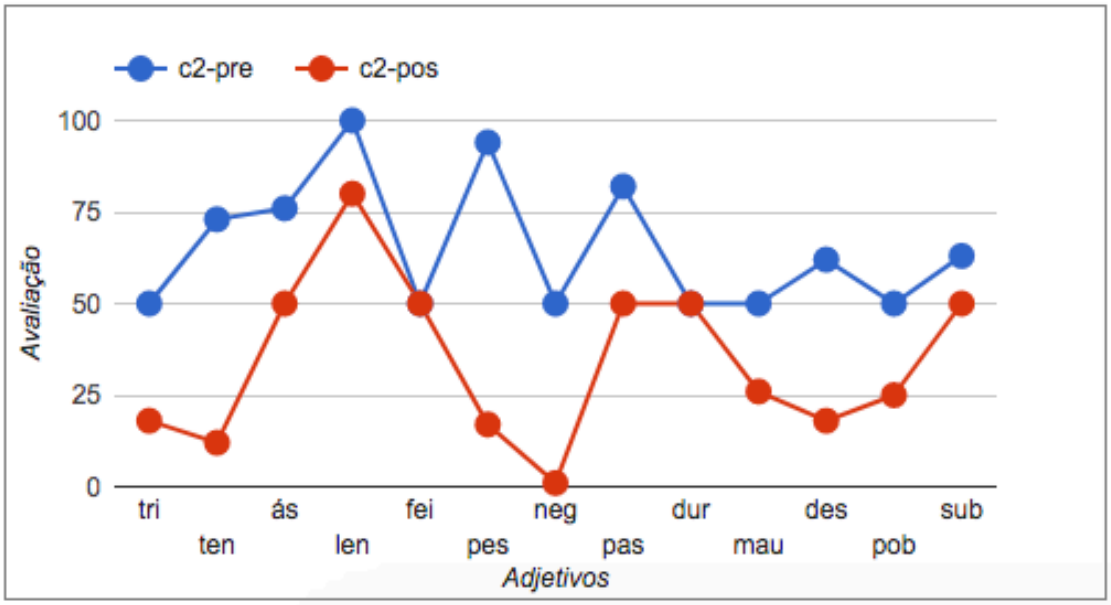




b2-pre



b2-pos





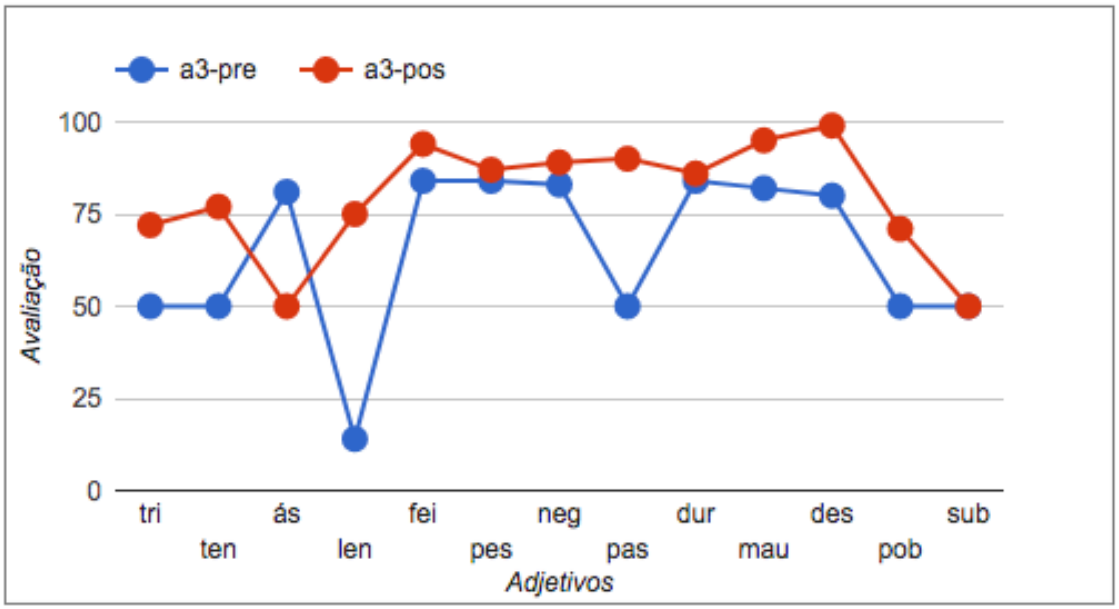
c2-pre



c2-pos

A Figura 9 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Há pouca variação entre as avaliações ao longo das duas fases do experimento.

Figura 9. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 do Participante 1 no Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

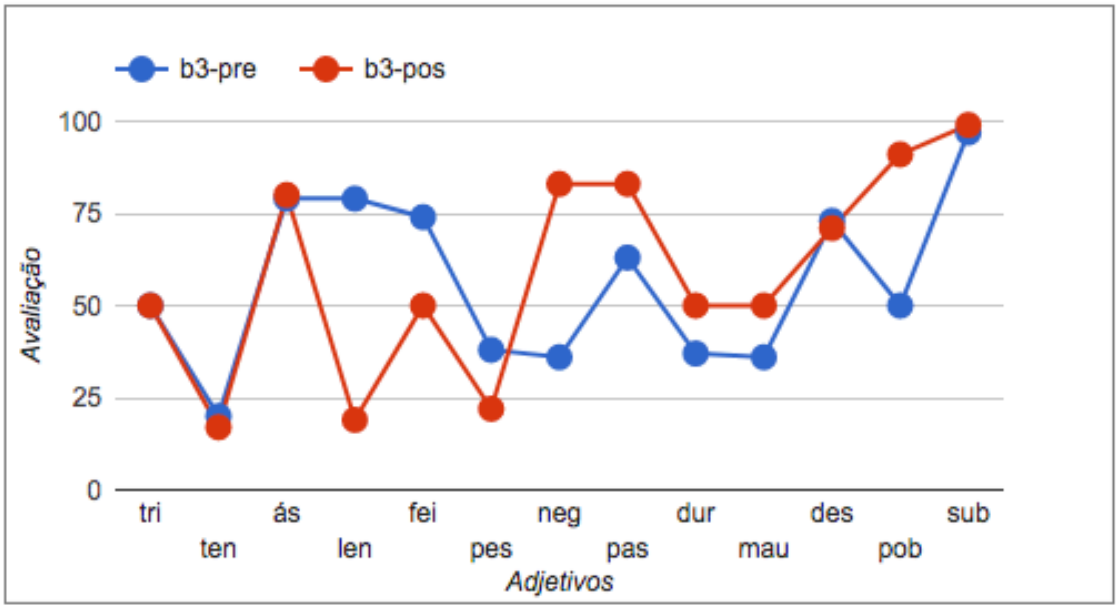


ৱ

a3-pre

ৱ

a3-pos

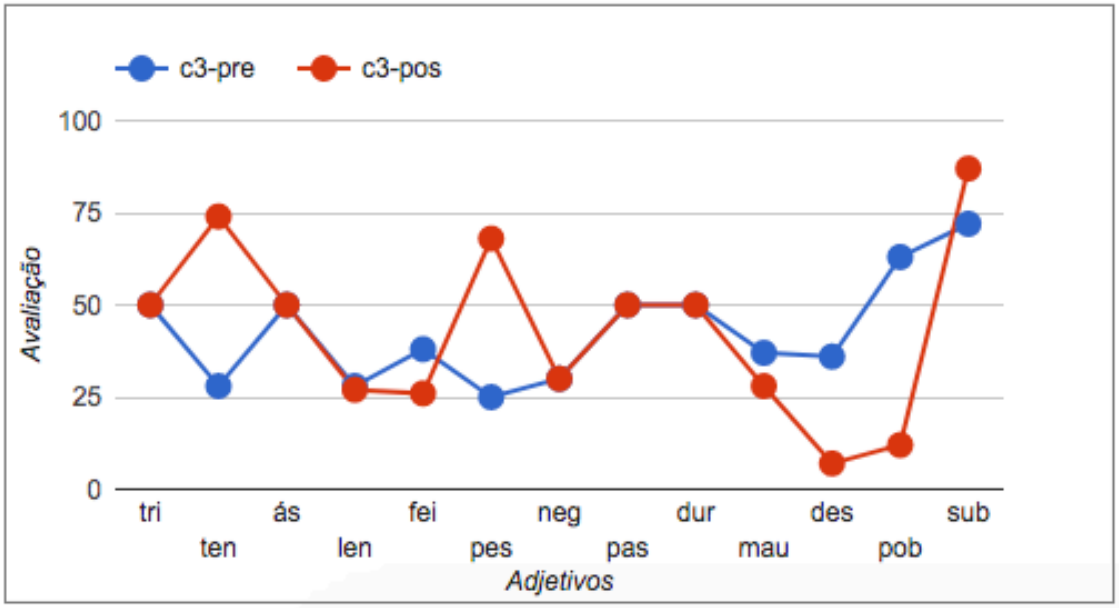


θ

b3-pre

θ

b3-pos



ৼ

c3-pre

ৼ

c3-pos

As figuras a seguir apresentam os graus de equivalência entre os estímulos no Pré-Teste e Pós-Teste. Para exemplificação, observa-se que o estímulo A1 e o estímulo B1 possuíam um grau de equivalência de 75% no Pré-Teste.

Figura 10. Grau de equivalência do Pré-Teste do Participante 1.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	74	76	75	82	74	81	79	78
a2	74	100	62	77	79	76	72	66	87
a3	76	62	100	75	78	72	75	75	71
b1	75	77	75	100	84	85	82	84	81
b2	82	79	78	84	100	79	79	80	86
b3	74	76	72	85	79	100	79	80	81
c1	81	72	75	82	79	79	100	86	77
c2	79	66	75	84	80	80	86	100	74
c3	78	87	71	81	86	81	77	74	100

Após a fase de emparelhamento de estímulos, observa-se que os estímulos A2 e B2 passaram a ter um grau de equivalência de 81%.

Figura 11. Grau de equivalência do Pós-Teste do Participante 1.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	49	83	81	46	65	78	59	66
a2	49	100	48	48	67	62	62	85	67
a3	83	48	100	90	40	64	73	54	58
b1	81	48	90	100	41	69	76	53	58
b2	46	67	40	41	100	66	48	68	66
b3	65	62	64	69	66	100	71	66	67
c1	78	62	73	76	48	71	100	64	65
c2	59	85	54	53	68	66	64	100	76
c3	66	67	58	58	66	67	65	76	100

Na figura abaixo, observa-se o grau de equivalência dos estímulos entre as duas fases do experimento, Pré-teste e Pós-teste. É possível notar que ao comparar a avaliação de A1 na primeira fase com o próprio A1 na segunda fase, não obteve-se 100% de equivalência. Esse fato demonstra uma variação na avaliação do estímulo, após o emparelhamento com os estímulos, em tese, sem significado pré-experimental. Esse fato merece investigação em estudos posteriores.

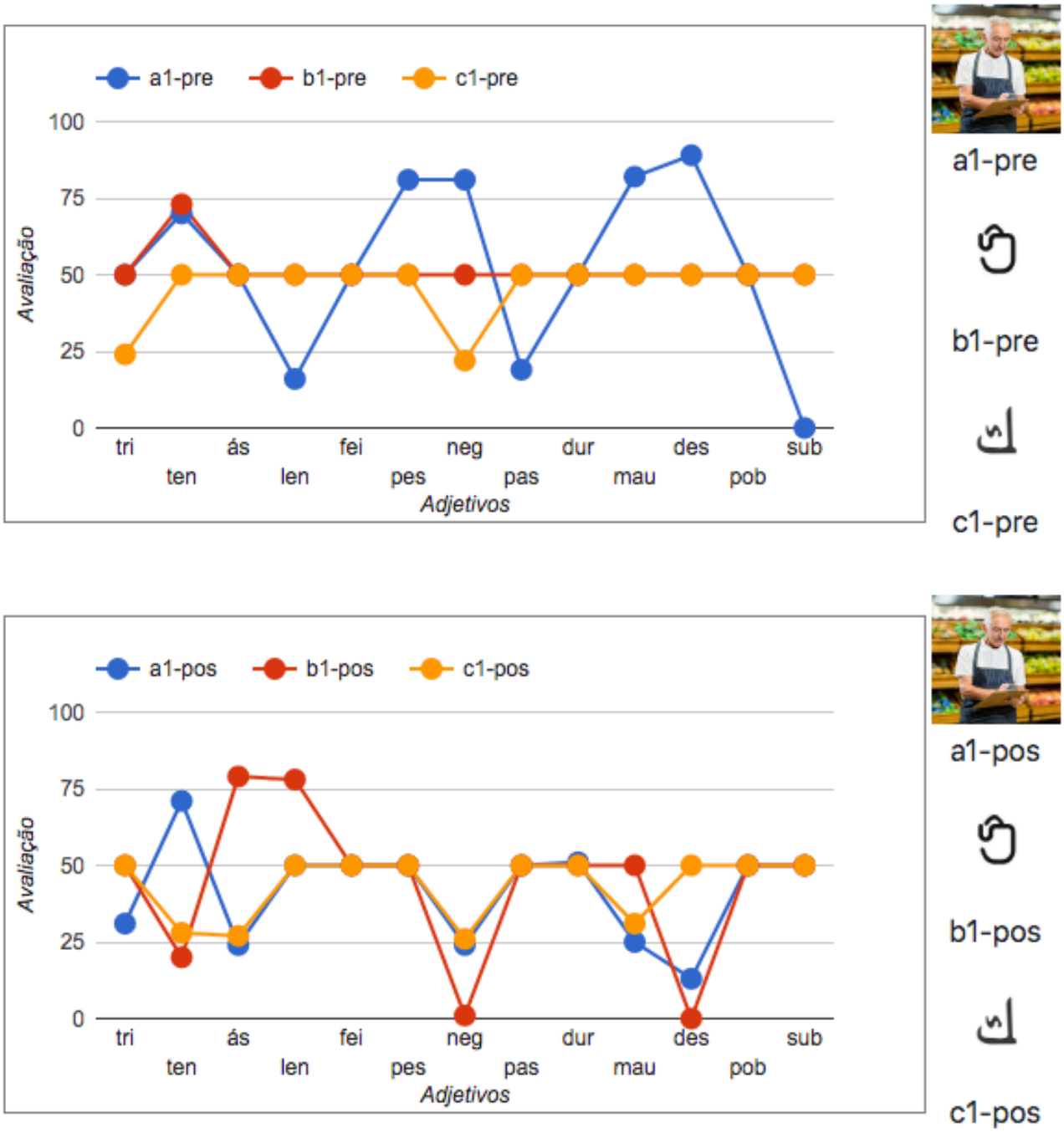
Figura 12. Grau de equivalência entre Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 1.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	80	67	68	67	58	70	81	70	74
a2	59	77	53	54	81	78	62	76	72
a3	82	49	80	78	52	74	79	59	67
b1	70	69	70	74	66	81	82	71	71
b2	70	65	61	64	73	78	74	71	79
b3	67	68	64	69	65	81	73	76	72
c1	82	66	78	77	59	71	75	71	76
c2	75	64	75	80	53	74	81	69	74
c3	67	71	60	60	77	80	65	82	84

Participante 2

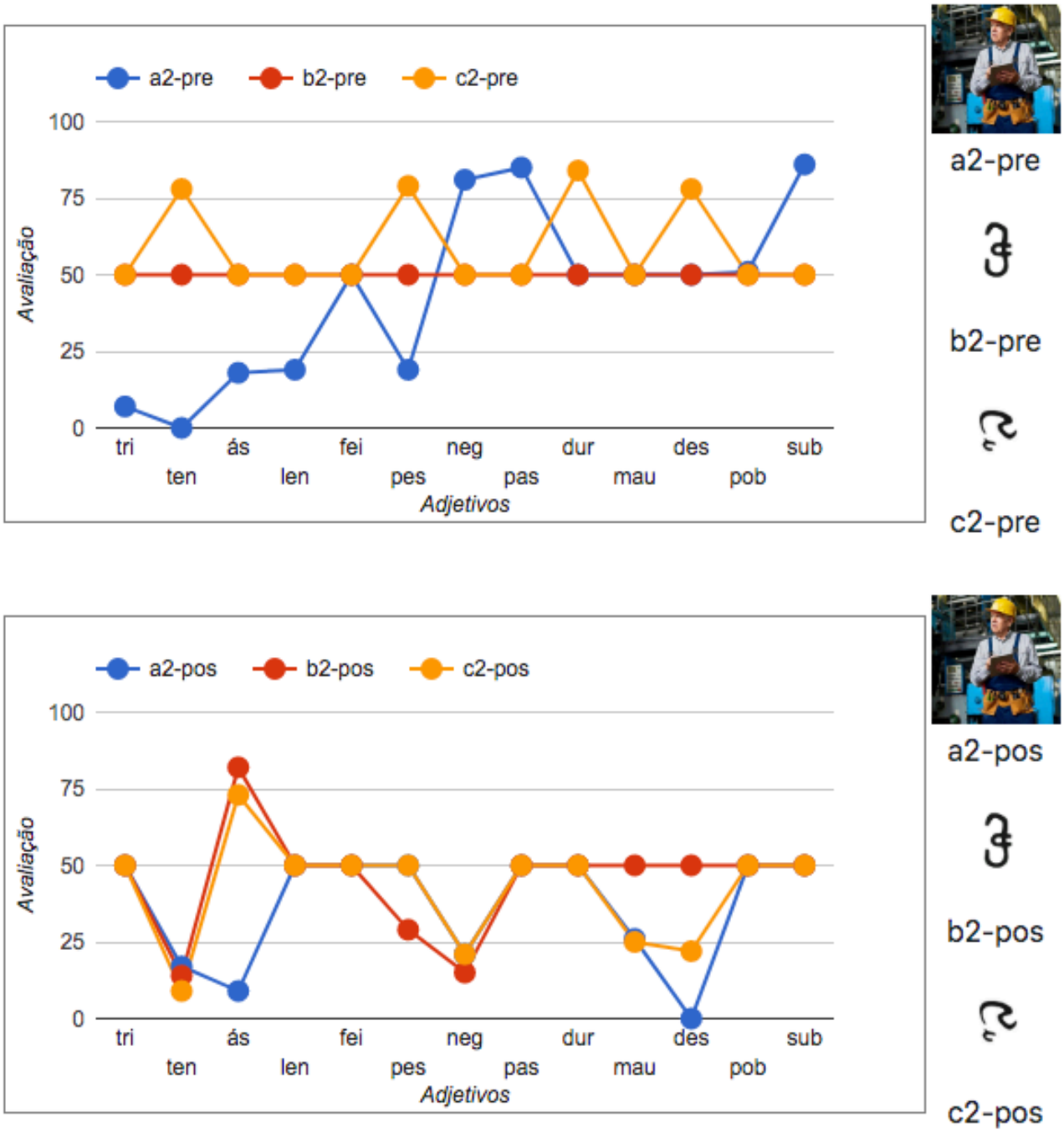
A Figura 13 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). Observa-se que, no Pré-teste, o estímulo A1 teve uma avaliação variada. Os estímulos B1 e C1 foram avaliados de forma neutra. No Pós-teste, é possível observar uma aproximação das avaliações, com sobreposição das linhas em diversos pontos.

Figura 13. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 2.



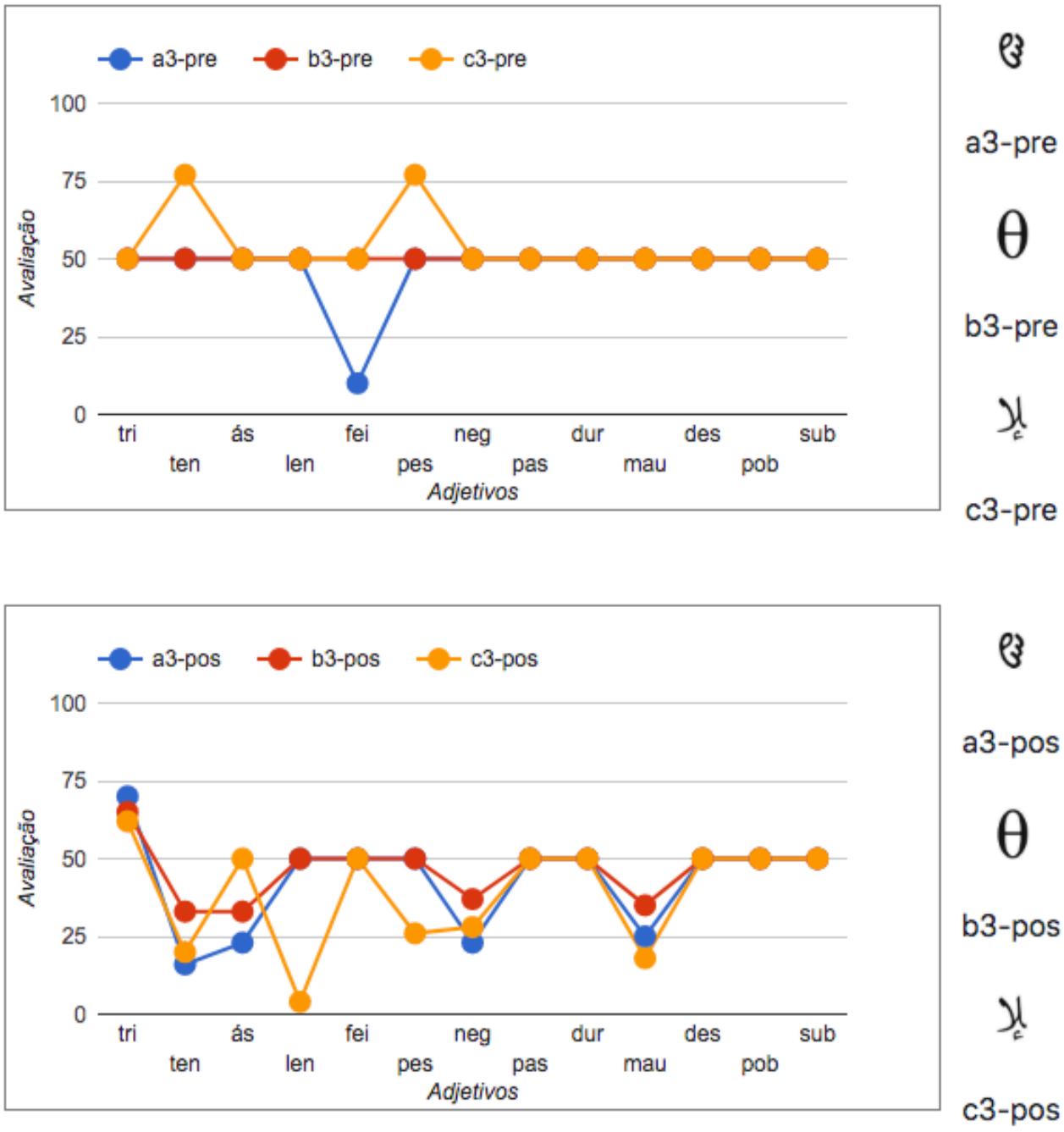
A Figura 14 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). Observa-se que, no Pré-teste, o estímulo A2 teve uma avaliação variada. Os estímulos B2 e C2 foram avaliados de forma neutra. No Pós-teste, é possível observar uma aproximação das avaliações, com sobreposição das linhas em diversos pontos.

Figura 14. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 2.



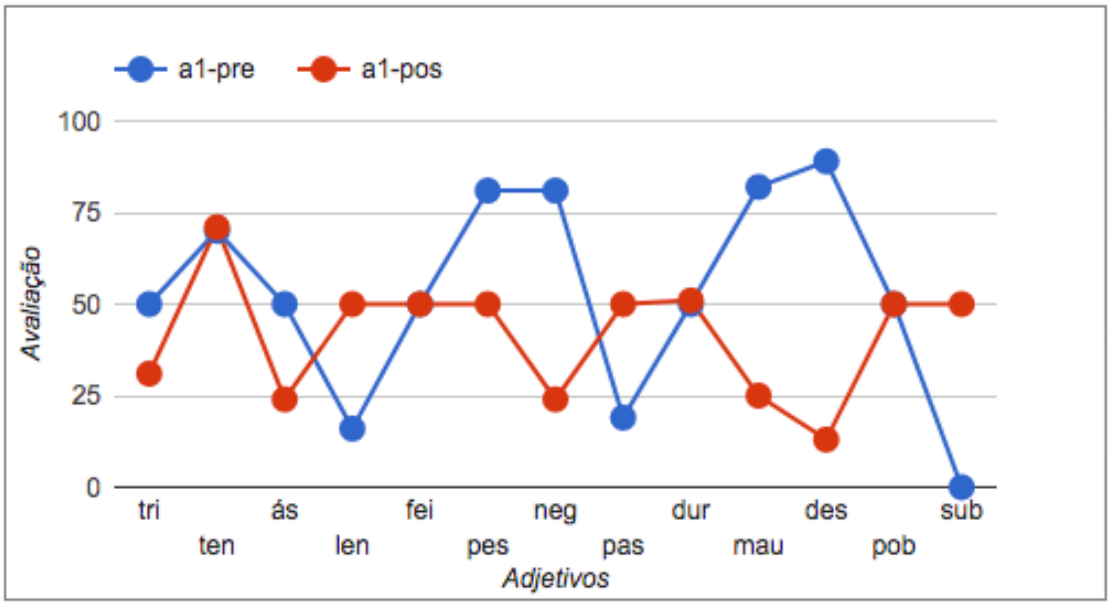
A Figura 15 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). No Pré-teste os três estímulos foram avaliados de forma neutra. No Pós-teste, os três estímulos sofrem uma pequena variação em suas avaliações, de forma semelhante.

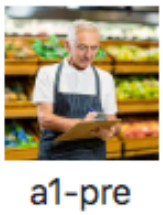
Figura 15. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 3.



A Figura 16 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. É possível observar no Pós-teste uma tendência à aproximação das avaliações dos estímulos, especialmente a partir do quarto par de adjetivos.

Figura 16. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 2, comparados com eles mesmos.

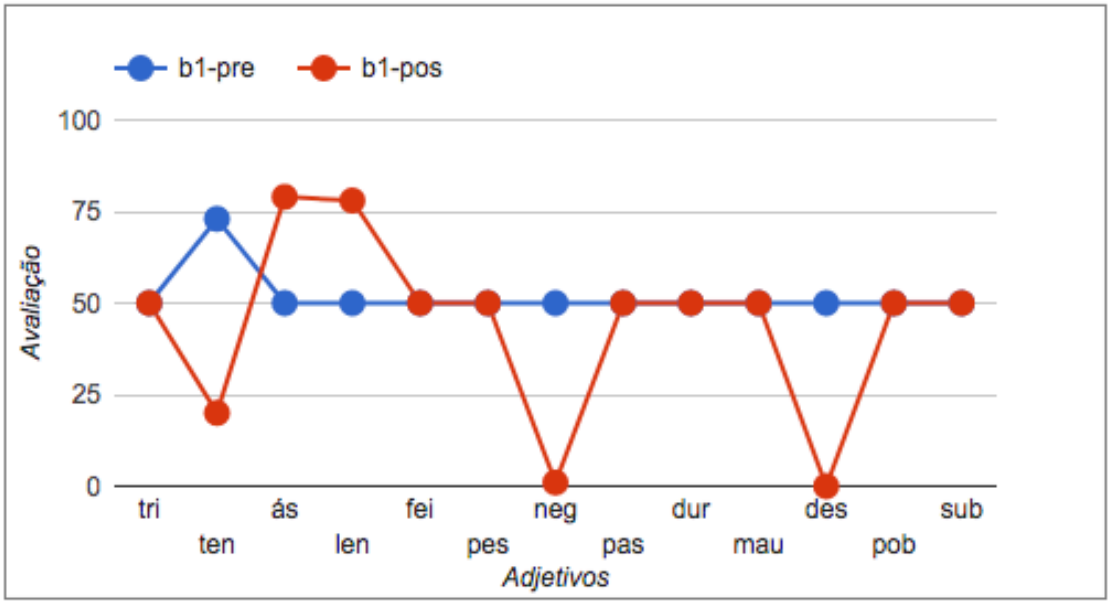




a1-pre



a1-pos

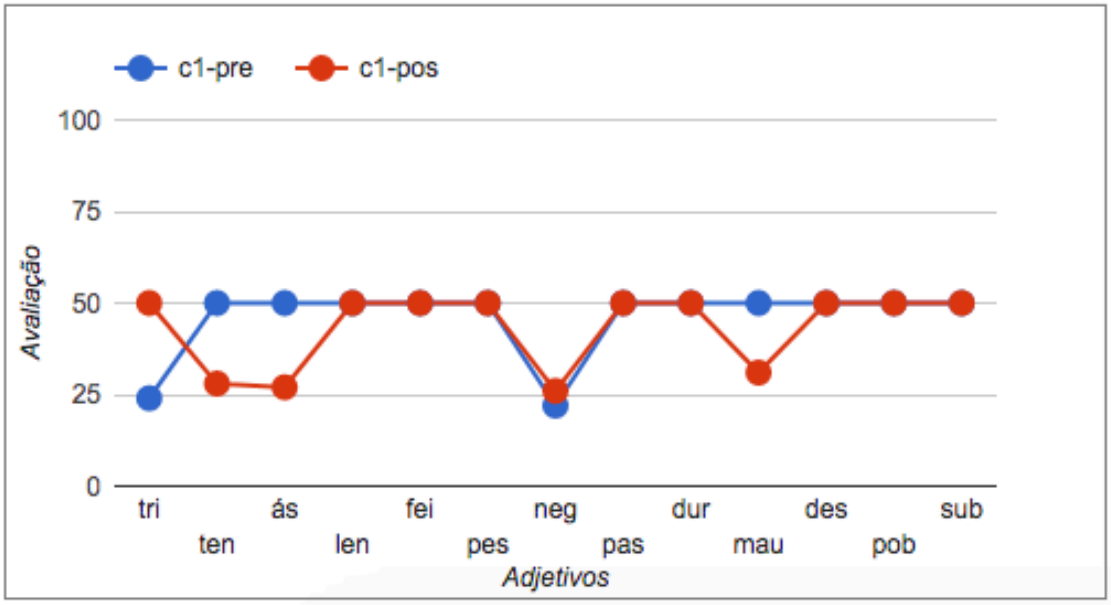




b1-pre



b1-pos





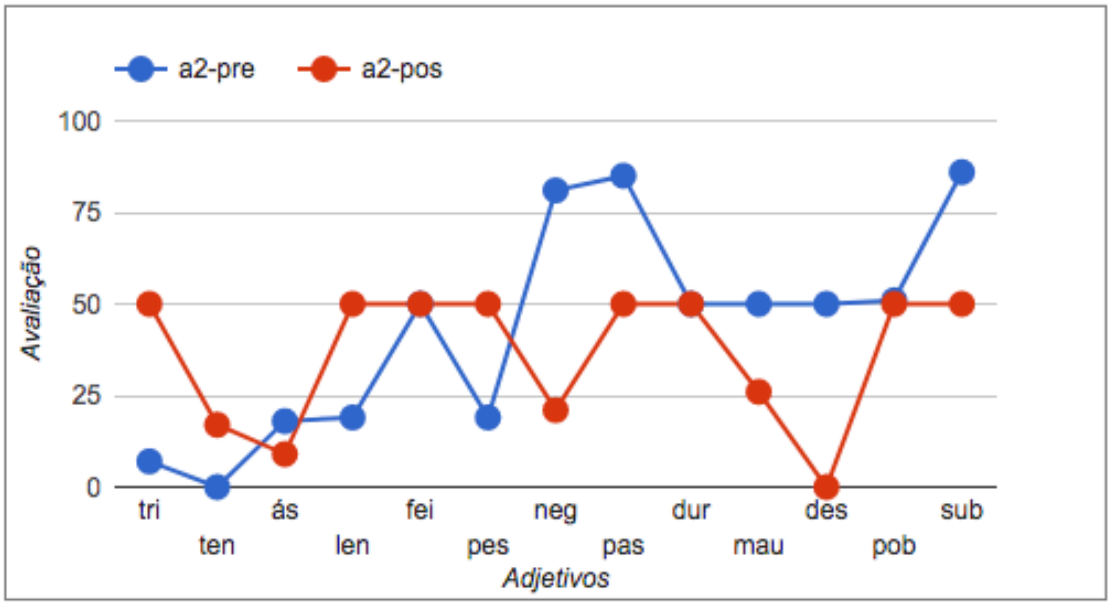
c1-pre



c1-pos

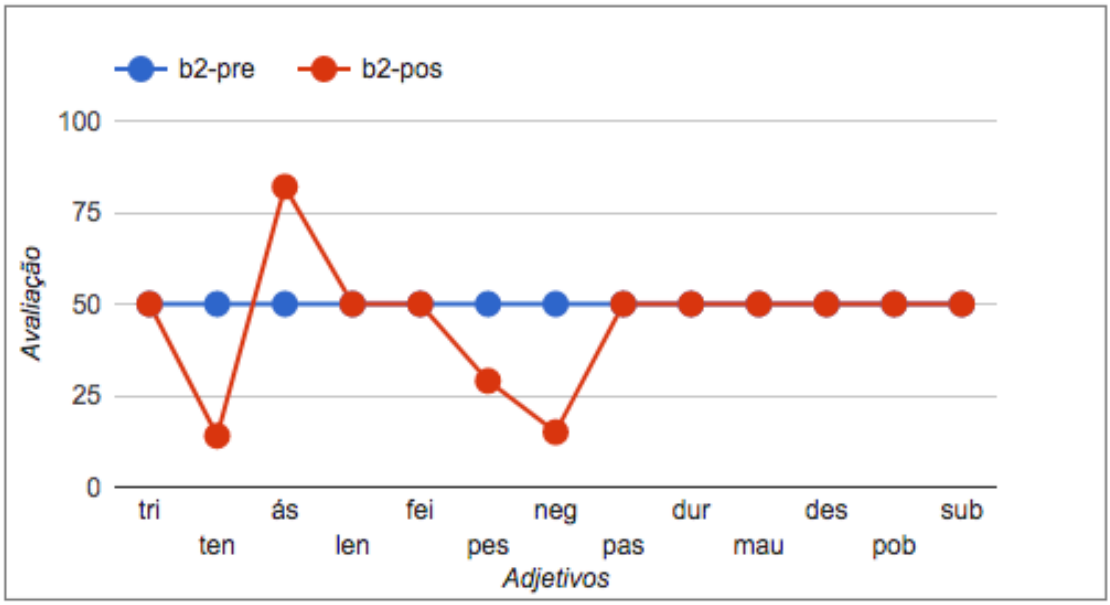
A Figura 17 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. É possível observar no Pós-teste uma tendência à aproximação das avaliações dos estímulos, especialmente a partir do quarto par de adjetivos.

Figura 17. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 2, comparados com eles mesmos.



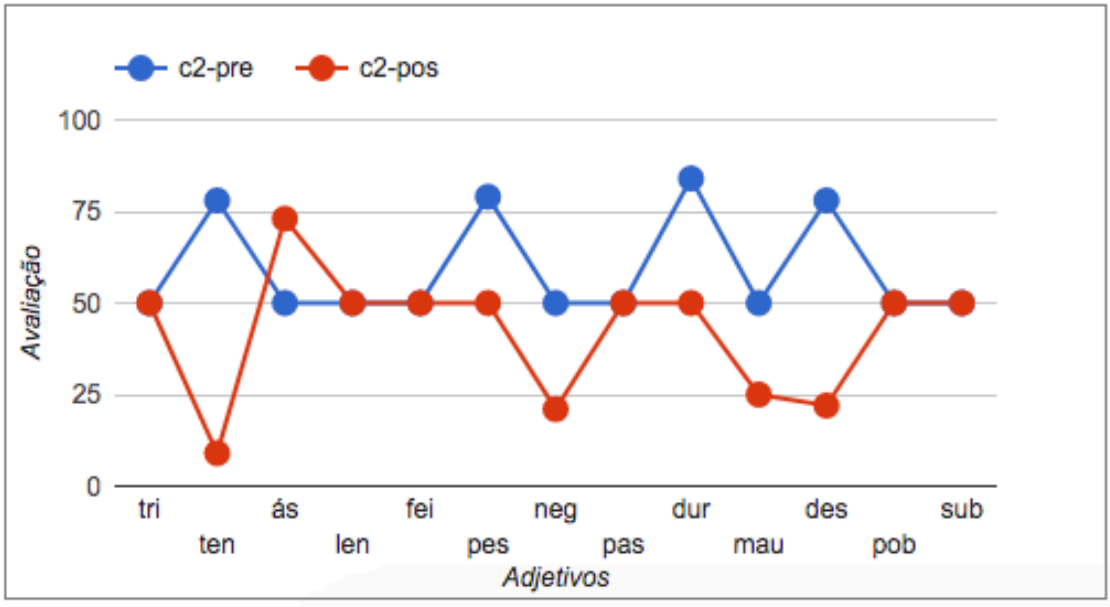

a2-pre


a2-pos




b2-pre


b2-pos

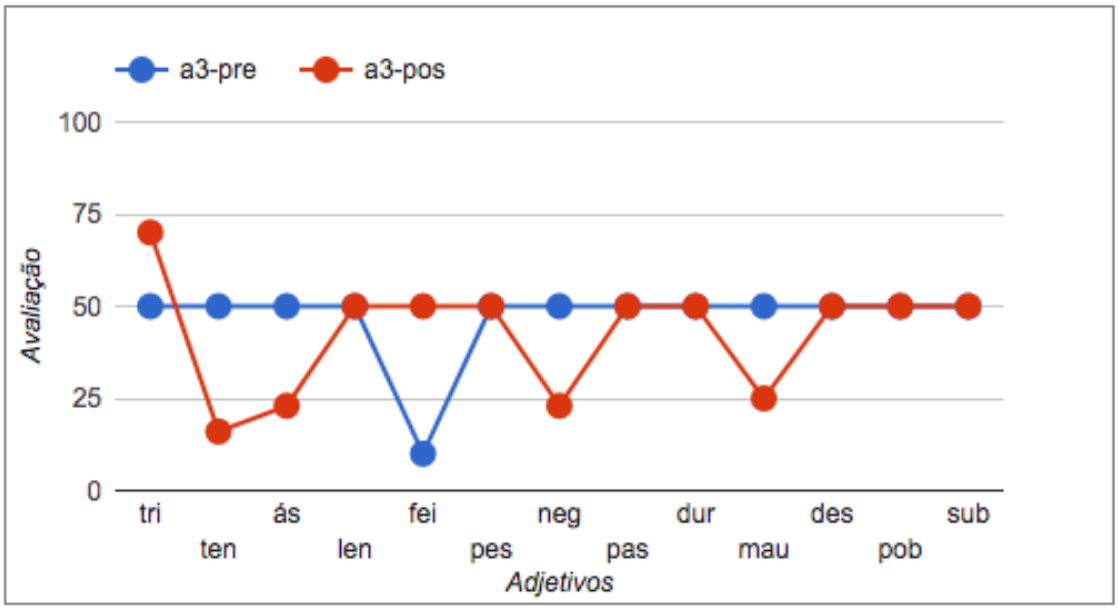



c2-pre


c2-pos

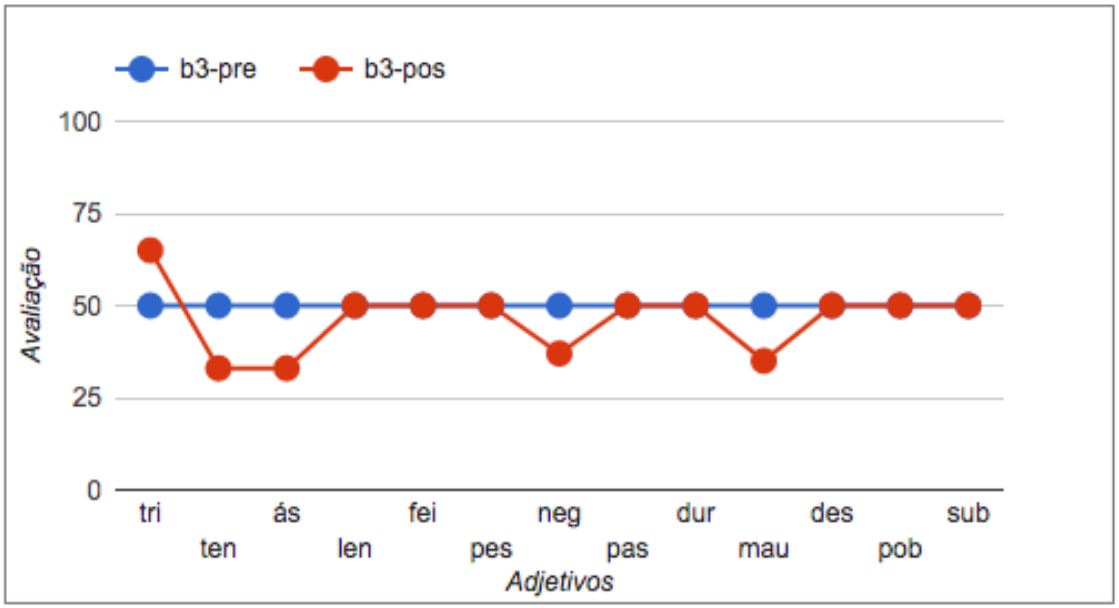
A Figura 18 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). É possível observar uma aproximação nas tendências das avaliações dos três estímulos.

Figura 18. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 2, comparados com eles mesmos.



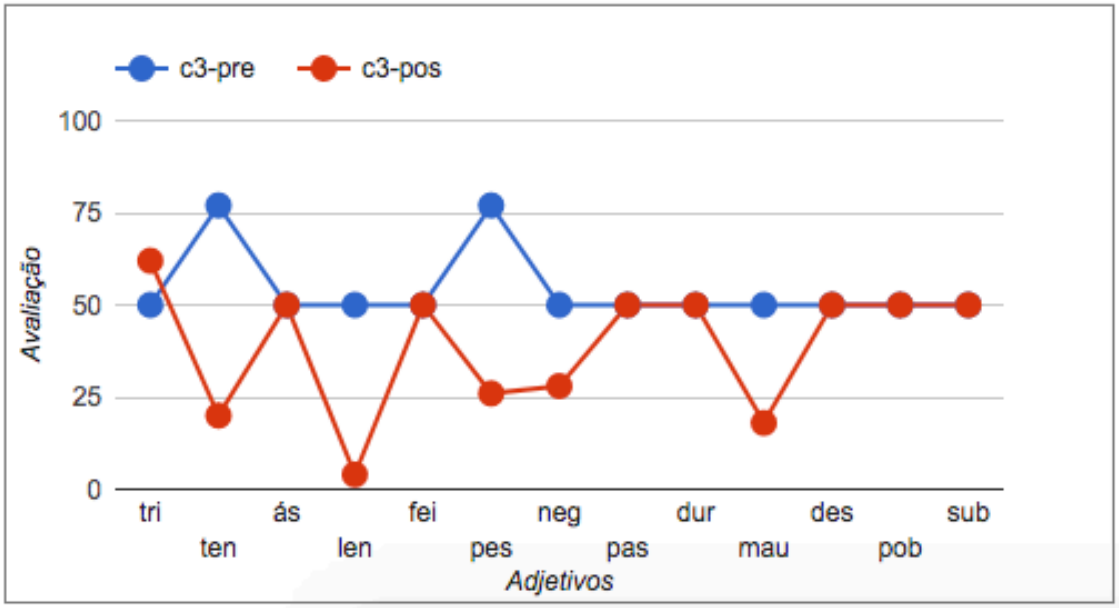
a3-pre

a3-pos



b3-pre

b3-pos



c3-pre

c3-pos

A figura abaixo apresenta o grau de equivalência entre os estímulos no Pré-Teste. Como exemplo, observa-se a equivalência entre os estímulos A1 e B1 que, inicialmente, possuíam 81% de equivalência.

Figura 19. Grau de equivalência do Pré-Teste do Participante 2

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	67	76	81	79	79	75	82	82
a2	67	100	75	76	78	78	78	69	74
a3	76	75	100	95	97	97	93	88	93
b1	81	76	95	100	98	98	94	93	98
b2	79	78	97	98	100	100	96	91	96
b3	79	78	97	98	100	100	96	91	96
c1	75	78	93	94	96	96	100	87	92
c2	82	69	88	93	91	91	87	100	95
c3	82	74	93	98	96	96	92	95	100

Na figura abaixo, observa-se a modificação no grau de equivalência após o emparelhamento dos estímulos entre os estímulos A1 e B1, que passou a ser de 83%.

Figura 20. Grau de equivalência do Pós-Teste do Participante 2

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	92	90	83	83	89	91	89	83
a2	92	100	93	89	86	90	93	93	85
a3	90	93	100	84	90	96	97	92	91
b1	83	89	84	100	91	84	86	91	81
b2	83	86	90	91	100	89	91	93	89
b3	89	90	96	84	89	100	97	90	90
c1	91	93	97	86	91	97	100	92	90
c2	89	93	92	91	93	90	92	100	88
c3	83	85	91	81	89	90	90	88	100

Na figura abaixo, observa-se o grau de equivalência dos estímulos entre as duas fases do experimento, Pré-teste e Pós-teste. É possível notar que ao comparar a avaliação de A1 na primeira fase com o próprio A1 na segunda fase, não obteve-se 100% de equivalência. Esse fato demonstra uma variação na avaliação do estímulo, após o emparelhamento com os estímulos, em tese, sem significado pré-experimental. Esse fato merece investigação em estudos posteriores.

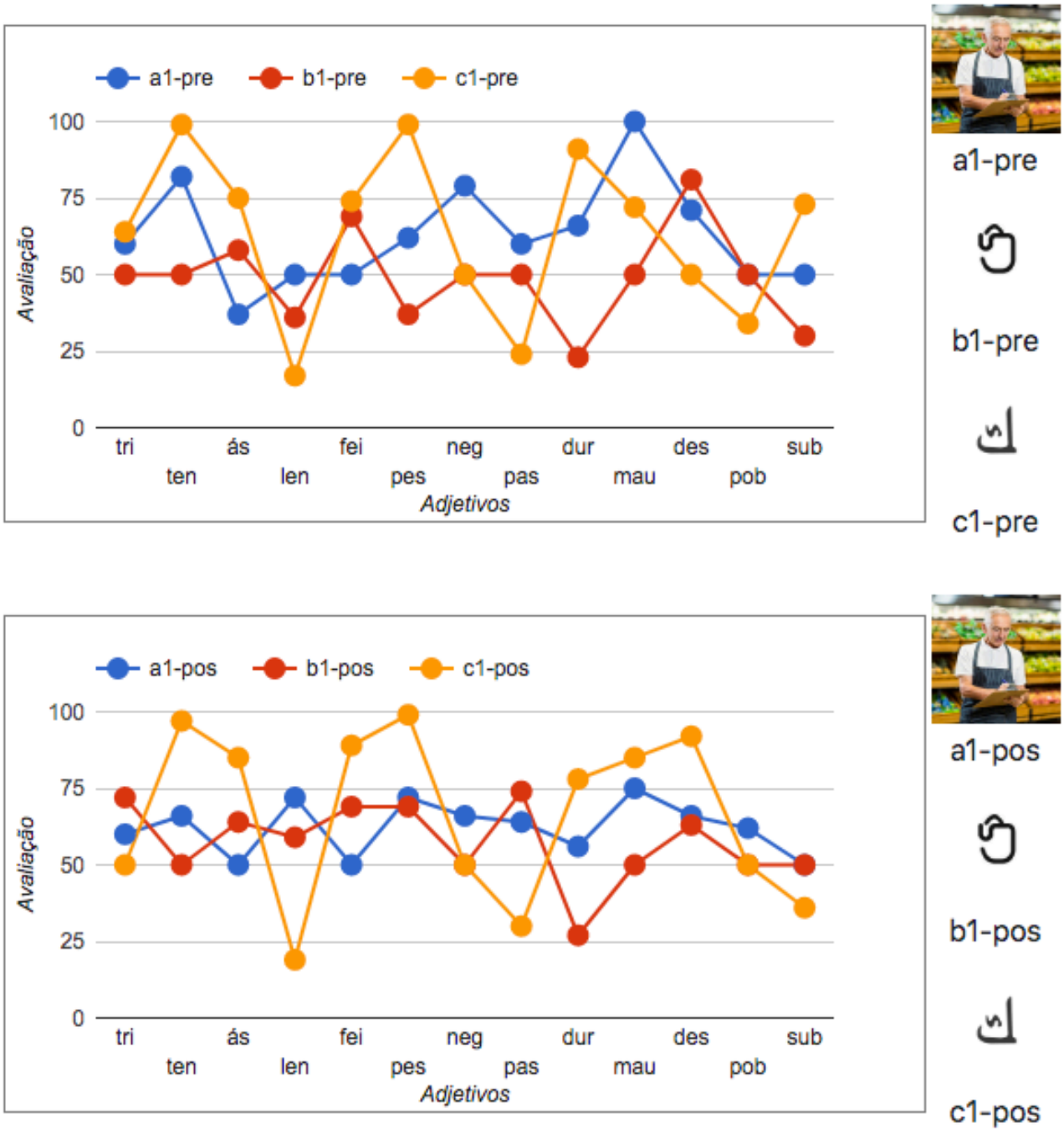
Figura 21. Grau de equivalência entre Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 2

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	71	66	69	65	70	73	73	68	72
a2	73	74	77	68	77	77	78	73	78
a3	85	83	87	83	87	91	90	86	84
b1	90	85	88	84	89	92	91	87	85
b2	88	86	90	86	90	94	93	89	87
b3	88	86	90	86	90	94	93	89	87
c1	91	87	90	86	91	92	93	89	86
c2	82	77	81	77	81	85	84	80	78
c3	87	82	86	82	86	90	89	85	83

Participante 3

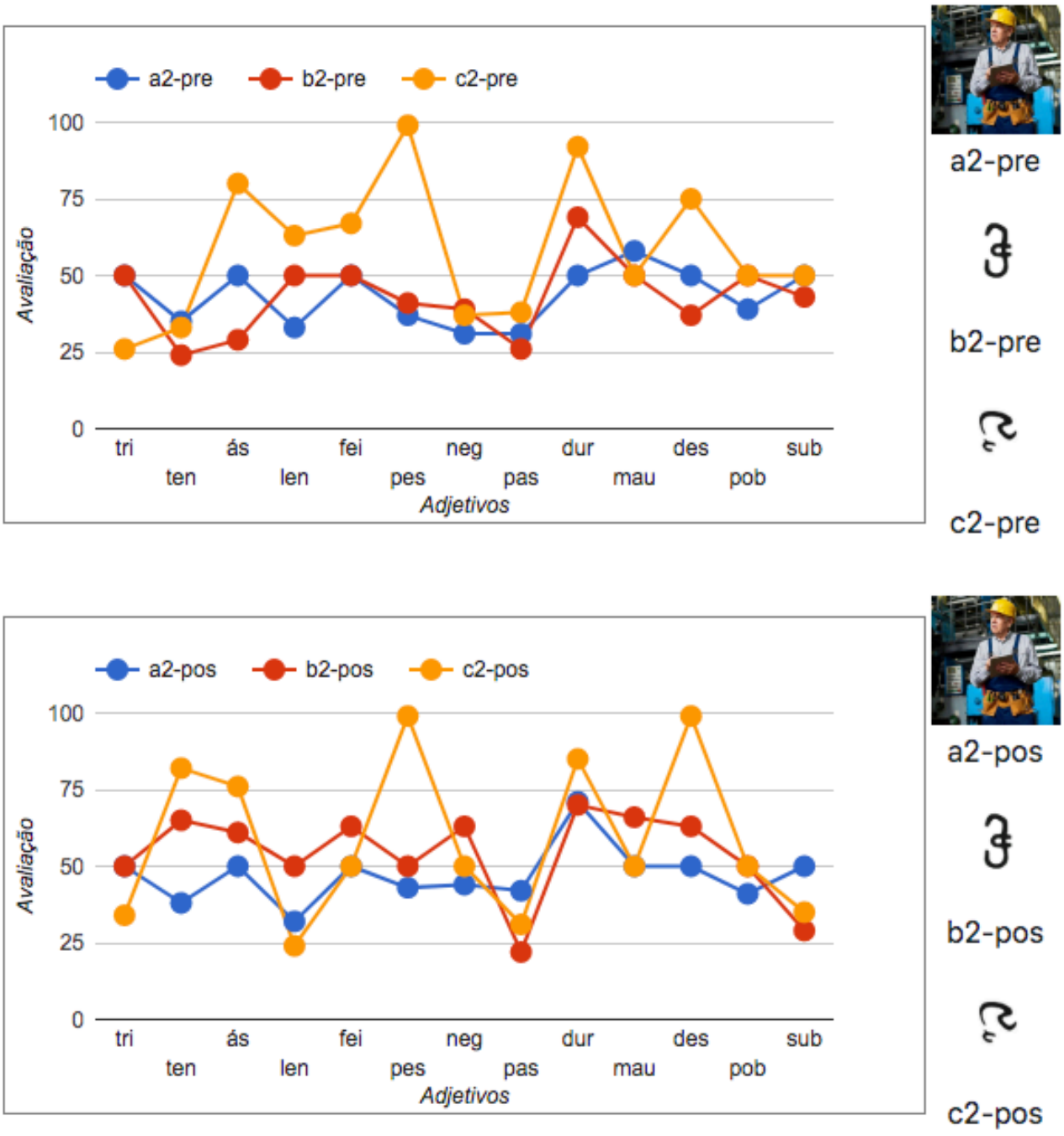
A Figura 22 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). Verificou-se no Pré-teste que os estímulos receberam avaliações variadas. No Pós-teste, observa-se uma discreta aproximação entre as avaliações de A1 e B1, porém não é possível observar o mesmo para a avaliação do estímulo C1.

Figura 22. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 3.



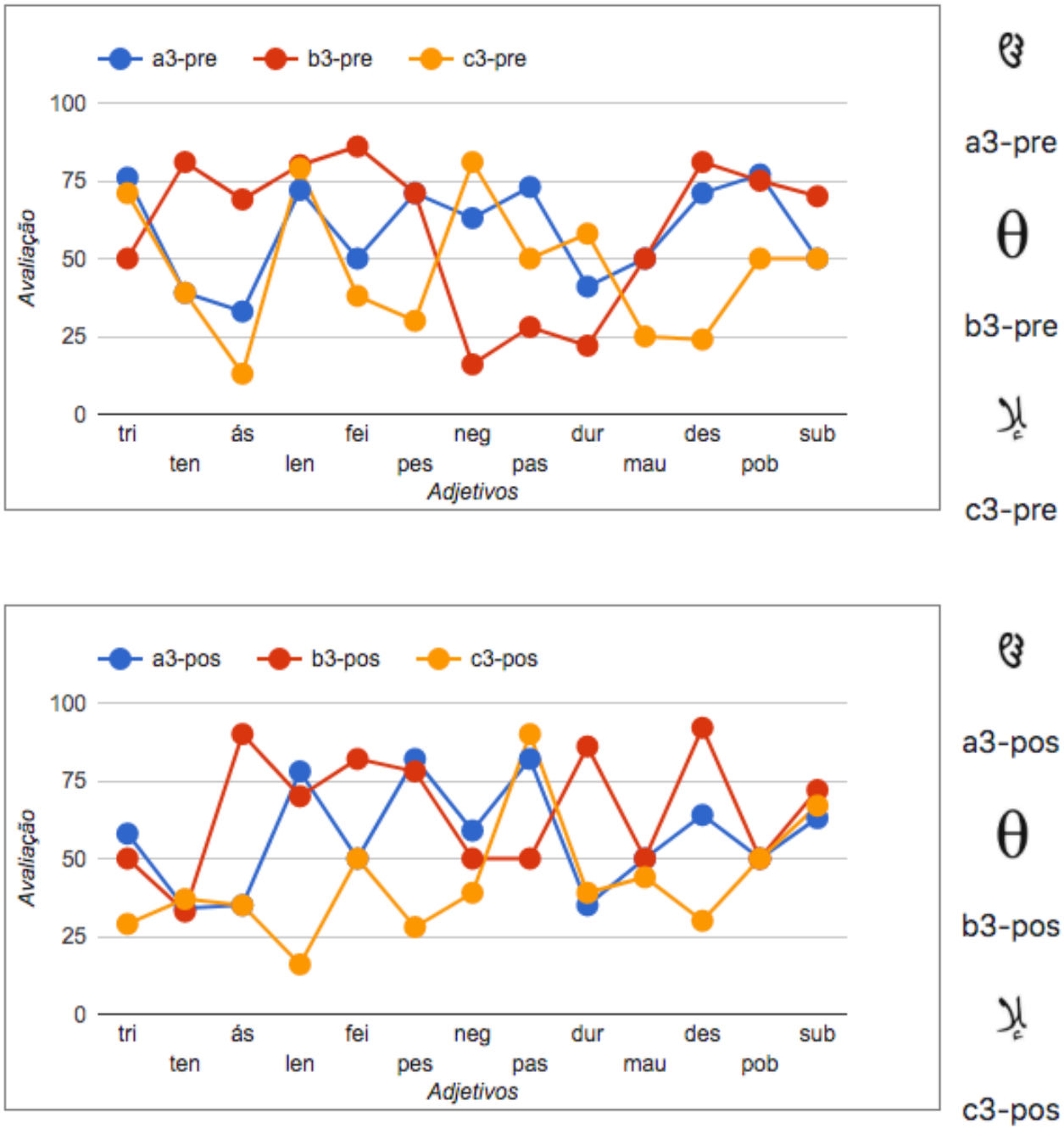
A Figura 23 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). Verificou-se no Pré-teste que os estímulos obtiveram avaliações variadas, enquanto no Pós-teste percebe-se mudança nas avaliações, porém é necessário avaliar o GE para afirmar se há formação de classe de equivalência entre os estímulos.

Figura 23. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 3.



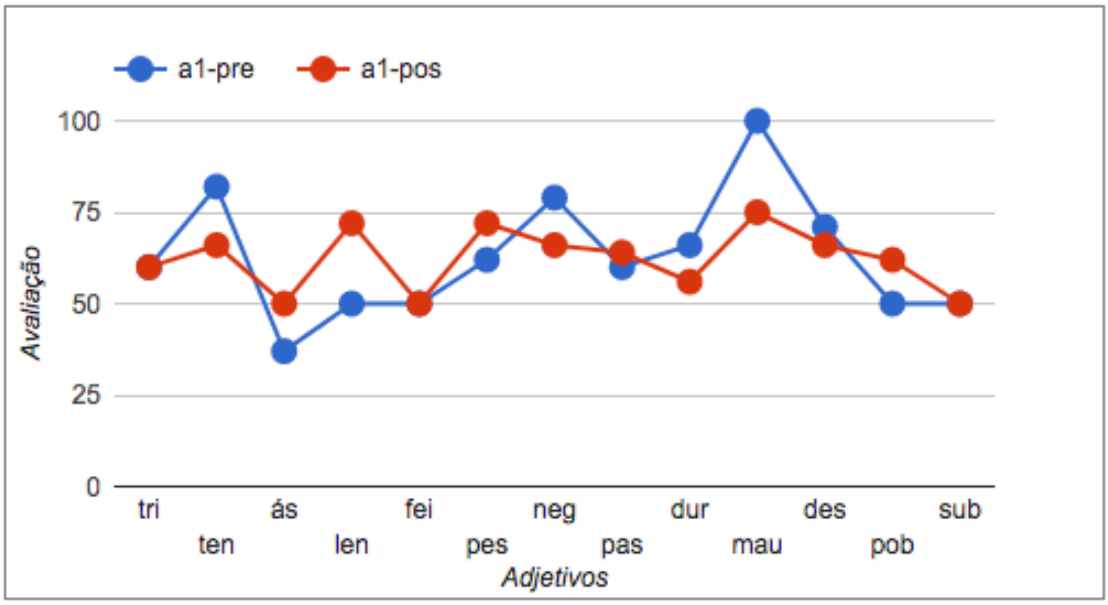
A Figura 24 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Verificou-se no Pré-teste que os estímulos obtiveram avaliações variadas. Não é possível observar uma aproximação entre as avaliações dos estímulos.

Figura 24. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 3.



A Figura 25 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Percebe-se que não há variações significativas nas avaliações dos estímulos entre as fases do experimento.

Figura 25. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 3, comparados com eles mesmos.

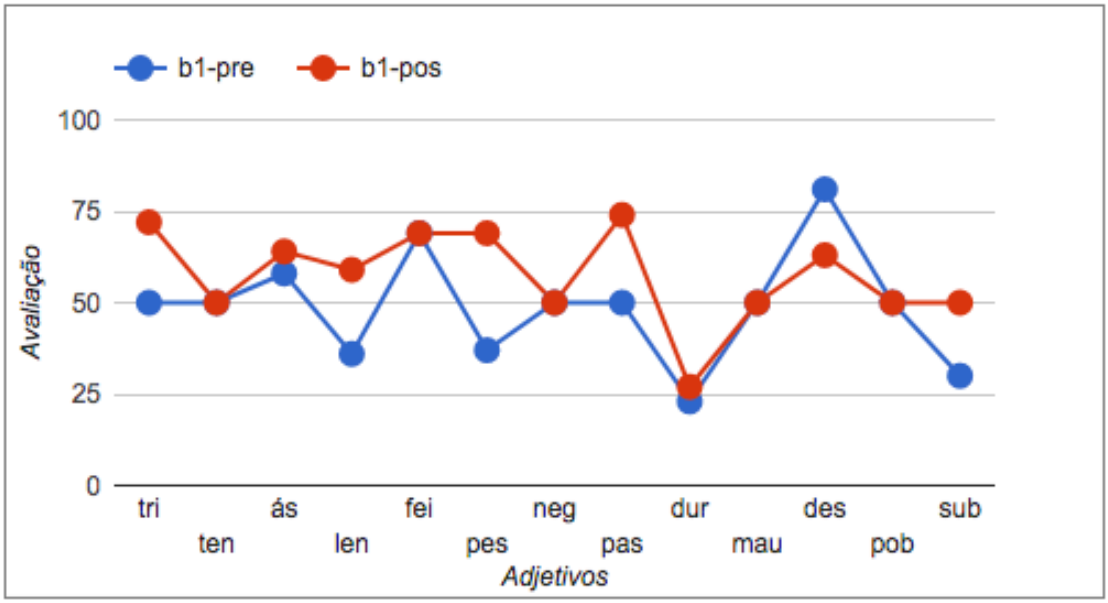




a1-pre



a1-pos

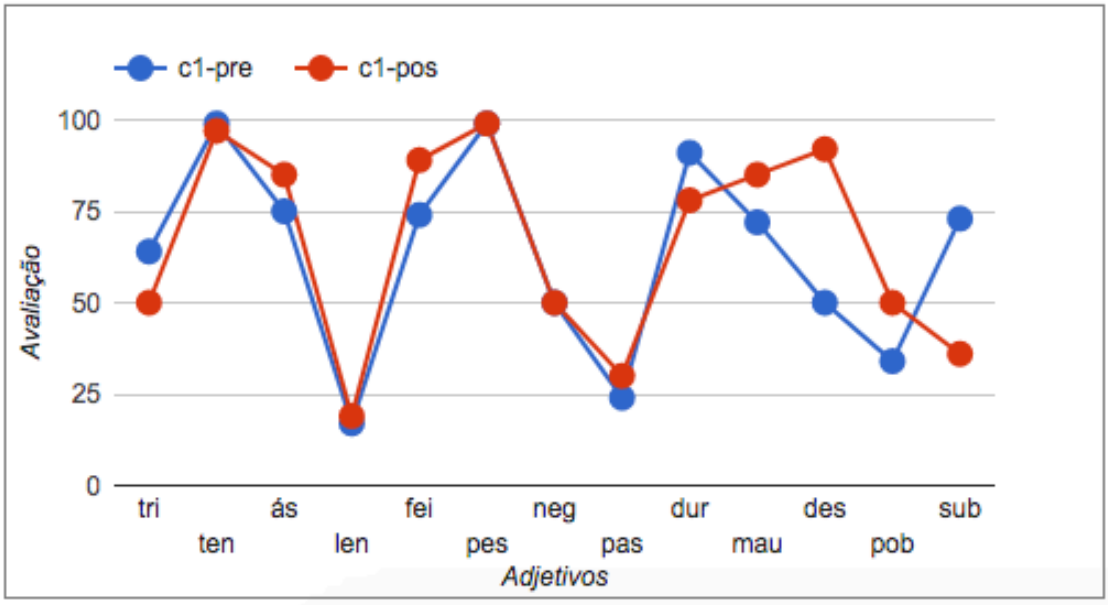




b1-pre



b1-pos





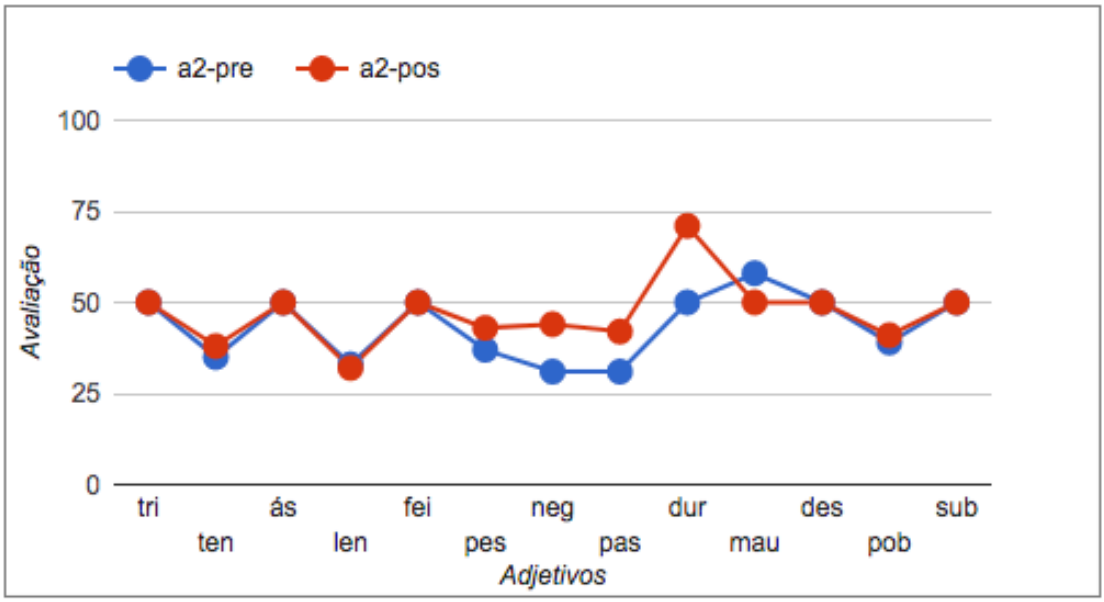
c1-pre



c1-pos

A Figura 26 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Percebe-se que não há variações significativas nas avaliações dos estímulos entre as fases do experimento.

Figura 26. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 3, comparados com eles mesmos.

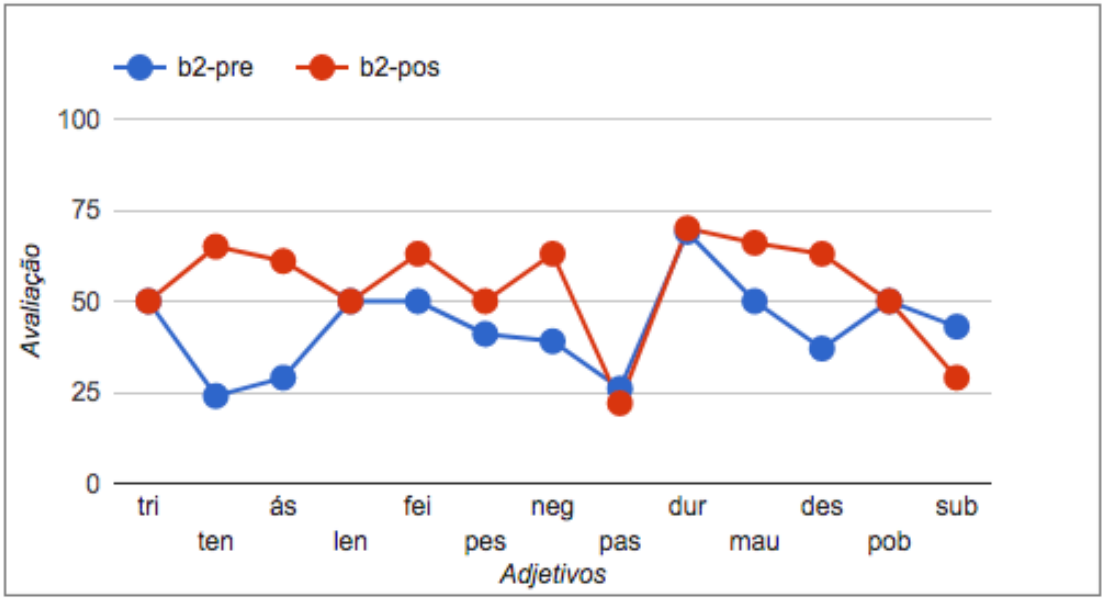




a2-pre



a2-pos

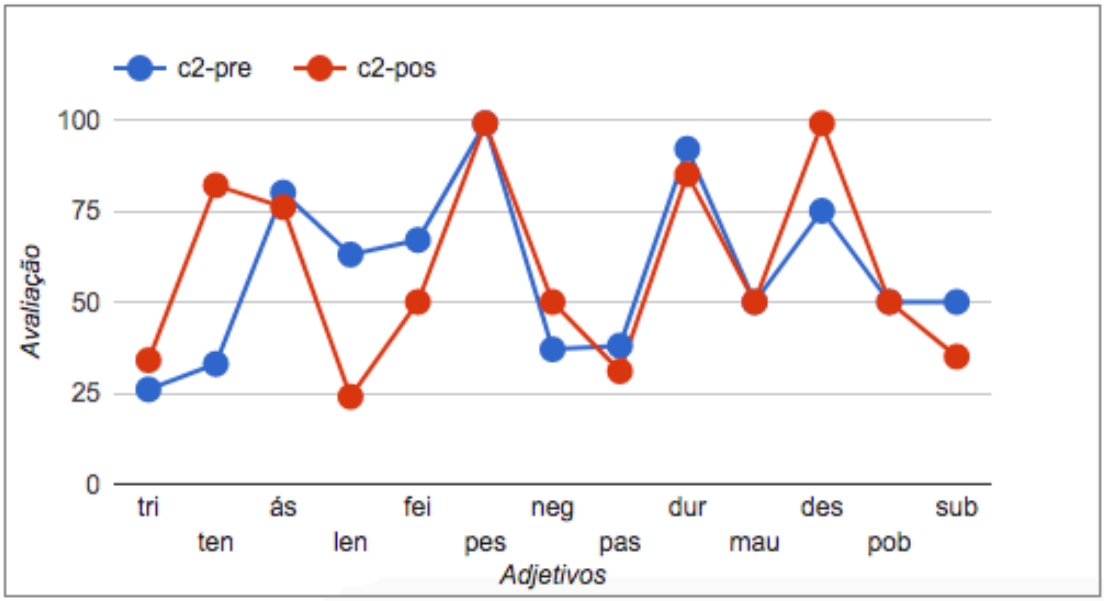




b2-pre



b2-pos





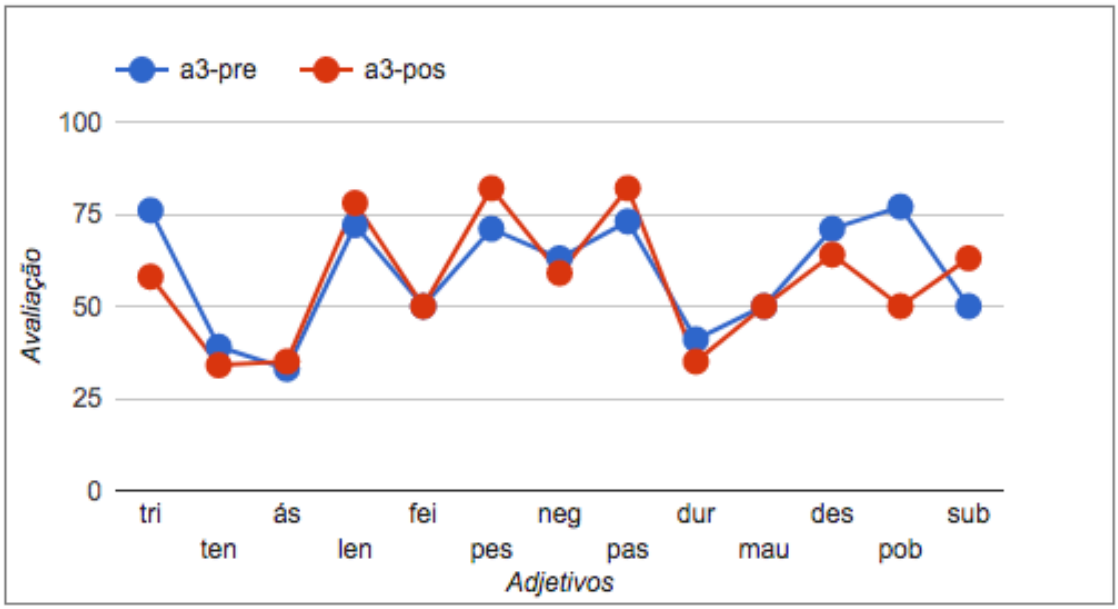
c2-pre



c2-pos

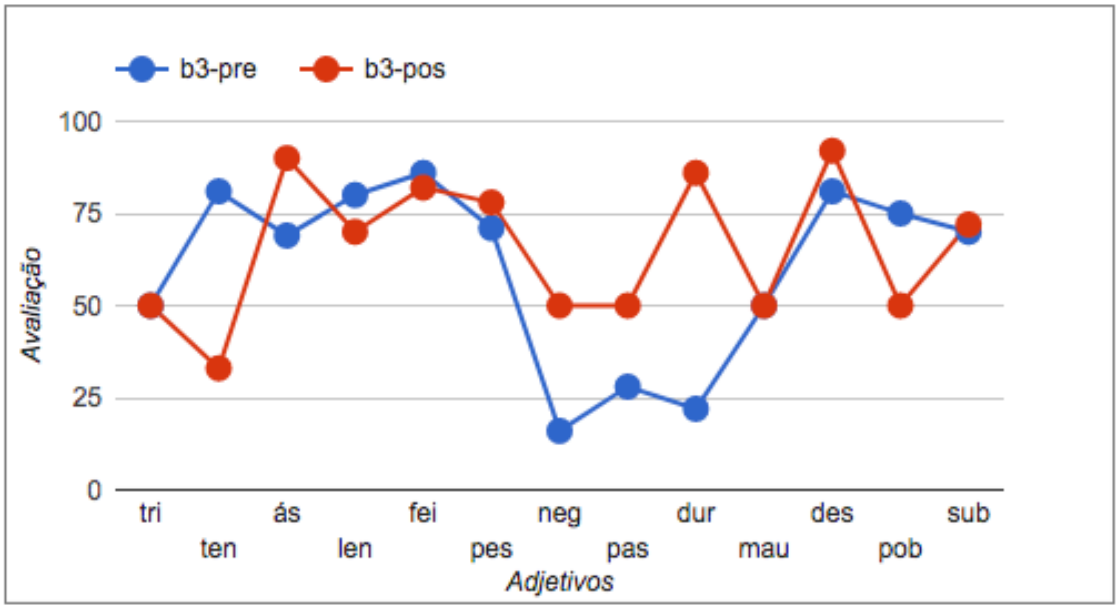
A Figura 27 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Percebe-se que não há variações significativas nas avaliações dos estímulos entre as fases do experimento.

Figura 27. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 3, comparados com eles mesmos.



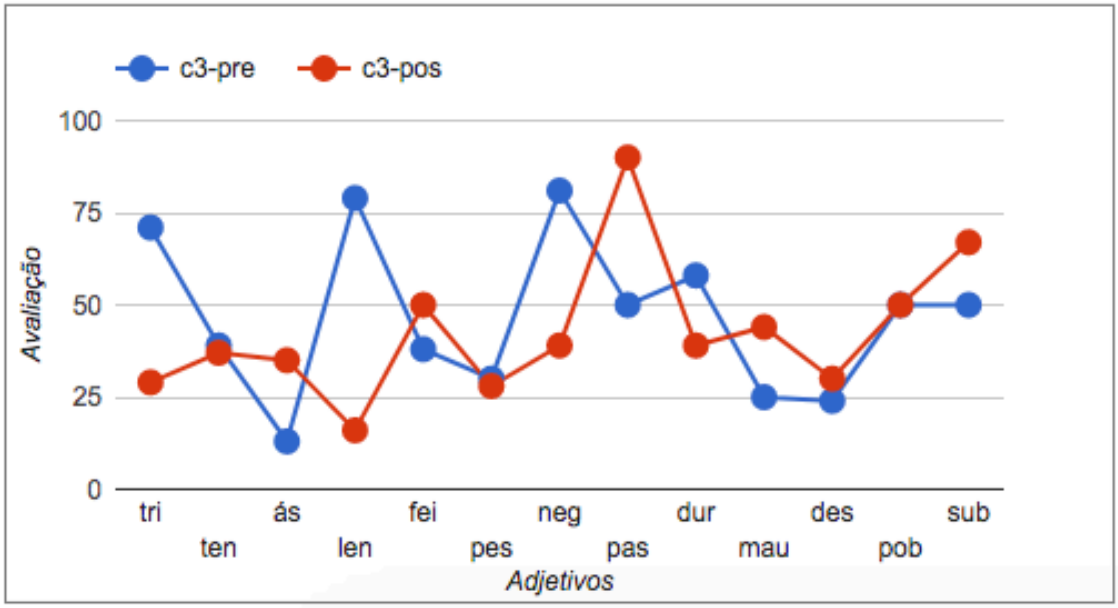
a3-pre

a3-pos



b3-pre

b3-pos



c3-pre

c3-pos

A figura abaixo apresenta o grau de equivalência entre os estímulos no Pré-Teste. Observa-se que os estímulos A1 e B1, por exemplo, possuíam equivalência de 78% na primeira etapa do experimento.

Figura 28. Grau de equivalência do Pré-Teste do Participante 3

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	79	83	78	80	72	75	74	77
a2	79	100	79	86	90	75	76	80	79
a3	83	79	100	80	80	78	66	77	81
b1	78	86	80	100	82	80	71	79	75
b2	80	90	80	82	100	72	72	80	83
b3	72	75	78	80	72	100	73	77	65
c1	75	76	66	71	72	73	100	79	62
c2	74	80	77	79	80	77	79	100	69
c3	77	79	81	75	83	65	62	69	100

Após o emparelhamento dos estímulos, observa-se que estes mesmos estímulos passaram a ter equivalência de 87%.

Figura 29. Grau de equivalência do Pós-Teste do Participante 3

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	82	87	87	86	79	75	76	74
a2	82	100	82	83	87	81	75	80	84
a3	87	82	100	89	78	82	67	73	83
b1	87	83	89	100	83	82	73	76	78
b2	86	87	78	83	100	79	81	82	72
b3	79	81	82	82	79	100	81	81	70
c1	75	75	67	73	81	81	100	90	62
c2	76	80	73	76	82	81	90	100	70
c3	74	84	83	78	72	70	62	70	100

Na figura abaixo, observa-se o grau de equivalência dos estímulos entre as duas fases do experimento, Pré-teste e Pós-teste. É possível notar que ao comparar a avaliação de A1 na primeira fase com o próprio A1 na segunda fase, não obteve-se 100% de equivalência. Esse fato demonstra uma variação na avaliação do estímulo, após o emparelhamento com os estímulos, em tese, sem significado pré-experimental. Esse fato merece investigação em estudos posteriores.

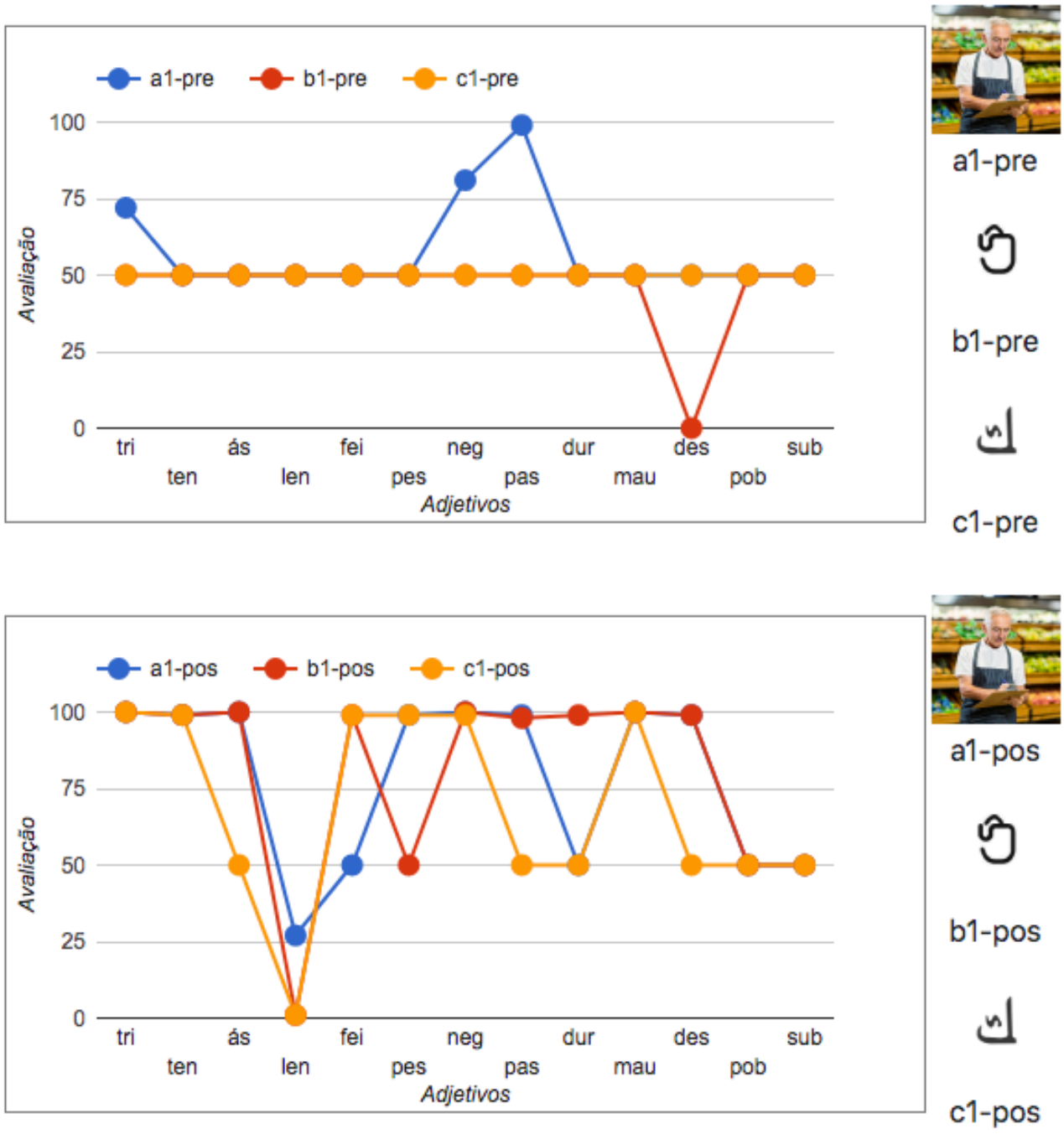
Figura 30. Grau de equivalência entre Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 3

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	90	81	81	81	85	74	77	77	73
a2	81	95	80	81	85	76	73	77	84
a3	90	81	92	89	78	78	66	71	78
b1	80	87	80	89	87	81	77	80	80
b2	79	92	81	79	86	77	71	76	83
b3	78	73	77	81	77	81	75	75	67
c1	75	78	69	74	79	78	87	83	67
c2	78	82	79	81	80	89	80	86	72
c3	79	81	80	77	75	71	58	64	78

Participante 4

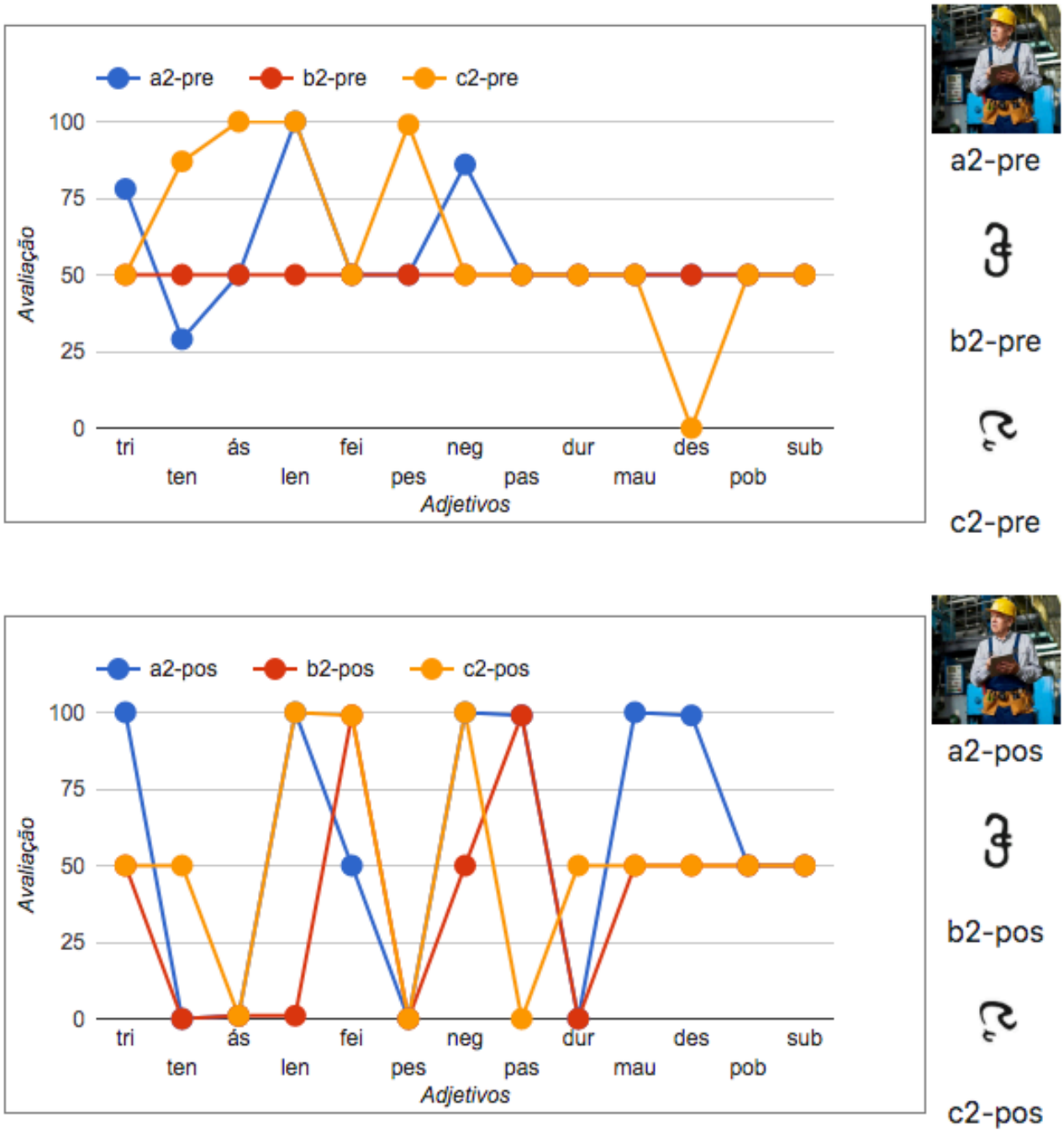
A Figura 31 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). Verificou-se no Pré-teste que os estímulos obtiveram avaliações neutras. No Pós-teste, os estímulos obtiveram avaliações máximas em diversos pares de adjetivos, com alguns pontos avaliados de forma neutra.

Figura 31. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 4.



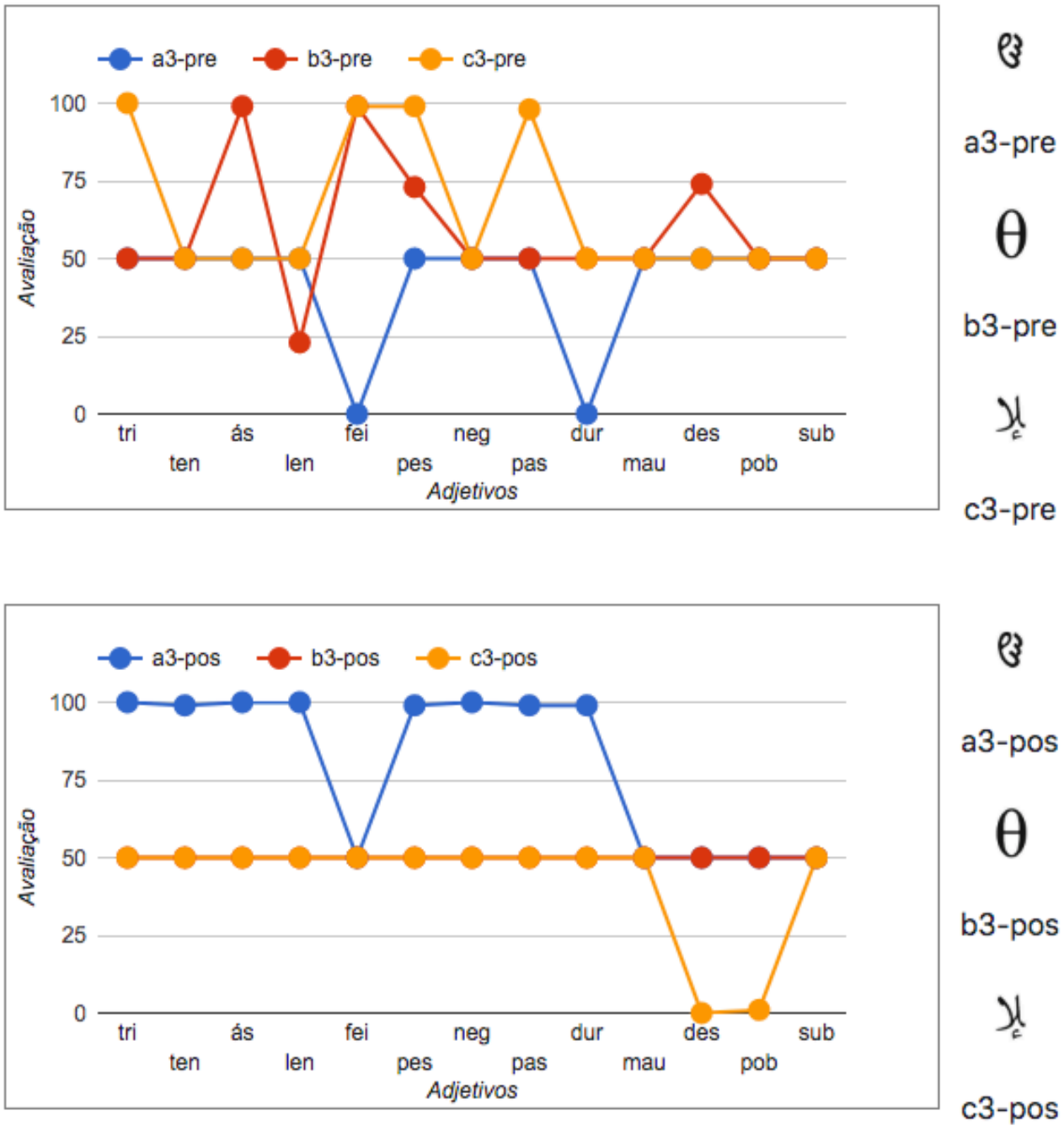
A Figura 32 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). Verificou-se no Pré-teste que os estímulos obtiveram avaliações predominantemente neutras. No Pós-teste, os estímulos obtiveram avaliações diversas, com alguns pontos avaliados de forma neutra, sem uma razão aparente.

Figura 32. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 4.



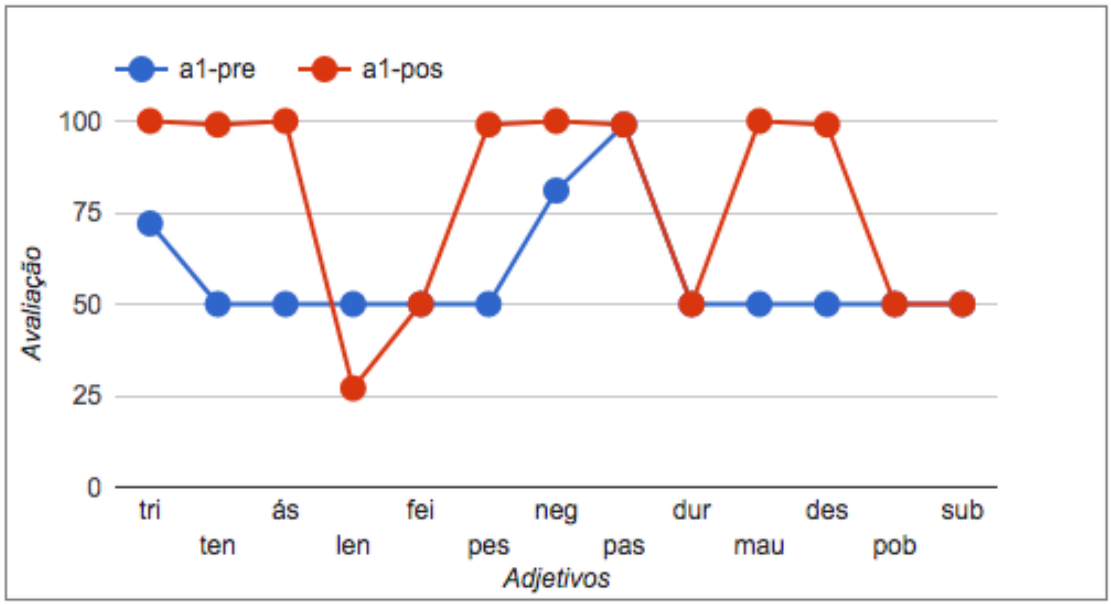
A Figura 33 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Verificou-se no Pré-teste que o estímulo A3 recebeu avaliações variadas, assim como os estímulos B3 e C3. No Pós-teste, o estímulo A3 obteve uma avaliação predominantemente positiva, com 8 avaliações máximas e os demais pontos avaliados de forma neutra. Os estímulos B3 e C3 obtiveram avaliações neutras. O padrão de variação e avaliações extremas deste participante podem sugerir alguma falta de engajamento nas fases do experimento.

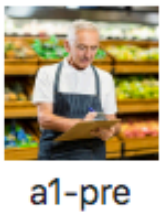
Figura 33. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 4.



A Figura 34 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Percebe-se que, no Pós-teste, os estímulos obtiveram um aumento significativo em sua avaliação.

Figura 34. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 4, comparados com eles mesmos.

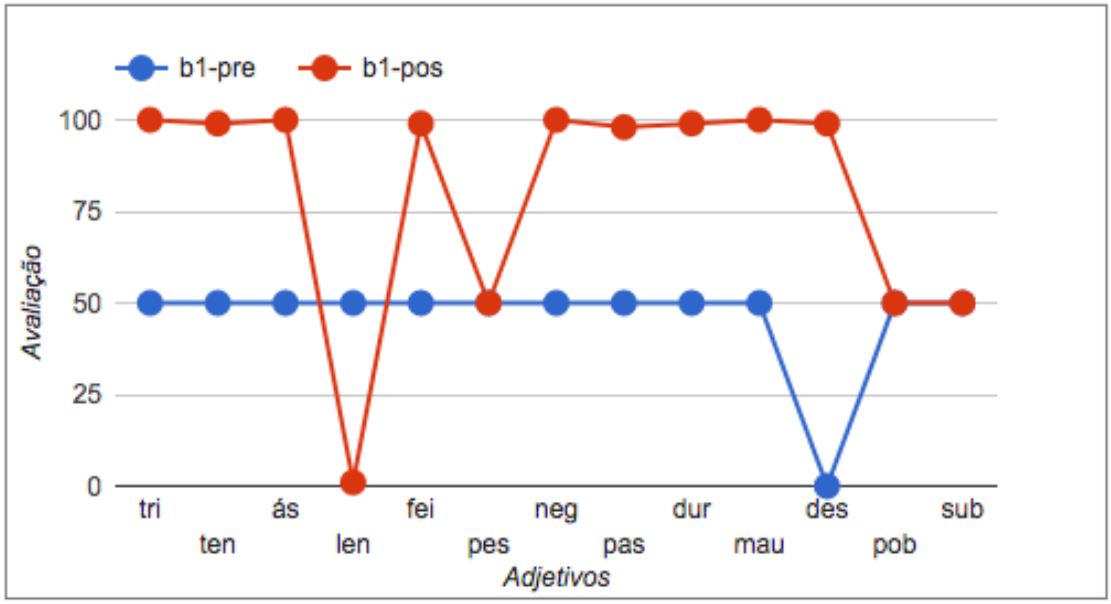




a1-pre



a1-pos

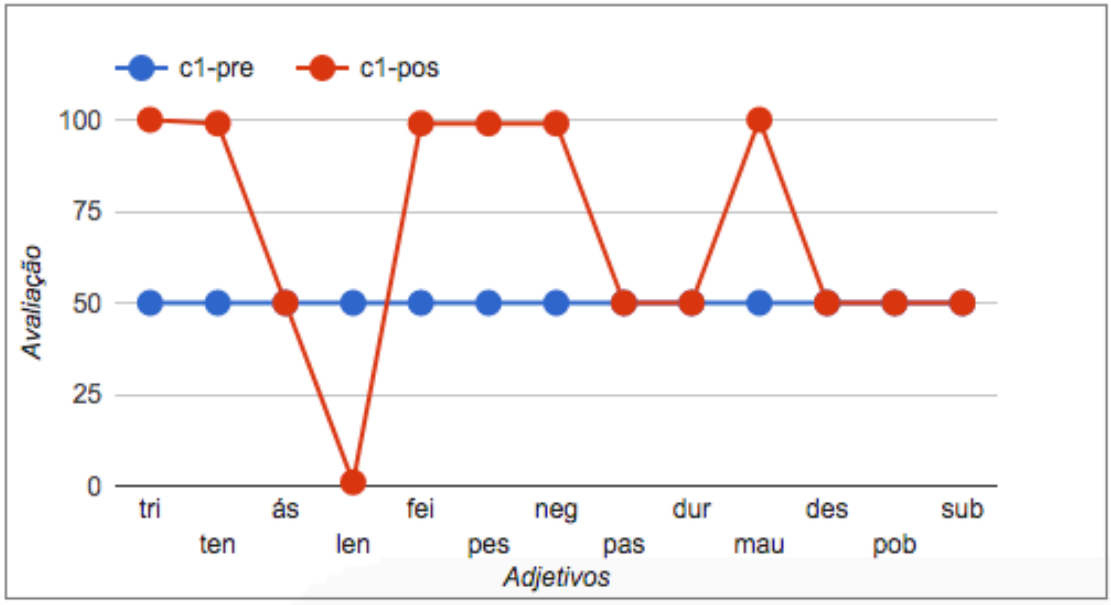




b1-pre



b1-pos





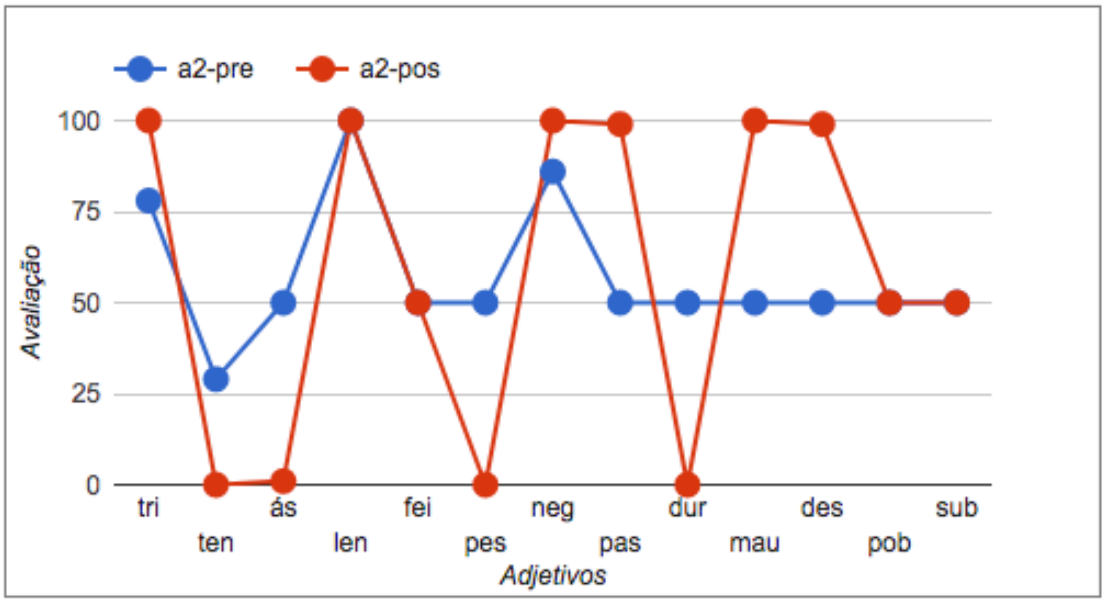
c1-pre



c1-pos

A Figura 35 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Percebe-se que, no Pós-teste, os estímulos obtiveram uma variação com avaliações extremas em alguns pontos sem razão aparente.

Figura 35. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 3, comparados com eles mesmos.

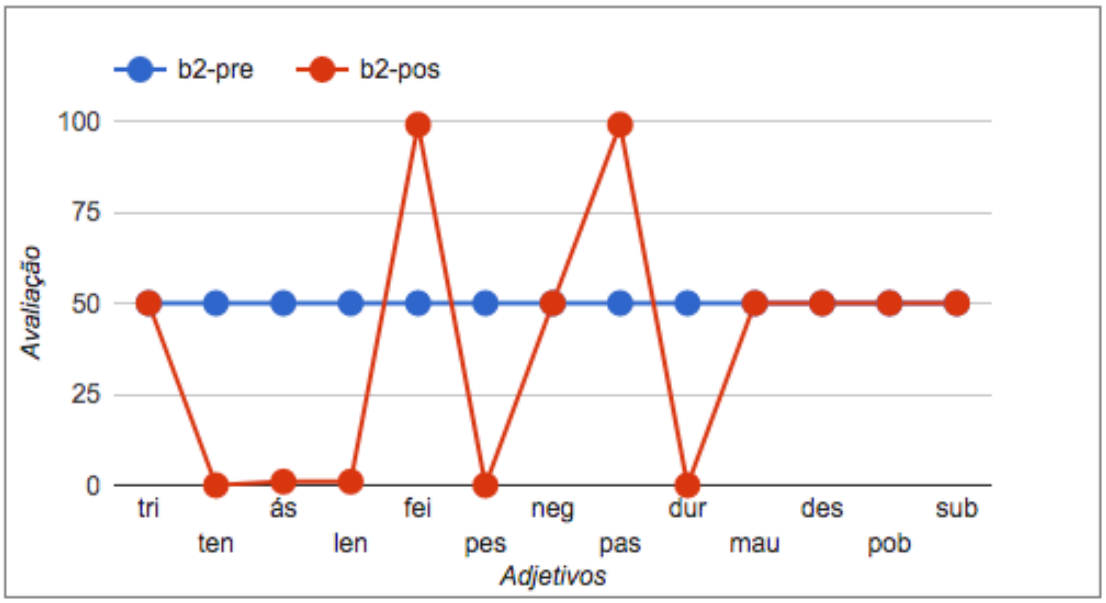




a2-pre



a2-pos

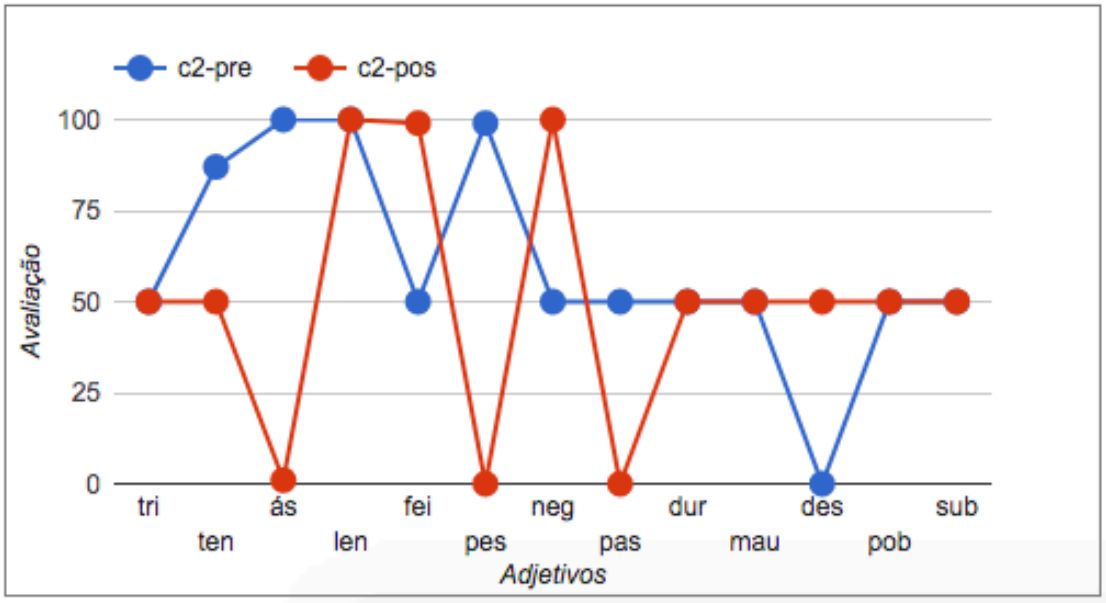




b2-pre



b2-pos





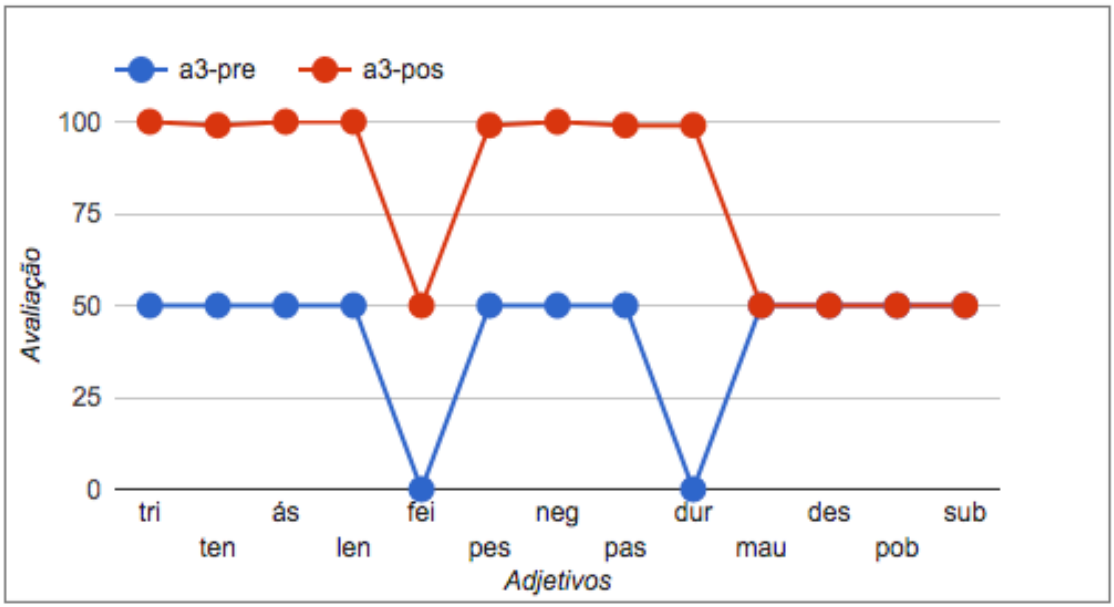
c2-pre



c2-pos

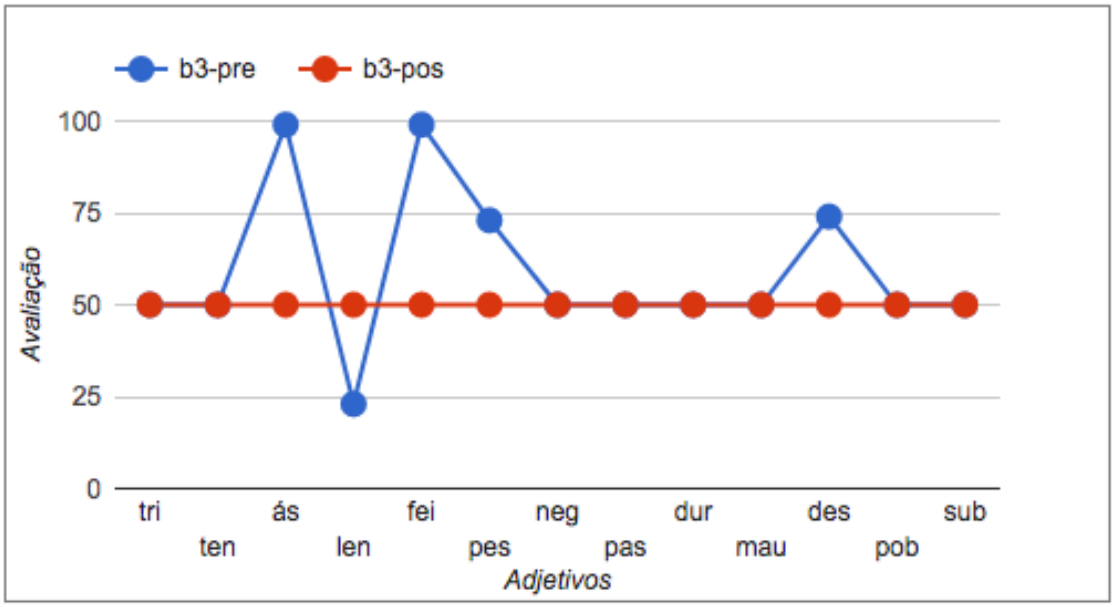
A Figura 36 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Percebe-se que, no Pós-teste, que os estímulos B3 e C3 obtiveram avaliações neutras, enquanto A3 obteve um aumento significativo em alguns pontos de sua avaliação.

Figura 36. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 4, comparados com eles mesmos.



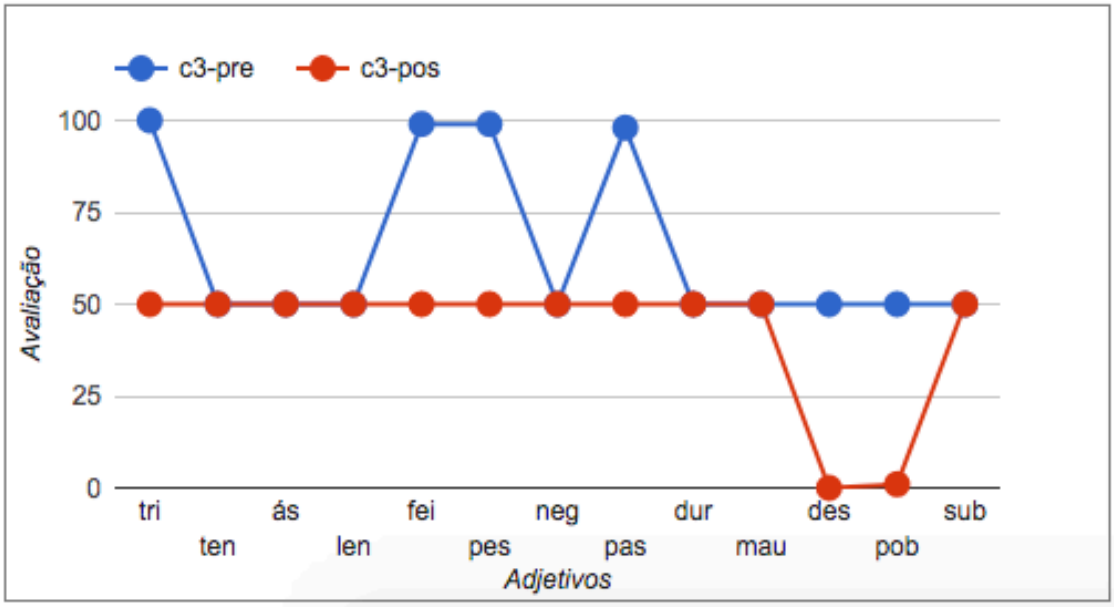
a3-pre

a3-pos



b3-pre

b3-pos



c3-pre

c3-pos

A figura abaixo representa os graus de equivalência entre os estímulos na etapa inicial do experimento. Observa-se que os estímulos A1 e B1 tinham 88% de equivalência antes de qualquer etapa de emparelhamento.

Figura 37. Grau de equivalência do Pré-Teste do Participante 4

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	90	84	88	92	79	92	74	88
a2	90	100	82	86	90	76	90	79	79
a3	84	82	100	88	92	79	92	74	77
b1	88	86	88	100	96	83	96	86	81
b2	92	90	92	96	100	87	100	82	85
b3	79	76	79	83	87	100	87	80	83
c1	92	90	92	96	100	87	100	82	85
c2	74	79	74	86	82	80	82	100	74
c3	88	79	77	81	85	83	85	74	100

Como exemplificação, observa-se que os mesmos estímulos acima citados passaram a ter, após o emparelhamento, 87% de equivalência.

Figura 38. Grau de equivalência do Pós-Teste do Participante 4

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	68	83	87	52	68	83	53	60
a2	68	100	62	62	73	62	58	69	54
a3	83	62	100	77	50	70	73	62	62
b1	87	62	77	100	58	62	81	54	54
b2	52	73	50	58	100	73	62	73	66
b3	68	62	70	62	73	100	73	77	92
c1	83	58	73	81	62	73	100	66	66
c2	53	69	62	54	73	77	66	100	69
c3	60	54	62	54	66	92	66	69	100

Na figura abaixo, observa-se o grau de equivalência dos estímulos entre as duas fases do experimento, Pré-teste e Pós-teste. É possível notar que ao comparar a avaliação de A1 na primeira fase com o próprio A1 na segunda fase, não obteve-se 100% de equivalência. Esse fato demonstra uma variação na avaliação do estímulo, após o emparelhamento com os estímulos, em tese, sem significado pré-experimental. Esse fato merece investigação em estudos posteriores.

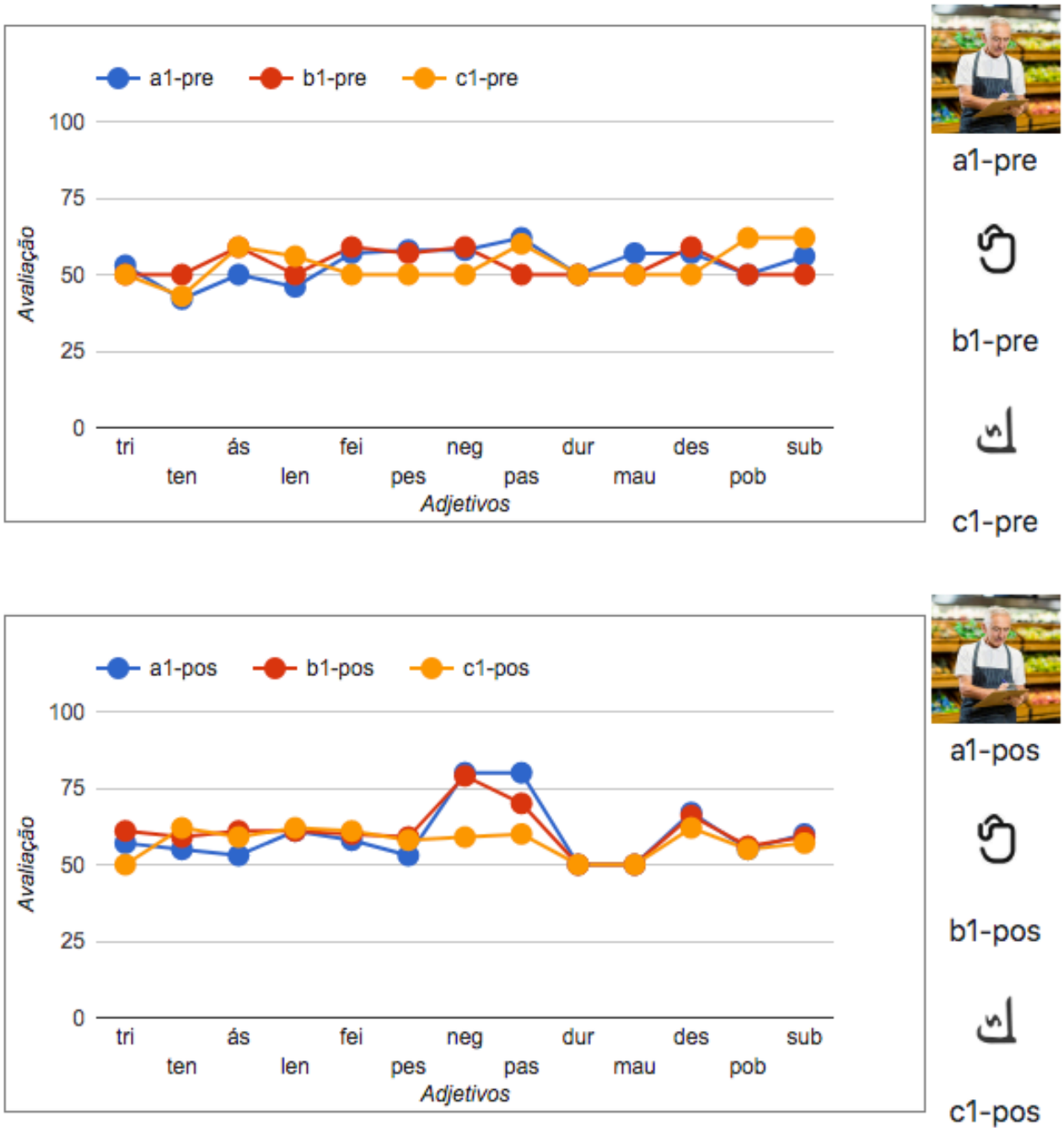
Figura 39. Grau de equivalência entre Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 4

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	76	70	77	70	73	92	74	74	85
a2	67	72	77	62	66	90	73	80	82
a3	60	62	62	54	73	92	66	69	85
b1	64	58	66	58	70	96	70	73	96
b2	68	62	70	62	73	100	73	77	92
b3	73	52	67	72	72	87	75	71	79
c1	68	62	70	62	73	100	73	77	92
c2	71	51	80	57	55	82	69	67	82
c3	75	62	77	70	73	85	81	70	77

Participante 5

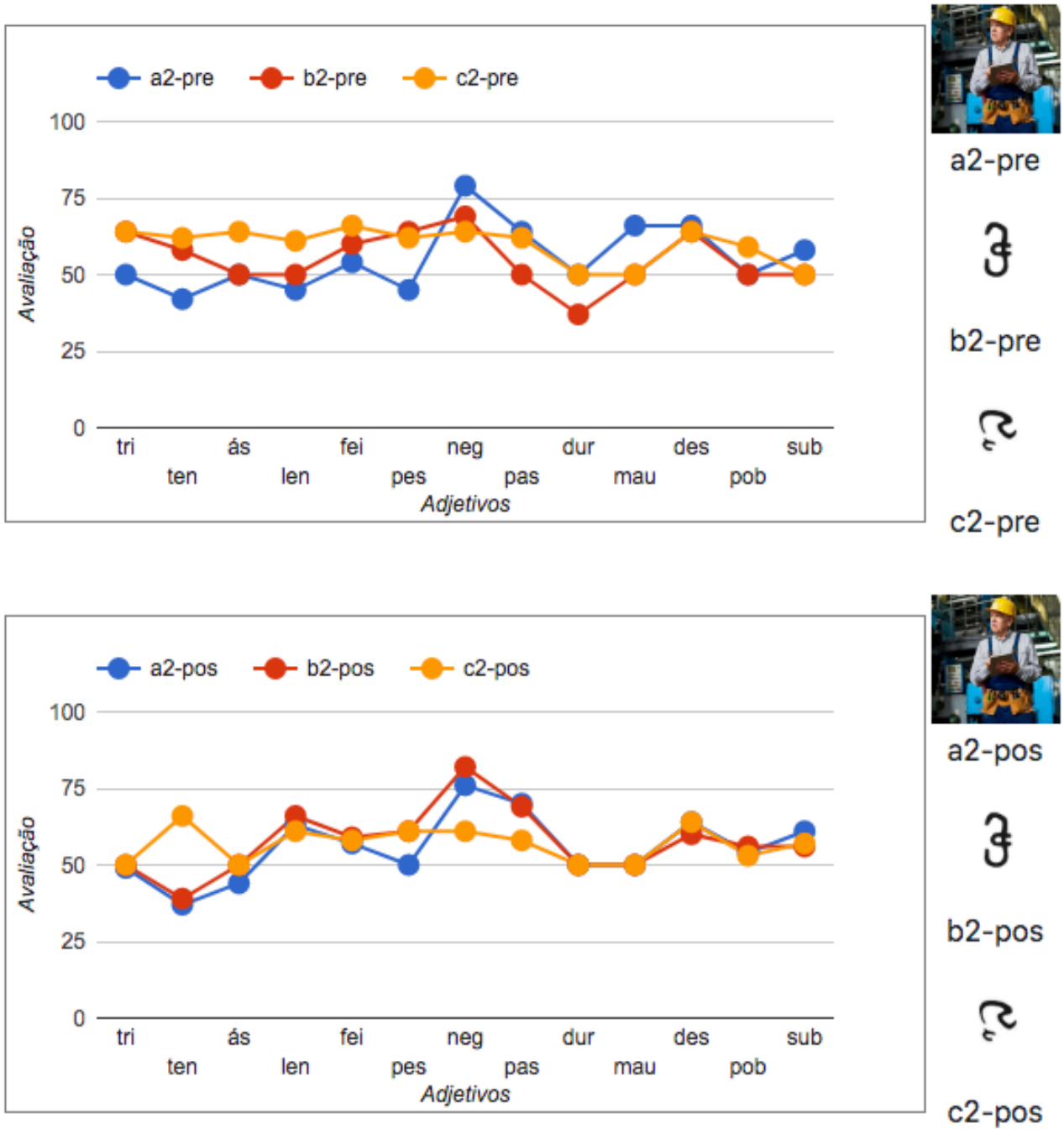
A Figura 40 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1). Observa-se que, no Pré-teste, os três estímulos receberam avaliações semelhantes, predominantemente neutras. No Pós-teste não é possível verificar variações significativas nas avaliações.

Figura 40. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 5.



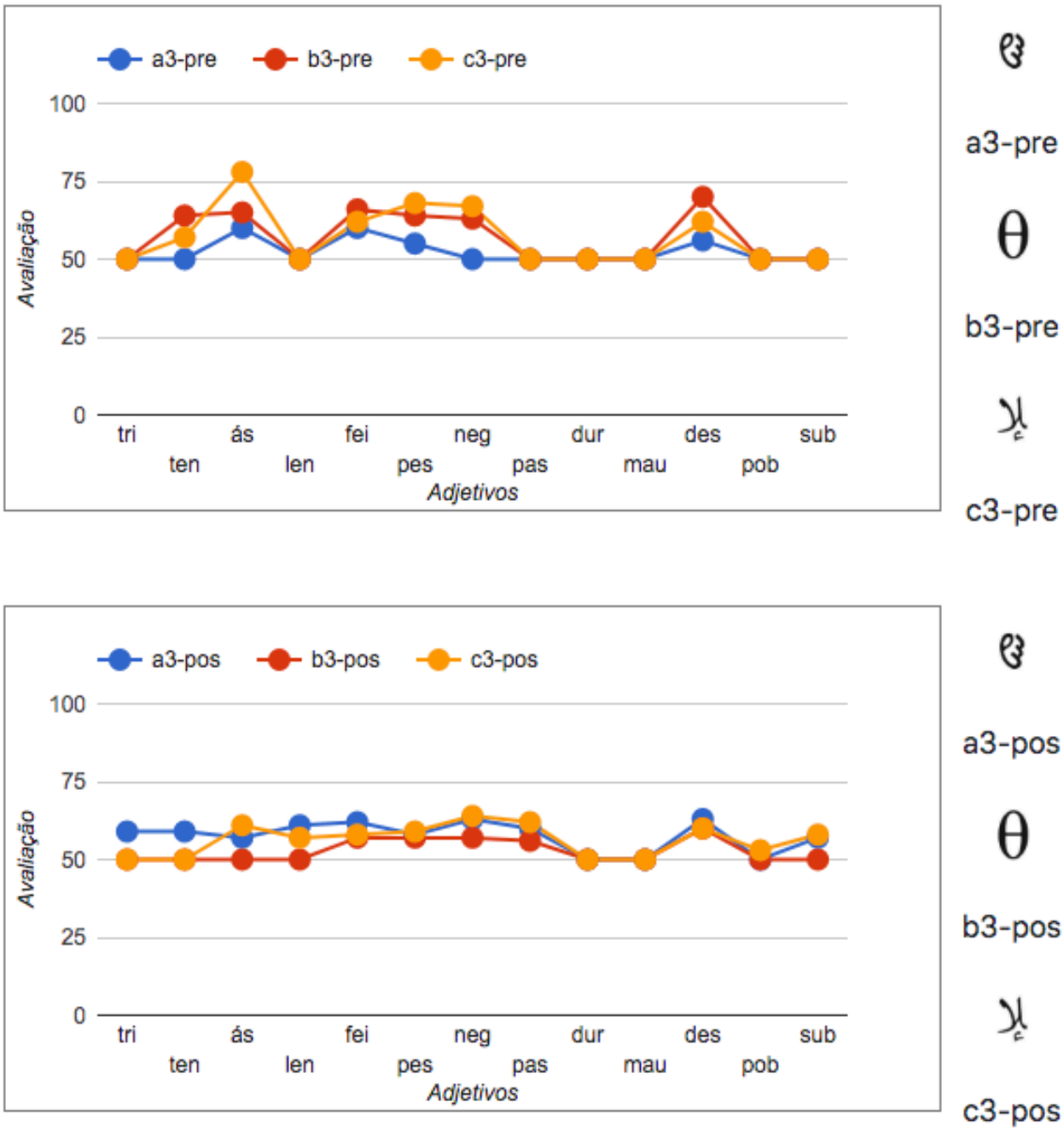
A Figura 41 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2). Observa-se que, no Pré-teste, os três estímulos receberam avaliações semelhantes, predominantemente neutras. No Pós-teste não é possível verificar variações significativas nas avaliações, apesar de existir sobreposição das linhas em alguns pontos.

Figura 41. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 5.



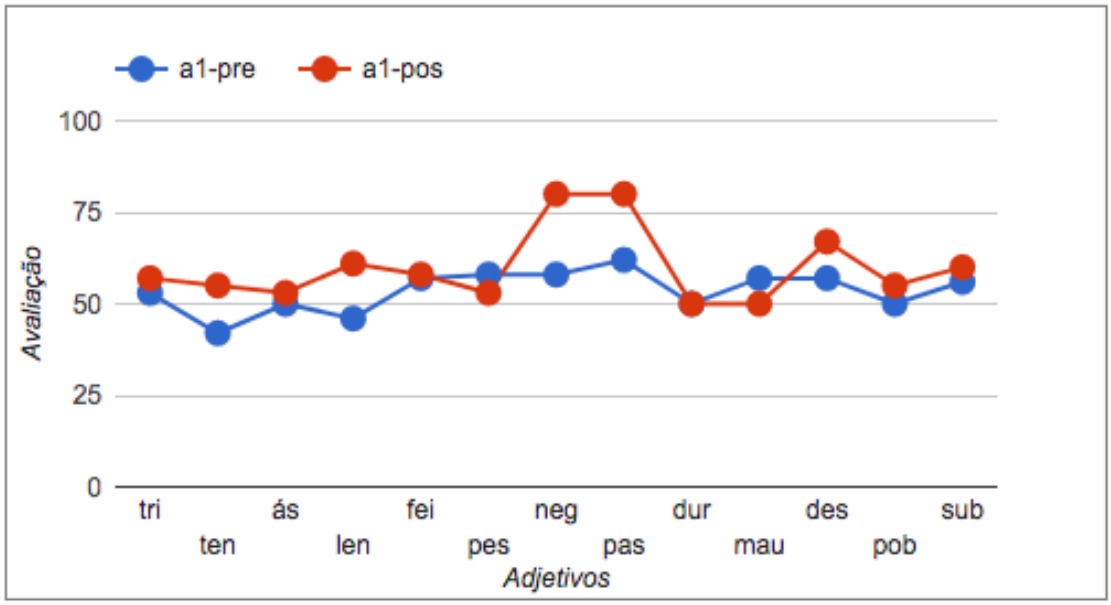
A Figura 42 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3). Observa-se que, no Pré-teste, os três estímulos receberam avaliações semelhantes, predominantemente neutras. No Pós-teste não é possível verificar variações significativas nas avaliações, apesar de existir sobreposição das linhas em alguns pontos.

Figura 42. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 5.



A Figura 43 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1 e C1) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Percebe-se que não há variações significativas nas avaliações dos estímulos entre as fases do experimento.

Figura 43. Avaliação dos estímulos A1, B1 e C1 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 5, comparados com eles mesmos.

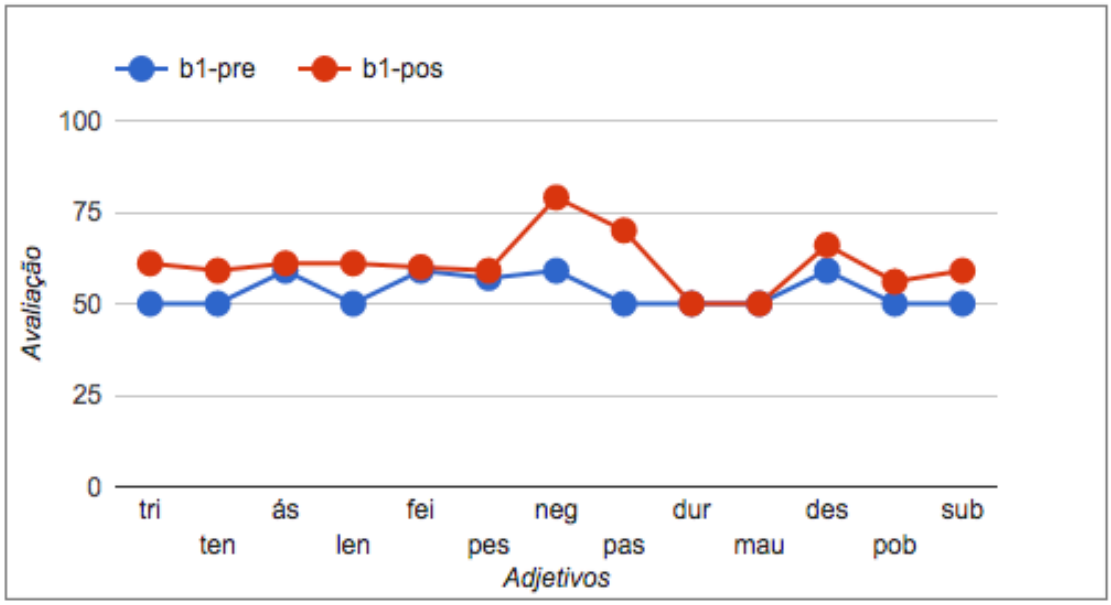




a1-pre



a1-pos

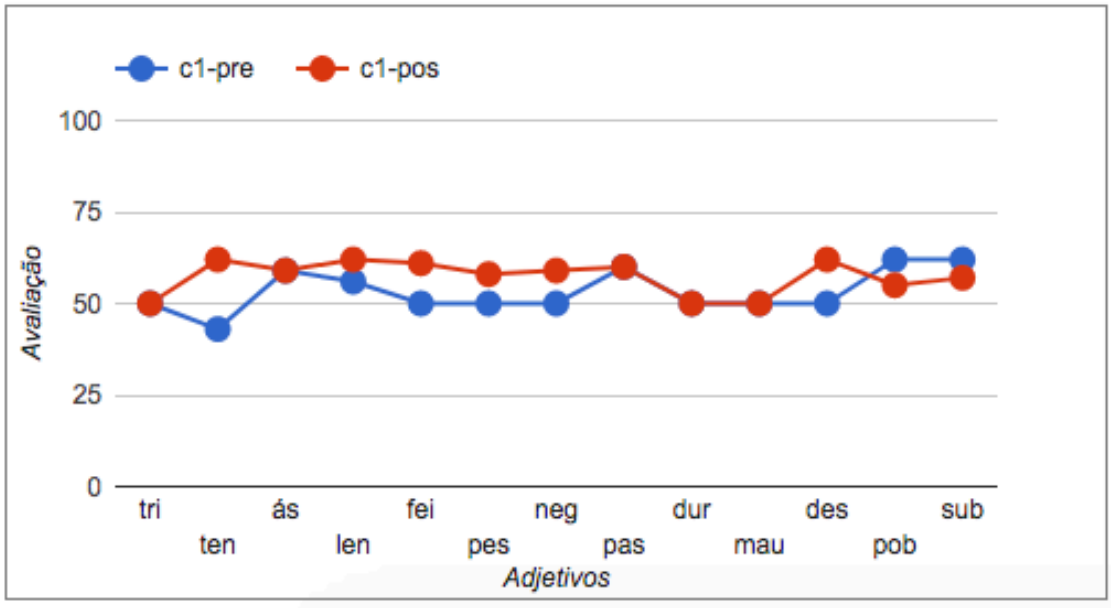




b1-pre



b1-pos





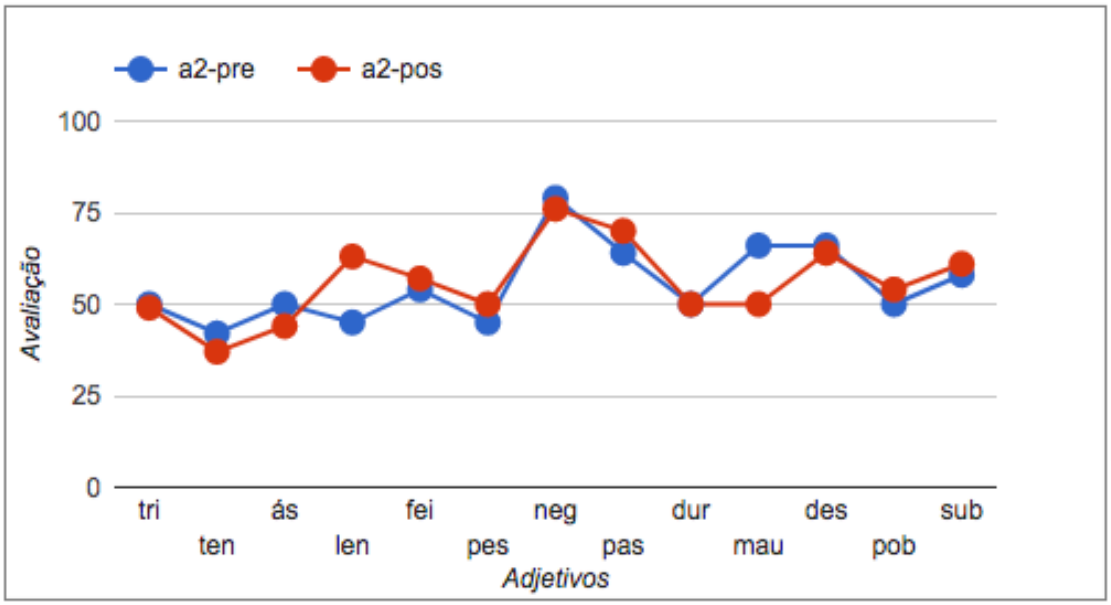
c1-pre



c1-pos

A Figura 44 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2 e C2) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Percebe-se que não há variações significativas nas avaliações dos estímulos entre as fases do experimento.

Figura 44. Avaliação dos estímulos A2, B2 e C2 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 5, comparados com eles mesmos.

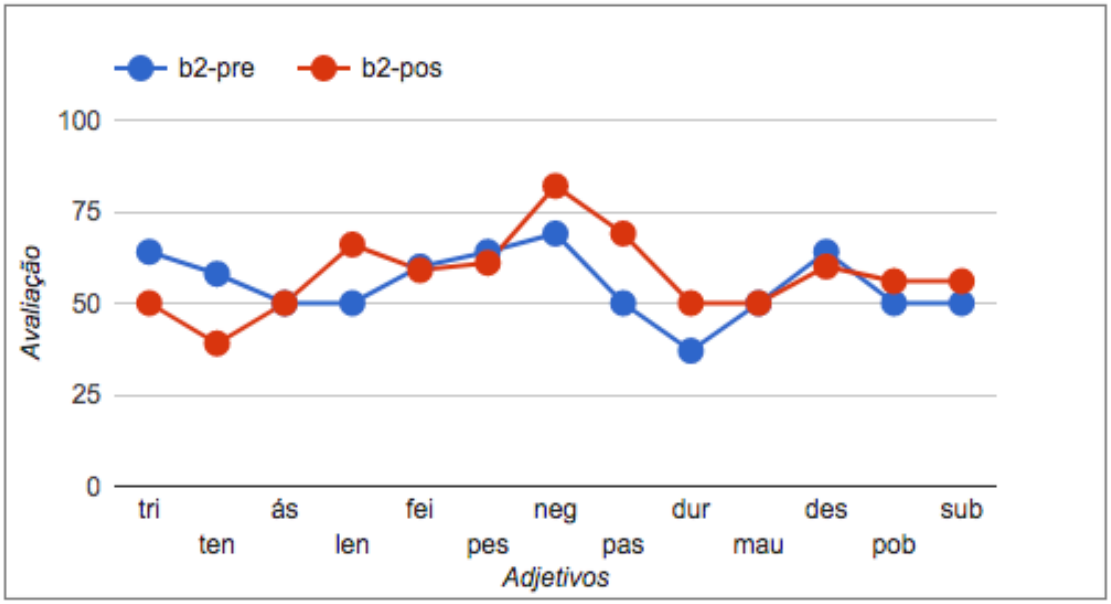




a2-pre



a2-pos

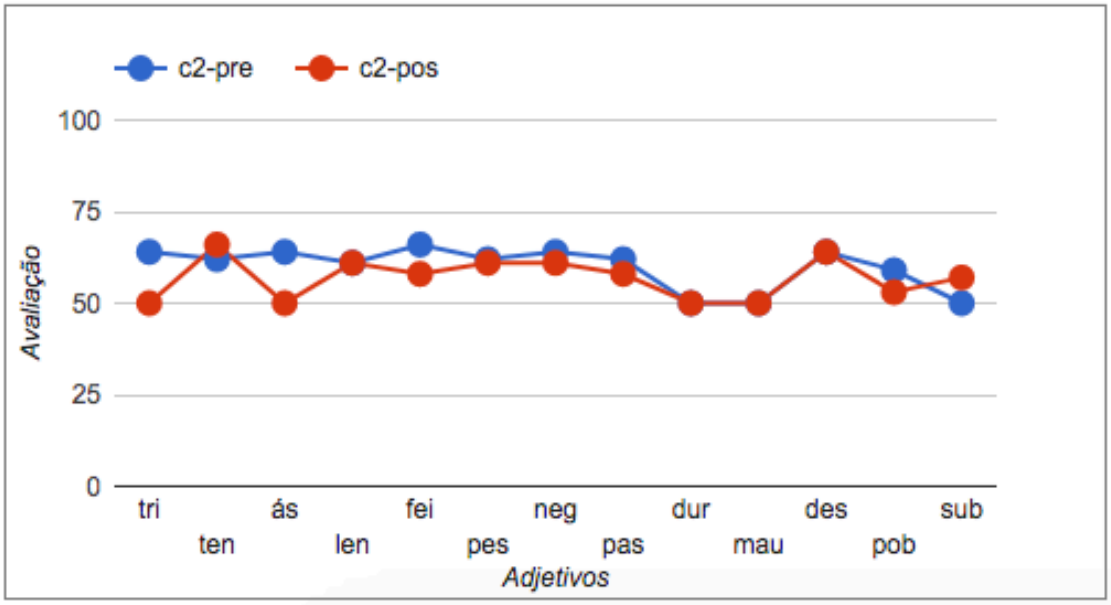




b2-pre



b2-pos





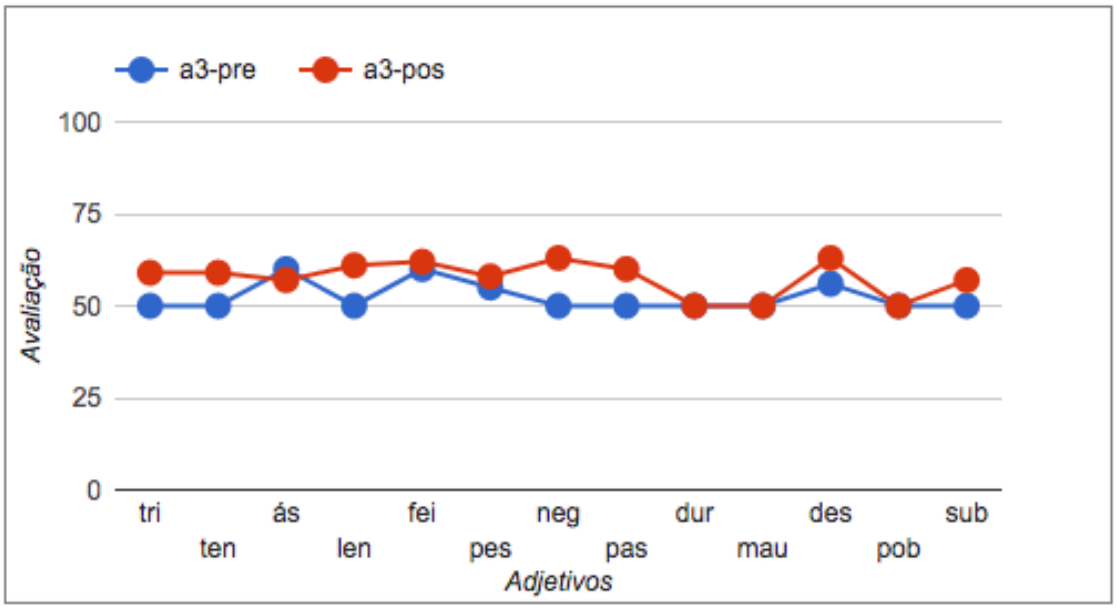
c2-pre



c2-pos

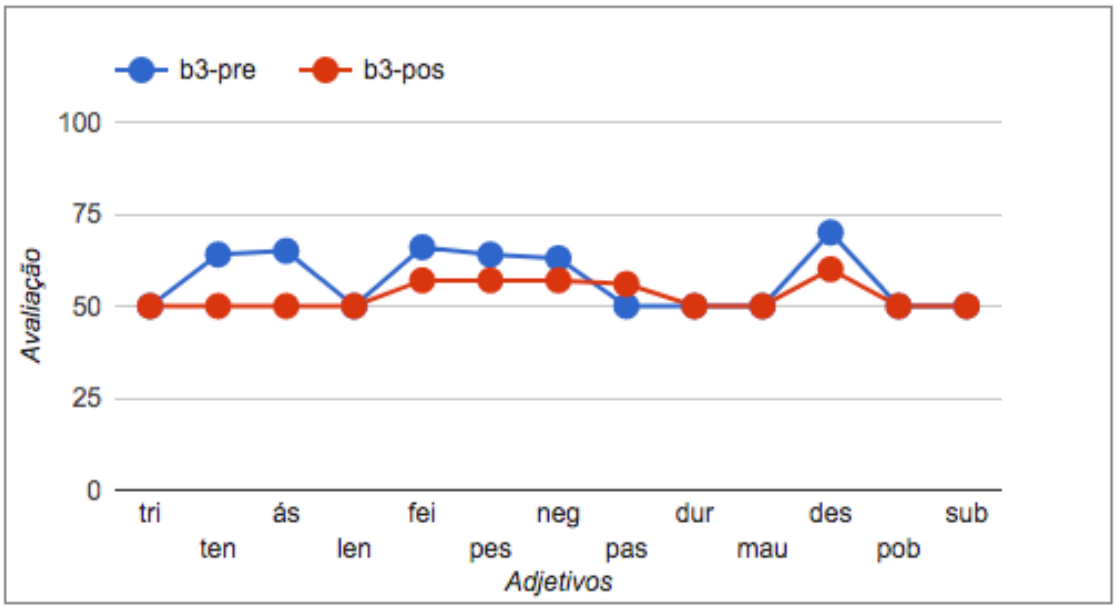
A Figura 45 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3 e C3) comparadas entre si mesmas no Pré-teste e no Pós-teste. Percebe-se que não há variações significativas nas avaliações dos estímulos entre as fases do experimento.

Figura 45. Avaliação dos estímulos A3, B3 e C3 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 5, comparados com eles mesmos.



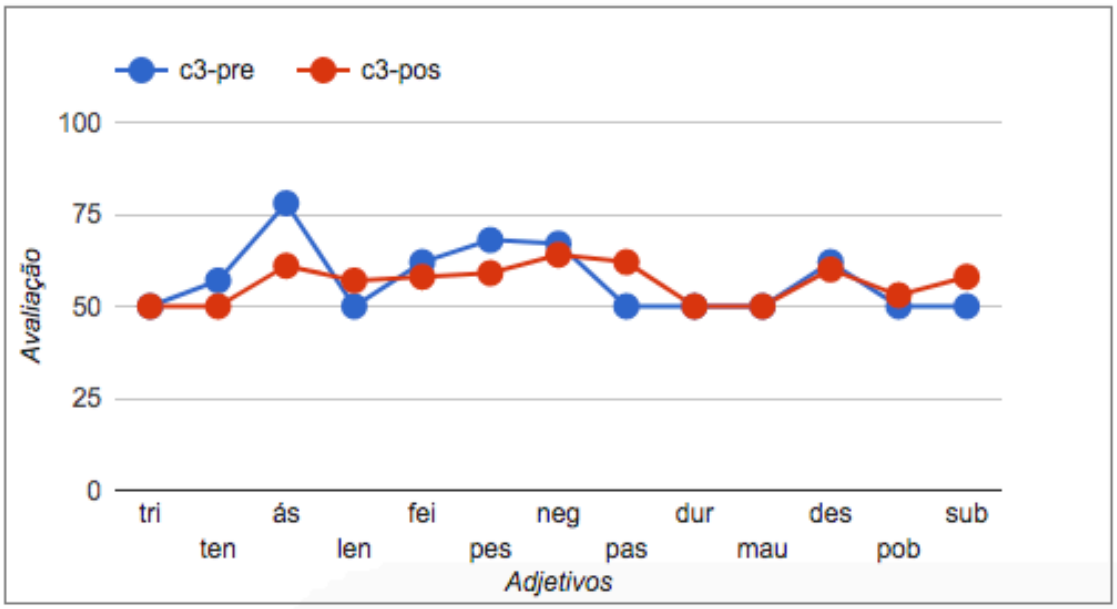
a3-pre

a3-pos



b3-pre

b3-pos



c3-pre

c3-pos

A figura abaixo representa os graus de equivalência entre os estímulos na etapa inicial do experimento. Observa-se que os estímulos A1 e B1 tinham 96% de equivalência antes de qualquer etapa de emparelhamento.

Figura 46. Grau de equivalência do Pré-Teste do Participante 5

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	95	95	96	93	92	94	92	92
a2	95	100	91	92	91	90	91	89	90
a3	95	91	100	99	94	95	95	93	95
b1	96	92	99	100	95	96	94	93	96
b2	93	91	94	95	100	95	89	94	95
b3	92	90	95	96	95	100	90	96	97
c1	94	91	95	94	89	90	100	91	90
c2	92	89	93	93	94	96	91	100	94
c3	92	90	95	96	95	97	90	94	100

Como exemplificação, observa-se que os mesmos estímulos passaram a ter 72% de equivalência.

Figura 47. Grau de equivalência do Pós-Teste do Participante 5

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	100	95	95	97	95	92	94	94	94
a2	95	100	93	94	97	93	93	94	94
a3	95	93	100	96	93	95	98	97	97
b1	97	94	96	100	95	92	96	95	95
b2	95	97	93	95	100	94	94	94	95
b3	92	93	95	92	94	100	96	96	97
c1	94	93	98	96	94	96	100	98	97
c2	94	94	97	95	94	96	98	100	97
c3	94	94	97	95	95	97	97	97	100

Na figura abaixo, observa-se o grau de equivalência dos estímulos entre as duas fases do experimento, Pré-teste e Pós-teste. É possível notar que ao comparar a avaliação de A1 na primeira fase com o próprio A1 na segunda fase, não obteve-se 100% de equivalência. Esse fato demonstra uma variação na avaliação do estímulo, após o emparelhamento com os estímulos, em tese, sem significado pré-experimental. Esse fato merece investigação em estudos posteriores.

Figura 48. Grau de equivalência entre Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 5

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3
a1	92	93	95	92	94	97	94	95	96
a2	93	94	92	92	94	93	91	92	93
a3	91	91	94	92	91	98	95	94	96
b1	92	92	95	92	93	98	96	95	97
b2	92	90	95	93	91	95	93	94	93
b3	91	89	95	93	90	95	95	95	94
c1	91	93	93	91	92	94	94	93	95
c2	93	91	97	96	92	93	96	95	95
c3	90	89	94	92	91	95	94	93	94

Discussão

O presente artigo teve como objetivo investigar, por meio do paradigma de equivalência, o efeito do emparelhamento de estímulos fotográficos de idosos em diferentes contextos de trabalho com estímulo abstratos. Também pretendeu-se verificar se a atitude em relação aos estímulos neutros pode ser alterada após o pareamento dos mesmos com diferentes estímulos neutros, ou seja, se ocorre transferência de função. Para isso, foram utilizadas duas fotografias de idosos trabalhando, uma em um trabalho considerado "leve" e outra em um trabalho considerado "pesado" por exigir maior esforço físico, a fim de verificar o efeito dos treinos nas atitudes dos participantes.

No geral, todos os participantes obtiveram no mínimo 90% de acerto no Treino AB AC 0%, porém nem todos atingiram o valor mínimo proposto para uma classe de equivalência significativa, diferente do estudo de Rosendo e Melo (2018) e do estudo de Eilertsen e Arntzen (2020). Apenas o P02 e o P05 atingiram o valor mínimo da classe de equivalência em todas as relações de todas as colunas. Ademais, assim como no estudo de Rosendo e Melo (2018), nem todos os participantes atingiram o valor mínimo da classe de transferência em todas as relações. Entretanto, pode-se inferir que problemas no software utilizado (houve fornecimento do feedback errado em diversas ocasiões), contribuíram para que nem todos os participantes atingissem os valores mínimos para a classe de equivalência em todas as relações.

Após a análise dos resultados também é possível perceber que o pareamento dos estímulos com significado (A1 e A2) com os estímulos abstratos fez com que a maioria dos estímulos neutros se aproximassem das avaliações que os estímulos com significado tiveram anteriormente. Entretanto, assim como na pesquisa de Rosendo e Melo (2018), seria necessário verificar a história dos participantes, ou seja, verificar o significado subjetivo das imagens para cada

participante previamente, para que o método pudesse ser aprimorado e para que os resultados pudessem ser mais concretos.

Com base no exposto, é possível afirmar que o presente artigo alcançou seus objetivos. Entretanto, existiram limitações significativas. Não foi possível avaliar se o que influenciou a avaliação dos participantes foi o fato de serem idosos trabalhando nas imagens ou se foi simplesmente o fato de serem pessoas idosas, independente do contexto.

Para pesquisas futuras sugere-se principalmente, um procedimento menos longo e cansativo, para evitar que os participantes desistam no meio da aplicação e para evitar que o rendimento seja prejudicado com base no cansaço.

De acordo com Papalia, Olds e Feldman (2013) pessoas com idades avançadas geralmente são associadas com características negativas, pois a velhice é vista como indesejável. Conforme o exposto, esse trabalho teve origem no fato de que o período da velhice possui uma imagem negativa e vem acompanhado de preconceitos que causam impacto na vida profissional dos indivíduos, podendo gerar consequências para a saúde mental e qualidade de vida (Bulla & Kaefer, 2003; Couto et al., 2009; Wajnman, Oliveira, & Oliveira, 2004).

O presente artigo contribui com o estudo do paradigma de equivalência de estímulos e com a ocorrência de transferência de função com diferentes estímulos modelo.

Experimento 10: Transferência de função relacionado a usuários de drogas e estímulos abstratos.

Pesquisadora responsável: Luana Lemos de Rezende Chadud

Introdução

Qualquer substância que altere o funcionamento do sistema nervoso central é considerada uma droga, dentre essas substâncias existe uma específica que são os psicotrópicos, eles causam mudança de humor, sensação de prazer, alucinações, alívio da dor etc. (Vargas & Labarte, 2006).

Segundo MacRae (2010), os seres humanos desde sempre utilizam diversos psicotrópicos por diferentes razões, como rituais religiosos, recreação, estado de êxtase e cura. Após a epidemia de AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Humana Adquirida) e outras doenças transmissíveis que ocorreram nos anos 60 houve uma mudança de olhar sobre o contexto sócio-cultural e biopsicossocial dos dependentes químicos.

O autor menciona que atualmente no contexto científico o uso de psicotrópicos é visto com foco na parte farmacológica, numa visão mais voltada para uma redução de danos no combate ao uso e ao bem estar do indivíduo e da sociedade.

Sobre a utilização de psicotrópicos, o consumo dessas substâncias independe da frequência e quantidade, é considerado abuso quando começa a causar danos para a saúde do indivíduo, porém esse quadro ainda não é considerado dependência. A dependência se estabelece quando a pessoa não tem mais controle e já não é uma escolha o uso de drogas e se torna uma atividade disfuncional. (Vargas & Labarte, 2006).

Dentro dessas drogas o álcool é um dos maiores problemas sociais das grandes cidades e isso causa diversas questões a serem resolvidas na sociedade. Um dos primeiros estudos sobre uso de drogas no Brasil que envolvia 107 cidades do país apontou que o consumo dessa substância chega a 68,7 por cento, e o mesmo estudo apontou uma dependência de 11,2 por cento dos participantes. (Barros & Pillon, 2007).

O alcoolismo resulta em vários problemas sociais, econômicos e de saúde, o que faz com que sejam frequente seu atendimento por profissionais da saúde,

porém nem sempre esses profissionais estão aptos para lidar com isso principalmente por causa da pouca ênfase dada em sua formação a esse tema (Barros & Pillon, 2007).

Juntamente com essa questão, existe o fato do alcoolismo e dependência química em geral serem uma doença com um grande estigma, podendo fazer com que isso influencie as atitudes desses profissionais ao atendimentos dessas pessoas devido a crenças, valores e opiniões (Barros & Pillon, 2007).

Os prejuízos trazidos ao indivíduo são imensos, sendo eles mudanças de comportamento do alcoólatra, desestruturação familiar, acidentes de carro, violência urbana, gastos médicos excessivos e morte precoce (Barros & Pillon, 2007).

Sobre as drogas ilícitas como maconha, cocaína, ecstasy, lsd etc., existe também a questão de prejuízos a saúde dos usuários e sofrimento para seus familiares, mas também há o tráfico de drogas, pois como muitas drogas são ilegais no nosso país esse é único jeito de consegui-las, o que gera o sustento do crime organizado em muitas regiões do nosso país (Neves & Segatto, 2010).

Nesse sentido, o primeiro objetivo desta pesquisa é saber se atitudes relacionadas a consumo de drogas passarão a ocorrer na presença de estímulo neutro após um treino de pareamento ao modelo, o segundo é comparar as avaliações entre as drogas legais e ilegais. Para tanto, os participantes desse estudo passarão pelas seguintes fases: 1) avaliação dos estímulos via diferencial semântico; 2) treino de discriminações condicionais, (pareamento ao modelo); 3) testes de simetria e equivalência de estímulos e; 4) repetição da avaliação dos estímulos via diferencial semântico.

Método

Participantes

Os participantes do experimento foram três pessoas selecionadas por conveniência. O convite da pesquisa foi enviado pelo aplicativo Whatsapp.

Procedimentos éticos

O experimento foi iniciado após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética do UniCEUB e a entrega dos TCLEs (Termos de Consentimento Livre e Esclarecido) às participantes, que foram lidos e assinados por elas. Posteriormente, após a entrega dos TCLEs assinados, foram definidos horário e data para a realização do experimento.

Local

Idêntico ao Experimento 2.

Recursos utilizados para a realização da pesquisa

Idêntico ao Experimento 2.

Imagens. Para a realização da pesquisa foram utilizadas 12 imagens. As imagens utilizadas para a formação das classes de equivalência foram: a) três fotografias de pessoas utilizando algum tipo de droga, sendo uma fotografia de um indivíduo consumindo álcool, uma de um indivíduo consumindo maconha e uma de um indivíduo consumindo crack (imagens D1, D2 e D3, respectivamente); nove figuras abstratas extraídas de Eilertsen e Arntzen (2020) (A1, A2, A3, B1, B2, B3, C1, C2 e C3) - Figura 1.

Figura 1. estímulos utilizados no Experimento 10.

		
a1	a2	a3
		
b1	b2	b3
		
c1	c2	c3
		
d1	d2	d3

Procedimento de coleta de dados

Idêntico ao Experimento 2, exceto que foi composto pelas seguintes condições experimentais: Pré-teste; Treino AB/AC 100%; Treino AB/AC 80%; Treino AB/AC 20%; Treino AB/AC 0%; Testes de Equivalência; **Treino AD 100%; Treino AD 80%; Treino AD 20%; Treino AD 0%; Testes de Equivalência**; e Pós-teste.

Os treinos AD foram idênticos os treinos AB/AC, exceto que foram treinadas apenas as relações AD (Figura 1). Os Testes de equivalência após o Treino AD foram idênticos a esses mesmos testes antes dos Treinos AD, exceto que foram testadas as relações D-todos os outros estímulos (ver descrição do Treino BD do Experimento 12 para maiores detalhes).

Note que no Experimento 10, ao contrário dos experimentos de 2 a 9, o Treino AB/AC foi constituído apenas de estímulos abstratos. Os estímulos com significado pré-experimental foram inseridos na classe de equivalência apenas no Treino AD (ver Figura 1).

Resultados

Resumo

Todos os participantes atingiram o critério de 90% de acerto no treino AB AC 100% porém o P05 atingiu o tempo máximo (mais de 30 erros) e refez a fase. No treino AB AC 80%, 20% e 0% todos os participantes atingiram o critério de 90% de acerto nos blocos. Verificou-se que os participantes tiveram mais erros no treino 100% do que nos demais. No treino AB AC 80%, os participantes tiveram 100% de acerto, exceto pelo P03 que teve um erro, enquanto no treino 20% a maioria acertou 100% exceto P05 (3 erros), no treino 0%, o P03 acertou 100 %, o P05 teve 3 erros e P06 teve apenas 1 erro.

No primeiro teste de Simetria, Transitividade e equivalência, os participantes apresentaram poucos erros, sendo possível observar a formação da classe de equivalência. P03 e P06 atingiram 100% em todas as relações, enquanto P05 atingiu 93,33% somente na relação AC.

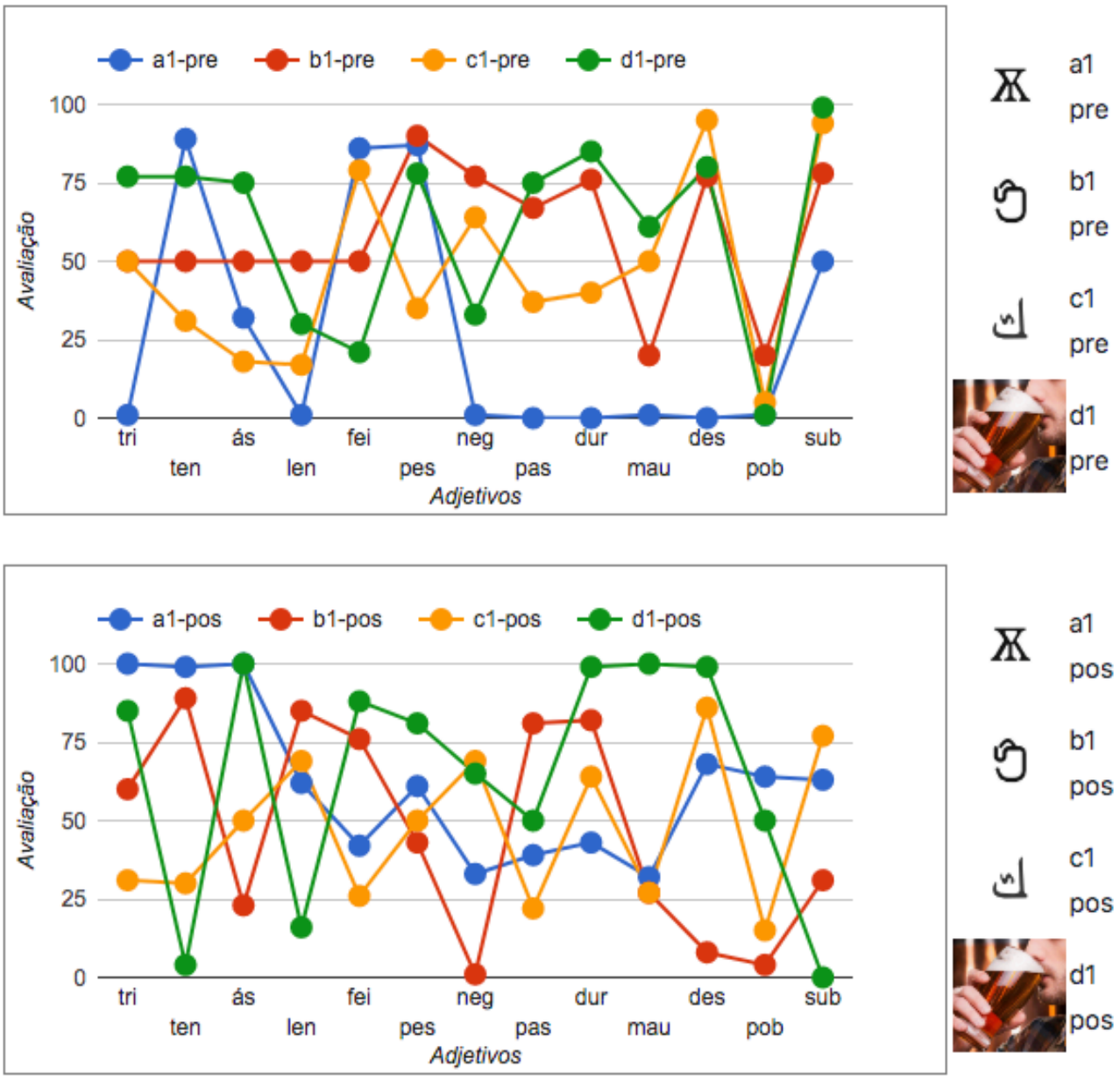
Na segunda fase do teste de Simetria transitividade e equivalência o participante PO3 atingiu 93,33 % nas relações AB,CB e DB nas outras relações atingiu 100 %, o P05 atingiu 93,33% na relação BA, o PO6 atingiu 86,66 na relação CB, e 93,33% na relação. DB.

A seguir, examinaremos em mais detalhes as avaliações nas Escalas de Diferencial Semântico no Pré-teste e Pós-teste para cada participante.

Participante 1

Na Figura 4, observa-se que o participante 1 avaliou, inicialmente, a figura A1 de maneira mais negativa, C1 de maneira variada e B1 e D1, de forma mais elevada. Após o emparelhamento, no Pós-Teste, observa-se que todos os estímulos receberam um aumento de avaliação, inclusive o D1, que foi elevado conjuntamente.

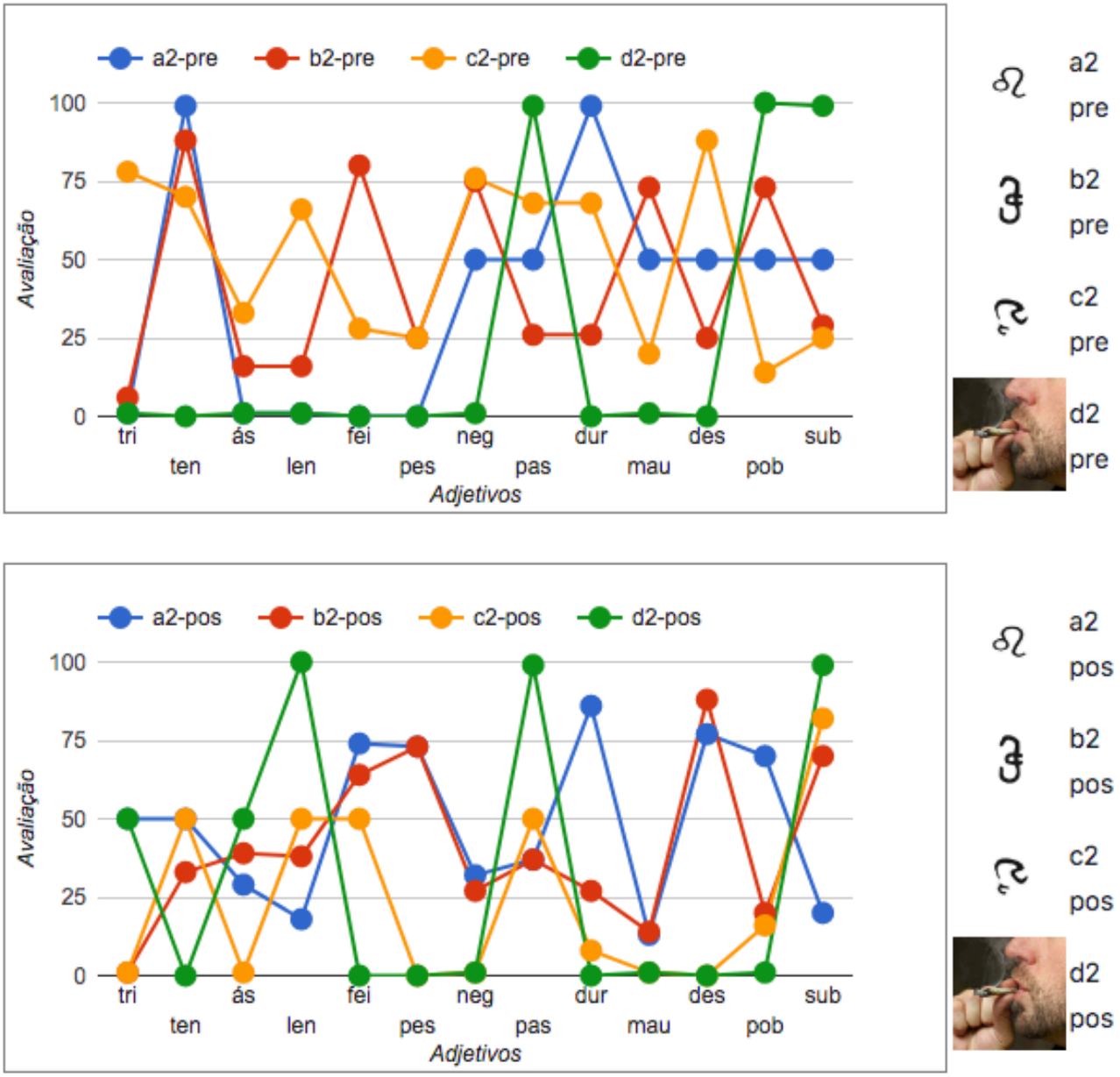
Figura 4. Avaliação dos estímulos A1, B1, C1 e D1 do Participante 1 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste.



Na Figura 5, observa-se que, enquanto os estímulos A2, B2 e C2 receberam avaliações bem variadas, o estímulo com significado social D2 foi avaliado de

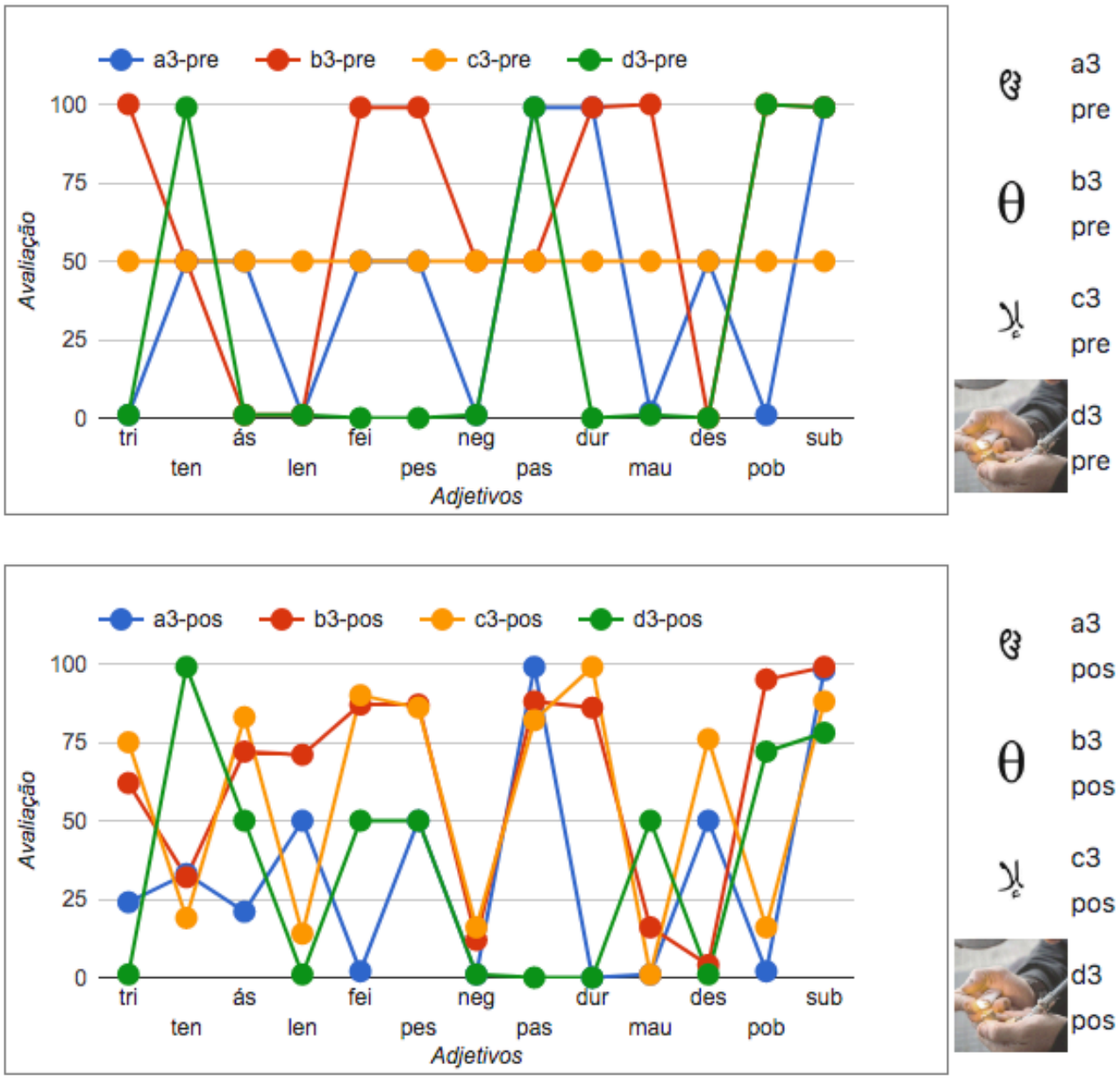
forma muito negativa. No entanto, após o emparelhamento, apesar de os estímulos A2, B2 e C2 terem sido emparelhados e recebido avaliações mais parecidas, não se assemelharam muito ao estímulo D2, que continuou recebendo avaliação muito mais baixa que os demais.

Figura 5. Avaliação dos estímulos a2, b2 e c2 do Participante 1 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste.



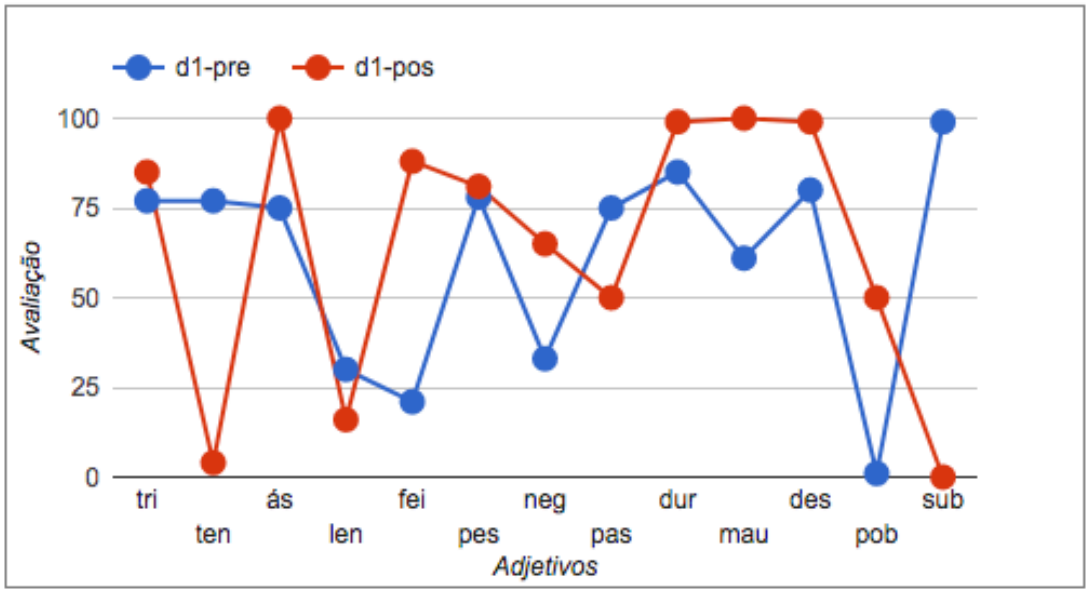
Na Figura 6, relacionada com os estímulos do Grupo 3, observa-se que os estímulos A3 e B3 foram avaliados de forma variada, o C3, extremamente neutro e o D3, muito baixo. Posteriormente ao emparelhamento, todas as avaliações variaram, recebendo considerável redução e assemelhando-se ao estímulo de significado social.

Figura 6. Avaliação dos estímulos a3, b3 e c3 do Participante 1 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste.

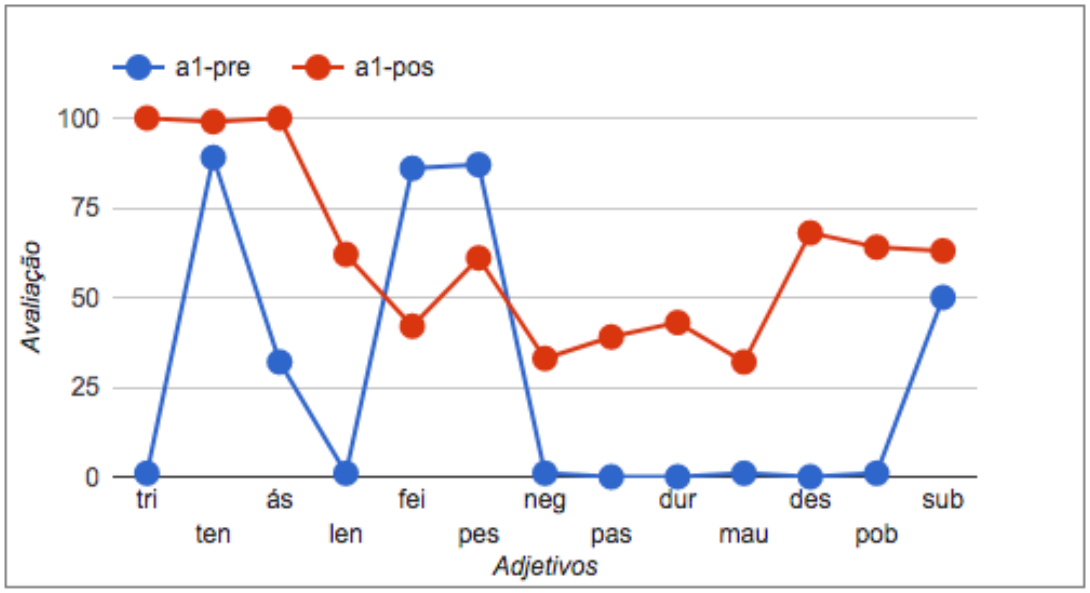


Em relação aos estímulos D1 e A1, quando comparados com eles mesmos nas duas etapas do experimento, conclui-se que, para o primeiro participante, o estímulo D1, de significado social, recebeu um leve aumento em sua avaliação, enquanto o estímulo A1, teve sua avaliação muito elevada, assemelhando-se fortemente com a avaliação do estímulo de significado social no Pós-Teste. Este dado pode vir a comprovar a Transferência de Função do D1 ao A1.

Figura 7. Avaliação dos estímulos a1 e d1 do Participante 1 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



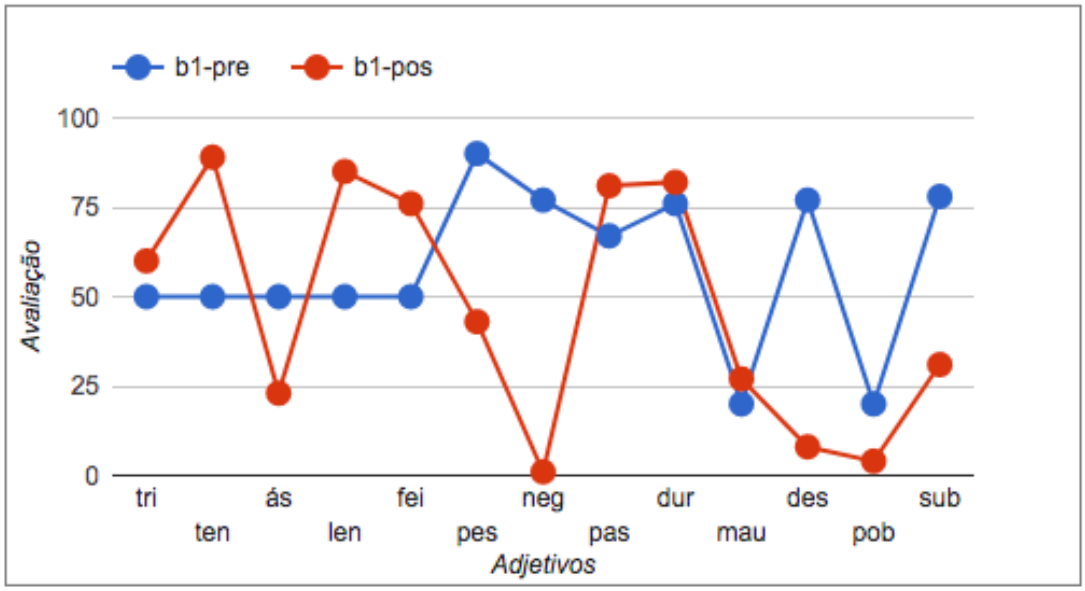


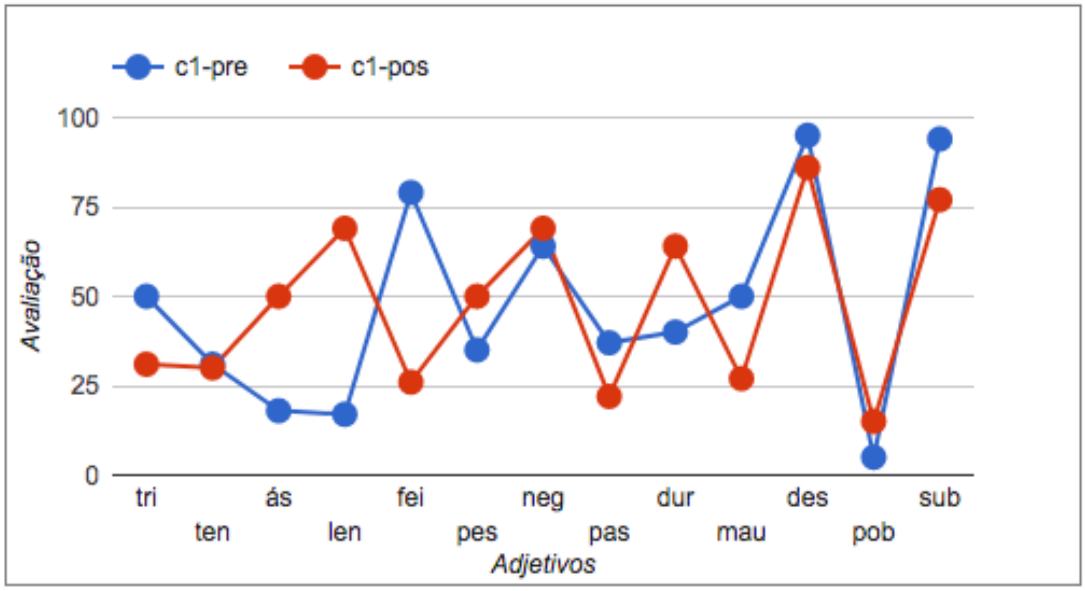




No que diz respeito às avaliações dos estímulos B1 e C1 para este participante, observa-se que ambas sofreram alterações, levando-os a se assemelhar à posterior avaliação do estímulo D1, de significado social, apresentado na figura anterior. Este dado, portanto, também pode vir a comprovar uma possível Transferência de Função do estímulo D1 aos demais.

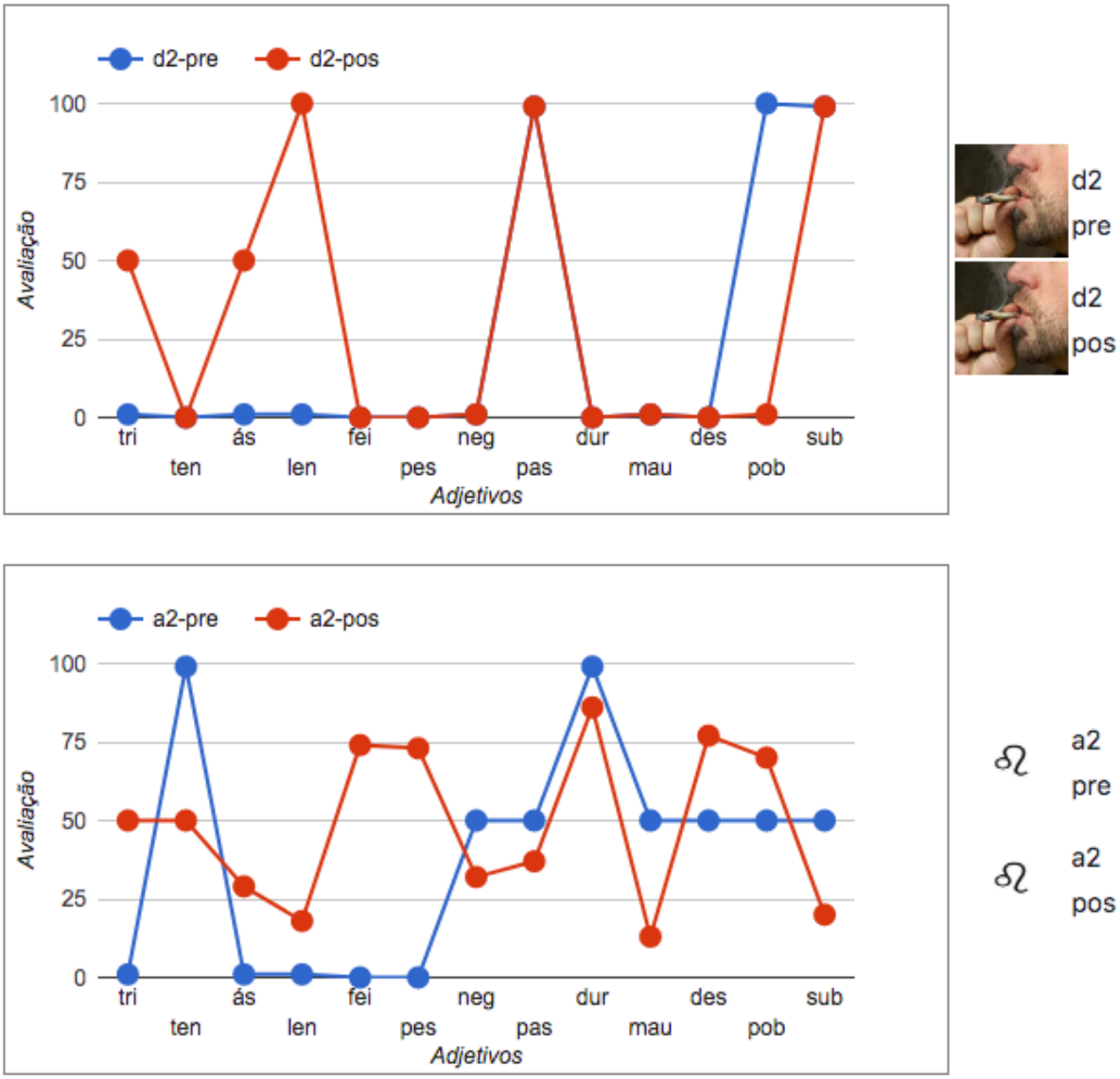
Figura 8. Avaliação dos estímulos b1 e c1 do Participante 1 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.





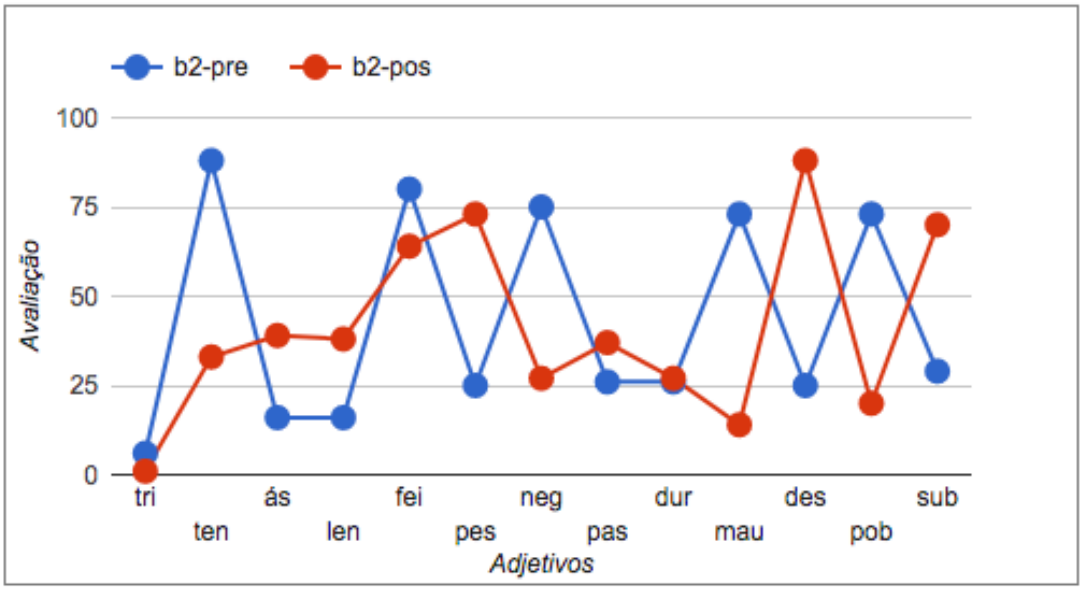
Na Figura 9 abaixo observa-se a avaliação dos estímulos A2 e D2 nas duas etapas do experimento, quando comparados com eles mesmos. O estímulo D2, de significado social, recebeu uma forte variação de avaliação, da mesma forma que o estímulo A2. No entanto, as variações não parecem relacionadas, considerando que foram muito distintas.

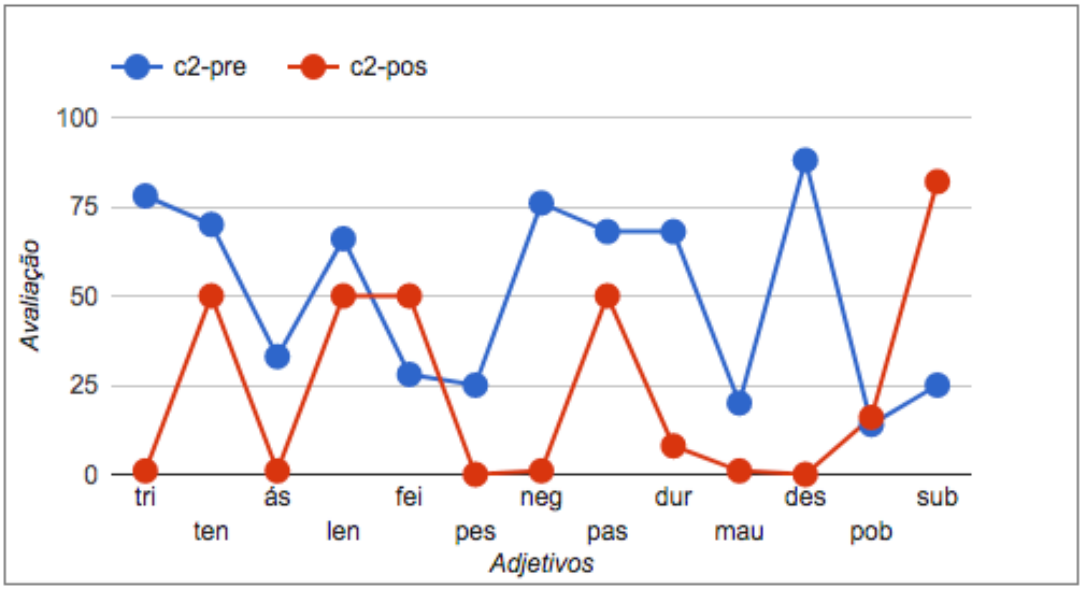
Figura 9. Avaliação dos estímulos a2 e d2 do Participante 1 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



Na Figura abaixo, observa-se que ambos os estímulos B2 e C2 tiveram variações em suas avaliações, com uma leve redução. No entanto, estas variações também não parecem estar relacionadas pois não foram semelhantes. Portanto, estes dados não permitem a conclusão de que houve Transferência de Função do estímulo D2 aos demais.

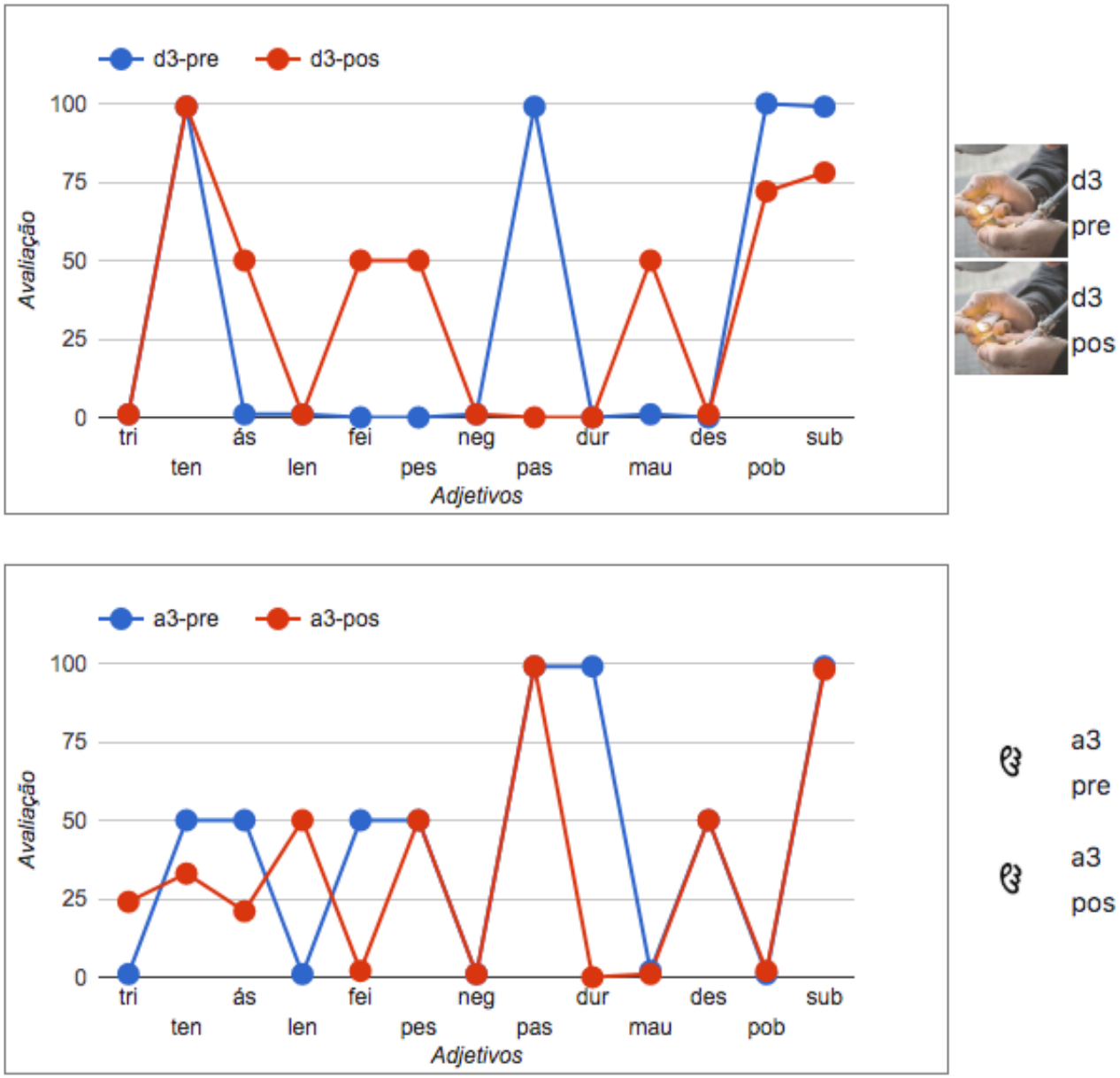
Figura 10. Avaliação dos estímulos b2 e c2 do Participante 1 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.





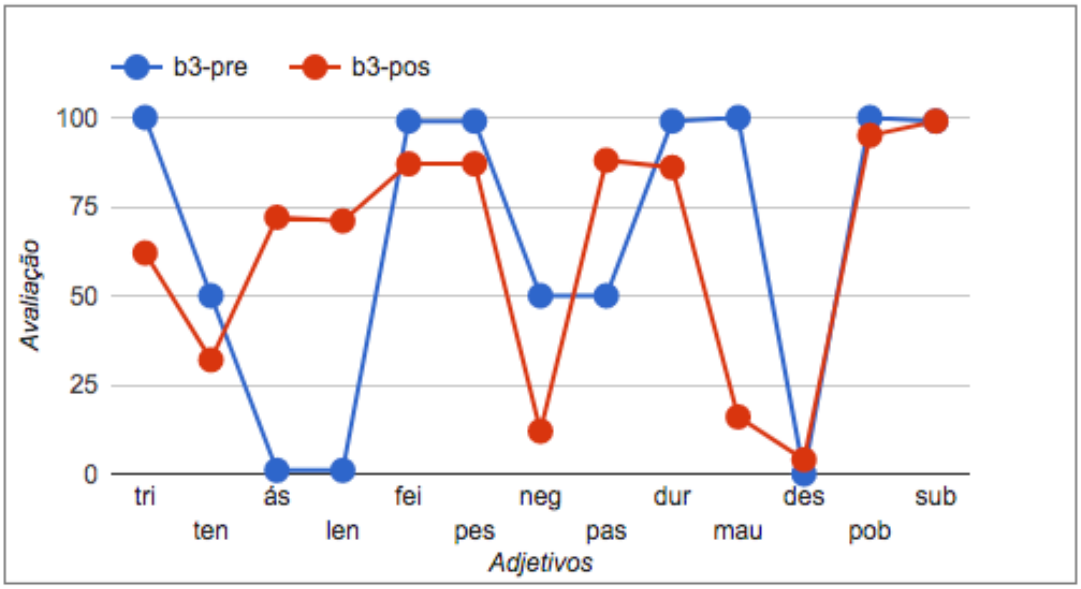
A Figura 11 apresenta as avaliações dos estímulos A3 e D3. Observa-se que o estímulos D3, de significado social, apresentou um aumento em sua avaliação, enquanto o A3 também recebeu uma variação e um leve aumento. Estas mudanças parecem estar relacionadas, podendo representar Transferência de Função do estímulo D3 ao A3.

Figura 11. Avaliação dos estímulos d3 e a3 do Participante 1 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



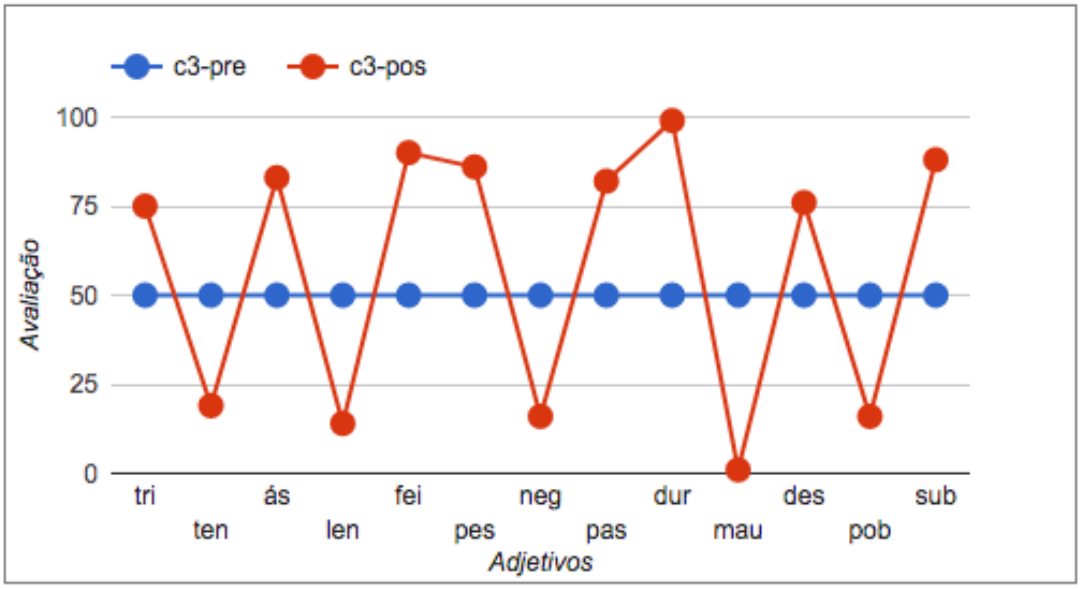
Na figura abaixo, observa-se as avaliações dos estímulos A3 e B3 do primeiro participante, quando comparados com eles mesmos nas duas etapas do experimento. Pode-se concluir que ambos sofreram variação em suas avaliações e que suas avaliações finais ficaram muito parecidas entre si, aparentando haver emparelhamento de estímulos.

Figura 12. Avaliação dos estímulos b3 e c3 do Participante 1 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



θ b3 pre

θ b3 pos



ﻉ c3 pre

ﻉ c3 pos

As tabelas abaixo representam o Grau de Equivalência entre os estímulos na fase de Pré-Teste. Como referência, observa-se os estímulos A1 e D1, que apresentavam, inicialmente, apenas 53% de equivalência.

Figura 13. Grau de equivalência do Pré-Teste do Participante 1.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	100	57	67	57	68	51	59	51	60	53	58	65
a2	57	100	66	60	72	58	63	65	73	62	62	70
a3	67	66	100	73	53	55	66	61	70	71	66	66
b1	57	60	73	100	58	59	75	81	83	78	45	45
b2	68	72	53	58	100	60	71	64	72	52	54	60
b3	51	58	55	59	60	100	60	47	62	60	51	51
c1	59	63	66	75	71	60	100	71	77	70	51	48
c2	51	65	61	81	64	47	71	100	75	73	43	46
c3	60	73	70	83	72	62	77	75	100	71	51	51
d1	53	62	71	78	52	60	70	73	71	100	43	48
d2	58	62	66	45	54	51	51	43	51	43	100	92
d3	65	70	66	45	60	51	48	46	51	48	92	100

A tabela abaixo apresenta o Grau de Equivalência entre os estímulos no Pós-Teste, ou seja, após o emparelhamento. Observa-se que os mesmos estímulos analisados anteriormente, A1 e D1, agora possuem equivalência de 62%, representando um aumento após seu emparelhamento.

Figura 14. Grau de equivalência do Pós-Teste do Participante 1.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	100	71	57	64	69	64	71	56	64	62	48	65
a2	71	100	58	70	78	69	70	59	73	70	45	61
a3	57	58	100	66	73	62	70	77	64	36	81	61
b1	64	70	66	100	62	71	64	67	64	49	64	60
b2	69	78	73	62	100	63	80	75	72	58	57	67
b3	64	69	62	71	63	100	62	59	77	56	62	57
c1	71	70	70	64	80	62	100	64	66	58	61	61
c2	56	59	77	67	75	59	64	100	56	35	74	72
c3	64	73	64	64	72	77	66	56	100	71	56	49
d1	62	70	36	49	58	56	58	35	71	100	31	40
d2	48	45	81	64	57	62	61	74	56	31	100	55
d3	65	61	61	60	67	57	61	72	49	40	55	100

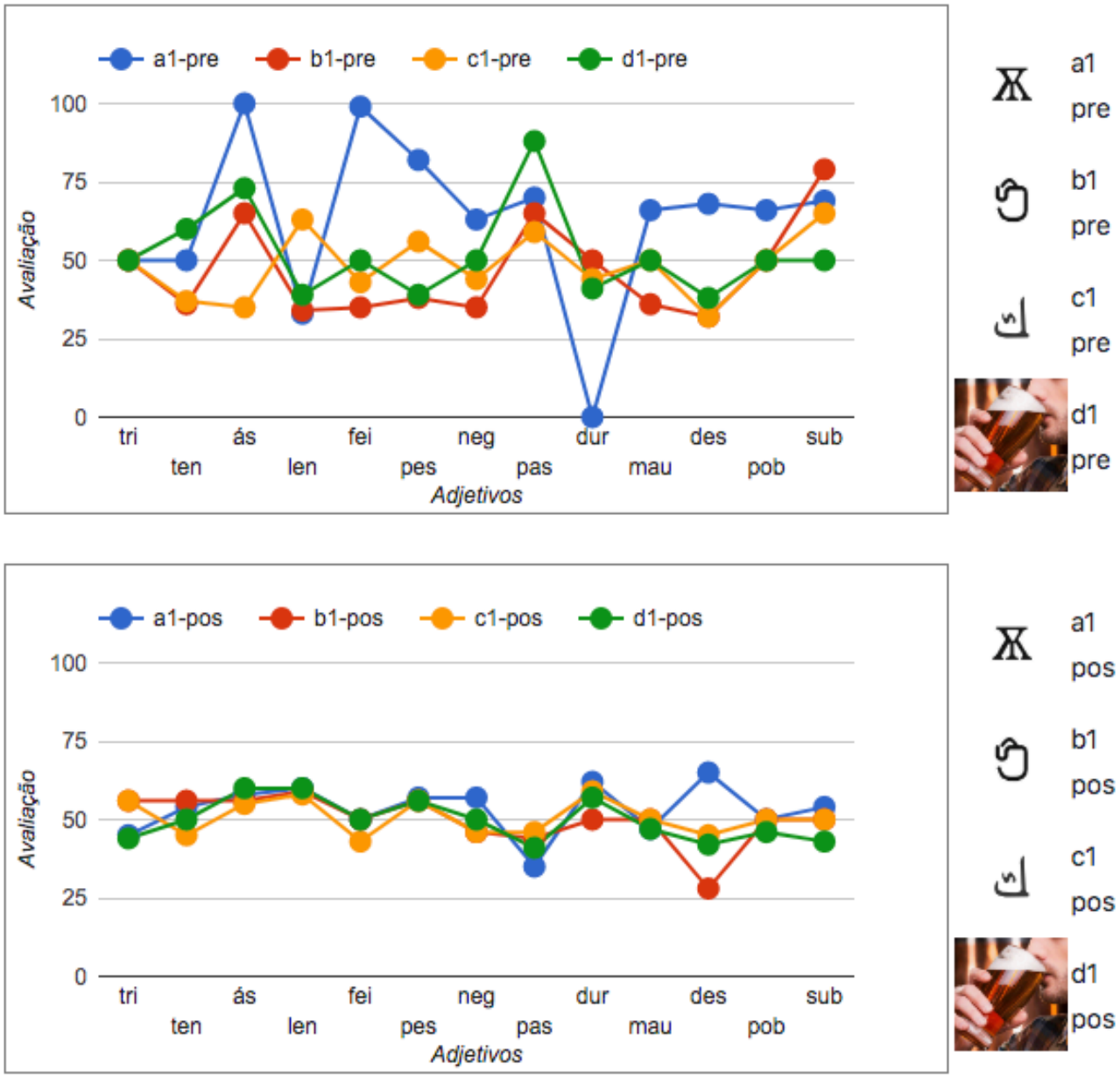
Figura 15. Grau de equivalência entre Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 1.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	54	63	65	67	72	56	55	73	59	41	56	81
a2	61	66	58	60	61	46	62	65	51	52	47	66
a3	56	67	79	68	72	67	68	71	76	48	66	66
b1	71	77	67	68	79	71	84	65	77	64	57	57
b2	61	70	52	64	66	50	61	64	46	56	41	74
b3	54	64	42	53	51	69	48	51	61	64	35	54
c1	63	73	68	63	79	58	79	65	69	64	56	60
c2	70	72	63	74	68	57	81	61	63	60	56	48
c3	79	78	68	70	76	67	80	69	64	66	58	70
d1	72	69	65	66	68	67	71	53	78	64	55	55
d2	41	49	75	48	56	58	48	76	49	28	77	66
d3	49	49	72	54	54	56	45	76	44	21	70	73

Participante 2

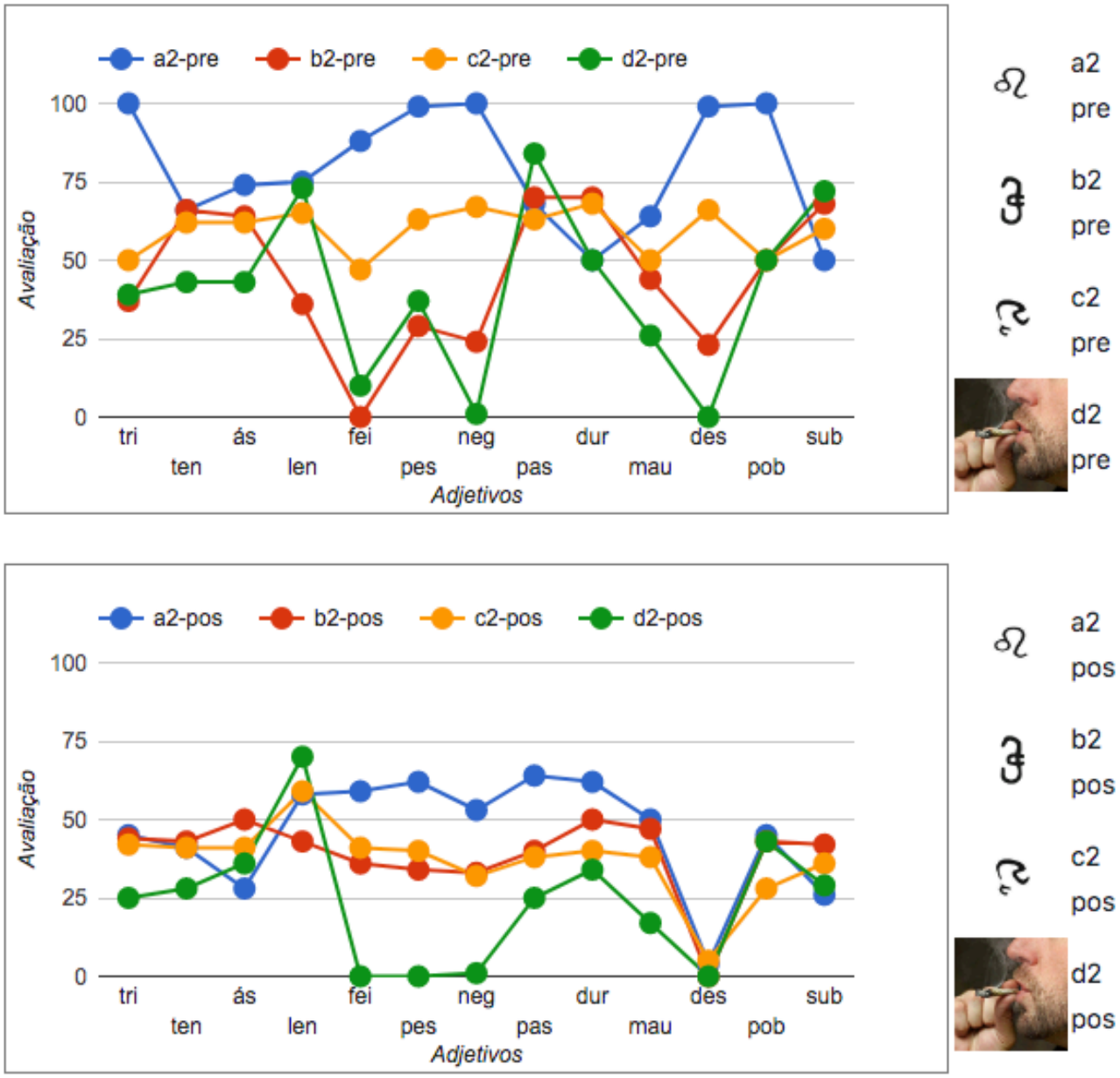
A Figura 16 apresenta as avaliações do segundo participante em relação aos estímulos A1, B1, C1 e D1 nas duas etapas do experimento. Observa-se que todas as avaliações iniciais foram muito variadas e mais neutras. Posteriormente ao emparelhamento, todas continuaram neutras e variadas, porém muito mais semelhantes, comprovando a efetividade do emparelhamento.

Figura 16. Avaliação dos estímulos A1, B1, C1 e D1 do Participante 2 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste.



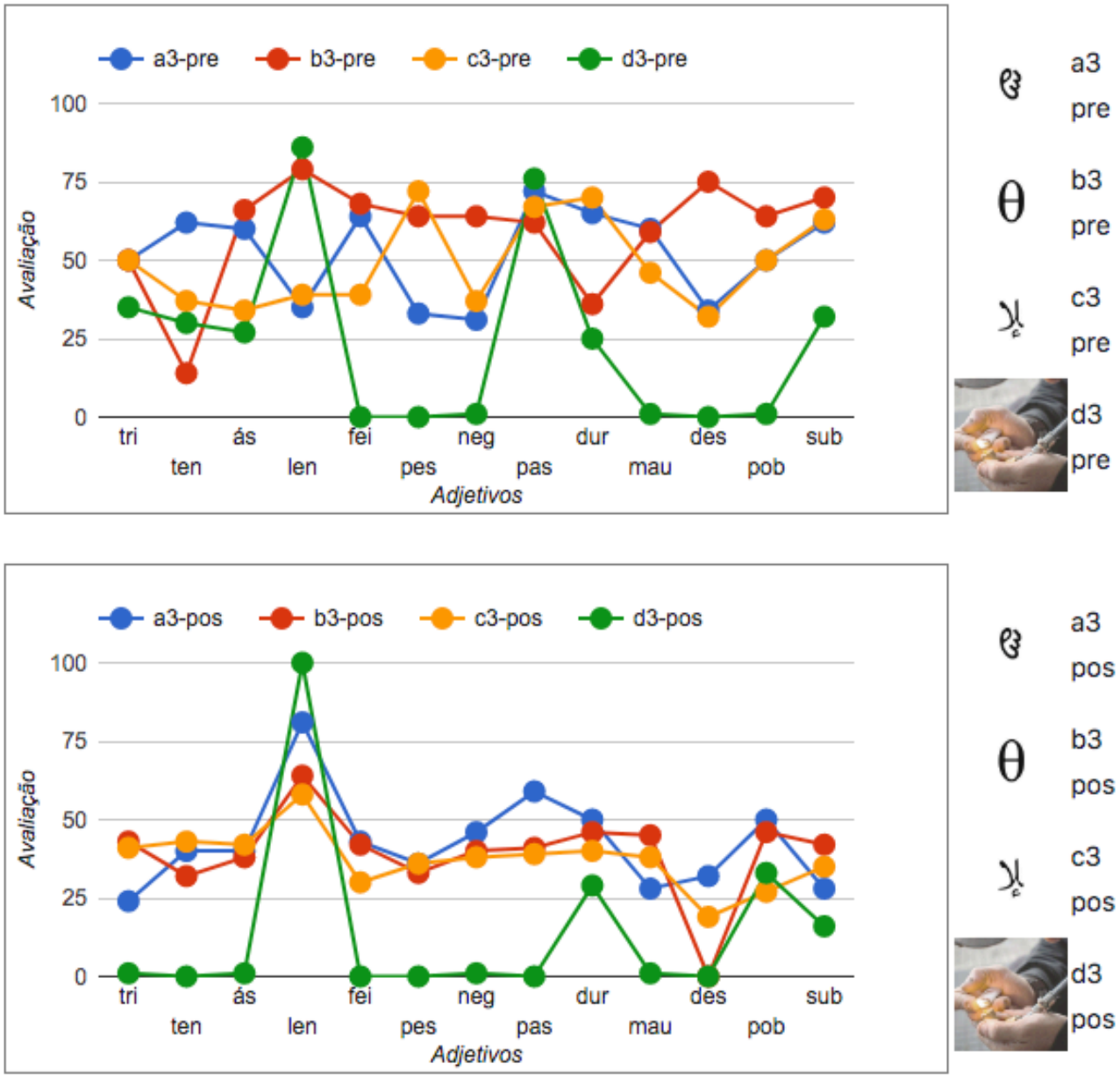
A Figura 17 apresenta as avaliações dos estímulos do grupo 2 nas duas etapas do experimento. Observa-se que todos foram variados, apesar de um destaque na avaliação do A2, que foi mais elevada, e do D2, um pouco mais reduzida. Após o emparelhamento, observa-se que as avaliações ficaram mais semelhantes, apesar de o estímulo de significado social, D2, continuar com avaliação mais reduzida.

Figura 17. Avaliação dos estímulos A2, B2, C2 e D2 do Participante 2 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste.



Em relação aos estímulos do grupo 3, conclui-se que os estímulos abstratos A3, B3 e C3 ficaram com avaliações mais semelhantes após o emparelhamento, porém o estímulo D3, de significado social, continuou com uma avaliação muito reduzida. Pode-se dizer que houve emparelhamento entre os abstratos, porém não houve aparente Transferência de Função do D3 aos demais.

Figura 18. Avaliação dos estímulos A3, B3, C3 e D3 do Participante 2 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste.



A figura abaixo apresenta as avaliações dos estímulos A1 e D1 nas duas etapas. Conclui-se que ambos receberam avaliações mais neutras e semelhantes no Pós-Teste, o que nos permite concluir que houve emparelhamento entre os dois.

Figura 19. Avaliação dos estímulos a1 e d1 do Participante 2 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

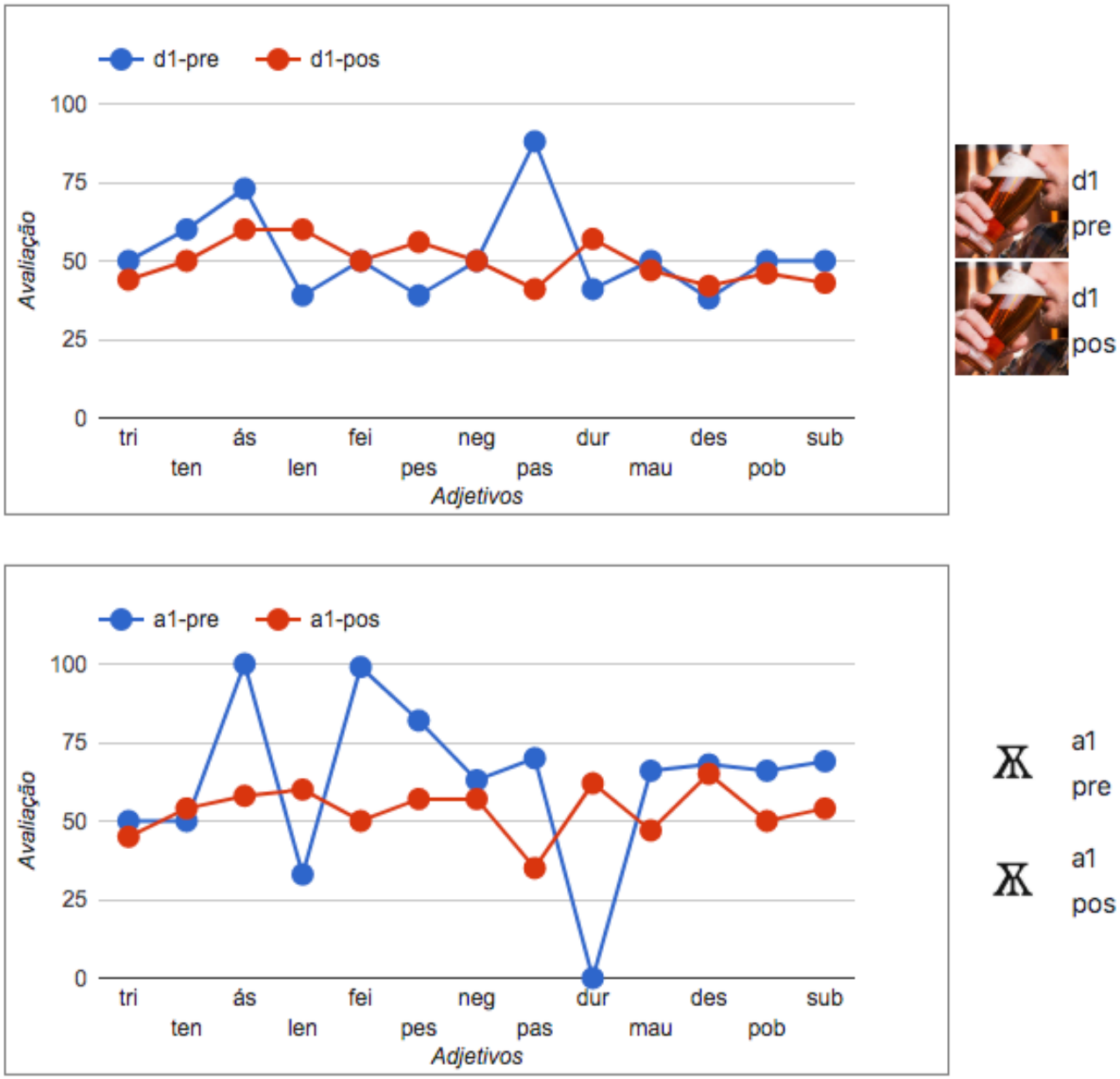
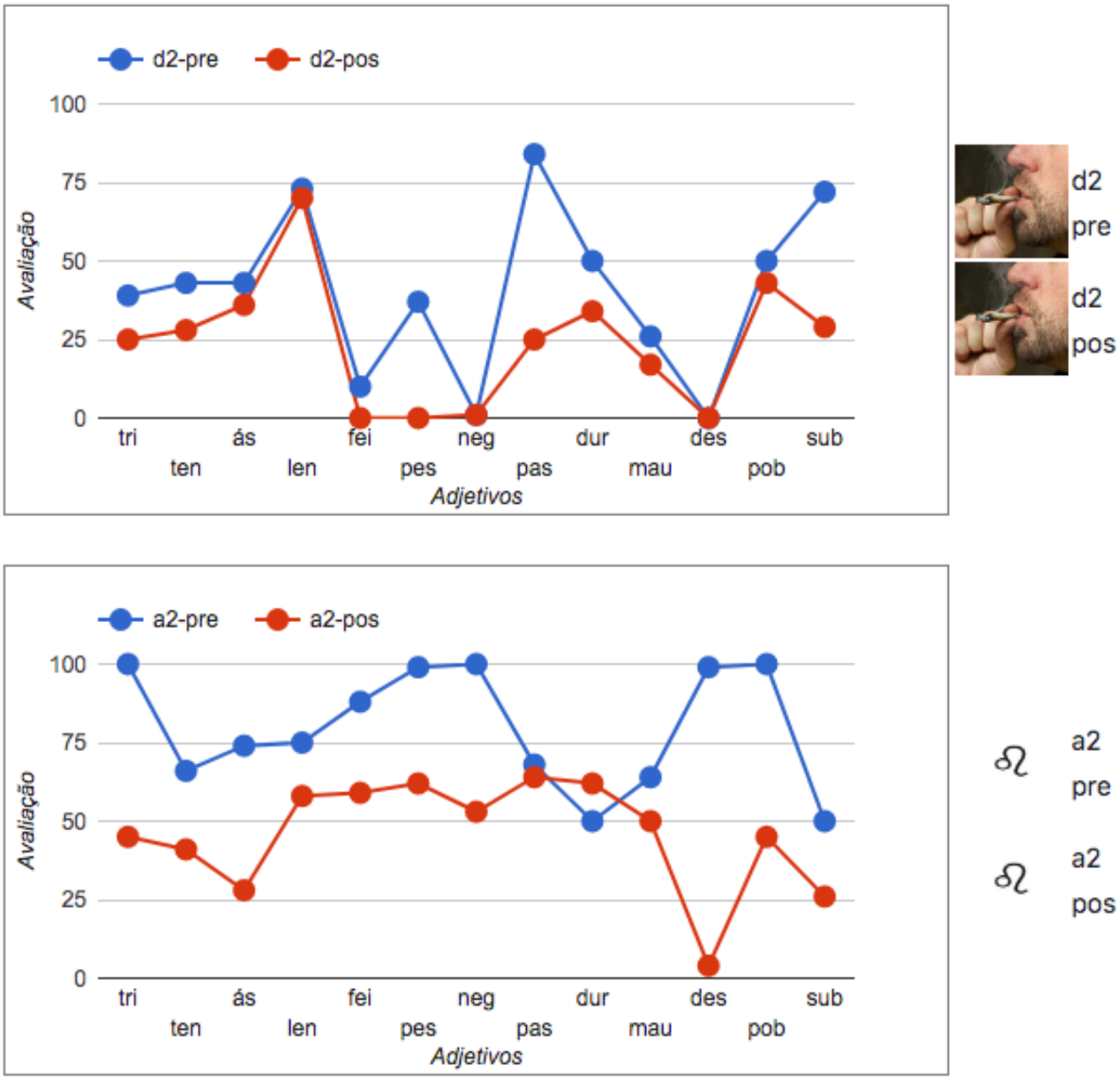


Figura 20. Avaliação dos estímulos b2 e c2 do Participante 2 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

Os dados da Figura 20 foram perdidos e, por isso, não são apresentados aqui.

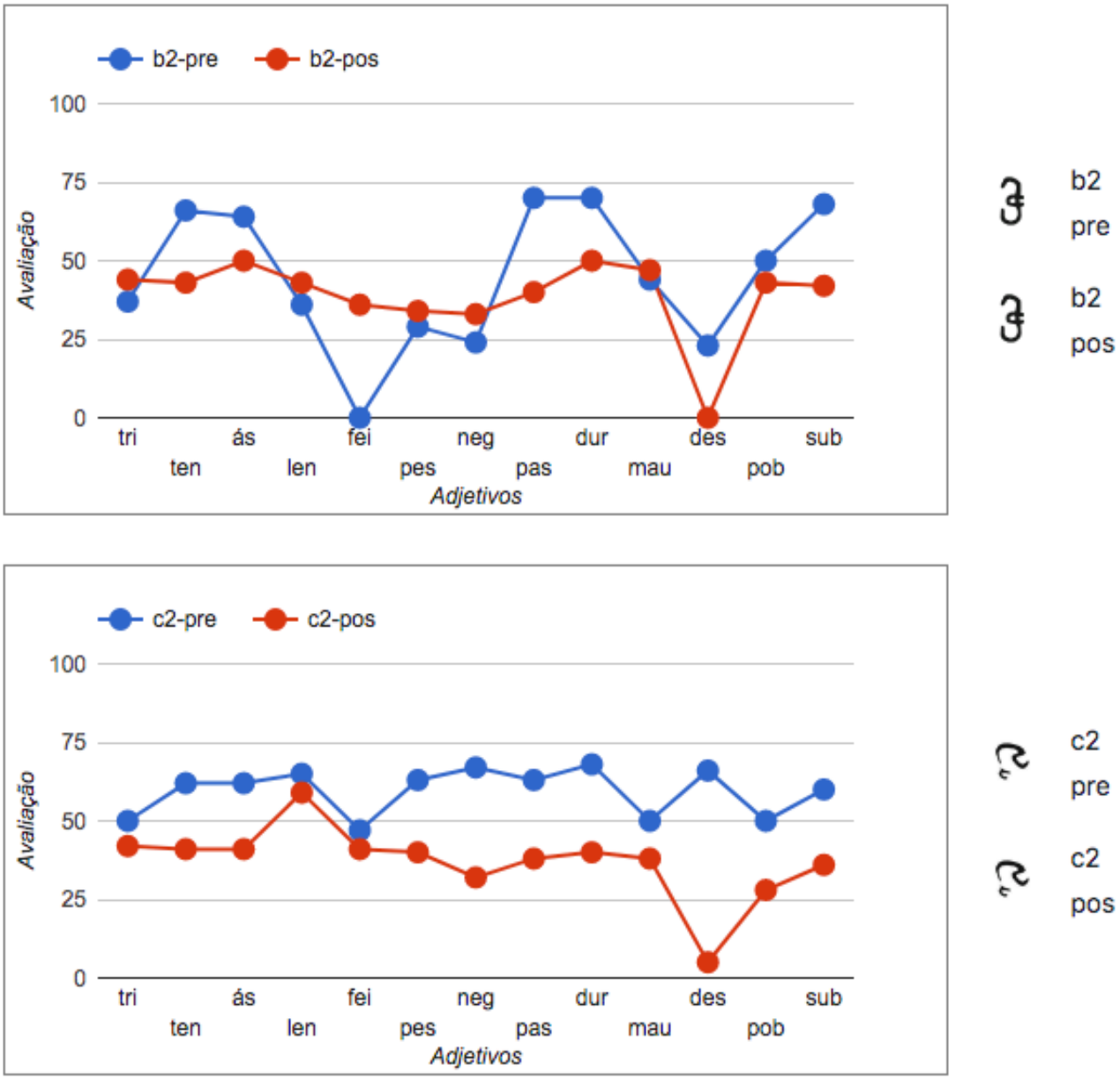
A Figura 21 apresenta as avaliações dos estímulos A2 e D2 nas duas etapas do experimento. Observa-se que, enquanto o estímulo de significado social não sofreu alterações muito significativas, o estímulo abstrato teve sua avaliação muito reduzida, assemelhando-se ao D2. Este dado pode comprovar uma Transferência de Função do estímulo com significado ao estímulo neutro.

Figura 21. Avaliação dos estímulos d2 e a2 do Participante 2 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



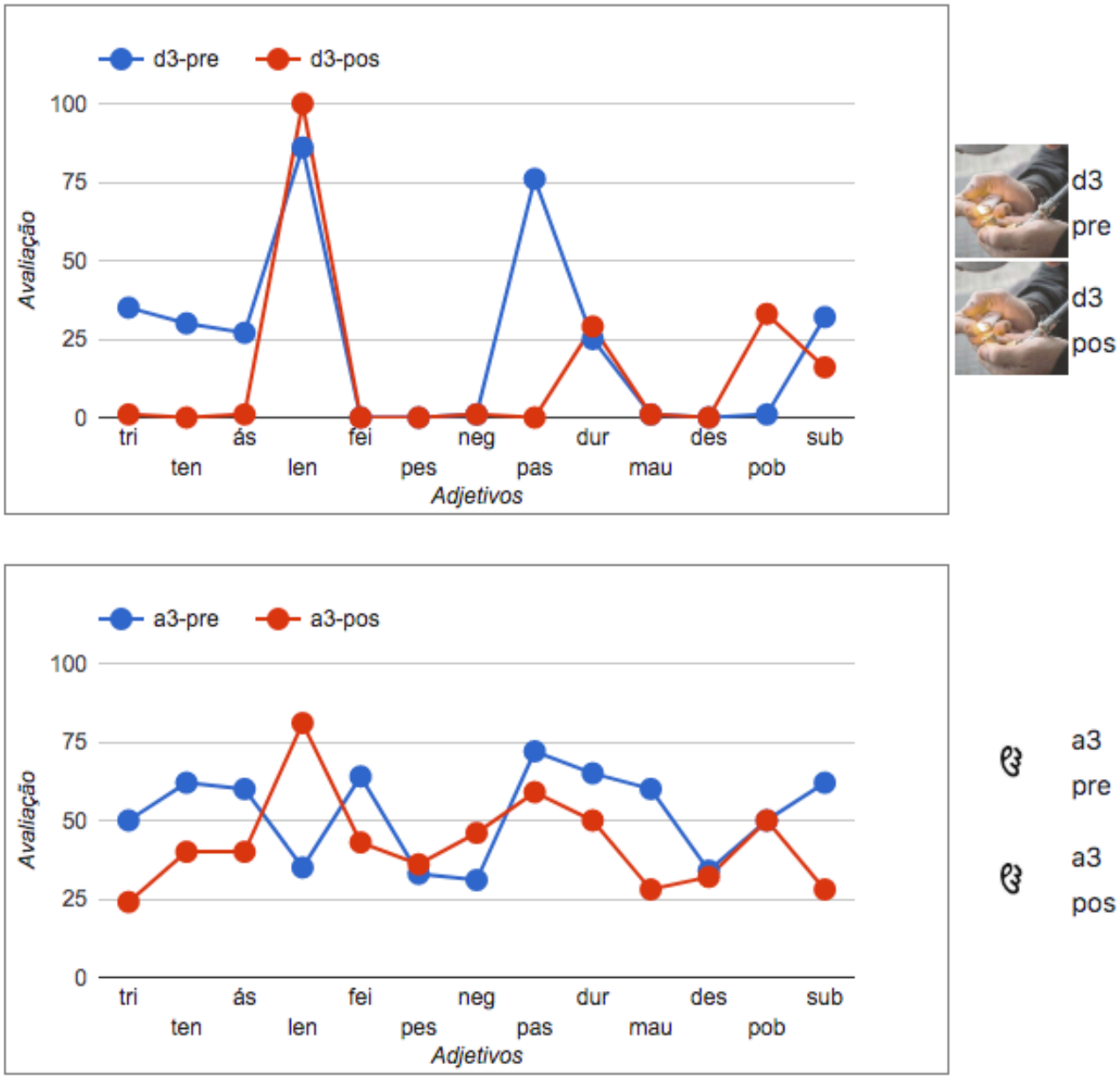
A figura abaixo apresenta as avaliações do B2 e C2 nas duas etapas. Observa-se que ambos sofreram redução em suas avaliações e ficaram com avaliações muito semelhantes no Pós-Teste, podendo comprovar um emparelhamento efetivo entre estes dois estímulos. Além disso, suas avaliações finais ficaram semelhantes à do estímulo D2 e A2, o que pode vir a comprovar, também, uma Transferência de Função do estímulo com significado social aos demais.

Figura 22. Avaliação dos estímulos b2 e c2 do Participante 2 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



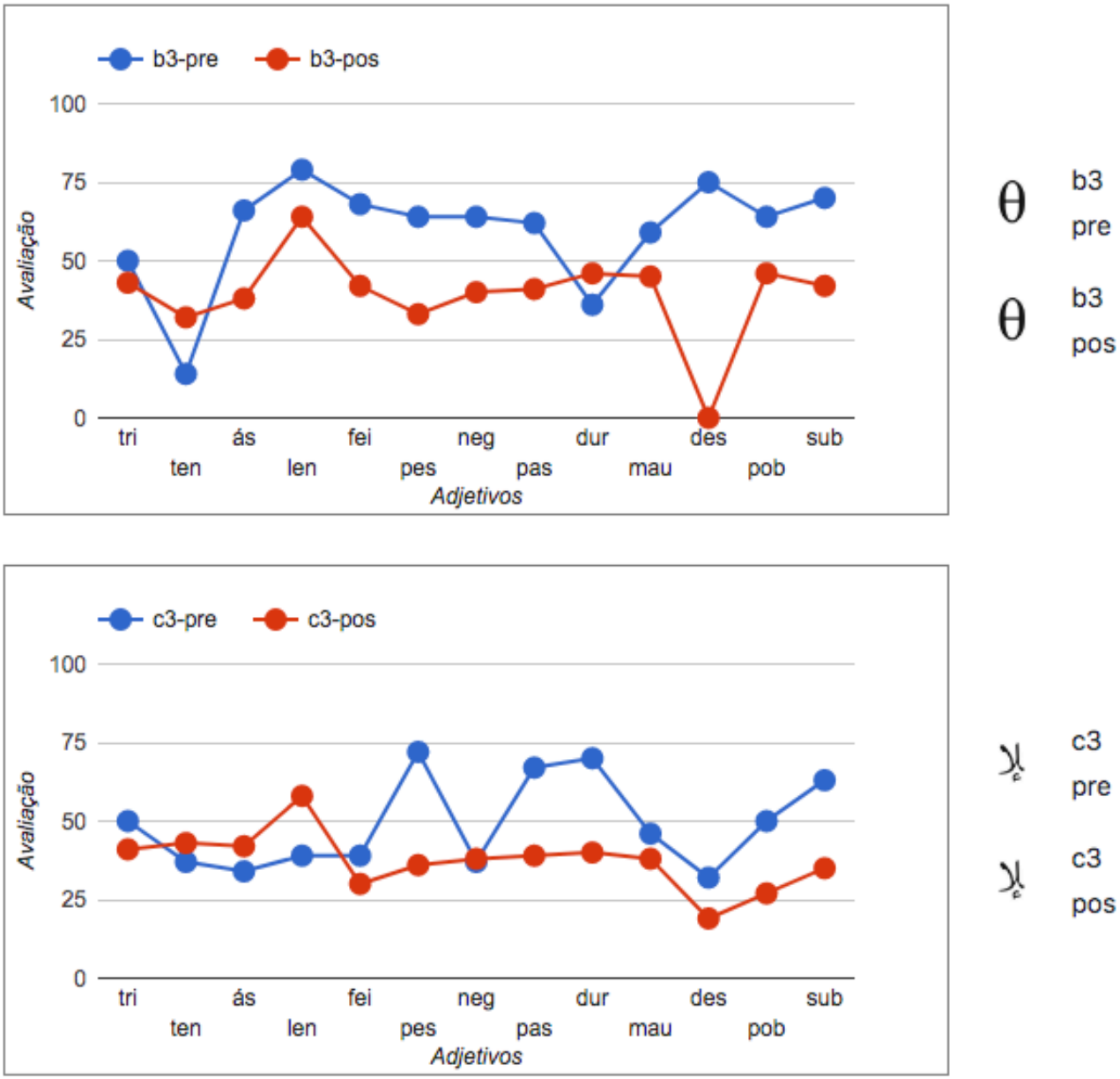
Em relação aos estímulos D3 e A3 nas duas etapas, observa-se que ambos tiveram redução em suas avaliações, apesar de o D3 ter sido avaliado de forma muito mais negativa. Não pode-se concluir que houve emparelhamento ou Transferência de Função pois as avaliações finais ficaram muito distintas.

Figura 23 Avaliação dos estímulos d3 e a3 do Participante 2 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



No que diz respeito aos estímulos B3 e C3, observa-se que ambos receberam redução em suas avaliações, assemelhando-se ao estímulo A3. Pode-se concluir que houve emparelhamento de estímulos entre os abstratos, apesar de não ser possível concluir a Transferência do D3 aos demais, já que sua avaliação final ficou muito distinta das demais.

Figura 24. Avaliação dos estímulos b3 e c3 do Participante 2 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



A figura abaixo apresenta o Grau de Equivalência entre os estímulos no Pré-Teste. Como referência, observa-se os estímulos A2 e D2, que apresentam 55% de equivalência antes de qualquer emparelhamento.

Figura 25. Grau de equivalência entre Pré-Teste do Participante 2.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	100	74	77	74	68	83	74	79	74	78	61	48
a2	74	100	68	63	59	76	67	76	64	70	55	42
a3	77	68	100	90	89	79	86	87	88	90	79	64
b1	74	63	90	100	88	80	90	83	90	89	84	68
b2	68	59	89	88	100	71	81	82	85	84	84	71
b3	83	76	79	80	71	100	84	87	79	80	71	59
c1	74	67	86	90	81	84	100	88	93	87	83	70
c2	79	76	87	83	82	87	88	100	87	87	75	59
c3	74	64	88	90	85	79	93	87	100	85	80	67
d1	78	70	90	89	84	80	87	87	85	100	78	65
d2	61	55	79	84	84	71	83	75	80	78	100	82
d3	48	42	64	68	71	59	70	59	67	65	82	100

No Pós-Teste, observa-se na figura abaixo que estes mesmos estímulos passaram a ter 74% de equivalência. Este dado comprova que houve emparelhamento entre eles.

Figura 26. Grau de equivalência no Pós-Teste do Participante 2.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	100	85	83	93	85	84	93	83	83	95	69	54
a2	85	100	86	88	87	88	88	87	85	89	74	62
a3	83	86	100	86	86	89	87	88	89	87	81	68
b1	93	88	86	100	89	89	96	87	87	95	72	58
b2	85	87	86	89	100	95	88	93	92	89	81	66
b3	84	88	89	89	95	100	88	94	92	89	83	69
c1	93	88	87	96	88	88	100	86	87	95	71	57
c2	83	87	88	87	93	94	86	100	97	87	83	70
c3	83	85	89	87	92	92	87	97	100	88	82	69
d1	95	89	87	95	89	89	95	87	88	100	72	58
d2	69	74	81	72	81	83	71	83	82	72	100	86
d3	54	62	68	58	66	69	57	70	69	58	86	100

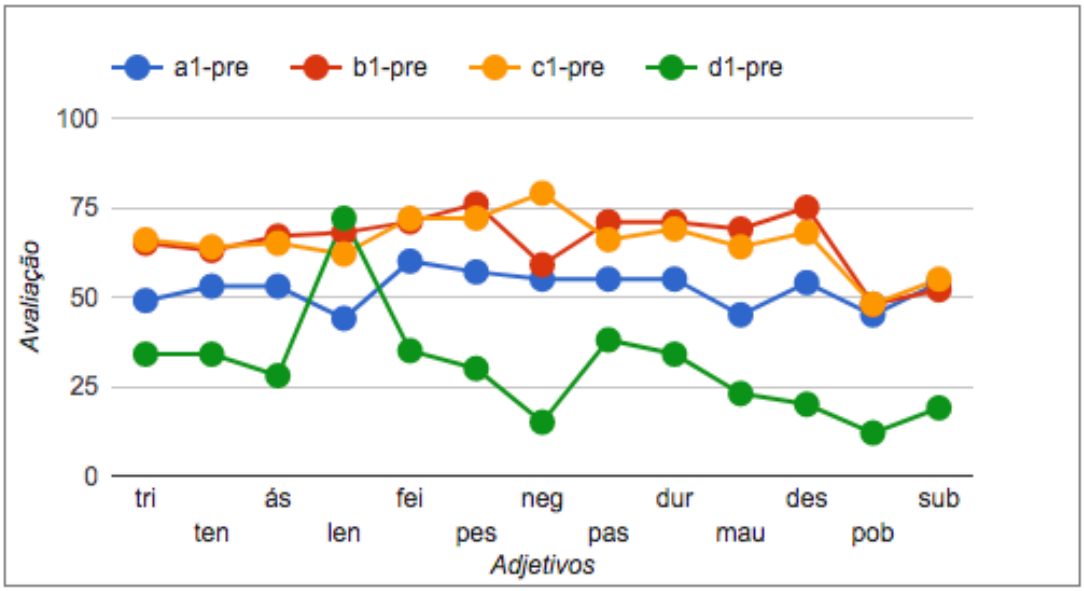
Figura 27. Grau de equivalência entre Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 2.

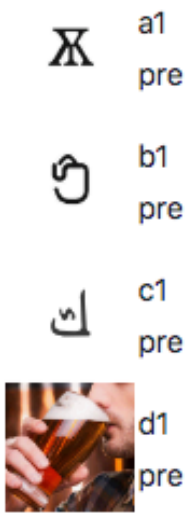
Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	76	70	65	74	67	65	74	64	65	74	50	36
a2	71	65	62	71	59	60	70	58	58	69	44	31
a3	85	82	81	87	85	81	87	80	80	86	66	52
b1	83	81	86	87	88	85	87	84	85	85	72	57
b2	80	77	79	82	84	80	81	79	81	81	74	59
b3	84	78	77	81	73	76	82	73	73	82	62	51
c1	88	89	89	92	86	90	93	87	87	90	74	60
c2	93	84	81	89	79	80	90	78	78	90	63	49
c3	85	87	84	87	86	85	89	83	83	86	70	56
d1	86	82	83	90	85	83	88	82	82	89	67	52
d2	75	79	84	79	84	84	78	83	83	77	83	69
d3	60	71	76	65	73	76	65	77	77	65	88	82

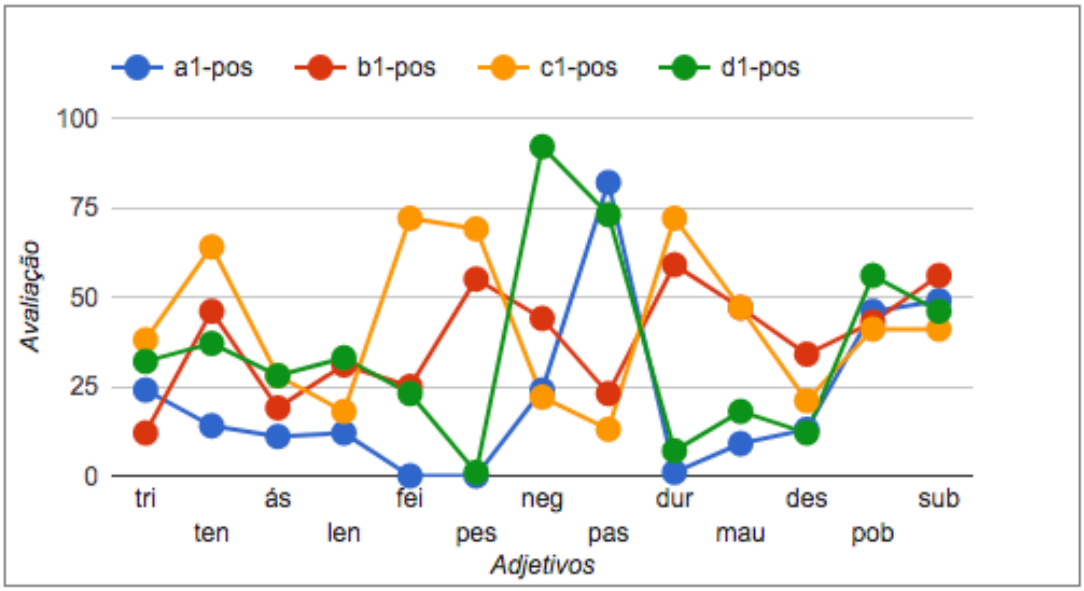
Participante 3

A Figura 28 apresenta as avaliações de todos os estímulos do grupo 1 para o quinto participante da pesquisa, nas duas etapas do experimento. Observa-se que, inicialmente, todos receberam avaliações pouco variadas, apesar de o D1 ter sido avaliado de forma mais negativa. Posteriormente, todos receberam muitas variações nas avaliações, com redução de todos, o que pode ser uma prova de Transferência de Função do estímulo com significado aos demais.

Figura 28. Avaliação dos estímulos A1, B1, C1 e D1 do Participante 3 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste.



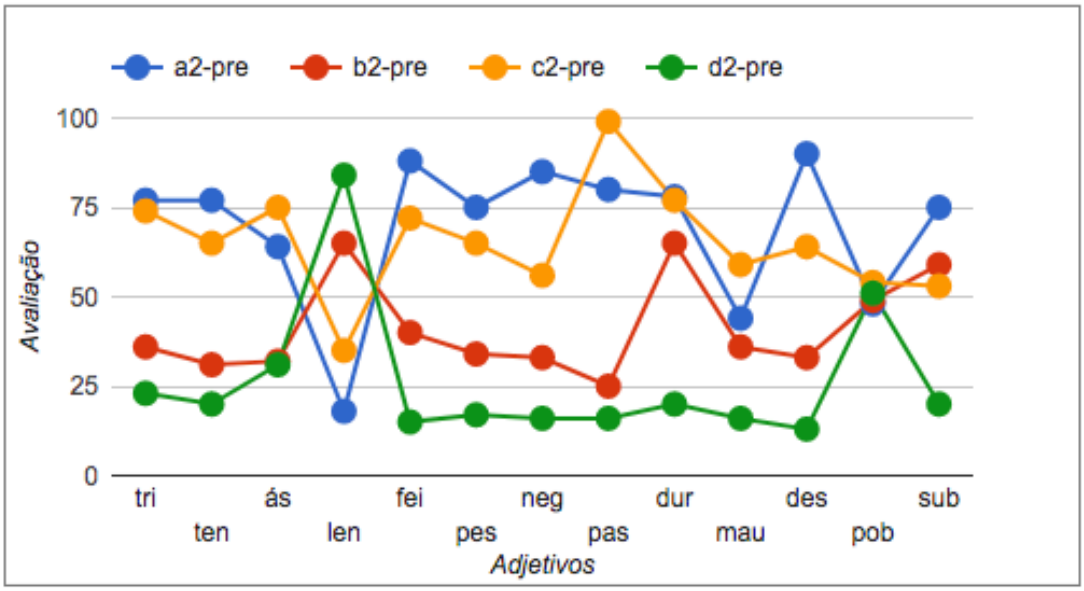


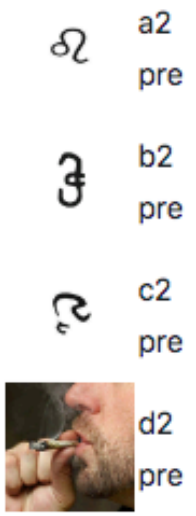


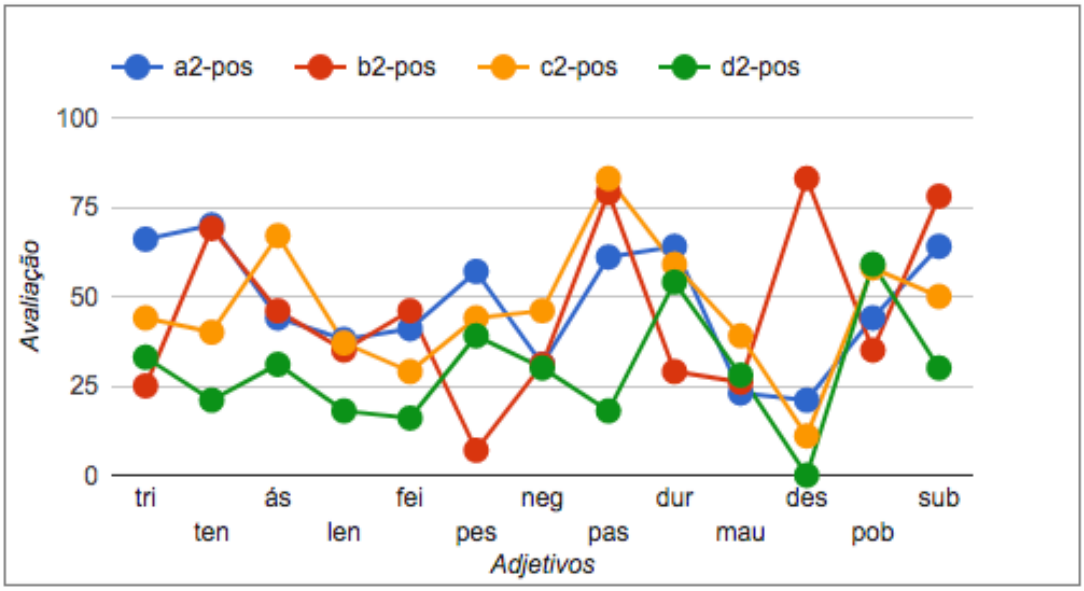


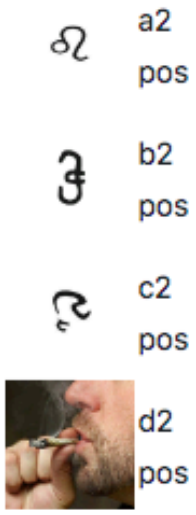
Em relação aos estímulos do grupo 2, observa-se que todos receberam avaliações bem variadas nas duas etapas, porém com uma maior semelhança no Pós-Teste, o que representa emparelhamento entre todos eles.

Figura 29. Avaliação dos estímulos A2, B2, C2 e D2 do Participante 3 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste.



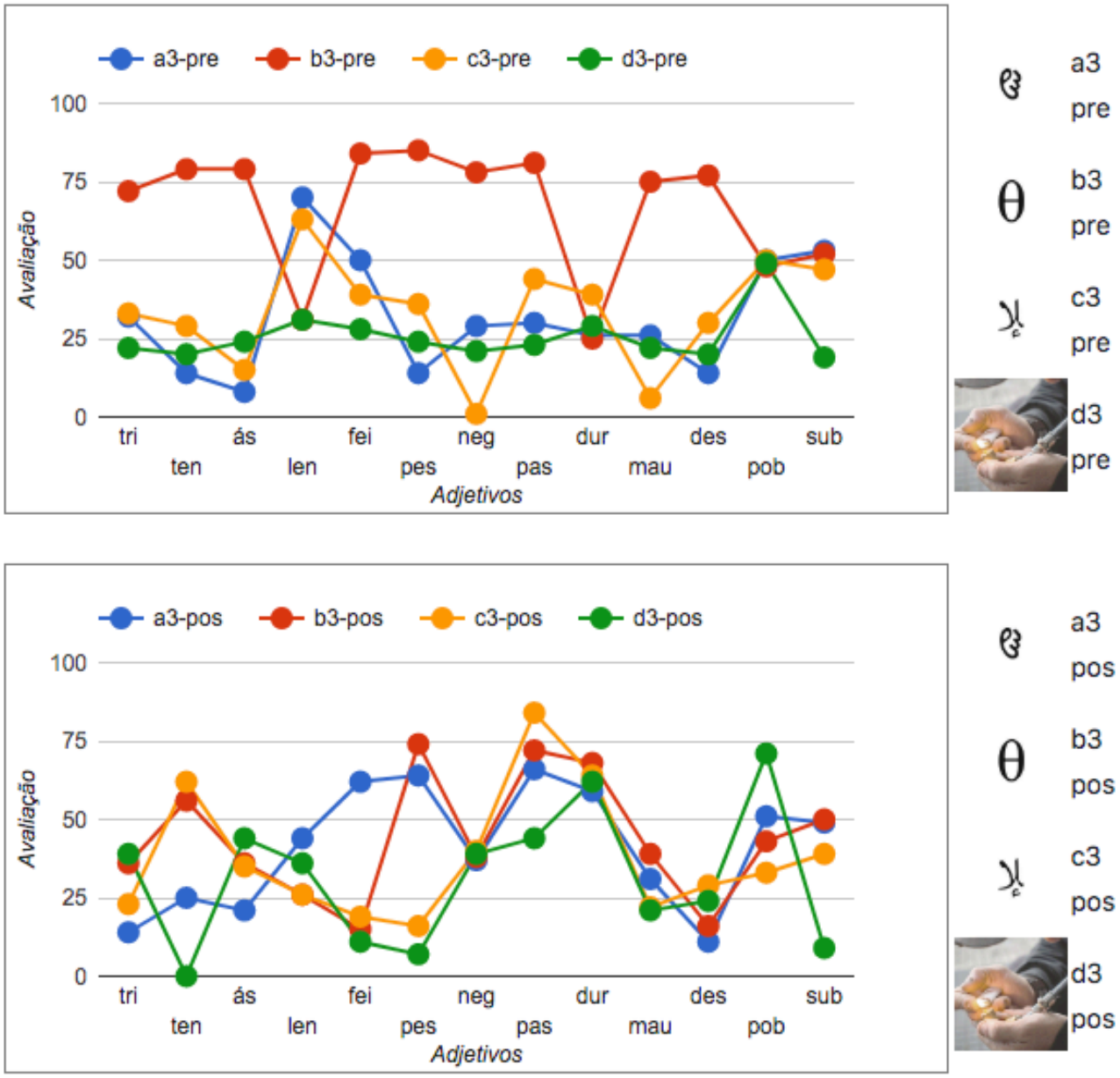






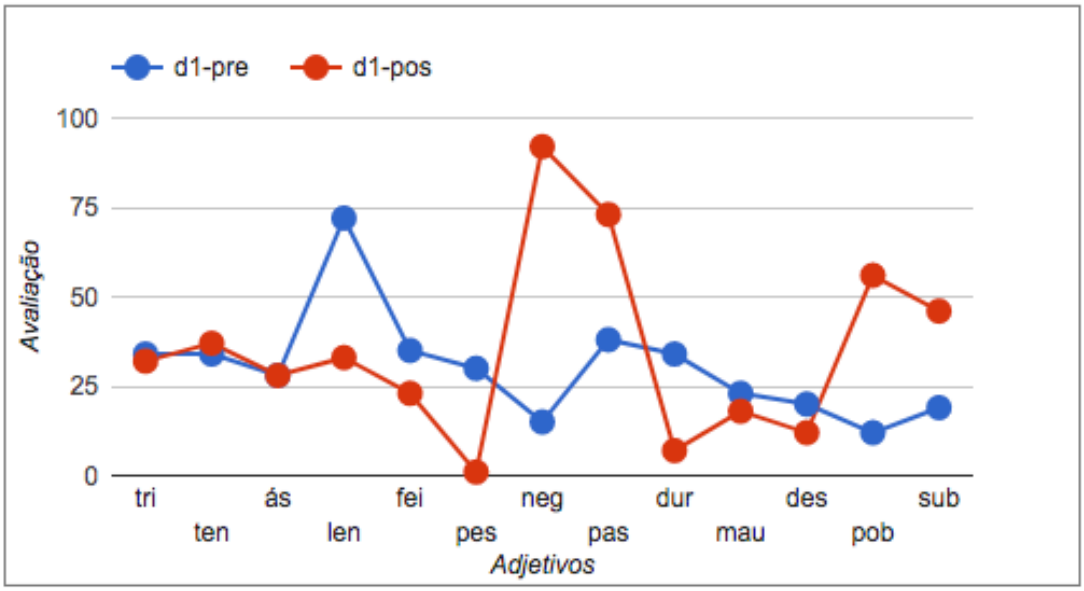
No que diz respeito aos estímulos do Grupo 3, observa-se que o único estímulo que recebeu avaliação bem variada no Pré-Teste, o estímulo B3, assemelhou-se, no Pós-Teste, aos demais estímulos. Este dado representa um emparelhamento entre todos estes estímulos.

Figura 30. Avaliação dos estímulos A3, B3, C3 e D3 do Participante 3 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste.

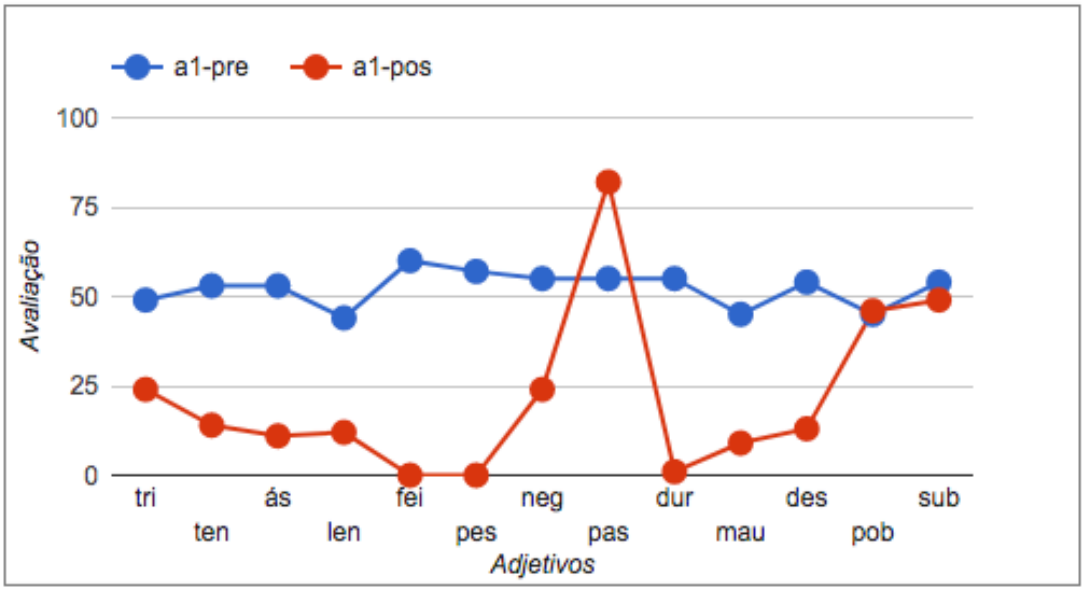


A Figura 31 traz as avaliações dos estímulos D1 e A1 nas duas etapas. Observa-se que ambos receberam redução em suas avaliações. Além disso, suas avaliações finais ficaram semelhantes, podendo representar emparelhamento e Transferência de Função do estímulo com significado social ao abstrato.

Figura 31. Avaliação dos estímulos d1 e a1 do Participante 3 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.





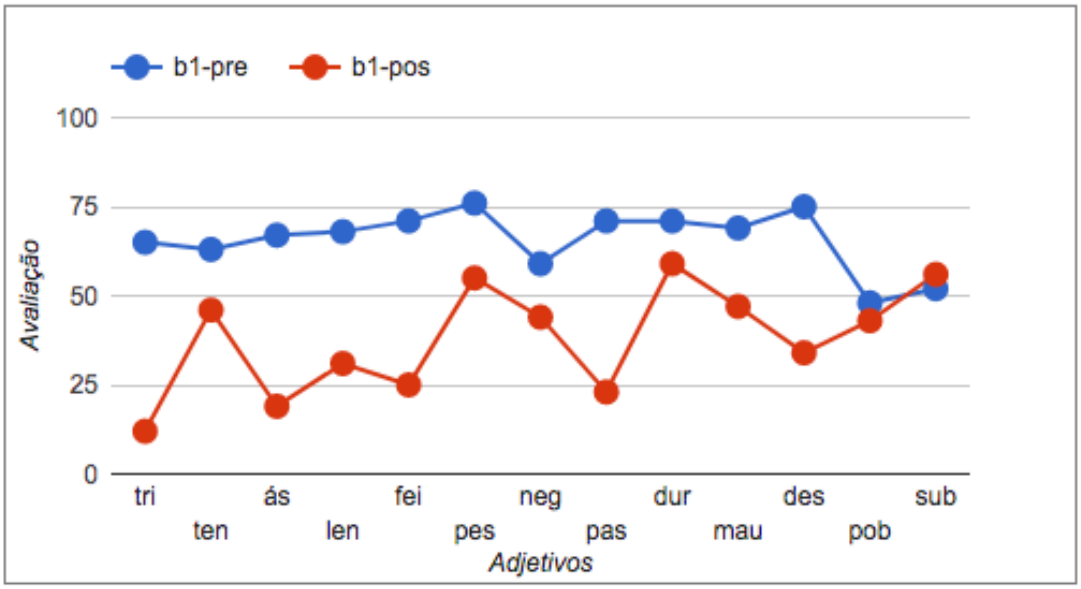


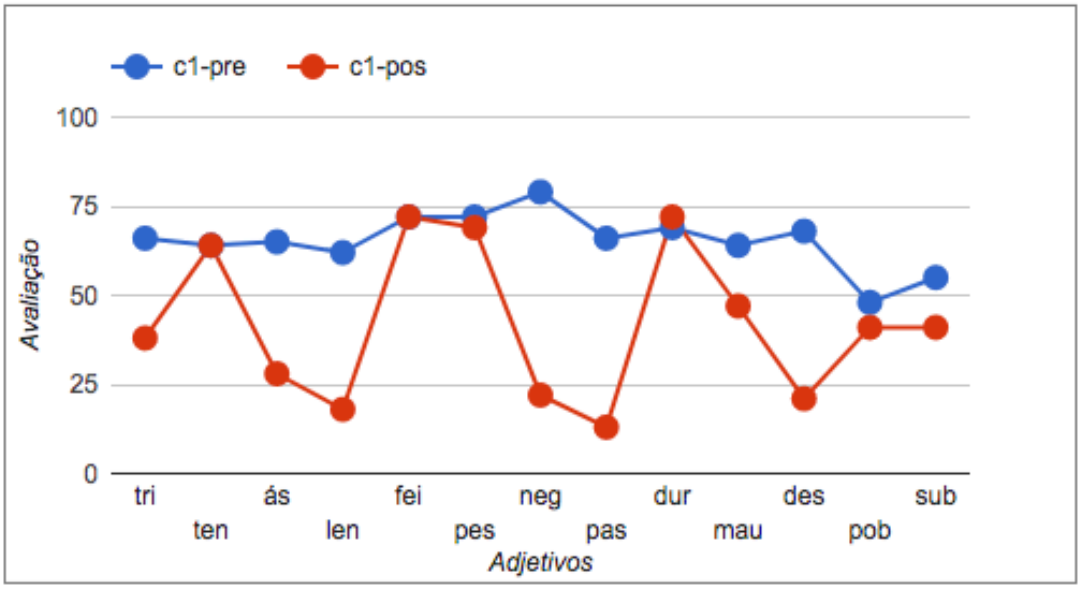




Observa-se que ambos os estímulos, B1 e C1, tiveram suas avaliações bem reduzidas no Pós-Teste. Estas avaliações foram muito semelhantes na segunda etapa, representando emparelhamento de estímulos. Além disso, suas avaliações finais se assemelharam às dos estímulos na figura anterior, representando, também, Transferência de Função do estímulo com significado social aos demais.

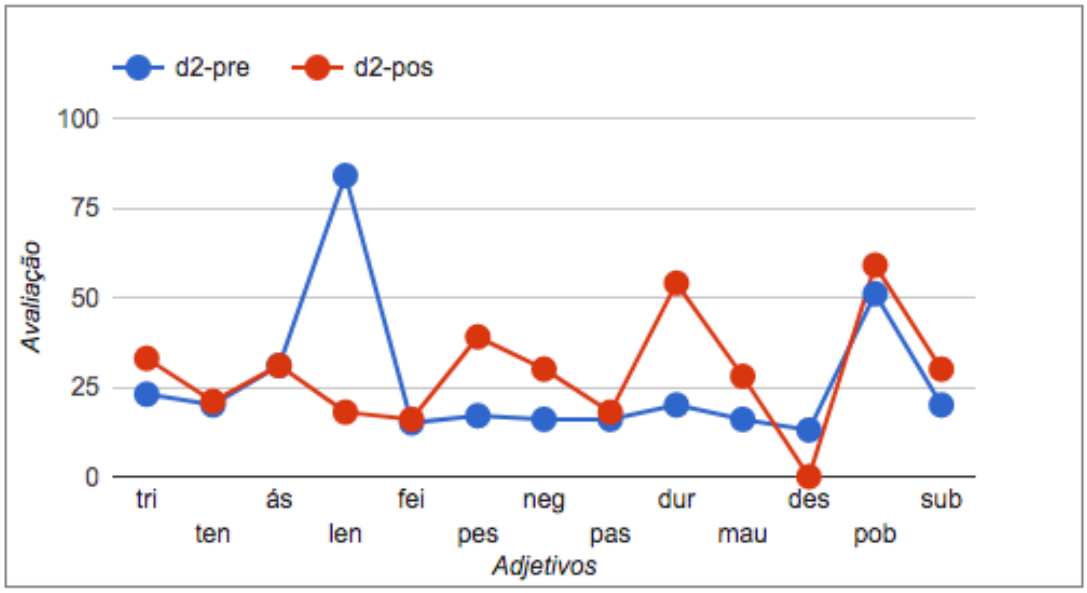
Figura 32. Avaliação dos estímulos b1 e c1 do Participante 3 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



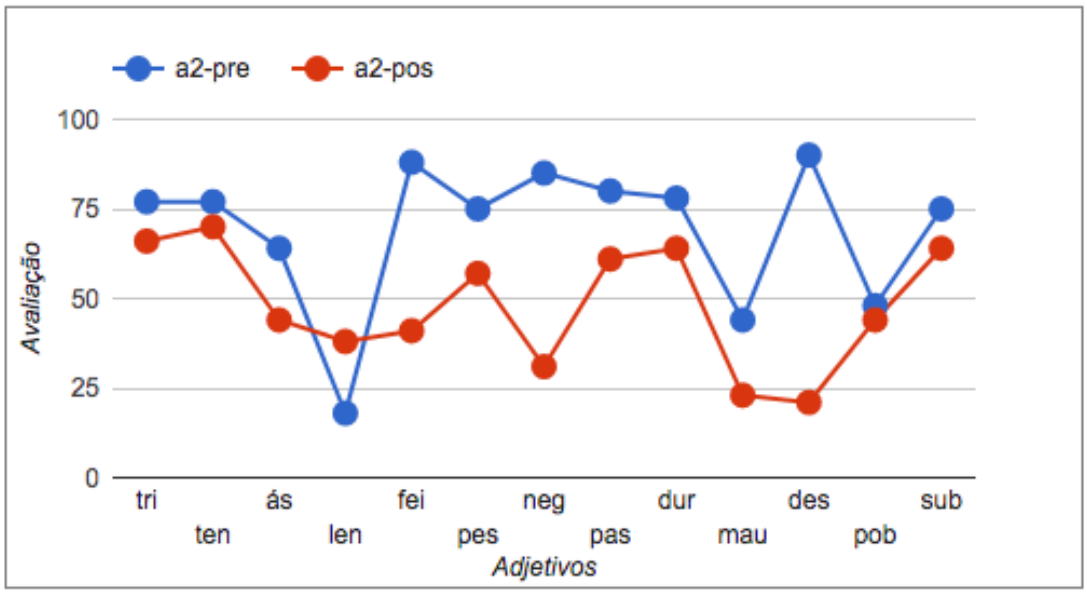


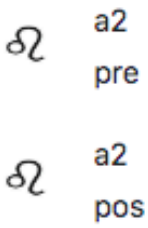
Em relação ao D2, observa-se que sua avaliação inicial foi baixa e que recebeu um leve aumento no Pós-Teste. O A2 foi avaliado de maneira elevada inicialmente e sofreu redução no Pós-Teste. Conclui-se que, apesar de as avaliações iniciais terem sido muito diferentes, ambos tiveram avaliações semelhantes após o emparelhamento. Este dado permite a conclusão de que houve emparelhamento e Transferência de Função do D2 ao A2.

Figura 32. Avaliação dos estímulos d2 e a2 do Participante 3 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



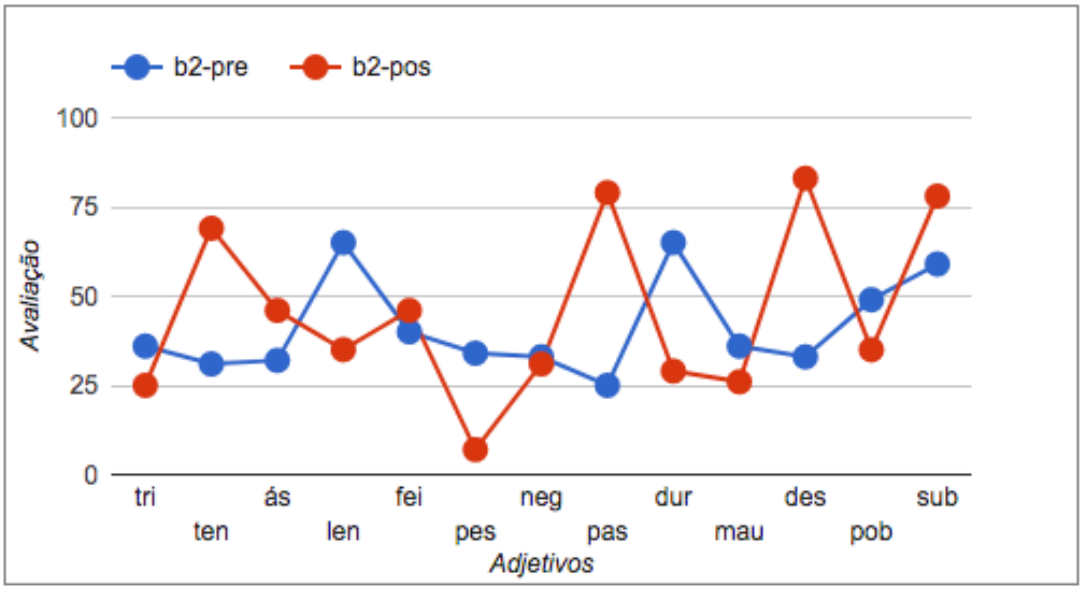


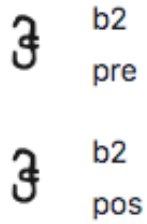


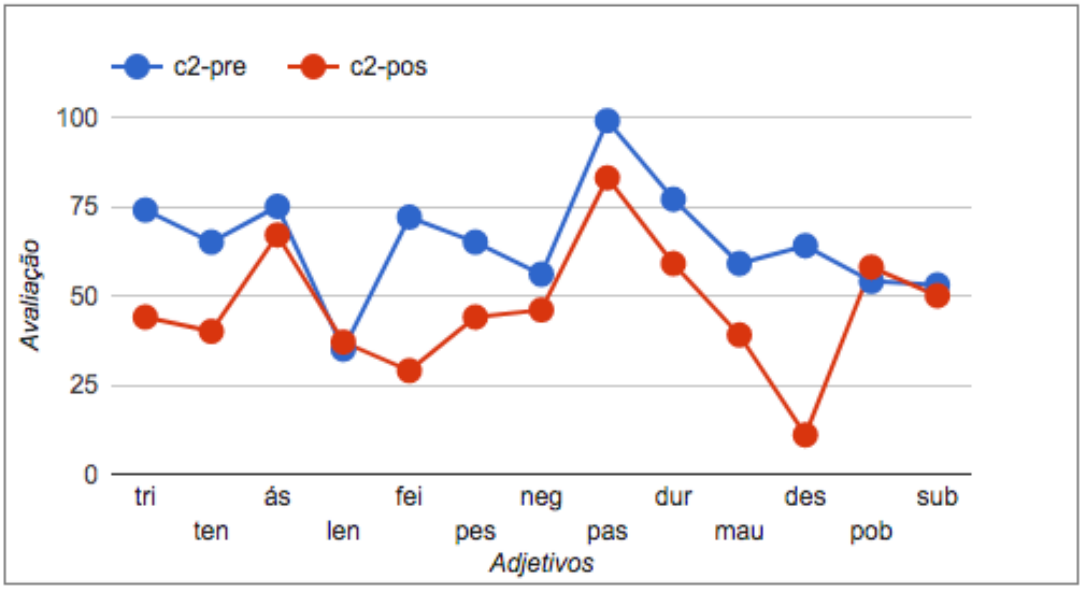


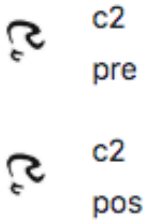
Ambos os estímulos B2 e C2 receberam aumento de avaliação no Pós-Teste, o que representa emparelhamento efetivo entre os dois. Além disso, suas avaliações finais se assemelharam muito às dos estímulos apresentados na figura anterior, o que também representa Transferência de Função do estímulo com significado social, D2, aos demais.

Figura 33. Avaliação dos estímulos b2 e c2 do Participante 3 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



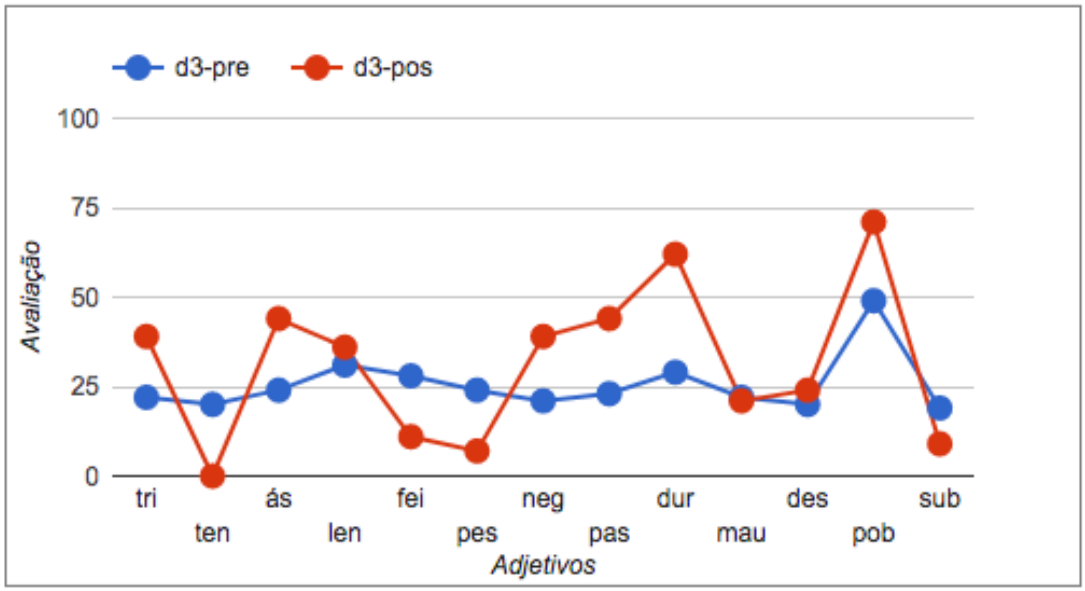




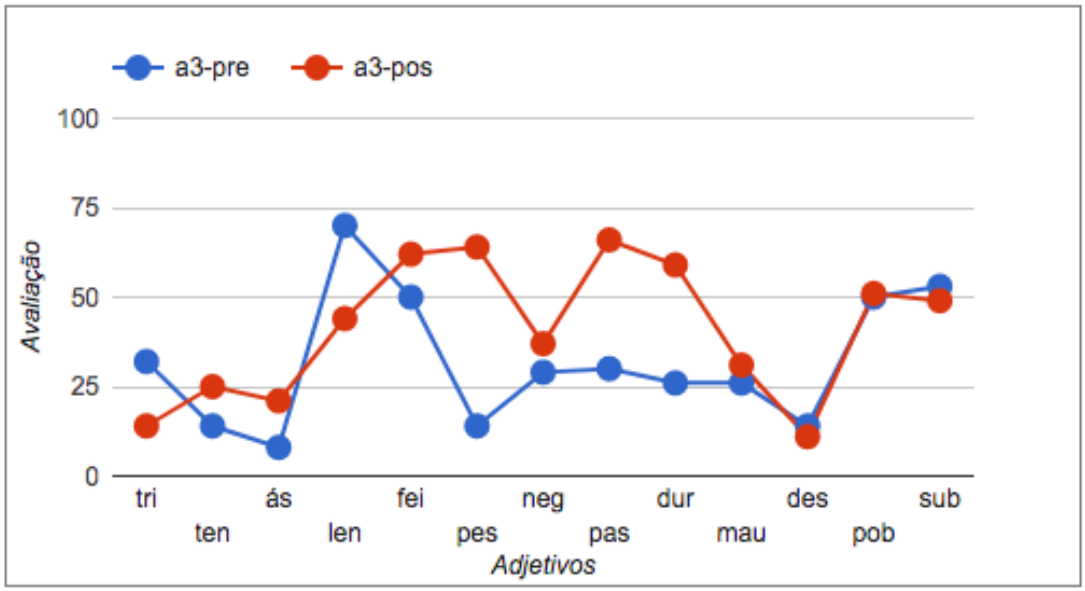


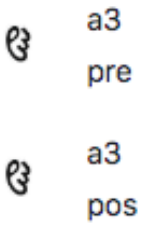
No que diz respeito aos estímulos D3 e A3, conclui-se que, apesar de suas avaliações iniciais terem sido muito distintas, as avaliações no Pós-Teste se assemelharam muito, representando, portanto, emparelhamento entre os estímulos e Transferência de Função do D3 ao A3.

Figura 34. Avaliação dos estímulos d3 e a3 do Participante 3 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



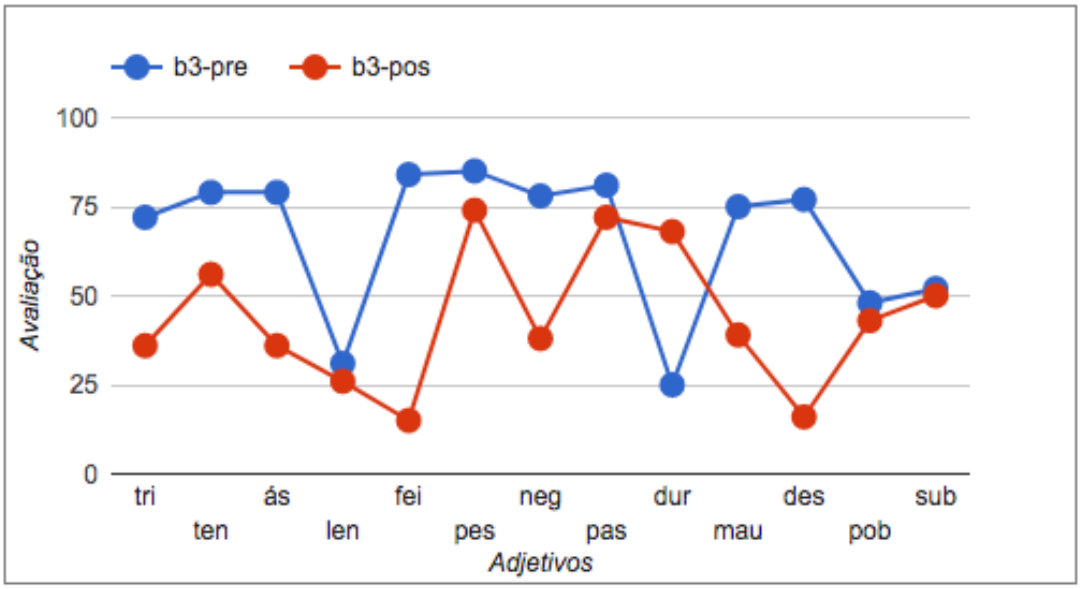


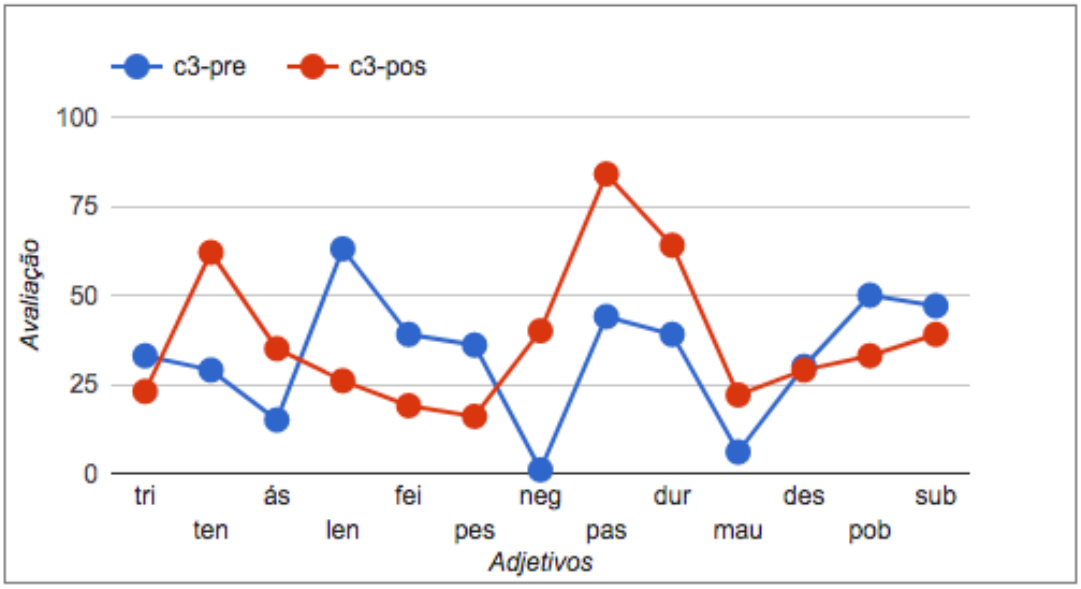




Por fim, os estímulos B3 e C3 também receberam avaliações distintas inicialmente e muito mais semelhantes no Pós-Teste. Ademais, também ficaram semelhantes as avaliações dos estímulos trazidos na figura anterior, o que representa emparelhamento entre os quatro estímulos e Transferência de Função do estímulo com significado social aos demais.

Figura 35. Avaliação dos estímulos b3 e c3 do Participante 3 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.





A tabela abaixo apresenta o Grau de Equivalência entre os estímulos no Pré-Teste. Como referência, observa-se os estímulos A2 e B2, que apresentaram apenas 47% de equivalência na fase inicial do experimento.

Figura 36. Grau de equivalência no Pré-Teste do Participante 3.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	100	79	75	86	83	79	87	85	77	74	67	73
a2	79	100	55	84	65	86	86	86	57	53	47	54
a3	75	55	100	65	87	59	65	61	88	86	87	87
b1	86	84	65	100	74	86	96	90	67	64	58	60
b2	83	65	87	74	100	62	75	71	88	85	82	84
b3	79	86	59	86	62	100	87	86	59	56	51	58
c1	87	86	65	96	75	87	100	90	67	63	57	60
c2	85	86	61	90	71	86	90	100	64	59	54	60
c3	77	57	88	67	88	59	67	64	100	88	83	85
d1	74	53	86	64	85	56	63	59	88	100	87	89
d2	67	47	87	58	82	51	57	54	83	87	100	91
d3	73	54	87	60	84	58	60	60	85	89	91	100

Posteriormente ao emparelhamento, observa-se que os mesmos estímulos analisados na figura acima passaram a ter 78% de equivalência, o que representa um claro emparelhamento entre eles.

Figura 37. Grau de equivalência no Pós-Teste do Participante 3.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	100	70	77	73	74	76	67	75	80	85	78	76
a2	70	100	84	82	81	87	82	85	84	74	78	77
a3	77	84	100	86	74	86	82	85	81	78	82	77
b1	73	82	86	100	74	86	84	83	83	75	83	77
b2	74	81	74	74	100	76	70	76	84	76	70	72
b3	76	87	86	86	76	100	85	88	88	79	83	79
c1	67	82	82	84	70	85	100	76	79	68	82	71
c2	75	85	85	83	76	88	76	100	84	81	82	80
c3	80	84	81	83	84	88	79	84	100	82	81	82
d1	85	74	78	75	76	79	68	81	82	100	78	78
d2	78	78	82	83	70	83	82	82	81	78	100	84
d3	76	77	77	77	72	79	71	80	82	78	84	100

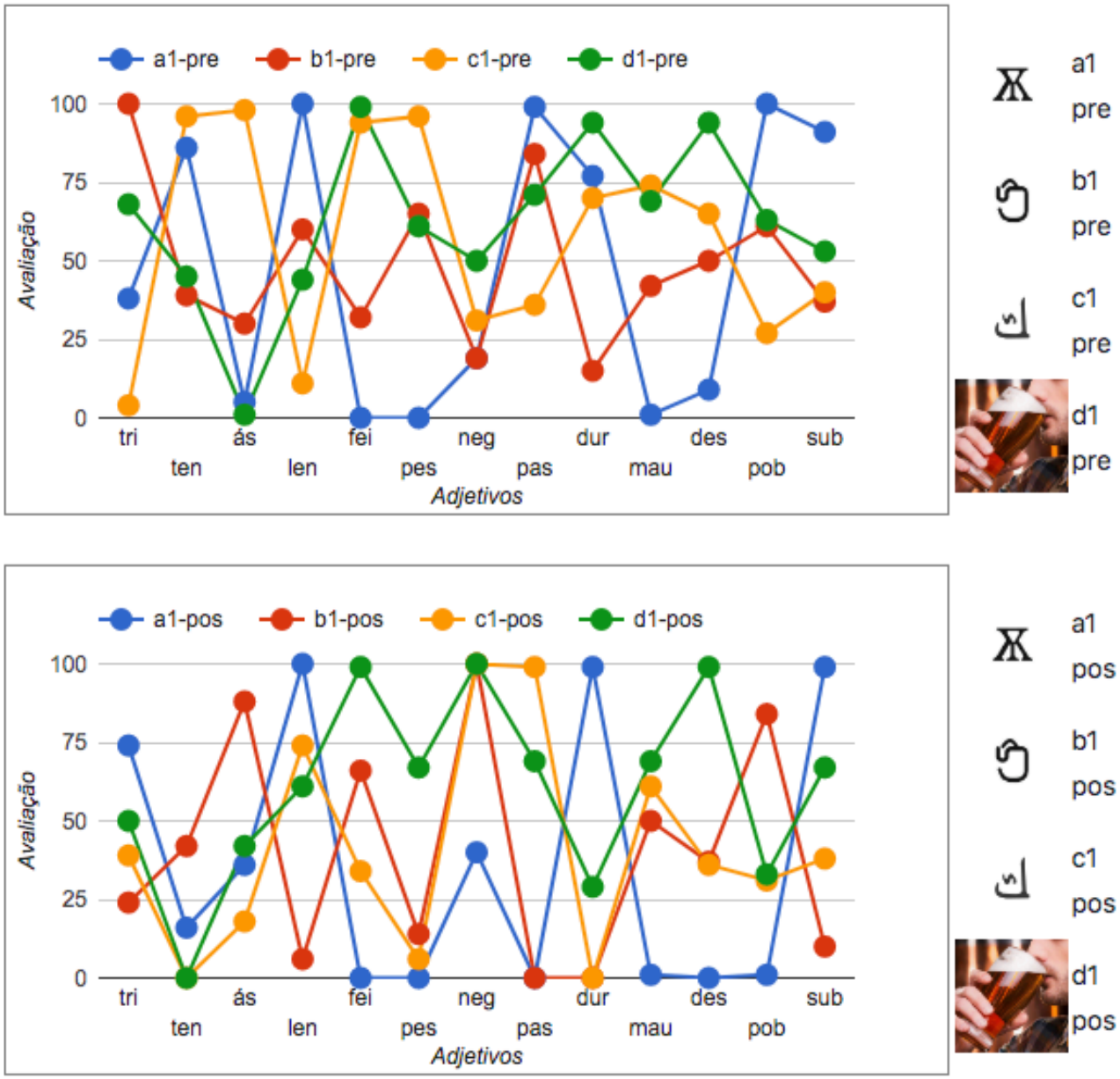
Figura 38. Grau de equivalência entre Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 3.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	65	87	84	85	79	84	81	85	78	73	75	74
a2	52	76	67	66	73	73	72	72	67	61	58	56
a3	81	76	83	79	76	75	75	76	76	79	82	79
b1	54	79	75	72	72	78	76	78	70	63	62	62
b2	72	84	84	88	76	83	82	83	81	75	85	80
b3	55	72	67	66	73	71	68	72	65	65	56	55
c1	54	80	75	72	71	77	76	77	70	66	62	62
c2	57	80	74	72	73	77	76	81	73	64	63	63
c3	79	79	83	81	74	77	76	78	78	78	81	78
d1	74	77	78	77	74	76	76	76	79	76	82	79
d2	80	70	76	75	69	72	72	72	77	78	85	81
d3	82	77	81	84	75	77	79	77	82	81	89	84

Participante 4

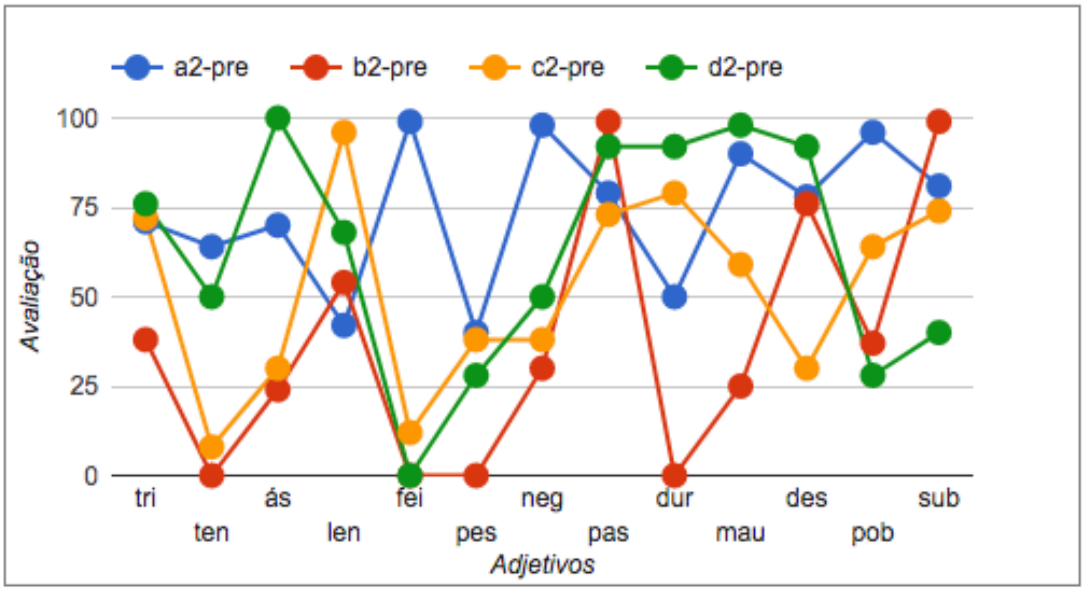
A Figura 39 apresenta as avaliações dos estímulos do grupo 1 nas duas etapas do experimento. observa-se que os quatro estímulos foram avaliados de forma extremamente variada nas duas etapas, sem aparentes alterações significativas após o emparelhamento.

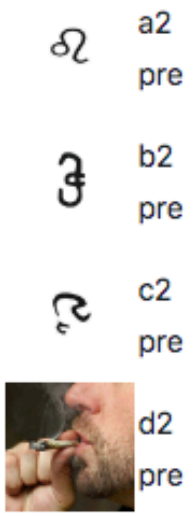
Figura 39. Avaliação dos estímulos A1, B1, C1 e D1 do Participante 4 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste.

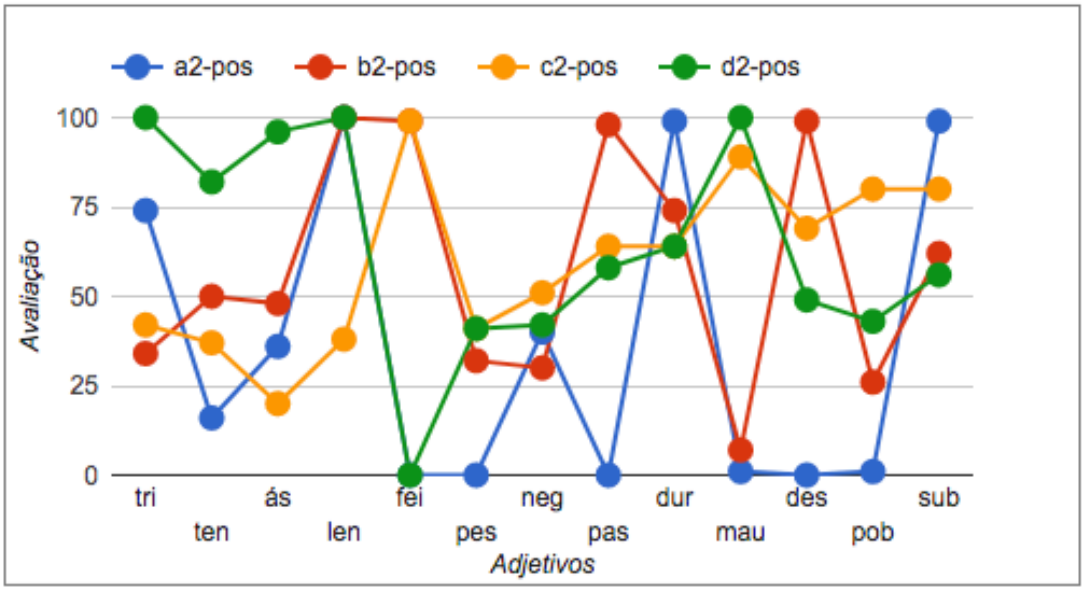


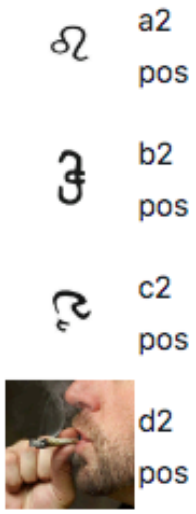
Em relação aos estímulos do grupo 2, observa-se a intensa variação de avaliação nas duas etapas. A única variação significativa foi a do estímulo A2, que sofreu redução após o emparelhamento.

Figura 40. Avaliação dos estímulos A2, B2, C2 e D2 do Participante 4 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste.



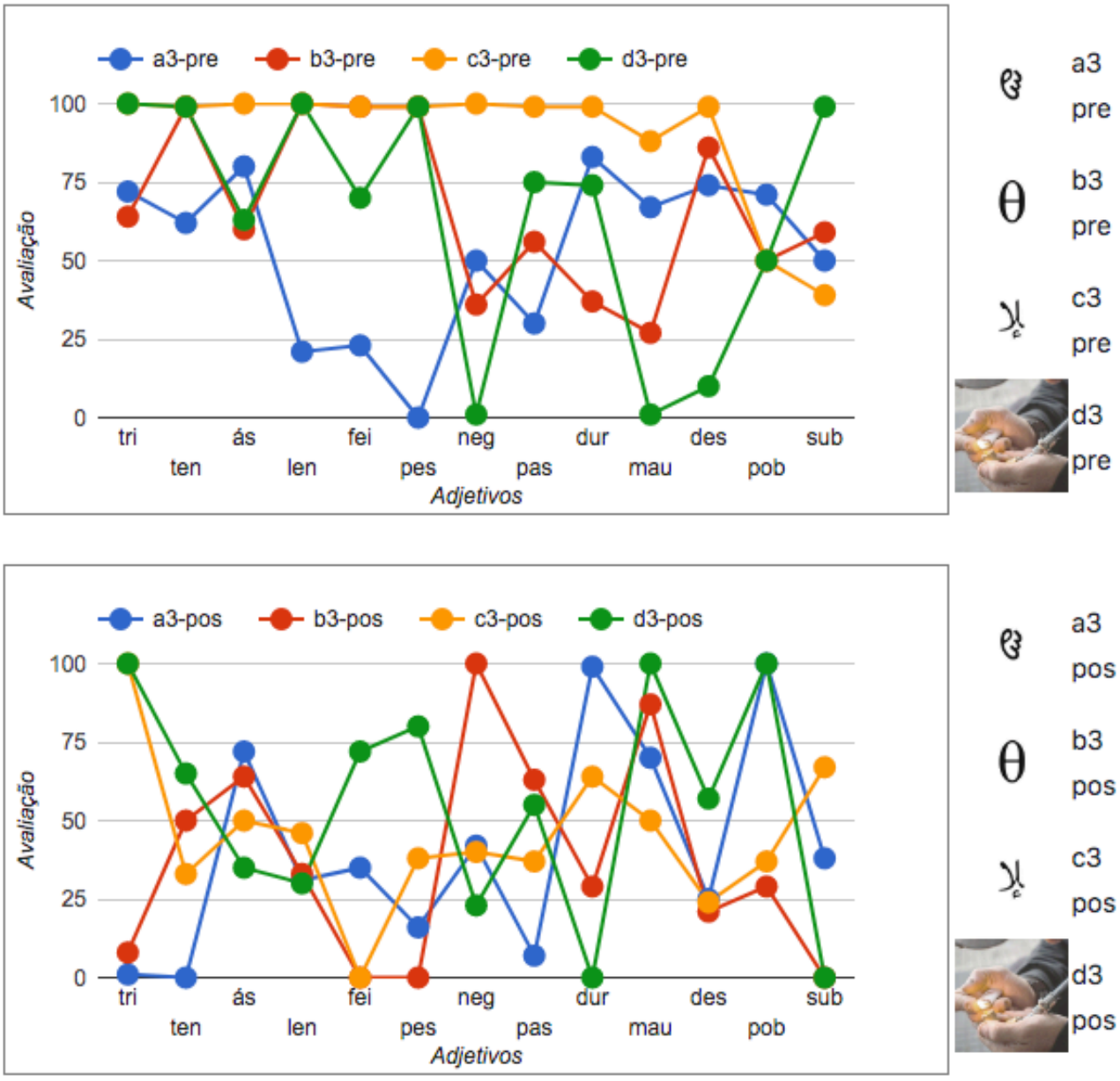






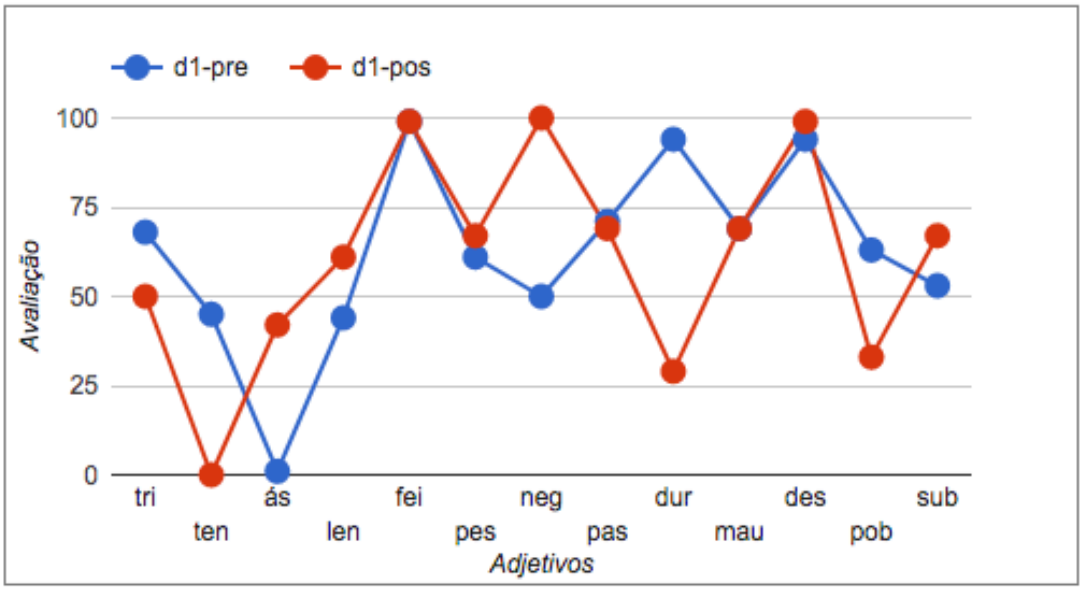
No que diz respeito aos estímulos do grupo 3 e suas avaliações, observa-se que as variações significativas foram as dos estímulos C3 e D3, que foram reduzidas após o emparelhamento.

Figura 41. Avaliação dos estímulos A3, B3, C3 e D3 do Participante 4 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste.

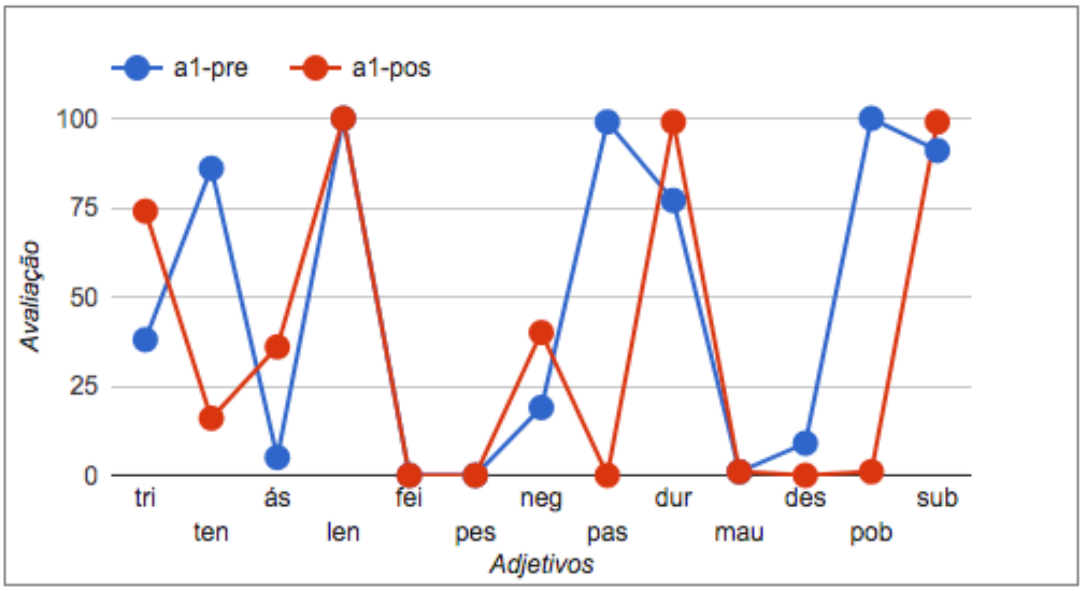


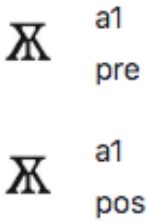
A figura abaixo apresenta as avaliações dos estímulos D1 e A1 nas duas etapas, comparados com eles mesmos. Conclui-se que ambos sofreram poucas alterações, sem mudança significativa após o emparelhamento.

Figura 42. Avaliação dos estímulos d1 e a1 do Participante 4 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



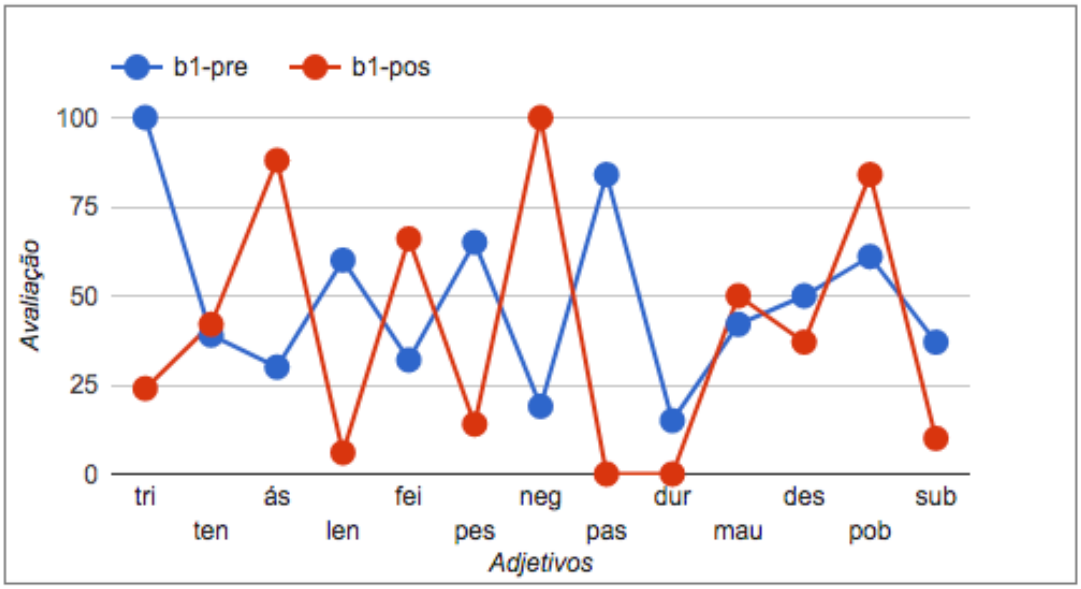


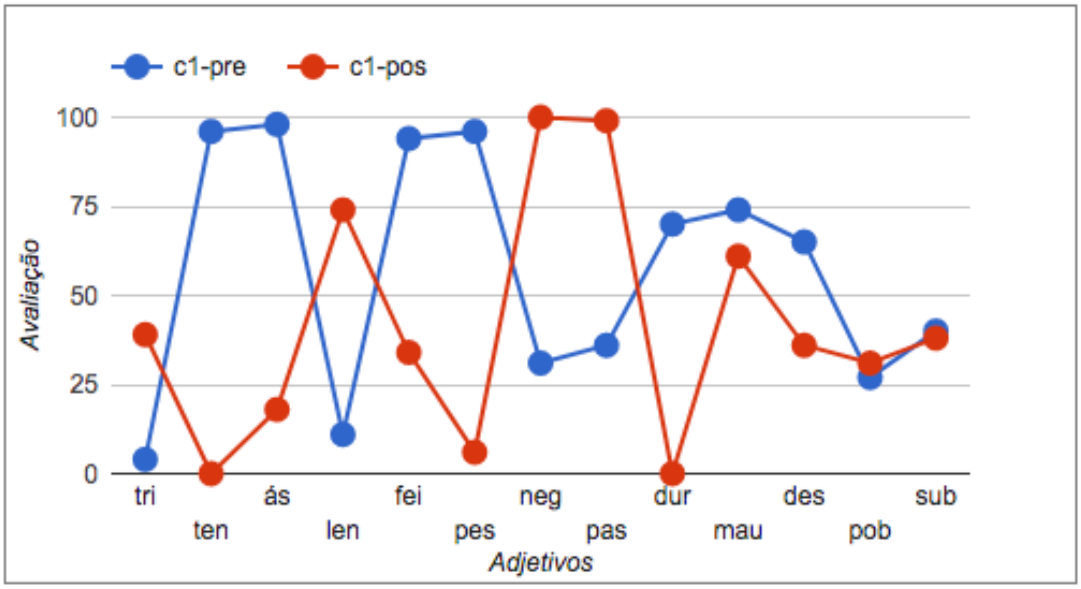




Em relação aos estímulos abstratos B1 e C1, observa-se variação em suas avaliações, porém variações estas que não modificam o significado da atitude do participante, considerando que as avaliações continuaram extremamente variadas.

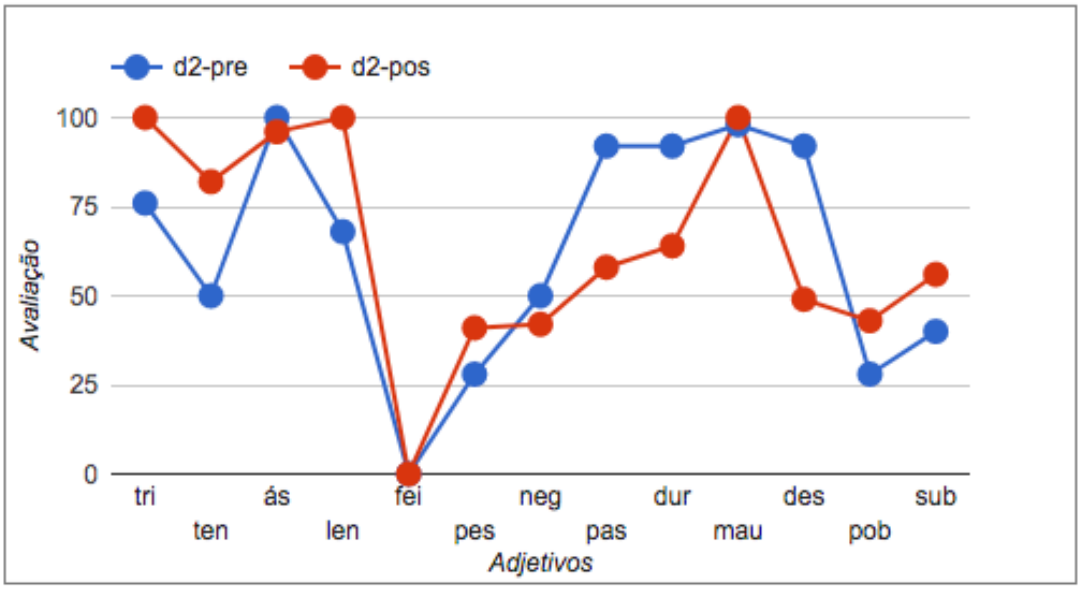
Figura 43. Avaliação dos estímulos b1 e c1 do Participante 4 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



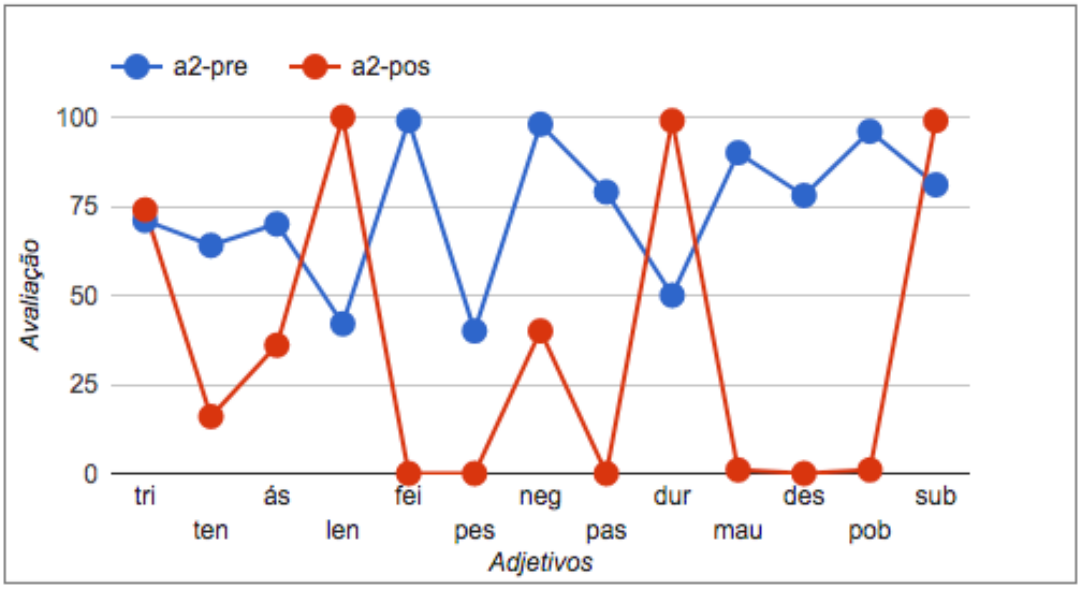


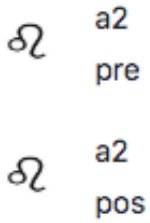
Observa-se que o estímulo D2 sofreu poucas alterações de avaliação após o emparelhamento, porém o estímulo A2 teve redução muito significativa no Pós-Teste.

Figura 43. Avaliação dos estímulos d2 e a2 do Participante 4 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



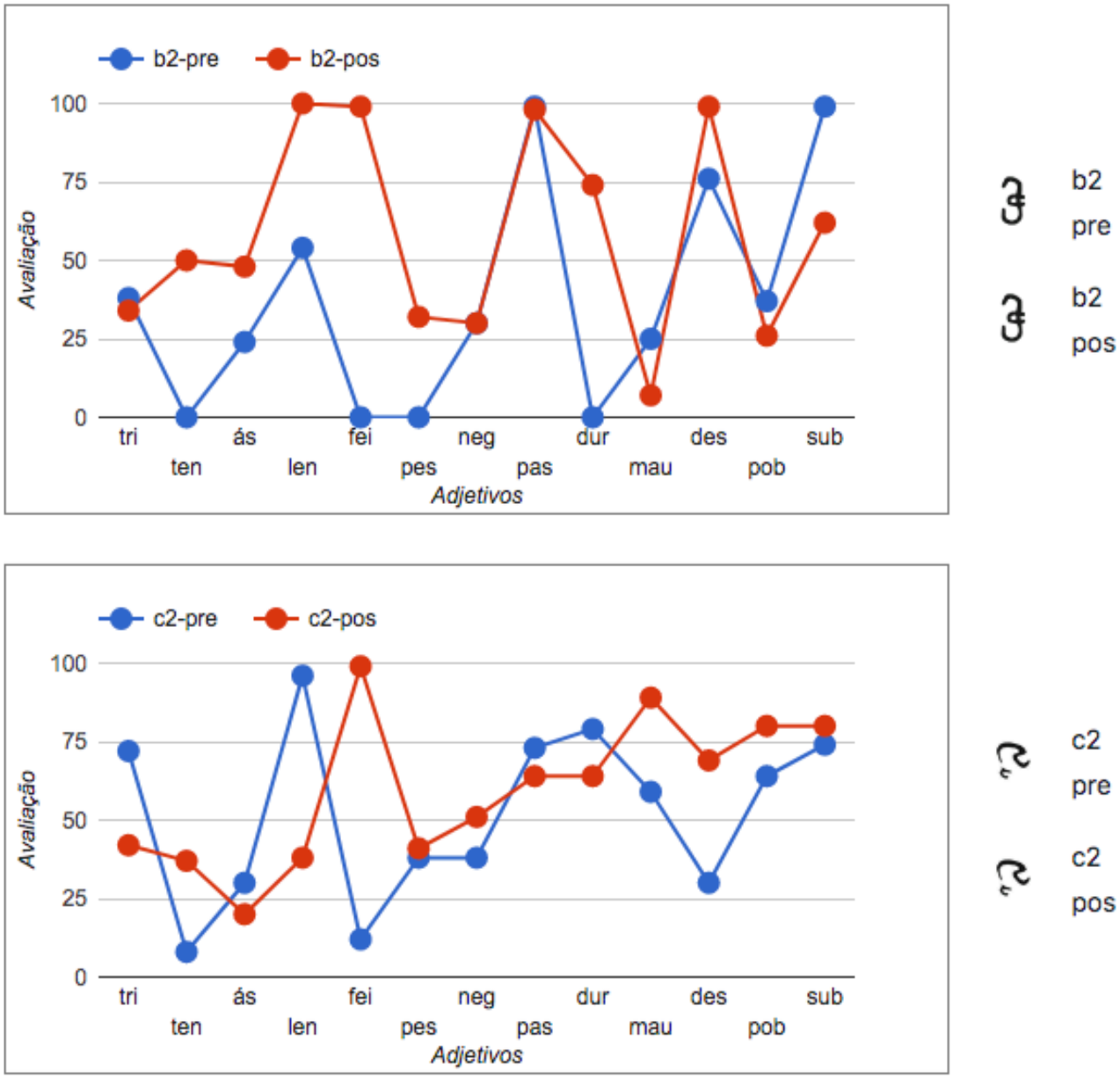






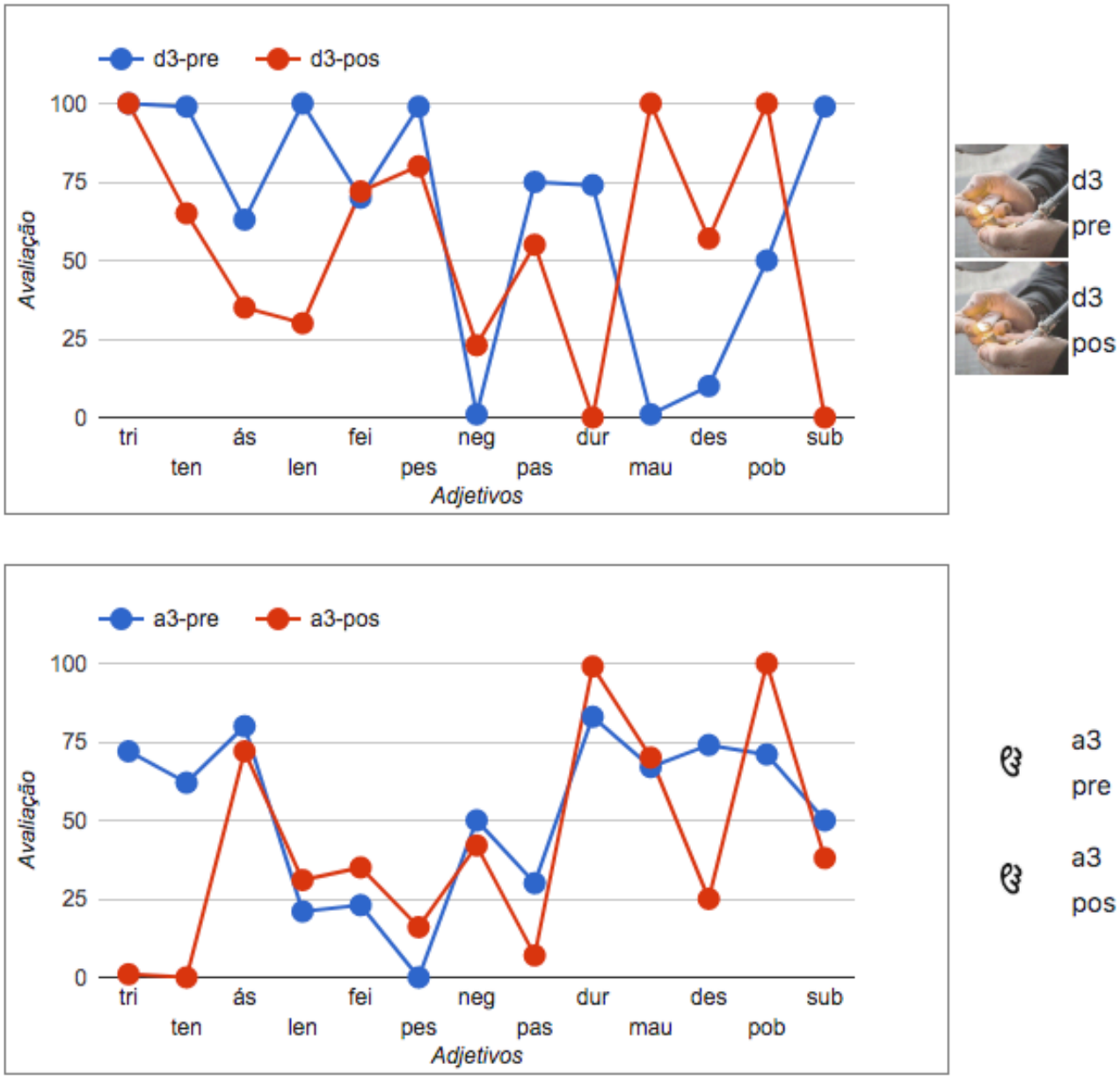
No que diz respeito aos estímulos B2 e C2, observa-se que o participante avaliou ambos de maneira mais elevada após o emparelhamento. Percebe-se que estas avaliações finais se assemelharam à avaliação do estímulo D2, de significado social, podendo representar certa Transferência de Função.

Figura 44. Avaliação dos estímulos b2 e c2 do Participante 4 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



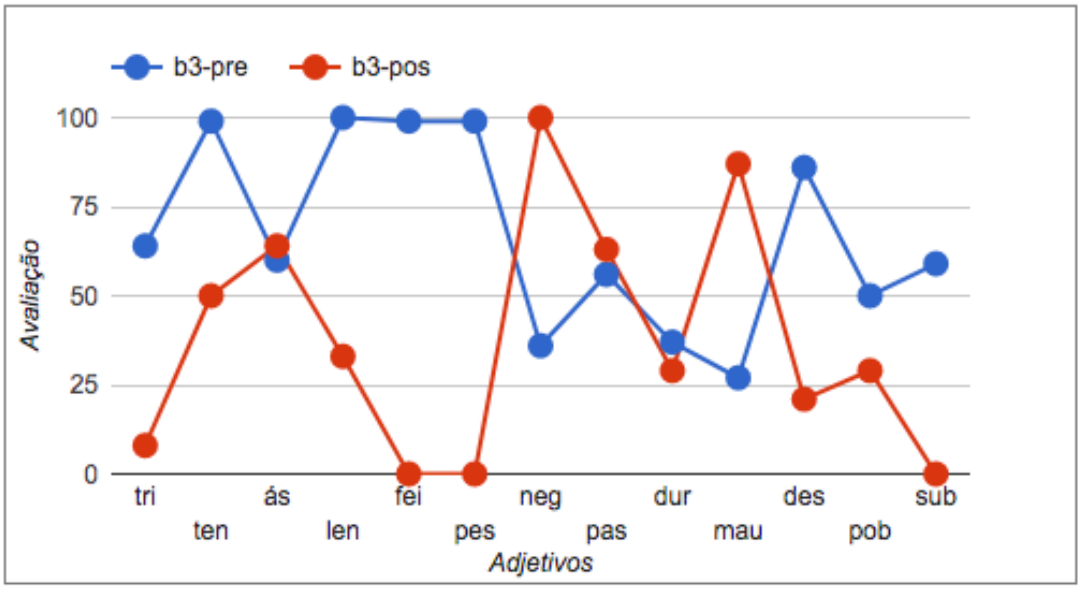
Em relação aos estímulos D3 e A3 sofreram alterações semelhantes, tendo recebido aumento em suas avaliações após o emparelhamento. Conclui-se que o estímulo A3 se assemelhou ao estímulo D3, de significado social, podendo representar Transferência de Função, mesmo que discreta.

Figura 45. Avaliação dos estímulos b3 e c3 do Participante 4 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



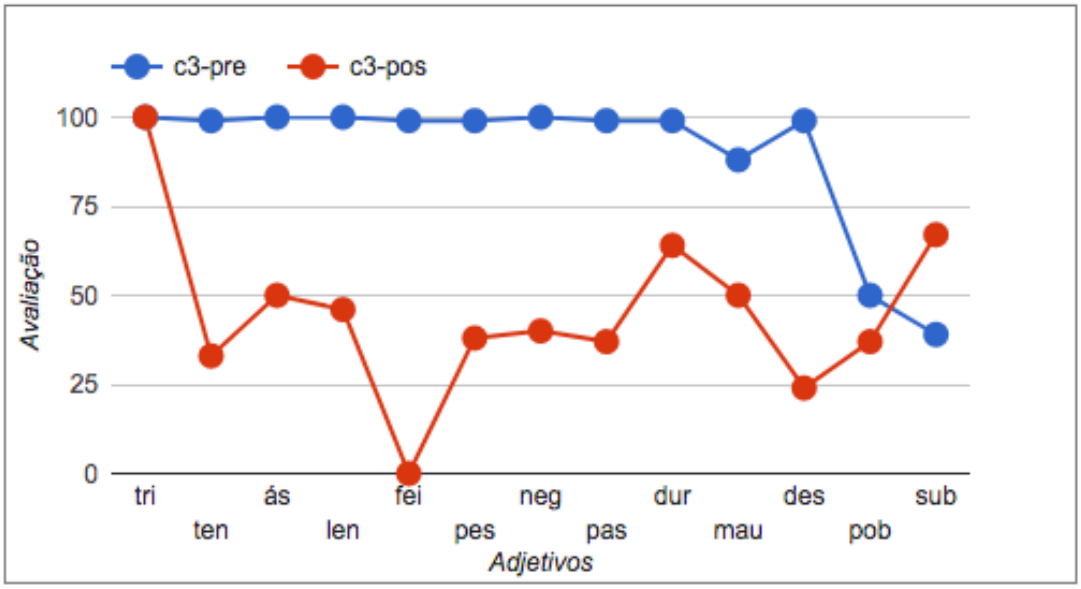
Por fim, os estímulos B3 e C3 tiveram suas avaliações muito reduzidas no Pós-Teste, assemelhando-se muito ao estímulo de significado social, D3. Este dado comprova um emparelhamento e Transferência de Função do estímulo D3 aos demais.

Figura 46. Avaliação dos estímulos b3 e c3 do Participante 4 nas etapas Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



θ b3 pre

θ b3 pos



ʖ c3 pre

ʖ c3 pos

A tabela abaixo apresenta o Grau de Equivalência entre os estímulos no Pré-Teste. Utiliza-se, de referência, para melhor visualização dos dados, os estímulos A3 e D3, que possuíam, inicialmente, apenas 53% de equivalência entre si.

Figura 47. Grau de equivalência entre Pós-Teste do Participante 4.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	100	53	58	60	69	56	42	72	42	54	55	69
a2	53	100	72	63	56	69	62	65	70	76	68	57
a3	58	72	100	66	61	63	69	72	58	73	76	53
b1	60	63	66	100	71	68	57	76	57	72	67	66
b2	69	56	61	71	100	57	46	70	38	58	63	50
b3	56	69	63	68	57	100	72	65	74	72	60	77
c1	42	62	69	57	46	72	100	52	67	66	62	59
c2	72	65	72	76	70	65	52	100	54	73	71	66
c3	42	70	58	57	38	74	67	54	100	68	71	65
d1	54	76	73	72	58	72	66	73	68	100	72	57
d2	55	68	76	67	63	60	62	71	71	72	100	52
d3	69	57	53	66	50	77	59	66	65	57	52	100

Na Figura 48, observa-se a equivalência entre os estímulos no Pós-Teste. Portanto, os mesmos estímulos A3 e D3 mantiveram 56% de equivalência. Este dado é interessante para comprovação de que o emparelhamento entre os estímulos não foi tão efetivo, o que não fez com que o participante os avaliasse de forma semelhante, mesmo após o experimento.

Figura 48. Grau de equivalência entre Pós-Teste do Participante 4.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	100	100	61	45	60	52	55	51	72	48	60	37
a2	100	100	61	45	60	52	55	51	72	48	60	37
a3	61	61	100	71	52	67	63	65	69	55	58	56
b1	45	45	71	100	49	72	67	61	59	58	51	63
b2	60	60	52	49	100	53	62	72	65	72	63	51
b3	52	52	67	72	53	100	73	61	68	63	64	60
c1	55	55	63	67	62	73	100	63	64	74	57	55
c2	51	51	65	61	72	61	63	100	71	76	66	69
c3	72	72	69	59	65	68	64	71	100	65	79	62
d1	48	48	55	58	72	63	74	76	65	100	57	60
d2	60	60	58	51	63	64	57	66	79	57	100	64
d3	37	37	56	63	51	60	55	69	62	60	64	100

Figura 49. Grau de equivalência entre Pré-Teste e Pós-Teste do Participante 4.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	70	70	55	43	67	53	59	59	62	42	61	46
a2	42	42	59	63	66	63	59	84	64	76	66	69
a3	61	61	75	68	61	67	60	72	75	59	73	63
b1	54	54	59	59	64	60	72	68	77	68	69	77
b2	65	65	55	53	68	62	78	65	68	67	56	52
b3	51	51	48	50	77	49	52	67	63	72	69	64
c1	39	39	64	61	63	59	48	67	61	62	64	62
c2	74	74	69	52	69	60	71	73	82	67	75	58
c3	37	37	43	45	65	47	51	58	51	66	69	56
d1	51	51	61	53	73	54	60	84	68	77	62	66
d2	58	58	61	51	70	67	63	65	72	63	81	56
d3	61	61	44	39	67	42	44	55	65	52	67	57

Discussão

O principal objetivo dessa pesquisa é saber se atitudes relacionadas ao consumo de drogas passarão a ocorrer na presença de estímulo neutro após um treino de pareamento ao modelo; o objetivo secundário é comparar as avaliações das drogas legais e ilegais. Para isso, os participantes desse estudo passaram pelas seguintes fases: 1) avaliação dos estímulos via diferencial semântico; 2) treino de discriminações condicionais (pareamento ao modelo); 3) testes de simetria e equivalência de estímulos e; 4) repetição da avaliação dos estímulos via diferencial semântico.

Pode-se concluir que três dos quatro participantes realizaram Transferência de Função para quase todos os estímulos e emparelhamento entre eles. Com exceção do participante 5, todos os outros transferiram função dos estímulos com significado social aos abstratos, o que pôde ser visualizado nas tabelas de Grau de Equivalência.

Os resultados encontrados nesta pesquisa estão de acordo com a literatura ao demonstrarem a formação de classes de equivalência entre estímulos com e sem significado prévio (de Carvalho e de Rose (2014), Bortoloti & amp; de Rose, 2007; Dixon e Lemke, 2007; Rosendo & amp; Melo, 2018). Esses resultados mostram mais evidências sobre as formações de classes de equivalência entre estímulos neutros e estímulos com significados pré estabelecido, sendo esses os usuários de drogas que são um grupo marginalizado na nossa sociedade, um outro ponto deste estudo que aumenta o conhecimento nesse campo é o fato de colocar medidas individuais de Transferência e utilizar uma escala de diferencial semântico.

A presente pesquisa tem algumas limitações. A primeira limitação ocorreu por conta da realização remota do experimento, o que não permitiu o total controle da qualidade da internet dos participantes e levou alguns participantes à necessidade de recomeçar o teste por problemas na conexão. Isso fez com que o tempo de aplicação aumentasse, além de ter gerado problemas de comunicação e dúvidas, que teriam sido facilmente resolvidas pessoalmente.

A segunda limitação foi em relação ao número de participantes. Um número maior de pessoas respondendo o questionário teria permitido uma melhor análise de dados.

Levando em consideração que o presente trabalho buscou realizar Transferência de Função de fotografias de usuários de drogas para figuras abstratas, pesquisas futuras poderiam avaliar o efeito da expansão das classes de equivalência com outros tipos de drogas, como cigarro, tabaco e narguilé que são legais. Outro ponto da pesquisa a ser considerado é o tempo e número de fases, que podem influenciar no rendimento dos participantes, recomenda-se em pesquisas futuras que as fases tenham menor duração para que os mesmos tenham um rendimento maior e mais vontade de participar.

O estudo inovou ao propor a análise da Transferência de Função em relação a usuários de drogas, visto que há poucos artigos sobre o assunto e contribui para um entendimento do preconceito através do Behaviorismo e da transferência de função de classes, além disso, os resultados desta pesquisa mostram a importância da continuação de estudos na área do preconceito com usuários de drogas.

Experimento 11: Transferência de função relacionada à biótipos corporais de mulheres.

Pesquisadora responsável: Olivia Silva Alvarenga

Introdução

Diante desses conceitos, é importante destacar a necessidade de se discutir temas como a discriminação e o preconceitos relacionado à gêneros, tão presente até os dias de hoje na sociedade. Através de pesquisas que trazem referências empíricas, foi possível notar que os papéis de gênero adotados pela sociedade fazem com que as mulheres tenham sido historicamente subjugadas a condições inferiores a dos homens. Isso reflete, também, dentro de ambientes considerados amplamente masculino, criando uma dura resistência à entrada de mulheres nesse espaço (Menti & Araújo, 2017).

Um exemplo que pode ser dado sobre a forma com que as mulheres, diante do preconceito, tentam se manter nesses ambientes considerados ocupados extensivamente por homens, é a utilização de pseudônimo masculino. E esse não é um fato novo, muitas escritoras, ativistas sociais, jogadoras de esportes online precisaram esconder seus nomes, a fim de se protegerem do preconceito, do assédio e não sofrerem violência de gênero (Menti & Araújo, 2017).

O conceito de gênero, diferente do conceito de sexo, não demonstra explicitamente que existam desigualdades entre homens e mulheres, e essa concepção de pensamento é resultado da interpretação da hierarquia social decorrente de eventos do passado, que ainda é transmitida culturalmente através da repetição de ideais patriarcais inseridos na sociedade. O conceito de gênero é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos, rejeitando explicitamente suas justificativas biológicas. As definições de gênero referem-se aos domínios estruturais e ideológicos que implicam a relação entre os sexos (Scott, 1990 como citado em Menti & Araújo, 2017).

Em uma análise mais ampla, o gênero se transforma em um indicador inteiramente social sobre a posição e os papéis do homem e da mulher, referindo-se, assim, às identidades subjetivas de homens e mulheres. Conclui-se que "o gênero é uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado" (Scott, 1990, p. 14 como citado em Menti & Araújo, 2017). Todas as características psicológicas, funções, trabalhos ou fatores emocionais associados ao sexo biológico, macho ou fêmea, em determinada cultura, são considerados como um papel de gênero. Esses papéis mudam de uma cultura para outra, a diversidade cul-

tural tem mostrado que os papéis de gênero são diferentes conforme o lugar de estudo. A violência também pode ser associada a essa diferença proveniente dos papéis de gênero na sociedade (Grossi, 1998, p. 16 como citado em Menti & Araújo, 2017). Ainda, entende-se que a fonte das relações desiguais entre os sexos, é, a final de contas, as relações entre os sexos. Essa diferenciação é histórica, pois, desde o início dos tempos, foi a base das relações de poder social e exerce influência direta na construção e na delimitação do papel do homem e da mulher em nossa cultura (Scott, 1990 como citado em Menti & Araújo, 2017).

Seguindo essa linha de pensamento, que vai desde a relação entre os gêneros, que culminam em preconceitos e se desdobram em vários outros pontos, um que se destaca é a questão dos padrões estéticos, principalmente em relação aos corpos femininos. Muito se debate sobre, e os corpos gordos e magros se mostram em um constante contraste. O sobrepeso e até mesmo a obesidade nos indivíduos vêm crescendo consideravelmente no mundo e, logo, se tornando alvo de vários estudos nas mais diversas áreas de conhecimento. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2018) um em cada oito adultos em todo o mundo é obeso, e esse número só tende a aumentar ao longo dos anos.

Esse crescimento constante na população de pessoas com sobrepeso, nos remete à necessidade de se direcionar uma atenção especial ao aumento dos casos de preconceito nesse contexto, visto que essa população está muito propensa a sofrer com atitudes negativas de pré-julgamentos e discriminações. O preconceito explícito contra pessoas assim consideradas como gordas aumentou fortemente entre os anos de 2001 e 2010, e, diante disso, essa intolerância vem sendo definida pelo termo de Gordofobia (Ribeiro, 2016).

A gordofobia normalmente passa despercebida na sociedade por diversos fatores, como por exemplo a mídia e suas campanhas de publicidade. Esses fatores encorajam tamanha intolerância e discriminação ao reforçarem os padrões de beleza que estão fortemente impregnados na sociedade (Ribeiro, 2016). Nesse sentido e muito por consequência desse sentimento, o corpo magro adquiriu um sentido de corpo ideal e esteve tão em evidência como nos dias atuais e, por consequência, o corpo gordo se mostra cada vez mais subjugado e criticado. A magreza, exposta em diversas revistas femininas e masculinas, está definitivamente na moda: é capa de revistas, matérias de jornais, manchetes publicitárias, e se transformou em um sonho de consumo para milhares de pessoas, nem que, para isso, elas tenham que passar por intervenções cirúrgicas, dietas de todos os tipos ou exercícios físicos dos mais variados (Vasconcelos et al, 2004).

Nesse mesmo sentido, um outro contexto um pouco diferente vem tomando forma em relação à essa exigência de magreza. Em meio a uma sociedade que nos dias atuais sofre com o problema de peso, encontram-se pessoas na contramão dessa situação. São pessoas com magreza excessiva, e estas, muitas vezes, também encontram-se em sofrimento. Segundo Junior (2014), ao se observa uma pessoa magra tem-se a crença de que esta pode estar doente, associando a magreza destas - principalmente mulheres - a problemas de saúde, distúrbios alimentares ou então, imagina-se ser mais uma daquelas pessoas que vivem alternando dietas ao longo da vida. É aí que entra um dos problemas de se cultuar um padrão de beleza, que pode ser capaz de culminar em um fanatismo pela moda, aderindo à ditadura da magreza.

Corpos magros, abaixo do que se considera um padrão ideal, também passaram a ser vistos de forma negativa, sendo alvos de questionamentos e preconceitos. É notório que a magreza acabou sendo colocada em um patamar tão incontestável que mesmo a percepção dela levanta algum questionamento em torno do tema, algumas pessoas manifestam insatisfação, alegando que os corpos magros estão alinhados com a realidade atual, dando a entender que o preconceito contra as pessoas gordas acontece na mesma proporção que o preconceito contra excessivamente magras (Junior, 2014).

Todo esse contexto tem trazido debates importantes sobre padrões de beleza, - principalmente o feminino -, ideais de felicidade, preconceitos e discriminações relacionados aos corpos das pessoas e aos referenciais que se tem contemporaneamente. Diante disso, muitas são as áreas da ciência em que esses assuntos produzem pesquisas sendo a Psicologia, em sua área social, direcionada para abordagens cognitivas da análise do comportamento, uma de interessante destaque e a qual este estudo vai dar especial ênfase.

Diante de todo o exposto, o objetivo desta presente pesquisa é verificar, através do paradigma de equivalência, utilizando-se de estímulos com significado social e estímulos neutros, a transferência de função relacionada à biótipos corporais de mulheres.

Método

Delineamento experimental

Idêntico ao experimento 2

Participantes

Participaram desta pesquisa 5 pessoas com diferentes graduações e ocupações profissionais. A faixa etária dos participantes foi entre 25 e 37 anos e,

dentre eles, 2 eram do sexo masculino e os outros 3 do sexo feminino. Todos - 100% - possuíam Ensino Superior Completo. O critério de seleção dos participantes foi pertencer à faixa etária de 20 a 40 anos de idade, não ser aluno ou formado na graduação de psicologia, não ter tido contato com teorias e experimentos da Análise do Comportamento e possuir um computador com acesso à internet para conseguir realizar o teste.

Procedimentos éticos

O experimento foi iniciado após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética do UniCEUB e a entrega dos TCLEs (Termos de Consentimento Livre e Esclarecido) às participantes, que foram lidos e assinados por elas. Posteriormente, após a entrega dos TCLEs assinados, foram definidos horário e data para a realização do experimento.

Local

Idêntico ao Experimento 2.

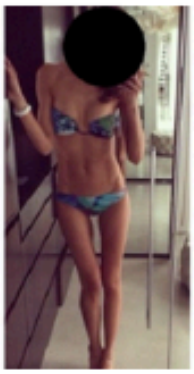
Recursos utilizados para a realização da pesquisa

Idêntico ao Experimento 2.

Imagens. Como estímulos, foram utilizadas três fotografias de mulheres presentes na pesquisa de Santos (2019): uma de uma mulher loira de biquíni, outra de uma mulher se fotografando em frente ao espelho, também de biquíni e com o rosto tampado e uma última de uma silhueta de mulher. Além desses, também foram utilizadas nove figuras abstratas sem significados algum, retiradas do estudo de Eilertsen e Arntzen (2020).

Importante esclarecer, para fins de entendimento das relações, que as imagens com significado social se caracterizam como estímulo D (D1, D2 e D3), enquanto os estímulos neutros, sem significado, se caracterizam como A (A1, A2 e A3), B (B1, B2 e B3) e C (C1, C2 e C3).

Figura 1. Estímulos utilizados no Experimento 11.

		
a1	a2	a3
		
b1	b2	b3
		
c1	c2	c3
		
d1	d2	d3

Procedimento de coleta de dados

Idêntico ao Experimento 10.

Resultados

Resumo

A coleta de dados, de cada um dos participantes, foi realizada em doze etapas e em uma única sessão. Os dados do participante 3 não foram salvos no software sendo, assim, descartados para fins de análise dos resultados. Desta forma, serão apresentados os resultados de quatro participantes válidos (P01, P02, P04 e P05). Todos eles atingiram o critério de aprendizagem no treino AB AC 100%, 80%, 20% e 0%. e no teste de simetria, transitividade e equivalência.

Participante 1

A Figura 2 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1, C1 e D1). Observa-se que no Pré-teste os estímulos obtiveram avaliações neutras. No Pós-teste, não fica evidente uma aproximação dos estímulos neutros (B1, C1 e D1) do estímulo com significado pré-experimental (A1).

Figura 2. Avaliação dos estímulos a1, b1 e c1 do Participante 1 no Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

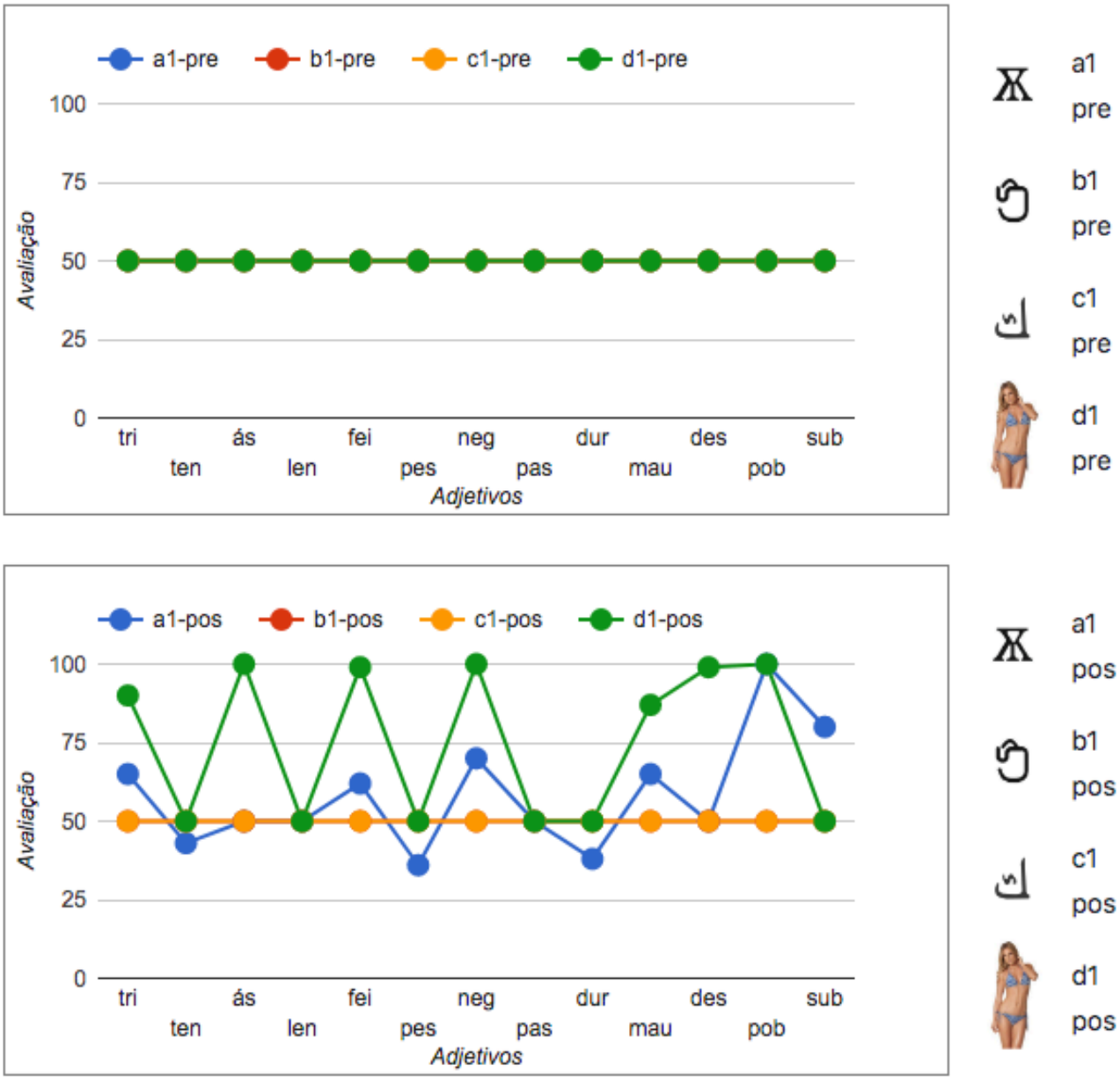
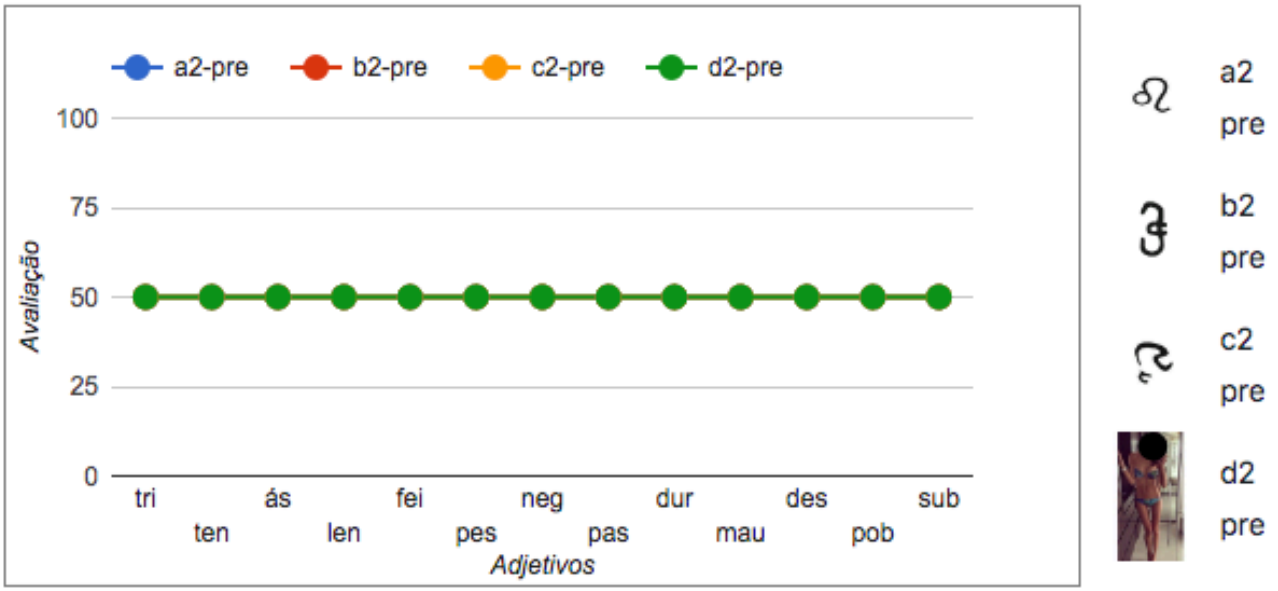


Figura 3. Avaliação dos estímulos a2, b2 e c2 do Participante 1 no Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



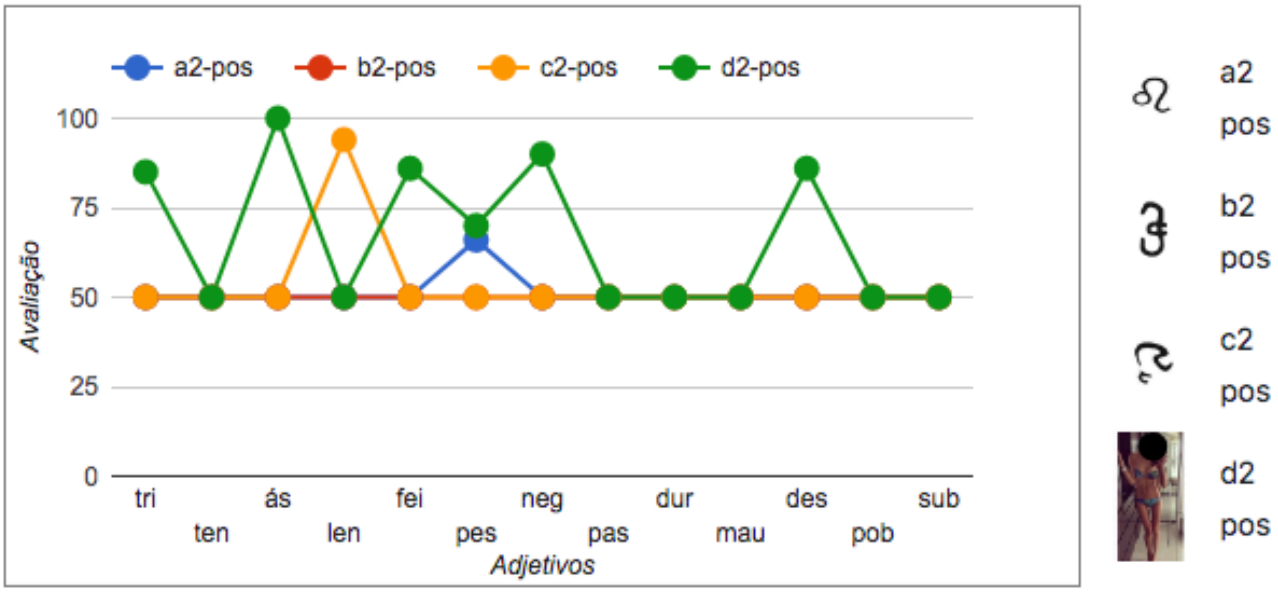


Figura 4. Avaliação dos estímulos a3, b3 e c3 do Participante 1 no Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

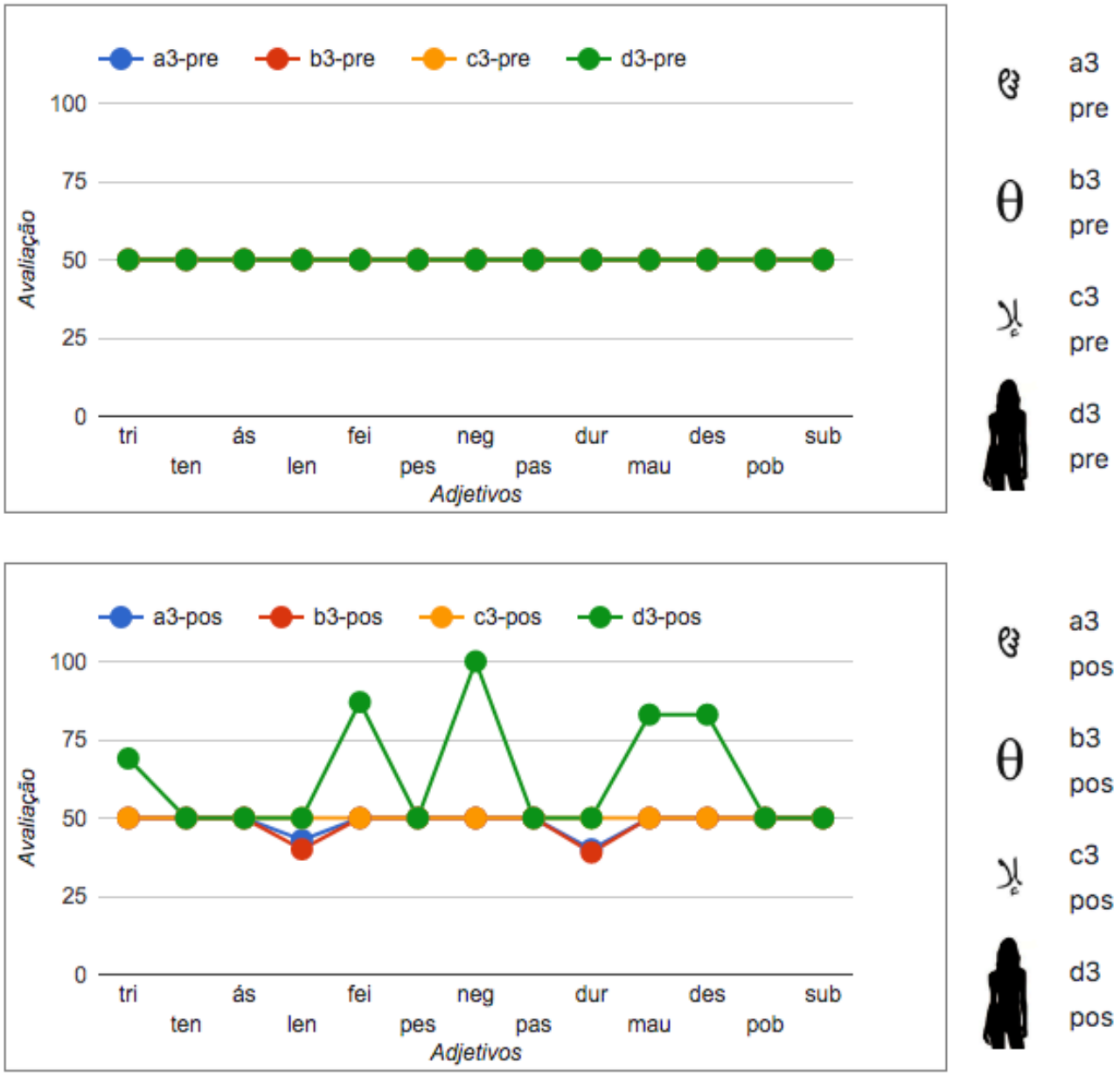


Figura 5. Avaliação dos estímulos a1 e d1 do Participante 1 no Pré-Teste e Pós-Teste.

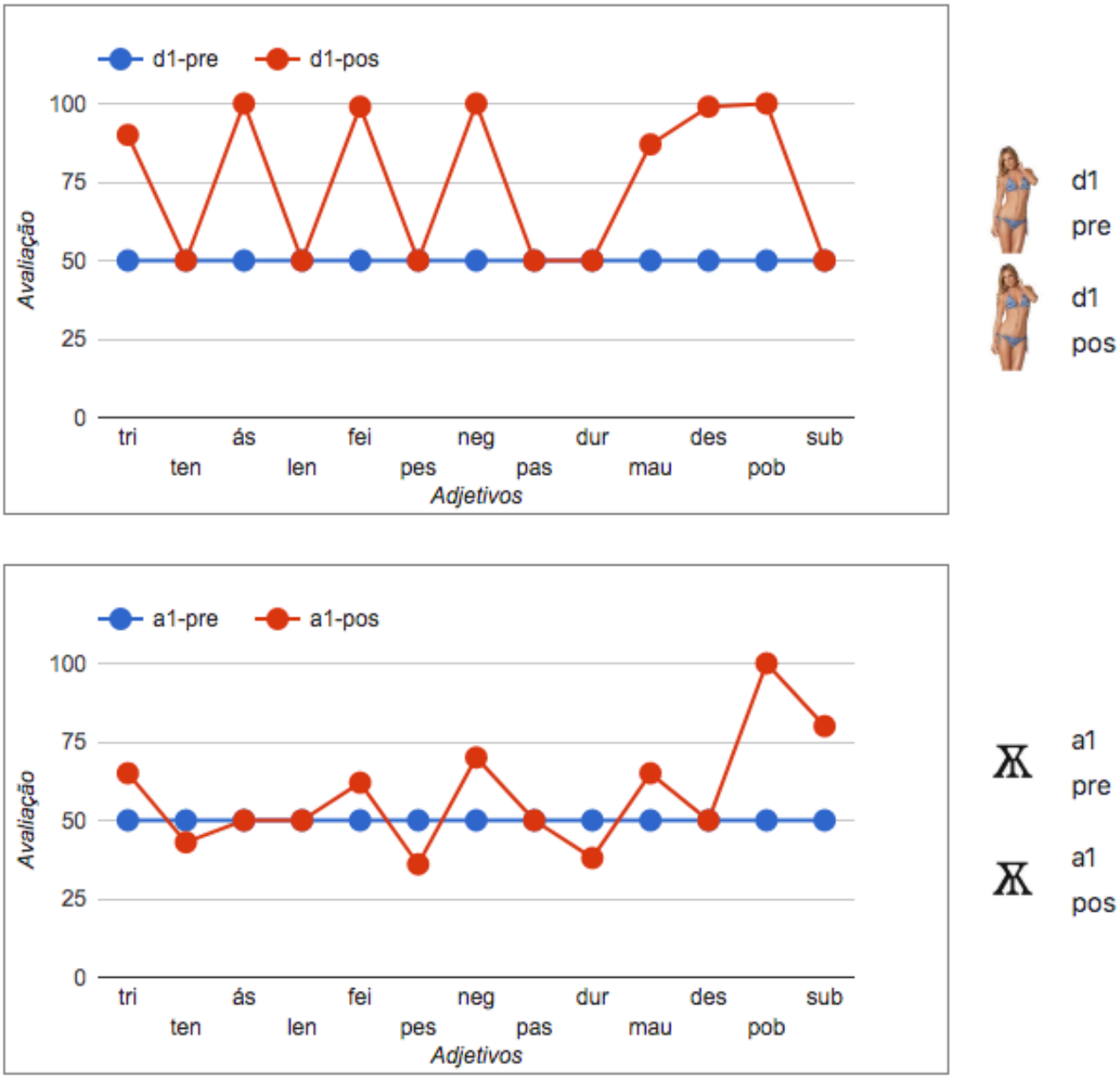


Figura 6. Avaliação dos estímulos b1 e c1 do Participante 1 no Pré-Teste e Pós-Teste.

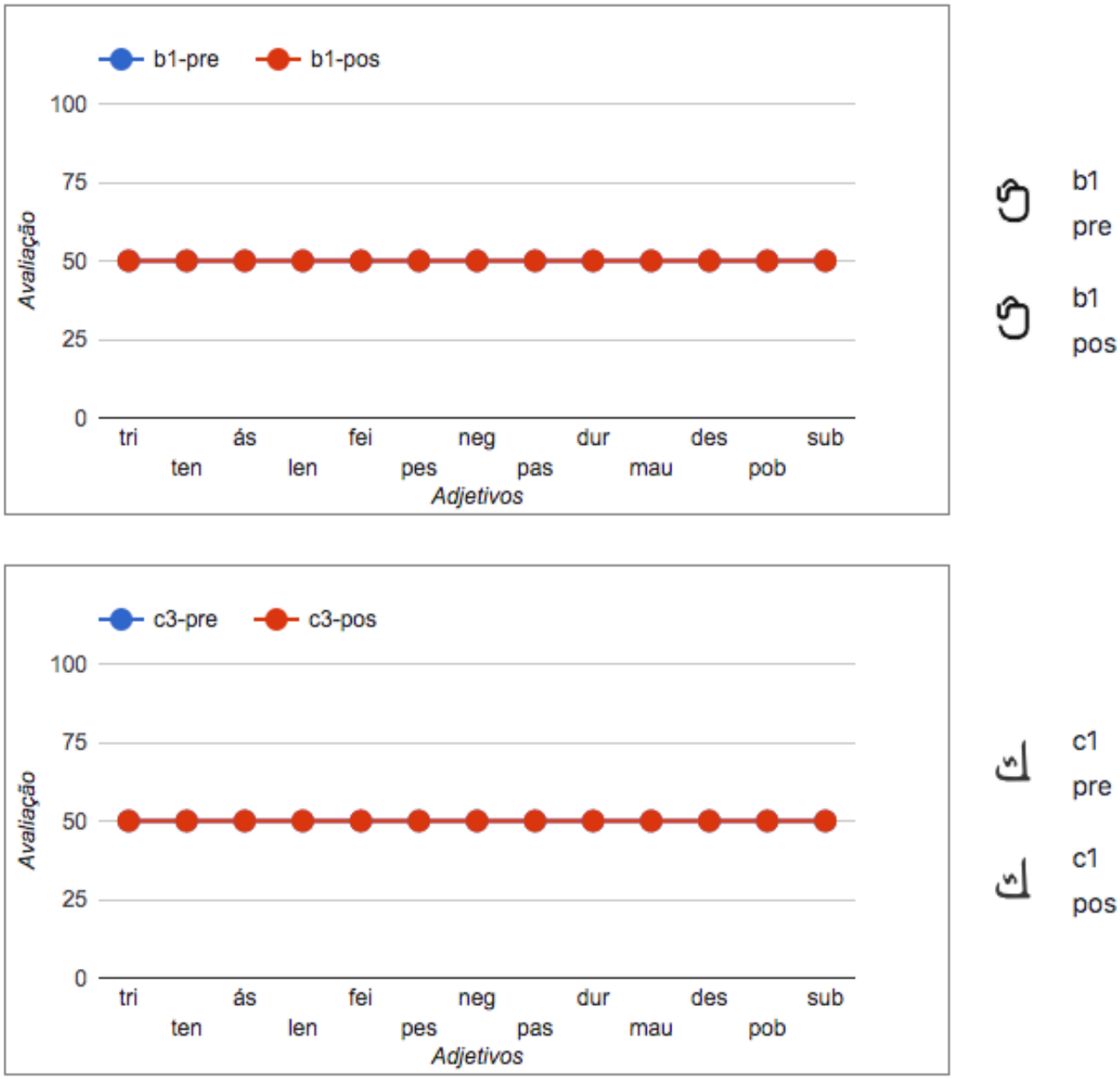
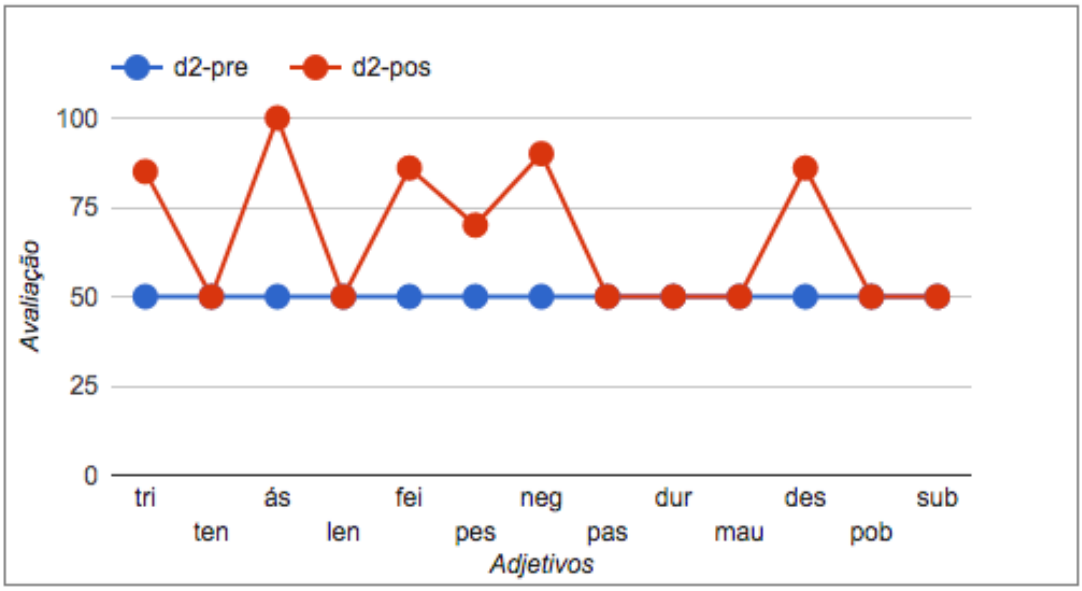
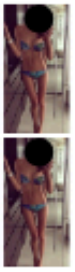


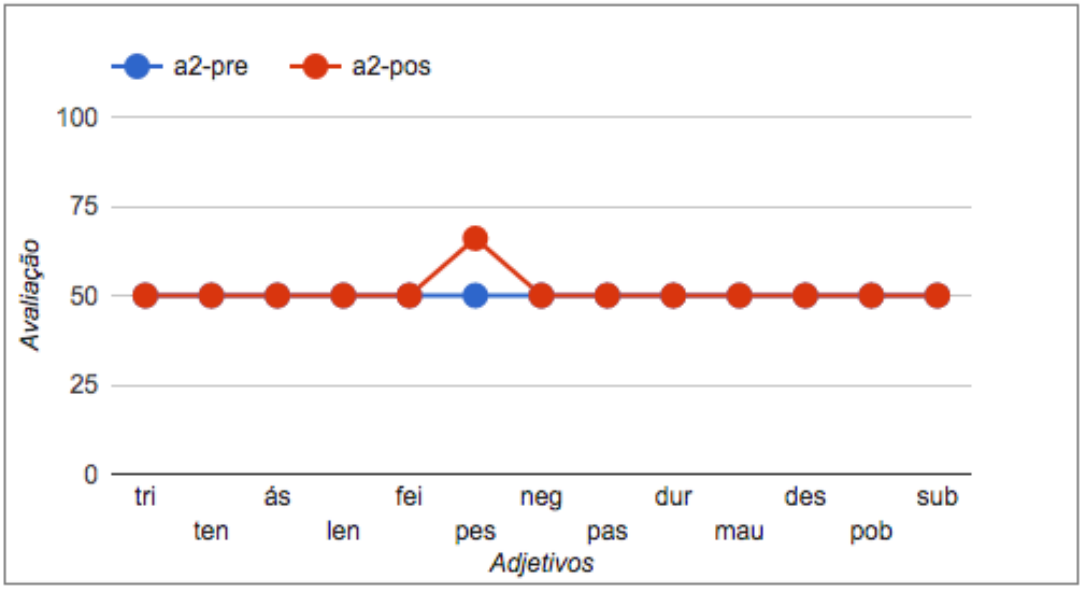
Figura 7. Avaliação dos estímulos a2 e d2 do Participante 1 no Pré-Teste e Pós-Teste.





d2 pre

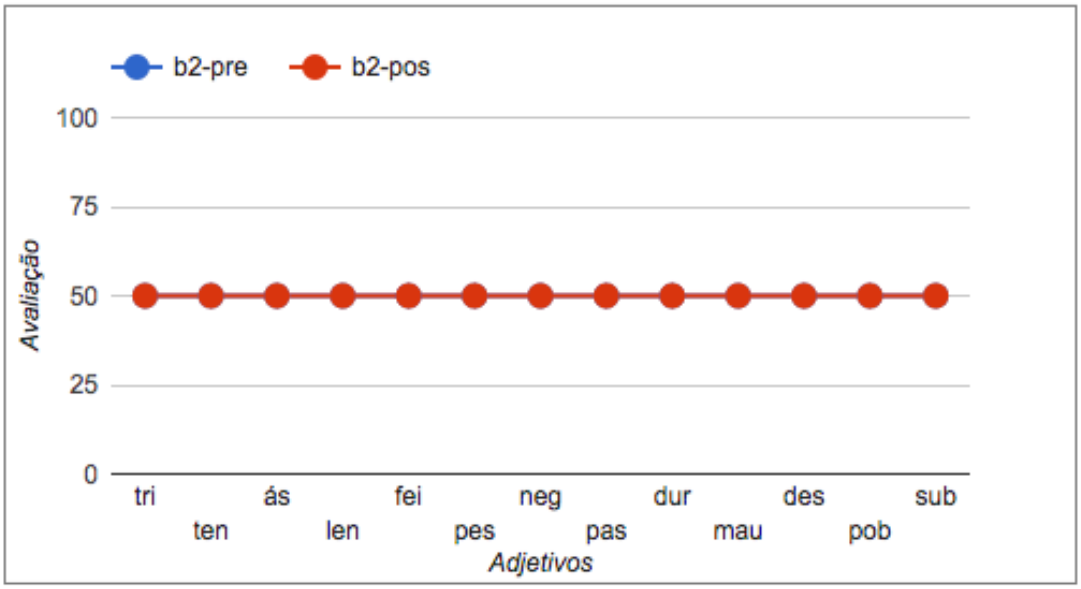
d2 pos



a2 pre

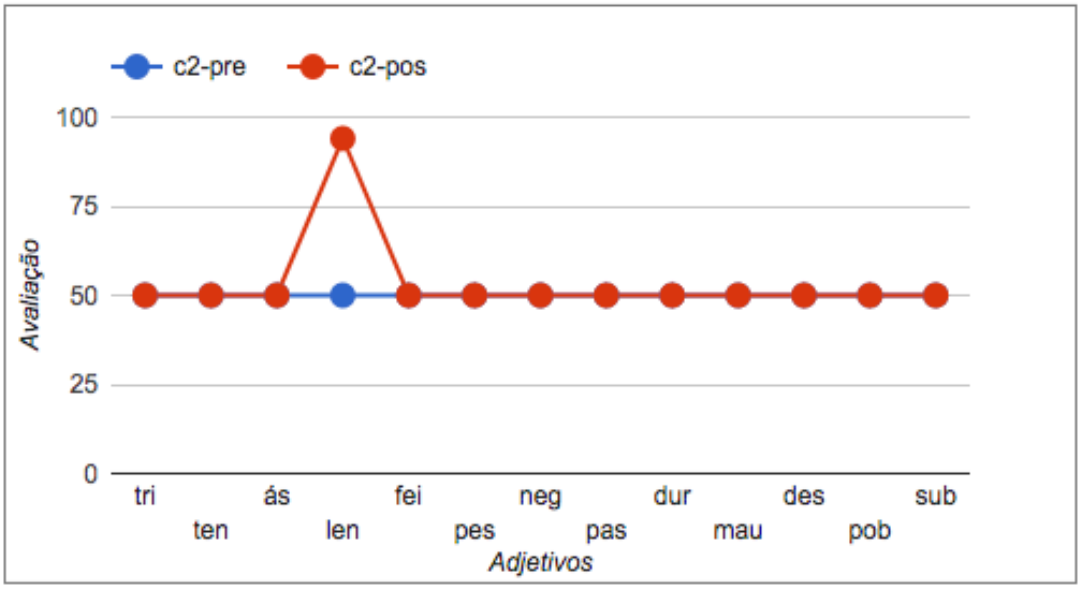
a2 pos

Figura 8. Avaliação dos estímulos b2 e c2 do Participante 1 no Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.



b2 pre

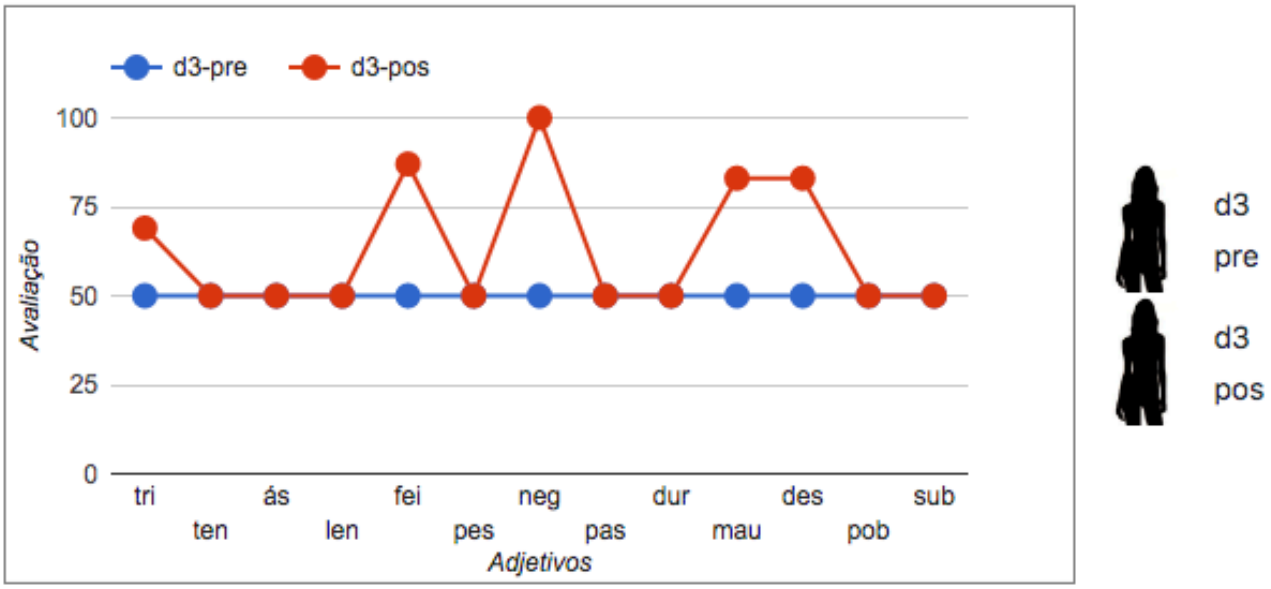
b2 pos



c2 pre

c2 pos

Figura 9. Avaliação dos estímulos a3 e d3 do Participante 1 no Pré-Teste e Pós-Teste.



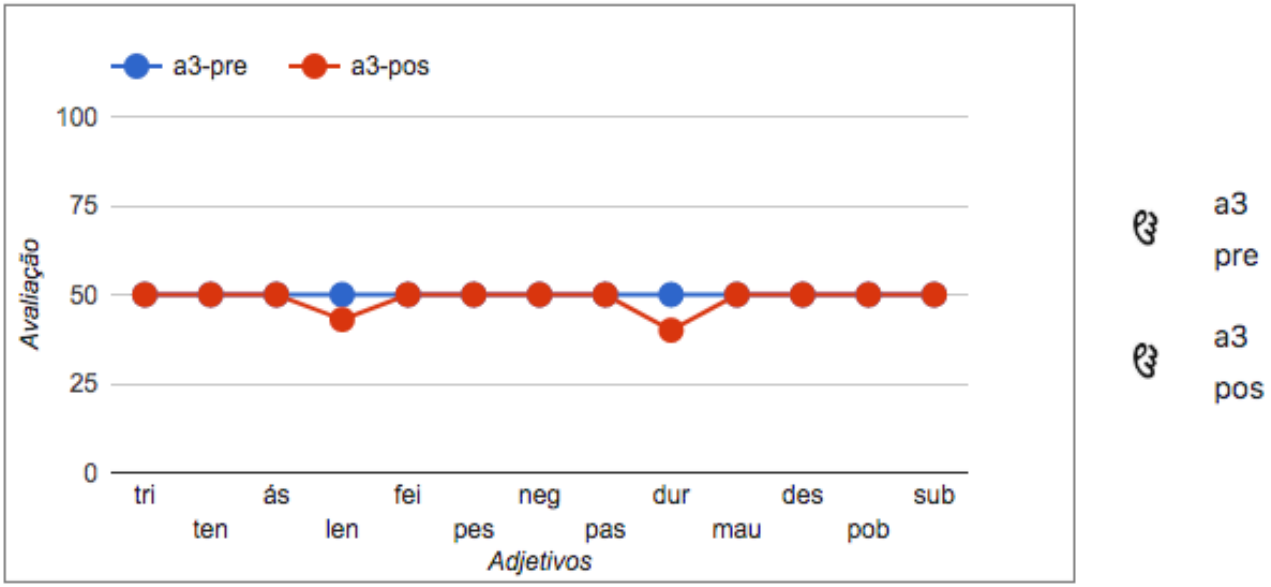
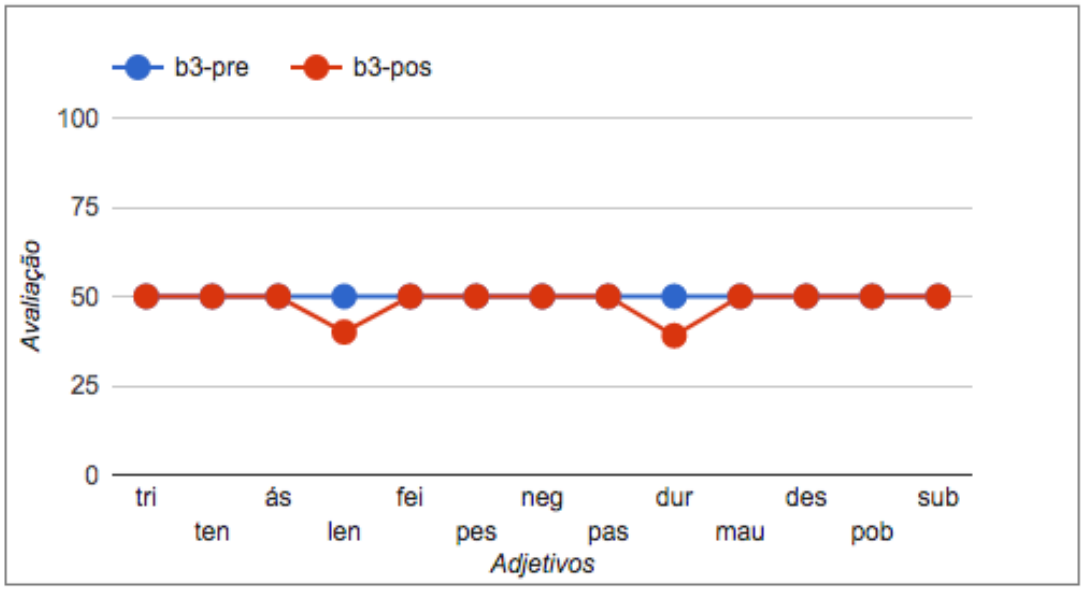
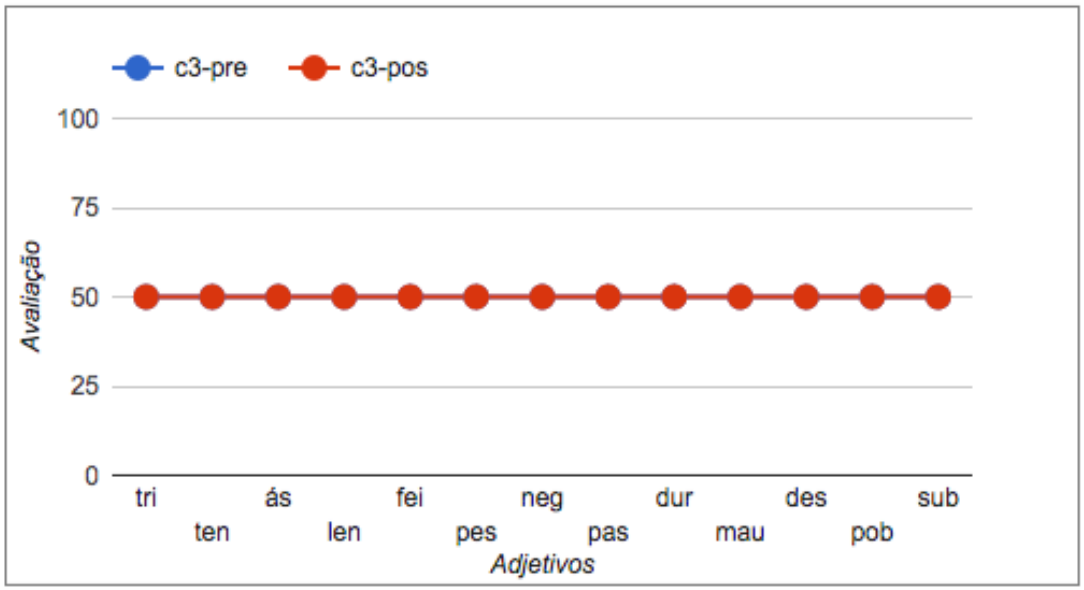


Figura 10. Avaliação dos estímulos b3 e c3 do Participante 1 no Pré-Teste e Pós-Teste.



θ b3 pre

θ b3 pos



ʖ c3 pre

ʖ c3 pos

Figura 11. Grau de equivalência entre Pré-Teste e Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
a2	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
a3	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
b1	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
b2	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
b3	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
c1	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
c2	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
c3	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
d1	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
d2	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
d3	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Figura 12. Grau de equivalência entre Pós-Teste e Pós-Teste

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	100	85	87	87	87	87	87	83	87	79	77	83
a2	85	100	97	99	99	97	99	95	99	74	85	86
a3	87	97	100	99	99	100	99	95	99	74	82	85
b1	87	99	99	100	100	98	100	97	100	75	83	87
b2	87	99	99	100	100	98	100	97	100	75	83	87
b3	87	97	100	98	98	100	98	95	98	73	82	85
c1	87	99	99	100	100	98	100	97	100	75	83	87
c2	83	95	95	97	97	95	97	100	97	72	80	83
c3	87	99	99	100	100	98	100	97	100	75	83	87
d1	79	74	74	75	75	73	75	72	75	100	89	88
d2	77	85	82	83	83	82	83	80	83	89	100	90
d3	83	86	85	87	87	85	87	83	87	88	90	100

Figura 13. Grau de equivalência entre Pré-Teste e Pós-Teste

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	87	99	99	100	100	98	100	97	100	75	83	87
a2	87	99	99	100	100	98	100	97	100	75	83	87
a3	87	99	99	100	100	98	100	97	100	75	83	87
b1	87	99	99	100	100	98	100	97	100	75	83	87
b2	87	99	99	100	100	98	100	97	100	75	83	87
b3	87	99	99	100	100	98	100	97	100	75	83	87
c1	87	99	99	100	100	98	100	97	100	75	83	87
c2	87	99	99	100	100	98	100	97	100	75	83	87
c3	87	99	99	100	100	98	100	97	100	75	83	87
d1	87	99	99	100	100	98	100	97	100	75	83	87
d2	87	99	99	100	100	98	100	97	100	75	83	87
d3	87	99	99	100	100	98	100	97	100	75	83	87

Participante 02

Figura 14. Avaliação dos estímulos a1, b1 e c1 do Participante 2 no Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

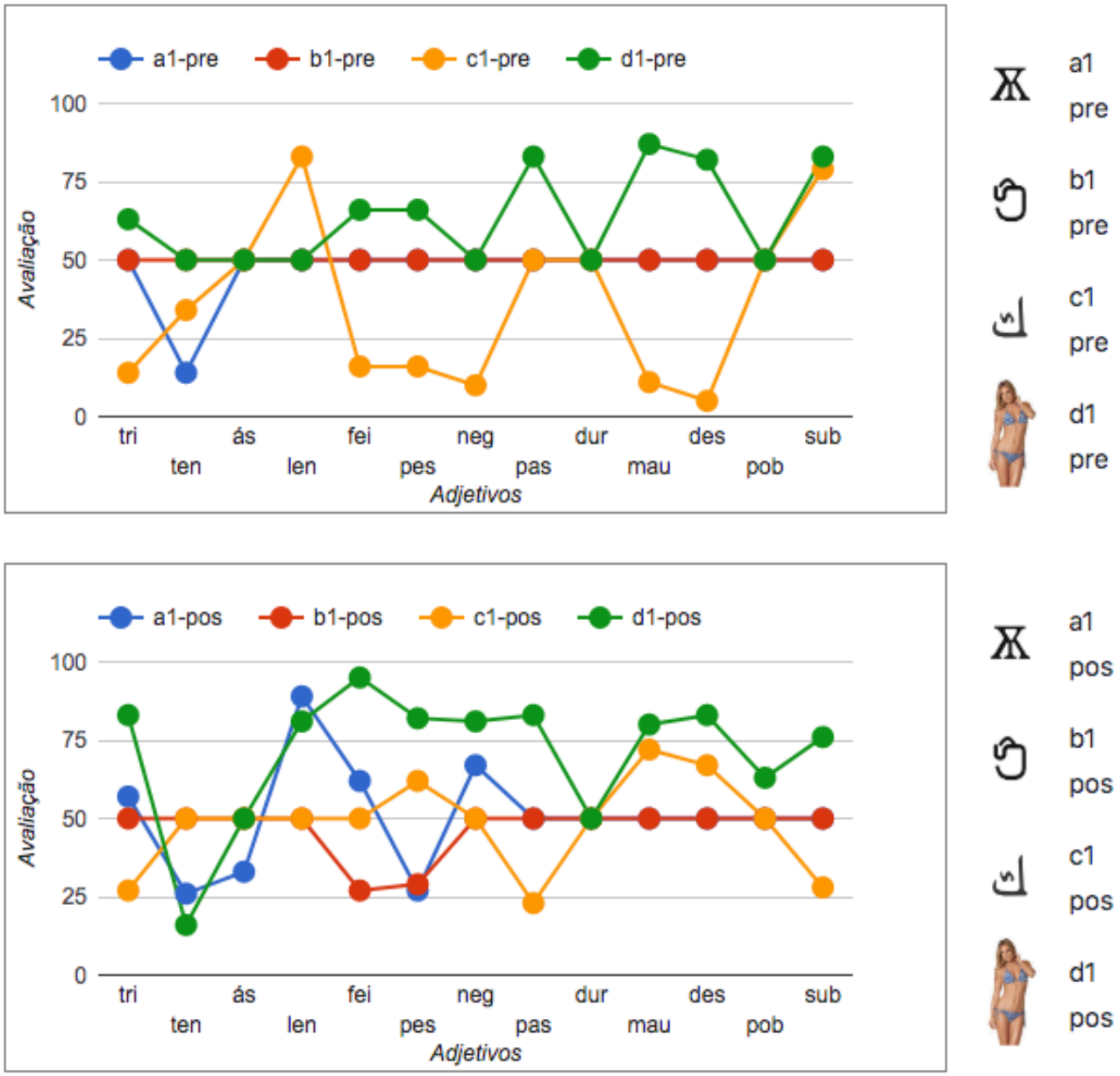


Figura 15. Avaliação dos estímulos a2, b2 e c2 do Participante 2 no Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

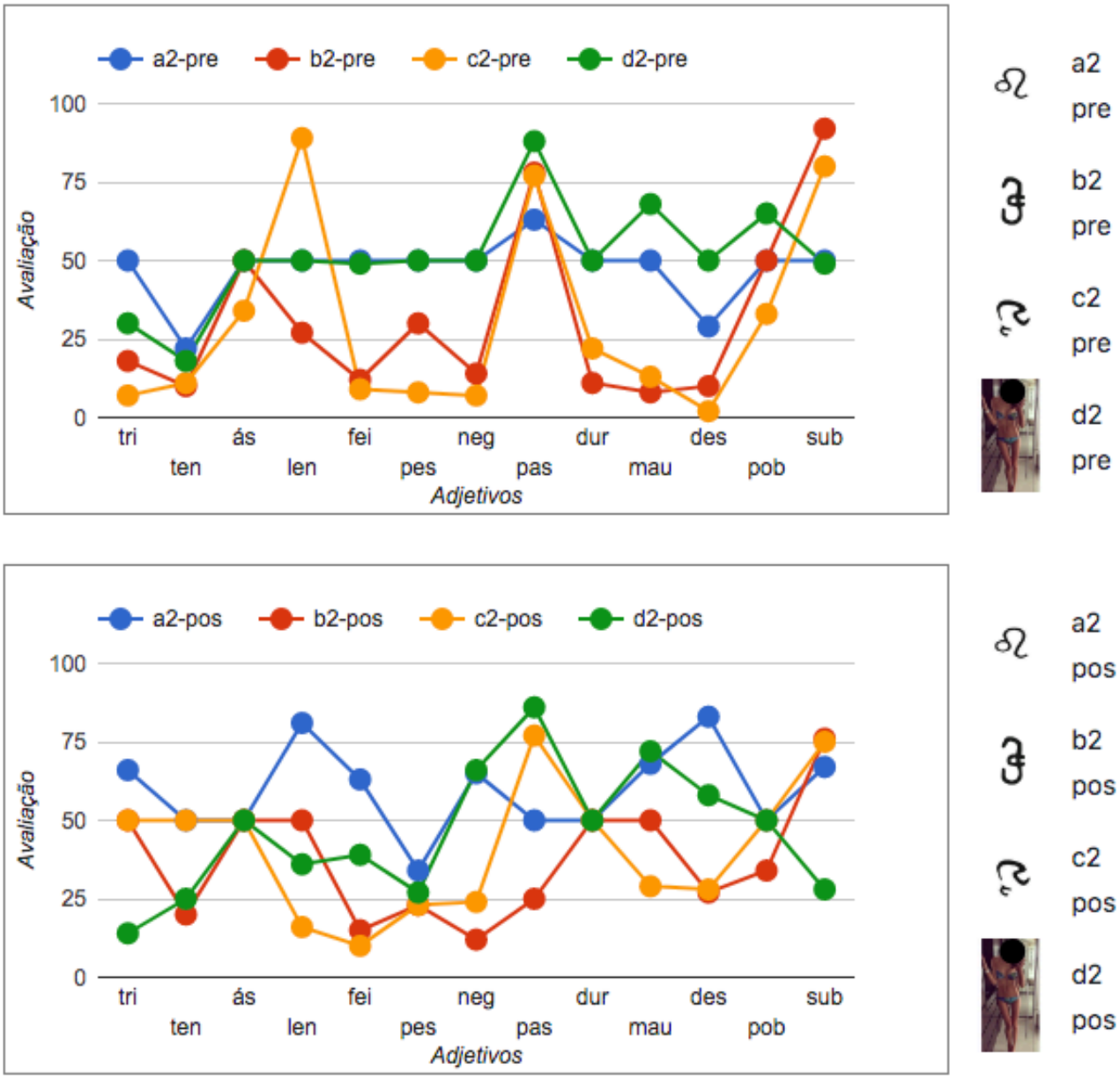


Figura 16. Avaliação dos estímulos a3, b3 e c3 do Participante 2 no Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

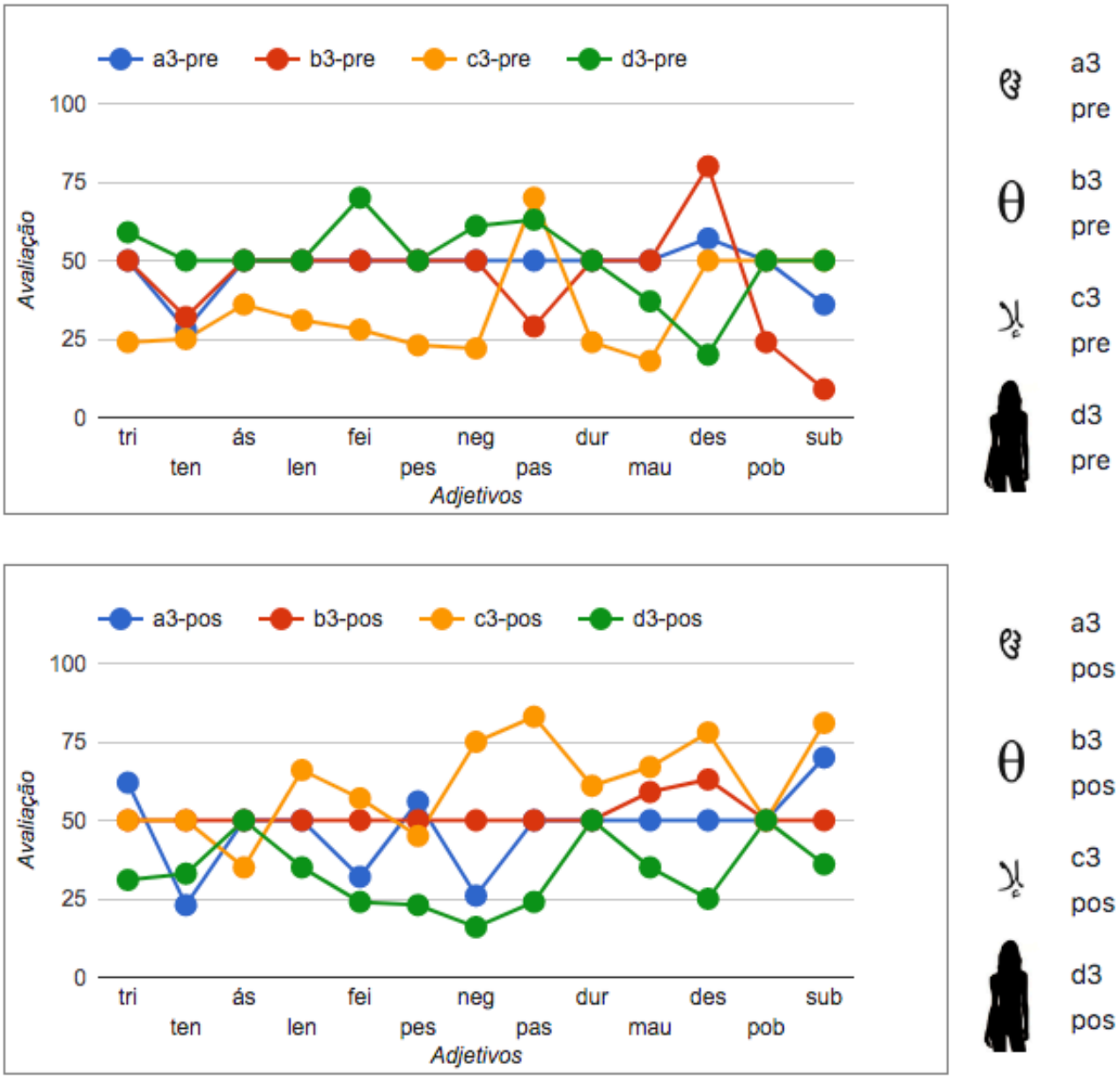


Figura 17. Avaliação dos estímulos a1 e d1 do Participante 2 no Pré-Teste e Pós-Teste.

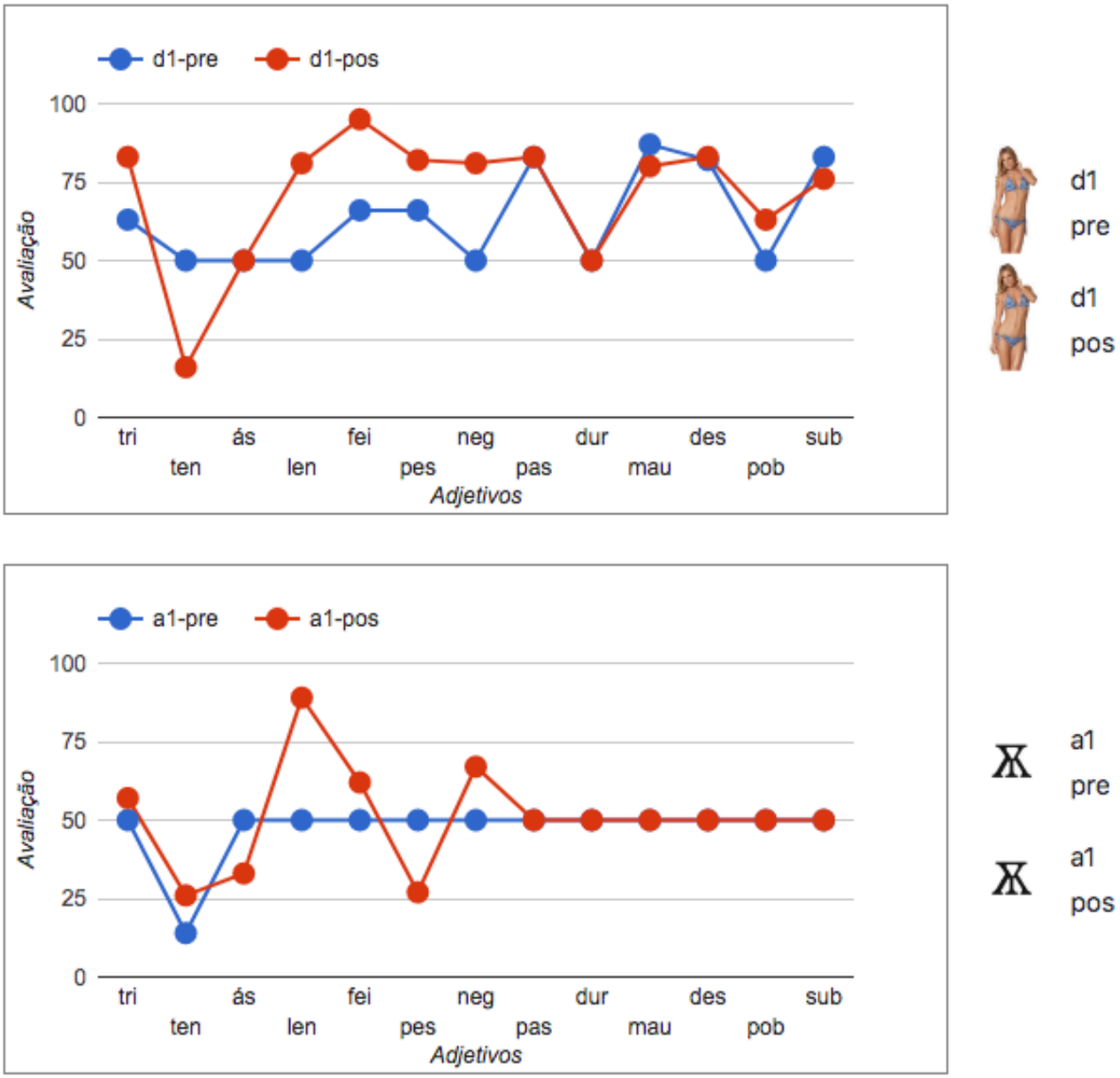


Figura 18. Avaliação dos estímulos b1 e c1 do Participante 1 no Pré-Teste e Pós-Teste.

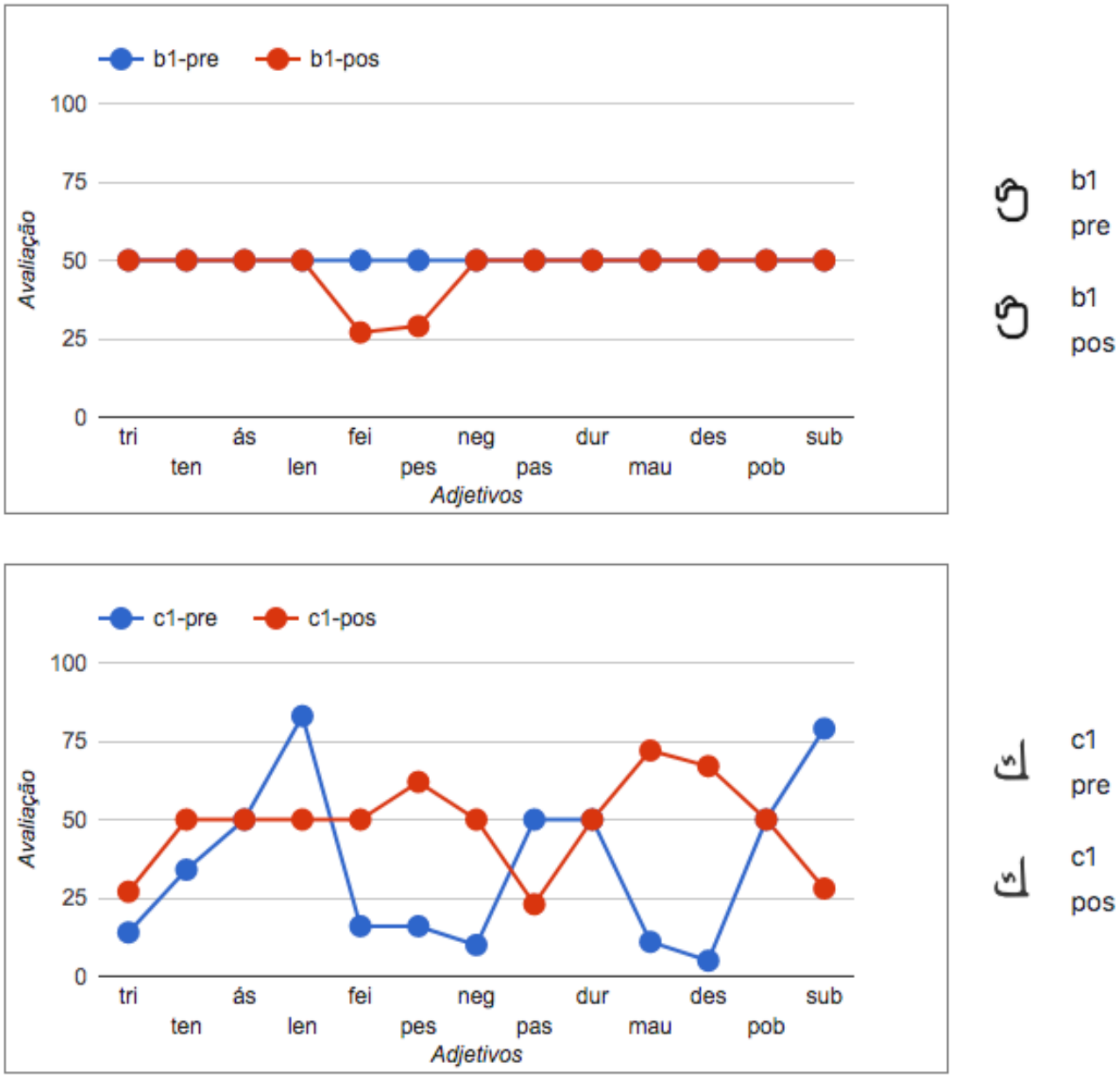


Figura 19. Avaliação dos estímulos a2 e d2 do Participante 1 no Pré-Teste e Pós-Teste.

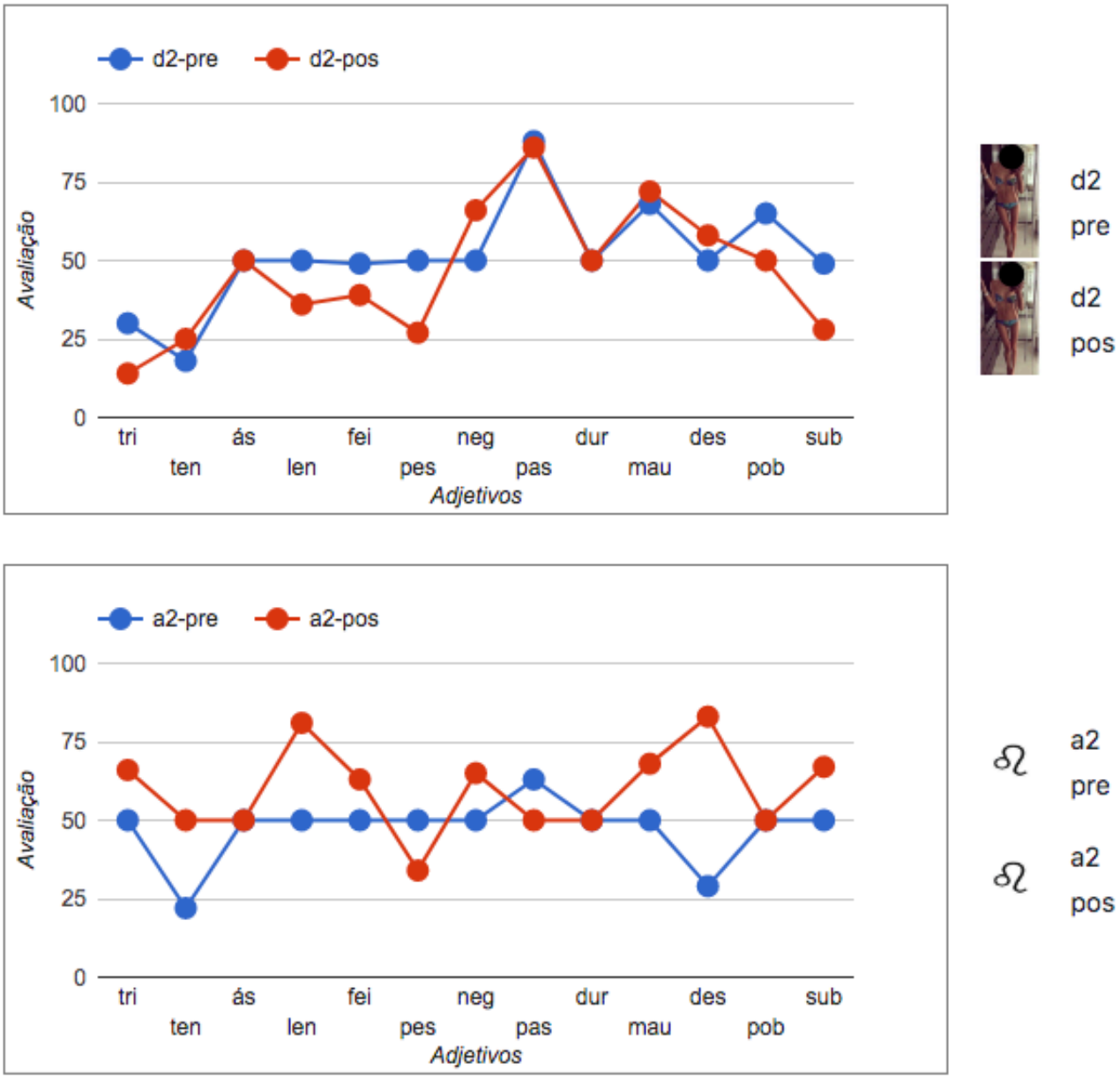


Figura 20. Avaliação dos estímulos b2 e c2 do Participante 1 no Pré-Teste e Pós-Teste, comparados com eles mesmos.

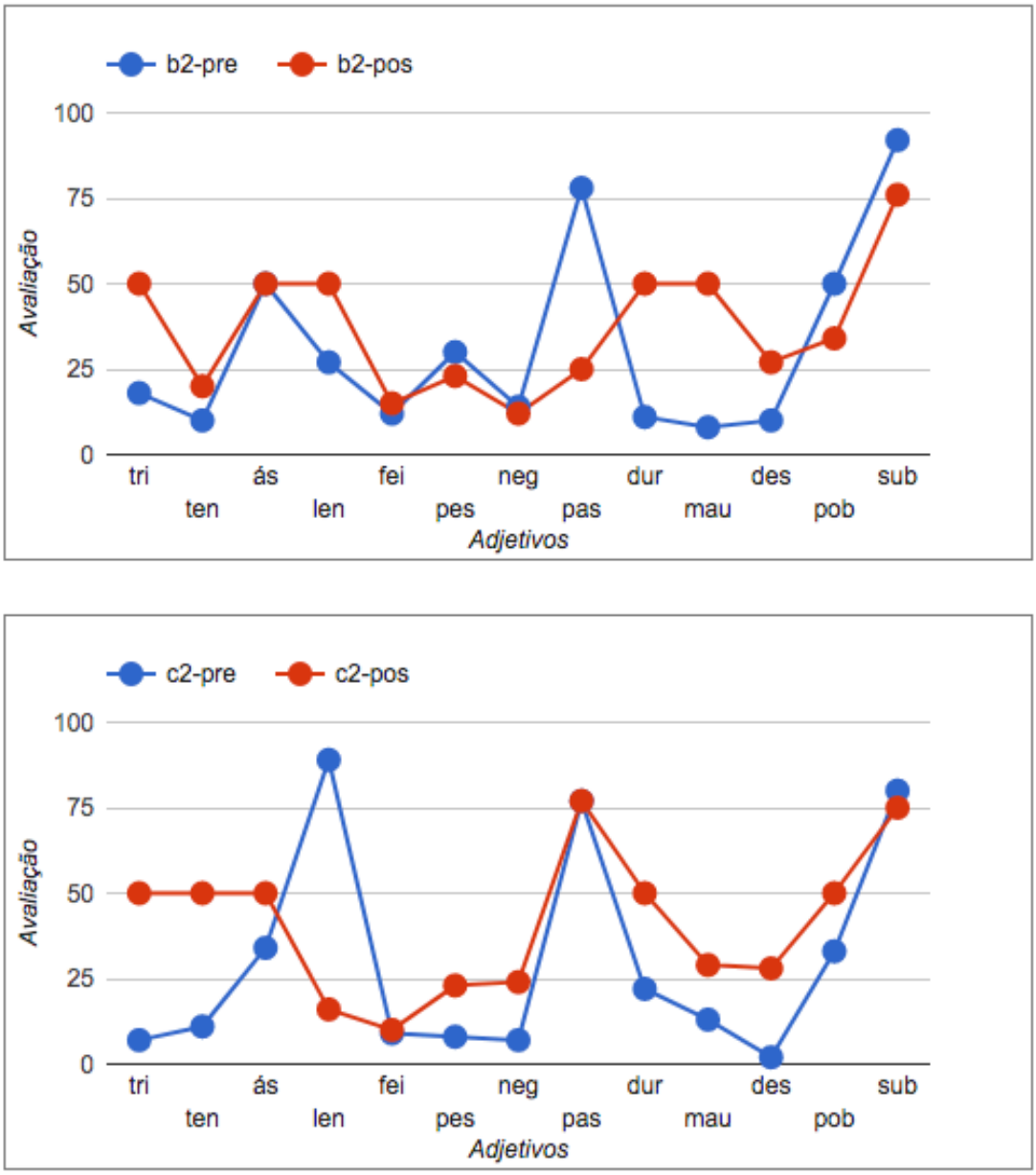


Figura 21. Avaliação dos estímulos a3 e d3 do Participante 1 no Pré-Teste e Pós-Teste.

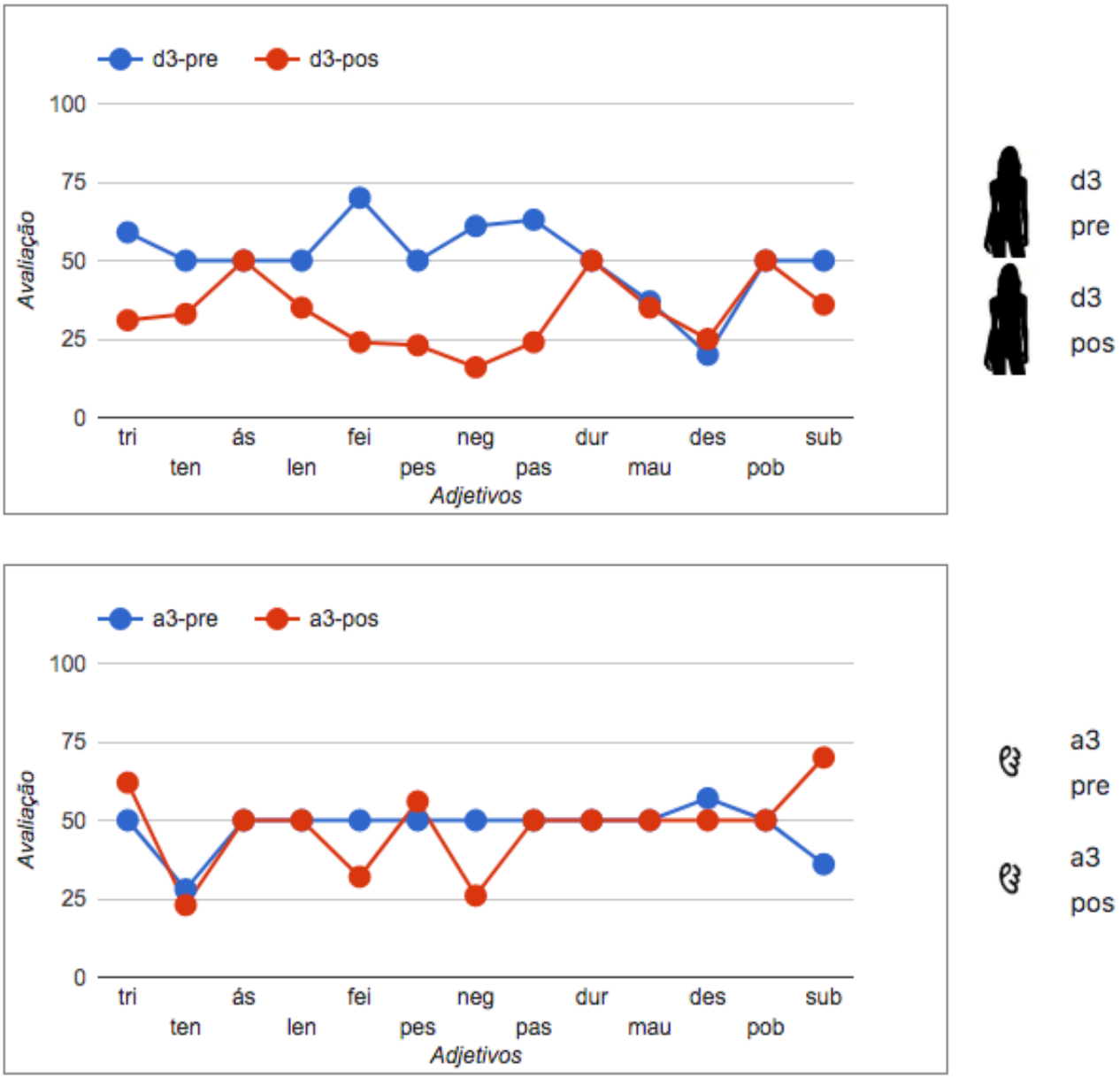


Figura 22. Avaliação dos estímulos b3 e c3 do Participante 1 no Pré-Teste e Pós-Teste.

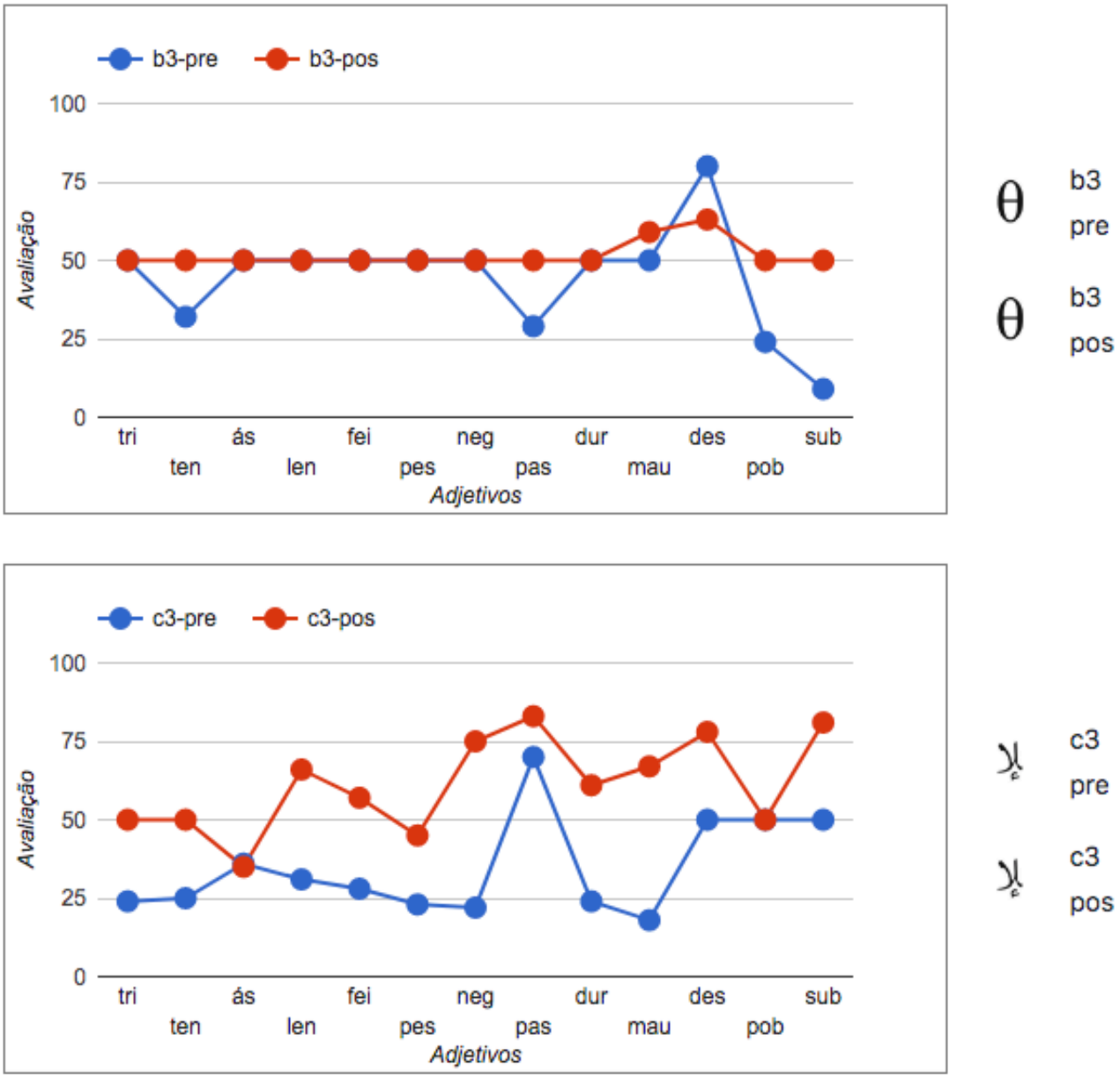


Figura 23. Grau de equivalência entre Pré-Teste e Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	100	97	97	97	74	90	76	68	83	83	93	90
a2	97	100	95	95	76	88	77	70	83	83	92	93
a3	97	95	100	97	71	92	76	65	82	84	91	89
b1	97	95	97	100	71	90	76	65	82	86	90	93
b2	74	76	71	71	100	63	85	86	86	66	74	72
b3	90	88	92	90	63	100	68	60	74	80	83	82
c1	76	77	76	76	85	68	100	89	81	67	73	76
c2	68	70	65	65	86	60	89	100	81	60	68	67
c3	83	83	82	82	86	74	81	81	100	71	82	78
d1	83	83	84	86	66	80	67	60	71	100	84	85
d2	93	92	91	90	74	83	73	68	82	84	100	85
d3	90	93	89	93	72	82	76	67	78	85	85	100

Figura 24. Grau de equivalência entre Pós-Teste e Pós-Teste

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	100	90	86	89	80	88	80	76	84	77	83	79
a2	90	100	84	87	76	89	84	76	89	84	80	73
a3	86	84	100	91	89	90	83	84	80	76	81	84
b1	89	87	91	100	86	95	87	86	83	70	85	87
b2	80	76	89	86	100	81	77	87	73	65	76	90
b3	88	89	90	95	81	100	92	81	87	75	85	82
c1	80	84	83	87	77	92	100	73	81	72	86	83
c2	76	76	84	86	87	81	73	100	77	65	78	86
c3	84	89	80	83	73	87	81	77	100	83	81	70
d1	77	84	76	70	65	75	72	65	83	100	73	60
d2	83	80	81	85	76	85	86	78	81	73	100	82
d3	79	73	84	87	90	82	83	86	70	60	82	100

Figura 25. Grau de equivalência entre Pré-Teste e Pós-Teste

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	90	85	93	94	85	96	88	80	83	76	85	83
a2	88	83	91	92	86	94	86	83	83	75	85	84
a3	89	86	92	93	83	96	90	80	83	75	87	85
b1	89	88	92	97	83	98	91	83	86	74	84	83
b2	67	64	76	74	80	69	65	85	66	58	74	80
b3	82	82	84	86	81	90	89	72	79	71	81	81
c1	77	74	80	80	85	75	71	83	70	61	73	85
c2	70	63	71	69	78	64	59	77	65	57	68	74
c3	80	72	84	85	80	80	76	85	73	62	84	87
d1	78	88	84	83	73	88	85	77	90	85	79	69
d2	83	81	86	87	78	90	87	78	84	79	90	79
d3	87	85	86	89	79	91	83	83	83	75	80	82

Discussão

O presente estudo teve como objetivo investigar a transferência de função entre os estímulos com carga de significado e os estímulos abstratos (sem significado) por meio do paradigma de equivalência, a fim de analisar o processo de formação de atitude e o preconceito direcionado aos biótipos corporais de mulheres. Para isso, utilizou-se uma escala do tipo diferencial semântico, com 13 pares de adjetivos de pólos opostos a fim de se avaliar 12 estímulos, 3 com significado social atrelado e 9 abstratos, sem significado algum. Tais estímulos apresentados foram retirados de duas pesquisas anteriores já existentes; respectivamente de Santos (2019) e de Eilertsen e Arntzen (2020).

Evidencia-se que as imagens das mulheres, caracterizadas pelos estímulos D1, D2 e D3, apresentaram avaliação positiva no pré e no pós-teste. Até mesmo a imagem que demonstrava um biótipo corporal bem magro (D2) e que imaginava-se que receberia avaliações mais negativas - por aparentar um corpo com peso abaixo do que se tem como ideal - tendeu à positividade. Isso é capaz de evidenciar que o padrão de corpo, principalmente feminino, na sociedade atual, tende à magreza, no sentido de assim ser o mais bonito. Ainda, segundo Silva (2017), o meio social, na maior parte das vezes, requer que a mulher tenha um corpo magro, acreditando que ela só será capaz de atingir a felicidade e ser bem sucedida na vida se estiver dentro destes modelos de referência.

Outro ponto que vale a pena ser destacado sãos os pares de adjetivos mais bem avaliados no Pré-Teste, ainda em relação ao estímulo D: triste/feliz, áspero/liso, feio/bonito, negativo/positivo, mau/bom, desagradável/agradável e pobre/rico. Esses adjetivos foram valorados de forma bem positiva. Os

demais, até mesmo no Pós-Teste, quando não bem positivos, se mantiveram avaliados de forma neutra.

Sobre os resultados, é possível afirmar que, de forma geral, foram satisfatórios no que diz respeito à formação de equivalência entre os estímulos. Houve a formação de classe da grande maioria destes em relação a todos os participantes. Sobre os registros analisados através dos dados do Pré-Teste e Pós-Teste, no tocante ao Grau de transferência de função, não foram considerados altos o suficiente ao ponto de se observar uma mudança satisfatória nos estímulos. O resultado, no recorte do GE, se assemelha com o estudo de Portela (2014), no qual ambos os grupos da pesquisa formaram a classe. Já em relação à transferência, não houve aproximação nos resultados, já que no estudo exemplificado houve ganho de significado social, mesmo que parcialmente, da maioria dos estímulos. De forma geral, nesta pesquisa, apenas 6 estímulos pareceram demonstrar a transferência de função (A2 e A3 de P05; C1, C2 e C3 de P04 e C3 de P05), todos os demais não demonstraram um ganho de carga de significado social semelhante à D.

A respeito dos estímulos abstratos, a maioria registrou avaliações que tenderam à neutralidade, tanto no pré quanto no Pós-Teste. Neste sentido, esses resultados também não vão de encontro e não corroboram com o estudo de Mizael et. al (2016), que relata que estímulos neutros tendem a ser avaliados, após a formação de classe, de forma semelhante a estímulos significativos. Neste presente estudo, como já relatado, apenas uma minoria de estímulos demonstrou significância no GT.

O estudo de Santos (2019), mais especificamente sobre o primeiro experimento realizado, no qual foram utilizadas as fotografias e silhuetas de mulheres magras, também deve ser utilizado para fins de análise e comparação. Como resultado, notou-se que as fotografias de mulheres muito magras tiveram tendência de serem avaliadas negativamente, enquanto as outras positivamente. Neste sentido, a presente pesquisa, mais uma vez não corrobora com a literatura, visto que a fotografia identificada como imagem de uma mulher muito magra obteve resultados positivos nas avaliações. Isso pode ser explicado pelo explícito preconceito e intolerância existentes para com pessoas consideradas gordas que, por sua vez, acabam por reforçar os padrões de beleza que estão fortemente impregnados na sociedade (Ribeiro, 2016).

A partir de toda essa análise, é possível concluir que o presente estudo alcançou, de forma parcial, os objetivos propostos, visto que em termos de aplicação do experimento direcionado para a formação de classe de equivalência os resultados foram satisfatórios. Algumas limitações também ficaram claras, como o fato de a transferência de função não ter alcançado o grau esperado,

não sendo possível destacá-la como suficiente, além de não ter sido possível avaliar, segundo a expectativa, a influência do biótipo corporal segundo a visão dos participantes.

Uma outra limitação foi a realização da coleta de dados de forma online. Na verdade, essa situação tem um lado positivo, como a possibilidade de, mesmo à distância, ser possível a realização de pesquisas, principalmente quantitativas, por um grande número de pessoas. Entretanto, por esse meio, também encontram-se dificuldades relacionadas à falta de controle da rede de internet do participante. Isso foi uma situação que poderia prejudicar a realização, atrasando a execução ou, até mesmo, não salvando alguns resultados.

Outro ponto observado foi o tempo que os participantes passavam realizando os testes, que variou entre uma e duas horas e meia. Embora tenha sido explicado a eles sobre a importância científica da pesquisa, e sobre o tempo médio gasto, ainda assim foi observado que alguns deles se sentiram desconfortáveis conforme o tempo passava, além de perguntarem se ainda faltava muito para finalizar.

Nesse sentido, como sugestão para pesquisas futuras, recomenda-se uma maior análise em relação à quantidade de blocos de treinos e a quantidade de etapas. Ainda, é válido ressaltar a necessidade de se escolher de forma mais criteriosa os estímulos que serão utilizados, já que notou-se que existe um padrão social de biótipos corporais mais aceitáveis e desejáveis do que se esperava. Nesse sentido, as imagens devem retratar de forma ainda mais clara o que se pretende medir. Como último ponto, retrata-se a importância de se continuar a estudar mais sobre o tema, visto que é de grande relevância para o entendimento de muitas situações sociais.

A presente pesquisa se tornou útil ao propor o estudo da transferência de função em relação a biótipos corporais de mulheres, seguindo próximo a estudos já existentes na área, embora em pouca oferta ainda, além de contribuir para corroborar com literatura a respeito do tema de formação de classes de equivalência. Os resultados desta pesquisa, ressaltam a importância da continuação de estudos na área do preconceito com corpos de mulheres, com formação de classe de equivalência e transferência de função.

Experimento 12: Efeito do treino de reorganização de classe de equivalência relacionado ao estigma social da obesidade

Pesquisadora responsável: Jennifer Patrícia Kuhn Lago

Introdução

O estigma social da obesidade é um tipo de preconceito muito comum na sociedade, que diz respeito a atitudes negativas direcionadas a indivíduos gordos ou sobrepesos e que propicia, na vida destes sujeitos, diversas situações de exclusão, sofrimento e discriminação. A gordofobia, como todos os tipos de preconceito, é aprendida e repassada no convívio social e na comunicação com a comunidade social. Portanto, as consequências emocionais sofridas por esses indivíduos demandam que a Psicologia realize estudos e pesquisas que possam buscar a modificação na transmissão de informações e nas atitudes da população poderiam ser uma forma de reduzir preconceitos e, consequentemente, o sofrimento humano.

A gordofobia é uma negação de direitos na sociedade, considerando as inúmeras situações de exclusão e dificuldades vivenciais que indivíduos gordos passam nos diversos contextos de vida por conta de seus corpos. A partir do reconhecimento desta realidade, faz-se necessário compreender como as atitudes são desenvolvidas, em especial as atitudes negativas direcionadas aos indivíduos gordos e sobrepesos, e buscar maneiras de diminuí-las.

Um exemplo de estudo no tema é o modelo de estigmatização e categorização social, realizado na pesquisa de Weinstein et al. (2008), no qual participantes foram ensinados a relacionar linhas na vertical e na horizontal com os biotipos corporais "magros" e "gordos", respectivamente. Os resultados demonstraram que o "estigma pode ser estabelecido sem o ensino direto de atributos depreciativos a um grupo de indivíduos, por exemplo”.

De acordo com pesquisas, 91% de crianças clinicamente consideradas acima do peso reportam se sentirem envergonhadas por serem gordas, 90% acreditam que a humilhação e situações de provocação que sofrem acabariam se elas perdessem peso e 69% acreditam que teriam mais amigos que perdessem peso (Irving, 2000; Pierce & Wardle, 1997).

Conforme Haydu et al. (2019), um estudo a respeito da importância de se utilizar estímulos pré-experimentais, ou seja, estímulos com os quais os partici-

pantes já possuem experiências prévias e atitudes, foi capaz de mostrar que há uma maior facilidade de formar relações de equivalência com estímulos familiares e nomeáveis para o participante, mas, que, quando foi preciso emitir respostas com relações inconsistentes com a história pré-experimental, os sujeitos cometeram mais erros.

A partir desses resultados, reconhece-se a importância de realizar pesquisas na área, não só para investigar a possibilidade de transferência de atitude, o que auxilia significativamente no estudo de preconceitos, mas também para avaliar e compreender a possível dificuldade gerada na modificação das mesmas, ou seja, quando é necessário ir contra suas pré-concepções e atitudes pré-experimentais e realizar reorganização de classes.

Este experimento possui um procedimento um pouco diferente, pois houve o acréscimo de uma segunda etapa, com o intuito de avaliar a reorganização de classes de equivalência. Portanto, o diferencial desta pesquisa foi a tentativa de adicionar estímulos com significado social positivo, que foram emparelhados com os estímulos neutros. Entende-se estímulos sociais positivos aqueles que recebem a seleção dos adjetivos positivos da escala, como alegre, relaxado e agradável. Posteriormente ao emparelhamento dos estímulos A (imagens dos sujeitos obesos) aos símbolos abstratos, houve o emparelhamento desses estímulos abstratos com os estímulos positivos (corpos socialmente valorizados).

A presente pesquisa foi realizada com o intuito de investigar a formação de classes e transferência de função entre estímulos socialmente avaliados de forma negativa (estímulos do Grupo A - corpos obesos), estímulos neutros e abstratos (Grupos B e C) e, posteriormente, transferência de função de um estímulo social popularmente avaliado de forma positiva (Grupo D) ao mesmo estímulo neutro do Grupo B, de forma direta e ao estímulo neutro do Grupo C, de forma indireta. Posteriormente, avaliar se haveria transferência posterior, a partir da reorganização de classe, da atitude positiva em relação aos estímulos do Grupo D (corpos magros) para os estímulos do Grupo A (corpos obesos).

O objetivo final foi o de avaliar o efeito do treino das relações entre os estímulos na formação de classe, transferência de função e na reorganização de classe de equivalência e possível modificação de atitudes relacionadas ao estigma social da obesidade. Avaliar se o uso do software foi capaz de auxiliar na reorganização de classes, com o intuito de obter maior controle sobre o fenômeno das atitudes, uma possível modificação das mesmas e, consequentemente, uma redução do preconceito.

Método

Delineamento experimental

O delineamento de pesquisa é o de sujeito único (intra sujeito), no qual o mesmo participante passa por todas as etapas do experimento e a análise de dados ocorre a partir da comparação do sujeito na fase de linha de base (Pré-Teste) e ao final do experimento (Pós-Teste), para avaliar se houve mudança no comportamento.

A variável independente é o que é manipulado no experimento, portanto, neste experimento, foi o procedimento de ensino das relações, o treino de relações de simetria, transitividade e equivalência. A variável dependente é o que sofre influências e o que é medido na pesquisa. Sendo assim, as três variáveis dependentes desta pesquisa foram a formação, transferência e reorganização de classes.

Participantes

As participantes do experimento foram seis mulheres selecionadas por conveniência. O convite da pesquisa foi enviado pelo aplicativo Whatsapp.

Procedimentos éticos

O experimento foi iniciado após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética do UniCEUB e a entrega dos TCLEs (Termos de Consentimento Livre e Esclarecido) às participantes, que foram lidos e assinados por elas. Posteriormente, após a entrega dos TCLEs assinados, foram definidos horário e data para a realização do experimento.

Local

Levando-se em consideração a pandemia da COVID-19 e o isolamento social demandado no ano da realização da pesquisa, o experimento foi realizado de maneira remota, via Google Meet. As participantes encontravam-se em seus ambientes domésticos e realizaram o procedimento com seus computadores pessoais.

Recursos utilizados para a realização da pesquisa

Software para interação com os participantes

Como a pesquisa foi realizada remotamente, com participantes e pesquisadores em suas respectivas residências, utilizou-se o software Google Meet para a interação da pesquisadora com as participantes. O Google Meet permite conversação online com áudio e vídeo e o envio de mensagens de texto via chat.

Software de coleta de dado

O experimento foi construído e realizado através da plataforma walden4.com.br/laec (software desenvolvido pelo professor Márcio Borges Moreira). O software estava programado para apresentar as tentativas e feedbacks de maneira automática e randomizada, de acordo com cada etapa do experimento. O software também registrou todos os dados coletados.

Vídeos instrucionais

As instruções sobre o procedimento foram apresentadas aos participantes utilizando-se vídeos de animação (Figura 1). Os vídeos foram desenvolvidos na plataforma Vyond (www.vyond.com/). Nesta plataforma, é possível adicionar personagens e elementos de cenário para construir cenas de um vídeo. Além disso, é possível criar as falas dos personagens a partir de textos inseridos nas cenas (tecnologia text-to-speech).

Nos vídeos, uma personagem chamada Gabriela apresenta-se como assistente de pesquisa e informa ao participante que ela irá acompanhar ele ao longo do experimento. Em seguida, Gabriela apresenta as instruções que o participante deve seguir para realizar as tarefas experimentais.

Figura 1. Exemplo de um quadro, um instantâneo ("snapshot"), de um vídeo instrucional.



Imagens

Para a realização da pesquisa foram utilizadas 14 imagens. Duas imagens foram utilizadas com feedback para os participantes (Figura 2) e doze imagens foram utilizadas para a formação das classes de equivalência de estímulo (Figura 3). Foram utilizadas como feedback para os participantes duas figuras: um "check" verde, utilizado para sinalizar acerto e um "X" vermelho para sinalizar erro.

As imagens utilizadas para a formação das classes de equivalência foram: a) cinco fotografias de pessoas, sendo duas fotografias de pessoas anônimas e obesas (imagens A1 e A2) e três fotografias de pessoas famosas, atores, com corpo "em forma" (D1, Grazi Massafera; D2, Zac Efron; e D3, Malvino Salvador); e b) sete figuras abstratas extraídas de Eilertsen e Arntzen (2020) (A3, B1, B2, B3, C1, C2 e C3).

Figura 2. Imagens utilizadas como feedback no Experimento 12.

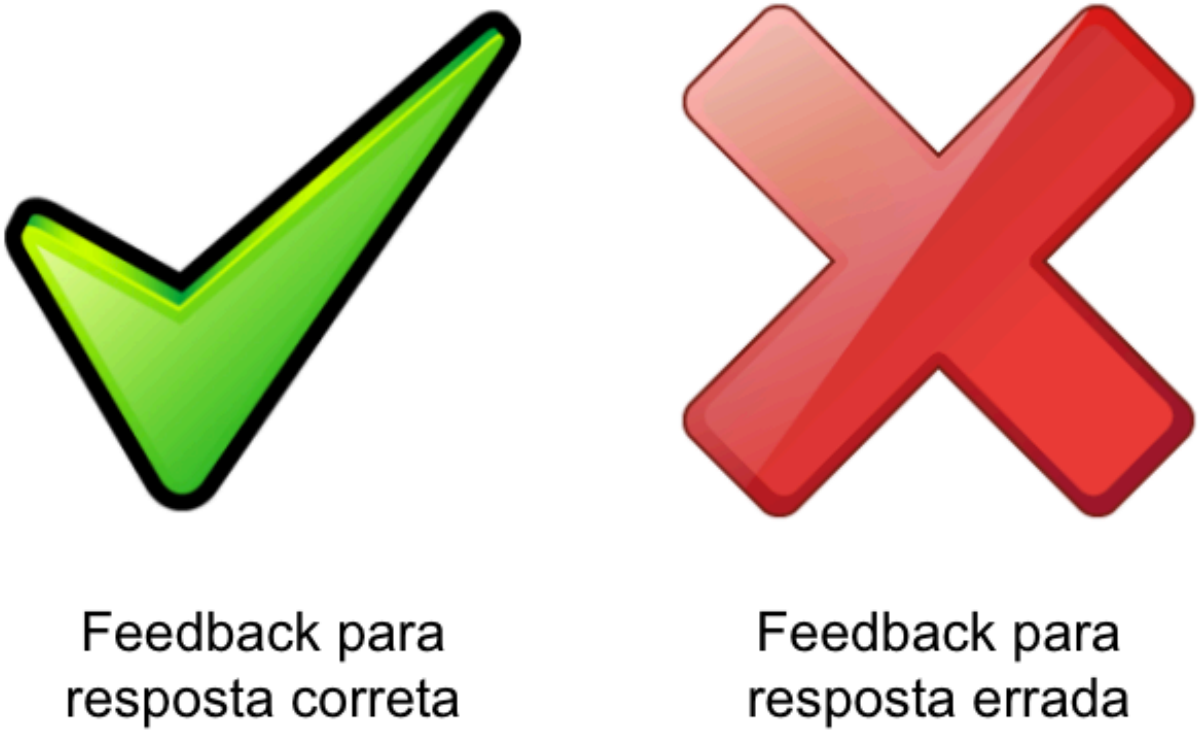


Figura 3. Imagens utilizadas para a formação das classes de equivalência no Experimento 12.

		
a1	a2	a3
		
b1	b2	b3
		
c1	c2	c3
		
d1	d2	d3

Escala de Diferencial Semântico

Para a realização do experimento foi utilizada uma Escala de Diferencial Semântico (EDS; de Rose & Bortoloti, 2007). A EDS era composta por treze pares de adjetivos bipolares, sendo eles: Triste/Alegre, Relaxado/Tenso, Áspero/Liso, Lento/Rápido, Bonito/Feio, Leve/Pesado, Negativo/Positivo, Ativo/Passivo, Macio/Duro, Mau/Bom, Agradável/Desagradável, Pobre/Rico e Dominante/Submisso.

Procedimento de coleta de dados

A coleta de dados foi dividida em 13 condições experimentais, realizadas nessa sequência:

1. Pré-teste
2. Treino AB/AC 100%
3. Treino AB/AC 80%
4. Treino AB/AC 20%
5. Treino AB/AC 0%
6. Teste de Simetria, Transitividade e Equivalência
7. Pós-Teste 1
8. Treino BD 100%
9. Treino BD 80%
10. Treino BD 20%
11. Treino BD 0%
12. Teste de Simetria, Transitividade e Equivalência (BD)
13. Pós-teste 2

Para conduzir o participante ao longo do experimento, a pesquisadora apresenta instruções sobre como acessar o software utilizando uma vídeo-chamada no Google Meet. As instruções eram apresentadas oralmente e em texto, via chat. Resumidamente, a pesquisadora:

1. Enviava o link para o software via chat;

2. Solicitava que o participante acesse o software;

3. Solicitava ao participante que clicasse sobre o botão que abria o experimento (havia vários experimentos disponíveis na página inicial)

4. Solicitava ao participante que seleciona-se em uma lista o rótulo Participante 1 (ou 2, ou 3, etc.);

5. Solicitava ao participante que selecionasse a condição experimental que seria executada;

6. Solicitava ao participante que clicasse no botão iniciar;

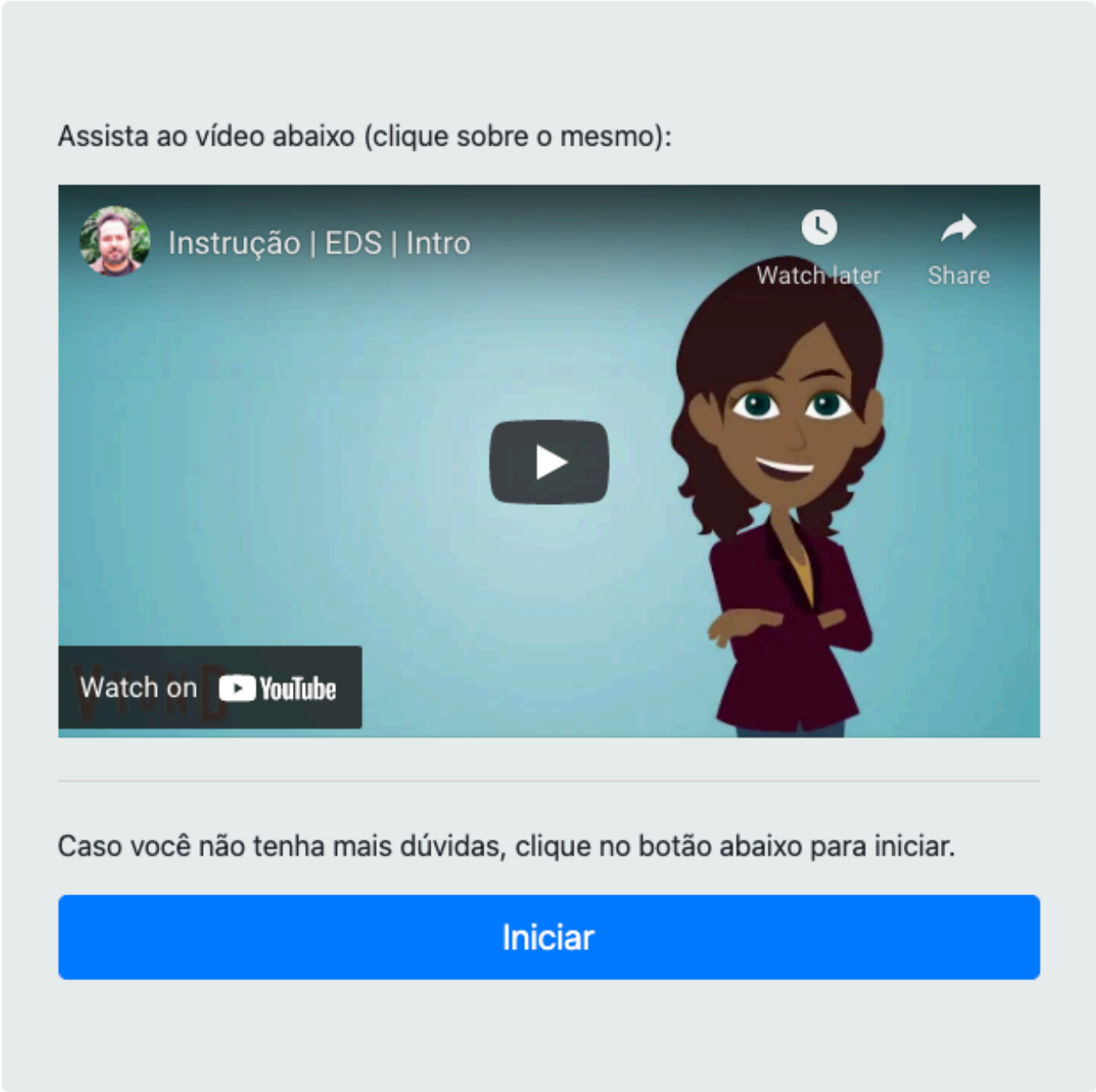
7. Informava ao participante que ela, a pesquisadora, iria desligar a sua câmera e o seu microfone, retornando apenas após a conclusão da tarefa (da condição experimental).

Pré-Teste

O Pré-teste foi realizado com objetivo de obter dados de linha de base das avaliações dos participantes em relação às imagens utilizadas na pesquisa (ver Figura 3). No Pré-teste, os participantes avaliaram, com uma Escala de Diferencial Semântico, as imagens nesta ordem: A1, A2, A3, B1, B2, B3, C1, C2 e C3.

O Pré-teste iniciava-se com a apresentação de instruções sobre a tarefa. A instrução era apresentada na forma de um vídeo de animação (Vídeo 1). A Figura 4 mostra a tela na qual o vídeo era apresentado. O botão "Iniciar", mostrado na Figura 4, aparecia na tela 15 segundos após a abertura da mesma. Esse atraso para a apresentação do botão "Iniciar" foi adicionado para diminuir a probabilidade do participante clicar sobre o mesmo antes de iniciar a reprodução do vídeo. Para iniciar a reprodução do vídeo, o participante deveria clicar no botão "play" no centro do vídeo.

Figura 4. Tela com o vídeo instrucional.



Vídeo 1. Vídeo apresentado para o participante com instruções relacionadas à execução do Pré-teste.

https://www.youtube.com/watch?v=yQC8UxhFst4

O texto utilizado no Vídeo 1 foi o seguinte:

"Olá, meu nome é Gabriela. Eu sou sua assistente de pesquisa e vou auxiliar você ao longo desta pesquisa. Muito obrigado por ter aceitado nosso convite, sua participação é muito importante para nós. Nesta etapa da pesquisa, você

encontrará figuras no lado esquerdo de cada uma das páginas seguintes. Ao lado de cada figura, haverá pares de adjetivos sendo um adjetivo de sentido oposto ao outro. Sua tarefa será avaliar cada figura com base nos pares de adjetivos. Para isso, observe primeiramente a figura. Esta figura, por exemplo, pode, de maneira geral, ser entendida como bonita ou feia. Se você achar que esta figura é extremamente bonita, coloque a bolinha próxima ao adjetivo "bonito", assim: {personagem demonstra como fazer}. Se achar que é extremamente feia, coloque a bolinha próxima ao adjetivo "feio" assim: {personagem demonstra como fazer}. Se achar a figura regularmente bonita, coloque a bolinha um pouco menos próxima do adjetivo "bonito", assim: {personagem demonstra como fazer}; e se achar a figura regularmente feia, coloque a bolinha um pouco menos próxima do adjetivo "feio", assim: : {personagem demonstra como fazer}; e se você considerar a figura levemente bonita, desloque é bolinha um pouco além do centro da escala em direção ao adjetivo "bonito", assim: {personagem demonstra como fazer}; e se você julgar a figura levemente feia, desloque a bolinha um pouco além do centro da escala em direção ao adjetivo "feio", assim: {personagem demonstra como fazer}. Caso você ache que a figura não tem nada a ver com um determinado par de adjetivos, ou tem relação tanto com um quanto com o outro, deixe a bolinha no centro, assim: {personagem demonstra como fazer}. Após um determinado tempo, aparecerá na tela um botão para ir para a próxima figura, assim: {personagem demonstra como fazer}. Ao finalizar a avaliação da figura com todos os pares de adjetivos, clique no botão para prosseguir para a próxima figura a ser avaliada, assim: {personagem demonstra como fazer}. Avalie cada figura com todos os pares de adjetivos. Não se preocupe em acertar ou errar, porque não há uma resposta certa ou errada. Procure ser sincero. Para iniciar a tarefa, clique no botão iniciar, abaixo deste vídeo. Vamos lá?"

Após ter assistido ao vídeo, o participante deveria clicar no botão "Iniciar". Após clicar neste botão, iniciavam-se as avaliações das imagens. As avaliações foram realizadas na forma de tentativas discretas. Foram realizadas, no total, 9 tentativas, sendo cada imagem avaliada em uma tentativa. Cada tentativa iniciava-se com a apresentação de uma imagem no canto esquerdo superior da tela do computador e da Escala de Diferencial Semântico no canto direito superior da tela, conforme apresentado na Figura 4. Na segunda etapa do experimento, de Reorganização de Classes, foram realizadas 12 tentativas.

O botão "Próximo", mostrado na Figura 5, não estava presente no início da tentativa. Este botão aparecia na tela 15 segundos depois do início da tentativa. Clique neste botão iniciavam uma nova tentativa. Por esta razão, foi inserido no procedimento o atraso de 15 segundos para a apresentação para di-

minuir a probabilidade do participante clicar no botão logo no início da tentativa, sem realizar as avaliações das imagens.

Figura 5. Exemplo de tentativa do Pré-teste - Avaliação das imagens com escala de diferencial semântico.



Para avaliar cada imagem, o participante deveria, com o mouse do computador, mover a "bolinha" de cada barra de deslizar (slide-bar) para a esquerda ou para a direita (ou deixar a "bolinha" no meio para uma avaliação neutra). A cor azul da barra de deslizar indicava o quanto da mesma estava preenchida. Por exemplo, caso o participante movesse o "bolinha" para a extremidade direita da barra, a mesma ficava toda da cor azul.

Na instrução da tarefa, o participante era informado de que quanto mais próxima a "bolinha" estivesse próxima do adjetivo do lado direito ou esquerdo, mais ele estaria relacionado a imagem ao adjetivo. O participante também era informado de que ele deveria avaliar cada imagem com todos os pares de adjetivos.

A Escala de Diferencial Semântico originalmente é utilizada com sete pontos, sendo que o participante deve marcar um "X" no ponto que melhor representa sua avaliação:

mau :__:__: __:__:__:__:__: bom

Nesta pesquisa, nós utilizamos uma versão modificada da EDS, utilizando a barra de slide (Figura 4). O slide poderia ser posicionado em valores de 0 (totalmente à esquerda) a 100 (totalmente à direita). À medida que a "bolinha" do slide era movimentada, a área azul da barra de slide aumentava (ficava totalmente azul com a "bolinha" totalmente à direita) ou diminuía (ficava totalmente cinza com a "bolinha" totalmente à direita).

A opção de utilizar a barra de slide deu-se, inicialmente, para que se pudesse manipular a cor dos adjetivos à medida que houvesse alteração na barra de slide: quanto mais próxima a "bolinha" de uma adjetivo, mais ele ficaria na cor preta e o seu par ficaria mais claro (até desaparecer nos extremos da escala). Por um problema técnico, no entanto, não foi possível efetivar esta manipulação nos adjetivos.

O uso da barra de slides foi inspirado em pesquisas sobre aliança terapêutica que utilizaram escalas de analogia visual (Campbell & Hemsley, 2009; Duncan; 2012; Duncan et al., 2003).

Após realizar as avaliações com todos os pares de adjetivos, o participante deveria clicar no botão "Próximo". Ao clicar no botão "Próximo", a imagem e a escala eram retiradas da tela, que permanecia em branco por 1,5 segundo - intervalo entre tentativas. Ao final do intervalo entre tentativas, uma nova tentativa era iniciada.

Ao final do Pré-teste, assim como ao final de condição experimental, a pesquisadora abria sua câmera e microfone e instruia o participante sobre como acessar a próxima condição experimental (ou finalizar a sessão após a última sessão experimental).

Treino AB/AC 100%

A condição experimental Treino AB/AC 100% foi realizada com o objetivo de ensinar discriminações condicionais entre: 1) as imagens do conjunto A (A1, A2 e A3) e as imagens do conjunto B (B1, B2 e B3); e 2) as imagens do conjunto A (A1, A2 e A3) e as imagens do conjunto C (C1, C2 e C3). Dito de outra forma, o Treino AB/AC 100% teve como objetivo ensinar as seguintes relaçòes condicionais: A1/B1-B2-B3, A2/B1-B2-B3, A3/B1-B2-B3, A1/C1-C2-C3, A2/C1-C2-C3 e A3/C1-C2-C3 - a sigla em negrito representa o estímulo condicional (estímulo modelo); as outras três siglas representam os estímulo de comparação; e a sigla sublinhada indica o estímulo de comparação relacionado ao estímulo modelo.

O Treino AB/AC 100% iniciava com apresentação das instruções sobre a tarefa na forma de um vídeo de animação, assim como foi feito para o Pré-teste. O vídeo de instruções do Treino AB/AC 100% pode ser acessado pelo link do Vídeo 2.

Vídeo 2. Vídeo apresentado para o participante com instruções relacionadas à execução do Treino AB/AC 100%.

https://www.youtube.com/watch?v=L-DKkT5wIwk

O texto utilizado no Vídeo 2 foi o seguinte:

"Olá. Para dar continuidade à pesquisa, vamos fazer agora outra tarefa. Esta tarefa é uma tarefa de aprendizagem e não requer conhecimento prévio em informática. Em resumo, você deve clicar em algumas figuras que aparecerão na tela. O objetivo é acertar o máximo possível. Quando você mover o ponteiro do mouse sobre a figura no meio da tela, e clicar nela, mais figuras serão mostradas na tela após algum tempo. Além disso, a figura na qual você clicou irá desaparecer. Assim: {personagem demonstra como fazer}. Os cliques com o mouse nas figuras corretas serão seguidos por uma imagem demonstrando que você acertou. Assim: {personagem demonstra como fazer}. Ao clicar em uma das figuras erradas, aparecerá na tela uma imagem indicando que você errou. Assim: {personagem demonstra como fazer}. É assim, através dessas imagens, que você descobre o que é certo e o que é errado. Depois de um tempo, você não será mais notificado se está correto ou errado o que você clicar - não haverá mais as imagens após clicar nas figuras. Assim: {personagem demonstra como fazer}. Sempre será necessário clicar na figura do meio antes de clicar nas que estão ao redor dela. Mesmo não havendo mais sinalização de acerto ou erro, continue sempre tentando acertar o máximo possível. Se você tiver ficado com alguma dúvida, você pode voltar este vídeo para o início para assisti-lo novamente. Para iniciar a tarefa, clique no botão iniciar, abaixo deste vídeo. Vamos lá?"

Após ter assistido ao vídeo, o participante deveria clicar no botão "Iniciar". Após clicar neste botão, iniciava a tarefa do Treino AB/AC 100%. O procedimento utilizado na tarefa do Treino AB/AC 100% é chamado de pareamento ou modelo (matching to sample, MTS). Mais especificamente, neste experimento, foi utilizado um procedimento de pareamento ao modelo não simultâneo com atraso na apresentação das comparações (Delayed Matching to Sample - DMTS). O procedimento é não simultâneo porque o estímulo-modelo e os estímulos de comparação não ficam presentes simultaneamente na tela. O procedimento é "com atraso" porque há um período de tempo maior

que zero entre a retirada do estímulo-modelo da tela e a apresentação dos estímulos de comparação.

O procedimento de pareamento ao modelo é estruturado na forma de tentativas discretas. Cada tentativa iniciava-se com a apresentação de um estímulo-modelo no centro da tela, que era sempre uma imagem do conjunto A (A1, A2 ou A3). Após a apresentação do estímulo-modelo, o participante deveria clicar sobre o mesmo.

Após o participante clicar sobre o estímulo-modelo, o mesmo era retirado de tela, que permanecia em branco por 3 segundos. Após os 3 segundos, 3 estímulos de comparação eram apresentados na tela em posições aleatoriamente definidas pelo software. Os estímulos de comparação, em cada tentativa, poderiam ser do conjunto B (B1, B2 e B3) ou do conjunto C (C1, C2 e C3). A estrutura de pareamento ao modelo utilizado, portanto, foi do tipo um-para-muitos (ou modelo como nodo).

Em cada tentativa havia um estímulo de comparação definido como a escolha correta e dois definidos como escolhas erradas. Por exemplo, escolher (clicar sobre) o estímulo de comparação B1 quando o estímulo modelo era A1, era considerado uma escolha correta. Por outro lado, escolher o estímulo de comparação B2 quando o estímulo modelo era A1, era considerado uma escolha errada.

Em cada tentativa, após o participante clicar sobre um dos estímulos de comparação, os mesmos eram retirados da tela e, imediatamente após a sua retirada, era apresentada uma imagem de feedback (Figura 2). Caso o participante clicasse sobre o estímulo de comparação definido como escolha correta, era apresentada a imagem de "check" verde; caso o participante clicasse sobre o estímulo de comparação definido como escolha errada, era apresentada a imagem de "X" vermelho.

Em qualquer dos casos (resposta certa ou errada), a imagem apresentada permanecia na tela por 1 segundo. Após 1 segundo, a imagem de feedback era retirada da tela, que permanecia em branco por 0,5 segundo, que era o intervalo entre tentativas. Após o intervalo entre tentativas, uma nova tentativa era iniciada. A sequência de eventos que compuseram uma tentativa é apresentada na Figura 6.

Figura 6. Sequência de eventos que compuseram uma tentativa no Treino AB/AC 100%.



As tentativas foram agrupadas em blocos de 30 tentativas com 5 apresentações de cada relação treinada. A sequência das tentativas em cada bloco foi planejada de forma que parecessem aleatórias para o participante: os estímulos-modelo alternavam-se de forma não previsível (sem haver a repetição de um mesmo estímulo-modelo por mais de 4 tentativas seguidas); e as posições dos estímulos de comparação, entre tentativas, eram sempre diferentes. Cada bloco de 30 tentativas contou com configurações diferentes em termos da ordem das tentativas.

Embora o procedimento parecesse aleatório para os participantes, a mesma sequência de tentativas em cada bloco foi utilizada para todos os participantes. Todos os participantes realizaram, no mínimo, dois blocos de tentativas. A partir do segundo bloco de tentativas entrava em vigor o critério de aprendizagem utilizado nos treinos, que era acertar 90% das tentativas de bloco de 30 tentativas.

Do segundo bloco de tentativas em diante, caso o participante atingisse o critério de aprendizagem, o Treino AB/AC 100% era encerrado e o participante seguia para a próxima condição experimental. Caso o participante não atingisse o critério de aprendizagem, um novo bloco de tentativas era iniciado. Isso acontecia até que o participante atingisse o critério de aprendizagem ou até que a sessão atingisse o tempo de 30 minutos.

Caso a sessão fosse encerrada em função do limite de tempo, isto é, sem o participante ter atingido o critério de aprendizagem da condição experimental, o participante deveria repetir a condição experimental depois de um intervalo de tempo de 5 minutos ou em um outro dia. Caso o participante repetisse 3 vezes a mesma condição experimental sem atingir o critério de aprendizagem, sua participação no experimento era encerrada.

Caso o procedimento do Treino AB/AC 100% fosse eficaz para ensinar as discriminações condicionais planejadas, nós observaríamos os seguintes comportamentos do participante ao final do Treino AB/AC 100% (ver Figura 7):

1. Clicar em B1 quando A1 fosse modelo e B1, B2 e B3 fossem comparações;

2. Clicar em C1 quando A1 fosse modelo e C1, C2 e C3 fossem comparações;

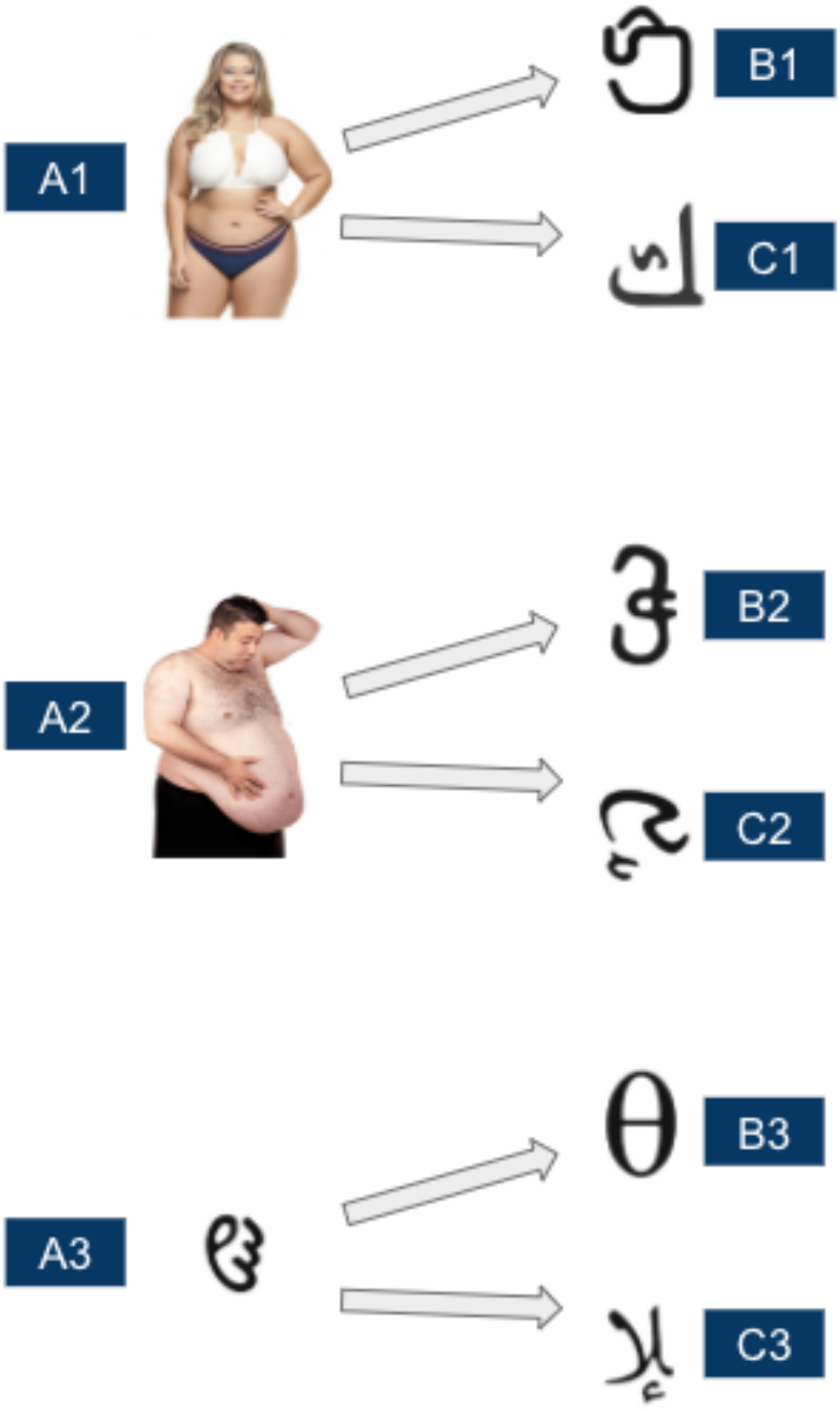
3. Clicar em B2 quando A2 fosse modelo e B1, B2 e B3 fossem comparações;

4. Clicar em C2 quando A2 fosse modelo e C1, C2 e C3 fossem comparações;

5. Clicar em B3 quando A1 fosse modelo e B1, B2 e B3 fossem comparações;

6. Clicar em C3 quando A1 fosse modelo e C1, C2 e C3 fossem comparações.

Figura 7. Discriminações condicionais ensinadas no Treino AB/AC 100%.



Treino AB/AC 80%

O Treino AB/AC 80% teve o mesmo objetivo do Treino AB/AC 100% e foi idêntico a ele em quase todos os parâmetros do procedimento. A seguir, apresentamos as diferenças entre o Treino AB/AC 80% e o Treino AB/AC 100%.

O vídeo de instrução apresentado no Treino AB/AC 80% foi o Vídeo 3.

Vídeo 3. Vídeo apresentado para o participante com instruções relacionadas à execução do Treino AB/AC 80%.

https://www.youtube.com/watch?v=NtqVkiaDFJY

O texto utilizado no Vídeo 3 foi o seguinte:

"Olá! Você está indo bem na pesquisa. Estamos fazendo, agora, uma pequena pausa para você descansar um pouco. Sua tarefa, após esta breve pausa, continuará a mesma na próxima etapa da pesquisa. Continue clicando na figura do centro e, em seguida, clicando na figura que você acha que é a correta. Você está preparado para continuar? Vamos lá? Para iniciar a tarefa, clique no botão iniciar, abaixo deste vídeo."

Outra diferença entre o Treino AB/AC 80% e o Treino AB/AC 100% foi a proporção entre tentativas e feedbacks. No Treino AB/AC 100%, houve a apresentação de feedback (certo ou errado) em todas as tentativas de cada bloco. No Treino AB/AC 80% essa proporção diminuiu. No Treino AB/AC 80% foi apresentado feedback (certo ou errado) em 80% das tentativas de cada bloco.

O Treino AB/AC 80% foi inserido no experimento por 3 principais motivos: 1) Quanto mais uma discriminação condicional é treinada, maiores as chances de haver formação de classes de equivalência (Bortoloti et al., 2013); 2) Reforçar intermitentemente um determinado comportamento torna este comportamento mais resistente à extinção (Moreira & Medeiros, 2019), o que favoreceria o desempenho dos participantes nos testes de equivalência, que são realizados com procedimento de extinção; e 3) o fato de não haver feedback em algumas tentativas prepara o participante para os testes de equivalência, nos quais não há feedback de acerto ou erro em nenhuma tentativa.

Treino AB/AC 20%

O Treino AB/AC 20% foi idêntico ao Treino AB/AC 80%, exceto que houve feedback de acerto ou erro em apenas 20% das tentativas de cada bloco.

Treino AB/AC 0%

O Treino AB/AC 0% foi idêntico ao Treino AB/AC 20%, exceto não houve feedback de acerto ou erro em nenhuma tentativa de cada bloco.

Teste de Simetria, Transitividade e Equivalência (Teste ABC)

A condição experimental Teste ABC foi introduzida no experimento com o objetivo de realizar o teste formal para se verificar se, após os treinos, houve formação das classes de equivalência planejadas. Em outras palavras, no Teste ABC foi verificada a emergência das relações de simetria (BA e CA) e de transitividade (BC e CB). Além disso, verificou-se também a manutenção da aprendizagem das relações ensinadas diretamente nos treinos (AB e AC).

O Teste ABC iniciava-se com o mesmo vídeo de instruções que o Treino AB/AC 0%. O procedimento utilizado no Teste ABC foi similar ao procedimento utilizado no Treino AB/AC 0%, diferindo apenas nas relações apresentadas, na ausência de critério de aprendizagem e no fato de que foi comportamento por bloco único de 90 tentativas.

As relações testadas no Teste ABC foram:

4. Relações treinadas: A1/**B1**-B2-B3, A2/B1-**B2**-B3, A3/B1-B2-**B3**, A1/**C1**-C2-C3, A2/C1-**C2**-C3, A3/C1-C2-**C3**;

5. Relações simétricas: B1/**A1**-A2-A3, B2/A1-**A2**-A3, B3/A1-A2-**A3**, C1/**A1**-A2-A3, C2/A1-**A2**-A3, C3/A1-A2-**A3**;

6. Relações de transitividade: B1/**C1**-C2-C3, B2/C1-**C2**-C3, B3/C1-C2-**C3**, C1/**B1**-B2-B3, C2/B1-**B2**-B3, C3/B1-B2-**B3**;

Como o bloco era composto por 90 tentativas e foram testadas 18 relações entre estímulos, cada relação foi apresentada 5 vezes. A ordem de apresentação das tentativas era fixa no bloco, entre participantes, mas elaborada de forma a parecerem aleatórios para cada participante, à exemplo de como foi realizado nos treinos.

Ao final das 90 tentativas, o Teste ABC era encerrado, independente do percentual de acerto do participante. Caso o participante não finalizasse o Teste ABC em até 30 minutos, ou não atingisse 90% de acerto no mesmo, a participante dele na pesquisa era encerrada.

Pós-teste 1

A condição experimental Pós-teste 1 teve como objetivo verificar se houve modificação (ou quanto modificação ocorreu) nas avaliações das imagens pelo participante em comparação com as avaliações realizadas no Pré-teste. Os resultados deste teste também foram utilizados como um medida de transferência de função entre estímulos.

O Pós-teste 1 foi similar ao Pré-teste, diferenciando-se apenas nos seguintes parâmetros: o vídeo de instrução foi outro (Video 4) e a ordem de apresentação das imagens foi diferente, foi aleatorizada em relação ao Pré-teste.

Vídeo 4. Vídeo apresentado para o participante com instruções relacionadas à execução do Teste ABC.

https://www.youtube.com/watch?v=rYv2qSfQtTQ

O texto utilizado no Vídeo 4 foi o seguinte:

"Olá! Você está fazendo um bom trabalho. Estamos fazendo, agora, mais uma pequena pausa para você descansar um pouco. Sua tarefa, após esta breve pausa, irá mudar. No entanto, você já fez algo parecido no início da pesquisa. Novamente, serão mostradas figuras para você. Sua tarefa será avaliar essas figuras utilizando a escala que estará ao lado da mesma. Será do mesmo jeito que você fez no início da pesquisa. Vamos lá? Para iniciar a tarefa, clique no botão iniciar, abaixo deste vídeo."

Treino BD 100%

O objetivo do Treino BD 100% foi ensinar discriminações condicionais entre as imagens do conjunto B (B1, B2 e B3), imagens abstratas, e a imagens do conjunto D (D1, Grazi Massafera; D2, Zac Efron; e D3, Malvino Salvador), conforme ilustrado pela Figura 8.

Figura 8. Discriminações condicionais ensinadas no Treino BD 100%.


B1
D1
B2
D2
B3
D3

O Treino BD 100% foi similar ao Treino AB/AC 100%, diferindo deste último apenas nos seguintes parâmetros: vídeo instrucional e relações treinadas. O vídeo de instruções utilizado foi o vídeo do Treino AB/AC 80% (Vídeo 3). As relações treinadas no Treino BD 100% foram B1/D1-D2-D3, B2/D1-D2-D3 e B3/D1-D2-D3. Por serem apenas 3 relações, cada bloco do Treino BD 100% foi constituído por 15 tentativas (o critério de aprendizagem continuou o mesmo do Treino AB/AC 100%, 90% de acerto em um bloco).

Por um erro na programação, os feedbacks do Treino BD 100% tiveram duração de 0,5 segundo, ao invés de 1 segundo, como foi nos demais treinos.

Para não haver sobrecarga para os participantes e não estender excessivamente o tempo, houve um intervalo de uma hora antes do início dessa condição experimental.

Treino BD 80%

O Treino BD 80% foi idêntico ao Treino BD 100%, exceto que houve feedback de acerto ou erro em apenas 80% das tentativas.

Treino BD 20%

O Treino BD 20% foi idêntico ao Treino BD 80%, exceto que houve feedback de acerto ou erro em apenas 20% das tentativas.

Treino BD 0%

O Treino BD 0% foi idêntico ao Treino BD 20%, exceto que não houve feedback de acerto ou erro em nenhuma tentativa.

Teste ABC-D

O Teste ABC-D foi realizado com o objetivo de verificar se, após ensinada a relação BD, os estímulos do conjunto D passariam a fazer parte das classes de equivalência formada pelos estímulos dos conjuntos A, B e C. O Teste ABC-D foi idêntico ao Teste ABC, exceto que, no Teste ABC-D, além de todas as relações testadas no Teste ABC, foram testadas também as relações entre estímulos do conjunto D em com estímulos dos conjuntos A, B e C. O Teste ABC-D foi formado, portanto, por 120 tentativas, com cinco apresentações de cada relação:

1. Relações treinadas: A1/B1-B2-B3, A2/B1-B2-B3, A3/B1-B2-B3, A1/C1-C2-C3, A2/C1-C2-C3, A3/C1-C2-C3, B1/D1-D2-D3, B2/D1-D2-D3, B3/D1-D2-D3;

2. Relações simétricas: B1/A1-A2-A3, B2/A1-A2-A3, B3/A1-A2-A3, C1/A1-A2-A3, C2/A1-A2-A3, C3/A1-A2-A3, D1/B1-B2-B3, D2/B1-B2-B3, D3/B1-B2-B3;

3. Relações de transitividade: B1/C1-C2-C3, B2/C1-C2-C3, B3/C1-C2-C3, C1/B1-B2-B3, A1/D1-D2-D3, A2/D1-D2-D3, A3/D1-D2-D3, D1/A1-A2-A3, D2/A1-A2-A3, D3/A1-A2-A3, C1/D1-D2-D3, C2/D1-D2-D3, C3/D1-D2-D3, D1/C1-C2-C2, D2/C1-C2-C3, D3/C1-C2-C3.

Pós-Teste 2

O Pós-teste 2 foi idêntico ao Pós-teste 1 e teve como objetivo verificar possíveis efeitos da inserção das imagens do conjunto D nas classes de equivalência sobre as avaliações que os participantes fizeram das demais imagens.

Resultados

Resumo

Todas as participantes atingiram o critérios de aprendizagem nos treinos: Treino AB/AC 100%, Treino AB/AC 80%, Treino AB/AC 20%, Treino AB/AC 0%, Treino BD 100%, Treino BD 80%, Treino BD 20% e Treino BD 0%. À exceção de alguns treinos, os participantes atingiram o critério de aprendizagem no segundo bloco de tentativas.

Com relação aos testes formais para a verificação da emergência de classes de equivalência, verificou-se que todos os participantes atingiram 90% ou mais de acertos nos testes das relações ensinadas, das relações de simetria e nas relações de transitividade testadas no Teste ABC e no Teste ABC-D.

Uma das participantes, embora tenha atingido os critérios de aprendizagem e de formação de classes de equivalência, deixou todas as avaliações na Escala de Diferencial Semântico em 50 (valor inicial). Por esta razão, os dados desta participante foram excluídos da análise.

Com relação à transferência de função dos estímulos com significado pré-experimental (A1, A2, D1, D2 e D3), é possível dizer que, para todos os participantes, verificou-se algum grau de transferência de função medido a partir das avaliações nas Escala de Diferencial Semântico no Pré-teste, Pós-teste 1 e Pós-teste 2.

A seguir, examinaremos em mais detalhe as avaliações nas Escalas de Diferencial Semântico no Pré-teste, Pós-teste 1 e Pós-teste 2 para cada participante.

Participante 1

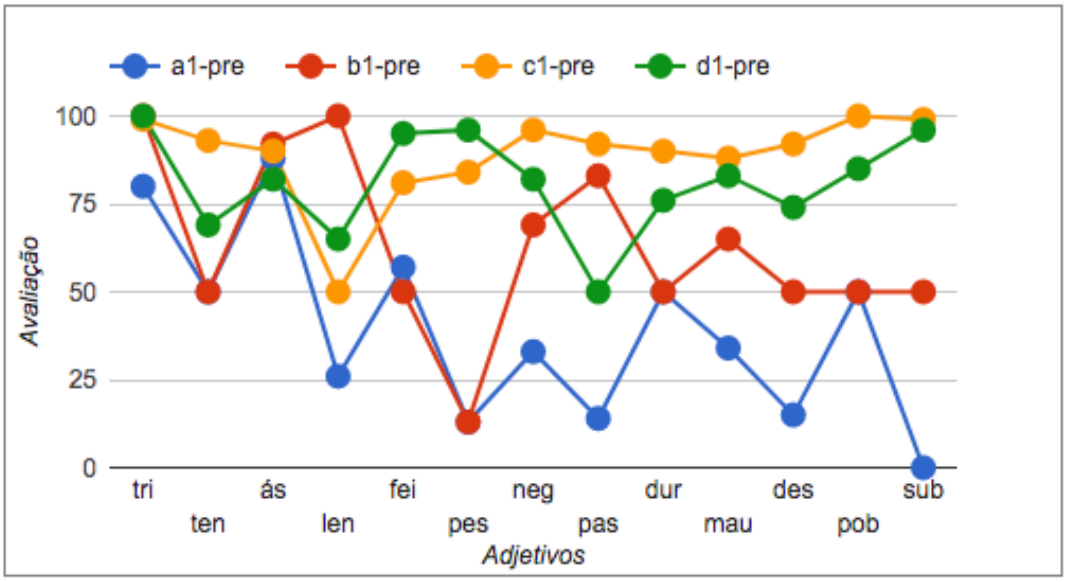
As figuras 9, 10 e 11 mostram as avaliações dos estímulos A1, B1, C1 e D1 pelo Participante 1 no Pré-Teste, no Pós-Teste 1 e no Pós-teste 2. Nestas figuras, portanto, é possível verificar se após a formação das classes de equivalência houve, ou em que medida houve, alterações nas avaliações dos estímulos.

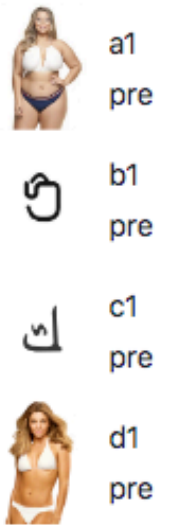
No eixo horizontal dos gráficos apresentados nas figuras 9, 10 e 11 estão os adjetivos que compuseram a escala de diferencial semântico. No gráfico, para economia de espaço, estão apenas as abreviações do adjetivo negativo de cada par. Para a análise de dados, converteu-se todas as escalas para o seguinte formato: adjetivos negativos do lado esquerdo da escala (valor zero) e adjetivos positivos do lado direito da escala (valor 100). Na apresentação das escalas nos testes havia adjetivos positivos e negativos em ambos os pólos da escala.

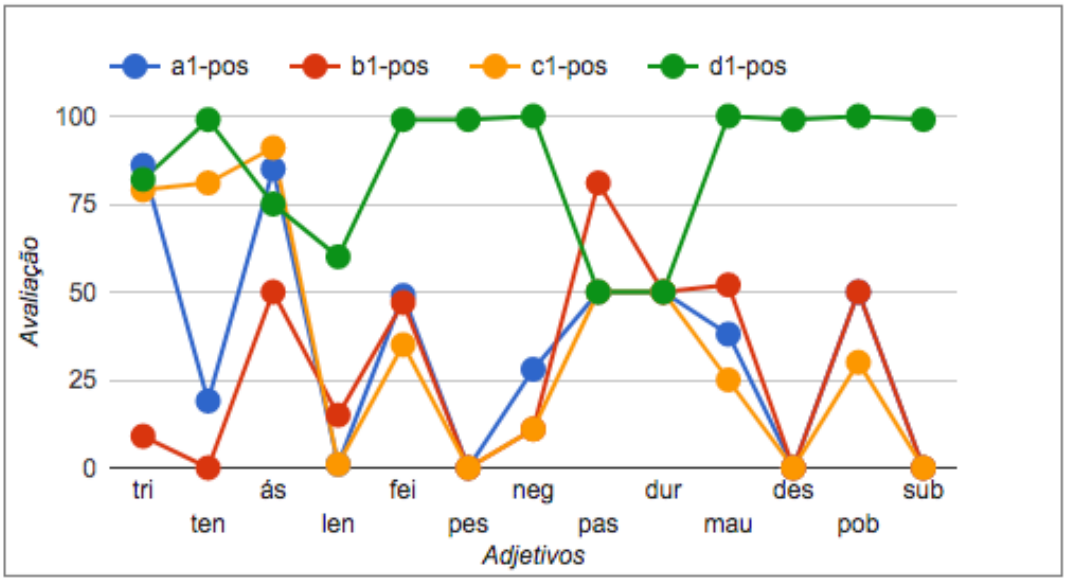
O gráfico da parte superior das figuras 9, 10 e 11 mostra as avaliações no Pré-teste. O gráfico na parte central das figuras mostra as avaliações do Pós-teste 1. O gráfico da parte inferior das figuras mostra as avaliações do Pós-teste 2. As linhas azuis representam as avaliações dos estímulos do conjunto A. As linhas vermelhas representam as avaliações dos estímulos do conjunto B. As linhas amarelas representam as avaliações dos estímulos do conjunto C. As linhas verdes representam as avaliações dos estímulos do conjunto D.

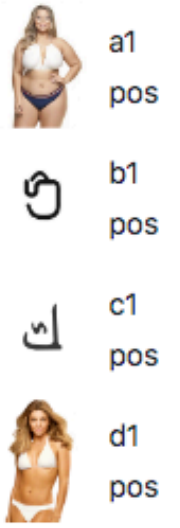
A Figura 9 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1, C1 e D1). Nas avaliações do Pré-teste, podemos verificar que cada estímulo recebeu avaliações distintas, havendo pouca ou nenhuma sobreposição entre as curvas de avaliação de cada estímulo. Nas avaliações do Pós-teste 1, é possível verificar muitos pontos de sobreposição das curvas de avaliações dos estímulos A1, B1 e C1: as avaliações de B1 e C1, em relação ao Pré-teste, ficaram mais parecidas com a avaliação de A1. Ainda no Pós-teste, a avaliação de D1 permaneceu com menos pontos de sobreposição em relação aos demais estímulos. Nas avaliações do Pós-teste 2 verificamos sobreposições entre as curvas de todos os estímulos.

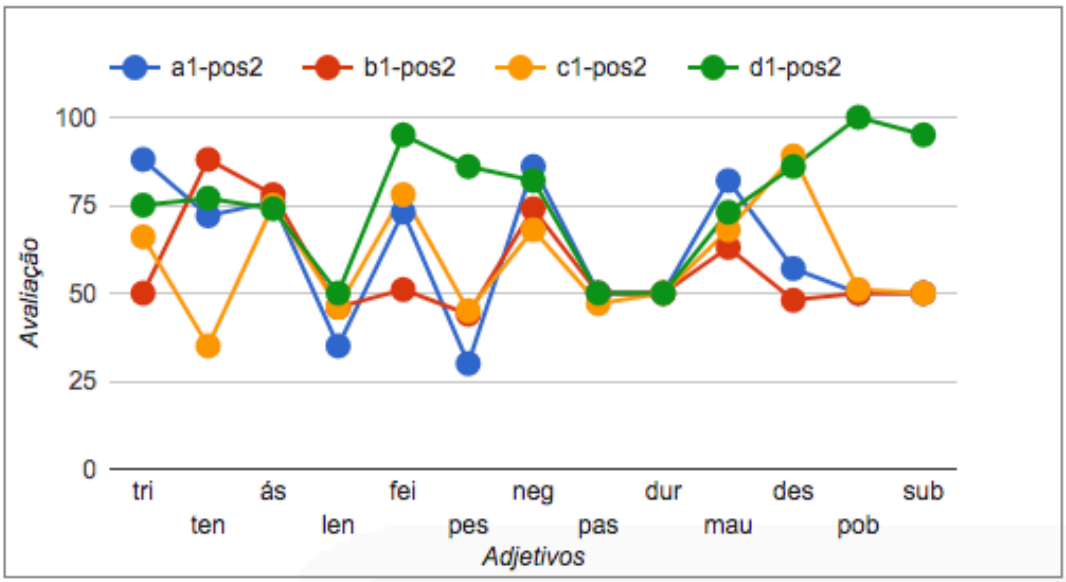
Figura 9. Avaliação dos estímulos A1, B1, C1 e D1 pelo Participante 1 no Pré-Teste, no Pós-Teste 1 e no Pós-teste 2.

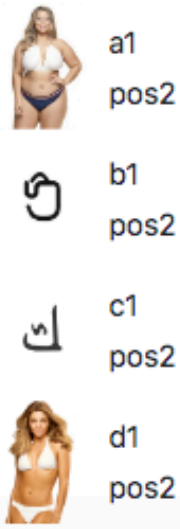

a1-pre
b1-pre
c1-pre
d1-pre
100
75
50
25
0
Avaliação
tri
ten
ás
len
fei
pes
neg
pas
dur
mau
des
pob
sub
Adjetivos


a1
pre
b1
pre
c1
pre
d1
pre


a1-pos
b1-pos
c1-pos
d1-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri
ten
ás
len
fei
pes
neg
pas
dur
mau
des
pob
sub
Adjetivos


a1
pos
b1
pos
c1
pos
d1
pos


a1-pos2
b1-pos2
c1-pos2
d1-pos2
100
75
50
25
0
Avaliação
tri
ten
ás
len
fei
pes
neg
pas
dur
mau
des
pob
sub
Adjetivos


a1
pos2
b1
pos2
c1
pos2
d1
pos2

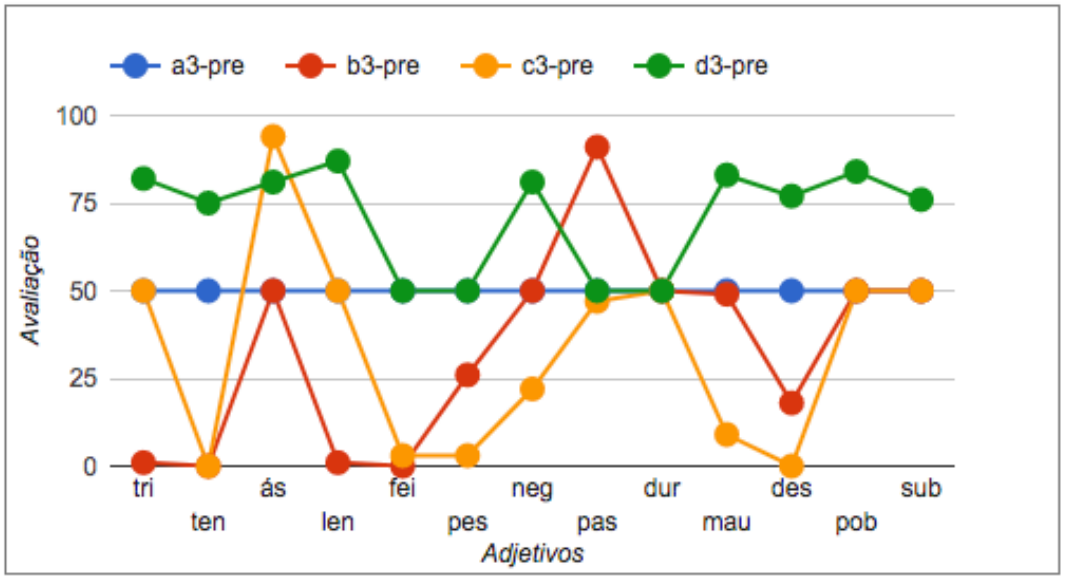
A Figura 10 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2, C2 e D2). Nas avaliações do Pré-teste, podemos verificar que cada estímulo recebeu avaliações distintas, havendo pouca ou nenhuma sobreposição entre as curvas de avaliação de cada estímulo. Nas avaliações do Pós-teste 1, é possível verificar uma variação na avaliação de alguns pontos nos estímulos B2 e C2, porém sem uma tendência clara. Ainda no Pós-teste, a avaliação de D2 permaneceu com menos pontos de sobreposição em relação aos demais estímulos. Nas avaliações do Pós-teste 2 verificamos uma tendência de aproximação em alguns pontos avaliados nos estímulos A2, B2 e C2 com relação a D2.

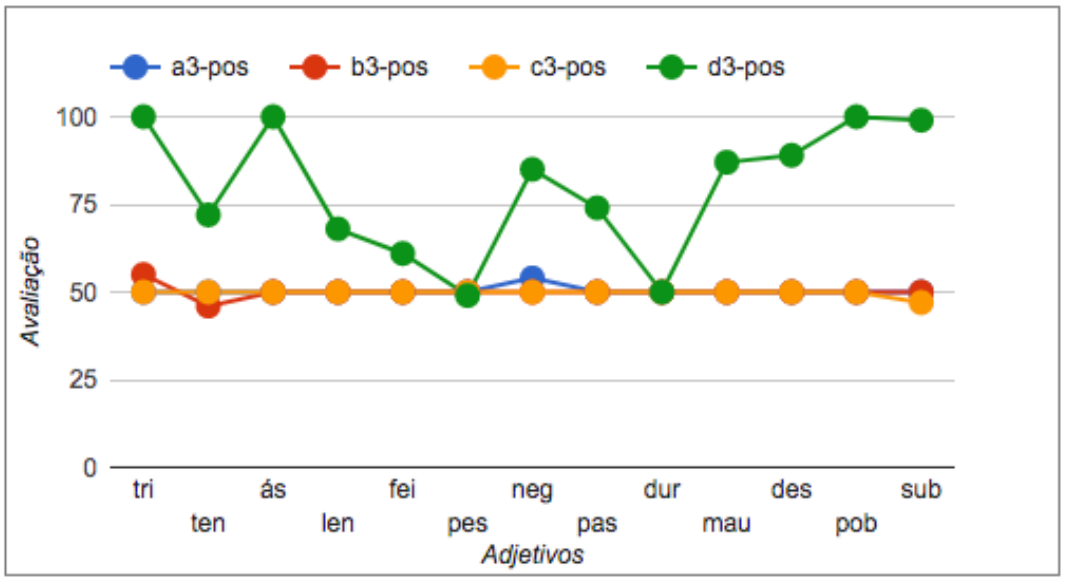
Figura 10. Avaliação dos estímulos A2, B2, C2 e D2 pelo Participante 2 no Pré-Teste e no Pós-Teste.

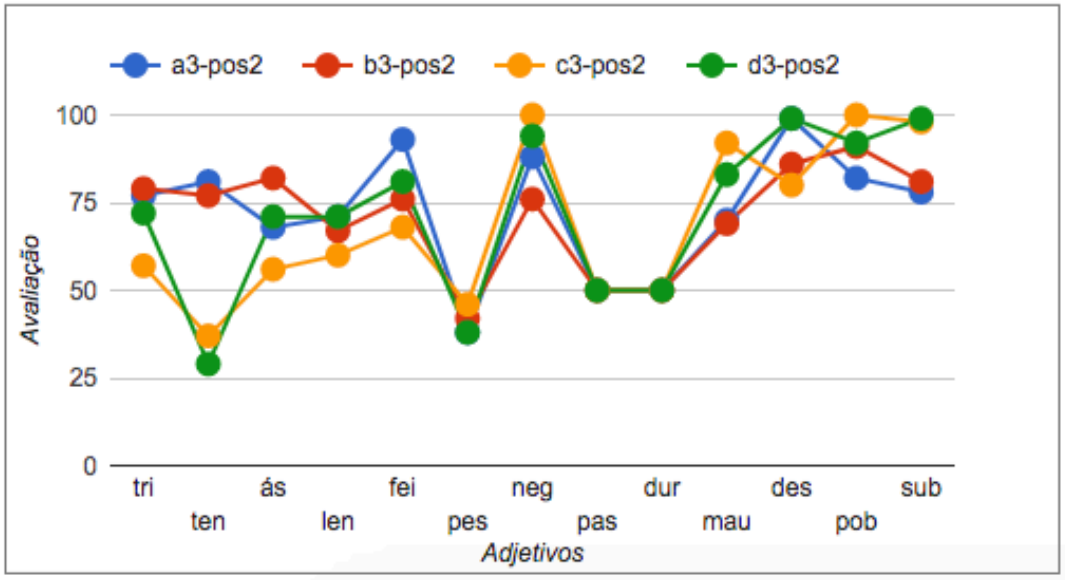


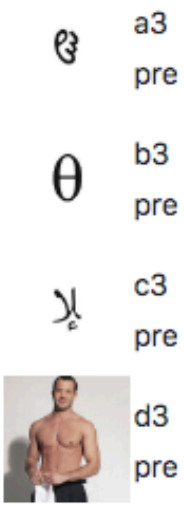
A Figura 11 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3, C3 e D3). Nas avaliações do pré-teste, podemos verificar que cada estímulo recebeu avaliações distintas, havendo pouca ou nenhuma sobreposição entre as curvas de avaliação de cada estímulo, com exceção a sobreposições com o estímulo A3 que foi avaliado de forma neutra. Nas avaliações do Pós-teste 1, é possível verificar muitos pontos de sobreposição das curvas de avaliações dos estímulos A3, B3 e C3: as avaliações de B3 e C3, em relação ao Pré-teste, ficaram mais parecidas com a avaliação de A3. Nas avaliações do Pós-teste 2 verificamos sobreposições entre as curvas de todos os estímulos.

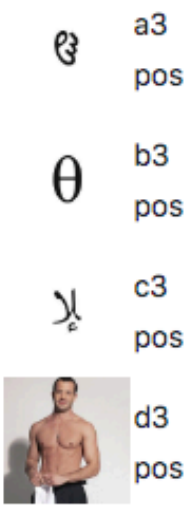
Figura 11. Avaliação dos estímulos a3, b3, c3 e d3 pelo Participante 1 no Pré-Teste, Pós-Teste 1 e Pós-Teste 2.

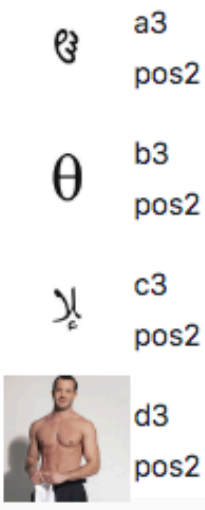

a3-pre
b3-pre
c3-pre
d3-pre
100
75
50
25
0
Avaliação
tri ás fei neg dur des sub
ten len pes pas mau pob
Adjetivos


a3-pos
b3-pos
c3-pos
d3-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri ás fei neg dur des sub
ten len pes pas mau pob
Adjetivos


a3-pos2
b3-pos2
c3-pos2
d3-pos2
100
75
50
25
0
Avaliação
tri ás fei neg dur des sub
ten len pes pas mau pob
Adjetivos


a3
pre
b3
pre
c3
pre
d3
pre


a3
pos
b3
pos
c3
pos
d3
pos


a3
pos2
b3
pos2
c3
pos2
d3
pos2

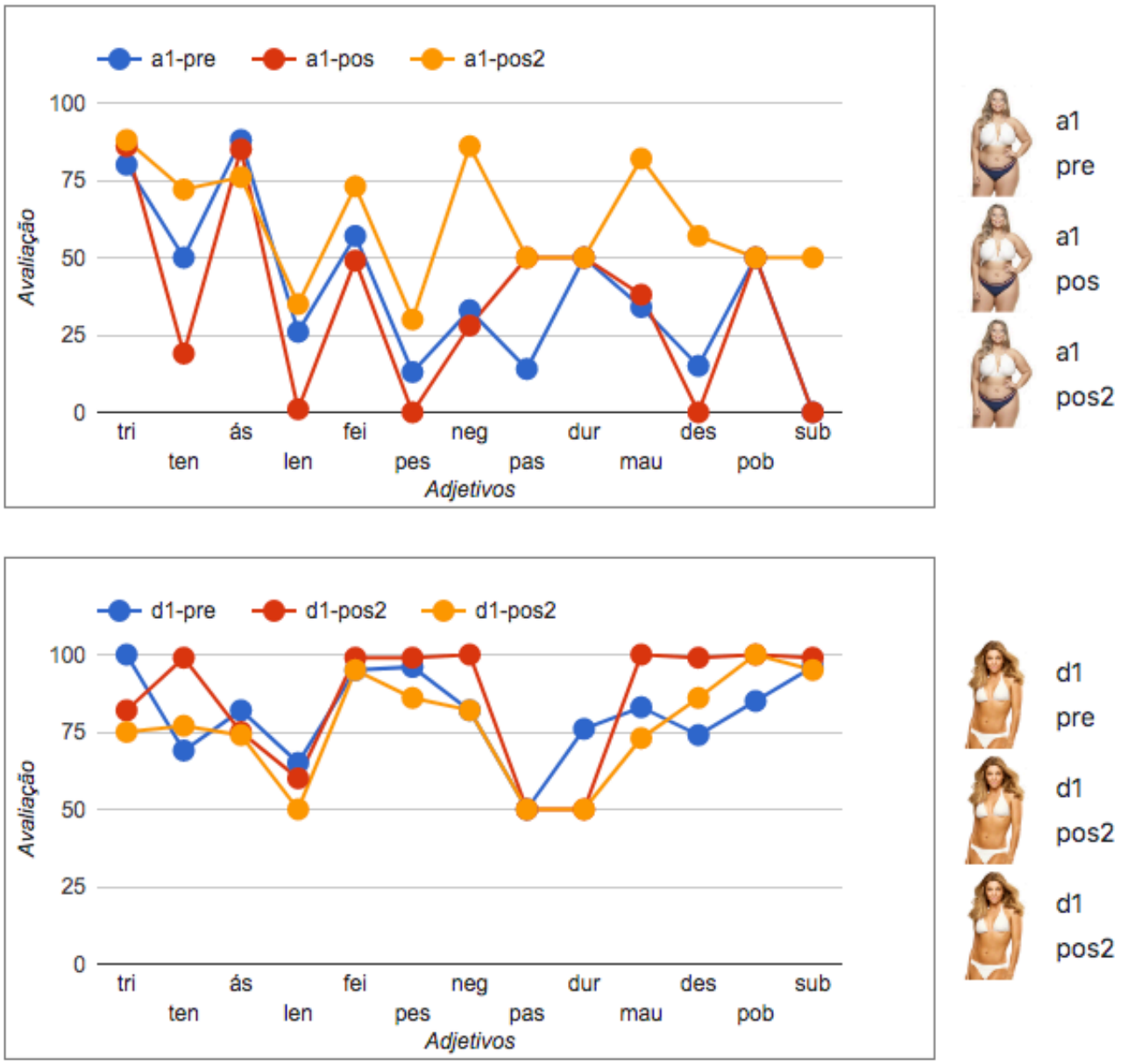
Os gráficos seguintes apresentam as avaliações das participantes em relação aos estímulos A1/D1; B1/C1; A2/D2; B2/C2; A3/D3 e B3/C3, para que seja possível a visualização da diferença de avaliação em cada etapa do experimento para cada estímulo, inicialmente em relação aos estímulos com significado social e, posteriormente, para os estímulos abstratos. A análise destes gráficos permite uma melhor visualização da variação de avaliação de cada estímulo, individualmente.

Por fim, as últimas quatro figuras de cada participante apresentam o grau de equivalência entre os estímulos, no pré-teste, pós-teste 1, comparação de pré-teste e pós-teste 1 e pós-teste 2. Se os dados da participante corroborarem com a hipótese da pesquisa, espera-se que a equivalência inicial seja muito baixa entre os estímulos A1/C1 ou A2/D2, por exemplo, porém que este número seja elevado após o emparelhamento de estímulos.

Portanto, espera-se que, na última figura, após a segunda etapa de emparelhamento, as avaliações dos estímulos A1 e D1, por exemplo, sejam muito semelhantes e estes possuam um grau de equivalência elevado, fazendo com que a participante reduza sua atitude negativa em relação aos corpos obesos.

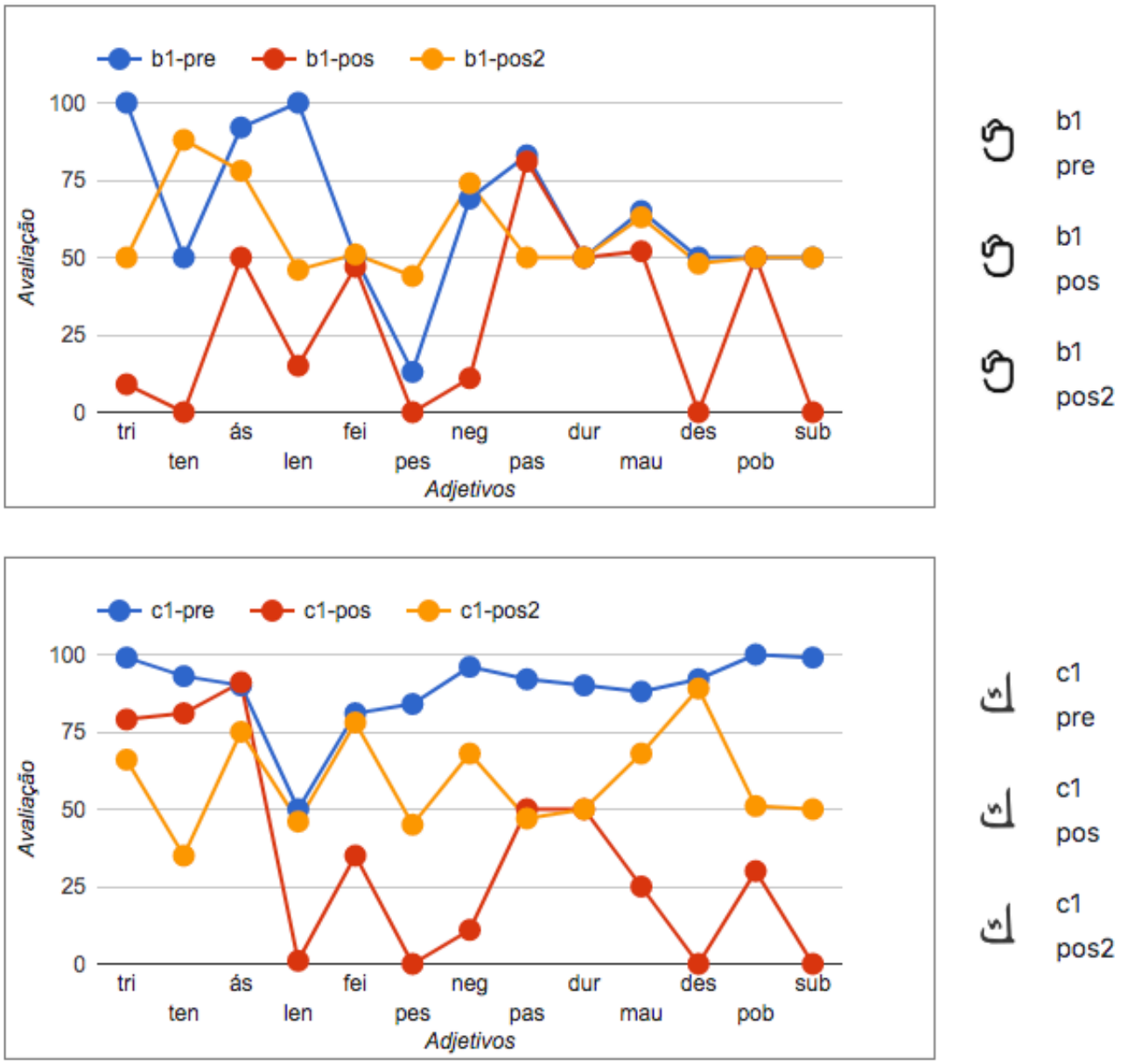
A Figura 12 apresenta as avaliações dos estímulos A1 e D1. Percebe-se um aumento na avaliação do primeiro estímulo após o segundo emparelhamento, enquanto o segundo estímulo teve sua avaliação mantida ao longo do experimento.

Figura 12. Avaliação dos estímulos a1 e d1 pelo Participante 1 no Pré-Teste, Pós-Teste 1 e Pós-Teste 2.



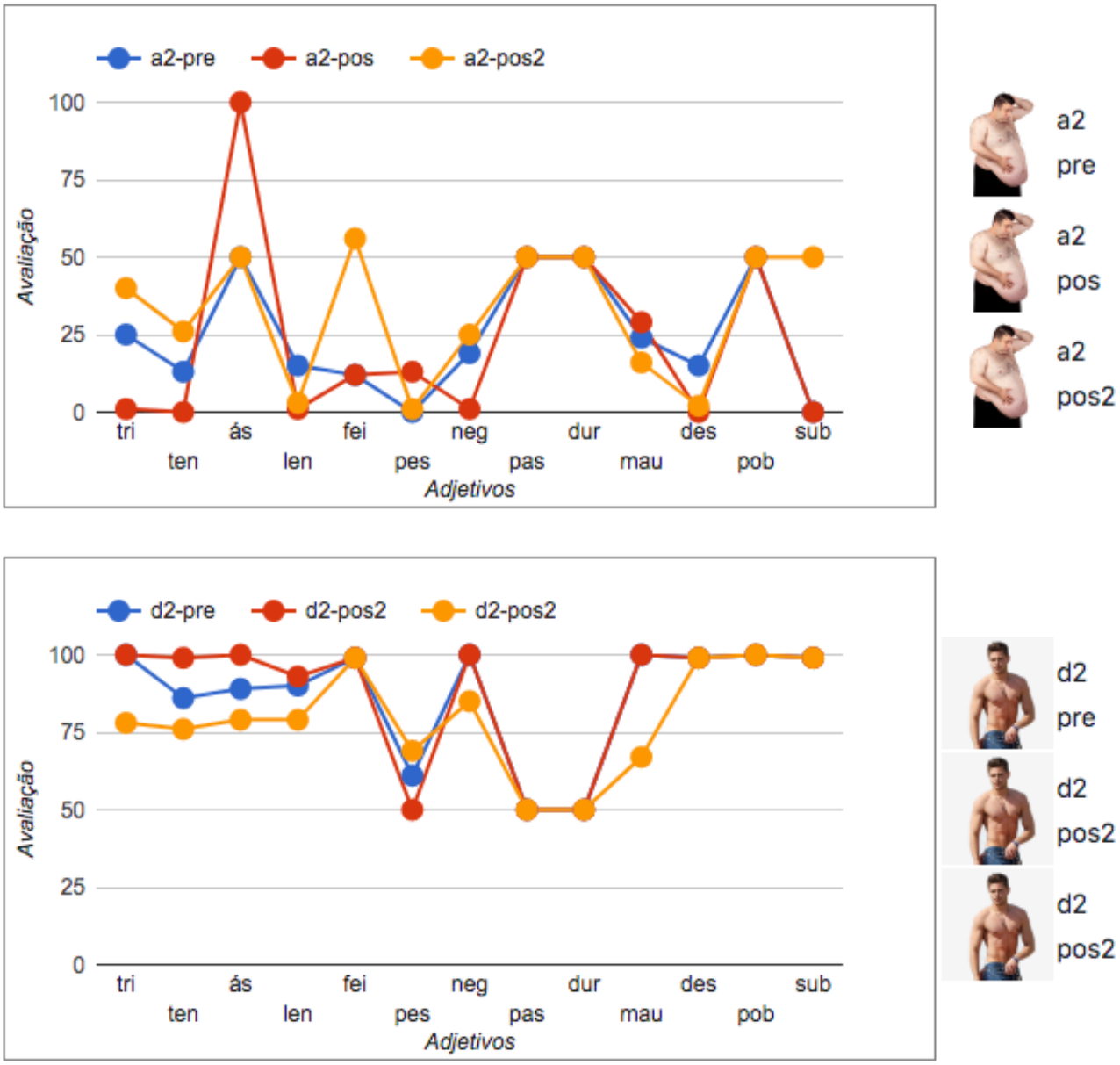
A Figura 13 apresenta as avaliações dos estímulos B1 e C1. Percebe-se que a avaliação dos dois foi, inicialmente, distinta, porém reduzida e neutralizada ao longo das duas próximas etapas. Esse dado nos permite concluir que houve formação de classe de equivalência entre estes estímulos.

Figura 13. Avaliação dos estímulos b1 e c1 pelo Participante 1 no Pré-Teste, Pós-Teste 1 e Pós-Teste 2.



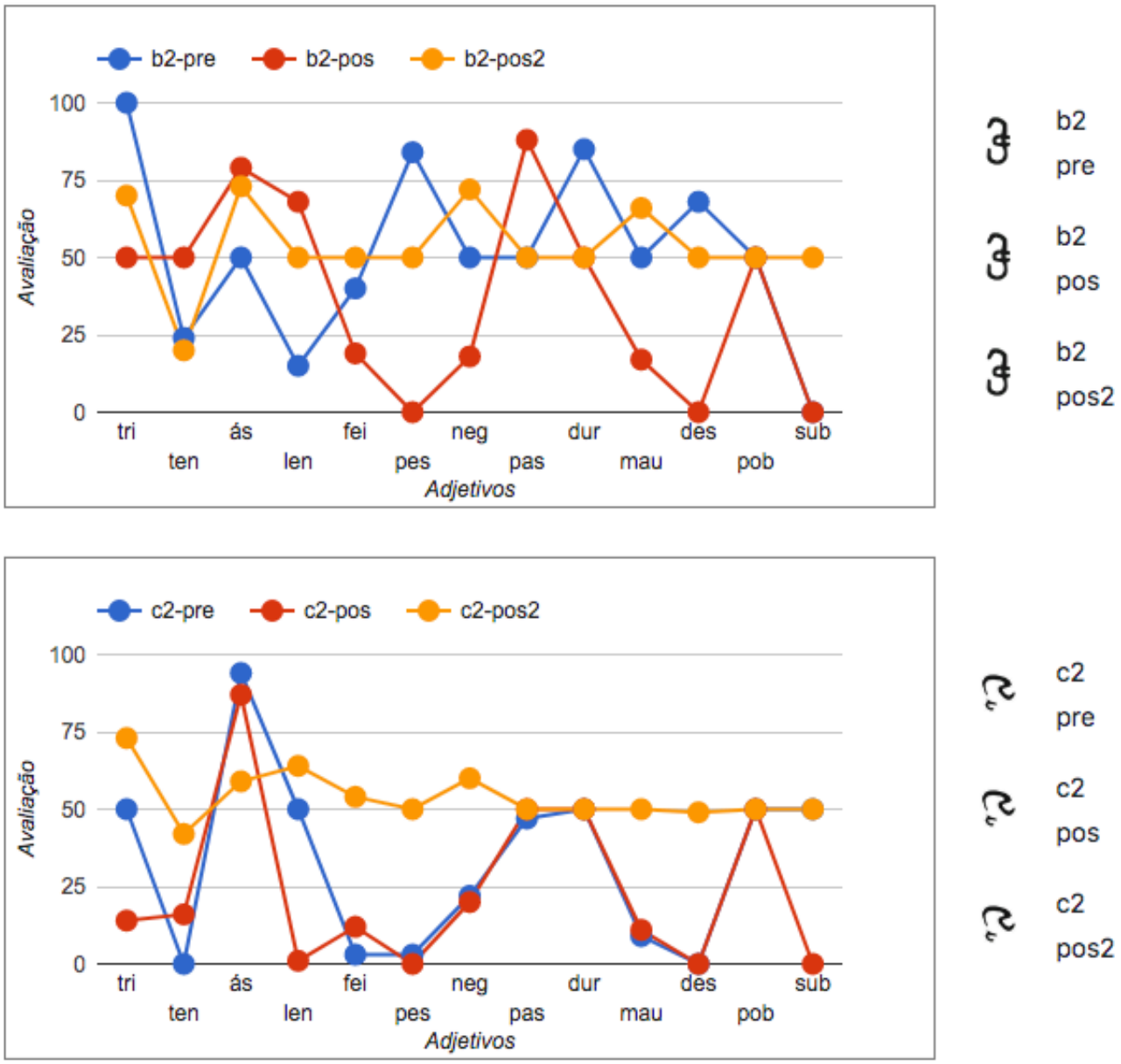
A Figura 14 apresenta as avaliações dos estímulos A2 e D2. Observa-se que, apesar de algumas modificações na avaliação do primeiro estímulo, ele se manteve semelhante ao longo do experimento, fato que ocorreu igualmente com o estímulo D2.

Figura 14. Avaliação dos estímulos a2 e d2 pelo Participante 1 no Pré-Teste, Pós-Teste 1 e Pós-Teste 2.



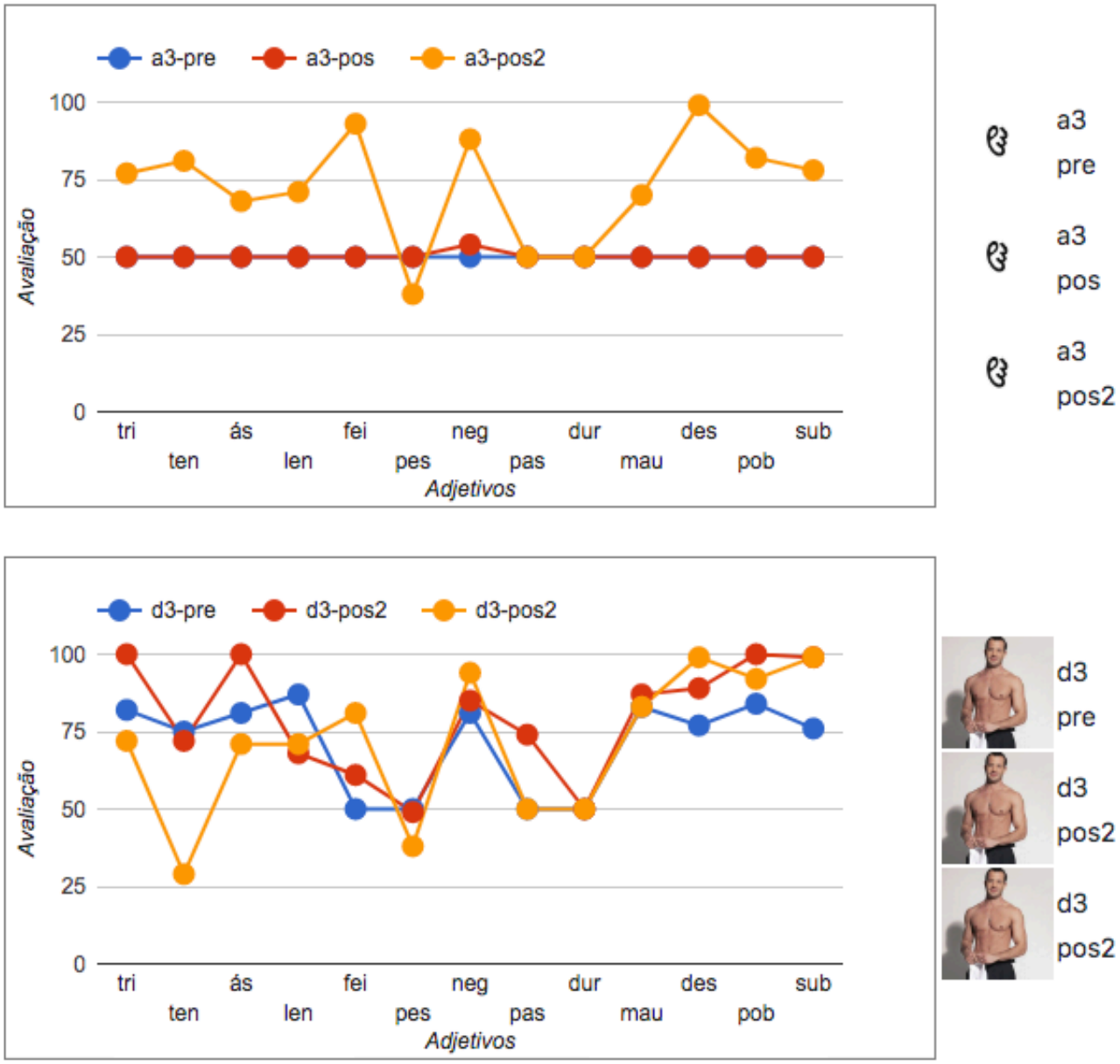
A Figura 15 apresenta as avaliações dos estímulos B2 e C2. Em relação aos dois estímulos abstratos, observa-se que sua avaliação foi, inicialmente, variada, posteriormente, C2 praticamente manteve sua avaliação e, por fim, ambas avaliações foram neutralizadas. O estímulo C2 foi avaliado na última etapa do experimento de maneira bem neutralizada.

Figura 15. Avaliação dos estímulos b2 e c2 pelo Participante 1 no Pré-Teste, Pós-Teste 1 e Pós-Teste 2.



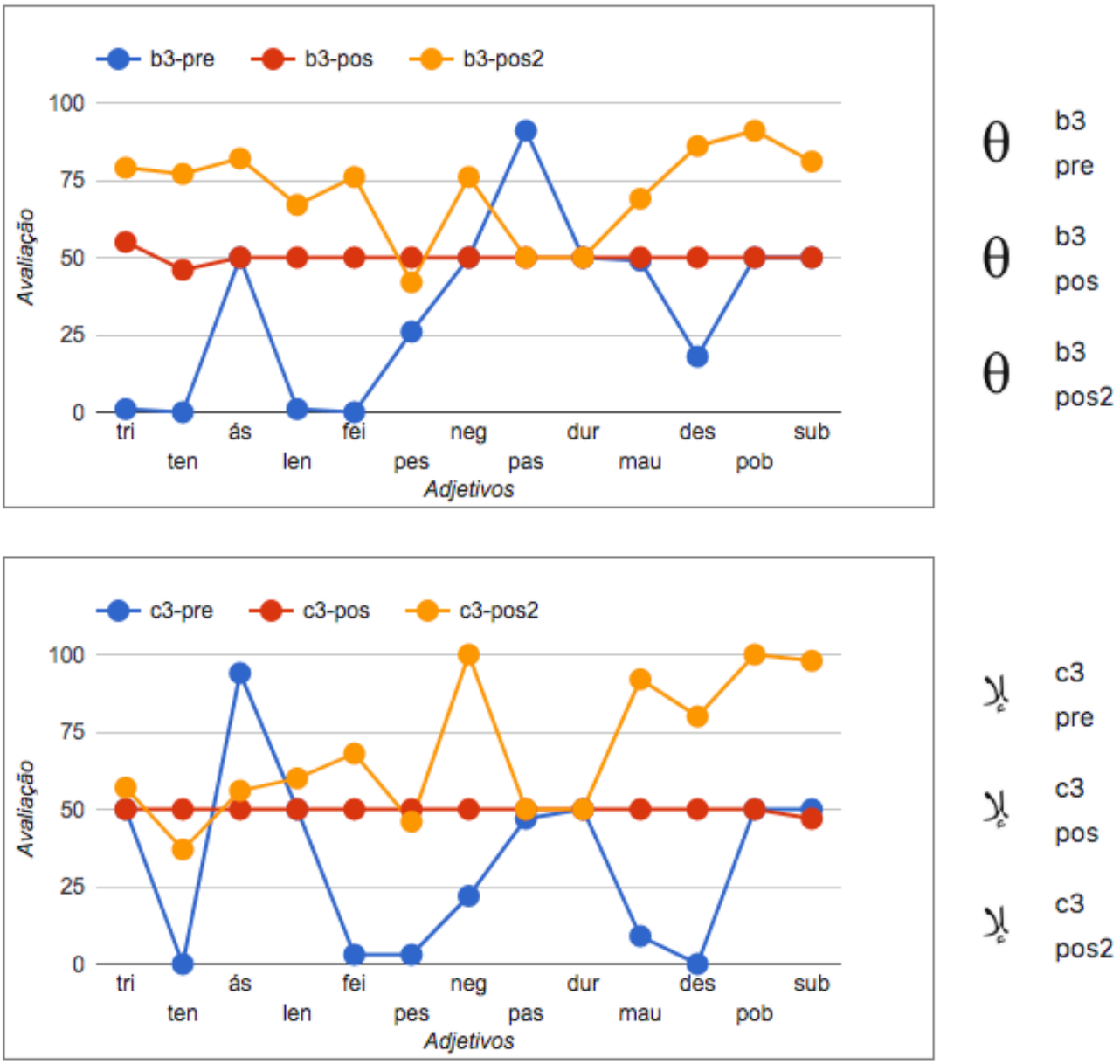
A Figura 16 apresenta as avaliações dos estímulos A3 e D3. O estímulo A3 foi avaliado de forma extremamente neutra nas duas primeiras fases e sua avaliação teve um aumento significativo na última etapa, enquanto o estímulo D3 não sofreu muitas alterações em sua avaliação ao longo do experimento.

Figura 16. Avaliação dos estímulos a3 e d3 pelo Participante 1 no Pré-Teste, Pós-Teste 1 e Pós-Teste 2.



A Figura 17 apresenta as avaliações dos estímulos B3 e C3. Os estímulos abstratos B3 e C3 foram, ambos, avaliados de maneira negativa inicialmente, neutralizada posteriormente e, por fim, elevada. A partir disso, pode-se afirmar que houve formação de classe de equivalência entre estes estímulos.

Figura 17. Avaliação dos estímulos b3 e c3 pelo Participante 1 no Pré-Teste, Pós-Teste 1 e Pós-Teste 2.



A figura abaixo apresenta os graus de equivalência entre os estímulos no Pré-Teste. Para exemplificação, observa-se os estímulos A1 e C1, que possuem 50% de equivalência entre eles. Além disso, os estímulos A1 (corpo da mulher gorda) e D1 (corpo da mulher magra) possuem 57% de equivalência antes de qualquer emparelhamento.

Figura 18. Grau de equivalência da Participante 1 no Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	100	80	78	75	74	67	50	76	76	57	53	66
a2	80	100	75	62	74	82	36	83	83	44	38	54
a3	78	75	100	81	80	77	61	76	76	69	64	79
b1	75	62	81	100	69	67	66	69	69	70	70	80
b2	74	74	80	69	100	68	62	62	62	69	56	67
b3	67	82	77	67	68	100	45	77	77	46	41	56
c1	50	36	61	66	62	45	100	44	44	86	85	77
c2	76	83	76	69	62	77	44	100	100	50	46	60
c3	76	83	76	69	62	77	44	100	100	50	46	60
d1	57	44	69	70	69	46	86	50	50	100	85	85
d2	53	38	64	70	56	41	85	46	46	85	100	85
d3	66	54	79	80	67	56	77	60	60	85	85	100

Figura 19. Grau de equivalência da Participante 1 no Pós-Teste 1.

A tabela abaixo já representa a equivalência entre os estímulos na etapa de Pós-Teste 1. Os mesmos estímulos passaram a ter equivalência de 89%, o que nos permite observar a formação de classe de equivalência e a transferência de função de um estímulo para o outro. Os estímulos A1 e D1 continuam com grau de equivalência baixo, de 54% nesta etapa, pois estes estímulos ainda não foram emparelhados.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	89	77	77	76	81	78	85	79	78	52	52	60
a2	85	88	75	89	84	75	81	93	75	39	37	45
a3	74	66	100	73	75	99	69	68	100	64	62	70
b1	72	59	81	65	74	81	67	61	81	61	69	77
b2	77	65	80	71	64	81	69	67	80	58	53	61
b3	73	81	77	83	71	77	65	78	77	42	40	51
c1	46	33	62	39	46	61	46	35	61	86	83	86
c2	81	83	76	77	84	76	77	86	76	44	45	53
c3	81	83	76	77	84	76	77	86	76	44	45	53
d1	54	40	69	42	50	69	51	42	69	87	82	85
d2	49	36	64	37	45	64	48	38	63	91	97	88
d3	63	49	79	52	61	79	61	52	79	81	84	88

Figura 20. Grau de equivalência da Participante 1 no Pré-Teste e Pós-Teste.

A tabela abaixo representa a equivalência entre os estímulos modelo no pré-teste e os emparelhados no pós-teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	100	84	74	84	82	75	89	89	74	47	47	56
a2	84	100	66	86	79	66	82	93	66	34	36	44
a3	74	66	100	73	74	99	69	68	99	65	63	71
b1	84	86	73	100	81	73	77	86	73	38	36	47
b2	82	79	74	81	100	74	82	85	75	44	44	56
b3	75	66	99	73	74	100	69	68	99	65	62	70
c1	89	82	69	77	82	69	100	85	70	47	47	54
c2	89	93	68	86	85	68	85	100	68	37	36	44
c3	74	66	99	73	75	99	70	68	100	64	62	70
d1	47	34	65	38	44	65	47	37	64	100	90	82
d2	47	36	63	36	44	62	47	36	62	90	100	88
d3	56	44	71	47	56	70	54	44	70	82	88	100

Figura 21. Grau de equivalência da Participante 1 no Pós-Teste 2.

Por fim, pode-se observar que os estímulos A1 e C1 mantiveram um alto grau de equivalência, de 88%, enquanto os estímulos A1 e D1 passaram a ter equivalência de 81%, o que nos permite afirmar que o emparelhamento entre estes dois grupos foi eficiente e houve transferência de função entre eles.

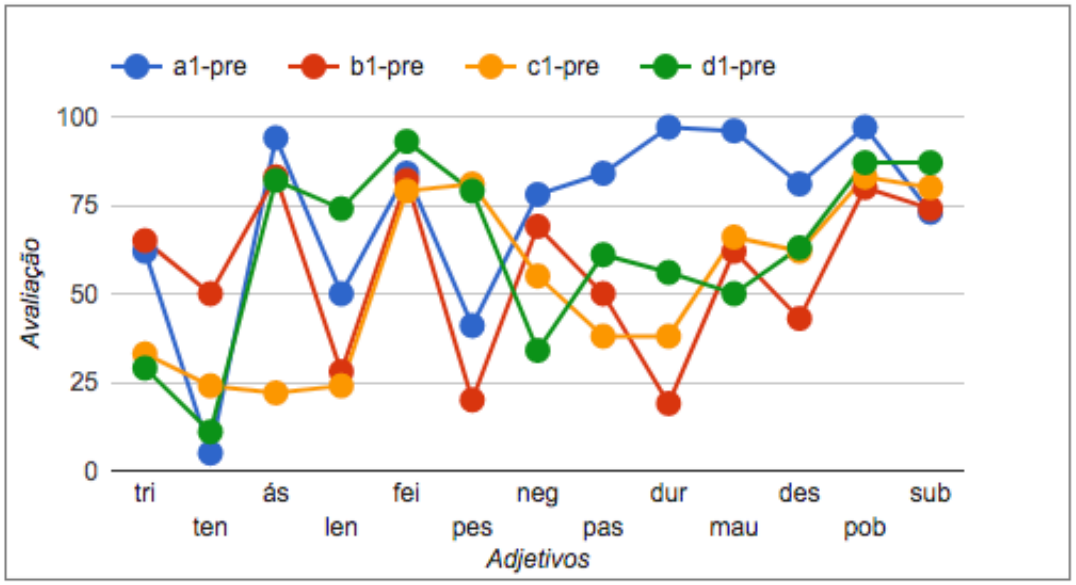
Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	100	71	84	89	87	85	88	85	79	81	78	80
a2	71	100	60	74	76	61	73	78	63	56	53	61
a3	84	60	100	81	79	94	84	79	84	89	92	91
b1	89	74	81	100	91	84	88	89	77	78	76	75
b2	87	76	79	91	100	81	92	93	80	78	75	80
b3	85	61	94	84	81	100	87	81	86	90	91	89
c1	88	73	84	88	92	87	100	89	83	82	80	85
c2	85	78	79	89	93	81	89	100	80	75	75	78
c3	79	63	84	77	80	86	83	80	100	85	83	91
d1	81	56	89	78	78	90	82	75	85	100	93	86
d2	78	53	92	76	75	91	80	75	83	93	100	88
d3	80	61	91	75	80	89	85	78	91	86	88	100

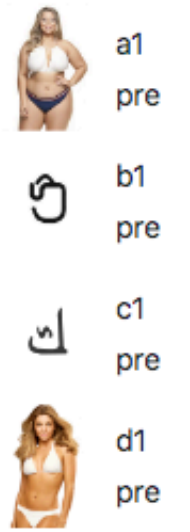
Participante 2

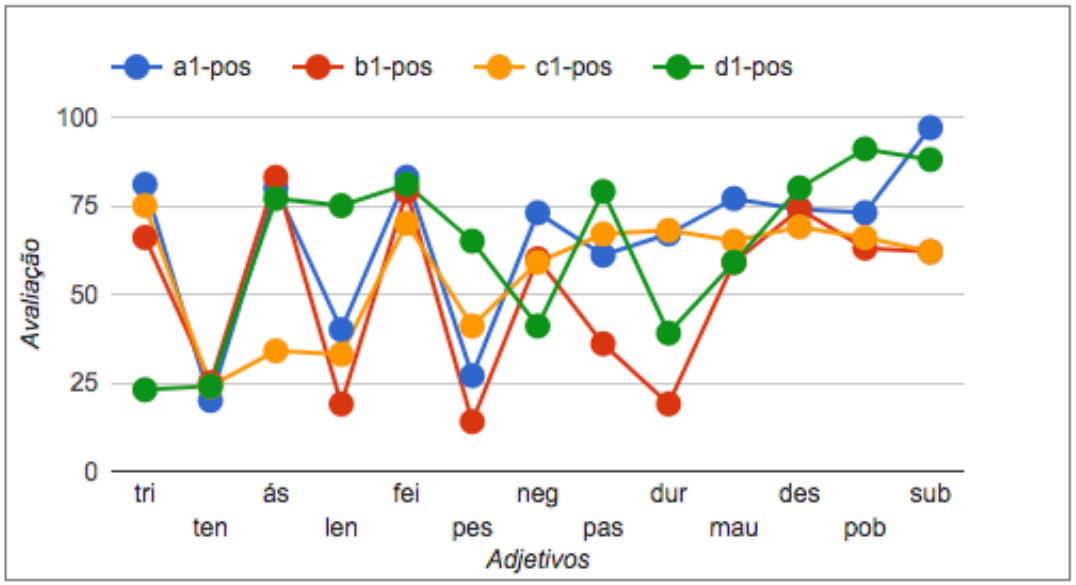
A Figura 22 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 1 (A1, B1, C1 e D1). Observa-se que nenhum deles sofreu alterações significativas em suas avaliações ao longo do experimento, o que dá indícios de que

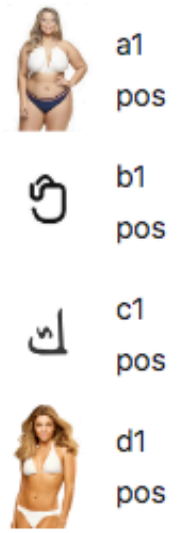
esta participante não realizou transferência de função entre os estímulos do Conjunto 1.

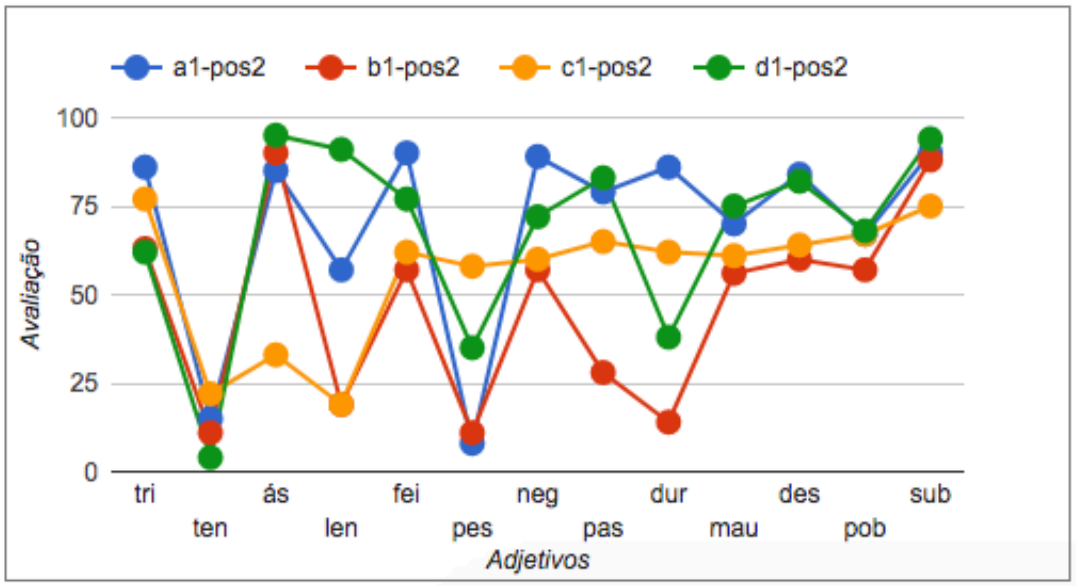
Figura 22. Avaliação dos estímulos a1, b1, c1 e d1 pelo Participante 2 no Pré-Teste, Pós-Teste 1 e Pós-Teste 2.

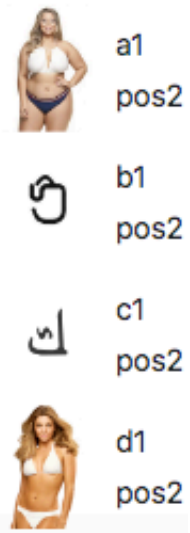

a1-pre
b1-pre
c1-pre
d1-pre
100
75
50
25
0
Avaliação
tri
ten
ás
len
fei
pes
neg
pas
dur
mau
des
pob
sub
Adjetivos


a1
pre
b1
pre
c1
pre
d1
pre


a1-pos
b1-pos
c1-pos
d1-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri
ten
ás
len
fei
pes
neg
pas
dur
mau
des
pob
sub
Adjetivos

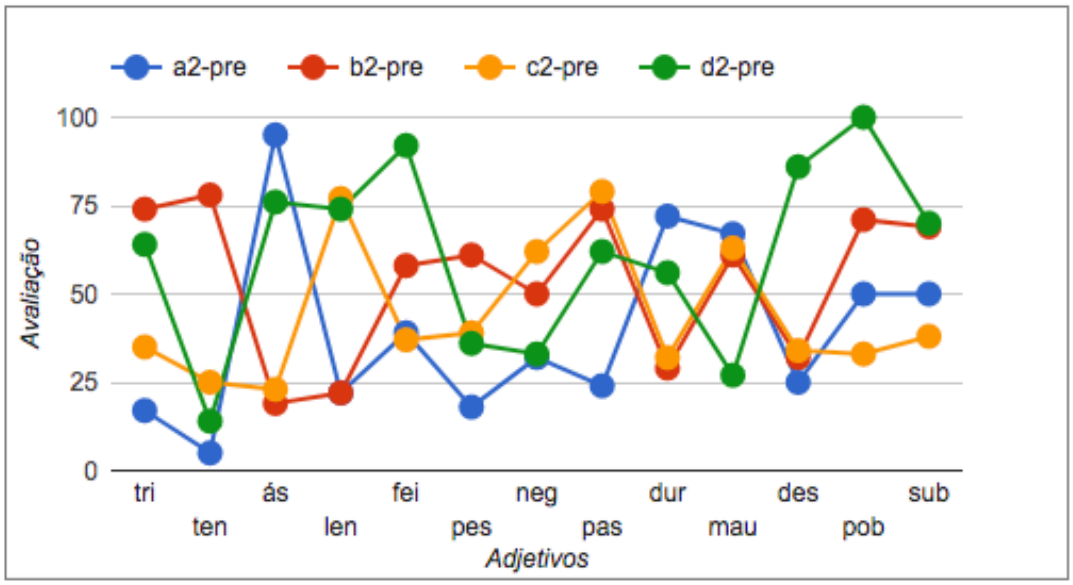

a1
pos
b1
pos
c1
pos
d1
pos

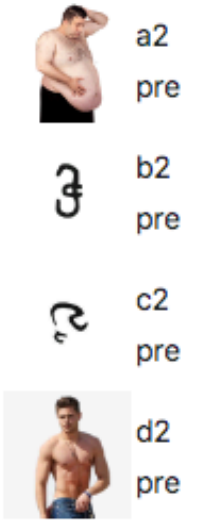

a1-pos2
b1-pos2
c1-pos2
d1-pos2
100
75
50
25
0
Avaliação
tri
ten
ás
len
fei
pes
neg
pas
dur
mau
des
pob
sub
Adjetivos

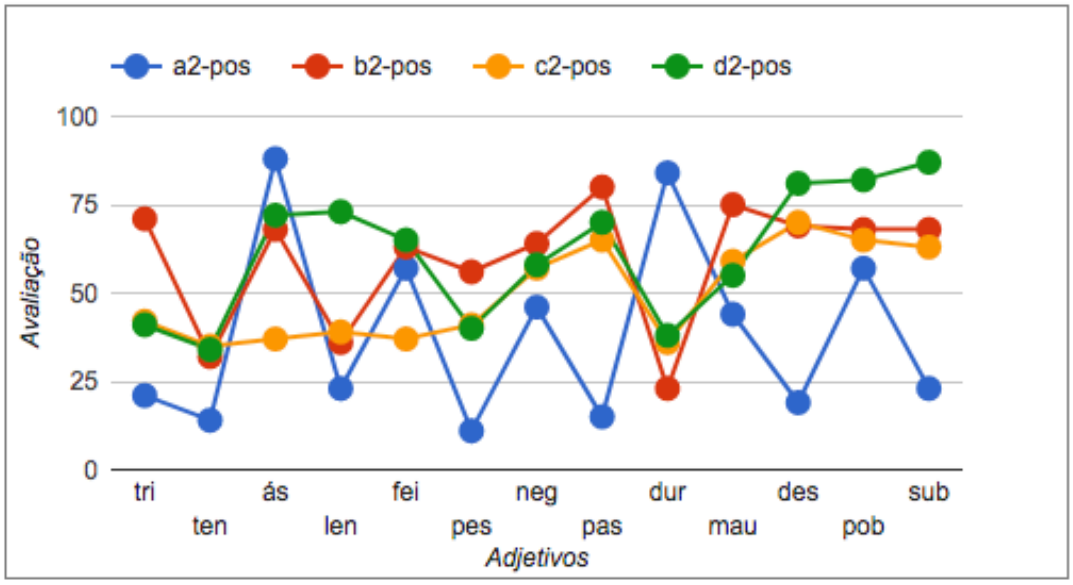

a1
pos2
b1
pos2
c1
pos2
d1
pos2

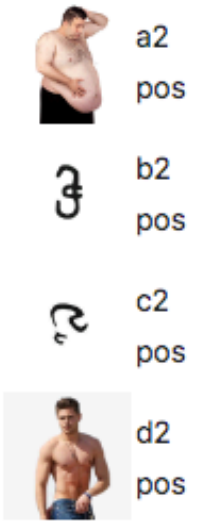
A Figura 23 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 2 (A2, B2, C2 e D2). Observa-se que, de maneira muito discreta, os estímulos abstratos B2 e C2 tiveram suas avaliações mais semelhantes ao estímulo D2, com significado social positivo, na terceira etapa do experimento. Este dado reforça os dados trazidos anteriormente, de que esta participante não realizou transferência de função entre os estímulos do Conjunto 2.

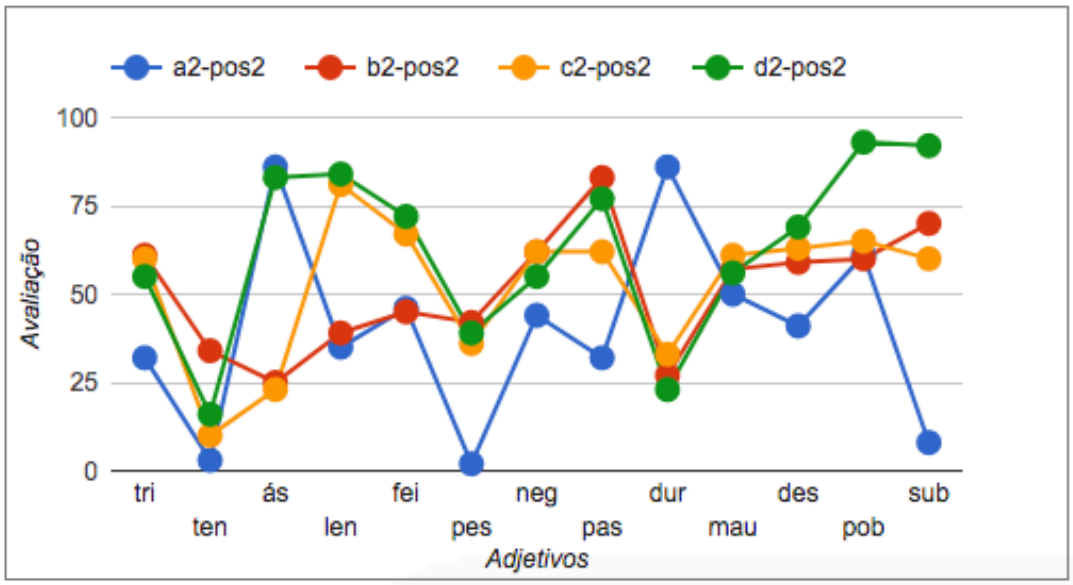
Figura 23. Avaliação dos estímulos a2, b2, c2 e d2 pelo Participante 2 no Pré-Teste, Pós-Teste 1 e Pós-Teste 2.

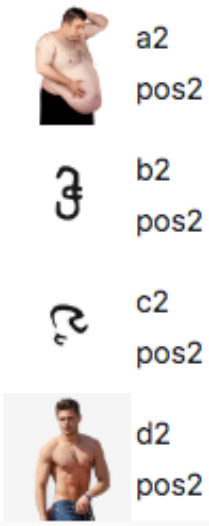

a2-pre
b2-pre
c2-pre
d2-pre
100
75
50
25
0
Avaliação
tri
ten
ás
len
fei
pes
neg
pas
dur
mau
des
pob
sub
Adjetivos


a2
pre
b2
pre
c2
pre
d2
pre


a2-pos
b2-pos
c2-pos
d2-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri
ten
ás
len
fei
pes
neg
pas
dur
mau
des
pob
sub
Adjetivos

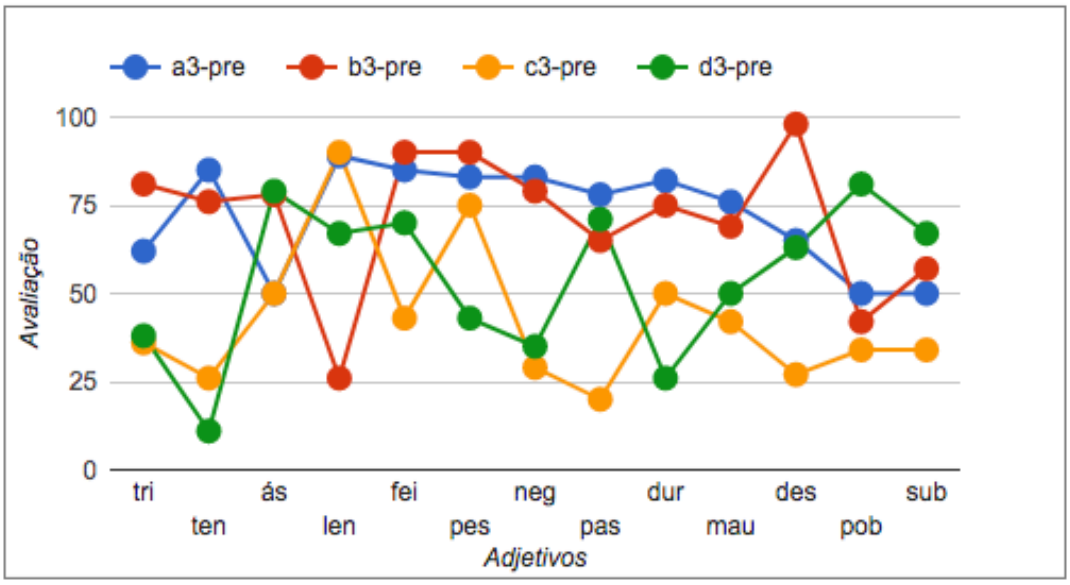

a2
pos
b2
pos
c2
pos
d2
pos

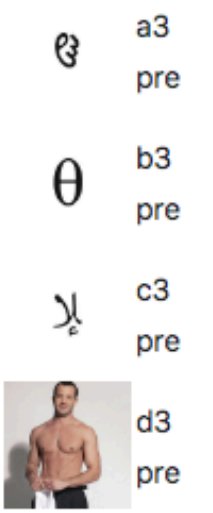

a2-pos2
b2-pos2
c2-pos2
d2-pos2
100
75
50
25
0
Avaliação
tri
ten
ás
len
fei
pes
neg
pas
dur
mau
des
pob
sub
Adjetivos

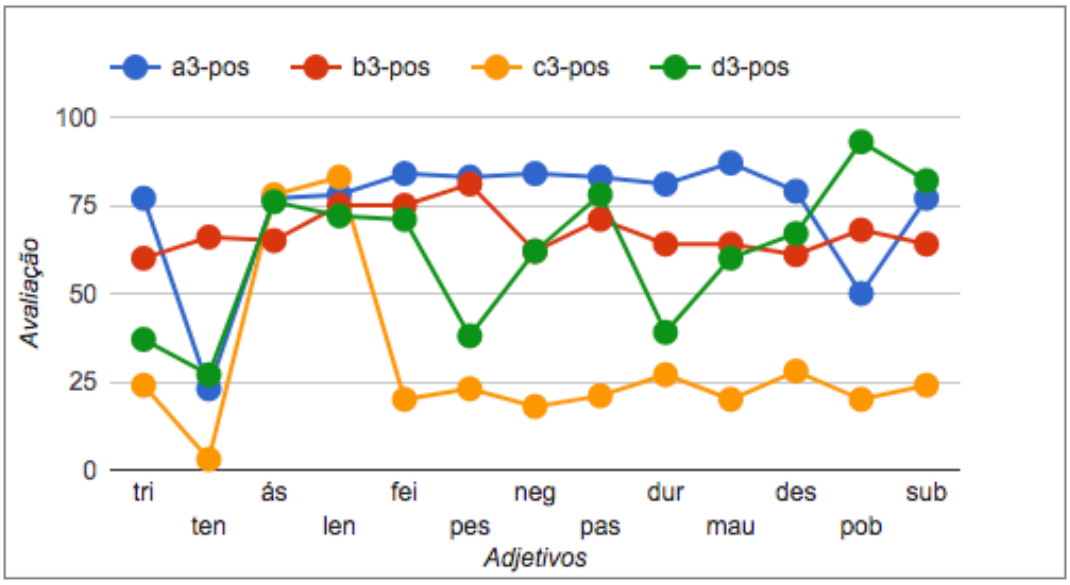

a2
pos2
b2
pos2
c2
pos2
d2
pos2

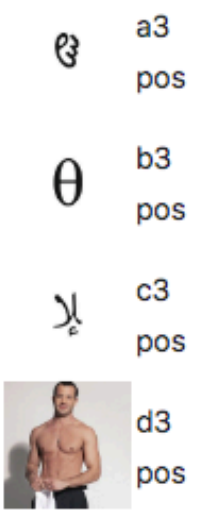
A Figura 24 apresenta as avaliações dos estímulos da classe de equivalência 3 (A3, B3, C3 e D3). Como pode-se observar, a avaliação do estímulo A3 foi muito elevada, assim como a avaliação do estímulo B3. Já os estímulos C3 e D3 foram avaliados, inicialmente, de maneira muito variada. Após a primeira fase de emparelhamento, observa-se a transferência de atitude e uma equivalência entre os estímulos A3 e B3. Já após a segunda etapa de emparelhamento, com a inserção do estímulo D3, vê-se a equivalência dos estímulos A3, B3 e D3. O estímulo C3 não sofreu muitas variações de avaliação, sem motivo aparente.

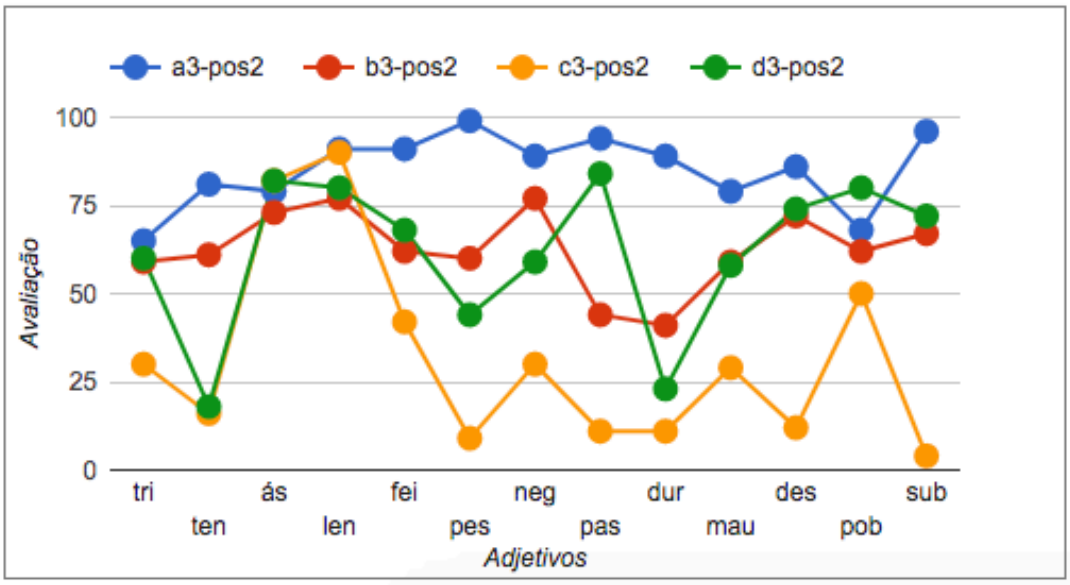
Figura 24. Avaliação dos estímulos a3, b3, c3 e d3 pelo Participante 2 no Pré-Teste, Pós-Teste 1 e Pós-Teste 2.

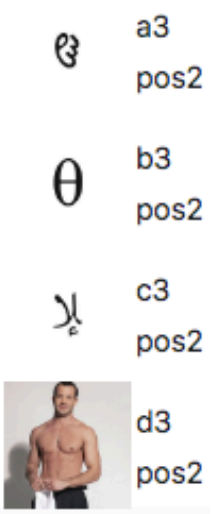

a3-pre
b3-pre
c3-pre
d3-pre
100
75
50
25
0
Avaliação
tri ás fei neg dur des sub
ten len pes pas mau pob
Adjetivos


a3 pre
b3 pre
c3 pre
d3 pre


a3-pos
b3-pos
c3-pos
d3-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri ás fei neg dur des sub
ten len pes pas mau pob
Adjetivos

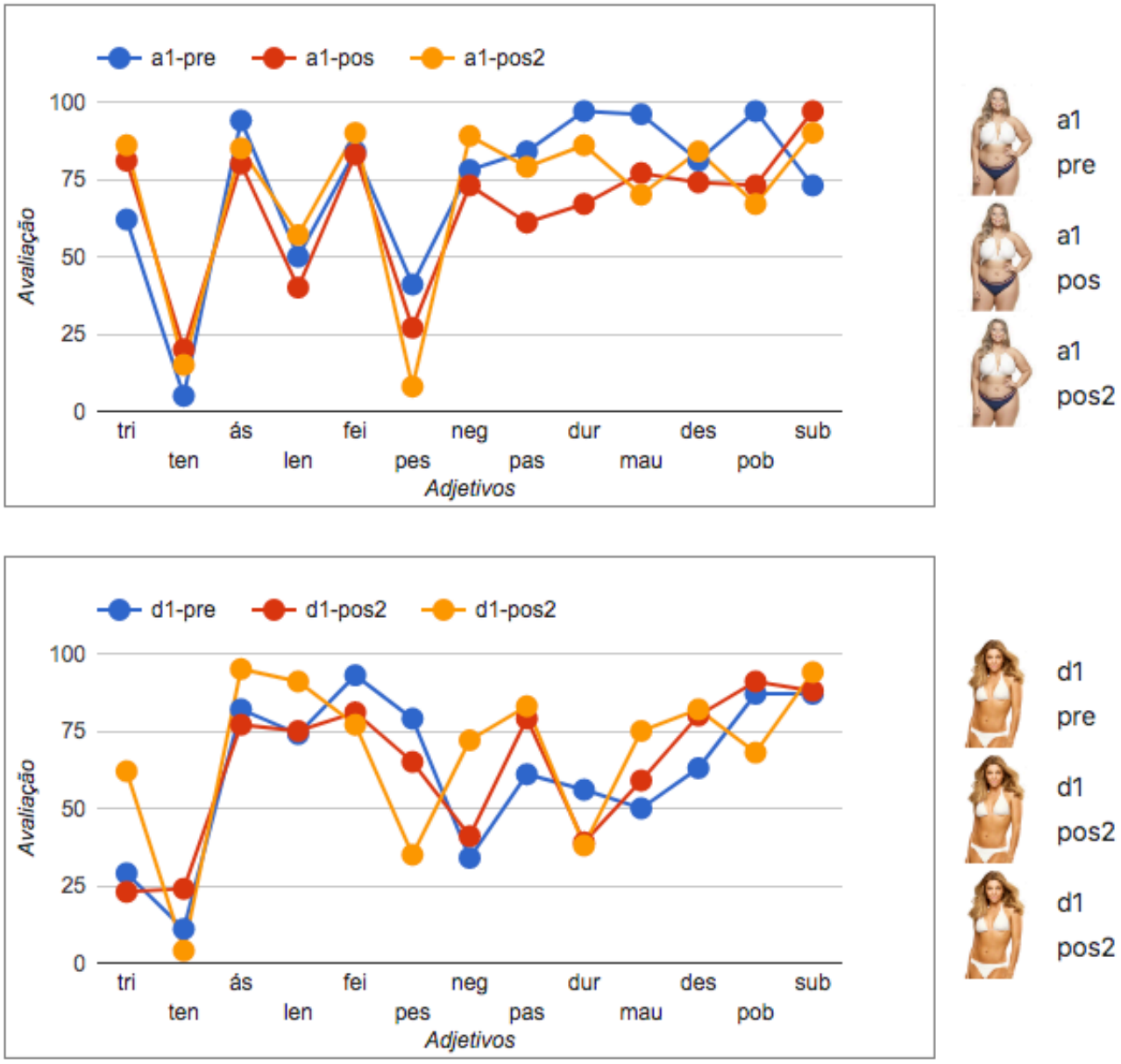

a3 pos
b3 pos
c3 pos
d3 pos


a3-pos2
b3-pos2
c3-pos2
d3-pos2
100
75
50
25
0
Avaliação
tri ás fei neg dur des sub
ten len pes pas mau pob
Adjetivos


a3 pos2
b3 pos2
c3 pos2
d3 pos2

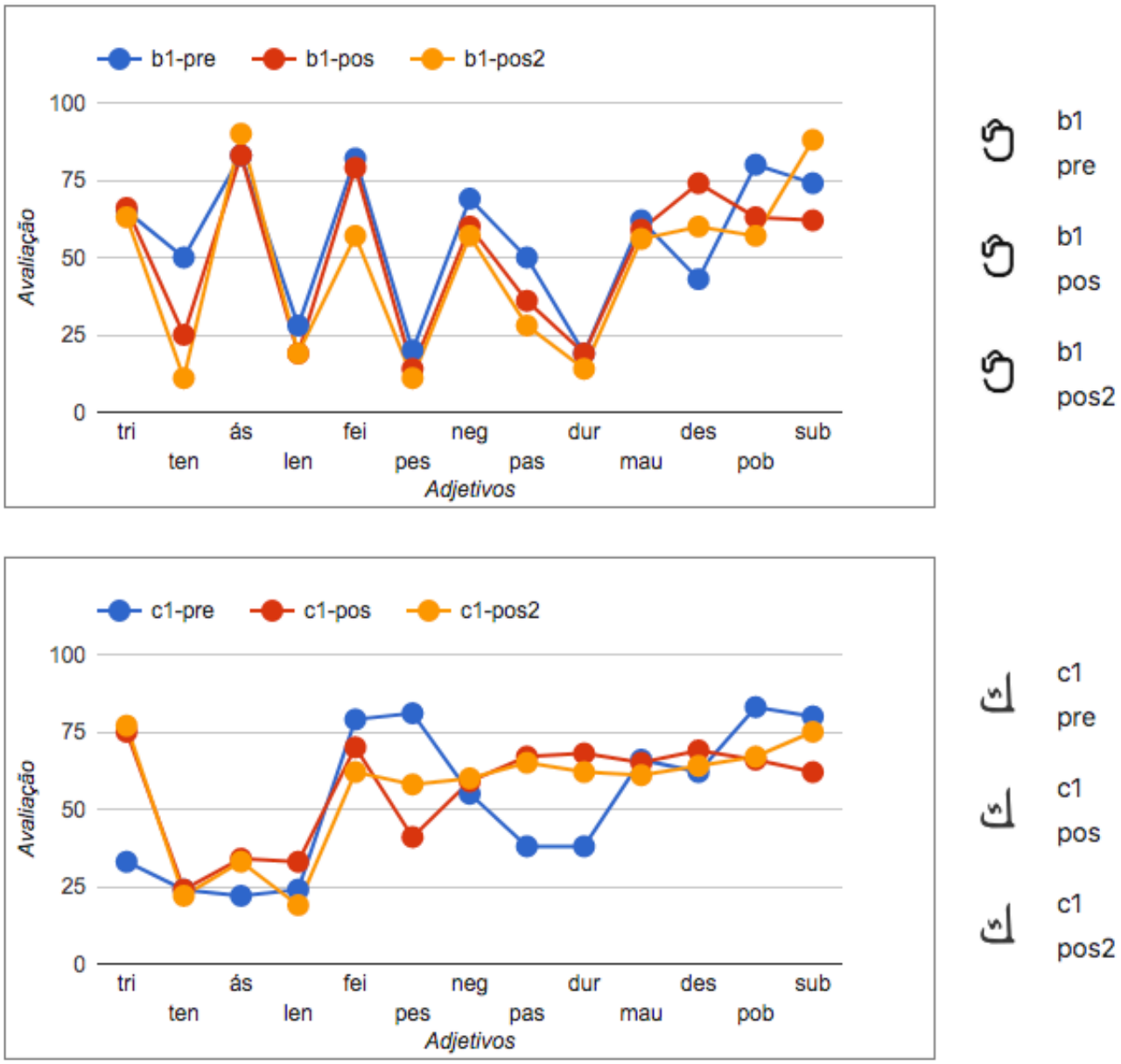
A Figura 25 apresenta as avaliações da Participante 2 em relação aos estímulos A1 e D1 nas fases Pré-Teste, Pós-Teste 1 e Pós-Teste 2. Como pode-se observar, a avaliação de ambos foi predominantemente alta e não sofreu alterações significativas ao longo do experimento.

Figura 25. Avaliação dos estímulos a1 e d1 pelo Participante 2 no Pré-Teste, Pós-Teste 1 e Pós-Teste 2.



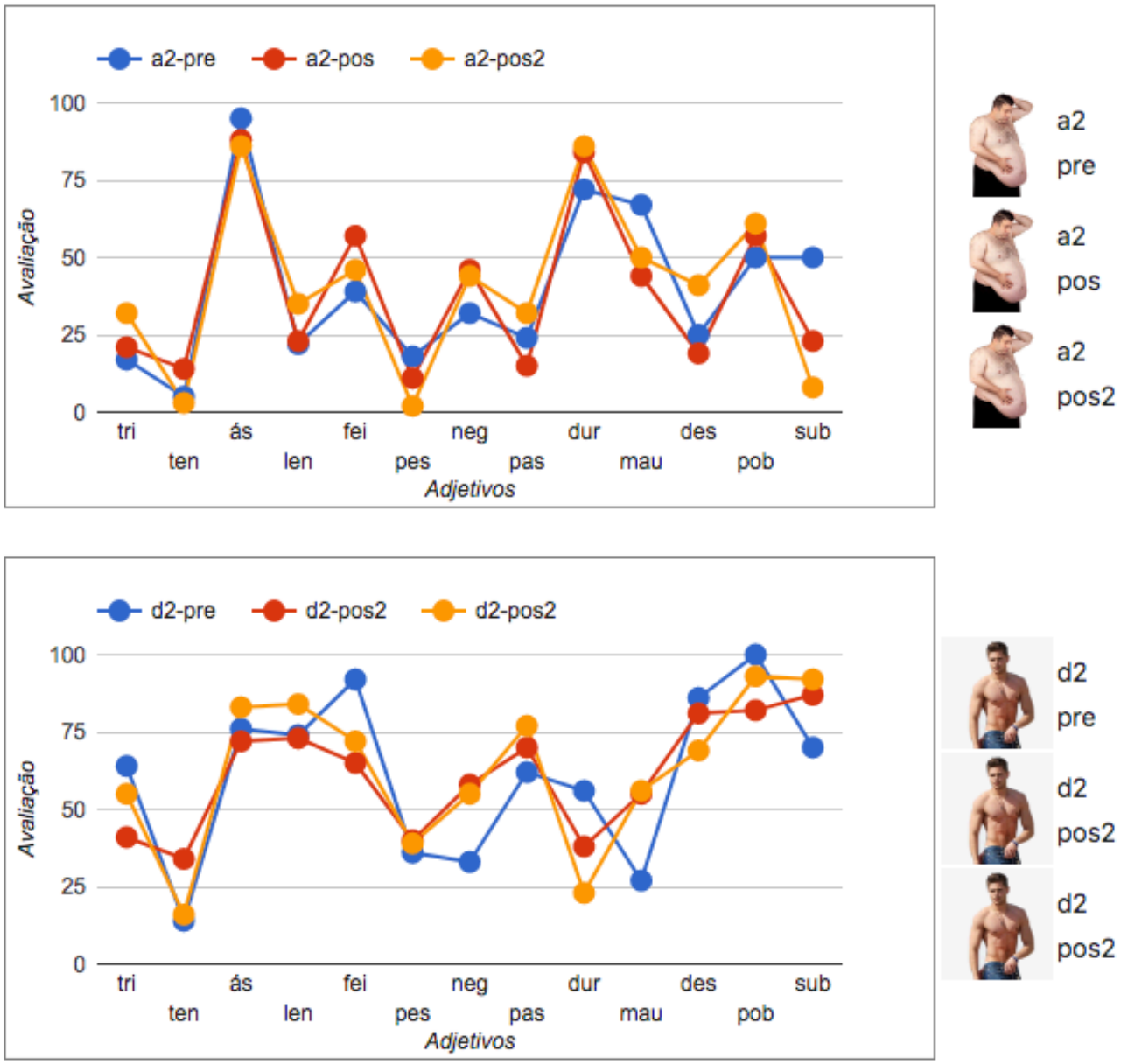
A Figura 26 apresenta as avaliações da Participante 2 em relação aos estímulos B1 e C1 nas três fases do experimento. Observa-se que nenhum dos dois estímulos tiveram alterações significativas em suas avaliações, o que não nos possibilita afirmar que houve transferência de função.

Figura 26. Avaliação dos estímulos b1 e c1 pelo Participante 2 no Pré-Teste, Pós-Teste 1 e Pós-Teste 2.



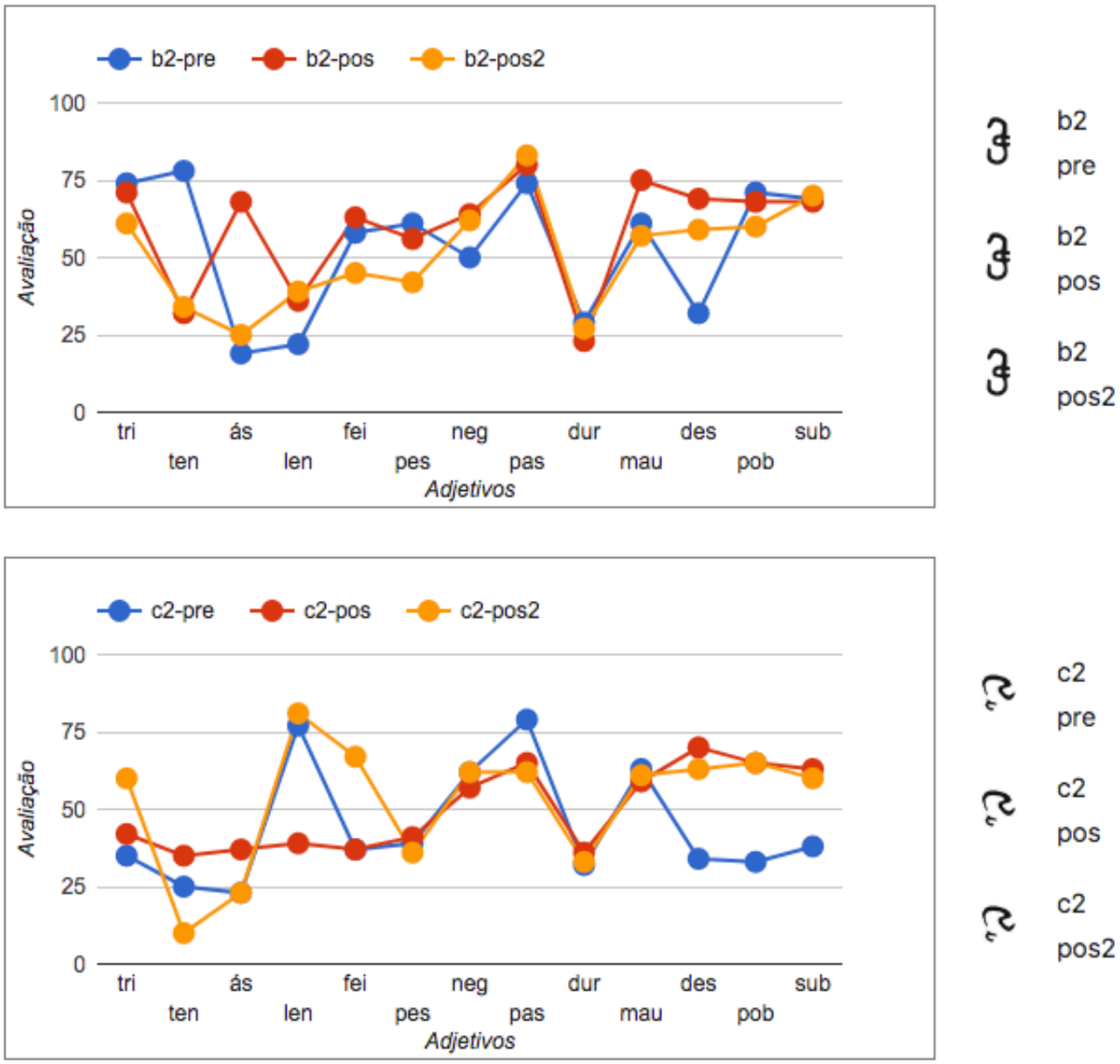
A Figura 27 apresenta as avaliações da Participante 2 em relação aos estímulos A2 e D2. Inicialmente, a avaliação do estímulo A2 foi predominantemente baixa, enquanto a do estímulo D2 foi alta em todas as fases. Observa-se que nenhum dos dois estímulos sofreram alterações significativas nas três fases.

Figura 27. Avaliação dos estímulos a2 e d2 pelo Participante 2 no Pré-Teste, Pós-Teste 1 e Pós-Teste 2.



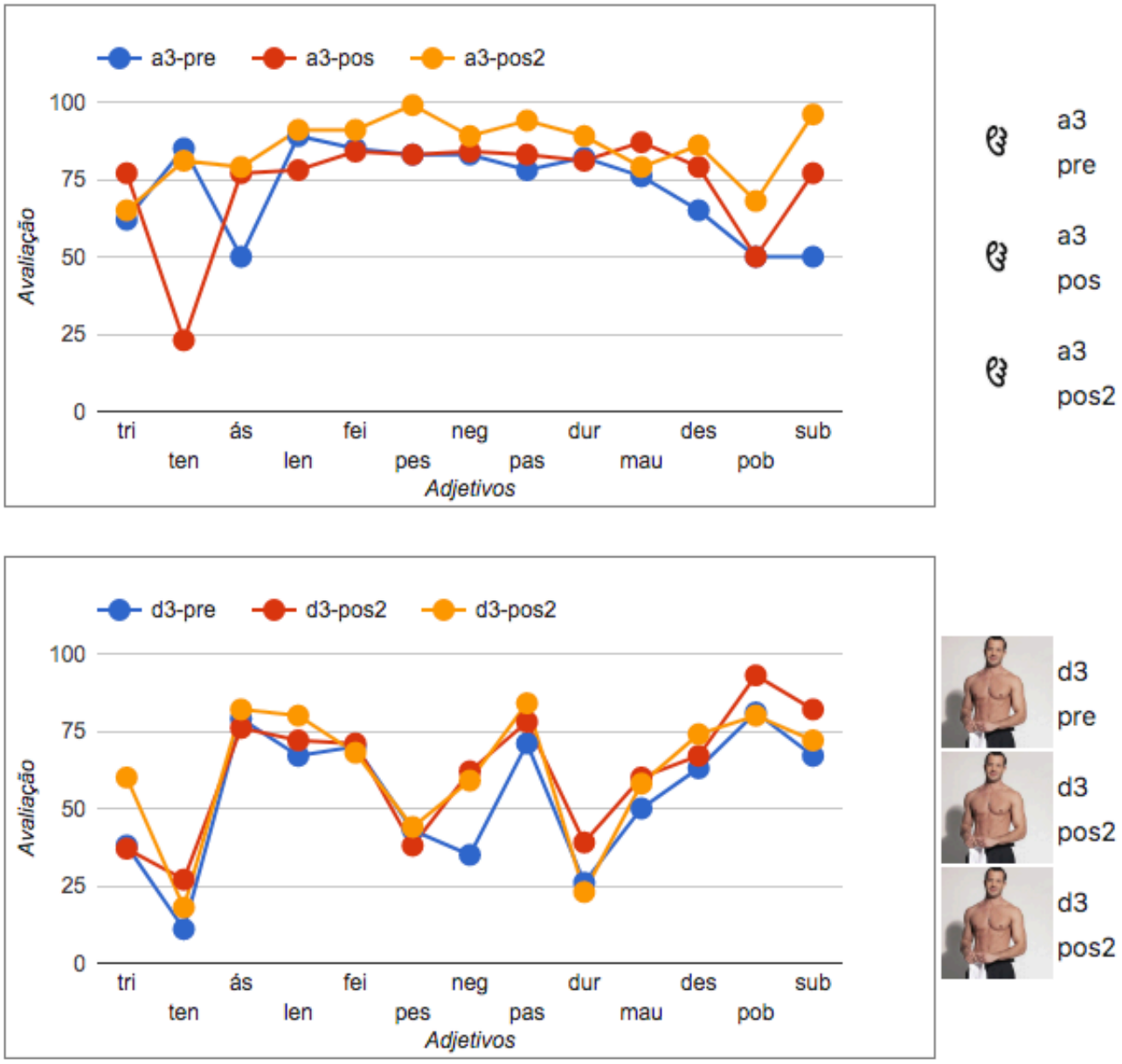
A Figura 28 apresenta as avaliações dos estímulos B2 e C2. Em relação aos estímulos abstratos B2 e C2, pode-se observar que ambos também não sofreram alterações significativas ao longo do experimento, considerando que as três linhas estão muito próximas. Com este dado, não é possível afirmar que houve transferência de função ou formação de classe de equivalência para esta participante, em relação aos estímulos do Conjunto 2.

Figura 28. Avaliação dos estímulos b2 e c2 pelo Participante 2 no Pré-Teste, Pós-Teste 1 e Pós-Teste 2.



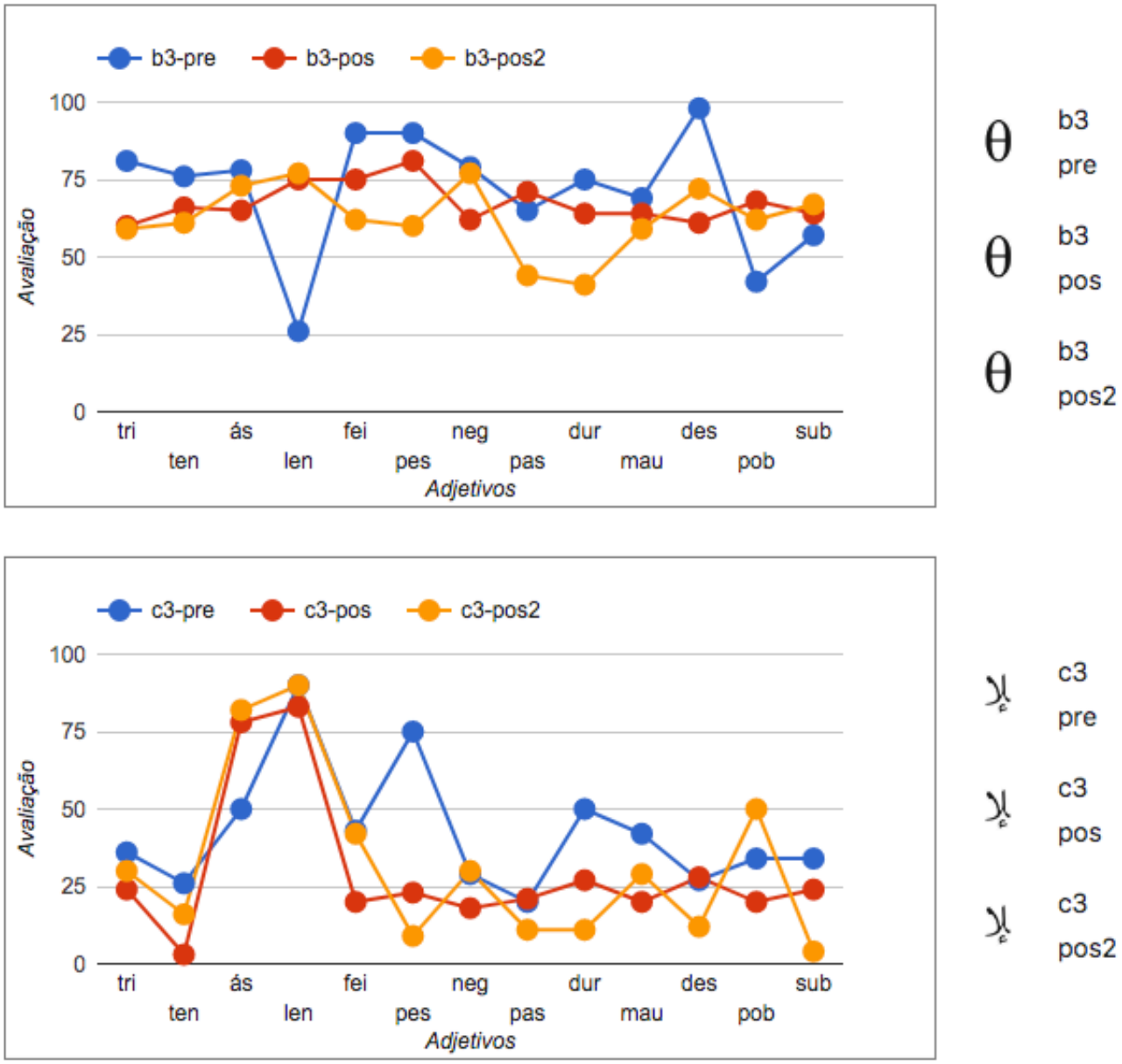
A Figura 29 apresenta as avaliações dos estímulos A3 e D3 nas três fases. Observa-se que o estímulo A3 foi avaliado igualmente nas primeiras duas fases, sofrendo um aumento muito pequeno na terceira fase, após o emparelhamento com o estímulo D3. Já o estímulo D3 foi avaliado de maneira semelhante nas três fases, sem variações significativas.

Figura 29. Avaliação dos estímulos a3 e d3 pelo Participante 2 no Pré-Teste, Pós-Teste 1 e Pós-Teste 2.



A figura 30 apresenta as avaliações dos estímulos B3 e C3 da Participante 2 nas três fases do experimento. Observa-se que o estímulo B3 não sofreu muitas alterações em sua avaliação ao longo do experimento, tendo recebido uma avaliação elevada nas três etapas. Já o estímulo C3 não sofreu nenhuma alteração significativa em sua avaliação nas três etapas do experimento. Estes dados impossibilita que afirmemos que houve transferência de função do estímulo D3 (com significado social) aos neutros.

Figura 30. Avaliação dos estímulos b3 e c3 pelo Participante 2 no Pré-Teste, Pós-Teste 1 e Pós-Teste 2.



As figuras abaixo apresentam os graus de equivalência entre os estímulos nas etapas Pré-Teste, Pós-Teste 1 e Pós-Teste 2. Como os graus de equivalência entre os estímulos já eram inicialmente altos, observa-se que os dados desta participante não corroboraram muito com a hipótese inicial da pesquisa.

Figura 31. Grau de equivalência da Participante 2 no Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	100	67	74	76	65	74	70	65	56	76	80	78
a2	67	100	61	73	67	65	70	73	77	71	67	74
a3	74	61	100	70	74	84	71	72	70	72	69	70
b1	76	73	70	100	81	75	80	72	64	75	77	81
b2	65	67	74	81	100	74	81	78	68	68	68	76
b3	74	65	84	75	74	100	72	63	62	71	71	68
c1	70	70	71	80	81	72	100	76	73	82	73	80
c2	65	73	72	72	78	63	76	100	83	70	68	78
c3	56	77	70	64	68	62	73	83	100	75	69	74
d1	76	71	72	75	68	71	82	70	75	100	87	89
d2	80	67	69	77	68	71	73	68	69	87	100	86
d3	78	74	70	81	76	68	80	78	74	89	86	100

A figura abaixo apresenta o Grau de Equivalência entre os estímulos no Pós-Teste 1, após a primeira etapa de emparelhamento de estímulos. Apesar de a equivalência já ser alta desde o início, esse grau foi elevado após o emparelhamento. Como exemplo, os estímulos A1 e C1 possuíam 70% de equivalência e passaram a 87%.

Figura 32. Grau de equivalência da Participante 2 no Pós-Teste 1.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	100	69	84	84	85	79	87	79	58	79	83	83
a2	69	100	61	77	67	65	71	71	77	66	68	68
a3	84	61	100	73	81	84	80	71	55	81	79	80
b1	84	77	73	100	86	77	84	83	67	77	81	81
b2	85	67	81	86	100	85	88	87	61	81	86	86
b3	79	65	84	77	85	100	85	81	59	82	84	84
c1	87	71	80	84	88	85	100	90	59	77	83	83
c2	79	71	71	83	87	81	90	100	67	79	87	85
c3	58	77	55	67	61	59	59	67	100	65	66	66
d1	79	66	81	77	81	82	77	79	65	100	91	92
d2	83	68	79	81	86	84	83	87	66	91	100	94
d3	83	68	80	81	86	84	83	85	66	92	94	100

A tabela abaixo representa a equivalência entre os estímulos modelo no pré-teste e os emparelhados no pós-teste.

Figura 33. Grau de equivalência da Participante 2 no Pré-Teste e Pós-Teste 1.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	84	65	84	75	79	76	79	73	52	78	79	81
a2	71	89	63	77	69	66	73	74	79	67	68	69
a3	74	59	87	68	77	88	77	72	53	72	73	74
b1	84	72	72	90	85	79	80	80	64	76	81	82
b2	72	66	68	76	84	81	83	83	58	73	76	75
b3	80	62	83	75	78	83	79	72	50	70	71	70
c1	77	69	73	81	80	79	83	84	60	82	81	82
c2	68	69	70	71	77	75	79	85	76	75	79	81
c3	61	76	66	67	68	73	70	75	83	72	72	71
d1	79	69	79	74	75	82	75	75	67	90	85	86
d2	81	67	77	78	77	79	79	76	67	85	85	85
d3	79	72	75	81	84	82	81	84	73	88	90	91

Por fim, após o segundo emparelhamento de estímulos, observa-se que os dados não variaram muito, considerando que a participante não realizou muita formação de classe de equivalência e transferência de função entre os estímulos.

Figura 34. Grau de equivalência da Participante 2 no Pós-Teste 2.

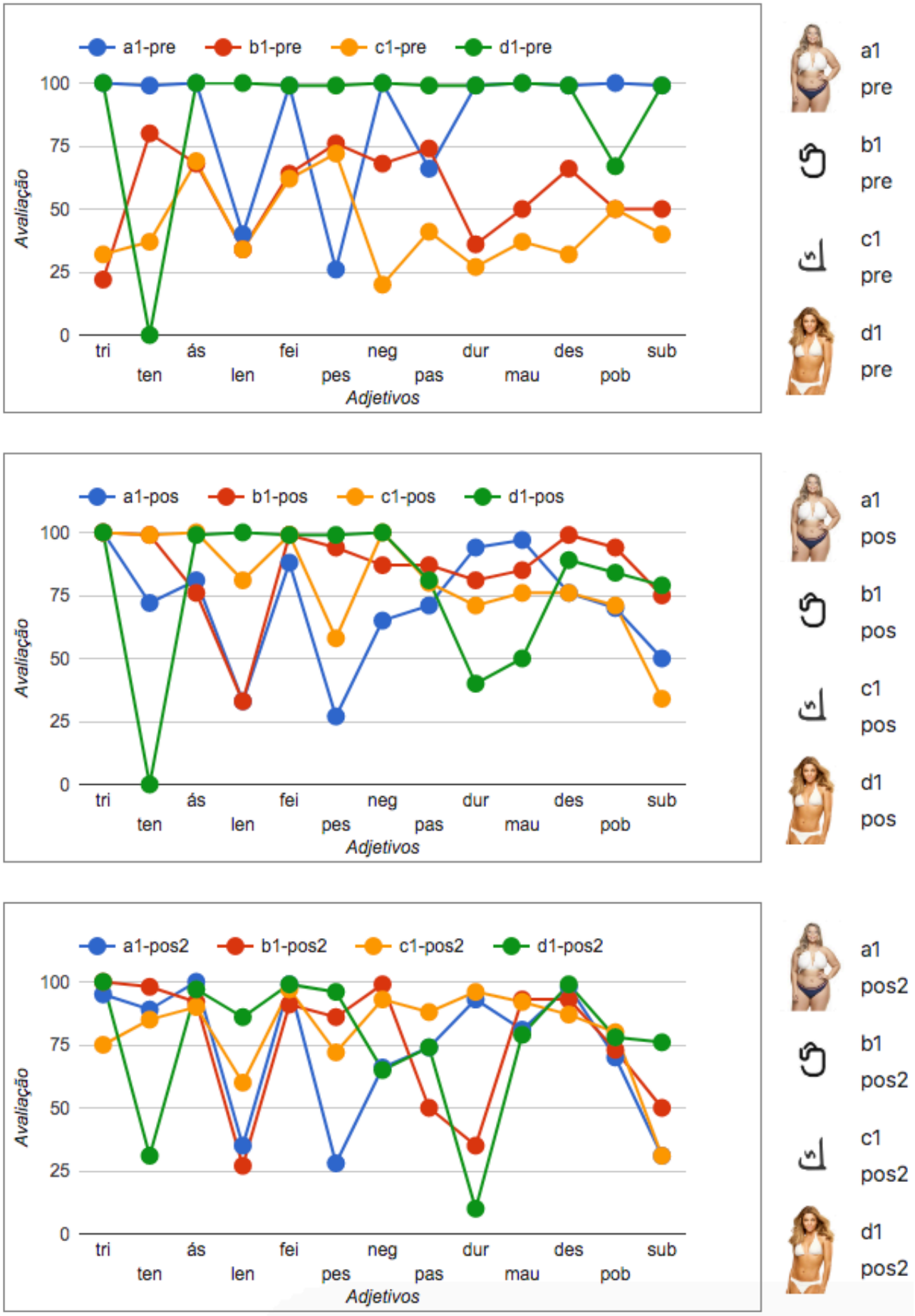
Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	100	71	80	76	73	75	77	75	57	85	80	80
a2	71	100	54	79	71	69	70	70	80	66	68	68
a3	80	54	100	60	66	77	69	67	46	80	73	74
b1	76	79	60	100	81	78	80	79	73	78	82	81
b2	73	71	66	81	100	82	87	89	64	78	82	86
b3	75	69	77	78	82	100	82	85	66	81	82	86
c1	77	70	69	80	87	82	100	86	58	76	78	82
c2	75	70	67	79	89	85	86	100	68	84	86	88
c3	57	80	46	73	64	66	58	68	100	63	68	69
d1	85	66	80	78	78	81	76	84	63	100	89	89
d2	80	68	73	82	82	82	78	86	68	89	100	94
d3	80	68	74	81	86	86	82	88	69	89	94	100

Participante 3

A Figura 35 traz os resultados obtidos pela Participante 3 nas avaliações dos estímulos A1, B1, C1 e D1 nas etapas Pré-Teste, Pós-Teste 1 e Pós-Teste 2. Observa-se que as avaliações dos estímulos A1 e D1 foram bem elevadas nas três fases, sem muita variação. Enquanto isso, o estímulo B1 foi avaliado em todas as fases de maneira negativa e o C1, avaliado de maneira variada.

O fato do estímulo A1 ter sido avaliado de maneira positiva para esta participante é muito importante. A pesquisa teve o intuito de investigar a atitude negativa direcionada a corpos gordos e o objetivo de reduzi-la ao emparelhar estes corpos com corpos magros, que tendem a receber atitudes positivas. No entanto, por conta do fato de esta participante já avaliar o corpo gordo de maneira positiva, não haveria a necessidade deste procedimento, além de que ele provavelmente não funcionaria, já que ambos os estímulos com significado social, A1 e D1, foram avaliados positivamente por ela.

Figura 35. Avaliação dos estímulos a1, b1, c1 e d1 pelo Participante 3 no Pré-Teste, Pós-Teste 1 e Pós-Teste 2.



A Figura 36 traz os resultados obtidos pela Participante 3 nas avaliações dos

estímulos A2, B2, C2 e D2 nas etapas Pré-Teste, Pós-Teste 1 e Pós-Teste 2. Já os estímulos A2, B2, C2 e D2 foram avaliados de maneira diferente por esta participante. O estímulo A2 (corpo do homem gordo) foi avaliado de maneira bem negativa, enquanto o estímulo D2 (Zac Efron) foi avaliado positivamente. Já os estímulos neutros B2 e C2 foram avaliados, inicialmente, de maneira variada, porém de maneira muito semelhante ao estímulo A2 após o primeiro processo de emparelhamento. O segundo emparelhamento não surtiu tanto efeito, considerando que as avaliações continuam baixas.

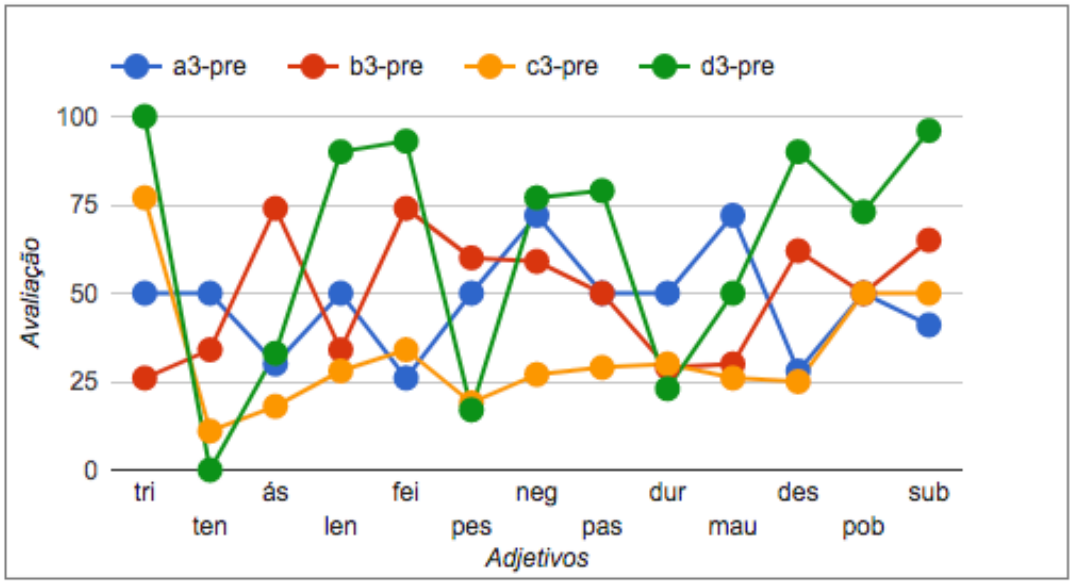
Este dado permite que haja a análise de que houve a transferência de função entre os estímulos abstratos e o estímulo com significado social avaliado negativo por ela. No entanto, sua atitude em relação ao corpo do homem obeso era tão forte que não permitiu que houvesse mudanças positivas, mesmo após o emparelhamento com o estímulo avaliado positivamente.

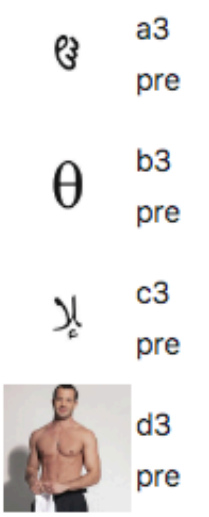
Figura 36. Avaliação dos estímulos a2, b2, c2 e d2 pelo Participante 3 no Pré-Teste, Pós-Teste 1 e Pós-Teste 2.

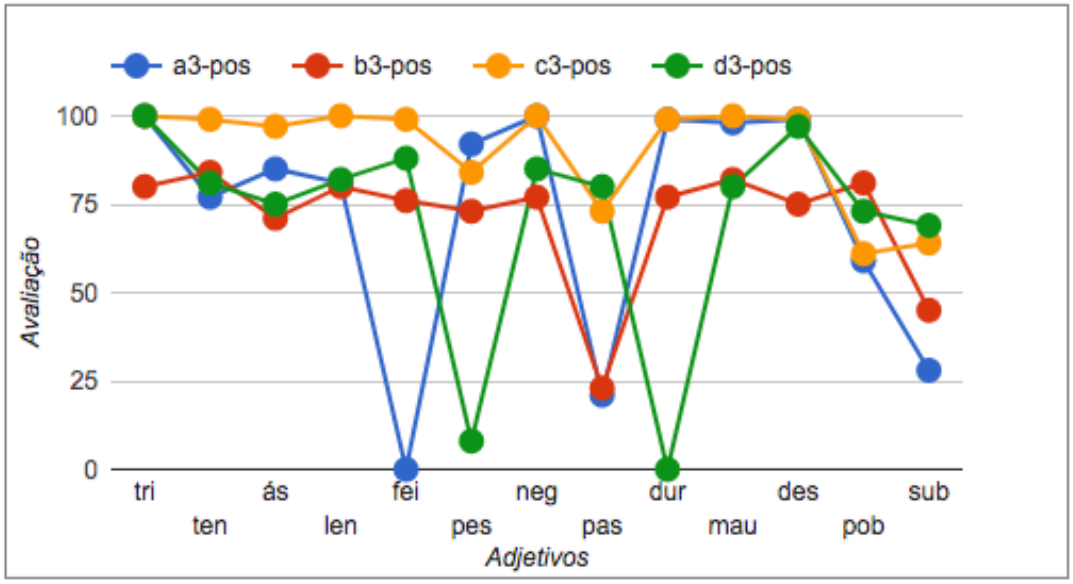
Os dados referentes a esse figura foram perdidos, por isso não são apresentados aqui.

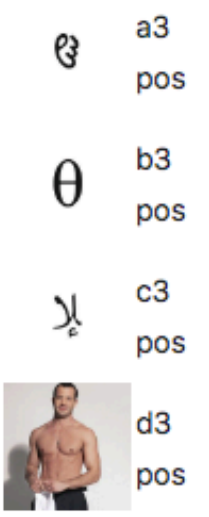
Por fim, em relação aos estímulos do Conjunto 3, as avaliações da participante já foram elevadas em relação a todos os estímulos no Pré-Teste, o que nos impossibilita de afirmar que houve transferência de função do estímulo D3 (corpo do homem magro) aos outros estímulos.

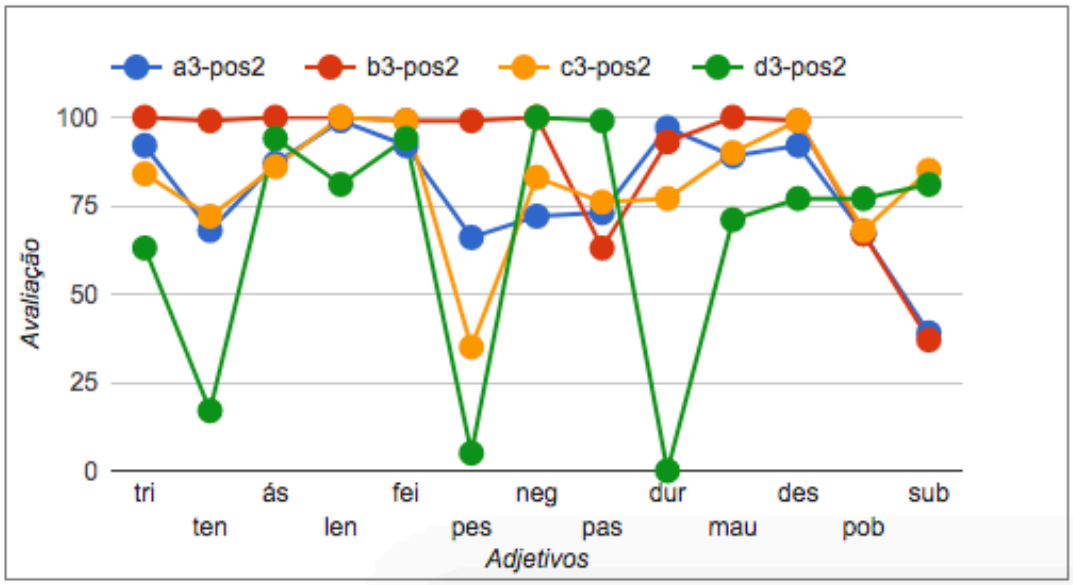
Figura 37. Avaliação dos estímulos a3, b3, c3 e d3 pelo Participante 3 no Pré-Teste, Pós-Teste 1 e Pós-Teste 2.

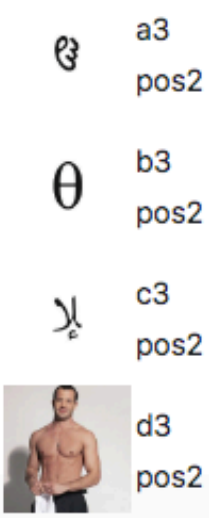

a3-pre
b3-pre
c3-pre
d3-pre
100
75
50
25
0
Avaliação
tri ás fei neg dur des sub
ten len pes pas mau pob
Adjetivos


a3 pre
b3 pre
c3 pre
d3 pre


a3-pos
b3-pos
c3-pos
d3-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri ás fei neg dur des sub
ten len pes pas mau pob
Adjetivos


a3 pos
b3 pos
c3 pos
d3 pos


a3-pos2
b3-pos2
c3-pos2
d3-pos2
100
75
50
25
0
Avaliação
tri ás fei neg dur des sub
ten len pes pas mau pob
Adjetivos


a3 pos2
b3 pos2
c3 pos2
d3 pos2

Em relação aos estímulos A1 e D1 (com significado social), a participante avaliou ambos os estímulos de maneira elevada e realizou pouca variação após os emparelhamentos. Este dado é interessante pois, como já foi dito anteriormente, não é possível afirmar que houve transferência de função de um estímulo ao outro, considerando que suas avaliações já eram muito semelhantes desde o início.

Figura 38. Avaliação dos estímulos a1 e d1 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste.

Os dados referentes a esse figura foram perdidos, por isso não são apresentados aqui.

Em relação aos estímulos neutros B1 e C1, os dados foram muito importantes. Observa-se que o primeiro estímulo havia sido avaliado de maneira variada, porém mais baixa. Após o primeiro emparelhamento, com o estímulo A1 (corpo da mulher gorda), sua avaliação foi elevada, pois o estímulo A1, com significado social, havia sido avaliado de maneira positiva. Já após o segundo emparelhamento, sua avaliação foi ainda mais elevada, ao ser relacionado com o estímulo D1 (corpo da mulher magra), que também havia sido avaliado de maneira positiva.

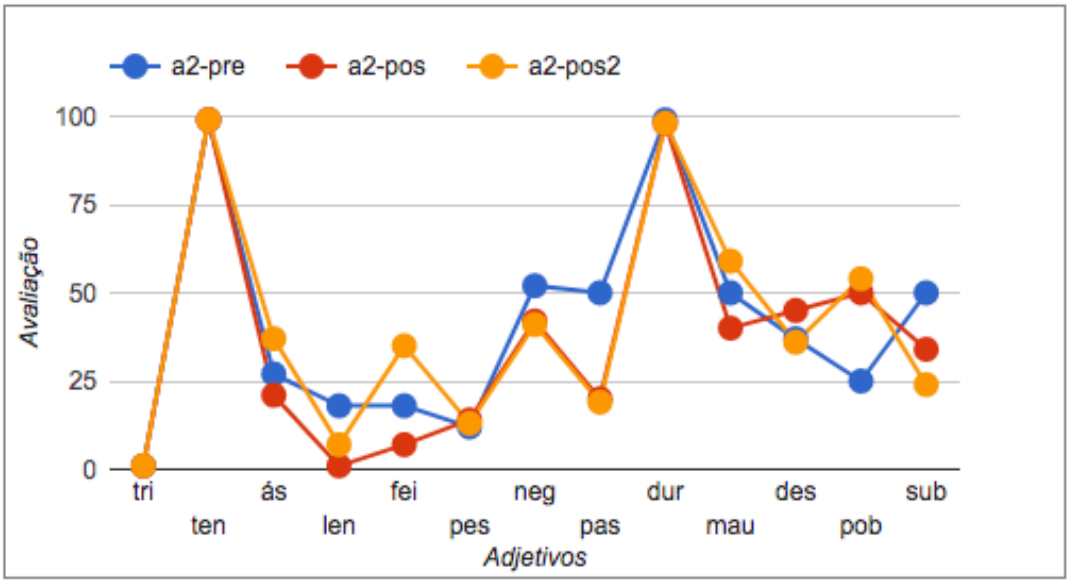
Em relação ao estímulo C1, estes dados ocorreram igualmente. Sua avaliação foi elevada cada vez mais, após cada emparelhamento com os estímulos que haviam sido avaliados de maneira positiva desde o início.

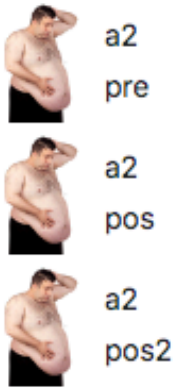
Figura 39. Avaliação dos estímulos b1 e c1 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste.

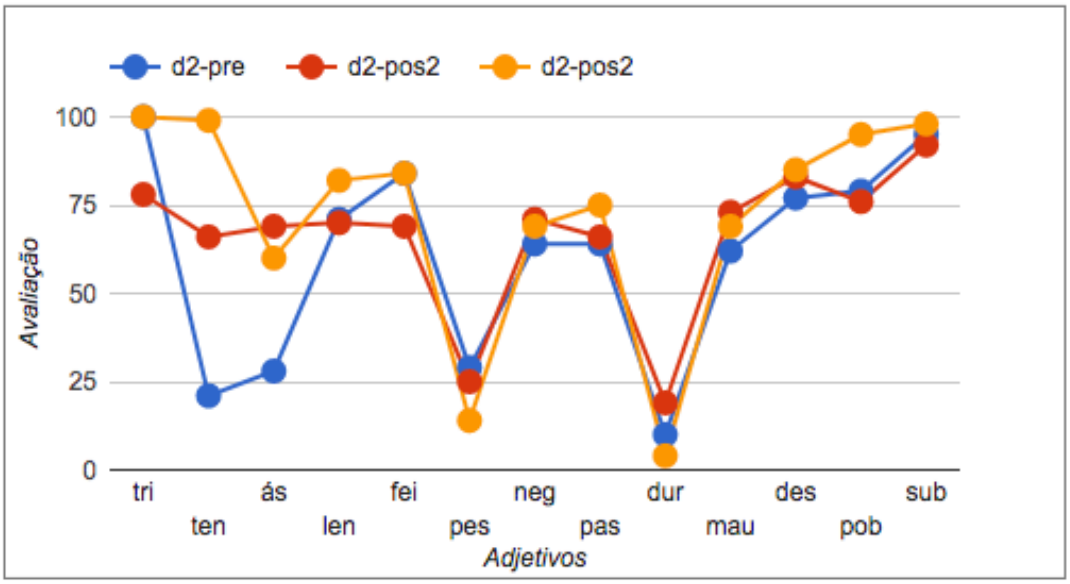
Os dados referentes a esse figura foram perdidos, por isso não são apresentados aqui.

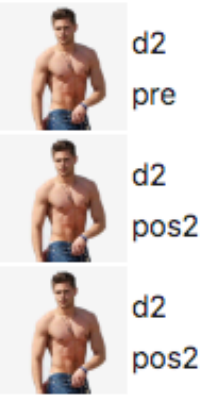
Os estímulos A2 e D2 tiveram suas avaliações bem variadas, sendo o primeiro avaliado de maneira mais negativa e o segundo, positiva. As duas avaliações não sofreram variações significativas ao longo do experimento.

Figura 40. Avaliação dos estímulos a2 e d2 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



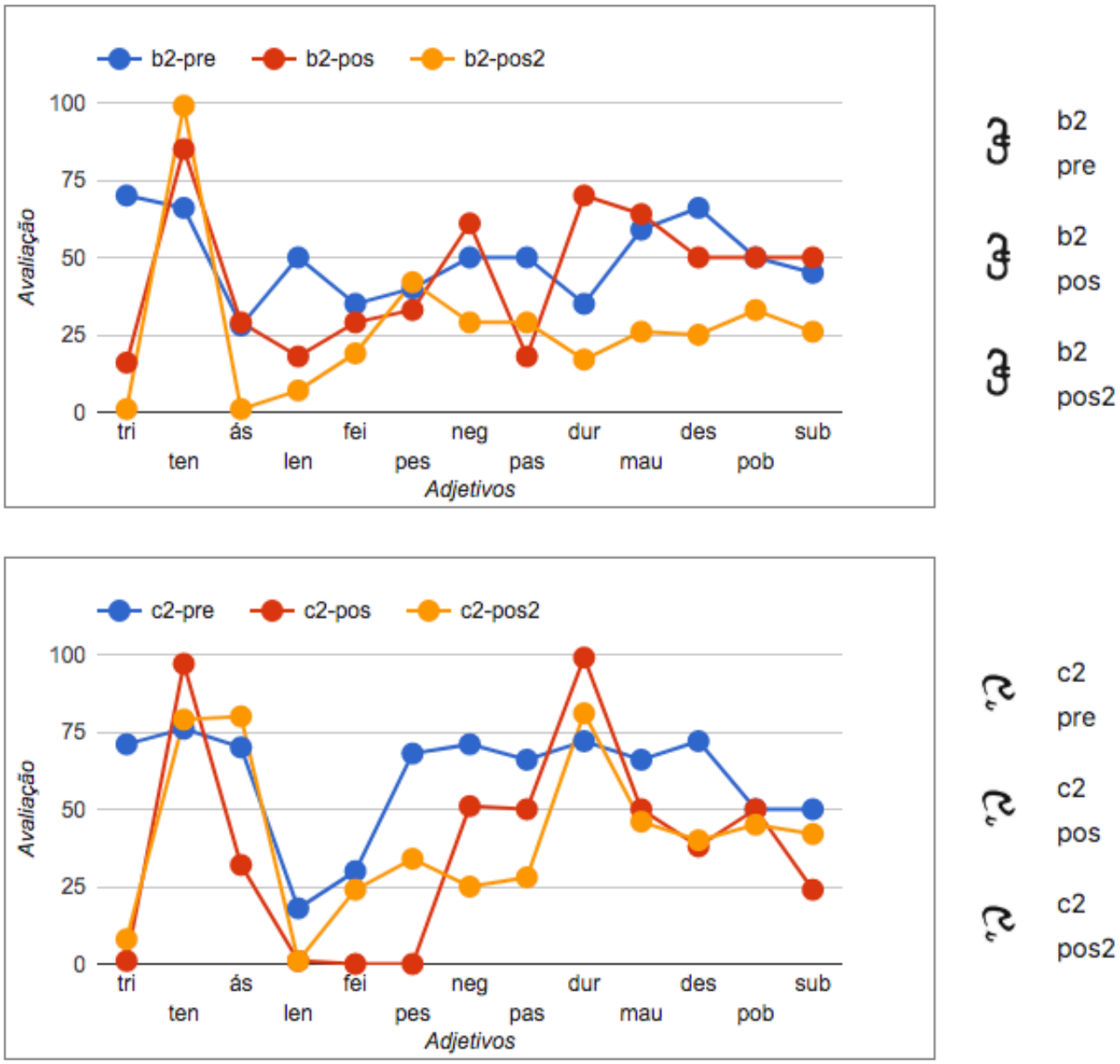






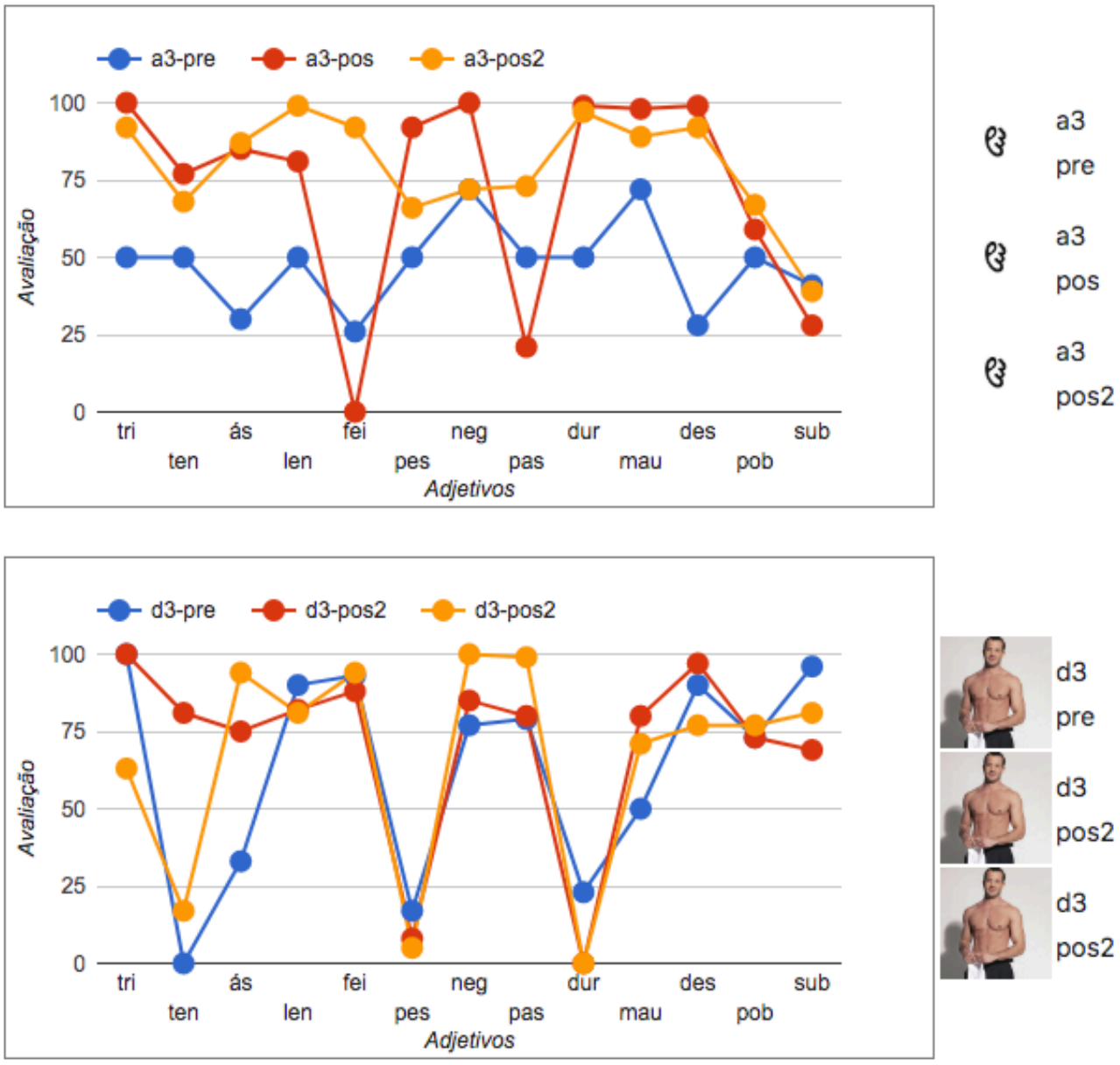
Os estímulos abstratos B2 e C2 foram avaliados de maneira variadas e ambos tiveram suas avaliações reduzidas após primeiro emparelhamento e mais reduzidas ainda após o segundo emparelhamento. É interessante avaliar que, apesar de o estímulo D2 (figura do corpo do homem magro) ter sido avaliada de maneira positiva, a atitude da participante em relação ao estímulo A2 (corpo do homem gordo) era mais forte e prevaleceu nos processos de emparelhamento de estímulos.

Figura 41. Avaliação dos estímulos b2 e c2 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



Os estímulos de significado social do Conjunto 3 foram avaliados diferentemente. O primeiro estímulo sofreu diversas variações de avaliação, tendo sido avaliado, inicialmente, muito baixo, porém com consideráveis elevações ao longo do experimento, principalmente após o emparelhamento com o estímulo D3. Já o estímulo D3 foi avaliado de forma majoritariamente positiva nas três etapas.

Figura 42. Avaliação dos estímulos a3 e d3 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



Em relação aos estímulos abstratos B3 e C3, observa-se que ambos sofreram alterações significativas ao longo do experimento, tendo tido suas avaliações muito elevadas após o emparelhamento com o estímulo D3 (de significado social positivo).

Figura 43. Avaliação dos estímulos b3 e c3 pelo Participante 3 no Pré-Teste e no Pós-Teste.

As figuras abaixo apresentam o grau de equivalência entre os estímulos nas três etapas do experimento. Observa-se, na primeira tabela, que os estímulos A1 e C1, por exemplo, possuíam equivalência de 49%, antes de qualquer processo de emparelhamento. Além disso, os estímulos A1 (corpo da mulher

obesa) e D1 (corpo da mulher magra) tinham, inicialmente, equivalência de 77%.

Figura 44. Grau de equivalência da Participante 3 no Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	100	55	56	61	59	58	49	67	46	77	68	67
a2	55	100	76	72	76	68	68	74	71	37	55	51
a3	56	76	100	78	89	78	79	82	78	51	70	64
b1	61	72	78	100	82	88	84	86	67	55	68	65
b2	59	76	89	82	100	80	78	84	81	50	77	69
b3	58	68	78	88	80	100	88	78	75	55	73	68
c1	49	68	79	84	78	88	100	75	80	48	64	59
c2	67	74	82	86	84	78	75	100	70	59	67	62
c3	46	71	78	67	81	75	80	70	100	42	69	66
d1	77	37	51	55	50	55	48	59	42	100	66	73
d2	68	55	70	68	77	73	64	67	69	66	100	89
d3	67	51	64	65	69	68	59	62	66	73	89	100

Nesta figura, após o primeiro processo de emparelhamento, observa-se que os estímulos A1 e C1 passaram a ter equivalência de 81%, o que nos permite concluir que houve transferência de função entre estes estímulos.

Figura 45. Grau de equivalência da Participante 3 no Pós-Teste 1.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	100	60	73	81	70	80	81	62	79	66	80	80
a2	60	100	59	48	85	60	52	92	46	34	53	47
a3	73	59	100	71	63	80	75	58	81	64	64	67
b1	81	48	71	100	59	79	82	50	84	76	72	78
b2	70	85	63	59	100	72	61	82	54	46	66	58
b3	80	60	80	79	72	100	83	57	78	69	80	77
c1	81	52	75	82	61	83	100	53	87	78	75	81
c2	62	92	58	50	82	57	53	100	48	35	55	50
c3	79	46	81	84	54	78	87	48	100	78	69	77
d1	66	34	64	76	46	69	78	35	78	100	72	74
d2	80	53	64	72	66	80	75	55	69	72	100	86
d3	80	47	67	78	58	77	81	50	77	74	86	100

Figura 46. Grau de equivalência da Participante 3 nos Pré-Teste e Pós-Teste 1.

A tabela abaixo representa a equivalência entre os estímulos modelo no pré-teste e os emparelhados no pós-teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	83	50	69	85	56	71	80	51	84	69	75	75
a2	65	90	55	53	86	60	54	92	51	39	58	52
a3	69	71	65	60	83	72	66	74	57	57	73	63
b1	76	67	63	71	79	77	71	69	66	66	77	70
b2	74	72	65	62	83	74	67	73	59	60	79	69
b3	71	64	56	64	75	71	64	65	59	66	75	67
c1	64	67	56	57	73	69	59	66	52	58	68	58
c2	81	69	73	75	83	82	75	71	70	62	78	69
c3	62	72	51	47	75	60	50	67	42	52	65	56
d1	70	32	71	77	42	67	75	34	86	87	65	68
d2	75	50	55	66	64	71	69	52	62	74	87	80
d3	70	46	54	66	56	66	69	48	65	82	82	81

Pode-se observar que, após o emparelhamento entre os estímulos de significado social, os estímulos A1 e D1 passaram de 77% da primeira etapa para 75% na terceira, o que nos permite concluir que não houve transferência de função entre estes estímulos. No entanto, este não é um problema neste caso, considerando que a participante já havia avaliado de maneira positiva.

Figura 47. Grau de equivalência da Participante 3 no Pós-Teste 2.

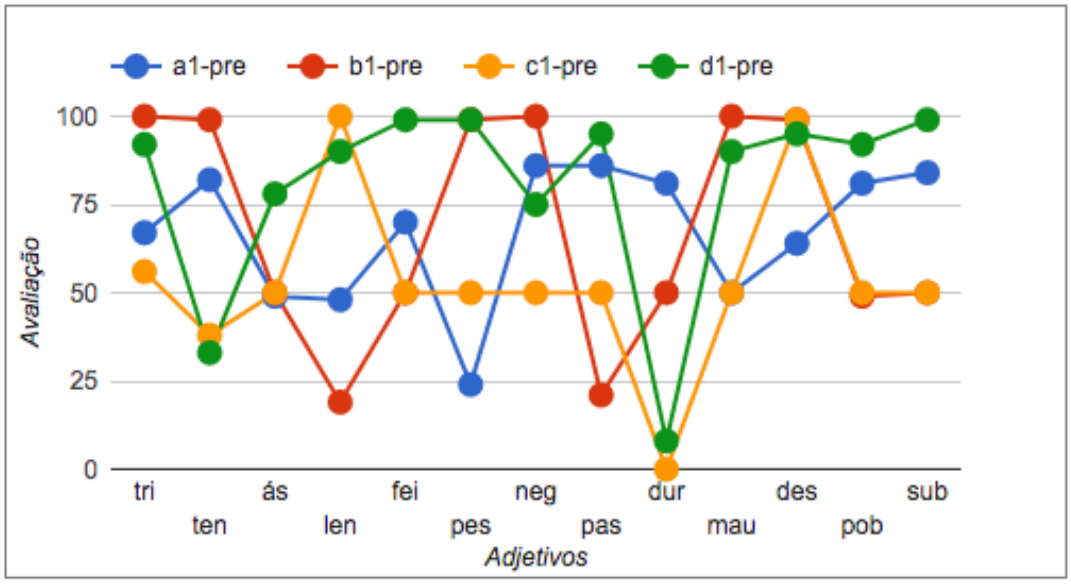
Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	100	64	86	81	50	83	86	65	83	75	74	67
a2	64	100	56	54	81	51	57	85	52	40	54	45
a3	86	56	100	79	43	88	88	59	89	80	73	69
b1	81	54	79	100	51	84	82	58	76	78	73	68
b2	50	81	43	51	100	38	45	80	41	40	49	40
b3	83	51	88	84	38	100	85	51	83	78	67	63
c1	86	57	88	82	45	85	100	59	83	74	69	71
c2	65	85	59	58	80	51	59	100	58	47	51	48
c3	83	52	89	76	41	83	83	58	100	80	78	76
d1	75	40	80	78	40	78	74	47	80	100	78	80
d2	74	54	73	73	49	67	69	51	78	78	100	79
d3	67	45	69	68	40	63	71	48	76	80	79	100

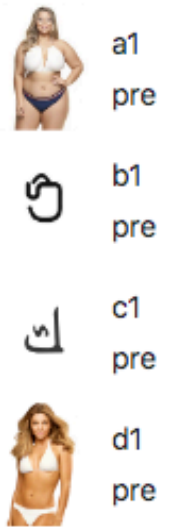
Participante 4

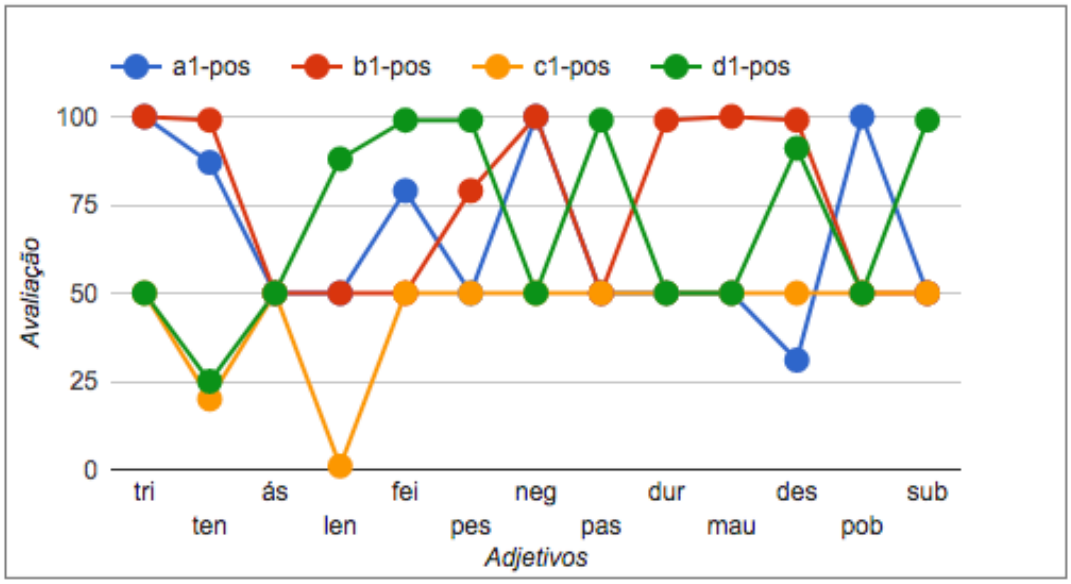
Na figura abaixo, observa-se que as avaliações da quarta participante em relação ao estímulo A1 foi bem variada nas três etapas, enquanto o estímulo D1 recebeu uma avaliação elevada nas três etapas. Já o primeiro estímulo abstrato B1 recebeu uma avaliação bem variada, inicialmente, e mais elevada após os dois emparelhamentos. O estímulo C1 recebeu uma avaliação variada, ini-

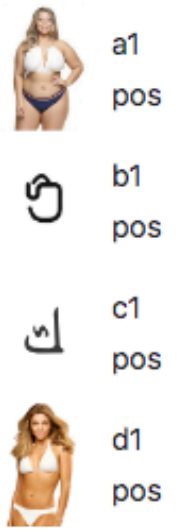
cialmente, neutralizada após o primeiro emparelhamento, e mais elevada após o segundo.

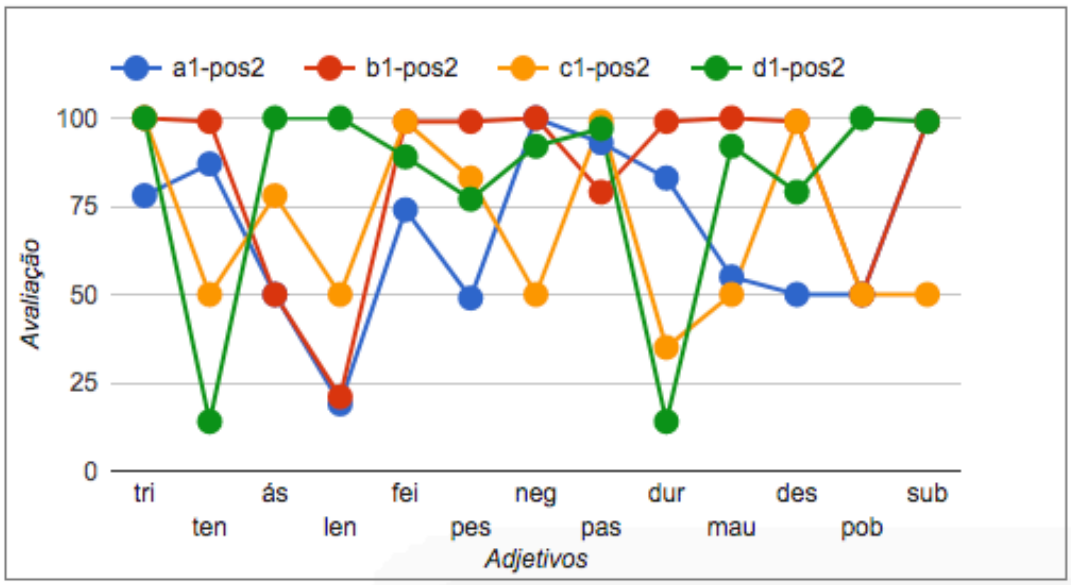
Figura 48. Avaliação dos estímulos a1, b1, c1 e d1 pelo Participante 4 no Pré-Teste, Pós-Teste 1 e Pós-Teste 2.

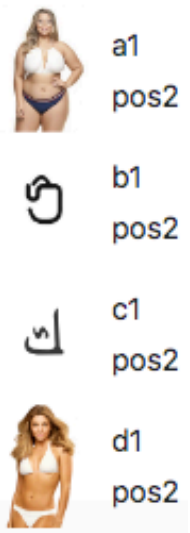

a1-pre
b1-pre
c1-pre
d1-pre
100
75
50
25
0
Avaliação
tri
ten
ás
len
fei
pes
neg
pas
dur
mau
des
pob
sub
Adjetivos


a1
pre
b1
pre
c1
pre
d1
pre


a1-pos
b1-pos
c1-pos
d1-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri
ten
ás
len
fei
pes
neg
pas
dur
mau
des
pob
sub
Adjetivos


a1
pos
b1
pos
c1
pos
d1
pos

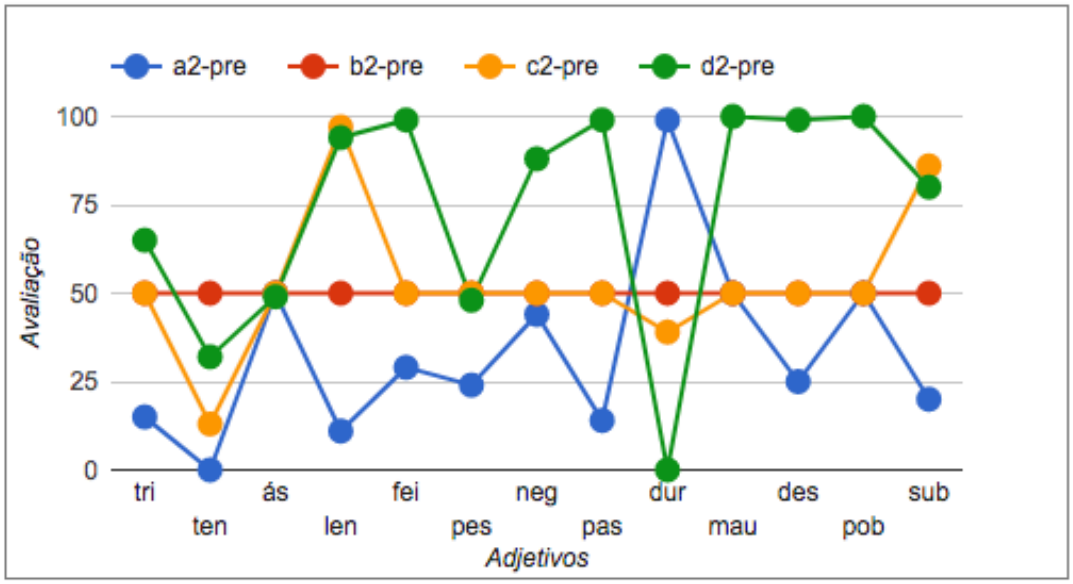

a1-pos2
b1-pos2
c1-pos2
d1-pos2
100
75
50
25
0
Avaliação
tri
ten
ás
len
fei
pes
neg
pas
dur
mau
des
pob
sub
Adjetivos

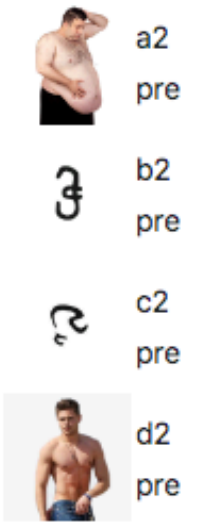

a1
pos2
b1
pos2
c1
pos2
d1
pos2

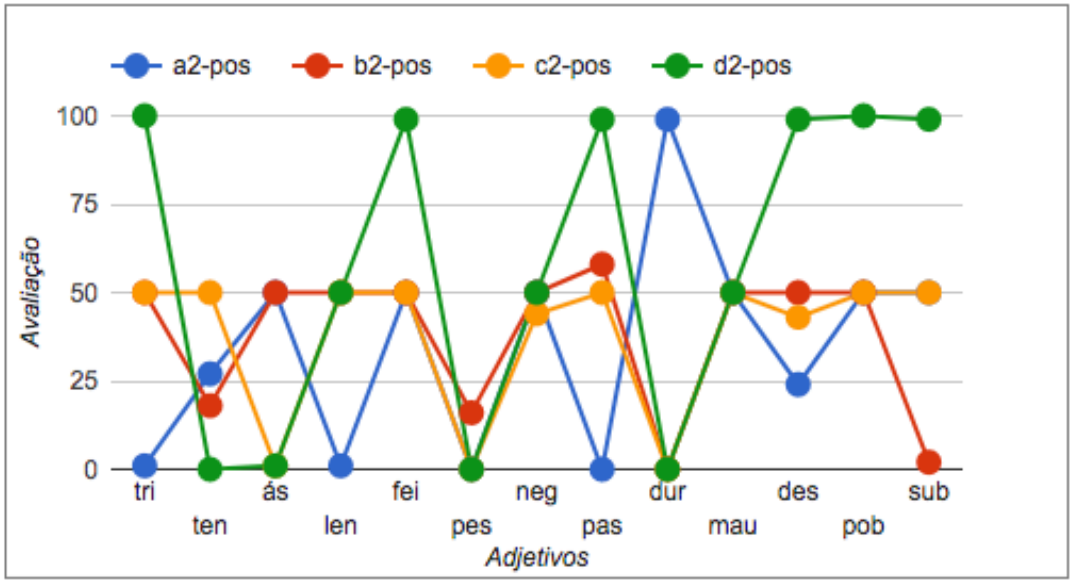
Em relação aos estímulos do Conjunto 2, o estímulo A2 foi avaliado de maneira extremamente negativa nas três etapas do experimento. Os estímulos abstratos B2 e C2 receberam avaliações neutras, inicialmente, muito reduzidas após o primeiro emparelhamento e mais variadas, após o segundo. Já o estímulo D2 recebeu avaliações variadas, porém majoritariamente positivas ao longo de todo o experimento.

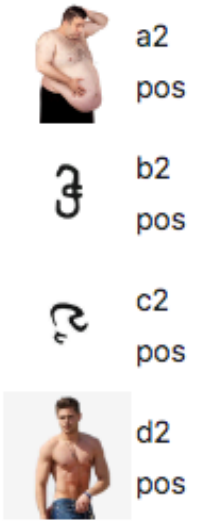
Novamente, os estímulos abstratos seguiram o padrão esperado, sendo reduzidos após o emparelhamento com o estímulo avaliado negativamente e elevados, após o emparelhamento com o estímulo avaliado positivamente.

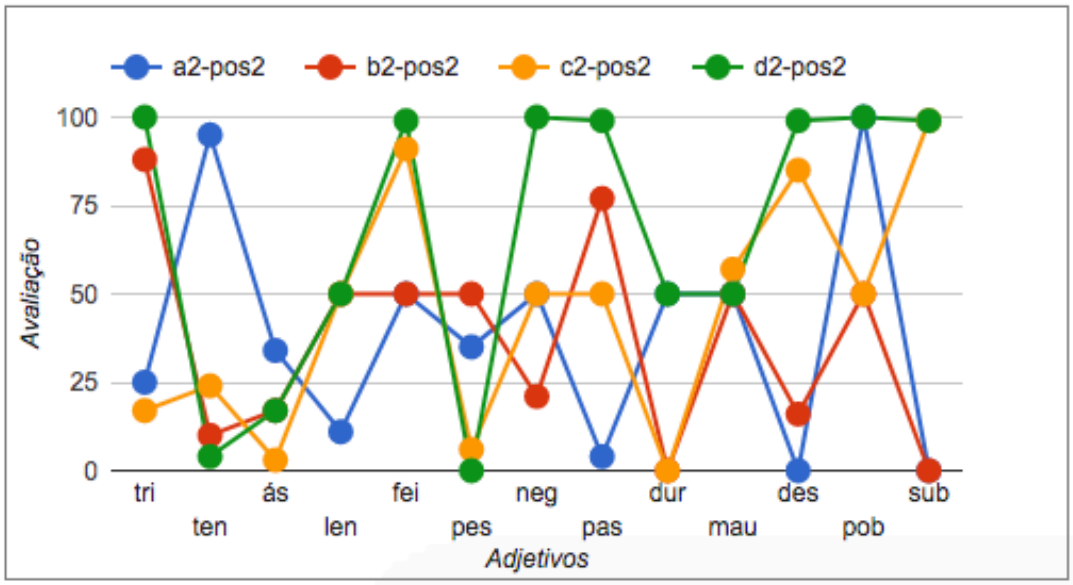
Figura 49. Avaliação dos estímulos a2, b2, c2 e d2 pelo Participante 4 no Pré-Teste, Pós-Teste 1 e Pós-Teste 2.

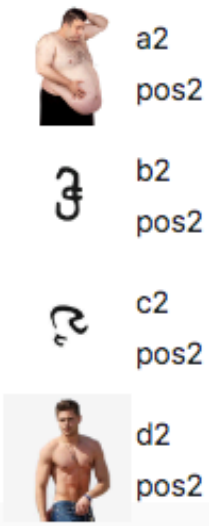

a2-pre
b2-pre
c2-pre
d2-pre
100
75
50
25
0
Avaliação
tri
ten
ás
len
fei
pes
neg
pas
dur
mau
des
pob
sub
Adjetivos


a2
pre
b2
pre
c2
pre
d2
pre


a2-pos
b2-pos
c2-pos
d2-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri
ten
ás
len
fei
pes
neg
pas
dur
mau
des
pob
sub
Adjetivos

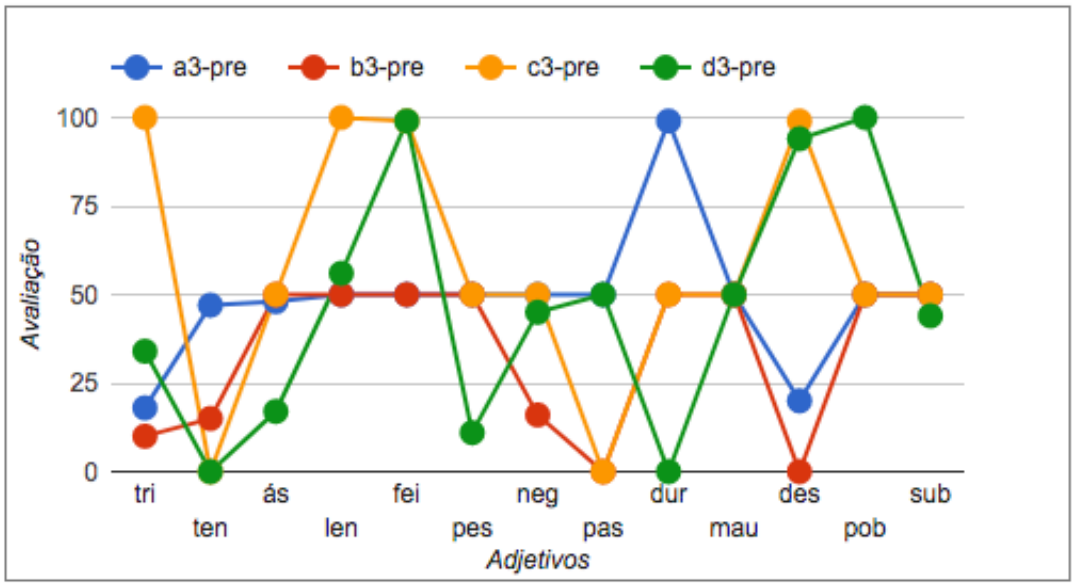

a2
pos
b2
pos
c2
pos
d2
pos

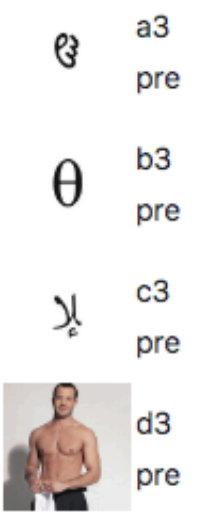

a2-pos2
b2-pos2
c2-pos2
d2-pos2
100
75
50
25
0
Avaliação
tri
ten
ás
len
fei
pes
neg
pas
dur
mau
des
pob
sub
Adjetivos

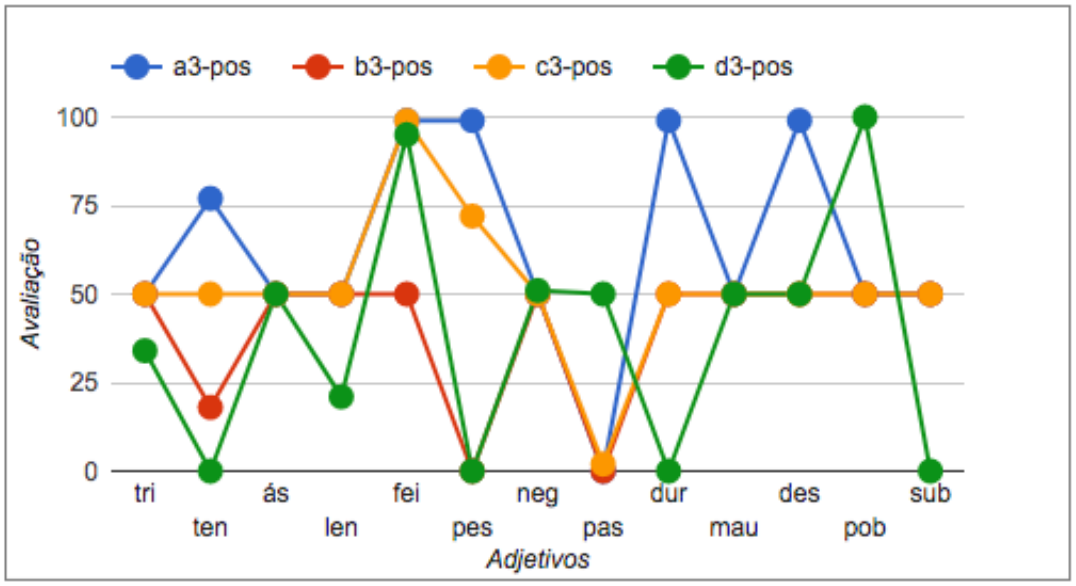

a2
pos2
b2
pos2
c2
pos2
d2
pos2

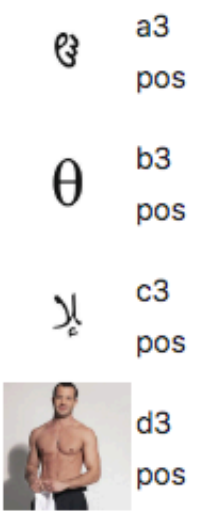
Por fim, no que diz respeito aos estímulos A3, B3, C3 e D3, a participante avaliou o primeiro de maneira mais neutra, inicialmente, e variada após os dois emparelhamentos. Os estímulos abstratos foram avaliados, a princípio, de forma variada, com pequena variação após o primeiro emparelhamento, porém com um aumento significativo após o segundo emparelhamento, com o estímulo D3, de significado social.

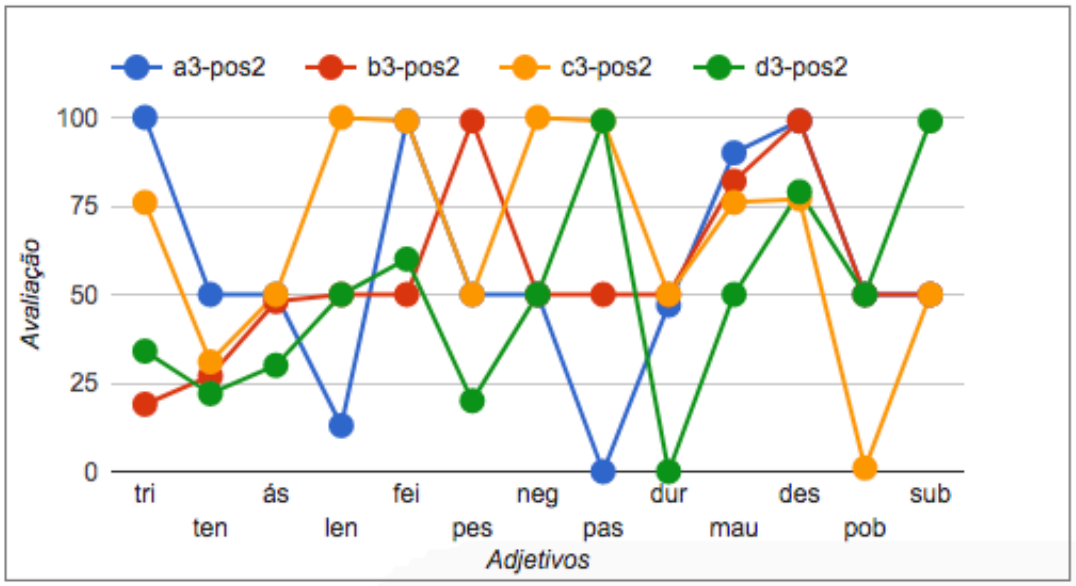
Figura 50. Avaliação dos estímulos a3, b3, c3 e d3 pelo Participante 4 no Pré-Teste, Pós-Teste 1 e Pós-Teste 2.

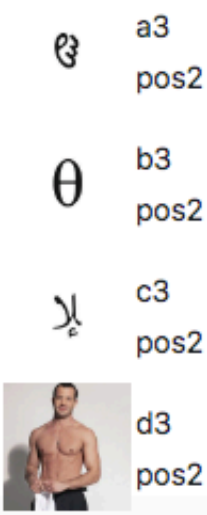

a3-pre
b3-pre
c3-pre
d3-pre
100
75
50
25
0
Avaliação
tri
ten
ás
len
fei
pes
neg
pas
dur
mau
des
pob
sub
Adjetivos


a3
pre
b3
pre
c3
pre
d3
pre


a3-pos
b3-pos
c3-pos
d3-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri
ten
ás
len
fei
pes
neg
pas
dur
mau
des
pob
sub
Adjetivos

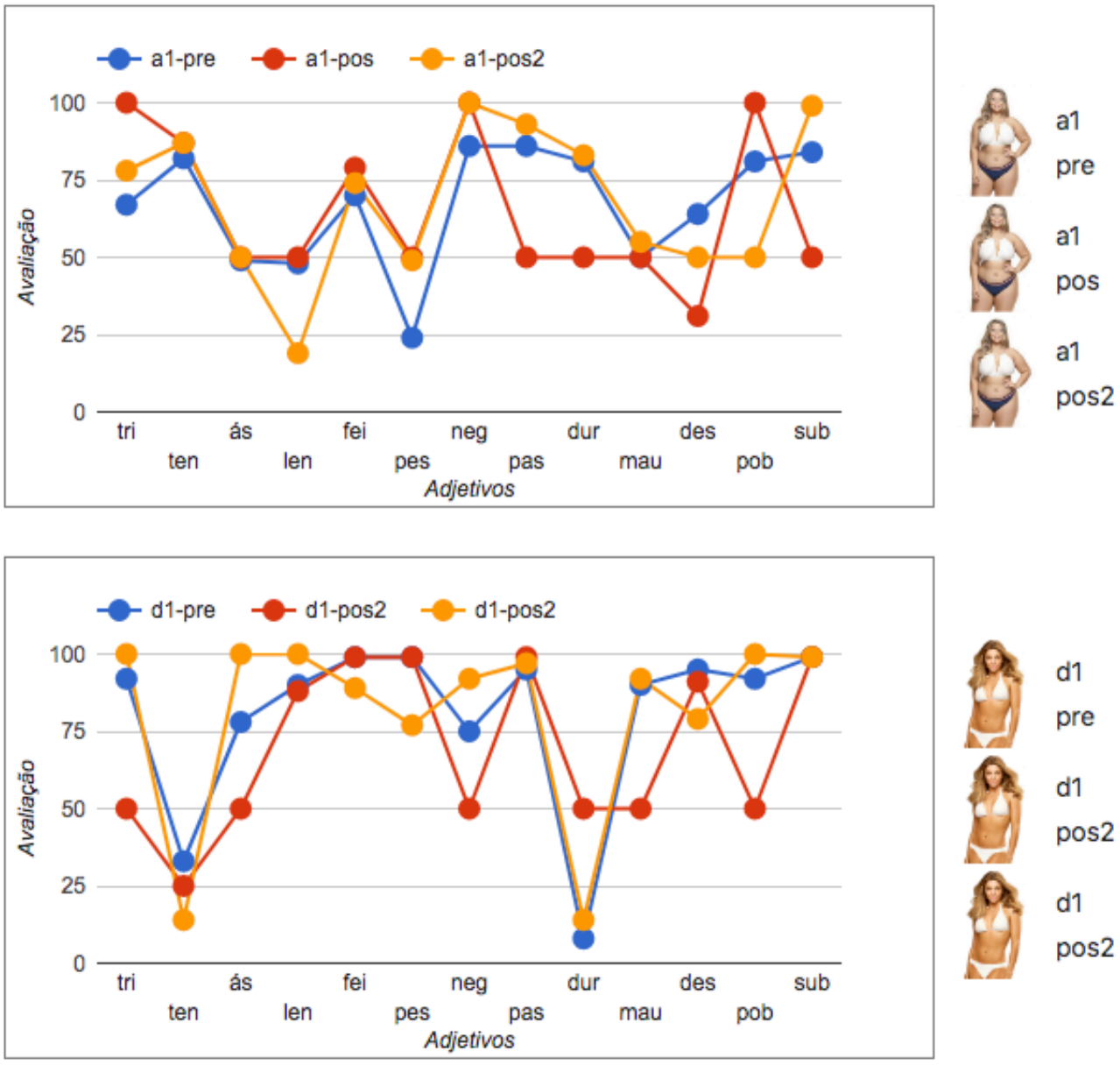

a3
pos
b3
pos
c3
pos
d3
pos


a3-pos2
b3-pos2
c3-pos2
d3-pos2
100
75
50
25
0
Avaliação
tri
ten
ás
len
fei
pes
neg
pas
dur
mau
des
pob
sub
Adjetivos


a3
pos2
b3
pos2
c3
pos2
d3
pos2

A Figura abaixo apresenta os gráficos da Participante 4 em relação aos estímulos A1 e D1 nas três etapas do experimento. Como pode-se analisar, a avaliação da participante em relação ao estímulo A1 foi bem variada e não sofreu variações ao longo do experimento, da mesma forma que o estímulo D1. Não se vê nenhum aumento da avaliação, o que não quer dizer, no entanto, que não houve nenhuma Transferência de Atitude, já que a participante não teve uma avaliação negativa para o corpo da mulher gorda e fez uma avaliação muito semelhante para o corpo da mulher magra.

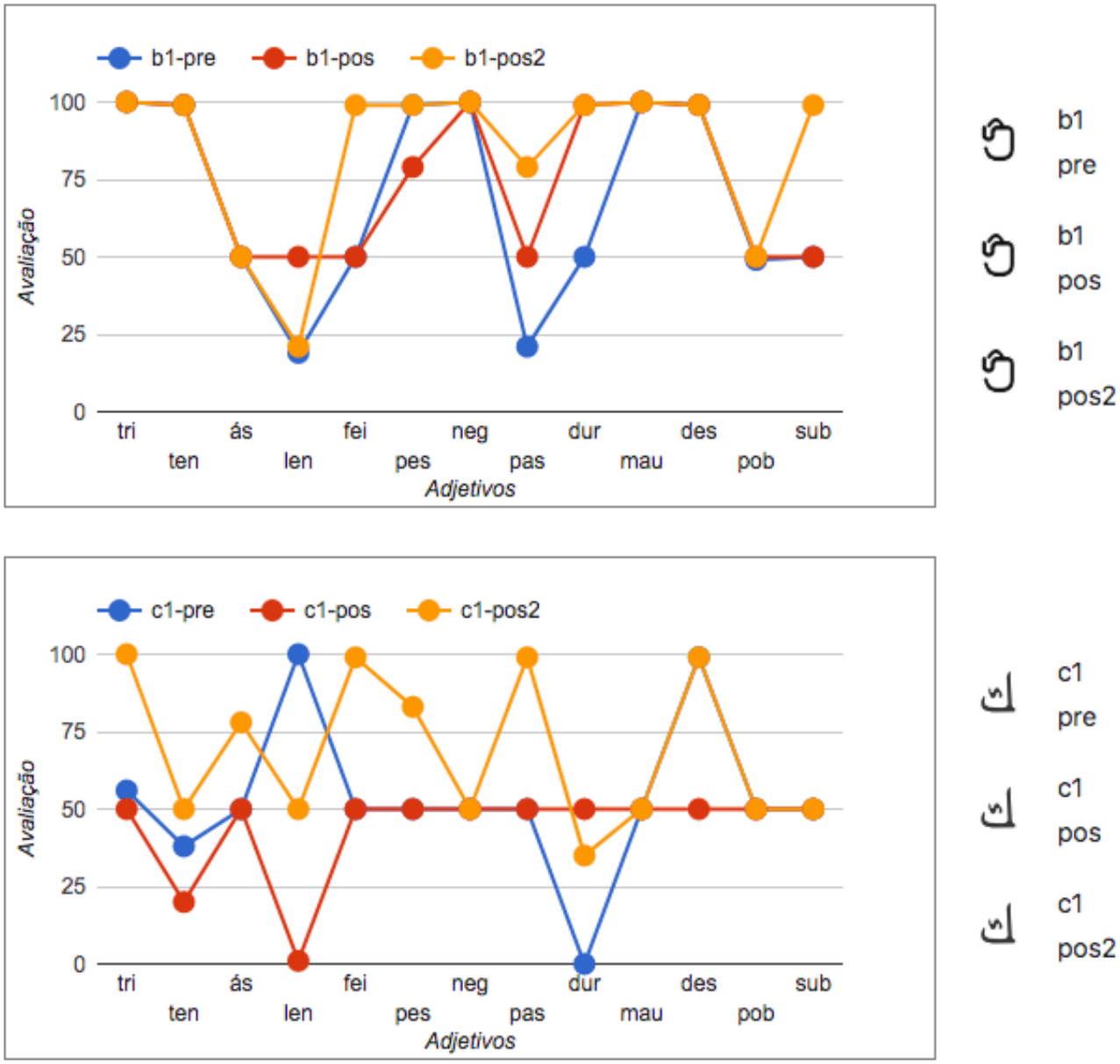
Figura 51. Avaliação dos estímulos a1 e d1 pelo Participante 4 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



A figura abaixo apresenta a avaliação da Participante 4 em relação aos estímulos abstratos, B1 e C1, nas três fases do experimento. Observa-se que ambos foram avaliados de maneira variada, inicialmente Já após o primeiro em-

parelhamento, o estímulo B1 teve avaliação elevada e o C1, bem reduzida, fato interessante, considerando que ambos foram emparelhados com o mesmo estímulo A1 (corpo da mulher gorda). E, após o segundo emparelhamento, tiveram suas avaliações muito elevadas, ao serem relacionadas com o estímulo D1 (corpo da mulher magra).

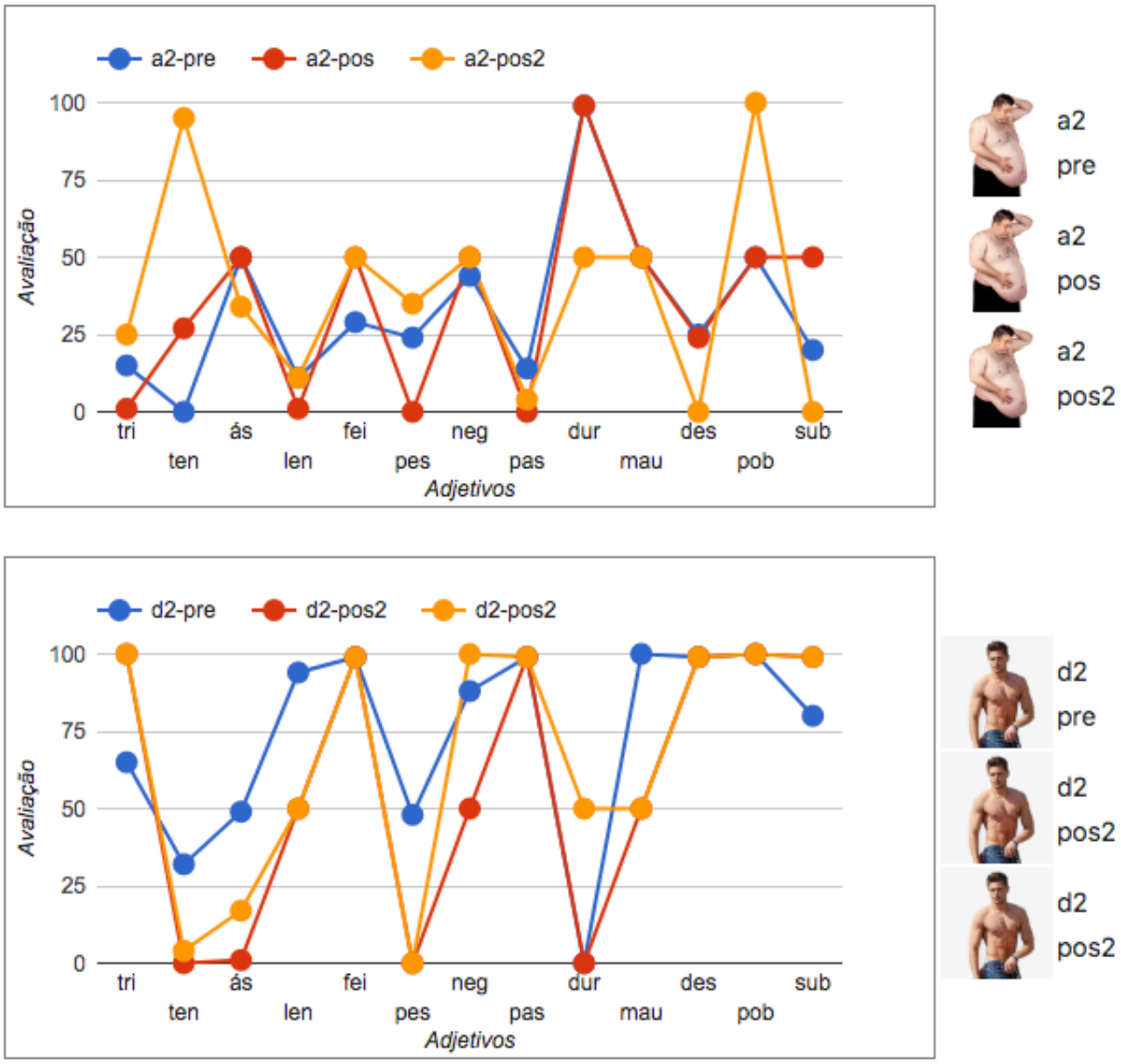
Figura 52. Avaliação dos estímulos b1 e c1 pelo Participante 4 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



A Figura abaixo traz as avaliações dos estímulos A2 e D2. Analisa-se que, inicialmente, a avaliação do estímulo A2 foi predominantemente baixa e que esta não sofreu alterações significativas ao longo das três etapas do experimento, fato que ocorreu de maneira muito semelhante para o estímulo D2.

Não parece ter havido Transferência de Atitude do estímulo D2 ao A2, considerando que o segundo teve uma avaliação bem positiva, ao longo de todo o experimento, e o segundo, uma avaliação bem negativa, nas três fases. Pode-se concluir que a atitude da participante em relação ao corpo do homem gordo era tão forte que não permitiu mudanças a partir da Transferência de Atitude.

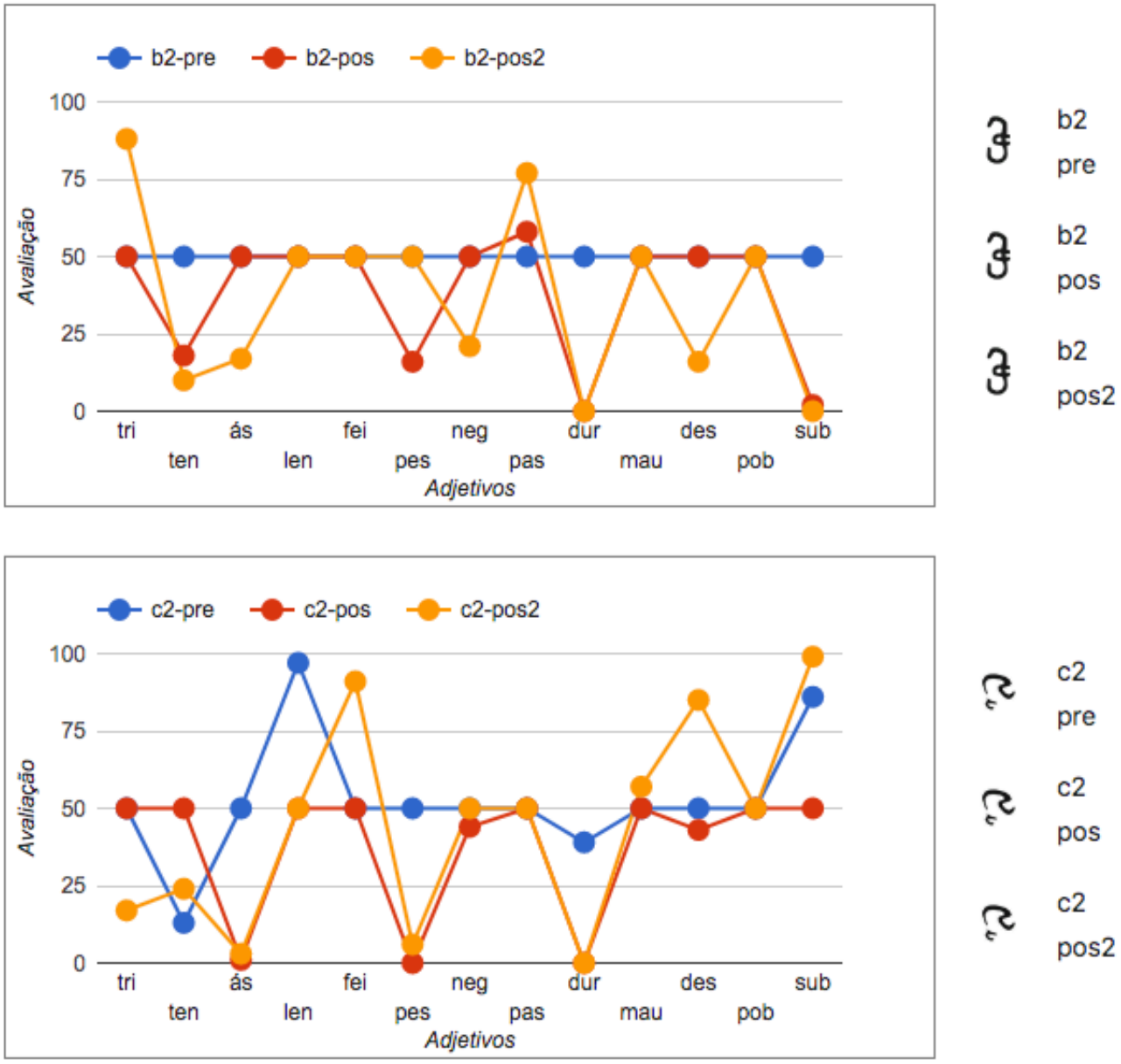
Figura 53. Avaliação dos estímulos a2 e d2 pelo Participante 5 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



A Figura abaixo apresenta as avaliações da Participante 4 em relação aos estímulos B2 e C2 nas fases Pré-Teste, Pós-Teste 1 e Pós-Teste 2. A princípio, a avaliação do estímulo A2 foi completamente neutra, porém um pouco reduzida após o primeiro emparelhamento e mais reduzida, após o segundo. Já o estímulo C2 teve uma avaliação mais neutra, inicialmente, porém reduzida

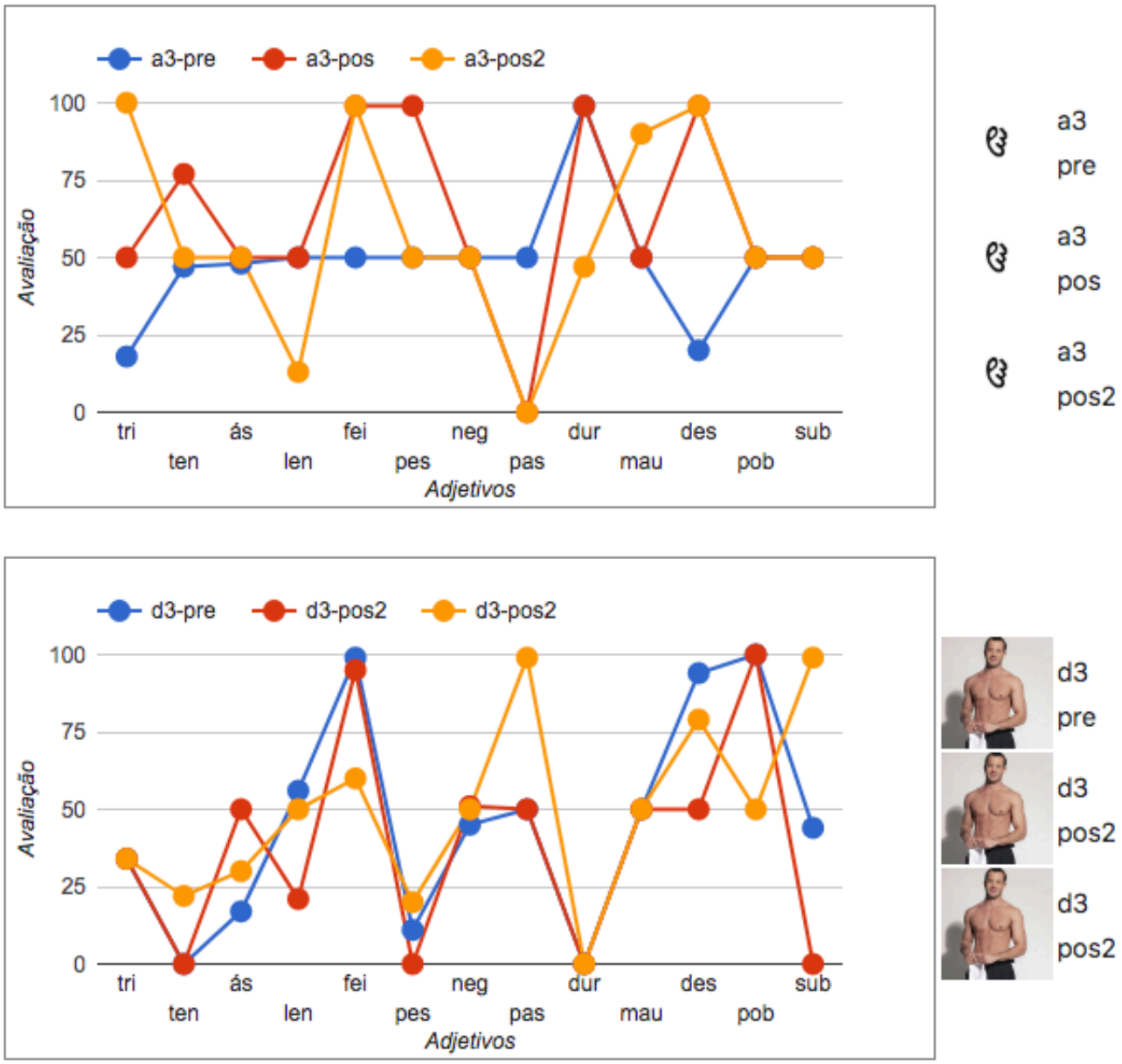
após o primeiro emparelhamento e mais variada, após o segundo. Claramente ocorreu uma Transferência de Atitude do estímulo A2 (corpo do homem gordo) aos demais estímulos no primeiro emparelhamento, porém pouca mudança após o emparelhamento com o corpo magro.

Figura 54. Avaliação dos estímulos b2 e c2 pelo Participante 5 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



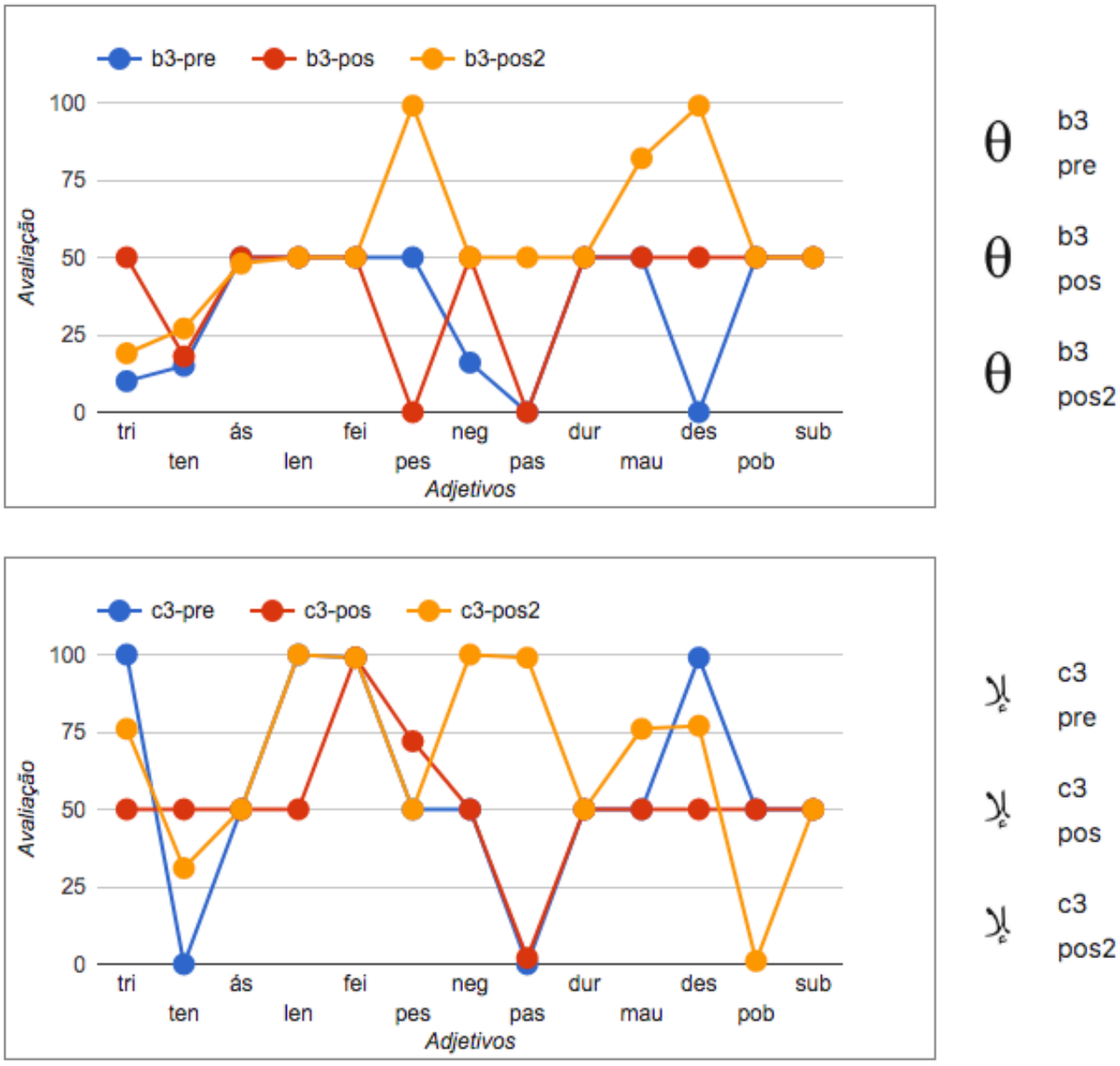
A figura abaixo apresenta as avaliações da participante 4 em relação aos estímulos A3 e D3 nas três fases do experimento. Observa-se que o estímulo A3 foi sempre avaliado de maneira positiva, apesar de ter recebido uma avaliação mais positiva ainda após o emparelhamento com o estímulo D3. Já o estímulo D3 recebeu três avaliações praticamente idênticas nas três fases do experimento, todas muito altas.

Figura 55. Avaliação dos estímulos a3 e d3 pelo Participante 5 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



A figura abaixo diz respeito às avaliações da participante 4 em relação aos estímulos B3 e C3 nas três fases. Observa-se que a avaliação do estímulo B3 começou mais elevada e foi um pouco reduzida ao longo do experimento. Já o estímulo C3 teve sua avaliação reduzida ao longo do experimento, o que é um dado curioso, considerando que o estímulo D3, com o qual estes estímulos abstratos foram igualados, não foi avaliado de forma negativa.

Figura 56. Avaliação dos estímulos b3 e c3 pelo Participante 4 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



Em relação aos estímulos A1, B1, C1 e D1 nas três etapas do experimento, observa-se que a participante 4 avaliou o estímulo A1 de maneira variada, ao longo de todo o experimento. Já o estímulo B1 teve sua avaliação variada, inicialmente, elevada, após o primeiro emparelhamento, e mantida, após o segundo.

O segundo estímulo abstrato, C1, teve sua avaliação variada, inicialmente neutralizada, após o primeiro emparelhamento, e muito elevada após o segundo. Os dados deste estímulo foram perfeitos para a pesquisa, considerando que, após emparelhado com o estímulo avaliado mais negativamente (corpo da mulher obesa), sua avaliação foi reduzida e, após emparelhado com

o estímulo avaliado positivamente (corpo da mulher magra), sua avaliação foi bem elevada.

Em relação às tabelas a seguir, a primeira diz respeito aos graus de equivalência entre os estímulos na primeira etapa do experimento. Para compreender os números abaixo, observa-se os estímulos A1 e C1 que, inicialmente, possuíam equivalência de 49%, bem como os estímulos A1 (corpo da mulher obesa) e D1 (corpo da mulher magra), que possuíam equivalência de 77%.

Figura 57. Grau de equivalência da Participante 4 no Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	100	63	74	66	78	62	69	74	63	66	73	66
a2	63	100	83	57	76	81	65	71	66	39	44	65
a3	74	83	100	64	91	85	79	81	69	52	57	68
b1	66	57	64	100	72	61	68	62	69	64	62	52
b2	78	76	91	72	100	84	87	90	77	61	66	73
b3	62	81	85	61	84	100	73	79	74	47	52	66
c1	69	65	79	68	87	73	100	88	82	70	78	78
c2	74	71	81	62	90	79	88	100	80	66	72	71
c3	63	66	69	69	77	74	82	80	100	67	70	73
d1	66	39	52	64	61	47	70	66	67	100	86	65
d2	73	44	57	62	66	52	78	72	70	86	100	73
d3	66	65	68	52	73	66	78	71	73	65	73	100

Após o primeiro emparelhamento, os estímulos A1 e C1 passaram a ter equivalência de 81%, demonstrando clara transferência de função do estímulo com significado social ao estímulo abstrato.

Figura 58. Grau de equivalência da Participante 4 no Pós-Teste 1.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	100	62	70	78	69	72	76	71	77	63	64	68
a2	62	100	71	60	73	86	82	74	75	58	50	69
a3	70	71	100	78	66	77	73	67	88	77	56	60
b1	78	60	78	100	62	65	69	62	69	63	52	49
b2	69	73	66	62	100	87	85	87	78	69	68	86
b3	72	86	77	65	87	100	88	85	88	71	64	76
c1	76	82	73	69	85	88	100	81	85	75	60	77
c2	71	74	67	62	87	85	81	100	78	64	72	77
c3	77	75	88	69	78	88	85	78	100	79	60	72
d1	63	58	77	63	69	71	75	64	79	100	72	61
d2	64	50	56	52	68	64	60	72	60	72	100	73
d3	68	69	60	49	86	76	77	77	72	61	73	100

Figura 59. Grau de equivalência da Participante 4 nos Pré-Teste e Pós-Teste 1.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	81	65	72	73	70	72	73	70	72	71	68	65
a2	60	89	68	58	76	80	80	69	72	56	49	73
a3	76	85	78	74	78	81	85	80	82	68	54	68
b1	75	59	75	90	59	67	71	60	71	63	50	51
b2	82	77	79	75	87	90	94	88	91	77	62	74
b3	69	83	71	59	76	86	82	73	82	65	51	66
c1	70	66	74	71	83	79	83	82	78	78	67	70
c2	72	71	69	65	83	85	88	79	81	82	65	71
c3	71	66	79	67	69	80	76	65	83	78	69	65
d1	64	40	62	63	58	53	57	55	62	82	73	57
d2	68	46	60	64	65	59	62	61	64	77	76	65
d3	67	62	67	55	79	74	72	80	72	69	84	86

Já após o segundo emparelhamento, o grau de equivalência que esperávamos que fosse receber uma elevação, entre os estímulos A1 e D1 (para que houvesse redução da atitude negativa em relação ao corpo obeso), recebeu elevação de 9% e passou a ser de 75%.

Figura 60. Grau de equivalência da Participante 4 no Pós-Teste 2.

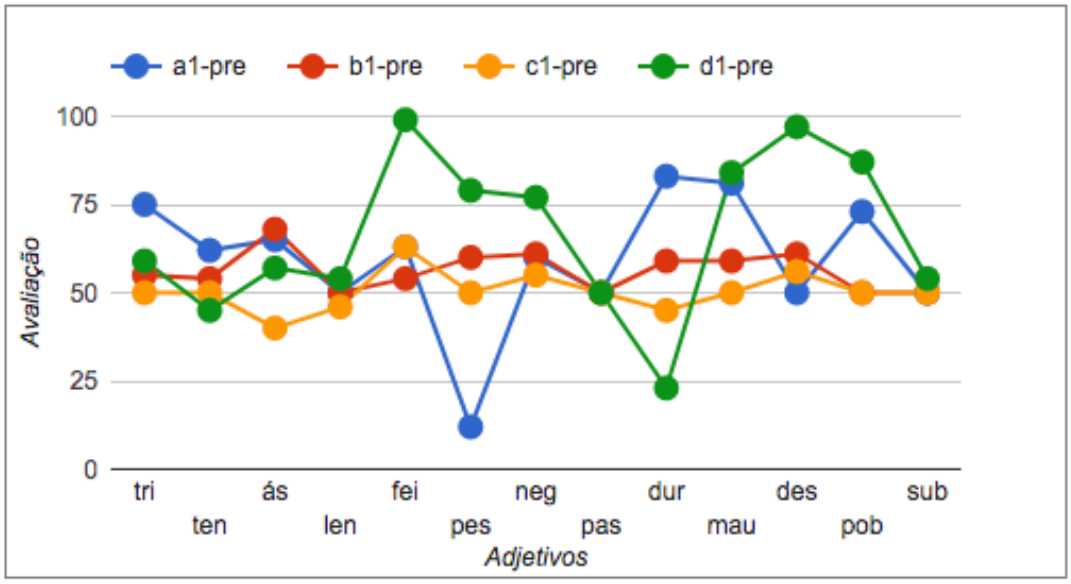
Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	100	62	69	82	62	63	70	63	73	64	70	71
a2	62	100	66	47	66	64	53	57	48	40	50	60
a3	69	66	100	73	62	77	81	66	72	61	65	63
b1	82	47	73	100	48	67	73	56	67	67	67	58
b2	62	66	62	48	100	66	68	68	61	56	62	74
b3	63	64	77	67	66	100	77	75	70	61	61	75
c1	70	53	81	73	68	77	100	67	76	73	73	73
c2	63	57	66	56	68	75	67	100	62	61	73	88
c3	73	48	72	67	61	70	76	62	100	74	71	68
d1	64	40	61	67	56	61	73	61	74	100	74	67
d2	70	50	65	67	62	61	73	73	71	74	100	75
d3	71	60	63	58	74	75	73	88	68	67	75	100

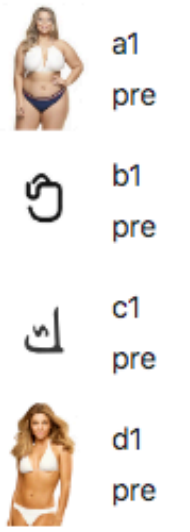
Participante 5

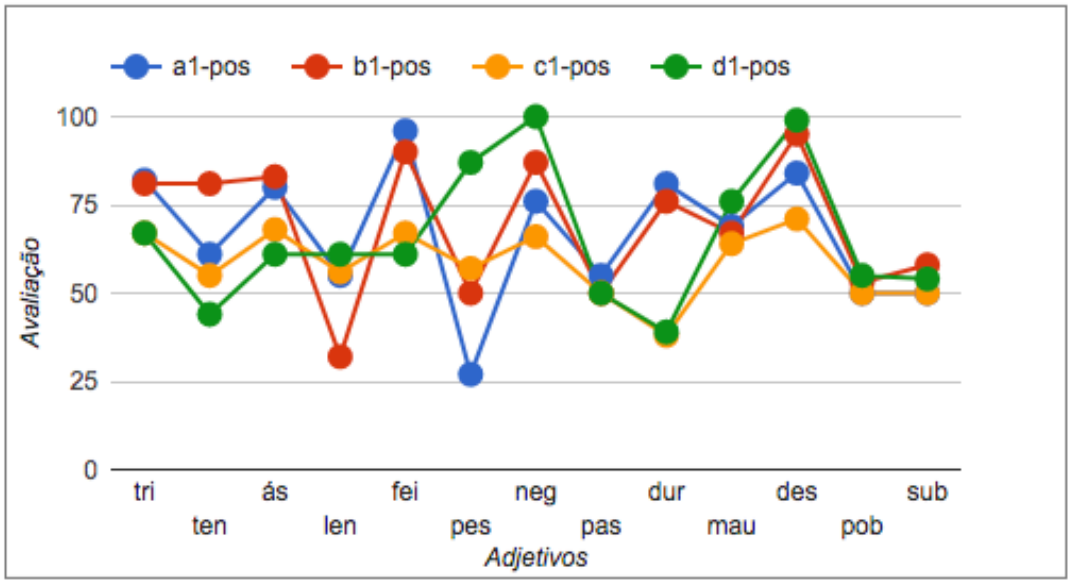
A figura abaixo apresenta as avaliações da quinta participante em relação aos estímulos A1, B1, C1 e D1 nas três etapas do experimento. Observa-se que a participante avaliou, inicialmente, o primeiro estímulo de maneira neutra para elevada, enquanto os dois estímulos abstratos foram avaliados de forma completamente neutra e o estímulo D1 recebeu avaliação bem elevada. Percebe-se que, após a primeira etapa de experimento, os quatro estímulos foram avaliados de maneira muito semelhante, com uma elevação da avaliação dos três primeiros.

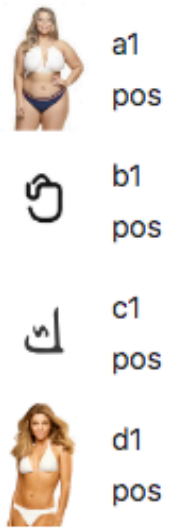
Por fim, depois do segundo emparelhamento, os quatro estímulos sofreram elevação na avaliação e ficaram com avaliações bem altas. Estes dados são interessantes pois observa-se que, apesar de o estímulo A1 ter recebido avaliações baixas, após o emparelhamento com o estímulo D1 (de significado social positiva para a participante), teve sua avaliação elevada, que era justamente o esperado na pesquisa, com o intuito de reduzir a atitude negativa do estímulo ao emparelhá-lo com outro que recebesse avaliação positiva.

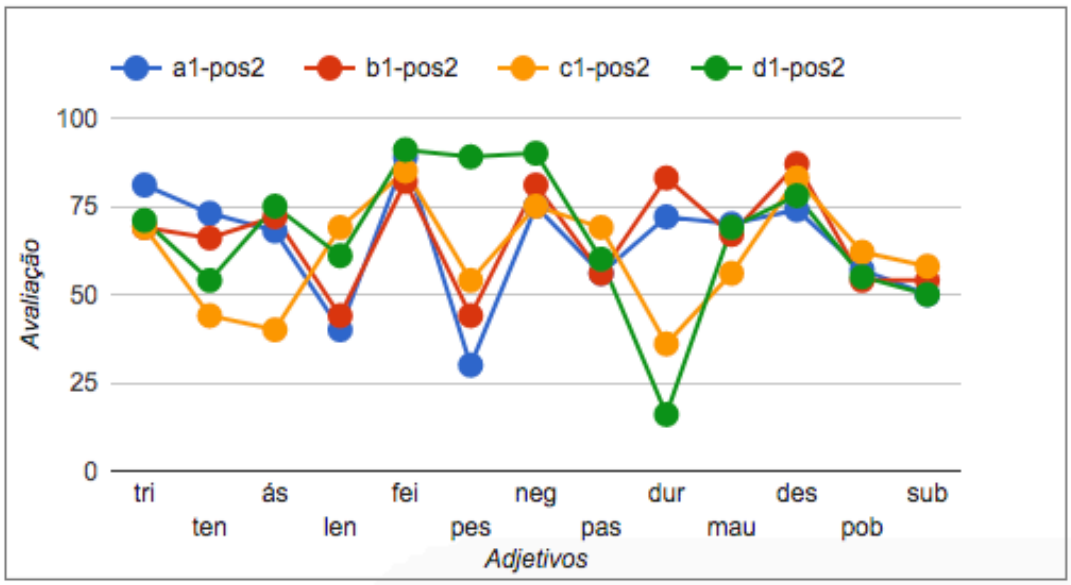
Figura 61. Avaliação dos estímulos a1, b1, c1 e d1 pelo Participante 5 no Pré-Teste, Pós-Teste 1 e Pós-Teste 2.

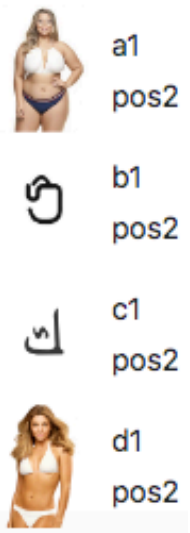

a1-pre
b1-pre
c1-pre
d1-pre
100
75
50
25
0
Avaliação
tri
ten
ás
len
fei
pes
neg
pas
dur
mau
des
pob
sub
Adjetivos


a1
pre
b1
pre
c1
pre
d1
pre


a1-pos
b1-pos
c1-pos
d1-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri
ten
ás
len
fei
pes
neg
pas
dur
mau
des
pob
sub
Adjetivos


a1
pos
b1
pos
c1
pos
d1
pos


a1-pos2
b1-pos2
c1-pos2
d1-pos2
100
75
50
25
0
Avaliação
tri
ten
ás
len
fei
pes
neg
pas
dur
mau
des
pob
sub
Adjetivos


a1
pos2
b1
pos2
c1
pos2
d1
pos2

A segunda figura apresenta a avaliação da participante em relação aos estímulos do Conjunto 2 nas três etapas do experimento. Observa-se que o estímulo A1 recebeu avaliação muito baixa nas três etapas do experimento, enquanto os estímulos abstratos passaram de uma avaliação bem baixa, inicialmente, para uma pequena elevação ao longo do experimento, principalmente depois de terem sido emparelhados com o estímulo D1, avaliado positivamente nas três etapas. Conclui-se, portanto, que o estímulo A2 recebeu uma avaliação tão negativa e a atitude negativa era tão intensa que, mesmo após o emparelhamento com o estímulo avaliado positivamente, ele não teve elevação de avaliação.

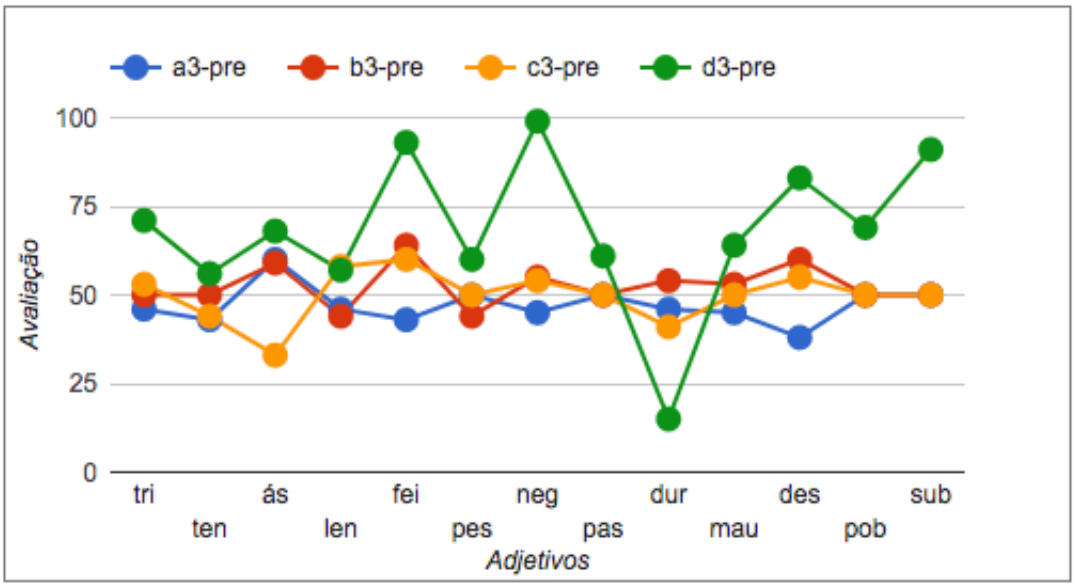
Figura 62. Avaliação dos estímulos a2, b2, c2 e d2 pelo Participante 5 no Pré-Teste, Pós-Teste 1 e Pós-Teste 2.

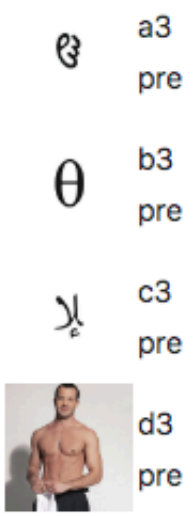
Os dados referentes a esse figura foram perdidos, por isso não são apresentados aqui.

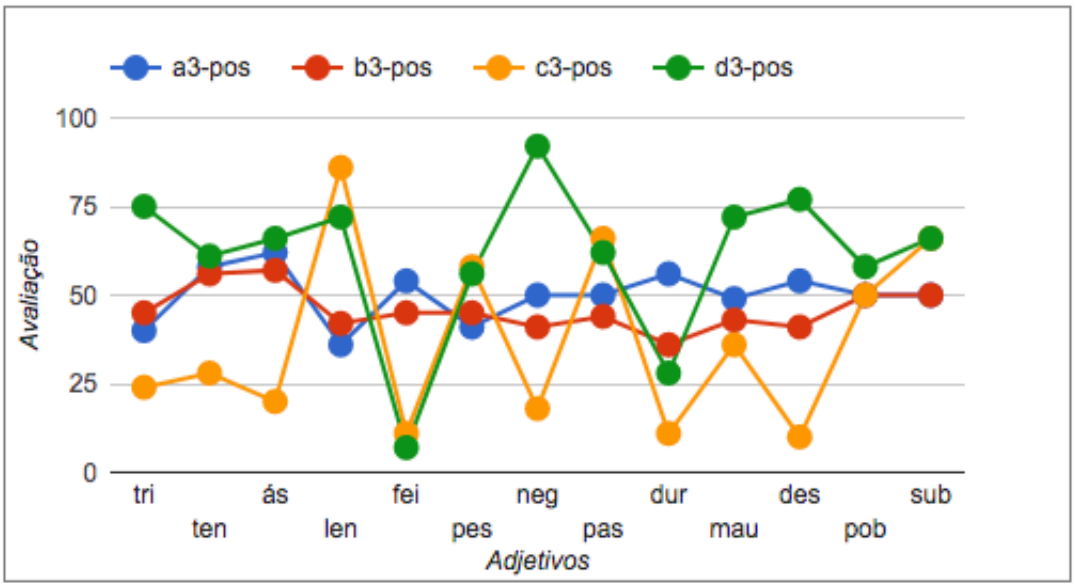
Por fim, a figura abaixo apresenta as avaliações da participante em relação aos estímulos do Conjunto 3 nas três etapas. Os estímulos A3, B3 e C3 foram avaliados de maneira neutra, inicialmente, enquanto o estímulo D3 recebeu avaliação mais elevada. Após o primeiro emparelhamento, o estímulo C3 teve redução em sua avaliação, sem motivo aparente, enquanto os outros três mantiveram suas avaliações.

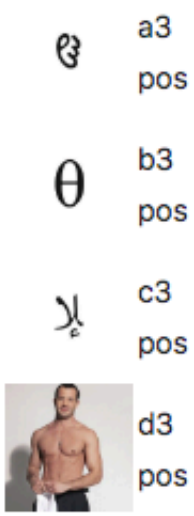
Após o segundo emparelhamento, o estímulo C3 teve sua avaliação um pouco elevada e mais semelhante aos estímulos A3, B3 e D3, comprovando a transferência de função do estímulo com significado social aos demais.

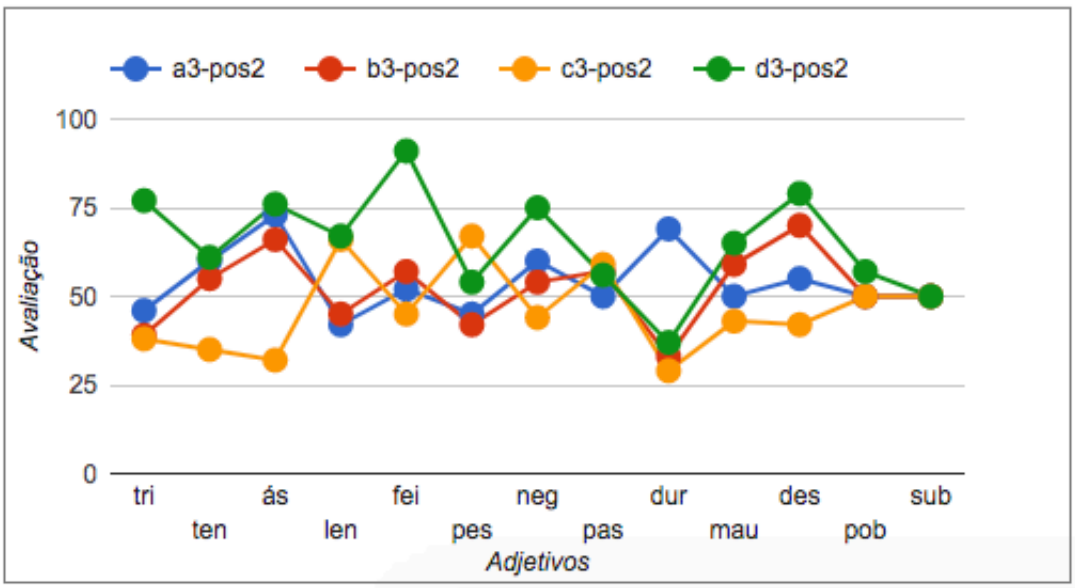
Figura 62. Avaliação dos estímulos a3, b3, c3 e d3 pelo Participante 5 no Pré-Teste, Pós-Teste 1 e Pós-Teste 2.

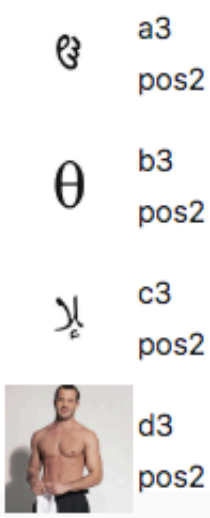

a3-pre
b3-pre
c3-pre
d3-pre
100
75
50
25
0
Avaliação
tri
ten
ás
len
fei
pes
neg
pas
dur
mau
des
pob
sub
Adjetivos


a3
pre
b3
pre
c3
pre
d3
pre


a3-pos
b3-pos
c3-pos
d3-pos
100
75
50
25
0
Avaliação
tri
ten
ás
len
fei
pes
neg
pas
dur
mau
des
pob
sub
Adjetivos

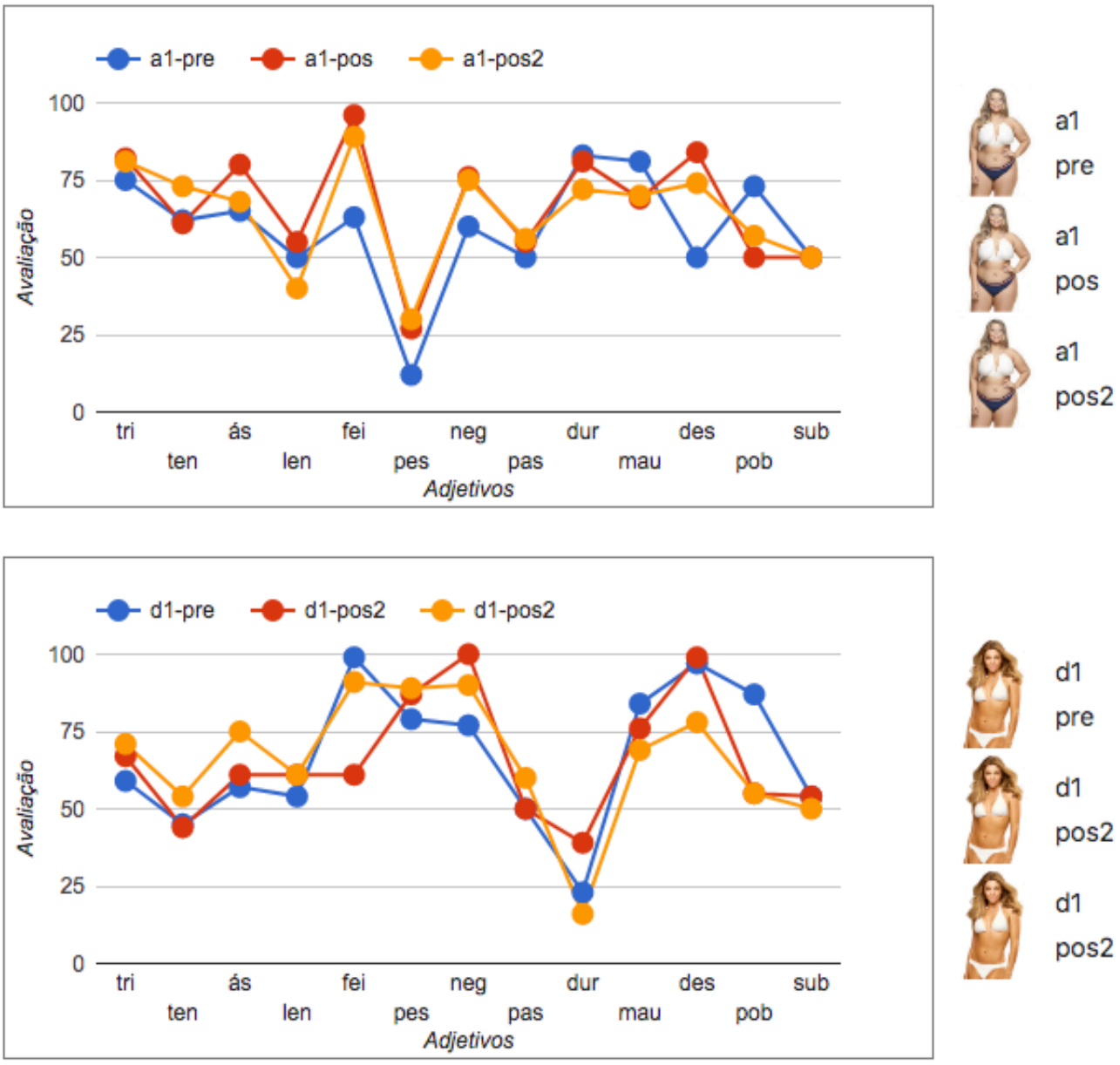

a3
pos
b3
pos
c3
pos
d3
pos


a3-pos2
b3-pos2
c3-pos2
d3-pos2
100
75
50
25
0
Avaliação
tri
ten
ás
len
fei
pes
neg
pas
dur
mau
des
pob
sub
Adjetivos


a3
pos2
b3
pos2
c3
pos2
d3
pos2

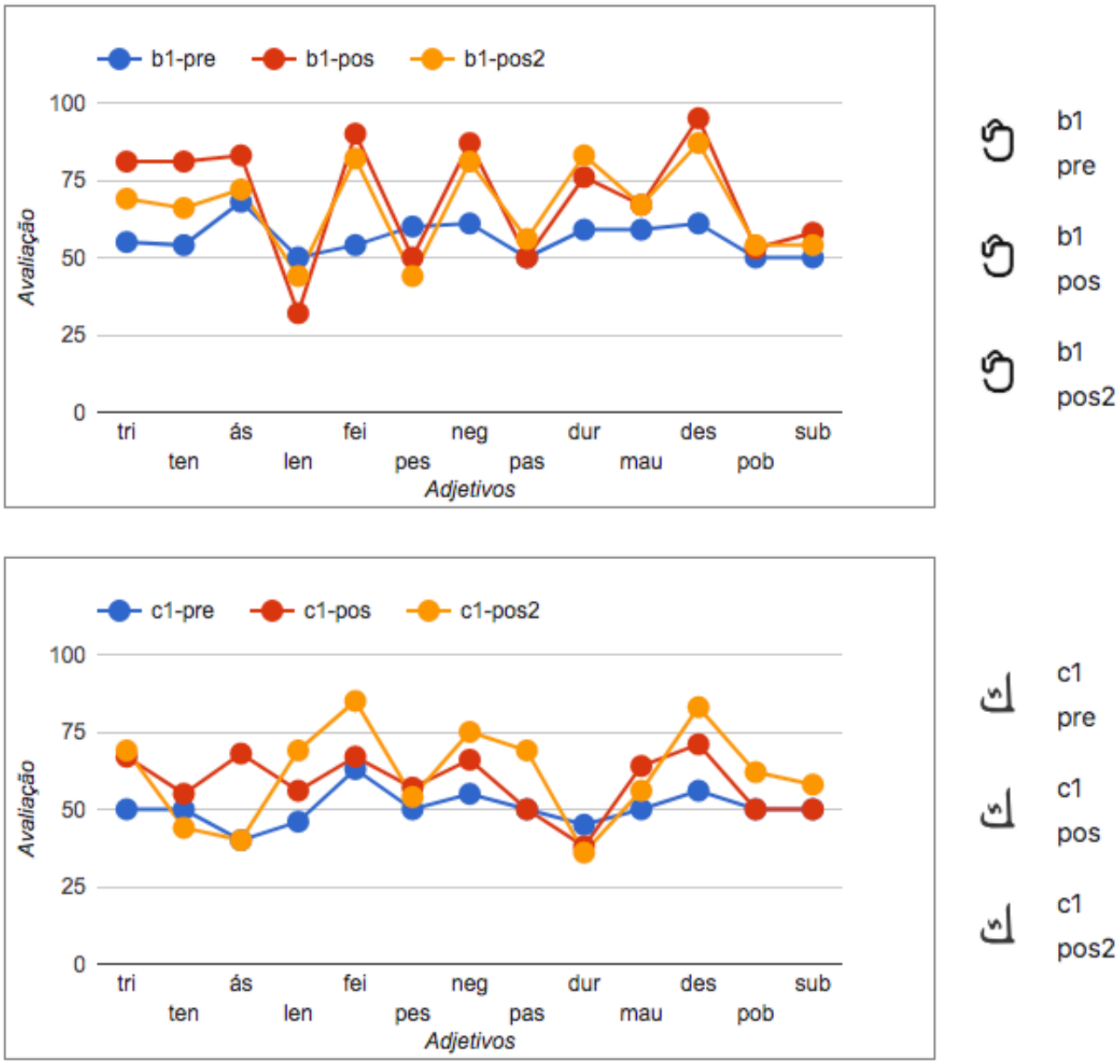
A Figura apresentada abaixo representa os gráficos das avaliações da Participante 5 em relação aos estímulos A1 e D1 nas três fases do experimento. As três avaliações foram bem neutras inicialmente, e, apesar de não haver muita variação das avaliações, foi possível perceber uma melhor sobreposição após o emparelhamento. Ou seja, observa-se que o estímulo A1 teve um leve aumento em sua avaliação, assemelhando-se ao estímulo D1, dado esperado na pesquisa, com o intuito de reduzir a atitude negativa da participante em relação ao corpo gordo.

Figura 63. Avaliação dos estímulos a1 e d1 pelo Participante 5 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



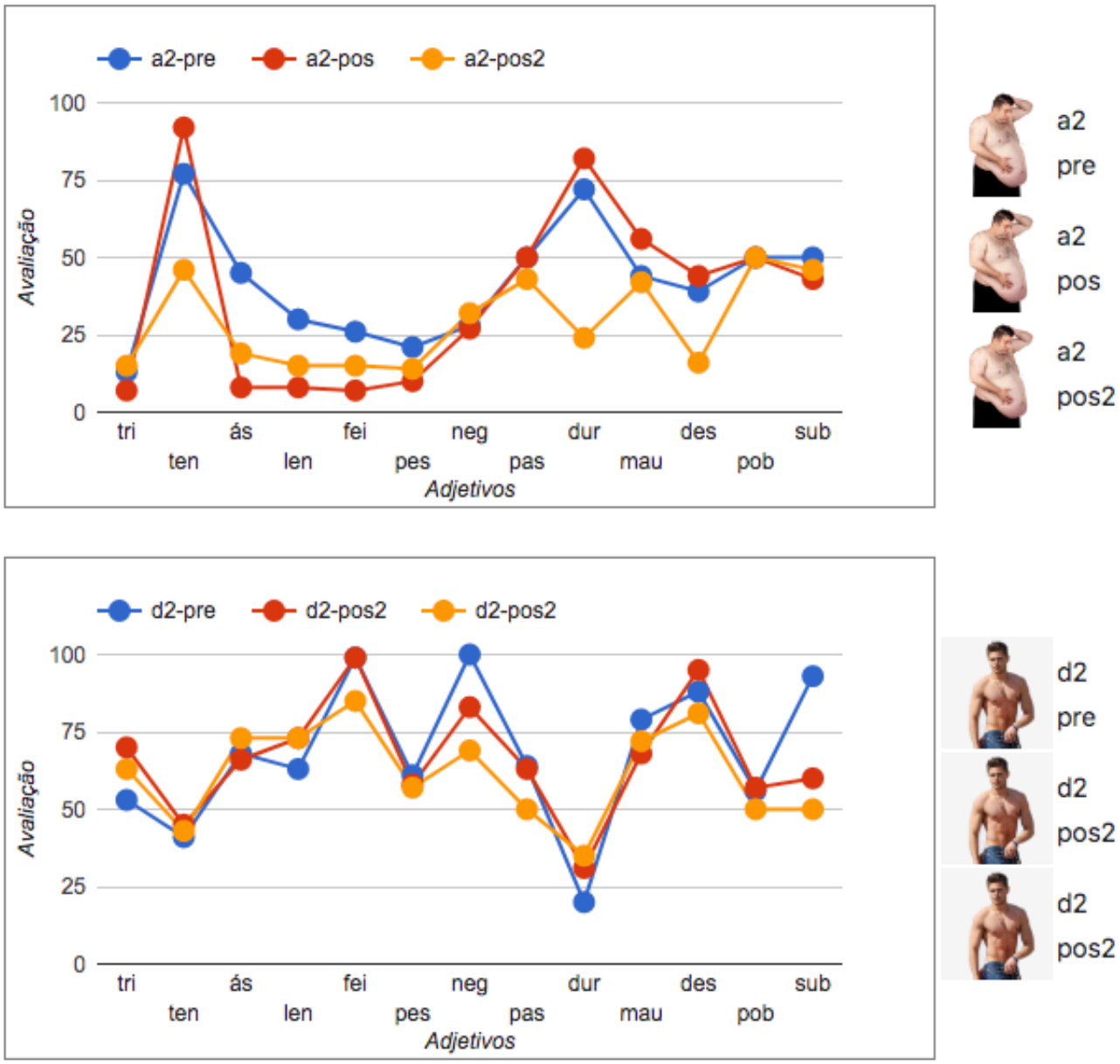
As avaliações da quinta participante em relação aos estímulos abstratos do Conjunto 1 foram semelhantes. Ambos foram avaliados de maneira neutra, inicialmente, e tiveram suas avaliações elevadas a cada emparelhamento, principalmente após o segundo, emparelhado com o estímulo D1.

Figura 64. Avaliação dos estímulos b1 e c1 pelo Participante 5 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



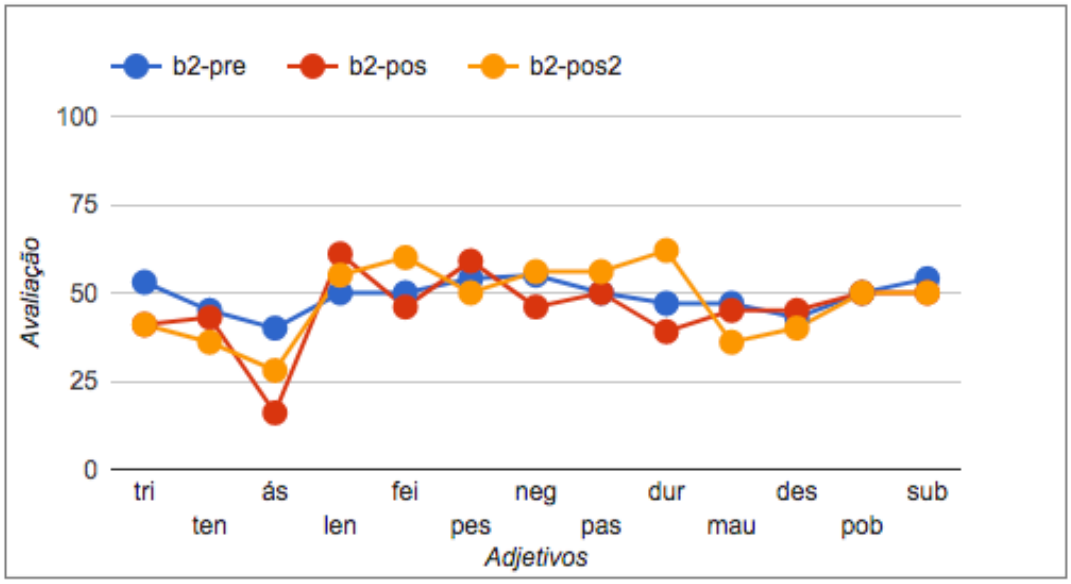
No que diz respeito aos estímulos A2 e D2, observa-se que não houve muitas variações ao longo do experimento, tendo sido o primeiro, avaliado de maneira mais negativa e o segundo, mais positiva.

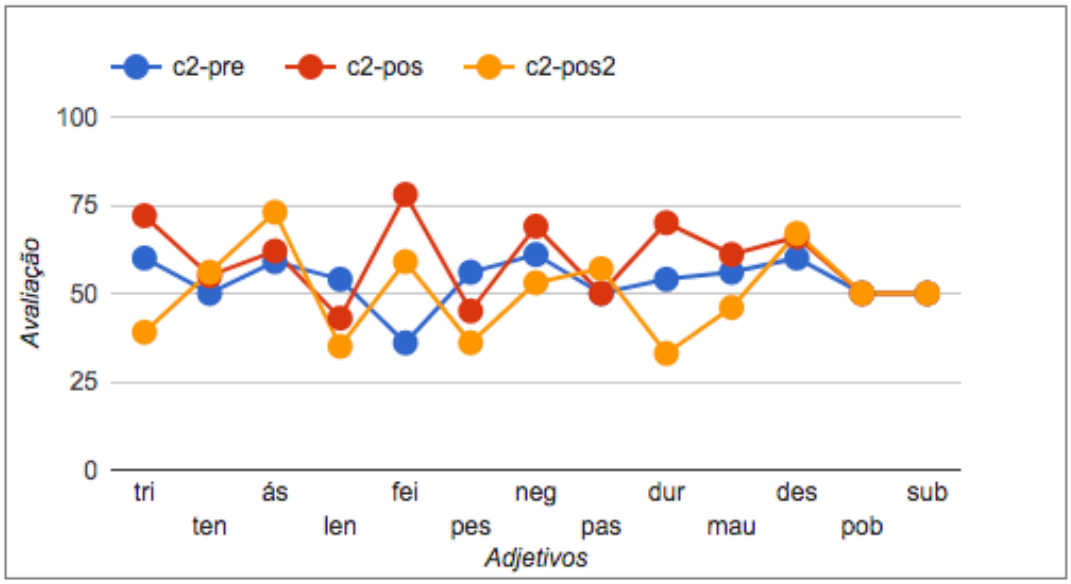
Figura 65. Avaliação dos estímulos a2 e d2 pelo Participante 5 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



Em relação aos estímulos abstratos B2 e C2, percebe-se que estes foram avaliados de maneira neutra, inicialmente, e não sofreram alterações significativas em suas avaliações, mesmo após os emparelhamentos.

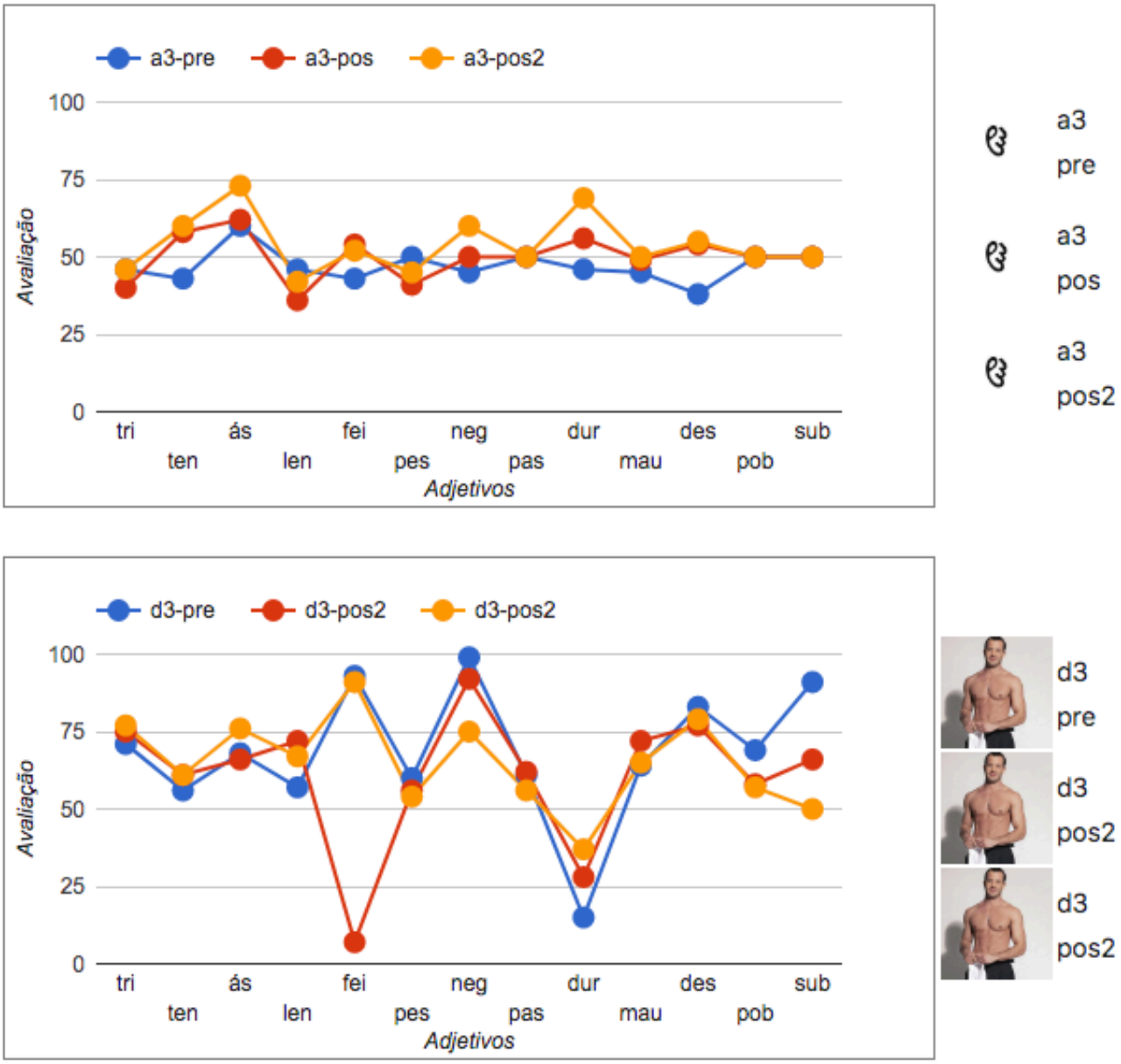
Figura 66. Avaliação dos estímulos b2 e c2 pelo Participante 5 no Pré-Teste e no Pós-Teste.





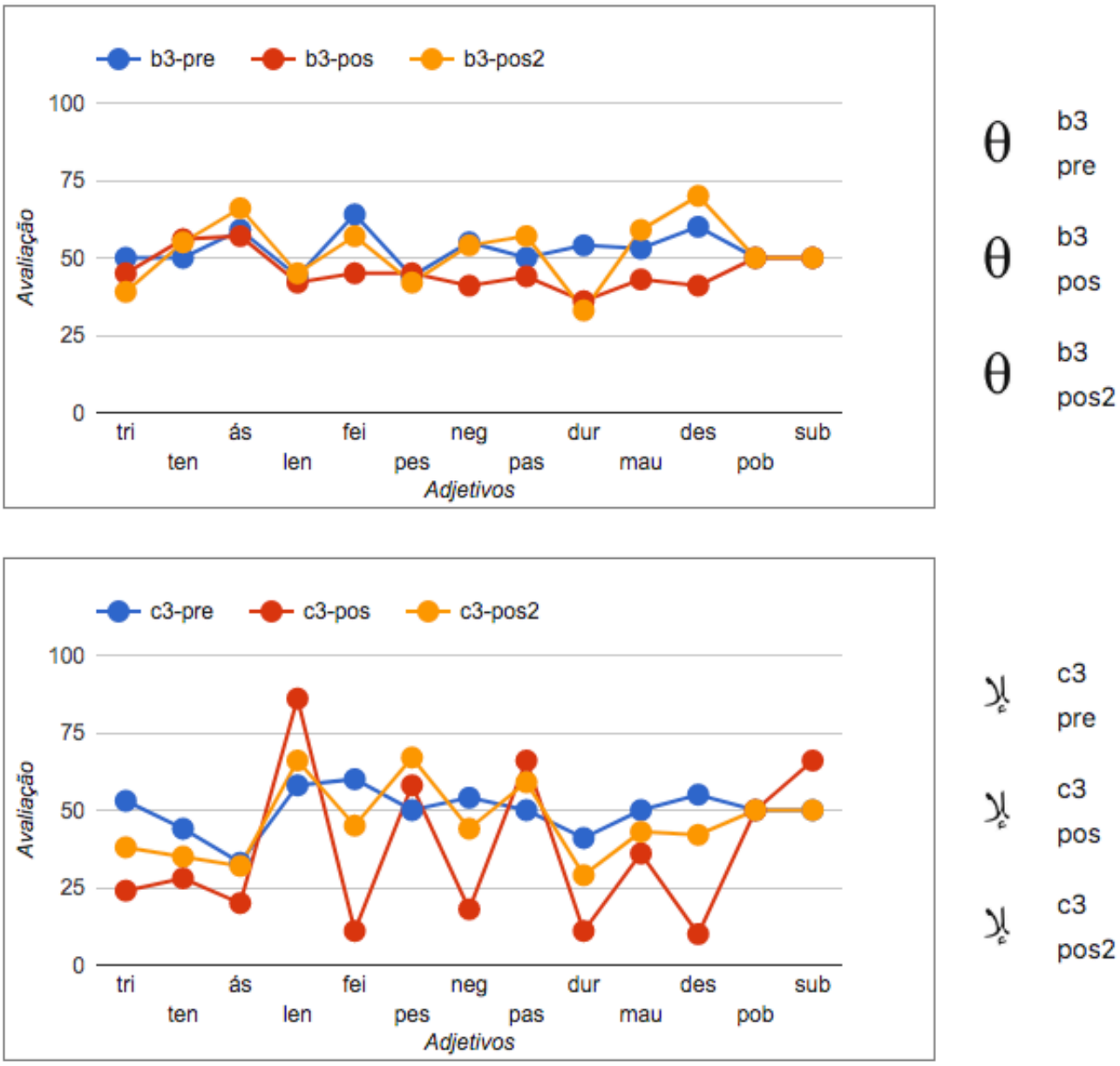
Por fim, em relação aos estímulos do Conjunto 3, observa-se que o estímulo A3 foi avaliado de forma neutra nos três diferenciais semânticos e o D3, de maneira positiva nas três etapas, sem alterações consideráveis nas avaliações de nenhum dos dois.

Figura 67. Avaliação dos estímulos a3 e d3 pelo Participante 5 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



Já em relação aos estímulos B3 e C3, o primeiro não sofreu alterações significativas em sua avaliação após os emparelhamentos, porém o segundo teve sua avaliação drasticamente reduzida após o primeiro emparelhamento. Este dado não possui uma explicação aparente, considerando que o estímulo A3, com o qual os estímulos abstratos foram emparelhados inicialmente. No entanto, a avaliação do C3 foi elevada após o segundo emparelhamento, dado que corrobora com a hipótese, considerando que este foi emparelhado com o estímulo D3, avaliado positivamente pela participante.

Figura 68. Avaliação dos estímulos b3 e c3 pelo Participante 5 no Pré-Teste e no Pós-Teste.



As tabelas abaixo apresentam a equivalência entre os estímulos nas três etapas do experimento. O esperado é que, inicialmente, os estímulos não possuam equivalência muito elevada, mas que, após o emparelhamento, este número aumente e a pessoa passe a atribuir a mesma atitude para os estímulos da mesma classe de equivalência.

No entanto, como os dados desta participante não corroboraram com a hipótese inicial da pesquisa e ela não formou classes de equivalência entre os estímulos, observa-se que o Grau de Equivalência entre os estímulos já na primeira etapa era muito elevado e que não houve mudanças significativas neste número ao longo do experimento e das etapas de emparelhamento de estímulos.

Figura 69. Grau de equivalência da Participante 5 no Pré-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	100	79	82	87	82	86	84	85	82	77	72	76
a2	79	100	85	80	83	82	82	81	80	63	60	62
a3	82	85	100	91	95	93	93	92	92	77	75	74
b1	87	80	91	100	92	95	93	96	91	81	80	81
b2	82	83	95	92	100	93	96	93	96	79	76	76
b3	86	82	93	95	93	100	97	95	94	80	78	78
c1	84	82	93	93	96	97	100	93	97	80	77	78
c2	85	81	92	96	93	95	93	100	92	81	78	79
c3	82	80	92	91	96	94	97	92	100	80	78	77
d1	77	63	77	81	79	80	80	81	80	100	87	85
d2	72	60	75	80	76	78	77	78	78	87	100	93
d3	76	62	74	81	76	78	78	79	77	85	93	100

Figura 70. Grau de equivalência da Participante 5 no Pós-Teste.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	100	66	81	91	73	76	87	90	57	80	86	80
a2	66	100	77	65	76	75	66	70	70	58	55	63
a3	81	77	100	80	89	93	88	90	72	79	77	78
b1	91	65	80	100	70	75	84	88	55	82	85	79
b2	73	76	89	70	100	91	86	81	82	80	77	76
b3	76	75	93	75	91	100	87	86	77	78	77	78
c1	87	66	88	84	86	87	100	93	69	89	89	86
c2	90	70	90	88	81	86	93	100	64	84	85	81
c3	57	70	72	55	82	77	69	64	100	63	67	73
d1	80	58	79	82	80	78	89	84	63	100	89	85
d2	86	55	77	85	77	77	89	85	67	89	100	88
d3	80	63	78	79	76	78	86	81	73	85	88	100

Figura 71. Grau de equivalência da Participante 5 nos Pré-Teste e Pós-Teste 1.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	87	73	85	81	77	81	86	89	60	79	77	78
a2	73	89	87	72	82	86	75	79	74	66	64	69
a3	77	74	93	75	93	96	87	87	78	80	78	78
b1	85	72	93	82	88	89	94	93	71	85	83	82
b2	78	74	92	76	94	92	89	87	78	82	80	79
b3	83	73	95	81	88	92	92	93	71	83	81	79
c1	80	74	93	79	91	92	91	90	75	83	81	78
c2	82	73	92	80	89	90	93	91	74	85	82	84
c3	79	73	91	76	94	90	91	87	77	84	82	79
d1	81	54	76	80	75	76	85	81	61	89	89	79
d2	80	52	74	79	74	73	83	78	65	86	91	83
d3	83	53	75	82	73	74	87	82	64	85	90	86

Figura 72. Grau de equivalência da Participante 5 no Pós-Teste 2.

Estímulo	a1	a2	a3	b1	b2	b3	c1	c2	c3	d1	d2	d3
a1	100	65	86	93	78	85	84	84	72	85	86	91
a2	65	100	75	63	79	77	67	79	81	62	67	64
a3	86	75	100	88	89	92	80	92	84	79	85	84
b1	93	63	88	100	79	86	86	84	73	86	88	90
b2	78	79	89	79	100	87	82	87	92	75	81	79
b3	85	77	92	86	87	100	84	97	87	83	88	87
c1	84	67	80	86	82	84	100	82	83	87	91	92
c2	84	79	92	84	87	97	82	100	86	81	86	85
c3	72	81	84	73	92	87	83	86	100	77	82	79
d1	85	62	79	86	75	83	87	81	77	100	90	92
d2	86	67	85	88	81	88	91	86	82	90	100	94
d3	91	64	84	90	79	87	92	85	79	92	94	100

Concluindo os resultados da Participante 5, observa-se que, em relação à avaliação desta participante a respeito dos estímulos do Grupo A, após o emparelhamento com os estímulos do Grupo D, percebe-se que não houve transferência de função significativa, sem grande variação de nenhuma das três avaliações.

No que se refere aos estímulos do Grupo B, após emparelhados com os estímulos D, percebe-se uma pequena elevação apenas do estímulo B3 após emparelhado com o estímulo D3, dado que reforça a pequena correspondência dos dados desta participante com a hipótese inicial da pesquisa.

Discussão

O objetivo do experimento foi o de realizar a formação de classes com estímulos relacionados ao biotipo e, posteriormente, avaliar a transferência de função do estímulo com significado social ao estímulo neutro, e, na segunda etapa, a transferência de função do estímulo com significado social positivo ao estímulo com significado negativo, na tentativa de reduzir o preconceito. A avaliação foi realizada ao comparar as três Escalas de Diferencial Semântico, aplicadas antes, depois da primeira etapa e depois da segunda etapa do experimento.

Por fim, foi avaliada a mudança de atitude do participante, ao analisar se houve a reorganização de classes, associando novos estímulos e construindo novas atitudes em relação aos biótipos corporais apresentados nos estímulos. Assim dizendo, observar se a avaliação negativa da participante em relação aos estímulos dos corpos gordos diminuiria após o emparelhamento com os corpos magros, isso, claro, se a participante tivesse uma avaliação inicial negativa dos corpos gordos e positiva dos corpos magros.

Como foi apresentado nos resultados, três das cinco participantes apresentaram a maior parte dos resultados esperados e alinhados aos objetivos iniciais. É possível identificar que, na maior parte deles, houve maior transferência de função de estímulos positivamente avaliados para os estímulos neutros do que os estímulos negativamente avaliados para os neutros. Além disso, pode-se analisar que foi mais fácil a transferência de função, na segunda etapa do experimento, para os estímulos neutros (B3 e C3) do que para os que já haviam sido emparelhados com os estímulos de significado social negativo.

Ou seja, as participantes apresentaram mais facilidade para transferir suas atitudes positivas em relação ao estímulo D3 para os estímulos B3 e C3, que não haviam sido emparelhados com algum estímulo de significato negativo (corpo obeso), do que modificar suas atitudes já negativas dos estímulos neutros B1, B2, C1 e C2, que haviam sido emparelhados inicialmente com corpos avaliados de forma negativa socialmente (A1 e A2).

Implicações teóricas

Na pesquisa de Rosendo e Melo (2018), o experimento realizado teve o mesmo procedimento deste, porém em relação à gênero e profissões, e os resultados não foram os esperados no que diz respeito ao processo de reorganização de classes, ou seja, a segunda etapa do experimento. Os participantes foram capazes de transferir atitudes para os símbolos abstratos na primeira etapa do experimento, porém não transferiram na segunda etapa.

De acordo com os resultados apresentados acima, pôde-se perceber que os estímulos que já possuíam significado social ou que receberam significado social na primeira etapa do experimento foram os que as participantes apresentaram maiores dificuldades em desconstruir a atitude e construir uma nova. Dessa forma, pode-se perceber que a etapa de reorganização de classes também foi a que menos cumpriu com os objetivos, de forma a corroborar com os resultados do experimento de Rosendo e Melo (2018).

Implicações práticas

A implicação prática desta pesquisa foi a de avaliar a possibilidade de modificações de atitudes e, possivelmente, redução do preconceito, a partir de pesquisas práticas baseadas na utilização do paradigma de equivalência de classes e reorganização das mesmas.

Limitações e Pesquisas futuras

A primeira limitação encontrada nesta pesquisa está relacionada às imagens A1 e A2. Foi recebido feedback de todas as participantes em relação a estes dois estímulos, no qual afirmaram que as imagens eram muito distintas e as levaram a avaliá-las não só de acordo com os corpos, mas também com as expressões faciais. Visto que a pesquisa diz respeito à avaliação das pessoas em relação a corpos gordos e a tentativa de redução de um preconceito diretamente relacionado aos corpos, recomenda-se, para próximas pesquisas sobre o tema, que haja uma mudança nas imagens A1 e A2, permitindo que ambas fiquem mais parelhas e semelhantes e com enfoque mais exclusivo aos corpos.

Uma segunda limitação desta pesquisa e uma recomendação para as próximas é a modificação do procedimento no que diz respeito à projeção da tela do computador da participante. Por ter sido realizada de maneira remota, foi pedido para que as participantes projetassem as telas de seus computadores, para que a pesquisadora pudesse auxiliá-las na realização da pesquisa e observar as etapas do procedimento em que elas se encontravam.

Entretanto, por se tratar de uma pesquisa sobre preconceito, é de extrema importância que os participantes sejam completamente honestos e, para tal, precisam se sentir confortáveis. Todas as participantes relataram um incômodo com a observação da pesquisadora, uma vez que tinham receio de ser julgadas se avaliassem certos estímulos de maneira negativa. Por conta disso, recomenda-se que haja uma modificação nesta parte do procedimento, que permita um melhor conforto dos participantes e a garantia de melhores resultados.

Considerações finais

Tomados em conjunto, os resultados dos 12 experimentos corroboram resultados de pesquisas anteriores e adicionam generalidade ao fenômeno estudado (diferentes estímulos e diferentes procedimentos de treino). Esperamos que os experimentos aqui descritos possam ser replicados em programas de graduação, mestrado e doutorado. Nos colocamos à disposição para quem se interessar.

Esta foi uma obra de fôlego. Ficamos por aqui!

Referências Bibliográficas

Albuquerque, A. R., & Melo, R. M. (2005). equivalência de estímulos: conceito, implicações e possibilidades de aplicação. In J. Abreu-Rodrigues & M. R. Ribeiro (Orgs.), Análise do Comportamento: Pesquisa, teoria e aplicação. Porto Alegre: Artmed., 245-264.

Almeida, J. H., & Haydu, V. B. (2009). Reorganização de classes de estímulos equivalentes: uma revisão crítica de estudos experimentais. Temas em Psicologia, 17(2), 449-462.

Allport, G. W. (1946) Some roots of prejudice. Journal of Psychology. 22.

Allport, G. W. (1954). The nature of prejudice. Cambridge: Addison-Wesley.

Allport, G. W. (1995). The Nature of Prejudice. Cambridge, Mass: Addison-Wesley Pub. Co.

Arntzen, E., & Nartey, R. K. (2018). Equivalence class formation as a function of preliminary training with pictorial stimuli. Journal of the Experimental Analysis of Behavior, 110(2), 275-291. http://doi.org.10.1002/jeab.466

Bard, N. D., Antunes, B. R., Cristine, M., Olschowsky, A., & Pinho, de Barbosa L. (2016). Stigma and prejudice: the experience of crack users. Revista Latino-Americana de Enfermagem, 24, e 2680. Epub March 28. https://doi.org/10.1590/1518-8345.0852.2680.

Barros, M. A & Pillon, S. C. (2007). Atitudes dos profissionais do programa de saúde da família diante do uso e abuso de drogas. Revista de Enfermagem, 11(4), 655-62.

Berger, M. (2006). Corpo e identidade feminina (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).

Borba, M., Monteiro, P., Barboza, A., Trindade, E., & Barros, R. (2016). Efeito de intervenção via cuidadores sobre aquisição de tato com autoclítico em crianças com TEA. Revista Brasileira de Análise do Comportamento, 11(1). http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v11i1.3768

Bortoloti, R., & de Rose, J. C. (2007). Medida do grau de relacionamento entre estímulos equivalentes. Psicologia: Reflexão e Crítica, 20(2), 252–258. http://doi.org/10.1590/S0102-79722007000200011

Bortoloti, R., et al. (2013), Overtraining increases the strength of equivalence relations. Psychology & Neuroscience, 6(3), 357-364. https://doi.org/10.3922/j.psns.2013.3.13

Botomé, S. A definição de comportamento. (2008). Instituto de Terapia por Contingências, 1-16. Recuperado de http://www.itcrcampinas.com.br/txt/definicaobotome.pdf.

Bulla, L. C., & Kaefer, C. O. (2003). Trabalho e aposentadoria: as repercussões sociais na vida do idoso aposentado. Textos & Contextos (Porto Alegre), 2(1), 1-8.

Burch, T. (2015). Skin Color and the Criminal Justice System: Beyond Black-White Disparities in Sentencing. Journal of Empirical Legal Studies, 12(3), 395–420. doi: doi.org/10.1111/jels.12077

Campbell, A., & Hemsley, S. (2009). Outcome rating scale and session rating scale in psychological practice: Clinical utility of ultra-brief measures. Clinical Psychologist, 13(1), 1–9. doi: http://dx.doi.org/10.1080/ 13284200802676391

Cardoso, F. & Couto, A. (2017). Gordofobia: O peso do preconceito. Curso de Jornalismo da Faculdade Satc.

Carvalho, M. C., & Martins, A. (2004). A obesidade como objeto complexo: uma abordagem filosófico-conceitual. Ciência e Saúde Coletiva, 9(4), 1003-1012. http://doi.org.10.1590/S1413-81232004000400021.

Catania, A. C. (1999). Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição. Porto Alegre: Artmed.

Cippola, N. S. (2017). Reorganização de classes formadas por descrições de contingências sobre escolha profissional em adolescentes. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP.

Coelho, I. M. (2003). A gênese da docência universitária. Linhas Críticas, Brasília, v. 14, n. 26, p. 5-24, jan./jun. 2008

Couto, M. C. P., Koller, S. H., Novo, R., & Soares, P. S. (2009). Avaliação de discriminação contra idosos em contexto brasileiro-ageismo. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 25(4), 509-518.

Crandall, C. S., D'Anello, S., Sakalli, N., Lazarus, E., Wieczorkowska, G., & Feather, N. T. (2001). An attribution-value model of prejudice: Anti-fat attitu-

des in six nations Personality and Social Psychology Bulletin, 27(1), 30–37. doi:doi.org/10.1177/0146167201271003

Crochík, J. L. (2011). Preconceito e inclusão. Webmosaica, 3(1).

de Almeida, J. H.; Bortoloti, R. F.; dos Santos, P. R.; Schelini, P. W., & de Rose, J. C. C. (2014). Análise da validade e precisão de instrumento de diferencial semântico. Psicologia: Reflexão e Crítica, 27(2), 272-281. https://doi.org/10.1590/1678-7153.201427207

de Carvalho, M. P. (2010). Resistência à mudança de atitude preconceituosa racial avaliada pelo paradigma de equivalência de estímulos. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos. São Paulo, Brasil.

de Carvalho, M. P., & amp; de Rose, J. C. (2014). Understanding racial attitudes through the stimulus equivalence paradigm. The Psychological Record, 64(3), 527-536. doi:10.1007/s40732-014-0049-4.

Departamento Penitenciário Nacional – DEPEN (2020, 20 de Maio). Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias – Infopen. [Matéria de site] Retirado de http://depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen/infopen

de Rose, J. C., & Bortoloti, R. (2007). A equivalência de estímulos como modelo do significado. Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis de Comportamiento, 15(3), 83-102.

Dinsmoor, J. A. (1995). Stimulus control: Part I. The Behavior Analyst, 18(2), 51-68.

Dixon, M. R., & Lemke, M. (2007). Reducing prejudice towards Middle Eastern persons as terrorists. European Journal of Behavior Analysis, 8(1), 5-12. doi:10.1080/15021149.2007.11434269

dos Santos, S. L., & de Rose, J. C. C. (2017). Manutenção das classes de equivalência e transferência de função: uma investigação por meio de escolhas alimentares de crianças. Perspectivas Em Análise Do Comportamento, 8(1), 1-15. https://doi.org/10.18761/pac.2016.022de

Duncan, B. L., Miller, S. D., Sparks, J. A., Claud, D. A., Reynolds, L. R., Brown, J. B., et al. (2003). The Session Rating Scale: Preliminary psychometric properties of a “working alliance” measure. Journal of Brief Therapy, 3(1), 3-12.

Duncan, B. L. (2012). The Partners for Change Outcome Management System (PCOMS): The heart and soul of change project. Canadian Psychology/Psychologie Canadienne, 53(2), 93104. doi: https://doi.org/10.1037/a0027762

Dunning, E., Maguire, J., (1996). Process-sociological notes on sport, gender relations and violence control. International Review for the Sociology of Sport, 31(3), 295-217.

Eagly, A. H., & Chaiken, S. (1993). The Nature of Attitudes. In: A. H. Eagly, & S. Chaiken, (Eds), The Psychology of attitudes. (pp. 1-210. Belmont: Fort Wort.

Eilertsen, J. M., & Arntzen, E. (2020). Tailoring of Painful Stimuli Used for Exploring Transfer of Function. Quarterly Journal of Experimental Psychology, 70, 2478–2496. https://doi.org/10.1007/s40732-020-00381-7

Fernandes, G. D. S. (1984). Mulher, identidade e auto-estima: elementos teóricos para uma reflexão crítica (Doctoral dissertation).

Ferreira, 2012

Ferreira, C. M., & Aragão, C. M. A. (2015). A expressão social da roupa como estímulo a violência contra a mulher. http://www.modadocumenta.com.br/anais/anais/5-Moda-Documenta-2015/02-Sessao-Tematica-Design-Moda-e-Cultura-Digital/Carla-Moura_CamilaAragao_ModaDocumenta2015_A-expressao-social-da-roupa.... pdf. Visitado em, 5 de junho de 2020.

Ferreira, P. G. (2020, 20 de Maio). A estrutura do sistema prisional brasileiro frente aos objetivos da pena. [Matéria de site] Retirado de https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-penal/a-estrutura-do-sistema-prisional-brasileiro-frente-aos-objetivos-da-teoria-da-pena/

Fields, L., Adams, B.J., & Verhave, T. (1993). The effects of equivalence class structure on test performances. The Psychological Record, 43, 697 713.

Galvão, O. F. (1993). Classes funcionais e equivalência de estímulos. Psicologia: teoria e pesquisa. 9.

Gardner, R. M., & Brown, D. L. (2010). Body image assessment: A review of figural drawing scales. Personality and Individual Differences, 48, 107-111. doi: 10.1016/j.paid.2009.08.017

Gill, D., (1994). A feminist perspective on sport psychology practice. The Sport Psychologist, 8(4), 411-426.

Gouveia, V., V., Medeiros, E. D., Mendes, L. A. C., Vione, K. C., & Athayde, R. A. A. (2010). Correlatos valorativos de atitudes frente à tatuagem. Psicologia & Sociedade, 22(3), 476-485.

Guerin, B. (1992). Behavior analysis and the social construction of knowledge. American Psychologist, 47, 1423–1432.

Guerin, B. (1994a). Attitudes and beliefs as verbal behavior. The Behavior Analyst, 17, 155-163

Hall, G. A., & Chase, P. N. (1991). The relationship between stimulus equivalence and verbal behavior. The Analysis of Verbal Behavior, 9, 107-119.

Hayes, S. C. (Ed.). (1989). Rule-governed behavior: Cognition, contingencies, and instructional control. New York: Plenum.

Hayes, S. C., Barnes-Holmes, D., & Roche, B. (Eds.). (2001). Relational Frame Theory: A post-Skinnerian account of human language and cognition. New York: Plenum Press.

Hayes, S. C., Barnes-Holmes, D., & Roche, B. (2003). Behavior analysis, Relational Frame Theory, and the challenge of human language and cognition: A reply to the commentaries on Relational Frame Theory: A Post-Skinnerian Account of Human Language and Cognition. The Analysis of Verbal Behavior, 19, 39-54.

Haydu, V. B., Aquino, C. T. Garça, L. B., & Tomanari, G. Y. (2019). Funções de estímulos pré-experimentais na formação de classes de equivalência. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 35, e3524, 1-12. doi:10.1590/0102.3772e3524

Hineline P. (1997). How, then, shall we characterize this elephant?. Journal of the experimental analysis of behavior, 68(2), 297–300. https://doi.org/10.1901/jeab.1997.68-297

Hübner, M. M. (1999). Contingências e regras familiares que minimizam problemas de estudos: a família pró-saber. In: Kerbauy, R. R.; Wielenska, R. C. (Coord.) Sobre comportamento e cognição: Psicologia comportamental e cognitiva: da reflexão teórica à diversidade da aplicação. 1. ed, pp. 251-256. Santo André: ESETec Editores Associados.

Hübner. M., M., C. (2006). Controle de estímulos e relações de equivalência. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 8(1), 95-102.

Irving, L. (2000). Promoting size acceptance in elementary school children: The EDAP puppet program. Eating Disorders: The Journal of Treatment & Prevention, 8, 221-232. http://dx.doi.org/10.1080/10640260008251229

Junior (2014)

Jenkins, H. M & Harrison. R. H. (1960/1974). Efecto del entrenamiento em discriminación sobre la generalización auditiva. Em: Catania, A. C. (1974). Investigación contemporânea em conducta operante. México, Trillas.

Knijnik, J. D., Vasconcellos, E., (2003). Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil. Em Cozac, J. (Org.), com a cabeça na ponta da chuteira (7-89). São Paulo: Annablume.

Leandro, M., Córdova, Z. V., Castro, A., & Kern, C. A. R. (2018). Retorno à sociedade: percepções e experiências de ex-detentas. Revista de Psicologia da IMED, 10(1), 125-139.

Lei de Execução Penal (2020, 13 de Maio). Lei nº 7.210, de 11 de Julho de 1984. [Descrição de Lei] Retirado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7210.htm

Lima, V. M. L. M. & D'Amorim, M. A. M. (1986). A relação atitude-comportamento à luz da Teoria da Ação Racional. Arq. bras. Psic., Rio de Janeiro, 38(1):133-142, jan./mar.

Lima, M. E. O., & Vala, J. (2004). Sucesso social, branqueamento e racismo. Psicologia Teoria e Pesquisa, 20(1), 11-19. doi: doi.org/10.1590/S0102-37722004000100003.

Lopes, J. L.; Nogueira-Martins, L. A.; Andrade, A. L. & de Barros, A. L. B. L. (2011). Escala de diferencial semântico para avaliação da percepção de pacientes hospitalizados frente ao banho. Acta Paulista de Enfermagem, 24(6), 815-820. https://doi.org/10.1590/S0103-21002011000600015

MacRae, E. (2010). Aspectos socioculturais do uso de drogas e políticas de redução de danos. Núcleo de estudos interdisciplinares sobre psicoativos,1-4. Recuperado de http://www.neip.info/downloads/edward2.pdf .

Madeira, I., Borloti, E., & Haydu,V. B. (2017). Ensino de relações condicionais entre estímulos musicais por meio de programa de computador. Psicologia da Educação, 44, 25-36. https://dx.doi.org/10.5935/2175-3520.20170003

Mattos, R. S. (2007). Sou gordo, sou anormal? Arquivos em Movimento, 3(2), 153-173.

Mattos, R. (2012). Sobrevivendo ao estigma da gordura. São Paulo SP: Vetor.

Mauss, M. (1974). Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. Sociologia e Antropologia. v. II. São Paulo : Edusp.

Marques, T. (1997). O Brasil tatuado e outros mundos. Rio de Janeiro: Rocco.

Menti, D. C. & Araújo, D. C. (2017). Violência de gênero contra mulheres no cenário dos eSports. Conexão - Comunicação e Cultura. v. 16, n. 31 (2017)

Mizael, T. M. & de Rose, J. C. (2017). Análise do Comportamento e Preconceito Racial: Possibilidades de Interpretação e Desafios. Acta Comportamentalia, 25(3), 365-377.

Mizael, N. E. R. & Mauro, T. G. (2011). Atitudes e mudança de atitudes. Em C. V. Torres & E. R. Neiva (Org.), Psicologia social: principais temas e vertentes (pp. 171-203). Porto Alegre: Artmed.

Mizael, T. M., Almeida, J. H., Silveira, C. C., de Rose, J. C. (2016). Changing racial bias by transfer of functions in equivalence classes. The Psychological Record, 66, 451-462.

Mizael, T. M; dos Santos, S. L. & de Rose, J. C. (2016). Contribuições do Paradigma de equivalência de estímulos para o Estudo das Atitudes. Interação em Psicologia, 20(2), 124-134. doi: 10.5380/20246278.

Mizael, T. M. (2015). Estabelecimento de classes de estímulos equivalentes com estímulos significativos: Investigando a atitude racial preconceituosa.

Mizael, T. M. (2019). Redução do preconceito racial: uma investigação analítico-comportamental. [Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Carlos]. Repositório institucional UFSCar. https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/12195

Moreira, M. B., & Medeiros, C. A. (2019). Princípios básicos de análise do comportamento. Porto Alegre: Artmed.c

Moreira, M. B., Oliveira, A., & Hanna, E. S. (2017). Arranjo de estímulos em treino discriminativo simples com compostos e emergência de classes de estímulos equivalentes. Temas em Psicologia, 25(1), 351-367.

Nalini, L. E.G. & Oliveira-Castro, J. M. (2003). Linguagem como comportamento nos behaviorismos watsoniano, radical e mediacional. Estudos, 30, 1107-1138.

Neiva, E. R., & Mauro, T. G. (2011). Atitudes e mudança de atitudes. Em C. V. Torres & E. R. Neiva (Orgs.), Psicologia social: Principais temas e vertentes (pp. 171–203). Porto Alegre: Artmed.

Neves, A. S., & Mendonça, A. L. O. (2014). Changes in social identity of the obese: from stigma to the fat pride. Free Themed Articles, 9(3), 619-631. doi: doi.org/10.12957/demetra.2014.9461

Neves, E. A. S. & Segatto, M. L. (2010). Drogas Lícitas e Ilícitas: uma Temática Contemporânea.

Nicholson, L., (2000). Interpreting Gender. The play of Reason: From the Modern to the Postmodern 8(2), 53-76.

Nicida, D. P., & Machado, K. S. (2014). O uso de duas escalas de silhueta na avaliação da satisfação corporal de adolescentes: revisão de literatura. Revista de Saúde, Meio Ambiente e Sustentabilidade, 9(2), 21-36.

Omote, S., Oliveira, A. A. S. D., Baleotti, L. R., & Martins, S. E. S. D. O. (2005). Mudança de atitudes sociais em relação à inclusão. Paidéia (Ribeirão Preto), 15(32), 387-396.

Organização das Nações Unidas [ONU]. (1948). Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Organização das Nações Unidas Brasil. (2019). FAO: Temos que abordar a obesidade como uma questão pública, não individual. Retirado de: https://nacoesunidas.org.

Papalia, D. E., Olds, S. W. & Feldman, R. D. (2006). Desenvolvimento humano. Porto Alegre: Artmed.

Pasquali L, organizador. Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração. Brasília: LabPAM/IBAPP; 1999.

Pierce, J. W. & Wardle, J. (1997). Cause and Effect Beliefs and Self-esteem of Overweight Children. The journal of child psychology and psychiatry. Ed. 38. Pages 645-650. doi: 10.1111/j.1469-7610.1997.tb01691.x

Pereira C, Torres A., R., R.; Almeida S., T. (2003). Um estudo do preconceito na perspectiva das representações sociais: análise da influência de um discur-

so justificador da discriminação no preconceito racial. Psicol Reflexão Crít.; 16(1):95-107.

Pereira, P. B. G., (2019). Formação de classes de equivalência relacionada a conceitos políticos de direita e de esquerda (Projeto de pesquisa em graduação de Psicologia). Centro Universitário de Brasília (Uniceub), BR.

Platonow, V. (2020, 16 de Julho). Cabral é condenado a mais 33 anos de prisão por crimes da Lava Jato. [Matéria de site] Retirado de https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2019-10/cabral-e-condenado-mais-33-anos-de-prisao-por-crimes-da-lava-jato

Portela, L. C. S. (2014). Transferência de função e reorganização de classes de equivalência relacionadas com diferentes biotipos. (Dissertação de Pós-graduação não publicada). Universidade de Brasília, Brasília, DF.

Proença, F., N. (2019). Efeito de diferentes estímulos visuais de temas religiosos sobre a atitude medida a partir de uma escala semântica. Relatório de Pesquisa, Centro Universitário de Brasília (Uniceub). Brasil.

Rehfeldt, R.A., Dymond, S. The Effects of Test Order and Nodal Distance on the Emergence and Stability of Derived Discriminative Stimulus Functions. Psychol Rec 55, 179–196 (2005). https://doi.org/10.1007/BF03395505

Reynolds, G. S. (1961). Behavioral Contrast. Harvard University.

Rodrigues, J. C. (1983). Tabu da morte. Rio de Janeiro: Achiamé.

Rodrigues, R. (2000). Sociedade, corpo e interdições: contribuições do estudo de Marcel Mauss sobre as técnicas do corpo. Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde, 129-140.

Rose, J. C. de. (1993). Classes de estímulos: implicações para uma análise comportamental da cognição. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 9(2), 283-303.

Rose, J. C. de., Gil, M. S. C. A., & Souza, D. G. de. (2014). Comportamento Simbólico: Bases Conceituais e Empíricas. São Paulo: Cultura Acadêmica.Ribeiro, Naiana. Mulheres falam da dificuldade de encontrar roupas plus size. Plus Portal da primeira revista para gordas no Brasil, 2016. Disponível em: <http://eusouplus.com/mulheres-falam-da-dificuldade-de-encontrar-roupas-plus-size/>.

Rosendo, A. P. & de Melo, R. M. (2017). transferência de função e Reorganização de Classes de equivalência Relacionadas a Gênero e Profissões. Revista Brasileira de Análise do Comportamento, 14(1), 31-43.

Rosendo, A. P. & de Melo, R. M. (2018). transferência de função e Reorganização de Classes de equivalência Relacionadas a Gênero e Profissões. Revista Brasileira de Análise do Comportamento, 14(1), 31-43.

Ribeiro, L. (2016). Gorda. (Monografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ.

Santos, J. B. F., Maciel, R. H. M. O., & Matos, T. G. R. (2013). Reconquista da identidade de trabalhador por ex-detentos catadores de lixo. Caderno CRH, 26(68), 377-390.

Santos, C. E. M. dos, & Medeiros, F. de A. (2017). A relevância da técnica de questionamento socrático na prática Cognitivo-Comportamental. ARCHIVES OF HEALTH INVESTIGATION, 6(5). https://doi.org/10.21270/archi.v6i5.1940

Santos, B. S. R., (2019). A influência das características dos estímulos para o estudo das atitudes relacionadas a biótipos corporais. (Dissertação de Monografia em Psicologia). Centro Universitário de Brasília (Uniceub), BR.

Santos, B. S. R., Medeiros, C. A. & Moreira, M. B. (2020). O efeito das classes simbólicas nas representações corporais. Manuscrito não publicado.

Scott, J. (1990). Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica." Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife.

Sério, T., Andery, M. A., Gioia, P. S & Micheletto, N. (2002). Controle de estímulos e comportamento operante: uma introdução. São Paulo: EDUC.

Sidman. M. (1971). Reading and auditory- visual equivalences. Journal of Speech and Hearing Research, 14, 5- 13.

Sidman, M., & Tailby, W. (1982). Conditional discrimination vs. matching-to-sample: An expansion of the testing paradigm. Journal of the Experimental Analysis of Behavior, 37, 5-22.

Sidman, M. (1994). Equivalence Relations and Behavior: A Research Story. Boston: Authors Cooperative.

Sidman, M. (2000). Equivalence relations and the reinforcement contingency. Journal of the Experimental Analysis of Behavior, 74, 127-146.

Silva, M. O. (2017). Corpo, cultura e subjetividade: desenvolvimento de posicionamentos dinâmicos de si em mulheres submetidas à gastroplastia. (Tese de doutorado). Universidade de Brasília, Brasília, DF

Simili, I. G. (2012). Políticas de gênero na guerra: as roupas e a moda feminina. Acervo, 25(2), 121-142.

Souza, J. S. S., Knijnik, J. D., (2007). A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, 21(1), 35-48.

Spradlin, J. E. (2003). Alternative theories of the origin of derived stimulus relations. The Analysis of Verbal Behavior , 19, 3-6.

Stunkard, A., Sorenson, T., & Schulsinger, F. (1983). Use of the Danish Adoption Register for the study of obesity and thinness. In S. Kety, L, P, Rowland, R, L, Sidman, & S, VV, Matthysse (Eds,), The genetics of neurological and psychiatric disorders, (pp, 115-120), New York: Raven Press.

Skinner, B.F. (1953 / 2000). Ciência e Comportamento Humano, São Paulo: Martins Fontes.

Skinner, B.F. (1957). Verbal behavior. New York: Appleton-Century-Crofts.

Thompson, J. K., & Altabe, M. N. (1990). Psychometric qualities of the figure rating scale. International Journal of Eating Disorders, 10(5), 615-619.

Tonneau, F. (2001). Reforçamento Operante e Seleção Natural: A analogia inútil. Universidade Federal do Pará. Interação Psicol., Curitiba, v. 20, n. 3, p. 279-285, set/dez.

Vargas, D. & Labate, R.C .(2006). Atitudes de enfermeiros de hospital geral frente ao uso do álcool e alcoolismo. Revista Brasileira de Enfermagem, 59(1), 47-51.

Vieira, R. D. S. (2013). Estereótipos e preconceito contra os idosos.

Wajnman, S., Oliveira, A. M. H. C., & Oliveira, E. D. (2004). Os idosos no mercado de trabalho: tendências e consequências. Os novos idosos brasileiros: muito além dos, 60, 453-480.

Watt, A., Keenan, M., Barnes, D., & Cairns, E. (1991). Social categorization and stimulus equivalence. The Psychological Record, 41(1), 33–50.

Weinstein, J. H.; Wilson, K. G.; Drake, C. E. & Kellum, K. K. (2008). A relational frame theory contribution to social categorization. Behavior and Social Issues, 17, 40-65

Wilkie, D. M. & Masson, M. E. (1976). Attention in the pigeon: a reevaluation. Journal of the experimental analysis of behavior. 26, 207-212.